

SCHERNOVITZ

DICIONARIO

MEDICINA POPOLARE



DICCIONARIO
DE
MEDICINA POPULAR

E DAS
SCIENCIAS ACCESSORIAS

PARA O USO DAS FAMILIAS

CONTENDO A DESCRIPÇÃO

DAS

Causas, symptomas e tratamento das molestias;
As receitas para cada molestia;
As plantas medicinaes e as alimenticias;
As aguas mineraes do Brasil, de Portugal e de outros paizes;
E muitos conhecimentos uteis.

QUINTA EDIÇÃO

CONSIDERAVELMENTE AUGMENTADA, POSTA A PAR DA SCIENCIA,
E ACOMPANHADA DE MAIS DE

500 figuras intercaladas no texto

POR

PEDRO LUIZ NAPOLEÃO CHERNOVIZ

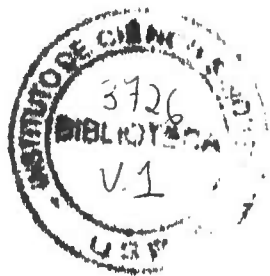
DOUTOR EM MEDICINA, CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO,
OFFICIAL DA ORDEM DA ROSA DO BRASIL

VOLUME PRIMEIRO

A — F

PARIZ

EM CASA DO AUTOR, RUA RAYNOUARD, 24



PROLOGO DO AUTOR

PARA ESTA QUINTA EDIÇÃO

A primeira edição d'esta obra, que publiquei no Rio de Janeiro em 1843, quando era mui joven e apenas formado doutor em medicina, constava de dois volumes, formando um total de 948 paginas. Compunha-se dos preceitos hygienicos, do tratamento das molestias mais leves, e da indicação dos primeiros socorros que se devem applicar nos casos urgentes, antes da chegada do medico.

A obra foi immediatamente bem aceita; comtudo muitas pessoas queixavão-se de que não era completa; e um distincto medico publicou, que limitando-me eu aos conselhos de mais urgencia, e recommendando para a continuação do tratamento a presença do medico, não me lembrei da impossibilidade de encontrar um facultativo no interior do Brasil, n'uma zona de 10, 20 ou mais legoas; e que, por conseguinte, o meu dictionario apresentava lacunas que convinha preencher.

Fui, pois, obrigado a dar maior desenvolvimento á minha primeira obra. Já a quarta edição foi consideravelmente augmentada; e a quinta, que é a quinta, é muito mais completa. Muitos artigos

mente redigidos de novo; outros são reformados segundo os ultimos progressos da sciencia. A descripção das plantas medicinaes, dos annuaes domesticos, muitos objectos das sciencias accessorias da medicina, e varios conhecimentos uteis tornão esta obra de uso quotidiano nas familias. É o fructo de 37 annos da minha experiencia medica e de assiduos estudos.

O numero das figuras intercaladas no texto, que facilitão a intelligencia das descripções, está tambem augmentado. A quarta edição continha 422 figuras, esta contém mais de 500.

Assim augmentada, a obra consta hoje de dois volumes, formando um total de 2,456 paginas, de maior formato do que a edição precedente, contendo um quinto de materia mais do que aquella.

Entre os accrescimos, que existem n'esta edição, devo mencionar a descripção das aguas mineraes do Brasil, de Portugal, da França, da Allemanha e de outros paizes. O uso das aguas mineraes remonta á mais alta antiguidade; em todos os tempos a sua utilidade foi reconhecida; porém, nunca foram tão procuradas como hoje. Os paquetes a vapor e as estradas de ferro facilitão o seu emprego.

N'esta edição descrevo, em artigos separados, as estações thermaes mais usadas, indico a natureza das aguas, a sua temperatura, sua composição, suas propriedades medicinaes, as molestias em que se empregão, as epochas do anno em que se tomão, os recursos dos estabelecimentos thermaes, os meios de communicação que a elles conduzem, e dou muitas outras informações praticas uteis ás pessoas que precisão d'este meio curativo. As descripções das Caldas mais concorridas são acompanhadas de desenhos dos estabelecimentos, que, á primeira vista, poderão dar ideia da sua importancia.

Pelos grandes accrescimos, e pelas modificações nos artigos das outras edições, esta obra é considerada como

DICCIONARIO

DE

MEDICINA POPULAR

E DAS

SCIENCIAS ACCESSORIAS

A

ABACACHI. Planta e fructa semelhante ao *ananaz*, de que é variedade. *Veja-se ANANAZ.*

ABACATEIRA. *Laurus persea*, L. Arvore da familia das Laurineas. É originaria da Persia, mas habita espontaneamente no Brasil, e é cultivada, por causa do seu fructo, em todos os paizes intertropicaes. As suas folhas são ovaes, longas; e as flores dispostas em panieulas. O fructo (abacate) é grande, pyriforme; contém uma polpa espessa, butyrosa, de sabor proximo ao da avclã, e é muito estimado; constitue um alimento sadio e agradável, que se come de sobremesa preparado com assuear, limão, canella, rhum, etc. : algumas pessoas temperão o abacate com sal e pimenta, mas para isto o fructo não deve estar maduro. No centro da polpa existe um caroço, cujo succo, a principio laeteo, torna-se vermelho ao ar, e deixa na roupa nodos indelevéis; podendo, por isso, servir para marcar a roupa.

ABATIMENTO. É caracterizado pela diminuição das forças, e observa-se no principio das molestias; acompanha ordinariamente os defluxos, as indigestões, as constipações, etc. É proveniente de perdas sanguineas abundantes, de suores excessivos, de diarrhea longa e abundante. Apparece tambem depois das emoções moraes mui vivas : o exercicio, as distracções, a alimentação succulenta, e os banhos frios, são os meios mais efficazes neste caso. — O abatimento nas erianças é um symptoma que não deve ser desprezado. Cumpre então vigiar a criança, e administrar-lhe os meios que a sua saude possa reclamar.

ABCESSO ou **POSTEMA**. Assim se chama uma collecção de pus em qualquer parte do corpo. O abcesso nunca constitue molestia primitiva; mas é constantemente o resultado de uma inflammação mais ou menos intensa.

Os abcessos podem invadir todas as regiões do corpo. O seu volume é ora mui circumscripto, como em alguns abcessos subcutaneos; ora muito extenso.

Segundo o genero das dôres que os precedem, o tempo que levão em se desenvolverem, os abcessos distinguem-se em abcessos *quentes* ou *agudos*, e abcessos *frios* ou *chronicos*.

§ 1. ABCESSOS QUENTES OU AGUDOS.

Abcesso quente ou **agudo em geral**. O abcesso quente ou agudo é o que se eria em inflammação franca e viva. Seu nome provém de um dos seus symptomas, que é constante, isto é, o calor observado no lugar em que se forma.

Causas. Os abcessos quentes sobrevem muitas vezes de repente, e sem que o exame o mais attento possa descobrir causa alguma a que elles se devão attribuir. Outras vezes succedem directamente a alguma violencia externa, tal como pancada, attritos duros e repetidos, distensão, picada, introdução da ponta de agulha ou de qualquer outro corpo estranho, etc. Às vezes desenvolvem-se sob a influencia de alguma molestia local vizinha: taes são os abcessos das gengivas ou do rosto occasionados por dôr de dentes ou pela carie dentaria. Ha certo numero de abcessos que se mostram durante o curso ou no fim de algumas molestias, ora sem exercerem influencia sobre ellas, ora augmentando a sua gravidade, outras vezes produzindo nos symptomas da molestia primitiva tal melioração que parecem ser a crise ou a sua terminação: é a estes ultimos que foi dado o nome de *abcessos criticos*.

Observão-se por vezes os abcessos d'esta natureza nos sarampos, nas hexigas, em algumas febres graves no momento em que se encaminhão para o seu bom exito. Assemelhão-se a elles os abcessos dos seios, que apparecem nas senhoras depois do parto.

Sede. Os abcessos quentes observão-se particularmente nas regiões guardneas de tecido cellullar gorduroso: no rosto, debaixo do queixo, do sobaco, nas palmas das mãos, nas plantas dos pés, na espessura das paredes do ventre, sobre o trajecto dos membros quer na camada que forra a pelle, quer mais profundamente debaixo do envoltorio aponevrotico, e nos intervallos cellulares que se achão entre os musculos, na garganta, na vizinhança de anus, na massa gordurosa que envolve os seios, etc.

Muitas outras partes do corpo, se bem que menos expostas ao

abcessos quentes, não são todavia isentas d'elles; a pelle do craneo, as glandulas lymphaticas superficiaes são ás vezes accommettidas de abcessos d'esta natureza.

Ha alguns orgãos que raras vezes apresentam abcessos; taes são: o figado, o baço, os pulmões.

É facil ver, por esta exposição, que os abcessos quentes, podendo accommetter quasi todos os nossos orgãos, achão-se mais ou menos perto da superficie do corpo, ora immediatamente debaixo da pelle, ora debaixo das aponevroses que envolvem os musculos, outras vezes no interior de qualquer cavidade, por detraz dos musculos espessos, e mesmo atraz dos ossos. Esta variedade na profundeza dos abcessos quentes, e na natureza dos tecidos que constituem suas paredes, exerce muita influencia na sua marcha, nos phenomenos que provocão, e nas suas terminações.

Todo o abcesso quente, que se desenvolve na região em que existe o tecido cellular, é precedido da inflammação d'este tecido; esta inflammação, antes do pus ser formado, chama-se *phlegmão*.

Symptomas. O lugar, onde se forma o abcesso, incha; a pelle que o cobre torna-se vermelha e mais quente. As dôres, cuja intensidade varía, são latejantes, isto é, acompanhadas de paneadas analogas ás do pulso. Existe agitação, sêde, ás vezes insomnia. Ao cabo de quatro a seis dias, mudão os symptomas, o centro do tumor branquêa, levanta-se em ponta, pôde-se-lhe applicar o dedo sem provocar dôr tão viva como nos outros pontos do tumor. O doente sente um peso no tumor, que se faz molle, elastico; apoiando sobre elle com o dedo, percebe-se a fluctuação do pus.

Este liquido reune-se logo n'um só lugar: a pelle adelgaça-se cada vez mais no centro do tumor, torna-se mais branca, rompe-se cmfim, e deixa sahir a materia contida na postema.

Os symptomas que acabei de indiear pertencem aos abcessos superficiaes, e não são tão evidentes, quando o abcesso é situado profundamente.

A tumefacção n'este easo é pouco consideravel, não existe rubor na pelle; mas as dôres são profundas, continuas, vivas e pungentes; o doente sente um peso na parte affectada, e experimenta calafrios nas costas e cadeiras.

De todos os symptomas, que servem para conhecer o abcesso, o mais importante é a *fluctuação*: Consiste esta n'um movimentô de oscillação do pus, que apparece quando se toea o tumor alternadamente com dois dedos sobre dois pontos oppostos do tumor.

Tratamento. Para diminuir a dôr, que preceede e acompanha a formação do abcesso quente, convem applicar sobre o lugar affectado um cataplasma de linhaça, que se renovará duas vezes por dia, para

impedir que, azedando, adquira propriedades irritantes. Em vez da cataplasma de linhaça, pôde-se applicar cataplasma de fecula ou de farinha de mandioca. Formado o abcesso, cumpre cuidar na evacuação do pus. Esta pôde ser abandonada unicamente aos esforços da natureza, se o abcesso é superficial, a pelle fina, e o fóco pouco vasto: d'este numero são as pequenas postemas do rosto e do pesçoço, e certas postemas dos seios. O signal deixado pela abertura espontanea é menos visivel e menos disforme do que aquelle que resultá da abertura feita com a lanceta. Mas, em alguns casos, a abertura espontanea pôde fazer-se n um lugar mal situado para o livre eorrimento do pus; em outros, a pelle despegada e privada dos vasos que a nutrem, destroe-se em grande extensão do que resultão, além das difficuldades e da demora do tratamento, cicatrizes mui visiveis. Por isso, melhor é confiar a um cirurgião a abertura das postemas um pouco grandes. Este preceito deve applicar-se principalmente ás postemas profundamente situadas, que não se abrião espontaneamente senão depois de feitos grandes estragos e tomada grande extensão. A abertura artificial pratica-se com a lanceta ou com o bisturí.

Depois de aberta a postema, convem continuar ainda com as cataplasmas de linhaça até que cesse a inflammação: e quando esta tiver desaparecido inteiramente, é necessario substituir ás cataplasmas o curativo com fios untados de ceroto, com fios seccos, ou applicar simplesmente panno de linho.

Se a abertura do abcesso teve lugar espontaneamente, não é necessario introduzir mecha na abertura: mas quando esta foi feita com instrumento, os bordos da incisão fechão-se ás vezes e retém o pus no fóco. Pôde-se impedir a agglutinação, introduzindo entre os labios da incisão, e até ao fundo do fôco, uma tira de panno de linho coberta de ceroto, que se reforma cada 12 ou 24 horas, e que se suprime ao cabo de tres ou quatro dias. Cumpre porém, não abusar d'este meio, porque quando se emprega a mecha a cicatriz pôde ficar mais visivel.

A mecha é desnecessaria nas postemas superficiaes, ainda quando abertas com lanceta. (Veja-se CURATIVO.)

Abcesso perto do anus. Uma postema pôde formar-se perto do anus, e proceder da equitação, de alguma queda, ou sobrevir sem causa conhecida. Nestes casos, inflamma-se um ponto no circuito do anus; um tumor, acompanhado de dôr de vermelhidão e ás vezes de febre, se manifesta e se desenvolve com muita promptidão; e o menor movimento occasiona grandes soffrimentos. O repouso, a cataplasma de farinha de linhaça applicada sobre o tumor, clysteres de linhaça, e para bebida cozimento de cevada.

ou limonada de limão, diminuem a intensidade do mal, e favorecem a suppuração. Estas postemas causão frequentemente uma *fistula* (*veja-se* esta palavra). Cumpre, portanto, abrir a postema quanto antes, para impedir que tome muita extensão, e produza a enfermidade que acabei de mencionar.

Abcesso da axilla. Os abcessos da axilla podem ser superficiaes ou profundos. Estes e aquelles exigem a applicação das cataplasmas de linhaça, de fecula ou de mandioca. Os abcessos superficiaes devem ser abertos tres ou quatro dias depois do começo da inflammação, e logo que a fluctuação estiver evidente. A abertura de alguns abcessos mui superficiaes pôde ser deixada á natureza, porque n'estes casos o pus tende a dirigir-se para o lado da pelle; a abertura faz-se espontaneamente mais cedo ou mais tarde.

Os *abcessos profundos* principião pela inchação mal limitada do sobaco; a pelle torna-se vermelha, sobrevem a febre, e, ao apalpar, sente-se fluctuação profunda. O pus pôde derramar-se nas regiões vizinhas, debaixo da omoplata, da clavicula, penetrar mesmo na cavidade do peito, o que seria mui grave. Estes abcessos devem ser abertos mui cedo, no terceiro dia da molestia; é preciso fazer tudo para impedir que o pus se esparja. Para evitar a abertura da arteria axillar, cumpre levar o bisturi como uma penna de escrever, as costas do instrumento dirigidas para o lado da face interna do braço, de maneira que a ponta seja dirigida para baixo e para dentro, como para cahir sobre a parte superior da parede do peito.

Abcesso do cerebro. Não há nada mais raro do que um abcesso no cerebro; todavia qualquer pancada violenta sobre a cabeça, a queda sobre o craneo, a carie dos ossos do ouvido, podem produzir este resultado. Dôres de cabeça fixas, permanentes, acompanhadas de fastio, emmagrecimento, insomnia ou febre, succedendo á contusão da cabeça, podem fazer temer um abcesso no cerebro. É quasi impossivel ter a certeza do abcesso no cerebro, e, a este respeito, só se podem estabelecer presumpções. A morte é a consequencia inevitavel dos abcessos no cerebro depois da apparição de uma meningite. Contra os abcessos que se suppõe que existem na substancia cerebral, só ha palliativos a empregar: é preciso combater a insomnia e as dôres de cabeça pelas preparações opiadas: 10 a 20 gottas de laudano de Sydenham n'uma colher d'agua fria com assucar.

Abcesso do figado. *Veja-se* FIGADO.

Abcesso da fossa iliaca. Dá-se o nome de *fossa iliaca* á cavidade que se acha de cada lado do corpo, no interior do ventre, por cima e por detraz das virilhas, e que corresponde á cavidade da pequena bacia. Os abcessos formão-se ás vezes n'esta profunda região.

Causas. As contusões violentas da região iliaca, as compressões fortes, uma grande fadiga, podem produzir os abcessos na fossa iliaca. Mostrão-se também nas senhoras depois do parto.

Symptomas. O doente queixa-se ao principio de dôr mais ou menos viva, limitada a uma das fossas iliacas, ou que se estende mais ou menos longe; esta dôr é ora viva e lancinante, ora surda, escura e profunda; augmenta pela pressão ou pela tosse, pelos movimentos de extensão do tronco; ás vezes propaga-se ás coxas. Ha ao mesmo tempo desordens digestivas, fastio, vomitos; ora diarrhea, ora prisão de ventre; ás vezes puxos dysentericos sem evacuação intestinal.

Logo depois desenvolve-se, na região iliaca, um tumor duro, algum tanto resistente, sem pancadas, acompanhado de dôres lancinantes; levemente movel, se occupa o tecido cellular sub-peritoneal; immovel, se existe no tecido cellular sub-aponevrotico. O volume do tumor é em geral o do ovo de gallinha. Os doentes accusão frequentemente uma sensação de entorpecimento, que pôde ser attribuida á compressão dos nervos e dos vasos. Observa-se, em alguns casos, inchação dos tornozelos. Ás vezes ha febre outras vezes o pulso é normal.

Tratamento. Consiste em cataplasmas de linhaça ou de fecula. Quando o pus está formado é preciso praticar a abertura na parede abdominal. Pratica-se geralmente a incisão em cima da virilha e parallelamente a ella, porque é ordinariamente n este lugar que o abcesso vem fazer proeminenciá. Depois de aberto o fóco, favorece-se-ha a sahida do pus por meio da posição, fazendo deitar o doente sobre um dos lados ou de bruços; reformar-se-hão os emrativos muitas vezes por dia; praticar-se-hão no fóco injecções d'agua tepida, e, no fim, injecções com agua tepida misturada com aguardente.

Abcessos nas fossas nasacs. As fossas nasacs são duas cavidades isoladas por um septo commum, começando na base do nariz e terminando no fundo da guela. Os abcessos mostrão-se sobre esse septo; são caracterizados pela dôr calor, inchação e côr luzente do nariz. A exploração com estylete faz conhecer a fluctuação. Este tumor purulento intercepta a passagem do ar, difficulta o olfacto e a respiração. A molestia é ordinariamente pouco grave. Depois de reconhecida, é preciso praticar uma punção com lanceta ou bisturi, e fazer seringatorios dentro do nariz com agua tepida.

Abcesso na garganta. Veja-se ANGINA.

Abcesso no joelho. Succede á inflammiação do joelho ou arthrite. Pôde ser extra ou intra-capsular isto é, desenvolver-se por fóra ou por dentro do apparelho ligamentoso que envolve a articulação do joelho. Os abcessos extra-articulares são os que

formão no tecido celular que cerca a articulação, e são muito menos graves do que os intra-capsulares. O tratamento consiste em cataplasmas de linhaça, e abertura do abcesso com bisturí, que se deve fazer quanto antes.

Abcessos nas juntas. Apresentão os caracteres dos abcessos superficiaes que forão indicados nos abcessos agudos, *em geral*. Curão-se com cataplasmas de linhaça ou de fecula. É preciso abri-los com bisturí, logo que se sentir a fluctuação.

Abcesso na palma da mão. Ha d'elle tres variedades : abcesso *sub-epidermico*, *sub-cutaneo*, e *sub-aponevrotico*. Succede á inflammação do tecido celular ou phlegmão.

1º *Inflammação sub-epidermica*. Desenvolve-se mais particularmente nos individuos que, por sua profissão, tem callosa a pelle das mãos. Debaxo da influencia do attrito repetido, formão-se o que se chama *callosidades*. Ellas occupão as mais das vezes a raiz dos dedos, ás vezes a palma da mão. Quando as callosidades estão irritadas, quer por uma ferida superficial, quer por attritos, resulta d'isto inflammação da derme sub-jacente e secreção de serosidade ou mesmo de pus. D'aqui vem a formação da empola de côr variavel, segundo a natureza do liquido que se accumula debaixo da epiderme. Se o doente deixa o trabalho, o liquido reunido em pequena quantidade debaixo da epiderme pôde ser absorvido, ou então, se se lhe dá sahida por uma incisão, os phenomenos inflammatorios diminuem, e a cura sobrevem rapidamente. Se, pelo contrario, o individuo, como acontece as mais das vezes, não interrompe os seus rudes trabalhos, a inflammação da superficie da pelle augmenta; nova quantidade de pus ou liquido sero-purulento accumula-se debaixo da epiderme, e forma-se uma empola volumosa. Logo depois o contacto permanente do liquido com a superficie da derme altera esta membrana, e a inflammação propaga-se até ao tecido celular sub-cutaneo.

Os doentes queixão-se então de dôres vivas; a empola abre-se espontaneamente ou é aberta quer pelo doente, quer pelo cirurgião. A superficie da derme posta assim a descoberto apresenta côr vermelha-escura ou anegrada; ás vezes apparecem perforações multiplas pelas quaes se faz sahir o pus, exercendo pressão sobre as partes vizinhas. Ás vezes pedaços de tecido celular mortificado fazem proeminencia atravez d'estas perforações. Se, enfim, a affecção continua a fazer progressos, a inflammação pôde invadir grande parte da mão e do antebraço; mas este modo de terminação observa-se sobretudo uas inflammações profundas da mão.

O prognostico da inflammação sub-epidermico não é grave, sobretudo quando ella é combatida mui cedo pelos meios seguintes :

Tratamento. Cessar, desde o começo da inflamação, toda a especie de trabalho manual, para não augmentar a inflamação da pelle. Logo que o pus estiver formado, abrir a empola com tesoura; banhar a mão durante meia hora com agua tepida; applicar panno untado de ceroto simples, ou, melhor ainda, por poueo que a inflamação seja intensa, a cataplasma de linhaça. Ter muito asseio.

Se a inflamação se estendeo á grande parte ou á totalidade da pelle, se existe dôr, recorrer aos manuluvios prolongados d'agua tepida, ás cataplasmas de linhaça. Se, emfim, se formar suppuração no tecido cellular sub-cutaneo, será necessario proceder como explicarei no paragrapho seguinte.

2º *Inflamação sub-cutanea.* Esta variedade desenvolve-se as mais das vezes debaixo da influencia das mesmas causas que a precedente, isto é, nos individuos que tem callosidades nas palmas das mãos. Estas callosidades ora são excoiadas pelo doente; ora são submettidas aos attritos repetidos; d'aqui resultão inflamações, que, a principio superficiaes, estendem-se logo debaixo da pelle. Outras vezes, são as feridas de diversas especies, com instrumentos picantes, cortantes ou contundentes. Em alguns casos, são mordeduras de animaes; ás vezes uma simples esfoladura que o doente irrita pelo attrito; emfim em outros casos é impossivel saber a causa da molestia.

O phlegmão sub-cutaneo pôde oeeupar todos os pontos da palma da mão; as mais das vezes appareee perto da raiz dos dedos; ás vezes oeeupa a palma da mão propriamente dita. É caracterizado pela dôr mui viva, vermelhidão poueo intensa, inchação poueo mareada. A tumefacção propaga-se rapidamente á face dorsal da mão, aos dedos, ás vezes ao antebraço. mas esta tumefacção das partes vizinhas é antes edematosa do que inflammatoria. Os movimentos dos dedos são difficeis, mas não dolorosos. Existem as vezes symptomas geraes: a pelle está quente, o pulso accelerado; o enfermo queixa-se de dôr de cabeça, insommia, sêde e fastio.

A resolução é terminação rara; a suppuração pôde ser considerada como a regra. O pus comporta-se differentemente segundo os easos: este liquido pôde sair atravez da perforação espontanea da pelle, ou então aecumula-se entre a face profunda da pelle e a aponevrose, e, n'este easo pôde acontecer, que o liquido passe sob a aponevrose mesma pelos buracos que apresenta esta membrana; o abcesso sub-cutaneo torna-se sub-aponevrotico; fallarei d'elle mais adiante.

O diagnóstico do abcesso sub-cutaneo é baseado na dôr local que augmenta pela pressão, na inchação, nos symptomas

é sempre facil reconhecer n'elle a presença do pus, em razão da espessura da pelle que não permite perceber distinctamente a fluctuação.

O *tratamento* é preservativo e curativo.

Já indiquei as regras que se devem seguir para prevenir a extensão, em profundidade, da inflammação da superficie da pelle. Quando a inflammação já está desenvolvida, é difficil prevenir a formação do pus, e o cirurgião não deve deixar demorar o pus debaixo da pelle. É pois urgente praticar o mais cedo possivel a abertura d'estes abcessos. Basta introduzir o bisturi no ponto do tumor que é o mais doloroso á pressão.

Quando a affecção está n'um periodo mais-adiantado, quando o pus se ajuntou entre a epiderme e derme, é preciso abrir a empola e excisar com tesoura toda a porção da epiderme despegada. Procura-se depois a abertura de communicação entre a collecção superficial e a profunda; introduz-se por ella a sonda acanellada debaixo da pelle, e conduz-se sobre o rego da sonda o bisturi com o qual se augmenta a via de communicação.

Os curativos consecutivos compõem-se de panno fenestrado coberto de ceroto simples, de fios para absorverem o pus, de compressas e de uma ligadura apropriada.

3º *Inflammação sub-aponevrotica*. As causas são : feridas profundas ou contusões fortes da mão. Em alguns casos a causa nos escapa : o abcesso sub-aponevrotico parece desenvolver-se espontaneamente. Citemos para memoria os phlegmões da mão que succedem depois do panaricio; a sua historia pertence á descripção d'esta ultima molestia.

No panaricio da bainha, frequentemente a mão, o antebraço e mesmo o braço tornão-se a séde de inchação consideravel, em consequencia da qual se formão collecções purulentas que communicão ou não com a dos dedos.

Qualquer que seja a causa que deo lugar ao desenvolvimento do phlegmão profundo ou sub-aponevrotico da mão, este phlegmão é caracterizado pela dôr intensa, sem que a inchação que o acompanha esteja em relação com ella; a inflammação propaga-se rapidamente á face dorsal do punho, ao antebraço e mesmo até ao braço. Os dedos estão immoveis e levemente encolhidos; os movimentos são dolorosos. Ao mesmo tempo sobrevem phenomenos geraes, taes como a febre, calor da pelle, ás vezes delirio.

Esta variedade de phlegmão termina raras vezes pela resolução. Ora a suppuração, que é a sua consequencia, fica limitada; ora occupa um espaço extenso e toma os caracteres de um phlegmão diffuso dos mais graves. Dá lugar muitas vezes á mortificação do

tecido cellular, põe a nú os tendões que se exfolião, do que resulta difficuldade ou abolição dos movimentos dos dedos.

O diagnostico do phlegmão profundo chama toda a attenção do cirurgião, que não deve esquecer que esta affecção é raras vezes acompanhada de inchação proporcionada á intensidade da phlegmasia.

Esta observação é sobretudo applicavel ao phlegmão profundo da parte média da palma da mão; a presença da aponevrose palmar explica esta particularidade.

O *tratamento* compõe-se de manuluvios frequentes d'agua tepida, e de cataplasmas de linhaça ou de fecula. Logo que o pus estiver formado, é necessario praticar uma abertura sufficientemente larga para dar sahida a este liquido. O conhecimento das arterias da região, e sobretudo o da situação da arcada palmar, guiarão o cirurgião para não offender, n'estas incisões, vasos importantes. É preferivel praticar a incisão camada por camada, no caso em que a colleção purulenta occupar a parte média da palma da mão, lugar em que se acha a arcada palmar. Feita a incisão, é preciso dar á mão a posição favoravel á sahida do pus. Muitas vezes, uma unica incisão é insufficiente : convem praticar um numero sufficiente de contra-aberturas, para impedir a estagnação do pus. e prevenir os accidentes de resorpção purulenta. Muitas vezes, depois da cura, ha rijeza nas articulações dos dedos, ou impossibilidade de mover estes appendices.

Abcesso na palpebra. As vezes desenvolvem-se abcessos nas palpebras. O tratamento consiste na applicação de cataplasmas de linhaça ou de fecula. A abertura pôde ser espontanea; mas se deve ter lugar por incisão, é bom que esta seja dirigida **horizontalmente**, afim de que a pequena marca, que deve resultar da incisão, fique escondida nas rugas das palpebras.

Abcessos no pescoço. Estes abcessos são superficiaes ou profundos, agudos ou desenvolvendo-se com lentidão.

Os *abcessos superficiaes* nada apresentam de particular; abrem-se facilmente com lanceta.

Os *abcessos profundos*, situados atraz da aponevrose membrana resistente que envolve os musculos do pescoço, estendem-se do lado da cabeça e do peito. Esta affecção principia por dôr intensa de garganta; com rijeza, dôres pulsativas vermelhidão, inchação, deviação do pescoço; ás vezes aperto dos queixos. O tumor a principio duro, apresenta ao cabo de quinze a vinte dias uma inchação sem fluctuação manifesta. A abertura d'estes abcessos deve ser feita com muita precaução, por causa dos numerosos vasos do pescoço; introduz-se o bisturi no ponto mais vermelho do tumor

Abcesso na prostata. *Vejá-se* PROSTATÁ.

Abcesso no pulmão. É mui raro o abcesso no pulmão; todavia manifesta-se ás vezes, em consequencia da pneumonia, da gangrena pulmonar, angina membranosa, e da infecção purulenta produzida pelas grandes operações.

Não ha symptoma que permitta conhecer os abcessos contidos no pulmão, e não se póde affirmar a sua presença senão quando se abrem nos bronchios para serem lançados pela expectoração, ou quando se esvazião na pleura formando o empyema (*veja-se* esta palavra).

Quando um enfermo affectado de pneumonia expectorá de repente certa quantidade de pus, deixando ouvir, pela auscultação sobre um ponto das paredes do peito o som de gargarejo, póde-se affirmar que existe um abcesso no pulmão aberto nos bronchios.

Quando no curso da pneumonia reaparece qualquer pontada com os symptomas do empyema, póde dizer-se que ha um abcesso aberto na pleura. Os symptomas do empyema são : A percussão do peito fornece um som massiço no lugar occupado pelo derramamento, e o ouvido applicado n'este lugar não percebe o ruido respiratorio. Abalando um tanto fortemente o peito do doente, em quanto que o ouvido se conserva sobre esta cavidade, ouve-se então um ruido de liquido em fluctuação.

Os abcessos abertos nos bronchios serão ordinariamente em algumas semanas.

Os abcessos derramados na pleura exigem a operação do empyema.

O *tratamento interno* applicavel aos abcessos do pulmão é o mesmo que o da bronchite.

Abcesso no queixo superior. Os ossos do queixo superior, o maxillar superior direito e esquerdo, contém cada um uma cavidade chamada *sinus maxillar*, que communica com as fossas nasaes. Estas cavidades podem ser séde de inflammação e de abcesso, cujas causas mais ordinarias são : a carie dentaria, as molestias dos alveolos dos dentes, a inflammação das partes molles que cobrem exteriormente o osso maxillar superior e as gengivas.

Symptomas. Dôr viva, fixa e profunda no rosto, desde a arcada alveolar até abaixo do olho, calor local, pulsações, ás vezes febre. A inflammação do *sinus maxillar* nem sempre, porém, apresenta caracteres tão distinctos. Ás vezes o doente não experimenta senão embaraço, e peso no interior do rosto.

O pus que se acha no *sinus* póde ter quatro fontes : 1º póde ser segregado no *sinus* mesmo pela membrana que o reveste; 2º provém

de molestia da raiz do dente ; 3º é nas partes molles, nas gengivas, que se forma primeiro o abcesso ; o osso fica affectado consecutivamente ; 4º enfim, o tecido cellular é a séde da suppuração. Nos dois ultimos casos, a ulceração do osso faz communicar o abcesso com o *sinus*, que se enche de pus.

O pus pôde sahir entre as raizes dos dentes, ou sobre um ponto opposto, na vizinhança da orbita. Acontece, mas raramente, que o pus seja eliminado pela via natural ; sahe então do *sinus* pela abertura que o faz communicar com as fossas nasaes, e d'ali é expulso.

Esta evacuação tem lugar ordinariamente nas certas posições tomadas pelo doente, por exemplo quando se deita do lado opposto ao abcesso ; tem ás vezes lugar durante os esforços de expiração. Ás vezes é preciso tirar um dente, e furar o alveolo para dar saída ao pus. O tratamento consiste na applicação continua de cataplasma de linhaça sobre o rosto.

Abcesso do seio. Os abcessos do seio podem desenvolver-se na areola, debaixo da pelle, ou no interior da glandula mamaria.

1º *Abcesso da areola.* Collecção purulenta que se desenvolve no circulo corado á roda do bico do peito. Os abcessos da areola sobrevivem de ordinario nas amas de leite, e são precedidos, as mais das vezes, de rachas no bico do peito. São caracterizados por tumores arredondados, violaceos, fluctuantes, muitissimo dolorosos.

A mulher não deve amamentar n esta posição. Cobrir-se-ha o bico do peito com cataplasma de linhaça ou de fécula, e logo que o abcesso estiver maduro, abrir-se-ha com lanceta.

2º *Abcesso sub-cutaneo.* Esta affecção tem por causas a predisposição geral, alguma violencia exterior, a compressão do collete as rachas ou as diversas inflammções da pelle dos seios, e o engurgitamento lacteo.

A molestia apresenta-se com os mesmos caracteres que os abcessos nas outras regiões do corpo (Veja-se ABCESSO EM GERAL, Vol. I. pag. 2). A doente accusa uma dôr que augmenta pela pressão ; a pelle do seio torna-se rosca, e depois vermelha mais ou menos escura ; a proeminencia do bico do peito diminue ou desaparece ; a dôr torna-se pulsativa, continua, intensa. A inflammção concentra-se em um ponto ; a pelle adelgaça-se e torna-se violacea : o abcesso está formado : abandonado a si, abre-se espontaneamente no decurso da segunda semana.

O tratamento compõe-se de cataplasmas de linhaça ou de fécula. O seio deve ser levantado e sustido por um lenço. Logo que o abcesso estiver maduro, convem abri-lo com lanceta no lugar mais declive. Lave-se depois a ferida com agua morna misturada com

aguardente camphorada. Internamente, convem as bebidas emollientes e refrigerantes : infusão de linhaça, cozimento de cevada, limonadas de limão, de laranja, de tamarindos. — Esta molestia não exige que se cesse a amamentação, porque a glandula mamaria não participa da inflammação. A suppressão do aleitamento poderia produzir um verdadeiro engurgitamento lacteo, que complicaria a inflammação do tecido cellular sub-cutaneo.

3º *Abcesso da glandula mamaria.* É a especie mais frequente. Os abcessos da glandula mamaria apparecem nas recém-paridas, e são quasi sempre consecutivos ao engurgitamento lacteo; raras vezes são determinados por violencia exterior. Principião muitas vezes pelas rachas do bico do peito. As mulheres que amamentão são mais frequentemente accommettidas d'estes abcessos do que as que não o fazem.

No começo, a molestia apresenta-se com os caracteres de um simples engurgitamento lacteo, que augmenta pouco a pouco em vez de diminuir. Os seios tornão-se duros, doridos. A inchação é irregular, porque a inflammação invade isoladamente cada lobulo mamario, e porque ao lado de um lobulo inflammado acha-se um lobulo são. A pelle, algum tempo depois, enrubece no ponto correspondente á inflammação profunda. No duodecimo dia, ás vezes mais tarde, a suppuração invade os tecidos inflammados; o pus, encerrado no tecido da glandula, insinua-se nos intersticios dos lobulos, e vem ter debaixo da pelle; emfim, esta perfora-se, de ordinario na vizinhança da areola, ás vezes em um só ponto; as mais das vezes existem tantas aberturas espontaneas quantos são os fôcos distinctos. Em alguns casos o pus sahe pela abertura natural do bico do peito seguindo um dos ductos lactiferos.

Esta affecção distingue-se dos outros abcessos do seio pelos relevos ou tumores profundos disseminados no interior da glandula, acompanhados de dôr profunda, lancinante, e pelo amollecimento successivo das partes engurgitadas.

Tratamento. Applique-se no seio a cataplasma de linhaça ou de fecula, e administre-se um purgante : por exemplo, uma garrafa de citrato de magnesia, a infusão de sene, ou uma chicara de chá de S. Germano, 30 grammas (1 onça) de oleo de ricino. Logo que a pelle do seio se tornar vermelha, se os abcessos se fazem evidentes, não se dará mais de mamar á criança do lado affectado; e aspirar-se-ha o leite com uma ventosa ou mamadeira apropriada. É n'estes abcessos que se deve cessar a amamentação, porque o pus mistura-se com o leite, ao qual communica qualidades nocivas. Não se deve abrir o abcesso senão quando a fluctuação estiver evidente. Estes abcessos são de ordinario multiplices e pequenos; pelo que é

necessario fazer muitas incisões sobre todos os pontos fluctuantes. Depois de aberto o abeesso, introduza-se uma mecha na abertura, e por cima applique-se a cataplasma de linhaça. Depois de esgotado o fôeo, deixe-se de introduzir a mecha, e cure-se a ferida com panno de linho untado de ceroto, ou com fios seccos.

§ II. ABCESSOS FRIOS OU CHRONICOS.

Dá-se o nome de *abcesso frio* á colleção de pus que se forma lentamente, sem vermelhidão nem calor da pelle, e até quasi sem dôr: as crianças criadas na miseria e com pouco asseio, os individuos lymphaticos e eserophulosos, offerecem numerosos exemplos dos abcessos frios. Estes tumores, que se observão particularmente no pesoeço, não fazem experimentar outra sensação a não ser algum peso incommodo; cresem mais ou menos rapidamente, ficão estacionarios durante certo tempo, tornão-se um pouco dolorosos, e algum tanto vermelhos, amolleem, permanecem ainda por muito tempo n'este estado de suppuração; enfim inflammão-se, abrem-se e deixão escorrer um pus seroso.

O *tratamento* dos abcessos frios offerece maiores difficuldades que o dos abcessos agudos. A marcha da molestia é tão lenta, que muitas vezes é preciso activar a suppuração, applicando sobre o tumor emplastos feitos com unguento da madre, unguento digestivo, ou diaehylão. Depois da abertura espontanea ou artificial do abcesso, é necessario continuar com as mesmas applicações estimulantes.

O regimen do doente deve ser fortifieante; isto é, composto de caldos substanciaes, carnes assadas, vinho, tapioca, etc.

§ III. ABCESSOS POR CONGESTÃO.

Designão-se debaixo d'este nome agglomerações purulentas. provenientes da alteração de um osso, e que apparecem em ponto mais ou menos distante da séde do mal que o originou.

A alteração ossea, é necrose ou carie. Estes abcessos são eminentemente frios. Nenhuma inflammação houve no local do abcesso por congestão; o pus rompeo caminho para ali atravez do tecido cellular; cedendo ao peso proprio, correo mais ou menos longe e o sitio em que se accumulou achase quasi sempre declive em relação á séde da molestia principal. Assim, os abcessos por congestão dependentes da carie dos ossos do espinhaço, manifestão-se, as mais das vezes, nos lombos, em algum ponto da circumferencia da pelve nas virilhas ou nas partes superiores e internas das coxas.

Tratamento. O tratamento dos abcessos por congestão consiste em abri-los o mais tarde possivel, e quando não se lhes possa evitar a abertura espontanea: faz-se-lhes então com o bisturi uma incisão

mui obliqua na parede externa, afim de se não introduzir ar no fóco, e cobre-se a ferida com encerado commum. Fazem-se, depois, injecções no fóco com tintura de iodo misturada com outro tanto de agua morna, e combate-se a molestia principal do osso com vinho de quina, oleo de figado de bacalháo, regimen analeptico composto de carne, ovos, tapioca; com banhos aromaticos e banhos do mar.

Abcessos nos animaes. No cavallo e nos outros animaes, o abcesso das partes carnosas, como o pescoço, a espadoa, a coxa, não deve ser aberto senão no ultimo gráo de maturação; pelo contrario, o das partes tendinosas, como os joelhos, os jarretes, deve ser inciso o mais cedo possivel, afim de que o pus não venha a extravasar-se nas partes delicadas. Conhece-se que o tumor está maduro quando se levanta em ponta, quando o pello se eriça ou cahe, ou quando a pelle se torna esbranquiçada. Corta-se então a pelle com o bisturí, na parte mais baixa, para facilitar o corrimento do pus. Feita a incisão, introduz-se dentro da ferida uma tira de panno de linho, untada com ceroto ou azeite doce, e por cima applica-se a cataplasma de linhaça ou de farinha de mandioca.

ABDOMEN. Veja-se VENTRE.

ABELHA. Um dos insectos mais uteis ao homem em razão dos seus productos, a cera e o mel. As abelhas vivem em sociedades numerosas compostas de machos e femeas, e de operarias que não tem sexo. As femeas e as operarias, do genero *Abelha domestica* (*apis mellifica*, Linneo), fig. 1, tem na parte inferior do corpo um ferrão de duas linhas de comprimento; os machos, maiores do que as operarias, não tem ferrão. O ferrão acha-se escondido no interior do ventre, é movivel, terminado por pequenas farpas em fórma de frecha, e tem no seu interior um pequeno canal, d'onde escorre uma substancia acre e acida que se acha contida n'um pequeno sacco. A fórma do ferrão é causa de que a abelha quasi sempre o deixa na ferida, e morre pouco tempo depois. Segurando com a mão uma abelha de maneira que não possa picar, vê-se-lhe logo sahir o ferrão, que apresenta na ponta uma pequena gotta de liquido transparente, que é o veneno.

A dôr, que a picada da abelha occasiona, é ordinariamente seguida do desenvolvimento de pequena inchação redonda, dura e vermelha.

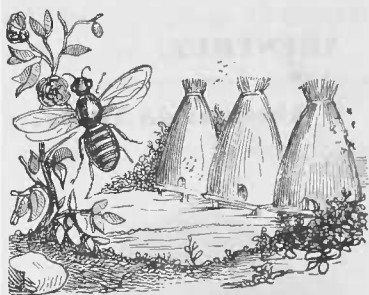


Fig. 1. — Abelha domestica.

Tratamento das picadas de abelhas. É necessario extrahir o ferrão, que o insecto deixa quasi sempre na ferida; mas antes de tudo deve-se cortar com tesoura a pequena vesicula que existe na base do ferrão, e que contém ainda veneno. Sem esta precaução, ao extrahir-se o ferrão, a vesicula seria comprimida, e o veneno poderia ir para dentro da ferida. Depois de extrahido o ferrão comprime-se as carnes á roda do lugar ferido, a fim de expellir a gotta do veneno que se acha depositada na ferida. Lave-se depois esta com agua fria ou com agua salgada, e applique-se-lhe salsa hortense, previamente mastigada. Se sobrevier inchação, e a ferida ficar vermelha, será preciso applicar cataplasmas de farinha de linhaça, de miolo de pão ou de farinha de mandioca.

Uma só picada é um accidente leve que sára em um ou dois dias; mas quando todo o rosto, um braço ou membro qualquer forem cobertos de picadas, apparecem então symptomas mui serios: a parte ferida incha, sobrevem dôres, sede e febre. Se o accidente aconteceo ha pouco tempo, é preciso mandar deitar o doente, dar-lhe a beber agua de cevada ou limonada de limão; cobrir a parte ferida com pannos molhados em agua fria, depois de ter extrahido o maior numero de ferrões que fôr possível. Se houver passado já algum tempo que as picadas forão feitas (seis ou oito horas), mergulhe-se a parte affectada n'um banho d'agua morna, e appliquem-se depois cataplasmas de linhaça.

As picadas de *besouro*, *zangão*, *vespa* e *vespão*, produzem tambem alguma inflammação. O tratamento das picadas feitas por estes insectos é o mesmo que o das picadas de abelhas.

ABESTRUZ. Ave da ordem das Ribeirinhas, de que só se conhecem duas especies:

1º **Abestruz da Africa.** (*Struthio camelus*, Linneo: Antruche, em francez). Fig. 2. É a maior de todas as aves conhecidas; pôde



Fig. 2. — Abestruz da Africa.

atingir 2 metros e 1/2 de altura; habita nas regiões mais quentes da Africa e da Asia. Tem as pernas seminuas, e dois dedos dos quaes o externo é mais curto do que o interno; e as azas são pequenas que lhe não servem para voar. O bico deprimido, os grandes olhos, e a pequena cabeça, dão-lhe um ar estúpido que passou em proverbio. As pennas fornecem um ornamento muito procurado, e são um importante objecto de commercio. O abestruz é herbívoro, mas tão voraz, que engole

indistinctamente com os seus alimentos tudo que se apresenta, como lenha, pedras, pedaços de metaes, etc. É a unica ave que ourina. A carne, prohibida por lei aos Hebreos, era, pelo contrario, estimada pelos Romanos. Serve como alimento a muitas tribus da Africa. Os ovos pesão 3 libras. A femea os põe na areia, onde o calor do sol os faz brotar; todavia ella os chóca de noite e na estação fria. O abestruz não póde voar; mas a sua força e rapidez na carreira são incriveis; os melhores cavallos não podem alcança-lo senão quando está cançado, e só depois de oito ou dez horas de caça; e por isso serve de cavalgadura. Os caçadores do abestruz matão-n'o ás pauladas para não estragar-lhe as pennas. Certos povos da Africa crião numerosos bandos d'estas interessantes aves.

2º **Abestruz da America.** (*Struthio rhea*, Linneo; Nandou, em francez). Tem quasi a metade do tamanho do abestruz da Africa, do qual se distingue por ter tres dedos guarnecidos de unhas. Habita nas regiões frias do Brasil e das outras partes da America meridional. Uma medalha de ouro, do valor de 1,500 francos, está offerecida, pela Sociedade de acclimação de Pariz, a quem introduzir e domesticar em França o abestruz do Brasil. Este animal, apanhado ainda novo, amansa-se com muita facilidade e torna-se familiar no espaço de dois ou tres dias. Cumpre sómente ter o cuidado de não engaiola-lo; deve-se deixar livre, bastando pôr travões nas patas para o impedir de correr, mas não de andar. Nutre-se, quando novo, de carne fresca cortada em pedacinhos no sentido do comprimento das fibras, e que se deitão diante d'elle, ou que elle vem comer na mão. Passados alguns dias podem-se-lhe tirar os travões. Passeia então ao redor da habitação, e penetra mesmo no interior da casa para apanhar as moscas de que gosta muito. Á medida que cresce afasta-se mais da casa, ás vezes mesmo á distancia de meia legoa, mas volta sempre á hora da comida e ao pôr do sol. Quando adulto, o abestruz acceita toda a espece de alimentação: prefere entretanto o milho, o pão e o assucar. Não exige nenhum cuidado nem vigilancia. A constituição, muito robusta, torna-o insensivel a todas as vicissitudes atmosphericas e permittir-lhe-hia viver mesmo no norte da França. Da domesticação d'esta ave, poderião tirar-se as vantagens seguintes: primeiro, as pennas, de que a industria faz grande consumo, e tambem os ovos, que, sem serem tão delicados como os da gallinha, são todavia bons para comer, e conservão-se frescos durante muito tempo. A carne dos abestruzes novos é assaz boa, se bem que de gosto bastante pronunciado; mas a da ave adulta é muita coriacea e de gosto desagradavel.

ABOBREIRA. *Cucurbita*. Genero de plantas da familia das Cucurbitaceas, espalhadas por toda a parte, e cuja cultura nos

fornece um dos preciosos legumes. Existem muitas especies do seu fructo (abobora), que varia de volume, eôr e fórma, e que constitue um alimento sadio bem que pouco nutriente. Come-se com carne, feijões, eamarões, etc., e fazem-se d'elle doces muito saborosos. Originarias dos elimas quentes da India e da Africa, as aboboiras gostão do calor e da humidade. As principaes variedades são : *abobora* propriamente dita, *abobora d'agua*, *abobora menina*, *abobora enxuta*, *moganga*, *abobora assucarada do Brasil*, etc. A casca das aboboras é amarella, alanranjada, branca-amarella, verde ou branea; a polpa de um amarello mais ou menos vivo, esverdeado, braneo-roseo, ou avermelhado. A fórma é arredondada, oval, cylindrica ou deprimida.

As sementes (pevides) da abobora são empregadas efficaizmente contra a solitaria e as lonbrigas, na dóse de 60 grammas (2 onças). Eis-aqui como se proeeede : Na vespera, o doente não come coisa alguma, e toma 60 grammas (2 onças) de oleo de ricino. No dia seguinte toma 60 grammas (2 onças) de sementes de abobora, privadas da casca coriacea, trituradas com assucar, e misturadas com 180 grammas (6 onças) de leite. Duas horas depois, torna a beber 60 grammas (2 onças) de oleo de ricino, e o verme não tarda a ser expulso.

ABOBORA DO MATTO. *Veja-se TAYUYA.*

ABORTO. Chama-se *aborto*, *movito* ou *mão successo*, a expulsão do feto que não é *viavel*, isto é, que não tem seis mezes.

O aborto pôde ter lugar em todas as épocas da prenhez, porém é muito mais frequente nos dois primeiros mezes.

Causas do aborto. O aborto dá-se mais frequentemente nas mulheres sanguineas, abundante e irregularmente menstruadas, hystericas, nervosas, affectadas de alguma molestia ou que se apertão com vestidos muito estreitos. Certas constituições atmosphericas tornão os abortos epidemicos. As mulheres que ficão pejudadas antes do seu completo desenvolvimento ou perto da idade critica, são mais suseptiveis de abortar do que as que tem vinte a quarenta annos.

Muitas molestias, a que a criança está sujeita depois do nascimento, podem manifestar-se durante a vida intra-uterina e produzir aborto. Quando resulta das causas precedentes, o aborto chama-se espontaneo; mas as causas accidentaes ou occasionaes são muito mais numerosas; todas as impressões vivas da alma, a alegria, o pezar, a dansa, as vigalias, a diarrhea, etc. podem produzir o aborto. Segundo a opinião dos autores mais competentes, as relações conjugaes não occasionão aborto.

As paneadas, as quedas, os passeios de trem não são causas do

aborto, senão nas mulheres predispostas ; porque as aguas, em que nada o embryão, enchem completamente o utero, e as páreas não podem separar-se d'elle por simples saeudidellas. Com effeito, vêm-se todos os dias mulheres activas, e até imprudentes, que se entregão a exereicios violentos, levarem a prenhez ao termo, entretanto que uma infinidade de outras abortão apezar de minuciosas precauções. Abundão exemplos em apoio d'esta asserção. Para escapar ao incendio do seu quarto, uma mulher, pejada de sete mezes, desce do tereeiro andar por uma eorda ; o susto faz-lhe largar a corda, cahe sobre pedras e quebra um braço, mas a gravidez não foi perturbada.

A sangria, os emeticos e os purgantes, gozão de grande reputação como abortivos, mas felizmente é ella pouco merecida. Empregão-se na pratica diariamente, contra as molestias que o exigem, sangrias, vomitorios e os demais medicamentos activos de diversas especies, sem que a prenhez soffra a menor perturbação.

Não se deve todavia concluir d'estes factos que todos esses meios sejam inteiramente inoffensivos, mas sim que elles não produzem o aborto, no maior numero de easos, senão quando ajudados por circumstaneias predisponentes.

Os *phenomenos* do aborto varião segundo a época da prenhez em que elle sobrevem. Nos dois primeiros mezes da gravidez acontece ás vezes que o embryão, ainda de um pequeno volume, é expellido inteiro, sem dôr nem hemorrhagia notavel. Porém as mais das vezes existem dôres e uma hemorrhagia acompanhada de sangue coagulado, em que o embryão póde achar-se envolvido, e escapar a um exame pouco attento. Assim as mulheres pensão ordinariamente não terem experimentado senão uma demora, seguida de volta dolorosa e abundante dos menstruos, entretanto que tiverão realmente um aborto. A medida que a gestação se adianta e o volume do feto augmenta, as dôres e a hemorrhagia que acompanhão o aborto tornão-se cada vez mais consideraveis. O aborto produzido por molestias chronicas ou causas que obrãrão lentamente, offerece de ordinario os symptomas seguintes : horripilações e calefrios seguidos de calor, fastio, nauseas, sede, dôres nas eadeiras, lassidões, palpitações, arrefecimento das extremidades, tristeza, pallidez, máo halito, sentimento de peso no baixo-ventre, flaccidez dos seios, que deixão sahir serosidade e orrimento pela vagina de um liquido sanguinolento, e depois, sangue liquido ou coagulado, dôres uterinas mais vivas e frequentes, finalmente a expulsão das aguas, do feto e das páreas. O aborto proveniente de causas energicas é seguido immediatamente de larga effusão de sangue, que continua até á expulsão do feto e

das páreas. Em geral, os symptomas do aborto assemelham-se tanto mais aos do parto, quanto mais adiantado está o termo da prenhez. O mesmo é para as suas consequencias, taes como o fluxo dos locchios, chamados vulgarmente *parto*, a secreção do leite e a febre lactea.

Póde considerar-se o aborto como imminente, quando se apresenta algum dos symptomas que indiquei: esta regra, todavia, não é constante. Tem-se visto manifestarem-se estes phenomenos depois de quédas graves, e não serem seguidos de aborto, e os partos, que tiverão lugar muitas semanas depois, darem á luz uma criança de perfeita saude.

Tratamento preservativo. Conduz-se muitas vezes ao termo conveniente a mulher disposta ao aborto, pela situação horizontal e repouso prolongado por cinco ou seis semanas ao menos, além da época dos abortos antecedentes: acrescenta-se a isto um regimen brando e o uso de banhos mornos. A mulher irritavel e de sensibilidade viva, será posta ao abrigo das commoções moraes; habitará o campo, e suas distracções serão numerosas, mas nunca taes que excedão as forças. A que fôr fraca e pallida deve seguir um regimen capaz de produzir n'ella uma vitalidade mais energica: aproveitar-lhe-hão as carnes assadas, um pouco de vinho generoso, um exêrcicio agradável. Opposta prescripção convirá á mulher corada e de temperamento sanguineo. Uma dieta moderada, cozimentos frios de arroz ou de cevada, limonadas de limão ou de laranja, a posição horizontal serão necessarias para moderar a força do pulso, e por consequinte, para desviar o affluxo habitual do sangue para o utero.

Tratamento palliativo. Não sendo possivel evitar o aborto, será preciso espera-lo sem atormentar a paciente com remedios inuteis.

Durante o trabalho da parturição póde declarar-se uma hemorragia: sua abundancia assusta; o medico está longe o que se ha de fazer? Se o feto já tiver sahido e o cordão fôr accessivel, pegar-se-ha n'elle com um lenço, e extrahir-se-hão as páreas. Far-se-hão applicações de pannos molhados em agua fria e vinagre sobre o baixo-ventre e coxas. Se as páreas não puderem ser extrahidas, e o sangue correr com força, continuar-se-hão as applicações refrigerantes, e introduzir-se-ha no interior das partes genitales um lenço, que se encherá com bolas de fios de linho, afim de obstar á hemorragia.

As consequencias do movito são as mesmas que as do parto ordinario, e reclamão os mesmos cuidados.

Antes de acabar este artigo cumpre dizer o que se deve pensar do aborto proveado com tenção criminosa. Não ha meios abor-

tivos na accepção rigorosa d'esta palavra, isto é, não existe medicamento que possa decidir o aborto, e nada mais do que o aborto, de uma maneira directa e especifica. A natureza encheo de obstaculos, de perigos e de incerteza toda a tentativa de destruir ou de expulsar o ente interessante que encerra o seio materno. Tem-se visto mulheres estragarem-se e perecerem pelo abuso dos medicamentos presumidos abortivos, sem poderem conseguir o seu culpado intento. Desgraçada da mulher que se expõe a semelhante experiencia! Não só a sua vida corre grandes perigos, mas a sua saude experimentará constantemente um golpe cuja impressão será difficil apagar.

Para o complemento d'este artigo veja-se FETO, PARTO e GRAVIDEZ.

ABSINTHIO ou LOSNA. *Artemisia absinthium*. L. Synanthreas senecioides, L. Fig. 3. Esta planta encontra-se nas partes montanhosas de toda a Europa; em Portugal habita nas ribanceiras do Douro, e outros lugares; no Brasil é cultivada nas hortas. Tem 60 centímetros e mais de altura, folhas esbranquiçadas de ambos os lados, e flores amarelladas. As folhas d'esta planta são muito amargas. Deixando-se infundir 4 grammas (1 oitava) d'estas folhas em 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo, obtem-se um chá tonico, que convem nas digestões difficeis, e que pôde ser administrado como vermifugo, ou para provocar os menstruos, quando a sua falta depende da fraqueza de constituição. Introduzem-se ás vezes na cerveja, em lugar de lupulo, as sumidades de absinthio; a cerveja toma-lhe o amargor, conserva-se melhor, mas torna-se mais embriagante.

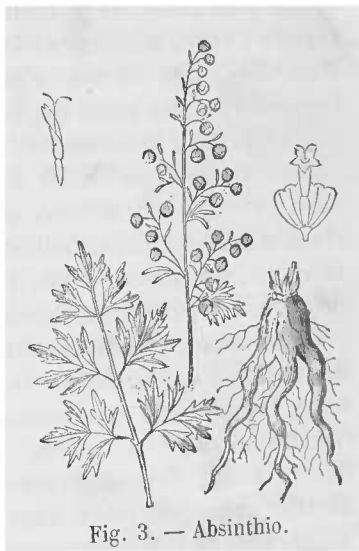


Fig. 3. — Absinthio.

O licor conhecido debaixo do nome de *absinthio*, é a preparação que resulta da distillação do alcool com diversas especies de absinthio que habitão na Suissa. Toma-se antes do jantar diluido em grande quantidade d'agua; constitue uma bebida estomachica, mas seu uso frequente é muito nocivo á saude, sobretudo nos paizes quentes: embrutece a intelligencia.

ABSORPÇÃO. Função que consiste em tomar por meio dos vasos absorventes, para a massa dos liquidos circulantes, substancias liquidas ou solidas extremamente divididas. O verbo

que lhe corresponde é *absorver*; o epitheto da acção e do agente é *absorvente*. Diz-se: o sangue da ecchymose, o liquido do pleuriz *absorveo-se*, quando deerecem em quantidade ou desaparecem dos lugares onde concorrião para a doença respectiva; a induração do figado *absorveo-se*, quando o seu volume diminue ou se extingue.

ABSTINENCIA. Esta palavra, na sua maior extensão, applica-se a qualquer especie de privações. Mas, na linguagem medica, serve para designar quasi exclusivamente a privação dos alimentos e das bebidas.

Os effeitos da abstinencia differem segundo o estado de saude ou de molestia; segundo a idade, sexo, constituição, e regimen habitual; e segundo que a abstinencia for completa, isto é, se comprehender todos os alimentos solidos e liquidos, ou se for só parcial ou incompleta.

É impossivel fixar o termo a que, sem succumbir, pôde *atingir* um homem adulto submettido a uma abstinencia completa. Os Arabes paixão, segundo affirmão alguns viajantes, cinco dias sem comer nem beber. O Dr. Chaussier refere que, debaixo de desabamentos, varios obreiros vivêrão privados de comida e bebida quatorze dias; que no fim d'esse tempo forão tirados com pulso frequente, calor quasi extineto, e com um fraco sopro de vida que ainda pôde reanimar-se.

Segundo as experiencias de Collard de Martigny feitas nos cães, estes animaes podem viver na abstinencia completa tres, quatro, cinco semanas e mais. Gallinhas, que Redi sujeitou à abstinencia absoluta, não vivêrão além do nono dia. Uma d'estas aves á qual deo agua, viveo até ao vigesimo dia.

Os primeiros *effeitos da abstinencia completa* quando esta apenas dura vinte e quatro horas, consistem em produzir a sensação da fome. O individuo experimenta na bocca do estomago uma sensação incommoda; ao mesmo tempo o seu rosto torna-se pallido, denota pena, descontentamento; está triste de máo humor e abatido. Á medida que a abstinencia se prolonga, estes symptomas augmentão de intensidade; ajunta-se á fraqueza dos sentidos, a diminuição das fauldades intellectuaes. Se se prolonga ainda, manifesta-se a magreza geral; encovão-se os olhos; um abatimento physico e moral apodera-se do infeliz que permanece detado, sem executar movimento algum, ou caher em delirio furioso; desonheee os amigos, os parentes, e quer destrui-los. Appareee depois o marasmo, insupportavel máo cheiro, pequenez do pulso, lentidão da respiração, arrefecimento do corpo, e a morte. O naufragio da *Méluse* deo lugar a observarem-se os fristes resultados da abstinencia prolongada.

Na sessão da Academia de medicina de Pariz, em 30 de Agosto de 1831, foi apresentada uma observação de suicidio por inanição. O individuo, objecto d'esta observação, não tomou, durante sessenta dias, época em que lhe sobreveio a morte, senão uma pouca d'agua com xarope de orchata.

A observação quotidiana prova que a abstinencia é supportada com maior facilidade durante o estado de molestia do que durante o estado de saude. Dir-se-hia que a natureza fez da abstinencia uma das condições da cura das molestias. O fastio assignala o principio de quasi todas as molestias agudas, e obriga os doentes a guardar a abstinencia. N'estes casos, a abstinencia dirige-se principalmente sobre os alimentos solidos, e não é raro ver doentes que não comem nada até ao vigesimo ou trigesimo dia de uma molestia aguda, e ás vezes até muito mais tarde. Existem casos de molestias em que os doentes não quizerão nem beber agua. Mas a privação absoluta de toda a substancia solida ou liquida não pôde ser continuada, mesmo no estado de molestia aguda, além de duas semanas. Não existem factos bem averiguados de uma prolongação mais consideravel. Quando os doentes fazem uso de bebidas, por pouca nutritivas que sejam, a abstinencia pôde ser prolongada muito mais tempo.

As affecções vivas da alma podem tambem fazer supportar longa abstinencia. Os estudos porfiosos, os projectos proseguidos com excessivo ardor, o amor, a ambição, uma devoção exaltada, emfim, tudo o que produz uma forte contensão do espirito faz esquecer a necessidade da restauração das forças.

Hippocrates observou que a fome é tanto mais irresistivel quanto a pessoa é mais joven; e as experiencias de Collard de Martigny demonstrarão que os animaes succumbem tanto mais depressa pela abstinencia quanto mais novos.

Da abstinencia considerada como o meio curativo das molestias. Todos os medicos conceordão em reconhecer a utilidade da abstinencia no tratamento das molestias, mórmente no das molestias agudas. Muitas molestias graves, que tinham resistido aos medicamentos, forão curadas pela dieta unicamente, e pôde-se facilmente explicar a acção ou modo de proceder d'este poderoso meio; porque a abstinencia impede que novos elementos de congestão e de irritação sejam levados ao orgão doente por meio da alimentação.

A abstinencia deve ser tanto mais severa, quanto mais recente e mais aguda for a molestia. No principio das molestias acompanhadas de febre, a abstinencia das comidas solidas deve ser completa, mas pôde-se conceder ao doente o uso da agua, para acalmar a sede. N'estes casos a infracção do regimen pôde ser mortal; e

ha exemplos nas molestias chamadas eruptivas, taes como bexigas, sarampos, escaur latina, erysipela, etc., em que a menor infracção no regimen tem sido seguida da suppressão repentina da erupção e do apparecimento de alguma molestia interna. Nos pleurizes, nas inflammações do estomago ou dos intestinos, etc., a alimentação prematura é muitas vezes aeompanhada de recahida.

A abstinencia dos alimentos solidos não é menos indispensavel nos dois primeiros dias que seguem o parto, e durante a febre de leite.

Na força da idade a abstinencia ou a redução de alguns alimentos é o melhor meio de diminuir a superabundancia dos succos nutritivos, e de curar as palpitações, tonturas, dôres de cabeça e hemorragias, tão communs n'essa época da vida.

Nas molestias da primeira idade a abstinencia das comidas solidas é, em muitos casos, o unico meio de tratamento que se pôde empregar. É sobretudo indispensavel para curar as nauseas, os vomitos e as diarrheas.

Mas não se deve abusar da dieta nos primeiros annos da vida, nem tambem em muitas outras circunstancias.

Nas molestias chronicas, isto é, nas que durão muito tempo, a abstinencia não deve ser completa nem prolongada; ha mesmo molestias chronicas em que é necessario sustentar o doente pela alimentação nutritiva.

As pessoas idosas, os individuos enfraquecidos antes da idade por qualquer especie de excessos, não devem tambem observar, nas molestias, uma dieta tão severa. Sustentar as forças do doente por uma alimentação apropriada á sua idade, á natureza e á duração do mal, é o unico meio de cura-lo.

Nas affecções escrophulosas seria perigoso submeter os doentes á abstinencia severa. Uma boa alimentação, com o exercicio e ar salubre, são n'estes casos um dos melhores meios curativos.

Nas molestias da infancia deve-se attentamente observar o pequeno doente, e dar-lhe alguns alimentos, logo que a febre diminuir um pouco; pois todos sabem com que difficuldade as crianças supportão a abstinencia prolongada.

Se pelo effeito de uma alimentação insufficiente prolongada por muito tempo, o estomago tiver perdido, de alguma sorte o costume de suas funções, dever-se-ha, para evitar indigestões, não proeeder á administração dos alimentos senão gradualmente

ABUTUA BUTUA OU PARREIRA BRAVA. *Cocculus platyphylla*. St-Hilaire. Menispermaceas. Planta trepadeira do Brasil. O seu caule, trepando á roda das arvores vizinhas, attinge-lhes o cume, por elevado que seja. Folhas ovaes-orbiculares flores masculinas

dispostas em paniculas, femininas em espigas alongadas ; fructo, drupa em fôrma de baga, contendo uma unica semente ; raiz lenhosa, tortuosa, dura, roxa por fóra, amarella e cinzenta por dentro ; cortada transversalmente apresenta eirculos eoneentricos irregulares ; de cheiro poueo sensível sendo antiga, mas algum tanto penetrante, quando nova ; de sabor amargo. Esta raiz foi trazida do Brasil para a Europa em 1688 ; hoje ainda é reeeitada pelos medicos como diureticia, nas areias e hydropisias. Usa-se em infusão, que se prepara com 8 grammas (2 oitavas) da raiz, e 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo. Emprega-se tambem o caule da mesma forma.

AÇAFRÃO. *Crocus sativus*, Linneo. Irideas. Fig. 4. Pequena planta, originaria do Oriente, cultivada na Europa, principalmente na Hespanha e França. As flores são roxas, marcadas de veias purpureas. Empregão-se os estigmas e a parte superior do estylete, que se apresentam no commercio debaixo da fôrma de filamentos compridos, enrolados, flexiveis, de côr amarella-alaranjada tirante ao escuro, sabor picante e amargo, corando a saliva de amarello ; cheiro especial e forte ; falsifíea-se com a açafrôa (*Carthamus tinctorius*), da qual se distingue facilmente, porque esta é um tubo avermelhado, dividido superiormente em cinco laeinias, dentro do qual estão o pistillo e o estames ; não tem o mesmo cheiro, nem córa tanto a saliva. A luz priva o açafrão de sua eôr, e torna-o quasi inerte, pelo que deve ser conservado em vasos bem opaeos e fechados.

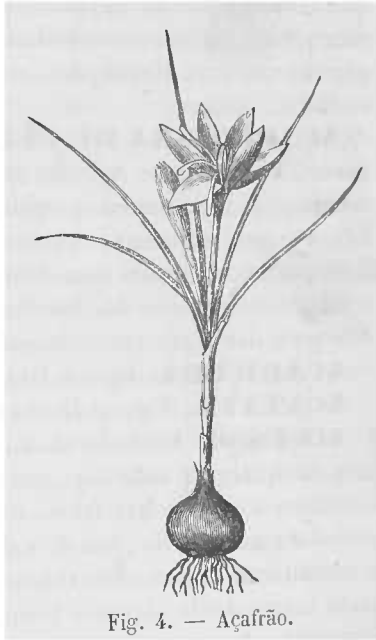


Fig. 4. — Açafrão.

Os estigmas d'esta planta, além do seu uso nas artes e nas preparações culinarias, são empregados na medieina ; gozão da propriedade de provocar os menstruos, e convem principalmente ás jovens affectadas da molestia ehamada *chlorose*. Administrão-se debaixo da fôrma de pó, na dóse de 1 a 2 gram. (20 a 40 grãos) por dia.

AÇAFRÔA ou **CARTHAMO DOS TINTUREIROS.** *Carthamus tinctorius*, L. Synanthercas. Planta cultivada no Brasil e em Portugal, por causa de sua flor que é empregada na tinturaria. O eaulo é simples

em baixo, ramoso em cima, guarnecido de folhas ovaes-lanceoladas, denteadas, terminado pela reunião das flores de côr vermelha-alaranjada. Estas flores são compostas de um tubo vermelho, dividido em cinco lacínias; seu cheiro é bastante sensível e não desagradavel. As flores contém dois principios corantes: um é amarello, solúvel em agua, separa-se e rejeita-se depois como inútil; o outro é vermelho, não se dissolve senão por meio de um alcali, e é utilizado para tingir a seda; entra tambem na composição do arrebique ou côr que se põe na cara. A flor de açafroá usa-se para dar côr a muitas comidas. As sementes d'esta planta contém um oleo que pôde servir na economia domestica. As folhas frescas fornecem um alimento, que se prepara em salada ou em guisado; tem, além d'isto, a propriedade de coagular o leite, pelo que empregão-se no Egypto na preparação dos queijos. Em Portugal esta planta cultiva-se sobretudo no Algarve, aonde se faz d'ella grande uso para tingir pita, e dar côr a muitas comidas; chama-se-lhe ali *açaflor*.

ACAFOEIRA DE PERNAMBUCO. *Melastanthus tinctorius*, Verbenaceas. Arbusto exótico, cultivado no Brasil. Tronco esbranquiçado, ramoso e quadrangular nas partes superiores; folhas ovaes, pequenas, oppostas, asperas; flores brancas aromaticas; fructo, capsula com duas sementes chatas.

Secção-se os tubos das corollas, e depois de reduzidos a pó serve este para dar a côr amarella aos guisados.

ACARIÇOBA. *Veja-se* HERVA CAPITÃO.

ACATAYA. *Veja-se* HERVA DO BICHO.

ACCESSO. Assim se chama em medicina a reunião de symptomas de qualquer molestia, que apparecem e desaparecem para tornarem a voltar. Nas febres intermittentes o accesso tem tres *periodos*: um de frio, um de calor e um de suor que se succedem e constituem um accesso. O tempo que separa um accesso do outro pôde variar desde algumas horas até um, dois e mais dias este intervallo chama-se *apyrexia* ou *intermissão*.

ACCIDENTE. Na linguagem vulgar chama-se accidente a qualquer acontecimento subito, triste e imprevisto; em medicina entende-se por este nome qualquer symptoma que sobrevem n'uma molestia, sem ser consequencia necessaria d'ella; assim a hemorragia que se declara depois de uma operação ou depois de um parto, é um accidente. Chama-se tambem accidente o ataque subito de uma molestia que priva do uso dos sentidos como o accidente epileptico, ou ataque de gota coral, e o ataque apoplectico. *Veja-se* GOTA CORAL, e APOPLEXIA.

ACCLIMAÇÃO. As maiores ou menores modificações mo

experimenta o homem pela mudança de patria ou de localidade, as precauções sanitarias que convem tomar para prevenir ou diminuir os effeitos nocivos d'esta mudança, tal é o objeto do presente artigo.

Emquanto os vegetaes e muitos animaes são obrigados a permanecer, sob pena de morte, em certas zonas do globo terrestre, não se vê sem espanto a especie humana espalhada desde o equador até além dos circulos polares, e poder o mesmo homem conservar a sua existencia no calor dos tropicos e nos gelos do norte. Comtudo não se deve julgar que o homem possa zombar das influencias climatericas. Elle frequentemente paga com a saude ou com a vida, quando se subtrahc ás leis poderosas do habito, fugindo do paiz onde viveo por longos annos.

O perigo da acclimação é tanto maior, quanto mais notavel é a differença entre o clima que se deixa e aquelle que se vai habitar. D'aqui resulta que as apprehensões devem ser menores, quando não se faz senão mudar de provincia, ou quando alguem se transporta para uma nação vizinha. Todavia, por ser menos difficil, não se deve considerar como insignificante o perigo d'estas acclimações tão communs. Basta ás vezes, para alterar a saude, deixar um lugar baixo pela montanha, o campo pela cidade, as ilhas pelos continentes.

Quem muda de clima, e principalmente quem vai habitar um paiz longinquo, deve, antes deprehender a viagem, indagar qual é n'elle a estação mais sadia para os estrangeiros e para os indigenas, e fazer toda a diligencia para chegar em tempo favoravel. Esta noção preliminar é essencial para quem quer transportar-se ás regiões sujicitas a miasmas, a contagios e a epidemias. Se receiar o contraste das temperaturas, procure chegar durante o verão aos paizes frios, e durante o inverno aos paizes quentes. Havendo estas precauções, a organização não fica subitamente abalada, e pôde com maior efficacia reagir contra influencias, ás vezes terriveis.

O tempo ordinario para a acclimação varia segundo os paizes e temperamento da pessoa. Umas vezes a constituição é subitamente modificada por alguma molestia grave; outras, a mudança opera-se pouco a pouco, e ordinariamente são necessarios dois annos para acclimar-se. Passado este tempo entra-se quasi na lei commum dos indigenas.

As causas mais geraes da salubridade ou da insalubridade de um clima provém da temperatura, da séccura ou da humidade, da leveza ou do peso do ar, da tranquillidade ou das agitações mais ou menos violentas d'este fluido, da sua pureza ou das emanções de que pôde achar-se carregado.

As molestias a que estão expostos os individuos que vão para o clima mais frio e mais humido do que aquelle que deixarão, são, em primeiro lugar, as affecções dos orgãos da respiração, as molestias catarrhaes de toda a especie, e os rheumatismos. Para obviar esta inclemencia do ar, deve o estrangeiro pôr em uso os meios que a industria tem inventado para se obter um clima artificial. Deve abafar-se quando se expõe ao ar. A alimentação será mui nutriente; poderá usar, mas sem excesso, de temperos, vinho, lieores, etc. Este regimen tende a manter a constituição no gráo de reacção conveniente contra o rigor do frio e humidade do clima; mas se, apesar d'estas precauções, algum orgão, e principalmente os pulmões, vierem a ser affectados, convirá então evitar o ar vivo. Emfim, se a affecção se mostrar rebelde, melhor será voltar ao paiz natal.

A acclimação do Europeo nos paizes entretropicos mereee grande attenção. Independentemente das epidemias, tem-se notado como mais frequentes para os estrangeiros, nos climas quentes, as affecções do figado, do estomago e dos intestinos, a dysenteria, as hemorrhagias e as molestias de pelle.

O Europeo póde até certo ponto evitar todas estas molestias e acclimar-se sem perigo, submettendo-se a algumas regras de hygiene.

Durante a viagem de mar é muito importante observar grande temperança nos alimentos e bebidas. Chegado ao lugar, evitará ainda com maior euidado o excesso no comer. A alimentação será branda e leve, mas sufficiente e composta principalmente de vegetaes. O uso moderado das fruetas será mui salutar. Para bebida durante as comidas, usará de vinho com agua, ou um pouco de vinho puro, se a elle estiver acostumado; nos intervallos agua pura, adoçada ou acidulada. Abster-se-ha de lieores espirituosos, principalmente nos primeiros mezes de sua chegada.

O fato nos climas quentes será tambem conforme á temperatura, e será bom que não diffira elle quanto ao feitio e fazenda, do que trajão os indigenas. A sua roupa deve ser por consequente leve; deixará o uso do linho para tomar o do algodão; pois que este não é tão bom conductor do calorico, e como tal, de uma parte, transmitta menos ao corpo o calor exterior, e da outra, nos casos de abaixamento subito de temperatura da atmosphaera, conserva melhor o calor do corpo: d'esta maneira é proprio para garantir do frio e do calor. A demasiada actividade dos Europeos nos paizes quentes é-lhes muitas vezes nociva. Na longa estação do calor será salutar não se expôr ao sol nas horas em que elle está mui elevado sobre o horizonte. Os banhos frios são muito uteis. A insomnia

fatiga frequentemente os estrangeiros ; conciliarão o somno, tomando um banho morno, comendo pouco á ceia, e dormindo em cama pouco macia e preservada de insectos por mosquitoeiro.

Os climas de alta temperatura offerecem algumas compensações dos perigos a que expõem. As pessoas de peito delicado, as que padecerem de rheumatismo ou gota, dar-se-hão melhor com um ar mais quente do que o ar patrio.

Quando, depois de passarem alguns annos nos paizes equatoriais, os Europeos quizerem voltar ao seu paiz natal, esta volta não scrá para elles sem perigo, e terão que soffrer uma nova acclimação. As molestias do peito são as que devem reccar-se mais ; ellas se aggravão, se existião, ou se desenvolvem rapidamente nos individuos que ainda não tinham apresentado signal d'ellas.

Em geral, o homem experimenta vantagens passando de um clima quente para outro mais temperado ; e o mesmo se observa com alguns animaes, por exemplo os cavallos.

Ha ainda outro genero de acclimação, que vem a ser a da mudança dos valles ou planicies para altas montanhas, onde a columna do ar pesa muito menos, e onde elle é mais frio e mais agitado.

Geralmente só as molestias dos pulmões e do coração, e as disposições ás hemorragias é que podem receber influencias nocivas pelo ar rarefeito, vivo e moveido das altas montanhas.

Os individuos que são obrigados a ir habitar paizes pantanosos, tem tambem de passar por uma acclimação. As emanções lodosas são causa de muitas molestias, e principalmente nos paizes quentes. Pantanos sem influencia sobre a população indigena, fazem quasi sempre adoecer os estrangeiros ; outros pantanos, que só produzem nos indigenas febres intermittentes benignas, occasionão nos estrangeiros febres intermittentes muito mais graves, e ás vezes febres perniciosas.

Evitar o expôr-se aos effluvios pantanosos á noite, não se deitar sobretudo perto dos pantanos, não receber o embate dos ventos que soprarem d'esse lado, escolher para habitação os lugares mais elevados, ou os que forem abrigados por um monte ou por arvores, não abrir as janellas do quarto que derem para o lado do pantano, preservar-se cuidadosamente de toda a humidade, nutrir-se de alimentos substanciaes, beber, se fôr possivel, agua que não seja do pantano, ou, se não houver outra, bebê-la só depois de purificada, e evitar todas as especies de excessos, taes são os meios simples, que o estrangeiro obrigado a habitar um lugar pantanoso, deve sempre ter em vista.

Em muitas occasiões a mudança de clima é favoravel. Acontece frequentemente que um habitante de paiz quente e agradavel,

enfraquecido por uma molestia nervosa, volta á saude, debaixo do céo do norte, ao passo que um homem do norte sára da mesma molestia n'um paiz quente.

ACELGA. *Beta cicla*, Linneo. Chenopodiaceas. Planta cultivada nas hortas por causa das folhas que se comem cozidas, sós ou misturadas com azedas. Raiz fusiforme, branea, da grossura de 1 pollegada e muito mais; eaules muitos de uma só raiz, de 60 a 90 centímetros, levantados, flaccidos; folhas carnosas, succulentas. Estas folhas servem tambem para o curativo dos causticos, e são mui proprias para este uso, por serem de consistencia molle, de superficie macia e fresca. Mas é necessario cortar a ponta aguçada da folha, e achatar, com o dedo ou com o cabo de uma faca, as nervuras salientes. As folhas de acelga fervidas, e reduzidas a polpa, podem tambem ser empregadas como cataplasma emolliente.

ACEPHALOCYSTO. *Veja-se* HYDATIDA.

ACETATO. (do latim *acetum*, vinagre). Designão-se debaixo do nome de acetatos os saes formados pelo acido acetico com qualquer base. Os acetatos empregão-se em medicina e nas artes. Os que se empregão em medicina são : os acetatos de ammoniaco, de chumbo, de morphina, de potassa, de soda, etc. (Vejaõ-se estas palavras).

ACETONO, ETHER OU ESPIRITO PYRO-ACETICO, ESPIRITO PYROLIGNEO, ALCOOL MESITICO, METHYLACETYLO. Liquido inflammavel, incolor, limpido, de sabor acre e ardente, de gosto mordicante, e cuja densidade é igual a 0,792 na temperatura de + 18° centigrados. Obtem-se distillando os acetatos de cal, de baryta, e outros. N'esta operação, o acido acetico transforma-se em parte em acido carbonico, que fica unido á base, e em *acetono*, que se volatiliza. Respirado, produz a anesthesia; a acção é mais prompta, porém menos duravel do que a do chloroformio. Internamente foi aconselhado na tísica, gota e rheumatismo; na dóse de 15 a 30 gottas, tres vezes por dia.

ACIDEZ. *Veja-se* AZIA.

ACIDOS. Entende-se por acido uma substancia que tem gosto acerbo ou aere, e possui a propriedade de avermelhar a côr azul do turnesol.

Os acidos dividem-se em *vegetaes* e *míneraes*. Entre estes contão-se os acidos nitrico, sulfurico, chlorhydrico; e entre os vegetaes o acido acetico e os que se encontrão na laranja, limão, marmelo, araçá, grumichama, goiaba e outras fructas acidulas.

Os acidos, e particularmente os acidos vegetaes, bastante não a sêde, moderão o calor febril e augmentão á urinas. Os acidos fracos são, por consequente, refri-

gerantes e diureticos; os acidos fortes, pelo contrario, produzem instantaneamente a inflamação, a queimadura, e mesmo destroem as partes do corpo sobre que se applicão.

Indieo aqui os acidos mais geralmente empregados.

Acido acetico ou *vinagre radical*. Este acido é liquido, sem eôr, de sabor eaustico, é volatil e tem um eheiro mui penetrante e agradável. Emprega-se nos desmaios, e para corrigir o ar viciado pelas emanações ou respiração. Os frascos de sal de vinagre devem a este acido as suas propriedades. O acido acetico diluido em agua constitue o vinagre commum.

Acido arsenioso. *Veja-se ARSENICO.*

Acido azotico, *acido nitrico* ou *espírito de nitro*. Liquido sem eôr, de cheiro desagradavel, espalha vapores brancos e adquire a eôr amarellada pela luz, quando coneentrado (35 grãos e mais); não espalha vapores, nem é alteravel pela luz quando diluido em agua: n'este easo chama-se *agua forte*, e marea 26 grãos. Tinge de amarello as substaneias organicas. Puro, é um dos mais violentos eausticos, e empregado como tal para destruir as verrugas.

Acido benzoico, ou *flores de benjoim*. Este acido, assim chamado porque se extrahe espeeialmente do benjoim, existe em todos os balsamos. Obtem-se aquecendo o benjoim em apparelho proprio, e tirando o producto sublimado que é o acido benzoico. Apresenta-se em agulhas sedosas ou nacaradas; é poueo soluvel em agua fria, porém mais em agua quente; é soluvel no aleool. Tem sabor fraeamente acidulo, seguido da sensação partieular de acrimonia; o seu eheiro é quasi sempre aromatico e agradável. Usa-se contra a gota e areias, na dóse de 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) e mais, em pó ou pilulas.

Acido borico. Apresenta-se sob a fórma de esemas nacaradas, unctuosas, sem cheiro, de sabor acido poueo pronunciado; mui poueo soluvel em agua, porém mui soluvel no aleool ao qual eommunica a propriedade de arder com ehamma verde earacteristica. Vem de Lagoni, especie de voleões lodosos da Toseana. Obtem-se, pela purificação com albumina, do acido bruto de Lagoni, ou por decomposição, do borato de soda e cal, ou tinkalzite, descoberto ha poueos annos na Republica do Equador.

Acido carbolico. *Veja-se ACIDO PHENICO.*

Acido carbonico. O acido carbonico é um corpo gazoso. Existe em pequena proporção no ar atmosferico; acha-se em maiores proporções em certas localidades, e, entre outras, na gruta do Cão na vizinhança de Napoles: existe tambem em certas aguas mineraes; desenvolve-se das materias vegetaes em fermentação ou em eombustão. Este gaz é incolor, transparente, de cheiro picante

e de sabor um tanto acidulo, que se póde apreciar bebendo agua de Seltz : é elle que faz espumar o vinho de Champanha e a cerveja, quando se destapão as garrafas. Este gaz é improprio para a combustão e para a vida ; apaga as velas accesas que n'elle se introduzem, e o homem que se acha na atmosphera que contém grande quantidade d'estê gaz morre asphyxiado. E por isso cumpre evitar os lugares onde elle se desenvolve ; taes como as dornas em que fermenta o vinho, os fornos de cal, os quartos em que se achão brazeiros ; pelo menos é preciso deixar abertas as portas e janellas de semelhantes lugares. (*Veja-se ASPHYXIA.*)

É mais pesado que o ar atmosferico, pelo que occupa sempre a parte inferior do lugar onde se acha.

O gaz acido carbonico misturado com agua, por meio de aparelhos convenientes constitue a *agua de Seltz*, empregada como bebida. Esta agua favorece a digestão.

Acido chlorhydrico, ou *acido hydrochlorico*, *muriatico*, *marinho*, ou *espirito de sal marinho*. Este acido, tal como se encontra no commercio, é um liquido sem côr ou um pouco amarello, de sabor acido, de cheiro suffocante e especial ; produz fumaça branca no ar. Emprega-se nas artes e em medicina. É um liquido corrosivo.

Acido chromico. Crystaes em fôrma de agulhas, de carmesim escuro, soluveis em agua e no alcool, deliquescentes. Dissolvido em agua, é um caustico cuja acção é instantanea. Tem-se applicado com vantagem nas ulceras de diversa natureza com vegetações.

Acido citrico. Existe no limão, laranja e muitas fructas acidulas. É branco, crystalliza em prismas rhomboidaes, inalteraveis ao ar, inodoro e de sabor acido mui forte. Emprega-se para preparar limonadas.

Acido gallico. Acha-se todo formado nas sementes da manga, e produz-se pela decomposição do tannino que existe na noz de galha. Apresenta-se sob a fôrma de longas agulhas sedosas, incolores, inodoras ; soluvel em 100 partes d'agua fria, e 3 partes d'agua fervendo, mui soluvel no alcool. Contrariamente ao tannino, não precipita nem a gelatina, nem os saes organicos, nem os protosaes de ferro. Tinge de azul-escuro os persaes de ferro.

Adstringente ; na dóse de 50 centigrammas a 2 grammas (10 a 40 grãos) ; foi preconizado contra a albuminuria.

Aquecido a $+ 215^{\circ}$ o acido gallico divide-se em acido carbonico e em acido *pyrogallico*, que se sublima em agulhas crystallinas. Este ultimo acido serve na phothographia, entra nas composições que se usão para tingir o cabello, e é empregado na chimica para decompôr o ar

Acido iodico. Crystaes brancos, soluveis no alcool, mui soluveis na agua. Pouco usado.

Acido lactico. Existe no leite, no succo gastrico e em muitos dos nossos humores, na gema de ovo, e em muitos liquidos fermentados. Obtem-se decompondo pelo acido sulfurico o lactato de cal, ou directamente, fazendo evaporar o soro de leite azedo. Póde tambem extrahir-se da agua de arroz, e de mais outras substancias. É um liquido da consistencia de xarope, incolor, inodoro, incrystallizavel, deliquescente ao ar, de sabor acido mordicante; mui soluvel na agua, alcool e no ether. Puro, não é usado em medicina; serve para preparar o lactato de ferro e mais outras composições que se empregão.

Acido nitrico. *Vêja-se* ACIDO AZOTICO.

Acido oxalico. Crystaes sem côr, transparentes, muito acidos, sem cheiro. Quando se dissolve em agua fria produz um ruído assaz forte, que póde servir para fazê-lo reconhecer. Nas boticas tem sido ás vezes tomado pelo sal d'Epsom. Meia onça d'este acido póde occasionar a morte dentro de alguns minutos. É empregado para tirar as nodoas da tinta de escrever. A preparação para tirar estas nodoas, que se vende nas lojas sob o nome francez de *encrivore*, é composta de 15 grammas d'agua e de 4 grammas de acido oxalico.

Acido phenico, *phenol*, ou *acido carbolico*. Foi descoberto em 1834 no breu do carvão de pedra; é o principio activo e desinfectante de todas as preparações que tem por base os alcatrões. O acido phenico recentemente preparado é solido, em crystaes brancos; derrete-se ao 35° centigrado, e apresenta-se então sob a fórmula de liquido incolor, quasi oleginoso que pela influencia da luz adquire côr arroxeadada; é pouco soluvel em agua; mas dissolve-se em toda a proporção no alcool e no ether; é inflammavel, arde com chamma fuliginosa; coagula a albumina, destroe as membranas mucosas, tira o cheiro fetido ás carnes corruptas; impede a putrefacção; tem o cheiro repugnante da creosota. Apesar da sua pouca solubilidade na agua, o acido phenico crystallizado torna-se liquido ao contacto da humidade atmospherica. É um dos causticos e desinfectantes hoje bastante empregados. Dissolve-se na glicericina, nos oleos graxos e voláteis; parece mesmo formar verdadeira combinação com os corpos gordos, porque perde então a faculdade rubrificante que possui. Emprega-se sob a fórmula de *acido phenico liquido*, que é a mistura de 9 partes de acido phenico crystallizado e de 1 parte de alcool. A sua solução na glicericina, em diferentes grãos de concentração, tem sido empregada com bom exito no tratamento externo de varias molestias de pelle, como o lupo, eczema, lepra, tinha, etc. A proporção ordinaria é de 1 parte de acido phenico

e 100 partes de glicerina. Contra a peste bovina costumão espalhar nos curraes, na Inglaterra, serradura de madeira molhada com agua phenica.

Em pharmacia, chama-se *acido phenico liquido* a dissolução de 9 partes de acido phenico crystallizado e 1 parte de aleool a 90°.

Agua phenica. Agua commum 1,000 grammas, acido phenico 1 gramma. Em lavatorios como desinfectante, e para curar as feridas de máo character. A dóse do acido póde ser augmentada a 5 partes d'este para 1,000 d'agua.

Vinagre phenico. Vinagre ordinario 100 grammas, acido phenico 1 gramma. — Uma colher *de chá* n'um copo d'agua, para lavar a bocca no máo halito.

O acido phenico liquido emprega-se internamente; é aconselhado sobretudo na raiva, nas mordeduras por cobras venenosas, e nas bexigas confluentes, na dóse de 1 a 10 gottas até 1 gramma em poção. Em forte dóse é veneno. 50 centigrammas (10 grãos) de acido phenico liquido matão um coelho.

ENVENENAMENTO PELO ACIDO PHENICO. Estes envenenamentos podem ter lugar ora por ingestão no canal digestivo, ora por absorpção cutanea. Ordinariamente são o resultado de um erro, nunca o de um crime, por causa do gosto e cheiro desagradavel do acido phenico. Tornão-se de mais em mais frequentes, desde que o acido é empregado como desinfectante.

1ª *Observação.* Um homem de 32 annos empregado em Pariz na limpeza das ruas, bebeo uma solução de acido phenico que julgou ser vinho: immediatamente experimentou nauseas, suores frios, estupor, e perdeu conhecimento. Um pharmaceutico vizinho administra-lhe magnesia calcinada. Transportado ao hospital, morre nove horas depois da ingestão do acido phenico.

2ª *Observação.* Um homem de 65 annos tomou para suicidar-se 15 a 30 grammas ($\frac{1}{2}$ a 1 onça) de acido phenico liquido do commercio: a morte sobreveio em cincoenta minutos. Notárão-se os symptomas seguintes: respiração estertorosa, perda de conhecimento, pupillas contrahidas, pulso lento (40 a 50 pulsações por minuto), bocca cheia de saliva grossa, e, na barba, estrias devidas á acção corrosiva do veneno.

3ª *Observação.* Um soldado inglez engolio 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) de acido phenico, de côr roxa, que julgou ser bitter: logo sobreveio a perda de conhecimento e de locomoção; depois um estado apoplectico, respiração estertorosa, forte contracção da pupilla. Administrárão-lhe um vomitorio e azeite doce; ficou sem movimento. No fim de tres horas, principiou a mexer-se, as pupillas dilatárão-se; no fim de cinco horas e meia, o paciente recobrou o

conhecimento e pediu agua; sobreveio então dyspnea e expectoração difficil e purulenta; o pulso tornou-se frequente, a pelle fria e humida; ao cabo de dez horas, o doente soltou urinas de côr carregada, de cheiro de acido phenico; morreo treze horas depois da ingestão do veneno.

4ª *Observação.* Para se curarem da sarna, tres inglezas fricciónárão toda a superficie do corpo com cerca de 60 grammas (2 onças) de acido phenico quente. Duas morrerão, a terceira escapou á morte. Estas tres mulheres perdêrão conhecimento; nenhuma d'ellas teve vomitos. A superficie da pelle era aspera, secca, enrugada, mas sem vesicacão. Lavatorios com agua e sabão, administração interior de arguarente, ammoniaco, e de ether sulfurico, bem que feita vinte e cinco minutos depois das fricções, não teve outro resultado do que salvar uma das pacientes.

Alguns envenenamentos forão tambem produzidos pelo emprego das soluções de acido phenico como antiputrido na cirurgia. Estes casos derão-se sobretudo na Inglaterra, onde este acido é usado em dóscs mui concentradas. Para os curativos das feridas não se devem empregar soluções aquosas ou aleolicas que contenhão mais de 1 por cento de acido. Ora, os inglezes fazem habitualmente uso de soluções muito mais concentradas: a solução de 2 partes de acido phenico para 100 partes d'agua é empregada em lavatorios e injeções. Fazem tambem uso frequente da solução de acido phenico em 10 e mesmo em 8 vezes o seu peso de azeite doce; esta solução mui caustica presta-se facilmente á absorção rapida, e pôde occasionar accidentes graves, quando applicada sobre largas superficies.

Os *symptomas* de envenenamento produzido pelas fricções, injeções ou curativos, feitos com soluções demasiadamente concentradas de acido phenico no alcool, agua, azeite ou glycerina, são: calafrios, vomitos, prostracão geral, pulso fraço, abaixamento da temperatura; as urinas exhalão cheiro de acido phenico. De ordinario os doentes sarão pelo emprego das bebidas estimulantes, taes como chá da India com rhum, ou poção com ether.

Contra-veneno do acido phenico. Forão propostos como contra-venenos o oleo de ricino, o azeite doce e a glycerina. É preciso engulir grandes quantidades d'estas substancias. Remedios duvidosos.

Depois de diversos ensaios, o *saccharato de cal* parece prestar serviços no envenenamento pelo acido phenico. Prepara-se dissolvendo 16 partes de assucar em 40 partes d'agua; ajuntão-se 5 partes de cal caustica extincta separadamente; deixa-se tudo em repouso durante tres dias, filtra-se e deixa-se seccar. Esta preparacão dissolve-se em agua; n'um caso de envenenamento salvou o paciente.

O saccharato de cal acha-se em algumas boticas ; se não se achar pôde ser substituído pela agua de cal misturada com assucar.

No caso em que o envenenamento tenha tido lugar pela pelle, será preciso fazer lavatorios com agua morna simples ou misturada com farinha de mostarda ; e dar a beber chá da India com rum, e a poção seguinte ás colheres :

Agua de hortelã	120 grammas (4 onças)
Xarope simples	30 grammas (1 onça)
Ether sulfurico	30 gottas.

Acido phosphorico. Existe no estado de combinação nos tres reinos da natureza, mas principalmente nos ossos dos mamíferos. O acido phosphorico das pharmacias não é acido puro, porém sim acido tri-hidratado dos chimicos ; é um liquido de consistencia de xarope, de densidade 1,45, marcando 45° no areometro Baumé. Obtem-se dissolvendo a quente 10 partes de phosphoro em 60 partes de acido azotico officinal a 1,42, diluido em 30 partes d'agua distillada, e fazendo evaporar em capsula de platina até á consistencia de xarope. Pelo esfriamento crystalliza em prismas limpidos. Diluido com 6 a 8 partes d'agua, o acido phosphorico foi aconselhado externamente em compressas, e no interior na dóse de 1 a 8 grammas (20 grãos a 2 oitavas) em poção contra a carie dos ossos e areias ; mas é pouco empregado.

Acido picrico, *acido carbazotico* ou *acido amargo* (da palavra grega *pikros*, amargo). Acido que provém da acção do acido azotico sobre grande numero de substancias organicas, entre as quaes citarei a seda, a lã, o anil, o benjoim, o balsamo de Perú, o oleo de carvão de pedra ; este ultimo fornece a mais forte proporção d'elle. É um corpo solido, crystallizado de maneira muito irregular ; de sabor amargo, de côr amarella. É soluvel na agua, no alcool e no ether. Aquecido com precaução, derrete-se e volatiliza-se ; se a temperatura se torna subitamente mui elevada, seus elementos separão-se produzindo detonação. Tinge de amarello a lã e a seda sem o intermedio de nenhum mordente ; pelo que se emprega hoje em notavel proporção na industria da tinturaria.

Os seus saes (os picratos) são todos de côr amarellada ; derretem-se e alguns detonão quando aquecidos subitamente, ou por um choque violento ; porém quando estão misturados com um corpo oxydante, como o chlorato de potassa, detonão violentamente por um choque ou na temperatura pouco elevada : pelo que os picratos são utilizados na pyrotechnia. Os *picratos de mercurio* e *de prata*, ardem derramando luz viva ; o *picrato de chumbo* pôde detonar pelo choque ; os picratos de chumbo e de mercurio entrão na composição de alguns pós fulminantes.

O *picrato de ferro* serve na pyrotechnia; crystalliza em palhetas verdes, mui soluveis. Emprega-se tambem em medicina; foi recommendado contra a chlorose, na dóse de 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) por dia.

O *picrato de ammoniaco* recebeo applicações baseadas na lentidão de sua cõmbustão e nas bellas côres de chammas que dá ardendo com o-azotato de stronciana ou de baryta.

O *picrato de potassa* crystalliza em pequenas agulhas prismaticas, amarellas, mui brilhantes, semi-transparentes, quasi insolueis no alcool, mui pouco soluveis na agua. Ao contacto dos corpos em ignição, ou aquecidos subitamente a 310 grãos, o picrato de potassa detona com violencia; não detona pelo simples choque. Levado gradualmente á temperatura de 300 grãos, pôde supportar a acção d'este calor durante mais de quarenta oito horas sem detonar.

O picrato de potassa, misturado em porções iguaes com salitre, forma a polvora quebrante, que além do seu emprego na grossa artilheria de terra e de mar, serve para carregar os terriveis apparelhos de guerra conhecidos debaixo do nome de torpedos, que se collocão na entrada dos portos, e que são destinados a fazer saltar os navios inimigos. O fio metallico de uma pilha electrica, estabelecida sobre a praia ou a bordo de um navio em estação no porto, permite communicar instantaneamente o fogo á quantidade mais ou menos consideravel de polvora quebrante, contida n'uma enorme bola ôca de ferro, de paredes mui espessas. As propriedades quebrantes da polvora de picrato de potassa, que se receião, com razão, nas armas de fogo de pequeno calibre, são, pelo contrario, procuradas n'este novo caso. O que com effeito se espera do agente explosivel, é que reduza em parecillas não sómente as paredes metallicas da bomba que encerra a composição fulminante, mas ainda tudo que se encontra sobre a sua passagem, tudo que põe obstaculo á expansão dos gazes instantaneamente formados n'este volcão em miniatura. Os navios encouraçados não tem mais terrivel inimigo do que esta mina escondida dentro da agua, e que no momento desejado, a um signal dado, rompe em uma torrente de fogo e de gaz, despedaça tudo que encontra no vasto raio de sua actividade.

O picrato de potassa é, pois, um agente explosivel de primeira força; seu manejo é mui perigoso, e para precaver o leitor contra o damno que pôde occasionar, quando se lhe approxima uma vela ou charuto acceso, vou relatar aqui o desgraçado caso que aconteceu em Pariz ha poucos annos.

No dia 16 de Março de 1869, ás quatro horas da tarde, uma

explosão formidável fazia tremer o solo do bairro latino, em Pariz; sacudia as casas, derribava as pessoas que passavão, e quebrava mais de cinco mil vidraças, no largo de Sorbonne e nas ruas adjacentes. Podia julgar-se que era um tremor de terra. Era o armazem de productos chimicos do Sr. Fontaine, situado na esquina da rua e do largo Sorbonne, que voava pelos ares. Seria impossivel descrever os effeitos immediatos, o estrondo horrivel que se produziu, o painel que apresentou então o quarteirão.

Todas as janellas estavam espadaçadas, as portas abertas, as pessoas que passavão, derribadas por terra, feridas pelos fragmentos dos vidros quebrados. Em um instante o largo de Sorbonne transformou-se em uma ambulancia, d'onde se transportavão ás suas casas ou ás boticas vizinhas as pessoas que só forão feridas. Havia scenas horrendas. O proprietario do laboratorio, o Sr. Fontaine, ferido elle mesmo, felizmente sem gravidade, procurava em vão o seu filho, cujo cadaver foi achado mais tarde todo carbonizado no meio das ruinas do armazem. Alguns segundos depois da explosão, um espesso fumo, misturado com chammas azuladas, sahia do armazem. Os bombeiros da secção vizinha chegarão promptamente e apagarão o incendio. Houve em tudo doze pessoas feridas mais ou menos gravemente pelos projectis ou destroços de differente especie, e seis mortas, entre as quaes tres empregados da casa. O armazem durante muitos dias apresentava um montão de destroços; os andares superiores da casa soffrêrão pouco.

Depois de descrever esta triste catastrophe, resta indicar a causa da deflagração. Foi durante o tempo que os empregados do laboratorio transportavão no interior uma quantidade consideravel, mais de 20 kilogrammas, de picrato de potassa, que sobreveio a terrivel detonação. Admitte-se geralmente que certa quantidade d'este sal detonante foi posta accidentalmente em contacto com o fogo, com uma vela accesa, um pavio de lume prompto, ou um charuto. Com effeito, a simples pressão do pé sobre algumas parcelas de picrato de potassa não teria podido inflamar este sal, que não detona pelo simples choque. Infelizmente, nenhuma das victimas, unicas testemunhas da causa do accidente, pode sobreviver para dar informações exactas.

Acido prussico, *acido cyanhydrico* ou *hydrocyanico*. Este acido extrahia-se primeiramente do azul de Prussia, substancia que se prepara com sangue de boi, carbonato de potassa e sulfato de ferro; hoje obtem-se do cyanureto de mercurio. Este acido produz-se na acção do acido azotico sobre as substancias organicas, e, em geral, todas as vezes que o carvão e o ammoniaco reagem na temperatura elevada.

O acido prussico das pharmacias não é o acido puro ou concentrado dos chimicos, mas sim o acido diluido, que se chama *acido prussico medicinal*. É um ponto importante que deve ser bem determinado. O codigo pharmaceutico faz preparar o acido medicinal pela fórma seguinte :

Cyanureto de mercurio.	100 grammas
Chlorhydrato de ammoniaco.	45 grammas
Acido chlorhydrico a 1,17.. . . .	90 grammas.

Introduzem-se as duas primeiras substancias, previamente pulverizadas, em uma retorta de vidro tubulado, adapta-se ao collo da retorta um tubo de 50 centimetros de comprimento sobre 15 millimetros de diametro; enche-se o primeiro terço d'este tubo com fragmentos de marmore branco, e os dois outros terços com chlorureto de calcio secco e derretido. A este primeiro tubo disposto horizontalmente, ajunta-se um segundo de [diámetro mais pequeno, curvado a angulo recto, e mergulhando pelo ramo vertical em pequeno matraz de longo collo destinada a servir de recipiente. Este matraz deve estar cercado da mistura de sal marinho e gelo pilado. Luta-se o aparelho, deita-se o acido sobre o cyanureto e chlorhydrato pela tubuladura da retorta, aquece-se gradualmente afim de que a reacção seja lenta e successiva. O acido prussico não tarda a desenvolver-se e a condensar-se no tubo horizontal. Approxima-se ao tubo um carvão acceso, afim de expulsar o acido e obriga-lo a passar no matraz. Cessa-se a operação quando, estando o liquido da retorta sempre em plena ebullicão, já não se observa o menor vestigio do vapor condensar-se na parte posterior do tubo horizontal. Cumpre ter o cuidado de não se expôr aos vapores prussicos.

O acido assim obtido é anhydro, isto é, sem agua, mui volatil; é liquido, podendo solidificar-se na temperatura de 15 graus abaixo de zero. Para ter o acido medicinal, ajunta-se-lhe nove vezes o seu peso d'agua distillada, e agita-se. É esta mistura que constitue o acido prussico *ao decimo*, ou acido prussico medicinal. Pela mistura com agua, o acido prussico produz ao mesmo tempo abaxamento notavel de temperatura, e uma contracção de volume consideravel.

.O *acido prussico medicinal* é um liquido mui fluido, incolor, de cheiro de amendoas amargas, soluvel, em fortes proporções, na agua e no alcool. Deve ser guardado ao abrigo da luz, em frascos tapados com rolha esmerilhada, pretos ou amarellos. Como, apesar d'estas precauções altera-se assaz promptamente, é preciso reformalo de tempo em tempo. Alterando-se toma côr roxa, cada vez mais escura, e depõe grande quantidade de materia negra. Ao cabo de

um tempo, que não é longo, não se encontra mais acido quer livre quer combinado.

O cheiro do acido prussico, espalhado em grande quantidade de ar, é o mesmo que o das amendoas amargas, sendo porém tão forte, que produz vertigens e dôres de cabeça.

O acido prussico existe na natureza n'um estado de extrema divisão; toma nascimento em grande numero de reacções chemicas, e acha-se todo formado em certas plantas. Foi reconhecida sua presença nas folhas, flores e amendoas do pecegueiro, nas amendoas e caroços de algumas fructas, nas pevides da laranja, do limão, maçã, cerejas, nas amendoas amargas, e mais particularmente nas folhas do louro-cereja: entra tambem na composição de varias substancias domesticas, como por exemplo no doce chamado *maçapão*, e nos licores de mesa, taes como *kirschenwasser*, *ratafia de cerejas*, etc., que lhe devem em parte o aroma, e o sabor de amendoas amargas, que agrada a muitas pessoas. O acido prussico existe em tal quantidade nas folhas do louro-cereja, que o uso d'ellas é sempre perigoso. Convem não introduzir nos alimentos, senão em mui pequena quantidade, todas as substancias que contém o acido prussico.

O acido prussico puro é tão venenoso, que basta deitar uma gotta sobre a lingua ou n'um olho de um cão grande para fazê-lo perecer depois de uma ou duas respirações. Se o acido está diluido em agua, os symptomas desenvolvem-se mais lentamente ao cabo de alguns minutos; consistem em vertigens, difficuldade de respirar, augmento das pancadas do coração, convulsões e insensibilidade geral. Este acido, derramado em certa quantidade sobre a pelle, pôde só pelo seu contacto occasionar graves accidentes, e até a morte, como aconteceu a um chimico de Vienna, Scharinger, que succumbio em poucas horas por haver derramado accidentalmente acido prussico n'um braço. Simplesmente respirado pôde occasionar symptomas mui graves. O chimico Scheele, que descubrio este acido em 1782, e que morreo subitamente no meio das suas pesquisas, passa por ter sido uma das suas primeiras victimas.

O *acido prussico medicinal*, isto é, o acido anhydro diluido em 9 partes d'agua, foi aconselhado contra as tosses nervosas, gota coral, asthma e tísica, mas é medicamento infiel. Pôde ser dado na dóse de 6 até 15 gottas progressivamente, em 120 gram. (4 onças) d'agua distillada, não adoçada. Esta dóse administra-se em 24 horas, ás colheres *de sopa*; uma colher de hora em hora. Esta mistura deve estar n'um vidro coberto de papel preto, e o doente deve mexê-la sempre que quizer tomar a dóse, para evitar a accumulacão do acido, o qual, por ser mais leve do que a agua, sobrenada na superficie.

O modo mais prudente de administrar o acido prussico medicinal é em agua distillada simples. Existem nos diversos formularios receitas de xaropes d'acido prussico cujas forças em acido varião muito. Importa indicar exactamente a formula que se deſeja empregar; e como o xarope de acido prussico não se conserva, o medico deverá sempre fazer a formula para evitar qualquer equívoco e todo o accidente. Devo a este respeito citar aqui um triste caso que aconteceu n'um hospital de Pariz, em Bicêtre, no mez de Junho de 1822.

Tendo um medico d'aquelle hospital obtido em alguns doentes, que tratava fóra do hospital, resultados vantajosos do emprego do xarope de acido prussico de Magendie, na dóse de meia onça, contendo $\frac{1}{129}$ parte d'acido, receitou duas oitavas d'este xarope, no hospital, para cada um de sete doentes epilepticos. Mas, em lugar do xarope de acido prussico de Magendie, o pharmaceutico do hospital deo um xarope preparado segundo a receita do hospital, o qual xarope continha $\frac{1}{10}$ parte de acido, e foi por conseguinte 13 vezes mais forte do que o primeiro. Os sete doentes que tomãrão essa dóse morrerão em pouco tempo; aquelle que resistio mais succumbio no fim de tres quartos de hora; outros no fim de quinze, vinte ou trinta minutos. Em todos se observãrão os mesmos symptomas: perda de sentidos, convulsões, respiração agitada, espuma na bocca, corpo coberto de suor, pulso frequente; logo depois de uma excitação succedeo um abatimento gradual que se terminou pela morte.

O acido prussico é por conseguinte um dos mais violentos venenos que se conhecem. O acido obtido pelo processo de Gay-Lussac, tomado na dóse de 1 gotta, mata instantaneamente; o que se obtem pelo processo de Scheele, bem que menos energico, envenena sem que se possa remediar o mal, mesmo em pequena dóse. O tratamento dos accidentes produzidos pelo acido prussico mui diluido, e pelo que se encontra nas folhas do louro-cereja e outras substancias acima indicadas, acha-se descripto no artigo ENVENENAMENTO.

Acido pyrogallico. *Veja-se* ACIDO GALLICO.

Acido sulphydrico, *acido hydrosulfurico, acido hydrothionico, gaz hydrogeneo sulfurado, gaz hepatico ou gaz fetido.* Gaz incolor, de cheiro desagradavel de ovos chocos. Mui espalhado na natureza, acha-se no estado livre e no de combinação. É um dos resultados da digestão e da decomposição de grande numero de substancias que contém enxofre ou sulfatos. Dissolvido em certas aguas constitue as aguas chamadas sulfurosas, e n'ellas se encontra no estado livre ou salino; taes são as aguas mineraes da villa de

Caldas na provincia de Minas, no Brasil, das Caldas da Rainha em Portugal; de Baresges na França, etc. Este gaz é a causa mais ordinaria da asphyxia produzida pelas exhalações das latrinas e dos canos de despejo.

Acido sulfurico ou *oleo de vitriolo*. O acido sulfurico ordinario é um liquido branco, inodoro, de consistencia oleaginosa, marca 66 grãos no areometro; toma côr amarella, roxa e mesmo preta, pelo contacto das menores parcellas organicas, que elle ataca e destroe subitamente. Exposto ao ar, attrahe a humidade d'este e perde por conseguinte a força. Puro, é um caustico dos mais energicos, e emprega-se para cauterizar as mordeduras dos animaes damnados e das cobras peçonhentas; diluido, administra-se internamente como adstringente, tonico e temperante. A dóse do acido é de 40 a 30 gottas para 1 litro (32 onças) d'agua, ou quanto baste para acidular agradavelmente este liquido; pois que a dóse de acido, que se deve deitar em cada litro d'agua, não póde ser determinada exactamente: depende do seu gráo de concentraçõ e de pureza. O paladar é o melhor guia n'esta circumstancia. A agua assim acidulada, e adoçada com assucar, chama-se *limonada sulfurica*; admistra-se nas febres.

Acido sulfuroso. Este acido é o gaz que se forma quando se queima o enxofre ao ar. Existe na natureza nas vizinhanças dos volcões. É incolor, de cheiro suffocante, mui soluvel na agua. No estado gazoso, emprega-se para branquear a seda, para tirar da roupa as nodoas de fructas; e administra-se com vantagem em fumigações, contra as molestias cutaneas.

Acido tannico. *Veja-se* TANNINO.

Acido tartarico ou **tartarico**. Não se acha na natureza, senão no estado de sal, e unido á potassa ou cal. Crystalliza em laminas largas ou prismas achatados, inalteraveis ao ar, sem côr nem cheiro, e de sabor mui acido. É usado como refrigerante debaixo da fórma de limonada, nas molestias febris. Dóse: 2 a 4 gram. (meia a 1 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua adoçada. Em alta dóse, obra como irritante, e poderia tornar-se perigoso.

ACNE. Os medicos dão este nome a uns botões ou pustulas que apparecem pelo rosto e ás vezes pelo tronco, e a que vulgarmente chamão *espinhas*. Ha muitas especies de acne; as principaes são:

1º *Acne simples*; consiste em pustulas, isoladas, acuminadas, cercadas de areola vermelha, espalhadas pela face, espadoas, peito; seguidas, depois de seccas, de manchas violaceas, de indurações tuberculosas ou de pequenas cicatrizes.

2º *Acne endurecida*; sarabulhos, como os da primeira especie, maiores, mais numerosos, mais duros e mais dolorosos.

3º *Acne pontuada*; ductos das glandulas sebaceas intumecidos, cheios de materia sebacea, concreta em fórma linear ou vermiforme, preta na extremidade do ducto, e ás vezes sobresahida; situação no rosto. (*Veja-se ESPINHA CARNAL.*)

4º *Acne rosacea, caparrosa do rosto ou gota rosada*. Principia pelo nariz; depois de um excesso de regimen, ás vezes depois de uma simples comida; a ponta d'este orgão toma côr vermelha violacea. Esta vermelhidão torna-se logo habitual, e dá á physionomia um caracter particular. De tempo em tempo apparecem algumas *pustulas*, que ordinariamente não suppurão; a vermelhidão estende-se e augmenta de intensidade. Estas congestões renovadas dão ao nariz um volume mais consideravel, e uma fórma differente da que tinha. Sua superficie cobre-se de linhas azuladas varicosas; em certos casos estende-se ás faces, testa, barba, e a todo o rosto. (*Veja-se GOTA ROSADA.*)

ACONITINA. Principio activo do aconito. Apresenta-se sob a fórma de pó branco, inodoro, excessivamente acre e amargo, mui solúvel no alcool e no ether, apenas solúvel na agua fria, mas solúvel em 50 vezes o seu peso d'agua fervendo. É um veneno narcotico acre. Emprega-se comtudo na medicina, mas em dóse mui pequena, internamente, na dóse de meio a 4 milligramma ($1/100$ a $1/50$ de grão) por dia, nas nevralgias e rheumatismos. É um medicamento perigoso.

ACONITO. *Aconitum napellus*, Linneo. Ranunculaceas. Planta que habita nas montanhas da Europa, e é cultivada no Brasil. (Fig. 5.) A haste, de 3 a 4 pés de altura, é direita; as folhas são divididas em cinco ou sete lobulos; flores azues dispostas em espiga; a raiz como a de um pequeno nabo, denegrida por fóra e branca por dentro; o cheiro de toda a planta é fraco, mas nauseoso, sabor amargo e acre. As folhas e a raiz d'esta planta empregão-se na asthma, hydropisia, rheumatismo, na dóse de 10 a 120 centigrammas (2 a 24 grãos) por dia. *Extracto* na dóse de 5 a 30 centigrammas (1 a 6 grãos). *Alcoolatura* (tintura da planta recente) na dóse de 10 a 20 gottas,

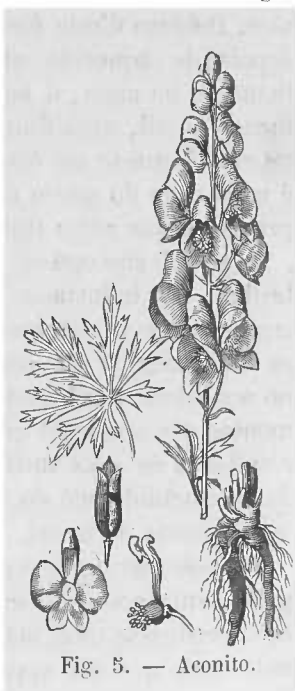


Fig. 5. — Aconito.

Em alta dóse (1 a 2 oitavas), o aconito póde envenenar. A raiz, que se parece com um pequeno nabo, como disse, tem produzido funestos enganões, porque n'ella reside toda a energia da planta. Seus renovos podem ser tomados pelo aipo, mas resulta d'isso pouco damno, por não ter ainda esta parte da planta todos os succos venenosos que adquire mais tarde.

A planta cultivada nas hortas é muito menos energica em seus effeitos venenosos do que a agreste. Eis-aqui os symptomas do envenenamento pelo aconito: suores por todo o corpo, pallidez do rosto, difficuldade de engulir, dilatação das pupillas, dôr de cabeça, vertigens, perda da memoria, salivação, frio nas costas, escurecimento da vista, nauseas, vomitos biliosos, evacuações alvinas liquidas e involuntarias, cansaço geral, desmaios, fraqueza extrema, pulso mui fraco, vacillação dos joelhos, convulsões, paralyisia nos braços, somnolencia, suores frios na testa, intelligencia e falla livres, ás vezes delirio, labios violaceos, enfim a morte. Para o *tratamento*, veja-se o artigo ENVENENAMENTO PELO ACONITO.

AÇO. Substancia metallica formada de ferro puro e de pequena quantidade de carbone, variando este de 1 a 2 centesimos. Debaixo d'esta fórma o ferro adquire propriedades novas. Se, depois de aquecido até ao rubro, esfria subitamente mergulhando-o na agua, o aço torna-se muito elastico, menos denso, menos ductil, mais duro e mais quebradiço do que o ferro: n'este estado chama-se *aço temperado*. O aço arrefecido pouco a pouco não é mais duro do que o ferro ordinario, e conserva as mesmas propriedades que antes tinha.

O aço é susceptivel de receber, pelo polimento, um grande brilho. As industrias modificão as propriedades d'este metal, segundo suas conveniencias respectivas. Os buris, tesouras, e todos os instrumentos que servem para trabalhar na pedra, no ferro ou no aço, devem ter uma tempera mais forte que as facas e ferramentas dos operarios que trabalham em madeira. Obtem-se estes resultados de dois modos: fazendo variar a temperatura e o grão de conductibilidade do meio refrigerante, ou mudando o grão do aquecimento do metal.

Póde-se distinguir o aço do ferro deitando na superficie do metal polido uma gotta de acido sulfurico enfraquecido; se o metal é aço, produz-se uma mancha preta devida ao carvão posto a nú, entretanto que não apparece no ferro senão uma mancha esverdeada que desaparece facilmente lavando-a com agua.

AÇOFEIFA. Veja-se JUBUBA.

ACUPUNCTURA. Pequena operação que consiste em introduzir nos tecidos ou nos orgãos, agulhas finas quasi capillares, e

deixa-las ali algum tempo com o fim de curar as molestias. Empregada desde muito tempo, e do uso vulgar entre os Chins e os Japonezes, a acupunctura foi introduzida na pratica europea no fim do decimo setimo seculo; usa-se, porém, raras vezes. Pratica-se fazendo penetrar branda e gradualmente, agulhas nas regiões doentes, na profundidade de 4 a 6 centimetros, tendo o cuidado de estirar a pelle para facilitar a introdução. Todos os tecidos: musculos, nervos, arterias, veias, coração, paredes do estomago, pelle, etc., serão perforados sem inconveniente pela acupunctura. As molestias contra as quaes esta operação foi empregada são: as dôres rheumaticas e nevralias, a sciatica, tico doloroso da face, o soluço renitente, a gastralgia, o lumbago, a epilepsia que parte de um ponto fixo, o trismo, as febres intermitentes, a gota, a coqueluche, etc.

AÇUCENA. *Lilium*. Genero da familia das Liliaceas, contém plantas herbaceas que brotão de um bolbo composto de escamas carnosas e imbricadas; caule simples, levantado, guarnecido de folhas sesséis, estreitas, verticilladas ou dispersas; flores campainiformes ou reviradas, dispostas em racimo ou panicula terminal, sem calice, e tendo um unico envoltorio corado, de seis segmentos. Este genero comprehende mais de cincoenta especies, todas notaveis pela elegancia das flores. A especie principal é a Açucena branca ou commum (*Lilium candidum*), originaria da Syria, mas espalhada hoje por todo o globo; todos conhecem as suas grandes flores, de um branco puro, mui cheirosas, em fórmula de campainha, e com bordos revirados. Não se devem conservar estas flores nos quartos fechados, porque podem produzir dôres de cabeça, vertigens e mesmo syncopes. A açucena está exposta aos estragos de um insecto vermelho, que destroe as flores em pouco tempo. O unico meio de desembaraçar-se d'elle consiste em ir tirando as suas larvas á medida que ellas apparecem. O cheiro da açucena branca emprega-se para perfumar as pomadas, essencias, oleos, etc. O bolbo, cozido no borrarho, usa-se ás vezes como cataplasma contra os frunchos.

ADENITE. Inflammção de uma glandula lymphatica. *Veja-se* GLANDULA.

ADOLESCENCIA. A adolescencia é aquelle periodo da vida comprehendido entre os primeiros signaes da puberdade e a época em que o corpo já tem adquirido todo o seu desenvolvimento. Para as considerações hygienicas *veja-se* IDADE.

ADSTRINGENTES (Medicamentos.) Os medicamentos adstringentes são aquelles que, postos em contacto com os tecidos vivos, produzem n'elles uma especie de aperto. Em consequencia

d'esta propriedade, estes medicamentos applicados sobre a superficie de uma ferida fazem parar o corrimento do sangue. O paladar pôde fazer reconhecer as substancias adstringentes ; o sabor acre que deixão na lingua é conhecido de todos. Os medicamentos d'este genero mais empregados, são : pedra hume, vinagre, tannino, noz de galha, cato, ratanhia, bistorta, casca de romã, rosas rubras, sumo de limão, casca de barbatimão, de jiquitibá, o sumo de canna do brejo. (*Veja-se cada uma d'estas palavras.*)

ADUBOS. *Veja-se TEMPEROS.*

ADYNAMIA. Reunião de certos symptomas que apparecem nas molestias graves. Estes symptomas são : abatimento da phisionomia, difficuldade ou impossibilidade de mover-se, diminuição da intelligencia, fraqueza do pulso, paralyisia da bexiga, máo cheiro das evacuações, etc. Combate-se o estado adynamico, no seu principio, com as limonadas de limão, de laranja ; outras vezes, com um purgante. No segundo periodo empregão-se os medicamentos tonicos e estimulantes, o vinho de quina, a camphora, o almiscar, a serpentaria de Virginia, a valeriana, a noz moscada, etc.

AFFECÇÃO. É synonymo de doença ou molestia, e diz-se affecção cutanea, escrophulosa, escorbútica, etc.

AFFRONTAÇÃO. Sensação de calor que sobe do ventre á cabeça, com coloração da face, difficuldade de respirar, afflicções e tonturas. Muitas molestias podem produzir este symptoma, que merece maior ou menor consideração, segundo fôr *habitual*, ou só *accidental* e passageiro. No primeiro caso, depende de asthma ou de alguma affecção do coração, pulmão, figado ou outra ; no segundo, pôde ser um mero phenomeno nervoso sem gravidade, e mais incommodo do que perigoso. Durante a affrontação, qualquer que seja a sua causa, cumpre desapertar os vestidos e tirar todos os atilhos que possão difficultar a circulação ou respiração, assentar o doente n'uma cadeira de braços ou sobre a cama, sustentando-lhe o corpo com almofadas, abrir as janellas ou portas do quarto, para que o ar possa circular livremente, mergulhar os pés e as mãos do enfermo em agua quente, dar-lhe a beber algumas colheires d'agua fria com assucar e agua de flores de laranjeira, e applicar sinapismos nas barrigas das pernas. Algumas gottas de ether sulfurico n'uma colher de agua com assucar, a inspiração da agua de Colonia ou de vinagre podem tambem alliviar a affrontação. Nas mulheres nervosas, convem lançar-lhes no rosto, reiteradas vezes, algumas gottas de agua fria.

A affrontação pôde ser simplesmente o resultado de uma obesidade extrema. As pessoas que se acharem em tal caso devem morar

em aposento espaçoso, n'um lugar arejado e elevado, evitar carreiras e todos os exercicios violentos, comer mais vegetaes do que carne, e tomar de vez em quando um purgante.

AFITO. *Veja-se* INDIGESTÃO.

AFOGADOS. Chamão-se assim a todos os individuos que, cahidos n'agua, são tirados d'ella mortos ou sómente privados dos sentidos.

É um erro popular, e summamente nocivo, crêr que os afogados succumbem por terem engulido grande quantidade d'agua : os afogados morrem de asphyxia, isto é, da privação do ar atmosferico, que elles não podem respirar, por terem a cabeça debaixo da agua.

Quando um individuo se afoga, debate-se com violencia, e vem algumas vezes á tona d'agua, onde respira ; torna a ir ao fundo, agarra-se a todos os corpos que encontra, raspa até com a mão o fundo da agua ; mas pouco a pouco suas forças diminuem, e sobrevivem os symptomas da asphyxia. Em geral esta tem lugar de uma maneira lenta, e as ancias do afogado podem prolongar-se bastante tempo ; outras vezes o individuo perde os sentidos ao cahir n'agua, quer por causa do susto, quer pela impressão da agua fria, ou por ser acommettido de um ataque apoplectico : a morte é então muito prompta.

Socorros que se devem dar aos afogados. Está indubitavelmente provado que uma pessoa póde ficar por muito tempo debaixo d'agua sem morrer, e por isso cumpre prestar-lhe os necessarios soccorros, mesmo quando se julgue o seu estado irremediavel. Só os signaes da morte, é que podem tornar inuteis os soccorros. Estes signaes são : ausencia da respiração, falta do pulso e das pancadas do coração, frio glacial, insensibilidade ás incisões e ás cauterizações, rijeza cadaverica, e, mais tarde, a putrefacção. Os soccorros devem por consequinte ser ministrados a todo o individuo que, tirado da agua, não apresentar estes signaes.

Não se deve perder um só instante : o afogado deve ser transportado, sem a menor demora, para um local disposto de maneira que os soccorros possam ser-lhe dados facilmente. A primeira precaução consiste em deita-lo horizontalmente, sobre o lado direito, com a cabeça descoberta e mais alta que o peito, e este mais alto que as pernas. Collocar-se-ha a cama no meio do quarto, para que as pessoas que ministrão os soccorros possam mover-se facilmente ao redor d'ella. Cinco a seis pessoas são sufficientes para dar os soccorros; maior numero poderia causar estorvo. Muita gente ainda crê que a morte dos afogados procede da entrada da agua no estomago e no peito, e por isso cuida que é necessario pendurar o afogado pelos

pés, com a cabeça para baixo. Semelhante pratica deve ser totalmente abandonada, porquanto está hoje sabido que ella tem sido funesta, pois favorece a congestão cerebral, que é uma das causas frequentes da morte dos afogados. É bom sómente, depois de deitar o corpo sobre o lado direito, abaixar uma ou duas vezes a cabeça, segurando-a com a mão.

Esta operação deve durar só meio minuto de cada vez, e é inutil repeti-la se não sahir agua. Depois d'isto, deve-se collocar a cabeça mais elevada do que o resto do corpo.

É urgente despir immediatamente o afogado, e para não perder tempo, cortem-se ou rasguem-se os vestidos.



Fig. 6. — Movimento de inspiração.

Enxugue-se a superficie do corpo, e embrulhe-se o afogado n'um cobertor de lã. Depois, esfreguem-lhe ao mesmo tempo o peito, ventre, coxas, pernas, pés e braços, com escova secca, com um pedaço de baeta quente, ou mesmo com o cobertor em que estiver embrulhado. Estas fricções tem por fim aquecer o corpo.

Approxime-se-lhe ás ventas um lenço molhado em vinagre ou em agua de Colonia.

Ao mesmo tempo que se praticão as fricções pelo corpo, deve-se procurar restabelecer a respiração, fazendo-se contrahir artificialmente o peito. Para este fim emprega-se o methodo indicado ultimamente por Henrique Sylvester. Os movimentos imprimidos aos braços são a base d'este methodo. Consiste elle na imitação de uma profunda respiração natural, e obtem-se fazendo jogar os mesmos musculos que a natureza emprega para esta funcção. N'uma inspiração ordinaria larga, levantamos as costellas por meio dos musculos que vão do peito aos hombros ; d'esta maneira produz-se o vacuo

que permite ao ar introduzir-se nos pulmões. Podem-se levantar artificialmente as costellas, estendendo vigorosamente os braços do afogado até aos dois lados da cabeça ; este movimento alarga a cavidade do peito , produz-se então um vacuo, e uma corrente de ar afflue immediatamente para os pulmões. A expiração é produzida pela simples compressão dos lados do peito por meio dos braços do paciente.

Eis-aqui como se deve proceder :

Deitar o paciente de costas, com os hombros levantados e sustidos por um vestido dobrado, e com os pés apoiados.

Levantar os braços de ambos os lados da cabeça, e segura-los brandamente, mas com firmeza, assim levantados durante dois



Fig. 7. — Movimento de expiração.

segundos. Este movimento, levantando as costellas, alarga a capacidade do peito, e produz uma inspiração (Fig. 6).

Abaixar depois os braços, e comprimi-los brandamente, mas com firmeza, durante dois segundos contra os lados do peito. Este movimento, comprimindo as costellas, diminue a capacidade do peito, e produz umã expiração forçada (fig. 7).

Repetir estes movimentos alternadamente, e com perseverança quinze vezes por minuto.

O methodo de Sylvester, para restabelecer a respiração no caso de morte apparente, em consequencia de submersão, offerece a immensa vantagem de ser mui simples e mui pratico, de não exigir nenhum instrumento particular, e de poder ser executado immediatamente por qualquer pessoa.

Administrar um clyster preparado com um copo d'agua morna e quatro colheres *de sopa* de sal de cozinha. Aplicar sinapismos nas pernas, introduzir rapé no nariz, e sal na bocca.

Quando o afogado principiar a dar signacs de vida, dêm-se-lhe algumas colheres de vinho ou de aguardente com assucar; note-se porém, que o emprego de qualquer liquido, antes de poder ser engulido, seria funesto, pois que, em lugar de ir para o estomago poderia penetrar nas vias respiratorias. — Se o doente adormecer e tiver um somno largo, convem não acorda-lo.

Não se póde ter a pretensão de reanimar um afogado logo nos primeiros minutos; esteja-se pois bem persuadido que muitas vezes é necessario continuar os cuidados *duas horas e mais*; e por isso os soccorros devem ser prestados por muito tempo, *sem descorçoar*.

Maneira de soccorrer uma pessoa que se afoga. Se desejais salvar da morte a alguma pessoa que se afoga, tende o cuidado de não vos approximardes d'ella de maneira que vos possa agarrar uma perna, braço ou corpo; porque não vos largaria, e por mais destro e vigoroso que sejais, terieis de succumbir com ella. Sobretudo, escondi-vos á sua vista, quanto vos fôr possível. Antes de agarrar-la, examinai-lhe os movimentos; collocai-vos atraz d'ella, aproveitai-vos do momento em que puderdes agarrar-la com as mãos por debaixo dos braços; e nadando vigorosamente com os pés, levai-a por cima da agua. Se tiver perdido os sentidos, podereis então sem perigo agarrar-la pelos cabellos, e puxa-la d'essa maneira até á margem do mar ou do rio.

Alguns preceitos sobre a natação, no artigo NADAR, podem servir de complemento ao presente artigo.

AGÁRICO DO CARVALHO OU BOLETO DA ISCA DE COURO, OU DA ISCA DE SOLA, AGÁRICO DOS CIRURGIÕES, AGÁRICO OU ISCA SEM SALITRE. *Boletus igniarius*, Linneo. Vegetal da familia dos Cogumelos, que habita sobre o tronco das arvores velhas, como o carvalho; a faia, etc. É sessil, orbicular, achatado, molle por dentro, coberto de uma camada denegrida e coriacea, branco pela face inferior, de cheiro bolorento. Tira-se-lhe a casca, põe-se a secçar, corta-se em pedaços, que se batem com maços de páo para ficarem macios e flexiveis. Assim preparado é o *agárico dos cirurgões*, que se emprega para vedar as hemorragias das cisuras das biças e outras hemorragias pequenas: obra mecanicamente, adaptando-se exactamente ao orificio dos vasos. Impregnado da solução de perchlorureto de ferro a 30 grãos, constitue a *isca hemostatica*, que atalha o corrimento sanguineo com promptidão: basta applica-la com o dedo sobre a abertura sangrenta, comprimir por dez a quinze minutos, e mantê-la com atadura. A *isca para accender fogo*, é o agárico do carvalho, macerado em agua carregada de azotato ou de chlorato de potassa, e depois secco ao ar.

AGATA. Pedra fina assim chamada do nome de um rio da

Sicilia, em cujas margens forão achadas as primeiras agatas. Variedade de quartzo, contendo todas as pedras que não tem o aspecto vitreo. As agatas reconhecem-se pelas suas côres vivas e variadas, ordinariamente misturadas de fitas ondeadas e concentricas; sua fractura é semelhante á da cera. Quando as fitas de côr são pouco numerosas, e suas côres muito differentes, preto e branco por exemplo, a agata chama-se *onyx*. As agatas são empregadas para camafeos e na gravura sobre pedra. Usão-se tambem, por causa da sua dureza, para o confeição dos almofarizes, das moletas, etc. No Brasil ha jazidas de agata na provincia do Rio Grande do Sul. Fazem-se hoje agatas artificiaes que imitão perfeitamente as da natureza.

AGGLUTINATIVO. Que serve para agglutinar, apegar, unir as bordas da ferida. Dá-se o nome de *agglutinativos* ás substancias emplasticas, que adherem fortemente á pelle; taes são : o diachylão gommado, o tafetá ou encerado inglez, etc.

AGONIA. Ultimo combate do doente contra a morte. Este estado só tem lugar quando a vida desaparece gradualmente. Em diversas affecções a agonia não existe. Ella é caracterizada pela alteração profunda da physionomia, pela fraqueza extrema dos movimentos e da voz, abolição progressiva dos sentidos, respiração desigual e estertorosa, diminuição successiva do calor, que se extingue pouco a pouco das extremidades até ao tronco. Este estado pôde durar poucas horas sómente, ou prolongar-se por muitos dias; ás vezes persiste muitas semanas: sua duracão ordinaria é de doze a vinte e quatro horas.

A morte nem sempre é o fim inevitavel d'este ultimo esforço da organização. Existem casos, infelizmente raros, em que a arte conseguiu arrancar das bordas do sepulcro o moribundo que parecia estar a ponto de descer a elle. É preciso por conseguinte, até ao ultimo momento, prodigalizar ao agonizante os cuidados da amizade e os soccorros da medicina. É bom saber-se tambem, que muitas pessoas chegadas a este estado extremo, conservão a faculdade de ouvir e de entender, e que por conseguinte, devem-se não só evitar quaesquer palavras indiscretas, mas pôde-se esperar que sintão as ultimas consolações que se lhes dão.

Os remedios devem cessar, quando o doente chega ao estado de agonia; algumas colheres de vinho doce podem ser-lhe administradas com ventagem.

AGRIÃO ou **AGRIÕES.** *Sysimbrium nasturtium*. Linneo. Cruciferas. Esta planta é mui commum na Europa; acha-se nos ribeiros, fontes e prados humidos; é cultivada no Brasil. O caule, do comprimento de 30 centimetros, é reptante; folhas quasi cor-

diformes (em fôrma de coração); flores brancas; sabor picante, um tanto amargo; cheiro quasi nullo (fig. 8). É um alimento de que se faz uso frequente com carnes assadas. O sumo de agriões, na dóse de 60 grammas (2 onças) por dia, puro ou misturado com o de almeirão, emprega-se com vantagem nas pessoas affectadas de molestias de pelle, e nas que são predispostas ás escrophulas; mas as suas virtudes são mais efficazes no escorbuto.

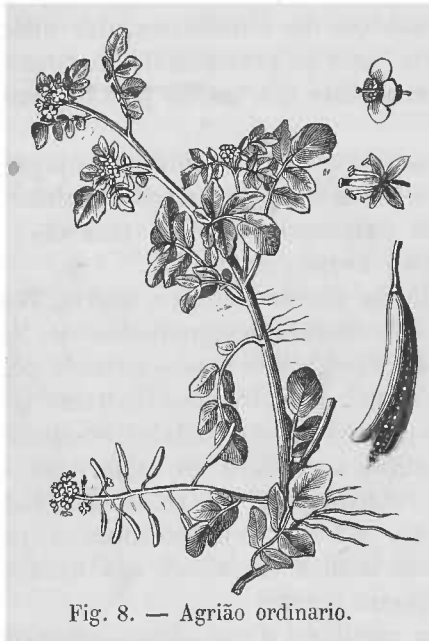


Fig. 8. — Agrião ordinario.



Fig. 9. — Agrião do Pará.

Agrião do Pará, JAMBÚ, JAMBÚAÇÚ, JAMBU-RANA, *Spilanthes oleracea*, Linneo. Planta da familia das synanthereas-senecioides, que habita no Pará e outras partes do Brasil. O caule, da altura de 1 pé, é molle, succulento, guarnecido de folhas subcordiformes, ovas, denteadas; flores dispostas em capitulos esphericos um pouco cónicos; florões amarellos; sabor acre (fig. 9). No Pará emprega-se como alimento, cozido e mesmo crú. Em medicina usa-se como excitante e antiscorbutico, sob a fôrma de xarope, que se administra na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

AGRIMONIA. *Agrimonia eupatoria*. Rosaceas sanguisorbeas. Planta herbacea da Europa, que em Portugal habita nos montes, caminhos, nos arredores de Coimbra, e outras partes do Reino. Folhas alternas, pinnuladas com impar, molles, empubescidas; os foliolos são denteados, alternativamente grandes e mui pequenos, e vão augmentando de tamanho até ao apice; flores amarellas, dispostas em espigas terminaes; fructo, capsula estriada,

angulada. As folhas de agrimonia são levemente adstringentes; a infusão d'ellas emprega-se em gargarejos contra as esquinencias; prepara-se com 20 grammas (5 oitavas) da planta e 1000 grammas (32 onças) d'agua fervendo.

AGUA. A agua pura, ou misturada eom substancias que alterão pouco as suas propriedades, é a bebida cujo uso habitual é o mais proprio para entreter o livre exercicio das funcções. A agua, para ser boa, deve ser fresca, limpida, sem côr, nem cheiro, sem sabor desagradavel, salgado ou adocicado. Deve ser arcjada, dissolver o sabão sem formar grumos, e cozer os legumes seccos, como, por exemplo, os feijões. A agua deve o seu sabor á presença do ar; e por isso quando pela ebullicão ou distillação se faz desapparecer este gaz, torna-se a agua insipida e pesada ao estomago. A agua pura molha mais faeilmente do que as aguas impregnadas de sacs metallicos e terrcos, chamadas *aguas pesadas*, achando-se por isso mais asperas quando se lhes quer pegar

A *agua de chuva* é a mais pura que se pôde encontrar na natureza; assemelha-se muito com a agua distillada, por ser o resultado da evaporação. Nos lugares em que não existem fontes nem rios, conserva-se a agua de chuva em tonneis, cujo fundo deve estar guarnecido de carvão em pó, e não se deve guardar a primeira que eaher, pois que esta contém insectos e outros corpuseulos que a corrompem. Antes de fazer uso d'ella, é preeiso filtra-la, e para a tornar arejada, cumpre agita-la por algum tempo ao ar livre.

A *agua que provém do derretimento da neve e do gelo* não tem outro inconveniente senão o de não conter ar, e aeabei de indicar o meio de remedia-lo.

A *agua de fonte* não é outra eousa senão a agua de chuva, que tem atravessado differentes terrenos, e que se tem reunido á superficie de eertas camadas impenetraveis aos liquidos, depois de dissolver algumas substancias que compõem esses terrenos; d'onde resulta que se approxima muito pela sua composição á agua da chuva, quando não tem estado em contacto senão eom roehedos de silica, sobre os quaes não tem acção alguma; entretanto que pôde ter em dissolução grande numero de gazes, saes e substancias organicas, quando tem atravessado terrenos de natureza diferente. Neste ultimo caso não dissolve o sabão, nem pôde cozer legumes. A agua das fontes que bebemos contém geralmente um poueo de sal de eozinha, carbonato de eal e de sulfato de potassa, mas não em dóse tão alta que a torne impropria para os usos eulinarios. Toma-se na naseente, ou depois de percorrer alguma distancia, maior ou menor, exposta ao ar.

A *agua de poços* contém ordinariamente grande quantidade de

saes, pelo que não amollece os feijões que se fazem ferver n'ella, e decompõe o sabão transformando-o em grumos. Nas grandes cidades esta agua contém muitas materias organicas em dissolução; todavia a agua de alguns poços é muito boa para beber.

A *agua de rio* contém alguns saes, porém menos do que a precedente. A mais isenta de materias salinas é a que corre por leito arenento ou pedregoso. Contém ás vezes immundicias e materias terreas. Póde ser privada d'estas substancias, filtrando-a ou fazendo-a passar por uma camada de areia ou de pedra porosa, como se faz com a agua do Sena em Pariz.

A *agua das lagoas, tanques e pantanos* contém, mais ou menos, substancias vegetaes e animacs. Se se fôr obrigado a usar d'estas aguas, será preciso fervê-las primeiro. Os gases nocivos desprendem-se, as materias cozem-se; cõa-se depois esta agua fervida a travéz de areia, ou, melhor ainda, a travéz de carvão em pó, e dá-se-lhe, agitando-a, o ar de que foi privada pela cozedura. Do mesmo modo procederá quem beber as aguas dos lamaças.

A *agua do mar* tem um cheiro nauseativo, um sabor desagradavel, amargo, mais ou menos salgado. Contém acido carbonico e muitos saes, taes como o chlorureto de sodio, de potassio, de magnesio; os ioduretos e bromuretos dos mesmos metacs; os sulfatos de soda e magnesia. Administrada internamente é purgativa na dóse de duas a quatro chicharas. Fazendo-a ferver em vasos analogos aos alambiques, a agua passa ao recipiente com carbonato de ammoniaco, que lhe communica cheiro e sabor desagradaveis; mas expondo-a por alguns dias ao ar, e agitando-a, perde suas más qualidades e torna-se potavel. Assim é que se purifica a agua do mar para se beber durante as viagens.

Conservação da agua. Para ter a agua fresca na estação quente, costuma-se conserva-la em vasos de barro mui poroso. Certa quantidade de liquido transuda pelas porosidades que apresentam esses vasos, e experimenta uma evaporação, cujo effeito é a diminuição da massa do calorico na porção que fica. Para conservar a agua sem alteração, quando não se póde renovar frequentemente, como por exemplo nas viagens de mar, é preciso carbonizar as paredes internas das pipas antes de enchê-las.

Purificação da agua. Diversos meios se empregão para corrigir as alterações da agua, taes são o filtro para clarifica-la, o carvão para desinfecta-la, a agitação para areja-la, a evaporação e a condensação para separar d'ella as substancias mineraes. Todos estes meios forão indicados no curso d'este artigo.

Agua na barriga. *Veja-se* HYDROPSIA DO VENTRE;

Agua branca. *Veja-se* AGUA VEGETO-MINERAL;

Agua na cabeça. *Veja-se* HYDROPSIA DA CABEÇA.

Agua de cal. *Veja-se* CAL.

Agua de Colonia. Liquido aromatico e espirituoso, assim chamado porque foi primeiramente preparado na cidade de Colonia em 1727, por J. P. Feminis, que cedeo o seu privilegio a João Maria Farina. É uma dissolução de diversos oleos essenciaes no espirito de vinho. Emprega-se geralmente como cosmetico; goza de propriedades tonicas e estimulantes. Misturada com agua, na proporção de algumas gottas para meio copo d'agua, usa-se para lavar a bocca : fortifica as gengivas. A sua composição varia infinitamente. Prepara-se por dois modos : por distillação, ou por dissolução. O segundo modo é muito simples, não exige utensilios nem conhecimentos especiaes, e pôde ser executado por qualquer pessoa. Consiste em misturar as substancias seguintes :

Alcool a 85° centesimaes.	1750 gram.	Essencia de bergamota..	24 gram.
Essencia de limão,....	30 gram.	Essencia de alfazema...	6 gram.
Essencia de cidra.....	42 gram.	Tintura de benjoim...	43 gram.

Misture e filtre depois de algumas horas de contacto.

Ha mais outras receitas, mas esta dá um bom producto.

A receita de José Maria Farina é muito mais complicada; ei-la :

Espirito de vinho.....	120 litros	Alfazema....	60 gram.
Salva	23 gram.	Flores de laranjeira. ...	13 gram.
Tomilho.	23 gram.	Absinthio.....	30 gram.
Melissa.....	375 gram.	Moscadas	15 gram.
Hortelã....	375 gram.	Cravos da India	15 gram.
Calamo aromatico. ..	15 gram.	Canella do Malabar (<i>cas-</i>	
Raiz de angelica.....	8 gram.	<i>sia lignea</i>).....	13 gram.
Camphora	4 gram.	Macis.....	15 gram.
Violetas.	125 gram.	Limões....	n.º 22
Rosas.....	125 gram.	Laranjas... ..	n.º 2

Distille a banho-maria para obter 80 litros de producto, e ajunte ao alcoolato assim obtido :

Oleo essencial de limão....	45 gram.	Oleo essencial de alecrim..	15 gram.
— — de cidra....	45 gram.	— — de neroli..	13 gram.
— — de melissa..	45 gram.	— — de jasmim..	30 gram.
— — de alfazema	45 gram.	— — de bergam..	375 gram.

Agua no coração. *Veja-se* HYDROPSIA DO CORAÇÃO.

Agua dentifricia. Agua para entreter a limpeza dos dentes. Eis-aqui duas receitas, cuja superioridade foi verificada pela experiencia :

1ª Infundem-se durante doze dias em 500 grammas de aguardente de vinho, 20 grammas de herba doce, 5 grammas de cravos da India, 5 grammas de canella, 1 gramma de essencia de hortelã,

Depois de decantado e filtrado o liquido, ajuntão-se-lhe 2 grammas de tintura de ambar cinzento.

2^a Maceração-se durante um mez, em 1 litro de espirito de vinho, 15 grammas de herba doce, 7 gram. de cravos da India, 7 gram. de gengibre, 10 grammas de canella, e 10 grammas de raiz de pyrethro. Depois de decantado e filtrado o liquido, ajuntão-se-lhe 6 grammas de essencia de hortelã.

Para fazer uso d'estes liquidos, deitão-se algumas gottas d'elles em meio copo d'agua, e lava-se a bocca com a mistura. *Veja-se DENTE e DENTIFRICO.*

Agua distillada OU AGUA PURA. A agua commum das fontes e mesmo dos regatos não é pura, porque traz em dissolução saes de cal, magnesia, soda; além d'isso ar e acido carbonico. Para obter a agua *pura* é preciso submittê-la á distillação: chama-se então agua *distillada*, e serve para os usos pharmaceuticos. Para este fim aquece-se a agua de rio ou de fonte no alambique de cobre; e, reduzida a vapor, vem condensar-se na serpentina, e cahe nos vasos dispostos para recebê-la. Esta agua é perfeitamente limpida, sem gosto nem cheiro, sem acção sobre as côres azues vegetaes, nem mesmo sobre os outros reagentes chimicos. Conhece-se que a agua distillada é pura, quando não se turva, nem pelo azotato de prata, nem pelo azotato de baryta, nem pelo oxalato de ammoniaco, nem pelo sublimado corrosivo, nem pelas aguas de cal ou de baryta.

Chamão-se tambem *aguas distilladas*, os productos da distillação da agua com uma ou mais plantas, obtidos pelo alambique ordinario, que contém, por consequente, todas as partes volateis e odoriferas d'essas plantas. As aguas distilladas são medicamentos que se empregão interna e externamente, como: a agua distillada de alface, de louro-cereja, de melissa, de flor de laranjeira, de rosas, de tilia, de hortelã-pimenta, de canella, etc.

Agua no escroto. OU HYDROCELE. *Veja-se HYDROCELE.*

Aguas espirituosas. *Veja-se ESPIRITOS.*

Agua de flores de laranjeira. Prepara-se distillando com 10 kilogrammas de flores de laranjeira, recém-colhidas, quantidade sufficiente d'agua para obter 20 kilogrammas de producto. A agua de flores de laranjeira serve para grande numero de usos domesticos, e emprega-se em medicina como antispasmodico e calmante.

Agua forte. *Veja-se ACIDO AZOTICO.*

Agua de gomma. Gomma arabica 8 grammas (2 oitavas), agua fria 375 grammas (12 onças). Lave-se a gomma em agua fria, rejete-se esta, dissolva-se na quantidade indicada de outra agua

fria, e cõe-se por peneira. Ajunta-se ordinariamente quanto se queira de assucar. Bebida emolliente, empregada na inflammação do estomago, e nas outras inflammações.

Agua de Inglaterra. Preparação secreta de quina, e que parece ser um vinho quinado. Empregava-se contra as febres intermitentes na dóse de 30 a 120 grammas (1 a 4 onças) por dia, pura ou misturada com agua; cahio em desuso depois da descoberta do sulfato de quina.

Agua de Javel. Chlorito de potassa. Liquido amarellado ou rosado, que se obtem dissolvendo o chloro em agua que tenha em dissolução um terço do seu peso de carbonato de potassa. Emprega-se para branquear a roupa.

Agua de Labarraque. Prepara-se esta agua dissolvendo em uma solução de carbonato de soda o gaz chloro até perfeita saturação; é um *chlorureto de soda*. Deve as suas propriedades ao chloro; é empregada com vantagem no curativo das chagas, e como desinfectante. Deitada no chão, de vez em quando, purifica o ar nas enfermarias, quartos dos doentes e outros lugares infectos. As pessoas expostas a emanações paludosas ou de substancias em putrefacção, farão bem em lavar, de vez em quando, as mãos com agua de Labarraque; o gaz chloro, que se acha n'ella, fixa-se na pelle por algum tempo, e neutraliza as emanações nocivas.

Agua do mar. *Veja-se pag. 54.*

Agua de melissa. Medicamento popular que se emprega internamente na dóse de 4 grammas (1 oitava) em meio copo d'agua com assucar, depois das quédas; e externamente em fricções nas contusões. É um alcoolato de melissa composto, cuja receita é :

Melissa recente florida..	900 grammas
Casca exterior de limão.	150 grammas
Canella de Ceylão.	80 grammas
Cravos da India	80 grammas
Moscadas	80 grammas
Coentros..	80 grammas
Raiz de angelica..	40 grammas
Alcool a 80° centigrados	5000 grammas.

Corte a melissa e as cascas de limão, contunda as outras substancias, deixe tudo em maceração por quatro dias, e distille em banho-maria até extrahir toda a parte espirituosa.

Obtem-se a *agua de melissa amarella*, ajuntando a 1000 grammas de alcoolato de melissa, 5 grammas de tintura de açafão.

Agua panada. Prepara-se da maneira seguinte : corta-se pão em fatias, torra-se e põe-se n'um vaso; deita-se por cima do pão

sufficiente quantidade d'agua fervendo, e deixa-se esfriar. Algumas pessoas deitão no vaso com o pão torrado rodas de limão azedo, para tornar a agua panada mais agradável. A agua panada é bebida emolliente e refrigerante; dá-se fria como bebida ordinaria, e vantajosamente em muitas molestias acompanhadas de febre. Póde-se sem inconveniente tomar nos sarampos, bexigas e escarlatina.

Agua no peito. *Veja-se* HYDROPSIA DO PEITO.

Agua phenica. *Veja-se* ACIDO PHENICO.

Agua de Rabel. Mistura de 3 partes de alcool e de 1 parte de acido sulfurico. Administra-se como excitante, tonico e adstringente na dóse de algumas gottas até 2 grammas (meia oitava), em alguma poção.

Agua-raz. *Veja-se* ESSENCIA DE TEREBINTHINA.

Agua regia. Mistura de 1 parte de acido nitrico com 3 de acido chlorhydrico. Goza esta agua da propriedade de dissolver o ouro e a platina. É um liquido amarellado, excessivamente caustico, empregado nas artes. Tomada internamente, é veneno violento, contra cujos accidentes deleterios, *veja-se* ENVENENAMENTO PELOS ACIDOS CONCENTRADOS.

Agua sedativa. Emprega-se nas enxaquecas. Para este fim, molha-se n'este liquido um panno de linho ou de algodão, e applica-se na testa, tendo o cuidado de cobrir primeiramente os olhos, para evitar que lhe caião dentro algumas gottas.

Eis-aqui a receita da

Agua sedativa.

Ammoniac liquido.. ..	60 grammas
Alcool comphorado.	10 grammas
Sal de cozinha	60 grammas
Agua commum.	1000 grammas.

Dissolva o sal na agua, filtre; ajunte o alcool, e depois o ammoniac.

Agua de Sedlitz. A *agua de Sedlitz natural* é a agua salina purgativa que existe n'uma pequena aldêa da Bohemia, sobre o caminho de Toeplitz a Carsaal. Provém, assim como as aguas vizinhas de Pullna e Seidschutz, de muitos poços espalhados nas pobres aldêas, onde os estrangeiros não poderião achar casa para se alojarem; pelo que esta agua não se bebe senão transportada. Estes poços não são naturaes; são cavados pelos componezes que, para os seus usos domesticos, não bebem outra agua, não tendo esta, nos primeiros dias, nem amargor, nem propriedade purgativa. Mas, depois de alguns dias de demora nos poços, esta agua dissolve em maior ou menor quantidade os principios salinos con-

tidos no solo vizinho, e só então adquire as virtudes especiaes que fizerão a celebridade das aguas amargas (bitterwasser) da Bohemia. Estas aguas conservão-se bem, e constituem um brando purgante.

Agua de Sedlitz artificial. Quando os medicos receitão agua de Sedlitz, é a *agua de Sedlitz artificial* que se emprega; goza das mesmas propriedades que a agua natural; o seu effeito é mesmo mais certo do que o da natural. Eis-aqui a receita :

Agua de Sedlitz artificial.

Sulfato de magnesia	30 grammas (1 onça)
Agua gazosa simples	650 grammas (22 onças).

Dissolva o sulfato em pequena quantidade d'agua simples; filtre a solução; lance-a n'uma garrafa, e encha esta com agua gazosa.

A agua de Sedlitz artificial póde preparar-se tambem do modo seguinte :

Sulfato de magnesia..	30 grammas (1 onça)
Bicarbonato de soda..	4 grammas (1 oitava)
Acido tartrico em crystaes.	4 grammas (1 oitava)
Agua pura.	650 grammas (22 onças).

Dissolva na agua o sulfato de magnesia e o bicarbonato de soda; filtre a solução; lance-a na garrafa, e ajunte o acido tartrico; tape a garrafa promptamente com rolha, e segure esta por meio de um barbante em cruz.

Bebe-se um copo de quarto em quarto de hora.

Agua segunda. Dá-se este nome a dois liquidos differentes :

1º *Agua segunda dos pintores.* Agua 1500 gram., potassa 375 gram., cinzas gravelladas 125 grammas. Dissolva. Esta agua emprega-se para limpar as pinturas a oleo, e applica-se por meio de uma esponja ou de um grosso pincel. A agua segunda destruiria toda a a pintura se se deixasse por muito tempo applicada sobre ella; por conseguinte deve-se lavar immediatamente com muita agua, e esta lavagem tira ao mesmo tempo a agua segunda e as impurezas. Não se deve empregar a agua segunda para limpar as pinturas envernizadas: limpão-se estas com agua e sabão. A agua segunda póde tambem servir para limpar as pinturas a colla; mas deve estar muito diluida em agua, e cumpre immediatamente depois fazer outra lavagem com agua pura.

2º *Agua segunda dos ourives e dos outros artifices.* Agua forte (acido azotico) diluida em maior ou menor porção d'agua. Emprega-se para limpar o ouro.

Agua de Seltz. *Veja-se* AGUAS MINERAES.

Agua de toucador. Este cosmetico, que se usa principalmente para aromatizar a agua com que se lava o rosto, póde ser preparado de diversas maneiras, Eis-aqui uma das melhores recei-

tas, e de facil preparação. Infundem-se, durante dez a doze dias, em 800 gram. de alcool de 22° areometro Cartier, as substancias seguintes: benjoim, incenso, gomma arabica, 10 gram. de cada uma; cravo da India, noz moscada, 5 gram. de cada uma; amendoas doces, lirio florentino, 15 grammas de cada uma; essencia de rosas, de bergamota, de limão, de Portugal, 10 gottas tambem de cada uma. Decanta-se a mistura; cõa-se o resto do liquido espremendo-o; filtra-se todo o liquido, e conserva-se em frascos bem arrolhados.

Agua vegeto-mineral, *Agua branca, agua de Saturno, agua de Goulard*. Prepara-se misturando 900 grammas (30 onças) d'agua commum, com 20 grammas (5 oitavas) de acetato de chumbo liquido, e 80 gram. (2 1/2 onças) de alcoolato vulnerario. Applicada externamente, esta agua é resolvente; e serve para prevenir a inflammção dos lugares contusos, ou ajudar a resolução das ecchymoses. Emprega-se contra as pancadas, pisaduras, torceduras, deslocções. A agua branca applica-se fria em todos estes casos, sobre os lugares offendidos, por meio de chumaços ou de ataduras, molhados mais ou menos frequentemente.

Agua no ventre. *Veja-se HYDROPISIA DO VENTRE.*

AGUAS MINERAES. Dá-se o nome de *aguas mineraes* ás aguas naturaes que sahem do seio da terra carregadas dos principios que ali existem, e dotadas de propriedades medicinaes.

A temperatura das aguas mineraes é muito variavel: umas são frias, isto é, de temperatura inferior á do ar ambiente; outras mornas; outras quentes ou thermaes, e a estas dá-se o nome de *caldas* (corrupção de *calidas*). Chamão-se thermaes as aguas cuja temperatura excede a de 20° centigrados; algumas chegão até ao grão de agua fervendo; temperatura esta, cuja causa se ignora, e foi attribuida ora a circumstancias electro-chimicas, ora ás decomposições subterraneas, ora á acção do fogo que se suppõe existir no centro do globo.

Das propriedades das aguas mineraes. As aguas mineraes forão consideradas por muito tempo atravéz do prisma da prevenção, e cercadas de alguma cousa de maravilhoso. Os Gregos tinham-n'as em tanta honra como se fossem um mimo da divindade, e as dedicarão a Hercules, em testemunho do muito que ellas aproveitão á saude. Sem duvida as aguas mineraes gozão de propriedades mui activas; os saes e as substancias metallicas que ellas contém, os gazes que d'ellas se desenvolvem, o calorico que as aquece, são agentes de grande energia. Mas nos resultados obtidos é preciso tambem ter em conta a viagem, a distracção, o exercicio, o clima, a temperatura, a mudança na maneira de viver, os costumes e o moral dos individuos que se transportão á fonte.

A influencia hygienica das aguas mineraes é principalmente notavel para o habitante das grandes cidades, acostumado á molleza, e entregue ás occupações sedentarias. Não se observão todos os dias effeitos pasmosos de um ar puro e salubre, de um clima brando e secco, sobre as pessoas fracas ou convalescentes? Quantas affecções chronicas não melhorão, e chegam até a curar-se completamente, pelo simples effeito da mudança de clima? Quem ignora quanto póde o repouso do espirito e a cessação dos trabalhos do gabinete, nos homens constantemente atormentados por grandes interesses que podem comprometter a cada instante a sua fortuna e a sua honra? Quanto não influe tambem a esperança da saude no desgraçado melancolico, desgostoso dos medicos e da medicina!

Comtudo, apezar da influencia inquestionavel das causas hygienicas, que coincidem com a acção medicamentosa das aguas mineraes bebidas á fonte, é impossivel negar-lhes as propriedades therapeuticas. Os medicos que não concedem ás aguas mineraes senão um effeito hygienico, dependente de circumstancias accessorias, taes como a distracção da viagem, a mudança de ar, e sobretudo o effeito moral, cahem em erro grave. Os numerosos garanhões da caudelaria de Tarbes em França, que cada anno vão ás caldas de Cauterets curar-se da affecção conhecida pelo nome de pulmoeira, são d'isto uma prova irrecusavel, porquanto para elles não existe o effeito das circumstancias accessorias.

Todas as aguas mineraes são tonicas ou excitantes; possuem, além d'isso, propriedades particulares, que dependem das substancias que entrão na sua composição, e segundo as quaes as aguas mineraes forão divididas em *acidulas gazosas*, *salinas*, *alcalinas*, *ferreas*, e *sulfurosas*. Esta classificação não póde ser considerada como rigorosa e absoluta; tal agua mineral, com effeito, póde ser ao mesmo tempo salina e acidula, sulfurosa e ferrea, etc., mas não perde o character essencial do principio ou base que n'ella predomina. Seria difficil, no estado actual dos nossos conhecimentos, inventar qualquer outra divisão. Passo a indicar as propriedades das aguas de cada uma das classes:

§ I. AGUAS ACIDULAS GAZOSAS.

Estas aguas contêm grande quantidade de gaz acido carbonico livre, independente dos saes que se podem achar n'ellas. Quando estão fechadas em garrafas bem tapadas, espumão e effervescem como o vinho de Champanha, ao abrir a garrafa. Seu sabor, vivo e picante, desaparece á medida que o gaz se evapora. Expostas ao ar livre, ou a um calor brando, perdem o gaz, principio activo que as caracteriza. Sua temperatura natural é fria ou quente.

Avermelhão a tintura de turnesol, e formão um precipitado branco na agua de cal.

As principaes *aguas gazosas do Brasil* são :

1ª Aguas da **Campanha**, na freguezia de **Lambary**, provincia de Minas Geraes. Chamão-lhes *Aguas virtuosas*. Estão situadas a 20 kilometros da cidade da Campanha, e 396 kilometros do Rio de Janeiro. Contém grande quantidade de gaz acido carbonico, e pequenas porções de bicarbonato de soda, de chlorureto de magnésio, de sodio, de calcio e de sulfato de soda. São efficazes no tratamento de diversas enfermidades, e com especialidade nas do apparelho digestivo. O governo provincial mandou construir ali um estabelecimento balnear com banheiras de marmore. Um rio que corria muito perto das principaes fontes, e lhes causava danos nas épocas das enchentes, foi desviado a grande distancia. O uso d'estas aguas vai tomando bastante extensão: exportão-se para o Rio de Janeiro e para as mais provincias do Imperio.

A freguezia de Lambary, além das suas aguas mineraes, goza de um clima excellente, mui temperado e de salubridade incontestavel. A viagem da côrte a esta localidade é hoje mais facil do que era, porque a quarta secção da estrada de ferro de D. Pedro Segundo percorre já uma distancia de mais 211 kilometros n'esta direcção, e chega aos arredores da serra do Picú.

2º Aguas de **Caxambú**, no municipio de **Baependy**, provincia de Minas Geraes, a cerca de 6 kilometros e meio da cidade de Baependy. Outr'ora dava-se-lhes o nome de *Aguas santas*. Fizerão ali muitas obras para tornar mais facil e mais efficaz o uso d'estas aguas. Entre os principaes melhoramentos que se fizeram n'essa localidade notão-se: a abertura e o nivelamento de algumas praças e ruas novas, a canalização do rio Bengo, que outr'ora, desde o mez de Novembro até o mez de Maio, causava danos á pureza das aguas, e, em 1868, a construcção de um estabelecimento balnear contendo seis banheiras, muitos quartos, e diversas outras commodidades. A aldêa de Caxambú é igualmente notavel pela sua salubridade.

Construirão tambem seis elegantes casinhas que protegem as fontes, e que permittem usar das aguas em qualquer tempo. As fontes assim melhoradas são as seguintes :

Fonte de D. Pedro Segundo, contendo agua mui gazosa e um pouco alcalina, recommendada como bebida e em banhos contra a dyspepsia e as affecções chronicas do estomago e dos intestinos.

Fonte de Dona Thereza: agua gazosa, levemente ferrea, aconselhada na hypertrophia do figado, do baço, na chlorose e outras affecções.

Fonte do Duque de Saxe contendo agua muito sulfurea, levemente gazosa, recommendada contra as molestias chronicas do utero, dôres nephriticas e outras molestias.

Fonte de Dona Leopoldina : agua magnesiãna gazosa, aconselhada nas affecções intestinaes chronicas.

Fonte do Conde d'Eu : agua muito ferruginosa e levemente gazosa, de grande uso nas anemias.

Fonte de Dona Isabel : levemente ferrea, um pouco gazosa e sulfurea ; applica-se principalmente nas molestias chronicas do figado e do baço, nas nevroses, na chlorose e outras affecções.

Todas estas fontes achão-se muito perto umas das outras.

Uma estatistica bastante minuciosa, do anno de 1867, mostra que sobre 150 individuos que frequentarão estas aguas para se curarem de diversas molestias, quando este lugar não possuia quasi nenhuma commodidade, um só morreo, 54 restabelecêrão-se completamente, e 95 obtiverão melhoras sensiveis. Desde então o numero dos doentes que frequentão as aguas de Caxambú tem gradualmente augmentado. Quando estiver feita a estrada de carro até ás fontes e um ramo de estrada de ferro D. Pedro Segundo, projecto que está em estudo, o numero dos doentes que irão recobrar a saude n'estas aguas bemfazejas, augmentará consideravelmente.

3ª Aguas de **Cambuquira**, na provincia de Minas Geraes. São frequentadas principalmente pelos habitantes de certas partes da provincia.

4ª Aguas da fazenda de **Contendas**, na provincia de Minas Geraes, perto da estrada que conduz de Lambary á aldêa de Caxambú.

5ª Existem tambem na provincia de Pernambuco algumas fontes de aguas gazosas em **Pajehú das Flores**.

As *aguas acidulas gazosas* mais importantes da Europa são : as de Seltz ou Selters na Allemanha ; *St. Galmier, Pougues*, em França. As aguas de Seltz são geralmente usadas e gozão de maior reputação.

Agua de Seltz. A agua de Seltz natural é agua mineral cuja fonte muito abundante está situada no Ducado de Nassau, na Allemanha, e que devê as suas propriedades medicinaes e hygienicas á grande quantidade de gaz acido carbonico que contém. Esta agua, de que se expede annualmente mais de 2 milhões de garrafas, conserva-se muito bem ; é uma bebida agradável e salubre. Favorece a digestão, dissipa os embaraços do estomago ; é recommendada tambem nas molestias do figado.

A *agua de Seltz artificial*, de que se faz um uso tão frequente, não é senão a *agua gazosa simples*, que se prepara misturando a

agua commum com gaz acido carbonico, por meio de apparatus particulares, e distribuindo o producto em garrafas que se tapão exactamente. É bebida agradável, e emprega-se como medicamento nas affecções do estomago.

A agua artificial de Seltz póde tambem preparar-se por meio de duas substancias em pó, que são o acido tartrico e o bicarbonato de soda. Estes pós vendem-se em dois papeis distinctos em todas as boticas, e em proporções que se achão em relação com a quantidade d'agua que se quer empregar. A maneira mais simples consiste em deitar n'uma garrafa quasi cheia d'agua um papel de cada um d'estes pós, e rolar immediatamente a garrafa. Pela acção do acido tartrico sobre o bicarbonato de soda desprende-se o gaz acido carbonico, e em alguns minutos fica prompta a agua de Seltz. Este modo não é o melhor. Os pós, dissolvendo-se n'agua, formão o tartrato de soda que se dissolve na mesma agua, a qual elle torna levemente purgativa. Por isso adoptou-se geralmente o apparatus conhecido sob o nome de *gazogeneo de Briet*, mediante o qual se obtem o gaz acido carbonico pela mistura dos pós acima indicados. Este apparatus compõe-se de tres partes, que são duas bolas de vidro e um tubo de metal. Quando está desarmado, deitão-se os pós na bola que se acha em baixo do apparatus, e o tubo que se lhe adapta estabelece a communicacão com a bola superior, a qual contém o liquido destinado para a bebida. O tubo faz descer certa quantidade d'agua na bola inferior para oprar a dissolução dos pós, e conduz immediatamente á bola superior o gaz acido carbonico, sem que n'ella se introduza a menor porção de pós. De mais, cada pessoa que compra o apparatus, recebe uma instrucção impressa que insina o modo de proceder. Sómente, cumpre ter o cuidado, cada vez que se prepara nova provisão d'agua de Seltz, de limpar o tubo e a bola que contém os pós. A figura d'este apparatus, e a sua descripção mais circumstanciada, acha-se no nosso FORMULARIO, 9ª edição, pag. 169.

Todas as aguas acidulas gazosas convem nas digestões lentas e laboriosas. São uteis aos hyponcondriacos, porque estimulão os orgãos digestivos e o systema nervoso. Administrão-se ordinariamente em simples bebida; e dão-se tambem misturadas com vinho durante as comidas. A dóse é de meio litro por dia.

Grandes precauções são indispensaveis para a conservacão das aguas gazosas que se exportão. Devem ser engarrafadas de manhã, antes do nascer do sol. Perdem mais ou menos das suas qualidades, proporcionalmente á distancia dos lugares d'onde se tirão e ao tempo que se conservão guardadas. Em geral, a agua acidula engarrafada, que não salta ao desarrolhar-se, não me-

rece confiança alguma. A garrafa uma vez aberta estraga-se, e não serve mais.

§ II. AGUAS ALCALINAS.

As aguas alcalinas são as que offerecem á analyse chimica grande quantidade de carbonato de soda ; tem sabor amargo, urinoso ; espumão algum tanto, por conterem um pouco de gaz acido carbonico ; esverdinhão a tintura de violas ; precipitão em branco os saes calcareos, e, além d'isso, effervescem quando se lhes ajunta algum acido. As aguas acarfíneas modificão a economia de maneira poderosa ; a saliva, a ourina e outras secreções acidas tornão-se alcalinas. São recommendadas para dissolver as pedras da bexiga, e a sua utilidade é incontestavel na gota, nas areias, azias, dôres do estomago, etc.

As principaes aguas alcalinas são as de *Vichy* e de *Plombières* em França, e as de *Carlsbad* na Bohemia.

Cumpre-me aqui mencionar as aguas thermaes de **Caldas novas** (Brasil, provincia de Goyaz, comarca de Santa Cruz). Nascem nas immediações da elevadissima Serra das Caldas, nos lugares denominados *Caldas novas*, *Caldas velhas* e *Caldas do Parapitinga*. Das primeiras são aproveitadas para banhos treze fontes, havendo, além d'estas, muitas nascentes no leito do corrego das Lavras na extensão de 1,500 passos. Das segundas ha copiosos mananciaes que, derivando de uma rocha quartzosa aurifera, na distancia de 200 passos, formão um ribeirão. As tercciras reúnem-se em uma lagôa por ellas formada com 150 palmos de comprimento, e 15 a 20 de largura, de cujo fundo surgem muitos olhos d'agua. Tem as aguas d'esta lagôa temperatura tão elevada, 40° em alguns lugares, que os enfermos, para aproveita-las em banhos, são obrigados a conduzi-las para tauques, e a esperar que ahi baixem até a temperatura conveniente.

Estas aguas forão examinadas em 1842 pelo Dr. Faivre, e chamadas por elle *aguas thermaes alcalinas azotadas*. Contém gaz azoto, acidos chlorico, carbonico e silicico ; e as bases potassa, soda, cal, magnesia, alumina ; tudo em mui pequena quantidade. Estas aguas brotão de muitos lugares differentes ; sua temperatura varia desde 33 grãos do thermometro centigrado, até 40 grãos. A agua d'estas fontes é limpida, sem côr, sem cheiro, nem sabor apreciaveis. O esfriamento e o repouso de muitos dias não produzem deposito algum. O seu peso especifico é de 1,003. — 64 onças d'esta agua evaporada á seccura, derão um residuo de 3 grãos de peso.

Estas aguas gozão de grande reputação no Brasil, como efficazes

contra a morphéa. Comquanto se tenham hoje por exageradas as noticias que outr'ora corrêrão de seus maravilhosos effeitos no tratamento d'esta enfermidade, é todavia fóra de duvida a sua grande efficacia, provada em muitos casos de molestias de pelle chamadas dartros; nos rheumatismos chronicos, e nas ulceras antigas.

Em *Portugal* as aguas alcalinas gazosas são :

Chaves, provincia de Traz-os-Montes. No campo de Tabulado junto ao ribeiro Ribelles a oeste da praça de Chaves nasce uma copiosa fonte de agua quente á temperatura de 50 a 56 grãos do thermometro centigrado, conforme as épocas do anno em que se examina.

Na superficie d'ella vem rebentar muitas bolhas de gaz; o seu cheiro é semelhante ao da lixivia das cinzas, decoada, ou barrela; o gosto salobro deixando um leve resaibo amargo salsuginoso; a côr é diaphana. Por uma grande extensão do terreno, aonde quer que se cave com alguma profundidade, encontrão-se as mesmas aguas com todas as qualidades iguaes ás da dita fonte.

Estas qualidades sensiveis, e os exames feitos pelos reagentes, e por evaporação, caracterizão estas aguas de salinas alcalinas gazosas, e são seus mineralizantes o bicarbonato de soda, e o gaz acido carbonico, afóra outras substancias de menos consideração. Servem-se d'ellas na economia domestica para lavar roupas em vez de outras lixivias.

São conhecidas desde remota antiguidade, e ainda se conservão algumas lapidas do tempo de Trajano, que o attestão; são as celebres *Aguas flavias*.

Segundo o Sr. Dr. A. V Lourenço, mil grammas d'esta agua contém :

	Grammas.		Grammas.
Sulfato de potassa	0,064296	Bicarbonato de magnesia ..	0,048437
Chlorureto de potassio....	0,067660	Silica.....	0,096
— de sodio.....	0,014608	Oxydo de ferro	} Vestigios.
Bicarbonato de soda.....	1,439910	Alumina.....	
Carbonato neutro de soda..	0,404199	Materias organicas	
Bicarbonato de cal.	0,138240		

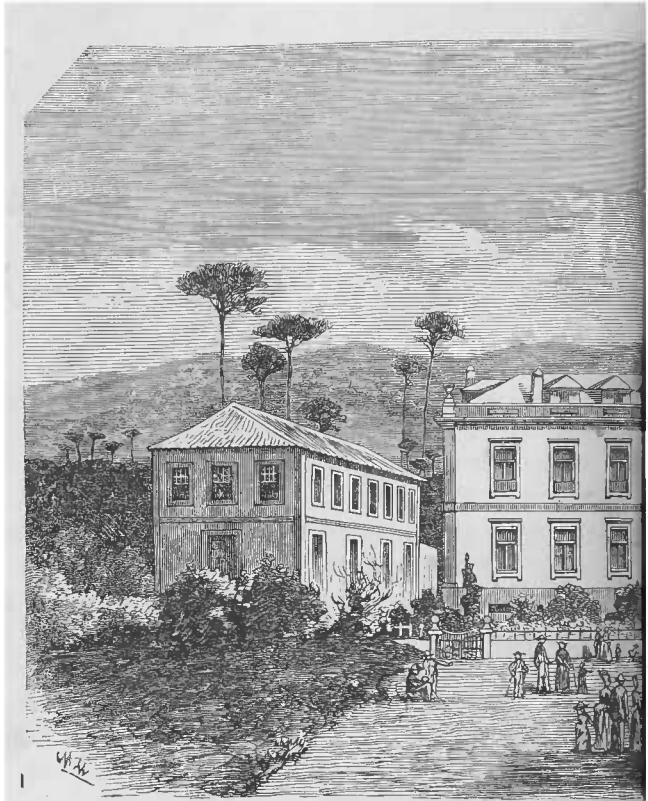
Vidago. Provincia de Traz-os-Montes, conselho de Chaves. Mil grammas d'estas aguas contém :

	Grammas.		Grammas.
Chlorureto de potassio...	0,176747	Acido silicico.....	0,064000
Bicarbonato de potassa..	0,095913	— carbonico livre..	0,966394
— de soda.....	4,732919	— sulfurico..	} Vestigios.
— de cal.....	0,853360	Alumina.....	
— de magnésia .	0,264102	Materias organicas	

Vidago é uma bonita aldea, situada em Portugal n'um valle fertil, a meio caminho entre Chaves e Villa Pouca d'Aguiar ; a 78 kilometros ao Nord-Este de Braga.

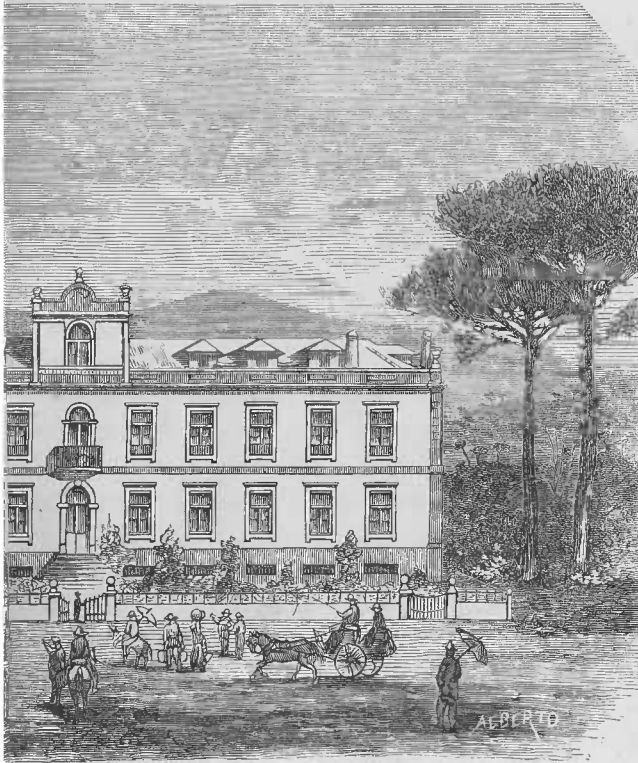
A agua mineral, que possui, pertence á classe das aguas alcalinas gazosas ; deve as suas propriedades medicinaes sobretudo ao bicarbonato de soda, e ao gaz acido carbonico. A agua é limpida e transparente, fria, sem cheiro sensivel, de gosto agradavel, levemente salobra e picante. O gaz acido carbonico, que contém, é mui abundante. A agua é util

em bebida e banhos, nas areias, gota, molestias chronicas do fígado icas hepaticas e nephriticas ; em bebida aproveita nas azias e molestias do estomago. Toma-se na dóse de um copo de 250 grammas, duas vezes p



VIDAGO (PORTUGAL) VISTA

Aguas alcal



a).

HOTEL E DA CASA DE BANHOS.

razosas frias.

dia, uma hora antes da comida. Póde beber-se ao jantar misturada com vinho. Transportada conserva-se bem.

A principal casa da povoação é o *Grande Hotel de Vidago*, que recebe hospedes. Junto do grande hotel, que pertence á Empresa das Aguas, tem esta um hotel mais pequeno em que ha um estabelecimento de banhos d'agua mineral.

A viação faz-se do Porto na diligencia, a qual sahe do Porto ás duas horas da tarde.

Sahindo ás quatro horas da tarde, chega a Villa Real

o dia seguinte das 8 ás 9 horas da manhã, e gasta d'ahi a Vidago 7 horas.

De Braga a diligencia sahe ás 5 horas da manhã, de Guimarães ás 9 horas da manhã, chegando a Vidago ás 4 horas da tarde do dia immediato.

As aguas de Vidago, na sua origem, são frias (23,8 cent.). O agente principal da mineralização d'ellas é o carbonato de soda ; são depois das de Vichy, as mais ricas das aguas alcalinas gazosas da Europa.

Villarelho da Raia. Mil grammas d'estas aguas contém em dissolução :

	Grammas.		Grammas.
Chlorureto de potassio. . .	0,063424	Acido carbon. inteiramente	
Bicarbonato de potassa. . .	0,002277	livre.....	0,580640
— de soda.....	2,364055	Alumina.....	} Vestigios.
— de cal.....	0,161280	Oxydo de ferro...	
— de magnesia. . .	0,057143	Materias organicas)	
Acido silicico.	0,015000		

Junto da fonte, a temperatura das aguas de Villarelho da Raia é de 16°,2 centigrados.

A. V. LOURENÇO.

Pedras Salgadas. Provincia de Traz-os-Montes. As aguas mineraes das Pedras Salgadas brotão de tres nascentes, a poucos kilometros de distancia de *Villa Pouca de Aguiar*, a oeste da estrada que liga esta povoação á de Chaves. Sahem de rochas, sendo de todas a mais importante a nascenté do *Penedo*, assim denominada por surdir debaixo de uma grande massa de pedra. As aguas da segunda nascente são em tão pequena quantidade, que mal se podem aproveitar, nem forão estudadas por este motivo. A nascente nº 3 rebenta ao pé de uma levada e defronte de um moinho; é menos rica e abundante do que a primeira, não deve todavia por modo algum ser desprezada.

Estas aguas são frias, alcalinas e gazosas, da mesma especie que as de Vidago; e se por certas qualidades lhes são inferiores, por outras se lhes avantajão.

Nascente do Penedo. A agua é incolor, de nenhum ou fraquissimo cheiro, o gosto levemente salobro e picante; depõe ao ar, passado algum tempo, precipitado notavel de carbonatòs terrosos, desprendendo-se espontaneamente do liquido grande numero de bolhas de acido carbonico. Dá reacção fracamente acida com o papel azul de turnesol, porém mais tarde, depois de perder grande parte do gaz dissolvido, torna-se fortemente alcalina. Densidade 1,002130 a 24° centigrados. Surde esta nascente, a mais elevada de todas em nivel, um pouco abaixo do solo; sahem as aguas acompanhadas por numerosas bolhas de gaz, que simulão a ebullicão do liquido, deixando pelos sitios em que se evaporão, quantidade de sedimentos salinos esbranquiçados, compostos de carbonatos alcalinos e terrosos. A temperatura da agua avaliada junto á origem foi de 19°,4 centigrados, sendo a do ar 25,9 (17 de

Setembro). O volume do liquido despendido, calculo aproximado, 20 a 21 litros por hora, eorrespondendo o gaz exhalado a poueo mais de 100 centimetros cubicos no mesmo tempo.

Eis-aqui a composição d'esta agua, segundo a analyse feita, em 5 de Dezembro de 1870, pelo Sr. José Julio Rodrigues, lente de chimica na Escola polytechnica de Lisboa ; conjunetamente com o Sr. Alexandre Bayer, Preparador da mesma Escola : Mil gram. d'esta agua eontém :

	Grammas.		Grammas.
Bicarbonato de soda...	1,838595	Chlorureto de sodio..	0.043338
— de lithina....	0.015415	Azotato de soda.....	0,038462
— de magnesia...	0,457332	Arsenito de soda... ..	0,001892
— de cal.....	0,619743	Arseniato d'alumina....	0,000403
— de stronciana..	0,001214	Phosphato d'alumina.	0,000274
— de baryta....	0,000409	Alumina... ..	0,000751
— de ferro....	0,021161	Silica.....	0,086349
— de manganez..	0,002320	Acido carbonico livre....	1,185089
Sulfato de potassa	0,044813		
Chlorureto de potassio...	0,037719	Somma.....	4,095299

Nascente N^o 3. As aguas d'esta nascente são muito semelhantes ás da nascente do Penedo. A sua mineralização é porém mais fraca. Derão de residuo solido 1,845, e de acido earbonico, (precipitado logo depois de recolhida a agua) 1,796312 por 1000. O ferro eontido é em pequenissima quantidade. Temperatura 20,5 centigrado. Despezapor hora 11 a 12 litros pelo menos.

As aguas do Penedo, como todas as aguas alcalinas e gazosas, são por sua natureza de facil conservação e transporte, acondieionando-se para isso eonvenientemente ; podendo d'este modo serem empregadas em toda a parte para onde se eondução. São uteis nas molestias da bexiga, nas areias, gota, gastralgia, azias.

Eis-aqui um extraeto do Relatorio da Commissão mediea encarregada de dar o seu pareeer em 1871, sobre as aguas de Pedras salgadas. Esta commissão compunha-se dos Srs. Drs. Manuel Nicoláo de Bitteneourt Pitta, Jozé Dionysio Corrêa, e Bernardino Antonio Gomes, relator.

« Tudo está indicando a grande convenienciencia que haveria em ter na Villa Pouea de Aguiar, especialmente proximo ás naseentes, uma bem disposta estação de aguas mineraes, na qual os doentes encontrassem commodo transporte e residencia, os meios convenientes de balneação e as distracções proprias a estas estações, eomo se reune tudo nas que são por isso as mais frequentadas da Europa. Na do coneelho de Chaves terão os que as visitem, além do mais, o benefieio que lhes proporciona uma região, aonde o solo tão saudavel eomo costuma ser o das roehas erystallinas, a

(Pag. 68 (a), vol. 1.)

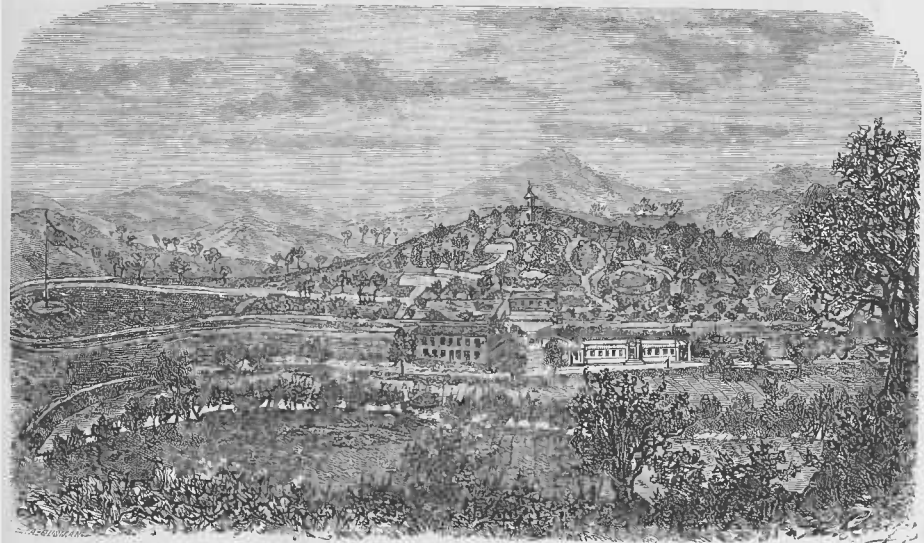


Fig. 9 (b).

PEDRAS SALGADAS (PORTUGAL).

Aguas alcalinas gaseosas frias. — 1 Casa de banhos.

(Veja-se a descripção no vol. I, pag. 67.)

elevação, o clima e tantas outras condições que ali se reúnem, assegurão as vantagens que possui a provincia do Reino, que mais saude e vigor promette aos que n'ella residão, como é a romantica provincia de Traz-os-Montes, e como o attesta a raça bella e energica que a povoa. Em parte nenhuma do paiz se organizaria um d'esses sanatorios, nos quaes a residencia só por si em outras partes tão assignalados serviços presta aos enfermos. É d'este modo, ou pelo beneficio da boa situação, que muito aproveitão as estações de aguas mineraes dos Pyreneos e tantas outras na Suissa, na Allemanha, na Belgica e por outras partes, e assim terão já aproveitado as proprias aguas thermaes de Chaves, como o attestão as obras romanas, cujas ruinas chegarão até aos nossos tempos, e dizem que o aproveitamento d'estas aguas não escapára á sagacidade do grande povo romano. São as caldas de Chaves mencionadas e muito recommendadas tambem pelo seu prestimo no Aquilegio medicinal de Fonseca Henriques, o qual todavia lhes desconheceo a verdadeira natureza e composição. O conhecimento das aguas do concelho de Chaves, como aguas alcalinas, é moderno; data do estudo chimico que das de Vidago e Villarelho fez o Professor de chimica da Escola polytechnica, o Dr. Agostinho Vicente Lourenço, em 1865. Estavamos antes tão desprevenidos a semelhante respeito, que se considerava o paiz, aliás rico de outras aguas mineraes, quasi desprovido das alcalinas. A nossa medicina recorria ás de Vichy ou a outras aguas estrangeiras, e o que é mais, ião-se buscar as de Verim, além da raia, desconhecendo-se que logo ao pé e no proprio paiz, tínhamos as analogas, de semelhante natureza e virtudes. Graças ao progresso feito n'esta parte, remediou-se a falta, e achamo-nos hoje na posse e usufructo de uma verdadeira riqueza, que dispensa toda a importação d'este genero de aguas; e poderia mesmo com alguma industria e diligencia conseguir-se ter em Traz-os-Montes uma estação de aguas alcalinas, capaz de rivalizar com as de Ems, Vichy ou outras de igual frequencia e moda. A natureza deu-nos para isso tudo, não falta para o alcançar completamente senão o auxilia-lo pela industria do homem. »

As aguas de Pedras Salgadas ou de Villa Pouca de Aguiar, formão com as de Vidago, Chaves, e Villarelho da Raia um precioso grupo de aguas alcalinas de Portugal, frias e quentes.

Nascente de Rebordechão. Provincia de Traz-os-Montes. Esta agua mineral foi descoberta em 1870; brota á esquerda e a 481 metros da estrada real de Villa Pouca para Chaves, sendo a ultima ao sudoeste, e distante quasi 200 metros da nascente do Penedo. É limpida; abandona espontaneamente numerosas bolhas de gaz

acido carbonico. Bom sabor, levemente acido e picante, mais tarde (demorando e agitando a agua na bocca) um pouco salobra e alcalina. Temperatura 12,6 grãos, indicando o thermometro centigrado ao ar e á sombra 18,2, segundo as observações feitas pelo Sr. José Julio Rodrigues e o Sr. Alexandre Bayer em 4 de Agosto de 1871 ás 8 horas e 45 minutos da manhã. A agua corre 34 litros por hora.

Eis-aqui o resultado da analyse d'esta agua, feita em 1871 pelo Sr. José Julio Rodrigues e o Sr. Alexandre Bayer: Mil grammas d'esta agua contém:

	Grammas.		Grammas.
Bicarbonato de soda.....	1,791587	Chlorureto de sodio.....	0,013481
— de lithina.. ..	0,008434	Azotato de soda.....	0,008788
— de magnesia..	0,149362	Phosphato de alumina.. ..	0,000590
— de cal.....	0,570050	Alumina.	0,001842
— de stronciana..	0,001545	Silica.....	0,071907
— de baryta.....	0,000470	Acido carbonico livre.....	1,863914
— de ferro	0,022862	Arsenico	} Vestigios.
— de manganez..	0,002923	Materias organicas)	
Sulfato de potassa.. ..	0,003680		
Chlorureto de potassio.....	0,056779	Somma.....	4,570415

Esta agua possui mais acido carbonico, mais carbonato de ferro do que a nascente do Penedo. Como agua mineral gazosa, é a primeira de Portugal.

Castello de Vide. Possui uma nascente das aguas alcalinas.

§ III. AGUAS FERREAS.

Todas as aguas comprehendidas n'esta divisão contém uma quantidade de ferro mais ou menos notavel, da qual depende o seu sabor mais ou menos styptico, algum tanto analogo ao da tinta de escrever. São pouco gazosas e só contém uma pequena quantidade de acido carbonico livre, que se desenvolve pela agitação ou mesmo no repouso. Expostas ao ar, cobrem-se de uma pellicula, e depõem, com o tempo, um precipitado amarello de oxydo de ferro. Reconhece-se a natureza ferrea da agua mineral pela camada avermelhada, que se deposita nos primeiros conductos que recebem a agua. Fazem-se negras quando se lhes ajunta a infusão de noz de galha ou mesmo chá da India. São mineralizadas pelo subcarbonato ou sulfato de ferro, e contém, além d'este metal, saes de soda, de cal, magnesia, manganez, etc. São frias ou quentes.

As aguas ferreas do Brasil encontram-se em quasi todo o Imperio; as mais conhecidas são:

Agua da rua do Riachuelo (antiga de Matabayallos) na cidade do



Fig. 9 (c).

LUSO (PORTUGAL).

Aguas alcalinas tepidas.

Vista d'avenida do mosteiro do Bussaco. (Fac-simile da estampa publicada no *Guia do Bussaco*, obra do muito distincto Sr. Augusto Mendes Simões de Castro.)

Na pag. 87 d'este volume as aguas mineraes de Luso forão collocadas entre as sulfurosas, porque Francisco Tavares, na sua obra sobre as Aguas mineraes de Portugal, lhes attribuiu sabor e cheiro de gaz hydrogeneo sulfurado; porém, informações recentes e mais exactas levão-me a collocalas entre as aguas levemente alcalinas ou bicarbonatadas sodicas e gazosas. A agua é limpida, sem cheiro, de sabor levemente acre.

O estabelecimento balneario, edificado em 1854, está bem montado; acha-se dirigido actualmente por um medico muito instruido, o Sr. Dr. Manoel Corrêa de Mello. — Os banhos aproveitão nas areias, catarrho vesical, rheumatismos, e molestias nervosas.

Luso está situado a 7 kilometros da Mealhada, estação do caminho de ferro.

Rio de Janeiro. É limpida ao sahir da fonte ; alguns minutos depois turva-se, adquirindo côr branca-amarellada, e depois amarella-vermelhada ; sabor desagradavel, ferruginoso e um pouco adstringente ; temperatura inferior á do ar ambiente. Tendo eu observado esta temperatura no dia 16 de Dezembro de 1842, achei 24° 1/2 centigrados, quando no ar o thermometro marcava 28°. Segundo a analyse feita pelo Sr. Dr. Miranda e Castro, 4 libras d'esta agua contém :

Acido carbonico.....	Grãos.	Sulfato de cal.....} juntos..	Grãos.
0,8460			0,5410
Chlorureto de caldio } — de sodio }	0,4580	— de magnesia } Proto-carbonato de ferro.....	2,2305
		Silica.....	quantid. indet.

Agua do Andarahy (arrabalde do Rio de Janeiro). Transparente ; sabor styptico e metallico ; sem cheiro ; temperatura 24° 1/2 centigrados estando a temperatura atmospherica, na occasião da experiencia, 25° 1/2 centigrados. 4 libras d'agua contém, segundo a analyse do Sr. Dr. Miranda e Castro :

Adido carbonico.....	Grão.	Proto-carbonato de ferro.....	Grãos.
0,7022			1,8513
Chlorureto de calcio....	0,0625	Silica.....	quantid. indet.

Agua das Laranjeiras (arrabalde do Rio de Janeiro). Sem côr ; transparente ; sem cheiro ; sabor styptico pouço sensivel ; temperatura 23° centigrados, quando a temperatura do ar atmospherico estava a 26° centigrados. O Sr. Dr. Miranda e Castro achou em 4 libras d'agua :

Acido carbonico.....	Grão.	Chlorureto de calcio..	quantid. indet.
0,1057			Silica.....
Proto-carbonato de ferro...	0,2787		

Agua da rua de Silva Manoel (cidade do Rio de Janeiro). Tem os mesmos caracteres physicos que a do Riachuêlo, com a differença de ter um sabor muito menos styptico. Sua composição chimica, em 4 libras d'agua, segundo o Sr. Dr. Miranda e Castro :

Acido carbonico.....	Grãos.	Sulfato de cal	quantid. indet.
0,1915			Silica.....
Proto-carbonato de ferro.....	0,5376		
Chlorureto de calcio..	quantid. indet.		

Agua da Lagôa de Rodrigo de Freitas (arrabalde do Rio de Janeiro) Eis-aqui a sua composição chimica, determinada pelo Sr. Dr. Miranda e Castro, em 4 libras d'agua :

Acido carbonico	Grãos.	Chlorureto de calcio..	quantid. indet.
0,5626			Silica.....
Proto-carbonato de ferro....	1,4833		

Na provincia do Rio de Janeiro ; dez fontes d'aguas ferreas sitas

nos seguintes lugares : *Nictheroy*, no morro de S. Lourenço. — Na mesma cidade, chacara do Ex.^{mo} Sr. Dr. José Caetano de Andrade Pinto. — Freguezia de *S. Gonçalo*, situação do Sr. Justino de Vargas e Faria. — Villa de *Iguassú*, terras do fallecido Januario Fernandes Alves. — Fazenda do Marechal Genelli, uma legua distante da precede te villa. — Fazenda do Sr. Antonio Avelino Damasceno, arredada duas leguas da mesma villa. — Serra de Santa Anna, fazenda denominada *Piedade*. — Freguezia do *Paty do Alferes*, fazenda do Sr. José Maria Guadclupe. — Cume da serra denominada *Botaes*, terras do Ex.^{mo} Sr. Marquez de S. João Marcos. — Parahyba do Sul, fazenda intitulada *Boa Vista*. (Observações feitas em 1841.)

Na Provincia de Minas Geraes. — Meio quarto de legua da cidade de *Ouro Preto*, onde existe uma fonte publica. — *Morro de Santa Anna*, um quarto de legua da cidade de Marianna. — *Pitangui*, fazenda do Sr. Joaquim Cordeiro Valladares. — *Serra da Boa Morte*, tres leguas distante de Congonhas do Campo. — *Rio Verde*, junto á sua margem. — *Serra do Caraça*, fazenda dos clerigos da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo. — Cidade *Diamantina do Serro*. (Todos estes nomes estão aqui indicados como existião em 1841, época em que forão feitas estas observações), Na aldêa de *Caxambú*, municipio de *Baependy*, fontes de Dona Theresa, de Conde d'Eu, e de Dona Isabel.

Na Provincia de Pernambuco cinco fontes : tres nas circumvizinhanças da cidade de *Olinda*; — uma em *Epipuncas*; — e uma em *Morteiros*, lugares proximos á cidade do Recife.

No Maranhão : varias fontes nas circumvizinhanças da cidade.

Na Provincia do Piauhy : municipios Principe Imperial e Paranaguá.

Na Provincia do Espirito Santo, terras do Sr. Francisco Pinto Homem de Azevedo.

Na Provincia de S. Paulo, ao sul da cidade de Santos, na base do monte denominado Monserrate.

Nos confins das provincias de Minas e de S. Paulo, a dois dias de viagem de *Mugymirim*.

As *Aguas ferreas de Portugal* mais conhecidas são :

A **Cabeça de Mont'achique** é perto de Lisboa. A vertente, chamada *Mina-Nova*, dá agua um tanto âmarellada, transparente, com sabor ferreo e um pouco adstringente, cuja temperatura média, no estio, verificada em differentes horas do dia, é de + 18°,44 centigrados, estando a do ar ambiente a + 20°,67 centigrados. Um litro d'esta agua, na temperatura de + 20° do thermometro centigrado, e sob a pressão atmospherica de 76 centi-

metros do barometro, contém, segundo a analyse feita e publicada pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, no seu Jornal (tomo II, pag. 571):

Gaz oxygeneo....	6 cent. cub.	Sulfato de ferro...	0,135 gramma
Gaz azoto.....	14 cent. cub.	— de cal.. . .	0,330 gramma
Chlorureto de calcio	0,048 gramma	— de alumina.	0,047 gramma.

Caldellas de Rendufe. Provincia do Minho. Duas leguas da cidade de Braga, em uma povoação chamada S. Thiago de Caldellas, comarca de Vianna do Minho, junto a um ribeiro intitulado das *Caldas* ou *Rio Albitto*, antes da união do rio Cávado com o Rio Home, ha duas nascentes d'aguas thermaes com quatro poços. É o sitio despovoado entre dois montes. As aguas são transparentes, crystallinas; tem cheiro sulfureo insignificante, o sabor é levisimo austero, quasi imperceptivel. Os poços dão grãos de calor de 31 a 33 centigrados. Ha tambem duas fontes uma ao nascente, outra ao poente, cujas aguas se podem beber, e cujo calor na primeira é de 30, na segunda 31. Estas aguas contém ferro, com alguns sulfatos, e o gaz hydrogeneo levemente sulfurado.

A agua da **Camara**, distante 2 leguas de Lisboa, é limpida, com sabor ferreo levemente acido. A sua temperatura média, achada em differentes horas do dia, no estio, é de + 18°,56 centigrados, estando a do ar ambiente a + 20°,89 centigrados. Um litro d'esta agua, na temperatura de + 20° do thermometro centigrado, e á pressão barometrica de 76 centrimetros, contém (Veja-se *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, tomo IV, pag. 575):

Gaz oxygeneo....	6 cent. cub.	Sulfato de ferro....	0,215 gramma
Gaz acido carb. livre	2 cent. cub.	— de cal.....	0,710 gramma
Gaz azoto.....	16 cent. cub.	— de magnesia	0,015 gramma.
Chlorureto de calcio	0,030 gramma		

Carlão. Provincia de Traz-os-Montes. Junto a Freixiel entre o rio Tua e a villa de Murça á distancia de uma legua d'esta, na margem oeste do rio de Tinhela, no meio de Porraes e Carlão, da Comarca de Villa Real, no fundo de uma fragosa eminencia, de baixo para cima nasce agua transparente, no grão de calor 33,33 a 34,44 thermometro centigrado, com o sabor e cheiro proprio das aguas mineralizadas pelo gaz hydrogeneo sulfurado, deixando na bocca a sensação de leve adstricção, que attesta, assim como os reagentes, a presença de ferro. Não ha no sitio banhos proprios, e estes se tomão em tinhas ou em poços cobertos com cabanas de ramada.

A vizinhança das povoações dá-lhes os diversos nomes de *Caldas de Favaio*, de *Porraes*, de *Murça* e de *Carlão*, sendo umas e as mesmas.

Cata, perto de Vizeu, na Beira alta.

Furnias. Ilha de S. Miguel. Varias fontes sulfureas, outras ferruginosas.

As principaes *aguas ferreas das outras partes da Europa* são :

Alais (França), *Bagneres de Bigorre* (Fr.), *Bath* (Inglaterra), *Bon-neby* (Suecia), *Bourbon-l'Archambault* (Fr.), *Bussang* (Fr.), *Bussignargues* (Fr.), *Chaudebourg* (Fr.), *Cheltenham* (Ing.), *Forges* (Fr.), *Godelheim* (Westphalia), *Lichtenstein* (Saxonia), *Luisenbad* (Pomerania), *Mont-Dore* (Fr.), *Orezza* (ilha de Corsega), *Passy* (Fr.), *Picciarella* (Napoles), *Pyrmont* (Westphalia), *Rennes* (Fr.), *Salerno* (Napoles), *Spa* (Belgica), *Tœplitz* (Bohemia), etc.

As aguas mineraes ferreas possuem propriedades tonicas, e augmentão em geral a acção de todos os orgãos: convem ás jovens chloroticas e mal regradas, nas flores brancas e gonorrhéas antigas, aos individuos de temperamento lymphatico, ou debilitados, e finalmente nos engurgitamentos do figado e do baço. Usão-se em bebida, e tomão-se pela manhã em jejum na dóse de um a tres copos. Em geral, não devem ser tomadas senão á fonte e na sua temperatura natural, para tê-las em toda a sua integridade. O calor artificial as decompõe; transportadas de longe e guardadas por muito tempo, depõem todo o ferro e perdem as suas qualidades.

§ IV. AGUAS SALINAS.

Chamão-se aguas salinas aquellas que contém saes em dissolução. Tem sabor salgado, amargo ou picante: contém sulfato e chlorhydrato de soda, e a estes saes devem suas propriedades eminentemente purgativas, quando se tomão na dóse de alguns copos.

As *aguas mineraes salinas do Brasil* mais conhecidas são :

1º As da comarca de *Itapicurú*, distante 44 leguas da cidade da Bahia. As vertentes d'estas aguas achão-se collocadas irregularmente pela margem do rio *Itapicurú*, em uma extensão de quasi onze leguas, e apresentão temperatura superior á do ar ambiente. Os Srs. Dr. Eduardo Ferreira França, o Dr. Ignacio Moreira do Passo e Manoel Rodrigues da Silva analyzárão tres vertentes principaes. Eis-aqui o resultado dos seus trabalhos :

Vertente da mãe d'agua do Sipó, distante da villa do Soure tres a quatro leguas. Esta agua não tem côr nem cheiro; seu sabor é salino; sua temperatura de 39 grãos centigrados; desprendem-se d'ella continuamente muitas bolhas de gaz, que se reconheceo ser o ar atmospherico. Cinco litros (170 onças) d'agua mineral contém em solução os corpos seguintes :

	Grammas.		Grammas.
Chlorureto de sodio	4,237	Carbonato de magnesia.....	0,120
— de calcio.....	0,150	Acido silicico	0,156
— de magnesio ..	0,217	Peroxydo de ferro	0,085
Sulfato de soda.....	0,045	Perda.....	0,508
Bicarbonato de soda.. . . .	0,348		
Carbonato de cal.....	0,095	Somma.....	5,961

Vertente do Mosquete, cinco leguas distante da villa da Missão da Saude, ao lado esquerdo do rio Itapicurú. A agua é limpida e transparente, sem cheiro nem sabor; sua temperatura é 36° centigrados. Dez litros (340 onças) d'esta agua contém:

	Grammas.		Grammas.
Chlorureto de sodio	0,584	Carbonoto de magnesia,.. . .	0,260
Acido silicico.....	0,180	Perda.....	0,237
Sulfato de soda.....	0,015		
Carbonato de cal....	0,264	Somma.....	1,540

Vertente da villa de Itapicurú, outr'ora Missão da Saude, distante um quarto de legua da villa de Itapicurú. Esta agua é limpida é transparente; sem cheiro; com sabor ligeiramente salino; sua temperatura é de 31° centigrados. Cinco litros (170 onças) d'esta agua contém:

	Grammas.		Grammas.
Chlorureto de sodio.....	0,935	Peroxydo de ferro, vestigios.	
— de magnesio	0,152	Materia organica destruida..	} 0,206
Acido silicico.....	0,036	Perda.....	
Sulfato de soda	0,021		
Carbonato de cal.....	0,214	Somma.....	1,714
— de magnesia.. . . .	0,150		

Além d'estas aguas, ha na comarca de Itapicurú outras, porém menos importantes, cujas vertentes são denominadas: *Rio Quente*, *Ferventinho do Sabiá*, *Talhada*, *Olho d'agua*, e *Fonte da Lage*, e todas são mais ou menos quentes. Contém quasi as mesmas substancias, mas em mui pequena quantidade.

A presidencia trata de fazer augmentar a capacidade de um estabelecimento existente no lugar das aguas, e de melhora-lo.

2º As aguas de **S. Domingos de Araxá**, na provincia de Minas-Geraes, distante cerca de uma legua da villa de Araxá. Forão descobertas e beneficiadas pelo juiz ordinario Bento Carneiro de Mendoga. A agua é fria, de gosto salobro; é salina e alcalina, goza de propriedades purgativas. Quando se lava com ella o cabelo, forma uma carapuça de espuma, e limpa a cabeça.

As aguas mineraes salinas de Portugal são:

Aljustrel. Veja-se S. JOÃO DO DESERTO.

Almofala. Beira. A duas leguas da cidade de Pinhel, ao lado esquerdo da estradã que vai para Almeida, fica o lugar de *Almofala*

no qual ha uma fonte crystallina, fria, d'agua mui salobra, que contém copia de saes de diversas bases, taes como carbonato e chlorhydrato de soda, sulfato de magnesia, com alguma porção ferruginosa ainda que leve. Usa-se em bebida.

Branças. Estremadura. Um quarto de legua para leste da villa da Batalha, comarca de Leiria, é o lugar das *Branças*, e a pouca distancia d'elle (cousa de 300 passos), ha tres nascentes d'agua salgada, que correndo sobre a estrada deixa sal crystallizado. Assim como se faz uso da agua do mar, pôde-se fazer uso d'esta agua em bebida.

Estoril ou **Cascaes.** Estremadura. Quatro leguas a oeste de Lisboa, meia legua antes da villa de Cascaes, n'um casal do sitio do Estoril, junto á fralda de um monte, nasce uma grande quantidade d'agua transparente, mui salobra, cujo calor é de 28,8° centigrados, é macia e unctuosa ao tacto; não dissolve o sabão nem pôde cozer os legumes. — Pelos annos de 1787 ou 1788 se construíram, e ainda existem, doze banhos com divisões de lages postas a prumo, que tem por cima pequenas casas para commodidade dos banhistas. Afóra estes doze banhos, ha um mais bem condicionado, e com casa mais ampla e decente, onde El-Rei D. Jozé algumas vezes tomou banhos.

Eis-aqui a analyse da agua do Estoril feita pelos Srs. José Dionysio Corrêa e Francisco Mendes Cardoso Leal Junior, publicada no *Jornal de Sciencias medicas de Lisboa*, anno 1835, tomo II, pag. 217

Cinco kilogrammas d'agua contém :

Gaz acido carbonico. 42 cent. cub. | Ar atmosferico... 408 cent. cub.

(Á temperatura de 16° centigrados e á pressão de 764,53 milímetros.)

Chlorureto de sodio ...	11,429	Sulfato de magnesia	1,39
— de calcio.....	0,7	Silica.	0,2
— de magnesia .	1,89	Oxydo de ferro.	0,02
Carbonato de cal....	0,98	Materia organica. ...	0,1
— de magnesia.. ..	0,5	Substancia gorda... ..	0,4
Sulfato de cal.....	1,02		

As aguas do Estoril são aconselhadas em banhos, contra as molestias de pelle, escrophulas, rheumatismo chronico, e paralyrias.

Maiorca. Estremadura. Um quarto de legua ao noroeste da villa de Maiorca, comarca da villa de Alcobaça, d'onde dista uma legua, na raiz de um monte, nascem quatro olhos d'agua quente, cuja temperatura é de 28° centigrados. É transparente, não tem

cheiro estranho; o sabor é amargo, algum tanto salgado. Contém sulfato de magnesia, chlorhydrato de soda, cal e magnesia. É portanto salina, util em banhos e bebida nos mesmos casos que as outras aguas da mesma natureza.

Pinhel. Beira. Nas duas quintas de Valle S. Thiago e das Capellas, ha duas fontes da mesma natureza e qualidade das da fonte de *Almofala* (veja-se pag. 75).

S. João do Deserto. Alemtejo. Um quarto de legua distante da villa de *Aljustrev*, comarca de Ourique, está a ermida chamada *S. João do Deserto*. Ao entrar n'ella, no centro da parede do lado esquerdo ha uma fonte, que sahe de uma rocha, que lhe serve de alicerce, cuja agua por aspera e ingrata não pôde beber-se, e bebida ainda em pequena quantidade é um violento emetico e summamente prompto.

Mil grammas d'esta agua contém :

Acido carbonico..	37 cent. cub.	Alumina.....	0,4000 gramma
Azoto	38 — —	Protoxydo de ferro..	0,8990 gramma
Acido sulfurico ..	2,323 grammas	— de manganez.	0,0799 gramma
Chloro	0,235 gramma	— de cobre .	0,0213 gramma
Silica.....	0,030 gramma	Antimonio }	0,0201 gramma
Acido phosphorico.	0,024 gramma	Arsenico.. . . . }	
Soda...	0,2107 gramma	Bismutho.....	indeterminado
Cal	0,0789 gramma	Materia organica...	indeterminada.
Magnesia.. . . .	0,0535 gramma		

J. PIMENTEL.

As aguas de S. João do Deserto são aconselhadas nas molestias de pelle, nas ulceras, rheumatismos chronicos, etc. Applicão-se geralmente em banhos. Para uso interno, a dóse é de 30 gram. (1 onça) diluida em 4 vezes o seu peso d'agua simples.

Tavira. Algarve. Junto á cidade de Tavira, capital da provincia do Algarve, na parte mais elevada do Rocio, que serve de passeio publico, nascem abundantemente uns olhos d'agua mui crystallina, de sabor agradavel, ligeiramente picante, de temperatura de 25°,5 centigrados. Contém acido carbonico, silica, chlorhydrato de soda e cal.

Torres Vedras. Estremadura. Na direcção nordeste de Torres Vedras, na distancia de um quarto de legua da villa, na fralda da serra de Maçheia, e no sitio chamado dos Cucos, nascem aguas quentes em dez origens diversas, todas da mesma natureza e diferente temperatura. A agua é limpa, crystallina em todas as nascentes e banhos; não tem cheiro algum sulfureo; o sabor é salino mais ou menos notavel, e com tal ou qual ligeira semelhança da stypcidade das aguas ferreas brandas. Sobrenada n'ella de vez em quando visivel quantidade de naphlta. Pelos reagentes

deo signaes de conter sulfato de magnesia, chlorhydrato de soda, cal e magnesia, com mui diminuta porção de ferro, e algum gaz carbonico. O calor não é igual em todos os banhos, nem constante em todas as estações do anno. Estando a atmospherá nublada, com trovoadá proxima, e marcando o thermometro centigrado 25° e meio, o calor dos dez banhos varia entre 32° e 37°. Estes grãos são ora mais ora menos em cada um dos banhos, pois já se observou que os que marcão 37° tem chegado a 44°. Estas aguas salinas tem sido proveitosas, como banhos, em muitos casos.

Vimeiro. Estremadura. Duas leguas para o norte da villa de Torres-Vedras, sobre as duas margens do rio que corre junto ao lugar do Vimeiro, e do lugar da Maceira, que lhe fica vizinhó, se achão os banhos chamados da *agua santa*, pelos prodigios que se julgava dever-se-lhe. Nasce a agua d'elles, de uma e outra banda do rio, a do sul na base de um rochedo, a do norte na raiz de um outeiro cultivado. É transparente, sem cheiro; no momento em que se tira das nascentes tem sabor pouco agradável, e ao parecer grossa, pouco salobra, mas conservada em casa torna-se boa e potavel. Tem nos sitios aonde nasce 25 e meio grãos centigrados. Os que entrão no banho sentem a estranheza propria d'esta temperatura, e dizem que sentem a agua unctuosa, ou saponacea. Os reagentes nada manifestão que não seja mui pequena porção de argila, e mui pouco chlorhydrato de soda. Ha banhos no sitio; tem sido frequentados para molestias de pelle.

As aguas principaes salinas das outras partes da Europa são :

Artejo (Hespanha, provincia de Coruna), *Baden-Baden* (Grão Ducado de Baden), *Balaruc* (França), *Cheltenham* (Inglaterra), *Egra* (Bohemia), *Epsom* (Inglaterra), *Kissingen* (Baviera), *Loeche* (Suissa), *Lucca* (Italia), *Marienhad* (Bohemia), *Pullna* (Bohemia), *Sedlitz*, *Seidchutz* (Bohemia), etc.

Bebidas em pequenas quantidades, estas aguas são simplesmente excitantes e tonicas. Administradas em banho quente ou frio, seus effeitos são muito mais energicos. Estas aguas, assim empregadas, são particularmente uteis quando se deseja produzir uma especie de reacção geral sobre a economia animal, como nas paralysias e fraquezas musculares.

A *agua do mar* pertence tambem a esta divisão; obra como purgativa administrada internamente na dóse de 1/2 litro; mas raras vezes se emprega d'esta maneira, por causa do seu sabor acre, amargo e nauseabundo, que provoca frequentemente vomitos, e porque, ainda em pequena dóse, cansa muito o estomago. A agua do mar emprega-se principalmente em banhos, cujos excellentes effeitos tonicos se utilizão a miudo.

As propriedades das aguas salinas residem nos seus principios fixos, pelo que podem ellas ser transportadas e conservadas por muito tempo sem alteração sensivel.

§ V AGUAS SULFUROSAS.

As aguas sulfurosas são as que contém o gaz hydrogenco sulfurado. Um sedimento amarello, que arde nas brasas, exhalando cheiro de ovos chocos, distingue-as com mais certeza. A maior parte d'estas aguas são unctuosas, seu sabor é nauseoso; mas perdem-n'o, assim como as outras propriedades que lhes são naturaes, quando estão expostas ao ar livre, ou a um calor brando e contínuo. Tem a propriedade de ennegrecer as preparações de prata. Estas aguas mineraes são quasi todas quentes, e poucas são as frias.

As aguas *sulfurosas brasileiras* mais conhecidas são:

1º **Caldas** na provincia de Minas Geraes. As aguas estão situadas a quatro leguas da villa de Caldas, sobre a margem direita do rio Verde. Ha diferentes poços. Um, chamado *Pedro Botelho*, contém agua mui quente com 45 grãos de temperatura. Ao lado d'este banho, a 4 metros, achá-se outro; a agua sahe por cima, e por isso lhe chamão a *bica*; esta tem 46 1/2 grãos, e é da mesma natureza sulfurea. D'aqui para baixo ha diferentes banhos que não estão aproveitados. Para cima, a 150 metros, na mesma margem do rio, ha mais dois poços, a que dão o nome de *macácos*; as aguas são tambem sulfurosas, porém menos quentes; uma tem 41 e outra 42 grãos. O uso de todos estes banhos tem sido proveitoso nas molestias cutaneas, rheumatismos, paralyrias. O governo provincial trata de facilitar o melhor aproveitamento d'estas fontes, fazendo construir reservatorios, casas para banhos e outras obras.

Uma legua acima da cidade de Caldas, que dista dos poços quatro leguas, ha as mesmas aguas, porém frias; e n'uma circumferencia de 18 metros, ha tambem um terreno fofo, que está cercado, porque os animaes que o pisão desapparecem.

As aguas de *Caldas* tem a sua origem na serra de Mantiqueira, do lado de Minas. Ha diferentes caminhos que conduzem a esse sitio. Quem vai do Rio por S. Paulo, terá doze leguas a percorrer pela estrada de ferro de Santos a Jundiahy. De Jundiahy a Campinas dez leguas; de Campinas a Mogymirim dez leguas; de Mogymirim a S. João de Jaguary nove leguas; de S. João acima da serra sete leguas; do cume da serra aos banhos, quatro leguas. Total quarenta leguas de Jundiahy ao lugar dos banhos.

2º Aguas de **Baependy**, na provincia de Minas-Geraes. Ha em Baependy duas fontes sulfurosas frias, uma forte, outra moderada.

Ha ali tambem tres fontes ferreas, fortissima, forte e fraca. Ha tambem uma fonte gazosa. Para ir do Rio ás caldas de Baependy, vai-se pelo estrada de ferro até Rezende e Campo Bello; depois atravessa-se a serra do Picú. De Campo Bello a Baependy ha quatorze leguas, pouco mais ou menos, que se percorrem em boa estrada de rodagem.

3º Agua sulfurosa da colonia **Theresa**, na provincia do Paraná.

4º No Rio Grande do Norte a fonte **Appody**.

As *aguas sulfureas de Portugal* são numerosas. Eil-as :

Alcaçarias em Lisboa. Na fralda do monte onde está situado o castello de S. Jorge, na distancia de 50 a 60 passos da margem do Tejo, achão-se os banhos chamados *Alcaçarias*. Distinguem-se em 1º *Banhos do Duque*, temperatura 30 grãos e meio centigrados; 2º *Banhos de D. Clara*; temperatura 30º centigrados. Quando se entra nas casas de qualquer d'estes banhos, sente-se um levissimo cheiro do gaz hydrogeneo sulfurado, e o Dr. Tavares os reputa sulfureos. As aguas, porém, d'estes banhos são crystallinas e limpas quando tiradas da nascente; assim se conservão sem deposito e alteração, posto que guardadas por largo tempo. Pelo sabor e cheiro pouca differença fazem da agua commum; só differem pela temperatura quente, e pela gravidade especifica maior que a da agua commum, provando assim que n'ella se achão dissolvidos alguns saes e terras. Com as dissoluções de chumbo não dão precipitado negro; o que infallivelmente aconteceria se n'ellas houvesse a mais leve porção de hydrogeneo sulfurado. — 3º *Banhos do Doutor*, cuja agua no seu reservatorio sómente attinge o grão 23 e meio do thermometro centigrado.

Alcafache. Beira alta. A uma grande legua de Vizeu, junto á margem septentrional do rio Dão, ha tres nascentes d'agua thermal sulfurea. O calor de duas é de 49º centigrados; porém o da terceira, que verte de uma rocha de seixo no alveo do rio, é superior, e custa a supportar mettendo-lhe a mão. D'esta como mais asseada, é que se faz uso para bebida. Em ambas as margens do rio ha casas com sufficientes accomodações, e tinas em cada uma d'ellas para os banhos. A agua não deixa na sua passagem deposito sensivel, e ficando de um dia para outro em vaso de bocca larga torna-se insipida, sem cheiro, mui leve, e capaz de servir para todos os usos domesticos.

Alhandra. Estremadura. Além da villa da Alhandra, na margem septentrional do Téjo, que dista a 400 passos, nasce, na fralda de uma serra, uma agua mineral em uma especie de poço. É fria e transparente; de sabor pouco estranho. Junto á nascente dá ás vezes cheiro de gaz hydrogeneo sulfurado.

(Pag. 80 (a), vol. I.)

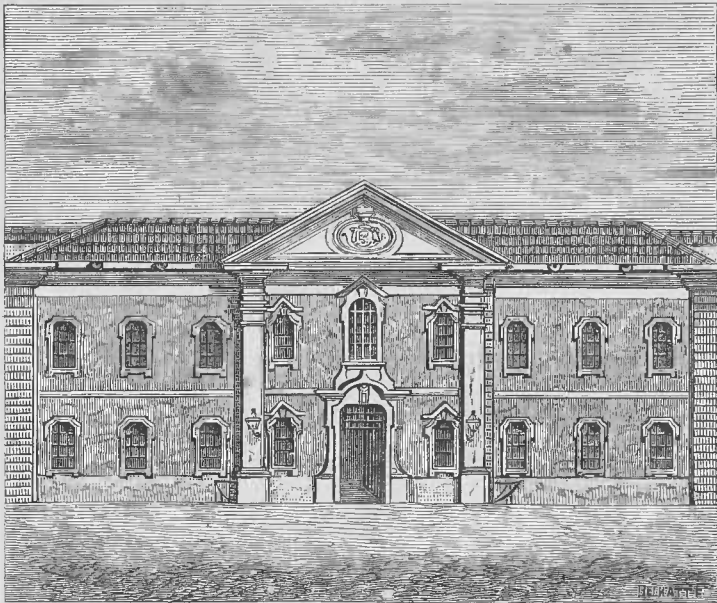


Fig. 9 (d).

CALDAS DA RAINHA (PORTUGAL).

(Aguas sulfurosas quentes.)

VISTA DO HOSPITAL E DA CASA DE BANHOS.

(Veja-se a descripção no vol. I, pag. 81.)

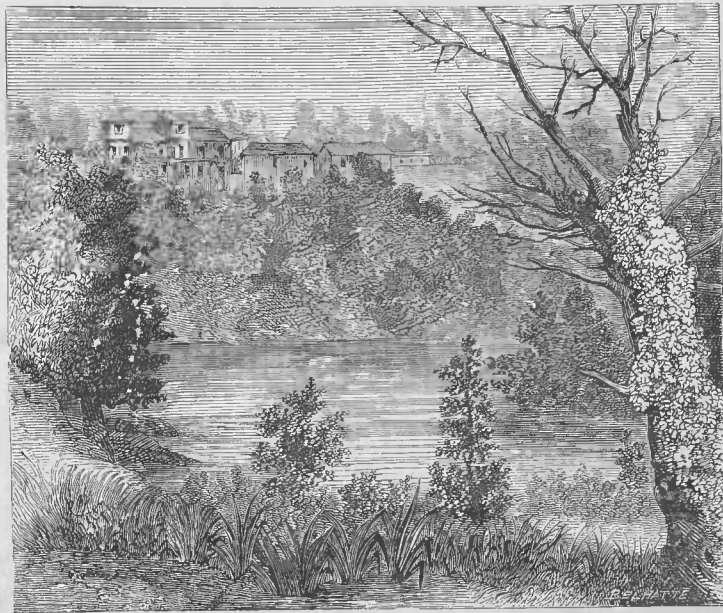


Fig. 9 (e).

VIZELLA (PORTUGAL).

Aguas sulfurosas quentes. — (Veja-se vol. I, pag. 90.)

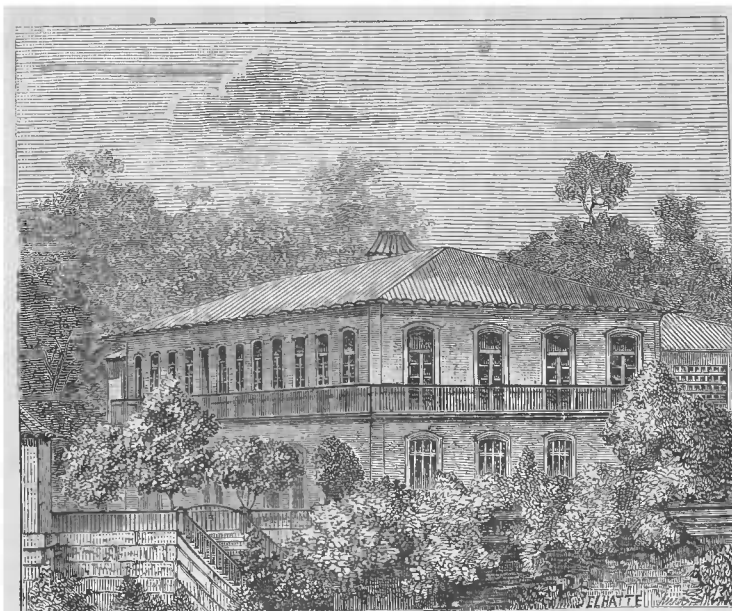


Fig. 9 (f)

HOTEL DO CRUZEIRO DO SUL NAS CALDAS DE VIZELLA.

Redução das vistas, publicadas em maior formato na interessante obra do Sr. Ramalho Ortigão : *Banhos de caldas e águas minerais*. Porto, 1875. 1 vol. de 135 pagina^s com 10 vistas das caldas de Portugal.

Almeida. Beira-baixa. A *fonte santa*, que está no termo de Almeida, comarca de Pinhel, pouco abundante e longe de commodidades, é sulfurea fria.

Alpreada. Beira-baixa. A tres leguas de distancia de Castello Branco, na fralda da serra da Ribeira, chamada de Alpreada, nascem aguas sulfureas frias.

Aregos. Beira-alta. No concelho de Aregos, na povoação das *Caldas*, a quatro leguas de Lamego, nas fraldas de duas collinas, nascem aguas thermaes em differentes origens, mui abundantes, e que fertilizão grandes campinas. O calor de cada uma das nascentes é como se segue :

Tanque de Albergaria	52°	therm.	cent.		Outra fonte onde de-
— de S. ^{ta} Luzia.	37°	—	—		pennão aves.
— d'onde bebem	47°	—	—		61° therm. cent.
					Tanque da Figueira. 43° — —

Estas aguas são crystallinas e transparentes; sabor e cheiro, em quanto quentes, proprias das sulfureas; os quaes perdem depois de frias, de tal maneira, que ficão como a agua commum, que os moradores das *Caldas* empregão no uso da cozinha, amassando igualmente com ellas o pão, e nem este nem as iguarias cozidas n'ellas dão o mais leve indício do seu sabor ou cheiro.

Arez. Alemtejo. Entre as duas villas Arez e Gafete, na distancia de meia legua de cada uma, na comarca de Portalegre, nasce de um rochedo a fonte chamada *Fedegosa*, que d'ahi vai encanada para dentro de uma casa, onde tem dois *banhos*. É fria, crystallina; o cheiro é sulfureo, que se percebe a alguma distancia, como de ovos chocos. Na sua passagem deixa deposito superiormente alvacentos e inferiormente fuscos ou pretos, o qual, secco, inflamma-se com chamma azul e cheiro suffocante proprio de enxofre. Bebe-se com utilidade nas molestias cutaneas; aquecida, póde usar-se em banhos.

Cabeço de Vide. Alemtejo. Junto ao Cabeço de Vide, comarca de Aviz, no meio dos montes, brota uma fonte sulfurea, deixando o lodo proprio de sua natureza pelos sitios aonde passa. Nasce entre pedras, mui diaphana com sabor e cheiro proprios. O seu calor é de 26 grãos centigrados.

Caldas da Rainha. Estremadura. Villa do districto de Leiria, distante quatorze leguas e meia de Lisboa. Está situada a pouca distancia da Villa de Obidos, não muito longe do mar, em terreno baixo e arenoso, cercada de pequenos e graciosos outeiros, quasi todos cultivados ou cobertos de pinhaes. Suas aguas sulfurosas brotão com abundancia, no local em que se achão estabelecidos os banhos e hospital. Tem esta villa o nome de *Caldas da Rainha*, porque deve a sua origem á Rainha D. Leonor, mulher de D. João II, a

qual em 1484 mandou edificar n'aquelle sitio um estabelecimento de banhos e hospital, de cujas construcções só restão hoje parte da igreja, e uma torre já mutilada e alterada. D. João V mandou construir novos banhos, em 1750, e reedificar o edificio debaixo do novo plano, na fórma que hoje se vê.

Construíram-se então sobre as nascentes quatro grandes tanques, de que hoje só se utilizão tres, porque no quarto não ha nascente propria. O maior d'estes, destinado para *banho dos homens*, tem 11 metros de comprimento, perto de 3 metros de largura, e 1 metro pouco mais ou menos, de profundidade de que só 60 centímetros se achão ordinariamente occupados pela agua. Os outros dois tanques, que são destinados para os *banhos das mulheres*, achão-se em outra parte do edificio. Um tem 8 metros 80 centímetros de comprimento, sobre 2 metros 64 centímetros de largo; o outro é de igual comprimento, e de 3 metros 30 centímetros de largura. Ambos tem 1 metro de profundidade. Muitas são as nascentes que n'estes banhos rebentão; sua temperatura é de 34 grãos e meio do thermometro centigrado. As nascentes vertem, por minuto, 2 metros cubicos d'agua. O banho dos homens enche-se em quinze ou vinte minutos. O fundo dos banhos é de areia fina, lançada ali expressamente para commodidade dos que se banhão n'aquellas aguas.

Separada das nascentes dos banhos, existe outra nascente n'um poço, cuja abertura está collocada na casa immediata ao vestibulo do edificio, e que se chama *casa da copa*. Tira-se d'este poço, por meio de uma bomba, ou de uma bilha suspensa n'uma corda, a agua sulfurea que os doentes bebem. Sua temperatura é de 34 grãos e meio centigrados.

A agua de todas as nascentes, nos banhos e no poço, é limpida e incolor; na sua origem é gazosa, e deposita sobre os corpos, que n'ella se mergulhão, muitas bolhas de gaz. De todas as nascentes, e da areia que as cobre, sahem constantemente bolhas volumosas de gaz. O distincto chimico, o Sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel, recolheo este gaz em 1850, e, analyzing-o, achou-o composto do seguinte modo :

Acido carbonico e pouco sulphydrico..	..	16
Proto-carbonato de hydrogeneo.....	..	3
Oxygeneo.....	1
Azoto.....	80
		80

100

O cheiro da agua é o do gaz sulphydrico, ou dos ovos chocos, que se faz sentir a grande distancia. Dentro da casa dos banhos é a primeira impressão d'este cheiro muito desagradavel, mas, passado algum tempo, e principalmente para os que se banhão, torna-

se supportavel e quasi imperceptivel, tanto a elle se habituão os orgãos do olfacto. Fóra da nascente e dos banhos, a agua conserva ainda o cheiro sulfuroso, que, no fim de quarenta e oito horas de exposição ao ar livre, tem completamente desaparecido. Fervida, perde tambem o cheiro. O sabor d'esta agua é um pouco sulfureo e adocicado, sem ser repugnante, principalmente em quanto ella conserva a temperatura da origem. Póde beber-se facilmente; o estomago recebe-a sem incommodo.

A agua das *Caldas* que se recolhe e transporta em garrafas menos bem tapadas, em poucos dias, e ás vezes em poucas horas apresenta frocos, que se depositão no fundo d'ellas; perde o cheiro e o sabor proprio, e adquire outros mui differentes. Sendo porém cautelosa e promptamente engarrafada, e no mesmo momento defendida do toque do ar, e da evaporação do gaz, conserva-se soffriavelmente actiosa, e capaz de produzir effeitos proporcionaes em quanto durão não alteradas estas qualidades sensiveis.

Mil grammas d'esta agua contém :

Gaz oxygeneo....	1,08 cent. cub.	Chlorureto de sodio	1,5940 grammas
— azoto.....	16,70 — —	Sulfureto de sodio.	0,0027 —
— sulfhydrico...	4,75 — —	Bromureto de magnesio	— vestigios.
— acido carb....	61,20 — —	Alumina.....	} 0,0453 grammas.
Carbonato de cal..	0,2089 grammas	Oxydo de ferro .	
Sulfato de cal....	0,4276 —	Silica.....	
— de magn..	0,2088 —	Materia organica.	
— de soda...	0,1404 —	Perdas....	

J. PIMENTEL, 1838.

As *Caldas da Rainha* são uteis ás molestias de pelle, escrophulas, molestias chronicas do peito, rheumatismo, paralytias, ankyloses. Administrão-se externamente em banhos, loções e emborações; e em bebida na dóse de 150 a 300 grammas (5 a 10 onças) por dia.

Existem no estabelecimento quartos com banheiras, para se tomarem banhos em separado. Achão-se na villa casas para alugar, para os banhistas, e hoteis muito asseados; ha um Cassino, onde as familias, que ali se reúnem, podem ouvir musica e achar outras distracções. Na villa ha um bonito parque; os arredores offerecem bellos passeios; o ar é salubre, o clima ameno; ha abundancia de alimentos : boa carne, bom peixe, muita fructa e a vida barata.

Canas de Senhorim. Veja-se *Val de Medeiros*.

Canavezes. Douro. Debaixo de um durissimo rochedo em um monte sobranceiro ao rio Tamega, proximo á villa de Canavezes, a cinco leguas de Guimarães, nasce uma agua thermal crystallina, em cuja superficie apparecem uns ligeiros focos, estalando amiudadas bolhas, que sobem do fundo da nascente. O seu cheiro e mais qualidades sensiveis a classificão nas aguas sulfureas, sem

exclusão de sulfatos e outras substancias que tenham de mistura. O seu calor é de 34° a 35° centigrados.

Carlão. Traz-os-Montes. Junto a Freixiel, entre o rio Tua e a villa de Murça, na margem do ribeiro Tinhela, no meio de Porraes e Carlão, pequênas povoações da comarca de Villa Real, no fundo de uma fragosa eminencia nasce agua transparente, crystallina, no gráo de calor de 33° a 34° do thermometro centigrado, com cheiro e sabor proprio das aguas mineralizadas pelo gaz hydrogeneo sulfurado, deixando na bocca a sensação de leve adstricção, que attesta, assim, como os reagentes, a presença de porção ferruginosa. A vizinhança das povoações lhes dá os diversos nomes de Caldas de *Favaio*, de *Porraes*, de *Murça*, e de *Carlão*, sendo umas e as mesmas.

Carvalho. Beira-alta, na comarca de Vizeu. Aguas sulfurosas e quentes. Temperatura 35° a 38°.

Entre-Rios. Douro. Distante um quarto de legua para leste da povoação chamada Rua de Entre-Rios, quasi no cume de um monte (Freguezia de S. Payo de Portella, comarca de Penafiel), sahe pela fenda de uma durissima rocha, uma agua mui fina e mui crystallina, cujo cheiro sulfureo começa a sentir-se na distancia de vinte passos. É mui abundante de gaz hydrogeneo sulfurado tão intimamente combinado, que, em garrafas bem tãpadas, conserva a sua efficacia e dura mezes.

Freixialinho. Beira-baixa. Na distancia de duas leguas de Castello Branco, no monte de S. Luiz, junto ao sitio chamado *Freixialinho*, ha nascente de agua sulfurosa.

Furnas. Pequena aldeia assentada no interior da ilha de S. Miguel n'um espaçoso valle, cercado de altissimas rochas no circuito quasi de tres leguas, na distancia quasi de dez leguas de Ponta Delgada, capital da ilha. No fim do valle ha uma pequena elevação a que chamão *as Caldeiras*. Esta elevação, que tem perto de dois kilometros de superficie, consta de numerosos e pequenos outeiros, e é ahi evidente a acção do fogo. Ha n'essa elevação numerosas fontes ferventes, algumas quentes outras frias, porém mineraes. A maior das fontes ferventes é a *Caldeira grande*, a sua profundidade é consideravel; quanto á sua circumferencia, parece que variava em diversas épocas. Um medico inglez, o Dr. Gurlay, que a observou em 1791, dá-lhe 9 a 10 metros de diametro; Luiz Mousinho de Albuquerque, que a descreveo em 1826, dá-lhe 1 metro 1/2 de diametro. O Sr. Bernardino José de Senna Freitas, em 1840, apenas 1 metro. Do seu centro se eleva com forte estrepito um cachão d'agua fervendo, tendo 6 metros de altura.

Cerca d'aquella caldeira vê-se uma profunda cova, em fórma

circular, exhalando perenne fumo; e em seu fundo ferve com vehemencia a agua lodosa, sem que porém transponha as paredes da cratera; salta e recae fervendo sobre si mesma. Esta *furna* é a mais moderna do Valle; ella appareceu no anno de 1840.

Outra caldeira, menor que a primeira, e maior que a segunda, existe na proximidade d'aquella, e a differença de calor é insignificante: encontram-se n'ella crystallizações, e abundancia de enxofre; a sua torrente encaminha-se á casa de banhos.

Na distancia, talvez, de 30 passos da caldeira grande, acha-se a *Caldeira do polme*, ou de *Pedro Botelho*. Com impetuosidade estrondosa se eleva acima do seu nivel uma columna d'agua lodosa, ou especie de lava, muito quente, com espesso fumo envolto no polme.

Outras pequenas caldeiras, borbulhando agua quente, umas perto das outras, innumerous crivos na superficie da terra, expellindo polme e vapor, reabsorvem a sua mesma agua ou espargem-na para fóra. Em muitas partes o chão está coberto de enxofre.

A agua da *Caldeira grande* é sem côr, sem opacidade, sabor sensível, cheiro sulfuroso mui fugaz, que desaparece pouco depois de recolhida; adquire com o tempo um cheiro fortissimo de putrefacção.

Todas estas aguas nascem a uma elevada temperatura (95º centigrados); para as empregar em banhos é necessario misturar nas banheiras uma parte, previamente arrefecida em deposito, com outra, directamente canalizada.

Usadas internamente estas aguas são laxativas, diureticas e sudorificas. Para uso interno, entre todas as nascentes d'agua d'esta natureza, torna-se notavel uma pequena fonte, designada pelo nome d'*Agua Santa*. Prescreve-se geralmente na dóse de 250 grammas (8 onças), com uma parte igual de leite, e adoçada com assucar. Administrada por esta fórma, é util nas affecções chronicas do larynge, dos bronchios, e na asthma.

Para os banhos, usa-se sobretudo a agua da *Caldeira grande*.

Estes banhos aproveitam nos rheumatismos chronicos, nas retracções musculares, nas ankyloses incompletas, sciáticas, paraliasias, e sobretudo nas molestias de pelle.

Na distancia quasi de meia legua da *Caldeira grande*, encontra-se uma espaçosa lagoa, com pouco menos de tres quartos de legua de circumferencia, e 47 metros na maior profundidade. Conjectura-se que ella fornece ás caldeiras das Furnas a sua agua, e as preserva de não se tornarem em volcões; impede a inflammacção das substancias combustiveis que ali podem existir.

Além das aguas sulfurosas achão-se no Valle das Furnas aguas

frias, contendo o acido carbonico, com ferro, alumen e magnesia; outras com sabor salino, acido e amargoso; outras quentes e ferruginosas. Uma d'estas fontes, denominada d'*Agua azeda*, sahe de uma bica de pedra, e se derrama em uma bacia, igualmente de pedra, e d'aqui, precipitando-se em fio, forma um pequeno regato no chão. A sua temperatura é 17° centigrados, sendo a média do ar no decurso das observações de 21°3. É sem côr, sem opacidade, cheiro acido e picante; sabor analogo; toma com o tempo um cheiro de putrefacção.

Ha tambem na localidade abundancia d'agua potavel.

Na vizinhança das fontes existem pequenas casas com banheiras de pedra em que se tomão os banhos. Para morada, os doentes alugão pequenas casas, trazendo da cidade o trem necessario. Além d'estas, existe uma hospedaria, onde ha bom tratamento. Existe no Valle muito gado vacum; ha gallinhas em grande numero, patos e marrecos.

O Governo da ilha estabeleceo, perto das caldeiras, um hospital para os pobres.

A estação thermal dura quatro mezes, de Junho a Setembro.

O aspecto do Valle das Furnas é pittoresco e agradável; este lugar da ilha é o mais fresco d'ella. As pessoas que vão ao Valle das Furnas fazem excursões em burrinhos á villa da Povoação, á Ribeira Quente, á Achada das Furnas, ao Pico da Vigia, á Lagoa, ás matas d'Alegria, á cascata da Briosa, á cascata de Camarinhas, e ao Pico da Vara, que é o mais alto da ilha, e distante do Valle tres leguas, pouco mais ou menos.

Gavião. Alemtejo. Na distancia de quasi uma legua da villa do Gavião, defronte da povoação chamada Torres de Belver, nasce, proxima ao rio Tejo, uma fonte de agua fria, crystallina, com cheiro proprio das aguas sulfureas, de sabor nauseoso: é a fonte chamada *Fedegosa*. A analyse mostrou que esta agua contém gaz hydrogeneo sulfureo com certa porção ferruginosa.

Linhares. Beira. A um quarto de legua da villa de Linhares, nasce, no fundo de um pequeno outeiro pedregoso, uma fonte chamada de *Santo Amaro*; a agua é fria, crystallina, com cheiro e sabor enxofrado.

Lisboa. Além das aguas chamadas *Alcaçarias* (veja-se pag. 80), ha em Lisboa *Agua do Arsenal da Marinha*. É transparente com cheiro de ovos chocos, sabor salino e levemente amargo, temperatura na nascente + 16° centigrados, estando a do ar ambiente a + 16° 1/2. Segundo a analyse publicada pela Sociedade Pharmaceutica de Lisboa, no Jornal da mesma Sociedade (t. I, pag. 24), 3 kilogrammas 1/2 d'esta agua sulfurosa contém em disso-

lução, na temperatura de + 20° centigrados, e sob a pressão de 780 millímetros :

Gazacido sulfhydrico	100 cent. cub.	Acido silicico.....	1,10 grammas
— acido carbonico	260 — —	Sulfato calcico.....	1,70 —
— azoto.....	43 — —	— magnesico..	2,50 —
Chlorureto magn..	11,51 grammas	Chlorureto sodico.	54,00 —
Carbonato calcico..	2,00 —	Vestigios de materia organica gorda.	

Luso. Douro. Na baixa da serra de Bussaco, tres leguas ao norte de Coimbra, nasce a chamada Fonte do banho, em fórma de poço, da qual sahe agua á temperatura de 20° a 23° centigrados, tem fraco sabor e cheiro sulfureos.

Manteigas. Beira-baixa. São duas as origens d'onde sahem as aguas thermaes na villa de Manteigas. Chamão á primeira fonte *Caldas pequenas*, em razão do menor gráo de calor que possui; a outra é a *fonte da Lapa*, cuja temperatura é mui superior ao calor natural do corpo. Uma e outra nascente são mineralizadas pelo gaz hydrogeneo sulfurado.

Maria Viegas. A um quarto de legua da pequena povoação de *Santo Antonio de Areias*, que dista uma legua de Marvão, nasce a fonte chamada de *Maria Viegas*. A agua é fria, sulfurea, diaphana, de sabor enjoativo, cheiro de ovos chocos.

Moledo. Traz-os-Montes. Na distancia de meia legua, para leste, da villa de Mezão-frio, ao norte do rio Douro, defronte do Moledo que fica na margem do sul, ha nascentes de agua sulfurea na margem do rio. Temperatura na nascente 39°,5 centigrados, no deposito 37°, e nas tinhas 35°.

Monchique. Algarve. A uma legua, para o sul, da villa de Monchique, na fralda da serra do mesmo nome (abundante em multiplicados arroios de crystallinas e saudaveis aguas), está o sitio onde brotão as aguas thermaes. São quatro as nascentes, que rebentão de rocha, distantes entre si mais de 150 passos. Ha tanques para os banhos, hospital para pobres, e quartos para os particulares. A agua em todas as origens é crystallina, de cheiro levemente sulfureo, e sabor algum tanto enjoativo. O calor com que nasce é de 32° a 33° centigrados. Na vizinhança existem aguas ferreas.

Monsão. Minho. A mui pequena distancia da villa de Monsão, na margem do rio Minho, nascem tres abundantes olhos d'agua sulfurea thermal, que formão outros tantos banhos. A differença do calor em cada um dos banhos, lhes deo os nomes de *brando* ou *temperado*, de *contraforte*, e de *forte*. O calor do banho *brando* ou *temperado* é de 33° a 35° centigrados; o do *contraforte* é de 36° a 39°; e o do *forte* 43°. A agua é crystallina, diaphana, com sabor

um tanto picante, cheiro ligeiramente sulfureo. Sahem constantemente d'ella bolhas de gaz que estalão na superficie.

Monte de Pedra. Alentejo. Duas leguas para oeste da villa do Crato, a um quarto de legua do lugar chamado Monte de Pedra, nasce debaixo de um rochedo uma fonte fria, que desde sua origem vem encanada, e corre crystallina, com sabor e cheiro sulfureo, que de longe se sente.

Monte Real. Estremadura. Duas leguas da cidade de Leiria a um quarto de legua da villa de Monte Real, junto á raiz de um pequeno monte, nasce de sua rocha uma fonte d'agua sulfurca e salina fria, de côr transparente, cheiro de ovos chocos, e sabor sulfureo amargo.

Padreiro. Minho. A uma pequena legua de distancia da villa dos Arcos de Val de Vez, nascem duas pequenas fontes de agua sulfurca fria, que é clara e diaphana, com gosto e cheiro proprios das aguas sulfureas.

Penamacor. Beira-baixa. A uma legua de Penamacor, nasce debaixo de uma rocha, uma agua clara, fria, com cheiro sulfureo que longe do sitio se percebe.

Pombal de Anciães. Traz-os-Montes. A tres quartos de legua do lugar do Pombal, termo da villa de Anciães, seis leguas da villa de Moncorvo, ha uma origem d'agua sulfurca thermal, cuja temperatura é de 35° a 36° centigrados. É a agua de côr um tanto alvacentas, de sabor sulfureo, cheiro de ovos chocos.

Pranto. Douro. Junto ao lugar da Azenha, termo de Montemor-o-velho, cinco leguas de Coimbra, nascem ao lado do monte Barril as aguas thermaes, que por ficarem proximas a uma capella da Senhora do Pranto, se intitulão d'este nome. O calor das nascentes é de 31° a 33° centigrados. A agua é clara, transparente, com pouco cheiro sulfureo, sabor enjoativo.

Ranhados. Beira. Mui perto da villa de Ranhados, ha caldas da categoria das sulfureas, do calor de 38° a 47° centigrados.

Rapoila de Cóa. Beira-baixa. Na margem occidental do rio Cóa, limite do lugar de Rapoila de Cóa, a deseseis leguas da cidade de Castello Branco, existem nascentes de agua sulfurca quente, cuja temperatura é de 34° a 38° centigrados.

Rio Real. Estremadura. Da banda de leste da villa de Obidos corre um riacho, a que dão o nome de Rio Real, em cuja margem septentrional nasce agua sulfurca, tendo a temperatura de 23° centigrados.

Santa Comba-Dão. Beira-alta. Existem ali tres mananciaes de aguas mineraes, dos quaes dois são sulfureos; o terceiro é de agua ferruginosa.

S. Gemil. Beira-alta. Duas leguas ao sudoeste de Vizeu, na margem do rio Dão da parte do norte, perto da povoação de S. Gemil, nascem umas aguas thermaes diaphas e puras como as mais puras de fonte em quanto á vista. O cheiro é proprio das aguas sulfureas, e o sabor é analogo ao cheiro. O seu calor é de 48° centigrados.

S. Jorge. Beira. Comarca da villa da Feira. Ha nascente de agua sulfurosa fria.

S. Mamede. Estremadura. Na serra que fica a leste da aldeia de S. Mamede, distante da villa de Obidos uma pequena legua, ha uma nascente de agua sulfurea thermal.

S. Pedro do Sul. Beira-alta. No sitio chamado do *Banho*, na raiz do monte Lafão, entre as duas villas de Vouzella e S. Pedro do Sul, a igual distancia de meia legua de ambas, ao norte da cidade de Vizeu tres leguas, na margem do rio Vouga, é que nascem estas famosas aguas. D'aquí passam por um aqueducto aos tanques dos banhos. O calor na nascente é de 67° centigrados. Este excessivo calor faz com que apezar da grandeza dos tanques, e do muito tempo que se consume a enchê-los, seja necessario ainda mover a agua dos tanques por espaço consideravel com pás para reduzi-las a menor gráo, e poder-se entrar no banho. Igualmente se podem temperar com agua do Vouga. O cheiro da agua thermal é o dos ovos chocos, o sabor um tanto acidulo e adstringente, para muitas pessoas nauseoso; a agua é crystallina e transparente, de apparencia unctuosa, como sabão esfregado nas mãos.

Taipas. Minho. Proximo ao rio Ave, estão situadas as Caldas das Taipas, distantes, tanto de Guimarães como de Braga, legua e meia. O sitio é aprazivel; o terreno, é plano e fertil. Os mananciaes das aguas mineraes repartem-se para tanques ou poços. A agua é diaphana, crystallina; tem cheiro de ovos chocos, sabor nauseoso; deixa no seu transitto deposito com todos os caracteres da sua qualidade sulfurosa. O calor da agua varia conforme os poços, de 29° a 32° centigrados.

Unhaes da Serra. Beira-baixa. Tres leguas ao sudoeste da villa de Covilhã, em um valle cercado de alcantilada serrania, está situada a povoação de *Unhaes da Serra*. Na distancia de uma legua, ao mais alto das montanhas vizinhas, ha varias fontes de aguas thermaes, que, espalhadas por grande parte do valle, brotão em diversos sitios, sahindo com violencia de baixo para cima, e em abundancia. A sua côr é lacticinosa, sabor ingrato, cheiro de ovos chocos. Existe ali uma casa com dois banhos, um mais quente do que outro. No banho chamado *quente*, o calor é de 34°

centigrados, no banho chamado *frio*, a temperatura é inferior a 25º centigrados.

Val de Medeiros. Beira-alta. Junto ao rio Mondego, meia legua abaixo da villa de Canas de Senhorim, perto da povoação de *Val de Medeiros*, brota uma nascente sulfurea, cujo calor é summamente agradável ao corpo, e por tanto não excede o grão 33 a 35 do thermometro centigrado. O effeito purgativo d'esta agua, usada como bebida, attesta, juntamente com o gaz hydrogenco sulfureo, a presença dos sulfatos.

Vizella. Minho. Comarca e concelho de Guimarães ; quatro leguas de Braga, e cincoenta e oito de Lisboa. Riquissimos mananciaes d'agua sulfurca quente, de grande variedade de temperatura, para onde se dirigem muitos doentes das provincias do norte de Portugal. Tem-se ali descoberto muitos banhos de construcção romana, que tem sido restituídos ao uso do publico. Pelo que respeita ás qualidades sensiveis, estas aguas são diaphanas, de cheiro de ovos chocos. O calor de cada um dos banhos em uso varia segundo os dias ; a temperatura média de todos varia entre o grão 32 e 49 do thermometro centigrado ; na fonte a temperatura de alguns banhos é de 57º e 60º.

Zebbras. Beira-baixa. Comarca de Castello Branco. Aguas sulfurosas frias.

As principaes aguas sulfurosas dos outros paizes da Europa são: *Aix en Savoie*, *Bagneres de Luchon*, *Bareges*, *Eaux-Bonnes*, *Cauterets*, *Enghien*, *Saint-Sauveur*, *Uriage*, em França ; *Caudier*, no Piemonte ; *Aix-la-Chapelle*, na Prussia ; *Alcamo*, na Sicilia ; *Cheltenham*, em Inglaterra ; *Gex*, na Suissa ; *Baden*, na Austria, etc.

As aguas sulfurosas gozão de propriedades excitantes ; todas são recommendadas nas molestias cutaneas, nos rheumatismos chronicos, nas debilidades das articulações e dos musculos, em certas paralyrias, nas falsas ankyloses, nas affecções pulmonares, e na syphilis inveterada. Empregão-se em bebida, banhos e emborcacões. Tomadas como bebida são particularmente vantajosas nas molestias do peito. Quanto mais quentes, maior é o seu effeito. Um só banho d'agua sulfurosa é sufficiente para deixar por muitos dias um cheiro mui pronunciado na transpiração.

Quanto ao modo de administrar internamente as aguas sulfurosas, é preciso, em consequencia da sua acção excitante, usar d'ellas em pequena dóse ao principio. Dois ou tres copos bastão para os primeiros dias, e sua maior dóse não deve exceder quatro a seis copos. Quentes, são menos desagradaveis de beber do que frias. A duração dos banhos deve ir gradualmente até serem de uma hora,

As aguas sulfurosas podem ser transportadas comtanto que estejam arrolhadas perfeitamente. Porém experimentação sempre uma perda sensível, e o cheiro mais forte, que exhalão, indica uma sorte de decomposição. Não se póde, por conseguinte, estabelecer comparação entre as aguas tomadas á fonte e as que são transportadas, sobretudo quando estas ultimas ficão por muito tempo nos armazens.

AGUAS SIMPLEMENTE THERMAES. No Brasil, na provincia de Santa Catharina, existem caldas simplesmente thermaes, isto é, quentes, que nada tem de sulfurosas, e, quando frias, são até muito agradaveis. Seu uso tem sido efficaz em muitas paralyrias, rheumatismos chronicos, e molestias de pelle. São conhecidas com os nomes de *Caldas de Bittancourt*, temperatura de 35 1/2 grãos; *Caldas do Monte do Cubatão*, de 36°; *Caldas do sul do Cubatão*, de 45°; e *Caldas do Tubarão*.

Para aproveitamento de algumas fontes d'estas aguas, ha perto da capital da provincia, e adiante da cidade de S. José, um estabelecimento denominado *Hospital das Caldas da Imperatriz*, com accommodações para enfermos, e banheiras em quartos fechados. Está situado em lugar muito ameno e saudavel, proximo de um ribeirão de excellente agua, e coberto de matto virgem em grande extensão.

Além d'estas ha fontes thermaes em outras provincias do Brasil que ainda não estão bem examinadas, como sejam as do sertão do *Seridó* na provincia do Rio Grande do Norte, cerca de seis leguas da villa do Principe. Suas aguas são salóbras e sempre tepidas.

Estão no mesmo caso as da *Lagôa Santa*, em Minas-Geraes, cujas aguas, na extensão de quasi meia legua, e largura de um quarto conservão-se sempre tepidas.

Gerez. Portugal. Provincia do Minho. Seis leguas ao norte de Braga, e em igual distancia de Guimarães, uma legua acima do Villar da Veiga, quasi na parte mais elevada de uma apertada garganta da serra do Gerez, nascem por varias partes, aguas quentes em grande abundancia. São todas da mesma natureza; e brotão atravez das fendas de uma rocha de granito vermelho, e ajuntão-se em diversos tanques expressamente fabricados para banhos; ha tambem uma fonte cuja agua os doentes bebem, e é aquella com que se enchem as garrafas, que se envião para as diversas partes de Portugal.

Na vizinhança ha casas para accommodações de enfermos. A agua de todas as nascentes é limpida, transparente, inodora, sem sabor algum diverso da agua pura da fonte depois de aquecida ao fogo; quando se deixa esfriar um pouco esta agua, sente-se prazer em

bebê-la. Sua temperatura varia conforme os *banhos*. Eil-a segundo as observações feitas em 9 de Setembro de 1850, pelo Ex.^{mo} Sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel, sendo a temperatura do ar ambiente de 25,5 grãos do thermometro centigrado :

No banho chamado *Forte*, 49°. No banho chamado *Figueira*, 46°. No *Contraforte*, 45°. No *Borges*, 46°. No da *Biqueira de Pão*, onde se tomão emborçações, 45,5°. No do *Figado*, 42°. No banho da *Bica*, 43°. No das *Duas Bicas*, 40°. No banho de *Santo Antonio*, 42,5°. Na *Fonte externa*, (onde se enchem as garrafas), 44°. A densidade d'esta agua é igual a 1,0008, pouco differente da agua pura.

As aguas do Gerez gozão de grande reputação em Portugal contra varias molestias. O Dr. Tavares, nas suas *Instrucções sobre as Aguas mineraes de Portugal*, classifica-as como gazosas, mineralizadas pelo gaz acido carbonico, tendo em dissolução pequena quantidade de ferro. Parece, porém, que o Dr. Tavares não conheceo as aguas do Gerez senão por simples informações.

Segundo as observações feitas em 1850 pelo eminente chimico, o Ex.^{mo} Sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel, a agua do Gerez, agitada n'um frasco não indica conter excesso algum de gaz em dissolução. Examinada na origem com as tinturas reagentes, não manifesta reacção alguma acida ou alcalina. Nos encanamentos e bicas por onde corre deixa incrustações siliciosas. Concentrando-a, não se manifesta deposito algum á semelhança d'aquelle que se forma nas aguas que contém carbonatos terrosos e metallicos em dissolução. Quando pela ebulição se acha reduzida a um pequeno volume, apresenta reacção inteiramente alcalina sobre o papel de turnesol vermelho. N'este ponto de concentração, sendo tratada por um acido, produz effervescencia, devida á evolução do acido carbonico.

1 litro d'agua do Gerez contém, segundo o Sr. Pimentel :

	Grammas.		Grammas.
Acido carbonico....	0,0260	Potassa	0,0164
— silicico.....	0,0653	Soda.....	0,0109
— sulfurico.....	0,0066		
Chloro.....	0,0118	Total....	0,1370

A analyse das incrustações siliciosas deo ao mesmo chimico em 0 g^m. 805 de materia secca :

Silica.	0,702 gramma
Oxydo de ferro.....	} 0,103 gramma.
Cal ..	
Alumina.....	
Alcalis.....	
	<hr/> 0,805

De tudo quanto fica exposto vê-se que as aguas do Gerez contêm uma insignificante quantidade de materias fixas ; que, portanto, não podem ser collocadas na classe das aguas ferruginosas nem na das alcalinas, nem na das acidulas gazosas ; e que seus effeitos não devem ser attribuidos senão á sua calida temperatura e ás condições hygienicas do lugar em que brotão, ou ás a que os doentes se submettem quando as tomão longe da fonte.

Precauções que exige o uso das aguas mineraes :

1º Buscar um ar puro, e não se expôr ao calor nem ao sereno, que, em geral, é nocivo perto das fontes.

2º Regular as comidas de maneira que seja mui ligeiro o alimento tomado de manhã, depois de beber a agua ; se se costuma cêar, deve-se comer mui pouco á noite ; as aguas obrão melhor quando o estomago se acha vasio.

3º O exercicio é mui favoravel á cura das molestias chronicas, e por isso os passeios devem merecer grande consideração ; mas devem ser moderados e nunca excessivos. É tambem vantajoso o deitar-se e levantar-se cedo.

4º As paixões tem grande influencia na saude, e os doentes que recorrem ao tratamento das caldas, devem persuadir-se que não apressão a cura occupando-se inteiramente da sua molestia, e no modo de a combater ; devem, pelo contrario, couservar, quanto possivel seja, a tranquillidade da alma ; e para isso deixar os negocios, os estudos, esquecer os pezares, para passar vida tranquilla, durante o uso das aguas.

Sobrevindo algum incommodo, calor da pelle, diminuição do appetite e das forças, será preciso cessar o uso da bebida mineral. É mui frequente ver pessoas a que, por excesso no uso das aguas, se irrita o estomago ; sentem então dôres e um incommodo geral ; a bocca torna-se amarga e a pelle quente ; á primeira apparição de taes symptomas os doentes devem pôr-se a dieta, tomar bebidas refrigerantes, como limonada, laranjada, orchata, etc. O augmento das dôres existentes, assim como uma pequena febre, não são, porém, um signal perigoso. A maior parte das aguas determinão esse effeito, que não é senão uma manifestação da excitação geral, que cederá facilmente ao uso dos diluentes.

O tempo da residencia nas *caldas* não pôde ser indicado de maneira absoluta. A idade, o sexo, o temperamento, a molestia, a acção, mais ou menos prompta de certas aguas em alguns individuos, são os elementos que servem para formar um juizo sobre a sua duração. Em geral os doentes não devem retirar-se senão depois de terem obtido o effeito desejado, ou depois de estarem convencidos pela longa persistencia, da inutilidade d'este meio.

Muitas pessoas, porém, não recobram a saúde senão tomando as águas por espaço de dois e mesmo tres mezes a fio.

Águas mineraes artificiaes. Designão-se por este nome as águas que se obtem fazendo-se dissolver n'água differentes substancias acidas, salinas, ou gazosas, com o fim de imitar certas águas mineraes naturaes. A arte está longe de poder contra-fazer perfeitamente a natureza. As águas mineraes, que se preparam nos estabelecimentos especiaes, tem propriedades physicas e chimicas muito differentes das águas naturaes; não se póde, por tanto, crer que umas possam substituir as outras. As águas mineraes artificiaes são apezar d'isso medicamentos muito uteis, e mais preciosas ainda por se poderem achar facilmente. São preferiveis a algumas águas naturaes transportadas para longe das fontes, que soffrem alterações; mas não podem substituir as águas mineraes naturaes tomadas á fonte, pois não são auxiliadas pelos resultados da viagem, do exercicio a pé ou a cavallo, da tranquillidade do espirito e da distracção; condições a que, como já deixei dito, é devida grande parte das vantagens que se attribuem ás águas mineraes.

AGUARÁ-CIUNHÁ-AÇÚ ou JACUÁ-ACANGA. *Tiaridium indicum*, Lehm. Planta da Flora brasileira, da familia das Borragineas; commum na provincia de S. Paulo. Folhas ovaes, asperas e decurrentes sobre o peciolo; flores de côr roxa desmaiada, dispostas em espigas unilateraes e terminaes; cheiro desagradavel. As folhas empregão-se com vantagem no curativo das ulceras e das queimaduras.

AGUARDENTE. Liquido espirituoso que se obtem pela distillação de muitas substancias vegetaes fermentadas. Marca 18 a 22 grãos no areometro de Cartier (45 a 60 centesimaes). A aguardente é formada de alcool, de muita agua, e de um oleo volatil, que differe segundo o vegetal, cujo succo fermentado produzio o liquido espirituoso. Chama-se *rhum*, *aguardente de canna* ou simplesmente *cachaça*, quando provém da canna de assucar; *arack*, quando é produzida pelo arroz fermentado; *aguardente de vinho*, ou *aguardente de França*, quando é extrahida de vinho. A *aguardente de trigo*, de *batatas*, não é outra cousa senão o liquido espirituoso obtido distillando no alambique estas substancias. A aguardente de cerejas chama-se *kirschenwasser*. As bagas de zimbro fermentadas e distilladas dão um licor chamado *genebra*, que se prepara tambem distillando no alambique aguardente de trigo ou de canna com bagas de zimbro. O cheiro e o sabor da aguardente varião segundo a natureza do oleo volatil que entra na sua composição. Sem côr, quando acaba de ser preparada, a aguardente torna-se amarella

algun tempo depois de estar nas pipas; porque a madeira lhe cede a materia corante. Mas os fabricantes dão-lhe côr, ajuntando um pouco de assucar queimado. O areometro, como já disse, serve para lhe determinar a força, mas pôde-se ainda conhecer a quantidade do alcool que contém, inflammando-a: aprecia-se a quantidade do alcool, pela agua que fica quando o liquido deixa de arder. Conhece-se facilmente quando a aguardente é alterada por pimenta, ou alguma outra planta acre, evaporando-a até seccar por ser excessivamente amargo o residuo que fica então.

Se o uso moderado e pouco frequente da aguardente é salutar para excitar as forças, o seu excesso occasiona tremores, dôres de cabeça, apoplexia, estupidez, paralyrias, e até a morte. Os effeitos da aguardente na economia são os mesmos que os do alcool fraco. *Veja-se EMBRIAGUEZ.*

Aguardente camphorada. Prepara-se dissolvendo 30 gram. (1 onça) de camphora em 1170 grammas (39 onças) d'aguardente a 60° centesimaes, e filtrando o liquido. Usa-se em fricções nos rheumatismos e torceduras. Aproveita tambem no curativo das feridas, e contra as dôres de dentes.

AGUAXIMA. *Veja-se PERIPAROA.*

AGUDAS (MOLESTIAS). Chamão-se molestias agudas as que apresentão certa gravidade, e percorrem rapidamente os seus periodos; taes são ordinariamente as febres e inflammações. Quando uma molestia se prolonga além de certo tempo, diz-se então que passa ao estado *chronico*. Não ha nada de certo sobre a época em que a molestia aguda toma o character chronico; mas ordinariamente dá-se o nome de *chronicas* ás molestias que se prolongão além de quarenta dias.

AGULHA. (*Perigo que resulta das agulhas e alfinetes engulidos.*) *Veja-se ALFINETE.*

AHOUI. *Cerbera Ahouai*, Linneo. Apocynaceas. Arvore do Brasil, de folhas leitosas, fructos redondos ou trigonos. As nozes servem de ornar os cinturões dos Indios, e agitadas fazem grande ruido. O succo leitoso d'esta planta é um forte veneno, como tambem o de sua congencra *Cerbera Thevetia*, Linneo. Em dóse pequena produz vomitos; deitando-se no rio envenena os peixes.

AINHUM. Degeneração lenta e progressiva dos *dedos minimos dos pés*, produzindo a sua quéda em um periodo de tempo mais ou menos longo. Molestia peculiar á raça negra; frequente na costa d'África; existe, porém, no Indostão em individuos da raça India (ramo tamul).

Foi observada no Brasil na cidade da Bahia pelo Sr. Dr. J. F. da Silva Lima, que publicou d'ella uma excellente descripção em

1867 na *Gazeta medica da Bahia*, Vol. I, pag. 146, d'onde extrahi, pela maior parte, o presente artigo.

As *causas* do ainhum são inteiramente desconhecidas. Mostra-se não sómente nos pretos que andão descalços, como tambem nos que usão de calçado. As pretas são menos sujeitas do que os pretos a esta affecção, os creoulos menos que os africanos.

Symptomas. « O ainhum, diz o Sr. Dr. Silva Lima, começa por uma ligeira depressão um pouco menos que semi-circular, occupando as faces interna e inferior da raiz do dedo, coincidindo exactamente com a dobra digito-plantar, sem dôr intensa, nem phenomeno algum inflammatorio, e a que o doente não dá a minima attenção. O dedo vai-se pouco a pouco apartando do seu vizinho, ao menos apparentemente, na sua raiz, mas a extremidade livre, pelo contrario, approxima-se algumas vezes do quarto dedo, parecendo formar um angulo ao nivel d'aquella depressão ou sulco.

« Gradualmente o orgão vai augmentando de volume á proporção que aquelle sulco se vai estendendo á face superior, e, mais tarde, á externa, de sorte que, para o fim, a cabeça do dedo tem adquirido duas ou tres vezes o seu volume ordinario, e o rego torna-se circular, profundo, a ponto de não ser visivel o pediculo delgado que prende aquelle orgão ao pé, sem se lhe imprimirem movimentos lâteraes que afastem as margens oppostas do sulco. Rara vez se conserva até o fim uma tira estreita de tegumento da face externa.

« A epiderme torna-se, de ordinario, aspera e escabrosa como lixa; e a fórma do dedo arredonda-se irregularmente, e dá-lhe o aspecto de uma pequena batata. A unha conserva-se perfeita, mas pela rotação parcial do dedo, volta-se para fóra. O rego, ou linha divisoria entre o pé e o dedo affectado, ulcera-se algumas vezes; mas, de ordinario, cobre-se apenas de algumas escamas epidermicas que se renovão constantemente; quando existe ulceração a superficie do sulco está humedecida por diminuta quantidade de liquido ichoroso e fetido. Quando o sulco é circular e muito profundo, o dedo adquire grande mobilidade, podendo-se inclina-lo em qualquer sentido, e mesmo imprimir-lhe, até certo ponto, um movimento de rotação.

« N'este periodo da molestia a primeira phalange tem desapparecido completamente ao nivel do rego circular, e o dedo, inclinando-se para baixo, embaraça a marcha, por estar sujeito a topadas extremamente dolorosas; e é então que os doentes reclamão a amputação como unico allivio.

« A marcha da molestia é sempre lenta, gradual, e prolongada,

de sorte que entre a manifestação do symptoma inicial, isto é, o pequeno sulco da face interna do dedo, e a sua grande mobilidade pela profundeza do rego circular, e destruição da phalange, medeia um espaço de tempo que varia de um a dez annos. Para o fim o dedo fica pendente por um pediculo muito delgado, que, ou se rompe com qualquer topada, ou cahe em gangrena, por destruição dos ultimos vasos, e filetes nervosos que entretinhão a vida n'aquella pequena massa quasi separada do corpo. Os doentes apressão, de ordinario, a quèda do dedo, estrangulando-o com um fio, ou recorrendo ao instrumento cortante.»

A molestia ataca ordinariamente o dedo minimo de um só pé; ás vezes, o que é raro, os dedos minimos de ambos os pés. O Dr. Silva Lima não a vio senão nos dedos minimos; nunca em outros. O Dr. Collas, medico da marinha franceza, tambem não tem observado o ainhum na India senão no dedo pequeno do pé; nunca vio o ainhum duplo no mesmo pé.

Tratamento. Varios unguentos tem sido empregados, sem nunca sustar a marcha da molestia nem evitar a perda do dedo. O Sr. Dr. Silva Lima aconselha praticar incisões perpendiculares ao sulco inicial, logo que começar a manifestar-se a constricção circular da pelle. Por meio d'esta pequena operação, o Dr. Silva Lima obteve algumas vantagens.

Na época adiantada da molestia, o unico meio que se pôde empregar é a excisão do dedo. Pratica-se com tesoura. Depois da operação ha pequena hemorrhagia; uma arteria jorra longe o sangue. Para sostê-la convem applicar panno molhado em agua fria misturada com vinagre, ou embebido da solução de perchlorureto de ferro, e comprimir com atadura. No dia seguinte tira-se o aparelho, e cura-se a ferida com fios untados de ceroto simples, ou applica-se simplesmente algodão em rama, que se deixa até cicatrizar-se a ferida.

AIPIM (Rio), **MACAJERA** ou **MACAXERA** (Provincias do Norte do Brasil). *Manihot aypi*, Pohl. Planta do Brasil, da familia das Euphorbiaceas, cuja raiz é comestivel. É uma especie de mandioca que não tem succo venenoso como esta. Esta raiz come-se assada ou cozida, é um alimento sadio e nutriente.

AIPO CULTIVADO. *Apium graveolens sativum* ou *Apium dulce*, Miller. (*Céleri*, em francez). Chama-se assim a uma planta pertencente á familia das Umbelliferas, variedade do *Aipo silvestre* transformado em planta culinar pela cultura, que lhe faz perder o sabor desagradavel e o cheiro forte, que tem no estado agreste. Dá-se-lhe o nome de *celeri*. Come-se em salada e cozido. O *aipo cultivado* ou *celeri* é uma planta sadia, agradável, aromatica, ali-

menticia ; come-se-lhe a base dos peciolos e dos talos tenros ; é estimulante e passa por aphrodisiaco. A cultura do aipo tem por fim branquea-lo desde a base até á maior altura possível ; pelo que plantão-n'ò nos fossos, e enterrão-n'ò repetidas vezes, para o subtrahirem á acção da luz.

AIPO INCULTO, SILVESTRE ou **BRAVO**. *Apium graveolens* L. (*Ache*, em francez). Umbelliferas. Esta planta habita e Portugal pelos rios e nos sitios humidos. Caules muitos de uma só raiz, um tanto levantados, glabros, articulados ; folhas alternas nas articulações, pecioladas, ternadas ; lobulos cuneiformes, recortados, glabros de uma e outra parte, e luzidios ; flores de um branco esverdeado, dispostas em umbellas axillares ou terminaes ; fructo arroxeadado, mui pequeno, globoso ; raiz cinzenta por fóra, branca por dentro, fusiforme, ramosa, de cheiro forte, sabor aromatico, amargo e acre. Em medicina, esta raiz constitue uma das cinco raizes aperientes, e faz parte do xarope d'este nome. O aipo bravo recente é perigoso tanto para o homem como para os animaes. A raiz secca ou cozida perdê as suas propriedades deleterias.

AIX-LA-CHAPELLE. (Aguas sulfurosas chlorureto-sodicas quentes). De Pariz pela estrada de ferro vai-se directamente a Aix-la-Chapelle em dez horas e meia ; este trajecto custa 50 francos.

Aix-la-Chapelle, cidade da Prussia rhenana, tem 62,500 habitantes. As fontes mineraes brotão no interior da cidade. São sobretudo aguas sulfurosas, em numero de seis principaes, que forão divididas, segundo a sua posição, em superiores e inferiores. As superiores são : a fonte do *Imperador*, a fonte *Buchel*, e a fonte de *S. Quirino*. As inferiores : a fonte do *Banho da Rosa* ; a fonte de *S. Cornelio*, e a antiga fonte dos *Bebedores*. A temperatura d'estas fontes varia de 44° a 55°. Deixão desenvolver um forte cheiro de gaz hydrogæneo sulfureo. Mil grammas d'agua da fonte do *Imperador* contém, segundo Liebig.

	Grammas.		Grammas
Chlorureto de sodio	2,63940	Carbonato de stronciana..	0,00022
Bromureto de sodio	0,00360	Sulfato de potassa	0,15445
Iodureto de sodio	0,00051	— de soda	0,28272
Sulfurcto de sodio	0,00950	Silica	0,06611
Carbonato de soda	0,65040	Substancias organicas	0,07517
— de cal	0,15851	Phosphato de alumina)	
— de magnesia	0,05147	Fluorureto de calcio	} Vestigios.
— de ferro	0,00955	Ammoniac	
— de mangnez vestigios.			
— de lithina	0,00029	Total das substancias fixas.	4,40190

100 volumes de gaz livre dão :

Gaz azoto	66,98		Gaz hydrogeneo carbonatado.	1,82
— acido carbonico	30,89		— — sulfurado	0,31

As aguas d'Aix-la-Chapelle empregão-se como bebida, e em banhos, duchas e banhos de vapor. Como bebida, usão-se em jejum, tres copos por dia ou mais, um copo de quarto em quarto de hora. É preciso vigiar attentamente a influencia que exercem sobre a circulação sanguinea, e parar aos primeiros symptomas de uma excitação-exagerada.

As duchas são seguidas ordinariamente de fricções seccas ou maçadura.

As aguas d'Aix-la-Chapelle empregão-se sobretudo contra as affecções chronicas da pelle, ulceras, feridas por armas de fogo, tractos fistulosos, tumores brancos, caries, necroses, rheumatismos e paralyrias. A estação principia no 1º de Maio, e acaba no 1º do Outubro. Duração da cura: vinte a vinte e cinco dias.

AIX-EN-SAVOIE. (Aguas sulfureas quentes). Fig. 10. Aix, lindissima cidade da França, tem 4,400 habitantes. Pela estrada de



Fig. 10. — Estabelecimento de banhos em Aix-en-Savoie.

ferro faz-se a viagem de Pariz a Aix em treze horas, e este tracto custa 73 francos. As aguas mineraes d'esta localidade forão conhecidas pelos Romanos, e attribue-se ao Imperador Graciano, que viveo no seculo IV a fundação do seu primeiro estabelecimento.

A julgar pelos monumentos que restão, estes banhos tiveram sob a dominação romana grande importancia, e depois de numerosas vicissitudes, recuperárão-n'a hoje.

Esta localidade acha-se em boas condições de hygiene, e possui um serviço medico perfeitamente organizado.

As aguas d'Aix são quentes e sulfurosas. Provém de duas fontes que sahem de um rochedo calcareo. A agua é transparente, um pouco unctuosa, de cheiro de ovos chocos, que desaparece depois da exposição ao ar, o sabor é adocicado e terreo, a temperatura quente de 43° a 44° centigrados. Bem que as qualidades e as propriedades das duas fontes sejam quasi as mesmas, derão-lhes nomes que poderião fazer crêr que a sua composição é mui differente; uma foi chamada fonte de *enxofre*, a outra fonte de *alumen*; a differença consiste em ter esta um cheiro menos sulfureo do que a fonte de enxofre.

Eis-aqui a composição d'estas aguas, segundo o Sr. Jozé Bonjean, chimico de Chambéry:

Mil grammas d'estas aguas contém:

<i>Fonte d'enxofre.</i>		<i>Fonte de alumen.</i>	
Acido silicico....	0,00500	Acido silicico.....	0,00430
Phosphato de alumina. ..	} 0,00249	Phosphato de alumina.. ..	} 0,00249
— de cal.		— de cal	
Fluorureto de calcio	} 0,14850	Fluorureto de calcio.....	} 0,18100
Carbonato de cal.....		Carbonato de cal. .,	
— de magnesia... ..	0,02587	— de magnesia... ..	0,01980
— de ferro.....	0,00886	— de ferro... ..	0,00936
— de stronc ^{na} vestig.		— de stronc ^{na} vestig.	
Sulfato de soda.	0,09602	Sulfato de soda... ..	0,04240
— de cal.	0,01600	— de cal	0,01500
— de magnesia.....	0,03527	— de magnesia ..	0,03100
— de alumina.....	0,05480	— de alumina ...	0,06200
— de ferro. vestigios.		— de ferro. vestigios.	
Chlorureto de sodio.....	0,00792	Chlorureto de sodio... ..	0,01400
— de magnesio....	0,01721	— de magnesio....	0,02200
Iodureto alcalino.. vestigios.			
Glairina... quant. indetermin.		Glairina... quant. indetermin.	
Perda.....	0,01200	Perda... ..	0,00724
Total das substancias fixas.	0,42994	Total das substancias fixas.	0,41059
	Litro.		Litro.
Gaz azoto.....	0,03204	Gaz azoto	0,08010
— carbonico	0,02578	— carbonico	0,01334
— acido sulphydrico livre..	0,04140	— acido sulphydrico livre..	0,02600
		— oxygeneo	0,01840
Total dos gazes. ..	0,09922	Total dos gazes.....	0,15784

O estabelecimento thermal d'Aix é propriedade do Estado. Contão-se ali seis piscinas de natção, trinta e dois quartos para banhos em separado, salões de inalação, e seis estufas com todos osapparelhos de duchas. A cidade d'Aix fazia outr'ora parte da Italia; tendo sido annexada á França, no anno de 1860, os favores do novo governo tem chovido sobre o estabelecimento thermal, que se acha consideravelmente augmentado e melhorado. O seu cassino póde rivalizar com os mais bellos d'este genero.

As aguas thermaes d'Aix empregão-se como bebida, mas sobretudo em banhos. Para bebida, misturão-se ordinariamente com leite de vacca, de cabra ou de burra; convém, sob esta fórma, nas affecções do peito, na asthma, na bronchite chronica, na tísica incipiente. Em banhos são uteis nas paralysias, rheumatismos, affecções cutaneas, syphilis inveterada, ulceras antigas, ankyloses. A época do anno em que se tomão é desde o 1º de Maio até 15 de Setembro. É na fonte que se devem tomar, porque perdem muito das suas propriedades depois de frias.

Os banhos de natção nas piscinas, em agua tão estimulante como é esta agua sulfurea, augmentão as forças musculares, favorecem o desenvolvimento da cavidade do peito, e podem prevenir a formação dos tuberculos. A cidade d'Aix, por causa da sua posição geographica e estradas de ferro, é visitada por quasi todas as pessoas que vão á Suissa ou Italia. As antiguidades romanas, que a cidade contém, dão-lhe bastante importancia. Está situada a 258 metros acima de nivel do mar, a temperatura média do ar durante a estação dos banhos é de 21º centigrados.

Marlioz. Fig. 11. A vinte minutos d'Aix acha-se uma localidade chamada *Marlioz*, que possui tres fontes de agua sulfurosa fria, cujo uso completa o das caldas d'Aix. Um



Fig. 11. — Marlioz.

caminho de ferro americano une Marlioz com Aix. O sitio é aprazivel.

As aguas de Marlioz convem sobretudo para o tratamento das affecções das vias respiratorias: laryngites, bronchites, asthma e tísica. Empregão-se em inhalações. Para este fim forão construidas duas vastas salas no meio das quaes se acha disposto um repuxo d'agua sulfurosa que, depois de bater n'um disco de zinco, cahe n'um largo vaso, d'onde a agua sahe em pequenas cascatas. É ali que os doentes se reúnem para respirarem o gaz que se espalha na atmosphera. Existe tambem outra sala comapparelhos para duchas pharyngeas. Estes apparelhos deixão esguichar agua, que se pulveriza e vem tocar o lugar affectado a que o doente a dirige.

AJUDA. *Veja-se* CLYSTER.

AJUNTAR. Em medicina, diz-se que o *pus se ajunta* em algum tumor, quando existem dôres latejantes, como picadas de agulhas, acompanhadas de um sentimento de peso. O tumor amollece e torna-se mais vermelho; e, para favorecer a sua abertura é preciso applicar cataplasmas de linhaça, de fecula, de farinha de mandioca, ou uma banana assada. As mais das vezes cumpre abrir o tumor com lanceta. *Veja-se* ABCESSO.

ALABASTRO. Nome dado a duas sortes de pedras naturaes de composição differente, que se empregão nas artes: 1º *Alabastro gypsoso*, que é o sulfato de cal hidratado; é notavel por sua alvura proverbial; mas é muito molle; com o menor choque pôde fazer-se em pedaços. Serve na esculptura, e fazem-se com elle objectos de ornamentó, vasos, pendulas, estatuas pequenas, etc. Existem d'elle vastas pedreiras em Volterra, na Italia. 2º *Alabastro calcareo*, variedade de cal carbonatada; é muito mais duro do que o precedente, e pôde até riscar o marmore; é de um branco de leite, ou de côr amarella com veios e pintas diversas. É susceptivel de grande polimento; serve para fazer obras finas, vasos, camafeos e mesmo grandes estatuas. Tira-se do Egypto e da India.

No Brasil existem jazidas de alabastro na provincia do Maranhão, districto da Chapada, nas margens do Grajahú.

Modo de limpar os objetos de alabastro. Os objectos do alabastro fazem-se amarellos com a fumaça ou poeira. Limpão-se lavando-os com sabão e agua, e depois com agua pura; feito isto esfregão-se com pellica. Tirão-se-lhes os nodos de gordura, esfregando-as com talco em pó ou com essencia de terebinthina.

Para concertar os objectos de alabastro quebrados, empregão-se diversos betumes. *Veja-se* BETUME, no nosso *Formulario*, 9ª edição, de 1874, pag. 785.

ALAMBIQUE. Apparelho empregado nas artes para distillar, isto é, para separar pela acção do calor o liquido volatil das substancias fixas ou menos volateis do que elle.

O alambique ordinario (fig. 12) é formado de tres partes distinctas: a *cucurbita* A; o *capitel* B; e o *resfriador* D. Sua fórma varia muito conforme a natureza do producto que se deseja obter.

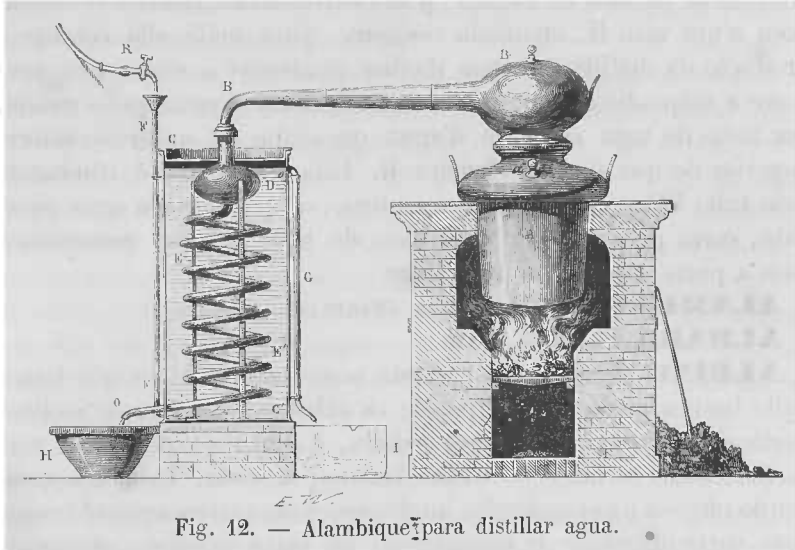


Fig. 12. — Alambique para distillar agua.

Querendo-se distillar plantas para extrahir-lhes as essencias, em vez de introduzi-las directamente na cucurbita, o que as exporia á acção muito forte do calor, collocão-se n'um vaso mais estreito, que mergulha na agua da cucurbita, e se chama *banho-maria*. Diz-se então que a distillação se faz a *banho-maria*.

Eis-aqui a descripção das differentes partes do alambique, destinado para distillar agua e obter o que se chama *agua distillada*.

A *cucurbita* A é um vaso no qual se deita a agua de rio para distillar; é de metal, as mais das vezes de cobre estanhado, de fórma cylindrica, bojudo na parte superior. Este bojo tem uma abertura por cima da qual se acha um tubo que se tapa com a rolha *a*. É por este tubo que, mediante um funil, se introduz a agua destinada a substituir aquella que se evapora. A extremidade inferior da cucurbita, ou o fundo, descansa sobre o fogo; uma abertura do forno cylindrico deve ser disposta para recebê-la. O *capitel* B, de ordinario feito do mesmo metal que o resto do apparelho, remata a parte superior do alambique. É de fórma conica; sua base adapta-se exactamente no entalhe que a cucurbita tem na parte superior, vem a ser, que a abertura inferior do capitel é da mesma dimensão que a abertura superior da cucurbita. É guarne-

cido de um largo tubo recurvado BB', destinado a conduzir os vapores para o resfriador. Este compõe-se de um tubo espiral de estanho EE', chamado *serpentina*, contido n'um vaso de cobre CC' ou de madeira, cheio d'agua fria. É na serpentina que tem lugar a condensação dos vapores, e sua volta ao estado liquido. Sua extremidade superior, um tanto alargada, é destinada a adaptar-se ao bico do capitel; a sua extremidade inferior O desemboca n'um vaso H, chamado *recipiente*, para onde ella conduz o producto da distillação: Para melhor condensar o vapor que percorre a serpentina, renova-se constantemente a agua que a rodeia, por meio de uma corrente d'agua que cahe de um reservatorio superior de que se vê a torneira R. Esta agua fria é conduzida pelo tubo FF' no fundo do reservatorio, ao passo que a agua aquecida, corre para o vaso I, por meio do tubo G, que communica com a parte superior do resfriador.

ALAMBRE. *Veja-se* AMBAR AMARELLO.

ALBARÁ. *Veja-se* INBIRI.

ALBINO. Designão-se por este nome os individuos que tem a pelle branca como leite ou papel; os cabellos brancos e de molleza particular; o iris de côr rosêa pallida, e a menina dos olhos vermelha, como os olhos do coelho branco; a vista, toda a constituição physica e as faculdades intellectuaes são extremamente fracas. Esta particularidade de organização foi primeiramente observada nos negros, e julgava-se que sómente essa raça de homens era sujeita a ella, d'onde veio o nome de *negro branco*, *negro assa*, *aethiops albus*, empregado como synonymos de albino. Mais tarde, porém, os albinos foram observados nas diferentes nações da Europa. Além da albinia geral, existe ainda a albinia parcial, que invade esta ou aquella parte do corpo. Parece certo que esta descoloração geral ou parcial depende da falta da secreção do pigmento, que dá côr á pelle. Suas causas são inteiramente ignoradas. A accommodação da vista nos albinos é constrangida, porque os objectos alumiados deslumbrão-lhes os olhos. O iris então contrahe-se, assim como o musculo ciliar, e a accommodação se produz ordinariamente nas condições da myopia, mas sob a condição de aproximar muito as palpebras.

Com a idade o albinismo minora. Previne-se o deslumbramento da vista pelo emprego dos oculos com vidros azues ou dos oculos stenopeicos. Assim se chamão os oculos ordinarios, cujos vidros são substituidos por laminas metallicas, tendo no seu centro uma pequena abertura circular. Estas laminas formando septo entre os objetos alumiados e a retina, substituem a membrana iris que se contrahio.

ALBUGEM, ALBUGO. *Veja-se* BELIDA.

ALBUMINA. Assim se chama um principio que existe nos animaes, no estado liquido ou concreto; é elle que constitue a maior parte da clara de ovo. A albumina existe em quasi todos os liquidos animaes e vegetaes; mas sobretudo no sangue. Em certas molestias augmenta a secreção da albumina, e este humor coagula-se para formar falsas membranas; o que tem lugar no pleuriz, peritonite, garrotinho, etc.

A albumina liquida é incolor, transparente, sem cheiro, susceptivel de espumar pela agitação; emfim possui todos os caracteres da clara de ovo, que é, como já disse, albumina quasi pura. A albumina coalha pelo calor, alcool e acido acetico; e, quando coalhada, torna-se insolúvel em agua. A clara de ovo cozida offerece todos os caracteres da albumina coalhada. Esta substancia goza de uma propriedade chimica que a torna mui preciosa na medicina, e vem a ser que os saes de cobre e de mercurio formão com ella um precipitado insolúvel, e por isso emprega-se com vantagem nos envenenamentos occasionados por esses corpos. A albumina, decompondo no estomago as preparações de cobre e de mercurio, que produzirão o envenenamento, forma com ellas uma substancia nova, que não tem acção sobre as membranas do estomago. Os venenos, que a albumina póde decompôr, e que se encontrão as mais das vezes, são: o verdete, o vitriolo azul e o sublimado corrosivo. Para administrar este contra-veneno, diluem-se muitas claras de ovo em duas vezes o seu peso d'agua, misturão-se agitando, e dão-se a beber ás pequenas porções. O contra-veneno obra tanto mais efficaçzmente, quanto ménos se tardar a administra-lo.

ALBUMINURIA. Nome dado á molestia, que apresenta como principal symptoma a presença da albumina nas ourinas. Esta molestia chama-se tambem *molestia de Bright*, do nome do doutor que primeiro a descreveo, no anno de 1827; foi-lhe dado tambem o nome de *nephrite albuminosa*, porque os rins (*nephros* em grégo) achão-se affectados n'esta molestia.

A albuminuria ataca em todas as épocas da vida, e observa-se nas crianças de tenra idade; porém é mais commum na idade adulta. Mostra-se nos climas frios e humidos, como certas localidades de Inglaterra, Hollanda, Succia: é mui rara no Rio de Janeiro.

Os *symptomas* dividem-se em duas fórmas: fórma *aguda* e fórma *chronica*.

O estado *agudo* principia da mesma maneira que todas as molestias inflammatorias, por um calefrio seguido de calor da pelle, sêde,

frequencia do pulso ; ao mesmo tempo as ourinas são menos abundantes que de costume, mais escuras, e ás vezes um pouco sanguinolentas. No fim de alguns dias tomão côr citrina ; contém já então albumina, que as torna mais espumosas ; conjunctamente o doente soffre nas cadeiras uma dôr pouco intensa ou um sentimento de peso. O rosto e os pés inchão. Chegada a este ponto, a molestia pôde findar : 1º pela resolução, então os symptomas diminuem pouco a pouco, e acabão por desaparecer em duas, tres ou quatro semanas ; 2º pela passagem ao estado chronico.

A fórma *chronica* succede por conseguinte á fórma precedente, ou então, o que é mais ordinario, começa assim desde o principio. Os primeiros symptomas são a presença da albumina nas ourinas, e uma dôr surda e profunda, mas pouco intensa nas cadeiras. As ourinas são mais espumosas que de costume ; sua quantidade é diminuida quasi de um terço, sua côr é amarella-pallida e um pouco turva, emfim contém *albumina*, que se reconhece submettendo-as á acção do calor ; forma-se então um coalho mais ou menos espesso ; o acido nitrico ajuntado gotta a gotta produz o mesmo effeito. Ao mesmo tempo que a albumina se acha em maior quantidade, a proporção dos saes, mas sobretudo da urea, diminui de um modo mui sensivel. O sangue torna-se mais fluido, e contém tanto menos albumina quanto mais ella abunda nas ourinas.

Sobrevem a inchação do rosto, das pernas, dos pés, e depois a hydropisia do ventre, do peito ou do coração. Entre os outros symptomas mais constantes nota-se a suppressão quasi completa da transpiração cutanea, a difficuldade de respirar, tosse, vomitos, diarrhea, emfim, ás vezes, accidentes cerebraes graves.

A *duração* da fórma chronica é mui variavel. Umaz vezes a hydropisia mostra-se pouco tempo depois de haver sido verificada a presença da albumina nas ourinas ; outras vezes passão-se muitos mezes, antes que appareça. Uma vez declarada pôde cessar pelo tratamento, ou offerecer intervallos de remissão.

Tratamento. No *periodo agudo* da molestia convem administrar a infusão de grama para bebida ; caldos de gallinha, leite de vacca para todo o alimento, e a poção seguinte :

Folhas de digital.	60 centigrammas (12 grãos)
Agua fervendo. . .	150 grammas (5 onças)
Infunda, cõe e ajunte :	
Xarope de gomma.	30 grammas (1 onça).

Para beber uma colher *de sopa*, de duas em duas horas.

Dois dias depois, usar da bebida seguinte :

Infusão de bagas de zimbro.	150 grammas (5 onças)
Bicarbonato de soda. . .	2 grammas (meia oitava)
Assucar	4 grammas (1 oitava).

Para tomar toda esta bebida de manhã, e repetir a mesma pela noite.

Na fórma chronica, usar de boa alimentação, do leite, do vinho puro, e empregar uma das preparações seguintes :

Cremer de tartaro. 30 grammas (1 onça).

Divida em 8 papeis. Para tomar um papel, duas vezes por dia, em meio copo d'agua com assucar.

Ferro reduzido. 15 grammas (4 oitavas).

Divida em 15 papeis. Para tomar um papel, duas vezes por dia, n'uma pouca d'agua com assucar.

Tintura de Marte tartarizada. 30 grammas (1 onça).

Para tomar 20 gottas, duas vezes por dia, n'uma pouca d'agua com assucar.

Tannino. 4 grammas (1 oitava)

Conserva de rosas. 4 grammas (1 oitava).

Faça 36 pilulas ; para tomar duas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

Os banhos geraes d'agua quente são tambem mui uteis.

ALCACHOFRA. *Cynara scolymus*, Linneo. Synanthereas-cynarias. Planta alimenticia cultivada no Brasil e em Portugal. (Fig. 13.) Poucas pessoas sabem o que comem, quando desfolhão a cabeça de uma alcachofra : verdade é que muitas não se importão com isso. O que é, a alcachofra? Será uma fructa? uma reunião de folhas que a cultura obrigou a conchegarem-se umas ás outras como no repólho? É uma flor, emfim? Nada de tudo isso. *A alcachofra é o envoltorio ou o calice da flor que apenas acaba de brotar.* Tiradas as bracteas, cuja base se come, fica o fundo da alcachofra e a massa filamentosa ; o fundo é um *receptaculo*, isto é, um disco onde se acha pegada a tenra flor, e a massa filamentosa, vulgo *feno*, que se rejeita, é a flor ainda não desenvolvida.

A cultura influe muito no sabor e no valor nutritivo da alcachofra ; dá-lhe um volume consideravel, e faz predominar a parte carnosa e succulenta das bracteas ou escamas do calice.

As cabeças novas da alcachofra, comidas cruas com pimenta, sal e vinagre, são um pouco indigestas. Bem maduras cozidas em

agua, e adubadas com môlho em que entra manteiga, sal, gema de ovo, ou vinagre e pimenta, constituem um alimento agradável, salubre e de facil digestão. Convem aos convalescentes, ás pessoas



Fig. 43. — Alcachofra.

predispostas ás areias e á gota. Come-se a base das bracteas e o receptaculo.

ALCAÇUZ. *Glycyrrhiza glabra*. Linneo. Leguminosas-papilionaceas. Arbusto da Europa meridional, que em Portugal, habita nos sitios um tanto humidos, nos arredores de Torres Vedras, nos marechões humidos dos campos em Vallada e Castanheira, e outras partes na Estremadura e Alentejo, e tambem pelo norte da Beira. (Fig. 14.) Seu tronco subterraneo, vulgo *raiz*, empregase em medicina. Esta raiz é comprida, da grossura de um dedo, roxa por fóra, amarella por dentro, de fraco cheiro, e sabor adocicado, percebendo-se depois alguma acrimonia.

Usa-se em infusão, como bebida peitoral, na dóse de 4 gram. (1 oitava) da raiz para 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo. O extracto, ou succo do alcaçuz, que apparece no commercio em fórma de páos pretos de 4 a 6 pollegadas de comprimento, serve para a composição das massas peitoraes e de outras preparações pharmaceuticas.

Durante a primeira denteição, é mui vantajoso dar a chupar ás crianças a raiz de alcaçuz. A maior parte do alcaçuz, que se acha no commercio, vem da Hespanha, onde elle é mais adocicado.

Alcaçuz do Brasil. *Periantha dulcis*. Martius. Leguminosas. A raiz d'este vegetal, que habita nas provincias de Minas e S. Paulo, é de sabor adocicado, e tem os mesmos usos que a do alcaçuz europeo. Esta raiz figurou na exposição universal de Pariz, em 1867, remettida pelo Sr. Theodoro Peckolt, pharmaceutico do Rio de Janeiro, que a obteve de Congonha de Sabará. O alcaçuz do Brasil é muito menos doce que o da Europa.

ALCALI VOLATIL. *Veja-se* AMMONIACO.

ALCAMPHOREIRA. *Veja-se* HERVA MULAR.

ALCANFOR. *Veja-se* CAMPHORA.

ALCAPARRA. Alcaparras são botões de flores postos em conserva de vinagre, e que provém da alcaparreira, arbusto da familia das Cruciferas, proprio do sul da Europa, chamado por Linneo *Capparis spinosa*. Servem como tempero para excitar o appetite. Cultiva-se em Portugal, em cujas hortas dá tambem espontaneamente.

ALCARAVIA ou ALCAROVIA. *Carum carvi*, Linneo. Umbeliferas. Planta cultivada nas hortas. Sua semente, uma das quatro sementes chamadas nas pharmacias *sementes quentes maiores*, é excitante e emprega-se nas collicas flatulentas, em infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) de alcaravia em uma chicara d'agua fervendo. Emprega-se tambem como tempero.

ALCATRÃO. Dá-se este nome ao producto da cõmbustão e da distillação dos ramos e tronco do pinheiro. O alcatrão tem a consistencia de xarope, é de côr negra, cheiro penetrante e sabor acre. Solidificado pela evaporação, constitue o *pez negro*. Emprega-se, debaixo da fórma de *agua de alcatrão*, nos catarrhos chronicos, e sobretudo no catarrho da bexiga. Eis-aqui a maneira de preparar a agua de alcatrão. Introduzem-se 30 grammas (1 onça) de alcatrão em 300 grammas (10 onças) d'agua; deixa-se macerar por



Fig. 14. — Alcaçuz.

dez minutos, mexendo de vez em quando com espatula de páo, e cõa-se. Toma-se um a dois copos por dia d'esta agua, pura, ou misturada com leite, com agua gommosa ou infusão de althéa.

ALCHIMIA. Assim chamarão á pretendida arte de converter os metaes em ouro, e á descoberta de um remedio universal. Esta louca esperanza occupou o espirito humano durante perto de mil annos, desde o setimo até ao decimo-sexto seculo. Não se deve confundir a *alchimia* com a *chimica*: esta ultima sciencia ensina a conhecer a composição de todos os corpos da natureza, e explica a acção reciproca que ellés exercem uns nos outros. Desde que a chimica ficou baseada em observações rigorosas, foi julgada ridicula a pretensão de fazer ouro com substancias que não contém este precioso metal; apezar do que, foi este erro compartilhado de boa fé por muitos homens recommendaveis, animados sobretudo pelo desejo de serem uteis á humanidade.

A alchimia teve seus dias de gloria e de esplendor, e isso repetidas vezes, com longos intervallos e entre diversas nações. Mas quaes são as condições necessarias para que qualquer opinião possa propagar-se e determinar uma convicção quasi universal? Enthusiasmo nos seus apostolos, alguma cousa de mysterioso e magnificas promessas. Acrescentemos a isto uma linguagem symbolica, palavras inintelligiveis, caracteres hieroglyphicos, e não nos admiraremos de que os alchimistas tenham tido muitos partidarios. Não se vê hoje muita gente acreditar na homeopathia, medicina a mais absurda de quantas jámais forão inventadas? Conta-se, entre os mais celebres alchimistas, um papa, João XXII, um cardeal, Nicoláo Cusa, tres bispos, e muitos monges, entre os quaes figurão sobretudo Rogerio Bacon e Alberto Magno.

Actualmente está a alchimia sepultada no esquecimento. No fim do seculo passado alguns espiritos mal organizados acreditavão ainda na possibilidade dos seus milagres; mas tantas pessoas se arruinárão querendo fazer ouro, que semelhante mania deixou de ser contagiosa.

Emfim, os alchimistas tiverão um sonho impossivel de realizar. Não merecem todavia o grande desprezo com que tem sido tratados. Não conseguirão fazer ouro, nem computzerão um remedio universal; mas estudando e atormentando differentes substancias, encontrarão novas combinações, dotadas de propriedades particulares e uteis á medicina e ás artes. A elles se deve o tartaro emetico, a tintura de escarlate, a distillação, o alcool e muitas outras descobertas proveitosas.

ALCOOL. Producto volatil dos licores fermentados, mais geralmente conhecido com o nome de *espirito de vinho*. Extrahe-se

do vinho, da cerveja, dos fructos, das sementes e das raizes que contém assucar, e que são susceptiveis de fermentação. O alcool do commercio marca de 34 a 36 grãos no areometro Cartier. Rectifica-se pela distillação, e póde, em um estado de maior concentração, marcar 42 ou 44 grãos. Da-se-lhe então o nome de *alcool absoluto*.

O alcool é transparente, sem côr, de cheiro penetrante e suave, de sabor forte e quente; inflamma-se com extrema facilidade, e por isso não deve ser approximado aos corpos em combustão. Dissolve as essencias, as resinas, os olcos graxos. Serve na pharmacia para preparar tinturas e alcolatos. É empregado nas artes para a preparação dos vernizes seccantes, dos liquidos aromaticos, dos espiritos de cheiro, dos extractos de cheiro, etc. O alcool puro nunca se administra internamente, porque poderia produzir inflammação do estomago, excitação cerebral das mais graves, e a morte.

O alcool fraco chama-se *aguardente*; marca 18 a 20 grãos no areometro. *Vejase AGUARDENTE*.

ALCOOLATO. Preparação pharmaceutica que resulta da distillação do alcool com substancias medicamentosas. Assim existem os alcolatos de alfazema, de alecrim, etc., que se empregão em fricções, como medicamentos tonicos e estimulantes.

ALCOOLATURA. Medicamento liquido que se obtem macerando em alcool qualquer planta fresca, *v. g.* aconito, belladona, cicuta, etc. Quando se macerão em alcool as plantas seccas, o producto chama-se *tintura*.

ALCOOLEO. *Vejase TINTURA*.

ALCÔVA. As alcôvas tem grandes vantagens e grandes inconvenientes. Servem para o asseio, separando a cama da sala. Mas o ar renova-se n'ellas com difficuldade: os miasmas que se exhalão das camas, mesmo das pessoas mais sadias e mais asseadas, contribuem para viciar o ar; as pulgas e os persevejos desenvolvem-se e multiplicão-se. Quasi todas as casas do Rio de Janeiro tem alcôvas: não pretendemos poder destruir esta moda na construcção das habitações; diremos sómente que no interesse da saude devem as portas das alcôvas estar abertas o mais tempo possivel, de dia e de noite, para que o ar possa renovar-se facilmente.

ALECRIM. *Rosmarinus officinalis*, Linneo. Arbusto da familia das Labiadas, cultivado nos jardins; floresce todo o anno. (Fig. 15.) Tem 2 pés de altura; folhas duras, estreitas, muito aromaticas: flores de côr azul-clara. As folhas e summidades floridas d'este arbusto empregão-



Fig. 15. Alecrim.

se na preparação dos banhos aromaticos, mui uteis na inchação das pernas, e para fortificar as crianças fracas, na dóse de 1 kilogramma (2 libras) para um banho d'agua quente.

Alecrim bravo. *Hypericum laxiusculum*, St.-Hilaire. Planta do Brasil, da familia das Hyperecineas; habita em Minas e S. Paulo. Tem folhas sesséis, distantes, obtusas; flores amarellas. É aconselhada em cozimento eontra as mordeduras das cobras; mas não tem utilidade alguma n'este caso; a planta póde servir para a preparação dos banhos aromaticos, como a precedente.

Alecrim do campo. *Lantana. mycrophylla*. Martius. Planta do Brasil, da familia das Verbenaceas; habita principalmente na provincia da Bahia. É de cheiro aromatico, e póde servir para os banhos aromaticos.

Alecrim do mato. *Baccharis sylvestris*. Synanthereas. Arbusto do Brasil (Rio). Seu caule divide-se em ramos delgados, de cor cinzenta, guarnecidos de folhas numerosas, estreitas, lineares e agudas: algumas d'estas folhas são oppostas, outras espalhadas irregularmente; flores brancas amarelladas, oppostas, quasi verticilladas na extremidade dos ramos: cheiro aromatico. As folhas e flores d'este arbusto empregão-se em banhos nos mesmos casos que o alecrim das boticas.

ALEITAMENTO. *Veja-se AMAMENTAÇÃO.*

ALETRIA. Pasta em fórma de pequenos canudos delgados, feita com a flor de farinha de trigo e agua. A aletria a mais afamada faz-se na Italia sobretudo em Napoles e em Genova; mas fabrica-se tambem em França muito boa. A aletria é uma das melhores pastas que póde empregar-se para as sopas gordas ou magras.

ALFACE. (*Lactuca*). Género de vegetaes da familia das Synanthereas-chicoraceas; contém plantas herbaceas, lactescentes, de folhas glabras, flores amarellas, azues ou purpureas. A especie principal, a *alface cultivada* (*lactuca sativa*, Linneo), fornece perto de duzentas variedades, que parecem provir de tres especies principaes: 1^a *Alface repolhuda*, de folhas concavas; 2^a *Alface crespa*, de folhas encrespadas, recortadas e denteadas; 3^a *Alface romana* ou *orelha de mula*, de folhas alongadas e mais estreitas na base: esta é assim chamada porque era muito estimada entre os Romanos. As alfases cultivadas comem-se cruas, em salada, ou cozidas; constituem alimento são e agradável, posto que pouco nutriente. São refrigerantes, temperão a sêde, facilitão o corrimto das ourinas, impedem a prisão de ventre, e favorecem o somno. As sementes contém uma emulsão refrigerante e calmante; extrahe-se d'ellas, por expressão, um bom azeite para comer, de que os Egypcios fazem

grande uso nas suas comidas. Os pharmaceuticos preparam uma agua distillada de alface, que entra na composição de grande numero de poções calmantes. Da haste da alface cultivada que se deixou crescer, *alface gigantesca*, extrahe-se um succo branco, de sabor amargo, cheiro viroso, chamado *lactucario*, que se emprega em medicina como calmante, na dóse de 10 a 50 centigrammas e mais (2 a 10 grãos).

A *alface brava* (*lactuca virosa*, Linneo), contém um succo mais amargo, e mais narcotico; esta não é empregada.

ALFARROBEIRA. *Ceratonía Siliqua*, Linneo. Leguminosas. Arvore de mediano tamanho, que habita no Levante, na Africa e na Europa meridional; em Portugal habita no Algarve, na serra da Arrabida, e outras partes, na Estremadura e Beira. Tem 7 a 10 metros de altura; tronco direito, formado de um alborno abundante e de um amago rubro-escuro, duro, com veios, proprio ás obras de marcenaria fina. A casca serve para o cortume dos couros. O fructo (alfarroba) é uma vagem indehiscente, chata, um pouco arqueada, cercada de duas suturas e de dois sulcos; tem 11 a 14 centimetros de comprimento, e 27 millimetros de largo; é luzidia, de côr cinzenta roxa, dividida interiormente em muitos loculamentos, de que cada um contém uma semente.

O espaço comprehendido entre o epicarpo e os loculamentos é cheio de polpa, de gosto adocicado, serve de alimento, e as crianças comem-na com prazer. No Egypto, extrahem da alfarroba um xarope, ou assucar liquido, que serve para confeitar os tamarindos e os myrobolanos.

ALFAVACA. *Ocimum basilicum*, Linneo. Planta da familia das Labiadas, cultivada nas hortas. Compõe-se de talo um tanto velloso, folhas ovaes, denteadas, flores roseas, cheiro aromatico. O chá de alfavaca é sudorifico; prepara-se com duas ou tres folhas da planta e uma chicara d'agua fervendo. Emprega-se sobretudo nas constipações.

Alfavaca do campo, SEGURELHA, REMEDIO DO VAQUEIRO. *Ocimum incanescens*, Martius. Labiadas. Planta do Brasil. Tem ramos quadrangulares, folhas oppostas, ovaes, agudas, denteadas, cheiro aromatico, flôr em espiga. Emprega-se internamente em infusão, como sudorifico. Prepara-se esta com duas a tres folhas da planta, e uma chicara d'agua fervendo.

Alfavaca de cheiro. *Ocimum incanum*, *Ocimum fluminense*, Velloso. Labiadas. Esta planta é conhecida em Pernambuco por este nome, e na Bahia por *Santa Maria*. A sua altura regula de 60 a 80 centimetros; folhas oppostas, ovaes, serreadas; flores em espigas densas, pequenas, brancas, tocadas de roxo; fructo,

pequena capsula preta. É aromatica, emprega-se em banhos nos reumatismos.

Alfavaca de cobra. Em Portugal este nome dá-se á **PARIETARIA** (*Parietaria officinalis*, L.), planta da familia das Urticeas; veja-se **PARIETARIA**.

No Brasil, na provincia de Pernambuco, chama-se **Alfavaca de cobra** á *Monnieria trifolia*, Aublet, planta da familia das Rutaceas, a qual, em outras partes do Imperio é conhecida pelo nome de *Jaborandi*. É uma pequena herva ramosa, com folhas trifoliadas, flores miudas, brancas, aromaticas. A raiz, igualmente aromatica, é reputada sudorifica e expectorante; emprega-se em infusão.

ALFAZEMA. *Lavandula vera*, De Candolle. Planta da familia das Labiadas, cultivada nos jardins. (Fig. 16.) Tem talo esbranquiçado, folhas agudas, flores azuladas,

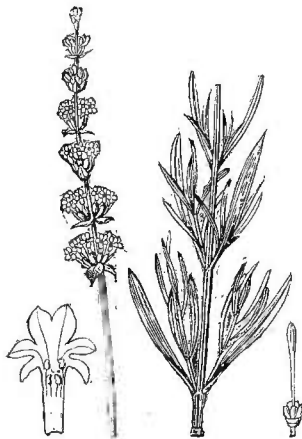


Fig. 16. — Alfazema.

dispostas em espigas terminaes; cheiro aromatico. Estimulante. Emprega-se principalmente para os banhos aromaticos; na dóse de 4 a 2 libras da planta para um banho d'agua quente. Contém um oleo essencial que serve para a preparação da agua de Colonia. Muitas pessoas costumão queimar alfazema nos quartos dos doentes, com o que não fazem senão encobrir incompletamente o máo cheiro, mas não destroem os miasmas; é melhor abrir as portas e janellas para renovar o ar, ou espalhar agua de Labarraque, que ataca

e destrua as emanacões nocivas á saude. *Veja-se* **DESINFECÇÃO**.

Colhida em plena floreseencia, e reunida em pequenos mólhos que se fazem seccar á sombra, a alfazema espalha, nos armarios que contém roupa ou vestidos, um cheiro agradável, tendo além d'isto a propriedade de afugentar os bichos que atacam sobretudo as fazendas de lã.

ALFINETE. (*Perigo que resulta das agulhas e alfinetes engulidos.*) É mui commum vêr erianças, e até pessoas adultas, engulirem alfinetes ou agulhas, que por imprudencia mettem na boeca. Bem que este accidente não tenha sempre consequencias funestas, não se deve eomtudo deixar de recommendar aos pais toda a vigilancia a esse respeito. O menor susto, o menor movimento para fallar, engulir a saliva, respirar, etc., póde ocasionar a aspiração e ingestão de um corpo estranho que se tenha na boeca.

Alguns armadores tem o máo costume de trazer muitos pregos na bocca, para se servirem d'elles quando necessitão ; semelhante imprudencia póde vir a ser funesta.

Mas a natureza, esta mãe vigilante, multiplicou os recursos contra o perigo que poderia resultar da demora d'esses corpos agudos em nossos tecidos. Frequentemente os alfinetes engulidos descem ao estomago com a cabeça para baixo, correm assim todo o intestino, e sahem com os excrementos, sem determinar nenhum accidente. Outras vezes pregão-se na garganta, e extrahem-se facilmente com uma pinça ; ou são lançados fóra com a materia da suppuração que se forma á roda d'elles. Mais frequentemente ainda, furão os tecidos, caminão por debaixo da pelle, e vem formar proeminencias ora no pescoço, ora em outro ponto da superficie do corpo, d'onde podem ser extrahidos por meio de pequena incisão, quando não são expellidos naturalmente pela formação de um pequeno tumor que vem a furo exteriormente.

Infelizmente, nem sempre o exito é tão favoravel. Tem-se visto colicas violentas, vomitos de sangue, dysentérias, syncopes, convulsões, marasmos, e até a morte, sobrevirem em semelhantes casos.

Um dos exemplos mais curiosos, e mais tristes que se podem citar d'esta terminação funesta é o citado pelo Dr. Richerand na sua *Nosographia cirurgica*.

Uma joven chlorotica mostrou aos quatorze annos um dos mais estranhos appetites. Descjava vivamente engulir alfinetes e agulhas, e fazia-o com grande avidéz. Tinha já introduzido muitas centenas no estomago, quando uma violenta picada se fez sentir n'esse órgão. Um cirurgião praticou uma incisão, e extrahio um alfinete comprido. Algum tempo depois, as agulhas apontárão nos braços e antebraços, d'onde forão extrahidas por incisões multiplicadas. Ellas se dirigião depois á vagina ; tirárão-se vinte e duas d'essè canal ; mas todos os dias apparecião outras, ora nas coxas, ora nas pernas, porque a doente, sempre entregue ao seu gosto depravado, não cessava de as engulir. Emfim, morreu na idade de 37 annos, reduzida ao marasmo mais horroroso. Fez-se a autopsia do cadaver, e encontrárão-se ainda muitos alfinetes e agulhas nas visceras thoracicas e abdominaes, e principalmente nas coxas. Os musculos d'este lugar estavão guarnecidos d'elles, como se fossem almofadinhas.

Se alguém engulir alfinete, convem se limite a algumas bebidas emollientes, como leite, agua com assucar, ou caldo. Se o corpo estranho se tiver pregado na garganta, cumpre então extrahi-lo com os dedos ou com uma pinça, empregando o cabo de uma

colher para abaixar a lingua, e para tornar visivel o fundo da bocca.

Emquanto não se manifestar algum accidente, nada ha a fazer, e mesmo nada se póde receiar; mas quando sobrevier alguma dor ou desarranjo das funcções, é mister recorrer ao medico, para que elle aprecie a natureza do caso. De uma parte, com effeito, a alteração da saude não sobrevivem senão muitas semanas, ou mesmo muitos mezes depois da introducção do alfinete, e então o doente póde ignorar a causa verdadeira do seu mal; de outra parte, um espirito preocupado do accidente attribue ás vezes á presença do corpo estranho incommodos, sobre os quaes elle não exerce a minima influencia.

Quando algumas colicas, picadas no ventre ou no anus deixarem crer que o instrumento parece querer sahir com os excrementos, favorecer-se-ha esta tendencia com banhos, clysteres e cataplasmas de linhaça no ventre.

ALGA. *Fucus*. Genero de plantas marinhas, da classe das Cryptogamicas amphigeneas, caracterizadas pela ausencia de órgãos sexuaes e por consequencia de flores propriamente ditas. Seus ramos são alados e divididos por uma nervura; as fructificações que as terminão apresentam-se sob a fórma de tuberculos, cór de azeitona, que varião de tamanho, segundo a idade. Sua dimensão não passa de 1 metro. Estas plantas são muito abundantes nas costas do Oceano; vivem principalmente nos mares onde se faz sentir o fluxo e o refluxo do mar. Uma especie das

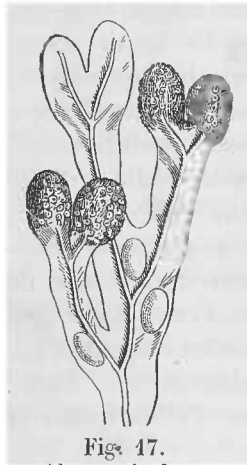


Fig. 17.
Alga vesiculosa.

mais communs é a *alga vesiculosa*, chamada tambem *sargaço vesiculoso*, *botilhão vesiculoso*, ou *carvalhinho do mar* (*Fucus vesiculosus*, L.) Fig. 17. Fronde plana, forquilhosa, com nervura dorsal; vesiculas axillares duas a duas, as terminaes tuberculadas. Habita nos rochedos, nas praias do mar. Os antigos empregavão-n'a para tingir a lã, e como remedio contra a gota. N'estes ultimos annos esta alga foi aconselhada contra a obesidade, em pó, na dóse de 8 grammas (2 oitavas) por dia; e o seu extracto alcoolico, em pilulas, na dóse de 4 grammas (1 oitava) por dia. Emprega-se em certas localidades como forragem para os animaes, ou então utiliza-se para estrumar

as terras. Pela incineração fornece potassa e soda com abundancia. Extrahe-se tambem d'ella o iodo, substancia empregada em medicina contra as escrophulas e outras molestias.

ALGALIA. Sonda destinada a evacuar a ourina da bexiga. A maneira de introduzir a algalia na bexiga acha-se descripta no artigo CATHETERISMO.

ALGALIA ou CIVETA. Substancia cheirosa que se extrahê do gato de algalia. *Veja-se GATO DE ALGALIA.*

ALGODÃO. Chama-se assim uma especie de felpa que envolve as sementes do algodociro, arbusto da familia das Malvaceas, do genero *Gossypium*, de que existem muitas variedades que habitão na India, Persia, Turquia, Italia, Hespanha, Brasil, nas provincias meridionaes da America do Norte, etc. A fig. 18 representa o *Gossypium indicum*, Linneo.

Usa-se o algodão, transformado em tecido, ou simplesmente cardado.

Como tecido, é empregado ordinariamente nos vestidos; comtudo muitas pessoas não querem servir-se do panno de algodão, sobretudo para camisas e outros vestidos que tocão a pelle. É um erro que cumpre seja desarraigado, por quanto os tecidos de algodão são muitas vezes preferiveis aos de linho. Nos paizes quentes, onde a transpiração é mui abundante, tem-se reconhecido ser preferivel o uso de camisas de algodão. Estas tem a vantagem de absorver muito me-

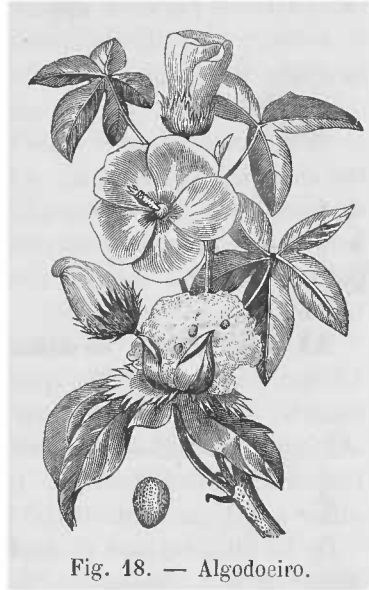


Fig. 18. — Algodociro.

lhor o suor, e de não esfriarem facilmente ao contacto do ar, como acontece com o panno de linho. Demais, ellas oppõem-se á transpiração excessiva, que enfraquece o corpo tão facilmente nas regiões intertropicaes. O vulgo rejeita geralmente os pannos de algodão do curativo das feridas, pretextando terem elles propriedades nocivas. Esta idéa é inteiramente erronea. O algodão em rama goza, pelo contrario, da propriedade de acalmar a dôr nas queimaduras: é a melhor substancia que se póde applicar sobre estas lesões.

Preparão-se com algodão fios felpudos, que se empregão com vantagem no curativo das feridas. É pois sem razão que muitas pessoas accusão o algodão de irritar a pelle.

As folhas, flores e sementes do algodociro são emollientes e usão-se no Brasil em infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) de folhas ou flores, e 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo, nas irritações pulmonares e na dysenteria. Em Pernam

buco empregão a infusão dos caroços do algodoeiro nas menstruações difíceis. A raiz é diuretica.

Algodão-polvora ou *algodão fulminante*. Substancia explosiva que provém da acção do acido nítrico, só ou misturado com acido sulfurico, sobre o algodão. É um tanto amarellada, e á vista apenas se distingue do algodão cardado ordinario; faz explosão, como a polvora, pelo contacto de uma faisea, e mesmo só pelo choque. Basta, para prepara-lo, conservar durante quinze ou vinte minutos o algodão n'uma mistura de acido nítrico e de acido sulfurico concentrados; lava-se depois o producto em muita agua, e deixa-se seccar: esta ultima operação exige muitas precauções quando se opera sobre grandes massas. O algodão-polvora foi proposto para substituir a polvora nas armas de fogo e nas minas; mas além de ser seis vezes mais caro, tem o inconveniente de deteriorar as armas, quando não é bem preparado, e de enche-las sempre de humidade. As experiencias feitas nas minas, para fazer arrebentar os rochedos, mostrarão que a força explosiva do algodão-polvora é quasi quatro vezes maior do que a da polvora das minas.

ALHO. Alho ordinario das hortas. *Allium sativum*, Linneo. Liliaceas. Bolbo quasi redondo, com tunica inteira, secca, branea, composto de cinco ou seis bolbilhos iguaes, parallelos, oblongos, curvados para dentro, agudos, cada um coberto de uma tunica de duas laminas. Cheiro forte, penetrante, especifico; sabor aere, um tanto doce. Tempero muito empregado.

Os bolbilhos d'esta planta (vulgarmente dentes) são um estimulante para o estomago. Tomados com excesso produzem uma especie de embriaguez e uma extrema sensibilidade da vista; seu cheiro communica-se rapidamente ás diferentes exhalações do corpo, ao halito, ao suor, á urina, etc. Este cheiro é muito desagradavel, e persiste por muito tempo. Dois a tres dentes de alho, cozidos ou infusos no leite, misturados com pão e manteiga, ou mesmo erús, são um exeellente vermifugo para as crianças, e mesmo para os adultos. Póde-se dar tambem em elyster, e administrado d'este modo produz uma febre passageira.

Alho grosso de Hespanha. *Allium scorodoprasum*, Linneo. Liliaceas. Caule espiral no eimo, da altura de 1 metro; folhas enroladas; bolbo radical quasi globoso, bolbillos grossos. O mesmo uso do preecedente, e as mesmas partes.

Alho porro. *Allium porrum*, Linneo. Liliaceas. Bolbo radical alongado e quasi cylindrico; hastea do comprimento de 1 metro 30 centimetros, guarneecida de folhas chaças. Esta planta é cultivada nas hortas. O seu uso é inteiramente culinar, principalmente

no caldo de carne. Empregão-se as folhas e a raiz ; é um estimulante e digestivo.

ALIENAÇÃO MENTAL. *Veja-se LOUCURA.*

ALIMENTOS. Occupar-nos-hemos n'este artigo da natureza dos alimentos do homem, dos seus effeitos considerados de uma maneira geral, da sua composição e preparação, de suas propriedades nutritivas, de suas alterações, dos meios de reconhecer sua falsificação, e enfim do emprego que se deve fazer das diversas substancias alimenticias, segundo as constituições, sexos, idades, climas, estações, lugares, profissões ; nas convalescenças das molestias agudas, e durante o tratamento das molestias chronicas.

Resulta de muitas experiencias feitas nos animacs que se ápproximão mais do homem, que é difficil entreter a vida com uma só especie de alimento tomado exclusivamente. A diversidade e a multiplicidade dos alimentos é por conseguinte um ponto de hygiene muito importante, que, além d'isso, nos é indicado pelo nosso instincto.

Existe grande differença entre os alimentos a respeito da influencia que elles exercem na economia animal. Não ha quem ignore que o regimen puramente vegetal produz effeitos mui differentes dos do regimen animal. Quem ignora que a dieta vegetal retarda a circulação, produz pouco calor animal, acobarda o animo, destroe as paixões, enfraquece a actividade do espirito, enerva os órgãos reproductores, e acaba por dar ao corpo uma constituição molle, predispondo-o ás escrophulas ? Todos sabem que a dieta animal fortifica os órgãos, vivifica todas as funcções, excita a digestão, accelera a circulação, produz um calor abundante, anima as faculdades da intelligencia e as da geração, desenvolve o temperamento sanguinco, e predispõe ás molestias agudas de todas as especies ? Quanto á mistura dos alimentos, claro fica que os effeitos mixtos devem resultar da ingestão de alimentos oppostos por suas propriedades.

Para estudar os effeitos dos alimentos é preciso admittir certas divisões. A melhor maneira de os dividir é classifica-los segundo os principios que n'elles predominão. Tal é a ordem que adoptei no seguinte exame.

I. Effeitos dos alimentos fibrinosos. A base que dá o nome a esta classe de alimentos é a *fibrina* ; isto é, uma substancia solida, rubra no estado ordinario, branca quando purificada, que forma o sangue coalhado, e a porção solida das carnes. Acha-se principalmente na carne dos animacs adultos, junta com outros principios, gelatina, osmazoma, albumina, etc. Devemos, por conseguinte, estudar os effeitos da carne muscular.

O alimento em que a fibrina predomina sobre todos os outros principios dá a todos os órgãos uma grande força. O excesso de semelhante alimentação pôde tornar-se pernicioso, occasionar hemorragias, gota e toda a sorte de irritações. A privação da alimentação fibrinosa diminue, pelo contrario, a energia de todas as funcções. As carnes são tanto mais estimulantes e reparadoras, quanto mais vermelha é a sua côr. Estes alimentos convem ás constituições fracas, lymphaticas, ás profissões que exigem um violento exercicio muscular, aos habitantes dos climas frios, etc.

Todas as preparações de carne são tanto mais nutritivas, quanto mais partes soluveis contém, de sorte que as propriedades reparadoras e estimulantes achão-se mais nas carnes assadas do que nas cozidas.

O *estufado* ou o guizado é uma maneira mui vantajosa de preparar a carne, porque então conserva todas as partes nutritivas. Torna-se, além d'isso, molle e facil de digerir.

A *carne assada*, como já disse, conserva todos os seus principios nutritivos, por meio da crosta que se forma na sua superficie pela acção moderada e contínua do fogo.

A *carne cozida* é em geral de digestão mais difficil, e nutre menos que a carne assada.

A *fritura* goza, como o estufado, da propriedade de amollecer as carnes sem lhes tirar o succo, mas tem o inconveniente de communicar aos alimentos, que forão submettidos a esta especie de preparação, propriedades acres, que dependem do principio empyreumatico que se desenvolve pela cocção na gordura ou no azeite, e que é nocivo aos estomagos delicados e irritaveis. O môlho acerejado tem inconvenientes analogos.

Ha carnes a que se deixa adquirir um cheiro forte antes de comê-las; tâes são as do faisão, veado, pomba rôla, e de outras caças. Podem agradar ao paladar das pessoas appetitosas, mas o seu uso não deixa de ser insalubre.

Caldo. Esta decoção das carnes contém todos os seus principios nutrientes e estimulantes. O caldo é formado d'agua, de gelatina, de osmazoma, de gordura e de differentes saes: a albumina foi tirada debaixo da fôrma de espuma. O caldo é eminentemente restaurador. Quanto ás suas propriedades excitantes, varião segundo a especie da carne. As carnes mais excitantes são as de vacca e de porco, e em certos paizes a de carneiro. Nas molestias agudas devem-se evitar estes caldos, e devem-se preferir os caldos de carne branca, como o de gallinha ou vitella.

As propriedades restaurativas do caldo resultão principalmente da presença da *osmazoma*. É um extracto escuro, avermelhado,

aromatico ; putrifica-se difficilmente. Dá ao caldo seu sabor e côr, e torna-o mui nutriente. A carne dos animaes novos é privada d'este principio ; á sua falta é que se deve attribuir a sua qualidade menos tonica, menos restaurativa ; só na idade adulta é que a sua carne se penetra da osmazoma. A vacca, o carneiro, o veado, entre os quadrupedes ; a pomba, a perdiz, o faisão, o pato, o ganso, e geralmente todos os animaes de carne escura, contém este principio em grande abundancia.

Conservação da carne. Conserva-se a carne de muitos animaes, mas principalmente a do porco, cobrindo-a simplesmente com sal, ou cobrindo-a com sal e expondo-a depois á acção do fumo ; emfim, accumulando-a salgada e cheia de especiarias nos intestinos preparados do porco ou da vacca. Com estas preparações as carnes perdem as qualidades que tinham quando frescas, e adquirem propriedades extremamente estimulantes ; pelo que deve-se usar d'ellas com moderação.

Um modo de conservar os alimentos, melhor que os precedentes, é o de Appert. Consiste em encerrar ao abrigo do contacto do ar, em latas ou em vasos de vidro exactamente tapados, os alimentos preparados como para se servirem á mesa.

II. Effeitos dos alimentos gelatinosos. A base que dá o nome a esta classe de alimentos é a *gelatina*, materia molle, meio transparente, viscosa, sem cheiro nem sabor, que se encontra na carne muscular, e principalmente na pelle, ligamentos, tendões, ossos, articulações, intestinos, etc. Esta materia existe na colla de Flandres, e em todas as geléas animaes. A gelatina acha-se em todas as carnes, mas não constitue o seu principio predominante, senão quando são muito novas. Entre os alimentos d'esta classe achão-se as carnes de leitão, vitella, cordeiro, cabrito novo ; certas partes, taes como as que se designão pelo nome de mocotó, pés, tripas, e a pelle de certos peixes, taes como a do bacalháo.

Esta classe de alimentos distingue-se pela sua pouca cohesão ; nutrem pouco, e o seu uso continuado por muito tempo produz uma compleição molle. Convem portanto aos temperamentos biliosos, seccos, aos homens que não fazem exercicios violentos ; são nocivos pelo contrario ás pessoas lymphaticas e aos individuos affectados de escrophulas.

III. Effeitos dos alimentos albuminosos. A albumina é a base que dá o nome a esta classe de alimentos. No estado liquido é uma substancia transparente, sem côr nem cheiro ; constitue a maior parte da *clara de ovo*. Os alimentos em que predomina, e de que fazemos mais uso, são os ovos, ostras, mariscos, caracões, miolos, figado, chouriço de sangue, etc,

Os alimentos albuminosos, administrados sem nenhuma preparação estimulante, como os ovos, os miolos, convem aos convalescentes que precisão de restaurar-se, ás pessoas idosas, ás mulheres e aos litteratos.

Os *mariscos* podem ás vezes produzir accidentes graves, erupção na pelle e até uma especie de envenenamento. Estes inconvenientes são devidos, ou á alteração d'estes animaes proveniente de alguma molestia que nos é desconhecida, ou a alguma substancia acre que elles possão conter sem estarem doentes. A observação tem mostrado que são mais nocivos pelo verão; seria pois prudente abster-se d'elles n'esse tempo, ou então não os comer n'essa época; senão depois de lavados e macerados em agua simples, renovada duas ou tres vezes.

As *ostras* comem-se cruas e frescas, cozidas ou de escabeche. A pouca cohesão da albumina, quando são cruas e frescas, a agua salgada que contém então, fazem d'ellas um alimento mui delicado e de facil digestão. A cocção torna-as duras e de mui difficil digestão; são então sobremaneira indigestas, e não podem ser comidas em grande quantidade. As de escabeche não são tão duras, mas digerem-se sempre com difficuldade.

As ostras estão frequentemente doentes durante a estação quente; são então molles, sua agua é leitosa e insipida, em vez de ser clara e salgada. É n'este tempo que ellas desovão e são insalubres. As ostras alterão-se promptamente, e causão então accidentes graves. Outro tanto acontece com os chouriços de sangue e outros alimentos albuminosos.

IV Efeitos de uma classe de alimentos *nos quaes as bases precedentes, como a fibrina, a gelatina e a albumina, se achão pouco mais ou menos em quantidades iguaes.* Estes alimentos são os *peixes*, que differem dos mammaes e das aves pela falta da osmazoma, principio saboroso, excitante, que dá côr ás carnes assadas.

Os peixes nutrem sem excitar. Convem aos temperamentos biliosos, ás pessoas que tem precisão de restaurar-se sem ser estimuladas.

Ha dois modos de preparar o peixe; um consiste em conservar-lhe suas qualidades e seu gosto, outro em modificar uma e outra cousa. O primeiro póde ser dado na convalescença das molestias como um alimento brando e de facil digestão; o segundo, para a preparação do qual se empregão ordinariamente os temperos, não convem senão aos estomagos pouco irritaveis. Todos os peixes devem ser comidos fresquissimos; o bacalhão, que é mui coriáceo, constitue a excepção d'esta regra.

O Brasil é muito provido d'esta especie de alimentação; o alto mar, toda a costa e rios interiores são abundantissimos de excelente peixe, como o mero, o bijupirá, a garoupa, o badejo, o robalo, a tainha, a eavalla e outros muitos, entre os que habitão o mar; o suruby, o dourado, o pirarucú, o tambaqui, o tucunaré, o paeú e outros que se encontrão nos rios, além de cetaceos proprios para fabrico de azeite, como a balêa e a toninha.

V. **Efeitos dos alimentos feculentos.** A base que dá o nome a esta classe de alimentos é a *fecula amyloacea*. Assim se chama um polme branco, sem cheiro nem sabor, conhecido com o nome de *polvilho*. Encontra-se nas sementes de todas as gramineas e leguminosas, nas palmeiras, castanhas, batatas, nas raizes de mandioea, de aipim, na fructa de pão, etc. A esta classe de alimentos pertencem as seguintes feculas: farinha de trigo, centeio, cevada, aveia, arroz, milho, batatas, castanhas, sagú, salepo, feijão, ervilhas, favas, lentilhas, e muitas outras preparações, conhecidas com os nomes de aletria, macarrão, tapioca, araruta, carimã, etc.

O arroz e a cevada são as sementes em que a fecula parece estar mais pura. Outro tanto direi do sagú, da tapioca e araruta. O milho é, depois d'estas substancias, a que menos materias estranhas contém. Estas farinhas formão um alimento mui brando, de fácil digestão, e que nutre promptamente.

As sopas de arroz, tapioca, araruta e sagú são recommendadas como analepticas e emollientes nas convalescenças das molestias longas.

O feijão, as favas e as ervilhas, além da fecula, contém ainda um principio saccharino. São tambem mui nutrientes, mas de difficil digestão, e produzem flatulencias devidas á fermentação d'este principio saccharino.

Em nenhuma das substaneias farinaeeas é tão abundante este principio como na castanha. O seu assuear é perfeitamente identico ao da eanna.

O centeio serve em muitos lugares para fazer pão; seu gosto é assaz agradável. É menos nutriente do que o pão de trigo, e considera-se como refrigerante.

A fecula communica tambem suas propriedades nutrientes a grande numero de sementes, como as amendoas doces, nozes, avelãs, cacáo, etc. Estas substancias, além da fecula, contém ainda um oleo que accelera a digestão da fecula. Com o cacáo se prepara o *chocolate*, alimento assaz nutriente, que convem aos estomagos irritaveis e aos temperamentos nervosos.

A batata é um dos alimentos de que mais frequentemente se

usa ; ha poucas pessoas a quem não agrada ; constitue uma alimentação dotada de propriedades nutritivas e de facil digestão.

Na mandioca a fecula acha-se unida a um principio venenoso, de que é facil priva-la pela lavagem e torrefacção.

O trigo é o unico alimento em que a fecula se acha unida ao *gluten*, substancia de côr branca-escura, molle, viscosa e elastica. Esta substancia dá-lhe a propriedade de levedar facilmente ; por isso o pão que se faz com esta farinha é mais leve e mais facil de digerir.

O pão é o alimento que melhor convem a todas as constituições. Comido ao sahir do forno e quente, torna-se pesado ao estomago e indigesto.

A fecula, como se vê, é uma das substancias alimenticias mais abundantes da natureza. Nutre completamente, e sendo pura, não deixa senão mui pequena quantidade de materia excrementicia. Poderia por si só bastar para todas as nossas necessidades, como o prova o exemplo de muitos povos, que fazem d'ella o seu principal e quasi unico sustento. Restaura as forças do individuo, sem desenvolver muito calor animal, nem acelerar a circulação, e communica pouca actividade aos órgãos. E por isso faz dominar a constituição molle e lymphatica, e torna os homens, que d'ella usão exclusivamente, flaccidos, pesados e sem vigor. Convem principalmente aos temperamentos activos, ás pessoas naturalmente irritaveis, magras, cujas paixões são mui violentas, e no primeiro periodo de convalescença das molestias agudas. Deve-se, pelo contrario, prohibir aos escrophulosos e aos individuos que fazem exercicios musculares mui violentos.

Alteração dos alimentos feculentos. Alteração da farinha de trigo. Para reconhecer as suas alterações é preciso primeiramente que se saiba a sua composição. Esta farinha dessecada compõe-se de gluten, de assucar gommoso, de albumina, de phosphato de cal, e de certa quantidade de farelo.

1º *Alteração pela humidade.* A farinha attrahe rapidamente a humidade do ar, ennovella-se e altera-se no espaço de alguns dias ; contém então menos gluten.

2º *Alteração pelos insectos.* Esta alteração consiste na destruição feita pelos insectos do gluten da farinha. Reconhece-se a presença d'elles, ou a de suas larvas, pela simples vista, ou mediante o microscópio.

3º *Alteração pela areia que provém de mós muito friaveis.* Reconhece-se esta alteração diluindo a farinha em agua fria ; a areia precipita-se no fundo da vasilha, com todos os caracteres proprios para reconhecê-la.

4º *Alteração pelas farinhas de feijão e de ervilhaca.* A farinha de trigo misturada com farinha de feijão dá um pão compacto, de que se pôde comtudo usar sem inconveniente. A mesma farinha misturada com a de ervilhaca dá um pão compacto de cheiro e sabor desagradaveis.

Alteração do pão. Se o fermento mui acido está conservado em vasilhas de cobre ou de chumbo, oxyda-se e dissolve algumas partes d'esses metaes ; emprégado então para fazer levedar o pão, pôde produzir accidentes graves. Reconhece-se esta alteração da maneira seguinte : mistura-se o pão com tres partes do seu peso da mistura d'agua e de vinagre distillado ; cõa-se a solução ao cabo de uma hora ; ajuntando então a este liquido uma solução de potassa, obtem-se um precipitado de deutoxydo azul de cobre, caso elle exista ; mas se o liquido contém oxydo de chumbo, ajuntando-se-lhe a solução de subcarbonato de potassa, produz-se um precipitado branco de subcarbonato de chumbo.

Pão alterado pelo centeio espigado. Produz um envenenamento caracterizado por accidentes cerebraes e gangrena dos membros. Reconhece-se a massa e o pão que contém centeio espigado, pelas nodoas violaceas que apresentam. O centeio espigado é uma semente curva, alongada, roxa, com algumas nodoas brancas, e quebra-se como amendoa secca ; desenvolve-se nos annos chuvosos, e destroe o grão ainda fresco, vegetando em lugar d'elle.

VI. Effeitos dos alimentos [gommosos ou mucilaginosos. Estes alimentos tem por base a gomma unida á agua, com a qual a gomma forma *mucilagem*. A gomma pôde estar combinada com diversos principios que predominão em tal ou tal substancia ; assim pôde estar associada a uma materia saccharina, a um principio acido, e a diversos outros principios pouco conhecidos. Para estudar esta classe de alimentos, estabeleceremos, por consequinte, tres subdivisões ; na primeira serão examinados os alimentos em que a mucilagem está unida a um principio saccharino predominante ; na segunda, aquelles em que o sabor acido é a sua propriedade mais distincta ; emfim, na terceira, os em que a mucilagem se acha associada a diversos principios, acres, aromaticos, volateis, etc.

a. Os alimentos mucilaginosos e saccharinos são certas fructas, como as tamaras, figos, uvas, pecegos, melões, ameixas, peras, maçãs, melancias, etc., e entre os fructos proprios dos climas intertropicaes, o maracujá, a banana, a fructa do conde, o cambucá, á jaca, o côco da Bahia, o abacate, o jambo, a sapucaia, o mamão, etc.

Todas estas fructas contém principios nutrientes mais ou menos

abundantes. As que os contém em maior proporção são aquellas cuja mucilagem se acha diluida em menor quantidade d'agua.

b. A segunda secção contém as fructas acido-mucosas ; isto é, aquellas em que a mucilagem está unida a um principio acido ; taes são o limão, a laranja, a romã, a groselha, a cereja, o mar-melo, o cajú, o araquá, a goiaba, a jaboticaba, a grumichama, os tamarindos, o bacury do Maranhão, a pitanga, o cajá, o ananaz, a manga, etc. Todas estas fructas contém um succo mui acido, que lhes dá propriedades refrigerantes e adstringentes ; servem para a preparação das bebidas proprias para acalmarem a sêde.

As fructas, sobretudo as que são muito acidas, excitão o appetite, e favorecem a digestão dos outros alimentos. Tem tambem por effeito retardar os movimentos do coração, diminuir o calor animal, e produzir um sentimento de socego e de frescura ; o augmento dos suores e das ourinas é tambem um effeito da sua acção sobre a economia animal. O emprego das fructas, sobretudo das acidulas, é muito vantajoso ás pessoas irritaveis, melancolicas e sanguineas ; pelo contrario, não convem ás que são de constituição molle e escrophulosa. Comidas em grande abundancia, e principalmente sem estarem perfeitamente maduras, tem produzido diarrhéas e dysenterias epidemicas.

c. Alimentos mucilaginosos, nos quaes a mucilagem está unida a um principio amargo, acre, acido, etc. Estes são o espinafre, a alface, o almeirão, o pepino, o espargo, a alcachofra, a escorcioneira, a betarraba, a cenoura, o nabo, o rábão, a couve-flor, os agriões, as cebolas, o alho, etc.

Quasi todas estas plantas são dotadas de virtudes tonicas e estímulantes. São pouco nutrientes, mas excitão o estomago e activão a digestão.

Finalmente, a classe dos mucilaginosos encerra alimentos pouco nutrientes, que gozão de propriedades adoçantes e refrigerantes, as quaes são em alguns d'esta classe corrigidas pela addição de um principio adstringente e tonico.

Estes alimentos desenvolvem pouco calor, produzem a relaxação de todos os tecidos, e diminuem a energia de todas as funcções. Convem ás pessoas plethoricas, irritaveis, etc., associados aos feculentos, são proprios para os individuos nervosos e biliosos. Não servem pelo contrario aos de temperamento lymphatico, e ás pessoas cujos trabalhos exigem o emprego das forças musculares.

VII. Effeitos dos alimentos oleosos. N'esta classe entrão os oleos fluidos dos diversos peixes, o de azeitonas, nozes, amendoas, gergelim e de côco de dendê, a mantciga de leite e as gorduras animaes.

Todos os oleos sc̄vem poucas vezes de alimento, mas s̄o frequentemente empregados como tempero. Quanto às gorduras animaes, só se comem ordinariamente misturadas com as carnes de que fazem parte, e sendo em grande quantidade, torn̄o a digest̄o mui difficil.

Os oleos s̄o nutrientes, mas tomados s̄os e em grande quantidade produzem uma sensaçaõ de peso sobre o estomago, às vezes evacuações abundantes e até vomitos.

Esta alimentaçaõ relaxa os tecidos, diminue a energia do estomago, retarda a circulaçaõ e augmenta a gordura. A sensibilidade e a intelligencia enfraquecem-se; toda a constituiçaõ adquire uma molleza e um estado de inercia. Pelo contrario, uma demasiada abundancia de sangue, uma excitaçaõ geral, necessit̄o d'esta especie de alimentaçaõ.

VIII. Effeitos dos alimentos caseosos. Estes alimentos comprehendem o leite e suas preparações. O leite de ama é o primeiro alimento do homem; mas tomado só torna-se insufficiente depois da sahida dos dentes da criança. Varia na sua composiçaõ segundo o tempo que tiver decorrido depois do parto, sendo muito mais seroso nos primeiros mezes; vai porém adquirindo consistencia á proporçaõ que se faz mais antigo e que a criança cresce. Este phenomeno deixa perceber o fim da natureza e indica quanto é irracional dar-se a um recém-nascido um leite já velho, que só difficilmente pôde ser digerido pelos orgãos delicados da cria.

O leite convem às pessoas nervosas. É sobretudo bom para dar aos orgãos a frescura, o colorido, a ligeira gordura, a mocidade que fazem perder os estimulantes de toda a especie, dos quaes se abusa nas grandes cidades. O leite deve-se tomar no campo, a querer-se que elle produza todas as vantagens indicadas; porque o leite das grandes cidades é quasi sempre adulterado. O leite é eminentemente contrario aos temperamentos lymphaticos: às pessoas que vivem nos lugares baixos, humidos, e mal arejados, e que est̄o affectadas de fluxos chronicos. O leite de burra, que se aproxima mais ao da mulher, é o de melhor digest̄o, contém mais assucar e soro, e menos manteiga e caseo do que os outros. Por conseguinte, esta especie de leite deve empregar-se nas convalescencas das inflammações dos intestinos: na falta do leite de mulher, pôde aquelle ser administrado às crianças nos primeiros mezes da vida. O leite de cabra contém menos propriedades adoçantes; este leite não convem às crianças senão dois ou tres mezes depois do nascimento. Quando não se pôde achar outro, é preciso, para torna-lo mais semelhante ao da mulher, mistura-lo com agua.

O leite abandonado a si separa-se em tres partes, a saber : nata, caseo, que se chama vulgarmente leite coalhado, e soro.

A *nata*, que se acha na parte superior, é formada de muita manteiga, de certa quantidade de caseo e de soro : comida com pão forma um alimento assaz nutriente e brando.

O *caseo* é pouco nutriente, mas mui refrigerante.

O *soro* é empregado como diluente nas molestias agudas.

Manteiga. A manteiga fresca com pão constitui um alimento brando, emolliente e nutriente ; a manteiga salgada, não estando rançosa, é mais facilmente digerida, e é dotada de propriedades menos emollientes do que a manteiga fresca.

Queijos. Os diversos queijos são formados de nata e caseo. Preparão-se de mil maneiras differentes, mas todas ellas podem ser comprehendidas nas tres divisões seguintes :

Queijo fresco e sem sal. É tanto mais nutritivo quanto maior é a quantidade de nata que contém. É alimento mui brando.

Queijo fresco e salgado. É nutritivo como o precedente, mas menos adoçante ; digere-se mais facilmente, porque o sal lhe communica uma propriedade excitante.

Queijo fermentado e alcalescente. Os effeitos dos queijos contidos n'esta classe varião desde uma ligeira estimulação até á irritação do estomago. Os menos estimulantes são os de Gruyere, de Hollanda, de Chester : os mais estimulantes são os de Roquefort.

Falsificação do leite. Quando o leite está adulterado com mui grande quantidade d'agua, offerece uma côr azulada e um sabor aquoso. Se está falsificado com farinha ou polvilho, para que pareça mais espesso, reconhece-se a fraude triturando o leite com pequena quantidade de tintura de iodo, que lhe communica logo côr azul, emquanto que o leite puro triturado com a mesma substancia adquire a côr do tabaco. Esta falsificação não é prejudicial á saude.

Se se deitou subcarbonato de potassa no leite, para impedir que coalhe, reconhece-se a fraude molhando n'este leite o papel de turnesol, previamente corado por um acido ; este papel então recobra a sua côr azul.

Falsificação do queijo. Quando o queijo tiver permanecido por algum tempo em vasilhas de cobre para adquirir côr verde-azulada, reconhece-se que contém algumas partes do oxydo d'este metal, que podem produzir accidentes graves, deixando-se um pouco d'este queijo por vinte e quatro horas no ammoniaco ; ao cabo d'este tempo, se elle contém oxydo de cobre, a mistura apresenta a côr azul.

Falsificação da manteiga. Misturão ás vezes a manteiga com

massa de batatas para lhe augmentar o peso. Esta mistura torna-se azul, triturando-a com pequena quantidade de iodo. Quando está adulterada com sebo, conhece-se facilmente pelo sabor.

As reflexões expendidas n'este artigo levão-nos a admittir quatro classes de alimentação, segundo os seus effeitos no organismo.

I. A *alimentação refrigerante* obra acalmando a sêde, temperando o calor animal, augmentando os suores e as ourinas, diminuindo enfim a actividade da nutrição e das paixões. A esta classe pertencem as fructas doces ou acidas, a hortaliça, as saladas, etc.; convem sobretudo ás pessoas sanguineas, plethoricas, sujeitas ás hemorragias, etc.

II. A *alimentação adoçante, relaxante*, constituida pelas materias mucilaginosas, oleosas, gordas, gelatinosas e o leite, nutre moderadamente, diminue a energia das forças digestivas e de todas as funcções, retarda a circulação, relaxa os tecidos, e faz predominar a constituição molle, gordurosa e lymphatica. Goza de algumas propriedades laxativas, convem aos mesmos individuos que ficão indicados na classe precedente.

III. *Alimentação média ; isto é, mais ou menos reparadora*. A fecula restauradora, tão liberalmente derramada na natureza, a albumina e os vegetaes que contém um principio acre ou amargo, taes como o repólho, os agriões, almeirão, etc, constituem um genero de alimentação, que é nutritiva, de digestão mais ou menos difficil, desenvolve pouco calor animal e sustenta as forças, sem augmenta-las sensivelmente.

IV *Alimentação restauradora e mui tónica*. Encontra-se no regimen animal, mas sobretudo nas carnes de vacca, carnciro, pomba, ganso, ádem, veado, pomba-rôla, gambá e em outras carnes de caça. Esta alimentação restaura promptamente as perdas do organismo. Debaixo da sua influencia o sangue torna-se mais rico, as forças augmentão de uma maneira consideravel. Convem perfeitamente ás pessoas debilitadas por longas molestias, aos individuos escrophulosos, rachiticos ou que fazem grandes esforços musculares.

Mas os effeitos produzidos por estas diversas especies de alimentação differem muito segundo a qualidade dos temperos : tal alimento, pouco excitante e ainda adoçante, poderá adquirir essa primeira qualidade pelas substancias com que fôr misturado. A susceptibilidade do individuo, o habito, poderão tambem produzir grandes modificações nos seus effeitos.

Terminarei este artigo com algumas reflexões sobre a quantidade dos alimentos.

A economia soffre perdas contínuas occasionadas pela perspiração

cutanea e pulmonar, pela excreção das ourinas, das materias feaes e outras. Quando se tomão, por conseguinte, poucos alimentos e em quantidade insufficiente, o resultado final é sempre pernicioso.

Mas uma alimentação mediocre pôde ter grandes vantagens; modera as forças digestivas, descansa o estomago, dá maior energia, maior facilidade a todas as nossas funções e maior actividade ás faculdades intellectuaes. A historia nos ensina que Newton tomava por unieo alimento, emquanto compunha o seu Tratado de Optica, um pouco de vinho, pão e agua. Os moralistas e os philosophos de todos os tempos tem aconselhado a temperança.

A alimentação mui abundante dá frequentemente lugar a accidentes bastante graves. As pessoas que se achão n'este caso, além de serem frequentemente affectadas de indigestão, adquirem uma gordura disforme; tornão-se pesadas, preguiçosas, dispostas á apoplexia e ás inflammações. A gota, a pedra na bexiga, as areias são muitas vezes produzidas pela alimentação demasiada, e ao mesmo tempo mui suceulenta. O Dr. Magendie refere o exemplo de um negociante de Hamburgo, que tres vezes se vio opulento, e tres vezes ficou arruinado. Logo que seus negocios ião florescendo, era affectado de areias; mas apenas cahia na miseria, as areias desaparecião para tornarem a voltar com a fortuna.

Outros effectos não menos perniciosos podem ser observados, quando se tem o costume de ingerir grande quantidade de substancias. As digestões fazem-se então incompletamente; o estomago e os intestinos não são sufficientes para conservar todas as partes nutritivas; grande porção de alimentos, carregados de succos nutritivos, sahem com os excrementos, e então a restauração não é tão completa como no estado natural. E por isso o individuo emmagrece; a irritação constante, produzida sobre o tubo intestinal pela passagem dos alimentos, dá lugar a diarrheas abundantes. Convem, por conseguinte, moderar o appetite, regula-lo conforme o grão de energia do estomago e das perdas que a economia soffre. Tenhamos sempre presente esta grande verdade: « Não é o que se come que nutre, mas sim o que se digere ».

Não ha cousa mais variavel nas differentes nações do que a hora, o numero das comidas e o intervallo que as separa. Qualquer que seja o tempo que se adopte, os orgãos habituão-se promptamente á regularidade. A sensação da fome volta ás horas do costume, e isto dispõe de tal maneira o estomago, que a fome pôde passar com a hora da comida, sem que comtudo se tenha tomado alimento algum. Esta disposição é mui favoravel á elabo-

ração dos alimentos ; porque, se comessemos fóra das horas habituaes, o appetite não seria tão bom, nem a digestão se faria tão completamente. Se os jovens podem impunemente comer a todas as horas, as pessoas debeis ou idosas não podem fazê-lo sem perigo.

Cumpre ter o cuidado de não comer em occasiões de grande agitação do corpo e do espirito ; nada é mais favoravel a uma boa digestão do que a tranquillidade da alma, a satisfacção e alegria ; eis porque é melhor comer em companhia do que comer só. A hora mais conveniente para fazer uma comida copiosa é a do fim do dia, quando se tem acabado os negocios. O cêar é em geral um costume muito máo : a digestão faz-se mal durante o somno : o fastio, que se experimenta no dia seguinte, indica bem que esta comida era superflua. Devem decorrer cerca de tres horas entre o acordar e a primeira comida do dia ; então não fica nenhum alimento no estomago, e este órgão acha-se mui bem disposto para supportar uma comida assaz resistente. Regra geral : não se devem introduzir alimentos no estomago senão quando estiverem já digeridos os que este continha. Ora, como são precisas perto de seis horas para digerir uma comida ordinaria (o que varia entretanto muito, tanto pela natureza dos alimentos como por sua quantidade e por mil circumstancias particulares), é prudente que haja este intervallo entre uma comida e a comida seguinte.

Bastão duas comidas por dia a um homem adulto que goza de boa saude. Ha comtudo paizes em que se fazem quatro e até cinco comidas, mas só duas são copiosas, as outras tres compõem-se de chá da India, uma pequena porção de pão ou alguns doces. Seria um costume muito máo o de tomar uma só comida por dia. Este estado seria insupportavel para as pessoas carregadas de trabalhos fatigantes, que não poderião mais executa-los, e para os individuos debeis, que não poderião em uma só vez digerir a quantidade de alimentos necessaria para sustenta-los um dia inteiro. Não se deve, portanto, dar um intervallo mui longo entre as comidas. A longa abstinencia dispõe a comer com voracidade grande quantidade de alimentos ; isto occasiona digestão laboriosa, d'onde nascem succos mal elaborados, e por consequente alimentação de má natureza. Assim duas, ou quando muito tres comidas por dia, das quaes a mais forte deve fazer-se quasi no fim do dia, serão sufficientes.

Eis tudo o que se póde dizer sobre o numero das comidas. É tão difficil estabelecer regras convenientes a todos os individuos, que melhor é ater-se a este respeito á experiencia pessoal de cada um. Finalmente, uma vida sóbria e moderada, igualmente afas-

tada dos dois extremos, é o meio mais infallivel de manter a saude e prevenir as molestias.

ALLAMANDA. *Allamanda Aubletii*, Pohl, Apocynaceas. Vegetal do Brasil. A casca e folhas cozidas são catharticas; em dóse elevada promovem vomitos. O Dr. Nicoláo Moreira considera este vegetal suspeito.

ALLEVARD. Aguas sulfurosas frias. Itinerario de Pariz a Allevard: estrada de ferro até Goncelin, 15 horas e 20 minutos. Omnibus de Goncelin a Allevard, quarenta minutos; despeza 76 francos.

A pequena cidade de Allevard, de 3,000 habitantes, está situada em França, no departamento de Isère, no meio das montanhas; possui uma fonte de agua sulfurosa fria, de 16 grãos centigrados. Analysada por Dupasquier, esta agua apresentou, n'um litro, 24 centímetros cubicos de gaz sulfhydrico, 41 de azoto, e 96 de acido carbonico. É, por consequente, uma agua mui gazosa. Agitada no copo, levanta umas pequenas bolhas como o vinho de Champanha.

Existe em Allevard um bello estabelecimento thermal, situado no meio de um parque notavel pelos pinheiros que o ornão. N'este estabelecimento ha uma bica onde se póde beber agua, assim como se póde beber na fonte.

Posto que a agua de Allevard seja administrada sob todas as fórmas, usa-se sobretudo sob a fórma de *inhalações*. Ha ali, para este fim, um edificio especial, com sete salas de inhalações, perfeitamente organizadas. Os doentes respirão os gazes que se desenvolvem da agua mineral, durante um tempo que varia de alguns minutos a uma hora. Estas inspirações empregão-se nas molestias do pharynge, do larynge, dos bronchios e na tísica.

O estabelecimento de banhos contém trinta e cinco gabinetes de banhos geraes, quinze gabinetes para banhos de pés, e duas salas para banhos de vapor. Emfim, em outra casa, achão-se dez quartos providos de todos os appparelhos para duchas, com maçadura e com diversas applicações hydrotherapicas.

A maior parte dos doentes morão no *Grand hotel des Bains*, vasto edificio situado defronte do estabelecimento thermal. Ha, além d'isto, no interior da cidade, outros hoteis, e casas particulares que recebem os banhistas.

ALMECEGA ou MASTIQUE. Resina tirada pela incisão da casca da *Pistacia lentiscus*, Linneo, arvore da familia das Terebinthaceas anacardeas, que habita em Portugal nos arredores de Coimbra, Lisboa e outras partes do Reino. Mas a almecega, de que se faz uso nas pharmacias, vem toda de Chio, ilha do

archipelago da Grecia, e obtem-se da arvore ali cultivada com muito cuidado. Ha d'ella duas especies commerciaes: 1^a a commum, que se apresenta em massas; 2^a em lagrimas, que apparece debaixo da fórma de pequenos bocados, irregularmente arredondados, côr de alambre, cobertos de uma especie de poeira esbranquiçada; cheiro suave, sabor adstringente, aere e aromatico. É solúvel em parte no alcool e inteiramente no ether e na essencia de terebinthina.

No Oriente costumão masear esta substancia para perfumar a bocca e fortificar as gengivas. Sua dissolução no ether, ou *tintura etherea*, emprega-se para obturar as cavidades dos dentes cariados. Para este fim, molha-se um pouco de algodão n'esta tintura, e introduz-se na cavidade do dente; o ether, vaporizando-se, deixa massa firme. Nas artes, o mastique serve para fazer vernizes.

No Brasil chamão vulgarmente *almecegas* ás resinas que se extraem das differentes arvores do genero *Icica*, da familia das Terebinthaceas-anacárdeas, que habitão sobretudo nas provincias do norte do Imperio, onde são conhecidas debaixo do nome de *almecegueiras*. Estas arvores são: *Icica icicariba*, De Candolle; *Icica heptaphylla*, Aublet; *Icica guyanensis*, Aublet; *Icica altissima*, Aublet. Esta resina mana da arvore fazendo-se-lhe incisões na casea. A melhor é de consistencia molle, de côr branea-alourada, de cheiro muito semelhante ao do funcho. Na pharmacia dá-se-lhe o nome de *elemi*; entra na composição de alguns unguentos. Ha tambem *almecega* secca e friável, de côr esbranquiçada, com pontos esverdeados; tem o cheiro de funcho, porém menos forte do que a especie precedente; é menos pura. Chamão-lhe vulgarmente *breo branco* ou *breo aromatico*; utiliza-se no calafeto dos navios. Exhala um cheiro aromatico quando se queima.

Tambem no Brasil se chama **Almecegueiro** (*Hedvigea balsamifera*, Swartz, ou *Bursera gumifera*, Linneo), grande arvore da familia das Terebinthaceas. Esta arvore tem 10 a 14 metros de altura; habita no interior das provincias de Minas Geraes, Bahia, Pernambuco, Pará e Amazonas. Pelas incisões, que se praticão na casea, deixa manar uma substancia resinosa, liquida, transparente, acre, a qual, quando se expõe ao ar, solidifica-se sob a fórma de stalactites, de côr braneo-amarellada, a que dão o nome de *incenso brasileiro*. Emprega-se nas igrejas. Tambem nas pharmacias costumão servir-se d'ella na preparação de emplastos.

ALMEIRÃO ou CHICORIA. *Chicorium*. Planta cultivada nas hortas, da familia das Synanthereas-chicoraceas; existem d'ella algumas especies, que são mais ou menos amargas, e de uso frequente na economia domestica e em medicina. As folhas da

chicoria cultivada, *escarolla* ou *endivia* (*cichorium endivia*, L.), comem-se cozidas ou em salada. É um alimento sã. Em medicina emprega-se como tónico a variedade chamada



Fig. 19. — Almeirão selvagem.

almeirão selvagem, (*cichorium intybus*, Linneo) fig. 19, que é commum em Portugal; habita pelos caminhos, ás beiras dos campos, entre as searas e vinhas em todo o Reino. A infusão das folhas constitue uma bebida amarga e tónica; convem ás pessoas affectadas de molestias de pelle; prepara-se com 4 gram. (1 oit.) de folhas de almeirão e 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo. A raiz de almeirão entra na preparação do *scarope de chicoria composto*, que se administra ás crianças como purgativo. Esta raiz, torrada e reduzida a pó, costuma, em muitas partes da Europa, misturar-se com o café. Esta mistura não tem outro inconveniente senão o de diminuir o aroma agradável do café, assim como as suas propriedades excitantes, mas

não póde ser considerada como nociva á saude. A raiz de almeirão, torrada, forma por si só uma bebida desagradavel.

ALMISCAR. O almiscar é a substancia que se acha na bolsa

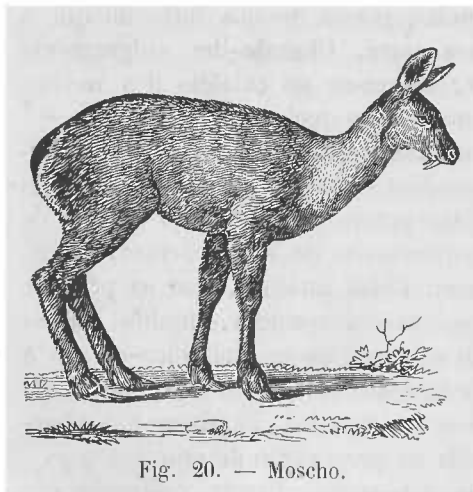


Fig. 20. — Moscho.

situada entre o embigo e as partes genitales de uma especie de cabrito chamado Moscho (*Moschus moschiferus*), que habita nas montanhas da China e do Thibet. Esta substancia só é particular ao macho da especie. A fig. 20 representa este cabrito.

O almiscar, no animal vivo, tem consistencia semi-fluida, mas torna-se duro depois que elle morre; vem frequentemente ao mercado dentro do

mesmo reservatorio em que foi produzido; é de côr escura, sabor amargo, cheiro particular, muito activo, desagradavel em massa, e agradável para algumas pessoas, quando em porção moderada.

O almiscar é considerado como um poderoso antispasmodico, e como tal empregado nas affecções nervosas, epilepsia, espasmos, hysticismo, etc. A dóse é de 10, 15 até 180 centigrammas (2, 3 até 36 grãos) por dia.

Os perfumistas fazem d'elle grande uso, e misturão-n'o, em pequena quantidade, com muitas outras substancias aromaticas, para fixar-lhes o aroma, ou dar-lhes corpo.

ALMOFARIZ ou GRAL. Vaso de ferro, marmore, porcellana, vidro ou de qualquer outra substancia, bastante profundo, hemispherico no fundo, ordinariamente alargado na sua parte superior, em que os pharmaceuticos pisão as substancias solidas, que se pulverizão depois, ou triturão as substancias molles para fazerem a sua mistura mais intima. Emprega-se o almofariz de ferro e o pistillo do mesmo metal para pulverizar os lenhos, cascas, raizes, e geralmente as substancias duras que não podem atacar o ferro nem tomar a côr d'este metal. Faz-se uso do almofariz de marmore para as substancias brancas, faceis de serem reduzidas a pó (o assucar, o nitro, etc.); o pistillo deve então ser de páo. Emprega-se o almofariz de vidro ou de porcellana para o sublimado e outras substancias analogas; o almofariz de agata para os corpos muito duros.

ALMORREIMAS. *Veja-se* HEMORRHOIDAS.

ALOES ou AZEBRE. Succo inspissado extrahido das folhas de muitas especies do genero *Aloes*, planta da familia das Liliaceas, conhecida com o nome de *herva babosa*, que habita no Cabo da Boa Esperança, na Jamaica, em Socotorá, no Brasil e em outros paizes quentes. O aloes é de tres especies: o mais estimado, e principalmente empregado em medicina, é o de Socotorá, chamado *aloes socotorino*. Extrahê-se do *aloe soccotrina* (fig. 22), que habita na Arabia e na ilha Socotorá, na Africa. É em pedaços



Fig. 21. — Almofariz e o seu pistillo ou mão.

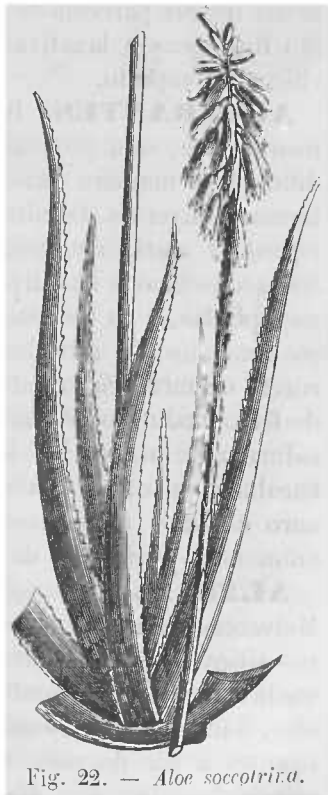


Fig. 22. — *Aloe soccotrina*.

friaveis, de côr escura, cheiro aromatico particular, sabor muito amargo; o pó é de côr de ouro mui nitido. Este succo é um purgante violento na dóse de 30 a 120 centigrammas (6 a 24 grãos). Dirige principalmente a sua acção para o intestino recto, e por isso não convem quando existem hemorrroidas. Não convem igualmente ás mulheres gravidas. Entra na composição dos *grãos de saude* do Dr. Frank, das pilulas vegetaes universaes americanas, e de quasi todas as pilulas que purgão em pequena dóse. As dejecções alvinas tem lugar sómente oito ou dez horas depois da administração do aloes.

ALOPECIA ou **CALVICIE**. Dá-se este nome á quéda do cabello. *Veja-se* CALVICIE.

ALPORCAS. *Veja-se* ESCROPHULAS.

ALQUEQUENGE. *Physalis Alkekenge*, Linneo. Solanaceas. Planta europea, habita em Portugal quasi espontanea. Caule herbaceo, inferiormente nú : folhas integerrimas, duas a duas; fructo, baga quasi redonda, coberta com o calice, rubra, pólposa. As bagas frescas parecem-se com as cerejas; seccas, com as jujubas, são diureticas e laxativas; entrão na preparação do xarope de chicoria composto.

ALTERANTES. Dá-se o nome de *alterantes* aos medicamentos que, sem produzirem effeitos immediatos sensiveis, modificão de maneira persistente a natureza do sangue e dos humores diversos. Os alterantes são em geral considerados como *especificos*: curão neutralizando o virus introduzido na economia. São aconselhados nas diversas fórmãs da infecção syphilitica. As escrophulas, e as molestias cutaneas achão nos alterantes poderosos remedios. Os remedios alterantes são: mercurio, proto-chlorureto de mercurio, deuto-chlorureto de mercurio, iodo, iodureto de ferro, iodureto de enxofre, proto-iodureto de mercurio, deuto-iodureto de mercurio, iodureto de potassio, oleo de figado de bacalhão, ouro, oxydo de ouro, chlorureto de ouro, chlorureto de ouro e sodio, acido arsenioso, arseniato de ferro, arsenito de ammoniaco, arseniato de soda, arsenito de potassa.

ALTHÉA. *Althea officinalis*, Linneo. Planta da familia das Malvaceas, mui commum em Portugal; habita junto aos regatos, nos sitios algum tanto humidos; é frequentemente empregada na medicina como emolliente. Tem caule herbaceo de 2 a 3 pés de alto, folhas cordatas-ovadas, quasi lobadas, molles; flores brancas, tirantes a côr de rosa. (Fig. 23.) É usada toda a planta, mas principalmente a raiz. Esta raiz secca, comõ apparece no commercio, é muito branca, inodora e de sabor mucilaginoso. A infusão da raiz constitue uma bebida emolliente e peitoral. É preciso pre-

para-la com a quantidade conveniente da planta ; isto é, não empregar mais de 4 grammas (1 oitava) da raiz, para 360 gram. (12 onças) d'agua a ferver, porque estando a infusão muito carregada, torna-se desagradavel e nauseabunda. Esta infusão adoça-se com assucar, xarope de gomma ou mel de abelhas.

Para os *chysteres*, *collyrios*, *gargarejos* ou *lavatorios* usa-se a *decocção*, que se prepara com 8 grammas (2 oit.) da raiz de althéa, e 360 gram. (12 onças) d'agua.

A althéa não vegeta nas regiões quentes do Brasil, mas existem ali differentes especies de *malva*, que servem para as preparações emollientes, gozando das mesmas propriedades que as da althéa.

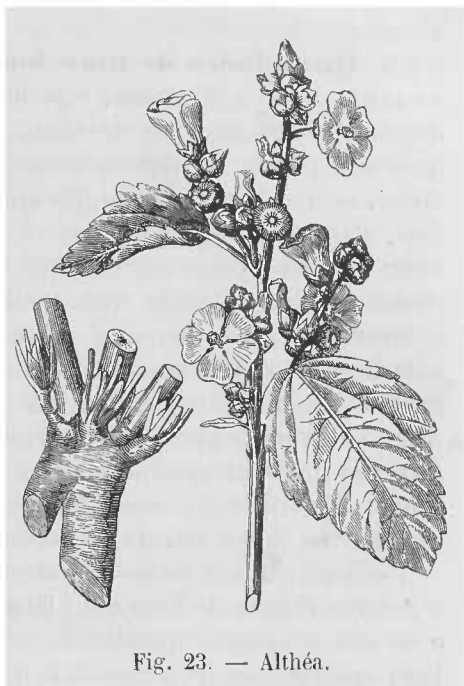


Fig. 23. — Althéa.

ALUMEN. *Veja-se* PEDRA-HUMÉ.

ALVAIADE. *Veja-se* CHUMBO.

ALVEOLO. Compartimento dos favos em que as abelhas põem o mel. Por analogia chamão-se *alveolos*, as cavidades em que se achão engastadas as raizes dos dentes. O seu tamanho e figura são conformes aos dentes que contém. São furados, no fundo, e por estas aberturas passam os vasos e os nervos dentarios; são alcatifados interiormente por um prolongamento da gengiva. Quando um segundo dente cahe ou se arranca, a cavidade alveolar oblitera-se em pouco tempo ; pelo que os alveolos desaparecem completamente nas pessoas velhas privadas de dentes, e os queixos apresentam uma margem aguda formada pela approximação das laminas osseas que, por diante e por de traz, constituem as paredes dos alveolos. Acontece muitas vezes, ao arrancar-se um dente, sem que se possa accusar o dentista de inhabilidade, que um pequeno fragmento do alveolo fica adherente ao dente arrancado; este accidente é sem perigo, e não impede, de nenhum modo, a cicatrização da pequena ferida que resulta da operação.

AMA DE LEITE. Chama-se *ama de leite* á mulher que dá de mamar a uma criança. Os motivos que obrigão a mãi a confiar

seu filho aos cuidados da ama vão descriptos no artigo AMAMENTAÇÃO : exporei aqui sómente as qualidades de uma boa ama, os cuidados que exige o seu estado, e as molestias que podem acommettê-la.

§ 1. **Qualidades de uma boa ama de leite.** A mulher, na idade de 20 a 25 annos, é preferivel como ama de leite á outra que seja muito nova ou de idade já provecta. Será conveniente que seja parida de poucas semanas, que seja robusta sem ser obesa, isenta de todo o vestigio syphilitico, boubatico, escrophuloso, dartroso, de flores brancas, de gota coral e de qualquer outra molestia, como por exemplo a inchação consequente ás erysipelas. Exige-se ainda que tenha os dentes sãos, os peitos medianos, tesos, e de que se possa fazer facilmente esguichar um leite branco, algum tanto azulado e transparente, de consistencia mediocre (muito inferior á do leite de vacca) e de sabor adocicado. Attender-se-ha tambem, e com razão, á brandura de seu genio e á pureza dos seus costumes. Deverá ser rejeitada a mais bella ama, sendo ella colerica, acostumada a embriagar-se, triste, não asseada, ou pouco attenta ás necessidades da criança.

A criança quando mama abundantemente, toma cada vez 2 onças a 2 onças e meia de leite (60 a 80 grammas). Se é forte e vigorosa, e se não toma esta quantidade, é signal que a ama não é boa. Para assegurar-se da quantidade de leite, pôde-se pesar a criança n'uma balança antes e depois de mamar. Deve pesar 2 onças a 2 onças e meia (60 a 80 grammas) de mais nos primeiros mezes de sua existencia. Mais tarde, no quarto ou quinto mez, tomará até 8 onças (240 grammas) cada vez, e poderá absorver até 3 libras (litro e meio) em vinte e quatro horas.

§ 2. **Cuidados que exige o estado de ama de leite.** A ama deve fazer uso de alimentos substanciaes, e de facil digestão. A mistura de alimentos animaes e vegetaes, de carne e de legumes, de caldos com pão ou farinha, eis o que mais lhe convem. Deve, em geral, abster-se de bebidas alcoolicas, e usar moderadamente de acidos e de vegetaes crús, como saladas, e fructos acidulos, que tem a propriedade de diminuir a secreção do leite ; evitar as paixões tristes ou violentas, que dão ás vezes ao leite qualidades nocivas, e, quando soffrer alguma emoção forte, convem que deixe passar uma ou mais horas sem dar de mamar. Quanto ás relações conjugaes, estas só são nocivas quando podem occasionar uma nova gravidez, e, como consequencia d'este estado, a diminuição do leite; e isto é sufficiente para que sejam evitadas tanto quanto seja possivel, apesar de estarem então as mulheres muito menos sujeitas a ficarem gravidas, do que nas

outras épocas de sua vida, mórmente quando durante a amamentação não costumão ser menstruadas. A superveniencia da menstruação, o que é raro, exige que a ama faça uso de algumas bebidas diluentes, como, por exemplo, cozimento de cevada. As mesmas bebidas são uteis quando a criança apresenta alguns signaes de irritação, vermelhidões no rosto, etc.

Muitos medicos pensão que a amamentação continuada durante a gravidez é causa de grandes accidentes. Com effeito, quando o utero se acha occupado pelo producto da concepção, attrahe a si os movimentos vitacs em totalidade, ou em grande parte pelo menos, e impede que as outras funcções se executem com inteira perfeição; a amamentação n'este caso exhaure as forças da mãe ou ama, e não dá á criança senão um leite mal elaborado. Entretanto, certas mulheres, que tem uma rica constituição, podem excepcionalmente offerecer á criança um leite proveitoso e bastante nutritivo até ao fim da gestação.

Chegada a época da desmamação, é preciso passar por diminuições successivas á suspensão completa. O regimen da ama será menos nutriente. Ao mesmo tempo tomará um ou dois purgantes brandos. D'este numero são: o oleo de ricino na dóse de 30 gram. (1 onça) por cada vez, o sulfato de magnesia ou o sulfato de soda na dóse de 15 grammas (4 oitavas). Se, apezar d'estas precauções apparecer febre, convem observar dieta absoluta, repouso completo; favorecer-se-ha a transpiração com chá de violetas ou de sabugueiro; e se os seios se acharem doridos, cubrão-se com algodão em rama. As fomentações com oleo camphorado sobre os seios podem tambem ser empregadas com vantagem.

§ 3. **Molestias das amas de leite.** As amas de leite estão sujeitas á *escassez* ou á *demasiada abundancia de leite*, ás *fendas* ou *gretas no bico do peito*, e á *inflammação dos seios*.

A *falta de leite* é de ordinario consequencia de alguma molestia mais ou menos grave; e se a molestia foi longa, raro é que a falta do leite não persista. O estado de gravidez póde tambem produzir a *escassez de leite*, mas nem sempre. Póde ser ainda occasionada pela magreza extrema, pela alimentação insufficiente, má digestão, hemorragias, flores brancas, pelas paixões tristes e pela tísica. Os menstros, que sobrevem ás vezes durante a amamentação, diminuem a quantidade do leite, mas só temporariamente.

Nem sempre é possivel restabelecer a secreção do leite. Recomenda-se geralmente ás amas, cujo leite começa a diminuir, o uso de alimentos substanciaes, compostos do reino vegetal e animal, e que se abstenhão de acidos e de medicações purgativas.

Tem-se visto ás vezes a cangica, o feijão branco e preto augmentarem a secreção do leite. Se todos estes meios forem infructuosos, será preciso desmamar, mudar de ama ou recorrer a outra sorte de amamentação.

As amas occultão ás vezes a falta de leite. O enmagrecimento da criança, a avidez com que chupa qualquer outro objecto, os gritos que dá, largando o peito pouco depois de o ter tomado, os sapinhos que se lhe encontrão no interior da bocca, são os primeiros indícios da falta de leite; estes indícios tornão-se em certeza quando os seios estão flaccidos, e quando apenas deixão sahir pela pressão algumas gottas de leite branco e grosso.

A *grande abundancia de leite* é commum em muitas mulheres nos primeiros dois ou tres mezes da lactação: o leite dilata os seios e corre copiosamente. Applicão-se então lenços aos seios para embeberem o leite excessivo, e pouco a pouco a secreção torna-se normal. Se isto não basta, prescreve-se um regimen vegetal e bebidas sudorificas ou diureticas; taes como chá da India, ou de flores de sabugueiro, repouso do corpo, e sobretudo dos braços. A amamentação pôde ser continuada se as forças da ama se sustentão; mas se ella emmagrece, e se debilita, se lhe sobrem dôres nas costas e uma tosse secca, cumpre cessar a lactação.

Rachas ou fendas no bico do peito. Veja-se BICO DO PEITO.

Inflamação do seio. Veja-se ACESSO DO SEIO, Vol. I, pag. 12.

Quanto ás molestias de que a ama de leite, como qualquer outra pessoa, pôde ser affectada, o tratamento é o mesmo que nas outras circumstancias. Direi sómente que nas amas de leite é preciso evitar, quanto seja possivel, toda a debilitação, e não empregar, senão em casos de absoluta necessidade, as sangrias e os purgantes. O abuso de taes meios poderia, como a propria molestia, occasionar uma diminuição ou uma suppressão completa do leite.

As inflammações do seio e as outras molestias acompanhadas de febre, de que as amas podem ser affectadas, são susceptiveis de alterar e corromper o leite, cujo uso se torna então nocivo á criança; n'este caso cumpre suspender a amamentação, e, durante o tempo necessario para o restabelecimento da ama, ou pôr-se-ha a criança no uso de leite de vacca ou de cabra, ou dar-se-lhe-ha outra ama.

AMAMENTAÇÃO. Acção de nutrir a criança com leite. A amamentação distingue-se em *amamentação materna*, em *amamentação por ama de leite estranha*, e em *amamentação artificial*.

§ 1. **Amamentação materna.** A criança deve ser apresentada ao seio de sua mãe, logo que esta repousar das fadigas do

parto, o que é mais ou menos longo segundo a duração do trabalho. Quatro ou cinco horas, e até dez a doze, podem passar sem inconveniente. Algumas mulheres, e principalmente as primíparas, não tem leite senão vinte e quatro horas, ou mais tarde, depois do parto : durante este tempo, dá-se á criança agua com assucar e isso basta.

A criança recusa ás vezes, mesmo passado este tempo, o peito, ou larga-o logo depois de o ter tomado. Diversas causas podem produzir este effeito. Do lado da mãe póde acontecer que a extrema inchação do seio faça desaparecer o bico do peito. Outras vezes o bico é achatado, disforme e não se póde alongar. Do lado da criança, sua fraqueza extrema póde obstar a que aperte sufficientemente o bico do peito. O entupimento das fossas nasaes, produzido pelas mucosidades, fórça ás vezes a criança a deixar o seio para respirar pela bocca. Conhece-se esta circumstancia pela difficuldade que experimenta a criança em couservar a bocca fechada. Não é difficil tambem saber se alguma aphta nos beiços impede apertar sufficientemente o bico do peito. Uma ultima circumstancia, á qual se attribue o obstaculo que nos occupa, é a prolongação do freio da lingua até á ponta, e a difficuldade que d'ahi resulta nos movimentos d'esse orgão. Em tal caso a criança não póde apertar nem chupar o dedo ; e, examinando a lingua, reconhece-se que este orgão se acha fixado ao soalho da bocca ; e que mesmo, em certos casos, a ponta da lingua durante os gritos da criança parece estar dividida pelo meio.

A tensão do seio cheio de leite dissipa-se facilmente pela sucção operada por um cachorrinho recém-nascido, ou mediante um instrumento chamado *tira-leite*.

Quando o bico do peito é pouco saliente, póde-se alongar da maneira seguinte : — Aquece-se uma garrafinha enchendo-a com agua quente, vasa-se depois a agua, e applica-se o gargalo sobre o bico. Resfriando a garrafinha pela applicação de um panno frio, o bico fica attrahido ao seu interior ; alonga-se, e toma as dimensões convenientes.

Quando a fraqueza impede á criança o mamar, é ella nutrida com o leite de sua mãe, mungido em uma colher, ou outro qualquer vaso, até que tenha adquirido a fórça sufficiente para buscar e tomar ella propria o seu alimento. Se a impossibilidade de mamar depende de ser o *freio da lingua* demasiado curto, cumpre cortar esta membrana com tesoura.

É difficil dizer *quantas vezes por dia deve a criança ser alimentada*: depende isso da fórça da mesma e de quem a cria, da abundancia do leite, etc. Entretanto póde-se dar como termo approximado, o

intervallo de duas horas entre cada alimentação, e de tres horas em uma época mais adiantada ; e estes intervallos podem prolongar-se mais de noite que de dia. Quanto á quantidade de leite que se deve dar de cada vez, é preciso deixa-la ao arbitrio da criança. Se exceder a quantidade conveniente, o estomago se desembaraçará facilmente do superfluo, o que se não deverá confundir com vomitos effectivos e morbidos. Estas regurgitações, bem como o soluço que acompanha a digestão dos recém-nascidos, não devem causar o menor euidado. Uma pouca d'agua com assucar, aromatizada com agua de flores de laranjeira, acalmará este ultimo incommodo, caso se torne mui fatigante.

No quarto mez é util ajuntar alguns alimentos ao leite materno: todavia esta regra é mui variavel ; a fadiga que a ama experimenta, e as necessidades que a criança parece sentir devem servir de guia a este respeito. Papas feitas com pão torrado, agua com assucar, leite, caldo de gallinha ou de vacca, são os alimentos mais convenientes. Augmentando-se gradualmente os alimentos, chega-se á desmamação espontanea. Não se póde determinar rigorosamente a época em que deve cessar a amamentação. Algumas pessoas esperão pelo apparecimento dos vinte primeiros dentes ; outras, mais razoaveis, não exigem senão o das presas. Tudo isto não é absolutamente necessario, pois não ha criança que não possa ser desmamada aos dezoito mezes.

O leite materno é inquestionavelmente o melhor alimento da criança. O leite recentemente segregado nos seios maternos, convem melhor aos seus orgãos delicados, do que o leite já antigo de uma ama estranha. Assim observa-se frequentemente, que as crianças confiadas ás amas emmagreccm ; entretanto que os filhos das mesmas amas, criados ao mesmo tempo e sem serem mais bem tratados nem nos euidados nem na quantidade do alimento, adquirem vigor e gordura ; effeito este tanto mais sensivel quanto mais antigo fôr o leite.

Mas nem sempre é possivel á recém-parida preencher o dever a que a maior parte das mulheres são naturalmente inclinadas : graves inconvenientes poderião resultar para ella ou para a criança, se isto lhe fosse permittido. A falta de leite, a fraqueza da mãe, a sua predisposição á tísica, são outras tantas contra-indicações formaes. A estes impedimentos devem ajuntar-se os que dependem dos vicios hereditarios e contagiosos, taes como as escrophulas, o escorbuto, o rachitismo, o mal venereo, etc., que existão na mãe, e cuja transmissão á criança póde ser confirmada pela amamentação materna, entretanto que os seus effeitos podem ser diminuidos e até nullificados pelo leite de ama sã e vigorosa. Casos ha

em que a amamentação ministrada por uma ama é de absoluta necessidade, ao menos por algum tempo, quando a mãe tiver os seios gretados, ou inflammados de qualquer outro modo, ou se lhe sobreveio molestia febril.

Quanto á dieta, e ás precauções particulares das mulheres durante a amamentação e depois d'ella, veja-se o artigo AMA DE LEITE.

§ 2. **Amamentação por ama de leite.** Consulte o leitor o artigo AMA DE LEITE, para as condições que n'ella se devem exigir. Quanto mais novo é o leite, tanto melhor é para a criança.

§ 3. **Amamentação artificial.** As circumstancias obrigão ás vezes a renunciar ás vantagens da amamentação natural; nutre-se então a criança com leite de vacca morão, ao qual se ajunta a principio uma quantidade igual de cozimento de cevada ou de aveia descascada, que se vai diminuindo á medida que a criança se torna mais forte, e ajuntão-se ao leite, como na amamentação materna, alguns alimentos solidos. O leite de burra, por sua composição, approxima-se mais ao leite da mulher, do que o de vacca ou cabra; poderia, por conseguinte, dar-se com maior vantagem, se não houvesse mais difficuldade em obtê-lo.

Administra-se o leite por meio de uma garrafinha cheia d'este liquido. Muitos apparelhos forão inventados para este fim; chamão-lhes *mamadeiras* (biberons, em francez). Compõem-se estas de uma



Fig. 24. — Mamadeiras.

garrafa e de um pequeno apparelho mediante o qual a criança sorve o leite. Esta ultima parte consiste geralmente n'uma rolha de cortiça, de madeira ou de metal terminada em ponta com a fôrma de bico de peito, que é ora de borracha (mamadeira de Bellin), ora de ubre de vacca preparado (mamadeira de M^{me} Breton), outras vezes é uma pequena garrafa de gargalo comprido tapada com uma pequena esponja coberta com panno de linho, segura com linha, ao redor do gargalo. A mamadeira de Char-

rière tem a ponta de madeira, terminada por um bico de marfim amollecido. Todos estesapparelhos devem ser conservados com muita limpeza. A fig. 24 mostra estes apparelhos, aos quaes não se deve recorrer senão em ultimo caso, e quando não se possa amamentar a criança de outro modo.

Amamentação por meio de cabra. Quando não se pôde fazer de outra maneira, põe-se a criança ao ubre da cabra, que é um dos animaes que mais facilmente se acostuma a dar de mamar, e que é susceptivel mesmo de tomar affeição á criança. Mas este methodo exige certas commodidades de habitação, que tornão o seu emprego bastante raro.

Geralmente fallando, a amamentação artificial deve ser scripta, e ha poucos medicos que queirão aconselhar este modo, salvo circumstancias muito excepçionaes; visto que a composição chimica do leite dos animaes apresenta differenças notaveis, além de que os filhos de cada especie devem nutrir-se com o leite que o Creador destinou para a alimentação d'elles.

Amamentação dos animaes. A duração da amamentação varia nos animaes, conforme as especies. Assim nos animaes cavallares e bovinos, prolonga-se ordinariamente durante seis mezes; nos ovinos, quatro ou cinco mezes; e nos suinos dura só quarenta dias.

Se a saude da egua permite, e se o potro aproveita, pôde prolongar-se a amamentação além dos seis mezes, mas n'este caso a egua deve ser bem alimentada, mórmente se ella trabalha: receberá supplemento de alimentação em farinha. Se por qualquer causa a amamentação não é possivel, ou se deve ser suspensa, pôde-se facilmente desmamar o potro, dando-lhe a chupar um panno embebido em leite assucarado; não tarda a aprender a beber leite.

Na especie bovina, a cria não consome, nos primeiros tempos, todo o leite que a vacca produz, então, logo que a cria acaba de mamar, deve ordenhar-se o resto do leite. Quando se precisar de muito leite, recorrer-se-ha á amamentação artificial; e, na porção de leite reservada aos vitellos, ajuntão-se substancias mais nutrientes, taes como farinha, cenouras, etc. Quando se tratar de animaes de escolha destinados á reproducção, cumprirá deixar mamar os vitellos durante alguns mezes, dando-lhes ao mesmo tempo, como supplemento de alimentação, agua com farinha, caldo de castanhas piladas, etc.

Logo depois do nascimento de um cordeiro é preciso, se é fraco, facilitar-lhe a sucção, segurando-o perto do ubre, para lhe fazer correr o leite na bocca. A amamentação artificial pratica-se

fazendo beber ao cordeiro, quer por meio de uma garrafa, quer n'um vaso.

Apenas sahidos do seio materno, os leitões procurão a teta que os deve amamentar. O leite materno é sufficiente ordinariamente para as necessidades dos leitões. Acontecendo o contrario, será necessario dar supplemento de alimentação á porca. Se o numero dos leitões fôr muito grande, convem sacrificar os mais fracos, ou então recorrer á amamentação artificial. Logo que chegão á idade de doze a quinze dias, dá-se-lhes leite morno com farinha; augmenta-se gradualmente a ração, e separão-se pouco a pouco da mãe, afim de poderem ser desmamados aos quarenta dias.

AMAPÁ. Arvore do Brasil; habita no Pará. O succo, vulgo *leite*, extrahido d'esta arvore, applica-se no tratamento externo dos golpes, feridas, ulceras.

AMARGOR DE BOCCA. A sensação do amargor da bocca é ás vezes espontanea, e faz-se sentir sobretudo pela manhã em jejum. Contra este incommodo, cumpre empregar a dieta ou um regimen brando, uma chicara de chá de macella em jejum; clysteres de cozimento de linhaça. Havendo prisão de ventre, póde-se recorrer a purgantes brandos: como 8 grammas (2 oitavas) de magnesia calcinada, diluida n'uma chicara d'agua fria com assucar. Indico aqui *os pós contra o amargor de bocca*, para o caso em que os meios precedentes não produzão effeito:

Rhúibarbo em pó.	4 grammas (4 oitava)
Canella em pó.	4 grammas (4 oitava).

Misture e divida em 6 papeis.

Toma-se um papel de manhã, outro ao meio dia, em meia chicara d'agua fria, uma ou duas horas antes da comida.

AMARGOS. Existem na natureza muitas substancias do reino mineral, vegetal ou animal, que por causa do sabor se chamão substancias amargas ou simplesmente *amargos*.

Os amargos estão longe de possuirem todos as mesmas propriedades, e muitas vezes o amargor não é mais que um caracter accessorio de principios, cujas propriedades são inteiramente oppostas. Assim, o sulfato de soda ou sal cathartico amargo é purgante; a colocintida e o aloes, drásticos; a noz vomica, venenosa no mais alto gráo; a quina, tonica. E por isso não se devem considerar todos os amargos como tonicos, como muitas pessoas julgão, e póde-se dizer, quando muito, que o amargo de todas estas substâncias é tonico; mas que ellas tem frequentemente outras propriedades, que alterão ou modificão a virtude tonica.

É o reino vegetal que offerce maior numero de amargos empregados como alimentos ou como medicamentos; e o amargor offe-

rece mil grãos desde o da casea de laranja até ao da noz vomica. Uma substancia dotada de amargor fraco poderá servir de alimento, tal é a ehicoria ; aquellas, porém, cujo amargor é grande, entrão sómente na classe dos medicamentos.

Amargos francos. Dá-se este nome a substancias quasi todas vegetaes, que deixão na lingua qualquer sensação de amargor sem mistura de outro sabor ; são tonicas, isto é, que tem a propriedade de restaurar as forças digestivas nas pessoas que as têm enfraquecidas, ou de torna-las ainda mais energicas n'aquellas em que as ditas forças se achão conservadas no estado normal. A esta classe pertencem a raiz de genciana, a centaurea menor, a fumaria, a inula eampana, a raiz e o lenho da quassia, a simaruba, a raiz de chicoria e o taraxaco. Preparão-se com estas plantas infusões e eozimentos tonicos, que se empregão nas molestias escrophulosas, nas convalescenças de muitas outras, nos catarrhos chronicos, flores brancas, escorbuto, hydropisias, opilação, ictericia, amenorrhœa, feridas antigas, etc. Quando em medicina se diz *amargos*, entende-se geralmente esta classe de medicamentos, que são todos tonicos.

Amargos adstringentes. em que o amargor está associado ao gosto adstringente. A estes pertencem a casca de quina, a raiz de bistorta, de labaga. Os eozimentos d'estas plantas empregão-se sobretudo nas diarrheas e dysenterias chronicas. A quina em pó e o seu cozimento empregão-se como tonico em muitas molestias, e como anti-febril nas sezões.

Amargos aromaticos, em que o amargor está associado ao principio aromatico ; taes são ; a macella gallega, losna, salva, hortelã. O chá d'estas plantas é tonico, e emprega-se nas indigestões.

Amargos acres. A estes pertence o mais terrivel de todos os venenos vegetaes, a noz vomica, semente contida no fructo da *strychnos nux vomica*, arvore da India. Nada póde dar uma ideia d'este amargor seguido de um resaibo metallico, que persiste por muitas horas. Porém não é do amargor que provém as propriedades venenosas d'esta semente, mas sim de um principio cuja acção deleteria se exerce sobre o systema nervoso : com esta substancia se preparão os venenos para a destruição dos ratos e de outros animaes damninhos.

Amargos purgativos, em que o amargor é inseparavel do principio laxante, são : as colocintidas, rhuibarbo, aloes, etc.

Taes são as principaes substancias amargas. Para maiores informações a este respeito, consulte o leitor cada um dos artigos especiaes, em que ellas se achão descriptas.

AMAUROSE ou GOTA SERENA. Asism se chama a perda

completa, ou quasi completa da vista, sem mudança apparente do olho. É o enfraquecimento, ou a perda total da vista sobrevinda sem haver obstaculo algum ao accesso dos raios da luz ao fundo do olho ; quer provenha este enfraquecimento ou perda de vista unicamente de uma lesão da retina, membrana nervosa que recebe a impressão da luz ; quer resulte sómente da alteração do nervo optico, ou da parte do cerebro encarregada de receber as percepções luminosas ; ou mesmo dependa da lesão de orgãos totalmente estranhos ao apparelho da visão (*amaurose sympathica*). Os signaes mais ordinarios da amaurose são diversas perturbações na visão, e a immobildade quasi constante do iris, ficando a pupilla ordinariamente negra e por conseguinte conservando o olho a sua transparencia normal.

Causas. A gota serena observa-se principalmente nas pessoas cujos olhos forão fátigados pela luz mui viva, pelo calor ardente do fogo, pela reflexão dos raios solares nos paizes arenosos, por estudos assiduos com microscopio, por vigílias prolongadas, e por vapores acres. Os excessos de diverso genero, os pezares prolongados, o susto, o uso de máos alimentos e a habitação em lugares humidos, frios e escuros, produzem ás vezes esta molestia. A commoção causada por um raio, a explosão de uma arma de fogo tambem podem occasiona-la. Um pobre moço recebeu um abalo tão forte com a explosão de uma pistola carregada de polvora, no momento em que virava a cabeça, para responder a seu camarada que o chamava na occasião que descarregava essa arma, que a impressão que sentiu causou-lhe amaurose subita. Admittem-se tambem gotas serenas sympathicas ; taes são as que dependem da presença dos vermes nos intestinos, da irritação do estomago e do hysterismo. A lesão dos differentes nervos que, por suas conexões com o olho, exercem uma influencia mais ou menos directa sobre o apparelho da visão, é a causa muito especial d'esta molestia : as feridas, as pancadas sobre as sobancelhas, o olho e palpebras tem determinado muitas vezes d'esta maneira a cegueira amaurotica. Conheci, no Rio de Janeiro, uma linda menina de dezete annos, que na sua infancia perdeu a vista de um dos olhos por lhe ter uma gallinha picado na testa, por cima da sobran-celha, no lugar por onde passa o nervo supra-orbitario. O olho não apresentava nodoa alguma ; parecia perfeito, mas estava paralyzado. Emfim, as molestias organicas graves do cerebro, do nervo optico, tem determinado amauroses que resistem aos recursos da arte.

Symptomas. A invasão da gota serena é ás vezes subita ; mas de ordinario esta molestia desenvolve-se lentamente. Começa por um só olho, e ás vezes ataca ambos ao mesmo tempo. Quando a inva-

são da gota serena é subita, a vista perde-se instantaneamente, e a menina do olho torna-se immovel. Quando, pelo contrario, a molestia se forma gradualmente, a vista enfraquece-se pouco a pouco, a visão dos corpos afastados principia a ser menos distincta, os doentes julgão ver gyrrar insectos : depois, os objectos appareem-lhes como se estivessem cobertos de nevoeiro ou de manchas escuras. A menina dos olhos conserva ordinariamente a sua fórma, mas em alguns casos acha-se deformada: umas vezes fica contrahida, outras vezes a sua dilatação é extrema. Quando a gota serena é completa, os olhos perdem toda a expressão, e as palpebras ficão immoveis diante dos corpos estranhos.

Verifica-se a immobilidade da pupilla do modo seguinte. Se um só olho está doente, cobre-se o olho são com um lenço, expõe-se o olho doente á luz, depois fecha-se, applica-se durante alguns instantes o dedo pollegar sobre a palpebra superior, que se levanta depois rapidamente. Se o olho está affectado de amaurose, a pupilla fica immovel. Repetindo esta experiencia sobre o olho são, vê-se facilmente que a pupilla se dilata ao escuro, e se contrahe sensivelmente quando exposta á luz viva.

Tratamento. Principeia-se o tratamento por um purgante, tal como 60 grammas (2 onças) de sal de Sedlitz ou de Glauber, ou uma garrafa de limonada de citrato de magnesia. Applica-se depois um caustico na nuca. Ao mesmo tempo dirigem-se os vapores estimulantes aos olhos. Para este fim derramão-se algumas gottas de balsamo de Fioravanti na palma da mão, e approxima-se esta ao olho affectado; ou então chega-se ao mesmo olho uma rolha molhada em ammoniac liquido. O uso do rapé aproveita n'esta molestia, porque estimula a membrana das fossas nasaes. Lavem-se quotidianamente os olhos eom agua misturada eom algumas gottas d'agua de Colonia ou de aguardente camphorada. Foi tambem recommendado o collyrio seguinte, eom que se lavão os olhos duas vezes por dia :

Sulfato de zineo.	5 centigrammas (1 grão)
Agua distillada.	60 grammas (2 onças).

Misture.

Mas não basta a medicaçãõ local ou directa. Cumpre empregar os meios indirectos para actuar sobre a constituição ao mesmo tempo que se procura modificar a vitalidade da retina. Se a gota serena é acompanhada da fraqueza de constituição natural, ou occasionada pela idade ou pelas molestias, empregar-se-hão os tonieos, a infusão de lupulo, na dóse de 180 gram. (6 onças) por dia; xarope de geneiana, na dóse de 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) por dia : o ferro reduzido, na dóse de 1 gram. (20 grãos) por dia.

AMBAR AMARELLO, ALAMBRE OU SUCCINO. Dão-se estes nomes a uma substancia bituminosa ou resinosa, dura, de côr amarella, branco-amarellada, verde ou roxa, que se encontra á beira do mar, e principalmente do Mar Baltico. Emprega-se nas artes ; fabricão-se com elle objectos de ornamento, bicos para cachimbos, para fumar charutos, etc. Em medicina seus usos são hoje mui limitados. Prepara-se com elle uma tintura e um oleo que entrão na composição de alguns medicamentos adstringentes, diureticos e aphrodisiacos, hoje pouco empregados.

Modo de soldar dois pedaços de ambar amarello. Humedecer com a solução de potassa caustica as superficies que se querem unir, e comprimi-las uma com a outra a calor brando.

AMBAR CINZENTO. Substancia que se acha nas aguas do mar, no littoral do Japão, das ilhas Molucas, de Madagascar e do Brasil, e que se forma nos intestinos do cachalote (*physeter macrocephalus*, Linneo), animal cetaceo, representado na figura que se acha no artigo CACHALOTE.

Consistencia pouco maior que a da cera; insolúvel em agua, mas soluvel no alcool quente, ether, oleos; cheiro forte e agradável; côr cinzenta-denegrida com veios brancos, amarellados. É um estimulante energico; pôde ser util nas molestias nervosas e febres adynamicas; mas hoje é mais empregado pelos perfumistas do que pelos medicos. Em medicina usa-se na dôse de 30 a 120 centigrammas (6 a 24 grãos) por dia, em pilulas ou poção.

AMBAYBA, AMBAUBA, IMBAYBA, UMBUBA OU ARVORE DA PREGUIÇA. *Cecropia palmata*. Willd. Urticeas. Arvore que habita no Brasil, em S. Domingos, Jamaica, Guyanas, etc. A preguiça vive n'esta arvore, cujos grelos constituem o seu alimento. Arvore bastante alta, dioica e não lactescente, raizes ramosas e fibrosas; tronco erecto e fistuloso; sua madeira é esbranquiçada, secca e leve; ramos alternos, arredondados, nodosos e fistulosos, offerecendo no seu interior septos, e contendo massa molle, escura, côr de chocolate, que se encontra igualmente no tronco, e que contém ordinariamente muitas formigas; folhas alternas, peciola-das, palmato-lobadas, verdes e asperas na face superior, e na inferior cobertas de um tomento esbranquiçado, apresentando as suas nervuras côr avermelhada e ferruginosa. As folhas novas, e que se achão contidas ainda na spatha, estão ali dobradas com muita elegancia, e tem côr sanguinea, n'uma especie, n'outra são brancas, e depois tornão-se verdes na parte superior, e de côr esbranquiçada na inferior: o vulgo dá o nome de *ambayba roxa* á primeira especie, e de *ambayba branca* á segunda especie; flores dioicas em fasciculos.

A massa que se acha no interior dos troncos da ambayba, estendida em panno, applica-se no Brasil sobre as feridas cancerosas e outras. Com as folhas (pontas) de ambayba prepara-se um xarope que se emprega contra a tosse: O succo extrahido dos gregos, e misturado com leite ou cozimento de cevada assucarado, emprega-se ás colheres nas flôres brancas, gonorrhœa e diarrhea.

AMBRETA. Semente do *Quiqombó de cheiro* (*Hibiscus abelmoschus*, L.), planta da India, cultivada no Brasil. Esta semente é reniforme, de cheiro almiscarado; emprega-se na perfumaria. No Levante serve para preparar os pós, chamados *pós de Chypre*, que se usão como perfume.

AMEIXA. Fructo da ameixeira domestica (*Prunus domestica*, Linneo), arvore cultivada nos climas temperados, e que no Brasil dá-se bem na provincia do Rio Grande do Sul. (Fig. 25.) É uma



Fig. 25. — Ameixa.

drupa carnosa, contendo o caroço que tem a fórma do fructo, e que encerra uma amendoa branca, mais ou menos amarga, segundo as especies. As melhores qualidades são originarias da Grecia e da Asia. A cultura multiplicou singularmente as variedades da ameixeira. As ameixas são em geral de gosto adocicado e acídulo, quando maduras; são nutrientes, frescas

ou seccas, e podem usar-se em todas as molestias. Aproveitão sobretudo contra as areias.

Ameixas seccas. A decocção de ameixas seccas, na dóse de 30 grammas (1 onça) da polpa d'este fructo para 250 grammas (8 onças) d'agua, é um brando laxante, que convem principalmente ás crianças, por não ter gosto desagradavel.

AMÉLIE-LES-BAINS. Aguas sulfurosas quentes, na França meridional.

Itinerario de Pariz a Amélie-les-Bains: Estrada de ferro de Pariz por Bordeos a Perpignan: vinte e tres horas. Carro de Perpignan a Amélie-les-Bains, tres horas. Despeza 122 francos.

Amélie-les-Bains é uma aldeia de 700 habitantes, que deve ás suas aguas e ao clima o privilegio de ser estação thermal, e morada de inverno para as pessoas doentes do peito.

As aguas de todas as fontes são quentes, limpidas e incolores, de cheiro de ovos chocos, pouco sensivel nas fontes quentes, mais notavel depois de agua fria; a temperatura varia de 30° a 64°.

A agua de Amélie administra-se debaixo de todas as fórmas, em bebida, banhos, duchas, piscinas. Existe tambem uma sala de inalação quente, onde os enfermos respirão vapores d'agua

mineral misturados com gaz. — As differentes fontes estão repartidas entre dois estabelecimentos, que pertencem aos particulares (*Pujade, Hermabessiere*), e um hospital militar.

Estabelecimento Pujade. É o mais frequentado dos dois e o mais completamente organizado. O seu principal merecimento consiste nas aberturas que communicão com as nascentes, e obrão como duchas de vapor ; o gaz sulfureo mistura-se com a atmosphaera de diversos aposentos que habitão ou frequentão os enfermos. O ar tepido, que ali se respira, como n'uma estufa, acha-se misturado com os effluvios das fontes.



Fig. 26. — Vista de Amélie-les-Bains, e do Estabelecimento militar.

A *piscina* constitue um dos meios mais importantes do tratamento nas caldas de Amélie. Está cavada na base do rochedo. As dimensões são : 2 metros de profundidade, 6 metros de comprimento, e 6 metros de largura. Uma escada de onze degráus desce na piscina, cujo fundo está lageado. Cordas são dispostas para movimentos gymnasticos. Os nadadores podem facilmente fazer exercicio ; as outras pessoas assentão-se nos degráus.

A piscina é alimentada por oito fontes que emergem do fundo e das paredes lateraes. D'esta maneira a agua renova-se continuamente. Cada tarde limpa-se a piscina e esvasia-se completamente. Duas grandes duchas, tendo 6 metros de pressão, são installadas nos lados da abobada e podem, em certos casos, combinar a sua acção com a do banho de natação. Horas especiaes são reservadas para as senhoras. Vinte e quatro gabinetes de banho se abrem sobre duas galerias. Todos são munidos de duchas ascendentes, mas sete sómente possuem o systema de duchas descendentes. As banheiras são de mármore.

O estabelecimento Pujade contém muitas bicas para beber agua mineral. As oito fontes apresentam uma graduação nos grãos de temperatura e de sulfuração; são utilizadas progressivamente, segundo a indicação do medico, para a bebida e gargarejos.

As aguas de Amélie empregão-se contra os rheumatismos, molestias de pelle, bronehites, syphilis inveterada.

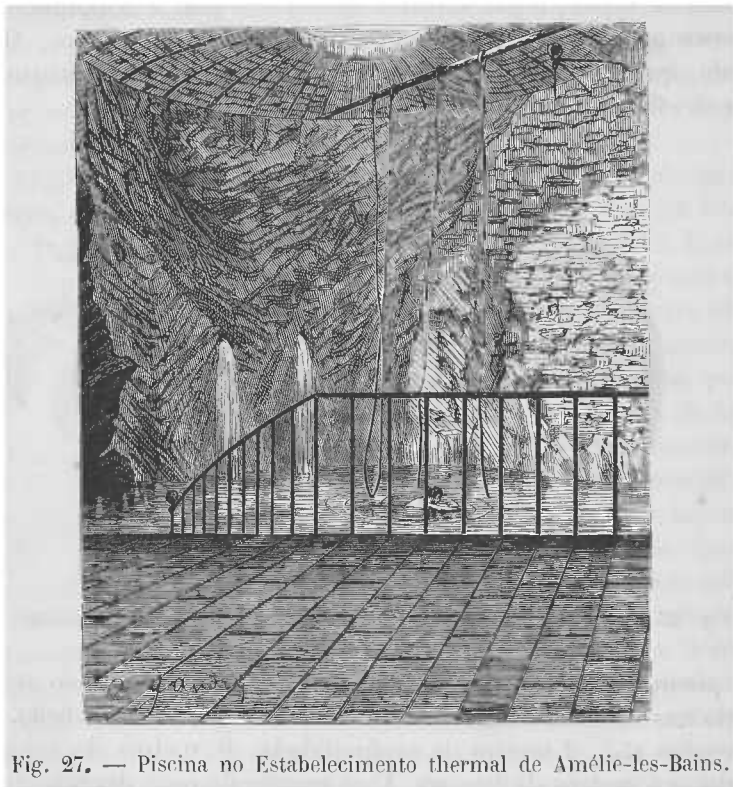


Fig. 27. — Piscina no Estabelecimento thermal de Amélie-les-Bains.

Mas Amélie é sobretudo recommendada pelos medieos como morada durante os invernos aos doentes affectados ou ameaçados de molestias do peito. Está protegida dos ventos do norte por immensas montanhas. O elima é agradável; eultivão-se ali, nos eampos, loureiros, oliveiras, eactus. O outono é a melhor estação; e, depois, o inverno. A primavera e o verão apresentam eondições menos boas para as pessoas que padecem do peito.

Emprega-se muitas vezes eomo adjuvante do eurativo sulfuroso a agua de Boulon, situada a 16 kilometros de Amélie; é agua ferruginea, alealina e gazosa, representando a eomposição de algumas fontes de Vichy, e eontendo pequena porção de eobre. Segundo o Sr. Dr. Génieys, a efficacia a mais importante d'esta agua é evidente contra o diabetes. Curas duraveis d'esta molestia

são devidas no uso da piscina sulfurosa acompanhada do uso interno da agua de Boulon.

AMENDOÁ. Fructo da amendoeira (*Amygdalus communis*, Linneo), arvore da familia das Rosaceas, que se cultiya nos pomares em Portugal, e nas regiões temperadas do Brasil. Fig. 28. Existem duas variedades de amendoeira que, semelhantes em tudo, se distinguem só pelo gosto da semente contida no fructo. Uma dá amendoas *doces*, outra amendoas *amargas*. As amendoas doces comem-se de sobremesa; mas são pesadas ao estomago por causa da grande quantidade de oleo que contém; por conseguinte não se deve usar d'ellas senão moderadamente. O oleo que contém, purga brandamente na dóse de 30 a 60 grammas (4 a 2 onças); dá-se ás vezes ás crianças contra a tosse.

Leite de amendoas: Tome 15 gram. (meia onça) de amendoas doces privadas de pellicula; pise-as em gral de marmore com um pouco d'agua fria, até formar pasta molle; ajunte 500 grammas (16 onças) d'agua, e 15 grammas (meia onça) de assucar; dissolvido este, cõe por panno de lã. Póde-se aromatizar com agua de flores de laranjeira. Esta bebida, além de ter a vantagem de acalmar a sêde, é tambem um calmante quando o doente a toma á noite, ao deitar-se. O *xarope de orchata* é uma preparação analoga; só differe pela proporção do assucar, e possui exactamente as mesmas propriedades. A mistura de xarope de orchata com agua é uma das bebidas mais uteis nas inflammações iuternas.

As *amendoas amargas* differem das *doces* pelo gosto e pelo cheiro, que é sobretudo sensível quando se molha a amendoa. Ambos procedem de certa quantidade de acido prussico que contém as amendoas amargas. Este acido é um dos mais energicos venenos que existem, e comquanto seja pequena a quantidade que se acha nas amendoas amargas, basta para communicar-lhes propriedades deleterias. Na dóse de 7 amendoas já produzem anxiedade e desmaios; em grande dóse podem occasionar a morte. Tem-se visto morrer pessoas por terem comido grande quantidade de amendoas amargas. Devemos, por conseguinte, acautelar-nos dos doces que

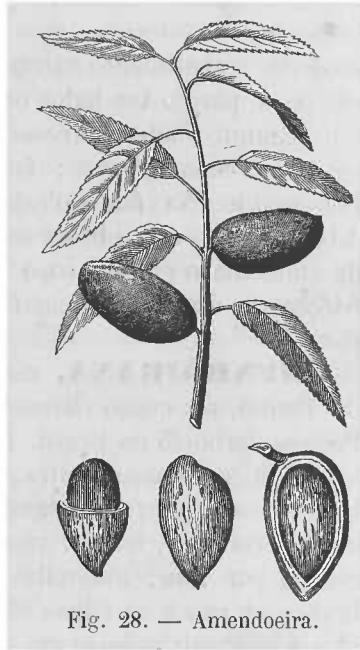


Fig. 28. — Amendoeira.

contém amendoas amargas, e principalmente contra os chamados *massapães*, na composição dos quaes entra grande quantidade d'estas sementes, que são, como se vê, verdadeiros venenos.

Os symptomas de envenenamento pelas amendoas amargas são os seguintes : no começo convulsões mais ou menos fortes, segundo a quantidade do veneno ; o pulso torna-se mais rapido, a respiração mais accelerada ; mas a este estado de agitação succede logo modorra e abatimento extraordinario ; o doente não se pôde ter em pé, e parece ter todos os membros paralyzados. O tratamento é o seguinte : administre-se o emetico, 10 centigram. (2 grãos) em um copo d'agua ; faça-se eheirar ao doente agua de Labarraque. Na falta d'esta agua, eheire ammoniaco liquido. Administre-se esta ultima substancia internamente (10 a 12 gottas de ammoniaco em um copo d'agua). Façam-se ao mesmo tempo fricções de ammoniaco nas fontes, e applicuem-se sinapismos nas pernas.

AMENDOIRANA, ALCAÇUZ BRAVO, BICO DE CORVO, PARATUDO (S. Paulo), BOI GORDO (Minas). (*Cassia rugosa*, Don.) Leguminosas. Pequeno arbusto do Brasil. Folhas pecioladas, compostas de foliolos ellipticos, quasi rentes, avelludados, com uma glandula na base de cada par ; flores amarellas, grandes, dispostas em paniculas terminaes, fructo, vagem coriacea ; raiz grossa, suculenta, escura por fóra, amarella por dentro, meditullio lenhoso quasi branco. A raiz e as folhas são purgativas na dóse de 8 a 16 gram. (2 a 4 oitavas); usão-se em cozimento.

AMENORRHEA, OU FALTA DE MENSTRUÇÃO. *Veja-se* MENS-TRUAÇÃO.

AMETHYSTA. Pedra preciosa de côr roxa, ou roxa tirante a purpurea. É um quartzo transparente, corado pelo oxydo de manganez ; emprega-se como joia. As mais bellas amethystas vem das Indias, das Asturias, do Brasil, da Siberia ; achão-se tambem em França e na Allemanha. A côr roxa d'esta pedra fez com que a adoptassem para ornar o anel pastoral dos bispos. A amethysta e o granate são as unicas pedras preciosas de côr que se trazem com vestidos de luto. A *amethysta oriental* (corindon roxo) é muito mais rara e de um valor mais consideravel do que a *amethysta occidental* (quartzo hyalino roxo). Estas duas variedades differem no seu peso e dureza. A amethysta oriental é quasi tão dura como a saphira e o rubim, entretanto que a occidental se risca assaz facilmente ; o peso d'esta é de 2,7, e a oriental pesa mais de 4, tomando-se por unidade a agua distillada.

AMIANTO ou ASBESTO. Substancia mineral, de côr verde, einzenta ou branca que se acha no seio da terra, e se apresenta

sob a fôrma de fibras ás vezes um pouco rijas, elasticas, as mais das vezes flexiveis como seda ou linho, com cuja molleza e brilho, tem estas fibras, alguma analogia. É o silicato de magnesia. O amianto derrete-se ao canudo de esmaltar, quando não se expõe ao fogo senão uma pequena quantidade de seus filamentos; mas em massa é muito difficil de derreter. Os antigos consideravão o amianto como uma especie de linho produzido por uma planta das Indias; fazião d'elle toreidas para lampiões que ardião no azeite sem se consumirem; lençoes para os cadaveres, afim de poderem colher as suas cinzas sem que ellas se misturassem com as da pyra. A arte de teer o amianto existe actualmente na Italia: faz-se com este mineral papel e rendas incombustiveis; fazem-se tambem com amianto vestidos que servem para preservar dos primeiros ataques do fogo os bombeiros empregados para apagam os incendios. Esta substancia, antigamente muito rara e bastante cara, é hoje commum: encontra-se nos Pyreneos perto de Baréges, na Escossia, na Corsega, na Saboia, no Brasil nos sertões de Pernambuco, na provincia do Rio Grande do Norte, etc.

AMIDO. *Veja-se* POLVILHO.

AMMONIACO ou ALCALI VOLATIL. Gaz que se encontra no estado de combinação com os acidos chlorhydrico e phosphorico, na ourina; e com os acidos acetico e carbonico, nas materias animaes putrefactas. Forma-se constantemente pela decomposição d'estas materias pelo fogo. Prepara-se facilmente aquecendo gradualmente, em retorta guarnecida de um recipiente apropriado, a mistura de partes iguaes de cal e sal ammoniaco.

Propriedades do ammoniaco no estado gazoso. O ammoniaco conserva sempre o seu estado gazoso na temperatura ordinaria, e debaixo da pressão normal da atmospheria. É um gaz alealino, transparente, sem côr, de cheiro extremamente forte e penetrante. Seu sabor é acre e caustico. Empregão-se frequentemente os vapores ammoniacaes como estimulantes, nos desmaios e asphyxias; mas sempre emprega-los com muita circumspecção.

Ammoniaco liquido ou **Alcali volatil liquido.** Dá-se este nome á agua distillada saturada do gaz ammoniaco; isto é, que tem dissolvido quasi o terço do seu peso. O ammoniaco liquido é incolor, mui caustico, de sabor e de cheiro insupportaveis; enverdece o xarope de violas; forma com os acidos numerosas combinações salinas usadas nas artes e na medicina. Com os oxydos de ouro e prata, forma pós fulminantes; communica uma bella côr azul á solução de sulfato de cobre.

O ammoniaco liquido applicado na pelle póde, segundo a duração do seu contacto, a sua dóse e o grão de concentração, produzir ou

a vermelhidão, ou a vesicacão, ou a cauterização. Ingerido no estomago é veneno mortal. A agua com vinagre é o melhor contra-veneno do ammoniaco.

Emprega-se internamente na embriaguez; e externamente nas mordeduras das cobras ou picadas de insectos, e nas syncopes ou asphyxias. Mas a causticidade d'este remedio vulgar exige muita prudencia na administração d'elle.

Na *embriaguez*, que elle faz cessar como por encanto, administra-se na dóse de 6, 10 a 15 gottas em um copo d'agua com assucar.

No caso de *mordeduras de cobras ou de insectos*, cauteriza-se a ferida com uma ou algumas gottas de ammoniaco liquido, que se applicão com uma penna ou palito.

Quando se faz cheirar aos doentes, nos casos de *syncope* ou de *asphyxia*, um frasco de alcali volatil, é preciso chega-lo rapidamente ás ventas, sem ali demora-lo muito, e ter a precaução de não derrama-lo sobre as partes vizinhas, que poderião resentir-se da sua accão caustica.

Saes ammoniacas. Todos os saes que tem por base o ammoniaco, triturados com a potassa, deixão desenvolver este gaz; são soluveis em agua, e volatilizão-se ou se decompõem, quando submettidos á accão do calorico : ha tres que devem fixar a nossa attenção : o carbonato, o acetato e o chlorhydrato de ammoniaco.

Acetato de ammoniaco, ou *Espirito de Minderer* Prepara-se saturando o acido acetico de ammoniaco liquido. É um liquido sem côr, transparente, inodoro, de sabor fresco e picante ao principio, e depois um pouco doce.

Considera-se como sudorifico, que se administra na dóse de 4 grammas (1 oitava) até 30 grammas (1 onça) n'um liquido apropriado. É usado tambem contra a embriaguez, a qual dissipa em alguns minutos, administrado na dóse de algumas gottas, n'um pouco d'agua com assucar.

Carbonato de ammoniaco. Prepara-se misturando uma parte de sal ammoniaco com duas partes de greda em pó, e distillando a mistura secca na retorta de vidro guarneçada de um recipiente. Este sal apparece sob a fórma de pedaços brancos, meio transparentes, compostos da reunião de pequenos crystaes, de textura fibrosa; solúvel em agua, de cheiro picante, e sabor caustico.

Puro e em alta dóse é um veneno caustico; diluido em agua, emprega-se na medicina nas febres graves, na dóse de 60 centigrammas a 8 grammas (12 grãos a 2 oitavas) n'uma poção de 180 grammas (6 onças). Encerrado em pequenos vidros, vende-se debaixo do nome de *sal volatil de Inglaterra*, e dá-se a cheirar nas syncopes.

Chlorhydrato ou hydrochlorato de ammoniaco, ou sal ammoniaco. Este sal, ha muito tempo conhecido, é assim chamado do paiz de Ammono, na Libia, d'onde se extrahia. Tirava-se antigamente tambem do Egypto, por sublimação da fuligem proveniente da combustão do estrume dos camelos. Prepara-se hoje em grande escala na Europa, distillando os ossos e as lãs nos cylindros de ferro. Acha-se no commercio debaixo da fórmula de pães bastante volumosos, convexos de um lado, concavos do outro, brancos, crystallizados em agulhas dispostas como as barbas de uma penna, inodoros, de sabor amargo, acre e fresco.

Puro e em alta dóse, pôde envenenar. Emprega-se nos rheumatismos e molestias inflammatorias, internamente, na dóse de 60 centigrammas a 4 grammas (12 grãos a 1 oitava) diluido n'uma poção ou cozimento. Usa-se as mais das vezes externamente, como resolvente nos tumores, na dóse de 4 grammas (1 oitava), dissolvido em 250 grammas (8 onças) d'agua.

AMNESIA. Diminuição notavel ou perda completa da memoria. Pôde depender da molestia organica do cerebro, da anemia, do esfalfamento que occasionão grandes hemorragias, diversos excessos ou molestias prolongadas. Contra a amnesia que depender da molestia grave do cerebro, ordinariamente nada ha a fazer; mas quando provém da anemia, é preciso empregar a medicação contra este estado (*Veja-se ANEMIA*). Um bom regimen, vinhos generosos, leve exercicio, e habitação no campo, curando o esfalfamento produzido por alguma longa molestia, curão tambem a diminuição da memoria. Em alguns casos de amnesia, as cúbebas na dóse de 2 a 4 grammas (meia a 1 oitava) por dia, e por quinze dias, produzirão a cura.

AMOLLECIMENTO DO CEREBRO. Molestia caracterizada no cadaver pela diminuição de consistencia da polpa cerebral; e durante a vida por um enfraquecimento gradual das faculdades intellectuaes, da sensação, do movimento, pela diminuição da memoria, difficuldade no fallar, dôres de cabeça, e, nos casos mais graves, pela paralyisia geral. A molestia pôde ser *aguda* ou *chronica*.

Symptomas do amollecimento agudo. As mais das vezes o amollecimento agudo sobrevem sem nenhum phenomeno precursor; em outros casos, pelo contrario, os doentes experimentão algum tempo antes, uma dôr de cabeça mais ou menos viva, vertigens, formigamentos, caimbras n'um membro, etc. Mas quasi sempre o amollecimento sobrevem sem prodromos: a molestia declara-se de improviso, e produz immediatamente a perda de conhecimento e paralyisia. Em alguns individuos, o principio da molestia é sómente marcado pelo enfraquecimento das faculdades intel-

lectuaes, do movimento, dos sentidos : estes phenomenos conduzem gradualmente á aniquilação d'estas faculdades. Muitas vezes estes symptomas fazem contínuos progressos, e os doentes succumbem ao cabo de sete ou quinze dias, quasi sem febre. Em alguns doentes, os symptomas cessão de fazer progressos e a molestia passa ao estado chronico; emfim, casos ha, mas raros, em que diminuem gradualmente, succedendo-lhes uma saude perfeita.

Symptomas do amollecimento chronico. Um individuo, chegado á idade mais ou menos adiantada, queixa-se de incommodo geral, de dôres de cabeça, e de vertigens ás vezes tão fortes que occasionão quédas. Este estado de soffrimento persiste dias, mezes e até pôde durar um ou muitos annos; depois o doente experimenta embaraço na falla, entorpecimento, formigamentos, picadas na extremidade dos membros, sobretudo nos dedos, ou n'uma metade completa do corpo; mais raramente são dôres obtusas nas juntas ou ao longo dos membros; depois a faculdade de mover vai diminuindo n'estas mesmas partes; os doentes arrastão a perna quando andão e deixão ás vezes cahir das mãos os objectos leves; outras vezes seus dedos não podem agarrar os corpos tenues; a paralyisia vai augmentando progressivamente, e torna-se completa. A um gráo mais ou menos adiantado da molestia, o rosto exprime o pasmo, a estupidez; as faculdades intellectuaes baixão; a memoria enfraquece-se, até perder-se de todo; as ideias são confusas; o juizo não tem certeza; a falla é custosa, quer pelo esquecimento das palavras, quer pela difficuldade de pronunciar. O enfraquecimento da intelligencia pôde ser levado até ao estado de idiotismo. No fim, os doentes não podem reter as ourinas nem as materias fecaes.

Duração e terminação. O amollecimento chronico tem uma duração indeterminada, que varia desde alguns dias até muitos annos. A morte, que é a terminação frequente, tem lugar quasi sempre em consequencia de alguma complicação provocada pela molestia cerebral; assim a maior parte dos doentes succumbem a uma pneumonia; outros em consequencia da formação de vastas escaras no sacro. Muitos cahem n'um sommo profundo; outros são atacados de convulsões. Emfim, alguns morrem rapidamente de febre cerebral.

Todavia, apesar da gravidade da molestia, o amollecimento do cerebro é curavel. Assim, doentes ha que, depois de apresentarem todos os signaes do amollecimento, supra indicados, se restabelecem completamente, recobram a integridade dos movimentos, da sensibilidade e da intelligencia. Outros conservão um certo gráo de paralyisia, ou pelo menos uma fraqueza nos membros.

Causas. As causas do amollecimento cerebral são pouco conhecidas. É porém incontestavel o ser esta molestia propria da velhice, e excessivamente rara nas crianças.

Tratamento. Varia conforme os symptomas. Assim, todas as vezes que o amollecimento principia com pulso forte e frequente, com calor no rosto, e quando o individuo é de constituição forte, póde-se praticar uma sangria no braço ou applicar 10 a 12 biehhas atraz das orelhas. Mas cumpre abster-se de quaesquer emissões sanguineas, se o individuo é fraco. Aproveitará n'este caso um purgante, como, por exemplo, 60 grammas (2 onças) de sal d'Epsom ou de Glauber, ou uma garrafa de limonada de eitrato de magnesia. Applicar-se-ha um caustico na nuea. Mais tarde poder-se-hão administrar os medicamentos tonicos, taes como o vinho de quina, na dóse de uma colher *de sopa* tres vezes ao dia. O regimen deve ser analeptico : carnes assadas, ovos, tapioca, e bom vinho, tomado com moderação.

AMOLLECIMENTO DAS GENGIVAS. V GENGIVAS.

AMOLLECIMENTO DA MEDULLA ESPINHAL.

Molestia caracterizada no eadaver pela diminuição de consistencia da medulla, e durante a vida por diversas paralyrias. Conhecem-se duas especies d'esta enfermidade ; o *amollecimento agudo* e o *amollecimento chronico*.

Symptomas. Na fórma mais aguda, o amollecimento da medulla, assim como o do cerebro, póde determinar instantaneamente symptomas de paralyria; assim tem-se visto individuos ficarem subitamente paralyticos, e até apresentarem no mesmo tempo uma paralyria dos quatro membros, do intestino recto e da bexiga, em consequencia do amollecimento sobrevindo subitamente, a certa altura da medulla. N'estes easos, raros no homem, mas que tem sido observados mais frequentemente nos cavallos, a paralyria sobe rapidamente e invade logo todos os musculos respiratorios : a maior parte d'estes doentes succumbem em tres, quatro, cinco dias, e alguns mesmo ao cabo de oito a dez horas.

Mas de ordinario o amollecimento não invade tão promptamente. No maior numero de casos, a molestia toma progressivamente o character chronico : os prodromos tem longa duração, como muitas semanas ou muitos mezes ; os doentes queixão-se de formigamentos, de caimbras, de frio nos membros. Outros fatigão-se facilmente ; alguns são aeommettidos de tempos a tempos de retenção de ourina ou de prisão do ventre ; ou então, pelo contrario, evacuação involuntariamente, quasi no mesmo momento em que a necessidade se faz sentir. Passado algum tempo os doentes andão com difficuldade, e até não podem andar senão com o auxilio de um apoio ;

as pernas não podem supportar o peso do corpo, e os doentes vêem-se condemnados a um repouso absoluto.

A extensão da paralyisia varia segundo o lugar da medulla em que o amollecimento está situado. Se elle occupa a região dorsal ou a região lombar, só os membros inferiores ficam paralyzados, e diz-se que ha paraplegia. O intestino recto e a bexiga são tambem frequentemente paralyzados; ha então incontinencia ou retenção de urina, e as materias fecaes sahem involuntariamente. Se o amollecimento invade a porção cervical da medulla, os membros superiores paralyzão-se tambem; os musculos do peito são atacados igualmente, a respiração torna-se difficil, e muitos doentes succumbem, pelo progresso de uma asphyxia lenta.

Duração; terminação. O amollecimento chronico da medulla é de duração indeterminada, variando desde alguns mezes até a um numero de annos ás vezes consideravel, como quinze ou vinte. A cura é possivel em alguns casos raros : os doentes recobram então a integridade dos movimentos e a sensibilidade das partes paralyzadas. Porém as mais das vezes estes individuos ficam entrevados; seus membros tornão-se trementes, e mal podem sustentar o peso do corpo.

Causas. As causas do amollecimento da medulla são ainda menos conhecidas do que as do amollecimento cerebral; até se póde affirmar que não possuímos a tal respeito nenhum dado positivo. Esta doença é mais commum nos homens do que nas mulheres, e, contrariamente ao amollecimento cerebral, é mais frequente no periodo médio da vida do que na idade adiantada. Dão-se sobretudo como causas d'esta enfermidade, as fadigas corporaes e os excessos venereos.

Tratamento. Ha poucos remedios a empregar contra esta molestia. No principio, applique-se um caustico no espinhaço. O doente usará de banhos aromaticos quentes e geraes. O modo de preparar estes banhos acha-se indicado no artigo BANHOS. Os banhos do mar tambem aproveitam. Se ha prisão de ventre, convem combatê-la com clysteres d'agua tepida. Os doentes devem alimentar-se convenientemente, e viver nas melhores condições hygienicas.

AMOLLECIMENTO DOS OSSOS. *Veja-se RACHITISMO.*

AMOR. Considerar o amor como uma paixão devorante, lembrar seus caracteres conhecidos, descobrir seus segredos, assignalar seus resultados, e indicar os meios de manter este sentimento nos justos limites, tal é o objecto d'este artigo.

O amor é uma disposição innata, instinctiva, e mais ou menos imperiosa. Durante os primeiros annos da existencia este sentimento está adormecido, e só se manifesta na época da puberdade.

Então, nos adolescentes de ambos os sexos muda a voz, o systema pilloso cobre partes até então impubescentes, as feições adquirem certa expressão, ordinariamente os gostos mudão; emfim, nas meninas a apparição dos menstros, o desenvolvimento dos seios são ainda mais caracteristicos.

N'este periodo tempestuoso, os paes que forem vigilantes devem observar com cuidado a physionomia, os gestos, as palavras, todos os actos dos adoleseentes, para deseobrir os novos sentimentos que se preparão. É então que naseem ou se aggravão costumes seeretos, de que fallarei em outro lugar (*veja-se ONANISMO*), e que tem sobre a saúde influencia muito perniciosa. Principiou nova existencia. Mil particularidades moraes revelão esta revolução physica, na qual eada sexo se mostra debaixo de côres differentes. O menino, educado com costumes menos severos, menos pudieos, e naturalmente mais ousado, procura a sociedade das mulheres, sente que as ama mais, e não esconde muito a sua inclinação, ou deixa de a occultar. Entretanto, o amor contemplativo abre-lhe ordinariamente a scena amorosa. O adolescente que não foi corrompido pelas palavras ou exemplos de seus camaradas, faz uma divindade de sua primeira amante, e arde por ella de um amor discreto. A joven virgem, que uma solitudine esclarecida, pia, ou ao menos moral, tem constantemente cercado de sãs impressões, está agitada de mil sensações diversas, euja fonte ignora; apenas se atreve a interrogar-se a si mesma, e busea dissimular. E por isso a alegria, a eandidêz da primeira idade cede o lugar a um ar de distracção, de embaraço, que não escapa a nenhum observador. Reconheee logo ella propria que prefere a sociedade dos moços á das companheiras, e que estes produzem n'ella um effeito insolito. D'aqui vem provavelmente, na presença d'elles, a postura contrafeita, a linguagem frequentemente embaraçada, o olhar incerto, bem que expressivo, os movimentos de pudor, que corão e empallideeem alternadamente seu rosto. Perturbação bella, que denota uma alma que ama, mas ainda innocente.

Desde então póde ainda o amor conservar-se vago, contemplativo e sem objecto determinado; mas existe. Logo que fôr conhecido, os paes não devem desprezar cousa alguma para dirigi-lo ou nullifear-lo. Primeiramente prohibir a leitura de romances, eujo effeito é darem pabulo ao fogo que se receia. Mais de uma vez, n'estas circumstancias, escolhe a imaginação em vez do eoração, e Rousseau nos falla de uma meniña que estava a ponto de ser victima de sua paixão pelas perfeições de Telemaco. Privar a vista de paineis e espectaculos licenciosos, evitar termos equivocos sobre certos objectos melindrosos, é o que convem; porque a curiosidade

dos adolescentes é extrema. Ocupai-lhes o corpo e o espirito alternadamente; então chegará um profundo somno, e a eoração não occupará na existencia senão a parte conveniente.

Os effeitos d'esta paixão são tanto mais apparentes quanto mais violento e mais desenvolvido é a amor. Os caracteres de um amor excessivo podem comparar-se aos da monomania. Com effeito, nos amantes e nos monomaniaeos observa-se ordinariamente isto: desprezão ou aborrecem os seus habitos, as suas occupações, e os seus deveres; vivem absorvidos, distrahidos, indifferentes a quanto os cerca; encontram-se frequentemente sós e mergulhados em profundas meditações, d'onde pareem sahir como de um somno, quando se chama por elles; tudo o que os arranea á sua soledade e ás preoccupações os molesta ou importuna; singularidades de caracter, costumes, feições estranhas, espantão logo ás pessoas que estavam costumadas a vê-los. N'esse estado moral, observa-se uma d'estas duas cousas, ou discursos contínuos sobre o mesmo assumpto, ou uma taciturnidade insolita. Ao mesmo tempo diminue ou foge o somno, perde-se o appetite, emmagree o corpo; o entorpecimento, a preguiça de se mover succede á agilidade, as fauldades mentaes, principalmente a memoria e attenção, diminuem de uma maneira sensivel.

Se considerarmos quanto são frequentes e quão graves podem ser os aecidentes do amor, faeilmente conveneer-nos-hemos de que os signaes que revelão esta paixão não são noções de mera euriosidade. Com effeito, não sómente o amor exeesivo distrahe das occupações, dos deveres soeiaes, perturba todas as funeções e póde produzir o marasmo, mas até as suas consequências possiveis e mui frequentes são desastrosas e variadas. Se as convenienciias se oppõem á união, tem-se em perspettiva a immoralidade. O amor contrariado eonduz á alienação mental, á melaneolia, ao suicidio. Os jornaes regorgitão de narrações d'este genero. Quantas pessoas, sem aeabarem tão deploravelmente, conservão no resto de sua existencia uma sensibilidade e tristeza profunda! E quantas desgraças d'este genero não poderião ser prevenidas!

A união dos amantes, se as convenienciias o permitem, é o melhor remedio do amor. No easo contrario, a isolação é uma das primeiras eondições. N'uma linguagem cheia de ternura e de razão, expõe-se ao amante desditoso os motivos que exigem a ruptura de todas as relações com a pessoa a quem deve renunciar, e que convem não tornar mais a ver. N'esse momento penoso as palavras que se lhes dirigem devem ser sem amargura nem colera, porque, culpados ou innocentes, os amantes mereem eompaixão. Cessar de se vêr, desesperar de se perteneer, é uma sentença horrivel

para elles; mas o tempo, n'esta circumstancia como em muitas outras, trará suas consolações. A duração da paixão será sem duvida mais ou menos longa, segundo o gráo de intensidade que adquiririo, e segundo a constituição physica ou moral do individuo; mas raras vezes resistirá á ausencia e ao tempo, que produzem o esquecimento. Entretanto, não devemos limitar-nos a estes meios naturaes; é preciso favorecer a sua acção por todos os outros que nos forem possiveis. O nome da pessoa querida nunca deve ser pronunciado; multipliquem-se-lhes as distracções de natureza agradável, e não se deixem os intercessantes doentes de amor meditarem na solidão ou fiarem silenciosos na sociedade. Os passeios, os exercicios quotidianos levados até á fadiga, serão um poderoso recurso. Nada iguala a mudança de lugar e o bom effeito das viagens, a não ser talvez, a formação de alguma outra união conveniente.

A mais natural transição nos conduz do amor sentimental ao amor physico, que tem seus preceitos de hygiene como todas as grandes funcções.

O instineto do amor declara-se com a puberdade, mas não é mais que o indicio de uma disposição organica que principia a formar-se, e que necessita muitos annos para chegar ao seu gráo de perfeição. A puberdade tem lugar mais ou menos cedo segundo os climas. Nas regiões intertropicaes declara-se de onze a treze annos para as mulheres, e de doze a quatorze para os homens; nos paizes temperados dois a tres annos mais tarde. Os artificios do estado social, os prestigios da civilização, apressão consideravelmente as inclinações amorosas da especie humana. Manifestão-se mais tarde no agricultor do que no cidadão. Mas o desenvolvimento de todos os órgãos que presidem aos phenomenos physicos e moraes não é completo senão aos dezoito annos na mulher e vinte e cinco no homem; só depois d'este periodo é que os dois sexos se podem entregar aos prazeres do hymeneo; e se observarmos os animacs, nos quaes o instineto se conserva na sua pureza primitiva, conheceremos que elles não se occupão da reproducção, senão quando o seu proprio corpo está completamente formado.

A observação quotidiana justifica a prudencia dos philosophos e dos legisladores, que prohibirão os casamentos prematuros. A tísica, uma susceptibilidade nervosa exaggerada, a frequencia dos móvitos, uma posteridade debil, etc., são os seus effeitos perniciosos.

O casamento, na idade madura, tem inconvenientes para a mulher. Concebe então com maior difficuldade, e pare com maiores dores. Na velhice deve-se desconfiar das excitações facticias, pro-

duzidas por um regimen estimulante ou pelos sonhos da imaginação; porquanto, abreviar-se-hião certamente os dias, ou serião ceifados por morte subita, como muitas vezes tem acontecido. Se, por um beneficio da natureza, na idade em que o amor existe só como lembrança, os sentidos despertarem ainda desejos amorosos, é permittido satisfazê-los, mas nunca provoca-los.

As relações conjugaes são nocivas, durante a digestão, em quanto dura a fadiga produzida pelos trabalhos de corpo ou de espirito, e quando o regimen é pouco nutriente; são prejudiciaes durante a menstruação; devem ser pouco frequentes durante a gravidez, no tempo das epidemias, nos paizes insalubres, e em que os individuos não estão aclimados; serião perniciosas nas molestias agudas, nas convalescenças, e são contrarias ordinariamente nas molestias chronicas. Muitas outras considerações, mais ou menos dependentes do amor physico, serão examinadas nos artigos ESTERILIDADE, IMPOTENCIA, GERAÇÃO.

AMOR PERFEITO. (Planta). V VIOLETA DE TRES CÔRES.

AMOREIRA. *Morus*. Genero da familia das Moreaceas, contém arvores lactescentes, de folhas alternas, simples e frequen-

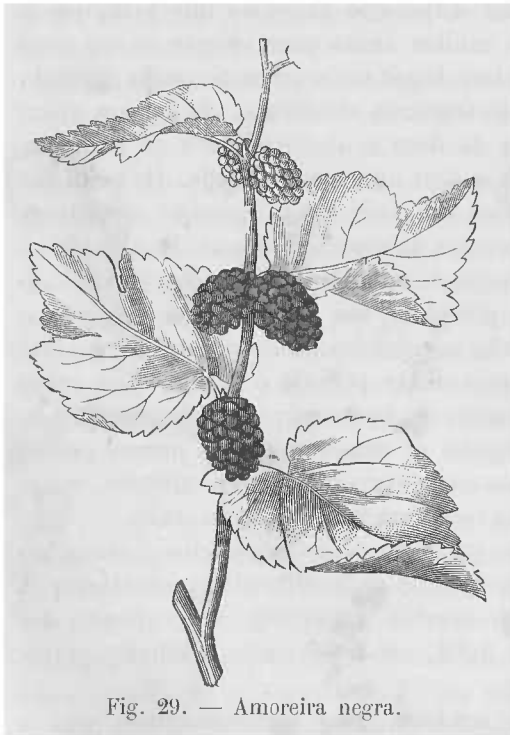


Fig. 29. — Amoreira negra.

temente recortadas; flores dispostas em ramalhetes solitarios ou reunidas na axilla das folhas. Depois da florescencia, os calices inchão; tornão-se pulposos, e convertem-se em outras tantas bagas monospermas, reunidas em um receptaculo commum; e parecem não formar senão uma só baga; fructo de gosto agradável que tem o nome de *amora*.

As principaes especies de amoreira são as duas seguintes:

1º Amoreira negra.

Morus nigra, Linneo, Arvore originaria da Asia, cultivada no Brasil e em Portugal. (Fig. 29.) É uma

arvore de 8 a 10 metros de alto, de tronco espesso, casca rude, ramos compridos, formando uma cabeça arredondada e copada; suas

folhas são alternas, pecioladas, cordiformes, denteadas, agudas, um tanto espessas. Seu fructo é oval, espesso, de côr purpurea-negra, sabor agradável e fresco. Estas amoras são refrigerantes, laxativas, de cheiro agradável; prepara-se com ellas um xarope, que se emprega em bebida, e para gargarejar nas esquinencias. Seu succo ennegrece as mãos e deixa na roupa nodos difficéis de tirar; este succo serve para dar côr ao vinho, aos xaropes, e aos licores; evaporado ao fogo lento até á consistencia competente, é conhecido debaixo do nome de *arrobe de amoras*, e usa-se como adstringente nas esquinencias, em gargarejos, na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) dissolvidos em 360 grammas (12 onças) d'agua morna; ou puro para tocar as aphtas. As folhas da amoreira negra, se bem que inferiores em qualidade ás da amoreira branca, podem, em caso de necessidade, ser substituidas a estas para alimentação do bicho de seda.

2º **Amoreira branca.** *Morus alba*. Esta arvore é originaria da China; póde ser cultivada em toda a parte onde a bella estação dura bastante tempo para lhe permittir que refaça sua folhagem que se tira para a alimentação do bicho de seda. Esta arvore tem 8 a 10 metros de altura nos climas temperados, e 17 no sul da Europa. Seu tronco divide-se em ramos numerosos que formão uma cabeça arredondada. Suas folhas são pecioladas, ovaes, um tanto cortadas em fórma de coração, agudas na ponta, denteadas nas margens; fructos esbranquiçados; ás vezes roseos e mesmo vermelhos; tem o mesmo sabor e o mesmo uso que as amoras negras. Ha muitas variedades de amoreira branca, que se cultivão para a criação do bicho de seda.

AMOREIRA DE SILVA. *Rubus jamaicensis*, Linneo. É o nome que se dá no Brasil a um arbusto da familia das Rosaceas, de caule sarmentoso; guarnecido de espinhos curvos; folhas digitadas de tres a cinco em rama, foliolos dentados, flores dispostas em paniculas terminaes; fructos esphericos de côr roxa-negra, formados pela reunião de grande numero de pequenas drupas carnosas, de sabor doce-acidulo. Os grelos d'este arbusto, levemente adstringentes, são empregados em cozimento, adoçado com mel de abelha, para gargarejos nas dôres de garganta. *Dóse* : 15 grammas (meia onça) para 360 grammas (12 onças) d'agua.

Os fructos (*amoras de silva*); são refrigerantes e servem para a preparação dos xaropes, geleas, e limonadas.

AMPUTAÇÃO. Operação que consiste em separar para sempre, por meio de instrumento cortante, uma porção mais ou menos extensa de um membro.

Meio extremo da cirurgia, a amputação não deve ser praticada

senão como ultimo recurso. Já grave por si mesma, tem ainda como consequencia necessaria a mutilação do homem. Em presença dos casos que parecem reclama-la, o cirurgião não deve esquecer que o fim da arte é conservar, e não destruir; mas os doentes devem saber tambem que é melhor sacrificar a parte, do que perder o todo, e que é melhor viver com tres membros do que morrer com quatro.

Os *casos que reclamão a amputação* merecem particular attenção, e serão cada vez menos numerosos, á medida que a medicina fizer progressos, e a arte de bem tratar as molestias estiver mais espalhada. Estes casos são :

1º *Separação completa ou quasi completa de um membro.* Uma bala de artilheria ou outro projectil, um violento golpe de espada, de machado ou de qualquer outro instrumento analogo, a acção de uma maquina, etc., separão ás vezes um membro quasi completamente do tronco, e não lhe deixão outra commuicacão com o resto do corpo senão alguns pedaços mais ou menos espessos. Esta circumstancia reelama em geral a amputação. Essa regra tem comtudo duas excepções. Se o membro fôr pequeno como um dedo, ou se se conservárão as arterias e os nervos principaes do membro, bem que este seja volumoso; n'estes dois casos a conservação deve ser tentada, salvo se as carnes vizinhas estiverem muito deterioradas.

Se o membro estiver inteiramente separado do corpo, a amputação póde tambem ser necessaria para regularizar a ferida, e tornar faeil a sua cura.

2º *Certas fracturas e deslocações complicadas.* É evidente que um membro quando foi quasi moído pela acção de uma causa violenta, como pela passagem de uma roda de carro pesado, de uma peça de artilheria, pelo desabamento de pedras, pela queda de uma trave, etc., sua conservação é impossivel. Se não se amputar logo, a vida do doente corre grande perigo. A amputação é outrosim urgente, se com estas numerosas fracturas existe lesão das principaes arterias e nervos. Outro tanto se entende das deslocações das juntas, acompanhadas de feridas de grandes arterias.

3º *Queimaduras.* Quando um membro está queimado profundamente, a amputação é indispensavel.

4º *Affecções gangrenosas.*

5º *Postemas acompanhadas de carie dos ossos.*

6º *Certos tumores e ulcerações,* como algumas aneurysmas, caneros, tumores brancos das juntas acompanhados de alteração dos ossos, etc.

AMYGDALAS. Quando com o cabo de uma colher se abaixa

a base da lingua de alguma pessoa, é facil ver no fundo da bocca dois pequenos corpos redondos, um de cada lado, de côr um tanto rosea : são. as *amygdalas*¹, vulgarmente *favas da garganta*. Estes órgãos contêm um muco, que favorece a passagem dos alimentos, e que, solidificando-se ás vezes na superficie das amygdalas debaixo da fórma de pequenos grãos esbranquiçados, adquire cheiro desagradavel.

A molestia que ataca principalmente as amygdalas é a inflamação; chama-se *amygdalite*, *esquinencia*, ou *angina tonsillar*. Veja-se ANGINA SIMPLES. As amygdalas podem tambem ser affectadas de cancro (veja-se CANCRO).

Em conseqüencia de inflammações repetidas, as amygdalas podem adquirir volume tal, que difficulte a deglutição dos alimentos : estas glandulas tornão-se então duras e inchadas. Os gargarajos adstringentes (veja-se esta palavra) são muitas vezes insufficientes para remediar o mal; é preciso recorrer então á *excisão* das amygdalas, operação sem perigo, e menos dolorosa do que se julga.

AMYGDALITE. Inflammação das amygdalas. V ANGINA.

AMYLENA. Dá-se este nome ao hydrogeneo carbonado que se obtem do alcool amylico (oleo de batatas). É um liquido incolor, de cheiro algum tanto desagradavel, muito mais leve do que a agua. Foi empregado n'estes ultimos tempos como anesthesico, para substituir o ether e o chloroformio²; produz rapidamente a insensibilidade; mas a sua acção é muito perigosa.

ANABI. *Potalia resinifera*, Martius. Potaliaceae. Pequeno arbusto do Brasil; habita no Pará e Amazonas; tem folhas oblongas, oppostas, flores amarellas dispostas em corymbos. As folhas são algum tanto adstringentes, e o seu cozimento usa-se para banhar os olhos nas ophthalmias. Dóse : 30 grammas (1 onça) por libra (500 grammas) d'agua.

ANALEPTICOS. Medicamentos ou substancias que servem para restebelacer as forças dos convalescentes. As feculas como a tapioca, araruta, sagú, salepo, etc.; os caldos de carne de vacca, filhotes, carnes assadas, a caça, o peixe, a sopa de tartaruga, geleas animaes, ovos, vinho generoso, são alimentos analepticos : a classe dos tonicos fornece os *medicamentos analepticos*, como quina, quassia, genciana, lupulo, preparações de ferro, etc.

ANANAZ ou ANANAZEIRO, *Bromelia*. Bromeliaceae. Planta indigena do Brasil, que se acha tambem nas Antilhas, na India, Africa, e que é cultivada na Europa nas estufas quentes. Dá um fructo de gosto delicioso, que se chama igualmente *ananaz*. Este fructo é formado pela reunião de certo numero de bagos. Ha diversas variedades.

Ananaz manso ou vulgar. *Ananassa vulgaris*, Lindl.; *Ananassa sativa*, Martius; *Bromelia ananas*, Linneo. Fig. 30. Planta

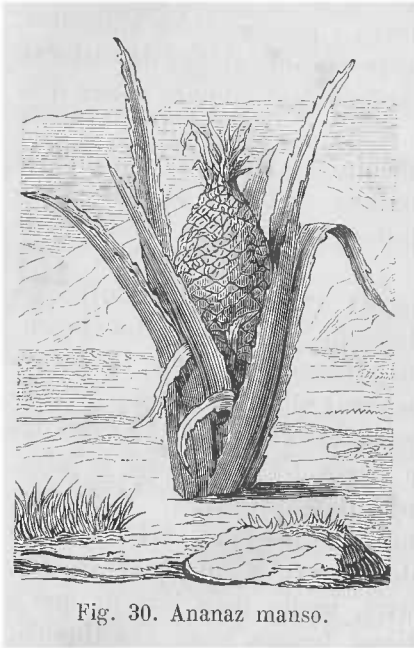


Fig. 30. Ananaz manso.

herbacea, vivaz, cuja haste, a principio curta, tem folhas alternas, numerosas, rijas, de margens recortadas em dentes rigidos e picantes. Mais tarde a haste alonga-se, em cima das folhas, e termina em um grosso renovo de que brota uma reunião de folhas analogas ás da base da planta. As mais inferiores d'estas folhas, reduzidas a simples bracteas, trazem flores cuja reunião forma uma inflorescencia em espiga, por cima da qual se acha a corôa de folhas mais desenvolvidas, de que acabei de fallar. As flores dão nascimento ao fructo, que é composto da reunião dos ovarios, que inchão gradualmente,

e, tornando-se carnosos, unem-se de modo a constituirem a massa ovoide e globosa, amarellada, succulenta, de cheiro e gosto mui agradável. Posto na primeira linha das fructas conhecidas, por causa do seu perfume, e gosto delicado, o ananaz é um alimento salubre, que convem nas convalescências de todas as molestias. Come-se cortado em talhadas e polvilhado com assucar, ao qual se póde ajuntar vinho da Madeira, ou um pouco de rhum. Fazem-se tambem com elle doces e sorvetes muito estimados. O ananaz é preconizado contra as affecções do peito. areias, hydropisia e ictericia. Antes de estar maduro, o ananaz é acre e perigoso; contém grande quantidade de acidos e de substancias adstringentes, que atação e ennegrecem o ferro.

Ananaz de agulha. *Bromelia muricata*. Arruda Camara. Bromeliaceas. Planta indigena do Brasil, semelhante ao ananaz manso. Differe d'elle, porque em lugar das bracteas em fórma de escamas, que tem o ananaz manso, tem espinhos pungentes de 6 a 12 centimetros de comprimento, de modo que é preciso muito geito para pegar-lhe.

Abacachi amarello. *Bromelia ananas*, variedade *pyramidalis aurea*, Dony. Bromeliaceas. Fructo pyramidal, de côr amarella; encontrão-se matizes vermelhos. A parte carnosa do fructo não é

tão boa como a do abacachi branco, e o eixo central tem mais resistencia.

Abacachi branco. *Bromelia ananas*, variedade *pyramidalis alba*, Mill. Bromeliaceas. É de fórma pyramidal, de 20 a 25 centímetros de comprimento. A sua superficie é tuberculosa, coberta de escamas, que são signaes das flores preteritas; o fructo forma uma baga carnosa, de substancia branca, macia e aquosa, de sabor doce acidulado, muito agradável, de aroma delicioso. Cortada a casca, deixa vêr umas vesículas, que são os fragmentos dos órgãos floraes. É semelhante ao ananaz, da qual é variedade; differe na fórma e no sabor, que é melhor; quanto ao mais ha pouca differença. Cultiva-se no Brasil, nas provincias do Amazonas e de Pernambuco, especialmente na cidade de Goyanna.

Abacachi rôxo. *Bromelia ananas*, variedade *pyramidalis violacia macrocarpa*, Dony. Bromeliaceas. A fructa é mais volumosa; tem ás vezes 45 centímetros de comprimento, é cercada de muitos gomos (olhos); o eixo central é tão tenro quanto o é a parte carnosa da fructa.

Abacachi vermelho. *Bromelia ananas*, variedade *pyramidalis rubra*, Dony. Bromeliaceas. É comestivel, como o precedente. De todas as variedades, o branco é o mais estimado pela sua doçura e delicadeza da polpa. Come-se em talhadas no estado natural com assucar ou com vinho, e faz-se com elle um doce de muito apreço. O succo servé para fazer uma limonada deliciosa, e, pela fermentação, produz um vinho agradável.

ANASARCA. Inchação geral ou muito extensa do corpo, produzida pela accumulção de serosidade no tecido cellular sub-cutaneo. Chamão-lhe tambem *hydropisia do tecido cellular*.

Causas. A inchação do corpo todo é ordinariamente symptoma de alguma outra affecção; mas ás vezes procede isoladamente, e constitue molestia principal.

Entre as molestias que produzem a anasarca, devo citar as affecções do coração e dos rins, as obstrucções do figado e baço, as febres intermittentes prolongadas, as perdas abundantes de sangue, o escorbuto, a opilação, e muitas molestias chronicas que occasionão debilidade geral. — A anasarca não dependente de nenhuma das molestias indicadas póde aparecer em varias circumstancias. Sobrevem ás vezes na época da primeira menstruação, quando esta funcção soffre difficuldades ou demora na sua appareção; depois da suppressão da transpiração; emfim no periodo de escamação dos sarampos e da escarlatina.

Symptomas. A inchação principia ordinariamente pelos pés, outras vezes pelos braços, ás vezes pelo rosto, emfim mostra-se ao

mesmo tempo pelo eorpo, que incha totalmente. A inchação varia muito de volume, conforme as regiões em que se observa. É sempre consideravel nos lugares em que o tecido cellular é mui laxo, como no peito dos pés; e nas costas das mãos; nas palpebras onde produz ás vezes a oclusão dos olhos; no escroto, cujo volume pôde augmentar até igualar a cabeça de um adulto; no membro viril, que augmenta igualmente a ponto de impedir a excreção das urinas, torcendo o prepucio á maneira de saearolhas; emfim, nas partes genitales da mulher. Nas outras partes do eorpo esta tumefacção não chega de ordinario a um gráo tão consideravel. A pelle adquire a côr pallida, interrompida, em certos easos, por manehas azuladas que correspondem ás veias subcutaneas dilatadas pelo sangue: esta pelle parece ás vezes meio transparente e luzidia. A inchação é molle, cede facilmente á compressão, e conserva por algum tempo a impressão do dedo; muda faeilmente de lugar, accumulando-se nos pontos mais declives, augmentando nas extremidades inferiores pela posição vertical, diminuindo pelo repouso horizontal.

Tratamento. O tratamento da anasarca, como o de qualquer outra hydropisia, exige que se tenha em consideração a sua causa e natureza. Quanto á causa, a anasarca que depende das molestias do coração, dos rins, do figado ou baço, exige o tratamento d'estas molestias. A anasarca resultante de febres intermittentes cede ao sulfato de quiniua e ás preparações de quina. A anasarca que resulta da debilidade geral reclama medicamentos tonicos, preparações de ferro, banhos aromaticos. As inchações de outra natureza exigem o uso dos purgantes, dos medicamentos diureticos ou sudorificos.

RECEITUARIO CONTRA A ANASARCA.

Vinho diuretico.

Vinho branco generoso.	1000 grammas (32 onças)
Casca de Winter	15 grammas (meia onça)
Casquinha de limão	15 grammas (1/2 onça)
Quina em pó	8 grammas (2 oitavas)
Raiz de angelica ..	8 grammas (2 oitavas)
Scilla..	2 1/2 grammas (50 grãos)
Bagas de zimbro.	2 1/2 grammas (50 grãos)
Macis.	2 1/2 grammas (50 grãos)
Losna..	50 centigrammas (10 grãos)
Herva cidreira.	50 centigrammas (10 grãos).

Macere a banho-maria por vinte e quatro horas, mexendo de vez em quando; cõe com expressão, e filtre por papel. Deite o liquido

em garrafas, e tape-as exactamente. *Dóse* : duas a quatro colheres *de sopa* por dia.

Pilulas diureticas.

Scilla.	5 centigrammas (1 grão)
Extraeto de digital.	5 centigrammas (1 grão)
Extracto de zimbro.	5 centigrammas (1 grão).

Faça 1 pilula e como esta mais 29. *Dóse* : 1 a 2 por dia.

Pilulas purgativas.

Resina de jalapa.	2 grammas (40 grãos)
Escamonea	2 grammas (40 grãos).

Faça 20 pilulas. *Dóse* : 2 a 4 pilulas por dia.

Fricção estimulante.

Tintura de quina.	60 grammas (2 onças)
Vinagre aromatico. . .	60 grammas (2 onças).

Misture. Duas fricções por dia, nos membros inchados. *Dóse* : duas colheres *de sopa*, para cada fricção.

ANATOMIA. Ramo das sciencias naturaes que estuda as partes que entrão na composição do corpo dos animaes e do homem em particular. A anatomia do corpo humano é uma das sciencias menos conhecidas da maior parte dos homens. Todos respirão, todos digerem, e apenas se sabe onde está o estomago, onde estão os pulmões; ha dôr no estomago, dizem que soffrem do coração; achão-se affectados do peito, do estomago se suppõe partirem as dôres. Muitas vezes toma-se um nervo por um tendão, uma arteria por uma veia, um museulo por um uervo. Seria facil multiplicar exemplos dos erros a que dá lugar, a cada momento, a ignorancia da sciencia anatomica, que tanto importa saber. Para facilitar ao leitor o conhecimento do corpo humano, aqui apresento um esboço dos órgãos mais importantes, com o que poderá evitar alguns enganos que possam ser prejudiciaes á saude.

Ossos. Os ossos são partes solidas, duras, de côr branca-amarellada, de fórma variavel, segundo os seus usos, e conforme as regiões onde se encontrão; constituem o esqueleto do corpo : são destinados a formar cavidades que protegem os outros órgãos (o craneo), ou a servir para estar em pé; para andar (os ossos dos membros), ou finalmente para estes dois usos ao mesmo tempo, como o espinhaço, os ossos da baeia, etc. Os ossos dos membros, ordinariamente longos, tem um canal que encerra o corpo gorduroso chamado *medulla dos ossos*.

Cartilagens. São partes duras, flexiveis, elasticas, brancas, semi-transparentes, que occupão o lugar dos ossos nos primeiros tempos da vida, e entrão na composição de todas as juntas.

Musculos. São órgãos molles, de côr vermelha-escura, e desti-

nados a mover os ossos a que estão ligados. Constituem a *carne* dos animaes.

Tendões e aponevroses. O maior numero dos musculos são terminados por corpos destinados a fixa-los ás partes osseas. Estes corpos são de côr branca, resplandecente e nacarada, solidos e mui elasticos, o que os torna proprios, como os órgãos que terminão, a mover o esqueleto. Uns, os tendões, são alongados e redondos mais ordinariamente; outras, as aponevroses, são largas, chatas, estendidas frequentemente em membranas, e servem ás vezes tambem de envoltorio aos musculos. Esclareçamos esta descripção com alguns exemplos. Examinando um pé de gallinha, encontrar-se-hão certos cordões, os quaes, puxados, ou encolhendo-se, lhe fazem dobrar ou estender os dedos á vontade: estes cordões chamão-se tendões. As aponevroses são aquellas partes resistentes aos dentes, designadas impropriamente pelo nome de *pelles*, e que se encontrão em grande quantidade em certas carnes, na vitella ensopada, por exemplo.

Membranas. São partes molles, largas e delgadas, que forrão o interior das cavidades do craneo, do ventre, do peito, da bocca, etc., envolvem os órgãos, e entrão na composição de alguns d'elles; por exemplo, os intestinos são formados de membranas. A pelle é uma membrana, assim como a especie de envoltorio vermelho (membrana mucosa), que cobre os beiços, a bocca, o interior do nariz, etc.

Vasos. São assim chamados os canudos formados de membranas, destinados a deixar correr os liquidos contidos no corpo. Os principaes são: as arterias e as veias.

Arterias. Vasos que partem do coração, e vão, dividindo-se indefinidamente, distribuir-se por todas as partes do corpo, onde depõem o sangue que tirão d'esse órgão. As arterias são continuamente agitadas por movimentos alternados e regulares de dilatação e constrictão, perceptíveis ao dedo que as comprime, ás vezes mesmo á vista, e que se designão por pancadas do pulso ou pulsações.

Veias. Assim se indicão os vasos que principião no lugar onde acabão as arterias, e recebem dos órgãos o sangue que estas lhes trazem para leva-lo ao coração. As veias não são agitadas por pulsações como as arterias, são quasi sempre mais superficiaes, e mostrão-se nas pelles mui brancas, sob a fórma de linhas de côr azul. O sangue das veias é de côr vermelha, muito mais escura que o das arterias, e quasi preta. Os cordões ou tumores que se chamão *varizes* são formados pelas veias dilatadas.

Nervos. Esta palavra serve para designar cordões semelhantes a

linhas de coser ou a barbantes, de côr branca, que nascem no cerebro ou na medulla espinhal, e se dirigem, dividindo-se em uma quantidade innumeravel de ramos, como as arterias e as veias que acompanhão ordinariamente, para as differentes partes do corpo, distribuindo n'ellas a sensibilidade e o movimento.

Glandulas. Corpos solidos, globosos, compostos de muitos grãos, guarnecidos de muitos vasos e nervos, e que segregão algum liquido. Assim a saliva, a bilis, a ourina, etc., são productos segregados pelas glandulas.

Examinemos agora os differentes orgãos em eada região do corpo.

Fossas nasaes. São duas eavidades tortuosas separadas por um septo mediano, e destinadas ao olfato ou cheiro. Abrem-se por detraz, na garganta, e prolongão-se para diante, em uma cavidade pyramidal, formada de ossos e cartilagens, que é o nariz. São aleatifadas pela membrana *pituitosa*, de côr vermelha, na qual se espalha o nervo que produz a sensação dos cheiros.

No fundo da *bocca* avista-se o *véo palatino*, teia movel destinada a impedir que os alimentos passem da bocca ás fossas nasaes, que ella tapa durante a acção de engulir; accidente que ás vezes acontece quando a pessoa ri, ou quando, ao engulir, aspira o ar; então a bebida ou o alimento volta pelo nariz. Por debaixo d'este véo acha-se na linha média um pequeno corpo oblongo chamado *uvula*, vulgarmente *campainha*, e cuja relaxação, a que o vulgo dá impropriamente o nome de *quéda da campainha*, motiva frequentemente uma sensação incommoda. De eada lado da base da lingua e do véo palatino achão-se duas pequenas glandulas oblongas, em fórmula de amendoas, e que se ehamão *amygdalas*. São destinadas a segregar um fluido analogo á saliva. Sua inchação dá lugar á molestia de garganta designada pelo nome de *esquinencia*.

Na parte anterior do pescoço, e em baixo da mandibula, percebe-se uma proemineneia pouco sensivel na mulher, e mui pronunciada no homem, a qual se ehamamó da garganta, e é formada pelo larynge.

O *larynge* é uma especie de canal destinado a dar passagem ao ar. Principia pela abertura situada atraz da lingua, ehamada *glotte*, vulgarmente *gato*. Por cima da *glotte* acha-se uma especie de valvula delgada, muito elastica e mui flexivel, que se chama *epiglotte*. Esta valvula, naturalmente levantada, tem por funcção o eobrir exactamente a abertura da *glotte* no momento da deglutição, e impedir assim a introdução dos alimentos nas vias aereas. Quando por acaso uma parcella da comida ou algumas

gottas de liquido se introduzem no larynge, sobrevivem logo tosse, que dura até serem expulsos esses corpos estranhos. Isto acontece, sobretudo, quando uma pessoa ri no momento de engulir os alimentos; porque então a valvula abre-se para dar passagem ao ar, e os deixa entrar no larynge.

O larynge communica em baixo com um canal formado de cartilagens e membranas elasticas chamado *traca-arteria*, que está situado na parte anterior do pescoço e do peito, e serve para conduzir o ar aos dois pulmões, aos quaes chega depois de se dividir em dois ramos secundarios chamados *bronchios*.

Por detraz da traca-arteria, e encostado a ella, acha-se adiante da espinha vertebral um canal musculoso e membranoso, que faz communica a bocca com o estomago, e que é destinado a conduzir os alimentos e as bebidas. A parte superior d'este canal chama-se *pharynge*, a inferior *esophago*.

O vulgo confunde, com o nome de *garganta* ou *quelas*, a traca-arteria e o esophago. *Veirão-se* as fig. 31 e 32.

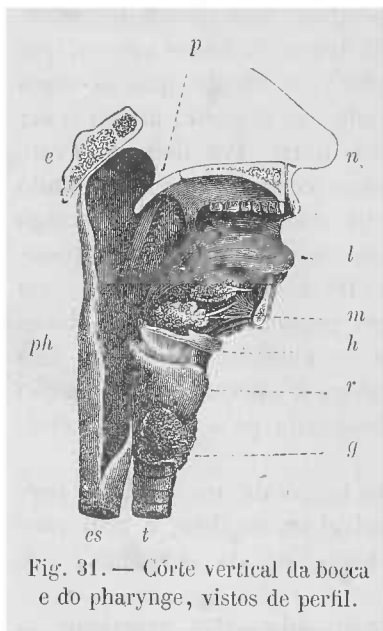


Fig. 31. — Córte vertical da bocca e do pharynge, vistos de perfil.

Fig. 31. *Córte vertical da bocca e do pharynge vistos de perfil*: *n*, nariz; *l*, lingua; *m*, porção de osso maxillar inferior; atraz d'ella vê-se a glandula sub-lingual, e mais abaixo a glandula sub-maxillar, que fornecem a saliva; *h*, osso hyoide, ao qual está suspenso o larynge *r*, que se continua inferiormente com a traca-arteria *t*: por diante do larynge está a glandula thyroide *g*; *e*, porção da base do craneo que forma a parede superior do pharynge; *p*, parte posterior do céo da bocca, por cima do qual se acha a abertura posterior das fossas nasaes; *ph*, parte posterior do pharynge; *es*, extremidade inferior do pharynge que se continua com o esophago.

Fig. 32. *Pharynge visto por detraz, e aberto de maneira que mostre a posição dos órgãos situados sobre a sua parede anterior*: *c, c*, a base do craneo; *m, m*, apophyses mastoideas; *n*, septo vertical que separa as duas fossas nasaes; *p*, o véo do paladar, que faz a continuação do céo da bocca e do qual desce o prolongamento chamado *a campainha da garganta*; *l*, a base da lingua, por cima da qual se vê, de cada lado da campainha, a cavidade da bocca; *e*,

um dos musculos que eleva o pharynge; *h*, extremidade esquerda do osso hyoide, occulta, do outro lado, pela parte posterior do pharynge, que se acha repellida para fóra; no pharynge, na mesma altura, está a abertura do larynge, por cima da qual fica a epiglottle, que se acha applicada contra a base da lingua; *es*, principio do esophago, por diante do qual desce a traca-arteria *t*.

A cavidade do *peito* está separada da do ventre por uma especie de septo movel, formado de um musculo conhecido pelo nome de *diaphragma*. Esta cavidade acha-se dividida em duas: uma direita, que contém o pulmão direito; e outra esquerda, que encerra o pulmão esquerdo, órgãos da respiração.

Acha-se tambem na cavidade do peito o *coração*, órgão principal da circulação do sangue. Está collocado em um sacco particular entre os dois pulmões, um tanto inclinado para a esquerda. A ponta d'elle corresponde ao [intervallo da sexta e setima costella do lado esquerdo], onde se fazem principalmente sentir as suas pancadas, as quaes são isochronas com as pancadas do pulso no estado de saude, e podem ser percebidas pela mão ou pelo ouvido.

Fig 33. *Disposição respectiva dos pulmões e do coração na cavidade peitoral.* (Os pulmões estão um pouco afastados um do outro para deixar ver o coração e a origem das arterias.) *pd*, pulmão direito; *pe*, pulmão esquerdo; *l*, traca-arteria antes da sua divisão em dois bronchios; *c*, auricula direita do coração; *b*, seu ventriculo direito; *a*, seu ventriculo esquerdo; *o*, sua auricula esquerda;

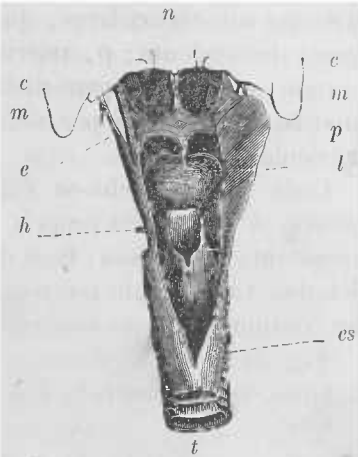


Fig. 32. — Pharynge, larynge, etc., vistos por detraz.

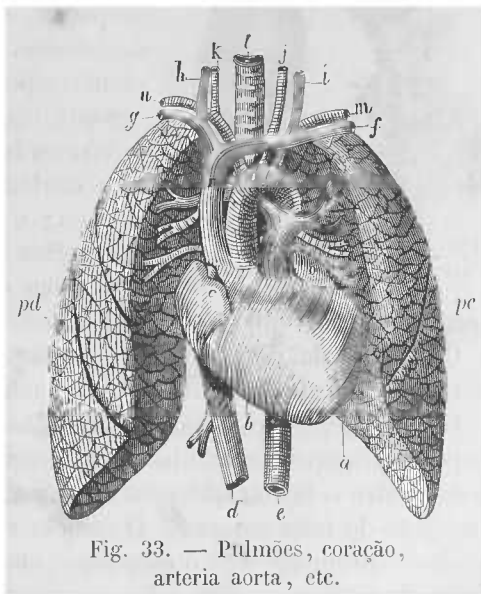


Fig. 33. — Pulmões, coração, arteria aorta, etc.

f, g, veias sub-claviculares; *h, i*, veias jugulares; *r*, veia cava superior, que entra, assim como a veia cava inferior *d*, na parte posterior da aurícula direita; *k, j*, arterias carotidas; *m, n*, arterias sub-claviculares, que nascem da crossa da aorta *q*; *e*, aorta descendente; *p*, arteria pulmonar que nasce do ventriculo direito, e se divide para distribuir-se em cada pulmão. Abaixo da divisão e um pouco por detraz, as veias pulmonares entram na aurícula esquerda *o*.

Cada pulmão acha-se coberto por uma membrana chamada *pleura*. A substancia propria dos pulmões é de côr rosea-cinzenta, crepitante, esponjosa, facil de rasgar-se, e dividida em pequenos lobulos. Cada lobulo recebe um *ramusculo bronchico*, cujas divisões se continuão com os *conductos pulmonares* ou *respiratorios*.

Fig. 34. *Modo de divisão dos bronchios.* (Um dos pulmões acha-se intacto, e de outro lado ficão só as ramificações bronchicas postas a nú.) *p*, o pulmão; *t*, a traca-arteria, que apresenta o larynge na sua extremidade superior, e se divide inferiormente em dois bronchios, um para cada pulmão; *bd*, divisões dos bronchios; *br*, ramusculos bronchicos.

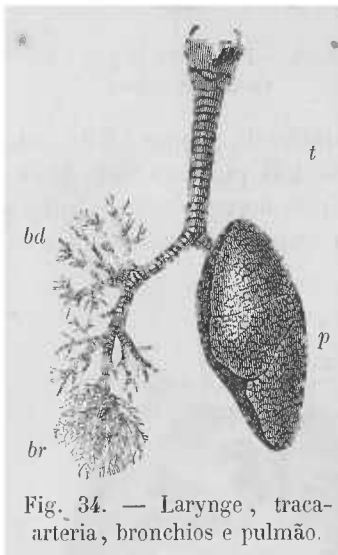


Fig. 34. — Larynge, traca-arteria, bronchios e pulmão.

O *ventre* ou *abdomen*, vulgarmente *barriga*, é uma cavidade situada abaixo do peito; constitue a metade inferior do tronco. Esta cavidade termina-se embaixo por uma porção mais estreita, cercada de ossos solidos, e chama-se *pelvis*, ou *bacia*. O ventre propriamente dito contém os órgãos da digestão e os rins; o *pelvis* encerra uma parte dos órgãos da geração, e o reservatorio da ourina ou a *bexiga*, assim como a

terminação do tubo intestinal.

Os órgãos da digestão compõem-se do estomago, do intestino delgado, do intestino grosso, do figado e do baço.

O *estomago*, ao qual vai ter o esophago, está situado na parte superior e esquerda do abdomen, atraz das ultimas costellas d'esse lado, entre o figado que está em cima e do lado direito, e o baço que está do lado esquerdo. O orificio superior, por onde o estomago communica com o esophago, chama-se *cardiã*, vulgarmente *bocca do estomago*.

A extremidade direita do estomago communica com o *intestino delgado* por uma porção estreitada chamada *pyloro*. Depois do

intestino delgado segue-se o *intestino grosso*, cuja primeira porção se chama *cego*. Na abertura de comunicação do intestino delgado com o intestino grosso, acha-se uma especie de valvula que impede que os *clysteres* cheguem ao intestino delgado, d'onde lhe veio o nome de *barreira dos boticarios*. A ultima porção do intestino grosso tem o nome de *recto*, que termina pela abertura exterior chamada *anus*. A maior porção do intestino grosso chama-se *colon*, e é muitas vezes affectada de dôres que tem o nome de *colicas*.

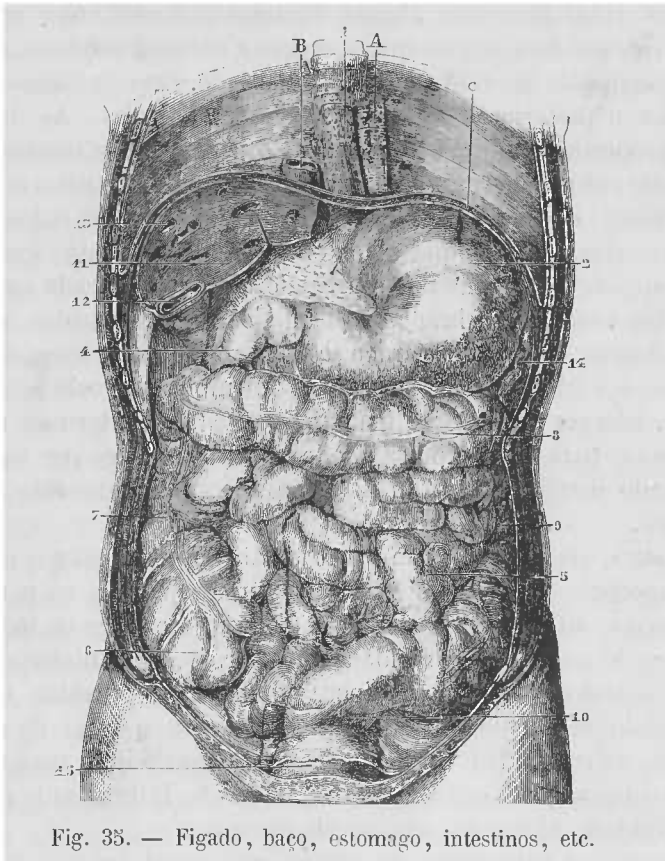


Fig. 35. — Fígado, baço, estomago, intestinos, etc.

Fig. 35. 1 Esophago, 2 estomago, 3 orificio pylorico do estomago, 4 duodeno, 5 intestino delgado, 6 cego, 7 colon ascendente, 8 colon transverso, 9 colon descendente, 10 recto, 11 figado (cortado na direcção vertical), 12 vesicula biliar cortada, 13 veias supra-hepaticas adherentes ao figado, 14 baço, 15 bexiga coberta incompletamente pelo peritoneo. A aorta, B veia cava inferior, C diaphragma.

O *figado* é o orgão onde se forma a bilis. É uma glandula mui

volumosa, do peso de tres libras no homem de idade madura, e situada na parte direita e superior do ventre. A face inferior do figado apresenta, do lado direito e um pouco adiante, um pequeno sacco : é a *vesicula do fel*, que serve de reservatorio á bilis, liquido de côr verde segregado pelo figado.

O *baço* é um órgão molle, esponjoso, situado na parte superior do ventre, á esquerda, e um pouco atraz do estomago, com o qual tem intimas communicações. Ignorão-se totalmente os usos do baço; a observação prova que esta viscera não é indispensavel para a vida, pois que alguns animaes pudcrão viver sem ella.

Os *rins* são dois órgãos que segregão a ourina; achão-se situados profundamente no ventre, um de cada lado. Correspondem á parte inferior e posterior do tronco, chamada cadeiras. As dôres de rins propriamente ditas são aquellas que tem lugar n'estes órgãos sómente; são conhecidas em medicina pelo nome de *dôres* ou *colicas nephriticas*, que é necessario distinguir das *dôres de cadeiras*, que são um rheumatismo que ataca os musculos da região lombar.

A ourina, que os rins tem segregado, dirige-se de cada um d'elles por dois canaes membranosos chamados *uréter*, situados ao longo da columna vertebral, para a *bexiga*, órgão que serve de reservatorio á ourina. Este reservatorio membranoso está situado na bacia, adiante do recto no homem, e adiante do utero na mulher. A ourina, para ser expulsa d'elle para fóra, corre por um canal chamado *urethra*, muito mais comprido no homem do que na mulher.

O *utero*, ou *madre*, é um órgão destinado a receber o producto da concepção. Não existe senão na mulher, e acha-se por detraz da bexiga, adiante do recto. Esta disposição explica os frequentes desejos de urinar, e a raridade das excreções das matcrias feccas que existem de ordinario na época adiantada da gravidez. O utero, no estado de vacuidade, tem duas pollegadas e meia de comprimento, e sua cavidade póde apenas conter um feijão; mas durante a gravidez adquire um volume consideravel. É terminado por uma extremidade alongada, que se chama *collo*.

Designa-se pelo nome de *vagina* um canal em que se abre o utero, e se termina no exterior por um orificio chamado *vulva*, fechado por fóra por *pequenos labios* ou *nymphas*, e na parte anterior do qual se acha o *meato urinario* (orificio da urethra), e por cima d'este o *clitoris*.

O producto da concepção não se forma no utero; elle sómente se desenvolve n'este órgão depois de fecundado no *ovario*, pequeno órgão situado de cada lado do utero, e que tem em reserva os germens do embrião. Estes germens, depois de fecundados, vão

ter ao utero atravessando um pequeno canal chamado *trompa de Fallopio*.

ANCA. A parte do corpo em que encaixa a côxa; forma uma especie de proeminencia, mais pronunciada na mulher do que no homem.

Temos a considerar na anca a sua articulação com a coxa, articulação coxo-femoral, ou ileo-femoral, que resulta do contacto da cabeça do femur com a cavidade cotyloidea do osso iliaco.

Molestias da anca. As feridas e as contusões d'esta parte nada offerecem de especial. Importa muito não confundir as dôres rheumaticas que podem ter lugar n'esta junta com a *coxalgia* (veja-se esta palavra); e para as deslocações d'esta parte, *veja-se DESLOCAÇÃO*.

ANCHILOPS. Dá-se este nome ao abcesso do tecido cellular, situado no angulo interior do olho, por diante do sacco lagrimal. É a consequencia da inflammação aguda d'esta região. Cura-se com cataplasmas de linhaça ou de fecula. Formada a collecção purulenta, importa abri-la com a maior precaução, afim de não offender o sacco lagrimal, o que daria lugar a uma fistula lagrimal. É preciso, pois, incisar as partes molles camada por camada.

Acontece ás vezes que estes abcessos abertos tarde, se convertem em uma ulceração que se parece com a fistula lagrimal, mas que não é. Basta para obter a cura, tocar a ulceração com pedra infernal.

ANCIA. É um estado penosissimo que consiste n'um incommodo geral, com sensação dolorosa de aperto na bocca do estomago, palpitações ou oppressão. Uma necessidade de mudar continuamente de lugar acompanha ás vezes este estado. A anxiedade manifesta-se frequentemente como symptoma no principio das molestias; ás vezes póde ser produzida por um estado moral. Nos cassos ordinarios cede ao repouso e á dieta.

ANCIAS DA MORTE. *Vea-se AGONIA.*

ANDA-AÇÚ, PURGA DE GENTIO, PURGA DOS PAULISTAS, OU COCO DE PURGA. *Johanesia princeps*, Velloso; *Anda Gomesii*, St. Hilaire-Euphorbiaceas. Bella arvore do Brasil, que habita no littoral; acha-se perto do Rio de Janeiro. É uma arvore de sete metros e mais de altura; o tronco ramifica-se bastante perto da terra, e suas diversas partes contém abundantemente um succo leitoso; folhas digitadas, com cinco foliolos lisos e agudos; flores do comprimento de 10 a 13 centimetros, dispostas em paniculas na extremidade dos ramos; fructo de 5 a 8 centimetros de comprido, de fórma espheroidal, um tanto delgado na ponta, com envoltorio exterior carnoso, contendo um grande nucleo lenhoso, duro, bilo-

cular (raras vezes trilocular), encerra em cada loculamento uma amendoa quasi espherica. Fig. 36. Esta amendoa tem o gosto da avelã, mas differe d'ella totalmente por suas virtudes. Com effeito, uma ou duas d'estas amendoas, comidas cruas, produzem o effeito purgativo, e ás vezes vomitos. Sua acção é energica, pelo que não deve ser empregada, sem que anticipadamente tenha recebido alguma correccão. Póde ser a seguinte: Tomem-se duas ou tres d'estas amendoas, pisem-se com assucar e um pouco d'agua, cozão-se, e ajunte-se-lhes depois um pouco de canella ou de herva

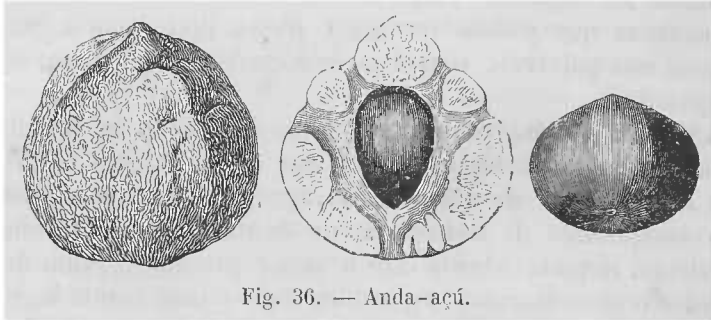


Fig. 36. — Anda-açu.

doce. Assim preparadas, constituem um purgante suave. Podem tambem comer-se torradas. Extrahe-se d'ellas um oleo que purga na dóse de 8 a 24 gottas. Estas amendoas conservão-se por muito tempo sem se alterarem. O oleo, que se extrahe d'ellas, póde servir tambem para luzes ou pintura. Esta bella arvore, que gosta de terrenos arenosos perto do mar, onde não se dão bem os outros vegetaes, tem a vantagem de dar valor e sombra aos terrenos privados d'esta e d'aquelle. A sua casca lançada na agua mata os peixes, e os Indios servem-se d'ella para apanha-los.

ANDAÇO. Assim se chama vulgarmente toda a molestia que ataca ao mesmo tempo e no mesmo lugar grande numero de pessoas. É uma epidemia, em ponto pequeno. (*Veja-se* EPIDEMIA.)

ANDIROBA ou CARAPA. *Carapa guianensis*, Aublet. Meliaceae. Arvore do Brasil; habita nas provincias do Norte. (Não se confunda com *Nhandiroba*, que é planta herbacea). Folhas compostas de 8 a 10 pares de foliolos oblongos, glabros, acuminados e coriáceos; flores dispostas em paniculas aggregadas e erectas; fructo, drupa secca, globosa, interiormente lenhosa, de quatro ou cinco valvas. As sementes formão no meio do fructo um aggregado globoso; são compostas de casca avermelhada, dura, quasi lenhosa, tuberculosa na superficie, e de amendoa um pouco rosea, dura, mui graxa, fornecendo por expressão um oleo espesso, de sabor amargo e côr amarellada, que se usa externamente na cura das empigens. Emprega-se para luzes, e é exportado para Marsellia,

onde serve na fabricação do sabão ordinario. Com o cozimento da casca da arvore, que é muito amarga, banhão-se os cavallos, para evitar de serem perseguidos pelas moscas. O lenho é fibroso, assaz leve, avermelhado e inatacavel pelos insectos ; é muito estimado para construcções.

ANDORINHA. (Fig. 37.) Passaró util, de que existem varias especies. É caracterizado por um bico curto, largo na base, estreito e pontudo na extremidade, corpo oval, azas alongadas, cauda ordinariamente dividida em duas partes. Esta ave de arribação encontra-se em todas as regiões do globo, mas só passageiramente nos climas frios. Na Europa apparece com os primeiros calores, e desaparece quando se aproxima o inverno. Alimenta-se de insectos que persegue até nos arcs. De todas as aves insectivoras a andorinha é a que maiores serviços presta ao homem, purgando a atmospherá dos milhares de insectos ; sem ella, muitas localidades, na vizinhança das aguas estagnadas, serião inhabitaveis.

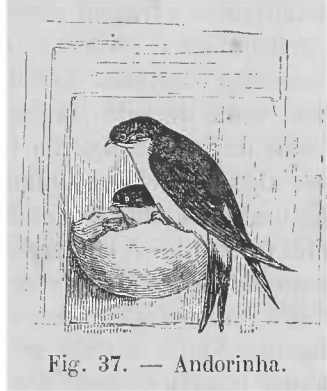


Fig. 37. — Andorinha.

A andorinha consome, quer para seu proprio alimento, quer para nutrir seus filhos, quantidades prodigiosas de insectos. É por isso ninguem deve mata-la, nem destruir suas ninhadas. O bom senso publico deveria, em toda a parte, garantir á andorinha a segurança, que ella não deve muitas vezes senão ao preconceito popular, que a faz considerar como um passaró de bom agouro para as casas onde estabelece o seu ninho. Ha uma especie de andorinha, *hirundo esculenta*, que se acha na China e nas ilhas do Oceano indiano ; ella faz seu ninho com uma substancia gelatinosa, tirada de um musgo, *alectoria luteola* : este ninho, preparado com arte, torna-se uma comida delicada, muito estimada dos Chins. Avalia-se em 10,000 kilogrammas a quantidade dos ninhos exportados annualmente do archipelago indiano. O peso de cada ninho é de 7 a 9 grammas.

ANEMIA. Estado morbido caracterizado pela pallidez da pelle e enfraquecimento geral. Depende da diminuição dos globulos rubros do sangue. A quantidade média e normal é de 127 partes de globulos sobre 1000 partes de sangue. O abaixamento d'estes globulos a 113 e mesmo abaixo, não é incompativel com o estado de saude, bem que já esteja ligado ás perturbações morbidas, e particularmente ao principio da chlorose. O numero de 80 é o limite em que o vicio do sangue principia a ser morbido. Os globulos descem a 80 e

60 na chlorose confirmada. A agua augmenta no sangue á medida que diminuem os globulos.

Causas. Muitas crianças nascem anemias, ou por molestias dos paes, ou por falta do seu proprio desenvolvimento. Depois do nascimento pôde declarar-se a anemia por falta de alimentação; por falta do ar necessario ou da luz solar, e tambem por excessos da temperatura dos elimas. Certas épocas da vida predispoem á anemia; a dentição, a puberdade, a idade avançada; e muitas causas debilitantes a trazem eomsigo, como sejam os trabalhos excessivos, intellectuaes e physicos, dôres prolongadas, paixões, euidados e desgostos contínuos da vida, a exereção demasiada de certos liquidos, como de leite, sangue e outros. Entre as causas mais manifestas da anemia, figurão 1º a diminuição da quantidade do sangue por alguma ferida ou alguma operação eirurgica; 2º o eorrimento natural á mulher, quando é mui abundante, mui prolongado e mui frequente. A hemorragia uterina, depois do parto, é frequentemente seguida de anemia que pôde durar de um a dois annos. Tal é ainda o effeito das sangrias abundantes e repetidas. A pneumonia, contra a qual se sangra o doente, cura; mas, depois de longa convalescença, fica a anemia que se faz sentir por longo tempo.

Ha muitas molestias que conduzem á anemia : todas as vezes que soffre a nutrição e sanguifieação, diminue á quantidade de sangue. Não há molestia de órgão qualquer, mesmo o mais insignificante, que não possa produzir á anemia, e muitas vezes á anemia mui pronuneiada; como sejam a tisea, as eserophulas, a arthrite, a syphilis constitueional, etc., etc. Emfim, todas as vezes que ha grandes perdas de força e de substancia; sem a eorrespondente reparação, como nas febres, sejam ellas de que natureza forem, desenvolve-se a anemia em maior ou menor grão.

A anemia que apparece nas jovens na época da puberdade chama-se *chlorose*; aquella que se mostra nos elimas intertropicaes, e que é devida ordinariamente á presença nos intestinos dos vermes ehamados *anchylostomos*, é designada pelo nome de *opilação*. (*Veja-se Chlorose e Opilação*).

Symptomas. Em todas as anemias ha um maior ou menor grão de pallidez da pelle e das membranas mueosas que eobrem a face interna das palpebras e os labios; ha perturbações da respiração, da digestão, diminuição da temperatura. Frequentes vezes observa-se perversão do appetite; o pulso é fraco. Quando a anemia attinge um alto grão, notão-se os phenomenos seguintes : frio nas extremidades; desmaios, sobretudo na posição vertical; vertigens; entorpecimento nos braços, descorçoamento, dôres de estomago, nau-

seas, vomitos. Quando a molestia augmenta ainda, o doente fica tão fraço, que póde apenas levantar os braços.

Tratamento. Qualquer que seja a causa da anémia, quer dependa de alguma hemorrhagia accidental, quer do esfalfamento por longas molestias, deve ser tratada por um regimen excitante, substancial, composto de carne assada, geléas animaes e vegetaes, tapioca, vinho do Porto, pelas viagens, morada no campo, pelas fricções seccas na pelle, banhiós aromaticos quentes, banhos frios de rio ou do mar, e pela hydrotherapia.

Os medicamentos que aproveitam contra a anémia, são :

1º Tintura de Marte tartarizada. 60 grammas (2 onças).

Para beber 30 gottas, duas vezes por dia; n'uma colher d'agua fria com assucar.

2º Pilulas ferruginosas de Vallet 100. *Dose* : 2 pilulas, tres vezes por dia.

3º Vinho de quina 500 grammas (16 onças).

Para beber meio caliz, duas vezes por dia.

ANÉMONE. As anemones são plantas europeas, da familia das Ranunculaceas, caracterizadas pelo calice petaloide, pela ausencia da verdadeira corolla, pelos fructos monospermos frequentemente eudados. Encontrão-se nos prados, mattos, montes. Estaservas são aeres e venenosas (no estado recente; produzem mesmo effeitos vesicantes, quando applicadas na pelle; perdem, porém, as suas qualidades perigosas depois de seccas. As principaes especies, são :

Anemone ou **Anemola dos bosques**, *Anemone nemorosa*, L. Planta frequente nos mattos de Portugal. Caulè unifloro, cingido de tres folhas ternadas, fóliolos lancinados, flôr esbranquiçada purpurea. É mui acre e corrosiva.

Anemone dos floristas, *Anemone coronaria*, L. Esta planta faz o ornamento dos jardins.

Anemone pulsatilla, *Anemone pulsatilla*, L. Planta herbacea, pequena, de raiz grossa e anegrada, folhas muitas vezes pinatifidas, lacínias lineares, flores grandes de côr purpurea-roxa. Foi empregada antigamente sob a fórma de extracto, contra as molestias de pelle e paralyrias, mas hoje quasi está sem uso.

ANESTHESIA. Privação geral ou parcial da faculdade de sentir. Chamão-se *anesthetics* as substancias que, como o chloroformio, o ether, e outras, tem a propriedade de suspender a sensibilidade. De alguns annos a esta parte recorre-se a ellas quotidianamente para annullar a dôr nas operações cirurgicas. A anesthesia é uma das descobertas mais uteis e mais brilhantes da medicina moderna. As substancias anesthetics são: o chloro-

formio, o ether, a amylena, o acido carbonico, a benzina e algumas outras. O chloroformio e o ether (vejaõ-se estas palavras) são empregados com preferencia. Respirados por alguns instantes, produzem uma especie de somno, e a abolição geral da sensibilidade.

Anesthesia local. A anesthesia geral apresenta grandes perigos, e a anesthesia local, se pudesse ser applicada a todas as operações, realizaria um progresso importante. Apesar de repetidas tentativas, não se tem chegado a obter senão uma insensibilidade incompleta, de curta duração, limitada quasi á pelle. As applicações da anesthesia local estão por conseguinte limitadas ás operações que se praticão sobre as extremidades, que se executão rapidamente, ou nas quaes só se ataeão os planos superficiaes. Comtudo ella é de precioso soccorro em mil casos variados da cirurgia usual. Raras vezes se fazem grandes operações, mas quotidianamente abre-se uma postema, amputa-se um dedo, opera-se uma unha encravada, etê. A anesthesia local póde servir de complemento á anesthesia geral; pois permite estender a todos os que soffrem o bemfazejo esquecimento da dôr.

A anesthesia local póde obter-se principalmente pelo frio e pela applicação local do ether, do chloroformio, ou do sulfureto de earbone.

Anesthesia local pelo frio. Se se applica sobre a pelle* gelo, ou alguma mistura refrigerante, sobrevem, depois de uma breve sensação de queimadura, entorpecimento, e depois uma insensibilidade completa. Estes effeitos são mais prompts sobre os tecidõs sãoos do que sobre os tecidõs inflammados; é preciso, n'estes, tres, quatro e mesmo cinco vezes mais tempo para obter o mesmo resultado.

Pela acção da mistura de gelo e de sal, a sensibilidade desaparece rapidamente; podem então fazer-se incisões sem causar dôr, mas a insensibilidade não vai além da pelle, e do tecido cellular subcutaneo.

Fazendo uso da mistura composta de gelo, de sal commum e de um quinto de sal ammoniaco, o Dr. Richard, de Pariz, produzio, em sete minutos, uma insensibilidade assaz profunda e bastante prolongada, que permittio praticar a desarticulação de um dedo.

A applicação d'esta mistura, capaz de abaixar a temperatura a 16 grãos, foi dolorosa, mas inoffensiva. A refrigeração, além da insensibilidade que produz, póde tambem ser preciosa quando a presença do sangue é um estorvo para o operador: em quanto dura a sua acção as feridas ficão sem sangue. Margrave soube habilmente

aproveitar-se d'esta circumstancia n'um caso de extracção de uma agulha de um pé.

A mistura de que se faz uso as mais das vezes compõe-se de duas partes de gelo e uma de sal de cozinha. Importa que esta mistura seja muito íntima. Para isso, pisa-se o gelo em vaso qualquer ou simplesmente n'um panno, e ajunta-se-lhe o sal por pequenas porções : mette-se tudo n'uma cassa ou em qualquer outro tecido poroso, depois applica-se sobre as partes que se querem eongelar, de maneira que toda a superficie esteja coberta o mais exaetamente possivel. A bexiga de porco, a tripa de boi, ou o sacco de borracha que acõselhão alguns operadores, tem o inconveniente de impedir o escoamento da agua não absorvida pelo sal. D'isto resulta tornar-se a mistura promptamente deliquescente, e adquirir uma temperatura superior a zero.

Anesthesia local pelo ether e pelo chloroformio. O ether e o chloroformio postos em contacto com a pelle exercem certa acção sobre a sensibilidade, mas raro é que determinem anesthesia sufficiente e bastante prolongada para ser utilizada em eirurgia. Fazendo evaporar activamente ether sobre a pelle, por meio de um abano ou assoprando com a bocca, obtem-se anesthesia mais ou menos completa. Mas a insensibilidade produzida por este meio, é antes o resultado da refrigeração ocasionada pela evaporação, do que da acção estupefaciente do ether ou do chloroformio. Imaginarão pulverizar o ether por meio de apparatus particulares, e dirigi-lo em jacto de extrema tenuidade sobre os lugares destinados ao instrumento eortante. A refrigeração, assim obtida pela evaporação do ether, produz entorpecimento sufficiente para as pequenas operações, como abertura dos abcessos, extirpação dos lobinhos, extração dos dentes, etc.

Anesthesia local pelo sulfureto de carbone. O sulfureto de carbone, applicado na pelle, produz tambem uma insensibilidade local que foi utilizada nas aberturas dos abcessos, e extracções da unha. Esta insensibilidade é produzida, mui provavelmente, pela refrigeração dos tecidos. O sulfureto de carbone pulverizado por meio de um tubo, e dirigido sobre a pelle, produz um abaixamento de temperatura muito mais consideravel do que o ether.

ANEURYSMA. Chama-se propriamente *aneurysma* um tumor produzido sobre o trajecto de alguma arteria pela dilatação de suas membranas; mas alguns autores comprehendem sob este nome as dilatações do coração, e distinguirão as aneurysmas em *aneurysmas activas e aneurysmas passivas do coração*. As aneurysmas activas do coração consistem em uma hypertrophia, isto é, no augmento da espessura das paredes do coração, e achão-se descriptas no artigo

Hypertrophia do coração; as aneurysmas passivas. do coração, apresentam, pelo contrario, um adelgaçamento das paredes do coração, de que resultão o augmento de suas cavidades e o enfraquecimento de suas funcções : trato d'ellas no artigo *Dilatação do coração*. N'este lugar occupar-mè-hei tão sómente das *aneurysmas das arterias*.

Aneurysma das arterias. Dá-se este nome, como já deixei dito, á dilatação das arterias, mas também se chamão assim os tumores formados pelo sangue sahido de uma arteria.

Causas. A offensa da arteria por qualquer instrumento é a causa mais commum das aneurysmas, que consistem n'um derramamento de sangue nas partes que estão vizinhas da mesma arteria. Mas as causas dos tumores que resultão da dilatação espontanea das membranas da arteria são pouco conhecidas. Em muitos casos estas aneurysmas apparecem sem causa; outras vezes succedem a um esforço violento; a um movimento subito que estende fortemente a arteria, a uma contusão, a uma ferida ou finalmente á inflamação desenvolvida ao redor da arteria, e seguida da suppuração e diminuição da espessura de suas paredes. No maior numero d'estes casos admite-se, como causa immediata da molestia, um excesso de energia nas contracções do coração, ou um enfraquecimento das paredes arteriaes.

Symptomias. A aneurysma da arteria apresenta-se a principio sob a fórma de um tumor indolente, sem mudança na cor da pelle, e offerecendo pulsações como as do pulso. Se as aneurysmas ficassem estacionarias, não apresentarião perigo algum; mas costumão ordinariamente ir sempre em progresso; adquirem em pouco tempo um volume cada vez mais consideravel, e arrebentão enfim. Então sobrevem uma hemorrhagia seguida de morte infallivel. A medida que o tumor augmenta de volume, incommoda as partes vizinhas. Os movimentos são difficeis a principio, e depois impossiveis : manifestão-se dôres vivas e seguidas de entorpecimento; as veias dilatão-se; tornão-se varicosas, e incha o lugar affectado.

Taes são os phenomenos que apresentam as aneurysmas chamadas *externas*, por causa da sua situação fóra das cavidades do corpo. Os signaes que offerecem as aneurysmas *internas* são mais obscuros. Annuncião-se por pulsações insolitas, precedidas de symptomias procedentes da compressão dos órgãos vizinhos; estes symptomias são : no craneo, vertigens ou paralyisias; no peito, difficuldade na respiração; no ventre, desordens da digestão.

Mas estas pulsações podem ser effeito de um simples affluxo de sangue, ou de affecção spasmodica do coração. É preciso,

por conseguinte, grande habilidade para estabelecer um diagnostico certo.

Tratamento. Esta molestia é sempre mui grave; abandonada a si mesma, é ordinariamente mortal. Seu tratamento differe muito; conforme fôr situada, ou sobre a arteria superficial, ou na profundeza dos órgãos.

Se fôr situada na superficie do corpo, a cirurgia lhe oppõe uma operação que consiste em obliterar a arteria pela laqueação e impedir assim a circulação parcial do sangue. Desde o começo do seculo presente, tem esta parte da sciencia feito tantos progressos, que o maior numero das aneurysmas, consideradas outr'ora como incuraveis, curão-se agora com bastante facilidade.

Quanto ás aneurysmas situadas nos lugares onde os mais habeis cirurgiões não podem penetrar, não se lhes póde retardar os progressos ou suspender a marcha, senão diminuindo a massa do sangue e o impulso que lhe communica o coração. O bom exito d'este tratamento é muito menos certo do que o dos meios chirurgicos. Entretanto, algumas curas se tem obtido pelas sangrias repetidas, pelo regimen quasi exclusivamente vegetal, repouso absoluto, e pelo emprego de substancias, cuja propriedade é a deretardar os movimentos do coração, a digital por exemplo; associando tambem a estes meios a tranquillidade do espirito, e evitando tudo quanto possa accelerar a circulação.

ANGELICA. *Angelica archangelica*, Linneo. Umbelliferas. Planta europea, cultivada nos jardins do Brasil. Fig. 38. Raiz

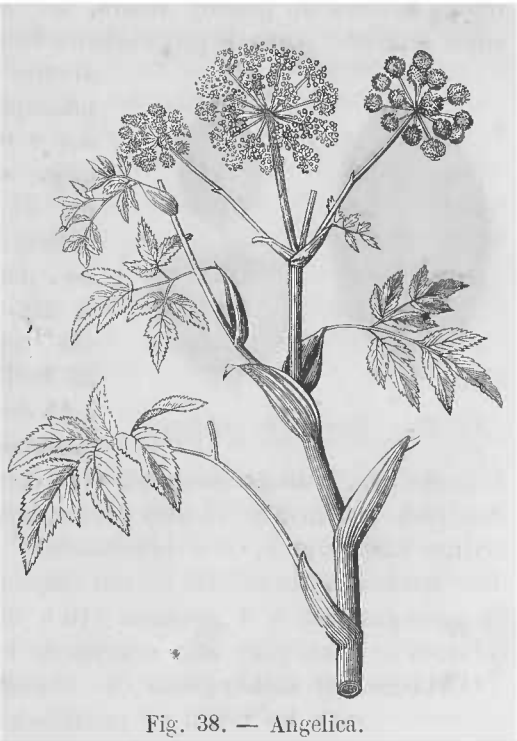


Fig. 38. — Angelica.

grossa, carnosa, mui odorifera; divide-se em grande numero de ramos, que se afundão perpendicularmente na terra. Caule de 100 a 130 centímetros, grosso, ôco, acanelado, verde, mui cheiroso; folhas, igualmente cheirosas, grandes, duas vezes pinnuladas;

foliolos denteados, flores de um branco esverdeado, dispostas em umbellas hemisphericas; fructo esbranquiçado, comprimido, elliptico. Toda a planta, e principalmente a raiz, é empregada em medicina, e na arte de confeitiro. — Estimulante mui forte, aconselhado nas digestões laboriosas, bronchites e vomitos spasmodicos. A raiz, tal qual se acha no commercio, é cinzenta, enrugada por fóra, esbranquiçada por dentro; cheiro aromatico, sabor quente, doce a principio e depois amargo. Administra-se ordinariamente em fórma de chá, que se prepara deixando infundir em 180 grammas (6 onças) d'agua a ferver 4 grammas (1 oitava) de raiz de angelica, e adoçando-o com assucar.

A raiz de angelica entra na composição do balsamo do commendador, do alcoolato de melissa composto, e de outras preparações; as folhas frescas fazem parte do alcoolato vulnerario. Os confeitiros preparam com os talos um doce agradável e estomachico.

ANGELIM. Debaixo d'este nome designão-se no Brasil differentes arvores do genero *Andira*, da familia das Leguminosas, cujas sementes gozão de propriedades vermifugas. Os fructos d'estas

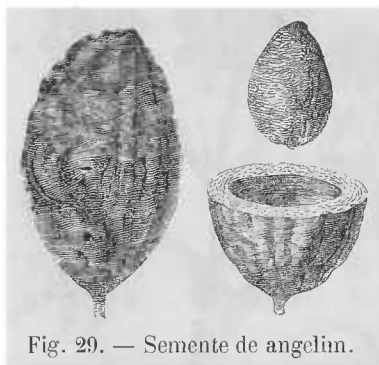


Fig. 29. — Semente de angelim.

arvores são ovoides, carnosos a principio, depois coriáceos, fibrosos e resistentes; contém uma unica semente esbranquiçada. A fig. 39 representa o fructo e a semente do **Angelim amargo**, *Andira anthelmintica*, Benth. A semente é ovoide, pontuda na sua extremidade superior; tem 25 millimetros de comprimento, e 15 de largura. É um vermifugo poderoso, sobretudo para expulsar

as lombrigas. Este medicamento obra com grande energia; em alta dóse póde produzir accidentes graves, taes como vomitos, dejecções alvinas abundantes, e a inflammação dos intestinos; pelo que deve haver grande cautela no seu emprego. Administra-se na dóse de meio gramma a 1 gramma (10 a 20 grãos) em pó, em duas colheres de leite, para uma criança de 4 annos.

O **Angelim amargo** ou *Aracuy*, arvore que produz esta semente, vegeta no Brasil na proximidade do littoral; é copada, de folhagem bonita e lustrosa; as flores, em densos cachos, são rôxas, de quasi nenhum cheiro, parecem borboletinhas; o fructo, que é um legume drupaceo, verde ainda quando maduro, assemelha-se a uma manguinha; tem um caroço grande relativamente ao fructo; a amendoa branca e amarga; o caroço é viscoso. A

madeira d'esta arvore é procurada para assoalhos e portas; resiste em contacto com a humidade; o principio amargoso protege-a contra a acção dos vermes.

As outras especies do genero *Andira*, cujas sementes são igualmente vermifugas, são : *Andira stipulacea*, Benth., angelim coco ou urarema; *Andira spinulosa*, Martius; *Andira vermifuga*, Martius; *Andira rosea*, Martius.

ANGICO. *Acacia angico*, Martius. Arvore do Brasil, da familia das Leguminosas; habita no Pará, na Parahyba do Norte, no Rio Grande do Sul, e em outras provincias do Imperio. Arvore de 23 metros de altura, mais ou menos; folhas bipinnuladas; pinnulas oppostas, numerosas, compostas de muitos pares; inflorescencia em capitulos; o fructo é uma vagem achatada; offerecendo quatro ou cinco estreitamentos, aguda no apice, de côr pardacenta, de dimensões variaveis; algumas vagens são curvas; cada cavidade da vagem contém uma, duas ou tres sementes. Mana d'esta arvore, naturalmente ou por incisões praticadas nos ramos, uma gomma tão util como a gomma arabica. Acha-se em bocados pouco volumosos, irregularmente arredondados, duros, brilhantes, mais ou menos transparentes, inodoros, amarellos ou avermelhados, de sabor mucilaginoso. A solução d'esta gomma em agua morna, ou infusão de flores de malvas, adoçada com assucar, usa-se nas bronchites. *Dóse*: 8 grammas (2 oitavas) de gomma para 250 grammas (8 onças) de liquido. Esta gomma figurou, com os outros productos do Brasil, na Exposição universal de Pariz de 1867

ANGINA. Do verbo latino *angere*, suffocar. Assim se denomina toda a affecção inflammatoria da garganta, caracterizada pela difficuldade mais ou menos intensa na deglutição, e ás vezes na respiração. Ha varias anginas.

Angina simples, *angina superficial*, *angina guttural*, *angina pharyngea*, *pharyngite*, *angina tonsillar*, *amygdalite*, *esquinencia*, *dôr de garganta*, ou *ataque da garganta*. Dão-se estes nomes a toda a difficuldade de engulir, cuja causa reside na garganta.

Esta molestia consiste em uma inflammação de algum ponto da garganta.

Causas. A causa mais ordinaria da esquinencia é a impressão do ar. Póde tambem provir da humidade dos pés, e da subita transição, estando suado, para o frio ou para o ar encanado. Alguns individuos tem para esta molestia uma predisposição particular, e em geral fição tanto mais sujeitos a ella, quanto maior é o numero das vezes que d'ella forão atacados. Muitas vezes as esquinencias sobrevem durante o curso das febres eruptivas : a escarlatina e as bexigas são constantemente acompanhadas d'ella.

N'este caso a esquinencia não é uma molestia essencial, faz sim parte da erupção e com ella desaparece.

Symptomas. Os symptomas da molestia varião um pouco conforme o ponto da garganta que occupa.

Quando ataca o fundo da garganta, e o céo da bocca, o doente experimenta ao principio uma pequena dôr e uma sensação de seccura na garganta; a deglutição faz-se difficilmente; a voz altera-se no seu metal, e baixa de tom. Muitos doentes tem contínua vontade de engulir, o que se explica pela inchação e alongamento da uvula que obra como um corpo estranho parado na garganta. Se, collocando o doente de frente de uma janella ou de uma luz, faz-se-lhe abrir a bocca para ver os lugares affectados, e se lhe deprime a lingua com o cabo de uma colher, verifica-se que a membrana mucosa está vermelha, luzente e secca; mais tarde reveste-se ella de mucó pegajoso, que se condensa e forma uma camada cinzenta. A maior parte dos doentes tem halito desagradavel, ás vezes fetido; o appetite diminue ou perde-se; sobrevem ás vezes febre, mas pouco intensa e passageira. Estes symptomas, depois de augmentarem durante dois ou tres dias, diminuem, e a molestia desaparece pouco a pouco ao cabo de sete ou oito dias.

Em alguns casos raros forma-se uma *postema* : conhece-se pelo character da dôr que ao principio é lancinante, isto é, que se faz sentir por picadas, e depois gravativa, isto é, causando um sentimento de peso na garganta. Tocando-a com a ponta do dedo, sente-se a fluctuação; esta compressão basta ás vezes para provocar a ruptura da pequena postema; outras vezes a postema abre-se em consequencia dos esforços da tosse, dos vomitos, ou durante o somno, e deixa sahir maior ou menor quantidade de pus, que é lançado pela bocca ou vai depositar-se no estomago, d'onde depois será expulso pelas vias naturaes. A postema diminue pouco a pouco, suas paredes conchegão-se, e o doente sára. Mas as coisas nem sempre correm tão bem. Em alguns casos, felizmente raros, desenvolve-se um abcesso consideravel, que comprime a parte superior do larynge e póde produzir a suffocação : é necessario abri-lo quanto antes.

Quando a inflammação ataca as amygdalas, a molestia, chama-se *amygdalite*, *angina tonsillar*, ou *esquinencia tonsillar*. Começa do mesmo modo que no caso precedente. Os doentes accusão a principio uma sensação de calor e de seccura na garganta; sentem incommodo e dôr ao engulir. Se a inflammação é intensa, e a inchação das amygdalas consideravel, a deglutição é impossivel, e as bebidas voltão pelo nariz. As materias mucosas formadas na bocca, e sobretudo no pharynge, tornão-se espessas, e o doente

não as póde expellir senão com muitos esforços. Aparecem dôres n'uma ou nas duas orelhas por causa da vizinhança da inflamação. A voz torna-se rouca, fanhosa, alterada pelas mucosidades contidas nas fauces. A bocca exhala cheiro fetido, e decorre d'ella grande quantidade de saliva viscosa. Inchão as regiões sub-maxillares de um só lado ou de ambos os lados. A exploração da garganta mostra que as amygdalas estão mais volumosas; apresentam-se debaixo da fórma de dois tumores vermelhos e duros, que obstroem as fauces mais ou menos completamente. Acontece assaz frequentemente que o enfermo não póde abrir a bocca; não se póde então ver exactamente o estado da garganta. O enfermo sente grande anxiedade; tem medo de ficar suffocado durante o somno, que é muito perturbado, e acompanhado de sonhos penosos, de pesadelos e de febre intensa. Observão-se tambem nauseas, vomitos, sêde intensa, e perda completa de appetite.

Por pouco que a amygdalite tenha certa intensidade, provoca diversas perturbações sympathicas. A maior parte dos doentes queixão-se de dôr de cabeça; tem uma febre mais ou menos intensa, a lingua branca, a bocca saburrosa, sêde, fastio. Porém alguns, bem que fortemente atacados, não tem febre, e conservão o appetite; mas não podem satisfazê-lo, por causa da inchação das amygdalas e das dôres provocadas pelos esforços da deglutição. Em outros, a dôr não é viva senão no principio da comida; frequentemente podem acaba-la com pouco soffrimento, o que se póde talvez explicar, dizendo que os primeiros alimentos dilatárão a passagem desembaraçando-a das mucosidades que a obstruíão, e acostumarão as regiões inflammadas ao contacto dos corpos estranhos.

Marcha, duração, terminações da amygdalite. Em geral a molestia chega á sua maxima intensidade no quarto ou no quinto dia; e, depois de ficar estacionaria durante alguns dias, declina; então a deglutição é menos penosa; a voz recobra seu metal; as mucosidades que humedecem as regiões inflammadas tornão-se mais espessas, amarellas, opacas, despegão-se com menos esforço, e esta expulsão é acompanhada de allivio; ao mesmo tempo as amygdalas diminuem de volume, e perdem a côr vermelha; diz-se então que a molestia acaba por via de resolução. Comtudo no maior numero dos casos, bem que cessem as dôres e a difficuldade de engulir, a garganta conserva-se vermelha, e as amygdalas ficão mais ou menos entumecidas, e não voltão ao seu estado primitivo senão depois de passado muito tempo.

A resolução é a terminação mais ordinaria da molestia; e não sobrevem a suppuração senão excepcionalmente. Quando esta se

declara, os symptomas inflammatorios sobem de ponto, a inchação é consideravel; as dôres, ao principio laneinantes, acalmão-se e tornão-se gravativas; depois vê-se um lugar da amygdala que fiea pontudo e que branquêa; toeando eom o dedo sente-se que o tumor é molle; então a menor compressão é sufficiente para romper as paredes da postema. Esta evaeuação é ás vezes espontanea; as mais das vezes, porém, é proveada pela tosse, ou pelos vomitos. Os doentes sentem de repente que a bocca se lhes enche, e euspindo reeonhecem que rejeitão um pus amarello ou avermelhado, ora inodoro, ora mui fetido. A quantidade de pus pôde ser assaz eonsideravel e provocar ás vezes, por sua irrupção subita, accidentes de suffoeação. Outras vezes, pelo contrario, quer exista o pus em pequena quantidade, quer saia elle por um simples buraquinho, a abertura da postema poderia passar desapereebida, se o gosto desagradavel que os doentes experimentão e o cheiro fetido não fixassem a sua attenção.

A amygdalite pôde passar ao estado chronico: diz-se então que termina por *induração*. N'este easo as amygdalas são mais ou menos volumosas e duras; a deglutição torna-se habitualmente difficil; a voz é menos perfeita, e por vezes fanhosa; o doente ouve poueo, e fiea eom o halito desagradavel. Emfim, sobrevem reeahidas muitas vezes por anno, isto é, volta a molestia ao estado agudo.

Tratamento. Qualquer que seja o lugar da garganta em que a inflammação se desenvolveo, o tratamento é o mesmo. Se a esquinencia é leve, bastará limitar-se o doente ao uso dos banhos de pés eom farinha de mostarda; das bebidas emollientes, taes eomo os eozimentos de eevada, arroz ou althéa, adoçados com assuear ou xarope de gomma; e dos gargarejos feitos com infusão de flores de malvas, decoção de raiz de althéa, ou infusão ou folhas de salva, adoçada eom mel de abelhas simples ou mel rosado. Deve diminuir a quantidade ordinaria dos alimentos, e conservar a posição elevada da cabeça, para diminuir o fluxo do sangue ás partes inflammadas.

Eis-aqui as formulas dos gargarejos:

- | | |
|--------------------------------|------------------------|
| 1º Decocção de raiz de althéa. | 500 grammas (16 onças) |
| Mel de abelhas.. | 60 grammas (2 onças). |
| 2º Infusão de folhas de salva. | 500 grammas (16 onças) |
| Mel rosado. | 60 grammas (2 onças). |

Se a molestia é mais forte, toma-se um vomitorio, 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) de emetieo dissolvido n'uma ehieara d'agua morna.

Na esquinencia em que as amygdalas estão tão inehadas que a

deglutição se torna difficil, convem, ás vezes, applicar oito ou dez bichas no pescoço.

Quanto ao regimen, deve elle variar conforme a intensidade da inflamação; em todos os casos, escolhem-se os alimentos entre aquellas substancias cujo contacto sobre a superficie inflammada seja mais brando, taes como o leite, o caldo, as sopas, as geléas, as fructas cozidas, etc. Na esquinencia violenta, deve-se observar dieta absoluta. Quando a molestia acabar por suppuração, se a anxiedade fôr grande e a abertura do abcesso tardia, a cirurgia offerecerá um recurso precioso: uma punctão feita com bisturi, dando sahida ao pus, acalma os accidentes e previne os progressos da molestia, que podem ser de gravidade extrema.

Quando a esquinencia se prolonga, substituem-se os gargarejos precedentes, pelos gargarejos seguintes:

1º Decocção de cevada.	500 grammas (16 onças)
Vinagre.	60 grammas (2 onças)
Mel rosado.	60 grammas (2 onças).
2º Agua.	500 grammas (16 onças),
Pedrahume.	8 grammas (2 oitavas)
Mel de abelhas.	60 grammas (2 onças).

Se a molestia acabar por induração das amygdalas, será necessario insistir no uso dos gargarejos com pedrahume. Assoprão-se tambem n'este caso os pós de pedrahume para as fauces, ou cauteriza-se a garganta com pedra infernal. Se a inchação resiste, e se causa grande incommodo, recorre-se então á extirpação das amygdalas.

Angina membranosa, *angina diphtherica*, *angina cuemosa*, *angina pelliculosa*, *angina pultacea*, *angina caseiforme*, *diphtherite*, *esquinencia maligna*. Com estes diversos nomes designa-se uma especie de molestia de garganta que começa com a apparencia de uma esquinencia pouco intensa, mas que não tarda a caracterizar-se pelo desenvolvimento de manchas irregulares, branco-amareladas ou acinzentadas, e de aspecto *lardaceo*, que muitas vezes vão lavrando e attingem as favas da garganta, os lados do pharynge e o véo palatino. É uma molestia grave. A rainha de Portugal, a Senhora D. Estephania, morreo d'ella, no anno de 1859, na idade de 22 annos.

Causas. A angina membranosa grassa, ás vezes, epidemicamente; isto é, ataca grande numero de pessoas n'um lugar circumscripto, n'uma casa, n'um collegio ou n'uma familia. Muitas observações tendem a provar que é contagiosa. Desenvolve-se em todos os clinias e estações; póde acommetter todas as idades,

mas é mais frequente nas erianças, e pessoas jovens. Apparece sobretudo nos annos humidos.

Symptomas. A molestia principia habitualmente por um calefrio vago, que se repete a curtos intervallos. Ao mesmo tempo, ou pouco tempo depois, manifesta-se dôr de cabeça, cansaço geral e fastio. A estes symptomas, que nada tem de característico, ajuntão-se, nas crianças, os vomitos, e ás vezes convulsões. A febre é moderada. Dura este estado algumas horas; depois o doente experimenta na garganta uma dôr com secura d'esta região. A deglutição torna-se então difficil, e o doente receia até engulir a saliva; resultando d'ahi no adulto uma esputação frequente, e nas erianças um corrimento de saliva bastante abundante. Todos estes symptomas pertencem tambem á esquinencia simples. Examinando-se a garganta, vê-se a inchação das amygdalas, com vermelhidão d'estas glandulas, do véo palatino e da parte posterior do pharynge.

É o periodo puramente inflammatorio da affecção, cuja natureza especifica nada ainda faz suspeitar.

Entretanto doze a trinta e seis horas depois dos primeiros symptomas, apparecem os signaes não duvidosos da molestia especifica. As amygdalas, o pharynge, o eó da bocca cobrem-se successivamente de chapas ou falsas membranas brancas ou pardaentas. A respiração é um pouco difficil e estrondosa, por causa do obstaculo que o ar encontra ao atravesar a abertura da garganta estreitada pela inchação das amygdalas. O doente respira com a boeca aberta, da qual decorre um liquido mais ou menos abundante. Ao mesmo tempo a voz faz-se guttural e fanhosã; a difficuldade na deglutição é maior que no principio, e a dôr mais viva, sobretudo depois de se despegarem as falsas membranas.

Á inchação das partes internas, corresponde uma inchação exterior, localizada no angulo dos queixos, e nas partes superiores e lateraes do pescoço. A febre vai continuando; a dôr persiste durante a deglutição. A cara incha, os olhos tornão-se animados, a parte inferior do rosto deforma-se pela inchação do pescoço, e pela immobilidade da boeca meio-aberta; a physionomia exprime por intervallos soffrimentos que provocão os movimentos ocasionados pela falla, pela esputação das mucosidades boecaeas, e pela deglutição das bebidas: ha repugnancia completa para todo o alimento solido; a lingua suja-se e cobre-se de materia amarellada.

Chegada em cinco ou seis dias a este gráo, a molestia toma novo aspecto: quer decline para terminar pela *cura*, quer augmente,

e se apresente então sob a fórma maligna; as probabilidades para uma ou outra terminação são quasi iguaes.

Se a molestia se encaminha para a *cura*, diminue a febre, a pelle perde o calor, o pulso volta ao seu *rhythm*o normal; desapparecem as ancias e as dôres de cabeça; a dôr de garganta e a inchação do pescoço diminuem; a *physi*onomia é melhor, quasi natural; volta o appetite, o somno, e voltão até as forças.

O estado local melhora igualmente : cessa a reproducção das falsas membranas; as que revestião a garganta soltão-se e são rejeitadas pela tosse, ou são levadas para o estomago pelos movimentos da deglutição, ou então diminuem pouco a pouco de espessura, e desapparecem.

Tanto a exfoliação como a resolução durão tres ou quatro semanas, findas as quaes o doente pôde considerarse como curado.

Quando a doença se aggrava e deve terminar fatalmente, augmentão os *symptom*as locaes e geraes. O pulso torna-se mais frequente, as forças diminuem. A inchação das glandulas submaxillares forma dois tumores, um de cada lado do pescoço. O doente fica na posição sentada, com a bocca aberta, e o pescoço dirigido para cima e para diante, quasi immovel e receiando os movimentos exaggerados da respiração e da deglutição; porque a dôr de garganta, pouco viva em si mesma, exaspera-se nos esforços que o doente faz para engulir ou para desembaraçar-se das mucosidades *pharyngeas*. Não tem sêde febril, e não bebe senão para humedecer a lingua e tornar a esputação mais facil. O fastio é d'entre os *phenomen*os concomitantes o mais notavel. A repugnancia para os alimentos solidos e liquidos é absoluta; torna-se, ás vezes, invencivel nas crianças com quem não se pôde raciocinar; e esta repugnancia para todos os alimentos é frequentemente, nos doentes d'esta especie, um dos signaes graves para o prognostico. A ourina altera-se. O rosto toma côr branca livida, os labios fazem-se azues, os olhos amortcem, a *physi*onomia abate-se, mingua o pulso, mas a intelligencia conserva-se perfeita. Ha pouco somno, e este mesmo frequentemente perturbado. O prognostico é extremamente grave : é então que as falsas membranas invadem as fossas nasaes, o larynge, e podem produzir a *asphyxia*.

Ha ainda outra fórma de angina membranosa, mais grave do que a precedente, caracterizada pela exaggeração de todos os *phenomen*os, pela rapidez da marcha e pela terminação fatal, a qual é ás vezes fulminante, podendo produzir a morte em 48 horas. Desde o principio, a sua marcha não é duvidosa, o envenenamento parece ser immediatamente geral, e quando apparecem as falsas membranas

nas fossas nasaes e sobre as favas da garganta, toda a economia já está profundamente alterada. Esta forma fulminante é felizmente muito rara.

A angina membranosa póde ser uma molestia primitiva, ou desenvolver-se em consequencia de outra molestia, e sobretudo depois da esearlatina. N'este caso, o organismo, já abalado pela primeira affecção, não póde resistir á angina membranosa, que se mostra ordinariamente com suas fórmas as mais graves.

A gravidade da angina membranosa não resulta tanto da existencia das membranas na garganta, como da infeecção geral da economia. A molestia póde produzir a morte, ficando as membranas limitadas ao pharynge, sem taparem as vias respiratorias; mas se chegão a tapar estas, produzem a morte por asphyxia.

Tratamento. A angina membranosa é uma molestia local e ao mesmo tempo uma affecção geral, e de mais ella é contagiosa; o tratamento deve satisfazer esta triple indieação, e ser ao mesmo tempo *preventivo* a respeito das pessoas que rodeião o doente, *local* e *geral* relativamente a este.

O tratamento *preventivo* consiste, sobretudo, nas medidas de precaução, e a melhor precaução é o *isolamento*. Quando n'uma localidade reina a epidemia de angina membranosa, ou quando se observa um caso n'uma familia, deve-se praticar o isolamento tão completo quanto seja possivel, conforme as eondições particulares, os deveres sociaes e a solieitude da familia; e como de todas as pessoas expostas ao mal, as erianças são mais frequentemente affectadas d'elle, são ellas sabretudo que devem ser immediatamente afastadas da casa contaminada. A isolacão deve durar tres ou quatro semanas. Cumpre tambem espalhar na habitação, e sobretudo no quarto do doente, agua de Labarraque, solução em agua de chlorureto de eal, ou agua phenica.

O tratamento *local* dirige-se ao symptoma o mais earaeteristico da angina, ás falsas membranas, e eomprehende tres ordens de medicamentos: 1º os *causticos*, 2º os *adstringentes*, 3º os *modificadores* a que se attribuem virtudes espeeiaes.

Entre os causticos que se applicão para eauterizar e destruir as membranas da garganta, ha fortes e fracos, conforme a maior ou menor gravidade das lesões locaes. Entre os eautesticos energieos, o mais empregado é o acido chlorhydrieo, quer puro, quer misturado com mel de abelhas. applica-se na garganta por meio de esponja fixada na ponta de uma varinha de barbatana. Póde-se tambem cauterizar a garganta com pedra infernal, havendo o cuidado de fixar solidamente o lapis de pedra infernal, que não se deixará sobresahir senão de uma pequena quantidade. Não se

tomando esta precaução,* a pedra infernal póde vir a quebrar-se, cahir no estomago e envenenar mortalmente.

Aconselha-se tambem a applicação, na garganta, do sumo de limão, todas as horas, ou de meia em meia hora. É um modificador local que se póde ter em qualquer lugar; o seu gosto não é desagradavel, a acção não é perigosa, e póde ser applicado por qualquer pessoa. Citão-se muitas curas obtidas por este simples meio.

É util tambem assoprar para as fauces alumen em pó. Assopra-se tres ou quatro vezes por dia, por meio de uma penna ou de um tubo feito de papel grosso.

Assoprar nas fauces flores de enxofre para destruir os germens vegetaes, que, segundo o Dr. Barbosa, são a origem da molestia local e da infecção geral secundaria.

Convem gargarejar a bocca com o seguinte gargarejo :

Chlorato de potassa	12 grammas (3 oitavas)
Agua quente	300 grammas (10 onças)
Mel de abelhas	60 grammas (2 onças).

Como as crianças não sabem gargarejar-se, é preciso levar directamente á garganta este liquido por meio de um pincel de fios, ou de esponja fixada na ponta de uma varinha de barbatana. É bom tambem lavar a garganta com *agua de cal*. Esta agua acha-se em todas as pharmacias. Os lavatorios fazem-se com seringa, duas ou tres vezes por dia, tendo o doente a cabeça baixa diante de uma bacia.

O tratamento local impede o desenvolvimento do mal em alguns casos, mas em outros não tem bastante acção para circumscrevê-lo : as falsas membranas, modificadas ou destruidas, continuão a reproduzir-se no mesmo lugar. O tratamento local é todavia util, porque modifica a vitalidade da superficie atacada, e desembaraça a garganta das substancias, cuja decomposição é uma fonte da infecção secundaria.

Quanto ao *tratamento geral*, convem abster-se completamente das sangrias e das bichas. Um vomitorio de 20 a 40 centigrammas (4 a 8 grãos) de ipecacuanha nas crianças, e de 1 gramma (20 grãos) nos adultos, é util no principio da molestia.

Depois do vomitorio administre-se a poção seguinte :

Chlorato de potassa.	2 grammas (40 grãos)
Agua . .	90 grammas (3 onças)
Xarope simples	30 grammas (1 onça).

Para tomar uma colher *de sopa* de hora em hora.

Como bebida ordinaria, dar agua com vinho.

No segundo periodo da molestia, caracterizado pelo abatimento

das forças, administre-se o vinho de quina aos adultos, na dose de uma colher *de sopa* de duas em duas horas; e o xarope de quina ás crianças, na dose de uma a duas colheres *de chá*, de duas em duas horas.

Eis-qui as receitas :

1º Vinho de quina 180 grammas (6 onças).

2º Xarope de quina 180 grammas (6 onças).

O quarto do doente deve ser perfeitamente arejado. Insistir-se-ha na alimentação (caldos, mingãos de tapioca ou de araruta, geléas, etc.)

Na *convalescença*, é necessario mudar de ares, e é indispensavel alimentar-se substancialmente. Continuar-se-hão os tonicos, e sobretudo o vinho de quina.

ANGINA DO PEITO. Dá-se este nome a uma affecção nervosa do peito. Este nome foi-lhe impropriamente applicado, e por isso é contestado por muitos autores, que a descrevem debaixo do nome de *neuralgia do coração*, *neuralgia cardiaca*, *sternalgia*, *syncope anginosa*, *asthma convulsiva*, e *sternocardia*. É o aperto doloroso e afflictivo do peito, que vem por accessos, com dôr espasmodica em um dos braços; e difficuldade na respiração.

Symptomas. A angina do peito manifesta-se sempre por accessos, entre os quaes existe certa intermittencia mais ou menos longa; frequentemente, depois do primeiro accesso, o doente fica muitos mezes sem soffrer incommodo algum; outras vezes, pelo contrario, estes accessos seguem-se com certa rapidez. O primeiro ataque da molestia apparece no meio das apparencias de saude. Os symptomas declarão-se durante o andar, em consequencia de exercicio violento, ou ao subir morro ou escada. Uma dôr viva, uma constricção dolorosa atravez do peito, e sobretudo do lado do coração, annuncia a appareção do accesso. O doente é obrigado a parar com receio de ficar suffocado ou desmaiar. A dôr é ás vezes surda e obtusa; outras vezes extremamente viva; cessa promptamente pelo repouso, e deixa ao doente a consciencia de uma affecção grave e profunda, que, a ter-se prolongado mais tempo, poderia acabar pela morte. A dôr pôde ficar limitada ao peito, mas as mais das vezes propaga-se até ao braço, desce ao comprimento da parte interna do braço, do antebraço e da mão, como uma verdadeira neuralgia. Estes ataques apparecem ordinariamente de repente; outras vezes são precedidos de bocejos, de inquietação geral, e de sensação de calor no peito.

A duração dos ataques não pôde ser rigorosamente determinada; a principio prolongão-se apenas alguns segundos; mas, sendo a sua duração proporcional á antiguidade da molestia, tornão-

se cada vez mais longos á medida que se repetem ; persistem então por muitos minutos, e mesmo durante muitas horas. Os accessos são tanto mais frequentes, quanto mais inveterada é a molestia.

De todas as influencias que provocão o desenvolvimento dos paroxysmos (cáusas do accesso, e não as da molestia), a mais frequente é o andar em certas condições particulares ; o andar contra o vento e sobre o terreno que vai subindo, a ascensão das escadas, eis as circumstancias mais proprias para determinarem um accesso ; os movimentos violentos, os esforços necessarios para levantar um peso obrão da mesma maneira ; e estas causas são mais poderosas ainda depois da comida. Em outras condições, o accesso apparece, depois de algum excesso de regimen ; basta ás vezes qualquer producção insolita de gaz no estomago, durante a digestão, para occasionar um paroxysmo ; n'este caso termina o ataque por abundante expulsão de gaz, quer pela bocca, quer pela via inferior. Emfim as emoções moraes vivas, de qualquer natureza que sejam, occupão um importantissimo lugar no grupo das causas occasionaes. O estudo d'estas causas revela outra particularidade muito interessante : não é raro ver os ataques apparecerem exclusivamente debaixo da acção da mesma causa ; uma vez que o doente está informado d'esta circumstancia, pôde frequentemente prevenir os paroxysmos, evitando ou fazendo cessar immediatamente as influencias que os determinão.

Quanto á duração da molestia mesma, ella apresenta variações taes, que é impossivel determinar cousa alguma a este respeito. Limita-se ás vezes a um só accesso, e não apparece mais ; mas estes factos são raros. Em geral, a angina do peito é uma molestia chronica, cujos accessos podem repetir-se a intervallos variaveis, durante grande numero de annos. Se não está acompanhada de nenhuma molestia interna, pôde curar-se.

Causas. Muito mais frequente no homem do que na mulher, a angina do peito acommette as mais das vezes os individuos que já passarão o periodo médio da vida. As circumstancias que favorecem o seu desenvolvimento são as affecções do coração, a gota, o rheumatismo, as hemorrhoidas e o fastio habitual. O costume immoderado de fumar tabaco é uma das causas poderosas da molestia.

Tratamento. Durante o ataque, será bom applicar um sinapismo no peito, dar a beber, ás colheres, agua fria com assucar e com algumas gottas d'agua de flores de laranjeira, chá de folhas de laranjeira ou de herva cidreira. Ha doentes que tem acalmado os accessos engulindo um pedaço de gelo. Sendo possivel admi-

nistrar esta substancia, convem fazê-lo durante o ataque. As inhalações de ether sulfurico ou de chloroformio podem tambem aproveitar ; fazem-se estas inhalações approximando simplesmente ao nariz do doente um frasco com ether ou com chloroformio.

Para o tratamento radical da molestia, isto é, o que se deve applicar no intervallo dos ataques, foi proposto o emprego alternativo da belladonna e do bicarbonato de soda formulado do modo seguinte :

Dá-se primeiro o bicarbonato de soda na dóse de 2 grammas (40 grãos) por dia ; 1 gramma antes de cada uma das principaes comidas, e esta dóse deve ser gradualmente augmentada, se a tolerancia permite, a 10 grammas (200 grãos) por dia, em duas porções. Durante dez dias em progressão crescente, e durante os outros dez dias em progressão decrescente. Suspende-se então temporariamente a medicação durante quinze a vinte dias, para tornar a continua-la durante mais de um anno, e voltar a ella depois de frequentes interrupções. Quanto á belladonna, mandão-se fazer pilulas contendo 5 milligrammas (1/10 grão) de extracto de belladonna e 5 milligram. (1/10 de grão) de pó da raiz de belladonna.

O doente toma primeiro uma pilula pela manhã, um quarto de hora antes da primeira comida, e assim por dez dias consecutivos. Durante outros dez dias, toma duas pilulas, ao mesmo momento e de uma vez. Durante vinte dias tres, e sempre de uma vez. Se não se obtiverão algumas melhoras progressivas, leva-se a dóse a quatro pilulas, salvo se a secura da garganta, e perturbação notavel da vista, acompanhada de grande dilatação da pupilla, vierem indicar que se produzirão, por um augmento da dóse, effeitos que se devem evitar. O uso da belladonna deve ser continuado durante o tempo em que se tiver interrompido o emprego do bicarbonato de soda.

Se o doente é fraco convem recorrer ás preparações de ferro, ou ás aguas ferreas tomadas á fonte. É necessario tambem subtrahi-lo a todas as causas de excitação, que podem influir no systema nervoso.

Eis-aqui as receitas dos medicamentos indicados n'este artigo.

Bicarbonato de soda. 30 grammas (1 onça).

Divida em 30 papeis. Cada papel contém 1 gramma (20 grãos), e toma-se n'uma pouca d'agua fria com assucar.

Extracto de belladonna. 20 centigrammas (4 grãos)

Raiz de belladonna em pó.. 20 centigrammas (4 grãos).

Faça 40 pilulas.

Ferro reduzido. 8 grammas (2 oitavas).

Divida em 32 papeis. Para tomar 1 papel por dia, em agua com assucar.

ANGIOLEUCITE. *Veja-se* LYMPHATITE.

ANGURRIA. *Veja-se* RETENÇÃO DE OURINA.

ANGUSTURA. Duas cascas mui diferentes trazem este nome :

1º **Angustura verdadeira.** Julga-se que provém da *Galipea cusparia* ou *Galipea officinalis*, grande arvore da familia das Rutaceas, que forma immensas mattas na America meridional sobre a margem do rio Orenoco. É uma casca guarneecida de epiderme, dura, quebradiça, de um amarello-roxo, em pedaços de espessura e comprimento variaveis, não excedendo porém ordinariamente 40 centimetros, quasi plana, *adelgaçada sobre as margens*, cinzenta-amarellada no exterior, avermelhada no interior; de cheiro forte, mui desagradavel, de sabor amargo. O pó é de côr amarella alaranjada; e a infusão em agua é mui corada.

A casca de angustura verdadeira é tonica e antidysenterica; hoje emprega-se pouco. Administrava-se até 4 grammas (4 oitava) em pó, ou infusão.

2º **Angustura falsa.** Provém de uma arvore da India, *Strychnos nux vomica*, Linneo. É um veneno violento, e importa não confundir esta casca com a precedente. A casca de angustura falsa é ordinariamente meio-enrolada, da espessura de 3 a 5 milimetros, sua substancia interior é de côr cinzenta-esbranquiçada; a epiderme é de um cinzento-amarellado; sem cheiro; de sabor muito amargo. O pó d'esta casca tem a côr mui diferente da precedente, porque é de um branco levemente amarellado. Differe essencialmente da angustura verdadeira, porque as margens não apresentam plano inclinado. é sem cheiro, e muito mais amarga. A arvore que dá esta casca é a mesma que produz a noz vomica, de que se extrahê a strychnina.

ANIL. Materia corante que se extrahê das folhas e dos ramos de algumas plantas chamadas *anileiras*, que pertencem quasi todas a um genero designado pelos botanicos com o nome de *Indigofera*, da familia das Papilionaceas. As

principaes especies que fornecem o anil são: *Indigofera argentea*, *Indigofera disperma*, *Indigofera anil*, (Fig. 40), *Indigofera tinctoria*,



Fig. 40. — Anileira.

Estas plantas habitão na India, no Mexico, e, no Brasil, nas provincias de Pernambuco, Maranhão, Pará e Amazonas. São plantas herbaceas, sub-arbustos ou arbustos. O succo d'estas plantas, incolor em quanto está contido no tecido do vegetal, torna-se verde, depois azul, quando se deixa fermentar ao contacto do ar, e depõe então pouco a pouco o anil; reduz-se este deposito a massa com a qual se fazem pães ou bolas de 100 grammas; pouco mais ou menos.

Distinguem-se no commercio numerosas variedades de anil, segundo as suas côres e os paizes d'onde procedem; o anil de Bengala e o de Guatemala são os mais estimados. O anil apresenta-se em massas porosas de côr azul com reflexo metallico, não tem sabor e pega-se á lingua como barro; não tem cheiro sensível senão quando está em grandes massas. É insolúvel em agua e no alcool. Aquecido fortemente espalha vapores purpureos, que se condensão sobre os corpos frios em pequenas agulhas azues e brilhantes; esparge ao mesmo tempo um cheiro forte e desagradavel, e carboniza-se parcialmente. O anil é empregado para tingir as fazendas.

Em medicina, foi aconselhado contra a epilepsia, na dóse de 2 a 30 grammas (meia oitava a 1 onça) por dia, misturado com mel de abelhas; mas não produziu bons effeitos, e hoje não é mais usado para este fim.

ANIMÉ. *Veja-se JATAHY.*

ANIZ ou **HERVA DOCE.**

Pimpinella anisum, Linneo. Planta da familia das Umbellíferas, originaria da Africa, cultivada nas hortas de Portugal e do Brasil. (Fig. 41.) Os fructos, impropriamente chamados *sementes*, usão-se em medicina, na perfumaria e confeitaria. Apresentão-se debaixo da fórma de grãos ovoides, de côr esverdeada, sabor aromatico, e cheiro agradável.

São estimulantes e empregadas nas colicas em infusão que se prepara á maneira de chá, com uma colher *de chá* de fructos

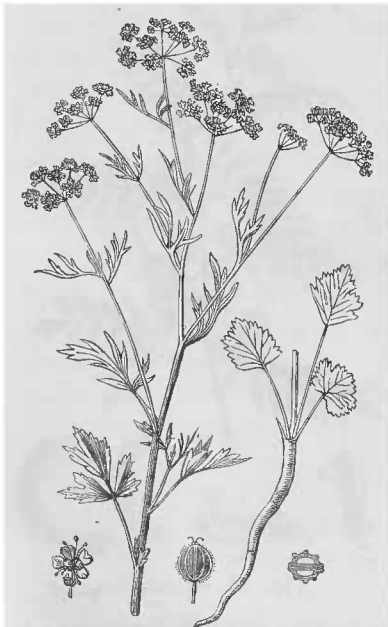


Fig. 41. — Aniz ou herva doce.

de herva doce e uma chicara d'agua fervendo.

ANIZ ESTRELLADO. *Illicium anisatum*, Linneo. (Fig. 42) Arvore da China e do Japão, da familia das Magnoliaceas. O seu fructo tem as mesmas propriedades e os mesmos usos que a herva doce ordinaria. Este fructo compõe-se de sete ou oito capsulas, reunidas pela base em estrella, comprimidas, avermelhadas, de sabor e cheiro semelhantes aos da herva doce: cada capsula contém uma semente lustrosa.

ANKYLOSE. Diminuição ou impossibilidade de movimento em uma junta naturalmente mobil.

A ankylose tem por causa immediata a soldadura das extremidades articulares que compõem uma articulação, ou

o desaparecimento do liquido que lubrica essas extremidades, ou sómente uma rigidez das partes molles que cercão a articulação. Quando provém da soldadura dos ossos, não póde haver movimento algum da parte, e a ankylose chama-se então *verdadeira* ou *completa*; mas se depende sómente da rigidez das partes molles, a articulação póde executar alguns movimentos, posto que incompletos, e a molestia tem n'este caso o nome de ankylose *falsa* ou *incompleta*.

Uma circumstancia que contribue para a formação da ankylose é a immobilidade da parte. Esta condição é tão poderosa, que por si só póde determinar a molestia. Assim os Fakires indios, que, dizem, se condemnão por espirito de penitencia a ficarem immoveis, em certas attitudes, por muitos annos, tem no fim d'este tempo os membros ankylozados na posição em que se conservárão. Outro tanto acontece ás pessoas affectadas de fracturas dos membros. Pelo effeito do repouso prolongado do membro, repouso necessario para a consolidação da fractura, os ligamentos e as outras partes molles, que entrão na composição da articulação, adquirem tanta rigidez que é difficil vencê-la.

As inflammações agudas ou chronicas dos ligamentos, a inflammação que apparece ordinariamente durante o tratamento das fracturas situadas perto das articulações, tem o mesmo resultado. Todas estas causas não tendem a produzir senão a ankylose *falsa*. Existem outras que tem por consequencia a soldadura reciproca

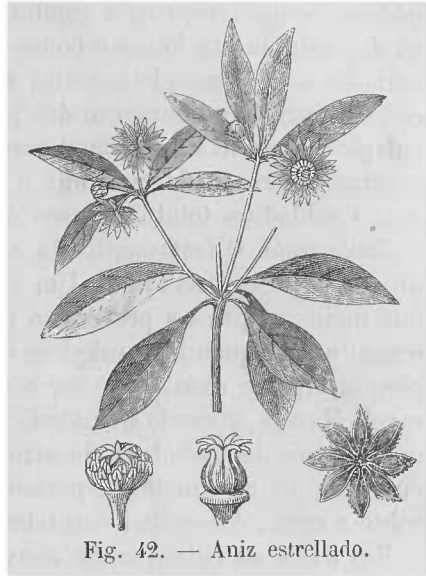


Fig. 42. — Aniz estrellado.

dos ossos ; taes são as feridas, as fracturas, e sobretudo a carie das extremidades articulares dos ossos.

O *prognostico* da ankylose é difficil de estabelecer. Em geral, pôde-se sempre destruir a rigidez articular recente, quando ella só depende de um longo repouso : podem-se tambem fazer cessar, mais ou menos completamente, as rigezas quando são recentes e consecutivas á inflammação das partes molles exteriores da articulação. É muito mais difficil curar as que são antigas ; pôde haver alguma esperança de melhorar o estado quando não são *completas*, mas a soldadura total dos ossos é incuravel.

Tratamento. O tratamento da ankylose, verdadeira ou falsa, é quasi sempre preservativo. Um só caso contraindica o emprego dos meios proprios a prevenir a união das superficies articulares, e vem a ser, quando a ankylose deve succeder á carie dos ossos, porque, n'este caso, deve ser considerada como terminação favoravel. Haverá sómente o cuidado de pôr as partes em posição tal, que, depois da soldadura da articulação, possam ellas ainda executar alguns movimentos ; portanto, dever-se-ha estender a perna sobre a coxa, e encolher o antebraço sobre o braço.

Em todos os outros casos convem evitar a formação da ankylose, porque é mais facil preveni-la do que cura-la.

Pôde-se prevenir a ankylose, que se forma em consequencia das fracturas vizinhas das articulações, deixando-se ao cirurgião executar durante o tratamento, e antes que a fractura esteja consolidada, ligeiros movimentos na articulação ; depois da consolidação do osso, o exercicio contribuirá para fazer recobrar ao membro em pouco tempo a sua flexibilidade natural ; mas não sendo este meio sufficiente, será preciso que o doente use de banhos d'agua tepida e de cataplasmas de linhaça. Tambem aproveitão as fricções seccas praticadas com os dedos sobre as partes molles da junta, e as fricções com azeite doce ou oleo camphorado. Ao mesmo tempo fazem-se executar, muitas vezes por dia, á articulação doente os movimentos que lhe são habituaes. Estes movimentos alongão os musculos e os ligamentos retrahidos, restituem-lhes a flexibilidade, e excitão a secreção do liquido synovial que lubrica as superficies articulares. Nas ankyloses que dependem da formação de membranas filamentosas entre as superficies articulares, os movimentos que se communicão á parte doente alongão, estendem e chegão mesmo a romper estes liames membranosos. Os movimentos que se imprimem aos membros devem ser brandos, limitados ; muito rapidos e forçados, occasionarião dôr e poderião determinar inflammação na junta. Frequentemente ouve-se, nas primeiras tentativas que se fazem para mover

uma articulação meio-ankylozada, uma crepitação particular que depende do alongamento dos ligamentos e da fricção das superfícies articulares; esta crepitação desaparece á medida que os movimentos se restabelecem. Estes movimentos devem ser communicados ao membro por pessoa intelligente; se a sua execução fosse confiada ao proprio doente, o receio da dôr lhe impediria dar-lhes a devida extensão, e assim tornar-se-hião inefficazes. Quando a retracção dos musculos e dos ligamentos é muito grande, é forçoso, ás vezes, recorrer aos meios mecanicos para alonga-los, endireitar o membro e restabelecer os seus movimentos. Existem para este fim diversas maquinas. Quando o antebraço está meio ankylozado na flexão, pôde chegar-se a estendê-lo fazendo trazer ao doente com a mão do lado affectado, um peso que se augmenta gradualmente. É preciso muito tempo e perseverança para curar certas ankyloses.

ANNA PINTA. *Veja-se* CAYAPÓ.

ANNEIS *que apertão os dedos.* Os anneis que se trazem habitualmente nos dedos podem produzir gangrena, quando estes inchão por causa de alguma ferida, de um panaricio, de uma postema ou erysipela do braço e da mão, E por isso, quando esta inchação é de temer, deve-se no mesmo instante tirar o anel. Depois de sobrevinda a inchação a extracção é mais difficil. Basta ás vezes, depois de untado o dedo com azeite doce, tirar e reter por detraz a pelle na base do dedo; ao mesmo tempo puxar para diante o anel. Chegado este á junta, larga-se subitamente a pelle, e o anel passa por si mesmo por cima da junta. Ha outro meio que consiste em untar com azeite o dedo, e mergulha-lo em agua fria. Alguns minutos depois d'esta immersão, tira-se ás vezes o anel com bastante facilidade. Se isto não fôr sufficiente, cumpre destruir esse corpo estranho. Se o anel é de ouro, é facil destrui-lo esfregando-o com unguento mercurial, visto que o mercurio forma com o ouro uma amalgama fragil. Mas se o anel fôr de cobre, ferro ou páo, é preciso corta-lo com tenalha incisiva, ou lima-lo. Uma precaução indispensavel, n'esta operação, consiste em garantir a pelle dos instrumentos por meio de qualquer chapa de metal ou de páo que se introduz debaixo do corpo estranho.

ANODYNOS. Medicamentos que tem a propriedade de acalmar as dôres, como o opio, o chlorhydrato de morphina, codecina, lactucario, ether, etc. *Veja-se* CALMANTE.

Licor anodyno de Hoffmann : é a mistura de partes iguaes de ether sulfurico e alcool; administra-se na dôse de 10 a 20 gottas, em 3 ou 4 colheres d'agua com assucar, nos espasmos, nas colicas nervosas, etc.; ou dá-se a cheirar nos desmaios.

ANOREXIA. Significa o mesmo que fastio.

ANTA ou TAPIRETE. Fig. 43. Animal do Brasil; pouco mais ou menos do tamanho do burro; tem o porte de porco; seu focinho alongado remata n'uma tromba, a qual, se bem que muito curta,

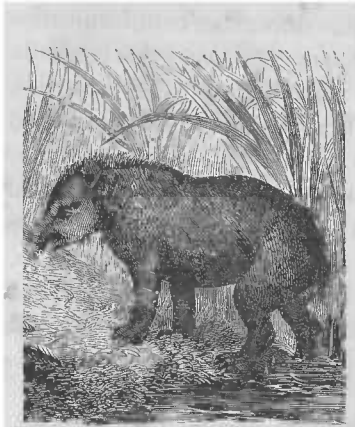


Fig. 43. — Anta ou tapirete.

é movível como a do elephante; tem a pelle de um pardo escuro, mui grossa e quasi sem cerdas. Este animal é tímido e tranquilo, não ataca senão quando o perseguem, alimenta-se de folhas e raizes das plantas, e vive em tropas nos mattos longe de povoado; gosta da borda d'agua, porque, como bom nadador que é, acha n'ella refugio quando o ataque. Domestica-se facilmente e cria-se nas casas; é muito nocivo ás plantações da canna de assucar pelo muito que d'ella gosta. Come-se-lhe a carne, que aliás não é muito estimada, e

tira-se da protuberancia que existe sobre o pescoço, e a que chamão *cachaço de anta*, uma banha que se emprega em fricções nas dôres rheumaticas; sua pelle fornece um couro muito grosso e muito estimado. Logo que as antas avistão o homem, precipitão-se na corrente mais proxima, e, nadando por muito tempo entre duas aguas, não tornão a apparecer senão a grande distancia e fóra do seu alcance. Estes animaes dormem de dia e vagão de noite.

ANTEBRAÇO. Porção do membro superior comprehendida entre a mão e o cotovelo. Compõe-se de muitos musculos e de dois ossos, *radio* e *cubito*. O radio acha-se situado da parte de fóra, isto é, do lado do dedo pollegar; o cubito corresponde á parte interna, isto é, ao dedo minimo.

Antebraço (*Deslocação do*). Veja-se DESLOCAÇÃO DO COTOVELO.

Antebraço (*Fractura do*). Veja-se FRACTURA.

ANTHELMINTICOS. Veja-se VERMIFUGOS.

ANTHRAX. Tumor inflammatorio mui duro, bastante doloroso, de côr vermelha-escura, que, no espaço de alguns dias, adquire muitas pollegadas de diametro; a pelle que o cobre esburaca-sê miudamente e deixa correr pus sanguinolento; mortifica-se e cahe. É um tumor da mesma natureza que o leicenco, porém muito mais volumoso.

Causas. As causas que originão esta molestia não são completamente conhecidas. É occasionada em alguns individuos pelo uso de alimentos indigestos e de má qualidade; pela applicação de

substancias acres, irritantes, sobre a pelle, por picadas; pela irritação entretida por um caustico, ulcera, sarna, empigem; por fadigas do corpo, etc.

Symptomas. 1º *periodo.* Depois de alguns dias de sêde, de fastio, e tambem sem que tenham precedido estes phenomenos, apparece sobre algum ponto do corpo um tumor inflammatorio, duro, doloroso, rubro, acompanhado de calor vivo. 2º *periodo.* O tumor augmenta por alguns dias, e estabelece-se a suppuração. A pelle abre-se em uma ou muitas aberturas, que deixão sahir o pus pela compressão. A dôr, o calor geral, a sêde e a febre diminuem então. 3º *periodo.* A compressão faz sahir o pus, depois solta-se o *carnegão*, sahe em pedaços, e deixa uma larga chaga com perda de substancia. A pelle despega-se, adelgaça-se e toma côr cerulea nas margens da ulcera. 4º *periodo.* O fundo da ulcera cobre-se de carnosidades, as margens da chaga conchegão-se, a suppuração diminue pouco a pouco, e forma-se cicatriz. Os tres primeiros periodos durão um prazo quasi igual, de cinco a dez dias para cada um; mas o do ultimo é illimitado, e depende da extensão na perda de substancia.

Prognostico. O prognostico do anthrax é muito variavel. Em geral quando o tumor não excede o volume de um ovo de gallinha, as consequencias não são graves; mas quando é muito volumoso, o doente corre grande perigo.

Tratamento. No principio da molestia convem administrar um vomitorio, 5 centigrammas (1 grão) de emetico n'uma chieara d'agua morna. No dia seguinte deve-se dar um purgante: 60 grammas (2 onças) de sal d'Epsom ou 30 grammas (1 onça) de oleo de ricino. Os evacuates podem fazer cessar os progressos da molestia. Sobre o tumor applica-se a cataplasma de linhaça, de fecula ou de farinha de mandioca. O meio de fazer desaparecer a estrangulação, consiste em praticar duas incisões que se cruzem no centro do tumor. Estas incisões facilitão a sahida do pus e dos carnegões, diminuem a dôr e a febre, e abreviãõ sobremaneira o prazo da molestia. Entretanto ha anthrazes benignos que sarão sem incisão, pelo unico emprego das cataplasmas de linhaça ou de fecula.

Qualquer que seja o modo de tratamento empregado, quer se tenha esperado a abertura espontanea do anthrax, quer se tenha reeorrido á incisão, eumpre limpar a ferida cada dia, lava-la com agua morna simples ou misturada com agua de Labarraque, ou com agua phenica, e desembaraça-la das esearas que impedem o corrimento do pus. Continuão-se as cataplasmas até que todas as carnes mortas estejam eliminadas; depois do que curar-se-ha a ferida com fios untados com ceroto simples. Sustentar-se-hão as

forças do doente com vinho, alimentação nutritiva, e com as pilulas tónicas seguintes :

Extracto de quina.. 8 grammas (2 oitavas).

Faça 24 pilulas. Para tomar tres por dia.

ANTIDARTROSOS, ANTIHERPETICOS, ANTIPSORICOS. Estes tres nomes applicão-se aos medicamentos que exercem sobre a pelle influencia especial, e são empregados nas molestias da pelle, como dartros, empigens, sarna, etc. Taes medicamentos são : enxofre, sulfureto de potassio, sulfureto de antimonio, aguas mineraes sulfurosas, mercurio, sublimado corrosivo, arsenico, iodo, salsaparrilha, guaiaco, docc-amarga, bardana, fumaria, caroba.

ANTIDOTO. *Veja-se* CONTRAVENENO.

ANTIFEBRIL. *Veja-se* ANTIPERIODICOS.

ANTIMONIO. Metal de côr branca prateada, de textura laminosa, em pequenos grãos quando é puro, e com largas facetas quando contém outros metaes; mui quebradiço e facil de pulverizar. Existe na natureza no estado metallico; mas aquelle que se encontra no commercio obtem-se do sulfureto do antimonio, e contém ferro, chumbo e arsenico; para tê-lo puro é preciso purifica-lo.

Alguns dos seus compostos são conhecidos dos antigos, entre outros, o sulfureto de antimonio, de que as senhoras egypcias se servião para tingir as sobrancelhas e as pestanas.

O antimonio metallico não se emprega em medicina. Não obstante, outr'ora, administrava-se em pilulas que atravessavão os intestinos sem mudança apreciavel, e são conhecidas com o nome de pilulas *perpetuas*, mostrando-se ligeiramente purgativas e vomitivas.

Varios compostos, que o antimonio forma com outros corpos, usão-se em medicina, mas alguns são venenosos, quando administrados sem precaução.

Os principaes d'estes compostos são : *Tartrato de antimonio e de potassa*, *Tartaro stibiado*, ou *Tartaro emetico*, ou simplesmente *emetico*. Este composto acha-se descripto no artigo EMETICO.

Antimonio diaphoretico, ou *bi-antimoniato de potassa*, impropriamente chamado *oxydo branco de antimonio*. Sal pulverulento, branco, insolvel em agua. Emprega-se nas bronchites, na dóse de 50 centigram. a 1 1/2 gram. (10 a 30 grãos) suspenso n'uma poção.

Sulfureto de antimonio. É um corpo solido, pulverulento ou crystallizado em agulhas, de côr cinzenta-azulada. Contém sempre arsenico. Antigamente era empregado na preparação da tisana de Feltz, mas hoje o seu uso está condemnado por causa dos accidentes que produzia.

1 *Hydrosulfato de antimonio ou kermes mineral.* Veja-se o artigo KERMES MINERAL.

· *Manteiga de antimonio.* Veja-se este artigo na sua ordem alphabetica.

3 **ANTIPERIODICOS**, OU FEBRIFUGOS OU ANTIFEBRIS. Medicamentos que exercem acção especifica contra as febres intermitentes, e outras affecções que tem o caracter de voltar em certos periodos de tempo, taes como enxaquecas, nevralgias faciaes, e outras molestias nervosas.

3 Estes medicamentos são : sulfato de quinina, casca de quina, quinium, casca de páo pereira, sub-carbonato de ferro, serpentina de Virginia, café, losna.

ANTIPHLOGISTICOS. Medicamentos ou meios proprios para combater a inflammação. O tratamento antiphlogistico consiste no emprego das sangrias, bichas, ventosas sarjadas, nas bebidas aquosas, mucilaginosas ou acidulas, conforme as circumstancias, taes como a infusão de linhaça, o cozimento de cevada, limonada de limão, de laranja, etc.; consiste ainda no uso dos banhos tepidos, das cataplasmas de linhaça, e na abstinencia mais ou menos completa das comidas.

ANTISCORBUTICOS. Medicamentos empregados contra o escorbuto. As folhas de agriões, de cochlearia, as fructas acidas gozão de propriedades antiscorbuticas. N'estes ultimos annos, reconheceo-se que as batatas, chamadas no Brasil *inglezas*, usadas como alimento, constituíam um dos melhores meios para preservar do escorbuto as tripolações dos navios. Muitas embarcações empregadas na pesca da baleia, preservárão as suas equipagens do escorbuto pelo uso d'este alimento, e outras tem visto cessar a molestia depois de se terem approvisionado de batatas em arribadas, ou em navios que encontrárão no mar.

ANTISEPTICOS. Medicamentos que impedem a putrefacção nas molestias. Os antisepticos escolhem-se entre os acidos, adstringentes, tonicos e estimulantes.

ANTISPASMODICOS. Os antispasmodicos são medicamentos que servem para modificar algumas perturbações do systema nervoso, conhecidas pelos nomes de espasmos, nevroses, nevralgias, etc. Diminuem os movimentos convulsivos, porém, quando estes não procedem da inflammação cerebral. Os medicamentos antispasmodicos são os seguintes : ether, camphora, assafetida, almiscar, castoreo, succino, valeriana, folhas de laranjeira, (*Veja-se cada uma d'estas palavras*).

A *poção antispasmodica* de que se faz uso nas molestias nervosas é a seguinte :

Agua..	120	grammas (4 onças)
Agua de flores de laranja.	4	grammas (1 oitava)
Ether sulfurico.	20	gottas
Xarope simples..	30	grammas (1 onça).
A poção <i>antispasmodica e calmante</i> é esta :		
Infusão de flores de laranja.	120	grammas (4 onças)
Ether sulfurico.	20	gottas
Laudano de Sydenham.	20	gottas
Xarope simples..	30	grammas (1 onça).

Ambas estas poções administrão-se ás colheres *de sopa*, com meia ou uma hora de intervallo.

ANTISYPHILITICOS. Medicamentos que, tomados internamente, tem a propriedade de destruir o virus syphilitico. São: mercurio simples, sublimado corrosivo, calomelanos, iodureto de mercurio, iodureto de potassio, ouro, oxydo de ouro, chlorureto de ouro, chlorureto de ouro e sodio, salsaparrilha, guaiaco, sassa-fraz, raiz da China.

ANTOJO. Desejo de uma mulher pejada. — Enquanto se desenvolve no utero o producto da concepção, os diversos apparelhos da economia recebem um influxo mais ou menos sensivel. Seja pelo effeito da compressão, seja sympathicamente, os orgãos digestivos são, ás vezes, a séde de um estado nervoso, particular, que se manifesta por um violento desejo de comer substancias desusadas, e até repugnantes. Assim, ha mulheres que preferem ás comidas mais appetitosas carvão, gesso, fructas verdes, e se a estes *antojos* se obedecce, graves accidentes podem sobrevir. Um professor de Montpellier foi testemunha de um caso d'esta natureza que ia quasi sendo fatal. Uma mulher grávida teve um desejo excessivo de vinagre; não souberão resistir-lhe; tanto abusou d'elle, que teria succumbido, se lhe não houvessem acudido com soccorros apropriados e perseverantes. Já que a razão é insufficiente para impedir tacs aberrações, forçoso é afastar as cousas que podem servir-lhes de objecto, e persuadir-se, apezar de alguns exemplos sem consequencia, de que as substancias de má natureza nunca penetrão no tubo digestivo sem prejuizo ou perigo para este. A prenhez não é um privilegio que possa justificar a inobservancia das regras de hygiene. Se o appetite é grande, dê-se á mullier alimentos sem sabor. Se existe um fastio profundo, sem causa morbida apreciavel, serão pelo contrario muito convenientes alimentos temperados, e bebidas sápidas. Não fallarei d'esses outros antojos, irregularidades do instincto ou perversão de certas faculdades da intelligencia, que parecem determinar singularidades numerosas, ou conduzir algumas mulheres grávidas a

actos culpaveis ; só ao medico pertence apreciar esses actos pelo gráo de malicia que os fez commetter, e esclarecer o juiz encarregado de pronunciar sobre a moralidade d'elles.

ANUS (MOLESTIAS DO). Chama-se *anus* ou *ano* a abertura inferior do canal alimentar. Muitas molestias accommettem esta região do corpo. Artigos especiaes são destinados ás *hemorrhoidas*, ao *macúlo*, á *fissura* e á *fistula do anus* : limitando-me n'este lugar aos casos de *imperforação*, *quéda* ou *hernia*, *postema do anus* e ao *anus anormal*.

1º Imperforação do anus. Este vicio de conformação é bastante grave. A criança que nasce assim tapada, morre indubitavelmente, se a arte não vem em seu soccorro. Com effeito, a primeira consequencia d'esta imperforação é a retenção das materias contidas nos intestinos, e que devem ser expulsas pouco tempo depois do nascimento. Ao principio, a criança não mostra dôr alguma, mas logo depois agita-se, recusa o peito ou larga-o, apenas o tem tomado, dá gritos que se vão tornando cada vez mais compungidos, faz, para expulsar as materias, esforços durante os quaes o rosto se torna vermelho ou arroxeadado ; o pescoço incha, a respiração accelera-se, o ventre torna-se duro, doloroso, e entumecido dos lados. A febre, a principio viva, é seguida de um frio de sinistro agouro ; finalmente sobrevem vomitos, soluços e a morte.

As pessoas que recebem a criança deixão ordinariamente de examinar se o anus está bem conformado ; entretanto, quanto mais tarde se reconhecer a causa dos accidentes que deixei descriptos, tanto menores serão as probabilidades da cura. Além d'isso, a imperforação do anus apresenta muitas variedades que exercem tambem grande influencia sobre o prognostico.

Umaz vezes o anus acha-se sómente fechado por uma membrana estendida por baixo das materias accumuladas, e que basta abrir para lhes dar sahida pela abertura ; outras vezes não existe no exterior vestigio algum : a extremidade inferior do intestino falta então, ou está separada da pelle pela grande espessura das partes ; ou finalmente existe a abertura ordinaria do anus, mas é terminada mais ou menos acima por um canal tapado, e que não tem communicação com o interior. Não custa comprehender quanto n'este ultimo caso é facil attribuir a qualquer outra causa, os accidentes que ameação a vida do innocente enfermo, se não ha cuidado em examinar os pannos que o enfachão.

Para corrigir este defeito, torna-se indispensavel uma operação. Se o anus está simplesmente tapado por uma membrana, é preciso fura-la com bisturí para lhe dar sahida. Muitas crianças

podem assim sarar perfeitamente, comtanto que a operação seja feita a tempo.

Mas nos casos em que existe a abertura anal, estando tapado o intestino no interior do corpo, a operação é ás vezes impraticavel, ou o seu resultado incerto, e a criança está condemnada á morte mais ou menos prompta.

2º **Sahida, quéda, ou prolapso do anus.** vulgarmente *via de fóra*. Esta molestia consiste em um tumor que o intestino, virado sobre si mesmo, como um dedo de luva, faz através da abertura do anus. Este tumor não se mostra ao principio senão quando o doente expulsa as materias excrementicias; e recolhe-se por si mesmo ou por meio de uma ligeira pressão; mas, passado tempo, sahe ao menor esforço.

O prolapso do anus observa-se sobretudo nas crianças que têm o costume de gritar. As mulheres são muitas vezes accomettidas d'elle durante os esforços do parto. Nas pessoas idosas observa-se tambem depois da dysenteria. Os adultos raras vezes soffrem esta molestia, e sómente quando, por outra doença, são obrigados a grandes esforços de expulsão, como retenção de ourinas, pedra na bexiga, prisão renitente do ventre, etc.

Abandonado a si mesmo, o prolapso do anus augmenta; é acompanhado de um fluxo purulento e fetido, que enfraquece muito o doente, e o torna um objecto de aborrecimento para si proprio, e para as pessoas que o rodeião, e até a gangrena póde ser o resultado da constrictão das partes. Por consequencia é urgente fazer desaparecer esta molestia, ou ao menos palliar os seus accidentes, e prevenir as desordens ainda mais graves, que ella possa occasionar.

Quando o tumor é recente, a primeira indicação consiste em reduzi-lo. Para isto é preciso deitar o doente horizontalmente e sobre um lado, curvar uma coxa e estirar a outra; recommendar-lhe que não faça o menor esforço, e fazer afastar as nadegas por um ajudante. Estando tudo assim disposto, introduz-se o index da mão esquerda na abertura terminal do tumor, e pouco a pouco se fazem tornar a entrar as partes que sahirão. Muitas vezes não é necessario introduzir o dedo no anus, basta, para obter-lhe a redução, cobrir o tumor com panno de linho, e comprimi-lo com a mão. Terminada a operação, applicão-se fios sobre a abertura anal; mantem-se estes com uma toalha cingida á roda do corpo, e com uma ligadura que, atada atraz d'este cinto, passa sobre o anus, depois entre as coxas, e vai prender-se na parte anterior do mesmo cinto.

Nas crianças mui tenras, impede-se a sahida do intestino recto

sostendo o anus, no momento da defecação, com dois dedos apartados.

O prolapso do anus reproduz-se ás vezes apesar da ligadura ; cumpre, então, tornar a reduzir o tumor e empregar os meios mais efficazes que possam conseguir a cura radical. Quando a molestia é recente e o individuo moço, consistem estes meios em semicupios frios, d'agua simples ou misturada com vinagre, ou com vinho tinto.

O prolapso do anus nas crianças não resiste aos lavatorios com vinho tinto, ou aos banhos e clysteres d'agua fria. Mas quando a molestia é antiga, mui consideravel, ou quando o doente tem certa idade, só uma operação cirurgica póde cura-la. Quando a doença está complicada com tumores hemorrhoidaes, basta fazer a excisão d'elles para obter a cura do prolapso do anus. Não existindo esta complicação, o cirurgião escolhe, para estreitar o anus, a cauterização, a excisão do tumor, ou então a excisão das rugas da pelle.

Mas quando o prolapso do anus, como acontece em algumas pessoas, consiste apenas na sahida da membrana interna pelo esforço da defecação, e forma um pequeno tumor que o doente faz entrar com facilidade, póde-se, conservando o ventre livre por meio de clysteres frios, e introduzindo uma pequena mecha, tornar este incommodo pouco desagradavel. Todavia, mesmo n'este caso, a cirurgia póde curar o doente por uma operação mui pequena (excisão de algumas rugas da pelle do anus), e mui preferivel á sujeição que occasionão os cuidados quotidianos, os quaes de outro modo se tornão necessarios.

3º **Postema perto do anus.** *Veja-se* ABCESSO, Vol. 1, pag. 4.

4º **Affecções venereas do anus.** No anus, como nas partes genitacs, podem desenvolver-se cancrios (vulgo cavallos), purgações e vegetações.

Os *cavallos* do anus não differem das ulceras do mesmo nome, que se desenvolvem nas partes genitacs, senão pelo perigo que os acompanha, perigo este que resulta da vizinhança da bexiga no homem, e da vagina na mulher. Com effeito, podem furar os septos que separão do anus estas partes, e produzir accidentes mui graves. O seu tratamento nada offerece de particular. (*Veja-se* CAVALLO.)

A *purgação* do anus, que é semelhante á que se chama gonorrhœa, exige frequentes banhos, clysteres de decoção de linhaça e o uso interno do balsamo de copahiba. (*Veja-se* BLENNORRHAGIA.)

As *vegetações do anus*, que se chamão, segundo a sua fórma e aspecto, cristas de gallo, figos, condylomas, mariscas, são symp-

tomas de molestia venerea geral. Exigem unturas com unguento mercurial, lavatorios com dissolução de sublimado, ás vezes é necessario corta-las com tesoura. A este tratamento externo accrescenta-se sempre o uso interno das preparações mercuriaes. (*Veja-se SYPHILIS.*)

5º **O Scirrho** ou **canero** affecta ás vezes o anus. O unico meio de curar esta molestia é a extirpação.

6º **Fistula no anus.** *Veja-se FISTULA.*

7º **Anus anormal.** Póde acontecer por uma causa qualquer, que um dos intestinos esteja furado e communique exteriormente por uma abertura, que dê passagem ás materias estercoraes. Esta abertura anormal, que constitue uma enfermidade desagradavel, tem o nome de *anus anormal*. N'este caso a abertura inferior dos intestinos, em vez de se achar no anus, encontra-se no embigo, virilha, ou alguma outra região do ventre. O anus anormal é ás vezes um vicio de nascença, mas de ordinario provém de algum accidente. Procede sobretudo de feridas do ventre, e quando um intestino foi cortado no seu todo ou em parte. Então, quasi sempre o doente morre de peritonite, em consequencia de se derramarem os excrementos no ventre ; mas ás vezes estabelecem-se adherencias entre o intestino ferido e as bordas exteriores da ferida : as materias podem então correr para fóra, e o doente escapar graças ao anus anormal. Esta doença póde ainda ter por origem a hernia estrangulada, na qual a porção de um intestino deslocado ficou gangrenada ; as materias sahem n'este caso para fóra abrindo as paredes do ventre, e determinando a formação de uma postema. As outras causas são : abcessos que sobrem nas paredes de um intestino, e a estrangulação de uma porção de intestino pela ligadura do cordão umbilical nos recém-nascidos, quando existe a quebradura congenita atravez do embigo, e a parteira não deo pelo caso.

As materias que sahem pelo anus anormal approximão-se mais ou menos da natureza do chylo ou da dos excrementos, segundo que a porção do intestino aberto pertence á parte superior, ou inferior do tubo digestivo : o intervallo do tempo que deve decorrer entre a ingestão dos alimentos e a sua sahida, deve variar segundo as circumstancias. É facil, com effeito, conceber, que quanto menor fôr a porção dos intestinos percorrida pelos alimentos, tanto menos ficará absorvida a sua parte nutritiva, e tanto mais a nutrição se tornará incompleta, sobretudo se a abertura fôr larga, e se a maior parte ou a totalidade das materias correr para fóra. Assim, quando o tracto fistuloso principia na porção superior do tubo digestivo, o emmagrecimento sobrem rapidamente ; os

doentes comem muito, sem se restabelecerem as forças, e succumbem de marasmo não se recorrendo aos meios curativos. Quando, pelo contrario, a abertura anormal occupa uma parte do intestino mais vizinha do anus, o doente é menos affectado, e citão-se casos em que os enfermos conservarão, durante mais de dez annos, essa má disposição, sem consideravel deterioramento na saude. Esta doença, que é muito desagradavel, produz, além d'isso, erysipelas e outros incommodos ; pelo que deve-se sempre tentar a cura.

O *tratamento* consiste em fazer a compressão por meio de mecha de fios introduzida na abertura exterior, ou em cortar, com instrumento particular, o septo que impede as materias de passarem da extremidade superior do intestino á extremidade inferior. Quando a molestia é incuravel, ou quando a operação apresenta grandes difficuldades, forçoso é limitar-se aos cuidados de asseio, e ao emprego de um apparelho apropriado. Compõe-se este apparelho de uma chapa de marfim, que se applica sobre a abertura exterior, e que tem no centro um buraco, ao qual se adapta um tubo de gomma elastica guarnecido de uma valvula mui movel ; as materias passam por este tubo e cahem n'uma caixa de prata ou de estanho, que se póde tirar e tornar a pôr, para limpeza. Fixa-se ao corpo o apparelho inteiro com fitas e correias.

ANXIEDADE. *Veja-se ANCIA.*

APERIENTES OU DESOBSTRUENTES. (Da palavra latina *aperire*, abrir.) Deo-se outr'ora este nome a diversas substancias que se julgavão proprias para abrirem as vias biliaras e urinaras. E por isso a maior parte dos aperientes gozão de propriedades laxativas ou diureticas. O cspargo, a salsa, as azedas, o cerefolio, o nitro, forão considerados como aperientes.

A denominação de aperientes, que dependia das ideias hypotheticas que antigamente reinavão, acha-se hoje banida da linguagem medica, e só é empregada pelas pessoas estranhas á arte de curar.

APERTO DO CANAL DA URETHRA. *Veja-se ESTREITAMENTO.*

APHASIA. (De *a* privativo, *phasis*, palavra). Estado de um individuo que se acha na impossibilidade de pronunciar certas palavras e de exprimir o que tem vontade e intenção de dizer. Chamão-lhe tambem *aphenia*, *alalia*, *anaudia*.

Causas. A aphasia é um symptoma que pertence a muitos estados morbidos. Póde ser de nascença e depender do idiotismo, da surdo-mudez, dos vicios de conformação; ou é adquirida, e então é o resultado das lesões organicas ou das perturbações nervosas do cerebro. A aphasia foi observada em consequencia da febre typhoide,

de um resfriamento subito, das bexigas, do rheumathismo articular agudo, do excesso nas bebidas alcoolicas, dos excessos venereos, de fortes applicações de espirito, de mui vivas emoções taes como a colera, o susto, etc.

Symptomas. O individuo affectado de aphasia não pôde empregar as palavras justas, ou serve-se sempre das mesmas palavras e sem o menor sentido nem relação com as perguntas. Seu olhar e sua physionomia ordinariamente intelligentes, exprimem o enfado, o pesar, o desespero, a colera de não poder fallar. Faz gestos expressivos por meio dos quaes procura fazer-se comprehender, e indica que concebe mais ou menos o que se lhe pergunta, mas não pôde responder.

As variedades de aphasia são numerosas. Segundo as observações dos medicos, alguns doentes só perdem a faculdade de dizer o seu proprio nome; outros, nomes e palavras, por exemplo aquelle homem que para dizer: tesoura, empregava a periphrase: a cousa com que se corta. « O Professor Bouillaud cita o caso de um individuo que esqueceo os tempos dos verbos, dizia: dar bons dias, em vez de: dou-lhe os bons dias. » Alguns empregão certas palavras por outras. Um doente dizia « lenço », entretanto que pensava *livro*. Um doente pedia as suas botas em vez de um pedaço de pão; um outro um copo por um livro; um outro confundia os nomes dos seus filhos.

O Professor Trousseau citava nas suas lições o caso seguinte: Em 1853 entrou para a enfermaria um joven operario que, em consequencia de copiosas bebidas alcoolicas, tinha perdido a faculdade de fallar. Podia mover a lingua, o queixo e os labios com muita facilidade; a expressão dos olhos e da physionomia indicava que havia integridade da intelligencia. Perguntou-se-lhe se sabia escrever, fez um signal affirmativo; apresentou-se-lhe papel, penna e tinta, e pediu-se-lhe que escrevesse o seu nome e a sua morada; foi-lhe impossivel escrever qualquer cousa, e no entanto os dedos gozavão de completa mobilidade. O Dr. Trousseau prescreveo-lhe alguns purgantes, fricções estimulantes nas fontes e na nuca. No fim de dez a quinze dias, o doente principiou a fallar, e depois de um mez de tratamento, sahio perfeitamente curado. Então pôde contar o que lhe tinha acontecido, e disse que durante o tempo da sua molestia, não só não podia pronunciar uma unica palavra, mas tambem as palavras não se apresentavão á sua memoria.

Prognostico. A aphasia é passageira ou persistente. No primeiro caso é uma nevrose ou depende da congestão do cerebro, e sara n'um tempo que não excede de alguns mezes; no segundo provém da apoplexia ou do amollecimento do cerebro, e é, as mais das

vezes, incuravel. O prognostico depende das causas, do estado da intelligencia e da simplicidade ou não do estado morbido.

Tratamento. A aphasia nervosa exige uma tranquillidade absoluta do espirito, regimen corroborante e tempo. A aphasia produzida pela congestão do cerebro, reclama bichas no anus, sangria, purgantes. Um caustico na nuca é muitas vezes util. Na aphasia dependente do amollecimento, ou de alguma outra lesão organica do cerebro, é necessario limitar-se só aos cuidados hygienicos.

APHONIA. Esta palavra emprega-se para designar toda a especie de enfraquecimento ou de extinção da voz. *Vejá-se PERDA DA VOZ* no artigo Voz.

APHRODISIACOS. É o nome que se dá a tudo aquillo que póde excitar os desejos amorosos, augmentar a faculdade reproductora, ou reanima-la quando se acha mais ou menos abolida. Se a fraqueza ou a *impotencia* dos órgãos genitales fosse constantemente a consequencia da libertinagem, não se faria menção dos aphrodisiacos n'esta obra. A missão, por assim dizer, sacerdotal do medico não deve associar-se ao vício, indicando os meios de prolongar a sua duração. Porém muitas circumstancias podem diminuir, destruir mesmo nas pessoas mais virtuosas a aptidão para os deleites do amor, e para preencher os deveres do matrimonio : é então uma obrigação sagrada, offerecer-lhes os recursos da arte, com os quaes estes infelizes possam exercer uma função tão importante, e ao mesmo tempo a mais nobre que a natureza confiou ao homem. Vejamos quaes são as substancias a que se attribuem virtudes aphrodisiacas.

A pimenta e os outros temperos, taes como a uoz moscada, a baunilha, o cravó da India, a canella, o gengibre, etc., são estimulantes energicos, que dispõem aos prazeres do amor. Existem alimentos estimulantes e mui nutritivos, que tem a propriedade de restabelecer as forças, e excitar ao mesmo tempo toda a economia, e por consequencia os órgãos da geração. A esta categoria pertencem as carnes salgadas, assadas, a caça, o peixe, os ovos, as tubaras, o salepo, sagú, tapioca, araruta, chocolate e os vinhos generosos. O aipo, os agriões, o alho e a mostarda gozão tambem de uma energia comprovada por numerosas observações. Muitas atonias do membro viril tem sido curadas pela applicação dos pannos molhados na maceração de farinha de mostarda em agua fria. Os Turcos provocão os prazeres physicos e moraes por meio do opio; mas esse estado, que é pura molestia, nunca deve ser provocado.

Entre as substancias medicamentosas indicaremos o almiscar e o ambar cinzento que gozão de virtude aphrodisiaca, e que podem

ser empregados sem perigo. Outro tanto não se pôde dizer das cantharidas, cuja excessiva energia é conhecida de todos. Ellas dirigem principalmente a sua acção sobre o systema urinario e genital, que estimulação, irritação, inflammão e até corroem, segundo a dóse, e a maneira por que forão administradas. As beberagens, os philtros amorosos, em uma palavra todas as preparações aconselhadas pelo charlatanismo para restabelecer o vigor dos orgãos da geração, devem ás cantharidas as suas poucas vantagens, e sobretudo os seus terriveis effeitos. Todas as febres nervosas, as retenções de ourina, e frequentemente as erecções que resultão da applicação de um caustico, em um individuo delicado, devem ser attribuidas á introduccão d'esta substancia na economia pelos poros da pelle. Tem-se ainda elogiado o phosphoro para fazer reviver a virilidade extincta. Esta asserção, porém, não está ainda confirmada por sufficientes observações; entretanto, não se duvida que essa substancia seja um veneno violento, e que, ainda em mui fraca dóse, produza morte rapida e cruel.

Longe de satisfazer aos desejos ridiculos de um velho, ou ás proezas vergonhosas de um moço libertino, a medicina deve prevenir estes individuos contra os perigos, que podem resultar da menor imprudencia n'este caso. Henricus-ab-Heers cita o exemplo de um septuagenario que, para reanimar o appetite venereo; engulio cantharidas incorporadas n'um xarope; mas logo sobreveio-lhe inchação excessiva das partes genitales, ourinas sanguinolentas, etc., e este velho insensato não escapou á morte senão com muito custo. Cabrol, celebre cirurgião do seculo passado, refere tambem o fim desgraçado de um Provençal, o qual, por ter tomado um aphrodisiaco mui energico, foi affectado de um *priapismo* tão violento, que morreo d'elle. Ambrosio Paré cita igualmente o exemplo de um individuo, o qual, para se distinguir nos jogos de Venus, fez uso de um aphrodisiaco, de que succumbio. A morte do poeta Lucrecio é por seus biographos attribuida a um philtro amoroso, que recebeu de sua querida Lucilia. Fôra um nunca acabar, se se quizesse continuar a historia das desgraças que tem sido occasionadas por estes remedios incendiarios. O homem sensato deve, por consequente, acautelar-se contra as receitas perigosas dos charlatães, que por especulação sacrificão os infelizes que a elles se confião.

Quando o desejo não se faz sentir é quasi sempre perigoso provoca-lo, qualquer que seja o meio para este effeito empregado. O unico aphrodisiaco, que não repugna á razão e á prudencia, consiste n'um regimen tonico e restaurador; é este o unico tambem que não offerece inconveniente para a saude geral. (V IMPOTENCIA.)

APHTAS. As *aphtas* são pequenas ulcerações que se desenvolvem na face interna da bocca, ou na garganta.

As *aphtas*, consideradas no seu estado de simplicidade, constituem um incommodo benigno, que cede a um regimen sobrio, ás bebidas acidulas e aos lavatorios feitos com agua morna e mel rosado : ás vezes é necessario toca-las com pedrahume ou pedra infernal ; mas quando as ulcerações se multiplicão em muitos pontos da bocca, é preciso tomar um purgante brando, como 8 grammas (2 oitavas) de magnesia calcinada, ou 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) de cremor de tartaro dissolvido n'um copo d'agua fria com assucar.

APIOL. Liquido amarellado, oleoso, não volatil, obtido dos fructos da salsa hortense, *Apium petroselinum*. Linneo. É solúvel no alcool e no ether, insolúvel na agua ; de sabor acre, picante ; cheiro especial e tenaz. Na dóse de 1 gramma (20 grãos) produz uma excitação cerebral leve ; na dóse de 2 a 4 grammas, occasiona uma especie de embriaguez acompanhada de dôr de cabeça e vertigens. É aconselhado, em capsulas, contra as febres intermittentes e na falta de menstruação, na dóse de 25 centigrammas a 1 gramma (5 a 20 grãos).

APONEVROSE. As *aponevroses* são membranas brancas, luzentes e mui resistentes, que envolvem e mantem os musculos. Sua face interna acha-se em contacto com estes musculos, a externa está coberta pela pelle. (Veja-se ANATOMIA, Vol. I, pag. 172.)

APOPLEXIA, APOPLEXIA CEREBRAL, AR, RAMO DE AR, OU ESTUPOR. Chama-se geralmente *apoplexia*, e mais particularmente *apoplexia cerebral*, uma congestão de sangue no cerebro, seguida ou não do derramamento d'este liquido na substancia do cerebro, e cujo symptoma principal é a perda subita, e mais ou menos completa, do sentimento e do movimento. Esta molestia designa-se tambem vulgarmente debaixo do nome de *ar*, *ramo de ar*, ou *estupor*.

Causas. Tudo o que favorece a congestão do sangue na cabeça póde occasionar esta molestia. Entre as suas numerosas causas, contão-se as paixões vivas, sobretudo a colera, a alegria excessiva e os pezares profundos. A embriaguez, os abusos dos licores espirituosos, dos alimentos substanciaes ; o somno depois de um copioso jantar ; a exposição da cabeça descoberta a um sol ardente ; uma temperatura mui elevada ou um frio excessivo ; os banhos mui quentes e prolongados ; o excesso dos trabalhos intellectuaes ; o abuso dos prazeres venereos nas pessoas idosas ; os vestidos muito apertados ; o costume de se deitar com a cabeça mui baixa ; os gritos violentos ; o somno mui prolongado ; a suppressão de um fluxo sanguineo habitual, como o fluxo hemorrhoidal ou menstrual :

taes são as causas mais ordinarias da apoplexia. Ella póde atacar os individuos magros e pallidos, porém é muito mais frequente nos sanguineos.

Symptomas. A invasão da apoplexia é ás vezes annunciada por alguns symptomas precursores, como zunido nos ouvidos, vertigens, dôres de cabeça, propensão para o somno, uma especie de embriaguez, enfraquecimento da vista, do ouvido, da memoria, embaraço na falla, enfraquecimento dos membros de um lado, comichão no corpo, e mesmo pequenos estremecimentos convulsivos. Todo o individuo que se achar sob a influencia de uma ou de muitas causas indicadas, e que experimentar algum d'estes symptomas, deve receiar um ataque de apoplexia, e fazer todo o possivel para o prevenir. As mais das vezes, a apoplexia sobrevem subitamente, e eis-aqui os symptomas que lhe são proprios :

Quando é *leve*, e não ha mais que uma *congestão* passageira, o doente experimenta uma simples vertigem; um entorpecimento subito de um membro, de um lado do corpo; difficuldade de apertar objectos pequenos; embaraço nos movimentos da lingua; uma pequena confusão nas ideias. Não ha perda de sentidos, ou havendo-a, não dura muito tempo. A paralyisia incompleta que existe, diminue logo, e no fim de alguns dias dissipa-se inteiramente, de sorte que o doente não conserva vestigio algum do seu ataque, cuja causa frequentemente desconhece. Quando a apoplexia é *forte*, o doente perde immediatamente os sentidos; todo um lado do corpo se paralyisa, a falla é impossivel, a bocea entorta-se, o rosto torna-se, umas vezes, de uma pallidez extrema, verde, amarella, livida; outras vezes, vermelho, roxo e inchado; enfim, as urinas e as materias fecaes são retidas ou involuntariamente expellidas. No gráo *mais forte* da molestia, o doente cahe morto como por um raio, e por isso a apoplexia n'esse gráo chama-se *fulminante*. Entre estes tres grãos da molestia existe um numero infinito de grãos intermedios, que será faeil approximar a um dos que deixei descriptos.

Prognostico. A apoplexia leve cura-se facilmente; porém a apoplexia forte produz ás vezes a morte subita, mas ordinariamente não é seguida d'este funesto effeito, senão passados tres ou quatro dias. É raro que chegue ao oitavo ou nono dia sem que se opere então uma melhora mais ou menos consideravel, e que consiste na volta da intelligencia e da falla; mas esta melhora nem sempre é signal da cura completa. A perda da memoria, o enfraquecimento ou abolição completa das faculdades intellectuaes, uma paralyisia ineuravel, a excreção involuntaria das materias fecaes e das urinas, taes são as consequencias que ás vezes persistem.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer a uma pessoa que acaba de ter um ataque de apoplexia, é despi-la, colloca-la na cama com a cabeça descoberta e muito elevada, em um quarto cuja temperatura seja fresca. Cumpre applicar na testa um panno molhado em agua fria, misturada com um pouco de vinagre, e renova-lo frequentemente afim de que se conserve sempre frio. Administre-se immediatamente um purgante segundo a receita seguinte :

Agua.	180 grammas (6 onças)
Sulfato de magnesia.	60 grammas (2 onças).

O doente beberá este purgante em duas porções, com um quarto de hora de intervallo.

Quando a deglutição não poder ter lugar, administre-se todo este purgante em elyster, com a unica differença de que a agua em que se dissolve o sulfato de magnesia deve estar tepida, em vez de ser fria.

Appliquem-se sinapismos nas pernas e eoxas.

Se o doente fôr de constituição forte, se a face estiver turgida, o pulso forte e cheio, pratique-se uma sangria no braço, e tirem-se 360 grammas (12 onças) de sangue.

Mas se o pulso estiver fraeo e a pelle fria, em vez de tirar sangue, convem soste as forças desfallecentes, esfregando o corpo com baeta ou escova, administrando chá de herva eidreira, e uma colher *de sopa*, de quarto em quarto de hora, da poção seguinte :

Agua.	..	120 grammas (4 onças)
Ether sulfurico..		30 gottas
Xarope simples	.	30 grammas (1 onça).

Applique-se depois um caustico em cada perna.

A dieta será severa no primeiro dia. Para bebida o doente usará d'agua fria, limonada de laranja ou de limão. No dia seguinte poderá tomar alguns caldos de gallinha; mais tarde alguns mingãos de tapioca ou de araruta, e não usará de alimentos mais solidos, senão depois de passado todo o perigo.

Depois do ataque de apoplexia, persiste, ás vezes, paralyisia nos membros. Combate-se esta, fazendo fricções com os linimentos seguintes :

1º Balsamo de Fioravanti.	120 grammas (4 onças).
2º <i>Linimento volatil.</i>	
Oleo de amendoas doces	90 grammas (3 onças)
Ammoniacõ liquido	10 grammas (2 1/2 oitavas).

Misture.

3º *Linimento camphoro-ammoniacaal cantharidado.*

Linimento volatil. 90 grammas (3 onças)

Camphora. 12 grammas (3 oitavas)

Tintura de cantharidas. 30 gottas.

Misture e mexa sempre que d'elle usar.

Fazem-se duas fricções por dia, com um d'estes linimentos, sobre os membros paralyzados.

Meios preservativos da apoplexia. O individuo predisposto pela sua constituição á apoplexia, ou que já experimentou alguns indicios d'ella, deve tomar as seguintes precauções. Viver sobriamente, não fazer uso nem do vinho puro, nem de licores espirituosos; não cear, evitar as emoções subitas e violentas da alma; a impaciencia, a colera; viver n'uma tranquillidade que não seja perturbada nem pelo medo da morte, nem pelas felicidades, ou desgraças; abster-se, depois da comida, de qualquer trabalho intellectual, e cessar as occupações logo que experimentar peso de cabeça; não se expôr a um sol ardente, nem ficar em quartos ou lugares demasiado quentes, em que se ache junta muita gente, como nos theatros e outras reuniões; habitar em lugares frios de preferencia aos quentes; não fazer uso de banhos frios, mas sim de mornos; trazer roupa larga, e principalmente não ter o pescoço apertado; dormir com a cabeça muito alta; evitar os excessos venercos, e sobretudo depois da comida; não se entregar a nenhum exercicio violento, como o correr, valsar, etc., mas aproveitar-lhe-hão pequenos passeios diarios a pé ou de sege; o ventre devê conservar-se livre mediante alguns purgantes, ou simplesmente por clysteres; tratará de ter os pés quentes, e a cabeça fresca. Se o individuo é sujeito ás hemorrhoidas, deve respeitar esta evacuação, e applicar bichas no anus, caso ella se suspenda. Será preciso recorrer á sangria do braço, se um ataque parecer imminente.

APOPLEXIA PULMONAR. Os pulmões podem ser espontaneamente a séde de derramamentos sanguineos, que offerecem grande analogia com os do cerebro. Deo-se a esta affecção o nome de *apoplexia pulmonar*, e esta expressão é justificada não sómente pelas lesões anatomicas, mas ainda pelo modo de invasão da molestia, que é frequentemente subita, instantanea.

Symptomas. Ordinariamente a molestia principia pela oppressão, difficuldade de respirar, por dôres mais ou menos vivas no peito; o doente tosse e deita sangue. Os escarros são tão abundantes, que o sangue sahe ás golfadas, e ás vezes em tão grande quantidade, que parece ser vomitado. O sangue sahe ao mesmo tempo pela bocca e pelo nariz. Mas estas graves hemorrhagias não tem

lugar scñão quando o pulmão se acha desorganizado em grande extensão. N'estes casos, a molestia principia em geral subitamente; os doentes deitão golfadas de sangue e succumbem em alguns instantes; diz-se então que a apoplexia é fulminante; mas estes casos são felizmente mui raros. A quantidade de sangue expectorado em 24 horas é de 60 a 120 grammas (2 a 3 onças).

Se a molestia tem de terminar felizmente, a quantidade de sangue expectorado diminue cada dia, e desaparece ao cabo de um tempo variavel. O sangue é ordinariamente de côr rubra mais ou menos carregada. Se a molestia é simples, não ha febre.

A apoplexia pulmonar não póde ser confundida com a pneumonia, na qual existe febre, e os escarros são côr de tijolo.

Causas. A plethora, a impressão do frio, a suppressão do fluxo menstrual ou hemorrhoidal, são consideradas como as causas ordinarias da apoplexia pulmonar; porém, as mais das vezes esta molestia depende de algum obstaculo no curso do sangue, obstaculo que reside quasi sempre no coração.

Tratamento. Cumpre applicar immediatamente sinapismos nas pernas e coxas, e administrar de hora em hora uma colher *de sopa* da poção seguinte :

Agua.	90 grammas (3 onças)
Tartaro stibiado...	30 centigrammas (6 grãos)
Xarope simples.	30 grammas (1 onça).

Nos intervallos da poção, dê-se a beber a limonada de limão fria.

Se os escarros não pararem, administre-se no segundo dia a bebida seguinte :

Agua.	500 grammas (16 onças)
Nitro.	15 grammas (4 oitavas)
Xarope de vinagre	60 grammas (2 onças).

O doente tomará uma chicara d'esta bebida, de duas em duas horas.

Para os casos menos graves, *veja-se* ESCARROS DE SANGUE.

APOSTEMA. *Veja-se* ABCESSO.

APOZEMA. Decocção ou infusão de uma ou mais substancias vegetaes, á qual se ajuntão diversos outros medicamentos, taes como saes, xaropes, tinturas ou extractos. Preparão-se apozemas purgativos, febrifugos, antiscorbuticos, etc. O cozimento branco de Sydenham é um apozema. O apozema é sempre mui composto e mui carregado de principios vegetaes, o que o distingue da decocção simples, pelo que nunca serve, como a tisana, de bebida ordinaria ao doente.

APPARELHO. Dá-se este nome, em cirurgia, á reunião dos instrumentos e objectos necessarios para praticar alguma ope-

ração ou fazer um curativo, taes como ataduras, chumaços, tiras agglutinativas, fios, talas para fracturas, almofadinhas, etc.

APPETITE. O appetite, ou desejo de tomar alimentos, principia com a existencia, e dura toda a vida como o mais imperioso dos instinctos. O appetite varia conforme muitas circumstancias: é mais vivo na idade em que o corpo cresce. As crianças e as pessoas jovens são as que supportão com mais custo a abstinencia. Come-se mais quando o tempo está frio e enxuto, do que quando quente e humido. Os homens precisam de mais alimento que as mulheres; os individuos vigorosos, entregues a exercicios penosos, consomem mais.

É preciso ter em consideração quando o appetite se perde sem causa apreciavel, entretanto que a sua regularidade é indicio de saude perfeita. O desejo de comer é commummente um bom signal nas enfermidades. Falta ordinariamente nas molestias agudas acompanhadas de febre. Nas que são chronicas exige uma justa apreciação. De certo, a opinião popular de que não se póde viver sem comer, tem feito grande numero de victimas; mas os medicos que exagerarão o principio opposto, abusando da dieta, fizerão tambem muito mal. O instincto dos doentes deve ser attendido, assim como merecem tambem de o ser as suas appetencias e repugnancias.

Prescindindo das molestias, ha muitas causas que diminuem o appetite: a falta de exercicio, os trabalhos de espirito, os pezares, as paixões em geral, uma alimentação desmedida, mui frequente, muito uniforme. O fastio remedeia-se com exercicios, distracções, um pouco de dieta ajudada de bebidas amargas, como chá de macella, de lupulo, pela regularidade nas comidas, e variedade nos alimentos. O dormir demasiado tira tambem o appetite, e d'ahi veio o proverbio: « *Quem dorme, come.* » *Veja-se* FASTIO.

APYREXIA. A apyrexia é o tempo que separa os accessos da febre intermittente. Tambem se chama *intermittencia*, ou *remissão*. A apyrexia é completa quando o doente entre os accessos não apresenta symptoma algum de febre; no caso contrario é incompleta. A apyrexia é mais ou menos longa segundo o genero da febre; póde variar de algumas horas até dois ou tres dias, conforme a duração do accesso, e conforme a febre fôr quotidiana, terça, quarta, etc. Durante a apyrexia é que se administração dos remedios para impedir a volta dos accessos febris.

AR, RAMO DE AR, AR DE ESPAMO. *Veja-se* APOPLEXIA.

AR. O ar, fluido invisivel, transparente, sem côr, nem cheiro, compõe-se de 21 partes de gaz oxygeno e 79 partes de gaz azoto. O ar é o alimento da vida; sem elle não poderião existir nem

animaes, nem vegetaes. Introduzido em nossos pulmões, este fluido faz passar o sangue por uma modificação necessaria á existencia; de negro e venoso que era, torna-se vermelho e arterial: e repellido pelo coração, depois d'esta transformação, o liquido sanguineo derrama por todo o corpo o calor, o movimento e a vida.

A pureza do ar que se respira é uma das primeiras necessidades da vida. Quando grande numero de pessoas se achão juntas no mesmo lugar, é preciso renovar o ar com o maior cuidado. O gaz que sahe dos pulmões depois da respiração quasi que não contém senão acido carbonico, porquanto os pulmões absorvêrão quasi todo o oxygeno; e o acido carbonico não é só improprio para a vida, mas até mortal. No meio de uma grande reunião, o acido carbonico substitue pouco a pouco o ar atmospherico respiravel, de sorte que se não houver o cuidado de o renovar, corre-se risco de morrer asphyxiado.

Os casos em que a falta de renovação do ar tem produzido efeitos fataes são bastante numerosos. No artigo ASPHYXIA relato dois factos desgraçados; eis-aqui outro da mesma especie:

Em 1805, depois da batalha de Austerlitz, fechárão, durante a noite, em uma das muitas cavernas que ha na Moravia, trezentos prisioneiros russos, para pô-los ao abrigo do frio. Á meia noite a sentinella ouviò bramidos horrosos. Receiando que fosse algum levantamento entre esses prisioneiros, chamou a guarda, que se preparou para lhes fazer fogo. Arrombárão a porta, e quarenta d'estes infelizes saltárão fóra, deitando sangue e escuma pela bocca. A toda a pressa lhes forão ministrados os necessarios soccorros; os outros duzentos e sessenta estávão mortos ou moribundos.

Por este facto póde-se ver quanto é prejudicial á saude a falta de renovação do ar. Aqui cumpre lembrar que o quarto de dormir, essa morada em que passamos uma porção consideravel da nossa vida, deve ser a parte mais vasta e melhor exposta de todos os aposentos. As alcovas fechadas, que só se abrem de noite, pouco tempo antes da hora de deitar-se, são prejudiciaes á saude; e é muito para desejar que sejam supprimidas nas construcções novas do Rio de Janeiro: o melhor lugar para a cama é o meio de uma vasta sala, que possa ser facilmente arejada. É importante tambem que não se ajuntem n'esta sala nem roupa nem provisões, d'onde se exalem miasmas que contribuão tambem para viciar o ar.

Os quartos dos doentes exigem sobretudo que se renove o ar: convem abrir as janellas muitas vezes por dia, mesmo durante o

tempo frio e chuvoso. A falta de renovação do ar não é sómente nociva ao doente, mas também ás pessoas sãs que o visitão. Sem fallar da viciação do ar pela simples respiração, as emanções do suor, dos escarros e das dejecções alvinas, exercem influencia nociva, e devem ser removidas. As substancias aromaticas podem ser agradaveis, mas não são uteis n'este caso. A alfazema, o alecrim, o benjoim, o assucar e outras substancias que se queimão nas brasas, os vapores de vinagre, etc., podem encobrir o máo cheiro, mas não lhe tirão o character pernicioso : o melhor meio é abrir momentaneamente as portas e as janellas.

A combustão de velas, lamparinas, etc., em lugar onde o ar não se renova ou se renova incompletamente, contribue para viciar a atmosphera. Quaesquer que sejam os corpos que se empregão (velas de sebo, de espermacete, de cera, azeite), produzem no quarto os effeitos seguintes : 1º rareficação o ar e elevão a sua temperatura ; 2º diminuem a quantidade de oxygeneo, e o substituem pela quantidade equivalente de acido carbonico ; 3º depõem na atmosphera ambiente gaz hydrogeneo carbonatado. D'estas mudanças resulta que os pulmões recebem um fluido gazoso menos rico do que o ar natural. Torna-se evidente, por todos estes factos, que não ha cousa mais prejudicial á saude do que as longas vigílias, os estudos nocturnos e assíduos. É por conseguinte mui importante, para as pessoas valetudinarias, para aquellas sobretudo que tem o peito delicado, absterem-se de vigílias, e de longa demora em salões com muitas luzes.

Para o complemento d'este artigo, veja-se DESINFECÇÃO e MIASMAS.

AR ENCALHADO. Nome empregado, em linguagem vulgar, para designar certas dôres vagas no peito ou em alguma outra parte do corpo, que se attribuem á impressão do ar, e que os medicos chamão dôres rheumaticas passageiras. Curão-se esfregando o lugar dorido com essencia de terebinthina, ou applicando um sinapismo no mesmo lugar.

ARAÇÁ. Fructo do araçazeiro (*Psidium*), arbusto do Brasil, da familia das Myrtaceas, de que ha muitas especies : ARAÇAZEIRO DO CAMPO, *Psidium mediterraneum* ; ARAÇAZEIRO DE PEDRA, *P. petrosum* ; ARAÇAZEIRO DE PERNAMBUCO, *P. pubescens* ; ARAÇAZEIRO DA PRAIA, *P. albidum* ; ARAÇAZEIRO DE S. PAULO, *P. incanescens*. Seus fructos são comestiveis e refrigerantes ; contém uma polpa acidula com muitas sementes.

ARACHNITE, OU ARACHNOIDITE. Veja-se MENINGITE.

ARACK. Nome de liquido espirituoso que se extrahê do arroz.

ARAME. Liga de cobre, zinco, estanho com um pouco de antimónio ; empregado para fazer sinos, bacias, etc. As bacias de arame em que se fazem doces, quando não são bem limpas, podem occasionar accidentes graves. *Veja-se* COBRE.

ARANHA. Genero de insectos mui conhecido, e que por sua fórma desagradavel inspirão geralmente grande nojo. O estudo d'estes animaes é dos mais interessantes. Quem ignora a industria com que a aranha tece a sua têa, tão bem apropriada ás suas astucias e seus amores ! Que promptidão no combate, que destreza no trabalho ! Algumas femeas, depois de receberem as caricias do macho, devorão-n'ò, se este não se apressa em fugir.

Todas as aranhas tem debaixo do ventre aberturas que conduzem aos orgãos respiratorios ; todas tem um coração e vasos, seis a oito olhos lisos ; duas mandibulas com dois palpos com que segurão os alimentos, oito pés, o abdomen oval e sem cauda ; debaixo da extremidade superior do palpo movediço das mandibulas existe uma pequena abertura para a salida do veneno ; e debaixo do abdomen, perto do anus, achão-se pequenas eminencias, com grande numero de buracos, dos quaes o animal tira fios de extrema tenuidade, e cuja substancia se acha contida nos reservatorios interiores.

Existem muitas especies de aranhas ; a maior parte habitão os matos : algumas são aquaticas. Não é raro ver pessoas picadas pelas aranhas, mas essas mordeduras não são perigosas, supposto ás vezes determinem dôr seguida de vermelhidão e inchação. O que se contava de uma especie que se encontra na Italia, e que se chama *tarantula*, é fabuloso. A aranha *tarantula* tem uma pollegada de comprimento, e o ventre vermelho, atravessado por um risco preto. Existem algumas variedades d'ella. Alguns autores escreverão que os individuos mordidos pela *tarantula* erão atacados logo depois de uma molestia nervosa, chamada *tarentismo*, cujo character mais saliente era um desejo insaciavel de dansar. Para curar a molestia só havia um unico meio, o emprego da musica. Ao som da musica, o doente entregava-se com furor á dansa, até que cahia esfaldado de fadiga e coberto de suor ; estava então curado. Sabe-se hoje que este effeito maravilhoso é uma pura historia, na qual até a gente da terra já não acredita. O que parece ter dado lugar a esta fabula é que o *tarentismo* foi confundido com a *tarentella*, nome que se dá a uma dansa napolitana.

O tratamento das picadas das aranhas consiste em lavar a mordedura com agua fria, e instillar n'ella uma ou duas gottas de ammoniaco liquido.

ARAPABACA, HERVA CRUZ, vulgo LOMBRIGUEIRA. *Spigelia*

anthelmia, Linneo. Loganiaceas. Planta do Brasil e das Antilhas. No Brasil habita no Ceará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catharina, quasi em todo o Imperio. Caule de 40 a 60 centímetros, guarnecido de algumas folhas oppostas, ovacs; as quatro folhas superiores cruzão-se no topo do caule; flores esverdeadas, quasi sesséis, dispostas do mesmo lado em espigas delgadas, na extremidade do talo e dos ramos; fructos, capsulas compostas de duas bolas unidas, quadrivalvas, cercadas inferiormente pelo calice persistente. Esta planta é venenosa; comtudo as folhas empregão-se em infusão pelo povo contra as lombrigas; mas é necessário ter cautela na applicação.

ARAROA. Arvore do Brasil, acha-se nas provincias da Bahia e de Sergipe. O tronco d'esta arvore reduzido a pó empregase em fricções, e com muito proveito, contra as diversas empigens, e principalmente contra o herpes circular. O tronco chega á Bahia do interior da provincia em bocados de bastante grande dimensão irregularmente quebrados, de côr amarella avermelhada analoga á côr do rhuibarbo. A pulverização d'este páo exige muita precaução, por causa das propriedades irritantes do pó. Os individuos encarregados d'esta operação, cobrem a cabeça com panno. Pela pulverização obtem-se um pó de côr rubra mais escura do que o do tronco de que provém. É conhecido no Brasil sob o nome de *pó da Bahia*.

O modo de emprega-lo consiste em esfregar primeiro a empigem com esponja embebida de vinagre; applica-se depois a massa feita do pó de araroba e de vinagre; no dia seguinte lava-se o lugar com agua e sabão, e repete-se a applicação até á cura. Este pó produz certo ardor que desaparece ao cabo de hora e meia.

ARARUTA. em inglez ARROWROOT, que é tambem como se escreve em francez. Fecula extrahida da raiz de muitas plantas da familia das Amomeas, e sobretudo da *Maranta arundinacea*, Linneo, natural das Antilhas, cultivada no Brasil, na provincia do Pará. Esta fecula constitue um alimento analeptico, que convem principalmente aos doentes e convalescentes.

ARDOR NO OURINAR. Qualquer que seja a causa do ardor no urinar, o doente deve sentar-se n'um banho d'agua morna, e demorar-se n'elle meia hora, uma hora e mais. Estes banhos mornos e prolongados, repetidos duas vezes por dia, e continuados por alguns dias, são o melhor meio contra este incommodo. É preciso tambem beber todos os dias duas ou tres chicharas de infusão de linhaça, friccionar o ventre com oleo camphorado, evitar os excessos no andar, na equitação, abster-se de comidas mui adubadas, e do vinho puro, beber limonadas de fructas acidas

ou agua simples, e usar de alimentos vegetaes com preferencia aos animaes. O ardor no ourinar acompanha muitas vezes o esquentamento ; os meios que aproveitão n'esta molestia curão tambem o ardor no ourinar. (*Veja-se* BLENNORRHAGIA.) Se o ardor no ourinar resistir a todos os meios que deixei indicados, applicuem-se de seis a dez bichas entre as duas vias.

AREIAS. Dá-se o nome de *areias* á molestia produzida por pequenas concreções semelhantes á areia, ou a pequenos cascalhos, que se formão nos rins, chegão á bexiga, e são expellidos com as ourinas. As areias são de diferentes especies : ha areias vermelhas, brancas, cinzentas, amarellas, transparentes, etc.

A *causa* principal das areias vermelhas, que são de todas as mais frequentes, consiste na alimentação demasiado succulenta, e composta principalmente de carne. A formação d'estas areias é favorecida pelo uso dos vinhos generosos, bebidas alcoolicas, falta de exercicio, trabalho de gabinete, costume de não beber agua sufficiente, ou conservar por muito tempo as ourinas na bexiga. Estas areias são formadas pelo acido urico. As areias brancas e cinzentas provém das mesmas causas. As areias amarellas, em cuja formação entra o oxalato de cal, provém do uso excessivo dos tomates e das azedas, substancias que contém acido oxalico.

Symptomas. O ataque das areias é precedido ordinariamente de comichão, ou de entorpecimento nas cadeiras ; de ourinas de côr carregada, e que deixão depôr ao cabo de uma ou duas horas um sedimento avermelhado ; depois as areias são expellidas com as ourinas, ás vezes sem dôr, mas em alguns casos com sensação de calor no canal da urethra, anxiedade, insomnia e febre. — Passado um tempo mais ou menos longo, conforme o regimen dos doentes, as areias tornão a formar-se, e novos accidentes apparecem. As dôres de cadeiras tornão-se mais vivas, e adquirem violencia intoleravel ; o doente sente a descida das areias á bexiga. Manifestão-se frequentes desejos de ourinar ; um dos testiculos retrahese ; declarão-se caimbras nos membros inferiores, nauseas e vomitos ; o doente não póde andar nem conservar-se em pé ; o menor movimento lhe é doloroso, experimenta uma agitação extrema ; emfim ; depois de um ou dois dias de soffrimentos, todos os accidentes cessão de repente, o que assignala a chegada do calculo á bexiga. Então introduz-se o calculo no canal da urethra ; intercepta mais ou menos a passagem da ourina, e a final é arrastado por ella, e expulso com mais ou menos força. Esta serie de accidentes repete-se, sempre que um novo calculo sahe dos rins, e caminha pelas vias urinarias. Acontece ás vezes que o calculo se fixa na bexiga e torna-se o nucleo de uma pedra ; outras vezes

pára no canal da urethra, e reclama então o emprego de meios cirurgicos.

Tratamento. Ha quatro indicações no tratamento das areias : 1^a diminuir a quantidade de acido urico formado nos rins; 2^a augmentar a secreção das ourinas; 3^a impedir a consolidação do acido; 4^a estando as areias formadas, favorecer a sua evacuação; ou produzir a sua dissolução.

Para preencher a primeira d'estas indicações, cumpre diminuir os alimentos, e mudar, sobretudo, a natureza d'elles; isto é, substituir o regimen animal pelo uso dos vegetaes, como pão, legumes, farinha, arroz, batatas, etc. Tomando estas precauções logo ao principio, pôde-se impedir o desenvolvimento da molestia, sem o soccorro de outros meios.

Beber agua em grande quantidade, ou bebidas que tenham por base este liquido; tal é o melhor meio de satisfazer á segunda indicação. Para augmentar a efficacia d'estas bebidas, podem ellas ser impregnadas de substancias diureticas; taes são : as decocções de grama, a infusão de parietaria, de bagas de zimbró, de sementes de linho, pedunculos de cerejas, etc. A pedra na bexiga é mui rara no Rio de Janeiro, onde os habitantes bebem muita agua, que é excellente.

Para impedir a consolidação do acido urico, deve-se saturá-lo com alcalis, que se possam combinar com elle e facilitar a sua dissolução pelas ourinas. De todas as preparações alcalinas, a que goza de maior efficacia é o bicarbonato de soda. Administra-se na dóse de 8 grammas (2 oitavas) por dia em uma pouca d'agua, ou em algum dos cozimentos diureticos que indiquei. Seu uso deve ser continuado até desaparecerem todos os vestigios das areias. Eis-aqui a receita :

Bicarbonato de soda. 30 grammas (1 onça).

Divida em 8 papeis.

Para tomar um papel pela manhã, e outro á noite, n'uma chicara d'agua fria com assucar.

Para favorecer a expulsão das areias que se podem achar no fundo da bexiga, quando o corpo tem ficado por algumas horas em repouso durante o somno, é bom, ao levantar-se da cama, dar algumas voltas pelo quarto antes de urinar. As pessoas que padecem de areias não devem urinar deitadas.

Todos estes meios favorecem a evacuação, a dissolução das areias, e são por conseguinte os que fazem parte da quarta indicação : os banhos, os exercicios a pé, a cavallo e em sege, tambem aproveitão. Quando o calculo irrita consideravelmente os rins pela sua presença, e produz, ao passar pelos canaes das vias urina-rias,

dôres e outros symptomas graves que deixei indicados, é preciso submeter-se á dieta rigorosa, tomar banhos mornos prolongados, e applicar a cataplasma de farinha de linhaça no lugar dorido.

Quando o calculo ficar parado na urethra, e impedir a passagem das ourinas, scrá necessario extrahi-lo por meio de pinças, ou de algum outro meio cirurgico.

Do mesmo modo se tratão todas as especies de areias; quanto ás amarellas, basta não continuar no uso dos tomates e das azedas, para fazê-las desaparecer.

AREJAR. Para dissipar os miasmas que se desenvolvem nos quartos dos doentes, é preciso areja-los; isto é, abrir as janellas e as portas por um quarto de hora ou por meia hora, ao menos tres ou quatro vezes por dia. Nem o frio, nem o vento, nem o tempo chuvoso podem escusar este preccito salutar, que deve ser seguido em qualquer molestia, ainda que seja pleuriz, escarlatina, sarampos, bexigas, etc. *Vêja-se* AR, MIASMAS.

ARENQUE. *Clupea harengus.* Genero de peixes que tem por caracteres : corpo alongado, ventre trinchante, a cabeça igual a um quinto do comprimento total, o sub-operculo arredondado, o que o distingue da sardinha; os queixos, a lingua e os ossos palatinos guarnecidos de dentes mui finos. O animal vivo é verde glauco no dorso, branco nos lados e no ventre, e com o corpo todo coberto de um brilho metallico; o verde do dorso faz-se azul depois da morte do animal. Os arenques habitão o Oceano boreal. São de uma fecundidade prodigiosa. São peixes de arribação : cada anno, no mez de Março, seus cardumes innumeraveis descem do mar polar para as costas da Inglaterra e da França, onde se faz a sua pesca desde 15 de Outubro até 15 de Dezembro. Os arenques frescos devem comer-se no mesmo dia. Aos arenques, que se devem salgar, tira-se-lhes o estomago e os intestinos por uma incisão na garganta; depois cobrem-se de sal e mettem-se nos barris. Passados 15 dias, tirão-se dos barris, lavão-se na salmoura, e arranção-se symetricamente por camadas nos barris; feito isto entregão-se ao commercio. Aos arenques que devem ser defumados, não se tirão os intestinos : depois de salgados expõem-se ao fumeiro nas chaminés para acabarem de seccar.

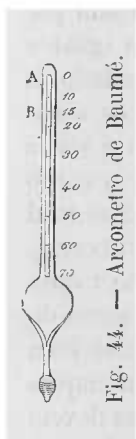
O arenque é procurado como alimento, sobretudo por causa da sua abundancia e baixo preço; sua pesca é uma das industrias europeas mais lucrativas, e que emprega grande numero de homens. A pesca faz-se com redes de 1,000 a 1,200 metros de comprimento.

AREOMETRO, Pequeno instrumento, ordinariamente de

vidro, que serve para avaliar a densidade dos liquidos em que se acha mergulhado, e para dar, por conseguinte, indicações uteis sobre a natureza ou sobre o estado de pureza d'estas substancias. Segundo os seus differentes usos, toma o nome de *pesa-acido*, *pesa sal*, *pesa-xarope*, quando é destinado a dar a densidade dos liquidos mais pesados do que a agua; e chama-se *pesa-licor*, *pesa-espírito*, *pesa-alcool*, quando se emprega para os liquidos menos densos.

Os areometros, habitualmente empregados, compõem-se de um tubo ôco de vidro, que tem na parte inferior uma esphera igualmente ôca, e é terminado por um vaso cónico ou uma esphera mais pequena, cheia de chumbo, ou de mercurio, que serve de lastro, para que o instrumento fluetuante tome a posição vertical; uma tira de papel, cuidadosamente fixada no interior do tubo, traz as divisões que marcão os differentes pontos de immersão do instrumento.

Arcometro de Baumé, para os liquidos mais densos do que a agua. Fig. 44. Consiste em um tubo ôco de vidro de 2 linhas



pouco mais ou menos de diametro, terminado inferiormente por duas dilatações espheroidaes, sendo a ultima mais pequena para conter o lastro de chumbo ou de mercurio. Estando aberta a extremidade superior do tubo, mergulha-se o instrumento em agua distillada, e vai-se lançando o chumbo em grãos, ou o mercurio, pouco a pouco até que o instrumento mergulhe a ponto de só ficar fóra da agua a extremidade superior; riseá-se então no vidro o ponto tocado pela superficie da agua (A). Tira-se fóra o instrumento; prepara-se uma solução de 15 p. de sal commum, com 85 d'agua distillada, e depois de reduzir esta solução á mesma temperatura que a da agua distillada, que se empregou, mergulha-se n'ella o instrumento, que então desce menos por ser a agua salgada

mais densa do que a agua pura; marca-se na haste de vidro o novo ponto da immersão (B); toma-se com um compasso a distancia entre as duas mareas, transfere-se esta distancia para uma tira de papel, designa-se com um zero o ponto superior, com o numero 15 o ponto inferior, e divide-se o intervalla em 15 partes iguaes, que se chamão grãos. Completa-se a escala, toda deseendente, accrescentando tanto mais grãos quantos admittir a extensão do tubo até á primeira dilatação. Feito isto, e dividida assim a tira de papel, introduz-se no tubo, e fixa-se com lacre de modo que o zero (0) da escaala corresponda á primeira marca do tubo de vidro, o qual se fecha chegando a sua extremidade á chamma de um maçarico.

Areometro de Cartier para os liquidos mais leves do que a agua (*pesa-espírito, pesa-alcool*). Fig. 45. O lastro deve ser tal que, mergulhado o instrumento n'uma solução de 10 partes de sal commum em 90 d'agua, toda a parte cylindrica fique fóra da superficie do liquido. Este ponto (A) é o zero da escala; o outro ponto (B), ou o que se marca pela sua immersão na agua distillada, será o 10º gráo da escala, dividindo o intervallo das duas marcas em dez partes iguaes. D'ahi para cima continuará a mesma divisão até ao topo da hastea.

Ha tambem *um areometro de Baumé*, para os liquidos mais leves do que a agua, mas não é senão uma modificação do de Cartier. Ambos os instrumentos tem a mesma fórma, e em ambos se tomou o mesmo ponto para o zero da escala; mas o espaço que na escala de Cartier é dividido em 30º, na de Baumé é dividido em 32.

Areometro de Gay-Lussac, *areometro centesimal* ou *alcoometro*. Fig. 46. Este areometro indica com exactidão a quantidade de alcool puro contida em um liquido, qualquer que seja o seu volume; assim a aguardente que marca 60 grãos, contém 60 por 100 de alcool puro; é o areómetro pelo qual se calculão nas alfandegas os direitos que devem pagar os liquidos espirituosos. Este instrumento é, quanto á sua fórma, um areometro ordinario, ao qual a temperatura de 15º centigrados servio de base para a gradação da escala; esta é dividida em 100 partes ou grãos desiguaes em comprimento. O zero corresponde á agua distillada, o numero 100 ao alcool absoluto, e os numeros intermedios ás diversas misturas d'agua com alcool. Cada uma das differentes misturas d'agua e de alcool tem a densidade que lhe é propria, e é n'estas differenças de densidade que está baseado o uso do alcoometro. Como as variações de temperatura augmentão ou diminuem o volume dos liquidos, e, portanto a sua densidade, as indicações do alcoometro só são exactas quando tomadas na temperatura em que o instrumento foi graduado, isto é, a 15 grãos centigrados. Existem taboas destinadas para fazer as correções conforme as diversas temperaturas: achão-se no meu FORMULARIO, 8ª edição, pag. 14.

ARGILA. *Veja-se* BARRO.

ARNICA. *Arnica montana*, Linneo. Synanthereas-senecioides.



Fig. 45. — Areometro de Cartier.

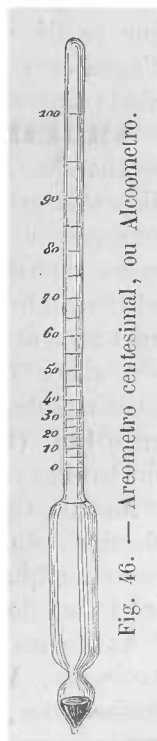


Fig. 46. — Areometro centesimal, ou Alcoometro.

Planta da Europa; em Portugal habita nos sitios humidos proximo do porto de S. Martinho, em Antanho perto de Coimbra, nos montes vizinhos a Guimarães e outras partes na Estremadura, Beira e Minho. Floresce de Junho a Agosto. Fig. 47. Caule de

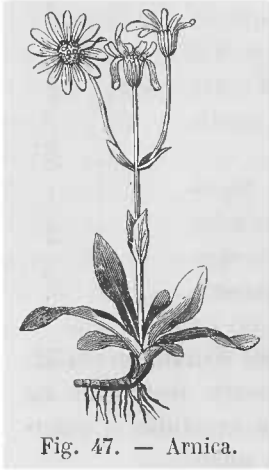


Fig. 47. — Arnica.

1 pé de altura. Folhas verde-claras por baixo; flores amarellas; raiz horizontal, denegrida por fóra, branca por dentro; sabor amargo, cheiro forte e aromático. É aconselhada internamente nas febres graves e nos rheumatismos. Em alta dóse provoca vomitos e dejecções alvinas. Se a dóse é bastante forte, manifestão-se vertigens, calefrios, movimentos involuntarios nas pernas, fraqueza nos braços; a pelle torna-se pallida, e o pulso fraco e lento. Seus effeitos parecem-se um pouco com os de algumas plantas narcotico-aeres. É remedio popular contra as consequencias das quédas e contusões. Administra-se de ordinario debaixo da fórma de tintura,

que se dá internamente na dóse de 20 gottas em meia chicara d'agua com assucar. E para uso externo, molhão-se uns chumaços n'esta tintura, e applicão-se nos lugares contusos.

AROEIRA. CORNEIBA. *Schinus terebenthifolius*, Raddi. Terebinthaceas. Arvore do Brasil. Tem as folhas compostas de foliolos dispostos como barbas de penna, ovaes, denteados, de sabor amargoso e um pouco adstringente; flores dispostas em racimos; casca avermelhada, coberta de epiderme cinzenta, de sabor adstringente e cheiro resinoso; fructo, baga trilocular, contendo uma semente em cada loculamento.

A casca da aroeira póde ser empregada em medicina como adstringente. Fervem-se 15 grammas (meia onça) da casca em meio litro (16 onças) d'agua, e este cozimento frio póde usar-se em banhos contra as inchações das pernas.

No Rio Grande do Sul chamão aroeira o *Schinus antarthritica*, Martius, de cuja casca, quando um tanto aquecida, reçuma resina, á qual os Rio-Grandenses dão grande importancia, e usão, em fórma de emplasto, contra as dôres rheumaticas.

As folhas d'estas duas especies, bem como as do *Schinus molleoides*, Velloso, *Schinus rhoifolius*, Martius, e do *Schinus mucronulatus*, Martius, que habita em Minas, contém bastante resina, e costumão ser applicadas sobre as ulceras.

AROMATICAS (SUBSTANCIAS). Esta expressão deriva do nome grego *aroma*, perfume. Chamão-se assim certas substancias tiradas

pela maior parte do reino vegetal, e dotadas de cheiro forte, mais ou menos agradável.

As substancias aromaticas usão-se como *medicamentos*, *temperos*, ou como *cosméticos*.

Como *medicamentos*, as substancias aromaticas são estimulantes, e empregão-se nas molestias caracterizadas por debilidade.

Como *temperos*, usadas moderadamente, favorecem a digestão.

Como *cosméticos*, são frequentemente empregadas, por causa da suavidade do seu cheiro. As emanações fragrantas, taes como a essencia de rosa, e o almiscar, incommodão muitas pessoas, e determinão ás vezes dôr de cabeça, nauseas e desmaios.

As substancias aromaticas mais estimadas, e de que principalmente se faz uso, são : entre os vegetaes, alfazema, alecrim, hortelã, herva cidreira, salva, flor de laranjeira, angelica, cerefolio, canella, rosa, moscada, macis, baunilha, cravo da India, cascarrilha, funcho, pimentas, aniz, casca de laranja, de limão, zimbrò, incenso, myrrha, benjoim, estoraque, etc. O reino animal só ministra pequeno numero d'estas substancias : as mais estimadas são o almiscar e ambar cinzento.

Aromaticos (*Banhos*). *Veja-se BANHOS.*

ARRANCAMENTO. *Veja-se FERIDAS.*

ARRANHADELA ou **ARRANHADURA.** As arranhaduras são feridas ainda mais pequenas do que as esfoladuras. São feitas ordinariamente com pontas de alfinetes, ou algum outro corpo agudo, como unhas de gato, etc. Ordinariamente sárão por si mesmas. Se se inflammão, recorre-se aos banhos ou lavatorios com agua morna, e a curativos com fios untados de ceroto.

ARREBIQUE. Massas, pós ou liquidos, de côr vermelha ou branca, com que as senhoras costumão pintar o rosto para dar-lhe melhor côr ou brilho. O uso d'estas composições data da mais remota antiguidade; pois sabemos, pelos livros santos, que era já conhecido entre o povo hebreo. As senhoras gregas e romanas gostavão tambem de pintar o rosto. Em França, este uso era geral entre as damas de condição elevada, no decimo-setimo seculo. Hoje existe quasi exclusivamente entre actores e actrizes.

Os arrebiques são de duas especies, o *branco* e o *vermelho*. Os primeiros são misturas de greda de Briançon com diversos oxydos ou saes metallicos, taes como o carbonato de chumbo, chamado impropriamente *branco de prata*, o oxydo ou subnitrito de bismutho, chamado *branco de arrebiqne*, *branco de perolas*, etc. Os arrebiques vermelhos contém frequentemente mercurio (vermelhão, cinabrio). ou chumbo (minio). Preparão-se tambem com substancias corantes vegetaes, taes como a urzella, raiz de orcaneta,

flores de carthamo, ou com carmim, substancia corante extrahida de um insecto chamado cochonilha. O *vermelhão vegetal*, ou *vermelhão de Hespanha*, ou *vermelhão de toucador* é o principio corante do carthamo, que se faz dissolver n'uma solução alcalina, e que depois se precipita por meio do succo de limão. Cada uma d'estas tintas é misturada com greda de Briançon, que lhe dá a propriedade de adherir á pelle. O *vinagre vermelho de arrebique* é uma solução de carmim suspensa no vinagre por meio de uma mucilagem. O *crespão* é uma fazenda de lã ou seda, tinta sem o mordente, e que, estando molhada, serve tambem para corar o rosto. Ha tambem nas lojas dos cabelleireiros ou perfumistas pós brancos feitos com greda de Briançon e spermacete, ou com talco de Veneza.

Os arrebiques vegetaes não são nocivos. Quanto áquelles que contém chumbo ou mercurio, podem produzir accidentes graves, taes como colicas saturninas, salivações, e estragar os dentes. Sendo necessario recorrer aos cosmeticos, convem usar só dos arrebiques vegetaes, ou preparados com carmim, e certificar-se de que elles não contém nem mercurio, nem saes de chumbo.

ARRIPIAMENTO, ARRIPIO. *Veja-se CALEFRIO.*

ARROBE. *Veja-se ROBE.*

ARROTO. *Veja-se ERUCTAÇÃO.*

ARROZ. *Oryza sativa*, Linneo. Planta da familia das Gramineas, cujas sementes constituem o arroz. Fig. 48. Originario da China, está espalhado por todas as regiões intertropicacs, e acha-se em alguns paizes da Europa; no Brasil, é consideravel a sua cultura na provincia do Maranhão. Nas immensas varzeas alagadiças das provincias do Pará e Matto-Grosso ha uma especie de arroz aquatico que dá espontaneamente; os naturaes tem só o trabalho de o colher, o que fazem em canôas, dentro das quaes sacodem as espigas. O arroz gosta dos terrenos baixos e inundados; entretanto, ha uma qualidade, conhecida pelo nome de *arroz secco*, que se dá bem nos terrenos



Fig. 48.
Arroz ordinario.

enxutos, quando, ainda pequeno, o seu crescimento é favorecido pelas chuvas. Esta variedade é cultivada na provincia da Bahia. Nos paizes em que ella não pôde prosperar, e em que se cultiva a especie que precisa de terrenos alagadiços, os arrozaes tornão-

se fôcos de emanções deleterias, e occasionão febres graves. É por conseguinte importante, para a saude publica, que a cultura do arroz seja distante das habitações. Segundo a analyse chimica, o arroz é uma semente que contém grande quantidade de amido, mas quasi nenhum gluten, e por isso não póde servir, como o trigo, para o fabrico do pão; comtudo póde-se [misturar com a farinha ordinaria, e nem por isso a massa do pão fica sensivelmente modificada. Ha alguns annos, examinou a Academia de Medicina de Pariz um pão em que entrava uma sexta parte de farinha de arroz. Este pão foi julgado de optima qualidade, de gosto agradável e facil digestão.

O arroz é um alimento saudavel e nutriente; convem principalmente aos individuos nervosos. Em medicina emprega-se o cozimento de arroz, que se prepara com uma colher de arroz e 500 grammas (16 onças) d'agua; é uma bebida emolliente que convem nas diarrheas e dysenterias. Cozinhando-se o arroz, deixando de um dia para outro, e juntando-se um pouco de limão e assucar, forma-se o conhecido *aloi*, bebida refrigerante; e muito propria para os paizes quentes. O arroz bem cozido, ou melhor ainda a sua farinha, serve para a preparação da cataplasma emolliente. Pela distillação obtem-se do arroz aguardente chamada *arack*.

ARRUDA. *Ruta graveolens*, Linneo. Rutaceas. Na Europa habita com preferencia nos montes calcareos; no Brasil cultiva-se nos jardins. F. 49. O caule tem 1 metro e meio de altura; folhas glaucas compostas de foliolos um pouco espessos e cuneiformes; flores amarellas; cheiro forte. Julgava-se outr'ora, que quem tinha arruda no jardim, podia desafiar todas as molestias, todos os maleficios. As suas folhas forão muito gabadas

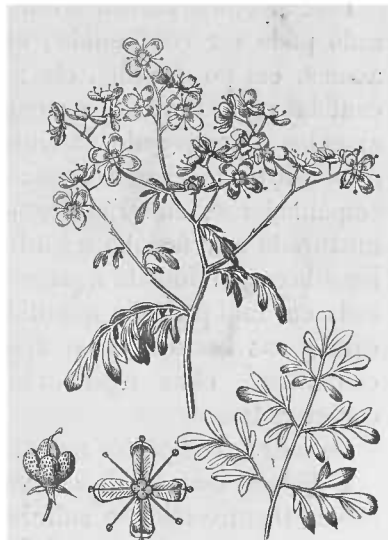


Fig. 49. — Arruda.

como proprias para provocar os menstros. A arruda é uma planta aromatica, estimulante, carregada de oleo essencial odorante, de gosto acre e amargo : estas propriedades attestão com effeito que ella deve ser um remedio activo. Em alta dóse produz vomitos, colicas e inflammação do estomago. Usa-se em infusão ou chá, que se faz com 4 grammas (1 oitava) de folhas e chicara e meia d'agua

fervendo. Feita a infusão, fica reduzida a uma chicara, que se adoça com assucar, e bebe-se de uma vez. Podem tambem tomar-se duas a quatro colheres *de sopa* do seu sumo espresto, duas vezes por dia, adoçado com assucar. Este sumo prepara-se socando 8 grammas (2 oitavas) de arruda com um pouco d'agua.

ARSENICO. Metal de côr preta, brilhante quando quebrado recentemente, mas que embacia promptamente ao ar. Volatiliza-se ao fogo, e arde com chamma azul, espalhando um cheiro de alho muito intenso.

Chama-se tambem *arsenico*, no commercio, uma substancia branca, mui pesada, e muito mais conhecida do que o metal. Esta substancia é uma combinação de oxygeneo com o arsenico metallico, e cujo nome scientifico é *oxydo branco de arsenico* ou *acido arsenioso*. Acha-se em dois estados no commercio, em pós brancos e em pedaços brancos; é de sabor acre e corrosivo, deixando na lingua resaiço adocicado. É solúvel em agua; lançado mesmo em mui pequena quantidade nas brasas, volatiliza-se com um cheiro de alho mui pronunciado, o que é excellente meio para o reconhecer.

Este arsenico branco é um veneno dos mais violentos. Pulverizado pôde ser confundido, até certo ponto, com o sal branco, assucar em pó, farinha, etc.; deve por conseguinte haver a maior cautela para prevenir os enganos, que são sempre funestos. O arsenico é empregado na tinturaria, na fabricação do vidro e na composição de alguns vernizes; entra na massa dos naturalistas empalhadores, etc. Emprega-se tambem para destruir os ratos, misturado com farinha e gordura. Torno a dizer (para que se possa reconhecer facilmente a presença d'esta substancia, mesmo misturada em mui pequena quantidade com outras materias), que, lançado nas brasas, ou o arsenico só, ou as substancias que o contêm, ellas espalharão o cheiro de alho, que será mui característico.

Os outros compostos arsenicaes são :

Sulfuretos amarellos de arsenico. Todos estes sulfuretos são venenosos. D'entre elles, o sulfureto nativo obra com menor energia : é formado por laminas brilhantes, translucidas, douradas, e chama-se vulgarmente *ourópimento*. A quelle que resulta da acção do acido sulphydrico sobre a dissolução do acido arsenioso é pulverulento e actua mais energicamente.

Sulfureto vermelho de arsenico ou *rosalgar*. É vermelho quando se apresenta em pedaços; o seu pó é de côr um pouco alaranjada.

Arsenito de cobre ou *verde de Scheele*. Esta substancia, verde, pulverulenta, emprega-se ás vezes para tingir confeitos, o que pôde

ocasionar graves accidentes; é prohibida pelos governos, por ser mui venenosa. O modo de reconhecer nas substancias suspeitas, ou no caso de accidentes, consiste na lavagem d'essas substancias; deixando depois o liquido em repouso, e lançando nas brasas o deposito, que n'elle não tardaria a formar-se, este exhalaria cheiro de alho, ou se faria conhecer por outros caracteres.

Os outrós compostos do arsenico, e que em dóse mui pequena se empregão em medicina, contra as molestias da pelle, e outras molestias, são : *arseniato de ammoniaco*, *arsenito de ferro*, *arsenito de potassa*, *arseniato de soda*. Todos são energicamente venenosos, e não se empregão senão na dóse de 3 milligrammas ($1/16$ de grão) por dia.

Existe tambem no commercio, sob os nomes de *oxydo negro de arsenico* e de *pós para matar moscas*, um mineral de cobalto arsenical, do qual direi aqui algumas palavras. Sabe-se que, deitando-se n'agua certa quantidade d'estes pós, matão-se muitas moscas nos lugares em que ellas abundão. Quando se emprega este meio, é preciso haver o cuidado de cobrir os vasos que contém alimentos; pois bem se vê que, se as moscas impregnadas do licor envenenado, cahirem n'uma chicara de café, por exemplo, deixarão n'elle certa quantidade de veneno, cujos effeitos serão tanto mais nocivos quanto maior fôr o numero das moscas submergidas no café. Exemplos numerosos tem mostrado que fortes colicas, e até incommodos muito mais graves, tem sido o resultado d'esta negligencia.

Emfim, o arsenico entra na composição de alguns medicamentos; administra-se em casos especiaes, principalmente na morphéa e outras molestias da pelle, na dóse de 3 a 6 milligrammas ($1/16$ a $1/8$ de grão) por dia.

Para combater o envenenamento produzido pelas preparações arsenicaes, veja-se ENVENENAMENTO.

Modo de reconhecer a presença do arsenico n'um liquido. Tome-se uma parte do liquido, e deite-se n'elle uma dissolução de sulfureto de potassa, ou agua carregada de gaz hydrogeneo sulfurado. Se o liquido contém arsenico, formar-se-ha um precipitado amarello. Se ao liquido, que contém arsenico, se ajunta uma dissolução de sulfato de cobre ammoniacal, obtem-se um precipitado verde.

Estes precipitados, lançados no carvão acceso, produzirão fumo branco, com o cheiro de alho muito pronunciado. Póde hoje dizer-se com muita certeza, que se é facil matar com o arsenico, tambem muito facil é descobrir os vestigios do veneno, no corpo da victima, mesmo passado muito tempo. Dou informações muito mais

extensas a esse respeito no meu *Formulario, nona edição*, de 1874, pag. 229.

ARTEMISIA OU ARTEMIJA. *Artemisia vulgaris*, Linneo. Synanthreas-senecioides. Esta planta, notavel pelas folhas verdes e glabras por cima, cinzentas e pubescentes por baixo, flores amarellas, avermelhadas; vegeta no Brasil. As folhas tem cheiro forte, sabor amargo. Desde tempo immemorial, emprega-se para provocar os menstros, quando este fluxo ficou suspenso por qualquer causa accidental. Toma-se em infusão na dóse de 8 grammas (2 oitavas) de folhas para chicara e meia d'agua fervendo.

ARTERIA. Chamão-se geralmente arterias diversos vasos ou canaes do corpo, que levão o sangue do coração ás diversas partes da economia. O sangue que ellas contém é vermelho, entretanto que nas veias, canaes semelhantes ás arterias, o sangue é quasi preto. O volume das arterias varia desde a grossura do dedo pollegar, e de uma penna de ganso, até á de um fio de linho. As arterias são agitadas de movimentos semelhantes aos do coração, que são os mesmos em todas as arterias, e constituem o que se chama *pulso*. Estes movimentos, ou pancadas, podem sentir-se principalmente no lugar de reunião da mão com o antebraço, de ambos os lados do pescoço, diante do ouvido, nas virilhas, e, nas pessoas magras, no ventre por cima do embigo.

Feridas das arterias: As arterias, bêm que mais profundamente situadas do que as veias, podem ser abertas por facas, espadas ou outros instrumentos de gume. Se a arteria ferida é de volume uni tanto consideravel, como, por exemplo, a arteria do antebraço, o sangue vermelho sahirá a jorros correspondentes a cada movimento do coração; e o doente; se não fôr soccorrido, morrerá extenuado pela hemorrhagia. O maior numero de mortos no campo de batalha perdem a vida d'esta maneira. Para estancar o sangue, é preciso exercer uma compressão. Para isso applica-se sobre o ponto d'onde sahe o sangue uma bolinha de fios ou de panno de linho, e comprime-se com o dedo; sobre esta põe-se outra maior, que igualmente se deprime com o dedo que servio para a primeira; e sobre esta põe-se uma terceira, e continua-se do mesmo modo, até que se forme uma pyramide, cujo apice corresponda á arteria e cuja base, saliente por cima da ferida, sirva de ponto de apoio aos chumaços e á atadura, que exerce sobre ella uma compressão sufficiente. Este meio basta para curar as feridas das arterias pequenas; mas para as feridas das arterias grandes, serve só temporariamente até á chegada do cirurgião, o qual, no maior numero dos casos, é obrigado a laquear com linha o vaso que produz a hemorrhagia.

ARTHRITE. Inflamação articular, caracterizada pela dôr, inchação, e, ás vezes, pelo rubor da junta. É primitiva ou consecutiva, de causa interna ou de causa traumática, aguda ou chronica.

Arthrite traumática. (da palavra grega *trauma*, ferimento). Dá-se este nome á inflamação da junta, occasionada por movimentos forçados, contusões ou ferimentos.

Symptomas. Consistem na dôr mais ou menos viva e inchação da junta offendida. A pelle conserva durante muito tempo a sua côr normal, e não apresenta senão leve vermelhidão. Ha difficuldade, e, ás vezes, impossibilidade absoluta de mover a junta. Nos casos mais graves, quando a inflamação é muito intensa e occupa uma grande articulação, a dôr é ás vezes intoleravel, e manifesta-se febre; o pulso torna-se frequente, a sede grande, a pelle quente; desaparece o appetite, declarão-se nauseas e vomitos; o doente não pôde dormir; e se a inflamação fôr augmentando, o delirio vem ás vezes ajuntar-se aos phenomenos precedentes.

Emfim, quando a inflamação se prolonga, pôde formar-se suppuração no interior da junta. Então a dôr diminue, apparece a fluctuação, e a pelle torna-se delgada.

Tratamento. Depois de quedas sobre as juntas, torceduras ou outras causas semelhantes, é necessario prevenir a inflamação applicandò ao redor da junta pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada, durante um ou dois primeiros dias. O repouso, a dicta e o uso de limonadas de limão ou de cozimento de cevada, completão estes primeiros soccorros. Quando sobrevem dôr e calor da junta, é preciso applicar oito a doze bichas á roda da junta, e depois cataplasmas de linhaça, ou de fecula.

Se se formar postema, é urgente abri-la com bisturí.

Durante o tratamento deve-se tornar o membro immovel em boa direcção, isto é, é preciso dar á articulação uma situação tal que os ligamentos não estejam estirados, e que o membro não fique disforme, caso a arthrite termine por ankylosc. Cumpre, pois, pôr o membro n'uma posição conveniente, quando os doentes tomárão uma posição viciosa. Assim, se o joelho está dobrado, estenda-se; se a coxa está dirigida para fóra ou para dentro, endireite-se; se o pé está baixo, levante-se, etc.

Arthrite espontanea. Desenvolve-se depois de um resfriamento produzido pelo ar ou pelo contacto da humidade, depois da supressão dos menstruos, depois dos sarampos, ou depois do parto; pôde tambem sobrevir sem causa conhecida. É aguda ou chronica.

Symptomas. Inchação dolorosa ao redor de uma junta, impossi-

bilidade de movê-la, dôres mais ou menos fortes, são os signaes da arthrite espontanea. O rheumatismo e a gota tem os mesmos symptomas; mas estas duas molestias occupão, quer ao mesmo tempo, quer successivamente, muitas juntas; a arthrite é fixa, continua e regular. A febre é forte no rheumatismo agudo; ella raras vezes existe na arthrite espontanea.

Tratamento. Cumpre immobilizar a junta em boa direcção; se a molestia existe no joelho, é preciso estender a perna. Applique-se a cataplasma de linhaça, regada com uma colher, das *de sopa*, de laudano de Sydenham. Façam-se nas juntas fricções com balsamo tranquillo, ou com o linimento seguinte :

Chloroformio	40 grammas (2 1/2 oitavas)
Oleo de amendoas doces	90 grammas (3 onças).

Misture exactamente.

Quando a molestia passa ao *estado chronico*, as dôres diminuem, existe só rijeza da junta. N'este caso é preciso applicar um caustico volante. Mais tarde obtem-se bons effeitos da maçadura (*veja-se* esta palavra), e de um dos meios seguintes :

1º applicação sobre a junta com pincel de uma ou mais camadas de tintura de iodo.

2º Fricções com pomada de iodureto de potassio.

3º Compressão da junta com tiras de emplasto adhesivo.

4º Hydrotherapia.

Sendo a arthrite complicada com o derramamento da serosidade, siga-se o tratamento indicado na *hydropisia da junta*.

Arthrite blennorrhagica. No decurso de uma blennorrhagia apparece ás vezes uma arthrite que occupa o joelho, o punho, o cotovelo ou o hombro; é raro que duas juntas estejam affectadas ao mesmo tempo; a junta incha, enrubece, torna-se dolorosa, e os movimentos são difficeis.

A arthrite blennorrhagica acaba quasi sempre pela resolução. Bastão o repouso e as cataplasmas de linhaça. Se a inflammação tarda a resolver-se, applique-se um caustico. É preciso cessar o uso de copahiba, e usar só da infusão de linhaça para bebida.

ARTHRODYNIA. Dôr vaga das juntas sem calor nem inchação. É o resultado do crescimento, do hysterismo, e de um resfriamento accidental.

Tratamento. Friccionar a junta com baeta secca, ou com um dos linimentos seguintes :

1º Balsamo tranquillo.	60 grammas (2 onças)
2º Laudano de Sydenham.	2 grammas (40 grãos)
Azeite doce.	15 grammas (meia onça).

ARTICULAÇÃO. *Veja-se* JUNTA.

ARVORES. IDADE DAS ARVORES. As arvores passam, em geral, o primeiro terço da sua vida a crescer; durante o segundo terço, nem crescem nem diminuem; durante o ultimo terço, decrescem gradualmente até á decadencia completa. Assigna-se uma duração de tres o quatro seculos ás arvôres mais communs nos mattos da Europa, o carvalho, a faia, o carpe, o castanheiro, o freixo, etc. Algumas offerecem, excepcionalmente, exemplos de uma longevidade mais consideravel. Emquanto dura o crescimento da arvore, fácil é conhecer a sua idade contando as camadas concentricas do tronco, tendo o cuidado de fazer a experiencia sobre a parte do tronco mais proxima da raiz. Para as arvores seculares, o que se pôde dizer, é que não tem menos annos do que ha camadas concentricas no tronco cortado transversalmente. Nas arvores fructiferas, que se decotão cada anno, os nós produzidos por cada um dos cortes podem servir para se avaliar a sua idade.

MOLESTIAS DAS ARVORES. 1º Feridas e contusões. As feridas das arvores, quer provehão do choque de um carro, do dente de um animal, do decote mal feito, quer de qualquer outra causa externa, são sempre perigosas, e frequentemente mortaes, sobretudo se se deixão expostas ao ar. Deve-se lavar a ferida com agua, e depois applicar, sob a fórma de emplasto, um unguento cuja fórmula é a seguinte :

Cera amarella.	300 grammas (10 onças)
Azeite doce.	300 grammas (10 onças)
Sebo ou banha..	150 grammas (5 onças)
Alcatrão...	150 grammas (5 onças).

Derretão-se todas estas substancias juntas, e ajunte-se-lhes um pouco de ferrugem de chaminé para tornar o unguento mais espesso.

Este unguento tem a vantagem de se conservar sempre no estado de massa; pôde-se applicar facilmente com faca. Na falta do unguento, pôde-se empregar terra pingue, barro, ou simplesmente mistura de lama e de excrementos de animaes; mas estes ultimos remedios tem o inconveniente de se racharem quando seccos, e de poderem ser despegados facilmente pela chuva. É util tambem pôr um pedaço de panno de linho entre o lenho e o unguento.

2º *Ulcera, cancro, goteira.* Quando o succo da arvore vem a escorrer, quer naturalmente, quer em consequencia de alguma ferida, sob a fórma de um liquido roxo e acre, estraga progressivamente a casca e o corpo da arvore, e não tarda a causar a sua morte, se não se applica o remedio seguinte : Tire-se toda a parte alterada, de maneira que se obtenha um córte limpo sobre o páo muito sãõ;

deixe-se esta ferida ao ar, durante dois dias, para lhe sequear a superficie, e applique-se depois um emplasto composto de metade de aleatção, sendo a outra metade composta de cera, sebo e cinzas passadas por tamiz. Este unguento applica-se quente com escova ou pincel. Póde-se tambem fazer uso do unguento indicado na pag. 243.

3º *Carie*. Affecta sobretudo o corpo lenhoso das arvores velhas. Esta desorganização manifesta-se no centro dos grossos ramos, e no proprio centro do tronco. Uma arvore acommettida de carie deve ser cortada.

4º *Envenenamento*. Morrem mui frequentemente as plantações feitas no interior das cidades, ou na vizinhança das fabricas de productos chimicos. Se o mal é causado por fugas de gaz, o remedio consiste naturalmente na reparação dos conductos : mas isto nem sempre basta, e muitas vezes, faz-se preciso renovar a terra saturada de gaz hydrogeneo carbonatado. Se é o resultado de um desenvolvimento contínuo de vapores ammoniacaes, o unico remedio consiste em arrancar as arvores, e não tornar a planta-las. Acontece tambem que se sobrecarrega um terreno plantado de arvores para se livrar de demolições. As arvores, cujo pé fica assim enterado, padecem e morrem por asphyxia das raizes. Para conservar as plantações, convem tirar os entulhos, e remexer a terra com forcado ; d'este modo restabelece-se a communicação do ar com as raizes.

5º *Coroamento*. A arvore cujo cume morre, chama-se *coroadá*; não póde mais erescer em altura, e a qualidade do seu lenho altera-se : é preciso corta-la. A arvore que se coróa pela cabeça, quasi sempre se *coróa* ao mesmo tempo pelas raizes. Quando a arvore perde o seu cume em consequencia de algum acontecimento fortuito, se foi quebrada pelo vento ou pelo raio, não está perdida por isso : póde-se-lhe tornar a fazer a cabeça com um dos grossos ramos ; e sendo isto impossivel, a arvore continua a crescer se não em altura, pelo menos em grossura. O coroamento voluntario ou o decote, pratica-se como systema de cultura.

6º *Lacerações*. Os ramos de arvores, que estão muito carregadas de fruetos, ou que estão expostos á violencia do vento, experimentão ás vezes rasgaduras mais ou menos consideraveis. Quando essas lacerações descem muito abaixo, ou quando a arvore não tem valor, o que se póde fazer de melhor é cortar o ramo na base; porém se a laceração não é muito profunda ou se o ramo se sustenta ainda, prende-se primeiro aos ramos vizinhos com uma corda ou melhor ainda com um fio de ferro ; sobre os dois pontos oppostos da rasgadura, applicão-se dois pedaços de páo cavados

em goteira conforme a grossura do ramo, e fixão-se apertando-os fortemente com ligaduras de canhamo ou de fio de ferro; cobrem-se emfim as margens da laceração com mastique ou resina. Mediante estas precauções, e mantendo por muitos annos os meios de reunião, póde-se salvar ás vezes o ramo lacerado.

Modo de preservar as arvores do musgo, e dos insectos. Polvilhem-se com a seguinte mistura; cal viva 2 partes, sal de cozinha 25, fuligem 25.

ARVORE DO PÃO. *Artocarpus incisa*, Linneo. Artocarpeas. Grande arvore de 13 a 14 metros de altura, que abunda sobre-

tudo na Oceania, mas habita tambem no Rio de Janeiro e em outras provincias do Brasil. Fig. 50.

Os fructos são globosos e attingem ás vezes 30 centimetros de diametro; são esverdeados por fóra, e amarellados quando maduros; contém, no meio de uma polpa farinacea, 40 a 60 sementes. Mas é a polpa farinacea que forma a parte a mais importante do fructo; porque se come com manteiga como o pão, depois de assada no forno, e isto antes da sua completa madureza. É um alimento são e agradável. Encerra grande quantidade de amido, e poderia servir para fazer pão. A segunda casca d'esta arvore, ba-



Fig. 50. — Arvore e fructa do pão.

tida e preparada, serve para fazer tecidos. É um vegetal, se não o mais precioso, pelo menos um dos mais importantes para os habitantes das ilhas do Oceano Pacifico. É a base da alimentação de muitos povos.

ASCARIDAS. *Veja-se* VERMES INTESTINAES.

ASCITE. *Veja-se* HYDROPSIA.

ASPHALTO. Betume solido, secco, friavel, negro; brilhante, inflammavel, quasi inodoro a frio, espalhando, quando arde,

cheiro empyreumatico. O nome lhe vem do lago Asphaltite ou Mar Morto, na Palestina, em cujas aguas sobrenada, e onde se colhe desde tempo immemorial. Os Egypcios servião-se d'elle para os embalsamentos, e por isso lhe derão o nome de *balsamo de mumias*; os Babylonios cobrião com elle tijolos com que construíão os seus edificios; os Romanos applicavão uma camada leve de asphalto nas estatuas que querião preservar das intemperies do ar; os modernos fazem-n'o entrar na composição de certos vernizes.

No commercio, comprehende-se tambem sob o nome de *asphalto* outra especie de betume, o *betume glutinoso* ou *petroleo tenaz* (*maltha* e *pissasphalta* dos mineralogistas), substancia molle, pegajosa, que endurece ao frio, e amollece pelo calor. Esta especie de asphalto é muito abundante na Asia e na Europa, principalmente na França, Suissa, Baviera, Hungria, Gallicia, onde elle se extrahê quer do calcareo, quer do barro, do gres, quer de alguns rochedos volcanicos. Este betume serve para empesgar a cordoalha e as madeiras que devem ser empregadas dentro de agua, para alcatroar pannos, para preservar da humidade as construcções; misturado com areia, adquire grande consistencia, e serve para argamassar os terraços, os passeios nas orlas das ruas, e mesmo as calçadas; enfim entra na composição dos vernizes pretos e dos lacres.

ASPHYXIA. A condição mais indispensavel para conservar a vida é a introduccção do ar no interior do peito. Se por uma causa qualquer fôr outro gaz substituido ao ar atmosferico, ou se este não puder penetrar no peito, suspende-se a respiração, e a morte é imminente. Chama-se *asphyxia* o estado de morte apparente, que resulta de se ter suspenso a respiração. Esta suspensão pôde ser produzida por varias causas, e chama-se:

- 1º Asphyxia por submersão, ou dos afogados.
- 2º Asphyxia por suffocação, ou dos estrangulados e enforcados.
- 3º Asphyxia pelo vapor de carvão, pelos gazes que resultão da fermentação alcoolica, das minas de carvão de pedra, pelas emanções das flores, e por falta de ar respiravel.
- 4º Asphyxia pelos gazes das latrinas ou cloacas.
- 5º Asphyxia pelo calor.
- 6º Asphyxia pelo frio.
- 7º Asphyxia pela entrada nas vias aereas de um corpo estranho.
- 8º Asphyxia dos recém-nascidos.

Phenomenos geraes das asphyxias. As primeiras sensações que produz a falta de ar são ancias mui grandes; suspiros, bocejos, e esforços para dilatar o peito. Depois, e sobretudo, se a suspensão da respiração não fôr completa, sobrevem vertigem, peso de cabeça;

o rosto torna-se roxo, azul; os beiços e muitas vezes toda a superficie da pelle, tomão a mesma côr roxa. Mais tarde, passados dois ou tres minutos, mesmo mais, se o individuo respira incompletamente, ha perda dos sentidos e dos movimentos, seguida do estado de morte apparente; fracas pancadas do coração annuncião que a vida ainda não se acha completamente extincta; mas logo depois o coração cessa de bater, e posto que o calor do corpo persista ainda por algum tempo no asphyxiado, este já não é senão um cadaver.

1º **Asphyxia por submersão.** *Veja-se* AFOGADOS. Vol. I, pag. 47.

2º **Asphyxia por suffocação ou dos estrangulados e enforcados.** Foi muito tempo opinião geralmente admittida, que a morte do enforcado não pôde sobrevir, se todo o corpo não estivesse levantado do chão. A morte do Principe de Condé, que teve lugar ha annos em Pariz, esclareceo esta questão. O Dr. Marc, celebre medico, fez n'essa época uma memoria, para provar que a morte do Principe de Condé foi effeito de suicidio; lembrou treze casos observados por outros medicos, que mostrarão não ser preciso o peso de todo o corpo para este fim; e provou tambem que a suspensão pôde ser seguida de morte, ainda mesmo quando os pés tocão no chão, quando os joelhos se apoião no solo, e o corpo se acha deitado em um plano horizontal. Basta, por consequente, o peso das espaldas e da parte superior do peito, para exercer sobre o pescoço uma constrictão capaz de interceptar a entrada do ar e produzir a morte. Esta verdade foi apoiada não só pelo testemunho de possoas fidedignas, mas ainda pelos exames cadavericos dos corpos. Igual exemplo aconteceu em Janeiro de 1848, nos arredores de Nietheroy, na provincia do Rio de Janeiro: enforcou-se um preto a uma arvore, com as pernas estendidas no chão.

A suspensão produz a morte em um espaço de tempo indeterminado, e por causas differentes. Se no acto da suspensão existe sómente lesão das partes molles, intercepção da passagem do ar, e impedimento da circulação, a morte sobrevem com mais ou menos promptidão, conforme a compressão fôr mais ou menos completa; a morte n'estes casos é o resultado da asphyxia, e, ás vezes, da apoplexia. Quando a suspensão é acompanhada de esforço violento, pôde d'ahi resultar uma deslocação das vertebrae do pescoço e alguma lesão da medulla espinhal: n'este caso a morte é instantanea.

Em geral, a perda dos sentidos sobrevem com bastante promptidão; a vista turva-se, e apparecem diante dos olhos pontos luminosos; a morte sobrevem depois n'um espaço de tempo varia-

vel. Resultando da apoplexia, o rosto fica vermelho, azulado, as veias do pescoço grossas, a lingua entumecida e livida, os olhos vermelhos e esbugalhados. No caso de simples asphyxia, o rosto quasi sempre empallidece, e na garganta e bocca apparece escuma, ás vezes sanguinolenta.

Quando ha asphyxia e apoplexia, os signaes aqui indicados são mais variaveis ; além d'isso, os dedos tornão-se fortemente contrahidos, como se o enforcado quizesse apertar algum objecto.

A sciencia conta alguns factos de enforcados e de estrangulados que voltárão á vida. O Dr. Plott refere que no tempo de Henrique VI, rei de Inglaterra, uma mulher, chamada Snetta, tendo sido enforcada em execução de uma sentença, e tirada da corda em que estivera pendurada toda a noite, recobrou a vida. Perdoárão-lhe por causa d'esta rara ventura. Morgagni vio uma mulher a quem uns ladrões, para poderem livremente dar-lhe saque á casa, apertárão o pescoço tão fortemente, que a deixárão por morta ; entretanto os socorros da medicina conseguirão salva-la.

Tratamento e soccorros que se devem prestar aos enforcados e estrangulados. Só a promptidão póde tornar efficazes os soccorros ao enforcado. Depois de cortada a corda que lhe aperta o pescoço, é preciso descer o corpo com ligeireza, sem sacudi-lo, colloca-lo, na cama, desembaraça-lo de todos os vestidos, tirar as ligas, o collete, os suspensorios, emfim tudo o que possa embarçar a circulação.

O corpo assim desembaraçado será collocado na cama com a cabeça muito mais alta que o tronco.

Se o corpo está n'um quarto, é preciso que este não seja nem quente, nem frio, e que esteja arejado.

Se o enforcado tem o rosto vermelho, pratique-se-lhe logo uma sangria no braço, ou applicuem-se-lhe bichas atraz das orelhas.

A pallidez da rosto é signal de que seria contraria toda a especie de emissão sanguinea.

Para provocar os movimentos respiratorios, um dos meios mais efficazes consiste em levantar e abaixar os braços do modo que ficou explicado no artigo AFOGADOS, vol. I, pag. 49. Praticar-se-hão ao mesmo tempo fricções nas pernas, pés e mãos, com baeta ou escova.

Se a suspensão durou só alguns minutos, basta ás vezes borrifar o rosto com agua fria, applicar na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre, e esfregar as pernas.

Logo que o doente puder engulir, dar-se-lhe-ha, ás colheres, um

pouco de chá da India, ou d'agua com vinho e assucar. Se sobrevierem vertigens e dôres de cabeça, será preciso continuar a applicar na testa pannos molhados em agua fria e vinagre; e dar um pediluvio com mostarda.

As vezes é difficil declarar se a suspensão é o resultado de suicidio ou de assassinato. Dever-se-ha então examinar com attenção se o corpo não apresenta vestígios de violencias, produzidas pela resistencia que fez o offendido. Convem igualmente ver se o pescoço apresenta um vinco unico, o que indica a probabilidade de um suicidio; ou se mostra signaes de haver sido a suspensão precedida de estrangulação.

Póde-se suppôr suicidio, se o crime foi commettido em lugar fechado, onde só a victima podia penetrar. Deve-se attender ao estado moral da pessoa, aos seus antecedentes, ao seu estado melancolico e ás suas respectivas inclinações.

No caso possivel *de haver o enforcado sido morto primeiro*, póde-se facilmente descobrir essa circumstancia. Com effeito, se a suspensão teve lugar durante a vida do individuo, deixa no pescoço um *circulo vermelho ou denegrado*, signal evidente de um principio de inflammação, resultado de uma reacção vital, de mais, n'este caso o rosto e os membros ficão lividos. E se, pelo contrario, a victima foi enforcada depois de morta, com o intuito de fazer acreditar em um suicidio, a coloração do corpo é uniforme, e a corda deixa uma depressão *sem côr vermelha ou denegrada*.

3º Asphyxia pelo vapor do carvão, pelos gazes que resultão da fermentação alcoolica, dos fornos de cal, das minas de carvão de pedra, pelos effluvios das flores, por falta de ar respiravel. Este genero de asphyxia depende da accção deleteria do acido carbonico, gaz que resulta da combustão do carvão, da decomposição das pedras calcareas na fabricação da cal, da fermentação do vinho, etc. Os effluvios das flores contêm tambem acido carbonico, e podem igualmente produzir incommodos graves. Enxaquecas, desmaios, até a asphyxia, podem d'aquí resultar inesperadamente, e sobretudo quando as flores se achão reunidas em grande numero dentro de quartos fechados, onde o ar não póde ser sufficientemente renovado.

O gaz acido carbonico sahe tambem dos nossos pulmões durante a respiração, e vicia o ar ambiente. As dôres de cabeça que muitas pessoas soffrem nos lugares publicos mui frequentados, nas salas dos theatros, por exemplo, provém d'esta alteração do ar; é o principio de um estado que, augmentando, póde ser funesto.

A grande mortalidade que reinava nos navios que transportavão negros não dependia de outra causa. Dois funestos e memoraveis

exemplos, confirmarão a verdade d'esta asserção, e provarão os perigos que deixei indicados.

O primeiro factó é extrahido da *Historia das guerras dos Inglezes no Indostão*.

Cento e quarenta e seis prisioneiros forão fechados em um quarto de vinte pés quadrados, que não tinha outros respiradouros mais que duas pequenas frestas. Estes infelizes experimentarão logo dôres de cabeça, suor abundante, sêde insupportavel, emfim, grandes dôres de peito, e uma extrema difficuldade de respirar. Imaginarão muitos meios para terem o ar que lhes faltava. Tirarão a roupa, abanarão-se com os chapéos, e por ultimo concordarão em se pôrem todos de joelhos e em se levantarem todos juntos; tres vezes recorrerão a este expediente, e em cada um muitos d'elles, faltando-lhes força, cahirão e forão pisados pelos companheiros. Pedirão agua, que lhes foi dada; mas disputando-se esta bebida, os mais fracos desmaiarão, e succumbirão logo depois. A agua não saciou a sêde dos que podião bebê-la; forão atormentados de uma febre que continuamente augmentava. Antes da meia noite, isto é, quatro horas depois da reclusão, os que ainda vivião, e não podião respirar pelas estreitas aberturas um ar livre, cahirão em uma estupidez lethargica ou em um horroroso delirio. Brigarão para ter accesso ás frestas. Ás duas horas da manhã só existião cincoenta vivos; mas este numero tinha de diminuir. O combate para chegar ás janellas durou até ao romper do dia. Logo depois, abrio-se a prisão, e dos 146 homens encerrados, só sahirão 23 vivos, mas em um estado deploravel, mostrando em suas feições a morte a que acabavão de escapar!

Nos annaes do Brasil, será sempre lamentada a seguinte catastrophe, acontecida no Pará em 1823. Copio litteralmente o que diz o Sr. Abreu e Lima no capitulo setimo do seu *Compendio da Historia do Brasil*: « Trinta horas de completa anarchia obrigarão este official a desembarcar com a sua tripolação para
« proteger o governo e a cidade, exposta a todo o genero de
« attentados. Depois de haver superado a revolta. ., no estado
« apparente de quietação, tudo fazia receiar que os criminosos
« não estivessem seguros nas prisões de terra; e o official inglez
« mandou recolher 258 homens ao porão de uma galera, debaixo
« da guarda de quinze soldados. Apinhados ao ponto de quasi
« não poderem respirar, tentarão estes infelizes subir para o
« convéz, mas forão repellidos pela guarda, que lhes fez fogo, e
« lhes fechou a escotilha. A suffocação, causada pela falta de ar,
« levou esta multidão a uma completa loucura, de sorte que muitos

« dilacerárão-se as carnes reciprocamente de maneira horrivel.
 « Seguirão-se todas as agonias proprias d'esse estado : o velho e
 « o moço, o forte e o fraco, o aggressor e o aggreddido, cahirão
 « exhaustos nas ancias da morte. A madrugada do seguinte dia
 « veio aclarar o mais pungente spectaculo : 254 homens
 « asphyxiados cobrião em montões as cavernas do navio! só 4 se
 « achavão vivos. »

Ha cavidades subterraneas, particularmente nos paizes volcanicos, onde se accumula o acido carbonico por ser mais pesado do que o ar, o que torna a visita d'estes subterraneos mui perigosa. Não se deve penetrar em taes lugares senão com archotes; emquanto elles ardêrem com luz viva, póde-se caminhar sem medo, mas logo que a luz empallidecer e os archotes se apagam, deve o curioso recuar, a não querer pagar com a vida a sua temeridade... Uma d'estas cavidades, que se tornou celebre, é a *Gruta do Cão*, nas vizinhanças de Napoles.

Esta gruta está situada não longe do lago Agnano, perto de Napoles. Tem 14 pés de profundidade; na entrada tem 5 pés e 3 pollegadas de altura; mas vai diminuindo gradualmente, e no fundo só tem 1 pé de altura. O gaz irrespiravel penetra de todos os lados na gruta, mas como é mais pesado que o ar atmosferico ajunta-se no chão da cova; a espessura da sua camada é de 6 a 12 pollegadas; não tem côr nem cheiro. Um cachorrinho mettido n'esta atmosphaera, não tarda a ter convulsões, e cahir asphyxiado. Tirado a tempo da caverna, volta a si; depois costumão deita-lo n'um lago vizinho para reanima-lo.

Symptomas da asphyxia pelo gaz acido carbonico. Os symptomas especiaes d'esta asphyxia nem sempre são constantes; os que se observão mais frequentemente são a principio peso e dôr de cabeça, um sentimento de fraqueza e ancias; parece ao doente que se lhe apertão as fontes com força; a estes primeiros symptomas succede zunido nos ouvidos, escurecimento da vista, vertigens; as forças diminuem rapidamente, e o asphyxiado deixa-se vencer por um somno irresistivel, precursor da morte. Durante todo este tempo, o coração bate com rapidez e violencia, a pelle cobre-se de suor; mas em breve todo o movimento cessa, a intelligencia extingue-se, a respiração é cada vez mais difficil, e pára, assim como a circulação do sangue; o asphyxiado parece morto. N'este estado, o calor do corpo persiste longo tempo, o rosto torna-se vermelho, ás vezes pallido; os membros conservão a sua flexibilidade; poucas vezes se enrijão; em alguns casos, emfim, as ourinas e os excrementos sahem involuntariamente.

Para prevenir a asphyxia pelo acido carbonico, cumpre evitar

o vapor que sahe do carvão, e aquelle que se desenvolve dos liquidos em fermentação; e se a pessoa sente dôres de cabeça e as ancias que precedem a asphyxia, é urgente abrir as portas e as janellas para respirar um ar fresco; não entrar em lugares onde existão liquidos em fermentação, senão depois de adquirida a certeza de que uma vela não se apaga depois de ter ardido de dez a quinze minutos. Sabe-se, entretanto, que um homem pôde ainda viver algum tempo em um lugar onde a luz não pôde conservar-se accesa.

Tratamento e soccorros que se devem administrar aos asphyxiados pelo gaz acido carbonico. O primeiro cuidado na *asphyxia pelo vapor do carvão* consiste em tirar immediatamente o doente do quarto onde foi asphyxiado, expô-lo sem demora ao ar livre, n'um pateo ou jardim, ou transporta-lo para outro quarto; deita-lo de costas, com a cabeça e o peito um tanto elevados. Antes de entrar no lugar em que sobreveio a asphyxia, exige a prudencia que se deixe a porta aberta por alguns minutos, e se abra logo a janella.

Poucas pessoas devem rodear o doente, para que elle respire todo o ar, e este mais facilmente se renove. Façam-se em todo o corpo, principalmente no rosto e peito, aspersões d'agua fria, misturada com vinagre. Esfregue-se-lhe o corpo com pannos n'ella molhados, ou embebidos em aguardente, agua de Colonia, ou qualquer outro licor espirituoso. Passados tres ou quatro minutos, enxuguem-se os lugares molhados com pannos quentes, e dois ou tres minutos depois, tornem-se a começar as aspersões e fricções com agua fria e vinagre. Persevere-se no emprego d'estes meios. Irritem-se as solas dos pés, as palmas das mãos, e toda a extensão do espinhaço, esfregando-as fortemente com escova aspera. Administre-se um clyster d'agua fria, com meia colher *de sopa* de vinagre, e alguns minutos depois, outro, preparado com agua fria e quatro colheres de sal commum.

Dê-se-lhe a cheirar um frasco com vinagre ou com ether. Provoquem-se os movimentos respiratorios, levantando e abaixando os braços, do modo que foi indicado no artigo AFOGADOS, pag. 49. Se, apesar d'estes soccorros, o asphyxiado continuar em um estado de profunda modorra; se conservar o corpo quente, a face rubra, os labios inchados, e os olhos luzidios, pratique-se-lhe uma sangria, ou appliquem-se-lhe bichas atraz das orelhas.

Todos estes soccorros devem ser administrados com promptidão e na ordem successiva de suas indicações. Nunca se deve perder de todo a esperanza; tem havido casos em que os asphyxiados voltarão á vida depois de *cinco a seis horas* de tratamento.

Logo que o asphyxiado estiver completamente reanimado, deve

ser deitado na cama, e em um quarto cujas janellas estejam abertas, e do qual se farão sahir todas as pessoas que n'elle não forem precisas. Administre-se-lhe então limonada, ou agua com assucar, como fôr do seu gosto.

4º Asphyxia pelos gazes das latrinas, das vallas, das cloacas, etc. Estes gazes são compostos principalmente de hydrogeneo sulfurado, de azoto e de ammoniaco. Os symptomas que este genero de asphyxia produz varião de intensidade, conforme a proporção de gaz hydrogeneo sulfurado que existe no ar viciado, a duração do envenenamento, e o temperamento da pessoa; umas vezes só se observão ancias, respiração difficil e irregular, enjões e ligeiras convulsões; outras vezes, o individuo sente um peso que lhe comprime fortemente a cabeça e o peito, e cahe sem sentidos; o corpo fica então frio, o pulso mui frequente, a respiração curta, irregular e difficil. Em outros casos existem agitação e convulsões violentas; o doente dá gritos e gemidos. Este genero de asphyxia é frequentemente mortal, e a convalescença é em geral muito longa.

Tratamento. Exposição do doente ao ar livre, aspersiones com agua fria e vinagre, fricções com escova aspera, taes são os soccorros que se devem dar ás pessoas asphyxiadas pelo gaz das latrinas. As particularidades d'este tratamento, ficão especificadas no lugar em que se falla da asphyxia pelo vapor do carvão, pag. 252. Continuando este tratamento, approxime-se ao nariz do doente uma garrafa de agua de Labarraque, ou um lenço embebido n'este licor, para lhe fazer inspirar o chloro, gaz cujas propriedades são n'este caso muito efficazes. Se o doente, havendo cahido em cloaca, tiver engulido alguma porção da agua n'ella contida, o que muitas vezes acontece, trate-se de lh'a fazer vomitar sem perda de tempo, dando-se-lhe um copo de azeite doce, ou, melhor ainda, 10 centigrammas (2 grãos) de tartaro emetico dissolvido em um copo d'agua. Acalmem-se as desordens nervosas, os espasmos e as convulsões com a poção antispasmodica preparada com a mistura das substancias seguintes :

Agua..	120 grammas (4 onças)
Agua de flores de laranjeira.	4 grammas (1 oitava)
Ether sulfurico .	20 gottas
Laudano de Sydenham.	20 gottas
Xarope simples.	30 grammas (1 onça).

Dê-se uma colher *de sopa* d'esta poção de dez em dez minutos.

Na falta d'esta poção, póde-se-lhe dar 10 gottas de ether em um pouco de assucar.

Se, apesar de todos os esforços, o individuo ainda não tiver

tornado a si, não sentir e não se mover, applichem-se-lhe sinapismos nos pés.

Quando alguém quizer abrir uma valla, despejar um poço, uma cloaca, etc., deve sempre observar certas precauções; ter comsigo agua de Labarraque, para espalha-la nos lugares vizinhos, ou para cheirar, em caso de necessidade; introduzir uma vela accessa no lugar suspcito, e certificar-se de que continua accessa por 10 ou 15 minutos; munir a primeira pessoa que visita o lugar de um apparelho conveniente feito de cordas, para que possa ser tirada ao menor perigo.

5º **Asphyxia pelo calor.** Acontece ás vezes que um individuo se asphyxia por ter ficado longo tempo em um lugar de temperatura muito elevada. N'este caso, é urgente transporta-lo para um lugar fresco, despi-lo ou cortar todos os nós ou ligaduras que possam impedir a livre circulação do sangue, dar-lhe a beber algumas colheres d'agua com vinagre ou de limonada; administrar-lhe um elyster com agua e quatro colheres de sal commum.

6º **Asphyxia pelo frio.** O frio intenso e prolongado póde determinar a asphyxia. N'este caso, devem-se fazer a principio frições com gelo e depois com baeta. Quando reaparecer o calor, approximar-se-ha ao nariz do doente um frasco com vinagre ou agua de Colonia, e depois se lhe fará tomar uma chicara de chá da India bem quente.

7º **Asphyxia [produzida pela entrada de um corpo estranho nas vias aereas.** Quando algum corpo estranho penetrar nas vias respiratorias, a passagem do ar póde não ser inteiramente interrompida, e a respiração continuar a executar-se mais ou menos incompletamente. Sobrevem então tosse, convulsões; a face córa-se, injecta-se, torna-se livida, e a morte é o resultado, umas vezes mui prompto e outras mais demorado. Quando, pelo contrario, a entrada das vias aereas estiver inteiramente obstruida, o individuo perde logo todo o sentimento e movimento, a face faz-se rubra, os olhos fixos e salientes, e sobrevem a morte. Em ambos os casos são necessarios promptos soccorros. Póde-se provocar a expulsão do corpo estranho, excitando espirros com rapé, ou vomitos pelo emetico. Se estes meios não aproveitão, será preciso reeorrer á incisão do larynge, operação que só póde ser praticada por um cirurgião habil.

8º **Asphyxia dos recém-nascidos.** *Veja-se* PARTO.

ASSA (NEGRO). *Veja-se* ALBINO.

ASSACÚ OU UASSACÚ. *Hura brasiliensis*, Willdenow. Euphorbiaceas. Arvore do Pará. Arvore colossal, de folhas sub-cordiformes, ovaes, denteadas; fructo, capsula lenhosa, multicocca, com

uma só semente em cada loculamento. Extrahê-se por incisão d'esta arvore um succo gommoso branco-pardacento, ou branco avermelhado, que se condensa e solidifica com difficuldade e vagar; quando condensado, é escuro-pardacento, com o aspecto mais de gomme que de resina, e mui soluvel em agua; o soluto reassume a côr que tinha no estado liquido, quando extrahido da arvore, e com o mesmo cheiro, porém menos pronunciado.

O succo e o cozimento da casca de assacú forão recommendados no curativo da morphéa.

Empregão-se internamente as pilulas feitas com o succo, e o cozimento da casca; externamente a decocção da casca em banhos.

O methodo de tomar o remedio (que se usava no Pará) era o seguinte :

O doente principia por tomar um cozimento a que chamão *vomitorio*, e que se prepara da maneira seguinte :

Casca de assacú cortada e contusa, meia onça; ferve-se em 10 onças d'agua até ficar reduzida a 6 onças, e ajunte-se-lhe leite de assacú 12 gottas. O doente bebe em duas ou tres vezes este cozimento, que lhe provoca bastantes vomitos.

Este cozimento vomitivo repete-se de oito em oito dias. Durante os oito dias de intervallo entre cada *vomitorio*, o doente usará das pilulas feitas com 1/6 de grão até 1 grão de succo e algum pó inerte, como alcaçuz; tomando uma até cinco pilulas por dia, o que se regulará pelo effeito emetico ou purgativo que ellas produzirem. Além d'isso, tomará meia libra do cozimento fraco por dia, preparado com 24 até 36 grãos da casca, e quanto baste d'agua.

Cada dois dias tomará um banho geral, preparado com 2 libras de casca de assacú e quantidade sufficiente d'agua. No dia em que não tomar banho geral, usará de lavatorios de cozimento que se prepara com 2 oitavas de assacú e 1 libra d'agua.

Os doentes terão muito cuidado em que lhes não cáião nos olhos algumas gottas de qualquer dos remedios acima indicados.

A humanidade acreditou por algum tempo no effeito do assacú contra a morphéa; porém as experiencias feitas no Pará e nas demais provincias do Brasil, e na Europa, provárão que estas esperanças erão exaggeradas; e o assacú perdeu a reputação que tinha como remedio da morphéa. Os Indios servem-se do assacú para embriagar os peixes, e apanha-los depois com a mão.

ASSAMENTO ou **Intertrigo**. Inflammção occasionada pelo attrito de duas partes uma contra a outra; excoriação da pelle pela acção prolongada da ouriua e do suor; ou pequenas cortaduras que se observão no pescoço dos recém-nacidos, nas coxas, nas

virilhas, etc., e até nas pessoas adultas, principalmente nas que são mui gordas.

Tratamento. Abluções frequentes com agua; applicações de glicerina, polvilho ou do glycereo seguinte :

Glicerina.	8 grammas (2 oitavas)
Sub-carbonato de bismutho	8 grammas (2 oitavas).

Misture.

ASSAFETIDA. Gomma-resina extrahida de uma planta, da familia das Umbellíferas, que habita na Persia, e que foi chamada por Linneó *Ferula assafetida*. Fig. 51. Os Allemães derão a esta gomma o nome de *stercus diaboli*, por causa do seu cheiro mui fetido. São massas agglutinadas, de côr roxa, com pontos brancos e violaceos, amollecendo com o calor, sabor amargo; soluvel em agua, alcool, ether, vinagre, gema de ovo. É um medicamento antispasmodico e recomendado na asthma, hystersistmo, colicas nervosas; dá-se na dôse de 50 centigram. a 2 grammas (10 a 40 grãos). Uma substancia, de cheiro e sabor tão detestavel, não poderia ser facilmente tomada pela bocca, e por isso administra-se com preferencia em clysteres.

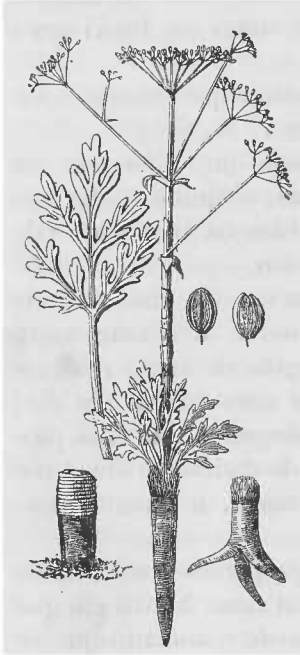


Fig. 51. — Assafetida.

ASSAHY *Euterpe edulis*, Martius. Palmeira do Brasil. Tronco recto, liso, anelado, folhas pennadas, compostas de foliolos dispostos como os de um pente; flores rosadas situadas logo abaixo da base das folhas; fructos globosos, pequenos, de côr violacea, e dispostos em grandes cachos. Os fructos (cocos), amassados com

agua e coados, dão um liquido côr de vinho, chamado no Pará *coahy*, que, temperado com assucar, constitue uma bebida refrigerante. As folhas não desenvolvidas dão um excellente palmito, comida apreciada na cozinha brasileira.

ASSISTENCIA. *Veja-se* MENSTRUACÃO.

ASSUCAR. O assucar é um producto immediato que se encontra em grande numero de vegetaes, por exemplo, na beterraba, castanha, cenoura, jaca, etc., mas principalmente na canna de assucar. Para os usos domesticos, extrahe-se quasi exclusivamente da canna de assucar e da beterraba. Immensos e conhecidos de todos são os usos d'esta substancia. O assucar é um dos alimentos

o mais proprio para completar e melhorar as qualidades digestivas de grande numero de substancias alimenticias; dá melhor sabor ás substancias aquosas e inspidas; abranda o gosto acerbo ou acido de muitas outras. É empregado em grande numero de industrias, taes como nas de confeiteiro, distillador, para a preparação dos sorvetes, etc. É um poderoso agente de conservação para as substancias vegetaes e animaes, como o provão os xaropes e as conservas pharmaceuticas de que é a base, os doces, as marmeladas, as pastas. Tomado moderadamente com outros alimentos, é uma substancia bemfazeja. Algumas pessoas pensão que o assucar determina a carie dos dentes, o amollecimento das gengivas, que estraga o estomago, etc. Esta opinião é inteiramente hypothetica.

O assucar dissolve-se na metade do seu peso d'agua fria, e em todas as proporções d'agua fervendo; a sua dissolução aproximada até 30° do areometro é viscosa, e toma o nome de *xarope de assucar* ou simplesmente de *xarope*. O assucar dissolve-se muito bem na arguardente. Submettido á acção do calor, derrete-se, adquire côr amarella, depois roxa, e transforma-se em uma substancia chamada *caramello*.

O assucar refinado acha-se em dois estados no commercio, em pó branco, ou em pães cônicos, compactos, duros e sonoros.

Assucar candi. Assucar puro dissolvido na agua, cozido na consistencia de xarope até 37° do areometro, e crystallizado depois por evaporação lenta na estufa.

Assucar de leite, chamado tambem *lactina* ou *lactose*, contido no leite dos animaes mammiferos. Extrahe-se evaporando o sôro de leite pelo calor; depõe-se, então, em crystaes brancos, duros, de textura folhada. É menos soluvel na agua que o assucar ordinario, e não dá xarope. Emprega-se em algumas preparações pharmaceuticas. O mais rico em assucar é o leite d'egua, e, depois, o de burra.

ASTHENIA. É synonymo de fraqueza.

ASTHMA. A asthma é uma molestia que consiste na oppressão da respiração com paroxysmos, nos quaes é imminente a sufocação.

Causas. A asthma observa-se quasi sempre nas pessoas idosas, mui raramente na mocidade, muito mais frequente nos homens do que nas mulheres, e nos individuos gordos do que nos magros. Para contrahi-la é necessario uma predisposição; e esta predisposição augmenta por paixões vivas, commoções moraes tristes, vigílias, etc. As outras causas são: as profissões que obrigão a viver no meio de uma atmospherá carregada de corpos estranhos,

como nas fábricas de algodão, de lã, nos moinhos, etc.; vapores irritantes, fumaça, cheiros penetrantes, frio humido, variações rapidas de temperatura, calor excessivo, tempo de borrasca, supressão de alguma hemorrhagia habitual.

Symptomas. A asthma manifesta-se ordinariamente por accessos que apparecem quasi sempre á noite, ao deitar-se, ou durante o somno. Estes accessos são mais ou menos intensos: principião por um sentimento de compressão e de constricção do peito: o doente é obrigado a sentar-se para poder respirar com menos difficuldade; falta-lhe o ar, faz grandes esforços para dilatar o peito; agita-se, tosse de tempos a tempos; a expiração é sibilante ou roncante; o rosto torna-se pallido ou corado; os olhos esbugalhados, e o nariz, os ouvidos, as mãos e os pés frios; a face e o peito cobrem-se de suor. Depois de um tempo mais ou menos longo, declara-se uma tosse que põe todo o corpo em movimento, e que é seguida de uma expectoração abundante de mucosidades claras; a dilatação do peito opera-se gradualmente com maior facilidade; e só então o doente consegue deitar-se e adormecer. Nem todos os accessos tem a mesma intensidade; consistem ás vezes em uma simples constricção do peito, com expiração sibilante; mas tambem são, em outras occasiões, muito mais violentos. Ás vezes, o doente não padece senão um só accesso; porém de ordinario repete-se este no dia seguinte á mesma hora da noite, e reaparece assim por tres, quatro e mesmo sete dias; só então termina o ataque, que fica suspenso por um ou muitos mezes, até que reapareça sob a influencia de uma das suas causas determinantes. Quando o accesso não tem de voltar em breve, o astmatico acorda perfeitamente restabelecido, e póde tratar dos seus negocios, como se nada houvesse soffrido. Se, pelo contrario, o accesso tem de reaparecer na noite seguinte, a constricção do peito e a difficuldade de respirar subsistem, e aggravão-se pelo exercicio.

Logo que esta molestia se declara, é mui raro que não volte, se bem que o intervallo que separa os ataques seja muito incerto. Frequentemente, esta suspensão dos ataques dura mais de um anno. Em alguns individuos a molestia é periodica, tendo lugar o seu apparecimento de dez em dez ou de quinze em quinze dias; ás vezes vem com a lua cheia ou com os quartos de lua. Tem-se visto nas mulheres o accesso da asthma preceder ou seguir o fluxo menstrual.

Tratamento. Dois são os meios a empregar no tratamento da asthma; um quando se declarão os ataques, e o outro em suas remissões.

Durante o accesso, a primeira cousa que se deve fazer consiste

em collocar o doente n'uma posição vertical, despi-lo de todos os vestidos que lhe possam constranger o peito, abrir as janellas para renovar o ar no quarto, tirar o cortinado da cama, e despedir todas as pessoas, cuja presença não fôr ali necessaria, e que antes impedem o gyro do ar livre, ou vicião a sua pureza pela respiração. Os banhos aos pés, mui quentes, ou os sinapismos, podem ser empregados com vantagem em todos os casos. Depois d'isto, mistura-se em uma chicara d'agua fria, uma colher de vinagre e 5 a 10 gottas de laudano; e dá-se ao doente esta bebida ás colheres *de sopa*. Não havendo laudano, dê-se sómente a agua com vinagre ou limonada fria. Um clyster d'agua fria póde produzir tambem bons resultados. Outros doentes ficam alliviados bebendo uma chicara de café ou de chá da India. Um sorvete produzio ás vezes uma melioração instantanea; outras vezes a ingestão de pequena quantidade de um licor alcoolico, de kirsch sobretudo. Os vapores que se levantão da camphora quando se lhe deita agua fervendo, podem ser vantajosos. Se estes meios não fizerem parar o accesso, dar-se-ha ao doente 15 a 20 gottas de ether sulfurico em um pouco de assucar, e uma chicará de chá de folhas de laranjeira. Se, apesar de tudo isto, o accesso continuar, dê-se-lhe ás colheres *de sopa*, de meia em meia hora, a seguinte poção :

Agua. . .	120 grammas (4 onças)
Agua de flores de laranjeira.	4 grammas (1 oitava)
Oxymel scillitico.	15 grammas (4 oitavas)
Tintura de belladona.	20 gottas.

Misture-se.

As folhas seccas de estramonio, vulgarmente figueira do inferno, fumadas em cachimbo ou em cigarrilhas, tem-se tambem mostrado muito uteis nos accessos de asthma.

Um sinapismo applicado no peito, nas costas ou no braço, produz igualmente bons effeitos.

Nos intervallos dos accessos, o regimen é um dos pontos mais importantes para o tratamento da molestia. É raro que a mudança de ar não seja vantajosa. Deve-se escolher um clima temperado, e pouco sujeito ás variações subitas da atmosphaera. Geralmente, o ar do campo convem mais aos astmaticos do que o ar menos puro das grandes cidades. Tem-se, ás vezes, obtido alguma vantagem do costume de conservar, no quarto de dormir do astmatico, vasos com pequena quantidade de chlorureto de cal diluido em agua. Muitos usão acalmar os accessos, entretendo uma fraca luz no quarto em que dormem. Os quartos em que habitão devem ser vastos, e bem arejados. São indispensaveis um

regimen brando e ligeiro, a abstinencia de alimentos excitantes, especiarias, lieores e substancias indigestas. O café depois de jantar e os banhos frios são de grande vantagem. Um exercicio quotidiano, mas moderado, e viagens de distracção podem igualmente aproveitar, assim como os purgantes brandos. A habitação sadia, a tranquillidade moral; o euidado de evitar o frio humido, as vigalias, as grandes reuniões; o abandono das profissões que predispõem á asthma (cozinheiro, professor de instrumentos de sôpro, perfumista, ehimico, etc.), taes são os conselhos geraes que se podem dar ás pessoas affectadas, ou ameaçadas de asthma.

Pilulas contra a asthma.

Extracto de belladona.	20 centigrammas (4 grãos)
Extracto de valeriana.	40 centigrammas (8 grãos).

Misture e faça 8 pilulas. Toma-se uma pilula pela manhã, e outra á noite, no intervallo dos acessos. Estas pilulas empregão-se para prevenir o acesso, mas podem tambem ser administradas durante este.

Pós contra a asthma.

Extracto de estramonio	30 centigrammas (6 grãos)
Oxydo de zineo.	120 centigrammas (24 grãos)
Opio.	30 centigrammas (6 grãos).

Misture-se e divida-se em 12 papeis. Tomão-se dois papeis por dia, um papel pela manhã, e outro á noite, n'uma colher d'agua fria, no intervallo dos acessos. Podem tambem tomar-se durante o acesso.

ATADURA. Chama-se *Atadura* uma tira estreita e comprida que se emprega no curativo das feridas, para fixar um caustico, uma cataplasma sobre um membro, um chumaço, depois de uma sangria, etc. Estas tiras podem ser de diferentes tecidos. Fazem-se de panno de linho ou algodão, de flanela, ou de borraeha. Qualquer atadura deve ter de 1 a 2 até muitos metros de comprimento, e 2 até 10 centimetros de largo. As ataduras de tres dedos de largura são as mais empregadas, e as mais commodas. Mais estreitas não se usão senão para os dedos. As mais largas empregão-se ao redor do ventre e do peito.

Ataduras de panno de linho. Destinadas a conter os outros objectos do curativo, ou a comprimir alguma região do corpo, as ataduras devem ter certa solidez; pelo que fazem-se com preferencia de panno de linho. Cumpre, sómente, não empregar nem panno novo nem muito grosso. O panno meio usado é o que mais convem.

Para fazer uma atadura, corta-se o panno com tesoura a fio direito, nunca se deve rasga-lo. Dividem-se assim, debaixo da fórma de tiras, lençoes, camisas, toalhas, ou guardanapos que já tem servido aos usos da casa.

Não chegando, para fazer uma atadura, cada uma das tiras que resultão da divisão d'estes pannos, torna-se necessario reunir-lhes os extremos um com outro. Esta reunião deve ser feita por meio de uma costura chamada serzidura, isto é, com pontos repassados de uma borda á outra, de maneira que não resulte d'ella senão mui pouca desigualdade. A atadura assim preparada não deve ter nas margens nem bainha nem qualquer outra costura, que possa tornar a compressão menos igual e menos regular.

Ataduras de morim. O panno de algodão, conhecido sob o nome de morim, sendo mais fino do que o panno de linho, julgão algumas pessoas que póde servir para fazer ataduras. Isto não é exacto senão até certo ponto. Antes de lavado ou servido, este tecido não é bastante poroso para preencher as indicações principaes das ataduras; além d'isto, escorrega com muita facilidade, pelo que a atadura não póde ficar facilmente no seu lugar. Empregado depois de servido ou lavado, não tem bastante firmeza; franze-se ou enrola-se com extrema facilidade; pelo que, salvo alguns casos excepçionaes, as ataduras de morim valem menos do que as de panno de linho ordinario.

Ataduras de panno de lã. O tecido de lã podcria muitas vezes ser preferido ao panno de linho para ataduras, se fosse menos caro. Bem que para este fim possa servir qualquer tecido de lã, as ataduras de lã não se fabricão senão com flanela. Macias, porosas e resistentes ao mesmo tempo, as ataduras de flanela tem a vantagem de se applicarem exactamente sobre o corpo, de não se franzirem nem se enrolarem sobre si, e de absorverem facilmente os liquidos, pelo que usão-se muito na Inglaterra.

Tem, comtudo, o inconveniente de entreter certo gráo de irritação sobre a pelle, de esquentar inutilmente os tecidos, de se sujarem de uma maneira desagradavel, de serem de espessura incommoda, de se não prestarem tão bem como as ataduras de panno de linho ás inversões, de serem muito extensiveis, e de não estarem tão facilmente ao alcance de todas as pessoas.

Ataduras de borracha. A borracha ou o caoutchouc, que entrou no commercio já ha muito tempo sob a fórma de objectos mui diversos, e que se usa com muita vantagem na confeição de suspensorios, ligas, cintos, colletes, etc., póde servir tambem

para fazer ataduras. Achárão-se meios para fiar e reduzir a laminas a borracha; e as ataduras fabricadas com esta substancia, enrolão-se e desenrolão-se com a mesma facilidade que as de panno de linho.

Por causa da sua flexibilidade e elasticidade, as ataduras de borracha fazem a compressão exacta em toda a parte, e não occasionão estrangulamentos. Não ha necessidade de fazer inversões; as duas margens da atadura assentão igualmente sobre o corpo; se sobrevem qualquer inchação debaixo da atadura, a sua flexibilidade permite-lhe ceder sobre um ponto, ao passo que os outros pontos resistem. Não ha duvida, pois, de que as ataduras de borracha são de aquisição preciosa para a pratica, se o seu uso pudesse propagar-se, se se pudessem obter a preço baixo. Não deixão, comtudo, de terem tambem seus inconvenientes. Susceptiveis de se relaxarem debaixo da influencia do calor, de se contrahirem pelo frio, podem facilmente produzir desigualdades perigosas.

Ataduras de cadaço. Existem no commercio fitas de linho, algodão, lã, de densidades diversas, que se chamão *cadaços*. Entre estas fitas, que tem um uso inteiramente differente na economia domestica, ha algumas bastante largas que podem servir de ataduras.

Mas as ataduras de cadaço são geralmente más, duras, rijas e lustrosas. Não são porosas, e escorregão tão facilmente que não é possivel mantê-las no lugar. Por conseguinte não podem ser empregadas senão na falta das outras.

Ataduras enroladas. Antes de applica-la, deve-se enrolar a atadura. Quando a atadura está enrolada de uma a outra extremidade em um só cylindro, diz-se que está *enrolada em um só globo*.



Fig. 52. — Atadura enrolada em um só globo.

Fig. 53. — Atadura enrolada em dois globos.

Fig. 52. Chama-se *atadura de dois globos* aquella cujas extremidades se enrolarão ao mesmo tempo até se encontrarem, ficando os globos iguaes ou desiguaes conforme a necessidade. Fig. 53.

Para enrolar uma tira, dobra-se primeiro sobre si certa porção (cerca de 10 pollegadas) de uma das duas extremidades, para formar um rolo ou eixo solido. Pega-se então n'este rolo com o

dedo pollegar e index da mão direita (fig. 54), e faz-se rodar a atadura sobre o eixo, enquanto que com os primeiros dedos da mão esquerda se dirige a atadura, que deve circumdar o globo

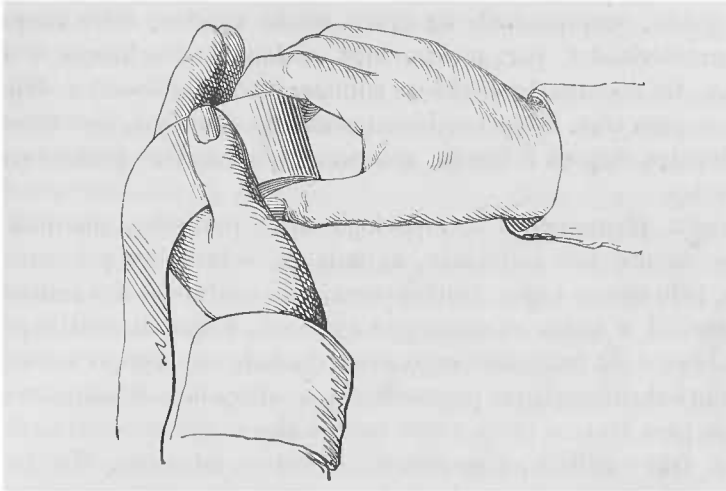


Fig. 54. — Modo de enrolar uma atadura.

começado. As circumvoluções devem ser tão apertadas quanto seja possível; porque as ataduras frouxamente enroladas escapão da mão.

Atadura (*Modo de applicar uma*). Veja-se **LIGADURA**.

ATANASIA, **tanasia** ou **tanaceto**. *Tanacetum vulgare*, Linneo. Planta herbacéa que habita nos lugares incultos da Europa. Caules muitos de uma só raiz, folhas serreadas, flores amarelladas, cheiro forte e desagradavel. Emprega-se como vermifugo, sob a fórma de chá, na dóse de 4 grammas (1 oitava) para uma chicara d'agua fervendo, ou em pó, na dóse de 2 a 4 grammas (meia a 1 oitava).

ATAQUE. Invasão subita de algumas molestias. Diz-se por conseguinte ataque de *apoplexia*, de *gota coral*, etc. (*Veja-se* estas palavras.) Quando se diz: *deo um ataque n'uma pessoa*, entende-se ordinariamente o ataque de apoplexia, vulgarmente *estupor*. (*Veja-se* **APOPLEXIA**, vol. I, p. 219.) Por *ataque de cabeça* designa-se *meningite*. (*Veja-se* esta palavra) *Ataque de figado*, (*Veja-se* *Inflammação aguda do figado*, artigo **FIGADO**). *Ataque de baço* (*veja-se* *Inflammação do baço*, no artigo **BAÇO**). *Ataque de peito*, (*veja-se* **ESCARROS DE SANGUE**, **PLEURIZ**.) *Ataque de garganta*, (*veja-se* **ANGINA**.)

Ataque de nervos. Com este nome se designa uma molestia nervosa, produzida ordinariamente por um susto, pezar profundo ou alguma outra paixão violenta, e caracterizada por movimentos

geraes do corpo, ou por uma suspensão incompleta das faculdades intellectuaes. Dá sobretudo nas mulheres.

Symptomas. Os symptomas d'esta molestia são mui diversos. Os casos mais notaveis são ataques convulsivos, que principião por uma quéda, acompanhada de gritos muito agudos; estes ataques são caracterizados por movimentos violentos dos braços e das pernas. Os doentes levantão-se subitamente, sentão-se, e depois virão-se para traz. Estes movimentos são tão violentos, que mesmo nos doentes magros e fracos, são necessarias muitas pessoas para segura-los.

A estes phenomenos succede logo uma remissão, na qual a pessoa doente fica estendida, agitada de sobresaltos pelo menor ruido, pelo menor toque. Outras vezes, pelo contrario, fica immovel e insensivel a todas as excitações externas. Estas alternativas de convulsões e de remissões seguem-se durante um tempo variavel. Durante todo o tempo que permanecem, a cabeça fica ordinariamente voltada para traz; o rosto umas vezes torna-se quente e vermelho, outras, frio e pallido; a respiração é forte e laboriosa. No meio das convulsões, as doentes levão frequentemente a mão ao pescoço, como se quizessem tirar algum obstaculo; a miudo batem no peito, na testa; tirão ou rasgão os vestidos; agarrão as pessoas que se chegam a ellas. Observão-se movimentos estranhos desde a cabeça até aos pés. Estes accessos acabão geralmente por uma explosão de prantos e de soluços, interrompidos por gargalhadas.

Mas os ataques de nervos nem sempre tem tanta violencia, nem apresentam sempre a mesma fórma; algumas doentes só cahem no chão com perda dos sentidos, mas não tem convulsões, e ficão n'uma immobildade tal, que as pessoas que não conhecem este estado, podem temer a morte proxima. Entretanto, de tempos a tempos ouve-se a respiração; observão-se alguns movimentos no corpo, depois a doente recobra os sentidos, e tem disposição para chorar e para affligir-se.

Existe ainda outra fórma de ataques : são dôres no utero, aperto da garganta, sentimento de uma bola que sobe do baixo-ventre até ao pescoço, onde produz uma especie de suffocação; esta fórma de ataques nervosos chama-se mais particularmente *hysterismo*. (*Veja-se esta palavra.*)

Depois do ataque, de qualquer especie que seja, sobrevem o cansaço geral, resfriamento do corpo, pallidez, rangedura dos dentes, etc.

Os ataques *durão* tempo indeterminado, ordinariamente muitas horas, mas os symptomas não conservão sempre a mesma intensidade; cada tres, cinco ou dez minutos, os gritos e os movimentos

convulsivos cessão por alguns instantes, e então a doente geme, mas ordinariamente não recobra a falla. Os primeiros ataques são ás vezes extremamente violentos. As doentes distinguem o repouso que succede depois da ultima remissão; dizem ás pessoas que as cercão, que acabou o seu ataque, e que as podem deixar, e raras vezes se enganão.

No intervallo dos ataques, o estado habitual das doentes varia conforme estes ataques são frequentes e fortes, ou raros e ligeiros, e conforme a duração da molestia. Quando são raros, as doentes apresentam todas as apparencias da mais perfeita saude. Entretanto, todas são nervosas, mui sensiveis, irasciveis, impacientes, teimosas; e tem o somno difficil e incompleto. A concepção e o parto fazem-se de maneira natural nas doentes que nos occupão; muitas são incommodadas por flores brancas abundantes.

Os ataques apresentam muitas anomalias na sua marcha: ás vczes, a invasão tem lugar pouco tempo depois da accão da causa; outras vezes o estado convulsivo é precedido de algumas horas ou de muitos dias, por dôres de cabeça e apertos de garganta. A volta dos ataques é tambem mais ou menos frequente; as affecções moraes influem particularmente sobre esta volta, e sobre a sua violencia; uma contrariedade, um sobresalto os provocão immediatamente; o socego renasce com a tranquillidade moral.

A duração da molestia é muito variavel. A volta da saude póde ter lugar depois de pequeno numero de ataques quando não existe forte predisposição, ou quando a causa foi passageira.

Causas. As causas dos ataques nervosos são, sobretudo, as paixões vivas, o ciume, as contrariedades, os grandes pezares. Os ataques podem ser produzidos pela vista do ataque em outra pessoa, e contraem-se por uma especie de imitação.

Tratamento durante o ataque. É preciso pôr a doente ao abrigo dos perigos que lhe faz correr a violencia dos seus movimentos. Convem contê-la com circumspecção, desapertar-lhe o vestido, tirar-lhe o collete, colloca-la n'um lugar arejado, approximar-lhe ao nariz um lenço ensopado em vinagre ou um frasco com ether; espargir no rosto algumas gottas d'agua fria, introduzir na bocca um pouco de sal de cozinha; introduzir rapé no nariz, applicar sinapismos nas pernas, dar uma chicara de chá de folhas de laranjeira, e finalmente administrar ás colheres, a poção seguinte:

Agua	150 grammas (5 onças)
Laudano de Sydenham.	20 gottas
Ether sulfurico..	20 gottas
Assucar..	15 grammas (1/2 onça).

Misture-se, e dê-se uma colher, das *de sopa*, de quarto em

quarto de hora. Se o aperto dos queixos não o permittir, administre-se o clyster seguinte :

Agua morna.	150 grammas (5 onças)
Laudano de Sydenham.	20 gottas.

Misture-sc.

Para curar a molestia e impedir a volta dos ataques, não se deve contar muito com os medicamentos preconizados n'este caso e que são : assafetida, camphora, almiscar, opio, etc.; mas deve considerar-se como o recurso mais util, o regimen, e tudo quanto se refere ao modo de viver. É preciso ter alguma occupação séria, e vida tranquilla; cumpre evitar as emoções fortes e sobretudo as contrariedades. O uso frequente de banhos mornos e frios, o exercicio do corpo, as viagens, as impressões moraes que possam produzir uma forte diversão nos sentimentos, cuja exaltação era a causa primaria da molestia, são, salvo as modificações indicadas por algumas circumstancias particulares, os melhores meios para curar os ataques de nervos.

ATAXIA LOCOMOTRIZ OU ATAXIA MUSCULAR PROGRESSIVA. Molestia do systema nervoso, caracterizada pela impossibilidade em que se acha o doente de dirigir, e regerar os movimentos á sua vontade, embora os musculos nada tenham perdido da sua contractilidade normal. Os doentes sentem pouca firmeza nas pernas; perdem facilmente o equilibrio, e, quando andão, levão as pernas á direita e á esquerda, de modo muito irregular; e se a molestia faz progressos, nem podem andar nem estar de pé; nem se podem servir das mãos para o menor uso. Comtudo esta molestia não é uma paralysisia. Se, com effeito, se dá a mão a estes doentes, apertão-n'a com força. Quando estão deitados, podem fazer executar aos membros todos os movimentos possiveis, o que não podem fazer os paralyticos. Em alguns d'estes doentes, existe certo grão de insensibilidade na palma das mãos, e na planta dos pés. Sobrevem dôres lancinantes, mas passageiras, na cabeça, nos membros, nos dedos; a vista enfraquece-se sensivelmente; a alguns doentes sobrevem a diplopia, isto é, vêem os objectos duplos. O sentido do ouvido conserva-se intacto, e geralmente as facultades intellectuaes não soffrem mingoa.

O *tratamento* d'esta singular molestia consiste no uso dos banhos frios de rio ou do mar; dos medicamentos tonicos, taes como o vinho de quina, cozimentos de quassia, de lupulo; e no emprego da electricidade por meio do apparelho de Ruhmkorf, GaiFFE, Breton e outros.

ATONIA. Synonymo de fraqueza. Falta de tom.

ATROPHIA. Dá-se este nome ao emmagrecimento extremo,

e á diminuição notavel no volume de qualquer órgão. Toda a causa que impede ou enfraquece o affluxo de sangue n'um órgão determina a sua atrophia. Assim a *atrophia parcial* é ordinariamente o resultado da compressão, da falta de exercicio, da diminuição ou da suspensão da influencia nervosa ; a *atrophia geral* é produzida pelas molestias dos órgãos essenciaes á vida ; designa-se então sob o nome de *consumpção*.

Atrophia muscular progressiva. Consiste no desapparecimento ou na transformação fibrosa ou fibro-gordurosa da substancia muscular.

Symptomas. Sem causa conhecida, ás vezes depois de uma exposição ao frio, depois de uma fadiga, sobrevem em certos musculos caimbras, contracções ou só uma sensação de entorpecimento ; os movimentos executão-se difficilmente, e, ás vezes, são impossiveis. Logo ao principio, póde-se já verificar um notavel emmagrecimento, que não ataca todo o membro ao mesmo tempo, como nas paralyrias, mas alguns dos seus musculos sómente, d'onde resultão deformações singulares, e a perda de certos movimentos. Os musculos assim affectados diminuem progressivamente de volume, e suas fibras desapparecem pouco a pouco para darem lugar á gordura. Comprimindo-os, não se sente mais a resistencia elastica propria ao estado normal, mas sim uma superficie molle, incapaz de se contrahir ; e se o musculo tem desapparecido, sentem-se cordões fibrosos ou as superficies osseas quasi a nú. A alteração, mais ou menos rapida na sua marcha, invade logo outros musculos, sobretudo os musculos homologos do lado opposto.

Todavia, por mais extensa que seja, a affecção muscular conserva-se quasi sempre local, e as principaes funcções não experimentão perturbações consideraveis. Não se perde o appetite ; as digestões são boas, as faculdades intellectuaes intactas. Mas os doentes tornão-se muito fracos, e quasi impossibilitados de fazer certos movimentos ; não podem tão pouco dobrar ou estender o membro. Se a atrophia affecta os musculos do peito, a respiração póde tornar-se embaraçada.

A molestia segue uma marcha mais ou menos rapida : ha doentes que perdem em alguns mezes o uso da maior parte dos musculos ; no maior numero, este resultado só tem lugar passados muitos annos. A molestia, depois de declarada, póde permanecer estacionaria durante certo numero de annos, e limitar-se a alguns musculos.

Tratamento. Os medicamentos que mais aproveitão n'esta molestia, são : banhos com plantas aromaticas, banhos frios de rio ou

do mar, a electrização por meio deapparelhos proprios, e as fricções com o linimento seguinte :

Oleo concreto de moscada, 15 grammas (4 onças); oleo volatil de cravo, 15 gram. (1/2 onça); alcoolato de zimbro, 270 gram. (9 onças). Misture-se.

ATROPINA. Alkali vegetal, extrahido da belladona, da qual é o principio activo. Sendo pura, apresenta-se sob a fórma de pequenas agulhas sedosas, brancas, de sabor amargo e acre, solúvel em 8 partes d'alcool fervendo, em 60 partes d'ether, em 30 partes d'agua fervendo, e em 500 partes d'agua fria. É dotada de propriedades energicas; como a belladona, dilata a pupilla, mas de maneira muito mais manifesta. Externamente é muito empregada nas affecções oculares; e é aconselhada internamente na tossé spasmodica, e em muitas nevralgias. Mas é um medicamento perigoso, e requer grande cautela no seu emprego. A dóse que póde ser dada por dia, interiormente, é de meio milligramma a 1 milligramma (1/400 a 1/50 de grão). Em collyrios tambem não deve ser administrada em maior dóse.

Sulfato de atropina. Sal que resulta da combinação do acido sulfurico com a atropina. Apresenta-se sob a fórma de pós brancos. É mui solúvel na agua fria e no alcool. Emprega-se nos mesmos casos e na mesma dóse que a atropina. Usa-se sobretudo em injeccões sub-cutaneas nas diversas nevralgias. É tão perigoso como a atropina, pelo que a sua solução é administrada ás gottas.

Valerianato de atropina. Combinação de acido valerianico com atropina. Escamas brancas, mui soluveis em agua. Sal muito energico, e mui perigoso; aconselhado nas nevralgias na mesma dóse que a atropina.

AUSCULTAÇÃO. Este nome vem da palavra latina *auscultare*, escutar. É a applicação do ouvido para reconhecer a natureza dos ruidos que existem no peito. Este meio de investigação é uma das conquistas da medicina moderna, e data apenas de cincoenta e sete annos.

Depois d'esta invenção, a parte relativa ás molestias do peito mudou completamente de aspectto, e a arte de as reconhecer que offerecia grandes obstaculos, apresenta hoje mui pequenas difficuldades.

Pratica-se a auscultação de duas maneiras: 1º applicando o ouvido sobre o peito nú, ou, melhor ainda, coberto com um panno espesso; 2º interpondo entre o ouvido e o peito um canudo de pào chamado *stethoscopio*.

AVEIA. Semente da planta do mesmo nome. Existem d'ella muitas variedades, cultivadas nos climas temperados. A aveia

ordinaria (*avena sativa*, L.) vai indicada na fig. 55. As sementes, que tem o envoltorio branco ou preto, conforme a variedade da planta, servem principalmente para a alimentação dos cavallos, e em alguns paizes servem tambem para a alimentação do homem. Em medicina, usão-se para a preparação dos cozimentos emollientes, mas devem primeiro ser descascadas; são então brancas, e chamão-se *aveia preparada*.

Dóse : 15 grammas (meia onça) de aveia para 500 grammas (16 onças) d'agua; ferva, cõe e adoce com assucar. Na Inglaterra e na Allemanha fabrica-se com a aveia uma cerveja leve e muito delicada.

AVELÃ. Fructo da avelleira, *Corylus avellana*, L., arbusto da familia das Cupulíferas que habita em Portugal e outros paizes da Europa. Este fructo é ovado; nucleo branco, doce, epiderme loura. Os confeiteiros fazem com este fructo gragêas finas, e póde extrahir-se d'elle um oleo analogo ao de amendoas doces. A avelã é um fructo delicado, igualmente saboroso no estado verde e no estado secco, mas de que não se deve abusar por ser indigesto. As avelãs seccoas (na sua casca), quer sós, quer misturadas com amendoas, figos e passas, servem-se na sobre-mesa.

AVENCA OU CAPILLARIA. Em botanica dá-se este nome a diversas especies de pequenos fetos, cuja folhagem é mui delgada. Habitão nas fendas dos rochedos, das muralhas, dos poços, etc., e são empregados como emollientes, em infusão, nas bronchites e outras molestias do peito. Muitos d'estes fetos habitão no Brasil e em Portugal; no Brasil chamão-se vulgarmente *samambayas*. Os que se empregão em medicina são :

1º **Avenca do Canadá.** *Adiantum pedatum*, Linneo. Fig. 56. Planta que habita no Canadá. Seus peciolos são mui longos, vermelhos ou roxos e muito lisos. Dividem-se na parte superior em dois ramos iguaes, com ramificações sómente no lado interno. Os



Fig. 55. — Aveia ordinaria.

foliolos são numerosos, macios, de um bello verde, de cheiro agradável, de sabor doce e um tanto estyptico; faz-se com elles uma infusão e um xarope muito usado contra a tosse. A infusão prepara-se com 4 grammas (1 oitava) de folhas de avenca e 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo. O xarope é conhecido debaixo do nome de *capillé*; usa-se, com agua, como refresco.

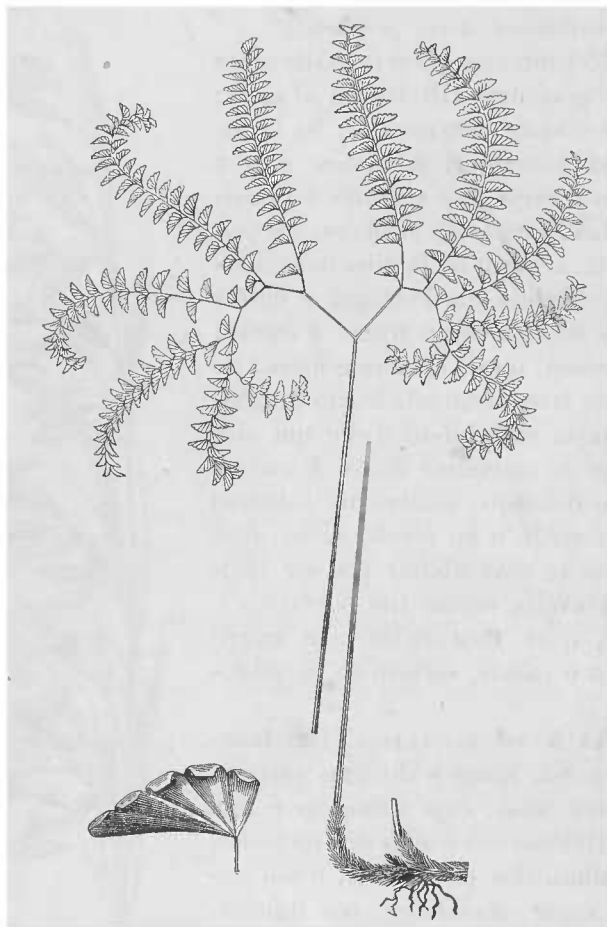


Fig. 36. — Avenca do Canadá.

2º **Avenca ordinaria.** *Adiantum capillus Veneris* L., Planta da Flora portugueza; habita junto das fontes, nos poços e sitios sombrios. Folhas da altura de 15 a 20 centímetros; peciolo filiforme, de um vermelho escuro, foliolos cuneiformes, lobados; cheiro menos agradável que o da especie precedente. Usa-se debaixo da fórma de infusão, contra a tosse. *Dóse*: 4 grammas (1 oitava) para 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

3º **Avenca trapeziforme.** *Adiantum trapeziforme*, Linneo, Habita no Brasil e no Mexico. Substitue ás vezes no commercio a avenca do Canadá. Tem os peciolos lenhosos de 60 a 100 centímetros, frondosos, muito ramificados, lisos, e de côr *preta*; os foliolos são alternos, rhomboidaes ou trapeziformes, incisos; de côr verde-escura como anegrada, de consistencia firme; separão-se facilmente do talo, o que é um grande inconveniente para o commercio. Esta avenca é aromatica, e fornece medicamentos tão agradaveis como a do Canadá. Usa-se contra a tosse, em infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) de folhas e 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

As outras avenças que existem no Brasil, e que se empregão nas mesmas dóses, e nos mesmos casos que a avenca das boticas ou do Canadá são: *Adiantum cuneatum*, Langsdorff; *Adiantum subcordatum*, Sw.; *Adiantum tenerum*, Sw.; *Adiantum radiatum*, L., etc.

AYAPANA ou **JAPANA.** *Eupatorium ayapana*, Ventenat. Planta da familia das Synanthereas-eupatorias, que habita espontanea nas provincias do norte do Brasil; nas provincias do sul cultiva-se nos jardins. Caule quasi lenhoso na base; folhas oppostas, quasi rentes, lanceoladas, com tres nervuras, glabras, de cheiro aromatico; flores em capitulos formando corymbos. A sua infusão é um bom sudorifico; prepara-se com 4 grammas (1 oitava) de folhas e 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo. As folhas frescas, ou o seu succo, applicão-se com vantagem nas feridas.

AZEBRE. *Veja-se ALOES.*

AZEDA. Planta da familia das Polygoneas, que contém muitas especies, das quaes a principal é a AZEDA ORDINARIA (*Rumex acetosa*, Linneo), planta que habita naturalmente nos prados de Portugal, e se cultiva no Brasil. Tem as folhas alternas, quasi carnosas, afrechadas, agudas, de 10 a 18 centímetros de comprimento, as inferiores pecioladas, as superiores rentes, as do cimo lineares, de gosto acido; flores verdes; caules muitos, de uma só raiz, de 30 a 60 centímetros de altura, articulados. As folhas da azeda são a unica parte da planta que se usa. São frequentemente empregadas na cozinha para a preparação das sopas verdes, para dar melhor gosto ao espinafre, á acelga e as outras hervas comestiveis com que se misturão; comem-se tambem cozidas sós, ou associadas á carne. Constituem um alimento temperante e sadio; mas as pessoas que padecem de areias devem abster-se d'ellas, pois que alguns factos tem provado que as azedas, pelo acido oxalico que contém, favorecem a formação das pedras de oxalato de cal, que não se podem dissolver na ourina.

As folhas de azeda empregão-se para limpar as vasilhas de

cobre que tornão muito brilhantes. Extrahe-se d'ellas o oxalato de potassa (sal de azedas), que tem a propriedade de decompôr a tinta de escrever e tirar-lhe as nodoas. O cozimento de azeda é empregado no escorbuto; suas folhas applicão-se com vantagem nas ulceras escorbúticas. Com as folhas de azedas, e sobretudo com os peciolos das folhas, podem tirar-se do panno as nodoas da tinta de escrever.

AZEDINHA DO BREJO OU HERVA DO SAPO. Com estes nomes são conhecidas no Brasil diversas *Begonias*, taes como a *Begonia acida*, Velloso; *Begonia acetosa*, Velloso; *Begonia bidentata* e *sanguinea*, Raddi; *Begonia cucullata*, Willd; *Begonia hirtella*, Link; *Begonia undulata*, Otto; *Begonia platanifolia*, Schott; plantas da familia das Begoniaceas que habitão nos lugares humidos do Brasil. O seu succo, que é acido, é remedio popular contra a diarrhea; administra-se n'este caso internamente na dóse de 2 a 4 colheres de *sopa* por dia. applica-se tambem externamente contra os sapinhos das crianças. Tambem as folhas da azedinha do brejo se comem cozidas. O succo tira as nodoas da tinta de escrever.

AZEDUME. *Veja-se* AzIA.

AZEITE. Esta palavra emprega-se ora como synonymo de *oleo*, e para designar geralmente todo o corpo gorduroso que conserva o estado liquido na temperatura de 10° a 20° centigrados; ora para indicar o liquido oleoso extrahido da azeitona. No Brasil chamão *azeite doce* ao azeite de azeitonas, para o differencarem do de peixe, do de dendê, do de mandubi, e de outros *azeites* de varios cocos e coquinhos do Brasil.

Azeite para a mesa. O melhor d'elles é o azeite de azeitonas. Mas ha muitos outros azeites, que se extrahem das sementes oleaginosas, que servem como alimento. Taes são o azeite de dendê, de sementes de dormideira, de mandubi, de gergelim, de differentes cocos. As considerações geraes sobre os azeites comestiveis achão-se expendidas no fim do artigo AZEITE DOCE.

Azeite para luzes. Todos os azeites das sementes das plantas cruciferas, *colza*, *nabo*, *canhamo*, são proprios para a illuminação, mas o melhor é o *oleo de colza*, (sementes de uma especie de couve), depois de cuidadosamente purificado. Falsifica-se ás vezes com azeite de sementes de canhamo, que é de preço muito menos elevado. Esta fraude tem por inconveniente o produzir uma luz esverdeada, e carbonizar promptamente as mechas dos lampiões. A côr da luz produzida pelo azeite de colza puro é de um amarello franco.

Não se devem fazer grandes provisões de azeite para luzes. Deve ser conservado na adega, em vasilhas bem tapadas; ao

contacto do ar e da luz torna-se espesso e perde parte das suas propriedades.

Azeite de carrapato. *Veja-se* OLEO DE RICINO.

Azeite de dendê ou de palma. Oleo extrahido do fructo de uma especie de coqueiro, *œleis guineensis*, Linneo, originario da Africa e da Guyana, cultivado nas provincias do norte do Brasil. A arvore tem as folhas pinnadas, com peciolos espinhosos; o fructo é uma drupa da grossura de uma noz, de um amarello dourado, formado de um sarcocarpo fibroso e oleoso, e de um caroço duro que encerra uma amendoa gorda e solida. O fructo contém, por consequinte, dois azeites differentes, que se extrahem separadamente. O azeite do sarcocarpo é amarello, cheiroso, sempre liquido na Guyana e na Africa, e emprega-se para os mesmos usos que o azeite de azeitonas; entretanto que o azeite que se tira da amendoa é branco, solido, e serve para substituir a manteiga. Este, muito menos abundante, é raro no commercio; mas aquelle é hoje importado em quantidade consideravel na França e Inglaterra, onde serve, sobretudo, para a fabricação do sabão.

O azeite de dendê, tal como existe no commercio, é de consistencia de manteiga, de côr amarella-alaranjada. Tem sabor doce e perfumado, e cheiro de violas; derrete-se ao 29º; torna-se então muito fluido, e de côr de laranja carregada; saponifica-se mui facilmente pelos alcalis, e forma sabão amarello. Este oleo serve no Brasil para guisar os legumes, os carurús. Emprega-se tambem na medicina, e sobretudo no rheumatismo, em fricções.

Azeite doce. Oleo extrahido das azeitonas, fructo da oliveira, *olea europea*, Linneo, arvore originaria da Asia, cultivada quasi em todo o reino de Portugal, na Italia, Grecia, Hespanha e sul da França. (Fig. 57.)

O azeite doce é empregado em medicina externa e internamente. No primeiro caso, serve como emolliente para untar as partes doridas e inflammadas. Internamente, o azeite toma-se como laxante; emprega-se principalmente nas colicas e envenenamentos. Convem em todos os envenenamentos produzidos por substancias acres e irritantes, por isso mesmo que provoca vom-



Fig. 57.

Oliveira e azeitonas.

tos. Póde-se usar do azeite doce, na dóse de 1 ou 2 onças (tres a seis colheres *de sopa*), nas colicas acompanhadas de constricção do ventre; administra-se tambem, na mesma dóse e no mesmo caso, em clysteres, misturado com agua quente ou decocção de linhaça.

O azeite é, segundo a natureza do fructo que o fornece, de côr amarella-esverdeada ou amarella-clara. Sendo mais caro o azeite de azeitonas do que os outros oleos, acontece ás vezes que o misturão com olco de sementes de dormideiras, que é tambem doce e sem cheiro. Basta, para conhecer a mistura, deitar um pouco n'uma garrafinha e mexer; se o azeite é puro não forma bolhas; se, pelo contrario, é misturado, cobre-se de muitos circulos de bolhas de ar. Mas este meio é insufficiente, quando se trata de determinar a presença de pequena quantidade de algum oleo estranho. Forão propostos muitos processos, fundados todos na propriedade que tem o azeite de se congelar assaz facilmente; mas como não é sempre facil submittê-lo a uma baixa temperatura para certificar a sua pureza, foi proposto como reagente o proto-nitrato de mercurio liquido. O exame consiste em misturar em um frasquinho 2 oitavas d'este sal com 2 onças de azeite e mexer; se o azeite é puro, coagula-se em totalidade depois de algumas horas de repouso; se, pelo contrario, está misturado com oleo de dormideira ou de colza, estes sobrenadão; uma terça parte d'estes oleos torna o azeite impossivel de se coagular.

Conservação do azeite. O azeite doce conserva-se em talhas de barro envernizado. Não poderia guardar-se nos barris que servem para transporta-lo. O primeiro cuidado que se deve ter, depois de recebida uma provisão de azeite, consiste em trasfega-lo em talhas, potes de barro envernizado, ou garrafas de vidro: não havendo este cuidado, póde perder-se grande quantidade d'elle. Nem mesmo convem fazer grande provisão de azeite doce; porque, mesmo quando não se faça rançoso, torna-se sempre menos fluido, e menos agradável ao gosto.

O azeite doce e todos os outros azeites³ comestiveis, quando estão turvos, podem ser purificados por lavagens repetidas, isto é, vascolejando-os vivamente, e por muitas vezes, com o seu volume d'agua pura. Deixa-se depois repousar a mistura, e decanta-se o azeite purificado que nada em cima da agua, na qual ficão todas as partes mucilaginosas. Podem-se tambem purificar os azeites mediante os differentes aparelhos de filtração. (*Vejá-se FILTRAÇÃO.*)

Os azeites comestiveis contraem, pela oxydação dos seus principios ao contacto do ar, um cheiro desagradavel e um sabor nauseoso, conhecido debaixo do nome de *ranço*. Póde-se, por diversos meios de facil applicação, impedir durante um tempo

mais ou menos longo os azeites de se fazerem rançosos; e quando mesmo já o estejam, podem-se livrar do ranço, se não completamente, ao menos bastante para poderem servir para a alimentação. O modo mais simples de prevenir o ranço dos azeites comestíveis consiste em triturar uma diminuta quantidade de assucar refinado, com algumas colheres de azeite, e ajuntar depois esta mistura á provisão, por pequenas porções, afim de que o assucar fique igualmente repartido. A dóse é de 100 grammas de assucar triturado a frio com 60 grammas de azeite para prevenir o ranço de 25 litros de azeite comestível. Esta fraca quantidade do assucar em nada altera o sabor natural do azeite, e prolonga muito a sua conservação. Para os azeites, cujo gosto não se altera pela acção do calor, o azeite de sementes de dormideiras, por exemplo, póde-se empregar a ebullição durante alguns minutos com vinagre de vinho; na dóse de 15 grammas por litro de azeite. Forma-se na superficie uma espuma assaz abundante que se tira; depois coa-se o azeite meio-resfriado. Parte do vinagre evaporou-se durante a ebullição; o resto precipita-se espontaneamente no fundo do vaso, sem deixar vestigio sensível do seu contacto com o azeite. Quando os azeites comestíveis tem só um começo de ranço, tira-se-lhes este deitando em vasilha de vidro ou de barro envernizado carvão de lenha grosseiramente pulverizado; a dóse é de 120 grammas de carvão por litro de azeite. O carvão e o azeite devem ficar em contacto durante 3 dias, mexendo de vez em quando a mistura; separa-se depois o carvão do azeite pela filtração.

Se o ranço do azeite está mais adiantado, misturão-se com precaução 15 grammas de acido sulfurico com 150 grammas d'agua, e sacode-se vivamente esta mistura com 1 litro de azeite que se deixa depois em repouso durante oito dias, findos os quaes decanta-se. Forma-se um pequeno deposito no fundo do vaso; o resto do azeite apresenta-se limpido e sem ranço.

Azeite de peixe. Mistura de gorduras extrahidas da baleia e de alguns peixes do mar. É empregado para o fabrico do sabão verde e para luzes. É de côr branca ou avermelhada, e de cheiro desagradavel.

Para os outros *azeites* veja-se OLEO, ou as plantas das quaes se extrahem estes azeites.

AZEITONA. Fructo da oliveira, *olea europea*, Linneo, arvore que habita nos climas quentes. (Fig. 57, pag. 273.) É uma drupa oval ou redonda, carnosa, tendo no centro um caroço duro e lenhoso que encerra uma amendoa. Sua polpa, firme e verde antes de madura, torna-se molle amadurecendo, e cobre-se de uma

pellicula quasi preta; é então que se espreme para extrahir d'ella o *azeite doce*.

As azeitonas formão um objecto de consumo muito importante. Antes de expedidas e servidas nas nossas mesas, submettem-se a uma operação que tem por fim destruir o seu gosto aspero. Colhem-se quando ainda verdes, e mergulhão-se em grandes talhas d'agua, que se renova durante oito ou dez dias, salga-se depois fortemente a ultima agua, e é n'esta salmoura que se conservão. Costuma-se, antes de mettê-las na salmoura, passa-las n'uma solução fraca de potassa ou de soda, a que se junta uma pouca de cal.

O uso mais geral das azeitonas consiste na extracção do seu azeite, que é o mais estimado e o mais proprio para os usos domesticos e para a fabricacção do sabão. As azeitonas comem-se cruas ou cozidas com carne. Não se deve fazer uso excessivo das cruas, porque este alimento, como todos os que contém grande porção de azeite, é de difficil digestão. Em quantidade moderada, não deixão de ser saudaveis.

AZEVICHE. Especie de betume solido, duro, compacto, de côr preta luzente, que se acha no seio da terra, e que se considera como madeira carbonizada e impregnada de petroleo. Apresenta-se em fragmentos agudos, do peso especifico de 1,26, de dureza bastante para poder receber um polimento e ser trabalhado ao torno. Arde com um cheiro acre, ás vezes aromatico. Encontra-se em camadas interrompidas na França, Hespanha e Allemanha. Fazem-se com o azeviche differentes objectos de ornamento, como brincos das orelhas, collares, cruces, ornatos de luto, etc.

Azeviche artificial. Especie de esmalte ou de vidro ennegrecido que serve para os mesmos usos que o azeviche natural. De alguns annos a esta parte emprega-se bastante este producto. As imitações feitas com vidro são muito menos caras, e mais duras do que o azeviche natural, mas não tem tanto brilho.

AZIA ou AZEDUME. Dá-se vulgarmente este nome ás eructações acidas que produzem na bocca uma sensação desagradavel. Este phenomeno, que em muitos individuos se reproduz com intervallos mui breves, póde proceder de causas mui variadas. As azias acompanhão as más digestões, e precedem frequentemente os vomitos na indigestão propriamente dita. As pessoas que soffrem de molestias do estomago estão mui sujeitas a este incommodo, mas nem por isso deixa elle de atacar ás vezes aquellas que mostrão gozar de boa saude. Muitas mulheres gravidas padecem d'elle durante os primeiros mezes da prenhez. As vezes procede do uso de alimentos acidos ou acres, de bebidas acerbadas, incompletamente fermentadas.

Para combater a azia do estomago, aconselha-se a magnesia calcinada, tomada na dóse de 1 gramma (20 grãos), ou uma pequena colher, de manhã em jejum, n'uma chicara d'agua com assucar, com addição de uma pouca d'agua de flores de laranjeira. Para adoçar a agua, é melhor servir-se de xarope simples, em lugar de assucar; então faz-se melhor a mistura. Para este fim deita-se primeiro uma colher *de sopa* de xarope n'um copo, depois junta-se a magnesia, que se mistura com o xarope; deita-se agua sobre tudo isto, mexe-se com uma colher, e bebe-se depressa. As pastilhas de Vichy podem tambem ser empregadas, porque contém o bicarbonato de soda, que neutraliza os acidos. Tomão-se tres a quatro depois da comida ou em jejum. Uma chicara de infusão de macella gallega, tomada de manhã, póde ser tambem util n'este caso. O rhuibarbo em pó, na dóse de 50 centigrammas (10 grãos), administrado alguns instantes antes do jantar, é as vezes vantajoso. O regimen merece tambem toda attenção. As pessoas sujeitas á azia devem comer com moderação e abster-se de alimentos susceptiveis de fermentação, como couve, nabos, feijões, ervilhas, etc. Devem preferir a carne. Os queijos alcaescentes, isto é, mui fermentados, como o de Gruyère, podem ser uteis, pois que contém um principio alcalino analogo ao que existe nas pastilhas de Vichy.

Quanto á azia que é indicio de molestia organica do estomago, um regimen severo, a dieta lactea, as bebidas emollientes, taes como a agua de cevada, de arroz, de gomma; cataplasmas de de farinha de linhaça sobre a região do estomago, banhos mornos, clysteres com decoção de raiz de althéa, são os melhores meios a empregar.

AZINHAVRE, FERRUGEM DE COBRE, VERDETE DE COBRE. É a substancia verde que se forma sobre o cobre ou suas composições, expostas ao ar humido; é carbonato de cobre, e portanto um veneno. *Veja-se COBRE.*

AZOTATO DE POTASSA. *Veja-se NITRO.*

AZOTATO DE PRATA. *Veja-se PEDRA INFERNAL.*

AZOUGUE. *Veja-se MERCURIO.*

AZUL DE PRUSSIA. Esta substancia, usada na arte de tinturaria, é um prussiato de ferro e de potassa; isto é, uma composição de acido prussico, de ferro e de potassa; é de uma bonita côr azul. Prepara-se calcinando nos fornos materias animaes, o sangue sobretudo, com carbonato de potassa e com ferro. O azul de Prussia serve na pharmacia para preparar o cyanureto de mercurio, e o acido prussico.

AZUL DE SAXONIA, ou *azul em licor,* ou *azul de compo-*

sição, é a solução de uma parte de anil em oito partes de acido sulfurico. Esta preparação, empregada na arte de tinturaria, deve ao acido sulfurico as suas propriedades causticas, e varias vezes tem produzido envenenamentos. Para combater os accidentes *veja-se* ENVENENAMENTO PELOS ACIDOS CONCENTRADOS.

B

BABOSA (HERVA). *Veja-se* ALOES.

BACALHÃO. *Morrhua vulgaris*, L. Fig. 58. É um peixe que habita toda a zona do Oceano septentrional, comprehendida entre o 40° e o 70° de latitude, e reune-se todos os annos, pelo mez de Março, em numero verdadeiramente incalculavel, sobre uma montanha sub-marinha chamada o *grande banco de Terra-Nova*, que occupa defronte da ilha do mesmo nome um espaço de

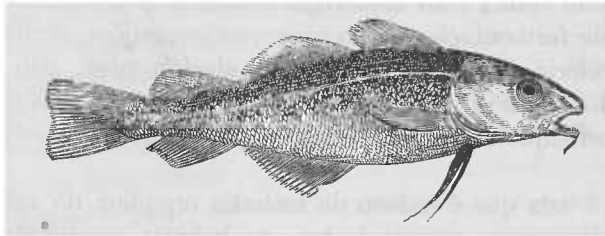


Fig. 58. — Bacalhão.

150 leguas. Este peixe, quando chegado ao seu completo crescimento, tem 100 a 130 centimetros de comprimento, cerca de 30 centimetros de largura, e pesa de 7 a 10 kilogrammas, e ás vezes mais. O bacalhão tem um estomago muito volumoso: alimenta-se de peixes, sobretudo de arenques, de molluscos, de crustaceos, etc. A sua fecundidade é prodigiosa: acháráo n'uma ova até 4 milhões (outros dizem 8 milhões) de ovulos.

A pesca do bacalhão tem lugar desde Fevereiro até Maio no mar do Norte, e principalmente sobre o banco de Terra-Nova, onde cada anno, no verão, se ajuntão os pescadores de todas as nações maritimas; estes, não distribuem, termo médio, menos de 36 milhões de bacalhãos, salgados ou seccos, ao commercio do mundo. Esta pesca faz-se com linhas do comprimento ás vezes de 150 metros, guarnecidas de um chumbo na extremidade do anzol. Depois de pescados os bacalhãos, salgão-se ou fazem-se seccar. No primeiro caso, abre-se-lhes o ventre para lhes tirar os intestinos, extrahe-se o figado e os ovos, depois de cortada a cabeça e a lingua que se põe á parte. Foi um Portuguez, Gaspar de Côrte

Real, que fez, em principios do seculo xvii^o, a primeira pesca do bacalhão perto do Banco de Terra-nova ; depois, esta pesca tomou uma extensão mui consideravel.

O bacalhão, salgado ou secco, conserva-se longo tempo sem alteração, e pôde ser transportado para todos os pontos do globo. A carne do bacalhão não é a unica parte de que se faz uso ; a lingua, fresca ou salgada, é um bocado delicado : come-se seu figado, e d'elle extrahe-se um oleo que se emprega em medicina contra as molestias do peito, escrophulas, rachitismo, etc., e que é muito procurado nas artes (*veja-se OLEO DE FIGADO DE BACALHÃO*); tira-se de sua bexiga natatoria uma colla que não é inferior á do esturjão ; as suas ovas são um manjar appetitoso. Antes de fazer cozer o bacalhão, deve-se-lhe tirar o sal, pondo-o de môlho por 24 horas em agua que se mudará duas ou tres vezes. Ha muitas maneiras de o preparar. É uma comida sadia.

BACIA. *Veja-se PELVIS.*

BAÇO. O baço é um órgão molle, esponjoso, de côr rubra mais ou menos escura, situado do lado esquerdo da cavidade do ventre, entre o estomago e as ultimas costellas, por cima e adiante do rim esquerdo. A sua fôrma é ellipsoide ; o seu comprimento, mui variavel, é ordinariamente de 13 a 16 centimetros ; tem 8 a 11 centim. da margem anterior á posterior ; 32 a 46 millim. (14 a 20 linhas) ; da face interna á face externa : o seu peso mais ordinario é de 250 grammas (8 onças). As funcções do baço não são bem conhecidas. O baço é notavel pelo numero e volume dos ramos venosos ; julga-se, pois, que serve de reservatorio ao sangue venoso nos casos em que este

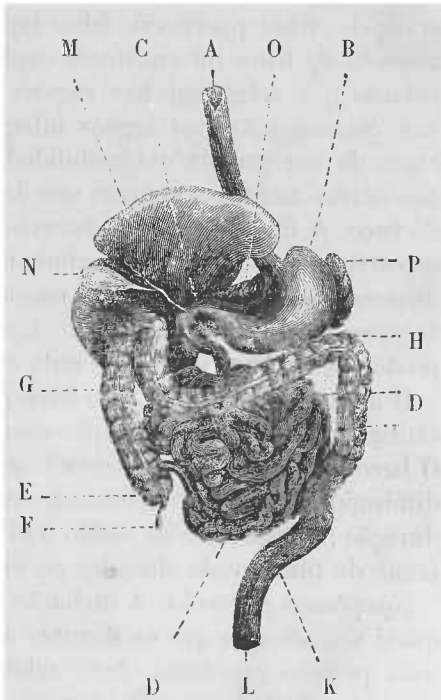


Fig. 59. — Fígado, estomago, baço, intestinos, etc.

liquido é repellido para os órgãos profundos, durante o frio das febres intermitentes, por exemplo, e nas carreiras precipitadas. *Veja-se o baço na fig. 59, e tambem na fig. 36, Vol. I, pag. 177.*

Fig. 59. *Canal digestivo e os órgãos que concorrem á digestão.* A, esophago ; B, estomago ; C, pyloro, que está em continuação com

o duodeno ; DD, intestino delgado, que está em continuação com o intestino cego E ; F, appendice cecal ; G, colon ascendente ; H, colon transversal ; J, colon descendente ; K, recto ; L, anus ; M, fígado, levantado para que se veja a sua face inferior ; N, vesícula biliar, com os seus conductos ; O, pancreas ; P, baço.

MOLESTIAS DO BAÇO.

Canero do baço. *Veja-se* CÂNCRO.

Congestão ou Hyperemia do baço. Accumulação do sangue no baço. Este órgão por causa de numerosos vasos que contém, e que são susceptíveis de grande dilatação, póde experimentar grande augmento do seu conteudo sanguineo, e por isso mesmo um augmento de volume mui consideravel.

As congestões do baço declarão-se no curso de certas molestias agudas, que são : febre intermittente, sarampos, escarlatina, erysipela, febre puerperal, febre typhoide. A inchação do baço nos accessos de febre intermittente explica-se pela perturbação da circulação que sobrevem nas regiões superficiaes do corpo, e pela sua concentração nos órgãos internos, e sobretudo no baço por causa da sua grande extensibilidade. A congestão que sobrevem nas outras molestias provem simplesmente da relaxação do tecido do baço. A fluxão do baço observa-se tambem na supressão da menstruação. Declara-se igualmente pela simples influencia dos miasmas pantanosos (*congestão palustre*), sem que tenham apparecido accessos de febre intermittente. Emfim a accumulção de sangue produz-se no baço depois de cada comida.

O augmento de volume do baço póde ser tão grande que o órgão attinge ás vezes o quadruplo e sextuplo do volume ordinario. O baço congestionado conserva a sua fórma ; mas a consistencia é diminuida. O augmento torna-se evidente nas congestões de longa duração ; desenvolve-se então um estado designado debaixo do nome de tumefacção chronica ou de hypertrophia.

Symptomas e marcha. A inchação hyperemica do baço produz-se quasi sempre sem que os doentes accussem dôres espontaneas. Só uma pressão profunda, feita sobre o lado esquerdo do ventre, occasiona-lhes algum soffrimento.

A congestão do baço que se desenvolve durante o curso da febre typhoide e de outras molestias, desaparece ao mesmo tempo que estas molestias, sem deixar modificações do tecido. Não acontece o mesmo na congestão que acompanha a febre intermittente, assim como nas congestões que persistem durante certo tempo debaixo da influencia contínua dos miasmas palustres.

Um baço de dimensão normal não deve exceder a margem das

costellas ; toca, sobre a extensão de cerca de 6 centímetros, a parede esquerda do thorax a partir da margem livre da undecima costella. Tal é a extensão na qual dá som massiço na *percussão*, ao passo que é inacessível á *palpação*. Quando o baço augmenta de volume, o som massiço estende-se primeiro ao comprimento da parede thoracica, e só mais tarde, quando o orgão attingio um volume consideravel, é que faz prominencia debaixo da margem das costellas. O som massiço da parede thoracica póde subir até á quinta costella, estender-se por detraz até á columna vertebral, e exceder por diante uma linha que se suppõe tirada da extremidade anterior da undecima costella até ao bico do peito, e que se considera como o limite anterior do som massiço normal.

É facil reconhecer pela *palpação*, e distinguir de outros tumores, um baço inchado, com tanto que não esteja mui molle. Em quanto o seu volume está moderado, não se sente senão durante as inspirações profundas, porque desaparece debaixo das costellas durante a expiração. Quando o crescimento do tumor se faz rapidamente, estende-se pouco a pouco, em direcção obliqua, do lado esquerdo do ventre até ao embigo. Quasi sempre se reconhece ao mesmo tempo a fórma caracteristica do orgão, sobretudo os entalhos pouco profundos da margem romba anterior. O tumor segue os movimentos da respiração, póde facilmente deslocar-se, e muda de lugar com as differentes posições do corpo. Baços de volume colossal tomão muitas vezes, em lugar da direcção obliqua, uma direcção vertical, firmão-se finalmente sobre um ponto da bacia, o que os torna menos movediços, e os impede que sigão os movimentos ascendentes e descendentes do diaphragma. Em casos mui raros, o augmento de volume conhece-se no exterior pela prominencia do lado esquerdo do ventre ; ás vezes mesmo observão-se os contornos do orgão engrandecido. Porém, nos casos ordinarios, o baço inchado por uma congestão excede raras vezes a margem das costellas, e escapa mesmo n'este caso á palpação por causa da sua molleza.

Tratamento. A congestão do baço, segundo o que deixei dito sobre a sua marcha, torna-se raras vezes objecto de tratamento. Se se chega a curar a molestia de que depende, desaparece quasi sempre espontaneamente. A congestão, porém, que resulta da infecção palustre não desaparece de por si ; exige a administração de sulfato de quinina conforme a receita seguinte :

Sulfato de quinina. 1 gramma (20 grãos).

Divida em 10 papeis. Para tomar um papel por dia.

O baço inchado pela congestão sanguinea diminuc pelas duchas frias. Convem, pois, recorrer a este meio.

Contusão do baço. *Veja-se* CONTUSÃO.

Degenerescencia atoucinhada do baço. O baço é susceptível de uma transformação que foi comparada ao toucinho ou cera. A sua côr é então de um rubro pallido; o seu córte é liso, secco e mostra um brilho que foi comparado ao córte do toucinho ou da cera. N'este estado o baço adquire grande volume. A degenerescencia atoucinhada do baço apparece nos ultimos periodos de diversas molestias chronicas, e principalmente nas eserophulas e no rachitismo; os doentes estão reduzidos ao ultimo gráo de fraqueza. O tratamento consiste em preparações de ferro, de quina e regimen analeptico.

Encalhe, enfarte, engurgitamento ou obstrucção do baço. Estes diversos nomes applicão-se á *congestão* e *hypertrophia* do baço.

Feridas do baço. *Veja-se* FERIDAS.

Hypertrophia do baço. Augmento de volume do baço, isento de qualquer mudança de textura. Chamão-lhe tambem *encalhe*, *endurecimento*, *enfarte* ou *obstrucção do baço*.

Cumpre não confundir a congestão do baço com a hypertrophia. Aquella é as mais das vezes um estado de pouca duração, caracterizado pelo augmento de volume do orgão, por causa da grande quantidade de sangue que contém; a hypertrophia é, pelo contrario, uma lesão chronica dependente do augmento do tecido normal do baço, na qual o orgão adquire volume ainda mais consideravel do que na congestão: assim pôde não sómente estender-se para fóra da margem cartilaginosa das costellas, invadir o epigastro, o embigo, os flancos, e descer até á margem da excavação da bacia; mas não é raro tambem que, elevando-se, comprima o pulmão. O baço conserva ordinariamente a configuração e côr normaes; mas a consistencia ahe-se quasi sempre augmentada.

Symptomas, marcha, terminações. É fóra de duvida que o baço pôde adquirir um volume consideravel sem occasionar perturbação na economia; assim tive a occasião de observar tres ou quatro individuos com todas as apparencias de saude, bem que o baço, endurecido, excedesse a margem costal e descesse até ao nivel do embigo. Diversos autores citão casos semelhantes. Em outras pessoas a hypertrophia do baço determina symptomas mais ou menos graves. Assim, quando a intumescencia succede ás febres intermittentes prolongadas, os individuos tornão-se amarellos e cahem em grande fraqueza; são sujeitos a epistaxis, aos vomitos de sangue; muitos perdem o appetite; inchão-se-lhes as pernas, e forma-se um derramamento seroso no ventre.

Quando o baço adquire grande volume, a pessoa sente certo

incommodo no lado esquerdo do ventre, e ás vezes verdadeira dôr. Quando o doente se deita do lado direito, experimenta distinctamente, no caso de hypertrophia consideravel, a sensação de um corpo pesado que cabe da esquerda para a direita. Sente incommodo quando se deita sobre o lado direito, e prefere deitar-se sobre o lado esquerdo ou de costas. Apalpando, verifica-se um tumor grosso e movel no ventre. Este tumor, como já deixei dito, pôde invadir toda a metade esquerda do ventre; offerece ordinariamente uma superficie igual; é duro, não doloroso ou pouco sensivel á pressão; é circumscripto por diante e em baixo por uma margem obtusa, e prolonga-se superiormente no hypochondrio esquerdo que apresenta uma ampliação mais ou menos consideravel. A percussão, praticada ao seu nivel, dá um som completamente massiço, e faz sentir a resistencia que apresenta um corpo solido, duro e tendo certa espessura. Não ha febre.

A marcha da hypertrophia é lenta e essencialmente chronica; o baço não adquire volume consideravel senão ao cabo de muitos mezes ou muitos annos. O tumor fica ordinariamente estacionario durante annos.

Diagnosticó. É ás vezes difficil distinguir a hypertrophia do simples engurgitamento. Deve-se suspeitar aquella alteração antes do que esta, se o tumor é duro, se apresenta ao dedo mui forte resistencia, se se desenvolveo lentamente, se o começo data de época já afastada. Nas congestões simples, taes como se observão na invasão das febres intermittentes, a tumefacção é rapida, sujeita a variações de um dia a outro, ha mais sensibilidade na pressão; muitas vezes existem dôres espontaneas, e o orgão não tem a dureza que adquire na hypertrophia.

Causas. Quasi todos os individuos affectados de hypertrophia do baço tiverão, em uma época mais ou menos afastada, febres intermittentes, ou habitarão por longo tempo lugares pantanosos. É, pois, a estas causas, que se attribue geralmente a hypertrophia do baço.

Todavia, em alguns casos, esta molestia não reconhece como antecedentes nem accessos de febre intermittente, nem demora nos paizes pantanosos; a alteração de nutrição produz-se então de maneira espontanea, sem que se possa conhecer a acção evidente de alguma causa proxima ou afastada.

Tratamento. Se o augmento de volume do figado sobrevem n'um individuo em consequencia das febres intermittentes, ou se o doente apresenta ainda em intervallos regulares ou irregulares accessos ou alguns dos phenomenos que caracterizão a febre, deve-se administrar o sulfato de quinina, que quasi sempre debella

rapidamente todos os phenomenos morbidos. Eis-aqui a receita :

Sulfato de quinina 4 grammas (1 oitava)

Divida em 24 papeis. Para tomar dois papeis por dia, em hostia ou café, um papel pela manhã, outro á noite.

Se, pelo contrario, a inchação do baço, lentamente desenvolvida, não coincide com symptomas febris, se o orgão é duro e volumoso, o sulfato de quinina, em qualquer dóse que se administre, e por qualquer tempo que se tome, ficará sem effeito.

A medicação que convem n'este caso consiste em preparações de ferro. Eis-aqui a receita para a administração do ferro :

Ferro reduzido. 16 grammas (4 oitavas).

Divida em 24 papeis. Toma-se um papel, duas vezes por dia, em uma colher d'agua fria com assucar.

Depois de usar d'estes pós durante tres ou quatro semanas, o doente mudará para a seguinte preparação de ferro :

Tintura de Marte tartarizada 30 grammas (1 onça).

Toma-se uma colher *de chá* d'esta tintura, duas vezes por dia, em meia chicara d'agua fria com assucar.

Falhando estes meios, recorra-se ao tratamento hydrotherapico, e sobretudo ás duchas d'agua fria dirigidas sobre e tumor.

O regimen será composto de carne em pequena quantidade, leite, peixe, vegetaes, fructas, e vinho misturado com agua.

O mudar de ares, quando o doente habita um paiz em que reinão sezões, é condição muito util para o bom exito do tratamento.

As aguas mineraes de Vichy e os banhos com sal de Vichy, já produzirão bons resultados n'esta molestia.

Na falta d'agua de Vichy, póde administrar-se internamente o bicarbonato de soda; eis-aqui a receita :

Bicarbonato de soda. 30 grammas.

Divida em 30 papeis. Para tomar dois papeis por dia, n'uma chicara d'agua fria com assucar.

Os banhos artificiaes de Vichy, preparão-se com 250 grammas (8 onças) de sal de Vichy, e quantidade sufficiente d'agua quente.

Splenite. Inflammação do baço.

Causas. As causas d'esta molestia são : quédas ou pancadas sobre o lado esquerdo do ventre, o andar rapido e prolongado, a suppressão de um fluxo habitual, as paixões violentas, os sustos, os pezares profundos, etc.

Symptomas. A splenite é caracterizada por dôr mais ou menos viva no lado esquerdo do ventre, na região chamada hypochondrio esquerdo. As mais das vezes, o baço augmenta de volume : o que se verifica pela inspecção, que mostra uma ampliação do hypochondrio esquerdo; pela palpação, que faz reconhecer que este órgão excede ordinariamente a margem costal; mas, sobretudo, pela percussão, que permite circumscrevê-lo. Quando o baço adquirio um volume mais consideravel, forma-se um pouco de derramamento no ventre, e mesmo uma infiltração serosa nos membros inferiores, por causa do constrangimento da circulação venosa. Por pouco intensa que seja a inflammação, existe febre contínua; apparecem, ás vezes, vomitos e difficuldade na respiração.

Tratamento. A principio, applicuem-se bichas ou ventosas sarjadas no lugar da dôr. Depois de cahirem as bichas, convem applicar cataplasmas de linhaça. A bebida do doente será cozimento de cevada ou limonada de limão. Administre-se-lhe depois um purgante de manná (60 grammas) ou de sal de Glauber (60 grammas).

BACURY ou PACORY. *Platonia insignis*, Martius. Canellaceae. Bella arvore que habita no Brasil, nas matas do Pará, Maranhão e Ceará. O tronco é recto, e tem 6 a 10 metros de altura, e 1 metro ou mais de diametro; fructos do tamanho de uma laranja, quasi esphericos, com cinco loculamentos, contendo cada um uma semente oblonga, de quasi 1 pollegada de comprimento, coberta por uma membrana fusca, um tanto coriacea. A polpa do fructo é branca, mas torna-se amarella ao ar; o sabor é agri-doce, agradável. Faz-se com ella doce. As amendoas tambem se comem, e são gostosas.

BADEN NA AUSTRIA. (Aguas sulfurosas quentes). Baden é uma linda cidade de 10,000 habitantes, a 24 kilometros de Vienna, capital da Austria, que pela estrada de ferro se percorrem em 58 minutos. Está situada a 224 metros acima do nivel do mar. A temperatura média do anno é de 11° centigrados, mas a temperatura média dos mezes da estação thermal, que principia aos 15 de maio, e acaba em 15 de outubro, é de 18° centigrados. As casas são muito asseadas, e a cidade é entretida com muita elegancia. As aguas mineraes são sulfurosas quentes, de 35° a 40° centigrados. De 13 fontes, que existem, uma só é empregada em bebida, as outras servem para o uso externo. Ha duas piscinas, uma para homens, outra para mulheres; representam dois pequenos lagos, de 10 a 12 pés de profundidade, exclusivamente alimentados pela agua sulfurosa.

A agua que se bebe é mui limpida; tem sabor sulfureo e salgado; cheiro sulfureo; tomada na dóse de dois a tres copos produz um effeito purgativo. 1,000 grammas d'agua d'esta fonte, contém segundo o Dr. Keller :

	Grammas.		Grammas.
Carbonato de cal....	0,3387	Chlorureto de sodio.....	0,0670
— de soda.....	0,0064	— de magnesio.....	0,0300
Sulfato de cal....	0,3458	Sulfureto de magnesio.....	0,0016
— de potassa.....	0,0640	Materias organicas.....	0,0013
— de soda.....	1,8820		
Silica.....	0,0020	Total das materias fixas...	1,0650
Gaz acido carbonico....			
Azoto.....		51 cc	706
Oxygeneo.....		16 cc	740
Hydrogeneo sulfureo.....		1 cc	735
		2 cc	943
		Total dos gazes.....	73 cc 144

As aguas sulfurosas de Baden, na Austria, são uteis nas bronchites chronicas, nas affecções da pelle, nos catarrhos da bexiga, leucorrhœas, e escrophulas.

BADEN-BADEN. (Aguas salinas chloruretadas quentes). Baden é uma cidade de Grão-Ducado de Baden, de 9,500 habitantes, cujo numero chega a 15,000 na estação dos banhos. A distancia entre Pariz e Baden percorre-se em 14 horas, pela estrada de ferro; a viagem custa 64 francos. A temperatura das aguas de Baden varia de 45° a 67,5 centigrados, conforme as fontes. A agua é limpida, de sabor levemente salgado, que nada tem de desagradavel. 1,000 grammas da agua da principal fonte (*Ursprung ou Hauptquelle*) contém segundo Kolreuter :

	Grammas.		Grammas.
Chlorureto de sodio ..	1,6000	Carbonato de ferro....	0,0100
— de calcio.....	0,1750	Silica.....	0,0330
— de magnesio ..	0,0250	Materias extractivas.....	0,0050
Sulfato de cal....	0,3000		
Carbonato de cal.....	0,1660	Total das substancias fixas.	2,3140

Gaz acido carbonico 13 1/2 centimetros cubicos. Temperatura 67° centigrados.

Estas aguas são sobretudo empregadas sob a fórma de banhos e duchas; como bebida, tomão-se na dóse de 5 a 6 copos de manhã. Empregão-se na gota, rheumatismo, nas molestias do figado, no catarrho da bexiga.

A agua de *Ursprung* foi captada n'uma especie de torre circular, obra dos Romanos. A agua sahe aos borbotões, e junta-se n'um vasto reservatorio, d'onde é conduzida por tubos aos banhos esta-

belecidos nos hoteis publicos, e á *Trinkhalle* (sala de bebida), elegante edificio situado n'um parque, onde os doentes, vão beber a agua.

O aspecto de Baden é elegante, variado e pittoresco; as planicies que cercão a cidade são notaveis pela riqueza das cearas, pelo brilho da verdura e pela belleza das arvores. As transições de temperatura nunca são ali subitas, e o clima é mui brando. O asseio das casas e das ruas faz de Baden uma cidade privilegiada; porém é antes uma residencia de luxo e de prazeres do que uma verdadeira estação thermal; e os doentes são ali mais raros, do que os elegantes e os ociosos. Antigamente Baden era reunião dos jogadores, porém os jogos forão abolidos no 1º de novembro de 1872. A estação dura do 1º de junho a 15 de setembro. O uso das aguas de Baden, e sobretudo a belleza do paiz, as magnificas excursões que cercão a cidade, as distracções variadas, tem sido sufficientes para restabelecer as funcções cerebraes dos melancolicos, que nada podia desviar de suas ideias chimericas.

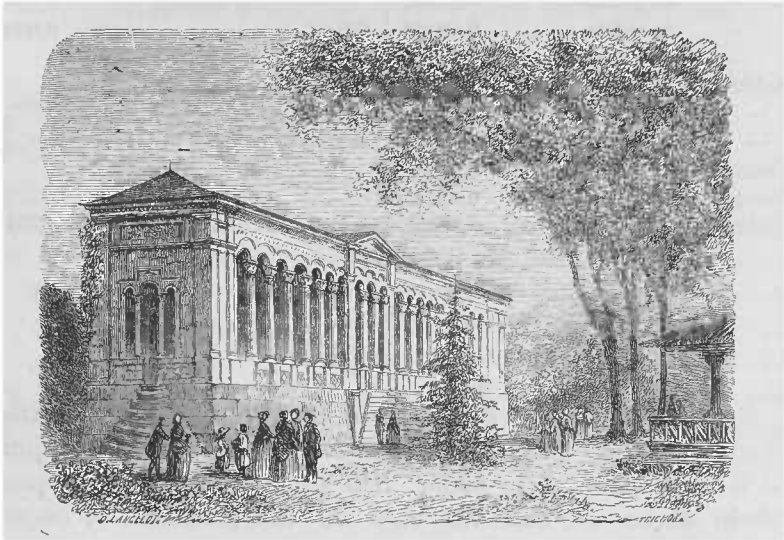


Fig. 60. — Trinkhalle em Baden-Baden.
(Sala onde se bebe a agua mineral.)

BADEN NA SUISSA. Aguas sulfurosas, e chloruretadas sodicas, quentes. Vai-se de Pariz a Baden em 18 horas pela estrada de ferro; a viagem custa 67 francos.

Baden é uma pequena cidade da Suissa de 2,750 habitantes, 547 metros acima do nivel do mar. Sua temperatura é notavel por sua brandura e sua igualdade; as montanhas que cercão a cidade são cobertas de arvores verdes desde a base até ao cimo.

A estação dos banhos principia no 1º de maio, e acaba a 15 de outubro; a temperatura média, durante esta época, é de 17º centigrados.

Baden não tem estabelecimento principal; bebe-se a agua ou tomão-se banhos nos hotéis; cada hotel tem uma fonte. O numero das fontes é consideravel; sua temperatura é uniforme; 50º centigrados. A agua é limpida e incolor, de sabor um pouco adocicado, de cheiro fortemente sulfureo. As tampas que servem para tapar os reservatorios, incrustão-se em pouco tempo de enxofre sublimado e crystallizado. Comtudo não se chegou a indicar a quantidade de gaz hydrogeneo sulfureo que contém a agua; este gaz é tão volátil, que se desenvolve immediatamente ao contacto da atmosphaera.

Eis-aqui a composição da fonte *Santa-Verena*, segundo o professor Löwig, em 1,000 grammas d'agua :

	Grammas.		Grammas.
Chlorureto de sodio.....	1,69820	Carbonato de alumina.....	0,01992
— de potassio.....	0,09262	— de stronciana ..	0,00066
— de calcio.....	0,09362	Silica... ..	0,00096
— de magnesio..	0,07375	Bromureto de magnesio..	} Vestigios.
Sulfato de cal.....	1,41418	Iodureto de magnesio...	
— de soda.....	0,29800	Lithio.....	
— de magnesia.....	0,31800	Materia organica.....	
Fluato de cal.....	0,00209		
Phosphato de alumina.....	0,00086		
Carbonato de cal... ..	0,33854	Total das materias fixas... ..	4,35140
		Gaz azoto.....	63,64
		Gaz acido carbonico... ..	10,00
		Oxygeneo.....	2,16
		Total dos gazes.. ..	84,30 cent. cub.

Modo de administração e as doses. As aguas de Baden administram-se em bebida, de quarto em quarto de hora, de manhã em jejum, ou á noite antes de se deitar. Não se deve principiar por quantidade maior do que um copo de 125 grammas (4 onças); augmenta-se depois cada dia até á dose que se deve ingerir, e que é de seis ou sete copos no maximo. Um exercicio moderado favorece a digestão da agua. A duração dos banhos é de uma hora; a das duchas de um quarto de hora; e o tempo que se fica no banho de vapor é de cinco a quinze minutos.

Propriedades e usos. Estas aguas gozão de grande reputação contra a gota, catarrho vesical, flores brancas, nevralgias e molestias de pelle. As inalações gazosas são uteis na bronchite chronica. Os doentes podem ali fazer o tratamento de soro de leite de cabra.

As distrações que offerece a cidade de Baden, na Suissa, não são nem brilhantes nem ruidosas.

BAETA. *Modo de verificar se a baeta contém algodão.* Ferve-se certa porção de baeta n'uma barrela de potassa, e ver-se-ha logo dissolver-se a lã, e converter-se em sabão, entretanto que o algodão, apenas se altera; lava-se o residuo insolúvel que é o algodão, faz-se seccar e pesa-se.

BAFO. Assim se chama ao ar que sahe dos pulmões durante a respiração, e que ás vezes tem um cheiro particular e desagradavel. *Veja-se HALITO.*

BAGNÈRES DE BIGORRE. (Aguas quentes salinas, sulfatadas calcicas). Fig. 61. Bagnères de Bigorre é uma cidade



Fig. 61. — Bagnères de Bigorre.

da França meridional, no departamento dos Altos-Pyreneos, de 9,500 habitantes, distante de Pariz 774 kilometros, que se percorrem pela estrada de ferro em 18 horas e 50 minutos. A viagem custa 96 francos. A cidade está situada sobre o reverso das montanhas, a 600 metros acima do nivel do mar; a temperatura é ali branda, o sitio dos mais pittorescos, a vegetação abundante e vigorosa. Bem que se ache debaixo da latitude quente, o clima é temperado no verão, e no inverno o frio nunca se faz sentir rigorosamente. Esta posição vantajosa faz de Bagnères de Bigorre uma residencia de inverno e de verão, mas é sobretudo durante os mezes de maio, junho, julho, agosto e setembro que as aguas attrahem o maior numero de doentes.

Existe em Bagnères grande numero de fontes, cerca de trinta, que dão aguas salinas de differente natureza; algumas são ferruginosas. A sua temperatura varia de 20° a 65° centigrados; tomadas em bebida, produzem um leve effeito purgativo depois do emprego de tres a quatro dias.

A agua da fonte *Dauphin*, que é uma das principaes, é limpida, incolor e transparente; não tem cheiro nem sabor notavel, e comtudo o paladar não póde confundir-la com a agua ordinaria aquecida ao mesmo gráo; a sua temperatura é de 49°,1 centigrados, sendo a do ar 23°,2 centigrados; sua reacção é notavel-

mente alcalina. 1,000 grammas d'esta agua contém, segundo os Drs. Ganderax e Rozière :

	Grammas.		Grammas.
Sulfato de cal.	1,900	Chlorureto de sodio.. . . .	0,040
— de soda.	0,400	Substancia resinosa.....	0,009
Carbonato de cal	0,142	— extractiva vegetal.	0,008
— de magnesia.. . . .	0,119	Perda.....	0,020
— de ferro....	0,114		
Acido silicico.....	0,044	Total das materias fixas...	2,900
Chlorureto de magnesio.....	0,104		

100 partes de gaz d'esta fonte dão :

Acido carbonico,.....	38
Azoto..	54
Oxygeneo.....	08
Total..	100

As aguas de Bagnères de Bigorre administrão-se em bebida, banhos, duchas d'agua, banhos e duchas de vapor. São prescriptas internamente na dóse de 2 a 8 copos por dia, pela manhã em jejum, um copo de quarto em quarto de hora. A duração dos banhos varia de 45 minutos a 1 hora, e das duchas de 5 a 15 minutos. Prescrevem-se os banhos de vapor durante um tempo que varia entre 10 a 20 minutos.

As aguas são utilizadas nos diversos estabelecimentos pertencendo um ao governo local, os outros ás pessoas particulares. O estabelecimento do governo consiste em um vasto edificio, todo de marmore, encostado ao monte d'onde sahem as sete fontes, que se distribuem n'elle. No vestibulo acha-se a bica por onde desemboca a agua para beber. No interior estão dispostos os banhos de corrente contínua, as emborçações, e os diversos compartimentos de *vaporarium*, comprehendendo as estufas com escadas, os banhos russos e as fumigações. Ali igualmente se achão as duchas hydrotherapicas. Emfim duas salas de pulverização d'agua completão o systema balnear de Bagnères de Bigorre, ao qual faltão só as piscinas natatorias que estão em construcção.

Um cassino está situado no meio de um delicioso parque. É o passeio predilecto dos banhistas, quando sobretudo a orchestra reunida n'um kiosco, faz ouvir as melodias que repercutem ao longe os echos do valle. Quando chega a noite, a animação dos salões prova, que a distracção, tomada em justos limites, póde tornar-se um elemento de cura. Não ha estações de banhos, onde a natureza e a arte tenham feito mais para tornar a residencia deliciosa. Bagnères de Bigorre e Luchon são nos Pyreneos as

capitães da vida elegante, a reunião dos prazeres do mundo e da moda.

As diversas fontes de Bagnères de Bigorre são mais ou menos fortificantes. Convem no maior numero das molestias chronicas, e sobretudo nos engurgitamentos do figado e do baço, nas paralyrias, na chlorose, anemia, amenorrhœa, rheumatismo, nas molestias das vias urinarias.

BAGNERES DE LUCHON. Aguas mineraes sulfurosas quentes. Fig. 62. Bagnères de Luchon, é uma pequena cidade da

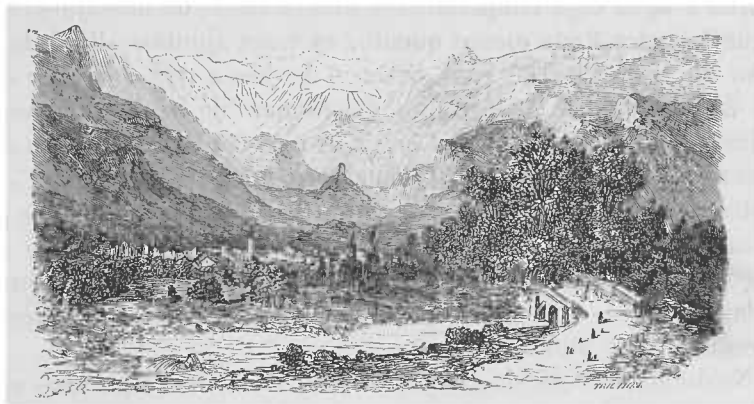


Fig. 62. — Bagnères de Luchon.

França meridional, de 4,000 habitantes, distante 6 kilometros da fronteira de Hespanha, e 798 kilometros de Pariz, que se percorrem pela estrada de ferro em 20 horas, 35 minutos; a viagem custa 110 francos.

A cidade de Bagnères de Luchon (ou simplesmente Luchon) está situada n'um dos mais bellos valles dos Pyreneos. As inscripções latinas achadas n'esses lugares, provão que os Romanos tinham ali as suas thermas. O quarteirão novo, representa uma longa avenida plantada de quatro fileiras de tilias que bordão as habitações destinadas aos banhistas. As fontes rebentão ao pé de um monte; são em tudo quarenta e oito. A sua temperatura varia de 38° a 55° centigrados. A agua tem o cheiro de ovos chocos, e o gosto desagradavel; é limpida e incolor ao sahir do rochedo; algumas aguas conservão indefinidamente a sua transparencia; mas a maior parte d'ellas tornão-se ao ar de còr lactea ou esverdeada. Contém sulfureto de sodio, de ferro, de manganez, de cobre; chlorureto de sodio; sulfatos de potassa, de soda, de cal; silicatos de soda, de cal, de magnesia, de alumina; carbonato de soda; silica livre, iodureto de sodio, hyposulfito de soda; gazes azoto, oxygeno, e acido sulfhydrico.

O estabelecimento thermal foi construido sobre o lugar dos antigos banhos romanos. Compõe-se de oito casas, nas quaes foram distribuidos os quartos de banhos, as duchas, as piscinas, os banhos de vapor, e as aspirações directas dos vapores sulfureos.

As aguas de Luchon convem nos rheumatismos chronicos, escrophulas, ulceras, fistulas, caries dos ossos, paralytias, molestias de pelle, syphilides, morphea, nas bronchites, laryngites, no primeiro periodo da tísica, na asthma. Tomão-se em bebida, banhos, duchas, e inhalações. Antes de beber deixa-se ordinariamente esfriar a agua cuja temperatura é mui elevada, ou mistura-se com agua de outra fonte menos quente; ás vezes ajunta-se-lhe leite ou soro de leite. A dóse para beber é de dois a tres copos por dia. Os banhos devem ser tomados em numero de trinta a quarenta, afim de se poder esperar a cura. A estação das aguas, isto é, a época mais conveniente para toma-los, é do 1º de junho a 15 de outubro. Passada esta época, as aguas perdem a sua actividade por causa das chuvas que se misturão com ellas; além d'isso a sua acção não é tão convenientemente favorecida pela temperatura e pelas condições do clima, que é mui agradável durante o verão, n'essas regiões montanhosas.

Nenhuma estação de banhos offerece excursões e passeios mais interessantes do que a de Luchon. Por causa da elevação, em que está situada, e que é de 620 metros acima do nivel do mar, o clima não é ali mui quente no verão, apesar da sua latitude meridional. Esta estação é uma das mais frequentadas da França.

As aguas de Luchon não convem : 1º ás pessoas que tem molestia do coração; 2º ás affecções cancerosas; 3º na gota; 4º aos individuos sujeitos aos escarros de sangue; 5º no periodo adiantado da tísica; 6º ás pessoas que tem constituição apoplectica, e que são ameaçadas de congestão cerebral.

As aguas de Luchon, como todas as aguas sulfureas sodicas, alterão-se promptamente, e não podem ser exportadas.

BAGNOLES DE L'ORNE. Aguas sulfateas calcicas tepidas e aguas ferruginosas frias, situadas em França, no departamento de Orne.

Vai-se de Pariz a Bagnoles pela estrada de ferro em pouco mais de 7 horas; a viagem custa 30 francos.

Existem em Bagnoles duas especies de fontes, das quaes umas tem o nome de sulfurosas, outras são ferruginosas. As fontes sulfurosas caracterizão a estação; são estas que devem occupar-nos primeiro.

1º *Fonte sulfurosa.* A agua é limpida, levemente unctuosa, sem cheiro, de sabor agradável; temperatura 27 grãos centigrados.

O seu sabor e cheiro não justificão o nome de aguas sulfurosas que tem.

A fonte principal é designada debaixo do nome de *Fonte grande*; dá 152,500 litros d'agua por dia. Está contida n'um pequeno palacete quadrado, sobre as margens de uma torrente.

Segundo a analyse de Ossian Henry a agua da *Fonte grande* contém, além de pequena quantidade de enxofre, saes alcalinos, silica, ferro, manganez e um principio arsenical. O total d'estas substancias é só de 13 centigrammas por litro. Ha ali um bello estabelecimento thermal que contém 40 banheiras, duas piscinas d'agua corrente, uma das quaes, muito vasta, serve para nadar; duchas de varias especies e bica para beber agua. Perto da fonte existem aparelhos para aquecer agua que é apenas tepida ao sahir da fonte. Ha ali, emfim, todos os aparelhos hydrotherapicos.

As aguas sulfurosas de Bagnoles administrão-se em bebida, banhos, duchas descendentes, ascendentes, em banhos de chuva, em banhos de piscina na temperatura original da fonte thermal, temperatura que é necessario elevar para os banhos que se tomão em banheiras.

A facilidade com que o estomago supporta estas aguas faz com que convenhão perfeitamente na dyspepsia. Designão-se debaixo d'este nome muitos estados do estomago caracterizados pelo fastio, digestão difficil, sensação de plenitude. Frequentes vezes, no fim da cura, administrão-se concurrentemente, ou substituem-se-lhes, as aguas ferruginosas.

2º *Fonte ferruginosa*. A agua, vista em massa é turva; parece quasi clara quando se examina n'um copo de que não tarda a alterar a transparencia. É sem cheiro, de sabor styptico e ferrugineo; temperatura 12º,3 centigrados; bolhas de gaz atravessão-n'a e vem agitar a sua superficie.

As aguas de Bagnoles, cuja especialidade é o tratamento da dyspepsia, convem tambem no hysterismo, palpitações nervosas, differentes espasmos; usão-se interna e externamente. N'estes casos aconselha-se sobretudo a grande piscina, por causa da sua temperatura um pouco baixa e da facilidade que tem os doentes de poderem entregar-se ao exercicio de natação.

As aguas de Bagnoles convem ainda nas affecções rheumatismaes, gotosas, paralyrias, rijezas musculares, ankyloses, certas alterações do tecido osseo e nas molestias de pelle.

Os banhistas costumão morar no estabelecimento. A casa destinada aos doentes acha-se inteiramente separada das thermas propriamente ditas. Tudo está ali bem disposto: quartos, mobilia, e serviço. A mesa é sobretudo excellente, circumstancia mui util,

porque o ar vivo, que ali se respira, contribue a augmentar o appetite.

Eis-aqui os preços no hotel do estabelecimento :

Quartos com uma cama, de 1 a 5 francos por dia. Ha tambem quartos com duas camas e aposentos completos, cujos preços são proporcionaes. Almoço e jantar, na mesa redonda, 6 francos e meio. Serviço, e direito de beber agua mineral, 1 franco por dia. As crianças menores de 10 annos, pagão a metade. Os criados dos doentes, pagão pela comida e morada 4 francos e meio por dia.

Aos effeitos das aguas em bebida e banhos, é preciso accrescentar a influencia das qualidades balsamicas, que communicão á atmospherá as arvores resinosas, de que estão cobertos os outeiros que cercão o estabelecimento. A belleza e a variedade dos sitios, as massas graves dos rochedos, valles dominados por graciosas collinas, e toda a maravilhosa vegetação de arbustos e de grandes arvores que espalhão no ar os seus perfumes, valêrão á esta deliciosa região o nome de *Suissa normanda*.

A estação thermal dura do 1º de Junho ao 1º de Setembro.

A agua da *Fonte grande* supporta perfeitamente o transporte sem alterar-se. Bebe-se com preferencia durante as comidas; é util sobretudo contra a dyspepsia.

BAGNOIS. Aguas sulfurosas quentes, situadas em França, no departamento de Lozère, a 20 kilometros da cidade de Mende. A sua temperatura é de 45º centigrados. A agua é limpida, unctuosa ao tocar, de sabor sulfureo, cheiro de ovos chocos. Em bebida e banhos, usa-se contra as molestias de pelle. A estação thermal dura do 1º de Junho ao 1º de Setembro.

BALANITE. Inflammção da membrana que cobre a glande e o interior do prepucio, acompanhada de eorrimento mucosopurulento.

Causas. A balanite observa-se principalmente nos individuos que tem a glande continuamente coberta pelo prepucio. As causas d'esta molestia são : a accumulção prolongada da materia sebacea, sobretudo quando se acha misturada com a ourina, o que acontece muitas vezes não podendo a glande deseobrir-se naturalmente; os attritos repetidos do membro viril; a falta de asseio. Emfim em alguns individuos sujeitos ás erupções vesieulosas, a balanite existe simultaneamente, ou alterna com estas erupções. Não é molestia de natureza syphilitica nem contagiosa.

Symptomas. A balanite anuncia-se pelo calor, por picadas e ardor na extremidade do membro viril; este incha, e doe, quando se comprime a glande, mesmo atravez do prepucio.

Declara-se logo depois um corrimento de materia mucosa purulenta amarella, o que fez dar á molestia o nome de *blennorrhagia da glande* e de *gonorrhœa spuria ou bastarda*: a glande, posta a nú, apresenta-se coberta de pus, e vermelha; se a inflammação dura algum tempo, apparecem pequenas excoxiações; ás vezes a inflammação é tão intensa que produz um engurgitamento passageiro das virilhas.

A balanite é uma molestia ordinariamente de curta duração, que se cura com facilidade; raras vezes passa ao estado chronico, salvo se depende de algum vicio de constituição. Ha tambem uma especie de balanite sem inflammação franca, que é a mais desagradavel; consiste n'uma alteração de secreção dos folliculos da glande; uma especie de serosidade espessa banha este orgão, e por pouco que o individuo se esquite, ou faça algum excesso, sobrevem uma violenta inflammação com dôr e corrimento purulento; depois os symptomas acalmão-se, mas tornão a apparecer com o primeiro excesso.

A balanite é uma molestia sempre facil de reconhecer; poder-se-hia tomar por uma blennorrhagia, se não se reparasse que o pus se forma entre a glande e o prepucio; quando uma pequena quantidade d'elle parece sahir do canal da urethra, é porque foi ali introduzido momentaneamente; mas não vem d'aquelle canal. Talvez, á primeira vista, se possão tomar as pequenas excoxiações da glande por ulcerações syphiliticas; mas este erro emenda-se com um exame attento. É mui difficil, as mais das vezes, determinar a causa da molestia. Quanto á natureza syphilitica, que ordinariamente se lhe suppõe, não deverá, comtudo, ser-lhe attribuida, senão quando concorrerem outros symptomas syphiliticos.

Tratamento. Consiste em banhar o membro na decocção morna de raiz de althéa, duas ou tres vzes por dia; injeccões do mesmo liquido entre a glande e o prepucio quando ha phimosi, isto é, quando a abertura do prepucio é naturalmente tão estreita que este não póde recuar e descobrir a glande; applicar sobre a glande fios molhados n'esta mesma decocção; alguns banhos geraes, e ás vezes um brando laxante. Se estes meios não aproveitarem, substitua-se ao decocto de althéa a agua vegeto-mineral fria. E finalmente, introduz-se o lapis de pedra infernal entre a glande e o prepucio, e cauteriza-se rapida e levemente a superficie da membrana. Raras vezes o corrimento resiste a este meio.

BALEIA. Fig. 63. Mammifero cetáceo que o vulgo toma geralmente por um peixe, por causa da sua fórma externa, da sua habitação constante nas aguas do mar, e que entretanto, exa-

minado scientificamente, apresenta todos os caracteres dos animaes mammiferos. Com effeito, a baleia é vivipara, isto é, que os seus filhos nascem vivos; respira por pulmões o ar exterior, tem o sangue quente, pare um só filho, raras vezes dois, e amamenta-o com as tetas, as quaes se achão collocadas perto do anus. Este enorme cetáceo, que não tem menos de 25 a 30 metros de comprimento na idade adulta, tem a cabeça do terço do comprimento total do corpo; é o maior dos animaes conhecidos. Em lugar de dentes, a sua bocca é guarneçada no queixo superior de grandes laminas delgadas, transversaes e apinhadas parallelamente, em numero de 800 a 900 de cada lado, do comprimento de 3 metros, pouco mais ou menos, que se chamão *barbas de baleia*; servem, quando a baleia tem sorvido um grande volume d'agua

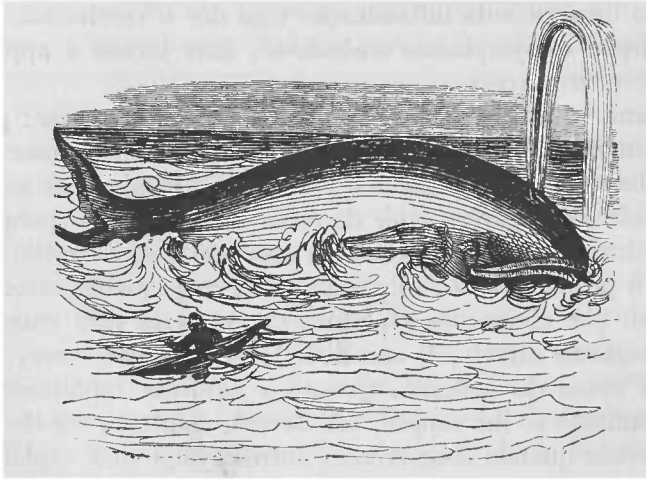


Fig. 63. — Baleia franca.

contendo molluscos e pequenos peixes de que se alimenta, para detê-los, como o faria um crivo. Quando o animal quer deitar fóra esta agua, que se lhe torna inutil, fa-lo por meio de dois orificios ou respiradoiros situados directamente por cima da cabeça, e lança a uma altura de 10 a 12 metros duas columnas d'agua que são sufficientes para submergir pequenas embarcações. A baleia tem uma lingua enorme, carnosa, muito espessa; sua estreita garganta não lhe permite nutrir-se senão de animaes muito pequenos; tem os olhos do tamanho dos do boi, e o ouvido extremamente fino; tem só dois membros representados por duas barbatanas peitoraes, nas quaes se tem achado todas as partes dos membros anteriores dos mammiferos; a parte posterior do corpo é terminada por uma especie de barbatana horizontal. A baleia nada com extrema

rapidez ; penetra muitas vezes nas profundidades do mar, mas como é obrigada a vir assaz frequentemente respirar á tona d'agua, conserva-se mais geralmente perto da superficie da agua.

As baleias pescão-se nas regiões septentrionaes, nas costas da Islandia, na bahia de Hudson, nas costas da Patagonia, no cabo de Horn, etc. Estes cetáceos tem entre a pelle e os musculos uma camada de toucinho, que, ás vezes, tem meio metro de espessura, e, derretido, fornece um azeite apreciado nas artes industriaes. É para obter este oleo, assim como as barbas de baleia, que se faz a pesca d'estes animaes.

Logo que os pescadores, reunidos em grande numero nas embarcações, avistão uma baleia, deitão immediatamente a lancha ao mar, e avançam em silencio. Um d'elles, o mais robusto e o mais destro, está em pé armado de um harpéo atado a uma longa corda ; logo que se acha ao alcance da baleia, lança-lhe com toda a força esta arma, que penetra mais ou menos profundamente ; sentindo-se ferida, a baleia afunda-se na agua com a rapidez de uma flecha, levando nos seus flancos o harpéo, cuja corda se desenrola, e é arrastada com ella ; mas logo, obrigada pela necessidade de respirar, volta á superficie onde o seu inimigo a espera de pé firme ; torna a harpea-la, e a mesma operação se renova até que exhausta de forças pela perda do sangue, não póde a baleia nem fugir nem defender-se, e é então arrastada pelos pescadores que a matão e despedação ; entretanto, enquanto não está morta, evitão com cuidado a sua terrivel cauda, a qual com uma pancada faria voar em pedaços a sua fraca embarcação. Depois de certos que está bem morta, tirão por talhadas o toucinho que a cobre, e derretem-n'o para lhe extrahir o azeite. A pesca do cachalote, que se faz mais particularmente nas aguas do Sul, tem o mesmo fim, e apresenta as mesmas difficuldades e perigos. (*Veja-se CACHALOTE.*)

O azeite de baleia, conhecido sob o nome de *azeite de peixe*, é empregado para luzes, para a fabricaçãõ do sabão, para surrar os couros, dissolver as tintas, e para mil outros usos quotidianos. As barbas da baleia, por serem leves, flexiveis, e ao mesmo tempo rijas, servem para os chapéos de sol, colletes, varcetas de espingarda, bengalas, etc. Quanto ao espermacete (sperma da baleia), é este produzido pelo cachalote, e inteiramente estranho á baleia. (*Veja-se CACHALOTE.*) Em certos paizes, os intestinos da baleia substituem as vidraças das janellas ; fazem-se tambem redes com os seus tendões ; a carne fresca ou salgada, tem sido muitas vezes utilizada pelas tripolações pescarejas.

BALSAMITA. *Balsamita suaveolens.* Pers. Synanthereas

senecioides. Planta aromática cultivada nos jardins. Caules de 1 metro de alto, levemente empubescidos, esbranquiçados e ramosos : folhas ovaes-ellipticas, denteadas, as inferiores pecioladas, as superiores sesséis, auriculadas na base ; os capitulos com longos pedicellos, dispostos em corymbo ; cheiro agradável, semelhante ao da hortelã. Entra na composição dos banhos aromaticos.

BALSAMO. Os antigos, e principalmente os Arabes e os Egyptios, davão este nome ás substancias resinosas, odoríferas, colhidas e preciosamente conservadas para a composição dos perfumes, ou para os embalsamentos. As propriedades maravilhosas, que lhes attribuição, fizeram com que o uso dos balsamos se espalhasse por todo o mundo. O charlatanismo exaltou de prompto as suas virtudes, e, debaixo do mesmo nome, vendeo grande numero de substancias que lhes são mais ou menos analogas. Depois, forão assim chamados muitos medicamentos, que não possuem nenhum dos caracteres que distinguem os balsamos. O abuso, que se tem feito d'esta palavra, necessitou que se lhe fixasse emfim um sentido rigoroso ; consequentemente, concordou-se em chamar *balsamos* sómente ás substancias resinosas, que contém certa quantidade de acido benzoico, e um oleo essencial ; são succos de certas arvores, tal é o benjoim, o balsamo peruviano, o de Tolú, etc. Mas em *pharmacia*, designão-se debaixo do nome de *balsamos* ora tinturas alcoolicas mui carregadas de resinas e de substancias aromaticas, como *v. g.* o balsamo catholico ; ora oleos medicinaes ou pomadas, tal é, por exemplo, o balsamo tranquillo, o de Fioravanti, o balsamo opodeldoch, etc.

Balsamo anodyno. Linimento de sabão 150 grammas (3 onças), opio 6 grammas (1 1/2 oitava). Empregado em fricções como calmante. O linimento de sabão compõe-se de sabão, camphora e espirito de vinho.

Balsamo catholico. Benjoim 90 grammas (3 onças), balsamo peruviano 60 grammas (2 onças), aloes 15 grammas (1/2 onça), alcool 1 litro (32 onças). — Macere por oito dias e cõe. applica-se nas cortaduras, e é muito empregado.

Balsamo do commendador. Raiz de angelica 10 grammas, summidades floridas de hypericão 20 grammas, alcool a 80° 720 grammas. Deite o alcool sobre as substancias convenientemente divididas ; deixe em contacto durante oito dias ; cõe com forte expressão, e ajunte primeiro ao liquido : myrrha 10 grammas, olibano 10 grammas. Torne a macerar por oito dias, e cõe com forte expressão. Ajunte : balsamo de Tolú 60 grammas, benjoim 60 grammas, aloes 10 grammas. — Macere ainda por dez dias, e filtre. Emprega-se nos córtes.

Balsamo de copahiba. É uma resina liquida que mana das incisões feitas no tronco da *copaifera officinalis*, Linneo, grande e bella arvore que habita no Brasil e em outros paizes da America meridional. (*Veja-se COPAHIBA.*)

Balsamo de Fioravanti. Alcoolato composto de alcool, terebinthina, resina elemi, succino, estoraque, galbano, myrrha, aloes, canella, cravos da India, moscada, etc. É um estimulante, e emprega-se em fricções contra os rheumatismos.

Balsamo de Genoveva. Unguento composto de azeite, cera amarella, pó de sandalo vermelho, terebinthina e camphora. Emprega-se para curar as ulceras antigas.

Balsamo de Meca. Succo resinoso que se extrahе por incisão do tronco, e pela decocção na agua, dos ramos e folhas de uma pequena arvore, *Amyris opobalsamum*, Linneo, que habita na Arabia. O balsamo de Meca é liquido, de cheiro agradavel; recente, é opalino, mas quando é velho torna-se amarello, transparente e solidifica-se. É um tanto tonico e excitante; emprega-se na dose de 40 gottas a 1 oitava nas bronchites chronicas. O balsamo de Meca que se encontra no commercio é o que se extrahе por decocção dos ramos e das folhas, e mesmo este é muitas vezes falsificado pela terebinthina; o que se extrahе por incisão, é pouco abundante, e fica reservado exclusivamente para os usos do serralho.

Balsamo nerval. Este medicamento goza, ha muito tempo, de grande reputação: foi recommendado em fricções contra as dôres rheumaticas. O balsamo nerval é composto de tutano de boi, alecrim, de cravo da India, de balsamo peruviano, de camphora e oleo de moscada.

Balsamo opodeldoch. É um unguento que se prepara com tutano de boi, camphora, alcool, essencia de alecrim, essencia de tomilho e ammoniaco liquido. Emprega-se em fricções nos rheumatismos.

Balsamo peruviano. Fornecido por uma arvore da America central, *Myrospermum Pereira*, Boyle, da familia das Leguminosas. Este balsamo estilla naturalmente, ou por incisões. Tem a consistencia de xarope, côr morena, sabor resinoso e cheiro suave. Entra em muitos remedios compostos, e emprega-se nos catarrhos dos pulmões e da bexiga, na dose de 2 a 4 grammas (meia a 1 oitava).

Balsamo de Tolú. Mana do *Myrospermum toluiferum*, De Candolle, arvore da familia das Leguminosas, que habita na America meridional, sobretudo perto de Tolú e de Carthagena. O commercio tira-o tambem do Brasil. É a principio semi-liquido,

torna-se depois mais grosso; é então de côr fulva, de cheiro agradável. Com o tempo adquire solidez completa. Entra na composição de muitos medicamentos; preparão-se tambem com elle o xarope de Tolú, pastilhas de Tolú, medicamentos que convem particularmente nas affecções pulmonares.

Balsamo tranquillo. É um linimento composto de azeite doce e de sumo de folhas de belladona, de meimendro, cynoglossa, tabaco, herva moura e figueira do inferno, e mais outras plantas. Serve para fricções contra as dôres rheumaticas, contra a sciatica e gota. Emprega-se tambem para regar as cataplasmas que se applicão nos casos referidos. As plantas narcoticas que entrão na composição d'este oleo acalmão as dôres.

BALSAMO (*Arvore*). *Veja-se* OLEO VERMELHO.

BANANA. Fructo da bananeira da qual existem muitas variedades. As bananeiras (*Musas*) (fig. 64) são arbustos da familia das

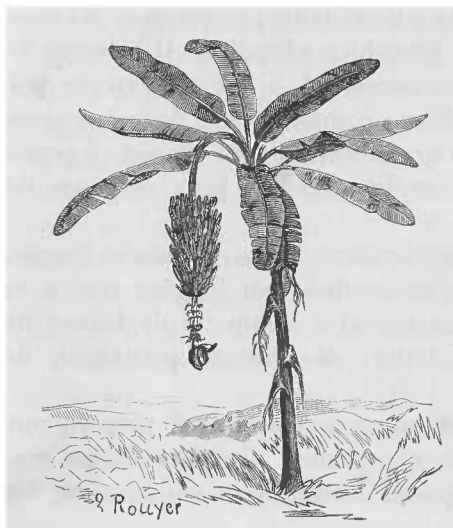


Fig. 64. — Bananeira.

Musaceas, originarios das regiões quentes e humidas da Asia e da Africa, cultivados hoje no Brasil e em todos os paizes quentes do globo. São formados de um bolbo alongado em fórmula de talo. Este talo, da altura de 5 a 6 metros, apresenta em cima um ramalhete de uma duzia de folhas de 2 a 3 metros de comprimento, contra 50 a 65 centímetros de largura. Do meio d'estas folhas, sahe um pedunculo de 1 metro a 1 metro e 30 centímetros de comprimento, guarnecido de flores.

Os fructos são bagas de um amarello pallido ou avermelhado, do comprimento de 15 a 25 centímetros na bananeira de S. Thomé (*Musa paradisiaca*), de 3 a 4 de espessura, triangulares, obtusos. Na bananeira da terra os fructos são mais compridos e recurvados. Na bananeira maçã, o fructo é pequeno, de sabor delicado, e tem o gosto da maçã. As bananas maduras tem o sabor assucarado, viscoso, acidulo e muito agradável. São de grande recurso para a alimentação dos paizes intertropicaes. Diz-se com razão que, graças á bananeira, ninguém morre de fome nas localidades onde a sua cultura é

possivel. As bananas comem-se cruas, cozidas ou assadas; e realça-se-lhes o sabor, ajuntando-lhes manteiga, assucar e canella, conforme às especies. É um fructo muito saudavel. A banana de S. Thomé é usada entre o povo como alimento da primeira infancia. Todas as bananas convem tambem aos velhos sem dentes, porque a sua polpa tem tão pouca consistencia que não é necessario ter dentes para as comer. Da filaça do tronco da bananeira póde-se fazer corda, papel, estofos.

BANDA. Tira de panno de linho meio usado, de largura variavel, com que, para diversos fins, se circula um membro ou o tronco mais de uma vez, de ordinario para segurar compressas empregadas em um curativo. É synonymo de atadura. *Veja-se ATADURA.*

BANHA ou UNTO. Substancia gorda extrahida das membranas internas de certos animaes, e principalmente das do porco.

A *banha de porco*, a unica actualmente usada em medicina, é branca, de consistencia molle, porém tanto mais resistente quanto mais recente e melhor preparada fôr; o cheiro é fraco, o sabor brando e agradável. Obtém-se das partes gordurosas que se achão debaixo das costellas do porco, e envolvem os rins e parte dos intestinos (redenho de porco); cortão-se estas partes em pedacinhos; amassão-se na agua, para as privar, por esta lavagem, de um pouco de sangue que contém, e que alteraria a alvura do producto; mettem-se em tacho estanhado, sobre fogo brando, depois de esgotadas, e aquecem-se, mexendo continuamente até que a massa derretida fique clara e transparente; passa-se então por um panno ou peneira mui fina, para separar os corpos estranhos. Mette-se depois esta banha em potes de gres previamente aquecidos com agua fervendo, ajuntando por kilogramma de banha 30 grammas de sal branco finamente pulverizado. Estes vasos, depois de frios, tapão-se com uma rolha coberta de pergaminho, ou simplesmente com pergaminho ou panno grosso. Os potes de terra, envernizados no interior, não prestão para este uso: o esmalte, que contém uma composição de chumbo, de que são cobertos, é mais ou menos atacavel, pelos corpos gordos, o que dá lugar a compostos insalubres. É mais seguro e mais economico introduzir a banha, quando ainda fluida, em tripas de boi ou bexigas de porco lavadas na agua de cal e depois em agua fria, e amollecidas, depois de seccas, em agua avinagrada. Empregase para este fim um funil de folha de Flandres; deixa-se coagular a banha, depois atão-se as tripas ou as bexigas com barbante, e suspendem-se em lugar fresco.

A banha póde conservar-se bastante tempo sem alteração. A

banha fechada em potes, faz-se rançosa pelo contacto do ar. Previne-se este inconveniente, deitando sobre a banha coagulada e completamente arrefecida, uma camada de aguardente, de maneira a encher inteiramente o vaso, que se tapa depois hermeticamente.

Passado certo tempo, se a banha principia a ter máo sabor, é necessario tornar a derrete-la até que não deixe ouvir nenhum ruido ao ferver; deita-se n'ella então uma fatia de miolo de pão, que se deixa frigidar; feito isto, tira-se o vaso do fogo, e deixa-se a banha em repouso alguns instantes antes de a transfegar. O pão, que tomou o máo gosto da banha alterada, deve ser deitado fóra, assim como o deposito do fundo do vaso.

Quando o ranço está muito adiantado, derrete-se a banha a fogo brando, e, logo que parecer limpida, decanta-se com precaução para outro vaso cheio d'agua fria, afim de a dividir perfeitamente; amassa-se cuidadosamente com as mãos, renovando a agua, muitas vezes, até que esta saia bem clara; torna-se então a pôr a banha ao fogo, e logo que estiver em fusão completa, deita-se-lhe carvão animal grosseiramente pulverizado. Passado um quarto de hora de ebullição, cõa-se a mistura quente por um panno ou peneira, que retém o carvão e deixa correr a banha livre do máo cheiro.

A *banha de ganso* prepara-se pela mesma fórmula, mas salga-se muito menos, e ás vezes, até não se salga; apesar d'isso torna-se menos rançosa que a banha de porco.

A banha de porco destinada para os unguentos e outras preparações pharmaceuticas, não se salga, mas derrete-se duas vezes: uma vez, como ficou indicado para a banha de cozinha, e outra vez a banho-maria. Assim preparada, e posta em lugar secco e fresco, conserva-se muito tempo.

A banha, como todas as materias gordas, é insolúvel na agua, soluvel em mui pequena proporção no alcool frio, e um pouco mais no alcool fervendo; o ether dissolve-a em grande parte. Faz-se grande uso da banha de porco na cozinha. Na pharmacia serve para preparar os unguentos; e é a base das pomadas cosmeticas. Serve tambem aos cortidores de couros; usa-se para luzes e para untar rodas de carros, etc.

BANHOS. Entende-se ordinariamente por banho a immersão total ou parcial do corpo, n'agua, por tempo mais ou menos prolongado. Os banhos dividem-se em banhos mui frios, de 0° a 12° centigrados; em banhos frios, de 13° a 18°; em banhos frescos, de 19° a 24°; em banhos temperados, de 25° a 30°; em banhos quentes, de 31° a 37°; enfim, em banhos mui quentes acima de 37°, quasi 43° ou 45°. Esta escala soffre muitas excep-

ções, pelo que não póde servir para todos os individuos. Assim, por exemplo, uma pessoa de constituição nervosa achará frio um banho que outra pessoa de constituição forte achará apenas fresco ou temperado; deve-se, por conseguinte, julgar o banho frio, temperado ou quente, menos pelo gráo que marca o thermometro, do que pela impressão que o banho causa ao individuo. Todavia, para satisfazer os espiritos exactos, foi preciso determinar os intervallos, em que o commum dos homens experimenta as diversas sensações de frio e calor.

Banho mui frio; isto é, cuja temperatura é inferior a 12°. O banho mui frio não é um meio hygienico, mas é aconselhado como medicamento em algumas molestias. Empregados como meio preservativo das escrophulas, estes banhos determinárão em pouco tempo, nas pessoas caracterizadas pela constituição lymphatica exaggerada, o desenvolvimento rapido de "uma especie de temperamento sanguineo, um vivo colorido da pelle, o augmento de actividade em todos os orgãos, emfim, uma verdadeira mudança da constituição. O banho mui frio é util tambem nas flores brancas; mas é um medicamento heroico, que deve ser empregado com muita circumspecção. Para obter effeitos tonicos, melhor é empregar os banhos na temperatura seguinte :

Banho frio; isto é, de 13° a 18° centigrados. Quando um individuo se demora por alguns instantes n'este banho, experimenta um tremor convulsivo; os membros entorpecem-se, as feições do rosto retrahem-se como n'um agonisante, os olhos afundão-se, o nariz afile-se, a pelle torna-se pallida, os dedos emmagrecem de tal modo, que os anneis os mais estreitos cahem d'elles facilmente; sobrevem dôr na boca do estomago e na cabeça, um sentimento de constricção no peito, e o ranger dos dentes. Depois da sahida do banho, e depois de enxuta a pelle, vem a reacção. O sangue torna á circumferencia do corpo; o pulso recobra a força, experimenta-se um sentimento de calor na pelle. A pessoa sente-se fresca, activa, ligeira, e com grande appetite. Ao cabo de algumas horas, e sobretudo durante a noite depois do banho frio, experimentão-se signaes de uma viva excitação, a pelle fica quente, o somno agitado. O banho frio fortifica a constituição, consolidando os musculos, augmentando a energia dos orgãos e a actividade do systema digestivo, e por conseguinte facilitando os meios de reparação. É aconselhado em muitas molestias, nas escrophulas, hysticismo, epilepsia, e em muitas outras affecções nervosas.

Banho fresco; isto é, cuja temperatura é de 19° a 25° centigrados. Este banho é ordinariamente o que se toma nos rios e no mar na

estação quente. O contacto da agua n'esta temperatura, determina ainda um ligeiro calefrio, sobretudo quando a pessoa não está acostumada, e quando entra n'agua gradualmente; pois que, quando n'ella se mergulha, experimenta uma impressão subita de frio, mas que desaparece immediatamente. A exhalção cutanea não se faz, ou é pouco sensivel n'esta especie de banho, d'onde resulta pouca perda, por esse lado. Esta funcção é substituida em parte pelas urinas. Emfim, este banho produz um effeito tonico bastante sensivel. A contractibilidade muscular augmenta, o appetite é maior e a digestão mais facil. Nada é mais salutar do que o uso d'este banho : fortifica as constituições fracas, delicadas e molles, destroe grande numero de predisposições, e pôde até curar muitas molestias. O bem que d'elle resulta deve ser attribuido tanto á impressão da agua, como ao exercicio de nadar, que ás pessoas que tomão estes banhos costumão fazer ordinariamente. O nadar é, sem nenhuma comparação, o exercicio mais util, mais vantajoso e mais agradável que se pôde fazer. Tudo n'elle é proveito. Qualquer outro exercicio occasiona perdas abundantes, sobretudo pela transpiração cutanea : n'este não pôde haver perda, a temperatura da agua e a pressão que ella exerce sobre o corpo oppõem-se a isso, e o seu effeito tonicó faz-se sentir promptamente.

O banho frio e fresco é mui vantajoso aos adolescentes e aos adultos. Quanto ás pessoas idosas, como n'ellas a reacção se estabelece difficilmente, devem, ou abster-se do banho frio, ou ao menos toma-lo com grandes cautelas; isto é, não usar dos banhos d'agua corrente senão quando a temperatura dos rios fôr muito elevada, ficar pouco tempo n'agua, e fazer algum exercicio depois do banho.

Ha certos preceitos que se devem observar, e que se applicão aos banhos frescos e aos banhos frios. É util dar um pequeno passeio antes de se tomar o banho; mas é preciso que este exercicio não chegue a fazer suar. No momento de entrar no banho é importante molhar a cabeça ou o rosto, afim de impedir as congestões do cerebro, congestões que acontecem então frequentemente. A demora no banho frio deve ser determinada pelo seu effeito; ordinariamente é de cinco a vinte minutos; convem sahir da agua logo que appareça o segundo calefrio. É preciso enxugar-se promptamente ao sahir do banho, e fazer depois um pequeno exercicio. É essencial não entrar n'agua logo depois da comida. A negligencia d'este preceito tem muitas vezes produzido tristes resultados. Estes banhos são contrarios a toda a pessoa que estiver affectada de secreções naturaes, taes como menstruos, hemorrhoidas, ou de molestias susceptiveis de se repercutirem, como, por

exemplo, a gota. Emfim, o banho frio e fresco não convem, e até é nocivo ás pessoas, cujo peito é delicado, bem como ás que são sujeitas ao rheumatismo.

Banho de 25° a 50° do thermometro centigrado, ou banho temperado. O banho temperado é aquelle em que não se experimenta sensação de calor nem de frio. Este não é tónico nem debilitante, mas a acção é mui vantajosa: limpa a superficie do corpo. É essencialmente hygienico; repousa os membros fatigados, produz um sentimento de frescura sem enfraquecer: convem depois dos exercicios violentos do corpo ou do espirito, modera a circulação, tempera o ardor dos sentidos, e é mui util aos individuos irritaveis.

Banho de 54° a 57° centigrados, ou banho quente. Os effeitos d'este banho são calmantes e relaxantes. Considerado como meio hygienico, o banho quente convem a todas as pessoas; pois que, qualquer que seja o sexo, o temperamento, a profissão do individuo, o asseio lhe é indispensavel; mas os banhos quentes são principalmente vantajosos aos temperamentos seccos, irritaveis, ás pessoas idosas, ás crianças, ás mulheres, mesmo quando estão no estado de gravidez ou dão de mamar. Considerado como remedio, convem nas molestias nervosas, nas inflammações agudas e chronicas. A duração deve ser de meia hora, quando é tomado só para limpar a pellê; porém, como medicamento, póde ser tomado por uma e até duas horas.

Banho acima de 57° centigrados, ou banho mui quente. Este banho não é empregado para asseio, mas serve no tratamento de algumas molestias, e principalmente das affecções dartoas e rheumatismas. O banho mui quente é um excitante passageiro, é seguido, pouco depois, de grande fraqueza, resultado do augmento extraordinario da acção dos orgãos, e das perdas consideraveis occasionadas pela transpiração cutanea. É, por conseguinte, realmente debilitante, e n'isso assemelha-se a todos os outros excitantes. O uso prolongado d'estes banhos dá lugar a hemorragias ou a algumas congestões; resultando tambem d'elles um enfraquecimento extremo.

Banho do mar. Estes banhos tomão-se ordinariamente frescos; isto é, de 19° a 24° centigrados. Os seus effeitos consistem em consolidar os musculos, dar força a toda a economia, em uma palavra, em augmentar a energia de todas as funcções. Os banhos do mar podem ser applicados no tratamento de diversas molestias que são caracterizadas pela fraqueza; convem principalmente nas molestias escrophulosas, nas flores brancas, e differentes affecções nervosas. Concebe-se, portanto, o effeito que devem produzir os banhos frios, em uma agua sobrecarregada de principios exci-

tantes, acompanhados do exercicio salutar que se faz nadando, ou pelas emborçações produzidas pelo movimento contínuo das ondas.

Regras geraes dos banhos, a respeito do sexo e idade. As mulheres, sendo mais sensiveis que os homens, devem evitar os banhos demasiadamente frios ou quentes; mas os banhos frios e frescos são-lhes muito uteis. Devem ter o cuidado de se não expõem aos banhos frios senão um dia depois, e dois dias antes da época do fluxo catamenial. Se se banhassem no momento dos menstros, ou pouco tempo antes da apparição d'elles, poderia resultar d'ahi alguma suppressão desagradavel. Durante a mesma época, devem tambem evitar os banhos quentes, que podem expô-las a perdas consideraveis. A prudencia exige que se abstenhão de banhos muito frios durante a gravidez. Não acontece assim com o banho temperado, de que podem usar em todos os tempos com as devidas cautelas.

A delicadeza extrema das crianças, nos primeiros mezes da sua existencia, faz com que lhes seja nocivo o uso dos banhos frios. Se fôr necessario usar d'estes banhos, para consolidar as carnes da criança, e dar-lhe uma constituição mais robusta, será prudente começar pelos banhos temperados; lavar a criança com agua fresca, mergulha-la gradualmente; deixa-la n'agua ao principio por pouco tempo, augmentar depois o tempo pouco a pouco, e abaixar gradualmente a temperatura. Os banhos temperados e os banhos quentes são mui uteis n'esta idade. A proporção que a criança cresce o banho frio perde os seus inconvenientes, e apresenta numerosas vantagens; mas, principalmente na adolescencia e virilidade, goza de todas as suas propriedades salutaes. Ha comtudo individuos tão fracos, que, até n'essas épocas, poderia ser-lhes nocivo este banho. A organização do velho é, como já disse, ainda mais contraria ao uso do banho frio do que a da criança.

Banhos de vapor. Estes banhos tiverão muita voga entre os antigos, e muitos povos modernos usão d'elles ainda. Mas hoje empregão-se mais como remedio do que como meio hygienico. Estes banhos tomavão-se em um quarto fechado, de temperatura muito elevada, no qual se fazia vaporizar grande quantidade d'agua, e n'elle entravão muitos individuos para suarem em companhia. Reconhece-se hoje a insalubridade d'estas estufas, onde os individuos respirão um ar impregnado de suas emanações reciprocas, carregado da exhalção pulmonar, e emfim de tudo o que póde viciar a atmosplera. Tem-se igualmente reconhecido que, se a estufa em que se fecha um só individuo é mais vantajosa do que as que são feitas para muitas pessoas, não obstante apresenta

ainda um inconveniente que resulta da acção do calor no pulmão. Para fazer desaparecer este inconveniente forão imaginados diversosapparelhos por meio dos quaes todo o corpo, á excepção da cabeça, se acha exposto á acção dos vapores, entretanto que os pulmões continuão a receber um ar puro e fresco. Nas casas particulares, cstes apparelhos podem ser substituidos, dirigindo-se á cama do doente um tubo flexivel, tendo a extremidade opposta guarneçada de um funil mergulhado n'um vaso quasi cheio d'agua, e collocado perto do fogo. O cobertor de encerado, que cobre o doente, deve ser sustido afastado do corpo, por meio de arcos de pão dispostos convenientemente.

A duração média dos banhos de vapor deve ser ordinariamente de meia hora, quando muito. Em geral, administrão-se na temperatura de 35° a 60° centigrados. Os banhos de vapor, tomados com moderação, entretem as funcções da pelle, e por consequencia actuão mui vantajosamente sobre toda e economia. Tomados em temperatura mediocre, são mais debilitantes do que excitantes; em temperatura mais elevada, são ao principio excitantes, mas podem tornar-se debilitantes consecutivamente, quando a transpiração que provocão é entretida por muito tempo. Hoje os banhos de vapor empregão-se frequentemente como remedio. As molestias em que aproveitão são os rheumatismos, sciaticas, dôres dos ossos e das articulações, hydropisia e as affecções da pelle.

Tambem se faz uso dos banhos de vapores seccos, produzidos pela combustão do enxofre, benjoim e camphora: tratarei d'elles no artigo FUMIGAÇÃO.

Banhos medicamentosos. Assim se chamão os banhos em que entrão materias proprias para lhes communicarem propriedades emollientes, adoçantes, estimulantes, especificas, etc. Os mais communs são os banhos sulfurosos, salinos, gelatinosos, aromaticos, etc.

Banhos aromaticos. São os que se preparão com agua quente e plantas aromaticas, taes como alfazema, alecrim, tomilho, hortelã-pimenta, mangericão, losna, salva, herva de S. João, cordão de frade, etc. Infundem-se 500 grammas (16 onças) d'estas plantas em agua a ferver, cõa-se a infusão, e junta-se á agua do banho. Os banhos aromaticos são muito uteis aos individuos lymphaticos, escrophulosos, ás crianças pallidas, ás jovens mal regradas, etc.

Banhos emollientes. As raizes de althéa, as folhas de malva, as sementes de linho, a colla de Flandres ou o mocotó de vacca servem para a preparação d'estes banhos. A quantidade de plantas emollientes é de 4 a 5 libras, e a da colla de Flandres de 2 libras para um banho geral. Os banhos emollientes são vantajosos em

certos reumatismos, e outras affecções articulares, complicadas de rigidez dos tendões e dos ligamentos.

Banhos salinos. Preparão-se com meia libra de sal commum, e sufficiente quantidade d'agua. Gozão de propriçdades excitantes, e convem aos individuos escrophulosos. As suas virtudes medicinaes são analogas ás dos banhos do mar.

Banhos sulfurosos. Os banhos sulfurosos preparão-se com agua, á qual se juntão 120 grammas (4 onças) de sulfureto de potassio para uns 100 litros d'agua. Tomão-se em uma banheira de madeira. Este banho emprega-se com bom exito nas molestias de pelle, actua como tonico e excitante. Convem ás pessoas delicadas, irritaveis, dotadas de extrema sensibilidade da pelle, e ás crianças. Para estas ultimas bastão 60 grammas (2 onças) de sulfureto de potassio para a preparação de um banho.

Banhos parciaes. *Banhos de assento* ou *semicupios*. São os banhos em que só a parte inferior do tronco e a parte mais elevada das coxas se achão mergulhadas no liquido. Estes banhos produzem em uma parte do corpo o effeito que os banhos geraes produzem na totalidade. Os semicupios são empregados para facilitar as funcções da pelle nas pessoas a quem um banho geral incommoda muito. Este banho é ainda proprio para provocar a appareção dos menstruos; n'este caso emprega-se ou mui frio, e então conta-se com o seu effeito secundario, a reacção; ou muito quente, e então obra pelo effeito immediato, que é attrahir directamente o sangue ás partes genitales. Os semicupios quentes são frequentemente empregados nas molestias da bexiga, do anus e dos orgãos da geração de ambos os sexos. Tomados frios, estes banhos tem feito cessar nas crianças as incontinencias de ourina, que dependião da fraqueza da constituição. Os semicupios aromaticos, isto é, em que entrão plantas aromaticas, tem sido administrados com bom exito para provocar as regras ou um fluxo hemorrhoïdal supprimido, e para determinar o apparecimento do fluxo menstrual nas pessoas moças, quando tarda a apparecer.

Banhos de pés, ou *pediluvios*. Os banhos de pés empregão-se frios ou quentes. Usão-se frios para prevenir a inflammação nas torceduras, logo depois do acontecimento. N'esta circumstancia não deve o pediluvio ser de minutos; convem mergulhar a parte n'agua por muitas horas, e mesmo por todo o dia; a agua deve ser renovada frequentemente, afim de que a sua temperatura não tenha tempo de clevar-se. Sem esta cautela sobrevem a reacção, o effeito repercussivo do banho é nullificado, e a inflammação, que se desejava fazer abortar, desenvolve-se com maior energia. Estes banhos não devem ser empregados durante a menstruação.

O pediluvio quente ou escalda-pés é usado em muitas molestias cerebraes, nas vertigens, dóres de cabeça, zunidos dos ouvidos, nas inflammações da garganta, dos olhos, na asthma, defluxo na suppressão dos menstruos. A sua duração é de meia a uma hora.

Quando se quizer tomar o escalda-pés mais activo, juntar-se-lhe-hão 2 a 4 onças de farinha de mostarda, ou um pouco de vinagre, sal de cozinha, cinzas de lenha, ou sabão preto. Quando o pediluvio se administra com farinha de mostarda, a agua não deve estar quente, mas simplesmente tepida, porque a agua quente impede o desenvolvimento do principio activo da mostarda. Tirão-se os pés do banho quando o ardor é grande.

Os *banhos de mãos* ou *manuluvios* são muito menos empregados, e entretanto substituem muito bem os pediluvios, nos casos em que estes não podem ser administrados, como nos doentes cujos pés estão inchados, nos que desmaião, quando estão em posição vertical, etc.; parecem até gozar de uma acção derivativa mais efficaz em certas molestias do peito, acompanhadas de suffocação, taes como a asthma, a aneurisma do coração, a bronchite.

No artigo AGUAS MINERAES indico as diversas especies de banhos mineraes.

Banho-maria. Apparelho empregado em pharmacia, para aquecer, de uma maneira branda e uniformemente, quando se receia a acção immediata e desigual da chamma.

Emprega-se para este fim um vaso meio cheio d'agua quasi fervendo, no qual se mette outro vaso contendo a materia que se quer aquecer.

O banho-maria é frequentemente empregado nas cozinhas para manter o calor dos môlhos com manteiga, dos caldos, etc. Serve tambem nas pharmacias para distillar as substancias volateis e aromaticas, para evaporar os extractos, etc. Quando se substitue a agua fervendo pela areia, o mesmo vaso toma o nome de *banho de areia*; chama-se *banho de vapor* quando contém agua em vapor.

BARBA. O cóрте quotidiano da barba produz ás vezes sensação desagradavel de calor e de comichão. O melhor meio de remediar este inconveniente, consiste em lavar a barba com agua fria misturada com pequena quantidade d'agua de Colonia. A acção de fazer a barba produz, ás vezes, certa perturbação na economia dos homens muito delicados; e por isso prohibe-se aos doentes o fazer a barba durante as molestias graves, e aos convalescentes só se lhes permite depois de terem adquirido algumas forças.

Desenvolve-se na barba uma molestia particular chamada *men-tagra* (veja-se esta palavra).

BARBA DE PACA. Planta do Brasil ; habita nos matos do Pará. Sua infusão é recommendada como bebida, contra a hematuria intertropical (ourinas leitosas).

BARBA DE VELHO. *Tillandsia usneoides*, Linneo. Bromeliaceas. Planta parasita do Brasil. Tem os caules delgados, voluveis, lenhosos, quasi semelhantes á crina. Pisada e misturada com banha, constitue um unguento que se emprega no Brasil contra as hemorrhoidas.

Póde servir para a confeição de cordas, almofadas, enxergões, moveis, etc. Exporta-se muito d'esta planta para a França, onde se utiliza para este ultimo fim.

BARBAS DE CAMARÃO. *Strychnos*. Loganiaceas. Arbusto sarmentoso e venenoso do Brasil ; habita no Ceará.

BARBASCO, VERBASCO (Minas), CALÇÃO DE VELHO (S. Paulo). *Buddleja brasiliensis*, Jacq. Scrophularineas. Pequeno arbusto do Brasil. Tronco pouco ramoso ; folhas oppostas, oblongas, irregularmente denteadas, molles, tomentosas, verde-claras por cima, esbranquiçadas por baixo ; flores pequenas, amarellas, reunidas em verticillos ; fructo, pequena capsula bilocular.

As flores e folhas são emollientes e peitoraes ; usão-se contra a tosse em infusão theiforme, que se prepara com 2 grammas (meia oitava) de flores ou folhas e 250 grammas (8 onças) d'agua fervendô.

BARBATIMÃO. *Stryphnodendron barbatimão*, Martius. Leguminosas. Arvore do Brasil ; habita na provincia de S. Paulo e em outras partes. Folhas alternas, bipennadas, com 5 ou 6 pares de foliolos oppostos, coriáceos, cordiformes ; flores dispostas em espigas axillares nas extremidades dos ramos. A casca da arvore é amarga e adstringente ; contém muito tannino, e emprega-se no cortume dos couros. O cozimento d'esta casca usa-se em medicina, em injeções contra as flores brancas. Prepara-se este cozimento com 30 grammas (1 onça) de casca e 500 grammas (16 onças) d'agua.

Reduzida a pó, a casca é remedio que aproveita contra as ulceras.

BARDANA. *Arctium lappa*, Linneo. Synanthereas-carduaceas. Planta commum em Portugal ; habita pelos monturos, caminhos, fundo dos montes, nos sitios um tanto humidos e sombrios ; dá tambem espontaneamente no Brasil. Fig. 65. Raiz fusiforme, dá grossura de um dedo, fusca por fóra, branca por dentro, um pouco amarga ; caule de 4 a 6 pés, avermelhado ;

folhas cordiformes, cotanilhosas; flores violetas ou azues. A raiz é tónica e sudorífica; emprega-se em infusão no tratamento

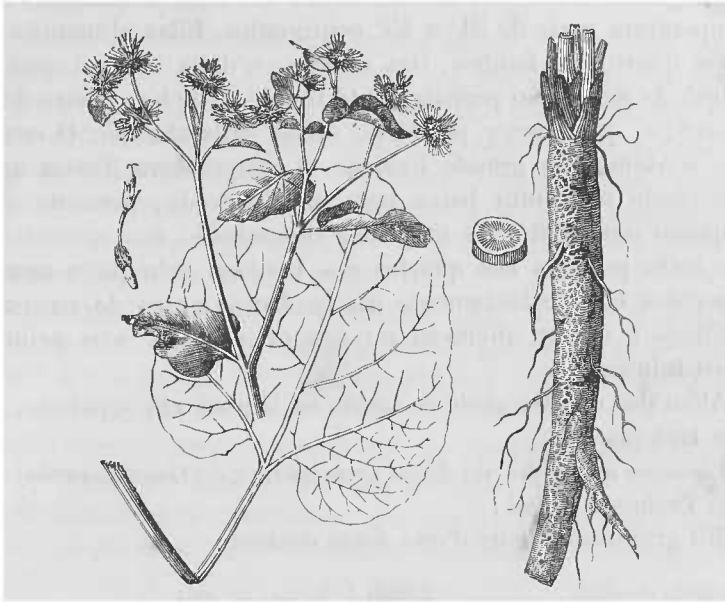


Fig. 65. — Bardana.

das molestias cutaneas. Esta infusão prepara-se com 8 grammas (2 oitavas) de raiz de bardana e 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

BARÉGES. (Aguas sulfurosas quentes). Itinerario de Pariz a Baréges : Estrada de ferro de Pariz até Tarbes, 18 horas; omnibus de Tarbes a Baréges, 7 horas : total 25 horas ; despeza 105 francos.

Baréges é uma pequena aldeia da França, situada n'um valle selvagem dos Pyreneos, a 1,280 metros acima do nivel do mar; não conta mais de 400 habitantes durante o inverno. A neve, as chuvas, as torrentes tornão o paiz inhabitavel desde o mez de Novembro até ao mez de Abril de cada anno; pelo que uma parte da população emigra para Luz, durante o inverno. A residencia em Baréges é pouco agradavel, e esta aldeia seria pouco frequentada, se não fosse a grande efficacia das suas aguas sulfurosas, que são as mais activas dos Pyreneos. A estação dos banhos dura só dois ou tres mezes no anno, de Julho a Setembro. O governo francez fundou ali um hospital militar, que póde receber 400 a 500 doentes. Os enfermos indigentes, de todos os paizes, são acolhidos no hospital civil, onde achão, por 1 franco 25 centesimos por dia, uma morada conveniente e boa alimentação.

Além do hospital civil e militar, Baréges possui um estabelecimento thermal de construção recente. As fontes minerais, sulfurosas quentes, são dez, brotam dentro do estabelecimento; a sua temperatura varia de 31° a 45° centígrados. Ellas alimentam vinte e um quartos de banhos, tres duchas, e duas bicas d'agua para beber. As aguas são perfeitamente limpidas, de leve cheiro de ovos chocos, e, pela maior parte, de sabor nauseabundo. O enxofre, que contém, tem grande fixidade. A temperatura d'estas aguas, não sendo nem mui baixa nem mui elevada, permite o seu emprego immediato. As nascentes desembocam nos reservatorios, que estão pegados aos quartos dos banhos; pelo que a agua das nascentes corre directamente nas banheiras antes de ter experimentado a menor alteração no seu calor e nos seus principios constituintes.

Além dos quartos onde se tomam os banhos em separado, existem tres piscinas.

Eis-aqui a analyse da fonte principal, (a de *Gency-nouvelle*), feita pelo Professor Filhol:

Mil grammas d'agua d'esta fonte contém:

Sulfureto de sodio..	0,0380	Sulfato de soda	} Vestigios.
— de ferro...	0,0005	Iodureto de soda.	
Chlorureto de sodio.	0,0725	Borato de soda...	
Silicato de soda.....	0,1045	Phosphato de soda	
— de cal..	0,0159	Materias organicas.....	0,0640
— de magnesia.	0,0017	Total das materias fixas...	<u>0,2971</u>

A sua temperatura é de 33°,5 centígrados.

Atravessam-na bolhas de gaz mui numerosas e mui pequenas, compostas de gaz azoto e gaz hydrogeneo sulfureo. Esta fonte é utilizada em bebida, na *Nouvelle-Buvette*, é mui limpida, não tem quasi cheiro, e o seu sabor não é desagradavel.

As aguas de Baréges são unctuosas ao tocar, propriedade que devem á materia organica, chamada *baregina*. Esta materia é translucida, homogenea, contém carbonato de cal, e depõe-se no fundo dos reservatorios.

As aguas de Baréges tomam-se em banhos, duchas e bebida. Administradas interiormente, produzem estimulação evidente, acceleração do pulso, suor, ás vezes insomnia; em muitas pessoas o seu emprego occasiona leves evacuações. São uteis contra os ferimentos antigos, ulceras que resistirão a qualquer outro tratamento; nas retracções dos musculos e dos tendões, nas molestias das articulações, na carie dos ossos, nas paralyrias, affecções da pelle e nas escrophulas. São contrarias ás pessoas ameaçadas

ou affectadas das molestias do peito. Por causa do clima, que é inconstante n'esta localidade, as aguas de Baréges não convem nos rheumatismos.

A morada em Baréges não é muito alegre, tanto mais que o pessoal dos banhistas pouco se presta aos divertimentos do salão. Não se encontrão ali nas ruas e nos passeios senão muletas, bengalas e cadeirinhas. Cumpre, mesmo na época mais quente do verão, acautelarse contra as variações atmosfericas, porque muitas vezes, depois de um calor abrasador, succede rapidamente, e no mesmo dia, um frio glacial.

BARIRIÇÓ. *Veja-se* MARIRIÇÓ.

BAROMETRO. (do grego *baros* peso, e *metron* medida). Instrumento destinado a avaliar a pressão ou o peso do ar atmosferico, e por conseguinte as variações que sobrem na densidade d'este ar.

O mais simples consiste em um tubo de vidro bem calibrado; isto é, bem igual em todo o seu comprimento, de 82 centímetros (30 pollegadas) de comprimento pelo menos, e de 5 a 6 millímetros (3 linhas) de diametro. Enche-se inteiramente este tubo com mercurio secco e privado de ar, tapa-se com o dedo, e vira-se verticalmente n'um pequeno balde ou reservatorio cheio de mercurio. Logo que se tira o dedo, vê-se que a columna de mercurio se abaixa, deixa um vacuo na parte superior do tubo, e se sustenta, depois de muitas oscillações, na altura de 76 centímetros (28 pollegadas) pouco mais ou menos. A causa que sustenta n'esta altura a columna de mercurio, não é outra eousa senão a pressão atmosferica. Com effeito, produzindo-se o vacuo, em cima do nivel do mercurio, na parte superior do tubo, o metal fechado n'este não experimenta pressão alguma, enquanto que a sua superficie livre, no reservatorio, acha-se submettida á pressão da atmosphaera. Por conseguinte a pressão atmosferica equivale, termo médio, ao peso de uma columna de mercurio de 76 centímetros de altura. Se em lugar de mercurio se empregasse agua, que é 13 vezes e meio menos pesada do que o mercurio, a columna se elevaria á altura 13 vezes e meio maior, isto é, a 32 pés ou 10 metros e 26 centímetros, altura a que chega com effeito nos tubos das bombas. Quando alguma circumstancia augmenta ou diminuc esta pressão, a columna de mercurio eleva-se ou abaixa-se proporcionalmente, e uma pequena porção de mercurio passa do reservatorio para o tubo, ou desce do tubo ao reservatorio.

Para melhor conhecer estas variações, adapta-se o instrumento a uma chapa vertical de páo ou de metal, na qual se achão

marcados centímetros ou pollegadas desde o nível constante do reservatorio.

O barometro que acabo de descrever está representado pela fig. 66. Eis-aqui como elle funciona : O tubo que entra no reservatorio *i* não o tapa completamente,



Fig. 66. — Barometro.

para que o ar possa penetrar no reservatorio e exercer uma pressão sobre a superficie do mercurio. É esta pressão que sustenta a columna do mercurio dentro do tubo até o ponto *a*. A letra *c* indica a chapa na qual estão marcados os centímetros ou as pollegadas e as palavras *bom tempo*, *bom tempo fixo*, *variavel*, *chuva*, *grande chuva*.

A observação tem provado que o mercurio desce no barometro quando ameaça chuva ; e sobe quando o tempo muda para secco e sereno. O barometro serve tambem para determinar a altura das montanhas. Quanto mais a pessoa se eleva acima do nível do mar, tanto mais diminue a altura e o peso da columna de ar, pois que lhe ficão por baixo as columnas inferiores da atmospheria, a pressão torna-se menor sobre o mercurio do reservatorio, e a columna barometrica abaixa. Reconhecêrão os physicos que uma differença de 12 metros e 668 millimet. em altura vertical, dá 2 millimet. de diminuição na columna de mercurio, pouco mais ou menos.

A variação do peso de ar exerce sobre nós influencia notavel. Quando o céu está tranquillo e sereno, a columna de mercurio no barometro sustenta-se a 776 millimetros (bom tempo seguro) que é o maximo do peso, sente-se a gente mais agil, a respiração e as mais funcções executão-se melhor. Quando o barometro baixa muito, pelo contrario, a respiração é penosa. Um sentimento de anxiedade manifesta-se em nós. Durante as tempestades, ou quando ameaça a tormenta, sentimo-nos mais abatidos, em consequencia da diminuição de peso do ar, embora se diga, então, que o ar é mais pesado, porque, estando perturbado o equilibrio entre a compressão exterior, e a expansão dos fluidos

interiores, estes affluem á superficie do corpo, com abundancia insolita, que estira os tecidos e os fatiga.

Prognosticos meteorologicos. Os barometros tem, a certos grãos da escala, indicações meteorologicas ás quaes o publico dá grande importancia. Estas indicações são a : 731 millimetros, *tempestade*; 740, *grande chuva*; 749, *chuva ou vento*; 758, *variavel*; 767, *bom tempo*; 776, *bom tempo fixo*; 785, *mui secco*. Na verdade, o que o barometro indica unicamente são as variações da pressão atmosphérica : entretanto, sendo estas variações intimamente ligadas com as mudanças do vento, e sendo este o grande arbitro da chuva e do bom tempo, é evidente que indicando uma variação devida á mudança do vento, possa o barometro, até certo ponto, servir para prognosticar o tempo. Mas a relação entre a altura barometrica e o estado meteorologico da atmospherica, varia consideravelmente segundo os lugares, por causa da influencia que as circumstancias locais exercem sobre este instrumento. Assim, um barometro que é excellente prognostico em Pariz, não dará frequentemente senão indicações falsas no Rio de Janeiro ou na Nova-Hollanda. Podem, entretanto, adoptar-se, porém com certa reserva, as regras seguintes :

1º Quando depois de uma assaz longa duração de bom tempo, o barometro principia a baixar de uma maneira lenta e contínua, vem chuva com toda a certeza; mas se o bom tempo tiver tido longa duração, o mercurio póde baixar durante dois ou tres dias, antes de se notar mudança alguma no estado atmospherico. Então, quanto mais tempo decorrer entre o abaixamento do barometro e a chegada da chuva, tanto mais durará o tempo chuvoso.

2º Se, pelo contrario, durante um tempo chuvoso que já teve longa duração, o barometro principiar a subir lentamente, virá bom tempo e durará este tanto mais quanto maior fôr o intervallo entre a sua apparição e o principio da subida do barometro.

3º Nos dois casos precedentes, se a mudança de tempo segue immediatamente o movimento da columna barometrica, esta mudança durará pouco tempo.

4º Se o barometro sobe com lentidão e de uma maneira contínua durante dois dias ou mais, annucia o bom tempo, ainda quando a chuva não cessasse um instante durante esses dois dias, e vice-versa; mas se o barometro subir dois dias ou mais durante a chuva, e se, sobrevindo o bom tempo, principiar a baixar, o bom tempo durará pouco; e vice-versa.

Os navegantes, que tem muito empenho em conhecer os signaes precursores das tempestades, referem muitos exemplos da relação das borrascas com as oscillações barometricas. Kruzenstern attri-

buio a felicidade com que sôbe sempre prever os furacões, á constancia com que observava o barometro. Scoresby affirma ter predito as tempestades dezasete vezes contra dezoito, consultando este instrumento. O Dr. Arnolt reconheceo dever a vida a estas indicações : « O navio em que estava embarcado, diz elle, e que tinha uma numerosa tripolação, achava-se, nas latitudes quentes. Depois de um magnifico dia, o sol acabava de pôr-se no meio das mais tranquillias apparencias, quando de repente o capitão dá ordem de preparar o mais depressa possivel para resistir ao tufão; porque acabava de verificar que o barometro baixava com uma rapidez extraordinaria. Entretanto, os marinheiros, que não divisavão no ar o menor signal ameaçador, não podião explicar a ordem do capitão e a promptidão que exigia. Mal estavam acabados os preparativos que ordenára, quando a navio foi assaltado por um furacão tão violento, que os mais antigos marinheiros da tripolação não se lembravão de haver visto outro igual. Nada lhe pôde resistir : as velas já ferradas e ligadas ás vergas forão feitas em pedaços ; as vergas e os proprios mastros perdêrão os maçames; todos os marinheiros que manobravão forão de subito lançados sobre a coberta. Sem o aviso dado pelo barometro, o navio teria certamente perecido com toda a tripolação.»

BARRELA ou LIXIVIA. Esta palavra designa a agua alcalina que as lavadeiras obtem deitando agua quente na roupa de lavar, sobre a qual se acha estendida uma camada de soda ou de cinza de lenha. Esta agua, pelos saes de soda ou de potassa que contém em dissolução, saponifica as partes gordurosas que existem na roupa suja, torna-as soluveis, e, d'esta maneira desembaraça a roupa de qualquer impureza.

Em chimica, *lixiviar*, é deitar por muitas vezes agua quente ou fria nas materias terreas ou outras, para d'ellas extrahir as partes soluveis que possão conter.

BARRIGA D'AGUA. *Veja-se* HYDROPSIA DO VENTRE.

BARRO ou ARGILA. Terra pegajosa, molle e ductil. Encorporada com agua, endurece ao fogo e serve para fazer vasos. As argilas são combinações, em proporções variaveis, de silica, de alumina e d'agua, ás vezes puras, outras vezes misturadas com carbonato de cal, de magnesia, silicato de cal, oxydo de ferro, etc. São unctuosas, e esfregadas com a unha adquirem certo polimento. As argilas servem para a confeição de muitos objectos desde os mais communs, como os tijolos e as telhas, até os mais estimados, como a porcelana. Espalhadas profusamente pela superficie da terra, onde se achão por camadas espessas, as argilas formão frequentemente collinas, que são notaveis por não apresentarem

esearpamentos, e são de uma esterilidade completa. Ha varias especies de argila. Uma d'ellas serve principalmente para tirar aos pannos de lã o azeite empregado na sua fabricação. Ha paizes em que se usa d'ella, em vez de sabão, para limpar a roupa. Tirão-se facilmente as nodoas gordurosas do soalho, cobrindo-as com barro dissolvido em agua. O *kaolim* dos Chins, é a argila que resulta da decomposição do feldspatho; eneontra-se frequentemente nos paizes que tem montanhas granitosas. A *argila plumbagina* é a argila misturada com betume e carvão; usa-se para a fabricação dos cadinhos empregados na fundição do aço. — A argila, sendo saturada da agua, não se deixa mais penetrar por este liquido: é esta propriedade da argila que torna ás vezes exeesivamente humidos ou alagadiços certos terrenos; um baneo de barro, muito proximo da superficie do solo, occasiona depositos d'agua nos campos; porque a agua, não podendo mais penetrar no solo, fica por cima da camada de barro até evaporar-se.

Barro vidrado. *Modo de conhecer se o verniz das tigelas, e outros vasos de barro vidrado não é nocivo.* Este verniz é, ás vezes, noivo á saude por causa do oxydo de chumbo que entra na sua composição. Quando os vasos são convenientemente cozidos, o oxydo de chumbo transforma-se em silicato; acha-se, pelo contrario, simplesmente fundido ou incompletamente combinado, quando a temperatura do forno não foi convenientemente elevada. Os vasos de má qualidade são faeilmente atacados a frio pelos acidos, sal de eozinha, etc.; os que são fabricados com cuidado resistem á acção d'estes dissolventes. — Antes de fazer uso dos vasos, deve-se ferver n'elles um pouco de vinagre, que não deve alterar o verniz ou o esmalte, se este é bom, nem formar precipitado algum quando se deita uma colher d'este vinagre em agua hydrosulfurea.

BASILICÃO. *Veja-se UNGUENTO BASILICÃO.*

BATATA. *Solanum tuberosum*, L. Solaneas. Fig. 67. O viajante que arraneava esta planta no meio dos *cactus* que ericão os Andes do Chile, estava longe de pensar que os tuberculos da grossura de feijões, que pendião das suas raizes, se tornarião o alimento mais generalizado no globo, e impedirião para o futuro a horrivel penuria que reinava na Europa na idade média. A batada é talvez o mimo mais precioso com que o novo mundo brindou aos seus descobridores. Era eultivada havia já muito tempo nas Cordilheiras e no Mexico, quando o almirante inglez Walter Raleigh a levou para Inglaterra em 1587. Comquanto nunea se tenha contestado á batata a sua origem americana, não se possuião todavia dados certos sobre os lugares em que ella brota

sem cultura. Esta questão da patria originaria da batata, ficou completamente resolvida pela remessa de muitos tuberculos á Sociedade de Horticultura de Londres. Sabe-se hoje que estes tuberculos forão tirados ás plantas de batatas, absolutamente selvagens, em um valle pouco distante da cidade da Conceição no Chile. Por algum tempo, ficou ella esquecida nos jardins botanicos da Europa; mas os seus tuberculos, tendo sido augmentados pela cultura, fixarão a attenção dos agricultores; espalhou-se primeiramente na Irlanda, depois na Inglaterra, Allemanha, Belgica, Hollanda e em França; e em todas as partes prosperou. Todos os

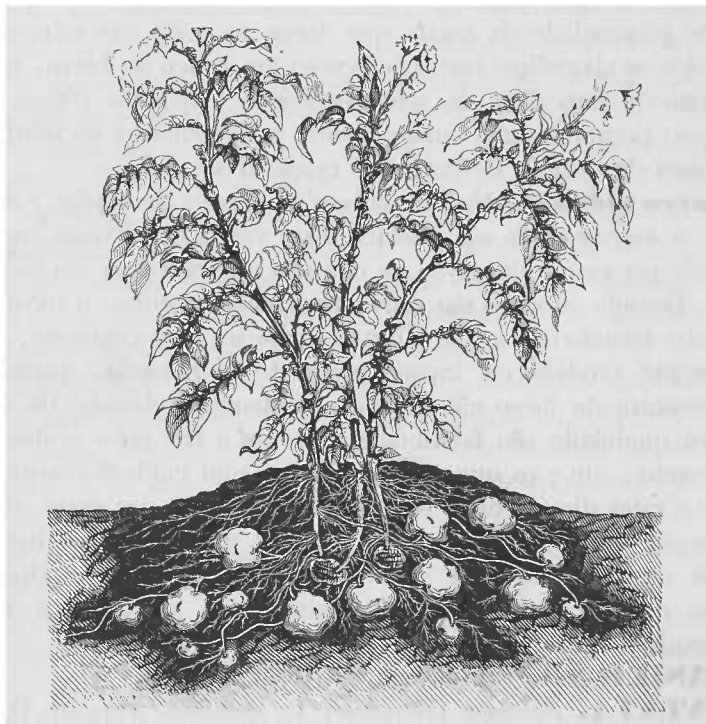


Fig. 67. — Batata.

climas lhe são proprios, desde o equador até á Siberia. Tem-se visto vegetar a 2,000 metros, em uma altura onde nenhum cereal póde viver. Na Hollanda, brota dos terrenos humidos que estão abaixo do nivel do mar, e tem fecundado as areias estereis da Prussia. A batata não se dá verdadeiramente muito bem na beiramar do Brasil, porém nas regiões de serra acima e provincias meridionaes, não cede a palma, pela abundancia ou qualidade da colheita, ás importações estrangeiras. Chamão-lhe no Rio de Janeiro *batata ingleza*, porque grande parte d'ella, que o commercio

fornece, vem da Inglaterra, ou são de origem ingleza as batatas produzidas no paiz.

As batatas são cheias de fecula, e por isso mui nutrientes. Fôra um nunca acabar, se eu quizesse enumerar todos os seus usos. Serve para fazer pão, sopas, aletria, fecula, pastelões, aguardente, polvilho, colla e xarope. A batata é um alimento são e mui nutritivo; póde-se comer preparada de todas as maneiras. A cultura produzio grande variedade de tuberculos da batata. Estes tuberculos são mais ou menos regularmente esphericos, alongados, achatados, recurvados ou ovoides. Seu exterior é de côr muito variavel: vermelho-escuro, vermelho-claro, amarello, roxo, branco, listrado de amarello e de roxo, com olhos roxos ou côr de rosa. O interior dos tuberculos é branco, amarellado, roxo ou jaspeado.

BATATA DOCE. *Convolvulus batatas*, Velloso, *Convolvulus edulis, tuberosus, esculentus, varius*, Velloso, plantas da familia das Convolvulaceas, originarias da India, cultivadas no Brasil. Fig. 68.

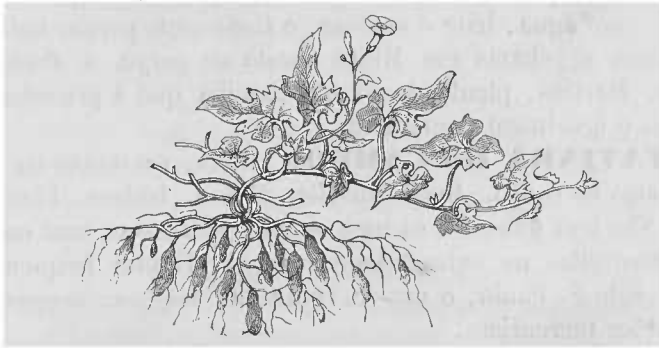


Fig. 68. — Batata doce.

Caule herbaceo, rojante, do comprimento de 2 a 3 metros, arrai-gando-se de distancia em distancia; folhas, as mais das vezes, hasteadas ou trilobadas; flores dispostas quasi em umbellas sobre pedunculos axillares mais longos que as folhas; raizes fibrosas produzindo tuberculos ora cylindricos, oblongos e tortuosos, ora ovaes, de diversos tamanhos, de parenchyma branco, amarello, roxo, chamadas *batatas*, que abundão em assucar e amido. Comem-se cozidas ou assadas, sôs ou misturadas com outros alimentos, ou feitas em doces. São para o homem um alimento nutriente e agradável. Todas as partes d'esta planta fornecem tambem um excellente pasto para os animaes, sobretudo para as vaccas leiteiras e para os porcos; as gallinhas e os perús gostão tambem muito das batatas doces.

BATATA DE PURGA OU BATATA PURGATIVA. *Piptostegia*

Pisonis, Martius. Planta do Brasil, da familia das Convolvulaceas. Chamão-lhe *jalapa* em S. Paulo, *ipú* em Minas, *purga de Amaro Leite* em Goyaz. Tem os caules herbaceos, voluveis, angulosos, muito compridos; folhas cordiformes, acuminadas, verde-escuras na face superior, esbranquiçadas na inferior; flores solitarias, pedunculadas; corolla infundibuliforme; fructo capsular. A raiz é tuberosa, lactescente, de palmo e meio mais ou menos de comprimento; cinzenta ou arroxçada por fóra, branca por dentro; costumão corta-la em rodellas para a fazer seccar, ou espremem-n'a, quando recente, para extrahir d'ella um succo que deixa depôr uma fecula branca. A raiz é purgativa, por causa da resina purgativa que contém. A dóse da raiz é de 2 a 4 grammas (meia a 1 oitava) em pó; e a da resina de 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) em pó. A fecula extrahida da raiz chama-se *tapioca de purga* ou *gomma de batata*; contém 4 por cento de resina. Usa-se na dóse de 4 grammas (1 oitava) para as crianças, e de 8 a 12 grammas (2 a 3 oitavas) para os adultos, como purgativa. Prepara-se um mingão, com agua, leite e assucar, e toma-se a porção indicada.

Tambem se chama em Minas *batata de purga*, á *Piptostegia Gomesii*, Martius, planta da mesma familia que a precedente, e cuja raiz é igualmente purgativa.

BATATINHA DO CAMPO, VARETA, RHUIBARBO DO CAMPO OU BARIRIÇÓ DO CAMPO. *Morea aphylla*, Manso. Irídeas. Planta do Brasil. Não tem folhas, e só uma simples haste com uma ou duas flores amarellas na extremidade superior. É mui frequente na provincia de S. Paulo, e usa-se contra as boubas, associada ás preparações mercuriaes.

BATATINHA DE COBRA. *Veja-se* CIPÓ DE COBRA.

BAUNILHA. *Vanilla aromatica*, Swartz. Planta sarmentosa e trepante, da familia das Orchídeas, que habita nas regiões maritimas do Mexico, da Columbia e Goyana. Fig. 69. Caule lenhoso, da grossura de um dedo, podendo elevar-se, ás vezes, a alturas consideraveis, enroscando-se á roda das outras arvores, cylindrico, nodoso, verde; folhas alternas, distantes, sesseis, ovaes-oblongas, agudas, inteiras, levemente ondeadas nas margens, lisas, espessas, algum tanto coriáceas. Flores grandes, cheirosas; calice de um verde amarellado exteriormente, branco pela parte interna. Fructo, capsula alongada do comprimento de 14 a 25 centímetros da espessura de 6 a 12, levemente arqueada, tendo as extremidades attenuadas e um pouco recurvadas; a superficie é lisa, glabra, verde a principio, depois roxa-avermelhada; apresenta um só loculamento, mas abre-se por tres valvas. As sementes são numerosas, extremamente pequenas, globosas, lisas, negras e

cercadas de um succo espesso, arroxeadado e aromatico. As capsulas da baunilha dão um dos mais deliciosos perfumes. Colhem-se antes de completamente maduras; mergulhão-se por poucos instantes em agua fervendo e põem-se logo a seccar durante quinze dias, para perderem a humidade superflua; depois, para impedir a evaporação do aroma, untão-se com oleo de mamona, ou com oleo de castanha de cajú; feito isto, fechão-se em caixinhas de folha. Um masso de 50 capsulas de baunilha de lei deve pesar pelo menos 150 grammas (5 onças); pesando 250 grammas (8 onças), é de qualidade superfina. É preciso escolher a que estiver bem conservada, de bom cheiro, de côr roxa-avermelhada, pouco molle, pesada, um pouco efflorescida: isto é, que apresente na superficie agulhas esbranquiçadas mui finas, que é o acido benzoico, o qual se acha em abundancia n'este fructo.

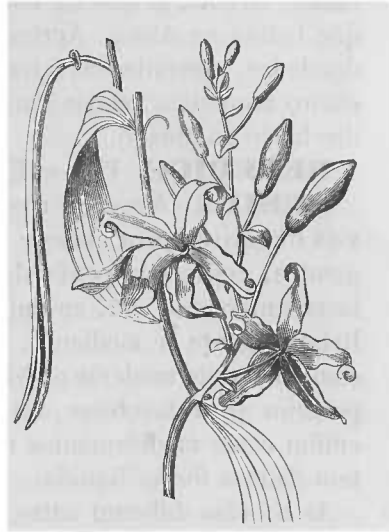


Fig. 69. — Baunilha.

A baunilha é uma substancia aromatica, cordial, tonica, aphrodisiaca. Serve para aromatizar os sorvetes, as pastelarias, os cremes, e sobretudo o chocolate, ao qual dá uma suavidade deliciosa, que ella torna de mais facil digestão, e proprio para restabelecer as forças das pessoas convalescentes.

As variedades da baunilha do Brasil são pela maior parte de capsulas de maiores dimensões que as do Mexico, costumando-se na França denomina-las baunilhões (*vanillons*, em francez). Esas capsulas tem em Sergipe 22 a 27 centimetros de comprimento, e 13 a 27 millimetros de largura; em Minas tem 16 a 24 centimetros de comprimento, 8 a 14 millimetros de largura. Seu cheiro é menos delicado e menos agradavel do que o da especie mexicana. No Brasil não se faz da baunilha cultura em grande escala, limitando-se o trabalho a apanha-la nas mattas já aberta. Comtudo nas provincias do Pará e do Amazonas, já se fazem algumas culturas isoladas da baunilha do Mexico. Esta cultura é uma das mais rendosas; faz-se a plantação por meio de estacas, e o cuidado essencial para a fructificação consiste na fecundação artificial, que se consegue abrindo ou cortando as flores machas afim de espalhar-se o pollen sobre as flores femeas. A baunilha do Mexico existe em alguns jardins do Rio de Janeiro. No mez de Maio de 1873

recebi algumas capsulas que provinhão da chacara do Sr. João Coelho Gomes, nas Laranjeiras, de cheiro delicioso, e em tudo semelhantes ás que vem do Mexico.

BDELLIO. Gomma-resina extrahida do *Balsamodendron africanum*, Arnot., arvore da familia das Terebinthaceas burseraceas, que habita na Africa. Apresenta-se em massas ou lagrimas arredondadas, esverdeadas; fractura baça, semelhante á da cera; cheiro aromatico, sabor amargo e acre. Entra na composição do diachylão gommado.

BEBEDICE. *Veja-se* EMBRIAGUEZ.

BEBIDA. Assim se chama todo o liquido que se introduz nas vias digestivas para aplacar a sêde, favorecer a digestão dos alimentos, reparar a perda dos fluidos organicos, que se dissipão incessantemente, ou, emfim, para modificar o estado dos orgãos. Relativamente á medicina, as bebidas devem ser consideradas como meios de moderar a sêde, em certas febres, ou como diluentes proprios para favorecer a transpiração e a secreção urinaria, ou emfim como medicamentos mais ou menos efficazes, aos quaes se tem dado a fôrma liquida.

As bebidas differem entre si relativamente ás substancias que contém, e que as tornão refrigerantes, emollientes, excitantes, etc.

As bebidas mais usadas são agua, limonada, laranjada, orchata, vinho, cerveja, chá, mate, café, etc. (*Veja-se* cada uma d'estas bebidas em seus artigos separados.)

Em consequencia da relação que tem este artigo com outros muitos d'esta obra, não fallarei aqui senão das bebidas em geral, consideradas como proprias para aplacarem a sêde e favorecerem a dissolução dos alimentos. Emquanto ao que respeita ás bebidas consideradas relativamente a seus usos no estado de molestia, isso será mais particularmente tratado nas palavras INFUSÃO e COZIMENTO, e achar-se-ha, além d'isto, indicado em muitos lugares d'este Diccionario, na descripção de cada substancia separadamente.

A sêde é a necessidade mais urgente, mais imperiosa e mais indispensavel de satisfazer. Mais de uma vez, quer no estado de saude, quer no de molestia, a vida se tem mantido por muito tempo só pelo uso de bebidas quasi puramente aqueas; nunca, ou quasi nunca foi possivel, sem sobrevirem accidentes mui graves e até mortaes, soffrer-se a privação da bebida, ainda por um curto espaço.

A agua fria é a melhor bebida de que póde usar uma pessoa que goza de boa saude, para aplacar a sêde, favorecer a solução e a digestão dos alimentos. Os livros regorgitão de exemplos de

peessoas que gozárão de excellente saude, e prolongárão a sua existencia até idade muito avançada, não bebendo senão agua. No estado de molestia mesmo, é mui raro que a agua fria possa ser nociva : não ha razão para se negar esta bebida aos doentes que a desejão, comtanto que estejam sufficientemente agasalhados ; sómente deve haver alguma reserva nas tosses com expectoração, nas febres eruptivas, nas affecções em que se busca provocar a transpiração; e ainda assim póde-se com vantagem permittir de tempos a tempos alguns goles d'agua fria.

Existem muitas pessoas que tem um verdadeiro horror á agua. A agua é crua, dizem ellas ; esquentá, aperta, gela o sangue, etc. Sem duvida é imprudencia, se o corpo estiver suando, beber rapidamente um copo de agua gelada ; e ainda assim, se a pessoa estiver bem coberta, e em um quarto bem fechado, não corre grande risco. Mas ter uma repugnancia completa a um liquido, que a natureza tem derramado com tanta providencia, é para assim dizer, insurgir-se contra as leis paternaes do Creador do Universo.

Convem, entretanto, ajuntar alguns espiritos, como vinho, aguardente, etc., á agua, para torna-la mais estimulante e acelerar a digestão dos alimentos ; ha, além d'isto, constituições fracas, climas humidos, habitações privadas de calor e de sol, profissões fatigantes, que necessitão do uso habitual dos tonicos. Um pouco de sumo de limão, de laranja, ajuntado á agua um pouco assucarada, fazem-n'a mais propria para aplacar a sêde antes ou depois das comidas. Uma pequena quantidade de aguardente, de rum ou de vinho, póde ser tambem empregado com vantagem.

BECHICOS. Medicamentos que se empregão contra a tosse. Dá-se este nome á mistura de partes iguaes de folhas de avenca do Canadá, folhas de hera terrestre, folhas de escolopendrio, folhas de veronica, summidades de hysopo, e cabeças de dormideiras privadas de sementes. Em pharmacia dá-se a esta mistura o nome de *especies bechicas*. Usão-se em infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) d'estas plantas e 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

BEIÇOS (MOLESTIAS DOS). Os beiços podem ser affectados de certo numero de molestias, das quaes umas lhes são proprias, entretanto que outras lhes são communs com as outras regiões do corpo.

Beiços arrebatados. Vesiculas nas margens dos beiços com calor, dôr e inchação, ao principio transparentes, depois purulentas e crostosas. Uma vez são criticas, e sobrevem depois dos accessos da febre intermittente ; outras vezes apparecem com

febre e esquinencia. Consiste o tratamento em banhar os beiços com agua morna, e applicar a pomada cosmetica chamada *coldcream*, unguento rosado, ou ceroto simples.

Beiços (Cancro dos). A degenerescencia cancerosa apresenta n'esta região duas fórmas differentes :

1º Principia por uma esfoladura, um pequeno botão, uma verruga que occupa só a membrana mucosa do beiço ou a pelle, sem mesmo invadir toda a espessura d'estas membranas. Estas diversas affecções transformão-se em ulceras cancerosas de margens viradas. Estes cancos curão-se facilmente pela cauterização ou extirpação, e são ordinariamente isentos de recidivas, porque as causas que produzem estas lesões não são geraes;

2º Na segunda fórmula ha um caroço na espessura do beiço; esta vez não é affecção a principio benigna d'esta região que degenerou em cancro, é affecção primitivamente cancerosa. O beiço torna-se duro, desigual; a pelle enruga-se, a membrana mucosa torna-se violacea.

Os progressos do cancro dos beiços, qualquer que seja a sua origem, são a principio lentos, mas depois são rapidos; forma-se uma ulcera com todos os caracteres descriptos no artigo CANCRO, que devora todo o beiço se não se lhes traz remedio.

Tratamento. Antes de tratar o cancro dos beiços pela operação, é preciso ensaiar primeiramente o tratamento anti-syphilitico durante um mez. Este tratamento compõe-se das preparações mercuriaes, e está indicado no artigo SYPHILIS.

O cancro simples, ulcerado, será tratado pela solução seguinte, que se applicará sobre a ulceração por meio de fios :

Agua. 90 grammas (30 onças)

Chlorato de potassa 4 grammas (1 oitava).

Interuamente administrar-se-ha a poção seguinte :

Agua 90 grammas (3 onças)

Chlorato de potassa 4 grammas (1 oitava)

Xarope de gomma 15 grammas (1/2 onça).

Para beber uma colher *de sopa*, tres vezes por dia.

Se este tratamento, que não é de um effeito certo, não tiver bom exito, é preciso destruir o cancro pela cauterização com massa de chlorureto de zinco, ou tira-lo por meio da excisão.

Beiços (Feridas dos). *Veja-se* FERIDAS.

Beiços (Hypertrophia dos). Desenvolvimento mui consideravel dos beiços. Póde invadir só a membrana mucosa, ou toda a espessura dos beiços. Quando só a membrana mucosa se acha assim desenvolvida, é uma dobra mui ampla que sahe fóra do beiço, é quasi um segundo beiço, emfim uma exerescencia mucosa

que repelle o verdadeiro beijo para fóra e produz uma deformidade. Cura-se facilmente por uma pequena operação : um ajudante vira fortemente o beijo para fóra; o operador agarra a excrecencia com pinça, e corta-a com o bisturi ou tesoura curva.

Quando a hypertrophia affecta toda a espessura do beijo, a cura é difficil; os banhos frios de rio ou do mar, e o uso do vinho de quina podem aproveitar em alguns casos; não ha operação a fazer.

Beijos (Rachas dos), ou Cieiro. Pequenas rachaduras dos beijos occasionadas ordinariamente pelo frio; deitão ás vezes sangue, cada vez que a pessoa ri, boceja ou come alguma cousa de solido. Para cura-las é preciso lavar os beijos com agua tepida, e applicar coldcream, ceroto simples ou unguento rosado.

Beijo rachado. Assim se chama a divisão longitudinal de um dos beijos. Dá-se-lhe tambem o nome de *labio leporino*; isto é, *beijo de lebre*, por causa da semelhança que tem os individuos affectados d'esta deformidade, com as lebres ou coelhos, nos quaes essa disposição é natural. As crianças podem nascer com esta deformidade, é o caso mais commum; o beijo rachado chama-se então *natural* ou *congenial*; mas póde tambem ser o resultado de uma ferida, da perda de substancia do beijo, e dá-se-lhe n'este caso o nome de *accidental*. O beijo rachado natural encontra-se mais ordinariamente no beijo superior; todavia, tem-se visto ás vezes o labio opposto affectado d'este mal. Raras vezes se encontra na linha média, e apparece em geral do lado esquerdo. O beijo rachado offerece muitas variedades. Póde consistir sómente em uma simples divisão do beijo; esta divisão póde ser de ambos os lados, e chama-se então beijo rachado *duplo*. Póde ser complicado de disposição viciosa dos ossos e dos dentes. O céo da bocca apresenta, ás vezes, em todo o seu comprimento e na linha média, uma abertura mais ou menos larga que faz communicar a bocca com o nariz. Muitas vezes a porção do osso na qual se apoia o beijo doente, faz proeminencia para diante. Não sendo então comprimida pelo beijo, esta porção de osso cede pouco a pouco á pressão da lingua, empena para diante, e leva após si os dentes que supporta; estes, passado algum tempo, inclinão-se para diante. No gráo mais forte da molestia, ha falta da porção do beijo entre as duas fendas; o céo da bocca e o septo nasal faltão inteiramente; a bocca e o interior do nariz formão uma só cavidade. Derão a este vicio de conformação o nome de *guela de lobo*. Quando o beijo rachado é *accidental*, póde affectar um ou outro beijo, e offerecer as disposições mais variadas. É inutil enumera-las.

O beijo rachado constitue uma deformidade tanto mais pronun-

ciada, quanto maior é o gráo de divisão dos labios. Quando a fenda labial é dupla, e existe uma proeminencia consideravel dos ossos e dos dentes, a bocca tem uma expressão horrenda, o nariz achata-se, e, ás vezes, parece que a extremidade entra para dentro. A deformidade augmenta ainda durante o riso e a pronunciação, porque as margens da fenda estendem-se para fóra pelo esforço dos musculos. Quando o beijo rachado se complica com a divisão do céo da bocca, a voz é surda e fanhosa, a pronuncia difficil, e por esta razão as crianças aprendem muito mais tarde a fallar; a deglutição é penosa, os alimentos solidos passam pelas cavidades nasaes, e determinão espirros incommodos. Felizes das crianças, n'este caso, quando a sucção do peito, e por consequente a nutrição, não lhes são inteiramente impedidas! Quanto ao beijo rachado complicado com a ausencia de todo o céo da bocca, e dos ossos que separão a bocca da cavidade do craneo, este coexiste com uma imperfeição tal do systema cerebral, que é incompativel com a vida. Quando a divisão existe no beijo inferior, a saliva não póde conservar-se na bocca, e a perda contínua d'este liquido, necessario á digestão, occasiona bem depressa um emmagrecimento consideravel.

O beijo rachado natural depende da falta do desenvolvimento do beijo, e dos ossos do céo da bocca. Mas qual será a causa d'esta falta de desenvolvimento? Não é possivel dizer-se com certeza no estado actual dos nossos conhecimentos. A opinião dos antigos medicos sobre a influencia da imaginação da mãe que, durante a sua gravidez, se horrorizava á vista de uma criança affectada de beijo rachado, ou de um animal da familia dos roedores, de um coelho, por exemplo, esta opinião não passa de uma hypothese.

Não se póde conseguir a cura do beijo rachado senão por uma operação. Consiste esta operação em avivar as margens da divisão do beijo e pô-las depois em contacto perfeito, de maneira que se reunão por meio de uma cicatriz linear. Não póde entrar no plano d'esta obra a descripção d'esta operação; limito-me a dizer que a primeira parte se pratica com bisturi ou tesoura, e que uma costura feita com agulhas e fios, mantém as partes em contacto. Tira-se o apparelho ao cabo de tres ou quatro dias, e segura-se a a cicatriz ainda recente com uma atadura, por mais sete ou oito dias. Se a operação fôr praticada em uma criança, haja a cautela de afastar tudo quanto possa excitar a sua impaciencia. Evite-se que chore, grite, ria ou espirre; não se lhe permita bulir no apparelho, e dêm-se-lhe alimentos liquidos, taes como caldo, sopas, etc., para não ser obrigada a mastigar. Alguns inconve-

nientes, felizmente, mui raros, acompanhão, ás vezes, a operação do beijo rachado. Declara-se uma hemorragia, ou desenvolve-se uma inflammação mui viva, que faz suppurar as margens da ferida, e impede a sua reunião immediata. Ás vezes, as agulhas determinão ulcerações. Emfim a cicatriz pôde romper-se pouco tempo depois de tirado o apparelho. De todos estes inconvenientes o peor e o que exige a mais activa vigilancia é, sem contradicção alguma, a hemorragia. Deve-se receiar principalmente nas crianças mui novas, porque n'ellas não se reconhece pela parte de fóra. As crianças, tendo o costume de exercer a sucção com a lingua, engolem o sangue á medida que corre; e tem-se visto perecer assim algumas, sem apparencia de hemorragia. É preciso, por conseguinte, observa-la cuidadosamente; e, quando se tiver reconhecido que o sangue corre na bocca, é necessario comprimir com o dedo atraz do beijo, apertando cada um dos lados da ferida entre os dois dedos. Por este meio, o sangue estanca, e pôde-se esperar a chegada do cirurgião, que remediará facilmente o accidente, tornando a applicar o apparelho, ou apertando-o de novo.

Quando o beijo rachado é acompanhado de uma separação pouco consideravel dos ossos do céu da bocca, vê-se esta desaparecer pouco a pouco depois de curada a fenda labial. Outro tanto acontece com a deviação, e má direcção dos dentes. Mas, quando estes vicios de conformação são consideraveis, reclamão modificações importantes nos processos operatorios.

Os cirurgiões não concordão ácerca da idade em que se deve operar o beijo rachado. Pensão alguns que a criança recém-nascida se acha em circumstancias mui favoraveis para supportar esta operação. Como, n'esta idade, a criança ainda não tem discernimento, não ha receio de que os preparativos de cada curativo excitem a sua sensibilidade. Os beijos sendo n'ella providos de muito maior numero de veias e de arterias do que nas outras épocas da vida, a reunião da ferida faz-se mui promptamente, e o signal inevitavel d'esta deformidade, será muito menos marcado durante todo o decurso da vida, do que quando a reunião fôr feita alguns annos depois. Tal era a opinião de Ledran, Bell e alguns outros cirurgiões do seculo passado, que querião que a operação do beijo rachado natural, fosse praticada em uma época muito approximada do nascimento. Outros cirurgiões pretendem que se deve esperar quatro o cinco annos para fazer a operação, porque n'esta idade, dizem elles, a criança, dotada de bastante razão para desejar a cura de uma deformidade cujos inconvenientes sente, e que a expõe ao escarneo das outras crianças,

evitará comprometter os resultados da operação pelos movimentos dos beiços. Entretanto, os partidistas da opinião contraria objectão que n'esta idade, supposta razoavel, as crianças tem justamente bastante conhecimento para prever a dôr, sem que a razão seja assaz forte para as obrigar a supporta-la; que pouco apreço dão á cura de uma molestia, cujos inconvenientes se achão diminuidos pelo costume, e que o desenvolvimento das faculdades intellectuaes póde ficar atrazado, em consequencia do estorvo que o beiço rachado produz na falla.

Do que fica exposto, facilmente se deduz que melhor é operar logo nos primeiros dias do naseimento. Na primeira edição d'este Dictionario, publicada em 1842, declarei-me contra a operação praticada n'essa época da vida, mas a experiencia fez-me agora adoptar a opinião opposta.

Beiços (Tumores erectis dos). Os tumores erectis dos beiços são de nascença; apresentam pulsações, inchão durante os esforços ou gritos, e são reductiveis; abrem-se ás vezes e produzem hemorrhagias.

Tratamento. Os tumores erectis limitados reelamão a ligadura á roda de alfinetes que atravessão o tumor. A cauterização com ferro em brasa convem para os tumores mal limitados, e é preciso repetir a operação muitas vezes.

Beiços (Ulcerações dos). Existem diversas ulcerações nos beiços; ha simples que saõ facilmente, como as rachas que apparecem n'este lugar. O eroto ou o coldeream euão estas pequenas soluções de continuidade; quando resistem, é preciso toea-las com pedra infernal.

As ulceras, que dependem do abuso do mercurio, tratão-se pela cauterização com pedra infernal e pelos gargarejos adstringentes indicados no artigo *Salivação mercurial*.

As ulceras cancerosas estão descriptas mais aeima (CANCR0 DOS BEIÇOS.)

Os caneros venereos forão observados nos beiços em consequencia da applicação directa do virus. Podem tambem ser consecutivos á infecção geral, e n'este easo apparecem nos angulos dos beiços sob a fórma de fissuras ou rachas. Exigem o tratamento mereurial, indicado no artigo SYPHILIS.

BEIJÚ. Massa de farinha de mandioca ou de tapioca, aplana-da e cozida no forno. Fazem-se tambem excellentes beijús de massa de mandioca e de aipim, obtidos com a massa gommosa, depois de deseascadas, raladas e comprimidas as raizes. Fazem-se nas provineias do Norte Brasil beijús denominados *tapiocas*, que são temperados com leite de eôco e assuear, e fieão muito saborosos.

Eis-aqui ainda outros nomes de beijús :

Beijú membeca. Quando tem a consistencia de pão de ló.

Beijú puquequa. Se leva sal e vai ao forno estendido em folha de pacobeira.

Beijú curuba. Quando se mistura com castanha do Maranhão.

Beijú guaçu. Quando está muito torrado.

Beijú cica. Quando a massa é de mandioca secca e muito pura.

Beijú teyca. Quando é feito de tapioca.

Os beijús constituem um alimento leve e mui nutriente, que convem aos enfermos e aos convalescentes.

BELDROEGA. *Portulaca oleracea*, Linneo. Portulaceas. Planta alimenticia cultivada nas hortas do Brasil e de Portugal. Come-se em salada, ou cozida e temperada de differentes fôrmas. A salada de beldroega provoca o somno; é purgativa, quando se come em grande quantidade.

BELIDA. Com este nome designão-se vulgarmente differentes manchas que apparecem nos olhos, e que na linguagem scientifica se denominão *albugo*, *nepheleon* e *leucoma*, conforme os seus tres grãos de intensidade.

Em consequencia das inflammações violentas dos olhos, desenvolve-se ás vezes na cornea uma nodoa branca, opaca, situada entre as laminas d'esta membrana, e formada pelo derramamento dos fluidos brancos : esta nodoa chama-se *albugo*. Conforme a parte da cornea que occupa, a sua extensão, e o grão de opacidade, o *albugo* impede mais ou menos a visão : largo e collocado no centro da cornea, produz a cegueira; quando occupa um dos pontos da circumferencia d'esta membrana, obriga o doente a olhar obliqua ou vesgamente; quando é mui circumscripto e occupa o centro da cornea, incommoda menos a visão no escuro que na claridade, em razão de ser maior a dilatação da pupilla na obscuridade do que na luz; o que permite que maior numero de raios luminosos cheguem ao interior do olho. O *novoeiro* ou *nepheleon* differe do *albugo* em ser menos opaco, mais superficial, e porque parece consistir mais em um escurecimento da cornea do que no derramamento da serosidade lactescente, como acontece no *albugo*. Emfim, o *leucoma* ou cicatriz da cornea, tem por character o apresentar constantemente uma depressão sensivel.

Tratamento. As belidas produzidas pelas inflammações dos olhos cedem ordinariamente ao mesmo tempo que esta phlegmasia, ou pouco tempo depois, sob a influencia dos meios dirigidos contra ella, isto é, purgantes, collyrios emollientes e depois adstringentes. Mas, quando já não existem vestigios de inflammação, e nos casos em que as belidas apparecem sem ella, convem insufflar

nos olhos assucar reduzido a pó impalpavel, e recorrer ao laudano puro, applicado sobre a helida por meio de um pequeno pincel, á cauterização superficial da helida com pedra infernal, ou com pedra-hume, ou ao collyrio preparado segundo a formula seguinte :

Agua de rosas ..	180 grammas (6 onças)
Sulfato de zinco ..	60 centigrammas (12 grãos).

Misture.

Com este collyrio lavão-se os olhos tres vezes por dia. Com estes meios pôde-se obter a cura do nephelion. Quanto ao albugo e á leucoma, resistem, as mais das vezes, aos recursos da arte.

BELLADONA. *Atropa belladona*, Linneo. Solanaceas. Fig. 70. Esta planta é um poderoso narcotico, e como tal frequentemente

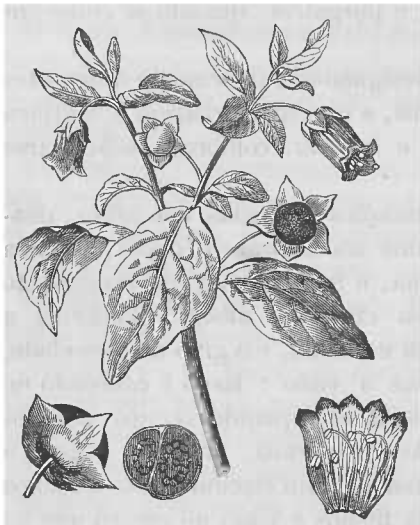


Fig. 70. — Belladonna.

empregada em medicina. As suas folhas, na dóse de 5 a 60 centigrammas (1 a 12 grãos) por dia, aproveitão nas colicas espasmodicas, nas tosses nervosas, na coqueluche, nas convulsões e na epilepsia. Tambem se prepara com ella um extracto, que se administra em dóse muito menor, isto é, de 5 a 20 centigram. (1 a 4 grãos); e a tintura alcoolica que se dá na dóse de 6 a 30 gottas em poção. Em alta dóse, a belladonna é um veneno narcotico-acre. Esta planta não se acha no Brasil, mas é mui commum na Europa, onde produz frequentes accidentes, por causa

de seus fructos, que se parecem com as cerejas, e, por seu gosto adocicado, tentão o paladar das crianças. A raiz da belladonna é ramosa, amarella-arroxeadada por fóra, branca internamente, e de cheiro viroso. Seu talo tem 1 metro e 30 centímetros de altura. Suas folhas são alternas, grandes, ovaes agudas, inteiras, de côr verde-escura. As flores são de côr purpurea-escura. Seus fructos de gosto adocicado, são polposos, a principio verdes, e depois avermelhados e quasi prctos, do tamanho de uma cereja.

BENJOIM. Este nome foi dado a um balsamo proveniente de uma arvore da familia das Styracineas, chamada *Styrax benzoin*, Dryander, que habita na Sumatra, Java, e no Brasil na provincia do Rio Grande do Nortc. Apresenta-se no commercio debaixo de

duas fórmãs : 1º *Benjoim amygdaloide*; massas seccas, friaveis, cinzentas, um pouco luzentes, formadas no interior de lagrimas ovoides, esbranquiçadas, reunidas entre si por uma substancia arroxeadã e porosa; 2º *Benjoim em sortes*, que tem poucas ou nenhuma lagrimas.

Seu cheiro, que é dos mais agradaveis, desenvolve-se principalmente quando se queima o balsamo, e depende de um acido particular chamado acido benzoico. O cheiro do benjoim faz com que elle seja muito empregado na perfumaria; entra na composição das pastilhas do serralho, do leite virginal, dos trociscos cheirosos, e de quasi todas as pastilhas que servem para fumigações. Em medicina, o seu uso é assaz limitado; entretanto, tem-se aconselhado fazer aspirar o vapor branco, que produz o benjoim lançado nas brazas, ás pessoas affectadas de asthma, e de bronchite chronica. Estes vapores forão tambem dirigidos com bom exito sobre as articulações affectadas de gota e rheumatismo chronico.

BENZINA. Liquido incolor e volatil que se obtem pela distillação do carvão de pedra. Não rectificada, tem um cheiro insupportavel; bem rectificada, o seu cheiro é menos desagradavel. Dissolve facilmente as resinas, a cera, as gorduras, etc.; e por isso serve para tirar as nodoas nos vestidos, nas luvas, na seda, etc. Tira rapidamente as nodoas sem deixar vestigio. Emprega-se tambem com vantagem para matar os piolhos nos animaes. É um liquido venenoso, cujo vapor já é um veneno para os pequenos animaes.

BERBERIS. *Berberis vulgaris*, Linneo. Berberideas. Arbusto da Europa que em Portugal habita quasi espontaneo nos tapumes na Portella perto de Coimbra; cultiva-se nos jardins. Tem 2 a 3 metros de altura, ramos armados de espinhos; folhas pequenas, ovaes oblongas, bordadas de dentes agudos e quasi espinhosos, de sabor acido agradavel. Flores amarelladas, de cheiro desagradavel. Os fructos tem a fórmula de bagas alongadas, de côr rubra; ha, porém variedades de côr amarella, roxa, purpurea, anegrada ou branca; de sabor acido intenso, mas agradavel; fazem-se com elles doces mui agradaveis. Sementes pequenas, compridas, avermelhadas, de sabor adstringente; entrão na composição do diascordio, electuario empregado contra a diarrhea. A casca da raiz de berberis é aconselhada contra as febres intermittentes.

BERGAMOTA. Fructo de uma variedade de limoeiro, *Citrus limetta*, Risso. Aurantiaceas. A arvore tem os ramos espinhosos, folhas grandes, ovaes-arredondadas, sustentadas por peciolo longos e alados; flores brancas; fructos pequenos, arredondados, um tanto

mamillosos no topo; a casca dos fructos é delgada, de um amarello dourado, lisa, cheia de uma essencia suavê e picante, que é muito procurada pelos perfumistas; a polpa é agra, amarga, e sem uso.

BERIBERI. Molestia propria aos paizes intertropicaes, que ataca alguns individuos isoladamente ou muitos ao mesmo tempo, tanto os brancos como as pessoas de còr. É caracterizada pela fraqueza geral, inchação do corpo, paralyisia; e terminando, nos casos fataes, por suffocação, asphyxia ou extenuação das forças; e, nos favoraveis, por evacuação abundante das ourinas, e pela restauração gradual das forças.

Esta molestia foi ao principio, e quasi exclusivamente, observada nas Indias orientaes, (continente e ilhas) até cerca de 20° de latitude ao norte do equador; na costa de Malabar, golfo de Bengala, Archipelago indico, golfo persico e Mar Vermelho; e para o Sul nas ilhas de Bourbon, Java e Mauricias, dentro do limite de 20° de latitude. Os medicos inglezes, que observárão esta molestia na India, e que forão os primeiros que a descrevêrão, derão-lhe o nome de *beriberi*, da palavra *beri*, que significa *fraqueza* na ilha de Ceylão; este nome está adoptado nas linguas portugueza e franceza.

Nos fins de 1863, appareceo esta molestia na provincia da Bahia; até essa época não era conhecida no Brasil. Foi examinada com muita attenção pelos facultativos da cidade da Bahia, e sobretudo pelo muito distincto medico o Sr. Dr. J. F. da Silva Lima, que publicou sobre este assumpto um excellente tratado (*Ensaio sobre o beriberi no Brasil*, Bahia 1872, 227 paginas). Este livro é uma das melhores publicações que foi feita sobre o beriberi, e não tendo eu tido a occasião de observar esta molestia durante os quinze annos da minha pratica no Rio de Janeiro (de 1840 a 1855), não posso fazer melhor, para apresentar a descripção do *beriberi*, do que guiar-me pela obra do Sr. Dr. Silva Lima.

Durante os annos de 1864 e 1865 observárão-se só alguns casos isolados, na Bahia, mas em 1866 erão elles tantos que constituirão uma verdadeira epidemia, affectando as mulheres e os homens de todas as classes da sociedade, tanto pessoas brancas como pretas, na cidade como na provincia da Bahia. A molestia continua a apparecer n'essas localidades por alguns casos isolados. Em 1867 o beriberi reinou epidemicamente na esquadra brasileira e exercito brasileiro no Paraguay, e em Matto-Grosso. O Sr. Dr. Julio Rodrigues de Moura denunciou tambem a existencia de paralyisias e anasarcas identicas na provincia do Rio de Janeiro e de Minas, das quaes publicou sete casos na *Gazeta medica da Bahia* de 1867. Estes casos forão observados em 1865, 1866 e 1867 em Minas

na margem do Parahyba, e na provincia do Rio de Janeiro em Suruhy.

Na mesma época, e nos annos seguintes, o beriberi foi notado na provincia do Pará, na cidade de Maranhão e em Pernambuco. No anno de 1870 apparecerão alguns casos isolados na cidade de Fortaleza, capital da Provincia do Ceará. No mesmo anno de 1870 reinou epidemicamente no interior da provincia de Santa Catharina. Na provincia de Sergipe tem sido tambem observada esta molestia. É possivel que em algumas outras provincias do Brasil se tenham dado casos identicos. Em 1874 manifestou-se com caracter epidemico na casa de Detenção de Pernambuco.

Symptomas. Segundo o Sr. Dr. Silva Lima, o beriberi apresenta-se sob tres fórmas principaes que são : 1^a aquella em que predomina a paralyasia ; 2^a a em que predomina a inchação ; 3^a a que se póde chamar mixta, isto é, a que apresenta reunidos ambos os symptomas.

« Na primeira fórma (*paralytica*), (diz o Sr. Dr. Silva Lima na obra citada), o doente começa por accusar um incommodo indefinido; sente fraqueza geral, inaptidão para qualquer exercicio; o appetite diminue em alguns casos, e ha sensação de plenitude no epigastro. Vem depois dôres vagas pelos membros, nos inferiores principalmente, simulando rheumatismo muscular, que não tardão a ser seguidos de dormencia ou torpor de sensibilidade cutanea. Alguns dias depois, nos casos mais rapidos, o doente sente fraquearem-lhe as pernas sob o peso do corpo; illudindo-se sobre a força de seus musculos cahe, por vezes, quando teima em caminhar, até que desiste do intento de levantar-se; em breve a paralyasia do movimento, raras vezes completa, apenas lhe permite dobrar os joelhos, no decubito dorsal, ou movê-los no sentido da adducção e abducção.

« A paralyasia manifesta-se tambem nos membros superiores, começando por dormencia e formigamento nas extremidades de um ou mais dedos, algumas vezes de todos; pouco depois ha perda do tacto e fraqueza muscular, sendo impossivel ao doente comer por sua mão, segurar qualquer objecto, escrever, etc. A compressão sobre os musculos paralyzados é muito dolorosa.

« Ao mesmo tempo que se manifestão estes symptomas, ou pouco depois, apparece a sensação de uma cinta apertada, a principio em roda da pelve, e gradualmente subindo até ao nivel das axillas. No epigastro accusão alguns doentes uma sensação de plenitude e de dureza, como se ali tivessem uma taboa, ou uma barra de ferro.

« A proporção que esta constricção do tronco vai subindo appa-

rece a dyspnéa, que se torna cada vez mais afflictiva; sobrevem, por fim alguma ligeira inchação nas extremidades inferiores e na face, que se torna, assim como a parte superior do tronco, de côr pallida azulada; a dyspnéa augmenta progressivamente, sobrevem, ás vezes, contracções dos musculos, convulsões parciaes, movimentos choreicos das mãos e braços, mais raramente das pernas, grande anxiedade, acceleração e enfraquecimento do pulso, diminuição consideravel da quantidade da urina, que toma côr de café, suores frios viscosos, e a morte por asphyxia.

« Na segunda fórma da molestia (*edematosa*) os primeiros symptomas que chamão a attenção do doente são: canceira da respiração, augmento do volume da parte média das pernas, acompanhado de dôr como rheumatica, alguma inchação e peso dos pés, e fadiga dos musculos, principalmente ao subir escadas ou ladeiras. A compressão dos musculos da barriga da perna é mais ou menos dolorosa. Depois vai apparecendo maior oppressão da respiração, augmentada pelo exercicio; o moral do doente começa então a affectar-se por apprehensões acerca do seu estado, e por uma desesperança, de que, ás vezes é impossivel tira-lo. A inchação é dura, e um tanto elastica, de fórma que a impressão do dedo desaparece em poucos segundos, e de *circumscripta* que era ás pernas, estende-se á face, ao tronco, aos braços, e, finalmente, a todo o corpo, de sorte que alguns doentes parecem ter duplicado de volume. A proporção que a inchação cresce, sobrevem difficuldade de mover as pernas e os braços, e a dyspnéa vai augmentando. As urinas tornão-se escassas, e o suor é geralmente pouco abundante, salvo para o fim, quando a dyspnéa é consideravel. A pelle torna-se descorada desde o principio, e por fim é livida, e guarda por muito tempo a marca branca produzida por uma compressão feita lentamente com os dedos. O pulmão torna-se congesto, e o figado muito volumoso e doloroso á pressão. N'estes casos a morte vem tambem por asphyxia, por congestões visceraes, e, ás vezes, como o Sr. Dr. Silva Lima verificou em duas autopsias, por embolia da arteria pulmonar.

« Na terceira fórma, ou *mixta*, a molestia começa ora pela paralysis das extremidades inferiores, ora pela inchação sem paralysis, ora, finalmente, por paralysis e inchação simultaneas, continuando umas vezes estes dois symptomas a progredir de um modo igual, outras vezes augmentando um mais do que outro, formando então a doença, a primeira ou a segunda fórma. Quando a inchação e a paralysis são simultaneas no seu apparecimento, e na sua marcha, o doente sente ao mesmo tempo intumescerem-se-lhe os pés e as pernas, o torpor da sensibilidade cutanea e fraqueza muscular,

que vai ao ponto de lhe impossibilitar a marcha. Estes symptomas estendem-se depois aos braços, a inchação invade a face e todo o tronco. A dôr á pressão sobre os musculos paralyzados é tambem muito notavel n'esta fórma. Os doentes sentem grande anxiedade, e não podem estar senão recostados. Em um doente affectado d'esta fórma da molestia, o Sr. Dr. Silva Lima vio sobrevir a cegueira completa em vinte e quatro horas, cerca de oito dias antes da morte. A asphyxia é, de ordinario, o fim d'esta scena de angustias.

« O pulso é variavel nos diversos periodos, nas diversas fórmas da molestia, mas geralmente mais veloz do que o natural, e, nos casos de anasarca, irregular em força e frequencia, e é intermitente.

« Estes tres quadros symptomaticos são transumptos dos casos mais graves da molestia. »

Quando a cura deve ter lugar, a inchação diminue pouco a pouco; os outros symptomas minorão igualmente; os doentes começam a poder ter-se de pé, e a oppressão quasi não existe. Volta o appetite, cessa a prisão de ventre, reapparecem as ourinas, e recobra o pulso a sua primeira força. A inchação dos tornozelos, assim como a fraqueza dos membros inferiores, são os symptomas que persistem mais tempo.

A *duração* d'esta molestia póde variar de algumas horas sómente, até muitos mezes.

Prognostico. O prognostico do beriberi é bastante grave. Sobre os 61 casos observados pelo Sr. Dr. Silva Lima, na cidade da Bahia, houve 30 curas e 31 mortos. É uma molestia seria quando apparece por alguns casos isolados, e gravissima quando reina epidemicamente. No primeiro caso é ordinariamente de marcha lenta e prolongada, susceptivel de modificar-se em sentido favoravel, ou pelos esforços da natureza, ou por um tratamento conveniente.

Anatomia pathologica. Nos cadaveres dos individuos que succumbirão na fórma hydropica, o tecido cellular da pelle estava cheio de serosidade; a camada sub-cutanea era muito grossa. Pelo contrario, os que succumbirão na fórma paralytica, erão de magreza excessiva.

As lesões que se encontrárão na cavidade do craneo forão tão variadas, que seria difficil tirar d'ellas alguma inducção. A medulla espinhal apresentou sempre certo gráo de amollecimento. As membranas da medulla estavam injectadas de sangue; existia entre ellas collecção de liquido, tanto na fórma edematosa como paralytica. Na cavidade das pleuras havia derramamento do liquido, cuja quantidade variava de 300 a 800 grammas, na fórma edematosa; em consequencia da fórma paralytica pura não existia

collecção liquida. O eoração era habitualmente volumoso, descolorado, cheio de sangue preto. Quando existia infiltração durante a vida, achava-se no ventre accumulacão de serosidade que variava de 300 a 1000 grammas. A bexiga estava vazia, descolorada e contrahida. O sangue era aquéo.

Causas. As causas do beriberi são totalmente desconhecidas. Nenhuma classe da sociedade póde julgar-se isenta de suas aggressões; pois que na Bahia atacou igualmente os brancos e os pretos. européos e indigenas, africanos, crioulos, mestiços, notando-se que os estrangeiros que erão acommettidos, estavam perfeitamente aclimados no paiz.

Na India, os medicos attribuem a molestia á alimentacão particular dos habitantes, ao uso quasi exclusivo do arroz, que por si só não é sufficiente para a alimentacão do homem. No Brasil, na provincia do Pará, os habitantes julgavão que a molestia era occasionada pelas primeiras ehuvas do verão. Todos os annos, de novembro a dezembro, affluem á capital da provincia do Pará negociantes de borraeha, habitantes das margens do rio Anajás e seus affluentes, para se tratarem de inchações e paralyrias beribericas. Em outros lugares attribue-se o beriberi aos miasmas paludosos ou a outras emanacões insalubres. O que ha de certo é que as condições elimatericas e individuaes que levão á fraqueza, favorecem o desenvolvimento d'esta singular molestia; são a falta de exercicio ou fadigas exclusivas, habitacão insalubre, regimen pouco nutriente ou pouco variado, e o uso das aguas impuras.

Tratamento. Contra a *fórma paralytica* do beriberi convem applicar sinapismos ao longo da columna vertebral, e friecionar as costas com os linimentos seguintes:

- | | |
|----------------------------|-----------------------------|
| 1º Oleo de amendoas doces. | 90 grammas (3 onças) |
| Ammoniaco liquido.. | 10 grammas (2 1/2 oitavas). |

Misture em frasco.

- | | |
|----------------------------|-------------------------|
| 2º Tintura de cantharidas. | 15 grammas (1/2 onça) |
| Oleo de amendoas doces. | 125 grammas (4 onças) |
| Sabão amygdalino. | 30 grammas (1 onça) |
| Camphora .. | 2 grammas (1/2 oitava). |

Internamente administrar o viulho de quina, na dóse de um calix, duas vezes por dia.

Na *fórma hydropica* administrar as pilulas seguintes:

- | | |
|-------------------|---------------------------|
| Escamonéa.. . . . | 10 centigrammas (2 grãos) |
| Seilla. | 5 centigrammas (1 grão) |
| Digital. | 5 centigrammas (1 grão). |

Faça 1 pilula e como esta mais 23. Para tomar 1 pilula, tres vezes por dia.

Na fôrma mixta empregar simultaneamente as fricções estimulantes e as pilulas acima formuladas.

A alimentação deve ser corroborante e variada; caldos substanciaes, carne cozida e assada, legumes seccos e frescos, fructas, vinho, chá da India, café.

A mudança para fóra da localidade onde o doente adquirio a molestia, e melhor ainda para fóra da zona intertropical, produzio quasi sempre excellentes effeitos, conforme assegura o Sr. Dr. Silva Lima. Apresento, segundo a sua obra, dois casos de cura, só pela mudança de clima.

« Um portuguez, empregado em uma refinaria de assucar na cidade da Bahia, foi acomettido intensamente, em 1866, da fôrma edematosa da molestia; inchou monstruosamente; respirava com grande difficuldade; tinha o figado e os pulmões muito congestos, e a secreção da ourina reduzida a poucas onças por dia. Não tendo aproveitado nada com o tratamento purgativo, diuretico e revulsivo, foi embarcado para Portugal pelo conselho dos medicos. Na primeira carta que escreveo de Lisboa dizia este homem (que não tomou remedio algum a bordo) que se achava restabelecido; que pelo mar lhe sobreviera grande *soltura d'aguas* (evacuação consideravel d'ourina), e que toda a inchação lhe desaparecera antes de apportar a Lisboa.

« O segundo, portuguez tambem, empregado no commercio, na cidade da Bahia, cahira, em 1866, com febre intermittente quotidiana, depois de ter dormido por algumas noites na vizinhança de pantanos. Voltou para o centro da cidade, onde nem o sulfato de quinina, nem o arsenico pudérão extinguir as sezões. Resolveo recolher-se ao hospital portuguez onde, após a febre intermittente, que desapareceu em poucos dias, lhe sobreveio nos membros paralytia incompleta do movimento e da sensibilidade, com edema das extremidades inferiores, e isto poucos dias depois de sahir do hospital. Foi n'este estado para Lisboa, e voltou restabelecido no fim de poucos mezes, tendo começado a melhorar em viagem para aquella cidade.

« Factos analogos, continua o Dr. Silva Lima, e igualmente bem succedidos, são já assaz numerosos para autorizar o facultativo a aconselhar a residencia temporaria fóra dos tropicos aos doentes que possuão lançar mão d'este valioso recurso.

« Mas a experiencia tem mostrado n'estes ultimos tempos, que se pôde obter igual resultado com a mudança para as provincias do sul do Imperio, e até para o sertão da provincia da Bahia. Tenho exemplos authenticos de doentes que se curárão retirando-se (por não poderem ir á Europa) quer para o Rio Grande do Sul, quer

para S. Paulo, e isto depois de terem passado aqui por um tratamento improficuo. Um que foi para Caetitê, d'onde é natural, no interior da provincia da Bahia, melhorou em viagem, e curou-se promptamente. Mas como a grande maioria dos doentes não podem emprender viagens dispendiosas, e tendo-me a experiencia mostrado, igualmente, que a maxima parte das pessoas affectadas de beriberi pertencem ás classes de vida pouco activa; e que a mudança de localidade influa favoravelmente na marcha da molestia, comecei a recommendar aos meus doentes, não só o exercicio compativel com as suas forças, como, principalmente as mudanças frequentes de localidade; e para tornar praticavel este preceito para o maior numero possivel de enfermos, tenho aconselhado passeios diarios de algumas horas pelos caminhos de ferro urbanos, e isto com uma vantagem superior á minha expectativa. A outros aconselhei, com igual proveito, viagens amiudadas nos vapores que diariamente cruzão a bahia, entre a capital e os portos do Recôncavo, ou de barra fóra (Valença), viagens pouco dispendiosas, e, por isso, ao alcance das classes menos abastadas. »

A mudança do lugar foi tambem favoravel aos doentes da Casa de Detenção de Pernambuco. Naquella Casa desenvolveo-se a epidemia do beriberi em 1871, bem que esta Casa não seja uma prisão vulgar e immunda; pelo contrario, é um edificio de luxo, digno de figurar a par dos melhores estabelecimentos d'esta ordem existentes nos outros paizes. Sobre os 46 primeiros affectados, tinhão já fallecido 19. Convictos os medicos, de que a primeira medida a tomar seria a dispersão do fóco, em que se achavão aquelles infelizes, aconselhárão remover os presos affectados da doença para a ilha de Fernando de Noronha. O Presidente da Provincia fez partir immediatamente um vapor com um facultativo, ambulancias e as commodidades precisas ao estado em que se achavão.

« Aos poucos dias da travessa notárão-se logo sensiveis melhoras n'aquelles que se reputavão como inteiramente perdidos, se acaso ficassem no theatro dos seus padccimentos. A ilha de Fernando de Noronha, situada a 73 legoas L.N. do cabo de S. Roque, na latitude sul a 3° 48', e na longitude occidental de 74° 44', é batida por todos os ventos que reinão n'essas paragens. É um lugar saudavel; não se encontrão ahi pantanos nem lagos; as chuvas são tão raras que ás vezes faltão por muitos mezes e annos afio; comtudo ha abundancia d'agua potavel. É toda formada de rochedos cobertos por uma camada de terra vegetal, que em alguns lugares é tão delgada que não se presta á cultura. Forão para ali mandadas tres remessas de doentes affectados da epidemia; a primeira de 27, alguns gra-

vemente, enfermos; outra de 73, e a terceira de 15, indo d'estes ultimos alguns que se consideravão apenas prêdispostos a adquirir o mal.

« De tão elevado numero de doentes, succumbirão apenas tres, que forão em grão muito avançado de padecimentos; os outros restabelecêrão-se. » (Dr. Ignacio Alcibiades Velloso, *Gazeta medica da Bahia*, 30 de abril de 1872).

BERINGELA. *Solanum melongena*, L. Solaneas. Planta dos paizes quentes; cultiva-se no Brasil e em Portugal. Fig. 71. Caule herbáceo, de 30 a 45 centímetros de altura, cotanilhoso, algum tanto ramoso; folhas ovaes, sinuosas nas margens, pecioladas, cotanilhosas; flores brancas, purpureas ou azuladas, grandes, lateraes; fructo, baga pendente, mui grossa, ovoide-alongada, lisa, luzente, ordinariamente roxa, ás vezes amarella, contendo polpa branca.

Este fructo é um alimento agradável, que se prepara de diversas maneiras. É acriminoso quando verde, e para não causar algum incommodo, só se deve comer perfeitamente maduro.

BERNE. Tumor produzido debaixo da pelle pelo desenvolvimento da larva de um insecto semelhante á mosca, pertencendo á familia dos *Oestridos*, genero *Cuterebra*. Fig. 72.

Sabe-se desde muito tempo que o boi, o carneiro, o cavallo, o cão, etc., são atormentados pelas larvas de certos insectos que vivem no seu corpo como verdadeiros parasitos. Julgou-se a principio que estes insectos não se encontravão senão nos animaes mamiferos; mas sabe-se hoje que podem achar-se tambem debaixo da pelle do homem, na nuca, no ventre, no escroto, e nas outras

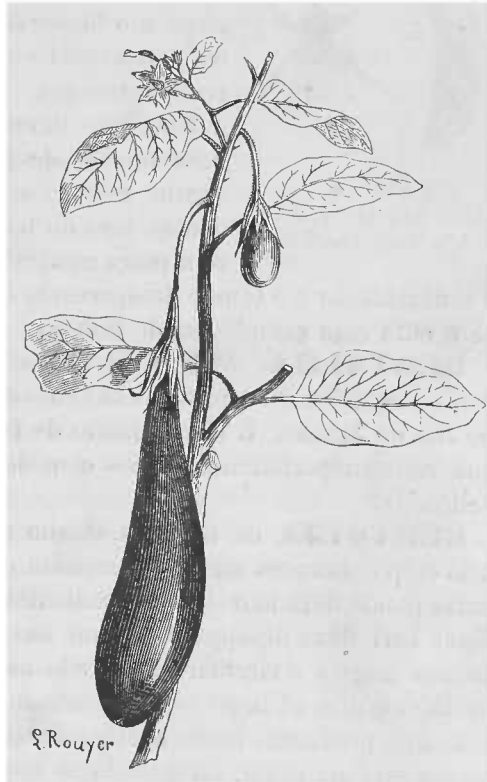


Fig. 71. — Beringela.

partes, e que provém da introdução do ovo do insecto. Este ovo transforma-se em uma *larva*.

Quando a larva começa a desenvolver-se n'um ponto qualquer da pelle sente-se uma dôr leve, e distingue-se uma leve inchação, com um pequeno buraco, d'onde distilla sorosidade. N'este momento é muito facil desembaraçar-se do parasito. A fricção com unguento cinzento, um pouco de ammoniaco liquido, ou essencia de terebinthina, bastão para mata-lo.

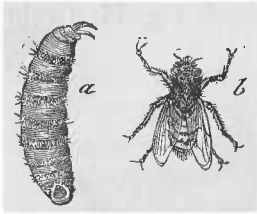


Fig. 72.

Mosca do berne. *a*, larva;
b, o insecto perfeito.

Deixando-se de empregar estes meios, o animal cresce, profunda nos tecidos, e occasiona um tumor mais ou menos forte, e mais ou menos doloroso. É necessario então recorrer á extracção.

Para este fim introduz-se no buraquinho uma torcida de fumo da grossura de uma agulha grossa; o bicho não tarda a pôr a cabeça fóra do boraquinho, agarra-se então com pinça e extrahe-se facilmente. Feito isto, a inflammação e o tumor desaparecem em pouco tempo. Favorece-se a cûra com cataplasma de linhaça.

BERTALHA. *Basella rubra, cordifolia*, etc. Linneo. Chenopodiaceas. Comem-se guisadas as folhas d'esta planta, mui commum no Rio de Janeiro. É um alimento de facil digestão, muito bom, e que convem perfeitamente aos convalescentes, e aos estomagos delicados.

BERTOEJA ou BROTOEJA. Assim se chamão umas borbulhas pelo corpo, brancas no topo, cercadas de extenso rubor, de ordinario pouco duradouras, acompanhadas de prurido bastante vivo. Estas borbulhas desapparecem, ou são substituidas por pequenas crostas negras e circulares, quando as arranhão com as unhas. Brotão em um só lugar ou derramão-se por todo o corpo. A comichão que produzem faz-se sentir sobretudo no momento em que a pessoa está na cama, ou quando se tem demorado n'ella algumas horas; a comichão torna-se então tão viva, que tira o somno. Algumas pessoas julgão sentir como pequenos insectos que rojão debaixo da pelle; a outras parece-lhes que são devoradas por formigas, outras ha que sentem a pelle como atravessada por agulhas quentes.

Estes doentes coção-se com uma especie de raiva, e chegão até a esfolar a pelle com as unhas.

Causas. Esta affecção é produzida ordinariamente pela influencia do calor excessivo. Tem-se dado como causa d'este mal os máos alimentos, o abuso dos licores alcoolicos, as carnes salgadas,

as comidas muito temperadas, a falta ou a irregularidade da menstruação, os pezares, as fadigas excessivas, etc.

Tratamento. D'entre todos os remedios externos são os banhos aquelles, cujos effeitos são mais vantajosos na bertoeja; devem ser administrados frescos ou mornos; em temperatura mui elevada serão nocivos. Depois do emprego dos banhos simples, continuados por algum tempo, se a erupção persistir, os lavatorios com agua e sabão podem ser muito uteis. Tambem aproveitão os banhos do mar frios ou mornos. De todos os remedios internos, os mais racionais são as bebidas diluentes, como a limonada, cozimentos de cevada, de grama, a infusão de linhaça. Deve-se fazer uso de alimentos vegetaes, de leite, e evitar as comidas salgadas, temperadas, e os licores espirituosos. Póde este tratamento ser auxiliado com alguns purgantes brandos. Se a bertoeja não ceder a estes meios; esfregue-se o corpo uma vez por dia com a pomada seguinte :

Subcarbonatô de potassa..	1 gramma (20 grãos)
Banha..	30 grammas (1 onça)
Enxofre	4 grammas (1 oitava).

Misture.

Depois de cada fricção convem tomar um banho d'agua morna.

BERYLLO. Pedra preciosa, de côr verde clara, amarella ou amarellada; é uma variedade de esmeralda. Chamão-lhe *agua marinha* quando tem a côr verde-mar. É empregado pelos gravadores sobre pedra, e entra na composição dos mosaicos. Os ourives fazem d'elle diversás joias de baixo preço : colares, pulseiras, sinetes, etc. Encontra-se na India, Brasil, Perú, França, Escóssia, etc.

BETARRABA. Uma das variedades da *Beta vulgaris*, Linneo. Chenopodiaceas. Planta cuja raiz, roxa, amarella ou branca, carnosa, conoide, mui grossa, adocicada, constitue um alimento agradável e salubre. Fig. 73. Come-se em salada e conserva. Esta raiz adquire ás vezes dimensões enormes, e chega a pesar até de vinte a trinta libras; por causa da materia assucarada que contém, emprega-se na Europa para fazer asçucar que se parece com o de canna.

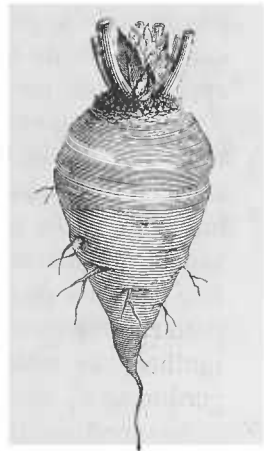


Fig. 73. — Betarraba.

BETUME. Nome generico das substancias combustiveis que se encontrão no seio da terra. Os betumes são solidos, molles ou liquidos; quando são solidos derretem-se pelo calor; ardem, qualquer que seja o seu estado, espalhando fumaça espessa e odorifera. Distinguem-se d'elles muitas variedades : 1^o a *naphta*, que é liquida

e transparente ; 2º o *petroleo*, que é menos liquido do que a *naphta*, e que dá pela distillação um liquido semelhante á *naphta* ; 3º a *maltha*, que é anegrado e de consistencia viscosa ; 4º o *asphalto* ou *betume de Judéa* ; 5º o *pissasphalto* ; 6º *alambre* ou *succino*.

Dá-se o nome de *betumes artificiaes* aos compostos de cal, breu, colla e outros ingredientes, destinados para unir louça, crystal, marmore, etc. As diversas receitas d'estes betumes achão-se no meu Formulario, 9ª edição.

BEXIGA. Assim se chama um sacco musculo-membranoso, destinado a receber a ourina e contê-la, até que a accumulção de certa quantidade d'este liquido sollicite a sua excreção. A bexiga está situada na região inferior do ventre, na excavação da bacia, atraz do osso pubis, acima do qual ella se eleva quando está cheia, *veja-se a fig. 35, Vol. I, pag. 177*

As dimensões da bexiga são variaveis, conforme a idade e a estatura dos individuos; estas variedades dependem pela maior parte da quantidade e da natureza das bebidas de que se faz habitualmente uso, e do tempo mais ou menos longo durante o qual se deixa accumular a ourina. Em' geral a bexiga da mulher é relativamente maior do que a do homem. No estado de vacuidade, a bexiga forma, na pequena bacia, um corpo arredondado, levemente conoide, e cujo volume é igual ao de um pequeno ovo de gallinha. O apice do cône, virado para cima e para diante, corresponde á parte posterior da symphyse do pubis. Á medida que se enche de ourina, a bexiga dilata-se, sahe da pequena bacia, apparece por cima do pubis, e póde elevar-se até ao embigo.

A superficie exterior da bexiga offerece seis regiões : a superior está em relação com as circumvoluções intestinaes; a inferior é, no homem, rodeada pela glandula prostata em contacto com o intestino recto pelo lado de traz, e na mulher assenta sobre a vagina no extremo do collo do utero; a anterior escorrega sobre a face posterior do osso pubis, a que está fixada por um ligamento; a posterior apoia-se sobre o recto no homem, sobre o utero na mulher; as collateraes emfim são costeadas pelo tecido cellular gorduroso e, no homem, pelos conductos deferentes.

A superficie interna da bexiga é rugosa, mas estas rugas, devidas ás pregas da mucosa, desapparecem no estado repleto do reservatorio. Na parte inferior, ou no fundo baixo da bexiga e no lado de traz abrem-se dois canaes chamados *ureteres*, que conduzem a ourina dos rins á bexiga; n'esse mesmo fundo por diante se abre a *urethra*, canal que serve para dar sahida á ourina.

A bexiga é composta de tres membranas sobrepostas; a interna é mucosa, pallida e rugosa; a média é musculosa, devida a fibras

longitudinaes e circulares; a externa é serosa, devida ao peritonco, que, de mais, não recobre senão a face superior e a metade posterior do órgão. No seu todo estas membranas formão paredes assaz espessas.

As molestias da bexiga são bastante numerosas; eil-as :

Bexiga (Calculo ou Pedra na). *Veja-se* PEDRA.

Bexiga (Catarrho da). *Veja-se* CATARRHO VESICAL.

Bexiga (Espasmo do collo da). Dá-se a nome de espasmo do collo da bexiga á contracção momentanea d'esta parte. Annuncia-se pela difficuldade de emittir ourina apezar de grandes esforços; este liquido corre bem logo que chegou ao orificio; causa grande dôr durante a passagem no canal da urethra, e quando cessou de correr o doente sente dôr no orificio do canal.

Tratamento. Applicar no ventre e no perineo panno molhado em agua fria; introduzir no anus mecha de fios untada com pomada de belladona, cuja receita é :

Extracto de belladona. 50 centigrammas (10 grãos)

Banha . . . 4 grammas (1 oitava).

Bexiga (Feridas da). *Veja-se* FERIDAS.

Bexiga (Inercia da). Dá-se o nome de inercia da bexiga á falta de força para expulsar a ourina. *Veja-se* PARALYSIA DA BEXIGA.

Bexiga (Inflammação da), ou Cystite. *Causas.* A inflammação da bexiga observa-se principalmente nos individuos adultos, de temperamento robusto. Suas principaes causas são : as contusões e as feridas no baixo-ventre, o exercicio violento, as cantharidas applicadas na pelle ou ingeridas, a extensão de um esquentamento, da inflammação dos intestinos, as retenções de ourina, os excessos venereos. A inflammação da bexiga póde tambem provir de causas geraes, como a suppressão da evacuação hemorrhoidal habitual, molestia cutanea subitamente recolhida, um resfriamento subito, mudança de clima, etc.

Symptomas. Eis-aqui os symptomas caracteristicos d'esta inflammação : dôr mais ou menos viva na parte mais baixa do ventre, calor da mesma região, vontade frequente e dolorosa de urinar, difficuldade extrema de verter algumas gottas de ourina, apezar de todos os esforços, e ás vezes impossibilidade absoluta. Quando sahem algumas gottas, produzem uma viva ardencia, e dôr mui forte. A bexiga estende-se, faz proeminencia no baixo-ventre, todo o ventre endurece, e torna-se doloroso; a menor compressão augmenta a dôr. Ao mesmo tempo a pelle torna-se quente, secca ou molhada de suor, o pulso frequente, a sêde viva.

Conforme a molestia tiver de acabar bem ou mal, apparecem duas ordens de symptomas. Se a terminação tiver de ser favoravel,

a febre, a dôr do ventre e a difficuldade de urinar vão diminuindo. Mas, se se declarar suppuração ou gangrena da bexiga, o doente cahê n'uma fraqueza extrema; a febre augmenta; a lingua torna-se secca; os soluços e o frio dos pés e das pernas completão este quadro fatal.

Tratamento. As bichas no baixo-ventre occupão o primciro lugar entre os meios que se devem empregar contra a inflammação mui intensa da bexiga. Os banhos mornos geraes ou os semicupios são indispensaveis depois das bichas; devem-se repetir duas ou tres vezes por dia. Clysteres com cozimento de linhaça, de folhas de malvas, ou de dormideiras, são tambem muito uteis; outro tanto dirci das cataplasmas de linhaça applicadas no ventre. Esfregue-se levemente o ventre, duas ou tres vezes por dia, com oleo camphorado. A estes meios deve-se accrescentar o repouso absoluto, uma dieta rigorosa, e bebidas diluentes, como a infusão de linhaça, o cozimento de cevada, ou leite de amendoas doces. Se a retenção de ouriná fôr completa, e os meios precedentes não forem sufficientes para remediar este grave symptoma, é preciso evacuar as ourinas por meio de sonda. (*Veja-se* CATHETERISMO.) Tal é o simples e o melhor tratamento da inflammação da bexiga.

Bexiga (Nevralgia da). *Veja-se* NEURALGIA.

Bexiga (Paralysia da). Esta molestia consiste no enfraquecimento das contracções da bexiga, e é caracterizada pela difficuldade na emissão das ourinas. Ordinariamente, é devida ao progresso da idade. Occupo-me d'ella no artigo PARALYSIA DA BEXIGA.

Bexiga (Ruptura da). *Veja-se* RUPTURA DA BEXIGA.

BEXIGAS ou VARIOLA. Com estes nomes designa-se uma erupção geral de borbulhas pelo corpo, que se convertem em grandes pustulas redondas e purulentas; acabão pela deseccação e deixão nodoas vermelhas, ás quaes succedem cicatrizes mais ou menos apparentes. Esta molestia é eminentemente contagiosa, mas, em geral, não a contrahe o individuo que já foi d'ella affectado uma vez. Algumas pessoas, todavia, a tem duas vezes, mas estes casos são mui raros. Poucos individuos serião isentos d'ella no decurso de sua vida, se não fossem vaccinados. Parece que esta calamidade veio da Arabia para outros paizes, em consequencia das conquistas de Mafoma. Rhazes, autor arabe do seculo xº foi o primeiro que a descreveo. No seculo xmº as Ilhas Britannicas forão por muito tempo devastadas pelas bexigas. A America não foi infectada d'ellas senão mais tarde, depois da chegada dos Europeos. Hoje, não ha paiz que não conheça esta molestia, mas em muitos, a vaccina fez completamente desaparecer os seus vestigios.

As causas das bexigas não são conhecidas; só se sabe que esta molestia se communica não só pelo contacto, pela simples aproximação, mas até pela habitação nos mesmos lugares. Com frequencia, reina epidemicamente sobre muitas crianças e pessoas jovens da mesma cidade; mas estas epidemias, geralmente mui mortíferas, só se observão nos paizes em que a ignorancia, os preconceitos, ou a incuria se oppõem á propagação da vaccina.

Distinguem-se duas especies de bexigas : *benignas* ou *discretas*, e *graves* ou *confluentes* : estas ultimas chamão-se vulgarmente *pelle de lixa*, e *olho de polvo*. Nas primeiras as pustulas são mais ou menos numerosas, mas isoladas umas das outras. Nas segundas são tão numerosas, que em muitos lugares se confundem umas com outras.

Symptomas das bexigas benignas. Começão com calefrios mais ou menos vivos. Estes são logo seguidos de calor vivo na pelle, de frequencia do pulso, sensibilidade do ventre, nauseas, sêde, perda do appetite, rubor da lingua, dôres de cabeça, e cansaço doloroso. Estes symptomas são mais ou menos pronunciados, e nas crianças são frequentemente acompanhados de delirio. Ao quarto dia, a erupção principia ordinariamente no rosto, debaixo da fórma de pequenas nodoas vermelhas, lavra successivamente para o pescoço, o peito, os membros, e á medida que se estende, os symptomas da inflammação intestinal diminuem ou desaparecem totalmente. Brevemente, levantão-se em cima da pelle pequenas borbulhas vermelhas. Estas borbulhas engrossão, a pelle torna-se quente e dolorosa, o rosto intumece, as palpebras inchão a ponto de fechar os olhos, ás vezes por muitos dias; as mãos, dedos e pés estão igualmente inchados. Ao terceiro ou quarto dia, contados do principio da erupção, setimo ou oitavo da data da molestia, as pustulas do rosto começão a empallidecer, a branquear na ponta, a serosidade que ellas contém torna-se purulenta, fazem-se depois amarellas, e deixão sahir o pus. Os mesmos phenomenos passão-se nas outras partes do corpo, successivamente e na mesma ordem segundo a qual se fez a erupção. Emfim, no decimo primeiro dia da molestia, pouco mais ou menos, o rosto desincha, as pustulas seccão, rompem-se, e as crostas cahem ao decimo quarto ou decimo quinto dia; o mesmo acontece nas outras partes do corpo. As pustulas deixão em seu lugar nodoas vermelhas, que persistem largo espaço de tempo com descamação da epiderme. Á proporção que estas nodoas vão desaparecendo, mostrão-sê muitas vezes em seu lugar pequenas cicatrizes deprimidas, que são a marca indelevel da existencia da molestia. Ha, comtudo, bexigas que não deixão signaes.

Symptomas das bexigas graves. Nas bexigas graves todos os phenomenos que deixei indicados mostrão-se com maior intensidade. A febre persiste durante todo o curso da molestia; as borbulhas são tão multiplicadas e tão conchegadas, que ás vezes é difficil ver os intersticios; no rosto parecem formar uma só pustula com superficie desigual. Depois da erupção, não diminue a violencia dos symptomas; quasi sempre, pelo contrario, a febre augmenta. As crostas, quando cahem, deixão cicatrizes que desfigurão os mais bellos semblantes. As bexigas chamadas vulgarmente *olho de polvo* são aquellas que logo que apparecem tornão-se chatas, e apresentão uma depressão central, em fórma de embigo.

Pelle de lixa. N'esta fórma da molestia, a erupção, como nas outras especies de bexigas, principia na cara, e, a fallar a verdade, é só ali que as pustulas se desenvolvem. Em outras partes, estão sómente marcadas. No tronco e nos membros só existe certo numero de pequenos pontos pretos ou cinzentos, que parecem indicar o lugar de outras tantas pustulas. Em outros lugares não ha botões; a pelle está aspera e enrugada; parece-se com a pelle de peixe. A epiderme levanta-se em differentes partes do corpo, e forma bolhas mais ou menos largas, analogas ás empolas de caustico. Estas bolhas arrebentão, deixão sahir um liquido amarellado, e são seguidas de excoriações profundas. Esta fórma de bexigas tem a marcha rapida; não passa de sete dias. Emquanto dura muitos doentes ficão n'um estado de estupor mais ou menos profundo; outros conservão o uso das suas faculdades intellectuaes; em outros ha delirio.

Prognostico das bexigas. As bexigas benignas, isentas de accidentes nervosos, de delirio, de dysenteria, etc., terminão quasi sempre de maneira favoravel, em quatorze até vinte e um dias. A duração das bexigas de *pelle de lixa*, e de *olho de polvo*, é muito mais longa, quando a morte não sobrevem nos dois primeiros periodos. A morte é frequentemente o resultado immediato da violencia da inflammação, e quando não sobrevem este fim funesto, acontece muitas vezes sobrevir a perda da vista, deformidade, surdez, suppurações abundantes, etc. Quanto mais numerosas são as pustulas, sobretudo no rosto, tanto maior é o perigo, e *vice-versa*. Se se declarar um pleuriz ou uma inflammação cerebral caracterizada por modorra e delirio contínuo, deve-se temer um exito funesto. A pequenez das pustulas, a irregularidade no seu desenvolvimento, a sua complicação com algumas nodoas roxas da pelle, todos estes signaes são de sinistro presagio. O perigo emfim é extremo quando as pustulas contém, em lugar de pus, serosidade, ou sangue negro. Todas as hemorrhagias que se mostrarem

durante o periodo da suppuração são de máo agouro. As diarrehas excessivas podem exaurir os doentes. Em todas as circumstancias oppostas ás que acabei de enumerar, o prognostico é favoravel.

Tratamento. Não possuímos meios de abreviar a marcha das bexigas; por conseguinte o officio da medicina consiste simplesmente em ajudar a natureza; o tratamento é simplesmente symptomatico; varia segundo a fórma da molestia e suas complicações. Nas bexigas simples ou discretas, basta ordinariamente administrar bebidas adoçadas frias, como o cozimento de arroz, de cevada, chá de flores de malvas, etc.; e caldos de gallinha. Se o doente é atormentado de muita sêde, pôde-se satisfazê-la com agua fria.

É preciso collocar o doente n'um quarto vasto, muda-lo frequentemente de roupa, cobri-lo moderadamente, e renovar o ar, abrindo de vez em quando as portas e as janellas.

Encerrar o doente affectado de bexigas em um quarto bem quente e bem fechado, cobri-lo com grossos cobertores, obriga-lo a beber cozimentos quentes que tanto lhe repugnão, é o meio mais certo de augmentar a febre, de provocar essas erupções abundantes e esses symptomas inflammatorios, que tão perniciosos são n'esta molestia.

Quando existe dôr forte na bocca do estomago ou no ventre, deve-se applicar cataplasma de linhaça no ventre.

Logo que a erupção estiver completa, só se deve cuidar no regimen do doente, e preserva-lo do ar frio, sem abafa-lo com cobertores. É preciso lavar os olhos com cozimentos mornos de linhaça ou de raiz de althéa; tocar com pedra infernal as pustulas que apparecem sobre a margem livre das palpebras ou sobre o olho; usar de gargarejos com agua morna e mel rosado, e dar-lh'os a tomar frequentemente, afim de diminuir o calor que existe no interior da bocca; oppôr-se quanto seja possivel a que os doentes se cocem, e não sendo isto possivel, ou estando as pustulas ulceradas, cumpre apolvilhar todas as partes que estiverem em chaga viva.

Durante o periodo da dessecção, convem dar ao doente alimentos de facil digestão, mas nutritivos, mingãos de tapioca, ovos estalados, costeletas de carneiro, frango assado, e permittir-se-ha um pouco de vinho, porque as forças esalfadas devem ser restauradas. No fim da secca dar-se-ha um banho morno; mas é preciso que este banho seja tomado com todas as precauções convenientes para evitar o resfriamento. Se a febre persistir n'esta época, deve-se indagar se ella não procede da inflammção interna que se deve combater, como se as bexigas não existissem. No

caso de prostração evidente, é necessario administrar bebidas tonicas, como o cozimento de quina, e vinho puro. Convem as bebidas acidas, como limonada de laranja ou de limão, se o doente deitar sangue pela bocca, pelas evacuações intestinaes ou urinarias. A erupção desapparece algumas vezes de repente; deve-se então usar de banho quente, de bebidas sudorificas, como chá de folhas de laranjeira, de sabugueiro, e até applicar sinapismos. Julgava-se indispensavel outr'ora administrar um purgante aos convalescentes. Esta pratica não póde ser util, senão quando ha prisão de ventre; é inutil no caso contrario. Se a estação fôr rigorosa, importa que o convalescente não se exponha muito cedo á impressão do ar exterior. As pessoas, que não forão affectadas da molestia, devem privar-se de toda a communicação com elle por espaço de muito tempo; parece com effeito que o contagio das bexigas é susceptivel de se fazer, não sómente durante a intensidade da molestia, mas ainda muitos dias depois da formação das crostas.

O tratamento das *bexigas irregulares, malignas, pelle de lixa, ou olho de polvo*, exige o emprego dos medicamentos tonicos e anti-spasmodicos. Eis-aqui a receita que convem geralmente :

Infusão de valeriana	120 grammas (4 onças)
Agua de canella	30 grammas (1 onça.)
Ether sulfurico	20 gottas
Xarope de quina . . .	30 grammas (1 onça.)

Misture. Para tomar uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Em todos os tempos os medicos tem procurado um *preservativo* contra as bexigas. A inoculação foi por algum tempo empregada n'este intuito com alguma vantagem. Consistia em colher sobre borbulhas das bexigas benignas o pus, e inocula-lo pelos processos analogos aos que hoje se empregão na vaccina. Antes de se fazer esta operação, preparava-se o individuo com banhos, purgantes, bebidas refrigerantes e dieta. Praticada desde tempo immemorial na Africa e na Asia, para diminuir a intensidade das bexigas espontaneas, a inoculação foi introduzida em Constantinopla por Timoni e Pilarino, durante a epidemia variolica que devastara aquella cidade em 1673. Importado de lá para Inglaterra, este methodo não tardou muito a espalhar-se pelo resto da Europa. O exemplo da familia real, a primeira que se submetteo a esta pratica, contribuiu poderosamente para propaga-la em França; e a inoculação, que se tornou popular, continuou a ser praticada muitos annos ainda depois da introdução da vaccina. Às vezes a inoculação não produzia pustulas senão no lugar das picadas, e os symptomas geraes, que as acompanhavão, erão mui benignos.

Infelizmente este bom resultado não era constante : acontecia frequentemente que, quando os botões desenvolvidos nos lugares picados tinham chegado ao seu periodo de madureza, a febre accendia-se, e uma erupção secundaria, mais ou menos geral, succedia á primeira. Tem-se mesmo visto esta erupção occasionar a morte, ou pelo menos deixar marcas tão profundas e tão disformes como as das bexigas ordinarias, e por esta razão a inoculação do pus variolico foi substituida pela vaccina, cujas vantagens são inquestionaveis. (*Veja-se VACCINA.*)

BEXIGAS DODAS. *Veja-se CATAPORAS.*

BICARBONATO DE SODA. Sal branco, inalteravel ao ar, solúvel em 13 partes d'agua fria, de sabor um tanto alcalino. É diuretico e empregado contra as areias e gota na dóse de 1 a 8 grammas (20 grãos a 2 oitavas), e progressivamente até 15 gram. (1/2 onça) por dia, dissolvido em 500 grammas (16 onças) d'agua com assucar. Este sal entra na composição das pastilhas de Vichy, que se tomão na dóse de 10 a 20 e mais por dia, contra a azia.

BICHAS. Com este nome designão-se, na lingua portugueza, duas cousas differentes, os vermes intestinaes e as sanguesugas; fallarei d'ellas em artigos proprios. *Veja-se VERMES INTESTINAES e SANGUESUGAS.*

BICHEIRO. Dá-se este nome a uma quantidade de bichos ou larvas que se encontrão em qualquer parte do corpo do homem, particularmente na pelle e no interior do nariz. Estes bichos são produzidos pela *mosca varejeira*, commum na provincia do Rio de Janeiro, onde tive occasião de a observar. (Fig. 74 e 75.) A mosca



Fig. 74.
Mosca varejeira.

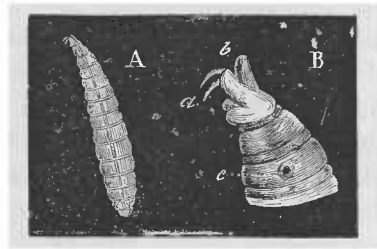


Fig. 75.
Larva da mosca varejeira.
A, larva; B, extremidade do lado da
cabeça, engrossada; a, ganchos;
b, corno carnudo; c, estigma.

varejeira é quasi duas vezes maior que a mosca commum; tem o corpo esverdeado e lúcido, a bocca roxa-amarellada, azas transparentes; quando vôa faz um zumbido particular. Introduz os seus ovos debaixo da pelle por meio de uma especie de verruma. Posto

o ovo, transforma-se este em uma larva que produz inflamação e suppuração com que se nutre. Esta larva, ou, fallando vulgarmente, esta *vareja*, tem oito a dez linhas de comprimento, e duas a tres de largura, é de côr branca um tanto rosea, e tem uma extremidade mais grossa do que a outra.

Os *symptomas* que annuncião a presença das varejas são a principio uma comichão causada pela picada da mosca; alguns dias depois, manifesta-se uma dôr aguda; logo apparece um tumor phlegmonoso; no centro d'este existe uma pequena mancha preta, que é o lugar da picada; o doente sente os bichos bolir debaixo da pelle. Abrindo o tumor, achão-se muitos d'estes bichos, dez, vinte, trinta e mais.

O *tratamento* consiste em abrir o tumor, tirar todos os bichos, lavar a ferida com o cozimento de fumo, e curar com o unguento seguinte :

Ceroto simples.	30 grammas (1 onça)
Calomelamos.	50 centigrammas (10 grãos).

Às vezes não é necessario abrir o tumor; basta introduzir calomelamos em pó pelo buraco do tumor : os bichos sahirão promptamente.

Tem-se visto tres e mais tumores vizinhos um do outro. O insecto não sómente depõe os ovos no homem, ataca tambem o cão, cavallo, boi e outros animaes; onde produz os mesmos tumores. Tratão-se igualmente com os calomelamos.

Tem-se encontrado varejas, como já disse, no interior do nariz. Eu proprio presenciei este caso no Rio de Janeiro n'um preto, cuja historia, que vou contar succintamente, servirá para indicar o que se deve fazer em semelhante caso.

No dia 20 de Janeiro de 1848 fui chamado para ver um preto n'uma padaria da côrte, rua da Quitanda, nº 54. Este preto tinha vindo na vespera de uma chacara perto de S. Domingos, onde trabalhava e onde dormia ás vezes ao ar. Tinha a falla mudada, a voz fanhosa, dôres mui agudas no interior do nariz, na garganta e na cabeça, febre mui forte, sêde e fastio. Poderia eu julgar no primciro momento que se tratava de uma simples inflamação, se o doente não me tivesse dito que tinha deitado pelo nariz dois bichos; quiz ver estes bichos, e achei-os do comprimento de oito linhas, redondos, branco-roseos. Não duvidei então que a molestia era o que se chama vulgarmente um *bicheiro* que se desenvolvêra no interior do nariz. Aconselhei logo que lhe fizessem seringatorios dentro do nariz com agua e sal, e formulei a seguinte preparação :

Folhas de fumo.	15 grammas (1/2 onça)
Agua fervendo.	360 grammas (12 onças).

Infunda por meia hora, cõe e ajunte :

Sal de cozinha.	15 grammas (1/2 onça).
-----------------	------------------------

Com este liquido mandei ao doente gargarejar-se, e fazer seringatorios dentro do nariz. Disse tambem que lhe fizessem pitar tres vezes por dia pós de camphora, e outras tres vezes pós de calomelamos. Este tratamento, que foi continuado durante oito dias, provocou a sahida de 84 vermes vivos, que guardei n'um vidro. A dôr, febre e outros symptomas forão desapparecendo pouco a pouco, e no dia 16 de Fevereiro, isto é, vinte e seis dias depois do primeiro exame, dei o doente por curado, ficando-lhe simplesmente no céu da bocca um pequeno buraco, de tres linhas de diametro, produzido pelos bichos. Tinha, por causa d'este buraco, a voz fanhosa, e quando bebia agua, uma parte do liquido passava-lhe pelo nariz; mas o estado geral da saude era bom, tinha bom appetite e pôde voltar ao seu trabalho. Este buraco foi diminuindo de dia em dia, e no dia 20 de Abril de 1848, isto é, tres mezes depois do primeiro exame, tendo visto de novo o doente, achei o dito buraco inteiramente tapado, a falla tal como era antes da molestia, e o doente perfeitamente são.

Os bichos, que guardei vivos no vidro, transformárão-se, tres dias depois de sahidos do nariz, em *chrysalidas*, isto é, cobrirão-se de cascas pretas; e oito dias depois d'esta transformação (16 de Fevereiro de 1848), sahirão d'estas cascas moscas grandes, de côr azul-esverdeada. Conservei-as no mesmo vidro, no qual durante dois dias esvoaçavão; mas no terceiro dia morrerão todas.

BICHO DA COSTA. *Veja-se* DRACUNCULO.

BICHOS DOS PÉS. O que se chama vulgarmente *bicho dos pés* é um insecto mui commum no Brasil, que se introduz nos pés, e produz ás vezes ulcerações graves. Este bicho, denominado pelos naturalistas *pulex penetrans*, é provido de seis pés, de côr preta, e parece-se com uma pulga pequena: tem mui poucas dimensões, quando ainda não vive no corpo do homem, mas em pouco tempo adquire o volume de um grão de cevadinha regular, pela inchação de um sacco membranoso que tem debaixo do ventre e que contém os ovos. Os negros, que andão descalços, são frequentemente incommodados pelas suas mordeduras: elle atravessa entretanto os vestidos, insinua-se em toda a parte, e nunca abandona voluntariamente a presa que tem agarrado. As crianças, as mulheres, e geralmente os individuos que tem a pelle fina e delicada, são mais frequentemente atacados por elle.

Todas as causas possíveis de insalubridade, o calor, o calor humido sobretudo, a estagnação do ar, a falta de asseio, o attrahem e favorecem o seu desenvolvimento. Não é só o homem atormentado pelos bichos, tambem o são os macacos, os cães, gatos, etc. O bicho ataca ordinariamente os pés, e introduz-se debaixo das unhas, ou debaixo da pelle do calcanhar, sem duvida por estarem estas partes do corpo mais descobertas do que as outras. A inserção furtiva d'este insecto é ao principio despercebida; mas logo o denuncia alguma comichão; uma pequena nodoa vermelha se mostra, e indica o lugar certo onde elle se acha.

É preciso então occupar-se da extracção do bicho, pois que a sua presença não dcterminaria sómente um incommodo passageiro, mas poderia produzir accidentes graves, ulceras chronicas, e mesmo a destruição dos ossos. Eis-aqui como se póde obter a extracção d'este perigoso parasito: reconhece-se o lugar onde o animal reside por uma especie de empola esbranquiçada; no meio d'esta empola, distingue-se um ponto negro mais ou menos extenso, e proporcionado ao volume que tomou o insecto; é preciso levantar com um alfinete a epiderme correspondente, e tirar o bicho inteiro sem deixar o sacco dos ovos, que poderiam produzir outros bichos; e por isso é bom, depois da extracção, applicar um pouco de rapé ou de calomelamos, afim de destruir todas as particulas do bicho que possam ficar no fundo do buraco. Lavatorios com agua morna, e curativo com fios untados de ceroto bastão para completar a cura.

Se a presença do bicho tiver determinado ulcerações extensas, o tratamento não é tão simples. É preciso, depois de tirado o bicho e lavada a chaga com agua morna, applicar cataplasma de farinha de linhaça. Quando por estes meios a inflammação tiver cedido, curar-se-ha a chaga com ceroto. Se a superficie da ulcera estiver livida, os curativos devem ser feitos com agua de Labarraque.

BICO DE CORVO. *Veja-se AMENDOIRANA.*

BICO DO PEITO (Molestias do):

Eczema do bico de peito. É caracterizado por vesiculas e estillicidio seroso ou avermelhado, acompanhado de crostas que cahem e se renovão. Para o tratamento, *veja-se ECZEMA.*

Rachas ou fendas do bico do peito. Dá-se o nome de *rachas* ou *fendas* do bico do peito ás pequenas esfoladuras, ou feridas longitudinaes, produzidas pelos esforços que faz a criança para mamar. Podem existir em differentes pontos do bico do peito, mas principalmente no lugar da reunião do bico com o peito. Irritadas a cada tentativa de sucção, estas rachas augmen-

tão indefinidamente, e produzem dôres mui vivas, a ponto de arrancarem gritos ás mulheres mais corajosas e mais dedicadas.

Para prevenir as rachas, é vantajoso fazer, antes e depois do parto, lavatorios com agua salgada, vinho tinto ou aguardente de canna. Quando não fôr possível prevenir este incommodo, deve-se cura-lo.

Curão-se facilmente as rachas do bico do peito, tocando-as levemente, e repetidas vezes, com pedra infernal, ou com um pincel molhado na tintura de benjoim. Se este meio não conseguir a cura, lavem-se então as feridas com a solução de 4 grammas (1 oitava) de borax em 90 grammas (3 onças) d'agua, ou com agua vegeto-mineral, ou com a mistura de partes iguaes de vinho tinto com azeite, e depois polvilhem-se com polvilho. Se estes meios não forem sufficientes, cumpre applicar sobre as rachas fios untados com o linimento seguinte :

Borax	2 grammas (1/2 oitava)
Gema de ovo.	4 grammas (1 oitava)
Clara de ovo.	4 grammas (1 oitava)
Oleo de amendoas doces.	15 grammas (4 oitavas)
Balsamo Peruviano	2 grammas (1/2 oitava)

Acontece, ás vezes, que estes remedios não curão senão quando se priva a criança do leite por alguns dias; não havendo esta precaução, a pressão das gengivas renovará continuamente as ulcerações. Verdade é que a suspensão da amamentação occasiona um engurgitamento mais ou menos consideravel dos seios; mas este inconveniente é pouco grave, pois que é mui facil fazer desinchar esses órgãos, expondo-os ao vapor d'agua quente. Algumas mulheres cobrem o bico do peito com um *bico postiço* e continuam a dar a mamar. Consiste o bico postiço em um pequeno funil mui largo de páo ou metal, terminado por um bico de borracha ou de marfim, crivado de buracos. Mas de ordinario, as crianças não querem mamar mediante o bico artificial; e este meio produz em algumas mulheres dôres tão vivas como as da sucção, e não póde, por conseguinte, ser empregado em todos os casos. Logo que as rachas estejam curadas, poder-se-ha continuar a amamentação.

Ulcerações do bico do peito. O bico do peito e a areola nas mulheres que cessarão de dar de mamar, cobre-se ás vezes de crostas, que deixão depois da sua quéda o bico descoberto e rubro como a framboeza; este estado causa dôres mui vivas ás doentes. Ha casos em que uma pequena ulcera succede á quéda das crostas e torna-se mui renitente. Muitas ulcerações do bico do peito apparecem durante a lactação.

O tratamento consiste em fazer cahir as crostas com cataplasma de fecula, e applicar depois uma das pomadas seguintes :

1º Ceroto de Saturno.	15 grammas (1/2 onça)
2º Glycerina.	15 grammas (1/2 onça)
Tannino.	1 grammma (20 grãos).

Se estes meios mallogrão, toque-se levemente a superficie denuddada com pedra infernal.

Vegetações do bico do peito. Mostrão-se ás vezes depois da cicatrização das syphilides, mas apparecem tambem sem causa syphilitica. Estas vegetações tem a fórmula de couve-flores, são sesséis ou pediculadas; revestem-se ás vezes de pequenas crostas epidermicas, ou apresentação ulcerações lineares.

As vegetações pediculadas tirão-se apertando a sua base com linha, ou cortando-as com tesoura. Os tumores não pediculados cortão-se com tesoura e, depois, cauteriza-se a ferida com pedra infernal.

BICO DE PEITO ARTIFICIAL ou **POSTIÇO.** Instrumento que se applica aos bicos dos seios, quando estes forão feridos pela criança que mama. Os bicos artificiaes fazem-se de borracha ou de marfim, que é tão fino, que se torna flexivel sendo mergulhado por alguns instantes em agua quente. Applicados os bicos artificiaes, a cura das feridas do seio facilmente se obtem. Entretanto, ha mulheres que não podem supportar a applicação d'estes instrumentos, e ordinariamente as crianças não querem mamar por este meio.

BICUIBA ou **BUCUUBA.** *Myristica bicuhyba*, Schott. Myristiceas. Arvore do Brasil; habita nas provincias de Minas, Rio de Janciro, Santa Catharina, etc. Tem quasi vinte e dois metros de altura, e quatro metros de circumferencia; folhas alternas, lineares-lanceoladas; flores em racimos agglomerados; o fructo é uma drupa bivalve, de fórmula elliptica, contendo uma semente envolvida n'um arillo. As sementes são aromaticas, e fornecem, por expressão ou cozimento, uma substancia gordurosa, de consistencia de banha, chamada *oleo de bicuiba*, que se emprega em fricções nas dôres rheumaticas.

BILIS. A bilis, vulgarmente *colera* ou *córola*, é um liquido espesso, de côr amarella-esverdeada, de sabor amargo, e que é segregado pelo figado, órgão glanduloso, situado na parte superior e lateral direita da cavidade do ventre. Serve de reservatorio á bilis um pequeno sacco annexo a este órgão, e que communica com o intestino por um canal assaz estreito. Este liquido occupa um lugar bastante importante na digestão. Quando não vai ter ao intestino, ou porque a sua secreção se suspende, ou porque algum

obstaculo vital ou mecanico veda o seu escorrimento, as evacuações alvinas tornão-se raras, difficeis, e as materias são descoradas ou esbranquiçadas. É, pois, evidente que no estado natural a coloração d'estas materias depende, em grande parte, da presença da bilis, e que este liquido goza de qualidades estimulantes, que determinão a contracção dos intesnos, e favorecem a expulsão das substancias excrementicias.

Durante a voga da medicina humoral, figurava a bilis frequentemente como causa importante nas explicações que os medicos, e depois d'elles o vulgo, davão das molestias mais communs. A bilis derramada ou introduzida no sangue, a bilis superabundante ou a plenitude de bilis, as febres biliosas, etc., encontravão-se a cada passo na linguagem usual. Hoje, com razão, os medicos são mais circumspectos em semelhantes explicações, mas não é menos constante que a bilis entra como elemento em muitas affecções que não são raras, e que teremos occasião de estudar em seus lugares competentes. *Veja-se* FIGADO, ICTERICIA.

BISMUTHO. Metal de côr branca com reflexo avermelhado; peso especifico 9,82 a 9,88; derrete-se na temperatura de cerca de 247°, e crystalliza, por um resfriamento lento, em cubos dispostos de maneira a imitar uma pyramide quadrangular virada. Acha-se : 1° no estado nativo, unido com um pouco de arsenico, na Saxonia, Suecia, e França nos Pyreneos; 2° no estado de oxydo; 3° combinado com enxofre e arsenico. — O bismutho combinado no estado metallico com acido azotico forma o sub-azotato de bismutho, muito empregado em medicina. *Veja-se* SUB-AZOTATO DE BISMUTHO.

BISTORTA. *Polygonum bistorta*, Linneo. Polygoneas. É uma planta que habita nas montanhas da Europa. A raiz é da grossura de um dedo, e apresenta-se enrolada duas ou tres vezes sobre si mesma; parda por fóra, avermelhada por dentro; sabor adstringente. Sua infusão é um adstringente poderoso empregado em injecções nas flores brancas. Prepara-se a infusão com 12 grammas (3 oitavas) de raiz de bistorta e 375 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

BLENNORRHAGIA, GONORRHEA, ESQUENTAMENTO, OU PURGAÇÃO. Dão-se estes nomes á inflammação especial da membrana mucosa dos órgãos genitales do homem ou da mulher, caracterizada por um fluxo mucoso purulento, que procede do canal da urethra no homem, ou da vagina na mulher, e que communica a molestia pelo contacto.

Blennorrhagia no homem. As causas principaes são o contagio e os excessos venereos; mas póde tambem provir do coito mesmo com uma pessoa sã durante a menstruação. Os excessos

alcoolicos, o abuso de vinhos brancos, de Champanha, de cerveja, são causas evidentes da irritação da urethra. Sós, não bastão para determinar a blennorrhagia, mas concorrem para ella de uma maneira muito activa. Associadas aos excessos venereos, constituem uma das origens mais communs da blennorrhagia. Ha muitos individuos que são affectados de blennorrhagia pelo excesso do coito, depois de uma bebedicc, depois de uma ingestão immoderada de Champanha. Este fluxo pôde, enfim, ser produzido pela extensão da inflammação das hemorrhoidas, pela retenção prolongada das ourinas, ou simplesmente pela influencia de ar frio e humido.

Symptomas. A blennorrhagia manifesta-se, em geral, de dois a oito dias depois de uma copula impura. Ás vezes, tem apparecido só passados quinze dias, ou mesmo um mez depois. Este ultimo caso é bastante raro. Pôde tambem começar logo depois da copula. O primeiro symptoma que a annuncia é um sentimento de titillação na extremidade do membro viril, sentimento que se transforma no fim do segundo ou terceiro dia em uma dôr pungente. O meato urinario avermelha-se, intumece e deixa sahir uma serosidade limpida e pouco abundante; o enfermo tem frequente vontade de urinar; a emissão da ourina torna-se cada vez mais dolorosa, a ponto de ser ás vezes impossivel; a quantidade do corrimento urethral augmenta pouco a pouco; a materia torna-se mais espessa, branca, amarella ou verde; a glande e o prepucio inchão, e durante a noite erecções frequentes e dolorosas privão o doente do somno. Estes phenomenos augmentão até ao decimo-segundo, decimo-quinto ou vegesimo dia; e ás vezes até ao trigesimo, conforme os individuos e o tratamento que seguem; depois d'isso diminuem e desaparecem mais ou menos promptamente. Em geral, o fluxo dura quatro, oito, quinze a trinta dias; mas prolonga-se ás vezes por muitos mezes.

A blennorrhagia não segue sempre esta marcha simples e regular. Em certos casos, é benigna e indolente, e os doentes não a sentem senão pelos vestigios que o corrimento deixa na roupa, porém ás vezes é acompanhada de symptomas muito mais graves. As dôres não se limitão sómente ao membro viril: estendem-se ás vezes, mas sem inchação, ás virilhas, aos cordões espermaticos e aos testiculos; frequentemente tambem os ganglios inguinaes, e o tecido cellular circumjacente, inflammão-se e intumecem levemente durante alguns dias.

As dôres fazem-se sentir sobretudoo quando a ourina principia a correr, e depois no fim quando o doente faz esforços para expulsar as ultimas gottas.

As erecções são sobre-maneira dolorosas, e obrigão o doente a levantar-se de noite. Nos casos de inflammação muito intensa, não podendo o canal da urethra alongar-se do mesmo modo que o corpo cavernoso, curva-se durante a erecção : existe então o que se chama *esquentamento de gancho*. A inflammação póde estender-se ao escroto, e produzir a inchação dos testiculos. A materia que sahe da urethra é ás vezes de côr avermelhada ; e até em alguns casos é sangue puro.

Ordinariamente, mesmo quando os symptomas attingem um alto gráo de intensidade, a blennorrhagia não passa de uma affecção inteiramente local. Não se observão perturbações geraes senão nos casos raros em que a molestia tem uma gravidade insolita, ou então nos individuos nervosos, facilmente impressionaveis. Sobrevem então dôr de cabeça, incommodo geral, febre moderada. Este estado desapparece em alguns dias, ao mais tardar, bem que os phenomenos locaes não tenham experimentado a mesma melhora.

Tratamento. De todos os medicamentos empregados contra a blennorrhagia, nenhum ha que seja de maior efficacia do que a copahiba. O seu bom effeito é sobretudo evidente quando a molestia é recente. Toma-se na dóse de 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) duas vezes por dia. Ha um modo de administrar a copahiba sem repugnancia ao paladar, incluindo-a em *capsulas gelatinosas*, que se engolem facilmente como pilulas. As capsulas de Mothes cada uma contém 1 gramma (20 grãos) de copahiba : por conseguinte é necessario tomar 4 a 8 capsulas duas vezes por dia.

Existem muitas preparações pharmaceuticas, cuja base é a copahiba, e das quaes tambem se póde fazer uso com o mesmo proveito. Uma d'estas preparações, que se emprega mais frequentemente, é a *poção de Chopart*; eis-aqui a sua receita :

Copahiba	60 grammas (2 onças)
Alcool a 80°	60 grammas (2 onças)
Xarope de balsamo de Tolú	60 grammas (2 onças)
Agua de hortelã-pimenta .	120 grammas (4 onças)
Acido nitrico alcoolizado .	8 grammas (2 oitavas).

Misture primeiro o alcool com o acido nitrico alcoolizado; junte a copahiba, e depois o xarope e a agua de hortelã. *Dóse* : uma a duas colheres *de sopa*, tres vezes por dia.

Esta poção é muito efficaz, mas de gosto desagradavel. Depois de a tomar, convem comer algumas pastilhas de hortelã, ou chupar um gomo de laranja.

Muitos doentes não podem supportar a copahiba; esta substancia, com effeito, é de difficil digestão, occasiona eructações, nauseas,

e determina por vezes uma diarrhea demasiado abundante : cumpre então diminuir a sua dóse, suspender o seu uso por alguns dias, ou administra-la em clyster; porém sob esta fórma, seu effeito é menos constante. Eis-aqui a receita do *clyster de copahiba* :

Copahiba.	15 grammas (1/2 onça)
Gema de ovo.	1
Agua quente.	180 grammas (6 onças).

Triture a copahiba com a gema de ovo, e ajunte, triturando, a agua quente.

É raro que não se obtenhão melhoras notaveis nos symptomas da molestia; e ás vezes, no fim de tres ou quatro dias, estes symptomas desaparecem inteiramente. Entretanto, é prudente continuar no uso da copahiba durante tres a quatro dias, mesmo depois de desaparecer a molestia.

A copahiba produz ás vezes uma erupção cutanea, semelhante á dos sarampos; mas esta erupção não dura muito tempo e desaparece por si mesma.

Se no fim de quinze a vinte dias d'este tratamento, a blennorrhagia não cessar, ou se os doentes não puderem supportar a copahiba, administrem-se-lhes as cúbebas em pó na dóse de 4 grammas (1 oitava) duas a tres vezes por dia, segundo a seguinte receita :

Cúbebas em pó. 64 grammas (2 onças).

Divida em 16 papeis. Toma-se um papel, tres vezes ao dia, em xarope, mel de abelhas, ou em meia chicara d'agua fria com assucar.

Ordinariamente, com o soccorro d'estes meios, a blennorrhagia cede antes do trigesimo dia. Notão-se, entretanto, muitos fluxos que persistem depois d'este termo, bem que os symptomas inflammatorios tenham desaparecido inteiramente. Então a blennorrhagia torna-se chronica; é uma simples secreção de mucosidade limpida e pouco espessa. Quando a molestia chega a este ponto, é preciso fazer uso dos banhos frios de rio ou do mar, e de injecções adstringentes no interior do canal da urethra. Eis-aqui as receitas das injecções :

Injecção com azotato de prata.

Azotato de prata crystallizado	5 centigrammas (1 grão)
Agua distillada.	120 grammas (4 onças).

Dissolva. Fazem-se duas injecções por dia, com seringa de vidro. A proporção do azotato póde ser augmentada gradualmente, até 50 centigrammas (10 grãos) para 120 grammas (4 onças) d'agua.

Injecção com sulfato de zinco.

Sulfato de zinco.	1 gramma (20 grãos)
Agua distillada. . .	180 grammas (6 onças).

Dissolva. Duas injecções por dia, que se fazem com seringa de vidro ou de estanho.

Ao mesmo tempo que se applicação internamente a copahiba ou as cúbebas; e externamente, as injecções, o doente deve usar de bebidas emollientes, taes como a infusão de linhaça, os cozimentos de cevada ou de grama, os xaropes de orchata, de capillé, de groselhas com agua, ou beber qualquer outro liquido refrigerante, que se póde deixar á escolha do doente. Estas bebidas tornão as ourinas mais aqueas, menos acres, e por conseguinte menos dolorosas na passagem. Durante o periodo da inflammação aguda, o doente deve usar de semicupios d'agua tepida; quanto aos banhos frios, estès só convem no estado chronico da molestia, isto é, quando o corrimento é simplesmente mucoso, e não vem acompanhado nem de dôr nem de calor local. Os alimentos devem ser leves, taes como o frango, a gallinha, legumes herbaceos e outros, leite, ovos, fructas e carnes pouco temperadas. A bebida durante a comida será agua pura, ou, quando muito, com um pouco de vinho. O vinho puro, e todos os licores alcoholicos, serão totalmente proscriptos. O doente privar-se-ha da dansa, da equitação, do andar prolongado, e sobretudo do coito. Mas se a inflammação fôr muito intensa, será indispensavel que o doente fique de cama, observe uma dieta mais ou menos severa, use de banhos geraes ou semicupios d'agua tepida, de clysteres com decoção de linhaça, e applique a cataplasma de linhaça no perineo.

Quando as dôres forem mui fortes e as erecções frequentes, administre-se ao deitar, de uma só vez, a emulsão seguinte :

Emulsão de amendoas doces..	120 grammas (4 onças)
Camphora..	5 centigram. (1 grão)
Nitro. . .	1 gramma (20 grãos)
Xarope de flores de laranjeira	30 grammas (1 onça).

Havendo febre, ou dôres no perineo, devidas á inflammação mui violenta, applicuem-se dez bichas no perineo.

Circumstancias ha em que o fluxo, depois de cessar por um tratamento racional, reaparece com intensidade por excesso no regimen, ou pelo coito exercido logo depois da cura. Deve-se n'este caso tornar a administrar a copahiba e as cúbebas, e usar de novo das injecções. Esta recahida é ordinariamente de menor duração do que a primeira molestia. Ha tambem esquentamentos que, apenas curados, apparecem de novo pela segunda

ou terceira vez, sem que aproveite precaução alguma. São então de ordinario abandonados a si, usando-se sómente de um bom regimen, ar do campo, banhos frios, e observando-se muita continencia.

A blennorrhagia não necessita das preparações mercuriacs. Estes medicamentos só são indicados quando existem cavallos, erupções cutaneas e outros symptomas syphiliticos.

Observa-se frequentemente, durante o curso de uma blennorrhagia, uma inflammação dos olhos. Esta affecção resulta do descuido e do pouco asseio dos doentes, que tocão imprudentemente os olhos com os dedos que estiverão em contacto com as partes doentes, na acção de urinar, por exemplo, ou de se lavar. A materia contagiosa, levada aos olhos, determina uma inflammação muito grave, que occasiona ás vezes a perda da vista. O doente affectado de blennorrhagia deve, por consequente, observar o maior asseio: é bom que lave as mãos sempre que as tiver posto em contacto com o lugar affectado, evitando tocar os olhos com os dedos. O tratamento d'esta inflammação dos olhos acha-se indicado no artigo CONJUNCTIVITE BLENNORRHAGICA.

Sobrevem ás vezes, durante a blennorrhagia, uma inflammação dos testiculos, caracterizada pela dôr, inchação e ás vezes vermelhidão do escroto. O corpo do testiculo raras vezes participa ou apenas soffre d'esta inchação. Com effeito, o tumor que se acha no escroto, e que muitas pessoas considerão como formado pelo testiculo, é sobretudo formado pelo derramamento seroso na tunica vaginal, como o mostrão a fluctuação e a transparencia mais ou menos evidente que existem na parte anterior do tumor. Esta complicação é acompanhada as mais das vezes de dôres que se estendem até ás cadeiras. Combate-se com semicupios d'água tepida, cataplasmas de linhaça, e, ás vezes, com bichas, que se applicão no perineo.

Numerosos preconceitos existem ácerca da molestia que nos occupa. Um dos mais funestos é o da pretendida benignidade de uma affecção que certos libertinos considerão como sem consequencia, expondo-se assim, elles e outras pessoas aos resultados que póde ter uma opinião tão erronea. Ha doentes que pensão que convem deixar correr a materia durante algum tempo antes de entrar em tratamento, e julgão que é perigoso *seccar* o esquentamento logo nos primeiros dias. Esta opinião expõe a grandes perigos: o esquentamento antigo produz muitas vezes feridas e estreitamento da urethra, e sempre a sua cura é mais difficil do que a da molestia recente. Convem por consequente tratar a molestia logo que appareça. — Entre os operarios e os militares existe a opinião

de que, no caso de esquentamento de gancho, é necessario dar ao membro doente uma rapida flexão, destinada, ao que elles dizem, a *quebrar a corda*. Uma dôr atroz, seguida logo de hemorragia, de supressão de ourinas e de gangrena da parte, tal é o cruel resultado de semelhante imprudencia!

Blennorrhagia na mulher. Esta molestia foi muitas vezes confundida com a leucorrhœa ou flores brancas, e não é sempre facil formar um juizo sobre a natureza de certos fluxos.

Symptomas. Pouco tempo depois de uma copula impura, a mulher experimenta calor, comichão e dôr na vagina e na vulva que lhe parece estar inchada. O andar é doloroso, e a emissão das ourinas é acompanhada da sensação de queimadura. Emfim, quando a inflammação se propaga até o utero, a doente queixa-se de dôr na parte inferior do ventre, e de peso no perineo. O fluxo que apparece é mucoso-purulento; tingê a roupa de amarello, verde ou roxo; pôde ser sanguinolento. A vulva incha; a membrana mucosa d'esta parte e da vagina torna-se vermelha, esfolada ou ulcerada. Em geral, a blennorrhagia produz na mulher menos dôr e anxiedade do que no homem.

Durante o ~~caso~~ da blennorrhagia da mulher, sobrem ás vezes inchações phlegmonosas do volume de uma avelã na espessura dos grandes labios; terminando frequentemente por supuração.

Todos os medicos confessão que não existe signal algum para distinguir a blennorrhagia da mulher das flores brancas; o estado dos symptomas em particular e a exploração dos órgãos genitales não fornecem presumpção alguma; só as circumstancias que precedêrão o fluxo, e sobretudo as relações com um homem suspeito, podem unicamente esclarecer sobre a sua natureza. Não se pôde tambem accusar a mulher de ter uma blennorrhagia, pelo facto de ter ella dado esquentamento a um homem, porque uma simples inflammação não virulenta da vagina, pôde produzir este effeito. É certo tambem que algumas mulheres sujeitas toda a sua vida ás flores brancas podem ser inficionadas de blennorrhagia sem o suspeitarem; n'este caso podem *muito innocentemente* communicar o esquentamento.

Tratamento. A blennorrhagia da mulher trata-se do mesmo modo que a do homem, pelo uso interno da copahiba e das cúebas. É preciso tambem tocar levemente a vagina com pedra infernal. Empregão-se, além d'isso, semicupios prolongados d'agua tepida, e injecções com decocção de linhaça. Se a molestia passar ao estado chronico, recorra-se ás injecções com solução de azotato de prata ou de sulfato de zinco, indicadas na pag. 358 e

359; e aos lavatorios ou injeções com aguardente de França misturada com agua.

BLEPHARITE. Inflammção da palpebra. V. PALPEBRAS.

BLEPHAROPTOSE ou QUÉDA DA PALPEBRA. V. PALPEBRAS.

BLEPHAROSPASMO. Espasmo das palpebras. *Veja-se* PALPEBRAS.

BOCCA. Ninguém ignora que a bocca é a abertura superior do canal intestinal. Esta cavidade comprehende differentes partes, que é util enumerar. Adiante estão os beiços; no interior da bocca as arcadas dentarias superior e inferior, onde se achão implantadas duas fileiras de dentes em numero de dezaseis cada uma; a lingua; por baixo d'ella acha-se o seu freio e os orificios dos pequenos canaes conductores da saliva. Dos lados, a bocca é formada pelas faces; estas apresentam por dentro, e ao nivel do segundo dente molar, uma pequena abertura que é o orificio do canal conhecido sob o nome de *cânal de Stenon*, por onde passa a saliva segregada pela glandula parotida. No fundo apparece a *campainha da garganta*, e uma têa movel chamada *véo do céu da bocca*. Este continua lateralmente com dois pequenos prolongamentos chamados *pilares*. Entre estes, acha-se a *amygdala*, especie de glandula assim chamada por causa do seu volume e da sua fórma, que se aproxima á de uma amendoa (*amygdale*, em grego).

Em algumas affecções estranhas á bocca, pôde ella ministrar alguns signaes preciosos que será util conhecer. Assim, em consequencia de um ataque de apoplexia, a bocca é desviada para o lado opposto á paralyisia; nas convulsões das crianças e dos adultos, na epilepsia, ella participa ás vezes dos movimentos nervosos. Fica aberta na deslocação do queixo. Existe uma molestia que sobrevem, ás vezes, em consequencia de feridas, e que, annunciando-se por um symptoma ligeiro na apparencia, é entretanto as mais das vezes mortal. N'esta affecção, chamada *tetano*, o doente não pôde apartar os dentes; e em algumas febres com delirio ouve-se o ranger d'elles. Cumpre, todavia, notar que, em certas crianças, este ranger é habitual durante o somno, e por isso não deve causar o menor cuidado.

§ I. MOLESTIAS DA BOCCA.

Cancro ou **scirrho da bocca.** O cancro da bocca, que é uma molestia inteiramente differente da ulceração syphilitica, chamada tambem *cancro*, e de que trato n'outro lugar, é uma das affecções da idade madura. Mostra-se frequentemente no beiço inferior; annuncia-se então por uma pequena borbulha, uma

pequena verruga, ou mesmo por uma simples descamação da pelle. O ponto affectado é a séde de uma comichão particular, que parece constranger o doente de uma maneira irresistivel a arranha-lo com as unhas. Forma-se então uma crosta, e quando cahe, percebe-se uma pequena ulcera com fundo cinzento, margens duras, que causa uma dôr pungente com picadas por intervallos, e que, em uma palavra, apresenta os caracteres do cancro. O cancro do interior da bocca é muito mais raro; pôde ser proveniente de molestia do osso, ou mesmo de uma simples ulceração mal curada ou desprezada. Quanto ao tratamento, a ablação da parte doente é o unico remedio seguro. *Veja-se* CANCRO.

Feridas na bocca. *Veja-se* APHTAS.

Feridas por armas de fogo na bocca. *Veja-se* FERIDAS.

Inflammação da bocca ou **Estomatite.** É molestia caracterizada pela vermelhidão, inchação e calor da membrana que forra o interior da bocca. Existe sobretudo no interior das faces e nas gengivas.

Causas. A inflammação da bocca mostra-se principalmente nas crianças, sobretudo na época da primeira dentição, e quando os dentes sahem com difficuldade. Pôde tambem manifestar-se em qualquer idade. As suas causas mais frequentes são: contusões, feridas, diversas operações que se praticão sobre os dentes, accumulção da pedra nos dentes. Pôde ás vezes ser o resultado da extensão da inflammação da garganta: procede muitas vezes do embaraço do estomago, e é frequentemente occasionada pelo abuso dos medicamentos mercuriaes.

Symptomas. Vermelhidão, inchação e augmento do calor e da sensibilidade da bocca, são os symptomas d'esta molestia; pervertem-se as funcções da bocca; a mastigação, a falla, e a deglutição tornão-se dolorosas; o gosto altera-se ás vezes, e apparece uma salivação mais ou menos abundante. Alguns doentes queixão-se de dôr de cabeça, séde, fastio, e ás vezes o pulso torna-se frequente. Quando a inflammação existe nas gengivas formão-se frequentemente pequenas postemas.

Tratamento. O tratamento da inflammação da bocca consiste em gargareja-la com decocção de raiz de althéa misturada com mel de abelhas ou mel rosado. Deve-se tomar uma vez por dia um pediluvio com farinha de mostarda. Convem tomar um purgante brando, como 60 gram. (2 onças) de manná, ou 30 gram. (1 onça) de oleo de ricino, ou 8 grammas (2 oitavas) de magnesia calcinada. Se se formarem postemas nas gengivas, será necessario abri-las com a ponta de uma lanceta. As comidas serão compostas principalmente de vegetaes, leite, ovos; os alimentos serão pre-

párados debaixo da fórma liquida, para evitar os esforços da mastigação.

Eis-aqui as receitas dos gargarejos :

1º Decocção de raiz de althéa.	500 grammas (16 onças)
Mel de abelhas	60 grammas (2 onças).
2º Decocção de raiz de althéa.	500 grammas (16 onças)
Mel rosado.	60 grammas (2 onças).

Ao cabo de tres ou quatro dias, empregue-se o gargarejo seguinte :

Infusão de salva.	500 grammas (16 onças)
Vinagre. . .	30 grammas (1 onça)
Mel rosado.	60 grammas (2 onças).

E mais tarde o gargarejo seguinte :

Infusão de rosas rubras.	500 grammas (16 onças)
Pedrahume.	30 grammas (1 onça)
Mel de abelhas.	60 grammas (2 onças).

O tratamento da inflammação da bocca resultante dos medicamentos mercuriaes acha-se descripto no artigo SALIVAÇÃO.

Ulcerações da bocca, vulgo FERIDAS. Podem depender de muitas causas, taes como a acção do mercurio, o mal venereo, o escorbuto, ou simplesmente da acção de um corpo irritante. Nos individuos que tem feito uso prolongado de preparações mercuriaes, podem sobrevir, sobretudo no interior das faces e nas amygdalas, ulcerações superficiaes e assaz largas : sua côr é esbranquiçada; as circumstancias que as acompanhão, taes como o uso anterior do mercurio, uma salivação abundante, a inchação das gengivas, as fazem reconhecer muito facilmente. Para cura-las, convem cessar instantaneamente o uso do mercurio, empregar gargarejos com cozimento de cevada, mel rosado e vinagre. (*Veja-se SALIVAÇÃO MERCURIAL.*)

As *ulcerações escorbúticas*, que atacam mais frequentemente as gengivas, são tambem facéis de reconhecer : as carnes em roda d'ellas estão molles, violaceas, deitão sangue pela menor compressão; o halito é sempre fetido. Ao mesmo tempo existem symptomas geraes do escorbuto, taes como a fraqueza geral, nodoas roxas na pelle, etc.

As *ulcerações venereas* tem caracteres particulares, que, além das circumstancias anteriores, podem ajudar a reconhecê-las. Chamão-se *cavallos* ou *cancros*, e declarão-se em consequencia de outros symptomas venereos observados principalmente nas partes genitales. Seus caracteres consistem em serem redondas, terem margens duras, cortadas perpendicularmente, e o fundo cinzento; quando existem na lingua, são pequenas, mas exactamente redon-

das e em grande numero. Não se confundão, porém, estes symptomas syphiliticos com os *botões* ou *papillas* que se achão naturalmente no fundo da lingua, ou com vermelhidões, pequenas excavações, e mesmo ulcerações, que dependem da disposição dos pilares do céu da bocca e das amygdalas, ou das gradações das côres naturaes d'estas partes. As ulcerações venereas principião por uma simples vermelhidão; pouco depois mostra-se no centro d'esta vermelhidão um ponto ulcerado que augmenta continuamente. Vão-se estendendo; não é raro encontrar-se individuos que assim perdêrão o céu da bocca; a voz torna-se então fanhosa e adquire um som particular. É bom lembrar-se que as ulcerações simples podem ter alguma semelhança com os canceros venereos; seu fundo pôde ser cinzento e suas margens cortadas perpendicularmente: a marcha da molestia e as circumstancias que a precedêrão podem então tirar as duvidas. Às vezes, sem causa conhecida, ou em consequencia de uma febre, sobrevem em roda dos beiços uma erupção de pequenas vesiculas sem perigo. O melhor remedio contra as ulcerações venereas é um tratamento antisymphilitico bem ordenado. As pessoas que, tendo sido affectadas de molastias venereas nas partes genitales, depois de curadas, tem ulcerações no fundo da bocca, não devem deixar de consultar um medico, que é o unico competente para julgar da natureza do mal.

As ulcerações *simples* são as mais frequentes; muitas causas podem produzi-las: de ordinario sobrevem espontaneamente e sem causas conhecidas. A applicação de corpos irritantes, mordeduras involuntarias, podem occasiona-las. Muitas vezes, a ulceração principia por uma pequena borbulha; mais frequentemente ainda é produzida por um dente situado obliquamente; isto acontece principalmente com as ulcerações das faces e da lingua: concebe-se então que o melhor remedio consiste em extrahir ou limar o dente mal collocado. As ulcerações simples da bocca exigem a principio gargarejos emollientes feitos com decocção de raiz de althéa; e quando a inflammação tiver cedido, dever-se-ha acelerar a cura com gargarejos adstringentes, feitos com infusão de rosas rubras e mel; poder-se-ha mesmo tocar a ulcera com pedrahume ou com pedra infernal.

Para as outras feridas ou ulcerações da bocca *veja-se* APHTAS, SAPINHOS, e para as rachas ou fendas dos beiços, *veja-se* BEIÇOS.

§ II. HYGIENE DA BOCCA.

A arte de preservar a bocca, e sobretudo os dentes, de toda a especie de alteração não deixa de ter alguma importancia. O halito brando, gengivas firmes, e que não sejam nem sanguen-

tas, nem de um vermelho-roxo, dentes alvos bem ordenados e beiços vermelhos, são attributos não só da saude, mas tambem da formosura. A pureza do halito póde ser alterada por certas affecções do estomago e do nariz; ás vezes por uma abundante secreção no interior da bocca de materia amarellada, gordurosa, que espalha cheiro desagradavel. As mais das vezes, o máo halito é occasionado por um dente cariado, por uma ulceração da bocca, e nas pessoas pouco asseadas, pela accumulção da pedra nos dentes. Remedêa-se isso combatendo a causa do mal. (*Veja-se HALITO.*) Póde-se, entretanto, diminuir o máo halito fazendo-se uso de pastilhas de hortelã-pimenta, ou de pastilhas de cato aromatizadas de diversas maneiras. Em certas pessoas, as gengivas, sobretudo as que correspondem aos dentes anteriores da queixada inferior, são molles e inchadas, deitão sangue ao menor contacto; comprimindo-as, faz-se sahir d'entre ellas e os dentes uma materia esbranquiçada mais ou menos espessa, a qual, depois de secca, forma aquella camada particular que cobre os dentes, e a que se deo o nome de *pedra dos dentes*. Esta ultima envolve ás vezes inteiramente os dentes, e torna-se tão dura, que só póde ser arrancada com instrumentos de aço. É preciso tirar esta materia com cuidado, á proporção que se vai formando e antes que se tenha solidificado; e para isto, todas as manhãs passar-se-ha na bocca uma escova molhada em agua pura, ou misturada com um pouco d'agua de Colonia. As fricções serão dirigidas de cima para baixo nos dentes da queixada superior, e de baixo para cima nos da queixada inferior. Se esta materia se tornar solida, as fricções não serão sufficientes para tira-la: será necessario recorrer a um dentista, que a extrahirá com instrumentos appropriados. Não havendo esta precaução, a pedra descarna e faz cahir os dentes. A regra mais importante para a bocca consiste em traze-la sempre limpa; ter-se-ha o cuidado, no fim de cada comida, e de noite ao deitar, de lava-la com agua e tirar com um palito todas as particulas de materias animaes que tenham ficado entre os dentes. Os pós dentifricios, que se achão, em toda a parte, branqueão em geral os dentes, mas devem esta propriedade a um acido que tem o inconveniente de atacar o esmalte; e por isso é melhor empregar alguns dos pós cujas receitas indico no artigo DENTES, e cuja composiçõ é conhecida, do que usar d'essas preparações secretas. O emprego de pós inertes, taes como a magnesia, o osso de siba pulverizado, ou pós de lirio, póde ter lugar sem inconveniente. Uma bebida fria, tomada após um alimento mui quente, é contraria á conservaçõ dos dentes. Devem-se tambem evitar as substancias muito acidas e causticas. *Vejaõ-se DENTES, DENTIFRICO.*

BOCCA AMARGA. *Veja-se* AMARGOR DE BOCCA.

BOCEJO. Assim se chama uma inspiração grande, forte e longa, independente da vontade até certo ponto, com abertura mais ou menos consideravel dos queixos, e seguida de uma expiração prolongada. O bocejo tem por effeito introduzir no pulmão uma maior quantidade de ar, e proporcionada á quantidade de sangue que tem precisão de ser revivificado; e por isso tem lugar sempre que uma causa qualquer, tal como a necessidade de dormir, a fome, o aborrecimento, tende a diminuir a quantidade do ar, ou a accumular o sangue no coração ou no pulmão. Ás vezes, o bocejo é um simples phenomeno nervoso que depende da perturbação da respiração. A imitação e a lembrança podem tambem provoca-lo. Para impedir o bocejo, é preciso fazer uma grande inspiração, ou reter algum tempo a expiração.

O bocejo produz, ás vezes, a deslocação do queixo inferior; algumas pessoas até não podem bocejar sem se deslocarem o queixo inferior; ficão então com a bocca aberta até que alguém lhes torne a pôr o queixo no seu lugar. Os meios de reduccão do queixo achão-se indicados no artigo DESLOCAÇÃO.

BOCHECHOS. Algumas pessoas chamão assim o gargarejo. *Veja-se* esta ultima palavra.

BOCIO. (*Veja-se* PAPEIRA).

BODE. (*Animaes domesticos.*) O bode deve ter estatura superior á estatura média da sua raça, pescoço curto e carnosos, cabeça pequena, orelhas grandes e pendentes, côxas grossas, pernas robustas, barbicacho espesso e comprido, lã fina. Póde ser empregado no mister da reproducção, desde a idade de dois até á de sete annos. É naturalmente, muito prolifico, e, sendo bem alimentado, póde ser sufficiente dizem, para 150 cabras, durante dois ou tres mezes. Mostra a experiencia que de dez cobrições, nove são fecundas. Bem tratado, o bode é bastante docil; mas se o maltratão, torna-se máo, e ás vezes perigoso. Na época da reproducção, deve dar-se-lhe, além da sua ração ordinaria, 1 litro de aveia em duas comidas; póde-se juntar a este regimen um pouco de vinho, que elle bebe com prazer. A sua carne é tão dura e de gosto tão desagradavel, que não se póde utilizar, senão dando-a aos porcos, depois de cozida.

BOFES. Molestias dos bofes. *Veja-se* PULMÕES.

BOFETADA, BOFETÃO. O resultado ordinario das bofetadas é a contusão do rosto, do nariz, de um olho, etc. Se a contusão fôr consideravel, applicuem-se pannos molhados em agua fria. *Veja-se* CONTUSÃO.

BOI. (*Animaes domesticos.*) Assim se chama na especie bovina o

macho castrado. De todos os animaes que o homem submetteo á domesticidade, o boi é o mais util e o mais precioso. Não sómente nutre seu dono, mas tambem é d'entre os animaes um dos que menos despendem e consomem. O boi tem o somno curto e leve; acorda ao menor ruido; deita-se ordinariamente do lado esquerdo, e o rim d'este lado é sempre mais grosso e mais carregado de gordura do que o do lado direito. Os bois, como os outros animaes domesticos, varião de côr; mas o pello ruivo é o mais commum. De qualquer côr que seja o pello do boi, deve ser luzente, espesso e brando ao tocar; porque se é rude, mal unido ou desguarnecido, póde-se suppôr com razão que o animal soffre, ou pelo menos que não é forte.

Conhece-se a idade do boi pelos dentes e pelos chifres.

Os chifres são para estes animaes armas poderosas e temiveis; quando querem fazer uso d'elles, abaixão a cabeça, apresentam ao seu adversario a ponta dos chifres, rasgão-n'õ ou atirão-n'õ para o ar, se não é de grande talhe. O boi come depressa e toma em pouco tempo toda a alimentação que lhe é necessaria, depois do que cessa de comer e deita-se para *ruminar*, isto é, para fazer voltar pouco a pouco os alimentos á bocca, tornar a mastiga-los e engulilos depois. O boi adquire todo o seu crescimento aos 30 ou 40 mezes, e poderia viver 15 a 20 annos, se o não matassem antes d'esta época.

Boi de serviço. Deve ter estatura mediana, articulações grossas, constituição robusta, pelle grossa, chiffres grossos, e côr mais ou menos escura; não deve ser nem muito gordo nem muito magro. Compra-se ordinariamente uma junta de bois do mesmo tamanho, e comprando um só boi, convem emparelha-lo com outro da sua dimensão; do contrario a tiragem seria desigual e o animal mais forte levaria todo o peso do trabalho. Notou-se que os companheiros de canga ligão-se de amizade, e parecem abatidos quando estão separados. Estes animaes, tão pesados, e cuja intelligencia parece tão pouco desenvolvida, são muito sensiveis ás caricias e aos bons tratamentos : obedecem melhor á voz de um bom conductor, do que á ponta da aguilhada. O boi não deve trabalhar senão desde a idade de 3 annos até 10. Aos dez annos está ainda bom para se engordar; mais velho, a carne perderia muito da sua qualidade. Se se crião unicamente bois com o fim de ter bons animaes de trabalho, podem não se castrar senão aos 18 mezes ou aos 2 annos; mas se se quer que, depois de terem trabalhado, estejam ainda bons para serem engordados, é mister castra-los muito novos, na idade de 6 semanas, sendo possivel, e, em todo o caso, antes que tenham 6 mezes.

Os pascigos onde se conduzem os bois devem ter a herva alta e abundante, porque a disposição de sua lingua não permite que se apascentem das hervas muito curtas. Os seus estabulos devem ser bem arejados, frescos no verão, quentes no inverno : é preciso manter n'elles os bois tão bem durante os fortes calores como nos grandes frios, e, tanto quanto fôr possível, cada vez que o tempo estiver chuvoso. Mediante estes cuidados, evitar-se-hão a maior parte das molestias que tão frequentemente dizem os gados e arruinão os cultivadores. *Veja-se* EPIZOOTIA.

Cumpre, sobretudo, esforçar-se em prevenir as molestias : para este fim, cada manhã, ao pensar o gado, o boieiro deve examinar se elle se acha em bom estado de saude. A tristeza, o abatimento, o fastio, uma ruminação lenta ou nulla, difficuldade de deitar-se ou de levantar-se, orelhas frias ou quentes, a côr amarellada dos beiços, da lingua e dos olhos, a agitação dos flancos, berros repetidos e gemebundos, os tumores subitos, são outros tantos indicios pelos quaes o boieiro exercido reconhece que o boi está doente. O primeiro remedio que deve applicar-se é a dieta e o repouso; supprime-se a alimentação do animal, e só se lhe dá agua pura com farinha de cevada ou farelos. Se o animal só se acha levemente indisposto, este regimen será sufficiente para restabelecê-lo. Se os symptomas, em vez de diminuirem, se vão aggravando progressivamente, convem então recorrer aos cuidados do veterinario.

Os bois empregão-se para o serviço de tiro por meio da canga ou do jugo : estes dois modos tem suas vantagens e seus inconvenientes. Todavia, dá-se geralmente a preferencia ao ultimo modo : Ferrão-se os bois, quando devem trabalhar n'um terreno duro e pedregoso : uma ferradura adaptada a cada uma das unhas não embaraça a sua separação nem a elasticidade do casco. Em alguns paizes, só se ferra a unha externa.

Boi para o açougue. As qualidades que deve possuir um bom boi destinado para céva são as seguintes : fórmagradavelmente arredondadas, ossos pequenos, carnes elasticas ao tocar, a pelle delgada, flexivel, muito movel sobre as costellas, pernas delgadas e curtas, os flancos cheios, o peito amplo, o corpo alongado, o lombo largo, a garupa volumosa, as coxas espessas, os chifres delgados e quasi transparentes, o character brando e o appetite bom. Entre as raças bovinas, a que dá melhor carne, é a raça ingleza chamada *durham*.

A carne dos bois novos é mais tenra e gelatinosa do que a dos que tem feito muito serviço; todavia a d'estes ultimos é mais fibrinosa e substancial, e póde tornar-se boa, se os animaes forem convenientemente engordados. Os bois costumão engordar-se na

idade de 15 annos, quando já não são proprios para o serviço; mas nos bois destinados especialmente ao consumo, a céva deve começar na idade de 4 a 5 annos, e dura de 3 a 6 mezes. Cevão-se os bois por meio da pastagem, da estabulação e do regimen mixto. *Veja-se* VACCA, VITELLO, TOURO.

BOI GORDO (Planta). *Veja-se* AMENDOIRANA.

BOLHA. Pequeno tumor cheio de serosidade limpida, accumulada debaixo da epiderme. Póde resultar de uma queimadura, da applicação de um caustico, do attrito das mãos contra algum corpo duro; n'este ultimo caso chama-se mais particularmente *empola*. As bolhas manifestão-se tambem na *erysipela* e no *cobreiro*. *Veja-se* EMPOLA, COBREIRO, ERYSIPELA.

BOLO. Chamão-se bolos, em pharmacia, as pilulas, cujo peso excede o de 30 centigram. (6 grãos), e póde chegar a 1 gramma (20 grãos), e mesmo a 4 grammas (1 oitava).

BOLO ARMENIO. Terra argilosa, de côr rubra devida á presença do peroxydo de ferro. Apresenta-se em massas compactas, pesadas, macias ao tocar, manchando os dedos. Reduzida a pó e bem lavada chama-se *bolo armenio preparado*; entra na composição de alguns pós dentifricios. Antigamente tirava-se da Persia e da Armenia; hoje tira-se da França, dos arredores de Blois e Saumur.

BOLOR. *Veja-se* MOFO.

BOLSA DE PASTOR (planta). *V.* MANDIOQUINHA DO CAMPO.

BOLSAS. *Veja-se* ESCROTO.

BONNES. *Veja-se* EAUX-BONNES.

BORAX. Dá-se este nome ao sub-borato de soda do commercio. Este sal acha-se no Perú, na ilha do Ceylão, nas lagoas da India, na Transylvania, Saxonia. Colhia-se outr'ora na margem das lagoas, onde se aehava crystallizado pela evaporação natural das aguas; e era submettido a muitas purificações para o uso das artes e da medicina. Hoje prepara-se saturando com o carbonato de soda o acido borico, que existe dissolvido na agua das lagoas de Castel-Nuovo, de Montecerboli e de Cherchiajo, na Toseana. Tem a fórmula de crystaes hexaedricos mais ou menos chatos, terminados por pyramides de tres faces; braneo, experimentando ao ar só uma efflorescencia superficial; de sabor styptico; solúvel em 8 partes d'agua fria, em 2 partes sómente d'agua fervendo. Nas artes, o borax do commercio serve para soldar varios objectos. Em medicina, emprega-se principalmente como adstringente nas aphtas e salivações, em gargarejos. Estes gargarejos preparão-se com 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) de borax e 360 grammas (12 onças) d'agua.

BORBORYGMOS. Dá-se este nome ao ruído que os gazes fazem no interior dos intestinos, quando mudão de lugar. Em algumas pessoas nervosas, este ruído tem frequentemente lugar no estado de saúde, e por causa de uma emoção moral; nas outras precede as evacuações alvinas. As pessoas que são incomodadas pelos borborygmos, devem usar de chá de herba doce, ou tomar magnesia calcinada na dóse de 1 gramma (20 grãos) por dia, n'uma colher d'agua com assucar.

BORBULHA. Empola pequena ou botãozinho vermelho na pelle. *Veja-se* BOTÃO, ESPINHA, SARAMPOS, BEXIGAS; etc.

BORDOADA. As offensas physicas que resultão das bordoadas são ordinariamente contusões. *Veja-se* CONTUSÃO.

BORRACHA, GOMMA ELASTICA OU CAOUTCHOUÇ corrupção de *cahuchá* dos indigenas. Producto da dessecção de um succo leitoso que se extrahê, por incisão, de muitas plantas da America meridional, e das Indias orientaes.

Os *vegetaes que produzem a borracha* são bastante numerosos. Uns contém grande porção d'ella, outros pouca. Pertencem ás familias das Euphorbiaceas, Artocarpeas, Apocyneas e Lobeliaceas. De todos os vegetaes o que fornece maior quantidade de borracha é a seringueira, arvore do Brasil que habita no Pará, Amazonas, Ceará, Rio Grande de Norte e Matto-Grosso, chamada por Persoon *Siphonia elastica*, da familia das Euphorbiaceas (*Veja-se* SERINGUEIRA). A arvore chega a ter n'essas provincias 40 a 80 palmos de altura e 10 a 12 de grossura; acha-se principalmente nos lugares alagadiços. As outras arvores da mesma familia que fornecem a borracha são : *Siphonia rhytidocarpa*, Martius; *Siphonia brasiliensis*, Willd.; *Siphonia lutea*, Spruce; *Siphonia brevifolia*, Spruce; todas habitão no Pará.

Na familia das Artocarpeas achão-se : *Ficus anthelmintica*, Martius, vulgo *Coajinguva* (Rio Negro do Brasil); *Ficus doliaria*, Martius, vulgo *Gamelleira* ou *Figueira branca* (Rio, S. Paulo, Minas); *Castilloa elastica*, Cerv., do Mexico; a *Ficus elastica*, Roxb.; a *Ficus indica*, Lam.; a *Ficus religiosa*, Linneo; a *Ficus radula*, Willd.; a *Ficus elliptica*, Kunth.; a *Ficus prinoides*, Will.; que habitão todas na America meridional.

Na familia das Apocyneas encontra-se a Sebuuva, *Plumeria phagedenica*, Martius (Amazonas); a Tiborna, *Plumeria drastica*, Martius (Minas, Bahia, Pernambuco); a Sorveira, *Collophora utilis*, Martius (Pará, Rio Negro); a *Vahea gummiifera*, Poir., que dá a borracha de Madagascar; a *Ureola elastica*, Roxb. (Borneo); a Mangabeira, *Hancornia speciosa*, Gomes (Brasil).

Entre as Lobeliaceas a *Lobelia caoutchouc*, Kunth (Nova-Granada).

Colheita. Eis-aqui como se colhe a borracha. Um operario munido de um picão, de um cabaço e de uma pequena porção de barro molhado com agua, transporta-se pela manhã muito cedo aos lugares onde se achão as arvores que fornecem a borracha. Pega ao tronco uma tigelinha de barro amassado grosseiramente, e dá por cima um golpe transversal muito profundo, poucos palmos acima da raiz, e chegando á parte lenhosa. Passa a outra arvore e repete a mesma operação. *Sangra* assim um certo numero de arvores; depois, tornando atraz transvasa as taças no cabaço e volta para casa com a sua colheita.

Tem-se notado que as seringueiras são, para assim dizer, como as vaccas leiteiras; quanto mais leite se lhes tira, tanto mais abundante se torna este. Comtudo cumpre não esgotar a arvore, para fazer durar a colheita. Ordinariamente deixão-se as arvores em repouso desde a florescencia até a madureza do fructo.

Para que a seiva corra com mais abundancia, faz-se, por cima da incisão transversal, outra incisão vertical, que começa do alto do tronco, até encontrar a primeira transversal; fazendo-se além d'isto, de distancia em distancia, incisões obliquas á vertical. Muitas vezes, facilitão essa operação arrochando a arvore com cordas ou cipós, o que não raras vezes a faz morrer.

A quantidade da seiva leitosa que se colhe é variavel. Em geral, 20 arvores deixão manar, termo médio, 1 litro. As mulheres podem colher cerca de dois litros : é a quantidade normal. O Dr. Weddel vio, ao longo do rio Amazonas, um obreiro voltar para casa com um cabaço que continha pelo menos cinco litros. Esta quantidade é sufficiente para fabricar vinte garrafas, ou dez pares de sapatos. É preciso cerca de 3 litros de seiva para ter 1 litro de borracha. As filhas d'este obreiro, menos exercidas do que elle, não colhião mais de 2 litros por dia.

Depois de obtido o succo, é preciso secca-lo para reduzi-lo a consistencia solida. Secca-se o succo expondo-o á acção do fogo que faz evaporar a parte liquida e faz coagular a albumina vegetal do succo.

Para fazer uma garrafa, fixa-se uma bola de barro na extremidade de um páo; applica-se-lhe uma camada de succo, deixa-se seccar esta camada ao brasciro de certas plantas, cuja chamma é alimentada pela semente oleaginosa da palmeira urucuri (*Attalea excelsa*); torna-se a molhar a bola; põe-se ao fumo pela segunda vez, e assim por diante até que a substancia tenha adquirido espessura conveniente. Em geral, são necessarias doze camadas. Quebra-se então a bola, ou dilue-se em agua, e esvazia-se a garrafa pela abertura que se fez, separando-a do páo. A fumaça, que

a borracha recebe, dá-lhe a côr denegrida com que ella se apresenta no mercado.

Para fabricar um sapato, ha um molde de páo fixado na ponta de uma haste. Um obreiro, sendo habiíl, póde fazer quatro ou cinco sapatos em dez minutos.

A fórma mais ordinaria da borracha, é a de uma garrafa ou de um sapato; porém, ás vezes, os Indios dão-lhe a fórma de uma ave ou de qualquer outro animal. Prepara-se tambem em laminas, ou massas informes.

Por muito tempo foi a borracha exportada do Brasil em estado solido, pouco endurecida, conservando a sua elasticidade, até que o fallecido Henrique Antonio Strauss, conseguiu conserva-la sem alteração em estado liquido, e sem ser preciso preserva-la inteiramente do ar atmospherico, conservando-a hermeticamente fechada. O ammoniaco é hoje usado para conservar a borracha no estado liquido. O mesmo Strauss obteve a solidificação da borracha por meio da pedrahume. O processo de Henrique Antonio Strauss supprime a defumação. A provincia do Pará comprou o privilegio de Strauss pelo qual se obtem a borracha sem o inconveniente de ficar o operario exposto ás emanções da combustão, e do solo pantanoso em que geralmente existe a arvore, podendo por este processo preparar a borracha na sua habitação. O processo Strauss é hoje publico : consiste n'uma certa quantidade de dissolução de pedrahume em agua, que se lança em uma determinada porção de seiva leitosa. A rotina tem-se opposto á propagação d'este processo simples e vantajoso.

A borracha, tal como apparece no commercio, é uma substancia arroxeadá, meio-transparente quando se acha em laminas delgadas, muito flexivel e eminentemente elastica. Decrete-se ao fogo, intumece consideravelmente, e arde em chamma mui branca, espalhando uma fumaça odorifera muito espessa. É insolúvel n'agua fria, amollece sómente n'agua fervendo; é insolúvel no alcool, mas solúvel na benzina, na essencia de terebinthina, no ether puro, no sulfureto de carbone, o qual, addicionado de 6 a 8 partes de alcool, constitue o melhor dissolvente da borracha.

O enxofre combina-se directamente com a borracha na temperatura de 140° a 160°, e mesmo a frio, mediante os dissolventes especiaes. Segundo as condições da operação, o producto obtido é secco, duro, fragil, ou, então, de uma flexibilidade e de uma elasticidade que permanecem estaveis nas differentes temperaturas. N'este caso, tem o nome de *caoutchouc vulcanizado*.

Usos. Os usos da borracha são numerosissimos, e multiplicão-se cada dia. A borracha ordinaria emprega-se para apagar no papel

os traços de lapis. Serve para preparar muitos instrumentos de cirurgia, taes como sondas, bugias, pessarios, seringas, bicos de peito para as amas que tem os seios rachados, cornetas acusticas, etc.; para confeccionar calçados e tecidos impermeaveis. Estes preparam-se cobrindo a fazenda com uma camada de borracha liquida, ou, melhor, dissolvida n'uma mistura de sulfureto de carbone e de alcool, a qual camada se deixa depois seccar. Reduzida a fios mui delgados, serve para preparar tecidos elasticos para suspensorios, ligas, colletes, etc. A borracha derretida é muito vantajosa para untar as torneiras; uma rolha de cortiça coberta de borracha torna-se inteiramente impermeavel.

A borracha entra tambem na composição do *mastique* ou *visco marinho*, empregado nas construcções navaes, e no calafeto dos navios. Constroem-se em Londres botes de salvação com pranchas feitas de borracha e cortiça pisada. Serve para fazer vernizes que nunca rachão.

O *cautchouc vulcanizado* conserva a sua elasticidade em todas as temperaturas; é inatacavel pelos dissolventes do cautchouc ordinario, e resiste á compressão; em consequencia d'estas preciosas propriedades recebeu numerosas applicações nas artes, e na fabricação dos instrumentos de cirurgia. Mas adquire, por seu contacto com a pelle, um cheiro de acido sulfhydrico, que provém de que o suor exerce uma acção sobre o enxofre que existe no cautchouc vulcanizado; pelo que a maior parte dos apparatus cirurgicos são confeccionados com a borracha ordinaria; a vulcanizada serve para os tecidos elasticos destinados a outros empregos.

BORRACHA CHIMARONA. *Echium plantagineum*, St Hil. Planta europea da familia das Borragineas, naturalizada no Brasil; habita no Rio Grande do Sul. Caules de 1 pé a 1 pé e meio, herbaceos, mas duros, eriçados de pellos; folhas *radicaes*, pecioladas, do comprimento do 2 pollegadas a 2 pollegadas e meia, da largura de 6 a 12 linhas, ovaes ou oblongas, decurrentes sobre o peciolo; folhas *caulinas* alternas, sesseis, do comprimento de 2 pollegadas e meia, da largura de 4 a 6 linhas, e diminuindo gradualmente de tamanho; folhas *superiores* sesseis, lineares, um pouco agudas; todas cobertas de pellos deitados, brancos; flores reunidas no apice dos talos em um racimo composto ou panicula recta, corolla de um azul purpurino. As folhas são emollientes; a sua infusão emprega-se em bebida ou banhos, 8 grammas (2 oitavas) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

BORRACHUDO (PICADAS DE). *Vejase* MOSQUITO.

BORRAGEM. *Borrage officinalis*, Linneo, Borragineas. Planta

que habita no Brasil e em Portugal perto das habitações. Fig. 76. Caule coberto de pellos; folhas mui grandes, ovaes, hirsutas com pellos rudes; flores azues. O chá de flores ou folhas de borragem é um sudorifico empregado nos sarampos, bexigas, escarlatina, constipação, etc. Prepara-se com 4 grammas (1 oitava) de borragem e uma chicara d'agua fervendo.

BOTÃO. Designão-se vulgarmente com o nome de *botões* pequenas erupções na pelle, isoladas, redondas, mais ou menos duras, um tanto dolorosas, de côr rosea-pallida ou vermelha, seguidas de escamação, mas não de suppuração. As causas que favorecem o desenvolvimento d'estas erupções são a mocidade, a habitação n'um clima quente, um regimen excitante, e certas disposições dos órgãos digestivos. Os jovens de ambos os sexos que se approximão da puberdade são mui sujeitos a este incommodo.

De ordinario desaparecem estas erupções espontaneamente, mas se persistirem, o seu tratamento consistirá em banhos, regimen sobrio, e principalmente composto de vegetaes, alguns purgantes brandos, e banhos d'agua com sabão, á qual se ajuntará uma pouca d'agua de Colonia. *Veja-se* ESPINHA.

Algumas pessoas dão o nome de botão ao *fruncho* ou *leicenço*. *Veja-se* FRUNCHO.

BOTICA DOMESTICA. As vezes, a menor demora na administração dos remedios póde augmentar a gravidade da molestia. Por conseguinte, nas fazendas afastadas dos soccorros medicos, e até nas chacaras, é muito util ter á mão uma collecção dos medicamentos que melhor aproveitão no tratamento das molestias mais frequentes. Os seguintes são simples, de facil administração sobretudo nos accidentes subitos, em que o doente corre risco de vida, se não fôr soccorrido a tempo. Estes medicamentos podem tambem servir para o medico, que, chamado para ver o doente, achará com que fazer as preparações de que precise. Os capitães de navios deverião leva-los nas suas viagens. Em França, os navios mercantes são obrigados, por ordem do governo, a ter estes medicamentos a bordo.



Fig. 76. — Borragem.

NOME DA SUBSTANCIA	QUANTIDADE	PROPRIEDADES E USOS
Acido phenico alcoolizado.	15 grammas (1/2 onça).	Dissolvido em agua é um desinfectante poderoso.
Acido sulfurico concentrado ou oleo de vitriolo.	30 grammas (1 onça).	Caustico; veneno. Serve para cauterizar as mordeduras das cobras peçonhentas, as dos cães damnados; para destruir as verrugas, etc.
Agua de flores de laranjeira.	125 grammas (4 onças).	Calmante dos nervos. Uma pequena colher d'agua de flores de laranjeira, misturada com agua fria e assucar, dá-se a beber com vantagem nos ataques de nervos, convulsões das crianças, gota coral, histerismo, etc.
Agua de Labarraque.	250 grammas (8 onças).	Para curar as feridas antigas e desinfecar os quartos dos doentes.
Aguardente camphorada.	250 grammas (8 onças).	Em fricções contra as torceduras, dôres de cadeiras, rheumatismos.
Alcali volatil ou ammoniac liquido.	15 grammas (1/2 onça).	Dá-se a cheirar nos ataques de gota coral, de histerismo, aos afogados, asphyxiados. Internamente, 3 a 8 got. n'uma chicara d'agua fria aos embriagados. Externamente, 1 gotta applicada com um palito nas mordeduras dos borrachudos, lacraias, abelhas e maribondos.
Algodão em rama ou pasta.	125 grammas (4 onças).	O melhor remedio que se pôde applicar nas queimaduras de todas as especies.
Althéa (raiz de).	150 grammas (5 onças).	A infusão d'esta raiz, adoçada com assucar, usa-se em bebida contra a tosse; o cozimento em gargarejos e clysteres.
Arroz.	125 grammas (4 onças).	O cozimento, contra a diarrhea.
Azeite doce.	125 grammas (4 onças).	Em clysteres contra as colicas das crianças e dos adultos. Pela bocca, administra-se nos envenenamentos por diversas substancias acres.
Balsamo catholico.	250 grammas (8 onças).	Excellent remedio contra os côrtes, mordeduras, picadas, e todas as feridas. Molhão-se os fios n'este liquido, e applicão-se nas feridas.
Balsamo de Fioravanti.	30 grammas (1 onça).	Em fricções nos rheumatismos, paralyrias, etc.
Balsamo tranquillo.	125 grammas (4 onças).	Em fricções, contra as diferentes dôres.

NOME DA SUBSTANCIA	QUANTIDADE	PROPRIEDADES E USOS
Calomelanos.	30 grammas (1 onça).	Internamente, na febre cerebral e em outras molestias; externamente, applica-se em algumas feridas.
Camomilla romana.	60 grammas (2 onças).	A infusão de camomilla contra as indigestões.
Camphora.	10 grammas (2 1/2 oitavas).	Em muitas molestias, interna e externamente.
Causticos ou vesicatorios (massa caustica estendida em panno).	6 causticos.	Applicão-se no pleuriz, dôres rhumaticas, ophthalmias e muitas outras molestias.
Geroto simples.	150 grammas (5 onças).	Para curar as feridas.
Cevada perlada (ceva-dinha).	250 grammas (8 onças).	O cozimento, contra a diarrhea e muitas outras molestias.
Chloroformio.	8 grammas (2 oitavas).	Uma bolinha de algodão, embebida em 4 gottas de chloroformio, contra a dôr de dentes. Usa-se internamente como calmante, em dôse mui pequena, 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos), em poção.
Creosota.	8 grammas (2 oitavas).	Externamente, contra as dôres de dentes.
Diachylão estendido em panno (sparadrappo ou encerado).	1 metro.	Para curar os golpes, dar pontos falsos nas feridas, ou applicar nos leicenças.
Dormideiras.	10 grammas (2 1/2 oitavas.)	A infusão em clysteres, como calmante.
Emetico.	8 grammas (2 oitavas).	Como vomitorio, na dôse de 5 centigrammas (1 grão).
Encerado inglez (tafetá côr de rosa).	1 carta.	Para reunir as margens dos côrtes, etc.
Essencia de cravo da India.	8 grammas (2 oitavas).	Em applicação local, contra as dôres de dentes.
Essencia de terebinthina	125 grammas (4 onças).	Em fricções, contra as dôres rhumaticas, sciatica, nevralgias.
Ether sulfurico.	15 grammas (4 oitavas).	Dá-se a cheirar nas convulsões das crianças, nos ataques de gota coral, de hysticismo. Internamente, administra-se na dôse de 10 a 20 gottas n'uma chicara d'agua fria com assucar, como antispasmodico e calmante nos mesmos ataques, na asthma, e na enxaqueca.

NOME DA SUBSTANCIA	QUANTIDADE	PROPRIEDADES E USOS
Extracto de Saturno.	360 grammas (12 onças).	Misturado com agua e um pouco de aguardente, applica-se nas contusões, torceduras, deslocações.
Farinha de linhaça.	250 grammas (8 onças).	Para cataplasmas, que se applicão nas postemas, leicções e muitas outras inflammações externas e internas.
Farinha de mostarda.	250 grammas (8 onças).	Para sinapismos.
Fecula. <i>Vejá-se</i> Polvilho.		
Folhas de laranjeira.	20 grammas (5 oitavas).	O chá de folhas de laranjeira é util nas colicas e molestias nervosas.
Herva eidleira.	25 grammas (6 oitavas).	O chá de herva eidleira emprega-se nos ataques hystericos, epilepticos, colicas e muitas outras molestias.
Ipecacuanha em pó.	15 grammas (4 oitavas).	1 gramma (20 grãos) de ipecacuanha em pó é um vomitorio para os adultos; util nas diarrheas, bronchites, etc.
Ipecacuanha em rama.	90 grammas (3 onças).	Decocção em clysteres, contra a diarrhea.
Laudano de Sydenham.	30 grammas (1 onça).	Calmante, muito empregado na dóse de 10 a 20 gottas, em duas colheres d'agua fria com assucar, que se tomão pela bocca nas colicas, falta de somno, varias dôres; em elyster, na dóse de 20 a 30 gottas contra as diarrheas, dysenterias, etc. O algodão molhado em laudano e applicado sobre os dentes, acalma-lhes as dôres. As fricções com laudano são uteis nas dôres rheumaticas, colicas, etc.
Linhaça (sementes de linho).	210 grammas (7 onças).	A infusão em bebida contra as diferentes inflammações; a decocção em clysteres contra a diarrhea.
Magnesia calcinada.	30 grammas (1 onça).	Purgante brando, na dóse de 8 grammas (2 oitavas).
Malva (flores de).	45 grammas (1 1/2 onça).	A infusão de flores de malva emprega-se contra a tosse.
Manteiga de antimonio.	15 grammas (1/2 onça).	Liquido caustico muito energico. Serve para cauterizar as feridas das cobras venenosas, dos cães damnados, e a pustula maligna.
Nitro.	125 grammas (4 onças).	Diuretico, empregado em muitas inflammações.

NOME DA SUBSTANCIA	QUANTIDADE	PROPRIEDADES E USOS
Oleo camphorado.	125 grammas (4 onças).	Em fricções, nas dôres rheumáticas, e outras.
Oleo de ricino.	225 grammas (8 onças).	Purgante na dôse de 15 a 30 gram. (1/2 a 1 onça).
Opio (extracto de).	24 pilulas de 5 centigrammas (1 grão) cada uma.	Calmante, empregado contra varias dôres e insomnia, na dôse de 1 a 3 pilulas.
Opodeldoch.	30 grammas (1 onça).	Em fricções, contra as dôres rheumáticas.
Pedrabume em pó.	25 grammas (6 oitavas).	A dissolução aquosa de pedrahume crystallizada usa-se em gargarejos nas esquinencias; serve tambem para tocar as aphtas.
Pedra infernal.	2 grammas (40 grãos).	Applica-se para reprimir as carnes esponjosas das feridas, e para atalhar a hemorragia produzida pelas picadas de bichas, etc.
Perchlorureto de ferro liquido a 30°.	45 grammas (1 1/2 onça).	Applica-se nas feridas para vedar as hemorrhagias.
Pilulas purgativas de Anderson.	24.	Dôse : 3 a 4 pilulas por dia.
Polvilho.	250 grammas (8 onças).	Os clysteres de polvilho são muito uteis na diarrhea. Fazem-se tambem cataplasmas de polvilho, que substituem as de linhaça.
Potassa caustica em cylindros.	8 grammas (2 oitavas).	Para cauterizar as mordeduras das cobras peçonhentas, e dos cães damnados.
Rhuibarbo em pó.	15 grammas (1/2 oitava).	O rhuibarbo na dôse de 1 gramma (20 grãos) é um estomachico util contra o fastio : na dôse de 4 gram. (1 oitava) é purgativo.
Sabugueiro (flores de).	45 grammas (1 1/2 onça):	O chá de sabugueiro é sudorifico e empregado nas constipações, sarampos, bexigas, escarlatina, etc.
Sene.	60 grammas (2 onças).	A infusão de 15 grammas (1/2 onça) de foliolos de sene em duas chcaras d'agua fervendo, constitue um purgante.
Sulfato de magnesia ou sal d'Epsom.	210 grammas (7 onças)	60 grammas (2 onças) de sal d'Epsom, dissolvidas n'um copo d'agua fria, formão um purgante de effeito certo, e frequentemente empregado.

NOME DA SUBSTANCIA	QUANTIDADE	PROPRIEDADES E USOS
Sulfato de quinina.	8 grammas (2 oitavas).	Contra as febres intermitentes.
Tintura de aconito fresco	30 grammas (1 onça).	Calmanete e sudorifico. Usa-se na constipação : 12 gottas em 6 onças d'agua.
Tintura de arnica.	125 grammas (4 onças).	Em fricções nas contusões, e para curar as feridas.
Unguento de Arceus.	150 grammas (5 onças).	Para curar as ulceras.

INSTRUMENTOS E OBJECTOS PARA CURATIVOS.

Lanceta.	Ventosa de borracha vulcanizada.
Caneta com pedra infernal.	Atadura enrolada em um globo.
Tesoura.	Chumaços.
Pinça.	Fios.
Balança granataria com pesos em grammas e centigrammas.	Isca.
Copo graduado de 125 grammas para liquidos.	Alfinetes.
	Agulhas.
	Linha de coser.

Devendo todos estes objectos ser encerrados n'uma caixa, dei o plano, segundo o qual foi construida em Pariz a caixa representada nas fig. 77 e 78 *bis*, que constitue uma *botica portatil*. Uma importante pharmacia e drogaria de Pariz encarregou-se do fornecimento dos medicamentos, e de quanto diz respeito á sua boa expedição. Todos os objectos, que indiquei no precedente quadro, achão-se contidos na caixa, salvo as substancias que se encontram em todas as casas, taes como o arroz, o azeite doce, e a agua de flores de laranjeira. Além d'isto, esta ultima não se conserva por muito tempo.

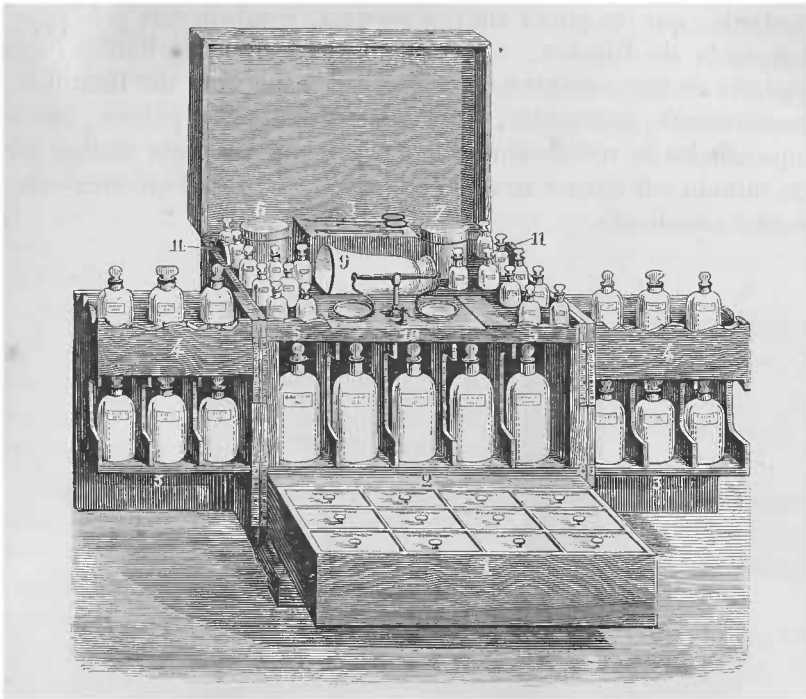


Fig. 77. — Botica portatil, aberta.

(O decimo do tamanho natural.)

Explicação da botica. Fig. 77. — 1. Gaveta com doze compartimentos, que contém raízes, folhas, flores, sementes, etc. — 2. Cinco frascos de 250 grammas cada um. — 3, 3. Seis frascos de 125 grammas cada um. — 4, 4. Seis frascos de 30 grammas cada um. — 5, 5. Doze frascos de 15 grammas cada um. Atraz d'estes, achão-se seis frascos de 8 grammas. — 6. Pote de estanho que contém 150 grammas de ceroto simples. — 7. Pote de estanho que contém 150 grammas de unguento de Arceus. — 8. Tesourà, lanceta, pinça, caneta com pedra infernal. Debaixo d'estes objectos existe uma caixinha com alfinetes, agulhas e linha de coser. — 9. Copo graduado de 125 gram. — 10. Balança granataria; á direita d'esta acha-se um compartimento com pesos. — Pegando pelas azas 11 e 11, e levantando o plano superior da botica, descobre-se o interior da caixa, que contém compartimentos com sinapismos de Rigollot, cataplasmas de Hamilton, ventosa de borracha vulcanizada, causticos, encerados, fios, isca, atadura, e algodão em rama.

Todos os medicamentos da *botica portatil* podem conservar-se por annos, salvo a herva cidreira, folhas de laranjeira e flores de sabugueiro, que devem ser reformadas annualmente. A farinha de

mostarda, que se altera em poucos dias, é substituída pelo papel sinapizado de Rigollot; e em lugar da farinha de linhaça, que também se não conserva, achão-se as cataplasmas de Hamilton, recentemente inventadas, e que consistem em pannos seccos impregnados de mucilagem de linhaça, os quaes basta molhar por um minuto em agua a ferver, para ter immediatamente uma cataplasma emollente.

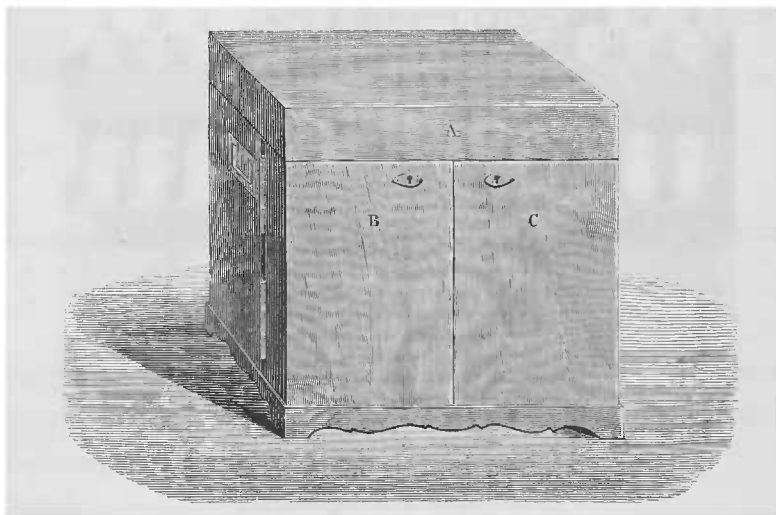


Fig. 78. — Botica portatil, fechada.

(O decimo do tamanho natural. Altura, 44 centímetros e meio; largura, 44 centímetros e meio; profundidade, 34 centímetros.)

Esta *botica portatil* vende-se em Pariz, na pharmacia de Luiz Barral, rua Saint-Honoré, 41. Preço, 325 francos.

É acompanhada de um pequeno livro, que contém a *Explicação da botica portatil*, a descripção dos medicamentos, suas doses, o modo de sua administração, e as molestias em que se empregão.

No preço de 325 francos estão comprehendidos os medicamentos, frascos, instrumentos, a caixa, o encaixotamento, e o pequeno livro.

Obtem-se estas boticas escrevendo directamente a Luiz Barral, pharmaceutico, rua Saint-Honoré, 41, em Pariz. O frete de Pariz ao Rio de Janeiro custa 35 francos.

Podem igualmente obter-se por intermedio das casas de commissão do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Lisboa e Porto.

BOUBAS. Molestia cutanea, propria ás regiões intertropicaes, eminentemente contagiosa, produzida por um virus particular, virus ou vicio boubatico, e podendo transmittir-se com caracteres sempre identicos de um individuo a um outro, e reproduzir-se no mesmo individuo pela inoculação d'este virus.

Esta molestia tem diversos nomes. Os autores francezes chamão-lhe *pian*; dá-se-lhe o appellido de *framosi* na costa do Calabar, *tetia* no Congo, *yaws* na costa de Guiné, *pouba* entre algumas povoações da Africa.

Symptomas. A molestia apresenta-se debaixo das fórmãs seguintes:

1º *Boubas seccas.* Tuberculos dispersos pela cara, tronco e extremidade, do tamanho, [a principio, de cabeças de alfinetes, um tanto molles, e como peçados de certo nucleo, ao decurso mais e mais amplos, desiguaes, achatados, indolentes.

2º *Boubas humidãs.* Ulceras elevadas por cima da pelle, granulosas, rubras, de meia pollegada a uma pollegada de diametro, cobertas ás vezes de tenacissima materia lardacea. Estas ultimas chamão-se mais particularmente boubas *atoucinhadãs.*

3º *Cravos boubaticos.* Pequenas elevações na planta dos pés, ou na palma das mãos, cobertas da pelle callosa e dura, acompanhadas de rachas profundas, dolorosas, de que reçuma, ás vezes, materia viscosa.

As boubas mostram-se, as mais das vezes, sem serem precedidas de symptomas geraes, por pequenas manchas de côr rubra-escura, semelhantes ás picadas de pulgas, e grupadas em geral umas ao lado das outras; a estas manchas succedem pequenas elevações rubras da grandeza de cabeças de alfinetes; crescem pouco a pouco, e alargão-se até adquirirem, ás vezes, a extensão de um circulo de meia pollegada de diametro; cobrem-se de escamas; forma-se como uma especie de crosta, e observão-se depois na superficie da parte affectada em numero variavel pequenas vegetações rubras, que forão comparadas, pela fórmula e côr, ás framboezas ou amoras. Estas excrescencias não são dolorosas, salvo se apparecem na planta dos pés. São então irritadas pelo andar, e fazem soffrer grandes dôres ao doente. No fim de um tempo variavel, ulcerão-se no apice, e deitão materia purulenta de cheiro ás vezes desagradavel; esta materia coagulando-se, forma crostas espessas que podem encobrir até certo ponto o verdadeiro character da molestia. Os tuberculos das boubas podem desenvolver-se em todas as partes do corpo; mostram-se todavia com preferencia no rosto, tronco, extremidades, virilhas e margem do anus; sua apparição é em geral successiva.

Causas. Esta molestia é propria aos paizes intertropicaes. Existe

no Brasil onde se suppõe que foi introduzida pelos negros d'Africa; é conhecida na costa d'Africa e nas Antilhas. No Brasil as boubas encontrão-se quasi em todas as provincias do Imperio, desde a provincia do Amazonas até á de S. Paulo. A molestia é contagiosa, e communica-se pelo contacto da materia que reçuma dos tuberculos ulcerados; póde ser inoculada por insectos, quando elles vem depôr, sobre alguma solução de continuidade, o liquido chupado nos individuos affectados da molestia. Póde tambem este liquido penetrar quando, applicado sobre alguma parte do corpo, ali se demora bastante tempo para poder ser absorvido. As boubas podem transmittir-se pela amamentação; não se transmittem hereditariamente; mas desenvolvem-se tambem espontaneamente sem causa apparente.

Tratamento. Consiste em banhar diariamente as ulceras boubaticas com agua tepida, para as ter em perfeito estado de asseio; toca-las levemente com pedra infernal de dois em dois ou de tres em tres dias, e cura-las com a pomada seguinte :

Banha fresca	50 grammas (1 onça)
Pós de Joannes	2 grammas (40 grãos).

Os cuidados de asseio são sobretudo indispensaveis para os cravos boubaticos; cumpre, pois, lava-los com agua morna todos os dias, e polvilha-los depois com pós de Joannes.

Se estas applicações não produzirem melhoras, lavem-se as ulceras com agua morna misturada com agua de Labarraque, e curem-se com unguento de Arceus, cuja receita se acha indicada no artigo UNGUENTO.

Curão-se tambem as feridas boubaticas com fios molhados em vinho tinto, ou em aguardente de canna.

Ao mesmo tempo que se faz uso d'estas applicações externas, é preciso destruir o vicio boubatico pelo uso dos medicamentos internos. Os que são reconhecidos como os mais efficazes são o mercurio, e o cozimento de caroba.

O mercurio administra-se debaixo de uma das formas seguintes:

Licor de Van-Swieten.

Bichlorureto de mercurio.	1/2 grammã (9 grãos)
Agua distillada	450 grammas (14 1/2 onças)
Alcool a 80°.. . .	50 grammas (1 1/2 onças).

Dissolva o bichlorureto no alcool, e ajunte depois a agua distillada. *Dóse:* 1 oitava (4 grammas) duas vezes por dia; em meio copo d'agua fria.

Pilulas azues.

Mercurio metallico.	2 grammas (40 grãos)
Conserva de rosas.	3 grammas (60 grãos)
Alcaçuz em pó.	1 gramma (20 grãos).

Triture o mercurio com a conserva até desaparecerem os globulos do mercurio, ajunte o alcaçuz, e divida a massa em 40 pilulas. Cada uma contém 5 centigrammas (1 grão) de mercurio. *Dóse* : 1 pilula por dia.

Em quanto se acha no uso de uma d'estas duas preparações, o doente beberá, tambem por dia, uma chicara de cozimento de folhas de caroba, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) de folhas de caroba e 180 grammas (6 onças) d'agua.

De quinze em quinze dias, o doente tomará um purgante de 60 grammas (2 onças) de sulfato de magnesia, dissolvido n'um copo d'agua fria.

BOURBON L'ARCHAMBAULT. (Aguas salinas chloruretadas quentes.) Bourbon l'Archambault é uma pequena cidade da França, de 3,500 habitantes. Vai-se de Pariz a Savigny pela estrada de ferro, em 11 horas, 35 minutos; e de Savigny a Bourbon l'Archambault de carro, em 1 hora; toda a viagem custa 40 francos.

Existe ali só uma fonte mineral quente, mas é muito abundante. Temperatura 51° a 53° centigrados. A agua é limpida bem que contenha em suspensão pequenos corpusculos semelhantes a ocre; o seu sabor é fracamente salgado, e parece-se com o máo caldo de vitella. Contém por litro 3^g,980 de saes, e sobretudo chlorureto de cal. O estabelecimento thermal, que foi reedificado sobre um novo plano, contém 40 banheiras, duchas variadas e salas de estufas.

Estas aguas são uteis nos rheumatismos, paralyisias, ankyloses, engurgitamentos das juntas, molestias dos ossos. A estação de banhos dura de 15 de maio a 15 de outubro. Estas aguas empregão-se sobretudo em banhos e duchas; pouco em bebida. A maior parte dos doentes vão beber agua da fonte ferruginosa de *Jonas*, que se acha ao sudueste da cidade, na vizinhança de um jardim publico, que serve de passeio. A agua de *Jonas* é fria, limpida, de gosto de tinta de escrever.

BOURBONNE. (Aguas salinas chloruretadas quentes.) França. Vai-se de Pariz pela estrada de ferro até Ferté em 7 horas e meia; de Ferté a Bourbonne de carro em hora e meia. Custo: 38 francos.

Bourbonne é uma pequena cidade da França, agradavelmente situada; de 4,000 habitantes. As suas fontes mineraes são tres; a temperatura varia de 63° a 65° centigrados. A agua d'estas diversas

fontes é inodora e perfeitamente limpida; de sabor salgado, amargo e desagradavel. Contém, por litro, 7^g,746 de saes, nos quaes o chlorureto de sodio entra por 6^g,164. Os outros saes são sulfatos de cal e de magnesia.

O estabelecimento thermal compõe-se de dois edificios separados e parallellos; um, de construcção antiga, é o Banho dos homens; outro, mais moderno, é o Banho das Senhoras. Estes dois edificios contém 69 banheiras, seis piscinas, das quaes duas grandes e quatro pequenas, e sete quartos de duchas.

Em bebida, estas aguas, tomão-se de manhã, na dóse de um a tres copos; mas usão-se principalmente em banhos e duchas. Tem muita actividade. Empregão-se nas paralyrias, caries dos ossos, ankyloses, necroses, coxalgias, escrophulas, feridas antigas, engurgitamentos do figado e haço.

A estação dos banhos dura do 1º de junho ao 1º de setembro. Além do estabelecimento civil ha em Bourbonne um hospital militar. Esta estação thermal é mui seria. Bem que haja no estabelecimento civil salões de reunião, os doentes que se dirigem a estas caldas não podem gozar de prazeres estrondosos; as affecções que se tratão em Bourbonne exigem pela maior parte repouso e tranquillidade.

BOURBOULE. (Aguas salinas arsenicaes quentes.) França. Itinerario de Pariz a Bourboule: Estrada de ferro de Pariz a Clermont 9 horas 1/4. Carro de Clermont a Bourboule 5 a 6 horas. Despeza : 55 francos.

As aguas de Bourboule, tem sabor salino; a sua temperatura é de 25 a 52 grãos certigrados conforme as fontes. Contém, por litro 6 grammas e 10 centigrammas de principios fixos, e 88 centigrammas d'acido carbonico livre. Os principios fixos são : chlorureto de sodio, de potassio, de magnesio, de lithio; bicarbonato de soda, de cal, de manganez, de ferro, de ammoniaco, — sulfato de soda, acido silicico, alumina, phosphato de soda, iodureto e bromureto de sodio, e 15 centigrammas (3 grãos) por litro de *arseniato de soda*. São as aguas mais arsenicaes que se conhecem. O Dr. Reveil pôe em duvida a proporção de arsenico demonstrada pela analyse chimica, declarando, que, n'estas condições, a agua de Bourboule deveria ser venenosa, mesmo em dóse relativamente pouco elevada. Entretanto, a pratica mostra que o uso d'estas aguas nunca foi seguido de envenenamento; o que depende sem duvida, quer do estado debaixo do qual se acha o arsenico, quer da presença das outras substancias, que podem impedir os seus effeitos nocivos.

As aguas de Bourboule usão-se em banhos, duchas e como bebida.

São aconselhadas nas molestias de pelle, nas affecções escrophulosas, no rheumatismo chronico. A estação thermal dura de 15 de junho a 15 de setembro. Conservão-se bem, e podem ser transportadas longe da fonte.

BRAÇO. Esta palavra, que designa frequentemente, na linguagem vulgar, a totalidade do membro superior, tem um sentido mais limitado em medicina; o braço, para o cirurgião, é a parte comprehendida entre o hombro e o cotovelo; o resto do membro chama-se *antebraço*. Um só osso, chamado *humero*, constitue a parte central do braço.

Braço (*Deslocações do*). Veja-se DESLOCAÇÃO.

Braço (*Fracturas do*). Veja-se FRACTURAS.

BRAÇO DE PREGUIÇA. (Arbusto.) V VELAME DO MATTO.

BROMO. Corpo simples, metalloideo, descoberto em 1826, no residuo das salinas, que o contém no estado de bromureto de magnesio; existe tambem em algumas plantas marinhas, na maior parte dos molluscos, nos polypeiros, nas esponjas, em algumas aguas mineraes, como Kreuznach na Prussia. O seu nome deriva da palavra grega *bromos*, que significa máo cheiro, porque com effeito o cheiro, que é parecido com o do chloro e do iodo, é mui desagradavel. — É um liquido avermelhado, espalha vapores rubros no ar; um pouco soluvel na agua, mui soluvel no alcool e sobretudo no ether; dissolve-se em cerca de 33 vezes o seu volume d'agua a + 15°, agitando; tem-se então *agua bromada*, de côr rubra-alaranjada. Usa-se na photographia, mas não na medicina; seus compostos são porém empregados na medicina, e sobretudo o seguinte :

Bromureto de potassio. Sal que resulta da combinação do bromo com a potassa. Apresenta-se sob a fórma de crystacs cubicos, brancos, de sabor salgado e picante; mui soluvel na agua, pouco soluvel no alcool. Esta substancia afrouxa a circulação, diminue o calor geral e a sensibilidade. Em dóse elevada, determina enfraquecimento geral, languidez intellectual, perda da memoria, vertigens e somnolencia. Importa que não contenha vestigios de iodureto, cuja acção é inteiramente inversa. Emprega-se no tratamento de muitas molestias; em dóse pequena, 50 centigrammas a 1 gramma (40 a 20 grãos) como fundente nas escrophulas, papeira, diathese tuberculosa; em dóse elevada, 2 a 6 grammas (40 a 120 grãos) por dia, como sedante na epilepsia, asthma e neuralgias.

BRONCHIOS. Durante a inspiração, o ar, para passar da bocca aos pulmões, atravessa primeiro o *larynge*, depois um tubo chamado *traca arteria*, e depois duas divisões d'este tubo, que se

chamão *bronchios*; os quaes se subdividem em outros muitos tubos pequenos que communicão com os pulmões (Fig. 79).

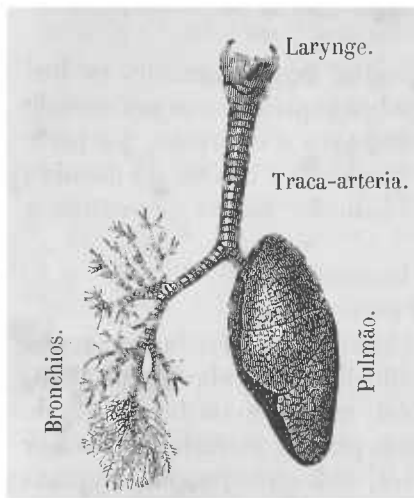


Fig. 79. — Bronchios.

Um dos pulmões acha-se intacto, e do outro lado só figurão as ramificações bronchicas postas a nú.

Bronchios (*Molestias dos*).

Estas molestias são a inflamação da membrana mucosa que reveste interiormente os bronchios : tem o nome de *bronchite* ou *catarrho pulmonar*. (V BRONCHITE). Outra molestia ataca tambem os bronchios e sobretudo o larynge; e vem a ser o *crup* ou *garrotinho*. É uma doença propria da infancia; é caracterizada por uma tendencia para a formação de falsas membranas no canal respiratorio, ou pela formação real d'estas concreções membranosas, que podem impedir então a entrada do ar nos pulmões, e determinar a morte por suffocação. (V CRUP).

BRONCHITE. Inflamação da membrana mucosa, que forra

o canal respiratorio. Chama-se *bronchite ordinaria* ou *simples*, quando ataca só os grossos bronchios, e *capillar* quando se estende ás ultimas ramificações bronchiales. Uma e outra distingue-se, segundo o seu gráo de intensidade, em *aguda* e *chronica*. A bronchite designa-se tambem debaixo dos nomes de *catarrhal*, *catarrho pulmonar*, ou *defluxo do peito*.

Bronchite aguda. *Causas.* A bronchite aguda é uma das molestias mais frequentes; a maior parte das pessoas são d'ella affectadas muitas vezes no decurso de sua vida. Ataca particularmente as pessoas que são sensiveis ás impressões do calor e do frio, e que suão com facilidade, o que se explica pela frequencia das suppressões da transpiração; emfim, todas as idades, todos os temperamentos lhe são sujeitos. A sua causa mais ordinaria é o frio humido. A ingestão de um liquido frio quando o corpo está suando, o resfriamento dos pés, o canto, a declamação a produzem ás vezes. A exposição ao calor póde tambem occasiona-la. Algumas erupções cutaneas, como o sarampo e a escarlatina, são precedidas e acompanhadas de bronchite aguda.

Symptomas. A bronchite leve é uma simples indisposição que merece apenas o nome de molestia. Uma pequena tosse e a expectoração de alguns escarros cinzentos são os unicos symptomas

d'esta affecção, que não impede ao doente de tratar de suas occupaões ordinarias. Na bronchite um pouco mais intensa a tosse é um tanto dolorosa. Existe ainda grande numero de grãos d'esta molestia, desde os que deixei indicados até ao mais intenso, cuja descripção passo a dar. Uma tosse activa, acompanhada de dôres intensas, de calor no peito, que determina rubor e inchação do rosto, jorro de lagrimas, dôr de cabeça, seguida da expectoração de mucosidades escumosas, forma o seu principal e o mais doloroso symptoma. Esta tosse, que se repete frequentemente, provoca ás vezes nauseas e vomitos. A estes symptomas associa-se uma oppressão do peito, a frequencia do pulso, a perda do olfacto, a lingua esbranquiçada, o calor da pelle, emfim a diminuição e côr carregada da ourina. A expectoração é ordinariamente nulla a principio; no segundo ou terceiro dia a tosse torna-se humida; pouco a pouco a mucosidade augmenta, e no fim da molestia torna-se mais espessa e menos abundante. A principio os escarros são ás vezes salgados, depois perdem este sabor e tornão-se brancos, amarellos ou verdes. Todos estes symptomas são ordinariamente mais intensos de noite que de dia; a sua invasão é frequentemente precedida de calefrios, afflicções, espirros, ou de uma pequena dôr de garganta.

Symptomas da bronchite capillar. Os symptomas que deixei descriptos, pertencem á bronchite ordinaria, isto é, á que ataca os grossos canaes bronchicos. A *bronchite capillar* succede quasi sempre á bronchite ordinaria de mediocre intensidade; e só nos casos muito raros é que a inflammação invade primitivamente os pequenos bronchios, e annuncia-se por symptomas mais ou menos graves. De qualquer maneira que comece, logo que a bronchite capillar existe, observa-se uma oppressão extrema, que sobrevem ás vezes quasi de repente. A inspiração, acompanhada de sibilo, faz-se com grande custo; os movimentos respiratorios são accelerados, sobretudo nas crianças, nas quaes se contãrão ás vezes noventa e até cem respiraões por minuto. A tosse é frequente e dolorosa. Emfim, depois dos esforços repetidos, os doentes rejeitão algumas mucosidades glutinosas, com bolhas de ar e por vezes estriadas de sangue; em outros casos são mucosidades amarellas, não arejadas, cuja expulsão não dá nenhum allivio. Com perturbação tão profunda nas funcções respiratorias, a falla é breve, interrompida; o pulso, sempre acelerado, adquire ás vezes uma frequencia excessiva; a pelle está quente, secca ou coberta de suor; todo o exterior exprime o soffrimento e a anxiedade. Os doentes estão constantemente sentados, o rosto torna-se pallido, alterado; as faces e os labios tornão-se violaceos. No fim de alguns

dias os doentes achão-se muito abatidos; a expectoração torna-se mais difficil; as mucosidades, accumulando-se nos canaes bronchicos, determinão pela passagem alternativa do ar um ruido de gargarejo. Se a molestia deve ter um feliz exito, diminue o numero das respirações e a anxiedade. Os ruidos do peito são menos sonoros, menos extensos, menos numerosos, o que indica que o pulmão se tornou mais permeavel; a pelle perde pouco a pouco a côr violacea; emfim, declara-se a convalescença.

Duração e prognostico. A duração da bronchite varia conforme o gráo de sua intensidade. Em geral, a bronchite intensa dura de quinze a quarenta dias, e a leve, de tres a dez dias. A sua terminação é ordinariamente favoravel, e ainda quando grave, é raro que cause a morte. Às vezes passa ao estado chronico.

Tratamento. A bronchite leve cura-se frequentemente por meio de simples precauções hygienicas, como as de abafar-se com roupas proprias, evitar o frio e a humidade, e conservar silencio, quanto fôr possivel. Às vezes estes meios são insufficientes, e é preciso auxilia-lòs com o chá de violas, de malva, ou de althéa; a dissolução de gomma arabica. Adoção-se estas bebidas com assucar, mel de abelhas, xarope de gomma, ou misturão-se com leite. Todas estas bebidas devem tomar-se mornas de dia; e de noite é vantajoso que o doente as tome quentes para excitar o suor, que favorecerá mettendo-se immediatamente na cama e cobrindo-se com bons cobertores. Dissipão-se tambem algumas vezes as bronchites leves pelas bebidas sudorificas, como as infusões quentes de chá de India, de flores de sabugueiro, de borragem, etc. Todas as noites, antes de se deitar, o doente deve tomar um banho aos pés com mostarda. Se a molestia resistir a estes remedios, pôde-se administrar um purgante de oleo de ricino 30 grammas (4 onça), ou 60 grammas (2 onças) de manná em leite ou agua morna.

Uma temperatura branda e uniforme, o silencio absoluto e a dieta quasi completa são as primeiras condições que se exigem na bronchite intensa. O doente deve conservar-se no quarto, e mesmo de cama. É difficil conseguir-se de muitas pessoas que fiquem de cama por uma affecção tão pouco grave. Este meio entretanto diminue muito a duração do mal. O corpo cercado de uma atmosphaera constantemente quente, cobre-se de uma humidade ligeira: este estado é mui favoravel para apressar a marcha da molestia. A bronchite um tanto intensa exige o emprego de um vomitorio. Administrão-se 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) de emetico em uma chicara d'agua morna, e favorece-se o effeito do remedio dando a beber muita agua igualmente morna. Associa-se a este

tratamento o emprego dos pediluvios mui quentes, com agua pura ou misturada com cinza; póde-se ainda ajuntar á agua um pouco de farinha de mostarda; mas é preciso cobrir com um panno o vaso em que se toma o banho, afim de impedir que os vapores irritantes, desenvolvidos pela acção da agua, se dirijão sobre as vias respiratorias, e venhão augmentar a tosse e a irritação. Finalmente, é preciso repetir os banhos aos pés duas vezes por dia. A inspiração dos vapores emollientes é tambem muito util na bronchite. Todas as pessoas podem fazer um apparelho proprio para este effeito: basta deitar agua fervendo sobre flores de malvas ou de sabugueiro, e depois cobrir o vaso com um funil virado: o vapor sahe pela pequena extremidade do funil, e póde ser facilmente aspirado.

Póde-se tambem, por meio das fumigações, applicar o medicamento narcotico sobre a membrana mucosa dos bronchios. Estas fumigações praticão-se segundo a formula seguinte:

Folhas de estramonio. . . .	8 grammas (2 oitavas)
Agua commum.	500 grammas (16 onças).

Ferva durante um quarto de hora. Deite o liquido n'um vaso, cuja bocca cobrirá com um funil, e aspire o vapor que sahe pelo bico d'este.

Podem tambem fazer-se estas fumigações, cobrindo a cabeça com uma toalha, e expondo o rosto ao vapor que se exhala do vaso; mas depois de feita a fumigaçào, que deve durar de cinco a dez minutos, é necessario enxugar o rosto e preserva-lo do contacto do ar frio.

Se estes meios não forem sufficientes, recorra-se aos *pós de Dover*, conforme esta receita:

Pós de Dover.	2 grammas (40 grãos).
-----------------------	-----------------------

Divida em 8 papeis. Para tomar 1 papel de manhã, outro á noite, n'uma colher d'agua fria.

Se a tosse é muito intensa e dolorosa, cumpre empregar internamente os narcoticos, que são: xarope de lactucario, que se administra ás colheres *de sopa*, uma colher tres vezes por dia; — xarope de lactucario opiado, mesma dóse; — xarope diacodio, que se toma na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia, puro ou misturado com a bebida do doente; o opio em pilulas, cuja receita é a seguinte:

Extracto de opio.	15 centigrammas (3 grãos)
Extracto de alcaçuz.	45 centigrammas (9 grãos).

Faça 12 pilulas.

Tomem-se quatro d'estas pilulas por dia, uma pela manhã, outra ao meio dia, e duas ao deitar, para conciliar o somno. As

pastas de althéa, de jujubas, a pasta de Regnault, são empregadas com proveito. Esta ultima prepara-se com flores de malvas, de papoulas, de tussilagem, gomma arabica, balsamo de Tolú e assucar. Recorra-se, finalmente, ás diversas preparações indicadas no fim d'este artigo, no *Receituario da bronchite*.

Quando os symptomas de agudez, e de excitação geral estiverem dissipados, se a bronchite se prolongar e passar ao estado chronico, applique-se um vesicatorio no braço ou no peito. O vomitorio é ainda um dos meios recommendados n'este periodo da molestia. Para provocar os vomitos usa-se de 5 a 10 centigram. (1 a 2 grãos) de tartaro stibiado, que se dissolvem em um copo d'agua morna. Póde tambem tomar-se, em lugar do tartaro, 1 gramm (20 grãos) de poaya em uma colher d'agua. Ás crianças, que não sabem expectorar e que engolem todos os seus catarrhos, é util dar-se-lhes duas a quatro colheres *de chá* de xarope de poaya, para desembaraçar o estomago das mucosidades que n'elle se tiverem accumulado, e facilitar a expulsão das que existirem nas vias respiratorias.

O *tratamento da bronchite capillar* é identico; é preciso sómente proporcionar a energia do tratamento á gravidade do perigo; o tartaro emetico será continuado durante dois ou tres dias, segundo a receita seguinte :

Agua commum	150 grammas (5 onças)
Tartaro emetico.	10 centigrammas (2 grãos)
Xarope diacodio.	15 grammas (meia onça).

Misture. Para beber uma colher *de sopa*, de duas em duas horas. Será necessario applicar quatro ventosas seccas, na base do peito, duas vezes por dia, e um caustico volante na parte superior do peito.

Bronchite chronica. É ás vezes primitiva, porém de ordinario sobrevem em consequencia de muitas bronchites agudas.

Symptomas. A tosse e a expectoração, ordinariamente, são os unicos symptomas que acompanhão a bronchite chronica. A tosse é secca ou humida. N'este ultimo caso, a naturcza da expectoração varia: os escarros são amarellos, cinzentos, puriformes, e mais ou menos opacos (*catarrho mucoso*); ou são transparentes, viscosos e semelhantes á clara de ovo diluida em agua (*catarrho pituitoso*). Quando a tosse é secca, algumas pessoas chamão-lhe *tosse nervosa*. Ás vezes, a quantidade das materias expectoradas é enorme. Tem-se visto doentes deitar muitas libras d'ellas em vinte e quatro horas. A expectoração é abundante sobretudo nas primeiras horas da manhã, porque, durante a noite, os escarros accumulão-se nas vias respiratorias. Passado certo tempo, acontece que

alguns doentes perdem a robustez e as forças; o appetite diminue, apparece sêde, a pelle torna-se quente, principalmente nas palmas das mãos, e o pulso accelera-se. Todos estes symptomas augmentão durante a noite, e são seguidos de suores pela volta da manhã. Depois sobrem a diarreia; o emmagrecimento faz progressos rapidos, e o doente corre risco de vida. Na bronchite chronica não é comtudo mui frequente esta terminação. Vê-se grande numero de pessoas idosas affectadas todos os annos de um catarrho que não perturba as outras funcções, e que as abandona á vinda dos fortes calores. Esta marcha da bronchite chronica é a mais ordinaria, e dura assim muitas vezes por trinta e quarenta annos, sem influir apparentemente no estado geral dos individuos que são d'ella affectados.

Duração e prognostico. É impossivel determinar a duração, mesmo média, da bronchite chronica, pois que, podendo terminar-se em alguns mezes, póde tambem prolongar-se por muitos annos.

Tratamento. Muitos medicamentos tem sido propostos contra a bronchite chronica; porque, com effeito, esta molestia é mui rebelde; mas resistindo a uma serie de meios, cede muitas vezes como por encanto á simples mudança de tratamento.

Entre os primeiros meios uteis, pelos quaes deve ser combatida a bronchite chronica, figurão os vomitorios; mas, para produzirem bons effeitos, devem ser repetidos tantas vezes quantas o permitirem as forças do individuo. A ipecacuanha deve ser preferida ao tartaro stibiado como menos irritante, e por ser dotada de uma propriedade adstringente, que augmenta muito a sua efficacia. Administra-se na dóse de 1 gramma (20 grãos) n'uma pouca d'agua morna. É muito util no intervallo dos vomitorios usar de bebidas tonicas, taes como as decoçções de musgo islandico, de carrageen, a infusão de lupulo, e tambem das aguas mineraes ferreas, e de um regimen tonico, composto principalmente de carne assada. Estas substancias são particularmente indicadas quando os doentes são fracos, magros, e n'aquelles cuja expectoração é muito abundante. Associar-se-lhes-ha o uso de algum vinho velho e generoso. Nas mesmas circumstancias, podem empregar-se as bebidas excitantes, taes como o chá de hera terrestre, hysopo, inula campana, avenca. N'estes casos, tambem aproveitará bastante o emprego dos balsamos de Tolú, do Perú e de terebinthina. A seguinte receita convem muito nas bronchites chronicas :

Kermes mineral.	60 centigrammas (12 grãos)
Assucar..	4 grammas (1 oitava)
Gomma arabica.	4 grammas (1 oitava).

Misture e divida em 12 papeis. Toma-se um papel pela manhã, e outro á noite, n'uma colher d'agua.

Na bronchite chronica deve-se usar do xarope de renovos de pinheiro, xarope de terebinthina, xarope peitoral inglez, xarope de erysimo composto, ou de xarope de ipecacuanha, que vão formulados no fim d'este artigo.

Os vapores de alcatrão ou de terebinthina que se respirão são mui uteis contra a bronchite chronica. Para este fim basta collocar no quarto pratos com alcatrão liquido que se mexe de vez em quando com um páo; ou, então, introduzir 2 gram. (1/2 oitava) de terebinthina n'uma garrafa d'agua quente, e respirar o vapor muitas vezes por dia, por um quarto de hora, por meio de um funil introduzido no gargalo.

Sob qualquer fórma que se apresente a molestia, os vesicatorios são geralmente uteis, e é raro que não sejam de algum proveito. Applicão-se no peito, ou em um dos braços. Antes de recorrer a este meio, cumpre primeiro applicar no peito um emplasto de pês de Borgonha. As fricções no peito com a pomada stibiada de Autenrieth, até produzir erupção, convem muito. Em todos os casos recommendão-se tambem, como meios auxiliares, fricções feitas de manhã e á noite com baeta, ou com uma escova macia, banhos geraes quentes, as pastas peitoraes adiante indicadas; a residencia em um quarto batido do sol, ou, ainda melhor, em um clima mais quente. A mudança de habitação exerce tambem grande influencia, sobretudo quando se passa de um local baixo e humido para outro mais quente e secco. Quando não se póde fazer longas viagens, procurar-se-ha mesmo nos arredores algum lugar, cuja temperatura seja differente da do lugar em que se habita; ás vezes a residencia de poucos dias fóra da habitação ordinaria, basta para produzir a cura.

RECEITUARIO DA BRONCHITE.

1º Tisanas ou bebidas do doente.

Agua de gomma. Veja-se vol. I, pag. 56.

Tisana de salepo.

Salepo em pó.

4 grammas (1 oitava)

Agua..

500 grammas (16 onças).

Ponha ao fogo 400 grammas da agua, e logo que ella ferver, deite-lhe o salepo previamente diluido no resto da agua fria; ferva por um quarto de hora, cõe por panno de lã, e adoce com assucar.

Cozimento de fructos peitoraes.

Fructos peitoraes, (tamaras,
açoifeifas, figos e passas)... 25 grammas (6 oitavas)
Agua... quantidade sufficiente.

Ferva para obter 500 grammas (16 onças) de cozimento, cõe por panno de lã, e adoce com assucar.

Tisana de especies peitoraes.

Especies peitoraes (mistura de partes iguaes de flores de verbasco, papoula, althéa, malva, pé de gato, tussilagem, violeta) 5 grammas (1 1/4 oitava)

Agua fervendo.. 500 grammas (16 onças).

Infunda, cõe, e adoce com assucar.

Tisana de alcaçuz.

Raiz de alcaçuz contusa 5 grammas (1 1/4 oitava)

Agua fervendo. 500 grammas (16 onças).

Infunda por duas horas, e cõe.

Cozimento de musgo islandico. Veja-se MUSGO ISLANDICO.

Outras tisanas.

Infusão de gengibre, 4 grammas (1 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

Infusão de polygala de Virginia, 5 grammas (1 1/4 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

Infusão de flores de verbasco, 5 grammas (1 1/4 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

Infusão de folhas de hysopo, 5 grammas (1 1/4 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

Infusão de violetas, 5 grammas (1 1/4 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

Infusão de avenca, 5 grammas (1 1/4 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

2º Xaropes.

Xarope de gomma. Para adoçar as bebidas, ou para tomar puro ás colheres.

Xarope de avenca. Para tomar ás colheres.

Xarope de lactucario. Para tomar uma colher de sopa 3 ou 4 vezes por dia.

Xarope de lactucario opiado. Dóse : 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Xarope diacodio, 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Xarope de balsamo de Tolu, 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) por dia.

Xarope de renovos de pinheiro, 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Xarope de terebinthina, 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Xarope de phellandrio, 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Xarope de especies bechicas, 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) por dia.

Xarope de especies peitoraes, 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) por dia.

Xarope peitoral inglez.

Agua.	8000 grammas
Tamaras.	1000 grammas
Jujubas.	500 grammas
Raiz de alcaçuz.	250 grammas
Raiz de althéa.	250 grammas
Avenca do Canadá.	125 grammas
Dormidciras.	125 grammas.

Ferva, cõe, ajunte 4000 grammas de assucar, e evapore até á consistencia de xarope. *Dóse*: 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Xarope de ipecacuanha composto ou Xarope de Desessartz.

Ipecacuanha contusa..	30 grammas
Foliolos de sene.	100 grammas
Serpão. ¹	30 grammas
Papoulas.	125 grammas
Sulfato de magnesia.	100 grammas
Vinho branco.	750 grammas
Agua de flores de laranjeira..	750 grammas
Agua fervendo. ..	3000 grammas
Assucar refinado. ...	q. s.

Macere a ipecacuanha e o sene no vinho branco por 12 horas; cõe com expressão e filtre. Ajunte ao residuo o serpão e as papoulas, e deite a agua fervendo sobre o todo. Infunda por 6 horas, cõe com expressão; ajunte ao liquido o sulfato de magnesia e a agua de flores de laranjeira; filtre. Reuna o liquido vinoso ao producto da infusão, e faça, com o assucar ajuntado na proporção de 190 grammas por 100 grammas de liquido, um xarope por simples solução a b. m. — Remedio precioso e experimentado contra a tosse na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Xarope de erysimo composto ou dos chantres.

Cevadilha..	75 grammas
Passas.	75 grammas
Raiz de alcaçuz.	75 grammas
Folhas seccas de borragem.	100 grammas
Folhas seccas de chicoria.	100 grammas
Erysimo recente..	1500 grammas

Raiz secca de inula	100 grammas
Avenca do Canadá.	25 grammas
Alecrim secco.	20 grammas
Rosmaninho.	20 grammas
Herva doce.	25 grammas
Assucar refinado.	2000 grammas
Mel de abelhas.	500 grammas
Agua.	6000 grammas.

Ferva a cevadinha na agua, até rebentar o grão; ajunte as passas, a raiz de alcaçuz cortada, as folhas de borragem e de chicoria incisas, e depois de alguns instantes de ebullicão, cõe com expressão. Torne a pôr o liquido ao lume, e vase-o fervendo n'um b. m. de estanho, que conterà o erysimo previamente pisado em almofariz de marmore, e as outras substancias convenientemente divididas; deixe em infusão por vinte e quatro horas, e distille a fogo nú para extrahir 250 grammas de liquido aromatico. — Cõe com expressão, á parte, o liquido que restou na cucurbita; clarifique-o com clara de ovo, ajunte-lhe o assucar e o mel, e faça por cocção e clarificação um xarope que cozerá, até marcar, fervendo, 1,29 no densimetro (32° B.). Depois de meio arrefecido, ajunte-lhe o liquido distillado, e cõe. *Dóse* : 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia. Molestias do peito.

Xarope de Lanthois, modificado por Ezequiel Corrêa dos Santos.

Doce amarga.	30 grammas (1 onça)
Polygala senega.	30 grammas (1 onça)
Saponaria.	30 grammas (1 onça)
Hera terrestre.	30 grammas (1 onça)
Flores de arnica.	15 grammas (1/2 onça)
Musgo islandico.	15 grammas (1/2 onça)
Agua.	1500 grammas (48 onças)
Vinho da Madeira.	1500 grammas (48 onças).

Deite tudo dentro de um vaso de folha apropriado, feche hermeticamente, e deixe assim em b. m. por oito dias, agitando repetidas vezes. Finda esta maceração, deixe esfriar o liquido, cõe com forte expressão e filtre. Depois de filtrado, ajunte a cada 500 grammas do liquido 1000 grammas de assucar, que é necessario derreter em b. m. no mesmo vaso bem tapado. *Dóse* : Duas colheres de *sopa*, 3 vezes por dia, puro ou dissolvido em uma chicara d'agua morna. Nas bronchites, e outras molestias do peito.

3° **Julepos, loocks, poções.**

Loock branco (*Veja-se Loock*), toma-se ás colheres de *sopa*, no decurso do dia.

Loock calmante.

Loock branco.	150 grammas (5 onças)
Laudano de Sydenham.	20 gottas.

Misture. Uma colher *do sopa*, de hora em hora, na bronchite aguda.

Poção gommosa. Veja-se Poção.

Julepo calmante.

Xarope de opio.	15 grammas (4 oitavas)
Xarope simples.	15 grammas (4 oitavas)
Infusão de tilia.	150 grammas (5 onças).

Misture. Uma colher *de sopa* de hora em hora, na bronchite aguda.

Succo de agríões, 90 a 180 grammas (3 a 6 onças) por dia, na bronchite chronica.

4º Pastas, pastilhas, etc.

Pasta de musgo islandico, 30 grammas (1 onça) por dia.

Pasta de jujubas, 30 grammas (1 onça) por dia.

Pasta de gomma arabica, 30 grammas (1 onça) por dia.

Estas pastas achão-se em todas as boticas.

Pastilhas de balsamo de Tolú.

Balsamo de Tolú.	100 grammas
Assucar	2000 grammas
Gomma arabica.	20 grammas
Agua	q. s.

Digira por duas horas a banho-maria o balsamo de Tolú com o dobro do seu peso d'agua, tendo o cuidado de mexer amiudadas vezes. Deixe arrefecer e filtre. Prepare a mucilagem de gomma alcatira com 180 grammas d'este liquido. Faça pastilhas de 1 gramma (20 grãos). *Dose* : 6 a 12 pastilhas por dia, nas bronchites.

Pastilhas ou tabellas de manná.

Manná em lagrimas.	150 grammas
Assucar	800 grammas
Gomma arabica em pó.	50 grammas
Agua de flores de laranjeira .	75 grammas.

Derreta a calor brando o manná na agua de flores, cõe por panno; ajunte a gomma previamente misturada com duas vezes o seu peso de assucar. Incorpore o resto do assucar, e faça tabelas do peso de 1 gramma (20 grãos). Cada uma contém 15 centigrammas (3 grãos) de manná. *Dose* : 8 a 12 por dia.

Pastilhas ou tabellas de manná de Manfredi, ou Pastilhas de Calabria.

Raiz de althéa.	90 grammas
Agua.	2000 grammas
Manná.	375 grammas
Assucar	3000 grammas
Extracto de opio.	60 centigr.
Agua de flores de laranjeira.	90 grammas
Essencia de bergamota..	5 gottas.

Ferva a althéa na agua durante 10 minutos ; ajunte o manná ; côe ; ajunte o assucar. Evapore até á consistencia de xarope espesso ; ajunte o opio, a agua de flor, e a essencia. Evapore até á consistencia conveniente ; verta a massa sobre o marmore untado com azeite, e divida-a em tabellas de 1 gramma (20 grãos). *Dóse* : 2 a 4 por dia, na bronchite.

Marmelada de Tronchin.

Polpa de canafistula..	30 grammas (1 onça)
Manná em lagrimas.	30 grammas (1 onça)
Oleo de amendoas doces.	15 grammas (4 oitavas)
Xarope de violas.	15 grammas (4 oitavas).

Faça segundo a arte. *Dóse* : Uma colher *de sopa* de hora em hora, como laxativo e expectorante.

Marmelada de Zanetti.

Manná.	60 grammas (2 onças)
Xarope de althéa.	45 grammas (1 1/2 onça)
Cannafistula cozida.	30 grammas (1 onça)
Oleo de amendoas doces.	30 grammas (1 onça)
Manteiga de cacáo.	24 grammas (6 oitavas)
Agua de flores de laranjeira.	15 grammas (4 oitavas)
Kermes mineral.	20 centigrammas (4 grãos).

Faça segundo a arte. *Dóse* : Uma colher *de sopa* de duas em duas horas, como expectorante e laxativo.

BRONCHORRHEA, *Veja-se CATARRHO PITUITOSO.*

BRONZE. Liga muito dura de cobre e de estanho, á qual se ajunta ás vezes zinco e chumbo em quantidade variavel, e mesmo ferro. A composiçáo do bronze nada tem de fixo ; varia segundo o uso ao qual é destinado, para a fabricaçáo dos canhões, dos sinos, das estatuas, das medalhas, etc.

O bronze oxyda-se como o cobre, porém menos rapidamente, e o composto que se forma, contribue para a conservaçáo do metal, formando-lhe uma especie de verniz. Imita-se esta côr por meio de verniz, ou então tinge-se de verde-azulado aquecendo o bronze

com a seguinte composição : oxydo de cobre 500 grammas ; ammoniaco 4,75 ; acido acetico 2 litros ; agua 10 litros.

Bronzear é dar a côr de bronze a qualquer substancia ; metal, madeira, barro, gesso, etc. Os processos empregados para este fim consistem, em geral, em cobrir o objecto que se quer bronzear com uma camada preparatoria que varia segundo o objecto (colla de Flandres, oleo seccativo, gomma arabica, etc.), e em applicar depois chlorureto de antimonio, deuto-sulfureto de estanho, ou limalha de bronze ou de cobre amarello reduzido a pó impalpavel, (ouro moido).

Modos de limpar os objectos de bronze dourado. 1º modo. Molhão-se os objectos em agua a ferver em que se tenha dissolvido pequena quantidade de sabão branco, e depois em agua pura, a ferver ; seccão-se por fim ao ar livre, e esfregão-se com giz contido em pellica.

2º modo. Tirão-se as nodoas de cera, de gordura, etc., com pequena quantidade de soda ou potassa caustica dissolvida em agua, lavando as manchas com esta solução quente. Deixa-se seccar, e, depois, passa-se sobre o dourado um pincel molhado na mistura seguinte : agua 125 grammas, acido azotico 32 grammas pedrahume 4 grammas. Enxuga-se depois o bronze, e secca-se lentamente ao sol ou a fogo moderado.

BRYONIA OU NORÇA BRANCA. *Bryonia dioica*, Jacquin, Cucurbitaceas. Planta trepante da Europa ; em Portugal habita frequente pelos tapumes nos arredores de Coimbra, e outras partes. Folhas apalmadas, de uma e outra parte asperas ; fructo, pequena baga do tamanho de uma ervilha grande, vermelha ou negra, glabra. Raiz carnosa, fusiforme, frequentemente bifurcada, do tamanho da coxa de uma criança, amarellada por fóra, cinzenta por dentro, de cheiro viroso e nauseabundo, sobretudo quando fresca, de sabor acre e caustico. O seu succo produz erosões na pelle, e tomado internamente constitue um purgante violento. Estas propriedades não desaparecem senão em parte pela dessecção. A bryonia secca é branca, cortada em rodellas de grande diametro, com estrias concentricas, de sabor amargo, acre, e de cheiro desagradavel. Póde-se destruir o principio caustico da bryonia ralando-a quando fresca, e deixando fermentar a polpa durante algum tempo, obtem-se então uma fecula abundante que póde substituir a dos cereaes e da batata, em alguns dos seus usos.

A raiz de bryonia é empregada contra a hydropisia, hysterismo e paralytia : raiz secca em pó na dóse de 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) ; succo espresso 16 a 20 grammas (4 a 5 oitavas).

BROTOEJA. Veja-se BERTOEJA.

BUBÃO. Veja-se MULA e INGUA.

BUCHA DOS PAULISTAS (Minas), PURGA DE JOÃO PAES (S. Paulo). *Momordica operculata*, Linneo. Cucurbitaceas. Planta trepadeira, que habita espontanea no Brasil. Folhas oppostas, angulosas, denteadas, com a base cordiforme; fructo, peponida elliptica, angulosa, guarneçada de pontas caducas, encerra muitas sementes contidas no interior de um tecido reticular resistente; empregado para buchas de espingarda, d'onde lhe vem o nome. O fructo é drastico; usa-se em infusão que se prepara com 8 gram. (2 oitavas) do fructo e 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo; toma-se esta infusão ás colheres *de sopa*, de quarto em quarto de hora, até ao effeito purgativo. Seu extracto actua como purgante na dóse de 15 a 40 centigrammas (3 a 8 grãos) em pilulas.

Goza das mesmas propriedades, e tem os mesmos usos a *Buchinha*, *Luffa purgans*, Martius, Cucurbitaceas.

BUCHU. *Diosma crenata*, Linneo. Rutaceas. Fig. 80. Arbusto do Cabo da Boa-Esperança. As folhas são ovaes-oblongas, finamente crenadas, guarneçadas de glandulas cheias de oleo volatil; cheiro forte, analogo ao da hortelã e da arruda; sabor acre e aromatico. Estas folhas são tonicas, estimulantes, diureticas e sudorificas.

Empregão-se no catarrho da bexiga e nas molestias da prostata, em infusão, que se prepara com 16 grammas (4 oitavas) das folhas e 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo. A *tintura* administra-se na dóse de 8 a 40 grammas (2 a 10 oit.); o *extracto* na dóse de 25 a 50 centigrammas (5 a 10 grãos). O *oleo essencial* usa-se em fricções nas dôres rheumaticas.

BUGIAS, CANDELINHAS OU VELINHAS. É o nome de certos rolos quasi cylindricos, de mui pequeno diametro, destinados a serem introduzidos no canal da urethra. Preparão-se com tiras de cambracia finissima, cobertas nos dois lados de uma substancia emplas-

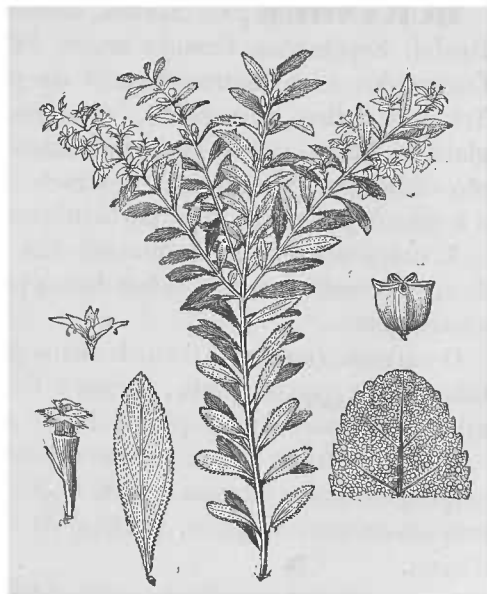


Fig. 80. — Buchu.

tica, e enroladas sobre si mesmas. São empregadas no tratamento dos estreitamentos da urethra, para dilatar mecanicamente este canal. Differem das *sondas*, em serem estas ôcas em todo o seu comprimento, e terem perto da extremidade, que se introduz, duas aberturas para deixar passar a urina, enquanto que as bugias são massiças em toda a sua extensão.

BULIMIA. Anomalia de digestão que obriga a comer no intervallo ordinario das comidas, e mesmo a levantar-se de noite para tomar alimento. É uma perversão de sensibilidade. Ha n'essas pessoas dôr de estomago que simula a sensação da fome, e esta falsa necessidade mal comprehendida é que as obriga a comer continuamente.

Estas pessoas devem comer moderadamente, e usar de preferencia de regimen vegetal e do leite. Quando á hora insolita sentem a necessidade de comer, que tomem 1 pilula seguinte:

Opio.	2 centigrammas
Extracto de valeriana.	5 centigrammas.

Faça 1 pilula, e como esta mais quatro.

BURANHEM, GUARANHEM, MONESIA. *Chrysophyllum buranhem*, Riedel. Sapotaccas. Grande arvore do Brasil, que se encontra no Corcovado, e em outros lugares da provincia do Rio de Janeiro. Tem as folhas pecioladas, oblongas, com a base attenuada, glabras; fructo, vagem amarella contendo uma semente. Os fructos são comestiveis; a casca e o extracto empregão-se em medicina; e a este é que se dá mais particularmente o nome de *monesia*.

A casca acha-se no commercio em pedaços grandes, pesados, de côr vermelha-escura, sabor doce a principio, e depois um pouco adstringente.

O extracto (*monesia*) é em bocados grandes ou pequenos, de côr roxa-escura, quasi preta, fractura luzente, soluvel em agua, de sabor adocicado a principio, e depois amargo e um pouco acre.

O cozimento da casca de buranhem é adstringente e como tal empregado em lavatorios contra as ulceras antigas. Este cozimento prepara-se com 30 gram. (1 onça) da casca e 120 gram. (24 onças) d'agua.

O *extracto* é aconselhado como adstringente e tonico, internamente na diarrhea, e nos escarros de sangue, na dôse de 30 centigram. a 1 gram. (6 a 20 grãos) em pó ou pilulas; e externamente nas ulceras.

BURRA. Nome vulgar de uma arvore da familia das Euphorbiaceas, que habita na Ilha de Fernando de Noronha, e provavelmente nos outros lugares do Brasil. As folhas são alternas, verde-escuras, lustrosas, com peciolas purpurinos. O succo é muito caustico,

e faz grande damno ao gado. Os animaes, que se aproximão d'esta arvore, queimão-se a tal ponto, que os lugares atacados jamais crião cabelo. Uma gotta de sua seiva determina uma queimadura semelhante á do fogo. A madeira nem para lenha serve, porque o fumo ataca a vista d'aquelles que a empregão como combustivel.

BURRO ou **JUMENTO**. Este animal é originario dos paizes quentes, da Africa ou da Asia, e por isso as raças asininas mais perfeitas são as que se tem formado nos paizes quentes; e ao passo que se afastão para os climas frios, degenerão cada vez mais. Os burros não tem todos a mesma altura : são mais ou menos altos; mas para ser reputado bem feito, o burro de talhe médio, medido no lugar dos membros dianteiros, deve ter 3 pés e 4 1/2 pollegadas (1 metro) de altura, e 4 pés e 6 pollegadas (1 metro 46 centímetros) de comprimento do apice da cabeça até o anus. No primeiro anno, o burro é alegre e mesmo assaz bonito, bem que coberto então de longos pellos; é ligeiro e garboso; mas perde logo todas estas qualidades : torna-se indocil e teimoso. A jumenta, como a maior parte das outras femeas, tem para a sua progeneritura grande affeição. Plinio assegura que quando ella se vê separada do seu filho, seria capaz de atravessar chammas para se reunir a elle.

O burro, como os outros animaes domesticos, affeição-se ao seu dono, que elle sente e distingue de todos os outros homens. Reconhece tambem os lugares que tem por costume habitar, e os caminhos que tem frequentado. Tem bons olhos, excellente olfacto e ouvido mui fino. Quando o sobrecarregão, manifesta o seu pezar inclinando a cabeça e abaixando as orelhas; quando o atormentão muito, abre a bocca e retrahe os beiços para cima, o que lhe dá um ar máo; defende-se como o cavallo, com o pé e com os dentes; como elle, anda, trota, galopa; mas todos estes movimentos são pequenos e muito mais lentos; não póde correr com alguma velocidade senão por pequeno espaço de tempo; e qualquer que seja a andadura que toma, se o apressão demasiado, estaca e faz-se renitente.

O burro é geralmente lento. A sua andadura é branda, e não ha animal que tenha o pé tão seguro nas vcredas estreitas e escorregadiças; mesmo sobre a borda dos precipicios. É resistente ao trabalho, paciente e tranquillo; é, além d'isto, de uma grande sobriedade; e não só é de pouco sustento, mas come as forragens e grãos de inferior qualidade, que os outros animaes rejeitão, e até mesmo os vegetaes duros e espinhosos. A palha cortada muito miuda é a alimentação que prefere. Entretanto gosta muito de

farelos, feno, aveia; e come voluntariamente hervas frescas. Supporta a sêde muito mais tempo do que o cavallo. É um dos animaes domesticos mais uteis para a agricultura e para o commercio.

O burro é considerado quasi exclusivamente como animal de carga, mas pôde ser empregado no serviço de sella ou de tiro. Na idade de tres annos e meio ou de quatro annos, pôde fazer todos os trabalhos: por conseguinte deve ser ferrado. A semelhança do seu casco com o da besta muar exige o mesmo genero de ferradura. Mas as ferraduras devem ser delgadas, sem o que os movimentos serião mais lentos, e o casco se destruiria bem depressa. Quando se emprega no serviço de albarda, deve haver o cuidado de o sellar com alguma anticipação, e de apertar a cilha ao sahir da estrebaria; pois, seja porque elle incha o corpo durante o tempo que se lhe mette o apparelho, seja por qualquer outro motivo, a cilha, que parece bem apertada, fica logo frouxa, o que pôde occasionar algum accidente. O burro supporta grandes cargas.

Para a reproducção devem escolher-se os individuos de grande estatura. O jumento acha-se apto para a reproducção aos 3 annos e meio, e a jumenta na idade de 3 annos. A femea anda gravida 12 mezes e alguns dias. Ao cabo de 6 mezes, pôde-se desmamar o burrinho. Os jumentos empregados no trabalho devem ser castrados na idade de 30 mezes, porque na época do cio, os jumentos inteiros manifestão tal furor venereo na presença das femeas, que se tornão difficeis de governar.

Conhece-se a idade do burro pelos dentes, como a do cavallo.

O jumento trabalha desde a idade de 18 mezes. Conserva-se muito forte até á idade de 15 annos; mas raras vezes chega ao cabo de sua carreira, que é de vinte e cinco a trinta annos. Quanto ás molestias a que este animal está sujeito, são quasi as mesmas que as do cavallo, e são internas e externas. Entre as primeiras, contão-se, o *tetano*, o *mormo*, a *coryza*, a *pulmoeira*, a *tosse*, a *diarrhea*, as *colicas*, etc. Entre as segundas, a *fava*, o *cancro da lingua*, as *parotidas*, a *fluxão das palpebras*, a *cataracta*, o *mal de cernelha*, o *ante-côr*, o *esforço da anca*, a *quebradura*, as *lupas*, a *inchação do ventre*, a *inchação do escroto*. a *sarna*, as *verrugas*, a *torcedura*, a *agua nas pernas*, as *gretas*, as *alcançaduras*, as *seismas*, os *cravos da rua*, os *figos*, e o *gavarro*.

O leite de burra emprega-se como alimentação emolliente nas molestias do peito; é util sobretudo quando ellas estão no principio. A pelle d'estes animaes é muito empregada nas artes, por causa da sua dureza e elasticidade.

BUSSOLA. *Veja-se* IMAN.

BUTUA. *Cocculus platyphylla*, Saint-Hilaire. Menispermias.

Planta do Brasil; habita especialmente em Minas. Caule lenhoso, trepante; folhas alternas, cordiformes, um tanto crenuladas, glabras por cima, tomentosas por baixo. A raiz é empregada em infusão contra as febres intermitentes: 8 grammas (2 oitavas) para 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo.

BUXO. *Buxus sempervivens*. Linneo. Euphorbiaceas. Arbusto sempre verde, que se cultiva em Portugal. Varia singularmente de tamanho, segundo os climas e cultura; termo médio tem 4 a 5 metros de altura, mas póde reduzir-se ao estado anão para servir de ornamento aos canteiros dos jardins. Tem folhas oppostas, ovaes, lisas, de um verde-escuro; flores amarellas; o fructo é uma pequena capsula, com 3 loculamentos e 6 sementes. Lenho bastante solido, duro, pesado, pallido-citrino. Casca branca-amarellada, mui amarga; emprega-se ás vezes na fabricação da cerveja em vez de lupulo. Na medicina usa-se a casca e a raiz contra o rheumatismo e syphilis, debaixo da fórmula de decocto, que se prepara com 15 grammas (1/2 onça) de buxo e 300 grammas (10 onças) d'agua.

C

CAA-ATAYA. HERVA-FERRO, MATA-CANNA (Bahia), ORELHA DE RATO (Pará e Matto-Grosso), PURGA DE JOÃO PAES. (*Vandellia diffusa*, Linneo.) Scrophularineas. Planta do Brasil. Caule quadrangular; folhas ovaes, crenadas, pedunculos axillares de uma só flor. Toda a planta é amarga, um pouco acre, mucilaginoso. Goza de propriedades purgativas na dóse de 4 grammas (1 oitava) e mais. É empregada nas molestias do figado.

CAAMEMBECA. *Polygala paraensis*, Castro. Polygaleas. Planta do Brasil; habita no Pará. Caule de 3 a 5 pés de altura; folhas alternas, agudas, de côr verde-escuro por cima e arroxeadas por baixo; flores dispostas em espiga. Segundo o Sr. Dr. Castro, as folhas usão-se interna e externamente como refrigerantes, contra as hemorroidas. O cozimento em bebida, 1 onça de folhas para 24 onças d'agua. Em clyster, succo espresso 2 onças com uma gema de ovo. O cozimento usa-se tambem em banhos.

CAA OPIA, Páo de laere. *Vismia guianensis*, Pers. Hypericineas. Arbusto do Brasil, Guiana e Perú. Folhas ovaes oblongas, pontudas, brancas tomentosas por baixo. Por meio de incisões feitas no tronco, e mesmo em todas as suas partes, obtem-se um succo gommo-resinoso, o qual concretando-se torna-se de côr

amarella-alaranjada. Esta gomme-resina, chamada *gomma-lacre*, é um purgante energico na dóse de 15 a 20 centigrammas (3 a 4 grãos) em pilulas.

A *Vismia micrantha* e *Vismia laccifera*, Martius, arvores da mesma familia, fornecem tambem um succo purgativo.

CAAPEBA. *Veja-se* CIPÓ DE COBRA e PERIPAROBA.

CAAPIA, CARAPIA. *Veja-se* CONTRAHERVA.

CABEÇA. (MOLESTIAS DA). Varias molestias da cabeça vão descriptas em artigos separados. *Veja-se* GALLOS, FERIDAS DE CABEÇA, DÔR DE CABEÇA, ENXAQUECA, APOPLEXIA, CONGESTÃO CEREBRAL, MENINGITE, TINHA, OZAGRE.

As pancadas na cabeça, ou as quédas, produzem muitas vezes a *commoção cerebral*. (*Veja-se* esta palavrã.)

Cabeça (Contusão da). *Veja-se* CONTUSÃO.

Cabeça (Empigem da). *Veja-se* TINHA.

Cabeça (Fracturas da). *Veja-se* FRACTURAS.

CABEÇA DE PREGO. Dá-se este nome ao fruncho ou leicenço. *Veja-se* FRUNCHO.

CABELLOS. Os cabellos são prolongamentos filiformes, formados de uma substancia analoga ao chifre, que nascem da pelle e cobrem algumas partes do corpo humano. Tem differentes nomes, conforme a região do corpo em que crescem. Chamão-se cabellos da cabeça, ou simplesmente *cabellos*, os que cobrem as partes superior e posterior do craneo; *sobrancelhas*, os que formão um arco transversal por cima dos olhos; *pestanas*, os que guarnecem as bordas livres das palpebras; *bigodes*, os que cobrem os beiços; *barba*, os que se achão na parte inferior do rosto; *suiças*, os das faces. Os cabellos tambem existem mais ou menos abundantes no peito, no pubis, em roda do anus, nos sovacos, na abertura das ventas e do conducto auditivo externo; e achão-se espalhados em todas as outras partes. Sua organização apresenta duas partes distinctas, o *bulbo* e a *haste*. O bulbo ou a raiz do cabello é uma pequena vesicula implantada no tecido sub-cutaneo. Este bulbo é provido de ramos vasculares que o nutrem. A haste ou o cabello propriamente dito adhere por uma extremidade ao bulbo, é livre no resto da sua extensão, e inteiramente insensivel. As diversas alterações dos cabellos resultão da affecção do bulbo. Quando se arrancão, a sua regeneração opera-se pelo mesmo mecanismo que a sua producção normal, e póde-se renovar emquanto se não destroe o bulbo.

Os cabellos são elasticos, flexiveis, e deixão-se estender um pouco. Sabe-se com que facilidade a agua os penetra, os alonga, e que partido tirárão d'esta propriedade os physicos para fazerem

com elles hygrometros, especie de instrumentos que servem para avaliar o grão de humidade da atmosphaera.

Os cabellos offerecem differenças constantes conforme as raças, mas apresentam tambem variedades numerosas nos individuos da mesma raça. Na raça dita europca, são geralmente finos, compridos e varião do branco ao preto; na raça mongola, que habita as regiões mais remotas do norte, são hirtos, pretos e curtos; na raça negra, são pretos, espessos e encarapinhados; nos Americanos são pretos, corredios e fortes; e na raça malaia, que occupa o centro do Oriente e da Asia, são espessos e lisos. Estas modificações dependem do temperamento dos individuos e dos climas que habitão. Os povos dos paizes quentes, como os Arabes, os Italianos, os Hespanhoes, os Portuguezes, os Brasileiros, tem geralmente os cabellos pretos, duros e seccos. Os habitantes das regiões frias, como os Inglezes, os Allemães, os Hollandezes, os Russos, os Polacos, tem em geral os cabellos louros.

Examinemos agora os cabellos em suas regiões respectivas.

Os cabellos da **cabeça** podem crescer consideravelmente e chegar até á cintura, coxas, pernas e mesmo até aos pés. São susceptivcis de uma especie de cultura, e não se pôde negar que cuidados cosmeticos (*veja-se* esta palavra) influem de uma maneira poderosa no seu comprimento natural. Nas pessoas que estão no costume de corta-los frequentemente, crescem com maior força. Os cosmeticos geralmente usados compõem-se de corpos gordos não rançosos, taes como o tutano de boi, a banha de porco, o oleo de amendoas doces, todos mais ou menos aromatizados com differentes essencias, e adornados com appellidos mais ou menos pomposos. Estas preparações são sufficientes para entreter a flexibilidade dos cabellos; mas querendo-se prevenir a sua quéda, deve-se esfregar a cabeça com agua de Colonia para estimular os bulbos mais ou menos mortificados.

Os cabellos longos convem só ás mulheres; os homens devem trazer o cabello curto. Deve ser penteado e escovadó regularmente todas as manhãs, com escova que não seja muito aspera, para não arranca-lo. Os cosmeticos, oleos e pomadas, convem só ás pessoas cujo cabello é rude, secco e quebradiço: cumpre abster-se d'elles ou usar d'elles raras vezes quando se tem o cabello naturalmente oleoso. N'este caso, para absorver o excedente da materia oleosa, pôde-se polvilhar a cabeça com polvilho ou farelos, e pentear depois o cabello com muito cuidado. Os lavatorios com a mistura de aguardente e gema de ovo preenchem o mesmo fim.

Os cabellos das mulheres exigem cuidados particulares. Ao desemmaranha-los cumpre separa-los com precaução em linha

recta, afim de não quebra-los. Se são longos e espessos, dividem-se em differentes madeixas que se penteão separadamente, e escovão-se com escova de crinã ou de raizes finas de arroz. Se os cabellos não são de natureza olcagínosa, nem mui longos ou cobertos de caspa, não é absolutamente necessario pentea-los todos os dias com o pente fino de marfim. Não se deve encrespa-los com ferro quente: esta pratica, se é frequentemente repetida, fal-os seccar e torcer. Se se atão os cabellos com fita ou cordão, deve este ser moderadamente apertado. É preciso depois de tiradas as grampas, que segurão o cabellos, sacudir as madeixas, e trança-las.

É mui acertado o costume de trançar os cabellos, para impedir que se embaracem durante a noite. Sendo preciso lavar a cabeça completamente, convem fazer uso de um liquido feito com uma gema de ovo e um pouco d'agua de Colonia, ou com aguardente e agua, e lavar depois a cabeça com agua morna.

Os cabellos são susceptiveis de cahir (*calvicie*), de mudar de côr e de tornar-se brancos (*canicie*), podem ser tambem affectados da *tinha*. Veja-se CALVICIE, CANICIE, TINHA.

As **sobrancelhas** tem ordinariamente maior força e maior rigidez do que os cabellos da cabeça; é raro que tenham uma côr differente; entretanto observão-se exemplos d'isto. « Depois dos olhos, diz Buffon, as partes do rosto que mais contribuem para avivar a physionomia são as sobrancelhas; dão uma sombra ao painel que lhe faz sobresahir as côres e a fórma. » Atribue-se-lhes o uso de impedir que o suor da testa corra sobre o globo do olho, e de moderar a acção da luz quando demasiado activa, diminuindo a massa dos raios que vem concentrar-se n'este orgão. Tem-se notado, com effeito, que quando faltão as sobrancelhas totalmente ou em parte, os olhos são dolorosamente affectados, mas isto é menos uma molestia do que uma deformidade que a arte cosmetica pôde palliar. Remedeia-se isto pela applicação de sobrancelhas postizas, e mais frequentemente ainda tingindo-se o lugar com tinta, ou por qualquer outro meio, porque mais se deve combater a deformidade do que o effeito da luz. A quéda d'estes cabellos pôde provir de muitas causas differentes, taes como a syphilis, as empigens, a tinha, ozagre, etc. As mesmas causas podem determinar tambem ulceras nas sobrancelhas, e então só pôde convir um tratamento interno e appropriado; mas ás vezes tambem procedem da presença de um insecto chamado vulgarmente piolho ladro, o qual, insinuando-se na pelle da sobrancelha, dá lugar a ulcerações que o doente augmenta com o coçar-se. N'este caso, bastão algumas fricções com unguento mercurial. Quanto aos

cosméticos, que podem favorecer o crescimento das sobrancelhas, são os mesmos usados para os cabellos.

As **pestanas** são cabellos que guarnecem a margem livre das palpebras. A sua direcção é para cima na superior e para baixo na inferior; de sorte que, afastada uma da outra, assim como do globo do olho, garantem ambas este ultimo do contacto dos argueiros [que volteão no ar, e servem, além d'isso, de embate contra os raios luminosos mui intensos. Qualquer que seja o seu numero, emquanto conservão a direcção natural, o orgão da vista não soffre incommodo algum; mas, se se dirigem para dentro, determinão pelo seu contacto sobre a superficie do olho uma inflamação intensa que persiste emquanto dura a causa. Tem-se proposto, para remediar este inconveniente, chamado *trichiasis*, o arrancar ou cortar o pequeno numero de cabellos, cuja direcção é contranatural; mas logo tornão a crescer mais grossos, e por conseguinte mais perigosos. O unico meio efficaz consiste em cauterizar a raiz com um estylete quente, para operar uma cicatriz dura e callosa que o cabelo não possa furar. Mas, quando a grande parte ou a totalidade da pestana toma esta má direcção, procedente de estar a palpebra virada para dentro, é preciso cortar uma porção da pelle da palpebra para que a pestana tome a sua direcção natural.

Barba. Os cabellos da barba não differem dos das outras partes do corpo senão pela sua aspereza. A raiz d'elles está implantada no bulbo, formando um como ganchinho, o que torna a evulsão difficil, de sorte que fica muitas vezes um fragmento que reproduz um novo cabelo. A época do crescimento da barba é a da puberdade; até então o rosto não apresenta senão um leve buço commum aos dois sexos. O desenvolvimento da barba pôde ser apressado, cortando-a frequentemente e lavando-a com sabão. Seria facil dar aqui uma longa lista de substancias aromaticas e excitantes, capazes de produzir o mesmo resultado, que os perfumistas e os cabelleireiros vendem como composições secretas e maravilhosas. Todos estes meios actuão determinando um augmento da vitalidade da pelle, em razão do affluxo mais consideravel do sangue que provocão n'esta parte.

A barba, como todas as producções analogas, não é susceptivel de adoecer isoladamente, e não faz senão participar mais ou menos do estado são ou morbido da pelle, em que se acha implantada. As molestias que podem affectar especialmente este ultimo orgão na região onde cresce a barba, e reagir sobre ella, são as differentes especies de dartros, e principalmente aquella que se designa com o nome de *mentagra*. Consiste esta em botões

vermelhos, conoides, lisos, que se desenvolvem successivamente, occasionão uma comichão mui viva, e suppurão. Estes botões são acompanhados de uma inflammação mais ou menos consideravel, e ordinariamente de muitas erupções. A mentagra affecta principalmente os homens de temperamento bilioso e sanguineo, que tem muita barba. Os excessos de mesa, o abuso de bebidas alcoolizadas e de temperos, o pouco asseio, algumas applicações irritantes, o emprego de uma navalha suja ou mal afiada, favorecem o desenvolvimento d'esta molestia. *Veja-se* MENTAGRA.

O cóрте quotidiano da barba dá lugar muitas vezes a uma irritação, especie de erythema da pelle, que, propriamente falando, não é uma molestia, mas produz uma coloração desagradavel á vista, e uma comichão importuna. O melhor remedio para isso consiste em lavar o rosto com agua fria, animada com certa quantidade d'agua de Colonia.

Terminarei este artigo mencionando um phenomeno que parece extraordinario, e vem a ser o augmento do comprimento dos cabellos depois da morte; o que se explica pelo estado hygrométrico da sua substancia, e sobretudo pela depressão das partes que cercão as raizes.

RECEITAS PARA O CABELLO.

Tintura ou alcooleo de quillaya.

Casca de quillaya em pó	100 grammas
Alcool a 70º centesimaes	400 grammas
Essencia de bergamota	1 gramma,

Macere durante quatro dias a casca de quillaya no alcool, filtre e ajunte a essencia. 1 parte d'esta tintura misturada com 5 partes d'agua constituem um liquido que emulsiona poderosamente os corpos gordos, e póde servir para desengordurar o cabello e os estofos.

Agua atheniana, Agua romana.

Estes liquidos, que são empregados para limpar o cabello, compõem-se de alcool, saponina e algum oleo essencial aromatico. São mui proprios para tirar a caspa. A *saponina* é uma substancia que se extrahе da casca de *quillaya*, arvore do Chili; é soluvel na agua que torna viscosa e espumosa como a de sabão.

Agua de quina para limpar a cabeça.

(Nas parfumarías chamão-lhe : *Agua de quinina*).

Casca de quina amarella	30 grammas
Agua commum	500 grammas
Carbonato de potassa	2 grammas

Cochonilha	2 grammas
Alcool	80 grammas
Oleo essencial qualquer	10 gottas.

Ferva a quina na agua, dissolva no decocto o carbonato de potassa e a cochonilha; filtre, ajunte o alcool e qualquer oleo essencial para aromatizar. Boa preparação.

Oleo philocomo.

Tutano de boi; oleo de amendoas doces; oleo de avelãs; de cada substancia, partes iguaes. Derreta a calor brando e aromatize com algum oleo essencial.

Oleo de Celebes.

Azeite doce.	1000 grammas
Canella	30 grammas
Sandalo citrino	45 grammas
Essencia de laranja..	4 grammas.

Digira durante 8 dias a canella e o sandalo no azeite a calor brando; filtre e ajunte a essencia.

Pomada cosmetica.

Tutano de boi	15 grammas
Banha de vitella	15 grammas
Oleo de amendoas	4 grammas
Balsamo peruviano	2 grammas
Baunilha cortada.	1 gramma.

Aqueça tudo a banho-maria durante uma hora; cõe; mexa em almofariz até ficar frio.

Pomada divina.

Espermacete..	125 grammas
Banha de porco.	250 grammas
Oleo de amendoas.	375 grammas
Benjoim em pó	125 grammas
Baunilha cortada	42 grammas

Digira tudo a banho-maria durante seis horas; cõe.

Pomada para fazer crescer o cabello. (Griffith.)

Manteiga de cacáo.	15 grammas
Manteiga de moscada.	15 grammas
Essencia de alfazema .	15 grammas.

Derreta a banho-maria, e misture.

Bandolina.

Preparação mucilagínosa para lustrar e fixar o cabello. Ha muitas receitas de bandolina, que estão indicadas no meu *Formulario*, 9ª edição, pag. 789. Entrão na sua composição, conforme as receitas, gomma alcatira, oleo de ricino, oleo de amendoas doces, cera, glicerina, mucilagens de sementes de marmelo ou

de musgo de carragaheen, espirito de vinho e essencias aromaticas. É hoje pouco empregada.

Para outras receitas, *veja-se* CALVICIE.

CABELLO BRANCO. *Veja-se* CANICIE.

CABRA. Animal domestico. Uma boa cabra deve ter o talhe grande, o andar firme e ligeiro, a garupa larga, as coxas fortes, os ubres grossos, o pello macio e basto. Vive 10, 12, e mesmo 18 annos. Este animal, vivo e caprichoso, gosta de andar vagabundo, e revolta-se contra os máos tratamentos. Tratada com brandura, a cabra familiariza-se facilmente, e mostra-se sensivel ás caricias; segue docilmente a pessoa que cuida d'ella, e amamenta de boa vontade as crianças a quem se dá por ama. Deve ser fecundada desde a idade de dois até sete annos; os fructos de uma fecundação prematura ou muito tardia são fracos e defeituosos. Anda prenhe cinco mezes; páre no principio do sexto; amamenta seus filhos durante um mez ou cinco semanas. Produz ordinariamente um só cabrito, ás vezes produz dois, raramente tres. O parto é frequentemente laborioso e reclama a assistencia do veterinario, e para facilita-lo dá-se a beber á cabra um pouco de vinho quente com assucar. Podem mungir-se as cabras 15 dias depois do parto; dão leite em abundancia durante 4 a 5 mezes. Bem alimentadas, podem dar até 4 litros por dia. O leite de cabra é de um recurso domestico quasi universal; é mais saudavel e melhor que o da ovelha, é menos grosso que o da vacca, e menos seroso que o da burra; coalha-se facilmente e contém pouca manteiga. Em muitos paizes faz-se queijo com leite de cabra. O afamado queijo de Roquefort é feito com uma mistura de leite de cabra e de ovelha.

A cabra é muito facil de alimentar; quasi todas as hervas lhe convem, e contenta-se com a alimentação grosseira. Teme os prados humidos, e gosta dos lugares montanhosos para trepar ás rochas mais ingremes, comer toda a qualidade de arbustos, cascas e hervas; o seu appetite, naturalmente voraz, é o inimigo mais destruidor das arvores e arbustos. É preciso afasta-la dos lugares cultivados, impedir que entre nas searas. Na pastagem, cumprir atar as cabras a qualquer estaca com uma corda comprida, de maneira que possam correr e saltar livremente, sem que, comtudo, possam estragar cousa alguma. Nas familias que entretem uma ou duas cabras, a maneira mais vantajosa de as alimentar, consiste em tê-las em estabulação permanente. Apesar do seu natural petulante, a cabra não soffre nada d'este estado de repouso; deve sómente haver o cuidado de cortar de tempos a tempos o corno de seus cascos que, não estando gastos pelo attrito, alongão-se a

ponto de lhe estorvarem o andar. Alimenta-se com herva fresca cortada no mato; precisa pelo menos 18 a 20 libras de forragem fresca por dia. No inverno contenta-se com palha e forragens seccas grosseiras.

Ha muitas raças de cabras : raça commum, cabra de Angora, cabra de Thibet ou de Cachemira, cabra do Egypto, etc. A cabra de Cachemira tem a conformação analoga á das cabras communs, porém o seu tosão é muito fino e espesso, e cobre todo o corpo até ás extremidades dos membros. Com este tosão fabricão-se os afamados chales de Cachemira; mas estas cabras não são boas leiteiras. *Veja-se* BODE, CABRITO.

CABRITO. Durante 15 dias ou tres semanas, deixa-se ao cabrito todo o leite de sua mãe. Priva-se do leite quando tem cinco a seis semanas de idade; e com o fim de aproveitar o leite da cabra, substitue-se primeiro este pelo soro de leite e algum outro alimento, e depois substitue-se o soro por agua com farinha, ou sopas de pão e forragens seccas, herva, raizes, etc. Chegados á idade de 6 a 7 mezes, os cabritos entram em cio; convem, então, castra-los, quando não são destinados a fecundar as cabras. Até á idade de 6 mezes a carne do cabrito é boa, tenra e delicada. A carne das cabras e dos bodes serve tambem para a alimentação, mas é preciso que o bode tenha sido castrado. A carne do bode não castrado tem o cheiro muito desagradavel, conhecido com o nome de bodum. *Veja-se* BODE, e CABRA.

CACÁO. Grãos do cacáoeiro (*Theobroma cacao*, Linneo, que significa manjar dos deoses), bella arvore da familia das Malvaceas byttneriaceas, que habita espontaneamente no Mexico, e nas vastas regiões do Brasil vizinhas do Amazonas. (Fig. 81). A sua cultura faz-se em grande escala na parte da republica de Columbia que forma os districtos de Caracas e Venezuela. Desde a conquista de Guiana o cacáoeiro foi introduzido no Amazonas, Pará, Maranhão, Bahia, e outras provincias do Brasil; porém só os Paraenses se derão seriamente á sua cultura. Existem varias especies do cacáoeiro. Nas provincias do Amazonas e Pará os cacáoeiros crescem naturalmente sem trabalho de cultura, e em geral uma vez chegados os cacáoaes (quarteis de plantações de cacáoeiros) ao estado de producção, só exigem depois o trabalho da colheita; por isso n'aquelles paizes serve de dote o seu rendimento ás filhas dos lavradores. Os grãos de cacáo estão contidos n'um fructo que tem a fórma do ovo de gallinha, ou a fórma do pepino. Estes fructos colhem-se quando estão maduros, e amontoão-se no chão. Passados tres ou quatro dias, quebrão-se as cascas e tirão-se as amendoas; e mettem-se estas por quatro ou cinco dias em cestos cobertos de

esteiras ou de folhas de bananeira do mato, onde passam por uma fermentação. Depois d'isto, é preciso secca-las, quanto antes, ao sol, mettê-las em saccos, e guarda-las em lugar secco até á occasião da venda. O cacáo do Brasil não é tão estimado como o de Caracas,

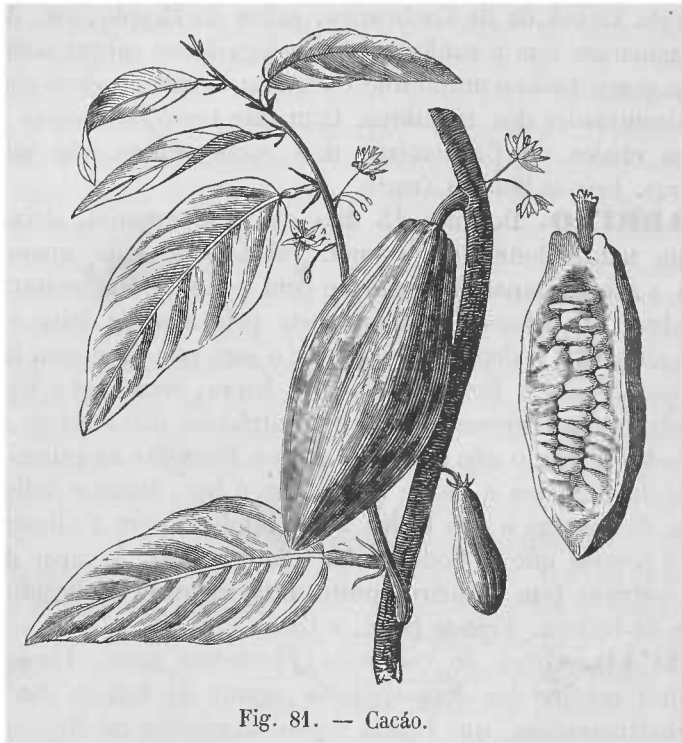


Fig. 81. — Cacáo.

e vende-se pela metade do preço d'este. « A inferioridade do cacáo do Brasil, diz o naturalista Riedel, é devida ao desleixo com que se deixão fermentar as amendoas amontoadas nos terreiros, o que lhes communica um gosto desagradavel; muitas vezes, sem estarem ainda bem seccas, em vez de serem ensaccadas ou encaixotadas, embarcão-se, em grandes quantidades, no porão das embarcações, onde soffrem nova fermentação. »

Além da especie cultivada (*Theobroma cacao*, L.), ha outras especies que habitão nas mattas do Brasil. São : *Theobroma bicolor*, Humboldt; *Theobroma subincanum*, Mart.; *Theobroma sylvestre*, Aubl.; *Theobroma microcarpum*, Mart., que differem pela fórma do fructo e qualidade da semente.

As sementes de cacáo empregão-se para dois usos : 1º extrahe-se d'ellas uma manteiga vegetal particular, chamada manteiga de cacáo; 2º servem para fabricar o chocolate.

1º *Manteiga de cacáo*. Esta manteiga é branca e consistente; tem a preciosa propriedade de resistir ao ranço, e por isso o seu emprego é dos mais vantajosos nas rachas dos labios e do bico dos peitos. A manteiga de cacáo tambem apresenta a vantagem de se conservar solida na temperatura ordinaria. Emprega-se internamente como emolliente e peitoral; tambem se fazem com ella suppositorios, que se introduzem no recto no caso de hemorrhoidas inflammadas.

2º *Chocolate*. Veja-se esta palavra.

CACHAÇA. É o nome vulgar da aguardente de canna. Veja-se AGUARDENTE.

CACHALOTE. *Physeter macrocephalus*, Lamarek. Fig. 82. Animal mamifero cetaceo, que vive em todos os mares, do mesmo tamanho e da mesma familia que a baleia, da qual differe por ter dentes e a baleia só barbas. Tem a cabeça enorme, do tamanho da terça parte do seu corpo, e em cujas cavidades se

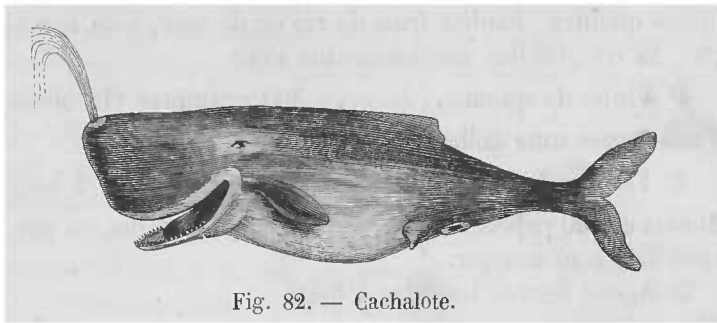


Fig. 82. — Cachalote.

contém uma substancia particular, que se chama *espermacete*. Esta substancia constitue o principal proveito da sua pesca, porque o corpo do animal não é guarnecido de tanto toucinho como o da baleia. O espermacete acha-se nas cavidades distinctas do verdadeiro craneo, que é pequeno, e contém o cerebro como nos outros animaes. Tem no dorso uma prominencia callosa, e uma unica abertura pela qual respira e lança a agua que sorve pela bocca. Além do espermacete o cachalote fornece o *ambar cinzento*, substancia empregada na perfumaria, que se forma nos intestinos d'este cetaceo, e se encontra fluctuante na agua do mar nas paragens que elle frequenta. Os cachalotes achão-se em todos os mares, mas frequentão mais particularmente as partes equatorias do grande Oceano. Como todos os outros cetaceos, vivem em sociedades numerosas; nadão á flor d'agua, mostrando o dorso e a prominencia dorsal no meio da qual se acha a abertura pela qual respirão. Alimentão-se de polvos, de peixes pequenos e grandes,

e como são mais bem armados que as baleias, a sua pesca é mais difficil e mais perigosa do que a d'aquellas. A lingua d'este cetaceo é curta, vermelha, quadrada; é, segundo os marinheiros, carne deliciosa.

CACHEXIA. Alteração profunda da nutrição, caracterizada pela inchação do rosto, infiltração de corpo, tez amarella ou côr de chumbo, sangue mui seroso, e languidez de todas as funcções. Este estado observa-se sobretudo depois de longas molestias, ou no fim de certas affecções chegadas a um alto gráo de intensidade, principalmente no escorbuto, cancro, syphilis, etc.; e por isso distingue-se a cachexia em *escorbutica*, *cancerosa*, *syphilitica*, *palustre*, etc. A cachexia palustre principia a manifestar-se no terceiro ou quarto accesso da febre intermittente; apparece, mesmo sem febre, nos individuos que habitão os lugares pantanosos.

Tratamento. A *cachexia palustre* desaparece, se o doente cessa de habitar as regiões de que se exhalão os miasmas pantanosos; e se usa, depois, das preparações de quina, de ferro, banhos aromaticos quentes, banhos frios de rio ou de mar, e da boa alimentação. As receitas dos medicamentos são :

1º Vinho de quina 360 grammas (12 onças).

Para tomar uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

2º Ferro reduzido.. . . . 15 grammas (1/2 onça).

Divida em 30 papeis. Para tomar um papel por dia, n'um pouco d'agua fria com assucar.

3º Aguas ferreas tomadas á fonte.

Um a dois copos por dia.

Na *cachexia escorbutica* cumpre fazer desaparecer as más condições hygienicas, fornecer ao doente ar secco, temperatura branda, e uma alimentação composta de vegetaes frescos e de carne de boa qualidade. (*Veja-se ESCORBUTO.*)

Na *cachexia syphilitica* convem as viagens, as caldas sulfurosas, as infusões de raiz de chicoria, de genciana, os banhos quentes aromaticos, os banhos do mar e boa alimentação.

Em todas as cachexias a base do tratamento consiste em boa hygiene e boa alimentação. Todos os medicamentos não servirão para nada sem a alimentação conveniente, e por esta palavra entende-se não sómente o facto de fornecer ao tubo digestivo uma comida mais ou menos succulenta e restaurant, mas a arte infinitamente delicada de fazer acceitar este alimento ao estomago que se revolta, de variar segundo as necessidades o numero e a hora das comidas, de facilitar o trabalho da digestão pelo exercicio, distracção e occupações agradaveis.

CACHUMBAS. Assim se chamão certas inchações inflammatorias de pequenas glandulas situadas debaixo do queixo, debaixo das orelhas, nas vizinhanças da glandula salivar chamada *parotida*, e ás vezes dá-se este nome á inflammação d'esta mesma glandula.

As cachumbas manifestão-se ora de um lado, ora do outro, ás vezes de ambos; o tumor que d'ellas resulta é bástante doloroso, e ás vezes difficulta a mastigação; mas ordinariamente é molestia benigna e sára com facilidade, ainda quando acompanhada de alguma febre.

As cachumbas são muito mais communs nas crianças do que nas pessoas adultas. O trabalho da dentição, o crescimento, e a humidade são as suas causas mais ordinarias.

O *tratamento* das cachumbas é mui simples. Basta fomentar o tumor com oleo camphorado, dar a beber um cozimento emolliente, como a agua de cevada, administrar um purgante brando tal como o oleo de ricino, ou a infusão de tamarindos, para ver desaparecer esta pequena molestia. Se o tumor fôr vermelho e mui doloroso, applicuem-se cataplasmas de linhaça ou de fecula.

CACULUCAGE. *Veja-se* QUITOCO.

CADEIRAS. Parte posterior do corpo desde as ultimas costellas ou cintura até ás nadegas.

Cadeiras (Dôr de). *Veja-se* DÔR DE CADEIRAS.

CAFÉ. Tendo o prior de um convento observado, que as cabras que comião os grãos de um pequeno arbusto se mostravão mais alegres e mais espertas, teve a ideia de administrar aos seus monges a infusão dos fructos d'essa arvore para impedir que dormitassem no côro: como a infusão dos grãos verdes era amarga, lembrou-se de torra-los, e a bebida tornou-se deliciosa. Este arbusto era o cafeeiro, e o fructo o café. Desde então nasceo para o homem uma nova necessidade, e, por consequencia, prazeres ou privações que não erão conhecidos de seus antepassados.

O cafeeiro é indigena da Arabia, e principalmente do Yemen, nos arredores da cidade de Moka. Esta especie de café servio por muito tempo aos Persas e aos Turcos. O seu uso introduzio-se primeiramente em Constantinopla, em 1645 na Italia, e em Pariz no anno de 1669. O grande consumo do café que em breve se fez na Europa, tornou-o logo objecto do mais importante commercio; e os Hollandezes, que erão então os maiores negociantes do mundo, senhoreárão-se d'este manancial de riquezas. Em 1690 alguns pés forão transportados de Moka para Batavia, onde medraráo muito bem. Transplantado d'este ultimo lugar para Amsterdam, um pé de cafeeiro foi posto nas estufas do jardim botanico; deo ali flores

e fructos, cujos grãos forão ferteis. Durante a paz de Utrecht os Hollandezes fizerão presente a Luiz XIV de um cafeeiro, que provinha do de Amsterdam. Foi tratado no Jardin das Plantas de Pariz, onde não levou muito tempo a multiplicar-se, e d'este pé descendem todos os cafeeiros americanos. Tal é a primeira fonte das plantações immensas de um arbusto que constitue hoje uma das principaes riquezas do Brasil, das Antilhas, da Guiana, das ilhas de França, de Bourbon, e que torna o mundo antigo, tributario do novo mundo. Quasi todo o café que se consome na Europa procede d'aquelles paizes, e sobretudo do Brasil. O de Moka, que tem conservado a sua superioridade, é mui raro na Europa occidental, porque apenas chega para o consumo dos Arabes e dos outros povos do Oriente.

O cafeeiro (*Coffea arabica*, Linneo) é um arbusto da familia das Rubiaceas-coffeaceas que se eleva, termo médio, á altura de 3 metros; as folhas são ovaes, de um bello verde, e as flores, brancas como o jasmim, formão uma grinalda lindissima. A estas flores succede um fructo, no centro do qual se acha um grão dividido em duas partes; estes grãos são o café. Antes de torrados tem um gosto amargo e são mui duros. (Fig. 83.)

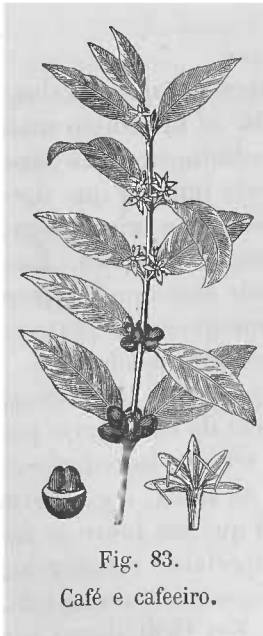


Fig. 83.

Café e cafeeiro.

Preparação do café. O bom gosto e aroma do café dependem da maneira por que é preparado. Entretanto não deve a torrefacção ser levada a ponto de queimar o café, e fazer-lhe perder o seu principio aromatico; depois do que o café deve ser infundido e não fervido.

Torrefacção. No Brasil torra-se o café em pratos de barro; em França emprega-se para este fim um cylindro de ferro atravessado por uma haste cujos dois extremos se apoião n'um forno. A escolha do combustivel não é indifferente; deve-se preferir o carvão á lenha, porque dá um calor mais uniforme e mais sustido. Não se enche o cylindro senão pela metade, de modo que a haste que o atravessa não se ache coberta, e o café inchando á medida que se aquece, não fique apertado, afim de poder ser facilmente sacudido. O fogo

será constantemente uniforme; deve ser tambem moderado, sobretudo ao principio da operação. É preciso virar o cylindro ora para a direita, ora para a esquerda, até o café começar a deitar muito

fumo, então tira-se frequentemente o cylindro para sacudi-lo em todos os sentidos.

A operação exige pouco mais ou menos tres quartos de hora para uma quantidade média de café, e quando se está perto do fim o fumo sahe do cylindro com mais abundancia, o grão crepita, torna-se humido, de côr roxa, e espalha um perfume agradável : é o momento de tirar o cylindro do fogo, para deixar acabar a torrefacção só pelo effeito do vapor concentrado no aparelho, que se deve agitar durante alguns minutos. Deita-se então o café n'um cestinho para estendê-lo immediatamente em uma camada a mais delgada possível sobre uma superficie plana, tal como uma mesa, taboa, e com preferencia sobre marmore ou pedra : quanto mais fria é esta superficie, tanto melhor se concentra o aroma do grão torrado. O café torrado com cuidado e ao ponto conveniente, não deve perder, depois d'esta operação, mais de 18 a 20 por cento, isto é, mais da quinta parte do seu peso.

Não se deve moer o café senão depois de completamente frio, e não mais do que a quantidade necessaria em cada vez : o café moído perde em pouco tempo a maior parte do seu perfume. Comtudo, o melhor meio de conservar o café em pó é pô-lo, não n'uma caixinha de lata, como se faz ás vezes, mas n'uma garrafa de vidro, perfeitamente limpa, secca e bem tapada.

Infusão. Quanto mais consideravel é a quantidade de café que se emprega de uma vez, tanto mais se póde augmentar a proporção d'agua sem prejudicar a qualidade do licor. Assim, tomando por medida a chicara que contém 120 grammas (4 onças) do peso d'agua, empregar-se-hão para 16 grammas (1/2 onça) de café em pó tres medidas e meia d'agua que hão de dar 3 chicaras de licor : e para 60 grammas (2 onças) de café, 14 ou 15 medidas que darão 13 ou 14 chicaras. Comprehende-se, com tudo isso, que para a mesma dóse de café em pó, é preciso augmentar ou diminuir as proporções d'agua, conforme se deseja obter uma infusão mais ou menos forte.

O melhor modo para fazer infundir o café é servir-se de cafeteiras com filtro que são commodas, expeditivas e que dão um liquido cheiroso e limpido. A cafeteira a mais simples e menos cara é a cafeteira com filtro de folha de Flandres, ou, melhor, de porcelana. Sobre a grade do filtro deita-se a quantidade necessaria de café em pó, uma colher *de sopa* bem cheia para um pouco mais de uma chicara d'agua, um pouco menos se se prepara o liquido para cinco ou seis pessoas; calca-se moderadamente o pó com o calcador, que se deixa sobre o pó; introduz-se a grade superior, deita-se sobre esta grade a metade da agua fervendo que deve ser

empregada, fecha-se a cafeteira com a tampa, e espera-se que a agua tenha passado. Feito isto, tira-se a tampa e a grade superior, levanta-se o calcador; deita-se o resto da agua fervendo, e, depois de fechar com cuidado a cafeteira, deixa-se a filtração effectuar-se lentamente. Durante esta operação, introduz-se a cafeteira em agua fervendo, e este banho-maria mantem o liquido no gráo de calor que deve conservar. Cumpre não servir o café senão depois de acabada a filtração, e nunca se deve, como côstumão fazer algumas pessoas, tornar a fazer passar o liquido atravez do mesmo pó; isto tirar-lhe-hia parte do seu perfume. Quanto ao residuo de café, querendo utiliza-lo, é preciso, não fervê-lo, o que não daria senão um liquido acre e preto, mas deitar-lhe por cima, quando ainda está no filtro, certa quantidade d'agua [quente e melhor ainda d'agua fria. Põe-se em reserva esta segunda infusão, para aquecê-la a banho-maria, e mistura-la com uma nova preparação de café. Todas as vezes que se quizer aquecer o café que não foi empregado no momento mesmo em que foi preparado, será melhor empregar o banho-maria.

As cafeteiras de folha de Flandres exigem cuidados de asseio mui minuciosos. Não sómente, nunca se deve deixar esfriar n'ellas nem deixar mais ou menos tempo o licor, como além d'isso é indispensavel limpa-las depois de cada infusão. Para este fim, separão-se as differentes peças de que se compõe a cafeteira, lavão-se com muita agua, enxugão-se com cuidado, e deixão-se seccar completamente ao ar : os buraquinhos da grade devem sempre estar livres.

No Brasil filtra-se o café por um sacco de lã ou de feltro. Este modo é muito bom, dá uma infusão limpida e muito aromatica, mas exige maior quantidade de pó de café.

Propriedades e usos. Sendo bem preparada a infusão de café é de côr morena-dourada, de cheiro aromatico particular e mui suave, de sabor amargoso, mas agradável. Este liquido, tomado quente, é um dos estimulantes mais energicos; possui todas as vantagens das bebidas espirituosas, sem ter nenhum dos inconvenientes d'ellas, isto é, não produz a embriaguez nem os accidentes que a acompanhão. Não sómente augmenta a acção do systema muscular, como tambem pela sua influencia as faculdades intellectuaes tornão-se mais activas; sente-se a gente mais agil, mais ligeira; exalta-se a imaginação, e as ideias são mais livres e mais lucidas. Quantos poetas e musicos devem á sua influencia as suas melhores producções! Voltaire e Mozart tomavão-n'o muitas vezes por dia. As virtudes do café forão cantadas por Delille, que precisava d'elle para dar melhor torneio aos seus

engenhosos periodos. Além d'esses merecimentos intellectuaes, o café tem ainda a propriedade de fazer passar o somno, e de tornar proveitosas para o estudo as horas do silencio da noite. Tomado depois de jantar, facilita singularmente a digestão, e todos podem observar em si que, depois d'esses grandes banquetes, onde a variedade das iguarias obriga a comer sobre posse, uma chicara de café faz, por assim dizer, desaparecer o peso e a oppressão do estomago, resultado da repleção d'este orgão.

Os inconvenientes que acompanhão o uso habitual do café forão muito exaggerados. Entretanto, força é confessar que, em certas circumstancias e em certos individuos, é nocivo por causa das suas propriedades estimulantes. Assim, as pessoas eminentemente nervosas, em quem a sensibilidade é muito exaltada, devem abster-se d'esta bebida, pois que produz n'ellas um estado de agitação e uma insomnia ás vezes completa.

O café tem-se mostrado util em muitas molestias, como na falta da menstruação, nas enxaquecas, na asthma e nos envenenamentos pelo opio, belladona, herva moura e outras substancias narcoticas. Associado ao sumo de limão, tem-se empregado com vantagem nas febres intermittentes. Mas, n'este ultimo caso, a preparação mais util é a decocção dos grãos não torrados. Para fazer esta decocção, fervem-se 30 grammas (1 onça) de café em 540 gram. (18 onças) d'agua, até ficarem reduzidas a 360 gram. (12 onças); e bebe-se, no intervallo dos accessos, uma chicara de hora em hora.

O leite misturado com o café diminue-lhe as propriedades estimulantes e communica-lhe principios nutritivos. O assucar tambem diminue a acção excitante do café, alterando-lhe ao mesmo tempo o gosto.

Em conclusão, o café é excitante e tonico. O sabio, o litterato acharão n'elle um amigo que lhes prestará muito soccorro, quando, urgidos pelo tempo ou pela necessidade de produzirem, não lhes bastar o dia para os seus trabalhos, ou quando o seu espirito por falta de actividade os deixar sem recurso. O gastronomo, graças ao café, poderá até certo ponto entregar-se ao seu gosto favorito, e ter os beneficios da sensualidade, sem experimentar os seus máos effectos. As senhoras sujeitas ás enxaquecas, vê-las-hão desaparecer debaixo da sua influencia; e o astmatico achará n'elle um allivio momentaneo, mas que poderá renovar muitas vezes.

CAFEINA. Um dos principios do café. Apresenta-se em prismas brancos, sedosos, compridos, delgados, de sabor amargo, soluveis em 98 partes d'agua, e em 87 partes de alcool. Esta substancia acha-se tambem nas folhas do chá da India, no gua-

raná e na herva de mate. Foi proposta contra a enxaqueca e as febres intermitentes, na dóse de 5 a 30 centigrammas (1 a 6 grãos). Forão propostos nos mesmos casos e na mesma dóse o citrato, o malato e o lactato de cafeina. A sua introduccão na economia augmenta a secreccão da urea e da bilis.

CAFERANA, JACARÉ-ARÚ, JACURUARÚ, QUASSIA DO PARÁ. *Tachia guianensis*, Aublet. Gencianeas. Arbusto do Brasil, que habita particularmente nas mattas da provincia do Amazonas. Abunda nos municipios de Maués, e de Villa-Bella da Imperatriz, e na freguezia de Borba. Tem 2 metros de alto, folhas oblongas, acuminadas, attenuadas na base; flores solitarias, axillares, rentes e amarellas; raiz lenhosa, coberta com uma casca delgada e branca, semelhante á quassia; o lenho é tenro, esbranquiçado e radiado, de sabor amargosissimo. O lenho e a raiz são usados pelos habitantes d'aquelles lugares como tonicos e antifebris, em infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) do vegetal e 250 gram. (8 onças) d'agua fervendo. *Pó*, na dóse de 1 gramma (20 grãos). *Tintura*, 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em vehiculo appropriado.

CAIMBRA. Contractão involuntaria, espasmodica e dolorosa, de certos musculos, particularmente dos da parte posterior da perna. As caimbras sobrem principalmente durante a noite. Faz-se cessar quasi instantaneamente a caimbra que affecta a barriga da perna, apoiando com força a perna sobre o soalho, para impedir as contracções do musculo affectado da dôr. Aconselha-se tambem comprimir as pernas com ligas, ao deitar-se. As fricções seccas feitas com a mão sobre a parte dorida são tambem muito uteis. As caimbras e as contracturas cessão muitas vezes pela applicação da chapa delgada de latão, ou cercando a perna dorida com o cadeia feita d'este metal. Os individuos que são sujeitos a esta affecção devem entregar-se com muita reserva ao exercicio da natação. Os banhos mornos antes de deitar-se convem muito para prevenir as caimbras. Algumas pessoas tem experimentado melhoras mettendo debaixo do colchão um pedaço comprido de ferro. Este meio, quer tenha influencia por causa das propriedades magneticas do ferro, quer actue simplesmente sobre a imaginação, póde ser usado sem inconveniente. As mulheres gravidas experimentão frequentemente caimbras nas pernas: procedem da compressão dos nervos da pelvis pela cabeça da criança, e cessão depois do parto. *Vêja-se tambem CONTRACTURA*.

CAIMBRA DO ESTOMAGO. Alguns individuos são affectados, de tempos a tempos e de repente, de dôres vivas, e ás vezes atrozes, no estomago, e que se fazem sentir ao mesmo tempo nas costas, acompanhadas ou não de vomitos, com senti-

mento de constricção, afflicção mais ou menos forte, e uma especie de desmaio. Este estado raras vezes persiste além de algumas horas, dez a doze quando muito: ás vezes, entretanto, prolonga-se por muitos dias. Emfim, dissipa-se, e os doentes gozão depois de toda a integridade de suas funcções digestivas por alguns mezes, e até por um anno. Ignorão-se as causas particulares d'esta affecção, que é mais commum nas mulheres do que nos homens.

Os meios que allivião mais rapidamente n'este caso são: a applicação de panno quente na bocca do estomago, sinapismo no mesmo lugar, quinze a vinte gottas de ether sulfurico tomadas internamente n'uma colher d'agua fria com assucar, algumas colheres d'agua de flores de laranjeira com assucar, uma chicara de chá de folhas de laranjeira ou de herva cidreira, duas a tres colheres d'agua fria, 1 pilula de 5 centigrammas (1 grão) de opio, sinapismos nos pés, 30 grammas (1 onça) de xarope de lactucario, e sobretudo um banho morno geral prolongado por mais de uma hora. Tambem aproveitão as fricções no ventre com laudano de Sydenham ou com balsamo tranquillo. *Vejá-se* GASTRALGIA.

CAINCA, RAIZ PRETA. *Chiococca anguifuga*, Martius. Rubiaceas-coffeaceas. Arbusto do Brasil. Tem 1 a 2 metros de altura; folhas oppostas, ovaes, de um verde-claro; flores amarellas. Raiz ramosa, roxa; os ramos tem dois a tres pés de comprimento, da grossura de uma penna, ou mais delgados, é estriada longitudinalmente: compõe-se de uma parte cortical mui delgada, amarga, acre, um pouco adstringente, que é a unica activa, e de um eixo lenhoso que não goza de propriedade alguma. A raiz de cainca é diuretica e purgativa; em dóse elevada produz vomitos; empregase nas hydropisias. Administra-se em cozimento, que se prepara com 8 grammas (2 oitavas) da raiz e 360 grammas (12 onças) d'agua. Esta porção toma-se n'um dia, ás chicaras, uma chicara de tres em tres horas. *Pó* da casca da raiz 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) em substancia.

Esta raiz é conhecida em Minas pelos nomes de *fedorenta*, *dambre*, *raiz preta*, e *raiz de frade*; e em S. Paulo pelo *cipó-cruz*. Ha tambem outras especies: *Chiococca densifolia*, Martius (Cadinana em Minas); e *Chiococca racemosa*, Jacq. (Cruzeirinha), cujas raizes gozão tambem de propriedades purgativas e emeticas. Além de servirem contra as hydropisias, são tambem muito empregadas no Brasil contra o envenenamento produzido pelas picadas de cobras. Os fazendeiros empregão o seu extracto aquoso, administrado pouco a pouco, até produzir evacuações inferiores e superiores. Na falta do extracto, empregão a casca da raiz triturada com pequena porção d'agua ou d'aguardente, e dão ao doente o liquido turvo.

Este remedio ajuda a cura nas mordeduras das cobras, mas cumpre não esquecer, que o principal meio consiste em cauterizar a ferida com potassa caustica, oleo de vitriolo ou com qualquer outro caustico.

CAJAEIRO ou CAJAZEIRO. *Spondias lutea*, Linneo. Terebinthaceas. Arvore do Brasil, cujo fructo (cajá) é ovoide, liso, amarello, de polpa cheirosa, sabor acido agradavel, contendo um grande caroço fibro-lenhoso. Preparão-se com estes fructos sorvetes e limonadas agradaveis, que são refrigerantes e uteis nas febres.

CAJUEIRO. *Anacardium occidentale*, Linneo. Terebinthaceas-anacardeas. Fig. 84. Arvore de tamanho mediano, espalhada em

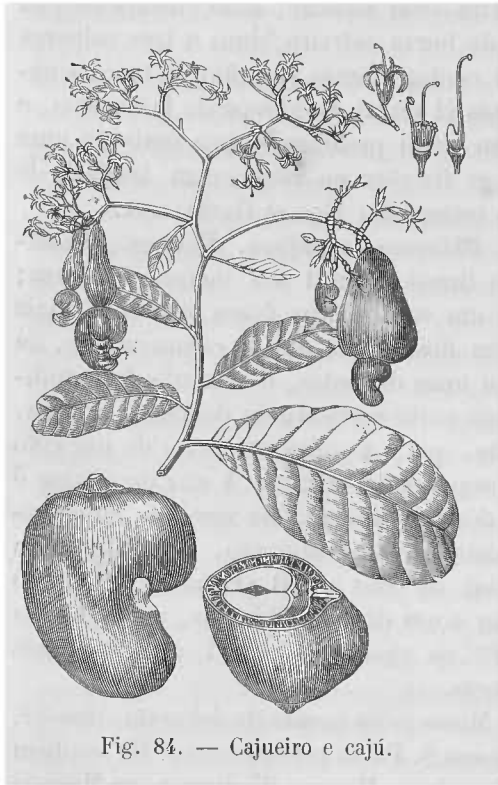


Fig. 84. — Cajueiro e cajú.

quasi todas as regiões quentes da terra, como no Brasil, Antilhas, Indias orientaes, Molucas. As suas folhas são inteiras, ovaes, um pouco attenuadas na base, obtusas e cortadas na ponta; flores dispostas em paniculas terminaes; fructo, noz reniforme lisa, (a qual encerra uma amendoa branca), sostida e situada no vertice de um receptaculo carnoso, oval, mais ou menos longo, alguns de 3 pollegadas de comprimento, e 1 1/2 de grossura, de côr amarella ou avermelhada, e formado interiormente de um tecido esponjoso succulento. Este receptaculo, que é vulgarmente tomado

pelo fructo, provém do desenvolvimento do pedunculo floral, e toma o aspecto de um fructo. O fructo (isto é, a noz ou a castanha) compõe-se de um pericarpo em fôrma de rim, que, sob um primeiro envoltorio coriáceo, apresenta alveolos cheios de um succo oleoso, viscoso, roxo-anegrado, acre e caustico; estes alveolos são limitados no interior por uma segunda membrana coriacea, semelhante á primeira, e encerrando uma amendoa reniforme, de dois lobos, branca, oleaginosa, doce, de sabor agradavel, que se

come assada, e não participa de fôrma alguma da acrimonia da sua casca. Esta amendoa é ainda coberta immediatamente por uma pellicula avermelhada. O receptaculo carnoso (vulgo o fructo), maduro, é de cheiro suave e sabor acido, um tanto acerbo; serve para preparar sorvetes e limonadas, muito apreciadas, ou se confeita; e sendo fermentado dá boa aguardente. Por meio de incisões feitas na arvore, obtem-se uma gomma-resina que se emprega nas artes. O succo caustico, que se acha na casca da castanha, serve para tirar as verrugas, callos nos pés, e produz na pelle uma empola como um vesicatorio; emprega-se externamente em medicina, para cauterizar certas empigens. A casca do tronco do cajueiro é adstringente, e usada em banhos nas inchações das pernas.

CAL. A cal era considerada como indecomponivel, isto é, como um corpo simples; mas a chimica moderna demonstrou que é um oxydo metallico. A cal, por conseguinte, é calcio unido ao oxygeneo.

A cal pura não existe na natureza; encontra-se, pelo contrario, em quantidade consideravel, no estado de combinação.

A cal, unida ao acido carbonico, forma o *carbonato de cal*, que se encontra crystallizado nas minas, e tem os nomes de *spatho calcareo*, e de *crystal de Islandia*. N'um menor gráo de pureza, o carbonato de cal constitue os marmores de todas as especies, o alabastro calcareo, a pedra calcarea; é a base das cascas dos mariscos, e encontra-se nas aguas de certas fontes mineraes. A dissolução do carbonato de cal, nas aguas que o contém, effeituase por meio do acido carbonico, e debaixo de certa pressão; e por isto quando estas fontes chegam ao contacto do ar, cobrem-se, na superficie, de uns pós brancos, devidos ao carbonato de cal, que apparece á medida que o acido carbonico se desprende ao ar livre.

A cal, combinada com o acido sulfurico, forma o *sulfato de cal*, que se encontra crystallizado em massas consideraveis no morro Montmartre, perto de Pariz, chama-se *pedra de gesso*, e é d'onde se extrahe, desde tempo immemorial, para a construcção das casas.

Emfim a cal, combinada com o acido phosphorico, forma o *phosphato de cal*, que constitue a base dos ossos do nosso corpo e de todos os animaes.

A cal pura, que se emprega na chimica como reagente, extrahe-se do marmore branco (carbonato de cal).

A cal, para as necessidades das artes e do commercio, extrahe-se pela calcinação da pedra calcarea, do marmore, das cascas de ostras, etc.; contém, na verdade, corpos estranhos, mas em tão pequena quantidade, que estes não influem na sua qualidade.

Os usos da cal são multiplices nas artes; constitue a base dos

cimentos e betumes, que resistem á acção das aguas e do tempo. A cal misturada com gesso crystallizado, corada com oxydos metallicos, e agglutinada por meio da colla forte, forma o *estruque*, ou imitação do marmore.

A *cal viva* ou *virgem*, a que resulta da calcinação da pedra calcarca, é solida, de côr branca-cinzenta, acre e caustica; exposta ao ar, absorve a humidade, augmenta de volume, e transforma-se em carbonato hydratado. Lançando-se agua ás gottas sobre a cal virgem, o liquido é rapidamente absorvido, depois a mistura aquece-se até 300° centigrados, deixa desenvolver vapores, parece vermelha se se opera na obscuridade, racha-se, torna-se branca e reduz-se a pó. N'este estado diz-se que a cal é *extincta*: é o hydrato de cal ou cal hydratada.

A agua não dissolve a cal senão na proporção de 400 partes d'agua para uma de cal; esta dissolução constitue a *agua de cal*, que era empregada outr'ora contra os calculos da bexiga; mas hoje é pouco usada. A *cal virgem* entra na composição das pomadas que se empregão contra a tinha, sarna e dartros.

Carbonato de cal. Sal neutro, insolúvel na agua pura, levemente solúvel na agua carregada de acido carbonico. É tão abundante na natureza, que forma talvez elle só a metade do involucro do globo. Conhece-se porque submettido á calcinação dá cal abandonando o acido carbonico. Apresenta grande numero de variedades. Emprega-se natural, ou depois de moído e lavado. O mais usado é o carbonato de cal conhecido debaixo do nome de *greda* ou *cal carbonatada*. Apresenta-se debaixo de massas brancas, tenras, friaveis. Preparado em pães cylindricos de 125 a 150 gram., toma o nome de *giz* ou de *branco de Hespanha*. Para os usos pharmaceuticos prepara-se dissolvendo n'agua 100 partes de chlorureto de cal derretido, ajuntando a solução de carbonato de soda crystallizado; lavando, fazendo seccar, e formando trociscos. Emprega-se em medicina para os pós dentifricios, e internamente contra a diarrhea.

São quasi completamente formadas de carbonato de cal as substancias seguintes: o marmore, o alabastro, as cascas de ostras, as cascas de ovos, os olhos de caranguejo, as cascas de lagosta, etc.

Phosphato de cal, *Terra dos ossos*, *Terra animal*. Sal branco, insípido, insolúvel na agua. Obtem-se calcinando os ossos dos carneiros ou de outros animaes n'uma fornalha, até que fiquem brancos e quebradiços; deixão-se esfriar e pulverizão-se. Obtem-se mui puro tratando os ossos calcinados pelo acido chlorhydrico, ajuntando agua, tratando o liquido pelo ammoniaco; deixando formar deposito, seccando este, e reduzindo-o a trociscos. Tem

sido empregado contra o rachitismo na dóse de 4 a 5 grammas (20 a 100 grãos).

O phosphato de cal entra por perto de $\frac{2}{5}$ na composição dos ossos de todos os animaes; da ponta do veado; os grãos dos cereaes contém tambem d'elle grande quantidade; encontra-se nas terras lavradas; constitue collinas inteiras em Logrosan na Estremadura da Hespanha. Emprega-se como adubo mineral das terras na agricultura; torna-se pela calcinação dos ossos um estrume energico. Os mineraes conhecidos debaixo do nome de *phosphorito*, *apatito* e *chrysolitho* são phosphatos de cal.

Sulfato de cal. Sal que se encontra abundantemente na natureza, e é conhecido, conforme o estado em que se apresenta, debaixo dos nomes de *pedra de gesso*, *selenite*, *alabastro gypsoso*, *pedra de Jesú*, *espelho do jumento*, *karstenite*, *anhydrite*, *alumen scissil*. Apresenta-se sob a fórma quer de crystaes prismaticos semelhantes a ferro de lança (*pedra de Jesú*, *espelho do jumento*); quer de massas laminares, fibrosas, compactas e terreas. As variedades compactas formão a *pedra de gesso*; as variedades de tecido laminar e saccharoide constituem o *alabastro gypsoso*, com que se fazem objectos de ornamento. Debaixo d'estas diversas fórmas, o sulfato de cal é um hydrato. Perde pela cozedura a sua agua de crystallização, e absorve-a de novo quando se amassa com agua; transforma-se então, ao cabo de alguns instantes, em massa firme e resistente.

Apezar da sua pouca solubilidade, o sulfato de cal acha-se em solução na maior parte das aguas que correm na superficie da terra; as aguas de poços dos terrenos calcareos são, por assim dizer, saturadas d'elle. Estas especies d'aguas chamão-se *duras* ou *cruas*, porque são de difficil digestão; não dissolvem o sabão, não cozem legumes, e deixão uma crosta espessa nas paredes dos vasos em que se abandonão á evaporação. Occasionão abundantes depositos nas caldeiras de vapor. Podem estas aguas tornar-se proprias ao uso domestico precipitando o sulfato de cal, algum tempo antes de as empregar, por um pouco de carbonato de soda.

CALAMINA. Carbonato de zinco que se encontra em grandes quantidades na natureza; particularmente perto de Aix-la-Chapelle, na Silesia, e em algumas localidades de Inglaterra. Quasi nunca é pura; quasi sempre acompanhada pelo oxydo e silicato de zinco; contém tambem oxydo de ferro. É a calamina que fornece a maior parte do zinco. Conhecem-se d'ella duas variedades; uma branca, outra rubra. A primeira contém menos ferro. Calcinação e pulverizada, chama-se *calamina preparada*; sua côr varia: as mais das vezes é cinzenta-amarellada; emprega-se como adstringente e sec-

cante, em pó ou pomada, nas excoriações, assaduras, e ulceras chronicas.

CALAMINTHA OU NEVEDA MAIOR. *Melissa calamintha*, L. Labiadas. Planta cultivada nos jardins. Caule da altura de 25 a 50 centimentros; folhas pecioladas, ovaes, um pouco cordiformes na base; flores purpurinas; cheiro agradável. O chá d'esta planta usa-se ás vezes como sudorifico.

CALAMO AROMATICO. *Acorus calamus*, Linneo. Aroides. Planta commum nas margens das lagoas, cultivada nos jardins para ornar fontes de repuxo, tanques, etc. Tem 1 metro de altura. O rhizoma ou tronco subterraneo da planta é aromatico, e emprega-se, ás vezes, em fragmentos para perfumar os vestidos e preserva-los dos bichos. Em medicina foi usado em infusão como tonico e estomachico, 4 grammas (1 oitava) para 180 grammas (6 onças) d'agua.

CALCIO. Metal que, por sua combinação com o oxygeneo, constitue a cal. Foi descoberto em 1807. É branco côr de prata, mais pesado do que a agua, inflamma-se facilmente ao ar produzindo a cal.

CALCULO NA BEXIGA. *Veja-se PEDRA.*

CALCULO BILIAR. Chamão-se *calculos* ou *pedras biliares* umas pequenas concreções duras que se formão no figado, e podem existir, ou no proprio tecido do figado, ou nos differentes canaes por onde passa a bilis, ou no reservatorio d'este liquido chamado *vesicula biliar*.

As *causas* que favorecem o desenvolvimento dos calculos biliares são mui pouco conhecidas; considerão-se, entretanto, como taes a idade adulta, o uso immoderado de bebidas alcoolicas, inacção e as mais circumstancias que conduzem á obesidade.

Symptomas. Os signaes que annuncião a existencia dos calculos biliares recentemente formados, são no principio muito incertos; queixão-se os doentes de dôres na bocca do estomago, do lado direito e na parte superior do ventre, ou no lugar correspondente das costas; outras vezes são os vomitos que apparecem de tempos a tempos. A dôr propaga-se ás vezes até ao peito e hombro direito. Mais tarde a dôr augmenta, o doente não pôde supportar o mais leve contacto, nem mesmo o da roupa; depois apparecem vomitos de bilis pura: a pelle amarellece.

Denominou-se *colica hepatica* a reunião dos symptomas que se manifestão quando os calculos passam pelos canaes da bilis. Ás vezes, os accessos d'esta affecção não deixão um momento de repouso aos doentes, os quaes não podem achar postura capaz de alliviar os seus soffrimentos; uns agitação-se continuamente, ator-

mentados por ancias indizíveis; outros encolhem-se comprimindo fortemente a bocca do estomago, ou entregão-se a um balanço regular para disfarçar a dôr. O rosto altera-se, o estomago não pôde supportar nenhum alimento. De ordinario, existe prisão do ventre, as ourinas são amarellas e espessas. Ao principio, os accessos são de pouca duração, depois são mais longos; alguns ha que durão dias a fio. Em consequencia d'estes accessos, manifesta-se ás vezes febre, e sobrevem um emmagrecimento consideravel. Outras vezes os doentes evacuaão pelo anus um ou muitos calculos envoltos nos excrementos, e os accidentes passão; e algumas vezes sãrão depois de os terem lançado pelos vomitos.

Tratamento. O tratamento dos calculos biliares pôde-se reduzir ás tres indicações seguintes: 1º acalmar as dôres: 2º determinar a evacuação ou a dissolução dos calculos: 3º combater a inflamação, caso se manifeste.

1º *Para acalmar as dôres* deve o doente metter-se n'um banho d'agua quente, e demorar-se n'elle meia hora e mais. Ao mesmo tempo, dá-se uma colher *de sopa*, de quarto em quarto de hora, da poção seguinte:

Infusão de herva cidreira.	120 grammas (4 onças)
Laudano de Sydenham	2 grammas (1/2 oitava)
Ether sulfurico. .	20 gottas.
Xarope simples..	15 grammas (1/2 onça).

Misture-se.

Para o mesmo fim de acalmar as dôres convem friccionar o ventre com

Balsamo tranquillo.	30 grammas (1 onça).
---------------------	----------------------

Depois de cada fricção, applica-se no ventre uma cataplasma de linhaça.

2º *Para favorecer a evacuação dos calculos*, empregue-se a bebida emeto-purgativa seguinte:

Agua.	600 grammas (20 onças)
Sal d'Epsom	60 grammas (2 onças).
Emetico	10 centigram. (2 grãos).

Misture-se, e dê-se uma chicara de meia em meia hora.

Dois dias depois, tomará o doente um purgante chamado *infusão de sene tartarizada*, cuja receita é a seguinte:

Sene.	12 grammas (3 oitavas)
Cremer da tartaro	4 grammas (1 oitava)
Aniz estrellado em pó.	2 grammas (1/2 oitava)
Agua fervendo	180 grammas (6 onças).

Infunda por duas horas, cõe e ajunte:

Manná 60 grammas (2 onças).

Dissolva a calor brando, e cõe. Administra-se em duas doses, com meia hora de intervallo.

Deve a comida do doente compôr-se de vegetaes, como almeirão, bertalha, aipim, abobora, quingombô ou quiabo, cenouras, batatas, saladas de alface com cerefolio, leite, ovos e gallinha; pouca carne de vacca, de porco, pouco vinho e espiritos. Para bebida, usará de limonadas de limão azedo ou de laranja.

Para dissolver os calculos biliares, recommendão-se as pilulas seguintes :

Sabão medicinal. 20 centigrammas (4 grãos)

Aloes. 5 centigrammas (1 grão)

Açafrão. 5 centigrammas (1 grão).

Faça 1 pilula, e como esta mais 35. Para tomar-se 2 a 4 pilulas por dia.

3º Os symptomas de *inflamação* produzida pelos calculos biliares são descriptos no artigo HEPATITE. O tratamento compõe-se de cataplasmas de linhaça no ventre, e de banhos geraes d'agua quente.

CALCULO NOS RINS. V COLICA NEPHRITICA, e AREIAS.

CALÇÃO DE VELHO. *Veja-se* BARBASCO.

CALDAS. *Veja-se* AGUAS MINERAES.

Caldas da Rainha. Aguas sulfurosas quentes. *Veja-se* Vol. I. pag. 81.

CALDO. O liquido que resulta da ebullição na agua, da carne dos animaes, ou de certas substancias vegetaes, e mais frequentemente de duas substancias reunidas, chama-se *caldo*. O caldo commummente usado nas nossas mesas, e que se compõe de vacca (carne e ossos), de legumes, taes como cenouras, nabos, couve, aipim, abobora, etc., e de sal, é um alimento mui nutriente e de digestão mui fácil; convem aos convalescentes, aos individuos idosos, ás pessoas cujo estomago delicado teria difficuldade em digerir substancias solidas. Mas nas molestias acompanhadas de grande febre, o caldo de carne de vacca seria nocivo por causa das suas propriedades estimulantes, e por isso devem-se n'estes casos preferir-lhe liquidos nutrientes mais brandos, taes como os caldos de gallinha, frango ou vitella.

Dá-se cõe ao caldo com cebola ou cenoura queimada, ou com assucar queimado.

As decocções de tartaruga ou de caraços constituem caldos emollientes empregados ás vezes nas molestias do peito.

O *caldo de hervas* emprega-se como refrigerante e como laxante, para provocar ou favorecer a acção dos purgantes. Póde tambem

servir de cozimento em muitos casos; eis-aqui a formula usual.
Tome-se :

Azedas frescas..	40 grammas (10 oitavas)
Alface..	20 grammas (5 oitavas)
Acelga	10 grammas (2 1/2 oitavas)
Cerefolio..	10 grammas (2 1/2 oitavas).
Sal	2 grammas (1/2 oitava)
Manteiga .	5 grammas (1 1/4 oitava)
Agua.	1 litro (32 onças).

Ferva as plantas, ajunte o sal e a manteiga, e côe. Toma-se ás chicharas.

CALEFRIO OU ARRIPIAMENTO. Com este nome designa-se uma sensação de frio acompanhada de pallidez, e de constricção da pelle. Tremem os membros, e batem os queixos quando os calefrios são intensos.

Os calefrios constituem um symptoma que annuncia varias molestias. Indicção sempre um accesso de febre intermittente; apparecem na invasão da erysipela, da indigestão, da constipação, das bexigas, sarampos, escarlatina, pleuriz, de muitas inflammções e de muitos ataques nervosos.

Qualquer que seja a molestia precedida de calefrios, o tratamento d'este symptoma não varia. É preciso que o doente se metta na cama, se cubra com cobertores de lã, que lhe ponhão aos pés garrafas ou botijas cheias d'agua quente e enroladas em pannos; convem muitas vezes applicar sinapismos nas barrigas das pernas. e deve-se sempre dar a beber uma ou duas chicharas de chá da India ou de herva cidreira, ou de casquinha de limão bem quente.

CALLO DOS PÉS. O callo dos pés consiste em um tumor epidermico, duro e circumscripto, que se forma na face superior dos dedos, entre elles, ou na planta dos pés. A compressão ou o attrito produzido pelo calçado muito apertado ou mui largo, grossas costuras ou prégas que se formão nas meias, são as causas ordinarias. A principio é chato e formado por camadas de epiderme sobrepostas; mas, com a continuação do mal, forma-se no centro uma porção mais dura, de aspecto corneo semi-transparente, que penetra segundo a espessura da pelle, e que profunda ás vezes até aos tendões, ligamentos articulares, mesmo até aos ossos, e constitue uma especie de raiz. Casos ha em que se apresentam debaixo do aspecto de uma lamina mais ou menos larga, dura, a qual ora excede apenas o nivel da pelle, ora faz uma grande proeminencia; estes não tem raizes: chamão-lhes mais particularmente *callosidades*.

Os callos crescem ordinariamente lenta e gradualmente, e a principio só occasionão um pequeno incommodo; mas, á proporção que se tornão mais espessos e mais extensos, causão dôres ás vezes tão agudas, que os individuos não podem andar, nem ter-se em pé. Estas dôres devem ser attribuidas á compressão que o tuberculo exerce, penetrando na carne e dilatando-se. Tudo quanto excita o movimento do sangue, esquentando os pés e augmenta a compressão do callo, causa muito maior dôr. Tal é o effeito de um exercicio aturado, de calçado estreito, de se conservar por muito tempo na mesma posição, ou de um excesso de bebidas. A dôr é mais incommoda nos dias quentes do que nos dias frios; com a humidade tambem o callo incha, augmenta de volume e exerce uma pressão mais forte. Tem-se observado outrossim que as pessoas affectadas de callos padecem mais quando ha mudança na atmospheria, e muito mais quando ameaça chuva.

Tratamento. Para preservar-se dos callos convem usar de calçado nem muito apertado, nem mui largo, e evitar que as meias fação préguas ou tenham costuras grossas. Os militares, e todas as pessoas forçadas a fazer longas marchas, preservão-se d'elles, untando os pés com sebo. Mas depois de formados, a cura não é tão facil.

Para obter um allivio momentaneo das dôres, que os callos produzem muitas vezes, é preciso tirar o calçado apertado, sentar-se, pôr os pés em posição horizontal, e procurar lugar fresco. Para evitar a repetição das dôres, faça-se uso de calçado commo e macio.

Podem alliviar-se as dôres dos callos, applicando dois emplastos de diachylão gommado, um d'elles estendido sobre uma pellica macia mas espessa, tendo no centro uma abertura sufficiente para deixar descoberta toda a extensão do callo, deve ser coberto pelo outro que não é fenestrado. Por este meio o callo não soffre compressão.



Fig. 85.

Anel de borracha
contra os callos.

O aparelho imaginado por Galande (fig. 85), fabricante de instrumentos de cirurgia em Pariz, está baseado no mesmo principio. Toma-se um tubo de caoutchouc vulcanizado, cujas paredes tenham cerca de um millimetro de espessura, e cujo diametro interior seja bastante grande para receber o dedo doente. Faz-se com este tubo uma especie de anel, e pratica-se na parte mais larga do anel uma abertura de um diametro pelo menos igual á circumferencia do callo. Quando o aparelho se acha bem applicado, o callo, amparado de todos os lados pelo caoutchouc,

não soffre a pressão do calçado, e assim o andar torna-se facil e não occasiona dôr.

Os dois principaes meios de tratamento dos callos são a excisão e a extirpação.

Para praticar a *excisão*, deve-se cortar successivamente lamina por lamina, com um canivete bem afiado ou uma navalha, toda a porção da epiderme que se tornou espessa, havendo o cuidado de fazer penetrar o instrumento á profundidade tanto maior quanto mais se approxima do centro do callo, de maneira que se faça uma cavidade em fôrma de funil. Parar-se-ha quando não restar senão uma camada delgada da epiderme. É sempre util, depois de cortados os callos, cobri-los com sparadrappo de diachylão, para os subtrahir á pressão, durante algum tempo. É preciso, ao cortar os callos, não ferir as partes sãs, porque poder-se-hia desenvolver uma inflammação, principalmente se se anda logo depois da operação. Dando-se este caso, combater-se-ha o accidente com banhos aos pés prolongados, cataplasmas de linhaça e repouso completo. — A excisão dos callos é um dos meios mais commummente empregados. Tem o inconveniente de não curar os callos radicalmente, e não produzir senão um allivio momentaneo, pois que não se tira a raiz, que logo faz reproduzir o mal. Entretanto, renovando-se a operação de tempos a tempos, cobrindo-se a parte com sparadrappo de diachylão, tendo no centro um buraco da fôrma do callo, e applicando-se por cima d'este emplasto outro maior e sem abertura, havendo emfim o cuidado de não exercer nenhum attrito sobre o lugar, consegue-se, ás vezes, a cura completa.

O segundo methodo de tratamento, ou a *extirpação*, consiste em tirar não sómente a parte que excede o nivel da pelle, mas ainda a raiz que tem penetrado mais ou menos profundamente. Certos cirurgiões tem adquirido n'este genero de operações uma destreza mui notavel. Pratica-se com uma especie de agulha curta, romba, um tanto chata, por meio da qual se separa em toda a circumferencia o tuberculo calloso das partes sãs, chega-se á parte mais profunda das suas adherencias sem tocar o menor vaso sanguineo, e tira-se o callo sem occasionar dôr. É preciso ter-se o cuidado de não quebrar o callo, porque então não se poderia chegar até á raiz. Deve-se ir sempre separando sem o cortar, para não atrazar os progressos da operação. Este methodo cura com mais certeza do que o precedente, mas nem todos os callos podem ser tratados d'este modo. Quando a ponta adhire aos tendões, nervos ou ossos, pôde ser perigoso separa-los d'elles; n'este caso, é melhor cessar a operação, para não expôr-se a consequencias graves.

Ha ainda um meio, não para curar radicalmente os callos, mas pelo menos para fazer cessar por alguns dias as dôres que occasionão. Molha-se na dissolução de potassa um pedaço de pedra pomes cortado em fórmula de lima, e fazem-se fricções sobre o callo com esta pedra assim molhada; pouco a pouco cahem as camadas do callo. Pára-se com as fricções quando se sente uma pequena dôr. Repetindo de vez em quando esta operação, evita-se a dôr que occasionão os callos. Esta operação é antes uma pratica usual de hygiene do que um remedio.

Os callos da sola dos pés são muito mais graves do que os dos dedos; sua excisão ou extirpação é muitas vezes impossivel. Obtem-se ordinariamente algum allivio pondo-se no sapato um pedaço de chapéo de lã furado no lugar que corresponde ao callo, e para cura-lo radicalmente é mister ás vezes excisar a porção da pelle sobre a qual está o callo implantado.

Além dos meios de tratamento que deixei indicados, inculca-se um immenso numero de especificos, chamados infalliveis, que jamais curárão alguém. Ha, entretanto, alguns remedios mui conhecidos que não merecem a mesma reprovação; tal é a raspadura do callo por meio das limas (ditas sulfuricas, diamantadas, imantadas, etc., que consistem simplesmente em uma pequena peça de páo, sobre a qual se fixa, por meio de colla de Flandres, limalha de ferro ou vidro moido. Os emplastos de sabão, de mucilagem, de gomma ammoniaco, de galbano, differentes encerados, etc., são, sem duvida, meios pouco efficazes, mas podem ser empregados, pois que não apresentam inconvenientes: antes, ajudados de um calçado commodo, podem produzir bons effeitos. Outro tanto direi das folhas das plantas e do algodão em rama; mas pelo que respeita a segredos e especificos, que individuos estranhos á arte de curar annuncião com pompa nos jornaes, deve haver a respeito d'elles toda a desconfiança, pois que esses remedios não se limitão muitas vezes a effeitos insignificantes, mas são até perigosos.

CALLOSIDADE. Dá-se este nome a qualquer endurecimento das partes molles, como na planta dos pés, em consequencia da compressão do calçado, ou nos individuos que andão descalços; ou na palma das mãos pelo effeito de trabalhos penosos. Se estas callosidades occasionão dôr, cortem-se com um canivete ou navalha. (*Veja-se CALLOS*).

Chamão-se tambem *callosidades*, as indurações que se observão na margem das ulceras antigas. Resolvem-se com cataplasmas de linhaça; se forem tenazes, toquem-se com pedra infernal, ou cortem-se com tesoura curva ou bisturí.

CALMANTE. Chamão-se calmantes os medicamentos que tem a propriedade de acalmar a dôr, de entorpecer a sensibilidade, de adormecer a economia. Estes medicamentos são designados tambem pelos nomes de *sedativos*, *anodynos*, *narcoticos*. Taes são o opio, o chlorhydrato de morphina, agua de flores de laranjeira, lactucario, belladona, chloral, etc. Eis-aqui uma receita da poção calmante :

Infusão de folhas de laranjeira.	120 grammas (4 onças)
Laudano de Sydenham.	20 gottas
Assucar..	15 grammas (1 1/2 onça).

Misture.

Esta poção administra-se ás colheres *de sopa*, uma colher de quarto em quarto de hora, para acalmar qualquer dôr; ou toda a poção de uma vez, para provocar o somno.

O xarope de lactucario na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) tambem se reputa calmante. Administra-se nas tosses, puro ou misturado com chá de flores de malvas.

CALOMBO. Dá-se este nome a varias especies de tumores. Algumas pessoas chamão assim ás inchações que se observão debaixo do queixo ou na virilha; fallo d'ellas nos artigos GLANDULA, INGUA; outras dão este nome ao *abcesso* (*veja-se* esta palavra). Emfim, chamão-se tambem calombos a uns pequenos botões que apparecem durante varias molestias acompanhadas de febre, e desapparecem com ellas: não exigem tratamento particular.

CALOMELANOS. *Veja-se* MERCURIO.

CALUMBA. *Cocculus palmatus*, De Candolle. Menispermeas. Arbusto que habita na Africa oriental. Sua raiz é empregada em medicina; goza de propriedades tonicas. Apresenta-se no commercio em rodellas circulares ou ovaes, de 4 a 5 linhas de grossura, e de 18 a 24 de diametro; amarelladas no interior; cheiro nullo, sabor amargo. Administra-se no fastio, gastralgia, vomitos espasmodicos, em pó, na dóse de 1 gramma (20 grãos) duas ou tres vezes por dia.

CALUNGA. *Simaba ferruginea*, St.-Hilaire. Rutaceas. Arbusto do Brasil; habita em Minas, Bahia, Pernambuco. Folhas imparipennadas, foliolos ellipticos; ramos e face inferior dos foliolos cobertos de um tomento còr de ferrugem; flores dispostas em paniculas; fructo composto de cinco carpellas monospermas. A casca da raiz e do tronco é amarga, e usada internamente contra as febres intermittentes, em infusão que se prepara com 4 gram. (1 oitava) da casca e 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo. Esta infusão tambem se emprega contra o relaxamento do recto, fazendo-se lavatorios com ella.

CALVICIE. Chama-se calvicie a quédia do cabello da cabeça, quer senil, quer prematura. Mas não é só a cabeça que pôde ser assim affectada; todas as outras regiões do corpo cobertas ordinariamente de cabellos, como a barba do homem, as partes genitales, os sovacos, as margens livres das palpebras nos dois sexos, podem tambem perder os seus cabellos; a molestia toma então o nome de *alopecia*.

Causas. Entre as causas numerosas e variadas d'esta affecção podem contar-se todas as molestias agudas, na sua convalescença; os partos, muitas molestias chronicas ou prolongadas, o escorbuto, as empigens, quando estas se fixão em região provida de cabellos; a tinha, a tísica no ultimo gráo, a lepra ás vezes, e as dôres habituales de cabeça; os excessos venereos, um estado de esalfamento e de fraqueza extrema, qualquer que seja a sua causa; affecções moraes vivas e duraveis, trabalhos excessivos de espirito, a acção do virus syphilitico, e enfim a velhice.

Observa-se ás vezes uma especie de calvicie nas crianças, que nascem sem apresentar vestigio algum de cabello, bem que seus pais não sejam affectados de nenhuma molestia a que se possa attribuir semelhante disposição. Ordinariamente, n'este caso, o cabello principia a brotar seis mezes ou um anno depois do nascimento, e ás vezes mais tarde. Esta calvicie não exige tratamento algum, e deve considerar-se como uma singularidade da natureza.

Tratamento. Resulta do que deixei exposto que o tratamento da calvicie e da alopecia deverá variar segundo a causa que a tiver produzido. Por exemplo, sendo consequencia de alguma molestia aguda, a volta das forças, apressada por um regimen tonico e substancial, bastará para fazer cessar a sua marcha, e para favorecer a reproducção do cabello, se, comtudo, a idade avançada do individuo não vier oppôr um obstaculo insuperavel. É bom n'esta circumstancia, como tambem em todos os outros casos de calvicie, repar a cabeça, e esfrega-la com agua de Colonia, com banha misturada com rum, com infusão de sementes de mostarda, com tintura de alfazema, ou de alccrim. Ás vezes será tambem vantajoso fazer fricções com oleo de alfazema, de zimbro ou de camomilla. As fricções com pomada de *Dupuytren*, com a quantidade do tamanho de uma azeitona, duas vezes por dia, podem tambem aproveitar. Eis-aqui a receita d'esta pomada:

Tutano de boi.	60 grammas (2 onças)
Acetato de chumbo crystall.	1 gramma (20 grãos)
Balsamo Peruviano.	2 grammas (40 grãos)
Alcool.	12 grammas (3 oitavas)

Tintura de cantharidas. . .	45 centigrammas (9 grãos)
Tintura de cravo da India.	5 gottas
Tintura de canella.	5 gottas.

Misture-se segundo a arte.

As pomadas seguintes empregão-se igualmente com vantagem :

Pomada philocoma.

Tutano de boi.	24 grammas (6 oitavas)
Oleo de amendoas doces	8 grammas (2 oitavas)
Extracto de quina.	2 grammas (40 grãos)
Essencia de bergamota	6 gottas
Balsamo peruviano liquido.	20 gottas.

Faça segundo a arte.

Pomada contra a queda do cabello (Reveil).

Tutano de boi.	24 grammas (6 oitavas)
Oleo de amendoas	8 grammas (2 oitavas)
Sulfato de quinina.	2 grammas (1/2 oitava)
Rhum. . .	10 grammas (2 1/2 oitavas)
Tannino.	1 gramma (20 grãos)
Essencia de rosas. . .	3 gottas.

Faça segundo a arte.

Pomada de tannino.

Tannino.	2 grammas (40 grãos)
Agua. . .	2 grammas (40 grãos)
Banha. . .	45 grammas (1 1/2 onça).

Faça segundo a arte.

Pomada de alcatrão.

Alcatrão purificado.	8 grammas (2 oitavas)
Banha.	24 grammas (6 oitavas).

Misture em almofariz.

Pomada cantra a queda do cabello (Dauvergne).

Banha	30 grammas (1 onça)
Alcatrão.	3 grammas (60 grãos)
Manteiga de moscada.	2 grammas (40 grãos)
Benjoim.	2 grammas (40 grãos)
Balsamo de Fioravanti.	3 grammas (60 grãos)
Balsamo do Commendador.	3 grammas (60 grãos)
Almiscar	5 centigrammas (1 grão)
Essencia de patchouly.	30 centigrammas (6 grãos).

Dissolva por trituração o benjoim n um pouco de alcool, ajunte os balsamos, e incorpore tudo na pomada de alcatrão, previamente preparada a banho-maria.

Em todos os casos em que a queda do cabello procede de alguma molestia chronica e constitucional, exige, antes de tudo, a cura

d'estas affecções, e depois o tratamento local, que deixei indicado, poderá empregar-se com vantagem.

A calvicie venerca exige o tratamento antisiphilitico o mais prompto e o mais methodico, continuado ao menos por tres mezes. *Veja-se SYPHILIS.*

A continencia é necessaria ás pessoas em quem a molestia procede dos excessos venereos. Tentar-se-ha depois a restauração das forças por um regimen fortificante e banhos frios. Esta medicação convem igualmente ás pessoas fatigadas por outros excessos. Aquelles, cuja alopecia é devida a pezares, acharão nas consolações da amizade e nas distracções os unicos meios capazes de influir vantajosamente na sua molestia: mas este meio nem sempre é efficaz. O homem, que se occupa de algum trabalho com excessivo ardor, não poderá obter melhoras no seu estado, senão suspendendo esse trabalho por algum tempo.

A calvicie senil é incuravel. Quanto ás outras especies, se bem que sejam racionaes os tratamentos empregados contra ellas, não se deve esperar, depois da cura, novo cabello tão espesso como o antigo. Finalmente, esta reproducção será tanto mais completa, quanto menor fôr a idade do individuo. Os cabellos tornarão a nascer muito mais difficilmente depois da segunda calvicie. A terceira, e sobretudo a quarta, despoja a cabeça para sempre.

Seja qual fôr a causa da calvicie, convem, no principio do tratamento rapar a cabeça, e repetir esta operação muitas vezes, á proporção que os cabellos forem crescendo. Para prevenir a quêda dos cabellos, será bom corta-los frequentemente, e mesmo corta-los rente. Este meio é um dos melhores e mais commodos para facilitar o augmento dos cabellos.

O vulgo tem geralmente grande confiança nos outros meios propostos para favorecer o crescimento do cabello; taes são, as banhas de urso, de veado, de cobra, de coelho; certos linimentos extremamente variados; mas não se deve contar muito com os bons effeitos d'estas applicações; comtudo não apresentam o menor perigo. O unico tratamento da calvicie é o que vai indicado n'este artigo, e tudo o que é gabado pela cubiça ou pelo charlatanismo deve ser considerado como inefficaz e superfluo.

CAMAPÚ, ou JUÁ PÓCA. *Physalis angulata*, Linneo. Solanaceas. Planta do Brasil. Caule de 60 centimetros, erecto, ramificado, glabro, fistuloso, quadrado ou com 5 faces; folhas pecioladas, ovadas, agudas, denteadas ou anguladas, glabras; corolla flavescence pallida; sabor amargo. — Tónico, contém um principio narcotico pouco activo. O succo é empregado nas dôres de ouvido, instillando-o no conducto auditivo. O cozimento feito com o caule,

folhas, raiz e fructos, é aconselhado nos rheumatismos e molestias do figado. *Dóse* : 8 gram. (2 oitavas) para 360 gram. (12 onças) d'agua.

CAMARÁ (Planta). Com este nome designão-se no Brasil plantas do genero *Lantana*, da familia das Verbenaceas, taes como a *Lantana camara*, Linneo; *Lantana aculeata*, Linneo; *Lantana involucrata*, Linneo; *Lantana brasiliensis*, Link.; cujas folhas e flores são aromaticas, e se empregão internamente em infusão theiforme como peitoraes; e externamente em banhos nos rheumatismos.

CAMARAS. *Veja-se* DIARRHEA.

CAMARAS DE SANGUE. *Veja-se* DYSENTERIA.

CAMARÃO. Fig. 86. Animal crustaceo que constitue o typo da familia dos Palemões; encontra-se em quasi todos os mares, e

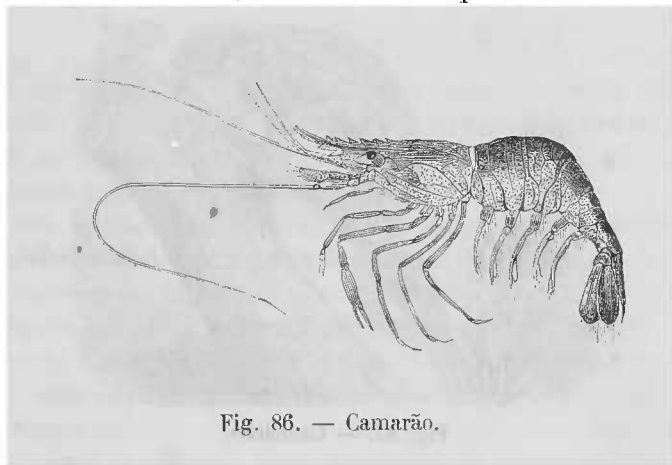


Fig. 86. — Camarão.

em alguns rios; abunda no Rio de Janeiro; é de côr verde-bronzeada; mas, depois de cozido, faz-se encarnado claro ou côr de carne. Pesca-se ao longo da costa nas poças d'agua, que a maré deixa na sua vazante; os melhores são os que se colhem entre as pedras. Sua carne é agradável e salubre, porém um tanto pesada.

CAMBAIO. *Veja-se* RACHITISMO.

CAMBOIM. Fructo de um arbusto do Brasil, *Eugenia crenata*, Velloso (Myrtaceas). Este fructo é refrigerante.

CAMBUCÁ. Fructo do Cambucaseiro (*Eugenia edulis*) da familia das Myrtaceas, arvore do Brasil, que habita nos sertões de Pernambuco, do Rio de Janeiro, e de Minas Geraes. O fructo tem 6 a 9 centimetros de comprimento, é de fórma redonda, de côr amarella; tem a superficie lisa, casca fina, ligada á massa gelatinosa, espessa, molle, doce e agradável, encerrando um nucleo redondo, oblongo, de côr roxa, um pouco oleosa. Esta massa come-se; é refrigerante.

CAMELEÃO. Fig. 87 Reptil quadrupede assaz semelhante a um lagarto grande; tem a pelle rugosa, o corpo comprimido, com uma aresta saliente e denteada sobre o dorso, a cauda recurvada para baixo, e cabeça grossa e angulosa, o pescoço como se fosse inchado, a lingua quasi tão comprida como o corpo, e terminada por um tuberculo viscoso que lhe permite apanhar os insectos de que se alimenta; as patas iguaes, 5 dedos em cada pata, reunidos em dois feixes oppostos; attinge até 50 centímetros de comprimento. O cameleão é um animal timido e inoffensivo, que habita as regiões quentes da Asia, Africa e America. É pouco agil, e parece concentrar toda a força muscular na lingua que lança com extrema rapidez, e de que se serve para apanhar os insectos;

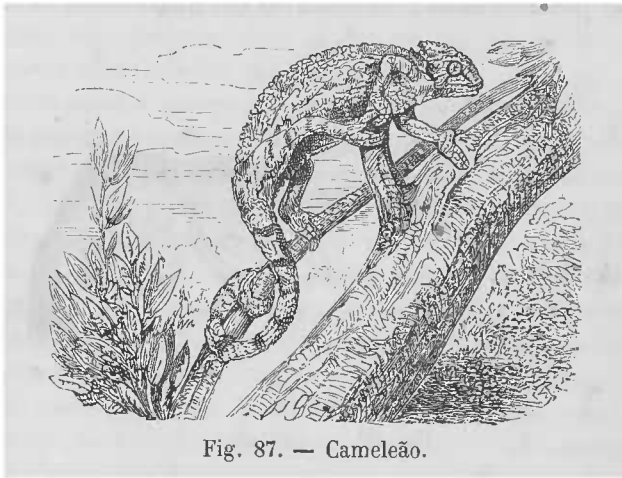


Fig. 87. — Cameleão.

póde supportar um calor excessivo, e ficar mezes inteiros sem comer. Caminha mui lentamente; encontra-se de ordinario sobre os ramos das arvores onde está á espreita da sua presa.

O cameleão muda de côr segundo suas paixões e necessidades. Sua côr ordinaria é amarella; sobre uma arvore verde torna-se, pelo effeito do reflexo, de um verde claro; tomado na mão, sua côr escurece e cobre-se de nodoas roxas rosadas; irritado, torna-se quasi preto: de tempo em tempo toma grande numero de visos intermedios. Esta singular propriedade do cameleão fez com que o tomassem por emblema do homem versatil, que, por ambição, toma as côres das circumstancias.

CAMOMILLA ROMANA. *Anthemis nobilis*, Linneo. Synanthreas-senecioides. Planta da Europa, cultivada no Brasil. Fig. 88. Caule de 3 a 10 pollegadas, rasteiro, ramoso, extremidades dos ramos levantados, dos quaes cada um sostem uma só flor; folhas recortadas em muitos lobos lineares por incisões fundas que vão

até á nervura média, fortemente aromaticas e amargas; flores radiadas; os meios florões da circumferencia brancos; os florões do

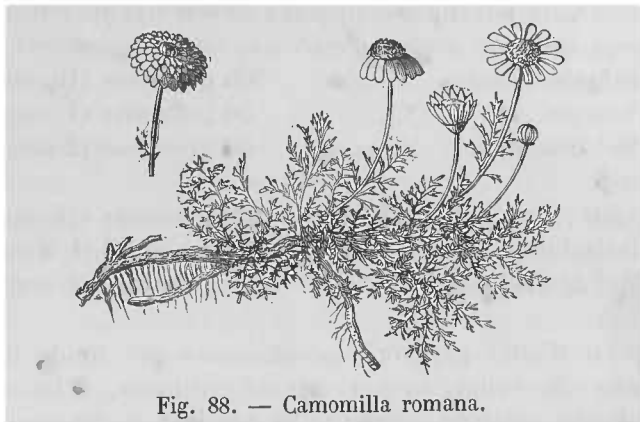


Fig. 88. — Camomilla romana.

centro amarellos, mas a cultura os faz brancos, d'onde vem a côr totalmente branca da flor, que se acha no commercio. O chá de flor de camomilla é tónico, e usado nas indigestões e fastios. 1 gramma (20 grãos) para 180 gram. (6 onças) d'agua fervendo.

CAMOMILLA VULGAR. *Matricaria chamomilla*, Linneo. Synanthereas-senecioi-des. Planta commum em Portugal, cultivada no Brasil. Fig. 89. Caules da altura de pé e meio; folhas pennati-partidas, de lobos lineares frequentemente divididos; pedunculos nus no apice, unifloros; flores brancas com disco amarello. As mesmas propriedades, e os mesmos usos que a preecedente.

Em lugar da camomilla romana e vulgar, emprega-se muitas vezes a macella gallega, planta que goza das mesmas propriedades. *Veja-se* MACELLA GALLEGA.

CAMPAINHA DA GARGANTA ou UVULA. É o nome do prolongamento em fôrma de uva, que pende no fundo da garganta acima da base da lingua. O vulgo pensa que a campainha póde *cahir*, e que então é preciso *levanta-la* por applicações estimulantes, taes como uma colher de pimenta posta em contacto com o orgão. A campainha não *cahe*, mas em certas esquinencias, produzidas sobretudo pelo frio humido, alonga-se, incha, e, por seu contacto com a lingua, produz uma



Fig. 89.

Camomilla vulgar.

necessidade contínua de engulir, o que é bastante desagradavel. As mais das vezes, a dieta, o repouso, e alguns gargarejos são sufficientes para reduzir a campainha ao seu volume ordinario.

Os gargarejos que servem n'este caso são os seguintes :

1º Infusão de salva.	500 grammas (16 onças)
Vinagre.	30 grammas (1 onça)
Mel rosado.	60 grammas (2 onças).

Misture.

2º Agua.	500 grammas (16 onças)
Pedrahume.	15 grammas (1/2 onça)
Mel de abelhas.	60 grammas (2 onças).

Misture.

Se apesar d'estes gargarejos, continuados por muito tempo, a campainha não voltar ao seu volume ordinario, e incommodar pela titillação contínua, dever-se-ha praticar a sua excisão com tesoura.

CAMPECHE. Veja-se PÁO CAMPECHE.

CAMPFORA OU ALCANFOR. É um producto vegetal, que existe em grande numero de plantas. O que se acha no commercio é extrahido do louro chamado *Laurus camphora*, Linneo, que abunda na China, no Japão, e está acclimado no Brasil. Fig. 90.



Fig. 90. — Camphora.

A camphora refinada apresenta-se debaixo da fórma de pedaços redondos, convexos de um lado, concavos do outro; é branca, meio transparente, mais leve que a agua; mui cheirosa; de sabor amargo, quente e picante, e é tão volátil, que um pedaço abandonado ao ar livre, diminue pouco a pouco, e acaba por desaparecer inteiramente. A camphora é muito inflammavel, e arde sem residuo. É pouco solúvel em

agua, mui solúvel no azeite, alcool, ether e aguardente.

A camphora dissolvida no azeite emprega-se em fricções nas dôres rheumatismas, sciaticas, etc. Entra no alcool camphorado, na aguardente camphorada, no balsamo opodeldoch, etc. Interna-

mente administra-se na dóse de 10, 15 até 180 centigrammas (2, 3 a 36 grãos) como antispasmodico.

O cheiro da camphora é mortal para os pequenos animaes, particularmente para os insectos e os bichos; e por isso emprega-se para conservar as collecções de historia natural, as pellicas e os estofos de lã.

CANARIO. Passaro originario das ilhas Canarias, tem o bico côr de carne, a plumagem amarella e ás vezes cinzenta-esverdeada; a cauda um pouco forcada. Conhecem-se vinte e nove variedades. Entre os passaros cantores, o canario é aquelle cujo gorgeio é mais frequente e mais prolongado; esta qualidade o colloca em primeira ordem entre os passaros que as pessoas sedentarias se aprazem a criar em gaiolas. No seu paiz natal, o canario é de um verde-escuro com listras roxas nas costas e nas azas: o estado domestico é que lhe deo a côr amarella que o distingue; entretanto, o canario verde, em tudo semelhante á especie primitiva, tem-se sempre conservado.

Os amadores de passaros tem cruzado a raça pura dos canarios com o pintasilgo, pisco, pintarroxo e outros passaros: resultarão d'isto pequenos mestiços de diversas côres assaz bonitos que se chamão *arlequins*; o canto d'estes mestiços parece-se com o das duas raças de que provém.

Os canarios machos assobião bem; e o seu gorgeio é bastante agradável; são susceptiveis de aprender arias, por meio de um realejo, feito de proposito para elles; chega-se tambem a fazer-lhes repetir algumas palavras. A femea não canta. São sociaveis e familiares; affeição-se á pessoa que trata d'elles, vem pousar no hombro, e tomão da mão ou da bocca o alimento que se lhes apresenta. Alimentão-se e crião-se com facilidade: o milho miudo, o murrião ou outras plantas fazem, com o assucar e biscoutos, a base da sua alimentação. A femea faz 4 ou 5 posturas por anno, de cinco a seis ovos de cada vez; põe-se-lhe um cestinho para o ninho, e algodão para o forrar. A incubação dura doze a quatorze dias. Suspende-se na gaiola um osso de chόco no qual estes passarinhos agução o bico. Os canarios estão sujeitos a muitas molestias; tem, entre outras, a molestia do *botão*, que se desenvolve debaixo da cauda, e que é necessario abrir com lanceta quando está maduro.

CANCRO. Molestia chronica, que principia sob a fórma de tumor, verruga ou chapa, que augmenta gradualmente, quasi nunca retrocede, apresenta uma tendencia manifesta para a ulceração, invade todos os tecidos sem distincção, pôde reproduzir-se, que, emfim, deteriora a saude geral.

Ha diferentes especies de cancro :

Cancro scirrroso ou scirrho.

Cancro encephaloide.

Cancro melanico.

Cancro colloide.

Cancro epithelial ou cancroide.

1º **Cancro scirrroso** ou **scirrho**. É caracterizado por um tumor de consistencia firme e mesmo mui dura, do volume de uma avelã até ao de uma pequena maçã. Sua consistencia foi comparada á pelle do toucinho. Quando se corta um tumor scirrroso, experimenta-se notavel resistencia, e o cóрте é acompanhado de um pequeno ruido. O seu aspecto é branco-amarellado.

Todos os órgãos podem ser a séde do scirrho, mas esta fórmula do cancro apparece sobretudo no seio.

Symptomas. O principio do scirrho não é acompanhado de sensação particular alguma, e muitas vezes o doente não descobre o tumor senão por acaso. Este apresenta-se como massa assaz circumscripta; é movel no principio, mas sente-se que está reunido á parte do órgão em que se desenvolveo; a sua consistencia é firme, a sua superficie desigual. Emfim, n'este periodo da molestia, a pelle está ainda intacta, sem adherencia nem mudança de côr; raras vezes os ganglios lymphaticos estão inchados.

Mais tarde, o tumor adquire um volume mais consideravel, apresenta a superficie desigual e contornos mal limitados que se estendem por prolongamentos ramosos; sua mobilidade é muito menor, por causa da extensão da molestia aos tecidos vizinhos e sobretudo á pelle. Esta pelle, então adherente, não póde escorregar nem ser levantada; parece ser attrahida do lado do tumor por sua face profunda, de que resultão rugas irregulares, ou superficie aspera. Apparecem á roda veias sub-cutaneas, sinuosas, mui desenvolvidas em relação ao volume do tecido morbido. Além d'isso, sobre o trajecto dos vasos lymphaticos, existem ordinariamente glandulas engurgitadas e duras.

Quando o scirrho é já antigo, as dôres, que não existião ou que erão leves a principio, tomão um character de agudez notavel.

Emfim, chega um momento em que a pelle, alterada pela infiltração cancerosa, torna-se de côr rubra-escuro e abre-se; a ulceração principia pela superficie da pelle, esconde-se n'uma das rugas dos tegumentos, toma a fórmula de uma racha, e augmenta com lentidão.

Uma vez aberta, a ulcera cancerosa apresenta caracteres particulares. É deprimida, coberta de nodosidades e de carnosidades pouco desenvolvidas, de máo character; suas margens são duras,

pouco salientes, pouco ou nada viradas; o seu fundo é duro. Escorre d'ella um liquido fetido.

Apparecem então *symptomata geraes*: o doente torna-se fraco, magro; a sua tez toma côr amarellada, as digestões perturbão-se; muitas vezes sobrevem oppressão, tosse, dôres vagas em diversas regiões. Esta reunião de *symptomata* constitue a *cachexia cancerosa*, que descreverei com maiores pormenores quando tratar dos *symptomata* do cancro de uma maneira geral.

A marcha do scirrho é geralmente lenta; individuos ha affectados por 20 e 30 annos de tumores scirrhosos que se mantêm estacionarios e nunca compromettem a existencia d'elles; isto não se observa, entretanto, senão nos scirrhos indolentes, que não occupão um orgão essencial á vida. Nos outros casos, os progressos do mal são contínuos, e todavia muitos annos podem ainda mediar entre o principio e a terminação; emfim, ás vezes a desorganização é mui rápida, alguns mezes são sufficientes para que percorra todos os seus periodos. É mui raro obter a cura do scirrho quando não é susceptivel de ser operado; aida é mais raro vê-lo sarar espontaneamente. Comtudo, o professor Velpeau cita na sua obra tres casos de tumores, tendo completamente os caracteres do cancro scirrroso, que desaparecerão em alguns annos sob a influencia de um tratamento medico. Todo o scirrho é tanto menos curavel, quanto mais antigo, mais doloroso, e mais extenso fôr, quanto a desorganização é mais profunda e o orgão que occupa mais essencial á vida; emfim, quando o doente é mais idoso e mais fraco. As circumstancias oppostas tornão o prognostico favoravel. As reincidencias, depois da operação, são menos frequentes quando os doentes são jovens, de boa constituição, e o mal mais circumscripto e menos antigo.

2º **Cancro encephaloide**, chamado tambem *Fungus hematode*. É caracterizado por tumores de volume variavel, ordinariamente arredondados, tendo em geral pouca consistencia, cujo tecido tende a fazer proeminencia quando se divide, e fornece um succo abundante e lactescente. Estes tumores são notaveis, além d'isso, pela grande aptitude a inficionarem os ganglios lymphaticos e a economia inteira. No ultimo periodo da sua evolução o cancro encephaloide reduz-se a massa espessa, branca ou rubra. O lugar de predilecção dos tumores encephaloides é o testiculo; vem depois os ossos, os olhos, o seio, as paredes thoracicas e abdominaes.

Symptomata. Não ha signal algum precursor que annuncie a formação do encephaloide; as observações mostrão com effeito que a maior parte dos doentes gozavão saude perfeita no momento em que se produzio a molestia.

A principio, não se observa nada de característico. O tumor é quasi redondo, bem circumscripto, de consistencia média, movel quando não toma a sua origem em algum osso. A pelle que o cobre é de côr natural e sem adherencias. Não ha ainda dôres, ou são poucas.

Mais tarde, á medida que faz progressos, este tumor contrahe adherencias ao mesmo tempo com as camadas profundas e com as superficiaes; resulta d'isto uma mobilidade menos evidente e mesmo uma immobilidade completa. Todavia esta extensão e esta immobilidade sobrem em geral muito mais tarde no encephaloidé do que no scirrho. N'este periodo adiantado, a superficie do encephaloide apresenta largas elevações, cuja molleza é ás vezes bastante grande para simular a fluctuação, e que são separadas pelas porções mais firmes. Veias de um volume relativamente consideravel, sinuosas, azuladas, partem do tumor e podem ser seguidas bastante longe no seu trajecto sub-cutaneo. Emfim, a pelle toma a côr rosea, depois rubra-escura, indicio precursor de uma ulceração imminente. Se as dôres não existião ainda, principião a fazer-se sentir sob a fórma de calor, de *picadas* mais ou menos agudas. A pelle estirada, adelgada, violacea, cede emfim, e estabelce-se a ulceração. Esta, a principio estreita, toma em alguns dias dimensões mais consideraveis; escorre d'ella um humor seroso abundante, cinzento, de fedor especial, cujo contacto irrita a pelle vizinha. A ulcera faz-se mais funda e apresenta margens cortadas perpendicularmente ou viradas; ás vezes o tecido do tumor incha, faz proeminencia a travez da abertura cutanea, e estende-se para fóra como um largo cogumelo violaceo. Ás vezes fragmentos de fungosidades separão-se ou cahem em putrefacção.

A ulcera que succede ao tumor encephaloide póde apresentar dimensões consideraveis. Os seus caracteres não são os de uma ferida suppurante de boa natureza; sem fallar do liquido que d'ella sahe, a sua superficie é coberta de granulações molles, cinzentas e mui vasculares. Muitas vezes o encephaloide ulcerado é a séde de hemorragias devidas ao mesmo tempo á molleza do tecido morbido e ao desenvolvimento consideravel de seus vasos, cujas delgadas paredes rasgão-se pelo menor esforço. Estas hemorragias são ordinariamente moderadas, mas podem ser bastante abundantes para inquietar. Em certa época inchão as glandulas lymphaticas vizinhas. Existe a principio um só ganglio bastante duro e movel; depois, estando invadidas consecutivamente as outras glandulas, sente-se um rosario ganglionar cujas differentes contas acabão por ajuntar-se. Semelhantes deşordens não podem existir sem perturbar profundamente a economia inteira, e symptomas

geraes não tardão a sobrevir; côr amarella da pelle, digestões difficéis, enfraquecimento geral. De todos os cancros, a evolução do encephaloide é a mais rapida; em seis mezes percorre ordinariamente todos os seus periodos; vio-se, porém, durar quatro annos.

3º Cancro melanico. É o cancro encephaloide córado pelo pigmento negro. Apresenta-se sob a fórma de massas arredondadas, bem circumscriptas ou enkystadas, pouco volumosas, *molles*, e ás vezes *mui molles*. Quando se cortão, escorre d'elles um succo canceroso bastante abundante cuja côr varia do cinzento ao preto, e que mancha o papel como tinta preta mais ou menos diluida. A sua séde mais ordinaria é o olho e a pelle.

Symptomas. Este cancro principia por um, dois ou mais tumores; ou então, a um tumor succedem rapidamente outros, sobretudo quando é a pelle a séde do mal. Estes tumores permanecem muitas vezes mui pequenos, mas o seu numero parece supprir o seu volume. Quando são superficiaes, póde-se conhecer a sua natureza pela côr azulada que se vê atravez da pelle. A marcha e a duração do cancro melanico lembrão as fórmas as mais activas do encephaloide ordinario. A infeção geral da economia é ainda mais prompta do que n'este.

4º Cancro colloide. É caracterizado pela presença, na totalidade ou n'uma parte do tumor, de uma substancia semelhante a uma gelêa mais ou menos grossa, de marmelo ou de groselha. Apparece de ordinario no intestino ou no peritoneo, onde póde formar massas de um volume enorme. Segue a marcha e apresenta signaes analogos aos das precedentes especies, com a differença que a sua evolução é menos rapida, e as suas propriedades infeccionadoras menos pronunciadas.

5º Cancro epithelial ou CANCROIDE. Tumor formado de elementos semelhantes a epithelio (cuticula que cobre as membranas mucosas). Encontra-se nos beiços, lingua, rosto, escroto, anus, collo do utero, etc. Principia por proeminencia semelhante a uma verruga, que se torna vermelha, abre-se e transforma-se em ulcera. Consagro um artigo especial a esta especie de cancro (*veja-se* CANCROIDE).

Symptomas geraes doe cancros. A pouca mobilidade do tumor é de certa importancia quando o tumor não tem a sua origem no osso. Bem que este character possa encontrar-se nos tumores benignos, póde servir como elemento de diagnostico, porque sobrevem cedo no cancro, antes que o tumor tenha adquirido grande desenvolvimento. Consistindo uma das tendencias mais notaveis do cancro na invasão de todos os tecidos sem distincção de natureza, cessa logo de ser

movediço, faz parte do órgão doente e immobiliza-se na região que é a sua séde.

As *dôres* merecem igualmente ser tomadas em consideração. Bem que certos cancros sejam pouco dolorosos do principio até ao fim, e que ás vczes tumores benignos sejam séde de dôres vivas, pôde dizer-se de uma maneira mui geral, que as affecções cancerosas chegadas a certo periodo da sua evolução, são notaveis pelas dôres que as acompanhão. Os doentes comparão os soffrimentos a uma queimadura, ao peso; mas queixão-se sobretudo das picadas que experimentão como se uma agulha, um punhal, um ferro quente atravessasse o tumor. A estas dôres é que se deo o nome de *dôres lancinantes*; sua frequencia é tal, que se considerão como signal caracteristico do cancro.

A *ulceração* é menos constante, porque não é raro ver doentes que chegão ao ultimo periodo do enfraquecimento com um ou mais tumores não ulcerados. Todavia todos os tumores cancerosos tendem a ulcerar-se, e se esta desorganização não existe ainda no momento em que se observa o doente, a adherencia da pelle ao tecido morbido tem quasi o mesmo valor. Quando a ulceração se effeituou, existe um novo caracter importante: a superficie da ulcera é ichorosa, irregular, de margens salientes ou viradas, pallida ou rubra; descança sobre a base dura e espessa, apresenta em certos pontos anfractuosidades profundas, em outros carnosidades exuberantes; em uma palavra não tem caracteres de uma ulcera de boa natureza. Ajuntemos, que não fornece verdadeiro pus, mas um liquido tenue, seroso, cinzento ou sanguinolento, que se chama *ichor canceroso*, de cheiro fetido particular, repugnante, analogo em todos os cancros.

A existencia de um *engurgitamento ganglionar* seria um caracter do tumor canceroso, se fosse sempre possível pronunciar-se sobre a alteração das glandulas lymphaticas augmentadas de volume. Mas é mui difficil ter a certeza. Se, porém, as glandulas engurgitadas são multiplas, duras, pouco moveis, adherentes á pelle; se sobretudo são já a séde de ulceração offerecendo os caracteres da ulcera cancerosa, não pôde infelizmente haver duvidas.

A *deterioração da saude geral* mostra a malignidade do tumor. Bem que não seja raro o encontrar doentes, affectados de cancros volumosos e antigos, nos quaes a saude geral não experimentou golpe profundo, pôde dizer-se que isto não constitue a regra, e que em geral ha disproporção marcada entre a lesão e a sua influencia sobre o organismo. Assim, não pôde explicar-se a depressão das forças nem pelo ichor que distilla da ulcera, nem pelas hemorragias. Tudo isso prova que é preciso attribuir á natureza do

tumor a sua influencia deleteria, e mostra o contraste que existe entre as producções malignas e os tumores benignos. Estes podem, com effeito, existir durante innumerous annos, e adquirir um desenvolvimentó enorme, sem occasionar outro prejuizo á saude do que o que resulta do seu peso e do seu volume consideravel.

A reunião dos symptomas geraes que sobrevem no curso da molestia cancerosa é o que se chama *cachexia cancerosa*. Sobrevem primeiro, um certo gráo de emmagrecimento, porém não mui consideravel; é acompanhado da côr amarella da pelle, que não é nem a da chlorose, nem a da ictericia. Ao mesmo tempo as funcções digestivas perturbão-se, o doente tem menos appetite, as digestões fazem-se com alguma difficuldade, as evacuações não são tão regulares como no estado normal; nos ultimos periodos da molestia apparece diarrhea; as forças diminuem sensivelmente, o doente enfraquece de dia em dia, sobrevem cansaço e algumas palpitações.

O cancro abandonado a si mesmo é mortal, salvo raras excepções. Porém todos os tumores cancerosos não são igualmente malignos. Podem a este respeito estabelecer-se tres divisões: 1º tumores de malignidade excessiva (cancro melanico, encephaloide, scirrhoso); tumores de malignidade média (cancro colloide); tumores de malignidade menor (cancro epithelial ou cancroide).

Causas. O cancro póde desenvolver-se em todas as partes do corpo, mas é muito mais frequente nos seios, nos testiculos, no utero, e no rosto, do que nas outras partes. O apparecimento do cancro suppõe certa disposição interior que não é conhecida, mas sem a qual todas as causas externas nunca poderião produzir a molestia. Infelizmente nada nos póde fazer reconhecer de antemão a terrivel predisposição para o cancro: não é igual em todos os orgãos; pois que frequentemente uma parte exposta a todas as causas, debaixo da influencia das quaes se desenvolve o cancro, fica isenta d'esta affecção, entretanto que outra, que se acha ao abrigo d'essas circumstancias, não póde ser preservada. Certos individuos tem tambem esta disposição em grãos mui differentes. Sabe-se que em certas pessoas uma branda irritação determina o seu desenvolvimento, entretanto que em outras o mal não apparece senão com o concurso de causas mais poderosas.

Julgava-se antigamente que o cancro podia communicar-se de uma para outra pessoa; mas hoje o contagio não é para temer, pois que os Drs. Alibert e Bielt provárão, por experiencias bem concludentes, quão mal fundados erão os receios vulgares a este respeito. Muitas observações provão que mulheres affectadas de cancro do utero continuarão por muito tempo a entregar-se ás

relações conjugaes, sem nenhuma consequencia sinistra para seus maridos.

O conhecimento da causa *proxima* do cancro seria mui importante; infelizmente nada se sabe de exacto a semelhante respeito, e devemos limitar-nos a estudar as circumstancias debaixo da influencia das quaes esta molestia se declara: umas actuão na economia inteira; taes são as paixões tristes, as fadigas excessivas, a suppressão de uma evacuação habitual, como menstruos, hemorroidas, etc.; outras são locaes. As causas locaes mais frequentes, isto é, as que actuão sobre um ponto especial da constituição, são: as pancadas, as inflammações prolongadas, as ulceras antigas; mas é preciso confessar que as mais das vezes o cancro apparece sem que se possa attribui-lo a nenhuma d'estas causas. E quantos individuos não ha que, submettidos á influencia de todas as causas que deixei mencionadas, nunca offerecêrão o menor vestigio de molestia cancerosa? Logo que a acção das influencias exteriores está subordinada á predisposição interior da economia, e que sem ella todas as outras nada influem, só ella de per si póde determinar o apparecimento da molestia.

Tratamento. Se as causas do cancro fossem conhecidas, seria possivel indicar um tratamento preservativo; mas na nossa ignorancia sobre este objecto, não podemos dar sequer indicações geraes.

Tratamento medico. Numerosos medicamentos forão empregados contra o cancro sem vantagem; é inutil, pois, descrevê-los; farei só d'elles uma simples enumeração.

As preparações de cicuta, de aconito, de belladona; o lagarto, os mercuriaes, o arsenico, o chlorureto de bario, os saes de cobre, os saes de ferro, o iodo, o oxydo de ouro, o olco de figado de bacalháo, etc.; todos estes medicamentos, alternativamente gahados como especificos, e cahidos n'um justo discredito, não produzirão provavelmente cura alguma; de sorte que se um especifico do cancro existe, o que é possivel, está ainda por achar.

Á vista d'estes resultados desesperantes, deve o medico ficar desanimado? Não, por certo. Dois ou tres exemplos de tumores provavelmente cancerosos, que desapparecêrão gradualmente pela resolução, parecem todavia mostrar que o cancro não é molestia absolutamente incuravel, e talvez um dia um especifico será descoberto.

A resolução d'estes tumores, observada pelo Dr. Velpeau, foi devida a medicamentos bastante activos; iodureto de potassio internamente, fricções com pomada de iodureto de potassio, banhos com bicarbonato de soda, purgantes repetidos. Eis-aqui as receitas:

Iodureto de potassio. 15 grammas (300 grãos)

Agua distillada. 450 grammas (15 onças).

Dissolva. Para beber uma colher *de sopa*, duas vezes por dia. Esta poção, tomada na dóse de duas colheres *de sopa*, por dia, acaba em 15 dias. Repete-se a poção, e continua-se por 3 ou 4 mezes.

Pomada de iodureto de potassio. 60 grammas (2 onças).

Fazem-se duas fricções por dia, com a porção do tamanho de uma azeitona, por cada vez, d'esta pomada.

Banho com bicarbonato de soda.

Bicarbonato de soda. 150 grammas (5 onças).

Deita-se a porção toda n'um banho geral d'agua morna simples. Toma-se um banho por semana.

Um purgante de dez em dez dias: infusão de sene tartarizada, limonada de citrato de magnesia, oleo de ricino, sal d'Epsom, ou sal de Glauber.

O regimen deve ser regular, composto de carne, vegetaes, vinho, chá, café, fructas, etc.

Tratamento cirurgico. Bem que o cancro seja frequentes vezes o resultado de uma diathese ou predisposição, contra a qual só existem remedios palliativos, ha casos em que a molestia está localizada sobre um ponto, que basta destruir antes da sua propagação para curar o mal. Os meios proprios para este fim são: a *cauterização* e a *excisão*.

As *substancias causticas* empregadas para destruir os cáncros são o chlorureto de zinco, a massa de Vienna, o acido arsenioso, o acido sulfurico.

A cauterização com *chlorureto de zinco* consiste em applicar sobre o tumor chapas feitas com massa d'esta substancia, ou em introduzir frechas feitas com a dita massa por fóra do tumor ou da ulceração atravez dos tecidos. Esta massa faz-se com chlorureto de zinco, farinha de trigo e agua; em medicina tem o nome de caustico de Canquoin.

A acção do chlorureto de zinco é mui energica, visto que este caustico destroe em 48 horas uma espessura de tecidos igual a quatro vezes a espessura da camada da massa empregada. Este caustico é mui vantajoso; determina nos tecidos uma inflamação destruidora de boa natureza. Infelizmente o chlorureto de zinco actua lentamente, visto que é preciso deixa-lo no lugar de 12 a 48 horas, segundo o resultado que se deseja obter, e durante este tempo soffrem-se dóres bastante fortes. Não actuando o chlorureto de zinco sobre a pelle intacta, se o tumor não está ulcerado, é preciso destruir a epiderme que o cobre applicando primeiro um

vesicatorio; ou começa-se a operação pela applicação da pasta ou massa de Vienna afim de destruir os tegumentos. Bastão dez minutos de applicação da pasta de Vienna para desnudar a pelle, e logo que isto se consiga, applica-se uma camada de pasta de chlorureto de zinco, que deve ter $1/2$ centimetro de espessura, e, por cima, uma prancheta de fios. Seis horas depois applica-se uma ecatlasma de linhaça, que deve permanecer até ao dia seguinte. Destaca-se a escarra com canivete, e faz-se nova applicação, como foi dito, até se destruir completamente a producção cancerosa.

A *massa de Vienna* que se emprega, só, para cauterizar os pequenos cancos, é um bom caustico, pouco doloroso e energico. O unico inconveniente, que devemos assignalar, é que se o cancro fornece liquidos em abundancia, o caustico é arrastado e a sua acção impedida. A massa de Vienna prepara-se com potassa caustica, cal viva e alcool.

O *acido arsenioso*, misturado com cinabrio e sangue drago ou esponja calcinada faz parte das preparações causticas de Rousselot, de frei Cosme, e entra em grande numero de massas empregadas pelos empiricos. É um caustico cuja acção é bem limitada, e que produz uma escara secca; não possui, porém, acção alguma especifica contra o cancro. Este caustico é mui doloroso e actua com lentidão; durante muitos dias, uma semana ordinariamente, faz sentir vivas dôres. Além d'isso, e o que é muito mais grave, o arsenico pôde ser absorvido em dóse mais ou menos forte e produzir envenenamento. Para evitar este perigo não se deve cauterizar uma superficie maior de tres centimetros quadrados.

O *acido sulfurico* solidificado com pó de açafraão ou de carvão, constitue igualmente um caustico energico, que se pôde applicar sobre as superficies as mais irregulares.

As substancias causticas podem ser applicadas de duas maneiras: sobre o tumor mesmo, ou sobre os seus limites de modo a separa-lo das partes sãs. Esta ultima fórma pratica-se por meio de frechas causticas feitas com massa de chlorureto de zinco, acima mencionadas.

A *excisão* do tumor faz-se com bisturi. Esta operação, que é mui dolorosa, é precedida da chloroformização do doente.

A cauterização ou a excisão do cancro são os unicos meios racionaes que se podem oppôr a esta molestia.

Condições geraes e indicações do tratamento cirurgico. Sendo de certa gravidade as operações que se praticão para a cura dos cancos, convem examinar se estes tumores devem ser operados.

Certos autores, baseando-se no facto de que a producção ean-

cerosa acha-se debaixo da dependencia de uma diathese, considerão como inutil uma operação que póde fazer desaparecer a manifestação, mas que não tem nenhuma acção sobre o estado geral para impedir a apparição de um novo tumor. Alguns cirurgiões assustadores não se contentão mesmo em considerar a recidiva como fatal, pretendem ainda que a vida dos doentes é abreviada pela operação, por causa da maior rapidez da marcha das recachidas. Se semelhantes asserções fossem fundadas, é evidente que seria necessario abster-se; a questão merece, por conseguinte, ser examinada e resolvida por factos bem observados, porque o raciocinio não póde guiar quando se trata de tomar uma tão grave determinação.

Alexandre Monro, sobre cerca de 60 doentes que vio operar, achou sómente quatro sem recidivas, ao cabo de dois annos. Scarpa, na sua longa carreira, não observou senão tres casos sem repetição da molestia. Estas duas estatisticas mostrão que a recidiva é mui frequente, mas não estabelecem a incurabilidade absoluta.

As opiniões, emittidas por autores de tão grande merecimento, mostrão que nos cancos os mais malignos a cura é infelizmente excepcional; mas não provão que a repetição da molestia seja inevitavel, e podem oppôr-se ás suas asserções os factos de cura, observados por Velpeau, Manec e Laboulbene, e tres casos em que Follin vio mulheres que permanecião curadas durante 5, 7 e 11 annos, depois de operadas de cancos do seio. Admittindo que, depois de tantos annos, as doentes não tenham estado ainda ao abrigo da recidiva, deve-se reconhecer que a operação deve ter por effeito prolongar consideravelmente a duração da vida. De mais, além das probabilidades da cura definitiva e da prolongação da vida, a operação tem outras vantagens: dá ao doente alguns annos de uma existencia mais supportavel, isenta de dôres e de inquietação. De uma maneira geral, póde-se por conseguinte concluir em favor da operação; resta determinar os casos em que se deve intervir e as regras que devem guiar o cirurgião.

Indicações e contra-indicações do tratamento cirurgico. Certas condições geraes e locaes devem ser estudadas quando se trata de decidir a opportunidade da operação do cancro:

1º É preciso que o tumor seja em condições taes que possa ser completamente tirado. Deve-se, com effeito, rejeitar toda a especie de operações na qual só uma parte do tecido morbido seria destruida. A existencia de um engurgitamento ganglionar não constitue uma contra-indicação da operação, se essas glandulas são mediocremente numerosas e pouco volumosas, se são moveis,

e quando, sobretudo, acompanhão uma das fórmãs mais malignas do cancro.

2º Um leve emmagrecimento não é contrario á operação.

3º Mas não se deve operar quando existem signaes evidentes de cachexia cancerosa, que indiqui na pag. 449.

4º Não se deve tocar nos tumores cuja marcha lenta poderia ser perturbada pela operação, taes são os scirrhos das pessoas de idade avançada, e os tumores cercados de pequenos caroços de cancro que occupão a espessura da pelle.

Tratamento palliativo. Quando, por um dos motivos que deixei indicados, não se póde fazer operação alguma, é necessario limitar-se a um tratamento palliativo, por meio do qual se abrande a posição do doente, e se acalmem as dôres. Chega-se assim a tornar supportavel a existencia, que sem estes cuidados seria um doloroso supplicio. Ao fedor e á abundancia do corrimento oppôr-se-ha a applicação de fios molhados em agua de Labarraque, na agua phenica, no coaltar saponinado; a dôr será combatida pelas preparações opiadas interna e externamente; para reprimir as hemorragias, convem empregar os meios variados: compressão com fios molhados na solução de perchlorureto de ferro, ou com chapas de isca, pó de extracto de ratanhia ou de tannino. Para modificar a superficie da ulcera e diminuir a secreção ichorosa, serve a applicação de fios molhados na solução de chlorureto de zinco, (1 gramma de chlorureto de zinco para 100 gram. d'agua). Para sustentar as forças, é necessario fazer uso de alimentação restauradora: carne assada, mingãos de tapioca, caldos substanciaes, geleas animaes e vegetaes, vinho do Porto, da Madeira, vinho de quina.

Cancro das amygdalas. É extremamente raro; mostra-se ordinariamente sob a fórmula de cancro encephaloide. É caracterizado pela difficuldade da deglutição e da palavra, produzida por um tumor volumoso, desigual, duro, ás vezes ulcerado, sangrento, situado entre os pilares do veo do paladar.

O *tratamento* consiste em extrahir o tumor, e empregar depois os gargarejos com acido phenico.

Cancro do baço. O cancro não se observa senão raras vezes no baço. Em quasi todos os casos descriptos, o cancro não invadiu primitivamente o baço, mas juntou-se a um cancro do figado, ou do estomago. Os grandes tumores cancerosos podem communicar ao baço uma apparencia desigual e resaltada. Attendida a grande raridade dos cancros do baço, deve-se, cada vez que se trata determinar a natureza de um tumor no lado esquerdo do ventre; pensar em ultimo lugar de uma degenerescencia cancerosa.

O *tratamento* é simplesmente palliativo: cataplasmas de linhaça regadas com laudano, emplasto de cicuta na região do baço, fricções com balsamo tranquillo.

Cancro dos beiços. *Vêja-se* BEIÇOS, Vol. I, pag. 324.

Cancro do cerebro. *Symptomas.* Vista dupla, ás vezes gota serena, entorpecimentos da pelle, paralyrias parciaes, progressivas, do rosto, dos braços e das pernas, dôres rheumaticas em certos pontos, que persistem durante muitos annos, indicão um tumor do cerebro provavelmente de natureza cancerosa. Congestões cerebraes com accidentes epileptiformes, a perda gradual da memoria e da razão, acompanhão o cancro do cerebro.

Tratamento. Nada se pôde fazer para curar o cancro do cerebro; são só necessarios medicamentos palliativos para acalmar as dôres e sustentar as forças.

Cancro da conjunctiva. Além dos cancos do olho que invadem secundariamente a conjunctiva, esta membrana é ás vezes affectada de cancro medullar, fibro-plastico, gelatiniforme e melanico.

Os cancos da conjunctiva desenvolvem-se rapidamente, raras vezes são pediculados, sangrão facilmente, salvo o cancro melanico, produzem a perda da vista, propagão-se ás partes vizinhas.

Tratamento. Deve-se tirar o cancro quanto antes; tira-se com bisturí ou tesoura curva. Sobrevindo hemorragia, cauteriza-se com pedra infernal ou perchlorureto de ferro. Quando a vista está inteiramente perdida, é melhor extrahir a parte anterior do olho do que fazer a operação incompleta.

Cancro do estomago. *Vêja-se* ESTOMAGO.

Cancro do figado. *Symptomas.* Nada ha de mais variavel do que as perturbações locaes e geraes produzidas pelo desenvolvimento das massas cancerosas no figado; eis-aqui as que se observão no maior numero dos casos. Os doentes perdem o appetite, as suas digestões são difficultosas, acompanhadas do desenvolvimento consideravel de gaz; sentem um incómodo, um peso na bocca do estomago ou no hypochondrio direito; ás vezes queixão-se de dôres violentas n'essas regiões; quasi todos tem enjões e vomitos, quer em intervallos aproximados, quer de longe em longe. Os vomitos, raras vezes sanguinolentos ou escuros, são formados de materias alimentares, de muco e de bilis. Os doentes são atacados de ictericia ás vezes no principio, ordinariamente no periodo adiantado da molestia. Estando o figado quasi sempre augmentado de volume, sente-se no hypochondrio direito um tumor; sobrevem, no fim, um derramamento de serosidade no ventre.

O cancro do figado modifica mui cedo a nutrição; os doentes

perdem a corpulencia e as forças. Quasi todos se queixão de oppressão do peito; muitos tem palpitações.

Tratamento. O tratamento do cancro do figado é essencialmente emollicente e calmante. Não ha melhor remedio do que o regimen; as comidas serão frequentes, mas pouco abundantes; os alimentos serão leves; carne de vacca, gallinha, peixe, hortaliças, fructos, ovos. Se os doentes podem supportar leite, é o alimento mais conveniente de que possão fazer uso.

Entre os medicamentos os que convem são : o bicarbonato de soda e o extracto de cicuta; eis-aqui as receitas :

Bicarbonato de soda. 15 grammas (1/2 onça).

Divida em 30 papcis. Para tomar 1 papel, duas vezes por dia, n'uma colher d'agua fria.

Extracto de cicuta . 1 gramma (20 grãos).

Faça 20 pilulas. Para tomar 1 pilula, duas vezes por dia.

Sobre o lado direito do ventre, é preciso fazer fricções com pomada de hydriodato de potassa.

Cancro dos intestinos. A degenerescencia occupa uma extensão variavel em comprimento; póde invadir toda a circumferencia do intestino, ou só uma parte d'elle.

Symptomas. Se o cancro é pouco intenso, e se não diminuiu muito o calibre do intestino, produz pouca perturbação e póde passar desaperecebido. Todavia, no maior numero dos casos, existem colicas, alternativas de diarrhea e de prisão do ventre, uma dôr mais ou menos fixa; apalpando o ventre descobre-se muitas vezes um tumor duro, doloroso á pressão, e mais ou menos movel. Se o cancro estreitou sensivelmente o diametro do intestino, apparecem symptomas que se observão quando existe um obstaculo ao curso das materias fecaes; e se a obliteração é completa sobrevem vomitos dos alimentos mal digeridos ou de materias fecaes. Sobrevem ao mesmo tempo, todos os symptomas de cachexia cancerosa.

O *tratamento* é o mesmo que o do cancro do estomago. *Veja-se ESTOMAGO.*

Cancro da lingua. Encontrão-se sobre a lingua cancrós encephaloides e cancroides.

Os *cancros encephaloides* são constituídos por massas duras, multilobadas, reunidas ou separadas, de consistencia fungosa; transformão-se em ulceras, que distillão liquidos de cheiro fetido; são acompanhados de engurgitamentos glandulares no pescoço. Produzem dôres mui vivas, que são seguidas de côr amarellada da pelle e de outros symptomas de cachexia cancerosa.

Os *cancroides* desenvolvem-se em geral na ponta ou sobre as margens da lingua. Constituidos, primeiro, por um botão indo-

lente, crescem pouco a pouco, ulcerão-se sem produzir liquidos tão fetidos como o cancro encephaloide. As ulcerações estendem-se mais ou menos longe na lingua. A saude geral conserva-se boa durante muito tempo.

Alguns canceroides mostram-se sob a fórma de vegetações, mas esta fórma é mui rara; existe na parte anterior da lingua e é acompanhada de induração. Póde-se suspeitar o cancroide, quando não existem ulcerações syphiliticas na lingua.

Tratamento. Curão-se os cancros da lingua pela cauterização com massa de chlorureto de zinco ou outros causticos, e pela excisão. Antes de proceder a uma d'estas operações é preciso interrogar o doente sobre as suas antecedencias, para saber se as ulceras da lingua não são syphiliticas, porque podem confundir-se com as cancerosas; para este fim cumpre indagar se não existem outros symptomas syphiliticos, se a syphilis de que o enfermo podia ter sido precedentemente affectado, foi bem tratada. Existindo a menor suspeita, é necessario administrar o mercurio ou o iodureto de potassio, cuja acção será prompta se ha syphilis; o diagnostico será então esclarecido, e a cura assegurada.

Cancro do olho. Affecta sobretudo as crianças. O tumor que forma o olho atacado de cancro póde conter melanose, scirrho ou encephaloide; este é o mais frequente.

Symptomas. O enfermo sente dôres profundas no olho; a claridade torna-se penosa, a vista faz-se mais fraca, depois fica completamente abolida. Nas crianças, que não explicão bem as suas sensações, a cegueira é ás vezes completa, e entretanto os parentes ignorão ainda a existencia do mal. Mas continua a fazer progressos, as dôres augmentão, o olho parece mais volumoso, e as palpebras cobrem-n'o apenas. A côr preta da pupilla é substituida ora pela côr de rosa, ora pela côr amarellada. Este estado da pupilla simula a cataracta; todavia, por um exame attento, vê-se que este effeito é produzido por um tumor amarellado, que se aproximou gradualmente do iris ao mesmo tempo que a pupilla se dilatou e perdeu os seus movimentos.

Quando o cancro attingio o iris a fórma do olho principia a alterar-se; a côr branca da esclerotica é substituida pela côr de um azul-escuro. Em fim o mal sahe da casca ocular, ora ulcerando a cornea, ora atravessando a esclerotica.

Este tumor de aspecto fungoso faz proeminencia diante do olho; o seu crescimento é rapido, a sua côr ordinariamente de um rubro-escuro; raras vezes a sua consistencia é firme; as mais das vezes deixa-se rasgar com facilidade e deita então muito sangue.

A marcha do cancro é ás vezes inversa da que deixei descripta;

n'este caso é um tumor canceroso (as mais das vezes um scirrho) desenvolvido na cavidade da orbita ou sobre as suas paredes, ou no tecido das palpebras, que invade depois o olho.

O unico meio de tratamento é a extirpação do tumor. Os musculos do olho reúnem-se depois da cicatrizaçãõ, e formão um cõto que pôde executar movimentos, o que é mui favoravel para a applicaçãõ de um olho artificial.

Cancro dos pulmões. O encephaloide é a producçãõ cancerosa que se desenvolve quasi exclusivamente nos pulmões. A alteraçãõ pôde invadir estes orgãos em grande extensãõ; assim um lobo pôde ser inteiramente affectado. Todavia as mais das vezes encontrãõ-se massas arredondadas, enkystadas ou não, em numero mais ou menos consideravel, situadas em desiguaes profundidades e pela maior parte por cima da pleura; seu volume varia desde o de uma avelã até ao de uma laranja. Estas massas podem não affectar senão um só pulmão, mas na metade dos casos invadem os dois orgãos simultaneamente.

Symptomas. Quando o cancro é espalhado sob a fórma de pequenos tumores, não é possivel declarar a natureza da molestia; mesmo no maior numero dos casos a molestia é inteiramente latente. Mas quando existe em massa, e quando adquirio grande desenvolvimento, os enfermos experimentãõ uma dôr quasi constante no interior do peito. Ao mesmo tempo existe tosse e dyspnéa; a tosse pôde ser secca durante todo o tempo da affecçãõ, mas a maior parte rejeitãõ escarros opacos, puriformes, sanguinolentos. A percussãõ do peito ao nivel da alteraçãõ dá som massiço. Pela auscultaçãõ verifica-se o enfraquecimento do murmurio vesicular, este pôde mesmo desaparecer completamente e ser substituido por um sopro mais ou menos estrondoso e bronchico. Os doentes affectados de cancro dos pulmões, emmagrecem, decahem rapidamente; a sua tez torna-se amarellada como em todas as cachexias cancerosas.

Tratamento. O tratamento consiste em sustentar o doente por uma alimentaçãõ moderada; acalmar a dôr e a tosse com xarope diacodio, xarope de lactucario, infusãõ de flores de malvas e xarope de balsamo de Tolú.

Cancro do recto. O cancro pôde encontrar-se em todos os pontos do intestino recto, todavia observa-se mais frequentemente nas extremidades d'este intestino, ora na extremidade superior, ora na extremidade anal. Todas as fórmas do cancro forãõ observadas no recto, o scirrho, o encephaloide, o colloide ou gelatini-forme, e o cancroide. Este ultimo é o mais frequente; principia por um pequeno tumor indolente, que augmenta, torna-se em

ulcera, e acaba por invadir os tecidos vizinhos. Os tumores encephaloides são volumosos. Os tumores scirrhosos confundem-se muitas vezes com os estreitamentos do recto. Infiltrão-se ás vezes de materias gelatiniformes e constituem o cancro colloide.

O cancro do recto é caracterizado pelo estreitamento d'este intestino; quanto mais é extenso, tanto mais o estreitamento é consideravel.

Symptomas. O cancro do recto determina desordens funcionaes identicas ás que caracterizão os estreitamentos do recto.

Os doentes experimentão, a principio, peso e incommodo no anus: mais tarde as dôres tornão-se mais vivas; todavia ellas faltão ás vezes completamente. Com o progresso da molestia sobrem accidents mais serios taes como: difficuldade de obrar, prisão de ventre rebelde; depois de repente apparece diarrhea mui abundante que enfraquece consideravelmente os doentes; as materias são tintas de sangue. No periodo da ulcração, observa-se corrimto de sangue, sahida de materia cancerosa, depois incontinencia de materias quer em consequencia da ulcração, quer porque a degenerescencia invadio e alargou o musculo sphincter. Quando o tumor canceroso faz proeminencia no exterior, forma uma especie de suplemento ao intestino.

A retenção das materias pôde durar ás vezes dez, vinte, trinta dias e mais; então o ventre torna-se inchado e mui doloroso; apparecem symptomas do estrangulamento interno: anxiedade extrema, nauseas, vomitos, soluços. N'estas circumstancias, se as evacuações não se estabelecem pelo anus, a morte pôde sobrevir em consequencia da ruptura do intestino.

Quando o cancro occupa a margem do anus, pôde-se verificar a sua disposição pela inspecção directa; mas se é interior, é preciso introduzir o dedo. Sentem-se no interior do recto tumores de consistencia variavel.

As hemorrhoidas complicadas de fraqueza podem ser confundidas com o cancro do recto; mas os tumores hemorrhoidaes são elasticos, reductiveis pela compressão, tornão-se turgentes, murchão em certas épocas. O cancro forma tumores duros, desiguaes, irreductiveis; logo que se tornou em ulcera, é mui friavel. Das hemorrhoidas escorre mais sangue do que ichor fetido. O cancro do recto produz emmagrecimento, pallidez, côr amarellada da pelle, a febre e todos os symptomas de cachexia cancerosa.

Tratamento. Os cancros do recto não podem desaparecer senão por meio de operações que são: a cauterização, a ligadura e a excisão.

Quando não se pôde empregar alguma d'estas operações, é

forçoso limitar-se a um tratamento palliativo. Cumpre fazer lavatórios frequentes com agua phenica, ou com agua de Labarraque misturada com agua; ou com solução de permanganato de potassa, 2 grammas para 250 grammas d'agua; ou com solução de chlorato de potassa, 4 grammas para 250 grammas d'agua.

Se ha difficuldade na evacuação das materias fecaes, empregue-se a dilatação com mechas de fios de que se augmenta gradualmente o volume. Se ha retenção completa, estabelece-se um anus artificial.

Cancro do seio. O cancro do seio é o mais frequente, e ataca quasi exclusivamente a mulher. Apparece mais habitualmente dos 40 aos 45 annos; antes dos 30 annos é mui raro, e mais raro ainda dos 60 annos para cima. A época critica das mulheres tem grande influencia sobre o desenvolvimento d'elle. Nas mulheres, que desde muito tempo tem tumores no seio sem dôr, na época critica, estes engurgitamentos, augmentão ás vezes de volume subitamente, tornão-se dolorosos, e adquirirem todos os caracteres do cancro.

Causas. Nada se sabe de positivo ácerca das causas occasionaes d'esta molestia; entretanto, a maior parte das mulheres attribuem a sua origem a uma pancada recebida no seio, a um attrito d'este orgão; mas muitas pessoas illudem-se sobre essa causa: ordinariamente o tumor existe, mas não se reconhece senão pelo effeito de uma violencia exterior, que obriga a doente a levar a mão a essa região. Muitas mulheres attribuem estes caroços ao leite derramado durante a amamentação; ora, pelas observações que se tem feito, ha mais casos d'esta molestia nas mulheres solteiras do que nas casadas, e, se a lactação tivesse alguma influencia sobre o desenvolvimento do cancro, deveria acontecer o contrario. Devemos acreditar que o scirrho desenvolve-se em consequencia de causas que não são conhecidas; quando é possível assignalar-se alguma circumstancia á qual se possa de uma maneira plausivel attribuir a sua apparição, não se deve perder de vista que, sem a predisposição, essa causa ficaria sem effeito, pois que todos os dias as mulheres recebem sobre o seio pancadas mais ou menos violentas, sem que d'isso lhes provenhão cancros.

Symptomas. O cancro mostra-se no seio debaixo de duas fórmas principaes, o *scirrho* e o *encephaloide*. O *scirrho* é o mais frequente.

As mais das vezes as doentes não descobrem a sua molestia senão por acaso, tocando no seio; porque não existe ao principio senão uma pequena dureza que não occasiona dôr. Pouco a pouco o tumor augmenta de volume, perde a sua mobilidade, adhere quer á pelle quer aos tecidos situados atraz d'elle; mais tarde

sobrevem dôres, picadas que fatigão as doentes. A dôr, considerada como symptoma característico, falta ás vezes. O bico do peito afunda-se; o tumor faz novos progressos; as dôres são mais frequentes e mais agudas, a pelle que cobre o tumor enrubece, as veias tornão-se mui volumosas e apparentes, o bico do peito cessa de fazer proeminencia em cima da superficie do seio; o peito não offerece mais a fórma redonda, augmenta de volume, é desigual; a pelle que o cobre toma uma côr violacea, livida, inchão as glandulas do sobaco. Em um ponto, apparece uma pequena racha que deixa sahir um pouco de liquido roxo, a ulceração augmenta e dá suppuração fetida. Sobrevem depois todos os symptomas da cachexia cancerosa; a pelle toma côr amarella, os membros inchão, suores excessivos se declaram, a doente cahe n'uma fraqueza extrema.

O encephaloide é o cancro que percorre as suas diversas phases com maior rapidez; é n'esta especie que se encontrão estas enormes massas fungosas que deitão sangue ao menor toque. O scirrho marcha com mais lentidão; ás vezes mesmo dura muitos annos, sem que a constituição seja alterada.

Diagnosticó. Os tumores que podem apparecer no seio e simular o cancro são :

1º *Tumefacção.* Na época das regras, ás vezes um seio torna-se mais volumoso e mais sensivel do que o outro; se a menstruação experimenta algum desarranjo, o engurgitamento augmenta, e apparecem uma ou mais indurações. Esta tumefacção pôde persistir muito tempo e dar bastante cuidado: a regularização das funcções menstruaes é sufficiente para dissipa-la.

A palpação e os toques intempestivos, desenvolvem tambem certos engurgitamentos, que desaparecem pelo repouso. Certas mulheres, sujeitas ao rheumatismo, tem ás vezes no seio tumores que se desvanecem quando as articulações se tornão dolorosas.

2º *Tumores fibrosos ou adenoides.* A estrutura d'estes tumores é semelhante ao tecido do seio; é um producto de nova formação que não tem consequencias graves. Estes tumores são os que podem enganar o mais facilmente. Differem dos tumores cancerosos pela sua elasticidade e grande mobilidade; rolão debaixo do dedo que os comprime. Quasi sempre desenvolvidos depois de alguma violencia sobre o seio, augmentão lentamente e nunca são acompanhados de engurgitamento das glandulas da axilla. Conservão os seus caracteres durante toda a sua existencia. Tem sobretudo muita analogia com o cancro encephaloide. Com effeito este é globoso e tem certa elasticidade; é movel ao principio; mas deslocando-o, deslocão-se tambem os tecidos que arrasta consigo, entretanto que o tumor fibroso escorrega entre elles. O encephalo-

loide não fica nunca estacionario muitos annos, cresce do lado da pelle, que se apropria e altera. O tumor benigno, isto é, fibroso, fica nos tecidos, sem tendencia para se dirigir n'um sentido mais do que n'um outro. É sempre movel debaixo da pelle; o cancro adhere aos tecidos. O encephaloide, depois de ulcerado, forma tumores fungosos, molles, fluctuantes, que deitão sangue, entretanto que se acontecer, por extraordinario, que o tumor fibroso se ulcere, persiste sempre duro, elastico e sangra mui pouco.

O scirrho, debaixo de todas as fórmas, differe ainda mais do tumor fibroso do que o encephaloide. Querendo desloca-lo, leva comsigo muitos tecidos mais do que o encephaloide, muito mais do que o tumor benigno, porque este é tão movel, escorrega tão facilmente entre os tecidos que parece independente.

3º *Kystos*. Os *kystos* são frequentemente confundidos com os cancos do seio. A fluctuação no *kysto* aproxima-se da sensação que dá o encephaloide que experimentou um principio de amollecimento; mas a marcha da molestia, o estado da pelle, podem fazer distinguir as duas molestias. Importa lembrar-se tambem que as adherencias do cancro aos tecidos vizinhos são muito mais intimas do que as do *kysto*.

4º O *engurgitamento chronico* póde tambem enganar. Quando este engurgitamento fôr precedido dos symptomas de inflammação aguda, de um abcesso, ou de suppuração prolongada, será facil conhecer sua benigna natureza; as circumstancias commemorativas tem aqui grande importancia; porém quando o trabalho se effeituou sob a influencia de uma inflammação chronica, não é possivel distingui-lo do scirrho. São as molestias d'este genero, tratadas e curadas pelas bichas, pomadas, compressão, que fizerão acreditar na cura dos cancos por estes differentes modos de tratamento. Este caso entra no numero d'aquelles em que o diagnostico é incerto, e é um dos em que o tratamento poderá fazê-lo esclarecer.

5º Os *tuberculos*, os *tumores cartilagosos*, *osseos* são extremamente raros, limito-me a menciona-los simplesmente; differem muito do scirrho pelos seus caracteres e pela marcha.

Tratamento. Muitos medicamentos, internos e externos, forão aconselhados contra o cancro do seio; indiquei-os descrevendo o cancro em geral; o cancro do seio, porém, não póde resolver-se; deve ser extirpado por meios cirurgicos.

Entre os meios aconselhados para obter a resolução do cancro do seio, a compressão do tumor gozou de certa voga. Exercia-se por meio de chumaços postos uns sobre os outros, de maneira a formar uma altura cónica, cujo apice correspondia ao tumor, e a

base era comprimida pelas ataduras ou pelo collete. Mostrou, porém, a experiencia que este proceder, assim como todos os medicamentos resolventes, não determinão a cura do cancro; que, se debaixo da influencia d'este agente o tumor diminuia de volume, o tecido canceroso não experimentava nenhuma modificação. — O cancro do seio deve ser atacado pelas substancias causticas ou por instrumento cortante.

O regimen alimentario das pessoas affectadas de cancro, deve ser escolhido entre as substancias leguminosas, e será mais vegetal do que animal. Todas as substancias irritantes, estimulantes, devem ser severamente proscriptas. Além d'isto, as doentes procurarão distracções; a tristeza e o desanimo accelerão os progressos da molestia.

Cancro do testiculo, ou *Sarcocele canceroso*. O cancro do testiculo é formado do tecido *scirrhuso*, ou do tecido *encephaloide*.

Symptomas. A affecção principia por um augmento gradual no volume do testiculo que se torna mais pesado e apresenta ao apalpar um engurgitamento a principio parcial, depois geral. Passado certo tempo, o tumor faz-se molle e o enfermo sente n'elle picadas. A pelle do escroto contrahe adherencias com o testiculo; as veias subcutaneas dilatão-se. O cordão spermatico incha e torna-se mais duro. Mais tarde, a pelle do escroto enrubece e ulcera-se; esta ulceração faz progressos incessantes, e dá ás vezes sahida a um cogumelo que deita espontaneamente uma quantidade de sangue mais ou menos abundante. Então inchão as glandulas inguinaes; sobrevem uma alteração na saude geral; perde-se o appetite; a pelle do rosto toma côr amarella de palha; os pés infiltrão-se, e o emmagrecimento faz progressos cada dia.

O tumor apresenta em geral o volume do punho; sua fórmula é ovoide ou espherica, regular na superficie ou desigual; a sua consistencia é mui firme em alguns casos, mas as mais das vezes, e á medida que a molestia progride, o testiculo amollece de tal maneira, que a compressão do orgão com os dedos dá a sensação de falsa fluctuação; a existencia simultanea de pequena quantidade de liquido na tunica vaginal facilita muito a percepção d'esta sensação enganadora.

Diagnostic. O sarcocele canceroso pôde ser confundido com outros tumores do escroto, com a orchite chronica, a hydrocele, a hematocele, o testiculo syphilitico, e os kystos.

A *orchite chronica* differe do cancro do testiculo pela sua marcha lenta, pela consistencia uniforme do tumor, pela ausencia das dôres lancinantes; diminue debaixo da influencia de um tratamento conveniente, entretanto que o cancro faz progressos inces-

santes. — É facil reconhecer a *hydrocele* pela sua transparencia. — Quando na *hematocele* a tunica vaginal é mui espessa, o diagnostico é difficil, a fluctuação é mui escura e falta ás vezes; não ha transparencia. Uma punção exploratriz com trocate é ás vezes necessaria: no caso de hematocele esta punção dá sahida a um liquido sanguinolento abundante; nada sahe ou quasi nada no sarcocele canceroso. — O *testiculo syphilitico* é o engurgitamento do testiculo proveniente do virus syphilitico; póde ser confundido com o scirrho. As circumstancias antecedentes elucidão o diagnostico; cancos syphiliticos, vulgo *cavallos* precedem o testiculo syphilitico, que é acompanhado de dôr surda, leve, ás vezes nulla, mas nunca lancinante como no scirrho. — Os *kystos* do testiculo são muitas vezes difficeis de distinguir do cancro; a marcha da molestia e a punção exploratriz podem só muitas vezes fazê-la reconhecer.

Tratamento. A extirpação do tumor é o unico recurso para curar o cancro do testiculo. Mas antes de recorrer a esta extremidade, é preciso convencer-se bem da natureza cancerosa do tumor, pois que como deixei explicado o sarcocele canceroso póde ser confundido com outros tumores do escroto. Cumpre sempre administrar internamente o mercurio na supposição do testiculo syphilitico; as cataplasmas de linhaça, os semicupios d'agua tepida, as bichas, as fricções com pomada de hydriodato de potassa, os banhos do mar, na supposição de orchite aguda ou chronica.

Canero do utero. Todas as fórmãs do cancro forão observadas no utero; os cancos mais frequentes são o encephaloide e o scirrho; o colloide e o cancroide são mais raros.

Caracteres locais. O cancro do utero mostra-se primeiro, na immensa maioria dos casos, no collo; o cancro primitivo do corpo do utero é excessivamente raro.

No principio da molestia, o collo augmenta notavelmente de volume; a sua superficie é desigual, dura em certos pontos, molle em outros. Mais tarde, observão-se ulceras mais ou menos profundas; estas cobrem-se de vegetações mais ou menos salientes, que sangrão ao menor contacto; a ulcera propaga-se ao tecido do utero; suas margens são espessas, duras, callosas; a superficie ulcerada cobre-se ás vezes de uma camada polposa mais ou menos espessa.

Causas. A causa do cancro do utero não é conhecida: esta molestia depende de uma predisposição particular da economia. As senhoras que tiverão frequentes causas de pezar, as que não fazem exercicio, são mais frequentemente affectadas de cancro uterino.

Symptomas. Os primeiros symptomas do cancro do utero são

muito obscuros. A molestia principia ordinariamente pelo desarranjo na menstruação. Se a mulher é ainda regrada, os menstros suprimem-se ou tornão-se irregulares, e são substituidos por flores brancas, e depois por frouxos de sangue. Se a mulher passou a idade critica, e se as suas regras cessarão naturalmente, tornão a apparecer sob a fórma de frouxo de sangue ou de flores brancas, mais ou menos abundantes. Manifestão-se então dôres semelhantes a picadas de alfinete no utero, coxas e cadeiras. Mais tarde, as flores brancas são de cheiro fetido proprio á affecção cancerosa; a pelle toma côr amarelhada, e declara-se a febre.

A doente tem fastio e perde as forças. Mas a maior parte d'estes signaes pertencem tambem á inflammação chronica do utero; e, por isso, só o medico explorando o utero com o dedo, ou melhor ainda com o instrumento chamado *especulo*, pôde julgar do estado do orgão.

A duração do cancro do utero varia muito: ás vezes conserva-se scirrroso, indolente por muitos annos; outras vezes, sua ulceração produz resultados graves no espaço de alguns mezes.

Diagnosticó. O cancro do utero pôde ser confundido com outras affecções d'este orgão:

1º A moléstia que se parece o mais com o cancro do utero no primeiro periodo é a metrite chronica. Eis-aqui os caracteres distinctivos entre as duas molestias: No cancro apparecem sempre frouxos de sangue mais ou menos abundantes a principio; na metrite chronica, a menstruação pôde ser difficil, mas não ha metrorrhagias. No cancro, a inchação do collo é irregular, com *elevações desiguaes*; na metrite chronica a inchação do collo é regular.

No cancro, a membrana mucosa apresenta côr livida, na metrite é vermelha. No cancro ha um corrimento ichoroso, sanguinolento, fetido; na metrite, ha um fluxo muco-purulento, sem cheiro repugnante. No cancro apparecem promptamente os phenomenos da *cachexia cancerosa*; na metrite chronica, pôde haver emmagrecimento e fraqueza, mas nunca cachexia.

2º O cancro ulcerado pôde ser confundido com a ulcera inflammatoria do collo do utero. No cancro a ulcera é profunda, de margens duras e elevadas; a ulcera inflammatoria é superficial de margens pouco elevadas e molles. A ulcera cancerosa fornece uma suppuração ichorosa, fetida, descança sobre os tecidos duros ou amollecidos; a ulcera inflammatoria fornece em geral uma suppuração de boa natureza, despida de cheiro, e descança sobre tecidos que conservarão a sua consistencia. Emfim, a marcha invasora da ulcera cancerosa, as perturbações geraes graves que são a sua

consequencia, permittirão ainda distingui-la das ulceras inflammatorias.

3º Os *polypos* podem ser tomados por cancro; occasionão ás vezes hemorragias, mas a marcha da molestia é mui differente. Esta affecção não altera a saude geral tão profundamente como o cancro; póde conhecer-se facilmente por meio do dedo ou do especulo.

Tratamento. Para obter a cura radical do cancro uterino, emprega-se a cauterização ou excisão do collo do utero. A cauterização pratica-se com massa de chlorureto de zinço, ou com massa de Vienna.

Todas as vezes que se julgar conveniente não empregar a cura radical do cancro uterino, será preciso combater os symptomas que o acompanhão.

Para combater as dôres, empreguem-se os semicupios d'agua tepida, de decocção de folhas de malva ou de estramonio, e injeções com os mesmos liquidos; internamente as pilulas seguintes:

Extracto de cicuta. 120 centigrammas (24 grãos)

Extracto de opio. 120 centigrammas (24 grãos).

Faça 48 pilulas. Para tomar uma a duas pilulas por dia.

Se a molestia é acompanhada de hemorragia, fação-se na vagina as injeções seguintes :

Perchlorureto de ferro liquido

a 30º. 30 grammas (1 onça)

Agua tepida. 1000 grammas (32 onças).

Misture.

Contra o máo cheiro do ichor canceroso, empreguem-se as injeções seguintes :

Agua tepida. 500 grammas (16 onças)

Agua de Labarraque. ... 30 grammas (1 onça).

Misture.-

CANCRO VENEREO. *Veja-se* CAVALLO.

CANCROIDE, CANCRO VERRUGOSO, CANCRO DOS LIMPADORES DE CHAMINÉS, EPITHELIOMA ou *Noli me tangere*. Estes nomes são dados a tumores formados de elementos analogos aos de epithelio normal (cuticula que cobre as membranas mucosas).

Estes tumores encontrão-se nos beiços, lingua, rosto, escroto, anus, collo do utero, etc., mais particularmente nas regiões do corpo em que a pelle se continua com alguma membrana mucosa.

Submettendo os tumores canceroidaes ao exame microscopico, acha-se que são formados pelas papillas da pelle hypertrophiadas e cercadas de camadas concentricas de epiderme; no interior das papillas distribuem-se os vasos sanguineos. No periodo da ulce-

ração do tumor, encontrão-se ainda no fundo da ulcera eminencias papillares.

Causas. As circumstancias que dão lugar ao desenvolvimento do cancroide são difficeis de indicar; tudo o que se póde dizer é, que se reconhecem ao cancroide mais frequentemente do que ao cancro, por causas determinantes, attritos, pancadas e outras irritações.

Symptomas. O cancroide principia geralmente pela proeminencia da pelle em fórma de verruga; na superficie d'este pequeno tumor formão-se escamas que o doente arranca, ou que cahem espontaneamente para serem logo substituidas por outras escamas. Ao cabo de certo tempo a verruga racha-se, ou, então, augmenta de volume, torna-se rubra, desigual e lobulada. Os doentes experimentão ali comichões que os levão a coçar-se; formão-se na superficie da producção morbida crostas de pus e de epiderme, que cahem de tempo em tempo para reaparecerem de novo. Debaixo d'cstas crostas, descobre-se uma superficie excoriada, vermelha, que é a verdadeira ulceração.

As *ulcerações cancroidaes* apresentam-se com superficie desigual, coberta de granulações semelhantes ás da polpa do figo, fornecendo um liquido pouco grosso. A sua marcha é de ordinario lenta, ás vezes mesmo a ulcera fica estacionaria; em geral occupa maior extensão em largura do que em profundidade; póde, todavia, propagar-se aos tecidos subjacentes e destruir os musculos, as cartilagens e os ossos. Não ha engurgitamento dos ganglios lymphaticos vizinhos como no cancro. O cancroide não produz infecção geral da economia como o cancro.

Diagnosticó. As ulceras cancroidaes podem ser confundidas com ulceras syphiliticas; este erro póde ser sobretudo commettido com as ulceras do anus e dos orgãos genitales. As ulceras syphiliticas distinguem-se das ulceras cancroidaes, pela fórma arredonda, base dura, pelas circumstancias commemorativas. Nos casos duvidosos, um tratamento explorador, pelas preparações mercuriales, tira a duvida.

Tratamento. O cancroide é uma affecção menos grave do que o cancro. Sára muitas vezes depois de uma ou mais operações. Póde ser atacado pelas substancias causticas ou pelo bisturí; preferem-se aquellas quando a affecção não é mui profunda; a excisão é preferível quando a ulcera invadio grande espessura de tecidos. Emprega-se geralmente hoje a massa caustica de Canquoin, que é a mistura de chlorureto de zinco com farinha de trigo. Corta-se esta massa segundo a fórma da escara que se quer obter, e applica-se sobre a parte posta a nú. A escara cahe do oitavo ao decimo dia;

é branca, dura e espessa. A ferida cura-se depois com ceroto simples.

CANELLA. Dá-se este nome á casca da canelleira, *Laurus cinnamomum*, Linneo, arvore da familia das Laurineas, que habita nas regiões quentes do globo, Java, Borneo, Sumatra, Cochinchina, e sobretudo na ilha de Ceylão. A sua cultura foi tambem introduzida nas ilhas de França e de Bourbon, nas Antilhas, Guiana, e no Brasil, sobretudo na provincia do Amazonas. Fig. 91.

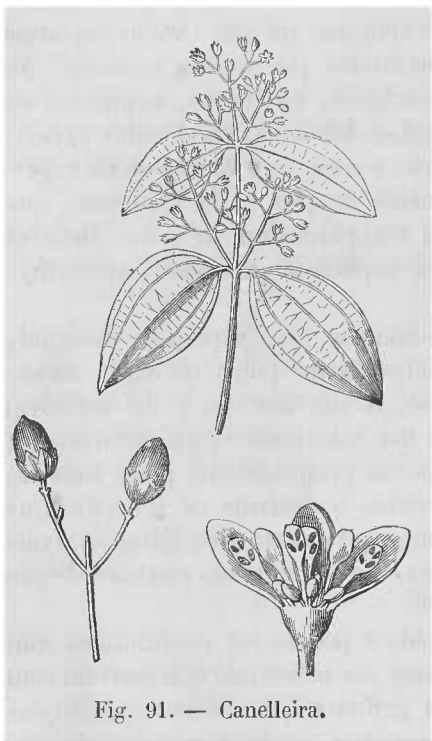


Fig. 91. — Canelleira.

Quando a arvore tem 3 annos, cortão-se todos os ramos novos e raspa-se a casca exterior, depois fende-se a segunda casca, despega-se do lenho, e os pequenos tubos que resultão d'esta operação mettem-se uns dentro dos outros, e expõem-se ao sol para seccarem. A canella goza de propriedades estimulantes e tonicas, e serve para provocar o fluxo *mensal* nas mulheres debeis. Uma mistura de 1 gramma (20 grãos) de canella em pó com 40 centigrammas (8 grãos) de rhuibarbo, tomada antes do jantar, facilita a digestão. A canella é um tempero mui usado na arte culinaria e nas confeitarias; os perfumistas consomem tambem grande quantidade do oleo volatil que se extrahe d'esta casca, para

aromatizar o sabão e os cosmeticos. Por seu gosto agradável, é empregada na pharmacia como correctivo de grande numero de preparações.

Canella branca. Casca proveniente da *Canella alba*, Murray, Guttiferas, arvore das Antilhas e sobretudo da Jamaica. Apresenta-se em pedaços de 1/2 metro a 1 metro de comprimento, de 15 a 40 millimetros de diametro, e de 2 a 5 millimetros de espessura, despidos de epiderme, amarellados no exterior, brancos interiormente, de sabor amargo, aromatico e picante; cheiro agradável semelhante ao do cravo misturado com o de noz moscada; seu pó é branco; dá um oleo volatil pela distillação.

Canella de cheiro. *Oreodaphne opifera*, Martius, Laurineas.

Arvore do Brasil, habita no Pará e Amazonas. Tem folhas grandes, oblongas, [acuminadas, cheias de glandulas na face superior, brancas e reticuladas na face inferior, flores dispostas em paniculas axillares; fructo, bago oval obtusa ligeiramente pontuda e lisa, metade submersa em uma cupola truncada e um pouco rugosa por fóra; pericarpo tenue, de cheiro aromatico e nauseabundo. Na barra do Rio Negro prepara-se, distillando os fructos, um oleo essencial, de côr amarella-vinhosa, de cheiro comparavel á mistura de oleo de limão e oleo de alecrim, de sabor aromatico acre. Este oleo é usado simples, ou misturado com oleo de amendoas doces ou banha de porco, em fricções nas dôres rheumaticas.

Canella preta. *Nectandra mollis*, Nees. Laurineas. Arvore do Brasil; habita nas provincias do Rio de Janeiro e de Minas. Tem ramos angulosos, folhas oblongas, acuminadas, base estreita e quasi cordiforme, flores dispostas em paniculas terminaes, tudo coberto de tomento côr de ferrugem. As folhas são aromaticas; usão-se em infusão como emmenagogas e estomachicas.

CANELLADA. Pancada sobre o osso da perna chamado vulgarmente *canella da perna*. O resultado de uma canellada é a contusão ou ferida contusa. Convem durante as primeiras cinco ou seis horas applicar pannos molhados em agua fria; depois d'este tempo, se existir ferida, será preciso cura-la com panno untado de ceroto; se não houver ferida, mas só uma simples contusão, será necessario recorrer ás fricções com aguardente camphorada. *Veja-se* CONTUSÃO, FERIDA CONTUSA.

CANGABA. *Veja-se* MANACÁ.

CANGICA. Milho quebrado e sem casca, fervido em agua até amollecêr, e adoçado com assucâr. É um alimento mui nutritivo, que se torna muito agradavel juntando-se-lhe leite e agua de flores de laranjeira.

CANHAMO. *Cannabis sativa*, L. Urticeas. Planta cultivada em muitos paizes. Fig. 92. Tem flores esverdeadas; folhas pecioladas, palmadas com 5 ou 7 segmentos lanceolados e estreitos; as folhas inferiores são oppostas, as superiores alternas; caule de 1 a 2 metros de altura; é mais alto nos individuos femininos do que nos masculinos; as flores *femininas* são em espiga, as flores *masculinas* em cachos. Toda a planta exhala cheiro forte e viroso, que produz vertigens e cephalalgia. A planta indiana é mais activa que a europea. Os caules, depois de *cortidos* seccos ao sol, e submettidos ás diversas operações, dão, pela sua casca, filasticas para fazer cordoalha e lençarias grossas. Estes caules privados da casca servem para fazer mechas para accender fogo, ou fornecem um carvão leve empregado na fabricaçãõ da polvora. As sementes

ovadas, um tanto chatas de uma a outra parte, servem para o alimento das aves domesticas, e fornecem um oleo empregado para luzes e para o fabrico do sabão preto. As summidades floridas do



Fig. 92. — Canhamo macho.

canhamo indiano chamão-se *haschisch*, e empregão-se no Oriente para diversas preparações que se tomão internamente ou se fumão em cachimbos; produzem efeito narcotico e uma especie de estupôr voluptuoso. *Veja-se* HASCHICH.

O *cortimento* é uma operação que consiste em macerar, durante certo numero de dias, o canhamo na agua estagnante, afim de dissolver ou destruir, pela putrefacção, as partes mucilaginosas ou outras, que unem as fibras corticaes entre si e ao lenho. Esta operação communica á agua qualidades maleficas, e as emanações que d'ella se exhalão, podem occasionar molestias graves; pelo que é prohibido estabelecer os cortumes na vizinhança das habitações, e nos rios ou nas aguas que servem de bebida para homens e animaes.

CANICIE. A canicie é a côr branca dos cabellos. É ordinariamente na idade de 35 á 40 annos que o homem principia a encanecer;

mas ha exmplos de canicies que sem causas apreciaveis, tem apparecido em jovens de 18 a 20 annos; tem-se tambem visto outros individuos conservarem, até á decrepitude, seus cabellos sem alteração alguma na côr primitiva. As causas da canicie prematura são mui varias. Frequentes pezares produzem de ordinario este resultado. Uma só noite, passada entre as anxiedades da espera do supplicio, tem sido sufficiente para tornar os cabellos todos brancos. Grande numero de molestias, trabalhos excessivos do espirito, e tudo quanto póde occasionar fraqueza extrema, podem tambem determinar esta transformação.

Não ha remedio que possa impedir ou retardar a manifestação prematura da canicie senil. Quanto aos medicamentos propostos contra a canicie propriamente dita, são elles assaz numerosos, e todos destinados a serem applicados externamente.

As preparações que costumão ser annunciadas nos periodicos, para tingir os cabellos brancos, são:

Agua de Java, Agua do Egypto, Agua da Ethiopia, Agua de Hebe. A base d'estas preparações é a pedra infernal. Tornão os cabellos negros, mas endurecem-n'os, e podem ser nocivas ao tecido cutaneo.

Agua da China. Solução de azotato de prata (pedra infernal) e de azotato de mercurio. Não deixa tambem de ter os seus inconvenientes.

Em geral, todos estes remedios, se são compostos em dósés altas para serem bem activos, tem o inconveniente de endurecer os cabellos e occasionar, ás vezes, dôres de cabeça e irritação da pelle do craneo. Quando, pelo contrario, são mui fracos, não produzem effeito algum. É melhor, por conseguinte, resignar-se a conservar os cabellos brancos, do que expôr-se a accidentes. Mas, se alguém quizer recorrer ás composições para tingir o cabello, deve com preferéncia usar das pomadas seguintes:

1º Banha	30 grammas (1 onça)
Cortiça reduzida a carvão.	8 grammas (2 oitavas).

Misture.

2º Cera branca.	120 grammas (4 onças)
Sabão raspado.	30 grammas (1 onça)
Sebo de Hollanda.	90 grammas (3 onças)
Marfim queimado em pó.	120 grammas (4 onças).

Derrete-se a cera com o sabão e o sebo, tira-se do fogo e ajunta-se-lhe, mexendo, o marfim e 8 grammas (2 oitavas) de oleo essencial de tomilho ou alguma outra essencia aromatica; continua-se a mexer e vasa-se o liquido ainda quente, em canudos feitos de papel, para formar páos de pomada. — Esta pomada é para se correr sobre o cabello, que pela idade ou por outra qualquer causa, tenha perdido a côr natural; depois do que, com um papel pardo mui brando, esfrega-se o cabello, o qual fica assim preto por alguns dias, sem causar damno á saude.

Todos estes meios são palliativos; mas ha casos de canicie em que se pôde esperar que nascão os cabellos com mais côr. Taes são, por exemplo, certas canicies de nascença, quando o individuo é mui joven, e as que succedem depois das empigens ou da tinha. Tanto em umas como em outras, mas principalmente nas ultimas, consegue-se ás vezes um feliz exito, fazendo rapar a cabeça de quinze em quinze dias, por espaço de seis mezes ou de um anno.

CANJERANA. *Cabraliu canjerana*, Martius. Arvore do Brasil, da familia das Meliaceas. Bella madeira para construcção. Tem as

cascas impregnadas de um succo leitoso, que é purgativo e vomitivo, na dóse de 10 a 20 gottas.

CANNA DE ASSUCAR. *Saccharum officinarum*, Linneo. Gramineas. Fig. 93. Planta das mais uteis e preciosas que o homem

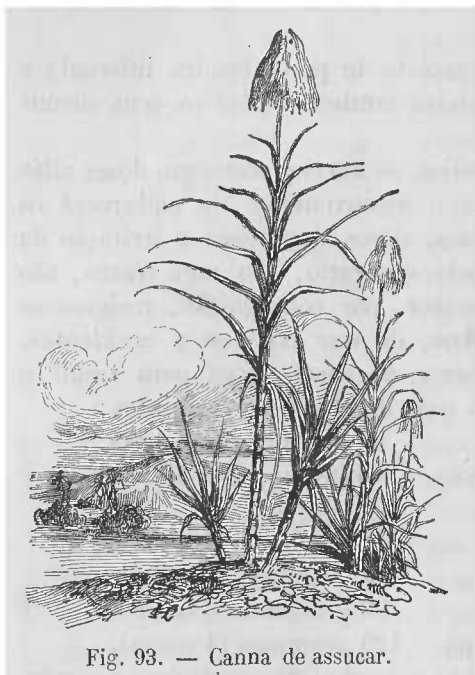


Fig. 93. — Canna de assucar.

possue. Tem 8 a 12 pés de altura, ás vezes 24 e 30, sobre 18 linhas a 2 pollegadas de diametro; é cheia de um amago abundante e assucarado. A canna é originaria da India, d'onde no seculo XIII foi transportada para a Arabia, e depois para Chypre e Sicilia. Foi mandada d'este ultimo paiz para a ilha da Madeira, e de lá propagou-se por todas as regiões da America. Todos sabem que d'esta planta se obtem o assucar. O caldo de canna fermentado e distillado dá um liquido alcoolico, aguardente de canna, vulgo *cachaça*. O rhum é um liquido alcoolico que se parece com

a cachaça, mas que é mais delicado, e de um gosto particular; prepara-se tambem com a canna de assucar. A canna cozida em agua constitue uma bebida peitoral boa para a tosse.

CANNA DO BREJO, CANNA DE MACACO, CANNA DO MATTO, PACO-CAATINGA, PERINÁ, UBACAYA. *Costus Pisonis*, Lindl. Planta do Brasil, da familia das Zingiberaceas. Caule cylindrico, cheio de um succo acidulo, folhas oblongas, acuminadas, carnosas e glabras; flores bracteadas, reunidas na parte superior do caule; fructo, capsula coroadá pelos dentes do calice. O seu cozimento é empregado em bebida e injeccões contra a leucorrhœa, na dóse de 30 grammas (1 onça) para 500 grammas (16 onças) d'agua. *Succo espresso*, 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) internamente.

O *Costus spicatus*, Swartz (Rio de Janeiro); *Costus cylindricus*, Jacq.; *Costus Anachiri*, Jacq. (Pará, Rio Negro), gozão das mesmas propriedades.

CANNAFISTULA. *Cassia fistula*, Linneo. Grande e bella arvore da familia das Leguminosas, que habita no Brasil, India, Cochinchina, Egypto, Arabia, etc. Fig. 94. As suas folhas são for-

madas de 4 a 6 pares de foliolos ovaes, sub-acuminados e glabros; as flores são dispostas em racimos, e compõem-se de um calice com 5 divisões, de uma corolla de 5 petalas amarellas e desiguaes.

O fructo é uma vagem do comprimento de 15 a 50 cent., e de 25 millimetros de diametro. Esta vagem é roxa e lisa, formada de duas valvas não dehiscentes, isto é, que não se abrem espontaneamente na época da madureza do fructo, reunidas por duas suturas longitudinaes; apresenta no seu interior grande numero de cavidades formadas por laminas transversaes solidas, e contendo polpa preta, doce, assim como uma semente horizontal, elliptica, rubra, lisa, achatada e bastante dura. A polpa é um brando laxante,

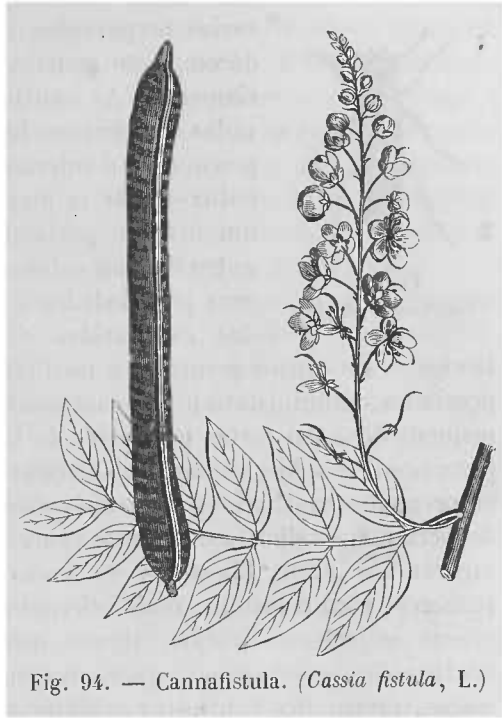


Fig. 94. — Cannafistula. (*Cassia fistula*, L.)

na dóse de 30 a 60 grammas, (1 a 2 onças); usa-se *limpa*, isto é, tirada das vagens, e passada por peneira de cabelo. Esta polpa, assim preparada, dilue-se em agua a ferver; cõa-se depois o liquido, e bebe-se ás chicaras.

Existem no Brasil mais outras variedades da cannafistula, cuja polpa é igualmente laxativa; são: *Cassia brasiliiana*, Lamarck, *Cassia sclerocarpa*; *Cassia medica*, Velloso. A casca d'estas arvores é adstringente, e usada nas provincias de S. Paulo e Minas para o cortume dos couros. A madeira é leve, de tecido frouxo, mui porosa e procurada para rodapés, caixilhos, ornatos de portas, e outras applicações menos importantes nas obras internas; não resiste á humidade, e por isso não serve para as obras expostas ao ar livre.

CANTHARIDA. CANTHARIDA DAS PHARMACIAS. Insecto de 8 a 10 linhas de comprimento, de côr verde, de cheiro penetrante e desagradavel. Apanha-se principalmente na Hespanha e Italia, sobre os freixos, lilazes e salgueiros. Ha muitas especies de cantharidas de que algumas existem no Brasil.

A cantharida indicada na fig. 95 é a que se emprega na medicina, nas pharmacias, *Meloe vesicatorius*, Linneo.

A cantharida é ao mesmo tempo um medicamento energico e um veneno violento. Reduzida a pó, entra em varias preparações vesicantes, e forma a base do emplasto caustico que se emprega ordinariamente. As cantharidas devem ser conservadas em frascos bem tapados. Apesar d'esta precaução, o interior do corpo das cantharidas reduz-se por si mesmo a pó, effeito devido a um insecto, particular ás cantharidas, que se nutre de suas substancias molles. Perdem então suas propriedades e são quasi inertes. A acção das cantharidas dirige-se principalmente á

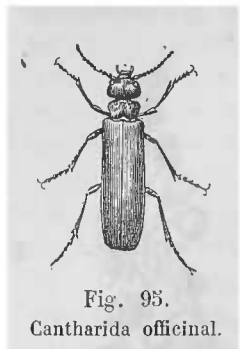


Fig. 95.
Cantharida officinal.

bexiga e aos órgãos genitais; a medicina aproveita-se d'estas propriedades, administrando as cantharidas internamente, em mui pequena dóse em certas paralyrias da bexiga. Mas um abuso bem pernicioso, e sobre o qual devo chamar a attenção do publico, é o emprego das cantharidas como *aphrodisiaco*. (*V* esta palavra.) Para despertar nos velhos um appetite venereo extinto pela idade, para vigorar nos jovens libertinos as forças cansadas pelo abuso dos prazeres, com o intuito, mais infernal ainda, de inspirar á innocencia impudicos desejos, alguns infames ousarão administrar cantharidas, quer em pó, quer em confeitos, chamados aphrodisiacos, preparados com estas substancias. Depois da excitação passageira, e do vigor facticio que se obtem ás vezes com o soccorro d'este meio fatal, succede logo um ardor mui doloroso do estomago, e sobretudo da bexiga, grande difficuldade de urinar, uma febre violenta, vomitos frequentes, dejecções alvinas copiosas, um delirio erotico, e ás vezes a morte, como o tem provado alguns exemplos funestos.

DIVERSAS ESPECIES DE CANTHARIDAS. A cantharida que deixei descripta é a officinal ou das boticas; mas contão-se mais de 30 especies de cantharidas. Além d'isso, não é o unico insecto que goza da propriedade vesicante; ha muitos outros coleopteros que tambem a possuem, mas em menor gráo, e podem em certas circumstancias ser empregados como succedaneos.

Cantharida do Brasil. *Lytta atomaria*, Germ.; *Tetraonyx tigrisipennis*, Dejean. (?) Insecto do comprimento de 4 a 8 linhas; tem todo o corpo coberto de uma felpa curta, branca-acinzentada; apresenta no corpo discos pretos; antenas negras; thoracete arredondado; ventre um tanto engrossado para a parte posterior. Apparece desde dezembro até fins de março, nas folhas do carurú, das

pimenteiras, das batatas. Quando o apanhão, verte pelas juntas um liquido oleaginoso e vesicante. Não tem cheiro quando está vivo; depois de morto, exhala um cheiro particular.

CANTORES. As molestias mais frequentes aos cantores são rouquidão, falta de voz, esquinencia, defluxos, escarros mucosos, e ás vezes escarros sanguinolentos. Uma bella voz não é sufficiente para constituir um bom cantor: é necessario ter um peito largo e forte, depois do orgão da musica e do da voz. As pessoas de peito fraco não se devem dar ao exercicio do canto; muitos cantores morrem tisicos. Assim, logo que o peito fôr ameaçado de alguma molestia grave, e logo que se declarar tosse secca e emmagrecimento, devem os cantores abandonar a sua profissão.

Alguns cantores antes de entrar em scena costumão comer anchovas salgadas (*anchois*, em francez), porque julga-se vulgarmente que estes peixes fortificão o orgão da voz, e tornão esta mais clara e mais sonora. É verdade; porém este resultado não depende das anchovas, mas sim do sal contido n'estas substancias. Comendo figos seccos, assados no boralho, consegue-se o mesmo effeito. E por isso os gargarejos com agua salgada, e a applicação de cinzas quentes sobre o pescoço, empregão-se vantajosamente nas extincções da voz.

CANUDO DE PURGA. *Rauwolfia canescens*, Willd. Apocynaeas. Arbusto venenoso do Brasil; habita na Bahia, Espirito Santo, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, etc. Os symptomas dó envenenamento são: tumefacção da lingua, constricção da garganta, vomitos, dysenteria, soluços, pulso frequente, dyspnea, sêde, convulsões, difficuldade de ourinar, pelle fria, morte.

CÃO. De todos os animaes é este o mais fiel e o mais intelligente servidor do homem; segue-o em todas as partes do mundo. É um mamifero carnivoro, caracterizado principalmente por seus dentes que são 42: 12 incisivos, 6 em cada queixada; 4 caninos, 12 molares na queixada inferior, e 14 na superior. Os pés anteriores dos cães tem cinco dedos; os posteriores só quatro.

O cão afaga a seu dono; é sensivel aos seus castigos; precede-o e olha para traz quando o caminho se separa em duas estradas. Docil, procura as cousas perdidas, vigia de noite, annuncia os estranhos, guarda as fazendas e os rebanhos, defende estes contra os animaes carnivoros que os atacam. Pára, agachando-se, quando sente a caça, e leva-a ao caçador quando este a matou, em vez de a comer. Póde servir para virar o assador nas cozinhas, e até para puxar os carrinhos. Não gosta que os cães alheios se introduzão na sua casa; tem horror aos mendigos, e ataca, sem ser provocado, aquelles que não conhece. Uiva ao som da musica; morde

a pedra que se lhe lança; exhala máo cheiro nos tempos de borrasca e quando está doente; é sujeito á solitaria e á raiva, e cega na velhice.

Os cães de ambos os sexos podem procrear na idade de 8 a 10 mezes. A gestação da cadella é de 60 dias, termo médio. A amamentação dos cachorrinhos dura dois mezes, pouco mais ou menos.

Conhecimento da idade do cão. Como nos mais mammiferos, é pela inspecção dos dentes que se póde conhecer a idade do cão de uma maneira quasi segura, durante a primeira parte da sua vida. Os dentes do cão até aos dois annos são brancos e pontudos; os incisivos apresentam uma ponta que se assemelha á flor de açucena; os caçadores dizem que um cão marca ainda a *flor de açucena*, para designar um cão de dois annos, quando muito. Os dentes do cão são raros aos tres annos, mas o modo da alimentação modifica-os de uma maneira extraordinaria; um cão, nutrido com sopas, possui, aos sete annos, todos os seus dentes bem conformados, ao passo que outro, de tres annos apenas, alimentado de carne, não conserva dos incisivos, senão alguns pedaços pretos e quebrados. Os dentes embotão-se e tornão-se amarellos, esburacão-se, á medida que os cães avanção em idade; aos cinco annos, o pello branquea no focinho e ao redor dos olhos, que perdem seu brilho e sua vivacidade. Aos seis ou sete annos, o cão principia a andar sobre o calcanhar; vem-lhe depois callosidades na ponta do jarrete; as unhas alongão-se e formão um semi-circulo. A final, pela sua obesidade, conhecem-se quasi sempre os cães velhos, cuja vida não passa de 15 a 16 annos.

As raças de cães são extremamente numerosas: cão d'agua, cão de fila, cão perdigueiro, cão de busca, cão de gado, cão de quinta, cão fraldeiro ou de manga, etc.

Molestias dos cães. As affecções mais frequentes nos cães são: o mal dos cães, a rabugem, a esgana e sobretudo a raiva. No artigo RAIVA indico os signaes do cão damnado.

CÃO DAMNADO. *Veja-se RAIVA.*

CAOUTCHOUC. *Veja-se BORRACHA.*

CAPÃO. (*Animas domesticos.*) Gallo que foi submettido, quando novo, á operação da castração, afim de que a sua carne adquira maior delicadeza. Querendo-se converter os frangos em capões, é necessario castra-los na idade de 3 a 4 mezes. A castração opera-se por uma incisão feita com instrumento de muito bom gume. A ferida, reunida por alguns pontos de sutura, cicatriza-se no fim de 2 ou 3 dias. Engordão-se dando-se-lhes massas feitas com sementes mui nutritivas, ou bolos com farinha. Em

muitos lugares, os capões servem para criar os frangos. Para este fim, arrancão-se ao capão as pennas do ventre, e esfrega-se-lhe a pelle com urtigas; mette-se depois na capoeira com dois ou tres frangos bastante grandes, que, passando-lhe debaixo do ventre, abrandão a comichão produzida pelas urtigas, e o obrigão, por este allivio, a recebê-los.

CAPARROSA AZUL. *Veja-se* COBRE (SULFATO DE).

CAPARROSA BRANCA. *Veja-se* ZINCO (SULFATO DE).

CAPARROSA VERDE. *Veja-se* FERRO (SULFATO DE).

CAPARROSA (Molestia). *Veja-se* GOTA ROSADA.

CAPILLÉ. *Veja-se* AVENCA.

CAPIM CHEIROSO, CAPIM MARINHO, CAPIM CIDREIRA, JARAPÉ. *Kyllinga odorata*, Martius. Cyperaceas. Planta do Brasil. Colloca-se nos armarios para perfumar a roupa. A raiz é comestivel; contém um principio resinoso e aromatico.

CAPITÃO DO MATTO. *Veja-se* CAYAPÓ.

CAPVERN. Aguas sulfatadas, calcicas, ferruginosas, quasi frias. França.

Itinerario de Pariz a Capvern: Estrada de ferro de Pariz a Capvern: por Bordeos e Mont-de-Marsan, 19 horas. Omnibus da estação de Capvern até ás aguas, meia hora. Despeza 95 francos.

Capvern é uma aldeia de mil habitantes. Não é na aldeia que se achão as fontes: estas, em numero de duas, existem mais longe em dois valles profundos. A primeira chama-se fonte de *Hount-Caoude*; a segunda fonte de *Bouridé*.

A fonte de *Hount-Caoude* esguicha da terra a 1 metro de altura. A agua é limpida e transparente; o cheiro nullo; o sabor, apenas sensivel, tem alguma coisa de salgado sem ser desagradavel. Quanto á sua mineralização, é de 2^s,084 por litro. São sobretudo chlorhydratos, sulfatos e carbonatos alcalinos, com predominação calcarea. A temperatura é de 24^o centigrados, por conseguinte a agua é apenas morna. Administra-se em bebida e banhos. É aconselhada contra as molestias das vias urinarias, areias, catarrho da bexiga, gota, hypertrophia do figado, calculos biliares, molestias de utero e affecções hemorrhoïdarias.

A meia hora de distancia d'esta fonte acha-se outra chamada *Bouridé*. A sua composição é analoga á precedente. Todavia, por uma particularidade inexplicavel, as suas virtudes therapeuticas são differentes. A fonte *Bouridé* goza de propriedades calmantes; é reputada util nas molestias nervosas, e particularmente contra o hysticismo. Emprega-se em bebida e banhos.

A vida material em Capvern é boa, a morada pouco dispendiosa as condições hygienicas excellentes. A estação thermal dura do

1º de maio ao 1º de outubro. A agua engarrafada exorta-se sem experimentar alteração.

CARÁ. *Dioscorea brasiliensis*, Willd. Dioscoraceas. Planta trepadeira do Brasil. Folhas cordiformes, lisas, de um verde arroxeadado; flores em cachos, miudas e esverdinhadas; fructo, uma capsula. O rhizoma, vulgo raiz, é uma batata, ora maior, ora menor, de fórma oblonga e arredondada; casca membranosa, parda, aspera, com pequenos prolongamentos; massa compacta, branca, aquosa, de sabor acre-adocicado. A raiz come-se assada ou cozida em agua com carne; fornece uma substancia amylacea preciosa como alimento. É um alimento saudavel. O cará augmenta a fartura de uma fazenda, e o lavrador judicioso o não deve desdenhar, tanto menos que cresce em terrenos ingratos a qualquer outra cultura.

Ha outra especie, *Dioscorea triloba*, Velloso.

CARACOL. Genero de Molluscos terrestres, de concha globosa ou orbicular, de uma só peça, cuja abertura é mais larga do que comprida; arrasta-se sobre um pé carnoso, da figura de um disco, situado debaixo do ventre; tem a cabeça mais ou menos perceptivel, e guarnecida de um, ou mais pares de tentaculos mui moveis, e dotados de grande sensibilidade. O tamanho dos caracoos varia extremamente: certas especies tem o volume de um ovo de gallinha, outras, pelo contrario, são quasi microscopicos. Todos são frequentes nos jardins e pomares; vivem deervas e folhas de arvores, causando damno á agricultura. Põem ovos cobertos de carbonato de cal, quer no tronco das arvores, quer debaixo das folhas mortas. Os pequenos não tardão a sahir da casca com sua concha ainda mui fragil, que pouco a pouco vai endurecendo. A carne de algumas especies é comestivel, principalmente a da *Helix pomatia*, Linneo, chamado vulgarmente *caracol de vinha* (fig. 96). Em França faz-se d'elle grande consumo

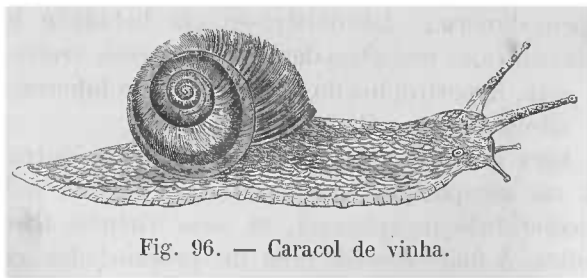


Fig. 96. — Caracol de vinha.

como alimento, temperando-o com salsa, alho, sal, pimenta; os antigos Romanos criavão-n'o para este fim, e engordavão-n'o com diversas plantas cheirosas. Em medicina, prepara-se com os

caracoés das vinhas ou dos pomares um xarope e uma pasta, que se emprega nas molestias do peito.

Estes molluscos, grandes e pequenos, quando se achão em abundancia, fazem, como disse, estragos nos pomares. Para se livrar d'elles, o melhor meio consiste em dar-lhes caça depois de uma grande chuva: apanhão-se e esmagão-se com o pé. Póde-se tambem destrui-los polvilhando o chão com cal viva. *Veja-se LESMA*, que é uma especie de caracol sem concha.

CARAJURÚ. *Veja-se PIRANGA.*

CARAMBOLA. Fructo do caramboleiro, *Averrhoa carambola*, Linneo, arbusto da familia das Oxalideas, originario da India, introduzido no Brasil. Este fructo oblongo, com cinco margens angulosas, tem um gosto acido; come-se cru ou em doce. Seu succo serve para tirar da roupa as nodoas da tinta de escrever.

CARANGUEJO. Genero de crustaceos dos quaes uns habitão os rios, outros o mar.

Caranguejo de rio. *Astacus fluviatilis*, Cuvier. (Ecrevisse, em francez). Fig. 97 Tem a casca roxa-esverdeada, o rosto armado de um pequeno dente de cada lado, e as pinças asperas. Vivem nas aguas doces, sobretudo nos regatos cheios de pedras e de raizes, onde se escondem e d'onde só sahem para assaltar os peixinhos, as rãs ou os vermes de que se nutrem. O seu estomago contém concreções pedrosas, de que a medicina fazia antigamente uso como absorventes. Conhecião-se debaixo do nome de *olhos de caranguejo*. A carne d'este crustaceo é branca, e constitue uma comida muito

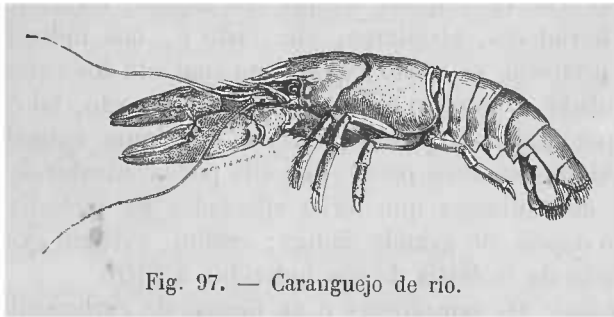


Fig. 97. — Caranguejo de rio.

delicada. A casca torna-se vermelha depois de cozida. Este phenomeno depende de haver na epiderme dois pigmentos: um vermelho e outro azul, este se destroe pelo calor, e só o vermelho fica visivel.

Caranguejo do mar. *Astacus marinus*, Fab. (Homard, em francez). Distingue-se pela casca lisa, rosto delgado, armado de cada lado de 3 ou 4 espinhos, patas extremamente grossas, comprimidas, terminadas por pinças dotadas de grande força. É de côr roxa-esverdeada; cozido torna-se de um vermelho

vivo. Attinge 50 centímetros de comprimento, e habita no mar perto das margens, nos lugares cheios de rochedos, a pouca profundidade. A sua carne é muito estimada. Não se deve confundir o caranguejo do mar com a lagosta, animal crustaceo de outra familia; as patas d'esta são muito menos fortes, não tem pinças, e as antenas são mais grossas, mais compridas e mais eriçadas. *Veja-se* LAGOSTA.

CARAPIA. *Veja-se* CONTRAHERVA.

CARBONATO DE AMMONIACO. *Veja-se* AMMONIACO.

CARBONATO DE CAL. *Veja-se* pag. 426. (Cal).

CARBONATO DE CHUMBO. *Veja-se* CHUMBO.

CARBONATO DE POTASSA. *Veja-se* POTASSA.

CARBUNCULO. O carbunculo, chamado tambem *anthrax maligno*, é um tumor duro, pouco proeminente, doloroso, cuja circumferencia é formada por um circulo inflammatorio, e o centro por uma escara mui negra. Este ultimo symptoma, que é o primeiro que apparece, explica a escolha da palavra que designa esta terrivel molestia.

Causas. Parece que a residencia em lugares baixos e humidos, no meio de miasmas que procedem da decomposição de materias animaes e vegetaes durante os fortes calores, bastão ás vezes para desenvolver espontaneamente o carbunculo no homem. As mais das vezes, é communicado por animaes acommettidos d'esta molestia, e ainda depois da morte d'estes animaes, o contacto de seus despojos, e principalmente da pelle, basta para transmitti-la, e por isso observa-se quasi sempre nos zagaes, cortidores, carniceiros, ferradores, alveitares, etc., isto é, nos individuos que, por sua profissão, se achão expostos ao contacto dos animaes. Póde ser inoculado no homem pela picada de um insecto, tal como uma mosca que tenha chupado o cadaver de algum animal carbunculoso. Alguns medicos pensão que ella póde contrahir-se comendo a carne dos animaes que forão affectados da molestia, ou que morrêrão depois de grande fadiga; enfim, existem exemplos de transmissão da molestia de um individuo a outro.

Symptomas. Os symptomas e as fórmas do carbunculo não são sempre semelhantes. Eis-aquí as suas principaes variedades.

No centro da inchação edematosa, que apparece subitamente, forma-se uma escara negra que se estende com rapidez; é acompanhada de dôr pungente, pallidez geral e fraqueza do pulso. O doente morre ás vezes em 24 ou 36 horas. Outras vezes não succumbe senão passados muitos dias. Acontece tambem que, depois de 24 ou 48 horas, o pulso torna-se mais forte e a gangrena pára; então a escara despega-se e cahe. Resulta d'isto uma perda de

substancia que se cura com ceroto como todas as feridas simples. Tal é o *carbunculo propriamente dito*.

Ha outra especie de molestia carbunculosa, que se designa mais particularmente pelo nome de *pustula maligna*, e cuja descripção é aqui opportuna, porque as suas causas e o seu tratamento são em tudo analogos aos do carbunculo propriamente dito. A pustula maligna principia por uma comichão ligeira e uma picada muito forte, mas de pouca duração. No ponto, em que esta sensação se manifesta, distingue-se uma pequena pinta vermelha, semelhante á mordedura da pulga. Logo depois forma-se uma pequena vesicula cheia de serosidade roxa; a comichão torna-se cada vez mais viva, o doente não póde resistir ao desejo de coçar-se, rasga a vesicula, que deixa sahir algumas gottas de serosidade, e o prurido é por alguns instantes menos insupportavel. Esta serie de symptomas compõe o primeiro periodo, que dura perto de 48 horas. Um pequeno tuberculo duro, mas não doloroso, levanta-se depois no lugar da vesicula; a sua côr é livida ou amarella. A comichão vai augmentando, e é acompanhada de calor e dureza. A pelle vizinha incha; apparecem novas borbullas serosas; o tumor, que cresce continuamente, torna-se preto no centro. A morte póde ser a consequencia d'estas graves desordens, sendo annunciada pelo pulso frequente e fraco, pelle quente, lingua secca, sêde insupportavel, engulhos, sensação de fogo interior, respiração curta, desmaios, suores e delirio; em outros casos a terminação funesta é precedida de diminuição do calor natural, e de prostração das forças. Mas se o doente deve sarar, o corpo, que se havia tornado frio, recobra o seu calor natural, a gangrena pára, estabelece-se uma suppuração de boa natureza, a chaga torna-se vermelha, e a cicatriz forma-se mais ou menos cedo, segundo a extensão da mortificação. A duração média da pustula maligna é de 12 a 15 dias, sem contar a cicatrização da chaga, quando a molestia acaba favoravelmente.

Prognostico. O carbunculo é sempre uma molestia grave. A pustula maligna póde ás vezes occasionar a morte em 24 horas, se os soccorros da arte forem tardios. O doente succumbe ás vezes pela abundancia da suppuração. Vejamos agora como os progressos da molestia podem ser atalhados no seu começo.

Tratamento. Consiste em destruir o tuberculo gangrenoso por meio da cauterização. Cumpre recorrer a este meio com toda a urgencia, qualquer que seja o periodo da molestia. A cauterização practica-se da maneira seguinte: molha-se um pincel em oleo de vitriolo, e applica-se sobre a massa carbunculosa. Esta applicação deve ser repetida muitas vezes, para que o caustico penetre pro-

fundamente, e destrua todas as partes gangrenadas. Applicando-se o liquido caustico, é preciso attender a que este se não derrame sobre as partes vizinhas sãs, e não ataque alguns órgãos importantes; é por isso que os medicos empregão ás vezes o ferro em brasa em lugar do caustico liquido. Alguns facultativos principião por fazer uma incisão crucial com bisturi no centro do tumor, afim de tornar mais immediata a applicação do caustico. Esta maneira offerece vantagens, sobretudo quando o tumor tem feito progressos. Depois da cauterização applicão-se cataplasmas de linhaça. A parte queimada cahe no fim de alguns dias, e a perda de substancia, que resulta, cura-se com fios cobertos de ceroto, e lava-se com agua de Labarraque, ou com agua phenica.

Feita a cauterização, administra-se ao doente o vinho de quina, na dóse de uma colher *de sopa*, tres vezes por dia; e continua-se este medicamento por cinco ou seis dias, ou até sarar a ferida.

Carbunculo dos animaes. Os animaes domesticos estão mais sujeitos ao carbunculo do que o homem; e esta molestia encontra-se não sómente nos quadrupedes, mas nos gansos, patos, gallinhas, etc. Como o carbunculo dos animaes pôde transmittir-se pelo contagio ao homem, julgo que a descripção dos seus caracteres deve ter lugar n'este livro.

O carbunculo dos animaes annuncia-se ordinariamente por um pequeno tumor duro, resistente, do tamanho de um feijão, mui adherente na base; tem ás vezes no centro uma abertura imperceptivel; comprimindo este tumor em um cavallo, manifesta o animal a mais viva sensibilidade. O tumor augmenta, e apparecem todos os symptomas de anxiedade. Os olhos tornão-se ardentes, inflammados, eriça-se o pello, a respiração torna-se laboriosa, o pulso muito acelerado. Estes symptomas não persistem por muito tempo; e quando a mortificação se tem apoderado do tumor, o pulso torna-se fraco, lento, intermittente; os olhos parecem abatidos e as forças aniquiladas; ellas se reanimão por um instante, mas logo sobrevem convulsões e a morte.

Existe ainda uma variedade do carbunculo que affecta particularmente o boi, o carneiro, o porco, e que se annuncia sobre as partes do corpo privadas de pello, por nodoas brancas, lividas ou negras: estas diversas gradações succedem-se segundo o progresso da molestia. Despega-se a pelle, e debaixo d'ella existe um humor acre e corrosivo. A marcha d'este carbunculo é menos rapida do que a do precedente, mas os seus effeitos são os mesmos.

O carbunculo não só se manifesta exteriormente, mas tambem ataca os órgãos internos, como o cerebro, pulmões, estomago, etc. Esta molestia, que se chama febre carbunculosa, é extremamente

aguda, o animal succumbe quasi no mesmo instante em que é acommettido d'ella; a duração é de uma ou duas horas. O animal parece sentir algum terror, amedronta-se, levanta e abaixa a cabeça, sacode-se, rincha, cambalea, cahe e morre entre convulsões mais ou menos violentas. *

Os veterinarios considerão como causas do carbunculo a successão das chuvas ás grandes seccas, os grandes calores, as forragens cheias de insectos, e colhidas em lugares pantanosos. A vizinhança dos pantanos, o uso das aguas corruptas, os máos pastos, bastão para occasionar esta molestia.

Os veterinarios aconselhão, como meios preservativos para os animaes sãos, a sua inteira separação dos animaes doentes, um exercicio moderado, bebidas refrigerantes e clysteres purgativos. O meio curativo consiste na cauterização dos tumores com oleo de vitriolo ou com ferro em brasa. As chagas que resultão da cauterização curão-se com basilicão.

Este meio, entretanto, não convem no carbunculo que é sómente caracterizado por nodoas. Administra-se n'este caso a quina e a camphora. Fricções geraes, passeios ao ar livre, irrigações com agua phenica, fumigações com alfazema e outras plantas aromaticas nas estrebarias, são outros tantos mcios que devem fazer parte do tratamento. É tambem importante para os animaes que se conservarem sãos, assim como para os homens, que o estrume proveniente dos animacs affectados do carbunculo seja queimado, e os cadaveres dos que succumbirem sejam enterrados profundamente.

CARCUNDA. *Veja-se* CORCOVA e RACHITISMO.

CARCINOMO. Synonymo de cancro.

CARDAMOMO. Dá-se o nome de cardamomos a uns fructos seccos que vem de Java, Malabar, India, etc. Distinguem-se tres especies commerciaes : 1º *Cardamomo menor*; tem 6 a 8 millimetros de comprimento, bojudo, triangular, contendo sementes roxas; seu chciro é terebinthaceo : este é o mais estimado; 2º *Cardomomo médio*. É menos comprido que o seguinte do qual possui todos os caracteres; 3º *Cardamomo maior* ou de *Ceylão*, do comprimento de 2 a 3 centimetros, da largura de 6 a 8 millimetros, triangular, pontudo nas duas extremidades, de côr fulva arroxcada, estriado, trilocular; sementes numerosas.

Os cardamomos provém de differentes Amomeas, pertencentes aos generos *Amomum*, *Elettaria* e *Rencalmia*. São fructos aromaticos que erão outr'ora empregados em medicina como estomachicos e estimulantes. Na India usão-se como tempero nas comidas.

CARDIALGIA. Dôr nervosa que se faz sentir na bocca do estomago. *Veja-se* GASTRALGIA.

CARDITE. Infilmação do coração. Esta molestia é mui rara, e coincide quasi sempre com a inflamação das membranas que revestem o coração, molestias conhecidas debaixo do nome de *pericardite* e de *endocardite*.

As *causas* da cardite são pezares profundos, e o resfriamento subito. Esta molestia apparece ás vezes depois do desaparecimento do rheumatismo articular agudo.

Os *symptomas* da cardite são : dôres vivas na região do coração, um sentimento de anxiedade e de suffocação insupportavel. O doente está inquieto e agitado; a cada instante é ameaçado de desmaio; o coração bate com precipitação, violencia e desigualdade; o rosto contrahido e ás vezes rôxo exprime o soffrimento.

O *tratamento* consiste em sangria, bixas na região do coração, dieta e bebidas refrigerantes, taes como a limonada de limão, e de laranja, etc.

CARDO SANTO. *Cnicus benedictus*, Gaertner. Synanthereas-carduaceas. Planta annual, da Flora portugueza; habita espontanea pelos marachões arenosos dos montes d'Arregaça junto a Coimbra, e outras partes. Caule levantado, da altura de 50 cent., ramoso, hispido, guarnecido de folhas semi-decurrentes, oblongas, sinuosas ou denteadas e um pouco aculeadas; flores, duas ou tres terminaes nos ramos, pedunculadas. Esta planta tem cheiro desagradavel que perde pela deseccação; sabor mui amargo. É considerada como tonica e febrifuga. As suas summidades floridas administram-se em infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) da planta e 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

CAREPA. *Veja-se* PITYRIASE.

CARIE. Molestia dos ossos, caracterizada pela destruição lenta do tecido osseo, com amolecimento e formação de pus fetido. Esta affecção foi confundida por muito tempo com uma molestia do mesmo genero, a *necrose*, que é o estado de um osso, ou de uma porção de osso privada de vida; mas a carie differe d'ella essencialmente. E, para dar uma ideia da differença que existe entre estas duas affecções, tem-se comparado a *carie* a uma ulceração das partes molles do corpo, e a *necrose* á gangrena d'essas mesmas partes. A carie é constantemente precedida da inflamação dos ossos.

A carie dos dentes não sendo da mesma natureza que a dos ossos, fallarei d'ella n'outra parte. (*Veja-se* DENTES).

As *causas* que podem produzir a carie, são externas ou internas. Entre as primeiras, estão as feridas que penetram até aos ossos, as contusões, as fracturas, as torceduras em que se rompêrão os ligamentos, etc. Mas a carie é ás mais das vezes produzida por

causas internas; taes como a disposição escrophulosa, a infecção venerea inveterada, o escorbuto, o vicio canceroso e o enfraquecimento geral occasionado por excessos ou fadigas.

Symptomas. De ordinario a carie procede lentamente, e póde permanecer estacionaria muito tempo. Principia por uma dôr viva e fixa, em algum ponto do osso. Se a molestia ataca uma articulação, os movimentos tornão-se difficeis e dolorosos. Se o osso affectado está situado superficialmente, vê-se n'elle manifestar-se um tumor circumscripto, immovel, adherente, mais ou menos doloroso á pressão, e, ao principio, sem mudança na côr da pelle. As partes molles vizinhas do osso affectado inflammão-se e inchão, o tumor levanta-se, torna-se molle no centro; a pelle inflamma-se, faz-se vermelha, violacea, abre-se e deixa escorrer uma materia purulenta que a dilatava. A abertura dos tegumentos continua com um trajecto fistuloso, mais ou menos profundo e sinuoso, que se dirige ao osso doente, e serve de canal de excreção á materia purulenta que d'elle provém. Frequentemente os pannos que recebem esta materia ficão tintos de preto; isto acontece sobretudo quando se usa, para os curativos, de emplasto ou de unguento contendo preparações de chumbo, como, por exemplo, o ceroto de Saturno. Se se introduzir na fistula uma longa agulha chamada *estylete*, encontra-se logo o osso doente. O instrumento toca uma superficie dura, rugosa; quando penetra mais profundamente, faz experimentar á mão que o conduz uma crepitação particular, que resulta da ruptura de grande numero de filamentos osseos que encontra. Estas explorações são ordinariamente pouco dolorosas, acompanhadas de hemorrhagia assaz consideravel, e ás vezes da sahida de algumas pequenas porções do osso.

Quando a carie occupa os ossos situados profundamente, como os da columna vertebral, os symptomas não são sempre tão evidentes, e apresentam ás vezes muita obscuridade no começo da molestia; os doentes experimentão sómente uma dôr fixa, continua, n'um osso que está cariado; o pus que d'ahi resulta é obrigado, para sahir, a seguir um longo trajecto, levanta finalmente a pelle e forma assim um abcesso, chamado *abcesso por congestão*.

Prognostico. Ás vezes a carie sára espontaneamente; vê-se então a suppuração diminuir, e o pus perder o cheiro fetido; pouco a pouco as fistulas fechão-se e o doente acha-se curado; conserva sómente o osso mais volumoso, e, se a molestia teve lugar n'uma articulação, uma ankylose, isto é, uma perda de movimentos. Esta terminação feliz observa-se sobretudo nos individuos escrophulosos, mas ainda fortes, no momento em que passão da infancia á puberdade. Outras vezes vê-se, sobretudo quando a

carie é venerea, toda a porção do osso affectado estiomenar-se, e separar-se sob a fórma de uma grande esquirola; depois d'isso a cicatrização effeituase, e o doente acha-se curado como no caso precedente; mas estes felizes exemplos não se observão senão em individuos jovens e vigorosos, e ainda assim soffrem grande demora. Depois d'estes, os casos mais ditosos são aquelles em que a molestia, tendo pouca extensão, fica estacionaria e fornece uma suppuração inexaurivel, a qual por ser mui pouco abundante não altera a saude geral do enfermo. Às vezes, a molestia augmenta, se depende de uma d'aquellas causas que influem sobre toda a economia; propaga-se pouco a pouco do osso affectado aos que lhe são contiguos, e enfraquece consideravelmente o doente.

Tratamento. Ha duas indicações a preencher no tratamento da carie: destruir a causa geral que tem determinado a molestia, caso seja conhecida; e curar o osso affectado. Se a carie é de natureza syphilitica, escrophulosa, escorbutica, é preciso que o doente siga o tratamento proprio para combater essas affecções geraes. (*Veja-se SYPHILIS, ESCROPHULAS, ESCORBUTO*). Vê-se, ás vezes, a carie curar-se por si mesma, quando a causa geral foi destruida: mas nem sempre acontece assim: a molestia torna-se local e subsiste depois da destruição da causa, até que se recorra aos meios cirurgicos, unicos que são capazes de cura-la.

O tratamento local da carie varia segundo o gráo, a extensão, a situação e a natureza da molestia. Quando ella se manifesta exteriormente, produzindo um tumor inflammatorio, deve-se acalmar a dôr e a irritação com cataplasmas de farinha de linhaça, e observar um repouso absoluto. Quando a inchação e a dôr diminuirem com o emprego d'este meio, será necessario lançar mão das applicações estimulantes, para modificar as propriedades vitaes do osso doente, e produzir a cura da carie. Quando a carie é superficial, pouco extensa, obtem-se bons effeitos dos banhos locais com infusão de plantas aromaticas, taes como a alfazema, salva, alecrim, hortelã pimenta, etc. Os banhos de cinzas, ou com agua do mar quente, produzem tambem n'estes casos excellentes resultados; mas é preciso usar d'elles por muito tempo. Quando o osso cariado está descoberto, applicão-se sobre elle fios molhados em aguardente camphorada, em tintura de myrrha e de aloes, ou em tintura de iodo. Se estes meios forem insufficientes, recorra-se á acção heroica do fogo. Descobre-se a carie por incisões, e cauteriza-se com ferro quente. Nas caries mui profundas, que são difficilmente accessiveis aos meios cirurgicos, não se deve fazer uso do ferro em brasa; n'estes casos obtem-se bons effeitos das injeções com a tintura de iodo. Quando a carie fica estacionaria,

apezar dos meios que deixei indicados, se não se alterar a constituição do individuo, convem limitar-se ao repouso da parte affectada, ao asseio, ao regimen fortificante e ao uso dos medicamentos tonicos. (*Veja-se esta palavra.*) Às vezes, com o tempo, depois de perdidas todas as esperanças, a molestia cura-se por si mesma. Quando a carie affecta uma articulação, é preciso dar a esta uma posição tal, que, depois de formada a ankylose, o membro possa ainda ser de alguma utilidade. (*Veja-se ANKYLOSE.*) Se, pelo contrario, as forças forem diminuindo, a suppuração se tornar cada vez mais abundante e fetida, e a carie affectar um osso em que a amputação seja praticavel, será esta o unico recurso para acabar com o mal.

Depois d'estas considerações geraes sobre a carie, aximinemos esta affecção nos ossos da columna vertebral, ou, por outro nome, carie do espinhaço ou das costas, ou *mal de Pott*, onde ella apresenta algumas particularidades.

Carie vertebral ou MAL DE POTT. Ataca principalmente as crianças, e depende, no maior numero de casos, do vicio escrophuloso; quando se manifesta nos adolescentes, é quasi sempre o resultado da masturbação. A molestia principia por uma dôr em um ponto do espinhaço. Algum tempo depois forma-se suppuração; n'esse lugar; o pus obedecendo ao seu peso, desce pelos intersticios musculares, que lhe offerecem menor resistencia, e vai formar um abcesso chamado *por congestão*. em lugar mais ou menos distante da séde do mal que lhe deo origem. Este abcesso apresenta-se debaixo da fórma de um tumor indolente, molle, fluctuante em toda a sua extensão desde o momento da sua apparição, e sem mudança na côr da pelle. Encontra-se ordinariamente nas cadeiras ou na virilha. Com os progressos da molestia, a vertebra amollece, abate-se com o peso das partes superiores, e a columna vertebral curva-se para diante. Manifesta-se nas costas uma proeminencia angulosa, formada por uma ou mais apophyses das vertebrae. Ao mesmo tempo, o doente experimenta nas coxas e nas pernas uma especie de entorpecimento, serve-se d'ellas com difficuldade; ás vezes declara-se subita ou progressivamente uma paralysis completa da metade inferior do corpo. O doente n'este caso é obrigado a recorrer á sonça para urinar, e aos clysteres para expulsar as materias fecaes. As partes mais salientes, sobre as quaes repousa o corpo habitualmente, inflammão-se e suppurão; o marasmo vai sempre augmentando, e as forças diminuindo progressivamente.

Tratamento. Quando já ha algum tempo que um adulto se queixa de uma dôr fixa e continua em algum ponto nas costas; quando

uma criança, chegada á idade de andar, parece ter as pernas fracas, ou sobretudo quando, depois de ter já andado, o não póde fazer, sem que esta fraqueza dependa de alguma molestia conhecida, é preciso, em todos estes casos, examinar com attenção a columna vertebral, para ver se ella não apresenta alguma corcova. Quasi sempre se encontra este signal; e no caso contrario, a existencia da dôr, em um individuo que parece predisposto a este mal, o indica sufficientemente. Cumpre então administrar os medicamentos tonicos, taes como o oleo de figado de bacalháo internamente e em fricções na columna vertebral; as preparações de ferro, o vinho de quina, os banhos com plantas aromaticas (alecrim, salva, alfazema, hortelã, tomilho, etc.), os banhos d'agua do mar quentes. Convem estabelecer sobre o lugar doloroso uma ou mais fontes por meio de potassa caustica, e entreter a suppuração d'ellas por muito tempo. Tal é o unico tratamento d'esta molestia.

Receituario contra o mal de Pott.

1º Oleo de figado de bacalháo, 180 grammas (6 onças). Para beber uma colher *de sopa*, 2 vezes por dia. Ao mesmo tempo fazem-se nas costas duas fricções por dia, com uma colher *de sopa* do mesmo oleo.

2º Ferro reduzido, 8 grammas (2 oitavas).

Divida em 24 papeis. Para tomar um papel, duas vezes por dia, n'uma colher d'agua fria com assucar.

3º Vinho de quina, 180 grammas (6 onças). Para beber uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

O modo de preparar os banhos aromaticos acha-se indicado no Vol. I, pag. 307.

CARIMÃ. Substancia alimentar, que se prepara no Brasil amollecendo a mandioca puba na agua, depois do que cõa-se e comprime-se a massa em uma peneira, e dá-se-lhe a fórma de pequenos bolos. Serve para mingãos e diversos manjares, segundo o uso de cada localidade ou provincia.

CARLSBAD. Aguas salinas sulfatadas quentes. Temperatura de 40º a 74º centigrados, conforme as nascentes.

Itinerario de Pariz a Carlsbad: Estrada de ferro por Francfort até á estação de Eger, 32 horas. Diligencia d'esta estação a Carlsbad, 4 horas. Despezas 125 francos.

Carlsbad é uma cidade da Bohemia, de 8,000 habitantes, situada n'um valle profundo e entre os rochedos graniticos dominados por montanhas cobertas de matto. No meio do valle corre o pequeno rio Tepcl. As nascentes de Carlsbad são numerosas; hoje contão-se dez principaes.

A primeira de todas, pela sua reputação, abundancia e alta temperatura, é o *Sprudel*. Esta nascente, a mais importante de todas as aguas mineraes da Europa, esguicha da terra por uma larga abertura, ferve e rechahe em escuma. A sua temperatura é de 74° centigrados. Uma nuvem de vapor a envolve, e, junta ao ruido que faz a agua sahindo da terra impetuosamente, annuncia ao longe a sua presença. Ao lado do *Sprudel* acha-se a fonte de *Hygia*, menos quente e menos abundante.

As outras nascentes de Carlsbad achão-se sobre a margem esquerda do *Tepel*, e na ordem seguinte, descendo o rio: a nascente *Schlossbrunn*, o *Marktbrunn*, o *Mühlbrunn*, o *Neubrunn*, o *Bernadbrunn*, o *Theresienbrunn*, o *Felsenbrunn* e o *Spitalbrunn*. A temperatura d'estas nascentes varia de 40° a 74°. Os encanamentos que as conduzem desembocão em elegantes palacetes.

A agua d'estas diversas nascentes é limpida, transparente e sem cheiro algum. O sabor, algum tanto alcalino, não é desagradavel; foi comparado a um leve caldo de frango. Todas as nascentes tem composição identica, que consiste nos mesmos principios salinos e nos mesmos gazes, nas mesmas proporções; não differem senão pela temperatura. Os principios salinos são sulfatos, chloruretos e carbonatos alcalinos; os gazes são o acido carbonico e o azoto.

Eis-aqui o resultado da analyse da nascente *Sprudel* segundo Ragsky. 1 litro d'agua contém:

		Grammas.		
Sulfato de soda....	2,372	Carbonato de ferro.....	0,002
— de cal	0,163	— de manganez.....	0,006
Chlorureto de sodio.....		1,030	Fluoreto de calcio.....	0,003
Carbonato de soda.....		1,361	Phosphato de cal.....	0,002
— de cal..	0,297	Silica	0,072
— de stronciana....		0,008		
— de magnesia....		0,124	Total das materias fixas ...	5,440

Gaz: Göttl achou 210,39 centimetros cubicos de acido carbonico; 0,85 de azoto.

O *sal de Carlsbad*, extrahido da nascente *Sprudel* por evaporação, é sulfato de soda quasi puro. Fabrica-se tambem artificialmente. Este sal é muito empregado na Allemanha como purgativo.

Bem que as nascentes de Carlsbad não differem senão pela temperatura, todavia impressionão diversamente a economia. Assim, tal doente supportará perfeitamente o *Schlossbrunn* que seria mui fortemente influido pelo *Sprudel*. Ora, não se podem attribuir estas differenças de acção á unica influencia de um pouco mais ou de um pouco menos de calor, porque fazendo resfriar o *Sprudel* ao mesmo gráo que *Schlossbrunn*, continuarão a ser excitante. Ha, pois, ali alguma cousa que nos escapa.

As aguas de Carlsbad são sobretudo empregadas em bebida. Em geral, os doentes chegam facilmente a beber de manhã sete ou oito copos; alguns mesmo bebem mais, sem inconveniente. Esta agua, e [particularmente a do Sprudel, determina, muitas vezes, no momento de sua ingestão, um sentimento de constricção na cabeça, vertigens e uma especie de embriaguez; pelo que deve dar-se pelo menos um quarto de hora de intervallo entre cada copo, e fazer exercicio nos intervallos. A acção d'estas aguas é, no maior numero de casos, purgativa. Usão-se tambem em banhos; o estabelecimento contém 72 banheiras, 2 estufas; e 8 banhos de lodo.

As aguas de Carlsbad aproveitam nas molestias do figado e do baço, nos engurgitamentos sobretudo d'estes orgãos, nas areias, na gota, no diabetes, na prisão de ventre.

Estas aguas podem ser transportadas sem alteração bem sensivel, e produzem effeitos mui notaveis; a dóse é de meia botija á de uma botija, pela manhã. É preciso bebê-las quentes: aquecem-se a banho-maria.

CARMIM. Tinta vermelha extrahida do insecto cochonilha ou do kermes animal, excrescencia de côr vermelha que nasce sobre a casca de uma especie de carvalho, *Quercus coccifera*, Linneo. O carmim é de côr purpurea brilhante, soluvel em agua, insoluvel no ether, e inalteravel pelo ar e pela luz. Os acidos dissolvem-n'ò, e dão-lhe côr mais viva, que se torna então escarlate. O carmim emprega-se na pharmacia para dar côr ás pomadas.

CARMINATIVO. Chama-se *carminativo* o medicamento que tem a propriedade de combater as dôres nervosas do estomago e dos intestinos, acompanhadas de ventosidades. Estes medicamentos tirão-se d'entre as substancias aromaticas, taes como as folhas de herva cidreira, salva, hortelã, os fructos de herva doce, funcho, centro, alcaravia.

CARNAÚBA. *Corypha cerifera*, Arruda; *Copernicia cerifera*, Martius. Arvore do Brasil, da familia das Palmeiras. Habita em abundancia no Ceará, Rio Grande do Norte e Matto-Grosso; resiste ás mais rigorosas seccas, sempre verde e florescente, e tem grande prestimo. Das folhas d'esta arvore extrahem-se uma cera amarella, de que se fazem velas. O modo da extracção é mui simples. Lascão-se as folhas e põem-se ao sol para murcharem; passados tres ou quatro dias batem-se n'um lugar resguardado do vento; dão então um pó, que derretido ao fogo dá uma cera amarella e dura. Esta cera é muito empregada no fabrico das velas, e é objecto de grande consumo nas provincias do norte do Brasil, mórmente no Ceará, onde já é um importante ramo de exportação. Pelo porto da Fortaleza (capital do Ceará) sahem

anualmente para as provincias vizinhas e para a Europa de 2 a 3 mil arrobas (de 30,000 a 45,000 kilogrammas); pelo porto do Aracaty sahem annualmente para os mesmos destinos cerca de 30,000 arrobas (450,000 kilogrammas); pelos portos de Acaraçú e Granja e pelo interior sahe tambem grande quantidade para as provincias vizinhas.

O tronco d'esta arvore serve para infinitos usos, para vigas, esteios, etc. Fazem-se com elle instrumentos de musica, tubos, bombas, bocetas, chicaras, etc., etc., por ser muito rija a parte exterior. Do palmito, que é pequeno, e quando tenro muito saboroso, extrahe-se por meio de successivas lavagens grande quantidade de gomma, que é muito nutritiva.

O fructo da carnaúba é do tamanho de uma avelã; come-se a polpa e a amendoa, que é oleosa.

Das folhas seccas fazem-se esteiras, chapéos, cestas, balaios, abanos, vassouras, etc.; e a fibra que dá a mesma folha, quando nova, produz um fio forte com que se fabricão cordas, redes, etc. A palha de carnaúba é exportada para a Europa, onde serve para fabricar chapéos finos que em parte voltão para o Brasil. Muitos productos d'esta generosa arvore figurarão na Exposição universal de Pariz de 1867, taes como cera em pedaços, velas, cordas, bombas feitas do tronco, grandes pedaços do tronco bruto e polido, chicaras, flautas, etc. Todos estes objectos excitavão a curiosidade de quantos visitarão a Exposição.

CARNE. (*Hygiene e conhecimentos uteis.*) Muitas especies de carne entrão na alimentação do homem. Em primeira linha apresenta-se a carne de boi, de vacca, de touro; é a melhor carne que o homem possa comer, e é a que fornece o melhor caldo. A carne de bufalo, mamífero do genero *Boi*, de que se faz uso na Italia e na Africa, e a do bisão que se costuma consumir na America do norte, são muito inferiores á especie bovina propriamente dita. Vem depois a carne de carneiro e de cordeiro; apenas podem citar-se as carnes de má qualidade que fornecem a ovelha leiteira, a cabra, o bode. O porco dá a carne que é um excellente alimento, com tanto que seja isenta da ladraria e da trichinose, (vejaõ-se estas palavras). Estas molestias dos porcos justificão a adopção dos modos particulares de preparação, e as prescripções de certas leis religiosas contra a carne de porco. O cavallo e o burro fornecem uma carne de boa qualidade, de que se faz uso na Italia e na França. As carnes de cervo, de veado, de gamo, são caças procuradas nas diversas regiões. Os povos da Asia occidental, os do norte da Africa, comegam a carne de camelo e de dromedario. No Perú, na Boliyia, come-se a carne de vignonha e

de alpáca. A lebre, e o coelho servem tambem de alimentação ao homem. No Brasil, as mattas virgens, as campinas e as proprias capoeiras são povoadas por grande numero de quadrupedes e aves proprias para a alimentação do homem, como sejam a anta, o veado, a paca, a capivara, o catête, o tatú, a perdiz, a codorna, a gallinha do matto, o joó, o jacú, o nhambú, o macuco, o mutum, e muitas especies de pombas. As gallinhas ordinarias, as de Angola, os perús, gansos, patos, marrecos, pombos, figurão entre as melhores especies comestiveis. Alem d'isso muita caça nos é fornecida pelas aves bravas. Salvo certas tartarugas marinhas, lagartos comestiveis e as rãs, os reptis não fazem parte da alimentação do homem. Mas os peixes tem muita importancia debaixo do ponto de vista alimentar. No Brasil, o alto mar, toda a costa e rios interiores são abundantissimos de excellente peixe, como o mero, o bijupirá, a garoupa, o badejo, a tainha, a cavalla, o robalo e outros muitos, entre os que habitão o mar; o suruhy, o dourado, o pirarucú, a piaba, o tambaqui, o tucunaré, o pacú e outros que se encontrão nos rios.

A carne tem propriedades especiaes. Altera-se promptamente, e torna-se então repugnante e insalubre.

A melhor carne é a de boi de 7 a 9 annos, engordado depois de ter trabalhado como animal de tiro. Esta carne faz um excelente caldo. Nos bois velhos, a fibra é dura e pouco saborosa.

A cozedura exerce sobre as carnes uma influencia variavel segundo o modo de preparação. Cozidas, a calor, sem intervenção d'agua, as carnes supportão exteriormente de 100 a 130 grãos de temperatura, quando o interior não passa de 60° a 65°. Esta desigualdade de temperatura tem por effeito de encerrar, debaixo de uma camada superficial contrahida e coagulada, a massa menos cozida, que não perde as suas partes liquidas, e fica tenra, succulenta, sapida, aromatizada. A vitella, poucó aromatica e cheia de succo menos saboroso, precisa ser cozida até 90° ou 95° para desenvolver um aroma particular. A cozedura em vaso tapado com o auxilio d'agua torna tenras as carnes duras; póde ser substituida pela cozedura ao forno com sufficiente quantidade de humidade.

Só a gente do officio, isto é, os carniceiros, podem distinguir, de uma maneira certa, as differentes sortes de carnes, e suas qualidades. Eis-aqui, entretanto, algumas indicações geraes, que podem aproveitar a todos.

Carne de boi. A fibra do boi é menos fina que a da vacca, e a carne é de côr de rosa mais viva. Os ossos das costellas são mais espessos, e mais arredondados.

Carne de vacca. A carne de vacca é sempre de côr rosea-pallida,

o seu tecido é mais fino e mais laxo, os ossos das pernas mais delgados, e os das costellas mais largos e muito chatos. Quanto ao sabor e ás qualidades nutritivas, a carne de vacca, quando o animal é morto ainda novo e em estado de sufficiente gordura, não differe da do boi.

Carne de touro. A carne de touro distingue-se da do boi pelo seu tecido cellular, que é geralmente de um grão mais grosso e mais firme ao tocar, e a sua côr de um vermelho mais roxo, sobretudo nos animaes de certa idade. Os ossos são igualmente mais duros e mais volumosos; a gordura, muito amarella e muito dura tem sempre um cheiro forte.

Carne de vitella. A vitella nascida morta, e a vitella cortada na idade de 8 dias a 3 semanas, não fornecem senão uma carne insalubre; reconhece-se pelos caracteres seguintes: o tecido cellular, ainda não formado, não tem consistencia; a côr é de um branco-amarello esverdeado, a fibra laxa e um pouco viscosa; a gordura é de um branco sujo, saponacea e pegajosa. Os ossos, muito esponjosos e quasi flexiveis, contém, em lugar da medulla, uma substancia oleaginosa. Os do peito são essencialmente cartilaginosos, as porções musculares são muito delgadas, e não offerecem resistencia.— Na vitella da idade de mais de tres semanas, estes signaes desaparecem mais ou menos, segundo a natureza dos animaes e a maneira por que forão alimentados.

Carne de carneiro. Chamão-se *carneiros de prados salgados*, os que forão criados nas pastagens regadas pela agua do mar. Sua carne é extremamente tenra e saborosa; mas nada a distingue, no exterior, da dos outros carneiros de boa natureza.

Carne de cavallo. Bem que esteja reconhecido que esta carne é perfeitamente propria para a alimentação do homem, e que poderia figurar nos mercados ao lado das melhores carnes de açougue, entretanto um preconceito, por assim dizer invencivel, se oppõe a que o uso d'esta carne se generalize. Em todos os casos, o preconceito real, que resulta para a sociedade do desprezo da carne de cavallo para a alimentação do homem, seria em parte compensado, se todos os cavallos mortos ou improprios para o serviço fossem judiciosamente empregados para a alimentação dos porcos.

Carne de porco. O porco, bom para a matança, não deve ser nem muito novo nem muito velho. Prefere-se geralmente o que tem de 8 mezes a 1 anno. A carne deve ser firme e avermelhada; deve-se rejeitar a que está semeada de grãos brancos ou vermelhos: é signal de que o porco esteve ou está *ladro*, e esta carne, sem ser realmente nociva, perdeo quasi todas as suas boas qualidades.

A carne dos animaes mortos nos matadouros attinge ao cabo de

12 a 18 horas o grão de molleza e de consistencia tenra que a torna propria á comida; é então que se transporta aos açougues.

Os pedaços de carne de *boi* ou de *vacca* são commercialmente classificados em categorias, segundo que provém de tal ou de tal parte do corpo do mesmo animal; esta classificação é baseada na espessura da carne, e na proporção em que se achão as substancias tendinosas e outras. As categorias varião naturalmente de preço, por terem qualidades alimenticias mais ou menos elevadas. Admittem-se geralmente tres categorias, procedendo das melhores ás qualidades inferiores. A 1ª categoria comprehende toda a parte posterior do corpo até á anca e ao joelho, juntando-lhe a alcatra, o lombo, e as partes correspondentes das costellas. A 2ª categoria é formada das costellas, da parte contigua ás costellas até ás ilhargas, e de tudo o que constitue a região da pá. A 3ª categoria consiste em pescoço, cabeça, rabada, parte dos membros vizinha do jarrete, e região abdominal inferior.

Distinguem-se na vitella tambem tres categorias de pedaços; 1ª categoria: coxa, lombo, rins, e um quadrado coberto, contiguo ao lombo, 2ª categoria: hombro, peito e a parte interior do quadrado coberto; 3ª categoria: pescoço.

Carneiro. 1ª categoria: perna, lombo, costellas; 2ª categoria: pá: 3ª categoria: peito, e pescoço.

CARNES ESPONJOSAS. (*Medicina.*) São excrescencias que se desenvolvem nas feridas; e como impedem que estas se fechem, convem destrui-las com pedra infernal ou com pedrahume calcinada.

CARNEGÃO ou CARNICÃO. O carnegão é uma porção de materia concreta, esbranquiçada e sanguinolenta, que se espreme dos leicencos e dos anthrazes. É formada por um pouco de tecido cellular gorduroso. A sahida do carnegão é seguida quasi immediatamente da diminuição de todos os phenomenos inflammatorios; e a cavidade que resulta fecha-se promptamente. Facilita-se a sahida do carnegão com cataplasmas de linhaça ou de fecula.

CARNEIRO. A melhor idade do carneiro destinado á produção, é de 30 mezes. Possui então todas as suas qualidades, fixarão-se as suas fórmulas, a sua saude é solida, e tem todo o ardor e toda a força necessaria. Mas não conserva todas essas vantagens senão durante dois ou tres annos; quando tem cinco annos e meio, ás vezes mesmo um anno antes, perde todo o ardor, e torna-se pesado e preguiçoso. Ordinariamente não se conservão os carneiros de mais de quatro annos. Para ter cordeiros vigorosos, não se deve dar ao carneiro mais de 30 a 40 ovelhas. Quinze dias antes da cobrição, convem separa-lo cuidadosamente dás ovelhas, e

acrescentar á sua ração habitual, aveia, cevada, feijões quebrados, ou outros alimentos substanciaes. Emquanto dura a época da cobrição, o carneiro come pouco, e se não tivesse engordado antes, cahiria em deploravel magreza. Passado a estação da cobrição, que dura ordinariamente 20 dias, deve-se pôr o carneiro a um regimen fortificante, e refrigerante ao mesmo tempo, afim de que possa restaurar as suas forças. Emquanto lhe dura o cio, o carneiro é máo; suas cabeçadas ou marradas podem ser perigosas. Em qualquer outro momento, é tão pacifico como o resto do rebanho. Evitar-se-hão com cuidado os combates entre carneiros, porque estes animaes podem *marrando* um com outro, ferir-se gravemente na cabeça; e para prevenir isto, basta envolver-lhes os cornos com vimes com que se atão os mólhos de lenha, de maneira que se estendão para fóra da testa. Os pastores inglezes e hespanhoes cortão os cornos aos carneiros, não sómente para os impedir de brigarem, ou embaraçarem os cornos na grade da mangedoura, o que lhes acontece assaz frequentemente, mas tambem para não consumir infructuosamente grande quantidade de succo nutritivo, que póde ser empregado no crescimento de outros órgãos. A idade do carneiro conhece-se pelos dentes. *Vêja-se OVELHA e CORDEIRO.*

Exame dos animaes ovinos na occasião da compra. Quando se compra um rebanho, não se visitão ordinariamente senão alguns carneiros apanhados ao acaso no rebanho, para assegurar-se do seu estado de saude. Para este fim, cavalga-se um carneiro, apertando-o ontre as duas pernas, depois de agarrado pelo jarrete. Assegura-se, pelo exame das partes mais finas da pelle, se não ha algum vestigio de *sarna*, e examina-se a conjunctiva (membrana mucosa do olho), que deve, no estado de saude, ser côr de rosa. Se o carneiro que se apanhou é côxo, deve-se procurar conhecer a causa da manqueira.

CARNICEIROS. Os carniceiros estão expostos a contrahir a molestia chamada *carbunculo*, sobretudo quando se achão em contacto com a carne de animaes mortos d'esta molestia; mas, em compensação, os carniceiros são de todos os operarios os que gozão de saude mais perfeita. A absorpção das moleculas nutritivas, que se desenvolvem das carnes e das pelles dos animaes que se esfolão, augmentão os elementos de nutrição, e são a causa do exterior florido, e da gordura de que muitos d'elles são dotados. A tísica é molestia mui rara entre os homens d'esta profissão.

CARNOSIDADE. Dá-se este nome á elephantiasse do escroto. É um augmento na grossura da pelle d'essa parte do corpo, devido aos ataques repetidos de erysipela. *Vêja-se ELEPHANTIASSE.*

Dá-se tambem o nome de carnosidades ás excrescencias que nascem nas feridas, e que devem ser queimadas com pedra infernal ou pedrahume calcinada.

Emfim chama-se *carnosidade da urethra* a excrescencia carnosa que se forma no interior d'este canal, e que obstrue a passagem das ourinas. É preciso destrui-la com pedra infernal. *Veja-se ESTREITAMENTO.*

CAROBA. *Jacaranda procera*, Sprengel. Arvore do Brasil, da familia das Bignoniaceas. Tem as folhas bipennadas, foliolos glabros, ovaes, oblongos, verde-escuros por cima, verde-claros por baixo, nervuras lateraes obliquas e mui salientes, sabor muito amargô; flores dispostas em panículas pedunculadas; fructo, capsula lenhosa, quasi orbicular, achatada e bivalve; sementes membranosas aladas; raiz roxa-escura por fóra, branca-amarellada por dentro.

As folhas da caroba são empregadas contra as boubas e syphilis. Usão-se as mais das vezes em cozimento, que se prepara com 8 grammas (2 oitavas) de folhas de caroba e 360 grammas (12 onças) d'agua. Esta quantidade toma-se em um dia. O mesmo cozimento é usado tambem em lavatorios nas ulceras boubaticas. As folhas reduzidas a pó applicão-se igualmente nas mesmas ulceras.

A familia das Bignoniaceas encerra mais outras especies de caroba, que gozão das mesmas propriedades; são:

CAROBA DE FLOR VERDE. *Cybistax antisiphilitica*; Martius.

CAROBA BRANCA. *Sparattosperma lithontripticum*, Martius.

CAROBA ROXA OU PRETA. *Bignonia obovata*, Velloso.

CAROBA DE S. PAULO. *Jacaranda paulistana*, Manso.

CAROBA MIUDA OU CAROBINHA. *Bignonia caroba*, Velloso.

CAROTIDAS. São duas arterias principaes que levão o sangue ás differentes partes da cabeça. As arterias carotidas propriamente ditas, ou *carotidas primitivas*, são duas, uma *direita*, outra *esquerda*. Sahem do peito, e sobem ao longo das partes lateraes e anteriores do pescoço, separadas uma da outra pela traca-arteria e pelo larynge; de cada lado do pescoço, podem sentir-se as suas pancadas com o dedo.

Feridas das carotidas. As feridas das carotidas são de ordinario accidentes mortaes; observão-se, ás vezes, nos córtes que certos individuos dão no pescoço com o intuito de se suicidarem. Sahe então com impetuosidade, e por sacudidelas, um jorro de sangue de côr vermelha-viva. Quando a arteria está largamente aberta, a morte é quasi instantanea, salvo se um desmaio salutar vier suspender por alguns instantes a hemorrhagia; n'este caso, ou quando

a ferida é menos consideravel, existe só um unico meio de salvação, que consiste em applicar rapidamente o dedo na ferida, e comprimir a arteria aberta, até á chegada do cirurgião, que deverá praticar a sua laqueação.

CARQUEJA AMARGOSA. *Baccharis triptera*, De Candolle. Synanthereas. Planta do Brasil; habita nas provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio Grande do Sul e Minas. Caule com tres azas foliaceas, interrompidas de distancia em distancia; folhas mui pequenas e poucas; flores em capitulos nas summidades dos ramos, formando espigas interrompidas; sabor amargo, cheiro aromatico. A infusão d'esta planta é tonica e antifebril; emprega-se no fastio e na diarrhea; prepara-se com 8 grammas (2 oitavas) do caule e 250 grammas (8 onças) d'agua. O extracto, na dóse de 2 grammas (40 grãos), é util nas obstrucções do figado.

CARQUEJA DOCE. *Baccharis Gaudichaudiana*, De Candolle. Synanthereas. Tem o sabor menos amargo do que a precedente. O caule tem só duas decurrencias; goza das mesmas propriedades que a carqueja amargosa.

CARRAGAHEEN, MUSGO MARINHO PERLADO, MUSGO DE IRLANDA, *Fucus crispus*, Linneo. Musgo que habita nas beiras dos mares do Norte da Europa. É de côr purpurea-roxa no estado fresco. O que se encontra no commercio é secco, crespo, elastico, de um branco amarellado, cheiro fraco, sabor mucilaginoso e não desagradavel. É uma das plantas mais mucilaginosas que se conhecem. Os Ingлезes, que o fizerão conhecer, empregão-n'o como analeptico na tísica e diarrhea, sob a fórmula de decocto que se prepara com 5 gram. (1 1/4 oitavas) de carragaheen e 1000 grammas (32 onças) d'agua. Preparão-se tambem com o carragaheen pastilhas, gelea e um xarope. Os cabelleireiros fazem com elle a *bandolina*, e os fabricantes de cerveja servem-se d'elle para dár corpo á cerveja.

CARRAPATO. *Ixodes*. Fig. 98. Insecto de fórmula arredondada, pequeno e achatado quando está em jejum, mas depois de tomar a sua refeição adquire um desenvolvimento relativamente enorme. A bocca é armada de um bico ou chupador. O corpo consiste em uma especie de sacco; as patas são delgadas e quatro de cada lado. Os carrapatos vivem como parasitos nos cães, bois, carneiros, etc.; introduzem-se mesmo debaixo da pelle do homem. Conhecem-se d'elles muitas especies; citarei as seguintes:

Ixodes ricinus. Latreille, de côr vermelha de sangue com a chapa escamosa anterior de um 10^obro-escuro, os lados do corpo guarnecidos de alguns pellos. Vive nos cães.



Fig. 98.
Carrapato.

Ixodes plumbeus, de côr de chumbo ou esverdeada escura, quando está cheio. Ataca igualmente os cães.

Ixodes reticulatus, Latreille, côr de cinza, com pequenas nodoas e linhas annulares de um roxo-avermelhado. Agarra-se aos bois, carneiros, e muitos outros mammiferos domesticos.

Os carrapatos põem enorme quantidade de ovos, não sobre o corpo dos animaes onde tem vivido, mas no chão. Os pequenos, que sahem d'elles, trepão ás plantas, agarrão-se ás folhas, e esperão que passe algum animal, para se lançarem sobre elle. Os caçadores e os viajantes, quando atravessão os matos espessos, estão expostos ás suas insupportaveis picadas. Quando o carrapato se agarra a um animal na passagem, penetra successivamente entre o pello e chega, por um instincto notavel, a um lugar do corpo approximado da cabeça, onde esteja fóra do alcance dos dentes da sua victima. Introduce então todo o seu ferrão e mesmo toda a cabeça na pelle, produzindo alí uma irritação e uma tumefacção consideravel, e fixando-se com tal força que não se póde arrancar sem parti-lo e abandonar a cabeça na ferida, sendo necessario cortar a parte da carne a que elle se achava agarrado.

Quando os carrapatos se achão em pequena quantidade n'um animal, só causão um leve incommodo; mas quando são muitos podem exhaurir-lhe as forças.

O modo o mais simples de desembaraçar d'elles os animaes, consiste em lavar estes com infusão de fumo, ou fazer algumas fricções com unguento mercurial cinzento, ou tocar os carrapatos com um pincel embebido na essencia de terebinthina; este meio é preferivel ao arranca-los, o que não deixa de apresentar perigo, quando são muito abundantes.

Dá-se tambem o nomç de *carrapato*, á semente da mamona ou do ricino. *Veja-se* MAMONA.

CARRAPICHO. *Urena sinuata*, Linneo. Malvaceas. Planta do Brasil; habita especialmente em Pernambuco. A infusão das folhas ou flores é emolliente; 4 gram. (1 oitava) para 360 gram. (12 oncas) d'agua fervendo.

CARRAPICHO DA CALÇADA. *Triumfeta sepium*, Saint-Hilaire. Tiliaceas. Sub-arbusto do Brasil. Folhas acuminadas, denteadas em serra, pubescentes na pagina superior, tomentosas na inferior; pedunculos de tres flores; fructo globoso, piloso e espinhoso.

O cozimento das folhas e fructos contusos é usado em injeccão contra a blennorrhagia. Tira-se dos ramos uma filaçã, que serve para a confeição dos cestinhos.

A *Triumfeta eriocarpa*, Saint-Hilaire, e a *Triumfeta semitriloba*,

Lamarck, são conhecidas pelos mesmos nomes de carrapicho, e empregão-se pela mesma fórma na gonorrhéa.

CARREGAÇÃO DOS DENTES. Algumas pessoas chamão assim a inchação do rosto, proveniente da dôr de dentes. *Veja-se DENTES.*

CARREGAÇÃO DOS OLHOS. *Veja-se CONJUNCTIVITE.*

CARREGAÇÃO DO PEITO. *Veja-se DEFLUXO, BRONCHITE.*

CARTHAMO DOS TINTUREIROS. *Veja-se AÇAFRÃO.*

CARTILAGEM. Corpo branco, madrepolado, elastico e flexível, que se observa sobretudo nas juntas e nas extremidades dos ossos; na carne cozida que se come é a parte que trinca nos dentes.

CARUNCULA LAGRIMAL. Pequeno corpo de fórma oval ou triangular, situado no grande canto do olho, e coberto por uma membrana mucosa rubra e molle. Na sua margem ocular ou externa a membrana conjunctiva forma no homem uma pequena dobra semi-lunar que, desenvolvida em muitos animaes mamíferos, forma rudimentos de *membrana pestanejante*. A caruncula lagrimal apresenta inflammações e tumores bastante numerosos.

I. INFLAMMAÇÃO DA CARUNCULA. A propagação da inflammação da conjunctiva ou das palpebras, o frio, o desenvolvimento dos pequenos cabellos, pancadas ou outras violencias externas, são as causas da inflammação da caruncula lagrimal. Esta molestia é caracterizada pela inchação, dôr, vermelhidão, calor, e, ás vezes, pela suppuração d'esta parte.

Tratamento. Applicar pannos molhados em agua tepida ou cataplasmas de linhaça; fazer seringatorios com agua morna; extrahir os corpos estranhos se existem; arrancar os cabellos desenvolvidos na caruncula, se a inflammação é consecutiva á trichiasis; abrir cedo os abcessos que podem desenvolver-se.

II. TUMORES DA CARUNCULA LAGRIMAL. ENCANTHIS. A hypertrophia da caruncula, kystos, calculos, polypos, caneros, occupão ás vezes o canto interno do olho, e impedem as palpebras de se fecharem, quando se achão consideravelmente desenvolvidos.

A hypertrophia simples da caruncula desenvolve-se lentamente, tem consistencia molle, não deita sangue facilmente, e não causa dôr.

Os kystos da caruncula são fluctuantes e, pela punção exploratriz com agulha, dão sahida a um liquido pegajoso.

Os calculos apresentam resistencia dura e caracteristica.

Os caneros da caruncula desenvolvem-se rapidamente, augmentão de volume, são dolorosos, e deitão sangue pelo menor contacto.

Tratamento. Excise-se a caruncula hypertrophiada, e cauterize-se depois a ferida com pedrahume calcinada ou com pedra infernal. Tratem-se pela mesma fórma os polypos que não são senão uma variedade da hypertrophia.

Os calculos extrahem-se por meio de incisão; cumpre extirpar os kystos. Os cancos devem ser extrahidos quanto antes.

III. TRICHIASIS DA CARUNCULA. Molestia que consiste no desenvolvimento sobre a caruncula das pestanas, que irritão o olho, e produzem ás vezes inflammações fortes.

Tratamento. Consiste em arrancar os cabellos, e cauterizar o bolbo perforado com agulha aquecida até ao rubro.

CARURU. Debaixo d'este nome designão-se no Brasil muitas plantas que nascem espontaneamente, ou quasi espontaneamente, pois que basta planta-las ou semea-las uma vez para que se propaguem abundantemente. As vagens, folhas ou hasteas fornecem alimentos mui sadios e mui gostosos. O numero d'estes vegetaes passa de vinte; aponto os seguintes :

CARURÚ. *Amarantus viridis*, L. Amarantaceas.

CARURÚ AZEDO. *Hibiscus subdariffa*, L. Malvaceas.

LINGUA DE VACCA, JOÃO GOMES. *Talinum*, Portulaceas.

ORA PRO NOBIS. *Pereskia grandifolia*. Cactees.

CARVALHINHA, Chamedrios ou Carvalho pequeno *Teucrium chamædrys*, Linneo. Labiadas. Planta europea, levemente aromatica, de sabor amargo. Caule deitado, dividido desde a base em ramos pubescentes, deitados e depois levantados, da altura de 15 a 30 centimetros; folhas de peciolo curto, pequenas, ovaes-oblongas, crenadas nas margens, lisas na face superior, um pouco pubescentes na face inferior; flores purpurinas, dispostas nas axillas das folhas superiores, que são apenas denteadas e avermelhadas. Esta planta é estomachica e tonica; emprega-se ás vezes em infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) da planta e 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

CARVÃO. Designa-se com este nome uma substancia que resulta da acção do fogo sobre as materias vegetaes ou animaes, em vasos fechados e por consequente ao abrigo do contacto do ar.

Existe tambem um carvão de pedra ou mineral que é o resultado das reacções naturaes no seio da terra. Temos, pois, a examinar tres especies de carvão: o carvão proveniente da combustão das substancias vegetaes, que é o *carvão vegetal* ou *de lenha*; o carvão que provém da combustão das substancias animaes, como, por exemplo, os ossos, que é o *carvão animal*; e, em terceiro lugar, o *carvão de pedra*. Todo o carvão é composto de carbone,

corpo simples, misturado com diversas outras substancias, segundo a sua natureza, origem e gráo de pureza.

Carvão vegetal, carvão ordinario, obtem-se pela combustão incompleta da lenha. Esta operação, que se pratica no meio dos matos, consiste em formar pyramides de lenha, em fôrma de cones truncados, em cujo centro se conserva um espaço vasio para metter o fogo; cobrem-se estes montões de lenha de uma camada de folhas, sobre a qual se applica terra bem batida, deixando em baixo algumas aberturas para fazer entrar o ar; mette-se o fogo, e quando a massa está bem accesa, tapão-se todas as aberturas, afim de que a combustão continue de uma maneira lenta; para que a lenha, ao abrigo do contacto do ar, se transforme pouco a pouco em carvão. Este modo de carbonizar a lenha é muito antigo. Imaginárão tambem carboniza-la em vasos fechados, para obter ao mesmo tempo carvão, gazes combustiveis, alcatrão e vinagre.

O carvão de lenha é solido, preto, inodoro, sem sabor, mais pesado do que a agua, e entretanto boia durante algum tempo n'este liquido, propriedade que é devida ao ar contido nos seus poros; mas acaba por perder parte d'este ar e cahe no fundo do liquido. É fragil, reduz-se facilmente a pó, e n'este estado póde servir para polir os metaes. É composto de carbone (substancia carbunculosa), de hydrogeneo e de substancias salinas que fornecem a cinza.

Ha uma especie de carvão muito empregada nas artes, chamada *pós de sapato*. Resulta da combustão das substancias resinosas. É uma verdadeira fuligem, produzida pelas resinas, taes como o alcatrão, pez, etc., queimadas em panellas de ferro, que se enchem com pedaços d'estas differentes resinas. Este carvão entra na composição da tinta de imprimir, da graxa, dos vernizes, etc.

Quando se accende o carvão ao contacto do ar, formão-se gazes (corpos aeriformes) que, sendo respirados, podem occasionar a morte por asphyxia. É por isso, cumpre entreter uma corrente de ar nos lúgares em que arde o carvão, afim de desembaraçar a atmospherá d'estes gazes, que são o acido carbonico e o hydrogeneo carbonado.

O carvão vegetal tem muitos empregos. É um dos combustiveis de que se faz frequente uso. O carvão é empregado para tirar o cheiro a muitas substancias odoríferas. Basta, por exemplo, limpar com carvão os vasos impregnados de algum cheiro, para desembaraça-los d'elle inteiramente. As aguas que não estão mui putrefactas perdem igualmente o máo cheiro, passando-as atravez de um filtro de carvão. Se, pelo contrario, a putrefacção d'estes

liquidos está mui adiautada, mistura-se 1 litro d'agua com 30 gram. de carvão em pó bem secco, e 15 gottas de acido sulfurico concentrado, e logo que a agua tiver perdido o cheiro; passa-se a-travez de um coador que contenha carvão. Qualquer que seja o processo adoptado, as aguas assim purificadas devem empregar-se logo, porquanto, não influindo o carvão sobre as materias animaes não decompostas, estas alterão-se e tornão a infectar o liquido. Bem que a desinfecção das aguas por meio do carvão seja uma descoberta moderna, esta propriedade foi de muito tempo confirmada por uma pratica mui antiga. Com effeito, em certos paizes os habitantes das roças tem por costume lançar nos poços, para conservar e toruar sadia a agua, carvão tirado das fogueiras que accendem para festejarem S. João. Por este meio, regenerão a agua dos poços infectada pela corrupção de animaes, e principalmente das gallinhas que n'elles cahem. É ainda com o fim de preservar a agua da corrupção, que se carboniza o interior das pipas destinadas a conserva-la nas lougas viagens. Carbonizão-se tambem ás estacas que se finção na terra, afim de que resistão por mais tempo á humidade, porque sem essa cautela apodrecerião mui promptamente.

Serve tambem o carvão pisado para clarificar e descorar os liquidos, o mel, os xaropes, e o vinagre principalmente. O *carvão animal*, isto é, o carvão de ossos, possui esta propriedade importante em maior gráo, e por isso é empregado com preferencia. O carvão misturado com enxofre e salitre constitue a polvora. O ferro combinado com mui pequena quantidade de carvão forma o aço: em proporções inversas, isto é, muito carvão e uma pequena quantidade de ferro, constitue a plombagiua com que se fazem os lapis. Reduzido a pó impalpavel, o carvão forma um dos melhores pós dentifricios de que se possa fazer uso. Associado a uma mucilagem e a algum aroma, forma as pastilhas que corrigem o máo halito. Entra emfim na composição das pomadas que se empregão efficaizmente contra a tinha.

Carvão animal. Carvão produzido pela carbonização das substancias animaes. Ha d'elle duas variedades no commercio: o *carvão de ossos* ou *negro animal*, e o *negro de marfim*. O primeiro prepara-se com os ossos que se obtem nas grandes cidades, onde o consumo da carne é consideravel; o segundo faz-se com as aparas de marfim rejeitadas pelos fabricantes de objectos de marfim; mas imita-se com os pés de carneiro bem limpos. Carbonizão-se estas substancias em vasos de ferro fundido bem fechados. O carvão animal contém materia carbunculosa, phosphato de cal, carbonato de cal e azoto.

O carvão animal goza em alto gráo da propriedade de descorar os liquidos, e é por isso que se emprega para branquear os xaropes, o assucar, etc. O carvão animal proveniente do sangue dessecado, dos pellos, cascós, cornos, calcinados com carbonato de potassa, é o que descora com maior energia.

Carvão de pedra. Substância carbunculosa que se acha em massas consideraveis no seio da terra, e que é essencialmente formada de carbone e de betume, associados em proporção variavel a substancias terreas. É o combustivel mais abundante e mais precioso para todas as industrias que precisão de altas temperaturas; a peso igual, o carvão de pedra dá um calor mais consideravel do que a lenha; extrahe-se d'elle o gaz para alumiar.

O carvão de pedra apresenta-se em fragmentos mais ou menos volumosos, de bella côr preta, quasi sempre brilhante, e ordinariamente de textura schistosa. O seu peso especifico varia de 1,2 a 1,6. Accende-se assaz facilmente, e arde com chamma amarella, acompanhada de fumaça preta, deixando muita cinza, e um residuo vitreo chamado *escoria*. Submettido á distillação o carvão de pedra dá gazes hydrocarboneos (*gaz para luzes*), e deixa um residuo de carvão compacto, chamado *coke*.

Existe grande numero de variedades de carvão de pedra, que, para o uso, podem reduzir-se a tres principaes: *gordo*, *secco* ou *magro*, e *compacto*. — O *carvão de pedra gordo*, vulgarmente *carvão pegajoso* ou *de ferrador*, comprehende as variedades mais carregadas de betume; accende-se mais facilmente; durante a combustão incha e agglutina-se em massa. Pouco vantajoso, por esta razão, para os usos domesticos, o carvão de pedra gordo é procurado, pelo contrario, para o trabalho das forjas e fabricação do gaz. Extrahe-se, em França, das minas de Saint-Etienne, de Rive-de-Gier, de Givors, de Forez, de Litrzy, de Auzin, de Fins, de Creuzot; na Inglaterra de Newcastle, na Escossia, e na Belgica nas minas de Mons. — O *carvão de pedra secco* ou *de grade*, é menos combustivel, mais compacto, mais pesado que o precedente, menos oleoso e menos glutinoso. Emprega-se para a cozinha, para aquecer as casas, para cozer as telhas, a cal, etc.; produz muitas vezes uma fumaça sulfurea e fetida devida aos pyrites que elle contém. Acha-se em França nas minas vizinhas de Marselha, Toulon, Fresnes, Condé; na Inglaterra nas minas de Durham; e em algumas minas da Belgica, principalmente nas de Charleroi. — O *carvão de pedra compacto*, mais duro e mais leve que o precedente, não existe em grande quantidade senão em Inglaterra, no Lancashire, sobretudo em Wigan, e no Condado de Kilkenny na Irlanda; é designado sob o nome de carvão-vela, porque é mui

combustível, arde com longa chamma, branca e brilhante, e dá mui pouca cinza; é muito procurado para aquecer as casas, e emprega-se para a extracção do gaz. Póde ser trabalhado ao tórno, e serve para a confeição de vasos, tinteiros, caixas de rapé e objectos de ornamento.

A existencia do carvão de pedrã está hoje bem averiguada no Brasil. Apparece na provincia de S. Pedro do Sul, nas minas do Arroio dos Ratos e no Jaguarão, e em Santa Catharina, junto ao rio Tubarão, na Boa-Vista. Manifesta-se em S. Paulo e reaparece no Ceará; e suppõe-se que ha jazigos carboniferos no interior do Piauby, do Maranhão e do valle do Amazonas. Tem-se feito explorações em diferentes pontos, e prosegue-se no estudo d'este assumpto, por certo um dos mais importantes para o Brasil.

É opinião geralmente admittida que o carvão de pedra é o producto da alteração, mais ou menos profunda, de arvores e de plantas de especies diversas, que existião nos primeiros seculos do mundo, antes da applicação do homem, e que forão enterradas pelo diluvio e outros grandes cataclysmos que tem transtornado o nosso planeta. Esta opinião é corroborada pela quantidade de vestigios vegetaes que se encontram nos grés e schistos adherentes ao carvão de pedra.

CASCA DE ANTA, chamada tambem **Paratudo**. *Drymis granatensis*, Linneo. Magnoliaceas. Arvore do Brasil; acha-se em muitas partes, e particularmente nas provincias de Minas, Rio, S. Paulo, Goyaz, Bahia. Arvore glabra, cujos ramos tem só folhas no apice; folhas de peciolo curto, do comprimento de 2 a 3 pollegadas, da largura de 9 a 18 linhas, ovaes oblongas, rombas na ponta, agudas na base, inteiriças, coriáceas, brancas na face inferior; flores brancas em pedunculos axillares de 4 flores, ás vezes de 3 ou 5; fructos compostos de 3 a 5 bagas contendo muitas sementes. Ha mais tres variedades d'esta arvore. A sua casca, chamada *melambo*, é de côr acinzentada por fóra, de cheiro forte e penetrante, sabor acre insupportavel. O nome d'esta arvore provém de que, segundo dizem, a anta a come para se curar de molestia. Os habitantes empregão-n'a contra as colicas, em infusão, que se prepara com 1 oitava da casca e 6 onças d'agua fervendo. O naturalista Augusto de St. Hilaire julga que poderia servir de tempêro nas comidas.

CASCA DE PANAMA. *Veja-se PANAMA*.

CASCA PRECIOSA. *Veja-se PEREIORA*.

CASCA DE WINTER. Casca da *Drymis Winteri*, Forster, arvore da familia das Magnoliaceas que habita na America meridional, perto do estreito de Magalhães. Esta casca apresenta-se ao

commercio em tubos enrolados, do diametro de uma pollegada, cinzenta na epiderme, vermelha no interior; cheiro aromatico, sabor picante. Estimulante e estomachico, na dóse de 1 gramma (20 grãos).

CASCARILHA. *Croton elutheria*, Bennet, Euphorbiaceas. Arbusto que habita nas Antilhas e na America meridional, e cuja casca é usada em medicina e na arte de perfumaria. Esta casca acha-se em pedaços mais ou menos enrolados, cobertos de uma epiderme esbranquiçada, de côr róxa por dentro, de sabor um pouco amargo, aromatico e acre, e de cheiro almiscarado, sobretudo quando se queima.

Tonico e excitante. O chá de cascarilha é digestivo, e prepara-se com 4 grammas (1 oitava) d'esta casca e 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo. Na perfumaria a cascarilha serve para preparar os trociscos aromaticos.

CASEIRAS. *Veja-se* HEMORROIDAS.

CASPA. Assim se chamão pequenas escamas, mui delgadas, brancas, seccas, ordinariamente adherentes de um lado e livres do outro, que cobrem a cabeça. Basta ás vezes passar a mão pelos cabellos para produzir um descascamento muito abundante.

Para se curar da caspa é preciso a principio limitar-se aos cuidados de asseio; lavar todos os dias, ou cada dois dias, a cabeça com agua quente e sabão; ou com a mistura de aguardente de canna e gema de ovo; com aguardente pura; ou untar a cabeça com glicerina. Nas lojas de perfumaria existem liquidos para limpar o cabello, chamados agua romana, agua atheniena (*Eau romaine, atheniene*, em francez). Estes liquidos são dissoluções de saponina em aguardente; são mui proprios para combater a caspa.

Se estes meios não forem sufficientes, e se a caspa fôr muito abundante, deve-se cortar o cabello mui rente, rapar mesmo a cabeça, e unta-la com a pomada seguinte :

Banha	..	60 grammas (2 onças)
Subcarbonato de potassa		1 gramma (20 grãos)
Enxofre	..	8 grammas (2 oitavas)
Essencia de limão		6 gottas.

Misture-se.

CASTANHA DE BUGRE, DE JABOTA. *Veja-se* NHANDIRORA.

CASTANHEIRO. *Fagus castanea*, L. Quercineas. Grande arvore que habita nos climas temperados da Europa, e de que se cultivão muitas variedades em Portugal. O seu fructo é uma capsula coriacea, eriçada de espinhos, contendo duas a tres

amendoas, que se chamão *castanhas*. As castanhas contém muita materia amylacea e saccharina; é um alimento são e nutriente. Comem-se cozidas em agua ou assadas. Reduzem-se tambem a farinha, de que se faz pão, pastelarias, *polenta*. As gallinhas cevadas com castanhas adquirem um gosto excellente. Ha uma variedade de castanheiro cultivado cujos fructos contém uma só amendoa. Estas amendoas são então mais grossas e arredondadas: chamão-se em francez *marrons*. Comem-se na sobremesa, confeitadas.

CASTANHEIRO DO MARANHÃO, Castanheiro do Pará, Tucary, Juvia ou Nhá. *Bertholletia excelsa*, Humboldt. Grande arvore do Brasil, da familia das Lecythideas; habita no Pará. Tem mais de 100 pés de altura, e 2 a 3 de diametro; ramos muito compridos; folhas alternas, grandes, curtamente pecioladas, oblongas, quasi coriáceas; verdes na face superior, esbranquiçadas na inferior; fructo, noz espherica do tamanho da cabeça de uma criança, e ainda maior, verde, lisa e nitida, quadrilocular, loculamentos contendo muitas sementes, chamadas *castanhas do Maranhão*, que são comestiveis, e dão tambem um oleo muito empregado para a comida. 16 libras de amendoas dão 10 libras de oleo.

À mesma familia das Lecythideas pertence a SAPUCAIEIRA, *Lecythis grandiflora*, Aublet, grande arvore do Pará, cujos fructos (sapucaias) são operculados, e contém igualmente amendoas doces, oleosas e comestiveis. É uma especie de côco duro, de côr esverdeada, com uma tampa cônica; quando o fructo está maduro, a tampa abre por si, e as amendoas cahem. Os macacos abrem o casco, batendo um contra o outro, e, arrancando a tampa, tirão as castanhas á mão. No Pará chamão *Tucary* a *Bertholletia*, e *Sapucaias* as *Lecythis*, mas as amendoas tanto de uma como das outras confundem-se sob a denominação de *sapucaias*.

A casca da arvore, que é em fórma de estopa, e o ouriço do fructo da especie conhecida pelo nome particular de *sapucaia*, empregão-se em medicina. Internamente a decocção da casca na dóse de 1 onça para libra e meia d'agua, e tambem internamente a agua da maceração dos ouriços do fructo, a qual se obtem fazendo demorar a agua commum dentro dos ouriços por 6, 12, e mais horas. Segundo o Sr. Dr. Castro, mui distincto medico do Pará, o cozimento é aproveitavel no tratamento da ictericia, e depois das febres intermittentes, afim de prevenir as recahidas d'estas febres. A agua macerada nos ouriços da sapucaia, é tomada á vontade mesmo fria, como bebida ordinaria durante o dia, por espaço de um e mais mezes; passa por efficaz no tratamento dos

calculos renaes e das areias, do catarrho vesical e da albuminuria. A agua da maceração adquire uma côr semelhante á do vinho velho do Porto, e um gosto como d'agua estagnada. Os ouriços no fim de um mez, ou pouco mais, perdem a sua força medicatriz; cumpre então substitui-los por outros.

Ha mais outras especies d'esta arvore no Pará.

As castanhas comem-se cruas e assadas; faz-se doce e confeitos; extrahe-se leite que se emprega como o de côco; produzem pelos meios proprios um oleo fixo, amarello-claro transparente, de cheiro agradável e gosto proprio do fructo quando fresco; emprega-se como condimento na arte culinaria, como objecto de toucador para amaciar o cabello, e serve tambem para o fabrico do sabão duro e para luz. Da arvore do castanheiro tira-se estopa muito boa, que é empregada no calefêto das embarcações. A arvore do castanheiro é colossal, e a madeira de qualidade superior para a construcção.

CASTOREO. Materia animal que se acha em dois bolsos situados perto das partes genitae do castor, mammifero roedor que habita, reunido em sociedade, as regiões incultas do Canadá e da Siberia, e que se acha representado na fig. 99. O castoreo é solido, fragil como resina, unctuosos, rôxo, amargo, de cheiro forte e particular; é pouco soluvel em agua, muito mais soluvel no alcool e no ether. No commercio, acha-se contido nos dois bolsos que o ministrarão. O castoreo é um medicamento antispasmodico, empregado no histerismo, colicas nervosas, e em muitas outras affecções spasmodicas, na dóse de 1/2 gramma a 1 gramma (10 a 20 grãos) e mais por dia, em pilulas.



Fig. 99 — Castor.

CATALEPSIA. A catalepsia é uma affecção intermittente, que consiste em ataques caracterizados pela suspensão mais ou menos completa do sentimento e do movimento voluntario, com rijeza geral ou parcial do systema muscular. Os braços, e os outros membros, conservão ordinariamente, durante o ataque, a postura que tinham a principio, ou a que se lhes dá durante o seu curso.

Causas. Uma grande irritabilidade do systema nervoso, um caracter melancolico, a infancia e o sexo feminino, predispõem á catalepsia. As suppressões subitas do fluxo menstrual são consi-

deradas por muitos medicos como causas d'esta molestia. Julga-se tambem que a presença de vermes nas vias digestivas póde occasiona-la; porém, as mais das vezes, é produzida por susto, colera, pezar, meditações profundas, estudos forçados e pela contemplação. Frederico Hoffmann refere que uma senhora, que se occupava continuamente de objectos religiosos, cahia em completa catalepsia sempre que ouvia um psalmo. Factos mui interessantes a este respeito se lêm na obra de Dionis : um religioso, que celebrava o sacrificio da missa na igreja dos Franciscanos em Tolosa, ao fazer a genuflexão ordinaria depois da elevação do calix, ficou immovel, com os olhos abertos e elevados para o céo. Depois de retirado do altar, foi outro substitui-lo, conforme o ritual, e apenas acabava a oração dominical, foi igualmente atacado; de sorte que foi tambem preciso tira-lo do altar, e substituir por um terceiro que terminou a missa.

Eis-aqui outro facto d'este genero, que poderá ainda offerecer maior interesse aos meus leitores, pois que foi observado no Brasil. É extrahido das viagens de Augusto de Saint-Hilaire.

A Sórora Germana, originaria da comarca do Sabará, em Minas Geraes, de costumes mui puros e de austera piedade, foi acommettida, na idade de vinte e quatro annos, de affecções hystericas, acompanhadas de convulsões violentas. O seu estado ia-se tornando cada vez mais grave, e dez annos depois, quando foi visitada por Augusto de Saint-Hilaire, estava tão fraca, que não podia sahir da cama. Dirigida por espirito de devoção, não comia carne, recusava igualmente todas as substancias gordurosas. Doces, queijo, um pouco de pão ou de farinha constituíam toda a sua alimentação, na dose igual á que se dá a uma criança, e ainda era preciso sollicita-la para que se resolvesse a comer esta pequena quantidade. Depois, quiz jejuar inteiramente todas as sextas-feiras e sabbados; sua madre abbadessa não queria ao principio consentir n'isso, mas Germana declarou que n'estes dois dias era-lhe absolutamente impossivel engulir alimento algum, e desde esse tempo guardou constantemente a mais completa abstinencia nas sextas-feiras e sabbados. Para satisfazer á sua devoção para com a Virgem, fez-se transportar á Serra da Piedade, cuja capella foi construida sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade, e obteve do seu director a permissão de ficar n'esse asylo. Alí, meditando nos mysterios da Paixão, entrou um dia em uma especie de extase; os braços tornárão-se-lhe rijos e estendêrão-se em cruz, os pés cruzárão-se igualmente, e ficou n'esta postura por espaço de quarenta e oito horas. Quatro annos antes da época da viagem de Saint-Hilaire, teve lugar este phenomeno pela pri-

meira vez, o qual se renovava constantemente todas as semanas. A Sórora Germana tomava sua postura extatica durante a noite de quinta a sexta-feira, e conservava-a até ao domingo, sem proferir uma palavra nem tomar o menor alimento. Mas ás tres horas da sexta-feira, momento em que Jesus-Christo exhalou o ultimo suspiro, soltava frequentes gemidos, a cabeça batia-lhe na cabeceira com vivacidade, e manifestavão-se movimentos convulsivos. — O boato d'este phenomeno espalhou-se logo nos arredores; milhares de pessoas de todas as classes forão testemunhas d'isto : acreditou-se em um milagre; A Sórora Germana foi proclamada santa, e dois cirurgiões augmentarão ainda a veneração publica, declarando que o estado da doente era sobrenatural. Entretanto, um medico muito instruido, o Dr. Gomide, julgou dever refutar a declaração dos dois cirurgiões, e em 1814 mandou imprimir no Rio de Janeiro um pequeno escripto, cheio de sciencia e de logica, no qual provou que os extases de Germana erão resultado de uma catalepsia. Varias forão as opiniões no publico; mas grande numero de pessoas continuavão a subir o alto da serra para admirar o prodigio que alí se via. Germana continuou n'este estado ainda por alguns annos, até que a morte finalmente veio pôr termo aos seus padecimentos.

Symptomas. A invasão dos ataques de catalepsia é ordinariamente precedida por dôres na cabeça, nos braços e nas pernas, palpitações, bocejos; ás vezes por leves tremores convulsivos, caimbras, rubor e pallidez do rosto, e por uma sensação de frio ou de calor nas diversas partes do corpo. Ás vezes o ataque é subito. Em todos os casos, a perda dos sentidos é mais ou menos completa, o pescoço e os membros enrijão-se; os olhos ficão abertos, immoveis e dirigidos para cima ou para diante. A respiração e os movimentos do coração mostrão-se livres em alguns doentes, são quasi completamente suspensos em outros; o pulso então não se sente, e o doente parece morto; emfim, ás vezes o pulso é forte e frequente. Os membros podem estar rijos ou flexiveis. O ataque dura de alguns minutos a muitos dias, e quando acaba, fica ordinariamente a dôr de cabeça e um cansaço em todos os membros. O que caracteriza esta singular molestia é a faculdade que tem os membros de conservar a postura que tinham, ou a que se lhes dá. Um homem de que Fernel refere a historia, tendo sido atacado d'este mal no momento em que se occupava de estudos litterarios, foi achado em uma immobildade completa, tendo ainda na mão a penna de que se servia para escrever; julgou-se, á primeira vista, que elle tinha sido absorvido pela meditação. Tulpius conta que um moço, tendo recebido uma recusa de casamento, experimentou

uma sensação tão forte, que ficou sobre a cadeira com os olhos abertos, immovel como uma estatua. O enfermo observado por Fernel ficava de pé quando se lhe dava esta postura; dando-se a seus membros os movimentos convenientes, fazia-se-lhe executar alguns passos; as mãos, os braços, as pernas ficavam immoveis assim deixados. É muito frequente ver que os membros se abaixão quando estão abandonados ao seu proprio peso; a contracção muscular parece ser menos energica n'este caso. Ha outros casos em que é impossivel dobrar os membros.

A volta dos ataques é mais ou menos frequente; manifestão-se muitas vezes por dia, ou uma vez cada dia, ou de dois em dois, tres em tres, e de oito em oito dias. Nos seus intervallos, o doente achia-se ás vezes bom; outras vezes experimenta a privação do somno, e ehora ou ri sem motivo. O ataque póde ser seguido immediatamente da morte, póde haver um só ataque depois do qual torna o doente a eobrar toda a saude; emfim, o hysticismo, a melancolia, a hypochondria são ás vezes as suas consequencias.

Alguns catalepticos tem sido tomados por mortos e enterrados vivos. Encontrão-se nos autores alguns exemplos authenticos d'este facto. Nos casos d'esses ataques mui intensos, a respiração e a circulação tornã-se insensíveis, o corpo fica quasi frio, a pelle tem a pallidez da morte, *as articulações tornão-se rijas*. O estado convulsivo dos olhos, e a expressão da physionomia poderião sómente ministrar os meios de distinguir da morte semelhante estado. Mas a apreciação das circumstaneias commemorativas, taes como a natureza das causas, o modo anterior da saude, e sobretudo a attenção de não proceder á inhumação nos casos duvidosos, senão quando o corpo apresentar signaes de decomposição, impedirão sempre esses erros terriveis.

Tratamento. Se se pudesse deseobrir a verdadeira causa da catalepsia, seria ás vezes possivel cura-la faeilmente. Com effeito, quando a causa é um pezar, uma emoção moral que cessou de existir, ou então quando se satisfaz a paixão que occasionou o mal, não é raro ver-se desaparecer a catalepsia sem o socorro de remedio algum. Tal é o caso do moço que citei, o qual, segundo diz Tulpius, cahio em catalepsia quando soube que seu pedido de casamento tinha sido recusado, e recobrou a saude logo que se lhe annunciou que nada se oppunha a seus desejos. A supressão dos menstros, ou de algum outro fluxo, deve tambem ser tomada em consideração. Os doentes devem evitar todas as exeitações moraes, todas as contrariedades. O leite, as fruetas, os alimentos de faeil digestão e tomados em pequena quantidade, bebidas quasi inteiramente aquosas, devem compôr o seu regimen habi-

tual. Se existir prisão de ventre, deve-se usar de clysteres d'agua fria ou de clysteres laxantes: podem tambem tomar-se os purgantes drasticos, como, por exemplo, as pilulas de Anderson, uma pilula por dia. Os banhos frios d'agua corrente ou do mar, e a hydrotherapia, são mui convenientes para combater a molestia.

Durante o ataque, deve-se chegar ao nariz do doente um vidro com vinagre, ether ou amimoniac; introduzir-lhe rapé no nariz para provocar espirros, applicar sinapismos nas pernas, metter sal na bocca, esfregar o corpo com pannos molhados em agua de Colonia, etc.

CATAPLASMA. As cataplasmas são medicamentos destinados para uso externo, e feitos com farinha de linhaça, fecula, miolo de pão, pós de folhas das plantas, tudo reduzido, por meio de agua ou de algum outro liquido, á consistencia de papas espessas. Os effectos das cataplasmas dependem das propriedades das substancias que entrão na sua composição; as que são hoje mais ordinariamente empregadas distinguem-se em emollientes, resolventes e narcoticas ou calmantes.

Cataplasmas emollientes. *Cataplasma de farinha de linhaça.* Prepara-se diluindo a farinha de linhaça em agua fria de modo que se faça massa mui rala, aquecendo depois, e mexendo continuamente até ficar na devida consistencia.

Faz-se tambem a cataplasma de linhaça diluindo simplesmente a farinha em agua a ferver, deitada pouco a pouco e em quantidade sufficiente. Esta cataplasma, quando é feita de farinha velha, produz ás vezes uma erupção de pequenas borbulhas na pelle. A cataplasma deve ser renovada duas vezes por dia.

Cataplasma de fecula de batatas.

Fecula de batatas.	400 grammas (3 onças)
Agua.. . . .	1,000 grammas (30 onças).

Ponha no fogo os quatro quintos da agua, isto é, 800 grammas (24 onças) n'uma cassarola coberta, e logó que a agua ferver, deite-lhe a fecula previamente diluida no resto da agua fria. Ferva por alguns instantes, e tire do fogo mexendo continuamente a massa. Esta cataplasma é hoje frequentemente empregada; aproveita sobretudo nas affecções cutaneas.

Preparão-se do mesmo modo as cataplasmas de *tapioca*, *farinha de mandioca*, *pós de arroz* e *polvilho*, que são todas cataplasmas emollientes.

Cataplasma de miolo de pão. Dilue-se o miolo de pão com tres ou quatro vezes o seu peso d'agua; ferve-se ao fogo, mexendo continuamente até adquirir a consistencia necessaria.

Em lugar d'agua, algumas pessoas empregão leite; mas isto não convem, porque o acido que se acha no pão faz coalhar o leite; além d'isto, esta cataplasma azéda facilmente.

As polpas de raiz de althéa ou de folhas de malvas podem tambem servir para fazer cataplasmas. Uma cebola cozida no borralho, ou uma banana assada, constituem tambem cataplasmas emollientes.

Todas as cataplasmas emollientes empregão-se nas postemas e em todas as inflammações, e applicão-se sempre tepidas.

Cataplasmas resolventes. *Cataplasma de farinha de trigo, e de vinho tinto frio.* Esta cataplasma prepara-se misturando simplesmente a farinha de trigo com vinho tinto. applica-se fria, e emprega-se nas contusões, torceduras e luxações. Em lugar de vinho, póde-se empregar a agua vegeto-mineral fria.

Cataplasmas narcoticas ou calmantes. Estas cataplasmas preparão-se com uma decocção de dormideiras, de folhas de herva moura, de meimendro, de figueira do inferno ou de trombeteira, e farinha de linhaça. As cataplasmas emollientes regadas de laudano tornão-se tambem narcoticas. Esta especie de cataplasma applica-se quando é preciso acalmar a dôr ou provocar o somno, por exemplo, nas colicas nervosas, caimbras do estomago, cancrios do seio, etc. applicão-se tepidas.

Maneira de applicar a cataplasma. Toma-se um pedaço de panno de linho ou de algodão, um pouco maior do que a extensão que deve occupar a cataplasma; deita-se a cataplasma sobre este panno, estende-se, e dobrão-se as margens do panno de todos os quatro lados; afim de encaixilhar a cataplasma, e impedir que corra. Quando não ha esta cautela a cataplasma secca e endurece nas margens. Fig. 100.

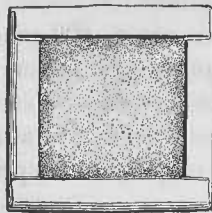


Fig. 100.

Cataplasma a nú.

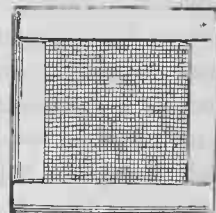


Fig. 101

Cataplasma entre dois pannos.

As vezes põe-se por cima da cataplasma um panno fino de algodão ou linho, ou melhor ainda, um pedaço de cassa, fig. 101: isto é necessario quando se applica a cataplasma sobre a ore-

lha, olho, ou sobre um lugar coberto de cabello, ou sobre alguma ferida.

Renovação das cataplasmas. As cataplasmas devem ser reformadas cada doze horas, e applicadas em camadas bastante espessas para se conservarem humidas durante este espaço de tempo. A não ser assim podem seccar e irritar a pelle.

Modo de tirar uma cataplasma. Para tira-la basta geralmente pegar n'ella pela margem mais comprida, depois vira-la branda e rapidamente sobre a margem opposta como sobre um eixo. Se as dobras do panno ou a massa pegou a alguma parte, é preciso humedece-la com agua morna antes de despega-la. Se a cataplasma é muito molle, e se adhere antes á pelle do que ao panno, tira-se da pelle apoiando algum tanto com a primeira margem da cataplasma, ou então por meio de uma espatula ou faca.

Se a cataplasma de linhaça produzio uma erupção vesiculosa na pelle, cumpre suspender o seu uso, ou substitui-la pela cataplasma de fecula.

As *cataplasmas de plantas* devem geralmente ser postas entre dois pannos; as de *batatas, cenouras, cebolas, bananas, etc.*, devem pelo contrario ser applicadas a nú.

CATAPORAS. Designa-se com este nome uma molestia contagiosa caracterizada pela erupção cutanea de vesiculas transparentes, que seccão ordinariamente quatro ou cinco dias depois da sua apparição, deixando pequenas nodoas vermelhas que desaparecem com o tempo. Esta molestia, chamada tambem *varicella* e *variola falsa*, tem tanta semelhança com as bexigas, que ás vezes é confundida com ellas; e por isso algumas pessoas dão-lhe o nome de *bexigas doudas*.

Symptomas. As cataporas principião ordinariamente por um pequeno calcfrio seguido de calor pouco consideravel. Ás vezes, ha febre e dôr de cabeça, mas tão pequena, que não impede que as crianças continuem a brincar. Em muitos casos, a erupção principia sem movimento febril, e começa por pequenas nodoas rubras, no centro das quaes se formão rapidamente pequenas vesiculas que se enchem de um liquido de côr um tanto citrina. No segundo dia, as vesiculas são maiores e mostrão-se com a base um pouco inflammada; no terceiro, o liquido torna-se amarello; no quarto, as vesiculas que não arrebentãrão accidentalmente principião a abaixar-se; no quinto dia, finalmente, abrem-se e deixão sahir o liquido; depois d'isto, pequenas crostas occupão o lugar das vesiculas; estas crostas cahem no fim do nono ou decimo dia, deixando pequenas nodoas que durão algum tempo, e depois desaparecem.

Tratamento. É mui simples o tratamento d'esta molestia, tão benigna que nunca tem consequencias funestas. Basta conservar o doente em repouso, preserva-lo do frio, observar alguma dieta, e fazer uso de alguma bebida emolliente, como, por exemplo, da infusão de althéa ou de linhaça. Depois de cahidas as crostas, o doente tomará um banho geral d'agua morna.

CATARACTA. Por detraz da menina do olho acha-se um corpo destinado a refrangir a luz, e ao qual se deo o nome de *crystallino*. Este corpo, do tamanho de uma pequena ervilha, é transparente no estado de saude, e acha-se coberto de uma membrana igualmente diaphana. O *crystallino* ou a sua membrana podem tornar-se opacos, impedir a passagem dos raios luminosos ao interior do olho, e produzir por consequente uma cegueira: é esta opacidade que se chama *cataracta*. Reconhece-se por uma nodoa branca que se vê no interior do olho, no lugar correspondente á pupilla.

Causas. Às vezes, esta molestia sobrevem sem causa conhecida; todavia, contão-se no numero das causas que a podem originar, a velhice, a impressão prolongada de uma luz viva, o uso habitual das bebidas espirituosas, as leituras aturadas com luz artificial, o exercicio de algumas profissões que obrigão a fixar muito tempo a vista sobre objectos pequenos e brilhantes, e a exposição ao sol. Entre as causas da cataracta, algumas são evidentes: taes são as contusões e as feridas do olho. Achão-se nos autores exemplos de cataractas desenvolvidas por causa de uma pancada, e mesmo da depressão exercida por um beijo dado no olho com demasiada força. As crianças nascem às vezes com a cataracta, que n'este caso se chama *cataracta congenial*.

Symptomas. O desenvolvimento da cataracta faz-se ordinariamente de uma maneira lenta e gradual: o termo médio é de dois annos; mas, em alguns doentes, a opacidade não se completa senão passados seis ou oito. Em outros casos, a molestia formã-se com extrema rapidez. Os signaes que annuncião o começo da cataracta são os seguintes: parece ao doente que os objectos, sobretudo os de côr branca, estão cercados de uma nuvem subtil; n'esta época não se percebe ainda mudança alguma notavel e a menina do olho existe uniformemente negra. Logo depois manifesta-se uma leve opacidade; esta torna-se cada vez mais espessa, e o enfraquecimento da vista segue gradualmente os seus progressos. Se a molestia occupa um só olho, pôde persistir por muito tempo sem que as pessoas que estão affectadas d'ella tenham a menor suspeita; julgão sómente que tem um olho mais fraco do que o outro. Se a cataracta faz progressos, o exercicio da vista torna-se

cada vez mais difficil; o nevoeiro, no meio do qual os doentes julgão achar-se, torna-se mais espesso, e então não podem andar sem guia. Entretanto, o crystallino, ou a membrana que o cobre, nunca fica tão opaca que não possa ser atravessada por alguns raios de luz; e por isso, a pessoa affectada da cataracta não vê os objectos, mas distingue a luz da escuridão. Quando acontece o contrario, isto é, quando o doente não acha differença alguma entre o lugar escuro e o claro, a cataracta acha-se acompanhada de gota serena. Quando a cataracta principia, o doente vê melhor pela manhã e de tarde do que quando os corpos se achão mais alumiados. Para comprehender este phenomeno, é preciso saber que a menina do olho contrahe-se pela acção de uma luz viva, e dilata-se com uma luz fraca; por consequente, no primeiro caso, os raios luminosos cahem sobre a parte opaca do crystallino, e a vista está tolhida; no segundo, a menina do olho dilata-se além da nodoa central do crystallino, os raios luminosos podem passar atravez da circumferencia transparente d'este orgão, e o doente pôde então distinguir os corpos exteriores. Mas este phenomeno observa-se sómente no começo da molestia, porque, quando o crystallino se torna opaco em toda a sua extensão, oppõe-se igualmente á passagem da luz, qualquer que seja o gráo de dilatação da menina do olho.

Não se devem confundir com a cataracta as belidas da cornea. Estas achão-se sobre a superficie do olho, e a cataracta, como já deixei dito, acha-se no interior. A fórma de uma belida é irregular; ao passo que a cataracta tem a apparencia circular, por ser redonda a menina do olho.

Bem que a cataracta não apresente perigo algum immediato para a vida, constitue entretanto uma affecção mui séria, porque o doente fica cego, se não se submette á operação, e o bom exito d'esta não é certo.

Tratamento. Tem-se empregado contra a cataracta, medicamentos internos, taes como os calomelanos, tartaro stibiado, digital, belladona; forão tambem experimentados os vesicatorios e sedenhos na nuca, mas estes meios raras vezes aproveitão no começo da molestia, e são inteiramente inuteis nos casos da cataracta completa. A operação é o unico meio em que se pôde ter alguma confiança, e que na maioria dos casos se mostra indispensavel; ella não é tão dolorosa, como vulgarmente se julga. Bem que inspire naturalmente muito receio, será sempre o unico meio a que se possa recorrer.

Ha circumstancias que fazem variar o prognostico da operação. Esta promette bom exito, quando a cataracta é isenta de compli-

cações; seu prognostico é porém menos favoravel quando o doente é irritavel ou sujeito a dôres rhematicas, a ophthalmias, a defluxos, a erysipelas do rosto, ou se é de constituição estragada; quando a cataracta foi produzida por violencia exterior, ou quando o doente já foi operado em um olho, sem que a operação aproveitasse. Quando o olho tem conservado perfeitamente a sua fôrma, volume, e transparencia; quando a menina do olho se dilata em um lugar pouco escuro e se contrahe estando exposta á luz viva, póde-se contar que a operação será bem succedida. Não convem operar quando o olho affectado tem diminuido ou augmentado consideravelmente de volume; quando está doloroso, disforme, quando ha inflammação dos olhos ou palpebras, quando belidas mui largas e mui opacas occupão o centro do olho, e quando os doentes experimantão dôres mui fortes em alguma parte da cabeça; não se deve, emfim, fazer a operação quando a menina do olho está immovel, qualquer que seja a intensidade da luz que caia sobre o olho, pois que este signal indica que, além da cataracta, existe tambem gota serena. De que scrviria dar ao olho a sua transparencia, extrahindo o crystallino opaco, quando a membrana sobre a qual se refrangem os raios luminosos tem perdido a faculdade de receber, e de transmittir a sua impressão? Para reconhecer se a menina do olho goza ainda da sua mobilidade, faz-se sentar o doente diante de uma janella bem alumiadã, abaixão-se as palpebras e cobrem-se os olhos com as mãos; passados alguns instantes, levanta-se subitamente a palpebra superior, e expõe-se o olho a toda a claridade da luz; vê-se então se a menina se contrahe ou se fica immovel, e se se deve suspeitar ou não a existencia da gota serena. Se a menina é movel, se o doente distingue a luz da escuridão, a operação offerece probabilidade de bom exito. No caso contrario, o prognostico é mui sinistro, e ordinariamente o doente está condemnado a uma cegueira incuravel.

Quando um só olho está affectado de cataracta, não convem fazer a operação; porque o outro olho que se conserva bom é sufficiente para as necessidades da vida, e deve-se, sobretudo, temer que a inflammação manifestada quasi sempre sobre o olho operado, se communique ao olho são, e determine uma cegueira completa. Quando a cataracta é congenial, ou apparece nos primeiros annos da vida, querem alguns facultativos que se espere, antes de operar, que a criança chegue á idade da razão para se submeter por sua vontade á operação, pelo desejo que deve ter de sarar. Antes d'este tempo, seria ella mais difficil de praticar, segundo dizem, por causa da indocilidade da criança. Mas outros cirurgiões não adoptão este parecer; considerão o sentido da vista tão neces-

sario para a educação physica e moral das crianças, que aconselham a operação em todas as idades sem perder tempo. Deve-se por conseguinte operar alguns dias depois do nascimento.

Quando a cataracta affecta ambos os olhos, as opiniões divergem. Querem uns que se operem ambos na mesma occasião, outros aconselham que se deixe certo intervallo entre uma e outra operação; outros, finalmente, operão só um olho; para não arriscar a perda total da vista, e poderem recorrer a nova operação no olho que ficar, se se perder o primeiro que foi operado. Além d'isso, as pessoas operadas de cataracta experimentão ordinariamente, no fim de algum tempo, um enfraquecimento progressivo da vista que acaba por uma cegueira completa. Quando se tem operado um só olho, conserva-se o recurso da segunda operação. Estas razões são ponderosas, e portanto julgo que não se deve operar senão um olho, e não ambos ao mesmo tempo, como costumão praticar alguns operadores.

Em uma obra d'este genero, não é possível descrever os processos operatorios, nem discutir a escolha do methodo, mas ha preceitos que podem ser de alguma utilidade para o publico e que julgo não dever omittir. Antes de praticar a operação, prepara-se o doente. Faz-se-lhe uma sangria, se é muito sanguineo; administra-se-lhe um purgante brando, e no dia que precede a operação, não se lhe dá outro alimento senão um ou dois caldos. Dispõe-se o quarto em que elle deve habitar depois da operação, e em que se possa manter uma obscuridade completa. Cumpre preparar chumaços finos, fios, ataduras e alfinetes. Depois da operação, o doente abster-se-ha de ensaiar o olho, porque o contacto mui livre do ar e da luz sobre este orgão póde determinar uma inflammação grave. Só ao cirurgião compete assegurar-se todos os dias do estado do globo do olho, por meio de uma luz branda. Se as palpebras não estiverem inchadas, se o olho não estiver vermelho, se a impressão da luz não occasionar dôr alguma, o doente vai no melhor estado possível. Mas se as palpebras estiverem inchadas, e o olho vermelho, se o contacto da luz lhe fôr doloroso, se houver dôr de cabeça e principio de inflammação, é preciso praticar uma sangria. Em geral, não sobrevindo nenhum accidente, o nono ou decimo dia é tempo sufficiente para se poder afiançar a cura. Principia-se por diminuir gradualmente a espessura e o numero das cortinas que cercão a cama: deixa-se pouco a pouco penetrar a luz no quarto. O doente não deve estar na escuridão, senão o tempo necessario. Do decimo quinto ao vigesimo dia, póde-se-lhe permittir que se exponha á luz de um dia sombrio, mas deve-se ter o cuidado em pôr-lhe por cima dos olhos uns antolhos de

tafetá verde ou azul; de tarde, ou quando o sol estiver encoberto, deve espairecer a vista por algumas horas. Dias depois, póde fazer uso de oculos de côr, e emfim usar de oculos com vidros convexos para tornar a visáo mais perfeita, e supprir á acção do crystallino que já não existe. Mas nem sempre a molestia segue estes transitos. Uma inflammação mais ou menos activa se manifesta ás vezes, e vem comprometter a vista do doente, então a época da cura não póde ser determinada. Ás vezes, o olho abre-se e os liquidos sahem; em outras circumstancias formáo-se opacidades nas partes do olho que devem ser transparentes, e impedem a visáo. Acontece tambem formar-se uma cataracta secundaria, que provém do crystallino, o qual, bem que perfeitamente abaixado, vem occupar o seu lugar primitivo, e torna necessaria a segunda operação.

A época do restabelecimento da vista offerece muitas variações. Alguns doentes distinguem os objectos doze a quinze dias depois da operação, alguns mais tarde. Nas cataractas congeniaes operadas felizmente, os doentes que recobráráo o sentido da vista não sabem servir-se d'elle, é preciso atar-lhes as mãos, que o costume lhes faz tomar por guia. Vêr immediatamente depois da operação, é uma circumstancia feliz, mas não é uma garantia infallivel de bom resultado; não vêr logo os objectos vizinhos não é tambem uma prova de que não se verá algum tempo depois da operação.

CATARRHAL. *Veja-se* BRONCHITE e DEFLUXO.

CATARRHO. A palavra *catarrho* serve para designar uma serie de affecções proprias ás membranas mucosas, e cujo principal phenomeno é o fluxo de certa porção de mucosidades segregadas por estas membranas.

Catarrho da bexiga. *Veja-se* CATARRHO VESICAL.

Catarrho nasal. *Veja-se* DEFLUXO.

Catarrho pituitoso. FLUXO BRONCHICO, OU BRONCHORRHEA. Molestia caracterizada pela expectoração de quantidade consideravel de muco incolor, glutinoso, transparente, misturado com bolhas de ar, e semelhante á clara de ovo diluida em agua; esta secreção faz-se independentemente de qualquer trabalho inflammatorio. Existe no estado agudo ou no estado chronico.

Symptomas da bronchorrhea aguda. A bronchorrhea aguda apparece ordinariamente de uma maneira subita. O doente queixa-se de dyspnea, de grande oppressão, de anxiedade no peito; sobrevem tosse secca, penosa, quasi convulsiva; o peito é sonoro á percussão, mas applicando o ouvido sobre elle ouvem-se ruidos sibilantes, roncantes, mucosos ou sub-crepitantes. Esta perturbação da respiração não tarda a produzir a congestão do rosto

com tez violacea e tumefacção das veias do pescoço; então os traços da face alterão-se, os pés esfrião, o pulso torna-se pequeno, insensível, irregular; um suor frio cobre o corpo; ha vertigens, prostração, e muitas vezes, no momento em que a vida parece extinguir-se, os doentes expulsão com maior ou menor esforço uma quantidade consideravel de escarros brancos, transparentes, pegajosos, misturados com bolhas de ar, semelhantes á clara de ovo. Estes escarros sahem com a tosse, ás vezes quasi espontaneamente e em tão grande abundancia, que parecem vomitados. Esta excreção póde continuar durante muitas horas, raras vezes durante um dia; cessa pouco a pouco depois do paciente expulsar 1, 2, 3 ou 4 kilogrammas de um fluido albuminoso. No meio de perturbações tão graves, não ha febre. Terminada a excreção, acontece que os individuos recobram immediatamente todas as apparencias da saude; todavia é mais commum conservarem ainda durante um ou alguns dias um pouco de oppressão e de tosse, alguns ruidos no peito, ardor na garganta, pouco appetite e grande fadiga.

A saude é então perfeita; comtudo a molestia está sujeita a tornar a voltar. Os mesmos symptomas reproduzem-se ao cabo de um tempo mais ou menos longo. É raro que o accesso volte passados alguns dias só, mas de ordinario decorrem alguns mezes, um ou alguns annos entre cada um dos ataques.

Symptomas da bronchorrhea chronica. A bronchorrhea chronica mais frequente que a aguda, é quasi sempre consecutiva á bronchite chronica. Existe tosse, dyspnea mais ou menos forte, fervores humidos e seccos no peito; emfim um estado permanente de incommodo geral. É ordinariamente n'estas condições que apparece, sobretudo durante a noite ou algumas horas depois do jantar, um fluxo bronchico muco-albuminoso acompanhado de oppressão, dyspnea e tosse; mas é raro observar esta reunião dos symptomas tão graves que se notão na bronchorrhea aguda. Não obstante esta secreção exaggerada, a saude geral póde manter-se; todavia estas perdas contínuas acabão, no fim de certo tempo, por alterar a constituição.

Diagnostic. A bronchorrhea aguda ou chronica differe da bronchite : 1º por sua invasão subita, 2º pela natureza albuminosa da expectoração, 3º pela quantidade consideravel do fluido evacuado em pouco tempo, 4º pela cessação rapida dos accidentes. A bronchorrhea tem alguns pontos de semelhança com a asthma humida, com que se confunde ás vezes, mas a secreção bronchica não é tão abundante na asthma como na bronchorrhea, e o seu aspecto é differente.

Causas. A bronchorrhea não ataca senão os adultos, e sobretudo as pessoas idosas, e os individuos gordos; os que tem a vida sedentaria e os gotosos são mais predispostos a esta molestia. A impressão do frio, a humidade, uma digestão difficultosa, as emoções moraes, são as causas determinantcs mais communs da bronchorrhea; sobrevem de ordinario depois das rechidas frequentes da bronchite.

Tratamento. No ataque de bronchorrhea, tanto aguda como chronica, um vomitorio é útil : 5 centigrammas (1 grão) de emetico n'uma chicara d'agua, ou 1 gramma (20 grãos) de ipecacuanha n'uma colher d'agua. Appliquem-se sinapismos nas pernas, e ventosas seccas no peito.

Na bronchorrhea chronica, o doente deve tomar um purgante de vez em quando : oleo de ricino, manná ou limonada de citrato de magnesia, ou duas vezes pór semana uma pilula seguinte :

Aloes.	...	15 centigrammas (3 grãos)
Jalapa..		5 centigrammas (1 grão)
Conserva da rosas		5 centigrammas (1 grão).

Faça 1 pilula, e como esta mais nove. Um caustico no peito é de grande utilidade.

Os outros medicamentos, a que se deve recorrer alternativamente, são :

1º Xarope de balsamo de Tolú. 180 grammas (6 onças).

Para tomar uma colher *de sopa*, tres vezes por dia, puro ou em meia chicara d'agua fria.

2º Xarope de terebinthina. . . 180 grammas (6 onças).

Para tomar uma colher *de sopa*, tres vezes por dia puro.

3º *Pilulas adstringentes.*

Extracto de ratanhia... 2 grammas (40 grãos)

Gomma-Kino. 2 grammas (40 grãos).

Faça 20 pilulas. Para tomar 2 pilulas, de manhã, e outras tantas pela noite.

4º Pastilhas de enxofre. 24.

Para tomar 1 pastilha, tres vezes por dia.

5º Infusão de polygala amarga. 120 grammas (4 onças).

Para beber uma vez por dia. Prepara-se esta infusão com 2 grammas (1/2 oitava) da raiz de polygala e 150 grammas (5 onças) d'agua fervendo.

Catarrho pulmonar. *Veja-se* BRONCHITE.

Catarrho suffocante. Dá-se este nome á bronchite muito intensa, e aos ataques asthmaticos.

Catarrho vaginal. *Veja-se* FLORES BRANCAS.

Catarrho vesical OU CATARRHO DA BEXIGA. Esta molestia tem,

por um dos seus symptomas mais essenciaes, o fluxo de mucosidades grossas e viscosas que se encontram nas ourinas.

Causas. O catarrho da bexiga é uma affecção commum nos paizes frios e humidos. Ataca com preferencia os individuos que fazem uso exclusivo de carne e peixe, e principalmente de carnes salgadas ou defumadas, e que abusão de bebidas alcoolicas, de cerveja, etc. O costume de reter por muito tempo as ourinas póde tambem produzi-la. O catarrho da bexiga é uma das enfermidades mais communs que affligem os ultimos annos da vida. Esta molestia póde todavia atacar todas as idades. As suas causas ordinarias são : excessos venereos, fadigas da equitação, balanços de carruagens, mudanças subitas da temperatura, desapparecimento subito de alguma molestia de pelle, emfim, a presença da pedra na bexiga.

Symptomas. A maior parte dos doentes que são affectados do catarrho da bexiga soffrem geralmente pouco; apenas sentem no baixo-ventre algum peso, e não tem ordinariamente febre. As ourinas sahem com difficuldade, e contém ás vezes porção consideravel de mucosidades. Estas mucosidades brancas ou amarellas, que se ajuntão no fundo do vaso, adherem ás paredes d'elle, e são dotadas de uma viscosidade elastica. As ourinas exhalão, na occasião de serem expulsas, um forte cheiro ammoniacal, e adquirem, passado algum tempo, máo cheiro. Os phenomenos geraes ou sympathicos que acompanhão o catarrho vesical varião conforme a intensidade da molestia. Quando o incommodo e a dôr são mediocres, a saude geral padece pouca alteração; mas em muitos casos os doentes são atormentados por uma insomnia fatigante, o appetite diminue, a digestão faz-se com difficuldade, e as forças desapparecem. O catarrho da bexiga diminue muito, e mesmo cessa durante a estação quente, para voltar com o frio e a humidade. Cada mudança de temperatura um pouco subita actua de uma maneira visivel sobre o doente; este phenomeno é um dos mais notaveis.

Tratamento. O doente affectado do catarrho vesical habitará um lugar enxuto, elevado, exposto ao sol e varrido pelos ventos. Deve evitar todos os excessos. O regimen será brando e leve: carne, peixe, vegetaes, tudo em porções iguaes. O chá da India e o café não são contrarios; usará tambem do vinho, mas com moderação. A estas precauções associar-se-hão banhos mornos, exercicios moderados, uso da flanella sobre toda a superfície do corpo, attenção extrema de evitar o frio e a humidade, sobretudo nos pés, que se devem trazer n'um estado habitual de calor e de ligeira transpiração. Fricções feitas sobre a pelle com escova ou flanella,

impregnadas de vinagre, convem como revulsivos. A estes meios é preciso ajuntar o uso das bebidas diluentes, como a infusão de sementes de linho.

Os medicamentos proprios para combater o catarrho são: alcatrão, terebinthina, copahiba e outras substancias balsamicas. Eis-aqui as receitas d'estes medicamentos:

Pilulas de alcatrão.

Alcatrão.	4 grammas (1 oitava)
Balsamo peruviano.	4 grammas (1 oitava)
Alcaçuz pulverizado.	8 grammas (2 oitavas).

Faça 48 pilulas. Para tomar uma pilula, tres vezes por dia.

Agua de alcatrão.

O modo de sua preparação está indicado no artigo ALCATRÃO. Dóse: 1 a 2 copos por dia, em bebida.

Pitulas de terebinthina.

Terebinthina de limão.	15 grammas (4 oitavas)
Hydro-carbonato de magnesia.	8 grammas (2 oitavas).

Faça 72 pilulas. Dóse: 6 a 18 por dia.

Xarope de terebinthina.

Dóse: 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Capsulas de copahiba.

Dóse: 2 a 4 capsulas por dia.

Xarope de renovos de pinheiro.

Dóse: 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Infusão de bagas de zimbro.

Bagas de zimbro.	4 grammas (1 oitava)
Agua fervendo.	180 grammas (6 onças).

Infunda por meia hora, cõe, adoce com assucar, e beba de uma vez. Repete-se a infusão no dia seguinte, e durante dez a quinze dias.

Fumigações de zimbro.

Ponhão-se 125 grammas (4 onças) de bagas de zimbro n'um tacho contendo brásas, e metta-se o tacho entre os lençoes da cama. O doente recebe o vapor durante meia hora. Uma fumigação por semana.

Pilulas de tannino.

Tannino.	4 grammas (1 oitava)
Conserva de rosas	4 grammas (1 oitava).

Faça 36 pilulas. Dóse: uma pilula, tres vezes por dia.

O doente usará d'estas preparações, successivamente, uma depois da outra; e usará, de cada uma, durante dez a quinze dias.

As aguas férreas, tomadas á fonte, tambem aproveitão contra o catarrho vesical.

CATHARTICOS. Assim se chamão certos purgantes que nem são fortes nem fracos. (*Veja-se PURGANTES.*)

CATHETER. Instrumento destinado a ser introduzido na bexiga, seguindo o trajecto do canal da urethra. Outr'ora designavão-se debaixo d'este nome todas as sondas; mas, n'estes ultimos tempos; o nome de catheter ficou especialmente reservado para um instrumento de aço, encanado na sua convexidade, e que se introduz na bexiga, quando se faz a operação da extracção da pedra, ou quando se quer reconhecer a presença de um calculo. (*Veja-se CATHETERISMO.*) Os outros instrumentos que se introduzem na urethra são sondas e bugias (*Veja-se estas palavras.*)

CATHETERISMO. Operação que consiste em fazer penetrar uma sonda na bexiga pela via natural, para evacuar a ourina, dilatar o canal da urethra, ou reconhecer a presença de calculos urinarios no interior da bexiga. O catheterismo pratica-se com sondas de prata ou de gomma fig. 102; o modo de proceder varia no homem e na mulher:

Modo de introduzir a sonda de prata na urethra do homem. O doente deita-se ao comprido na beira esquerda da cama, com as pernas abertas e um pouco encolhidas. Põe-se-lhe entre as coxas um vaso de pouca altura. O cirurgião, collocado á esquerda, pega no membro viril com a mão esquerda, levanta-o na direcção quasi perpendicular, introduz no orificio do canal da urethra a sonda untada com azeite doce, e a conduz lentamente; logo que tenha penetrado a certa profundidade, e que sinta a extremidade do instrumento apoiada contra um osso, esforçar-se-ha em lhe fazer seguir a curvatura do canal, abaixando entre as coxas do doente a mão que sustenta a sonda, e por uma pressão lenta e regular a conduzirá brandamente até á bexiga. Quando se apresenta algum obstaculo, tira-se um pouco a sonda, estira-se sufficientemente o membro para evitar rugas da membrana mucosa, e introduz-se de novo a sonda, sem empregar nunca grande força.

A introduccção da sonda de gomma faz-se da mesma maneira. As vezes, para dar a esta sonda maior resistencia e facilitar assim a sua introduccção, sustentão-se suas paredes mediante um estylete de ferro, ao qual se dá a conveniente curvatura, e que se tira depois de introduzida a sonda na bexiga.

Catheterismo na mulher. Emprega-se para este fim uma sonda de

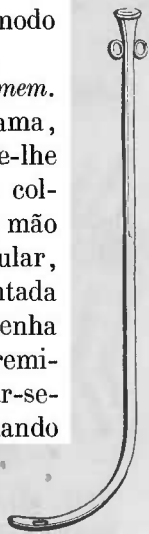


Fig. 102.

Sonda de prata, para homem; 32 centimet. de comprimento.

prata, do comprimento de 16 centímetros, e apenas recurvada na extremidade. Fig. 103. Deitada a doente na margem esquerda da



Fig. 103.

Sonda de prata, para mulher;
16 centimet. de comprimento.

cama, o cirurgião aparta os grandes e os pequenos labios da vulva com os dedos da mão esquerda, depois reconhece com o index da mesma mão o orifício da urethra, no qual introduz a extremidade do instrumento, cuja concavidade se acha voltada para cima. Por meio de leves movimentos de rotação, penetra facilmente na bexiga. Facilita-se a introdução da sonda, untando-a previamente com azeite.

CATO ou **TERRA JAPONICA**. Extracto preparado com o lenho, casca e fructos de muitas arvores das Indias orientaes, principalmente da *Acacia catechu*, Wild. Fig. 104. É um dos medicamentos

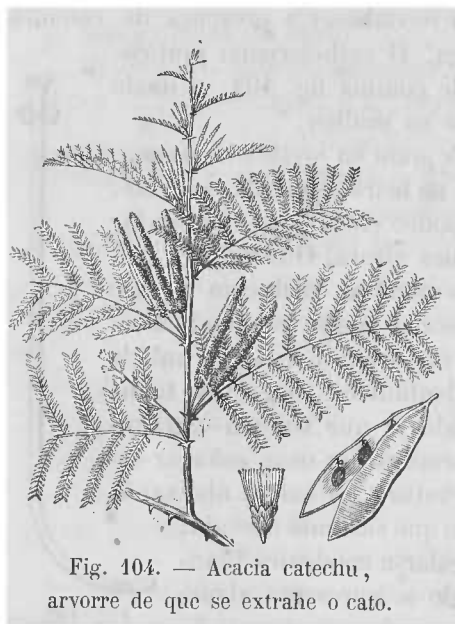


Fig. 104. — *Acacia catechu*,
arvorre de que se extrahê o cato.

mais adstringentes que se empregão em medicina. Ha muitas especies de cato. O melhor é sem cheiro, de cor roxa-avermelhada, de sabor adstringente particular, seguido logo de um gosto adocicado; solúvel n'agua e no alcool. Apparece no commercio em pães de 90 a 120 gram., arredondados. Sua dose é de 1 a 4 gram. (20 grãos até 1 oitava) por dia. Fazem-se com elle pastilhas que tem a vantagem de consolidar as gengivas, e, pelos aromas que contém, de communicar bom cheiro ao halito. O cato

administra-se nas diarrehas e dysenterias chronicas, nas hemorragias uterinas, nas flores brancas, no catarrho vesical e outras molestias.

CAUSTICO ou **VESICATORIO**. Dá-se este nome a um emplasto que, applicado na superficie do corpo, determina uma secreção serosa que levanta a epiderme e forma uma empola. Este emplasto prepara-se com a massa caustica, composta de cantharidas, resina de pinho, cera e banha de porco. Esta massa estendida n'um pedaço de panno ou de pellica, forma o *vesicatorio* ou *caustico* que se emprega ordinariamente.

Eis-aqui a maneira de proceder em sua applicação ;

Rapa-se primeiro com a navalha o pello que possa existir na parte do corpo em que se deve applicar o caustico, afim de poupar depois ao doente dôres durante o curativo; esfrega-se a pelle com um panno secco até ficar vermelha, e põe-se o emplasto-vesicatorio comprimindo-o com a palma da mão. Por cima applica-se um chumaço de panno de linho ou algodão dobrado em dois ou quatro, e mantem-se tudo com uma atadura assaz larga e enrolada muitas vezes sobre si mesma. Isto pratica-se quando a applicação do caustico tem lugar no braço ou na perna; se se applica sobre uma parte do corpo onde é impossivel o emprego da atadura, convem recorrer a outro meio; assim, por exemplo, para um caustico applicado nas costas ou no peito, pôde-se fazer uso de uma toalha ou de um lenço grande que se passa ao redor do corpo. Doze horas depois a empola está ordinariamente formada; mas, ás vezes, é preciso deixar applicado o caustico durante 24 horas: isto depende da natureza mais ou menos impressivel do doente. Em todos os casos, para tirar o apparelho, tirão-se primeiro as ataduras com cuidado, depois levanta-se o emplasto pouco a pouco e de vagar, e descobre-se a empola.

O curativo não é o mesmo quando a ferida deve seccar em poucos dias, ou suppurar por muito tempo.

Se se descja que a ferida seque em poucos dias, abre-se a empola na sua parte inferior com ponta de tesoura, deixa-se a epiderme no seu lugar, e applica-se por cima um panno untado de ceroto, um pedaço de papel sem colla, ou uma folha de couve, de sayão, de bananeira, ou de alguma outra planta, igualmente untada de ceroto. Com este curativo, repetido durante quatro a cinco dias, uma vez por dia, forma-se nova epiderme, e não fica outro vestigio do caustico senão um rubor que não tarda a desaparecer. Este modo de proceder constituc o que se chama *caustico volante*, e deve ser com preferencia empregado quasi em todas as molestias que exigem a applicação do caustico. Obtem-se ainda melhor effeito, applicando sobre a epiderme algodão em rama ou em pasta, que não se tira senão depois de seccar completamente a ferida.

O curativo differe, porém, quando se quer fazer suppurar a chaga do caustico. Então, tira-se toda a epiderme levantada, depois de cortada a circumferencia da empola, e cura-se a chaga com unguento basilicão. Esta especie de caustico deixa signaes indeleveis; não se deve, por consequinte, favorecer a suppuração do caustico nas partes descobertas do corpo. Os curativos, n'este caso, são muito mais dolorosos. Hoje raras vezes se usa este modo.

As vezes desenvolve-se á roda do caustico uma inflammação, e a propria chaga do caustico póde occasionar muitas dôres : n'este caso, convem mitigar a irritação com cataplasmas de farinha de linhaça ou de fécula, e suspender as pomadas suppurativas. O engurgitamento das glandulas situadas perto dô lugar em que foi applicado o caustico cessa espontaneamente.

Outr'ora, recorria-se ao caustico^o como meio de depuração dos humores; hoje é raro ser elle empregado com este intuito; os medicos tem deixado ao vulgo os preconceitos que influíão n'este genero de medicação. Vê-se muitas vezes pessoas de boa saude mandarem sem necessidade applicar causticos em seu corpõ, na supposição de expulsarem de si todos os humores nocivos, todos os principios morbidos da economia. É costume tão ridiculo, que nem merece exame. Os casos em que os causticos podem ser uteis vão indicados n'esta obra, no tratamento de cada uma das molestias em particular.

CAUSTICOS (MEDICAMENTOS). Dá-se o nome de causticos ás substancias que desorganizão as partes do corpo com que são postas em contacto. Empregão-se para abrir fontes, impedir os progressos da affecções gangrenosas, taes como o carbunculo e a podridão de hospital : para cauterizar as mordeduras dos animaes damnados ou venenosos, para destruir as carnosidades das feridas, as verrugas, os caneros, os cavallos; para impedir a absorpção do virus syphilitico; para tocar as ulceras da bocca, etc. Os medicamentos causticos são: potassa caustica, pós de Vienna, nitrato acido de mercurio, manteiga de antimonio, chlorureto de zinco, verdete, acido sulfurico concentrado (oleo de vitriolo), acido nitrico concentrado, acido chlorhydrico concentrado, pedra infernal, alcali volatil, sulfato de cobre, pós de Joannes, pedrahume calcinada, pomada ammoniacal de Gondret, fogo.

CAUTERETS. (Aguas sulfurosas quentes.) Itenerario de Pariz a Cauterets : Estrada de ferro por Bordeos até Tarbes, 18 horas. Diligencia de Tarbes a Cauterets, 5 horas. Total da despeza 100 francos.

A pequena cidade de Cauterets está situada ao sul da França, no departamento dos Altos Pyreneos, na extremidade de um valle pittoresco, cercado de altas montanhas. As suas casas são asseidadas, e em numero sufficiente para poderem conter 3,000 estrangeiros.

As principaes fontes mineracs são em numero de doze. O seu calor varia de 30 a 55 grãos centigrados. Quasi todas representão aguas sulfureas, com excepção da fonte *Rheumizet*, que é apenas sulfurea, e cujas propriçdades não se afastão muito da agua commum.

A mais afamada das fontes de Cauterets é a fonte La Raillière, situada a 20 minutos da cidade, e accommodada n'uma bella casa que contém 29 banheiras e uma bica d'onde se tira agua para beber. A agua é abundante, limpida, unctuosa, de sabor adocicado, a sua temperatura é de 39° centigrados.



Fig. 105. Cauterets,

Eis-aqui a sua composição, segundo Filhol e Reveil, na fonte quente; 1 litro d'agua contém :

Sulfureto de sodio...	Grammas.	0,0177	Silicato de cal.	Grammas.	0,0324
Chlorureto de sodio ..	0,0398	Materias organicas	0,0350		
Sulfato de soda....	0,0467				
Silicato de soda..	0,0031	Gaz azoto	22 1/2 centimetros cubicos.		

Uma outra fonte, chamada *fonte temperada*, identica a esta como sulfuração, mas cuja temperatura é só de 34°, distribue-se nos

gabinetes dos banhos. Serve para reconduzir a primeira á temperatura menos elevada.

A fonte *Raillière* emprega-se nas affecções catarrhaes e tuberculosas dos pulmões.

Achamos aqui um exemplo das uteis informações que a medicina veterinaria póde fornecer á medicina humana. Com effeito, todos os annos conduzem-se a Cauterets cavallos affectados de bronchite chronica, com inappetencia, diarrhea e emmagrecimento. São sobretudo garanhões das estrebarias de Tarbes e Pau. Estes animaes bebem com grande avidez as aguas da fonte *Raillière*, e ao cabo de oito dias as digestões melhorão, a tosse desaparece, e as forças voltão.

As outras fontes de Cauterets são :

Cesar, les Espagnols. Estas fontes brotão sobre um ponto bastante elevado do monte chamado *Pic du Bain*, d'onde são conduzidas por um aqueducto de 100 metros, construido na superficie da terra, até o estabelecimento thermal.

A fonte de *Cesar* tem a temperatura de 46°; e contém por litro :

	Grammas.
Sulfureto de sodio..	0,024
Chlorureto de sodio..	0,071

A fonte *des Espagnols*, não differe da de *Cesar* senão por ser menos sulfurosa e menos quente.

Quanto ao estabelecimento, cuja architectura é graciosa, encerra 24 gabinetes de banho, dos quaes doze com duchas particulares, dois gabinetes de grandes duchas mui poderosas, que se administração quentes ou temperadas, ou que se alternão de modo a obter duchas chamadas *escossezas*, que representam um objecto importante na medicação de Cauterets.

Ha além d'isso gabinetes para pediluvios, um salão de inalação e um de pulverização, modos de tratamento para affecções da garganta, do larynge e dos bronchios.

As fontes *de Cesar e des Espagnols*, applicão-se sobretudo em banhos e duchas; convem particularmente nos rheumatismos, affecções da pelle, escrophulas e syphilis constitucional. A agua que se bebe com preferencia é a de *Cesar*; aproveita, sob esta fórma, nas bronchites chronicas e na asthma.

Pause Vieux. Temperatura 43° Emprega-se contra as molestias de pelle.

Le Rocher. Esta fonte tem 38 grãos de calor: sua sulfuração é insignificante; goza de reputação contra as nevroses e affecções uterinas.

Le Petit-Saint-Sauveur; le Pré. São pequenas aguas, accommo-

dadas n'uma casa especial, e destinadas, esta, ao tratamento das molestias rheumaticas leves; aquella ás molestias nervosas e uterinas.

Mahourat. Esta fonte acha-se situada em frente da bella cascata do mesmo nome. -A sua temperatura é de 49° centigrados, e a sua sulfuração de 0^{es},013. Goza de grande reputação no tratamento das dyspepsias e das gastralgias; associa-se com vantagem á agua de Raillièrre, quando esta pesa um pouco sobre o estomago. Não se emprega senão em bebida. Reune cada anno uma colonia de Hespanhoes.

Le Bois. Fonte quente 43°^o,3; fonte temperada 33°^o,7 Excellentes aguas, uteis no rheumatismo e na sciatica.

Les OEufs. Temperatura 52°, sulfuração 0^{es},018. O esplendido edificio, construido ha poucos annos especialmente para esta fonte, e que tem o nome de *Thermes des OEufs* (Thermas dos Ovos), offerece todos os utensilios e todos os aperfeiçoamentos das caldas modernas. A piscina natatoria não tem menos de 160 metros quadrados de superficie; é a mais bella que existe na Europa. Ha tambem ali uma magnifica *Sala das festas*, lugar de reunião e de recreio para os banhistas.

Tal é Cauterets. Resulta da diversidade de acção das suas fontes, que resumem quasi todas as propriedades das aguas sulfurosas; de modo que um medico que desejasse aconselhar alguma agua sulfurosa ao seu doente, sem saber com exactidão qual é a estação que deverá preferir, poderia dirigi-lo a Cauterets com certeza de encontrar ali agua conveniente. A estação dura do 1° de junho ao 1° de outubro.

Transporte. As aguas de Cesar, Raillièrre e Mahourat são notaveis pela estabilidade da sua composição e das suas propriedades. Pelo que exportão-se em grande quantidade. Empregadas em bebida, loções e pulverizações, produzem effeitos quasi tão bons como na fonte.

CAUTERIO. *Veja-se FONTE.*

CAVALLO OU CANCRO VENEREO. O cavallo é uma pequena ulcera produzida pelo virus syphilitico. Os lugares em que este symptoma costuma manifestar-se são, no homem, a glande e o prepucio; e na mulher a face interna da vulva. Acontece ás vezes que os beiços, as margens do anus, o bico do peito, a bocca, e até a pelle do escroto e do membro viril, são tambem affectados, quando estas partes estiverão em contacto immediato com o virus.

A época do seu apparecimento é mui variavel; tem-se visto, mas estes casos são mui raros, apparecerem em menos de doze horas

depois da cohabitação impura; as mais das vezes declaram-se do terceiro ao sexto dia.

Symptomas. Os cavallos principião ordinariamente por pequenas nodos vermelhas, acompanhadas de comichão desagradavel; o centro d'esta nodoa faz-se mais saliente, e torna-se mais branco, vesiculoso e transparente. Logo depois o apice d'este botão cava-se, as margens da ulcera endurecem, e a superficie ulcerada fornece uma materia purulenta e fetida. Às vezes, o cancro principia por uma simples excoriação que vai profundando, e toma todos os caracteres das ulceras syphiliticas. O contorno do cancro venereo é bem limitado, e cortado perpendicularmente; seu fundo, geralmente cinzento, é frequentemente coberto de uma falsa membrana. Póde não haver senão um só cancro, ou podem existir muitos ao mesmo tempo.

Ha duas especies principaes de cancro, *molle* e *endurecido*.

O *cancro molle* tem as margens cortadas perpendicularmente, o fundo *molle*, e secreção abundante.

O *cancro endurecido* tem as margens declives, fundo endurecido, secreção menos abundante.

Complicação do cancro venereo. 1º A primeira complicação é constituida pelo desenvolvimento, ao redor do cancro, de uma inflamação da pelle. Os cancros que existem em certo numero sobre o prepucio ou sobre a glande podem produzir inchação, um phimosis ou paraphimosis. A excreção da ourina póde ficar embaraçada, quando a ulceração, situada perto do meato urinario, provoca uma inchação nas paredes do canal da urethra.

2º Phagedenismo. É um estado morbido que destroe os tecidos estendendo-se continuamente, quer em superficie, quer em profundidade. A ulcera toma então o nome de *cancro phagedenico* ou *corrosivo*. Quando um cancro dever tomar esta fórma, o circulo avermelhado que o cerca torna-se mui extenso; o doente experimenta uma dôr intensa; incha a parte affectada, e toma a côr de borra de vinho; a suppuração é abundante, fetida, de cheiro gangrenoso. Logo a ulcera marcha rapidamente, destruindo tudo o que se acha em sua passagem, até que, depois de separada a escara, fique a nú uma ferida que segue a marcha das feridas que tem suppurado. O phagedenismo produz ás vezes desordens consideraveis. Este estado póde depender das condições hygienicas dos doentes, da miseria, das privações, da falta de asseio ou de máos curativos.

3º Emfim, a blennorrhagia constitue uma complicação extremamente commum do cancro venereo.

Prognostico. Os cancros phagedenicos corrosivos, são os mais

graves. Os cancos endurecidos no fundo são mais graves do que os de fundo molle. Os cancos simples, bem tratados, serão em seis a oito semanas, sem deixar vestigio nem damno algum na economia. Aos cancos, não tratados convenientemente, succedem symptomas secundarios, taes como diversas erupções cutaneas, tumores, dôres nos ossos.

Tratamento. Todos os cancos venereos exigem um tratamento externo ou local, e outro interno ou geral. Sendo o cancro o indicio da infecção do organismo pelo virus syphilitico, é preciso recorrer a uma medicação especial, que está hoje sancionada pela experiencia. Ao tratamento geral cumpre associar o tratamento local, que deve atacar a ulcera e as suas complicações, caso existão.

I. *Tratamento local.* Quando, depois de uma copula *suspeita*, sobrevem nas partes genitaeas um ponto vesiculoso, cumpre cauterizar profundamente com pedra infernal a pequena vesicula; mas para ser efficaz, deve a cauterização ser completa, isto é, feita n'uma extensão dupla da que occupa a ulceração. Feita a cauterização, applicuem-se fios seccos que se deixarão postos durante doze ou vinte e quatro horas. A cauterização praticada no principio, póde fazer abortar o cancro; feita mais tarde, só poderá abreviar a sua duração; todavia por mais vantajoso que seja o seu resultado, é indispensavel fazer um tratamento especifico interno, para prevenir a explosão dos accidentes ulteriores.

Se a ulcera estiver formada, cauterize-se, não para fazer abortar o cancro, mas com o fim de abreviar a sua duração, modificando o seu modo de vitalidade. Se o cancro cauterizado uma vez, continua em progresso, ou se, depois de cahida a escara, a superficie é cinzenta, deve-se repetir a cauterização duas, tres e mais vezes, até que a ulcera perca os seus caracteres especificos, salvo se apparecerem symptomas inflammatorios.

Estando a ferida limpa, cura-se com vinho aromatico, que se acha em todas as boticas já preparado, e cuja formula é a seguinte :

Especies aromaticas..	90 grammas (3 onças)
Tintura vulneraria.	90 grammas (3 onças)
Vinho tinto.	900 grammas (30 onças).

Macere as especies no vinho por dez dias, mexendo de vez em quando. Cõe com espressão, ajunte a tintura, e filtre o liquido.

Molhão-se os fios n'este vinho, e applicão-se na ulcera.

Em vez de empregar o vinho aromatico, póde-se curar a ulcera com a solução de assucar cande em vinho tinto simples :

Vinho tinto.	30 grammas (1 onça)
Assucar cande	4 grammas (1 oitava).

Se a superficie do cancro estiver secca, dolorosa e muito inflammada, molhar-se-hão os fios não no vinho, mas sim no cozimento de raiz de althéa.

Cumpre entreter o asseio por meio de lavatorios ou banhos locais com agua morna simples.

Alcaldada a inflammacão, volta-se de novo ao vinho aromatico, que deve ser considerado como methodo geral de curativo nos cancros simples.

Se o cancro ficar estacionario, curar-se-ha com o ceroto seguinte:

Ceroto simples. 36 grammas (9 oitavas)

Calomelanos. 4 grammas (1 oitava);

ou com ceroto opiado :

Extracto de opio. . . 1 gramma

Agua 1 gramma

Ceroto simples. 98 grammas;

ou com unguento digestivo, cuja receita é a seguinte :

Terebinthina da Suissa. . . 16 grammas (4 oitavas)

Gema de ovo . . . 8 grammas (2 oitavas)

Azeite doce. . . 4 grammas (1 oitava).

Estes curativos devem ser renovados cada doze horas.

Póde-se tambem polvilhar a ulcera com calomelanos.

O *cancro phagedenico* reclama os curativos com a soluçãõ de tartrato de ferro e potassa, cuja formula é a seguinte :

Tartrato de ferro e potassa . . 30 grammas (1 onça)

Agua . . . 180 grammas (6 onças).

Molhaõ-se os fios n'esta soluçãõ, e applicãõ-se na ulcera.

Se esta applicaçãõ não produzir melhoras, recorra-se aos curativos com uma das substancias seguintes :

1º Agua de Labarraque misturada com outro tanto d'agua tepida simples;

2º Soluçãõ de chlorureto de cal. (chlorureto de cal 4 grammas, agua 200 grammas.)

3º Agua phenica.

4º Soluçãõ de chlorato de potassa. (1 parte de chlorato de potassa para 12 partes d'agua.)

5º Tintura de iodo. Molha-se um pincel n'esta tintura, e toca-se com elle a ulcera.

Nos casos muito renitentes, polvilha-se a ulcera com cantharidas, e vinte e quatro horas depois cura-se com vinho aromatico.

II. *Tratamento das complicações.* Quando o cancro existe perto da abertura do prepucio, sobrevem ás vezes *phimosi* com todos os outros symptomas inflammatorios. O prepucio fica então por tal fórma inchado que não póde recuar e descobrir a glande. Deve-se

n'este caso recorrer ás injeccões entre o prepucio e a glande com a decoção morna de linhaça ou de dormideiras.

As outras complicações taes como a *blennorrhagia*, as *mulas*, não devem occupar-nos no presente artigo. São outras tantas molestias, accrescentadas por assim dizer á molestia principal, e que exigem um tratamento particuliar indicado nos artigos especiaes.

III. *Tratamento geral.* Ao mesmo tempo que se segue este tratamento local, o doente deve submeter-se ao tratamento geral, sem o qual não se poderá julgar livre dos accidentes secundarios da syphilis. O tratamento geral do cancro venereo compõe-se do uso interno das preparações de mercurio e de salsaparrilha.

As preparações mercuriaes que melhor convem contra o cancro venereo são as seguintes :

Pilulas de protoiodureto de mercurio.

Protoiodureto de mercurio...	5 centigram.	(1 grão)
Thridacio...	5 centigram.	(1 grão)
Extracto de cicuta...	5 centigram.	(1 grão).

Faça 1 pilula, é como esta mais 59. Para tomar 1 pilula á noite, tres horas depois da ultima comida. Passados quinze dias augmenta-se a dóse até duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

Por cima da pilula o doente toma uma colher, das *de sopa*, de xarope de salsaparrilha, misturado com uma chicara d'agua fria ou morna.

A receita do xarope é :

Xarope de salsaparrilha	500 grammas	(16 onças).
-------------------------	-------------	-------------

Se ao cabo de cinco ou seis semanas d'este tratamento, o cancro não sarar, tomar-se-ha o licor de Van-Swieten.

Licor de Van-Swieten.

Bichlorureto de mercurio.	25 centigrammas
Alcool a 80°	25 grammas
Agua distillada..	225 grammas.

Dóse : 4 grammas (1 oitava), isto é, uma colher *de chá*, duas vezes por dia, n'uma chicara d'agua fria ou de cozimento de salsaparrilha.

O modo de preparar o cozimento de salsaparrilha acha-se indicado no artigo SALSAPARRILHA. Este cozimento póde ser substituido por uma colher *de sopa* de xarope de salsaparrilha misturada com uma chicara d'agua fria ou morna.

Para as precauções que exige o tratamento mercurial, *Veja-se* SYPHILIS.

Se este tratamento não produzir a cura no fim de dois mezes, empregue-se o iodureto de potassio, segundo a formula seguinte ;

Iodureto de potassio.	30 grammas (1 onça)
Agua distillada	900 grammas (30 onças).

Para tomar uma colher *de sopa*, tres vezes ao dia, n'uma chicara de cozimento de salsaparrilha.

CAVALLO (*Animaes domesticos*). O cavallo é o mais precioso e o mais util dos animaes domesticos. Os seus caracteres são :

1º Extremidades terminadas por um só dedo e uma só unha, em fórma de casco semi-circular.

2º Tres especies de dentes, a saber : 12 incisivos, 4 presas ou colmilhos, 24 molares. As presas faltão quasi sempre nas eguas.

3º Um espaço vasio, chamado *barra*, entre as presas e os molares.

4º Dois ubres inguinacs nas femeas.

5º Estomago simples, pouco volumoso; intestinos muito desenvolvidos; o intestino cego de grande capacidade.

6º O cavallo é herbivoro, de caracter pacifico e sociavel; defende-se principalmente com os pés. Vive, no estado selvagem, em tropas numerosas debaixo da direcção de um macho. Estas tropas encontrão-se principalmente na America e na Siberia.

Os *sentidos* do cavallo são mui desenvolvidos. Os olhos são conformados de maneira que, mesmo quando pasta, o animal leva a vista mui longe na direcção horizontal; distingue melhor que o homem os objectos durante a noite; o seu ouvido é mui delicado, tem a faculdade de colher os sons por meio das orelhas grandes e muito moviveis. As ventas são amplas e proprias para que perceba os cheiros de muito longe; a sua delicadeza para a alimentação é maior do que a dos outros animaes herbivoros, o gosto é mais desenvolvido; o labio superior é dotado de grande facilidade de movimento para apalpar e recolher os alimentos; a pelle goza de excessiva sensibilidade; o animal tem a faculdade de a franzir para enxotar os insectos que o incommodão.

A *voz* do cavallo chama-se *rincho*: tem uma variedade de rinchos, segundo as sensações, os desejos e as paixões do animal; d'aqui vem cinco modos de rinchar bem caracterizados : 1º rincho de alegria, no qual os sons sobem a modos sempre mais fortes e mais agudos; o cavallo salta, parece que quer atirar couces, mas não tem tenção de fazer mal. 2º Rincho de desejo, inspirado pelo amor sexual ou pela affeição a seu dono; então os sons prolongão-se e tornão-se mais graves. 3º Rincho de colera : é curto, agudo, interrompido; o animal procura dar couces, bate com as mãos, se é vigoroso; ou morde, se é máo. 4º Rincho de medo : é grave, rouco, parece sahir das ventas, e, como o da colera, é muito curto. 5º Emfim, o rincho de dôr, é um gemido, uma especie de tosse apagada, cujos sons graves seguem os movimentos

da respiração. De ordinario são os melhores cavallos que rinchão com mais frequencia de alegria e de desejo. Os cavallos castrados rinchão raras vezes, e nunca de maneira estrondosa; desde a primeira idade, o macho tem a voz mais sonora do que a femea.

Dá-se o nome de *andaduras*, no cavallo, aos seus differentes modos de progressão. Tem naturalmente tres : o passo, o trote e o galope. Mais do que qualquer outro quadrupede, contrahe andaduras defeituosas, e adquire outras artificiaes. A agilidade do cavallo excede a dos outros animaes quadrupedes.

A gravidação das femeas dura onze mezes e alguns dias; párem só um potro. O aleitamento deveria durar um anno, mas é abreviado no estado de domesticidade. O potro tem os olhos abertos quando nasce; é coberto de pellos, não tem dentes, mas já é bastante forte para se sustentar e andar; aos cinco annos, o potro está inteiramente desenvolvido, e toma o nome de *cavallo*. A duração natural da sua vida é de 25 a 40 annos; mas é quasi sempre abreviada pelos serviços que d'elle exigimos.

O cavallo é herbivoro *por natureza*. Só em casos raros se alimenta de substancias animaes; bebe aos sorvos; seu estomago é conformado de maneira que não permite os vomitos. É eminentemente sociavel no estado selvagem, e torna-se facilmente domestico, mesmo quando é apanhado no estado de adulto; affeição-se ao homem, torna-se seu companheiro fiel, e, de algum modo, seu amigo; comparte os trabalhos, os perigos e a gloria do seu dono, é sensivel aos bons como aos máos tratamentos, gosta de elogios e das caricias; mostra-se orgulhoso, quando brilhantemente jaezado; anima-se ao signal dos combates, possui muitas qualidades intellectuaes, e sobretudo uma memoria duradoura e segura.

A *idade* do cavallo conhece-se pelos dentes.

O cavallo presta *serviços* como animal de tiro, e como animal de sella. Como animal de tiro, serve na agricultura, no commercio, na industria, arte militar, commodidades da vida, gozos do luxo. A estes diversos serviços são adoptadas diversas raças de cavallos.

Todos sabem que ha grandes differenças entre os cavallos; ha cavallos que são esbeltos, elegantes, de pello curto, excedendo em rapidez o cervo, vivos, mui espertos, doces, intelligentes, e cujo valor commercial é ás vezes inapreciavel; outros tem a corpulencia e a grossura do boi, o pello grosseiro, crespo, as andaduras pesadas e lentas, e seu valor, ordinariamente, é inferior ao dos cavallos do primeiro typo. Os cavallos do Oriente, e em particular o cavallo arabe, parecem ser a origem dos primeiros; quanto aos cavallos corpulentos, mostram mais parentesco com a raça flamenga ou buloneza. A diversidade do clima, e as differentes direcções

que o homem tem dado ao regimen alimentar, á educaçãõ e á reproducçãõ do eavallo, produzirão as suas numerosas variedades de fórma, de estatura e de aptidões.

« O cavallo *arabe* é entre todos o mais bello, o mais vigoroso e o mais fiel; caracterizado pela regularidade de suas fórmas, possui a propriedade de melhorar todas as outras raças com que se cruza; por isso a sua raça é tida pela mais pura. O cavallo *inglez* é d'entre todos o mais veloz, alto de pernas, de corpo comprido e pescoço longo; é descendente do cavallo arabe, e por este tem sido regenerado. O cavallo *persa* é semelhante ao arabe, do qual procedeo,

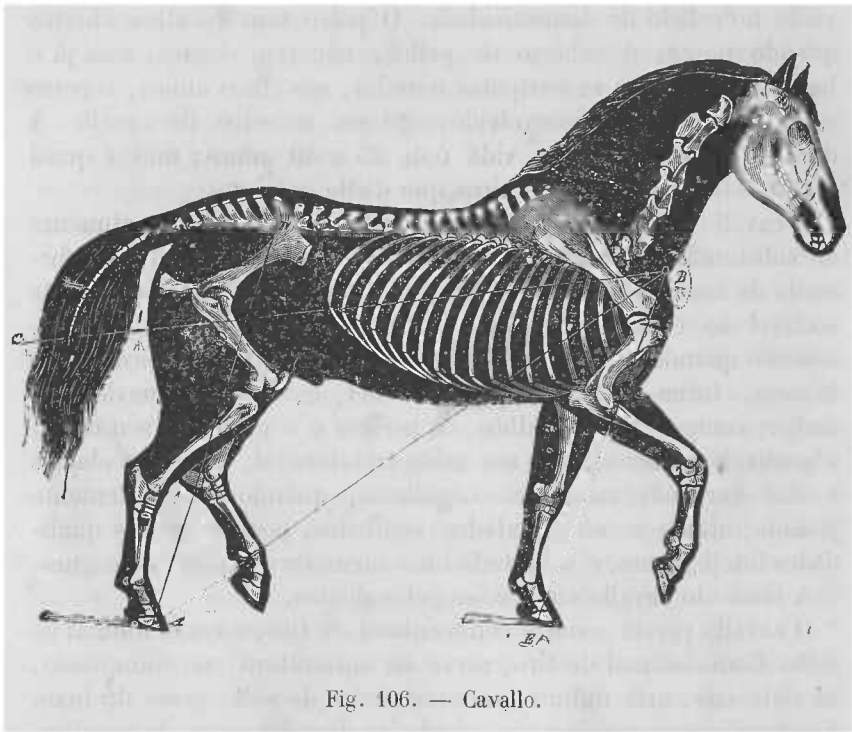


Fig. 106. — Cavallo.

e é corajoso e fino como elle. O *andaluz* procedeo tambem do arabe, tem a cabeça um pouco grande, pescoço largo e arqueado, pello fino e lustroso, cauda longa e espessa; é forte e bastante brioso. O cavallo *normando* é corpulento e reforçado, e de todos o mais proprio para o serviço de tiro. O cavallo *portuguez*, da raça de Alter do Chão, posto que não seja tão corpulento, nem tenha fórmas tão regulares com o andaluz, é todavia mais valente e de melhores easeos do que aquelle. — No Minho, na Beira-baixa e em Traz-os-Montes (Portugal) crião-se tambem bons cavallos para o serviço de sella e de tiro; e a maior parte das seges de Lisboa e

Porto são puxadas pelos cavallos d'estas localidades: todavia não constituem raças particulares, e algumas especialidades, que se encontram por vezes entre os cavallos transmontanos, são devidas ao cavallo andaluz, que, pela maior parte, são mistiços em diversos grãos. Os cavallos de pequena estatura, tanto os ribatejanos, como os das provincias do Norte de Portugal, chamados *gallizianos*, tem fôrmas pouco regulares, mas são muito valentes; empregão-se exclusivamente no serviço de sella e carga. (Macedo Pinto.) »

As figuras 106 e 107 representam as diferentes partes do cavallo.

A fig. 107 representa O, osso occipital; F, osso frontal; N, osso

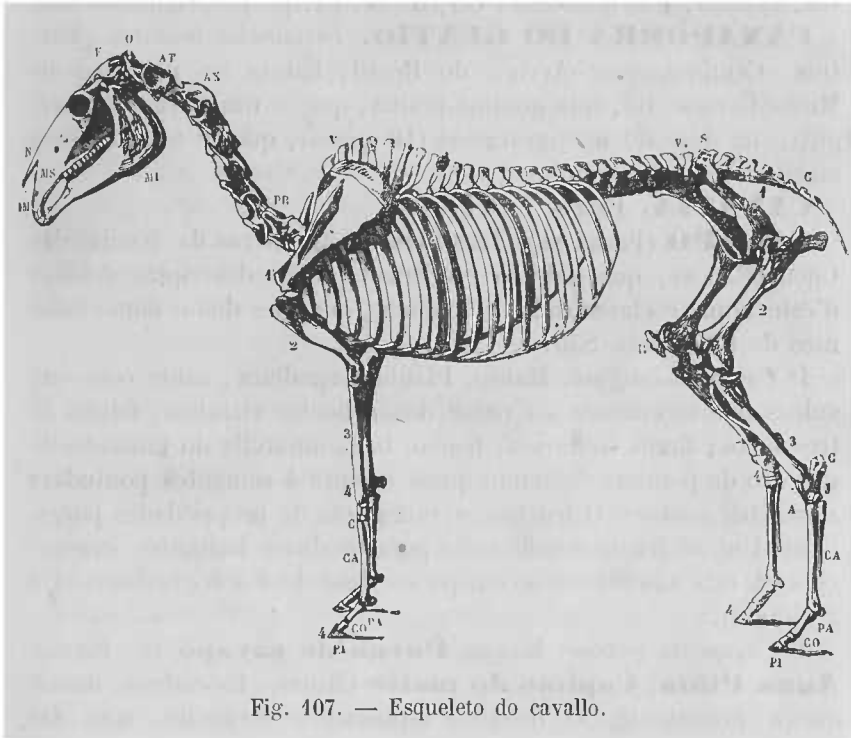


Fig. 107. — Esqueleto do cavallo.

nasal; MS, osso maxillar superior; IM, osso entremaxillar; MI, osso maxillar inferior; AT, vertebra atlas; AX, vertebra axis; PR, ultima vertebra cervical, chamada vertebra proeminente; VV, vertebrae dorsaes e lombares; S, osso sacro; C, coccyx e as vertebrae caudaes.

Membro anterior. 1, omoplata; 2, osso do braço ou humero, applicado contra o thorax e contra o esterno; 3, osso do antebraço ou cubito; 4, pé anterior ou mão que corresponde á mão do homem, e se subdivide em cinco partes; G, joelho, formado de seis ou sete pequenos ossos, chamados ossos carpos; CA, canella,

que corresponde ao metacarpo do homem, e que é formada de um osso principal (osso da canella) e de dois peroneos; PA, quartella, que corresponde á primeira phalange do homem; CO, corôa que corresponde á segunda phalange; e PI, mão ou o pé anterior, composto da terceira phalange, e de um osso sesamoideo.

Membro posterior. 1, osso coxal; 2, osso da côxa ou femur; 3, osso da perna ou tibia, tendo um peroneo na sua face externa, e por cima uma rotula R; 4, o pé posterior, que corresponde ao pé do homem, e se subdivide como o anterior em cinco partes: J, jarrete ou curvilhão; A, astragalo, vulgo *roldana*; C, calcaneo; CA, canella; PA, quartella; CO, corôa; PI, pé propriamente dito.

CAXAPORRA DO GENTIO. *Ferrialia argentea*, Martius. Combretaceas. Arvore do Brasil; habita na provincia de Minas Geraes. Dá uma gomma-resina, que é um purgante energico, na dóse 50 centigrammas (10 grãos), que se tomão n'uma amendoada ou em pilulas.

CAYAPIA. *Veja-se CONTRAHERVA.*

CAYAPÓ (PURGA DE). Trés plantas purgativas da familia das Cucurbitaceas, que habitão no Brasil, forão descriptas debaixo d'este nome e classificadas por Manso, que lhes deo o nome botanico de *Cayaponia*. São:

1ª *Cayaponia diffusa*, Manso, Planta trepadeira; caule com sete sulcos que se enrosca ao redor dos arbustos vizinhos; folhas de tres lobos; flores solitarias; fructo, baga amarella do tamanho de um ovo de pomba, contendo quasi sempre 4 sementes pontudas; raizes horizontaes. O fructo e a raiz gozão de propriedades purgativas. Um só fructo é sufficiente para produzir bastantes evacuações. A raiz administra-se em pó na dóse de 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

2ª *Cayaponia globosa*, Manso. **Purga de cayapó** (S. Paulo). **Anna Pinta, Capitão do matto** (Minas). Estende-se menos que a precedente. O fructo é espherico e vermelho, com dez sementes mais ou menos, que são ovacs, esbranquiçadas, com dois lobulos na base. Usão-se as sementes na dóse de 5 a 10 sementes.

3ª *Cayaponia elliptica*, Manso. Esta especie é muito parecida com a precedente. Os fructos são oblongos, de côr alaranjada, contendo 8 ou 10 sementes quasi obovaeas. *Dóse*: Meio a um fructo.

As raizes e os fructos de todas estas tres plantas são de sabor amargo.

A *Cayaponia cabocla*, Martius, goza das mesmas propriedades purgativas, como as variedades precedentes, É conhecida nas provincias de Minas e Rio de Janeiro pelos nomes de **purga de gentio** ou **de caboclo**.

CEBOLA. *Alium cepa*, Linneo. Planta bulbosa, da familia das Liliaceas, cultivada em todas as hortas, para alimento e tempero. Varia no bolbo radical, ovado ou muito deprimido; nas tunicas externas, brancas ou avermelhadas. As folhas da planta são radicaes, cylindricas, fistulosas, pontudas; a haste é nua, cylindrica, igualmente ouca, bojuda no meio, da altura de 1 metro a 1 metro 30 centimetros e mais; flores avermelhadas ou brancas reunidas em uma grossa cabeça arredondada. É ordinariamente a raiz que se dá o nome de *cebola*: compõe-se de muitas tunicas carnosas, rubras ou brancas, cuja reunião forma um *bolbo* mais ou menos grosso, coberto de uma pellicula branca, violacea ou rubra. A cebola tem ordinariamente a fórma de uma esphera achatada de baixo para cima.

As cebolas cultivadas nos paizes quentes são menos acres do que as dos paizes frios. Ordinariamente comem-se cozidas em agua, ou com carne; fazem-se d'ellas conservas com vinagre, ou comem-se cruas com salada. Algumas pessoas julgão que as cebolas impedem a embriaguez. Todas as partes da planta contém um oleo volatil, de cheiro penetrante, que irrita os olhos e obriga a chorar; mas cessa este effeito depois de cozida a planta; a cebola torna-se mesmo adocicada pela cocção. Crua, é de digestão difficil para os estomagos fracos; occasiona eructações desagradaveis, e dá máo cheiro ao halito; cozida, é um alimento sadio e nutriente, sobretudo nos paizes quentes.

Em medicina, a cebola assada no borrhão constitue uma cataplasma emolliente, que póde ser applicada com vantagem nos licenções e postemas pequenas. A cebola comida crua é um diuretico util ás pessoas que padecem de areias.

CEGA-OLHO. *Asclepias umbellata*. Asdepiaceas. Esta planta é conhecida nas Alagoas por este nome, e por *Saudade* ou *Camarã brava* em Pernambuco. É leitosa em todas as suas partes. Caule de 1 metro pouco mais ou menos; folhas lanecoladas e molles; flores reunidas formando como um chapéo de sol, umas vermelhas, outras amarellas, e sem cheiro; fructo, capsula pyriforme, geminada, contendo muitas sementes envoltas em um feixe de pellos macios e brilhantes como seda, ou coroadas de plumas; d'esta maneira estas sementes voão logo que o fructo se abre. Esta planta é venenosa.

CEGO, CEGUEIRA. A privação da vista ou *cegueira* é *completa* ou *incompleta*: quando é incompleta, póde o infeliz distinguir o dia da noite, e mesmo guiar-se um pouco. A cegueira póde ser *de nascença*, ou *accidental*: quando é de nascença póde depender da oclusão das palpebras, da oclusão da pupilla, da adherencia da

membrana iris com a cornea, de uma cataracta, etc. N'estes diferentes casos não é sempre incuravel. Quando é accidental, pôde provir de ferimentos de ambos os olhos, ou de um se o outro já está perdido; ou ser consequencia de molestias do olho, taes como a gota serena, a cataracta dupla, ophthalmias repetidas, belidas, cicatrizes que resultão de feridas, de hexigas e de outras causas; algumas d'estas causas podem ser cõbatidas com bom exito; porém, as mais das vezes, a cegueira é um accidente incuravel. Nas pessoas idosas a cegueira é ás vezes um effeito da idade : a cornea cobre-se de um circulo opaco, que vai progredindo, o crystallino e o corpo vitreo perdem a transparencia, e a sensibilidade da retina diminue. Segundo as alterações diversas que occasionão a cegueira, o olho pôde ficar são apparentemente, como, por exemplo, na gota serena; ou apresentar lesões mais ou menos apreciaveis, como na cataracta, nas belidas, etc.

Para oppôr um tratamento racional á cegueira, cumpre, primeiro, reconhecer a molestia que a determinou. Umas vezes a sangria, as bichas; outras vezes os vesicatorios na nuca; outras, emfim, um tratamento interno e diversas applicações locaes podem ser indicadas. Uma operação cirurgica torna-se ás vezes necessaria. Emfim, ha cegueiras completamente incuraveis.

A privação da vista, nativa ou accidental, produz mudanças notaveis na existencia physica, moral e intellectual dos cegos. Estes individuos são notaveis pela immobilidade das feições, delicadeza do tacto e do ouvido, gravidade do caracter, tenacidade e força da razão. Muitos tem occupado uma posição elevada nas sciencias, artes e na industria : cita-se entre os antigos Diogenes de Alexandria, sabio universal, que foi o mestre de São Jeronymo; nos tempos modernos, Sauderson, um dos grandes mathematicos da Inglaterra.

Apezar da commiseração da qual os cegos tem sido o objecto em todos os tempos, São Luiz foi o primeiro rei que lhes abriu um asylo em França. Foi em 1260, algum tempo depois da sua volta de Palestina, que elle fundou um hospicio para receber os cegos, e só em 1780, ousou-se pela primeira vez examinar a possibilidade de os fazer gozar do beneficio da educação. Valentino Haüy, teve a feliz ideia de inventar, para lhes ensinar a ler, figuras em relevo; mandou imprimir alphabetos, livros segundo estes modelos, e fundou em Pariz, em 1781, o instituto dos Jovens-cegos. Esta casa é destinada á educação de 80 meninos e de 40 meninas, que são entretidos gratuitamente durante 8 annos á custa do Estado. Para serem admittidos no asylo, os meninos ou meninas devem ter 9 annos pelo menos ou 12 quando muito. Independentemente

dos alumnos gratuitos, admittem-se alumnos que pagão. O preço da pensão é de 1,000 francos por anno. Os cegos aprendem ali, por processos particulares, a leitura, a escripta, a geographia, a historia, as linguas, a mathematica, a musica e diversos officios. Ensina-se-lhes a ler com os dedos nos livros feitos especialmente para elles, e cujos caracteres são salientes; alguns aprendem a escrever. Chegão sobretudo a aprender bem o calculo e a musica. Muitos dos alumnos sahidos d'esta instituição occupão os lugares de organistas nas igrejas.

Numerosos estabelecimentos analogos forão fundados por este modelo nas principaes cidades do mundo, em Berlim, Breslau, Vienna, Zurich, Bruxellas, Londres, Edimburgo, Rio de Janeiro, etc.

O *Imperial Instituto dos meninos cegos do Brasil*, foi creado no Rio de Janeiro em virtude do Decreto da sua Magestade o Senhor Dom Pedro II, de 12 de setembro de 1854. Durante mais de vinte annos achava-se estabelecido no morro da Saude, rua do Lazareto da Gambôa, na chacara chamada dos Coqueiros; actualmente possui um edificio proprio, n'um lugar mais saudavel da cidade do Rio de Janeiro, na Praia vermelha, sobre um terreno o qual lhe foi doado pela Imperial Munificencia. Este Instituto tem por fim ministrar a instrucção primaria em todos os seus ramos, a educação civil, moral e religiosa, o ensino da musica vocal e instrumental, o da arte typographica, o dos artefactos proprios do sexo feminino, e o dos officios mecanicos compativéis com a cegueira. Recebem-se os meninos de ambos os sexos, livres, isentos de idiotismo ou de outros quaesquer defeitos phisicos que os inhabitem para a instrucção, e de molestias contagiosas, tendo de 6 a 14 annos de idade.

Os titulos com que se deve requerer a S. M. I. pelo ministerio do Imperio a admissão de qualquer menino são: certidão de baptismo, o de vaccinação, se o tiverem, ou qualquer outra declaração de que forão ou não vaccinados, e, sendo pobres, justificação de pobreza por attestados do vigario e da autoridade policial do lugar em que forem domiciliados.

Os que não são pobres pagão uma só vez 200\$000 réis como joia da sua matricula, e 400\$000 réis annuaes, pagos em trimestres adiantados.

O Instituto fornece a todos o curativo, a alimentação da melhor qualidade, variada e abundante, sem exceder os limites da frugalidade, todo o material necessario para a instrucção, o uniforme do collegio, e os utensilios de uso geral. Aos pobres fornece além d'isto cama e todos os seus accessorios, utensilios de uso especial, bacias, pentes, escovas, etc., e toda a roupa e calçado.

O Instituto é presidido por um director de nomeação do governo; tem, além d'isto, um capellão, um medico e outros empregados. O curso dos estudos abrange oito annos, comprehendendo o ensino das seguintes materias: leitura, escripta, cathicismo, musica vocal e instrumental, grammatica nacional, francez, arithmetica, algebra até á equação do 2º gráo, geometria, principios de mecanica, physica e chimica, historia e geographia antiga e moderna, historia e geographia nacional, artes e officios mechanicos. Foi adoptado, para o ensino d'estas materias, o methodo de pontos salientes de M. Braille.

O Instituto possui uma bibliotheca com cerca de 1,000 volumes. Tem mais uma typographia, onde são impressos pelos alumnos alguns compendios, e suas proprias composições, pelo mencionado methodo; e uma officina de encadernação.

Os alumnos pobres, destinados a profissões mechanicas, recebem no proprio estabelecimento, em officinas especiaes, o ensino pratico da arte ou officio para o qual mostram mais vocação.

O magisterio é exercido por seis professores de nomeação do governo, os quaes regem mais de uma cadeira, e pelos repetidores que os auxilião, alguns dos quaes são discipulos do Instituto.

D'este estabelecimento sahirão muitos alumnos sabendo tocar varios instrumentos, e que vivem honrosamente dos talentos ali adquiridos, quer como instrumentistas, quer como cantores, quer enfim como afinadores de pianos.

O patrimonio do Instituto provém de doações, legados e beneficos; porém, não é sufficiente para as despezas; o Estado despende annualmente quantias importantes, porque quasi todos os alumnos são pobres; ha poucos contribuintes.

O governo do Brasil occupa-se de dar maior extensão ás officinas do estabelecimento, para offercer meios de subsistencia aos alumnos que acabarão os estudos. O mesmo governo propõe-se tambem crear outros institutos segundo o plano do da capital do Imperio, nas provincias do Maranhão, Pernambuco, Bahia, Minas Geraes, e Rio Grande do Sul.

As principaes obras a consultar são: *Lettres sur les Aveugles*, por Diderot; *Essai sur l'éducation des Aveugles*, por V. Haüy; *Essai sur l'instruction des Aveugles*, pelo Dr. Guillié; *Des Aveugles, leur état physique, moral et intellectuel*, por Dufau, 1837 e 1850, obra premiada pela Academia.

CELIDONIA MAIOR OU HERVA ANDORINHA LEGITIMA. *Chelidonium majus*, Linneo. Papaveraceas. Planta que se encontra frequentemente nos cercos e ao pé das muralhas por toda a Europa; em Portugal habita espontanea em diferentes partes da Beira, e

tambem se cultiva nas hortas. A sua raiz, que é fibrosa, dá nascimento a muitas hastes ramosas, da altura de 35 a 60 centímetros; folhas pinnatisectas, com segmentos arredondados, denteados, lobados; flores amarellas; fructo vagem bivalve; cheiro forte e nauseoso. Toda a planta contém um succo açafroado, amargo, acre e mesmo caustico, que se emprega para destruir as verrugas.

CENOURA. *Daucus*. Fig. 108. Genero de plantas herbaceas da familia das Umbelliferas; caracterizadas pelo fructo oblongo com 5 linhas espinhosas, flores compostas de cinco petalas. Conhecem-se mais de quinze especies; a mais interessante é a *cenoura ordinaria* (*Daucus carotta*). A raiz é fusiforme, de um palmo e mais, branca ou amarellada exteriormente, com sulcos transversaes, annulares; fibrillas capillares, dispersas; parenchyma carnoso, todo amarello ou branco; fornece um alimento agradável e sadio. Cultivão-se muitas variedades da cenoura ordinaria. As principaes são: a *rubra longa*, a *rubra pallida de Flandres*, a *rubra curta*, cujas raizes são tenras e doces; a *amarella longa* que possui qualidades superiores; a *branca de Breteuil* que é mui grossa em fórma de pitorra; a *branca longa*, excellente para a alimentação dos cavallos e engorda do gado; a *branca de collo verde*, etc. A natureza dos terrenos influe muito nas propriedades das cenouras. Os agricultores recommendão, para obter bons productos, uma areia gorda e profunda, ou um terreno franco e brando. Em geral o sabor das cenouras rubras é mais pronunciado do que o das brancas. A variedade mais propria para a mesa é a *rubra curta*, chamada de *Hollanda*.

Quando esta cenoura é ainda nova e não inteiramente crescida, é mui tenra, delicada, possui um sabor doce, e constitue, preparada com leite, uma comida muito agradável. As cenouras são de grande recurso para a alimentação do homem e dos animaes. Em medicina a polpa raspada applica-se ás vezes, sob a fórma de cataplasma, nos tumores cancerosos do seio: obra como emolliente. O succo da cenoura emprega-se para dar á manteiga a côr amarella.

CENTAUREA MENOR OU FEL DA TERRA. *Gentiana centaurium*, Linneo. [Gencianeas. Planta commum em Portugal. Caule de 30 a 35 centímetros; folhas radicaes: cuneiformes oblongas, peciolos curtos; folhas caulinas: oppostas, rentes, lineares; flores vermelhas, dispostas em corymbos; sabor amargo. O caule e as flores são empregadas como tonicos, em infusão, que se prepara

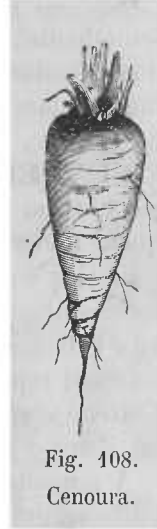


Fig. 108.
Cenoura.

com 4 grammas (1 oitava) da planta e 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo. Emprega-se esta infusão no fastio, e na convalescença das molestias.

CENTAUREA MENOR DO BRASIL. *Callopisma perfoliatum*, Martius. Pequena planta, da familia das Gencianeas, que habita nas partes montanhosas do Brasil central: tem as flores rosadas, reunidas em grande numero, formando paniculas axillares, e terminando por corymbos. Ha tambem outra variedade, *Callopisma amplexifolium*, Martius, cujas flores tem disposição semelhante, mas são em muito menor numero. As flores d'estas duas plantas, de um amargo franco, são usadas, em infusão, na mesma dóse e nos mesmos casos que a centaurea menor, que vem da Europa, e que se acha nas boticas.

CENTEIO. *Secale*. Genero de cereaes, da familia das Gramineas, tribu das Hordeaceas; planta que se distingue do trigo, de que é mui vizinha, por suas folhas planas, por suas espiguinhas solitarias sobre cada dente do eixo, e contendo só duas flores, acompanhadas ás vezes do rudimento de uma tereeira, que é esteril; entretanto que o trigo contém quatro flores; envolvero fino, setaeo; espiga longa, comprimida, guarneida de arestas duras. Cultiva-se em Portugal, quasi em toda a parte, mas principalmente na Beira e Traz-os-Montes.

A semente do centeio occupa, depois do trigo, o primeiro lugar entre os grãos cereaes. Se é inferior ao trigo por conter menor quantidade do principio nutritivo, e por ser a sua farinha menos alva, tem a vantagem de accommodar-se com qualquer terreno; e, com effeito, mesmo os terrenos mais aridos, e os climas os mais rigorosos são ainda proprios á cultura do centeio, quando pelo contrario são refractarios á do trigo. O centeio recebe menos do que o trigo os invernos rigorosos, e não exige tantos grãos de calor para amadurecer. É por estas razões que não estranha nem os climas frios nem as posições montanhosas. As terras leves, magras, calcareas, silicosas e graniticas, nas quaes o trigo não se daria, ou dar-se-hia mal, convem ao centeio, comtanto que não estejam humidas continuamente.

O centeio faz a base da alimentação de grande numero de habitantes das regiões septentrionaes da Europa. A sua farinha, menos rica em gluten do que a do trigo, fornece um pão pesado, e escuro. Misturando a farinha de centeio com a de trigo, obtem-se um pão mais claro, mais substancial e mais saboroso. O pão de centeio conserva-se mais tempo fresco do que o de trigo.

Fazem-se com a farinha de centeio bolos folhados que se conservão todo o anno. O pão de especie é uma mistura de centeio,

cevada e mel de abelhas. Pela fermentação, obtém-se do centeio aguardente, de gosto particular.

A palha do centeio é longa e flexível; serve para fazer as ligas que segurão as parreiras ou as arvores novas; serve também para encher os enxergões da cama, empalhar cadeiras, cobrir as habitações rusticas, etc.

O centeio é sujeito a uma molestia, que consiste em uma excrescencia cornea e recurvada, que se chama *craçagem de centeio*, ou *centeio espigado*. Veja-se o artigo seguinte.

CENTEIO ESPIGADO ou CRAÇAGEM DE CENTEIO. Dá-se este nome ao centeio, cujas sementes estão convertidas em uma excrescencia negra ou violacea no exterior, comprida, arqueada, fragil, dura, com sabor acre ou mordicante, cheiro fraco, mas desagradavel. Fig. 109. Esta producção tem sido considerada como effeito de uma molestia, que modifica a substancia interior da semente do centeio. Ataca não sómente o centeio, mas ainda muitos outros cereaes, taes como o trigo, aveia, e milho, mas encontra-se principalmente no centeio. As farinhas em que entra esta pernicioso substancia produzem accidentes graves, como vertigens, convulsões, entorpecimento dos pés e das mãos, que perdem o sentimento e o movimento, e separão-se do corpo por gangrena secca. Reconhece-se a massa e o pão que contém centeio espigado pelas nodoas roxas que apresentam. Os socorros que devem ser

prestados, quando o centeio produziu os accidentes que deixei indicados, são descriptos no artigo ENVENENAMENTO. O centeio espigado é empregado em medicina, mas em pequena dóse, como 20 grãos,

1 oitava e até 2 (1, 4 até 8 grammas). Serve principalmente para

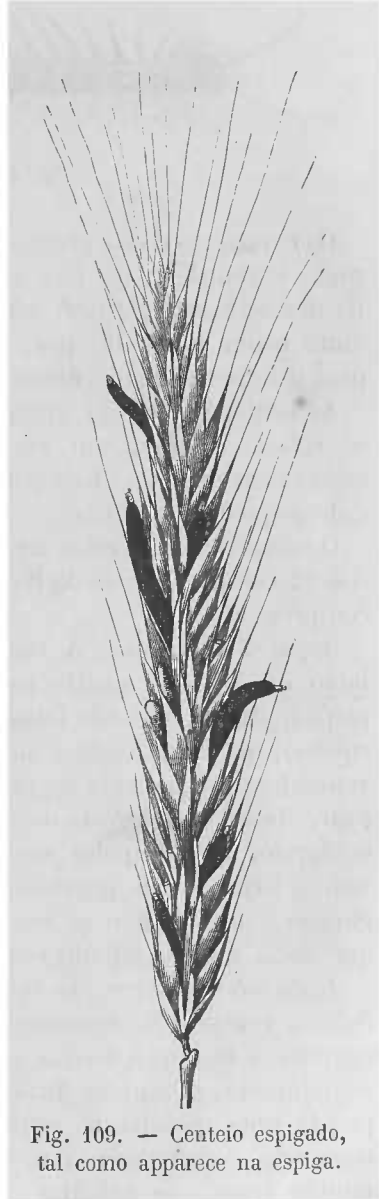


Fig. 109. — Centeio espigado, tal como apparece na espiga.

facilitar o parto, nos casos de inercia do utero, porque goza da propriedade de provocar as contracções uterinas.

CENTOPÊA ou ESCOLOPENDRA. Fig. 110. Insecto venenoso da ordem dos Myriopodos e da familia dos Chilopodos.

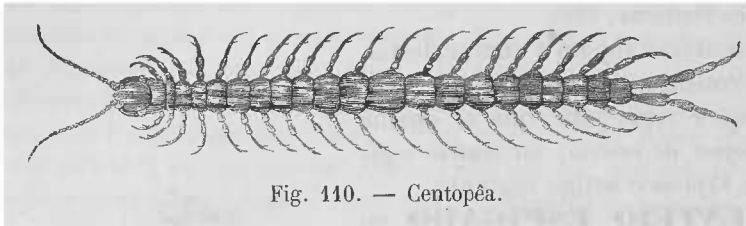


Fig. 110. — Centopêa.

Os caracteres d'este genero consistem em corpo alongado, deprimido e composto de uns vinte aneis; em antenas setaceas, de dezete articulações; em quatro pares de olhos lisos, e em vinte e um pares de pés, de que o ultimo desviado um pouco para a linha mediana, forma uma especie de cauda.

As centopêas correm muito depressa; fogem á luz e escondem-se sob as pedras, sob as velhas traves, debaixo da casca das arvores carunchosas. Estes insectos alimentão-se de bichos de terra e de pequenos insectos.

O comprimento d'estes insectos varia muito; os da Europa tem 5 a 12 centimetros; os do Rio de Janeiro de 5 a 15 centimetros de comprimento.

Apparelho venenoso. A bocca das centopêas compõe-se de um labio dividido em quatro partes, de duas mandibulas, de dois palpos, de um segundo labio formado por um par de patas, (*forcipulos*), que constituem a arma venenosa do insecto. A glandula venenifera está situada no interior d'estes orgãos, na sua base. É oval, oblonga, e provida de um canal excretor estreito e bastante comprido. Os forcipulos são terminados por um gancho movel, muito forte e mui pontudo, de côr roxa, salvo na base; este gancho tem em baixo na sua extremidade uma pequena abertura que deixa sahir o liquido venenoso.

Acção sobre o homem. As centopêas mordem, furão a pelle e inoculão o veneno. No momento da acção, os ganchos levantão-se, agarrão os tecidos á direita e á esquerda, comprimem-n'os horizontalmente, produzem duas picadas lateraes, e deitão em cada picada uma gotinha de veneno. Estas picadas produzem grande comichão, vermelhidão e inchação do lugar picado, tudo seguido muitas vezes, de calefrios, febre e mais outras desordens. São sobretudo as centopêas da Africa e dos outros paizes quentes, que produzem symptomas graves; as da Europa são muito menos peri-

gosas. Por mui graves que sejam os symptomas, não são seguidos de morte. O caso seguinte, referido pelo Dr. Moquin-Tandon, é excepcionnal :

« No anno de 1828, um official francez, em guarnição a Cayenna, sahio de uma sala de baile e foi beber agua n'um moringue. Foi no escuro. Uma centopêa, parada provavelmente no gargalo do moringue, penetrou-lhe na bocca, e fixou-se na garganta. O cirurgião do regimento extrahio o insecto aos pedaços. A dôr foi viva e a inchação enorme. Seguirão-se accidentes nervosos mui graves, e o official morreo ao cabo de pouco tempo.

Tratamento das picadas de centopêa. Lavar as picadas com agua fria, espremendo o sangue, e cauteriza-las com alcali volatil ou com pedra infernal. Sobrevindo a inchação do lugar picado, applicar a cataplasma de linhaça e usar de banhos d'agua tepida.

CEPHALALGIA. Synonymo de dôr de cabeça. *Veja-se* DÔR DE CABEÇA.

CERA. Substancia combustivel, amarella, solida, produzida pelas abelhas, e com que estes insectos formão os alveolos que contém as suas larvas, e suas provisões de mel. A cera tal como se obtem derretendo os favos, depois de tirado o mel, é uma substancia amarellada, opaca, dura a uma temperatura baixa, molle e ductil a 40° ou 45° centigrados, transformando-se a 100° em liquido oleaginoso. Esta apparece no commercio com o nome de cera amarella ou bruta. Exposta ao ar, e humedecida frequentemente com agua, perde a côr amarella e transforma-se em *cera branca*, chamada tambem *cera virgem*. A cera não é soluvel na agua; mas os oleos e os corpos gordos unem-se com ella em qualquer proporção. Empregase em pharmacia para a preparação de muitos emplastos; misturada com azeite doce ou oleo de amendoas doces, forma o *ceroto*, unguento muito empregado no curativo das feridas.

Cera vegetal. Esta cera é produzida por diferentes arvores, que são : CARNAUBA (*Coryphea cerifera*, Martius), arvore do Brasil; *Ceroxylon andicola*, Kunth, grande palmeira que habita nos Andes do Perú; *Myrica cerifera*, arbusto que habita nas provincias do norte dos Estados-Unidos da America; *Ficus cerifera*, Blum, que habita na Sumatra. A cera da carnauba é analoga á das abelhas, differençando-se só por seus caracteres physicos. É branca, um tanto amarellada, dura, secca, quebradiça, de fractura luzente. Podem-se fazer com ella excellentes velas. *Veja-se* CARNAUBA.

CERA DO OUVIDO OU CERUMEN. Humor unctuosos, espesso e analogo á cera, que se ajunta dentro do meato auditivo externo. O cerumen humedece o conducto auditivo, entretem a flexibilidade da membrana que o alcatifa, oppõe-se á introducção dos corpos-

culos que voão no ar, e afasta, por seu amargor, os insectos que poderiam introduzir-se no ouvido. Mas a sua accumulacão determina frequentemente uma surdez, que cede á extracção d'esta materia por meio de um esgaravador; é preciso ter o cuidado de amollece-la primeiro, introduzindo dentro do ouvido, antes da operacão, algumas gottas de azeite doce.

CEREBRITE. Inflammacão do cerebro. *Veja-se* ENCEPHALITE.

CEREBRO. Miolos do homem e dos animaes. As vezes dá-se este nome ao *encephalo*, que é toda a massa contida no interior do craneo; outras vezes chama-se mais particularmente *cerebro* uma porção consideravel d'esta massa que occupa a parte superior e anterior da cavidade do cranco, e chama-se *cerebello* a parte inferior e trazeira. É ao cerebro que são attribuidas as percepções, a intelligencia, as inclinações e as determinações da vontade. O cerebro continua-se no interior da columna vertebral com a *medulla*; do cerebro assim como da medulla partem os *nervos*, cordões brancos que são conductores da sensaçã e do movimento.

Como os outros orgãos, o cerebro inflamma-se, modifica-se, endurece ou amollece, e essas alterações perturbã as faculdades da intelligencia, que se alterão mesmo sem que nenhuma lesão material o indique. A loucura, o hysticismo, a gota coral, a hypochondria, são molestias do *encephalo*; porém não se encontrão ordinariamente lesões anatomicas sobre as pessoas que d'ellas succumbem.

Nas molestias do cerebro, as paralyrias e as convulsões ou contracturas existem sempre no lado opposto ao do hemispherico cerebral affectado.

Cerebro (Abcesso do). *Veja-se* Vol. I, pag. 5.

Cerebro (Amollecimento do). *Veja-se* Vol. I, pag. 157.

Cerebro (Cancro do). *Veja-se* Vol. I, pag. 455.

Cerebro (Commoção do). *Veja-se* COMMOÇÃO CEREBRAL.

Cerebro (Congestão do). *Veja-se* CONGESTÃO CEREBRAL.

Cerebro (Contusão do). *Veja-se* CONTUSÃO DA CABEÇA.

Cerebro (Feridas do). *Veja-se* FERIDAS DO CEREBRO.

Cerebro (Hemorrhagia do). A hemorrhagia do cerebro, caracterizada pela effusão do sangue no meio da substancia cerebral rasgada, é o resultado de uma ruptura vascular. É uma fórma da apoplexia cerebral. *Veja-se* APOPLEXIA CEREBRAL.

Cerebro (Inflammacão do). *Veja-se* ENCEPHALITE.

CEREFOLIO. *Scandix cerefolium*, L. Planta cheirosa da familia das Umbelliferas, cultivada nas hortas, e empregada como tempero nas saladas, mólhos, etc. Tem o caule de 50 a 60 centimetros de alto; folhas molles, duas ou tres vezes alãdas, foliolos

um tanto largos e recortados; flores brancas, pequenas, dispostas em umbellas lateraes; cheiro agradável, debil, não se esfregando a planta, sabor balsamico sem amargor. O succo do cerefolio é refrigerante e diuretico.

Uma planta venenosa, a *Cicuta pequena* (veja-se esta palavra), acha-se ás vezes misturada com o cerefolio, com o qual se assemelha bastante pela sua fórma e dimensões; sómente as divisões de suas folhas são um pouco mais pontudas que as do cerefolio; a cicuta é tambem de côr verde mais escura, e seu cheiro é desagradavel. Convem recommendar nas cozinhas que, preparando o cerefolio, se rejeitem todas as folhas de côr verde mais escura do que as outras; estas folhas pertencem provavelmente á cicuta pequena. A cicuta, quando começa a crescer, parece-se ainda mais com a salsa hortense.

CEREJA. Fructo da cerejeira, *Prunus cerasus*, Linneo, arvore da familia das Rosaceas-amygdaleas, cultivada em Portugal e em todos os climas temperados; no Brasil acha-se nas provincias do sul; existem d'ella muitas variedades. Fig. 111. As cerejas são arredondadas, de côr vermelha viva, ás vezes purpurea carregada, rosea ou branca-amarellada, segundo as variedades. São mui succulentas, mais ou menos acidas e assucaradas, mui saudaveis e refrigerantes. Fazem-se com ellas xarope, doces, ou conservão-se em aguardente. Os pedunculos das cerejas são diureticos, e usão-se em infusão, que se prepara com 8 grammas (2 oitavas), e 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.



Fig. 111. — Cereja.

CEREJEIRA ou **GINGEIRA BRAVA** (do Brasil). *Prunus brasiliensis* Cham. Amygdaleas. Arvore que habita nas provincias de S. Paulo, Minas e Matto-Grosso. Folhas alternas, ovaes, lanceoladas; flores com pedunculos axillares; fructos quasi esphericos. A casca e as folhas, esfregadas entre os dedos, exhalão um cheiro de amendoas amargas, e todas as partes da planta contém acido prussico. O Sr. Theodoro Peckolt; distincto pharmaceutico do Rio de Janeiro, obteve da casca, das folhas e sementes uma agua distillada que julga possuir as mesmas virtudes que a agua de louro-cereja.

Ha mais outra especie *Prunus sphærocarpa*, Sw.

CEREJEIRA DE PURGA. *Melothria pendula*, L. Planta trepadeira do Brasil, da familia das Cucurbitaceas; habita espe-

N'uma mulher que morre do setimo ao nono mez de gravidez, é preciso, no instante da sua morte, logo que cessarão as pancadas do pulso, recorrer á operação cesareana, para extrahir o feto, que n'esta época é viavel.

Eis-aqui como se pratica a operação cesareana na mulher viva.

Deitada a mulher sobre a margem da cama, faz-se-lhe sobre o ventre uma incisão de baixo para cima sobre a linha mediana de 15 centimetros de comprimento, começando 3 centimetros acima do pubis; chega-se depois com precaução cortando camadas por camadas os diversos tecidos até ao utero, que se abre praticando uma ferida parallelá á do ventre; depois o operador faz uma abertura na bolsa das aguas, e divide-a com bisturí terminado em botão, servindo o dedo indice de conductor ao bisturí. Extrahe-se o feto pela parte que se apresenta; liga-se o cordão; extrahem-se depois as pareas; lava-se a cavidade uterina, enxuga-se o sangue com esponja, reune-se a parte superior da ferida do ventre com tres pontos de sutura, e deixa-se uma abertura em baixo para dar sahida aos liquidos que podem achar-se no utero. Não é necessario fazer suturas no utero, nem ligaduras, salvo se alguma grossa arteria fôr aberta. As contracções uterinas mantêm em contacto as margens da ferida, e impedem a hemorrhagia.

Depois da operação, fazem-se no utero pela vagina injecções d'agua tepida; e comprime-se o ventre com toalha applicada á roda do corpo.

Na mulher morta a operação pratica-se pela mesma fórma, e com as mesmas precauções; só os cuidados subseqüentes não são necessarios para a mulher.

CETACEOS. Ordem de Mammiferos marinhos, contendo todos os animaes que, com uma organização analogá á dos Mammiferos, tem a fórma exterior e os costumes dos peixes; tem pulmões, o sangue quente, cauda cartilaginosa horizontal, peitos com que amamentão os filhos, e não podem ficar debaixo d'agua mais de 12 a 25 minutos, porque são obrigados a respirar o ar atmsphe-rico. Os cetaceos chegão, em geral, a um grande talhe. A esta classe de animaes pertencem as baleias, os cachalotes, os delphins ou golfinhos, as marsopas ou toninhas. A sua pelle é nua e forrada interiormente de uma espessa camada de gordura. Emfim, muitos tem na parte superior da cabeça orificios ou respiradouros, por onde despedem a agua que sorvem.

CEVADA. Sementes de uma planta cereal *Hordeum vulgare*, Linneo, cultivada nos climas temperados, e da qual existem muitas variedades. Fig. 112. Estas sementes são ovaes, oblongas, de côr amarellada no exterior, branca interiormente, de sabor adocicado.

Acha-se tambem no commercio a cevada ligeiramente despida do seu envoltorio ou pravana (*cevada mondada*): é mais ou menos inteira, amarellada no exterior; ou então a cevada separada totalmente do seu envoltorio: esta é branca, redonda e chama-se *cevadinha* ou *cevada perlada*. Estas sementes gozão de propriedades nutrientes e emollientes. A sua decocção é frequentemente empregada nas molestias inflammatorias, e principalmente nas do estomago e dos intestinos. Eis-aqui como se prepara este cozimento. Lavem-se 20 grammas (5 oitavas, uma colher de sopa pouco mais ou menos) de cevadinha em agua fria; fervão-se depois em sufficiente quantidade d'agua até rebentar o grão, e estar o liquido reduzido a 1 litro (32 onças); cõe-se por um panno de lã ralo, e adoce-se com assucar. A cevada serve para a preparação da cerveja.

CEVADILHA. *Helonias officinalis*, Don. Colchicaceas. Planta do Mexico. O seu nome lhe foi dado por causa das folhas semelhantes ás de uma Graminea, e de seus fructos que são quasi dispostos em espiga, o que lhe dá, ao total, certa semelhança com a cevada. O fructo da cevadilha é formado de uma capsula com tres loculamentos abertos em cima; delgada, leve, de côr cinzenta-avermelhada; cada loculamento contém sementes pretas, alongadas, pontudas e curvas. Estas sementes são mui acres, amargas, fortemente esternutatorias, excitão a salivacção, são mui purgativas, e mui irritantes interiormente; pelo que a cevadilha não é empregada senão no exterior para destruir os piclhos, e nos laboratorios de chimica para a extracção da veratrina, que a torna mui venenosa. Os pós dos *Capuchos* ou *de asseio*, que se achão no commercio, para destruir os piolhos, são compostos de sementes de cevadilha.

CHÁ. Designão-se debaixo d'este nome as folhas de uma pequena arvore, chamada por Linneo *thea viridis*, da familia das Cameliaceas, originaria da China e do Japão, mas que se cultiva tambem no Brasil, principalmente na provincia de S. Paulo, e que se toma em infusão. Dá-se tambem o

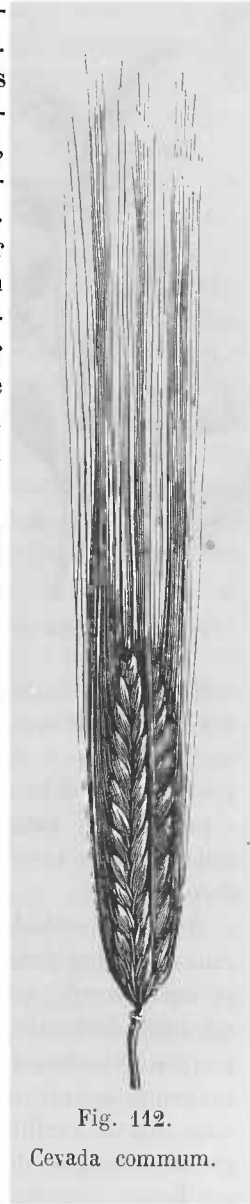


Fig. 112.

Cevada communis.

nome de *chá* á infusão de qualquer planta que se emprega como bebida ordinaria dos doentes; tratarei d'estas no artigo *Infusão*; agora só me occuparei da planta chá, ou chá da India. Fig. 113.



Fig. 113. — Chá da India.

O *arbusto do chá* tem 2 a 3 metros de altura, é sempre verde; tem folhas alternas, brevemente pecioladas, ovaes alongadas, pontudas, finamente serradas. Quando estas folhas chegam ao seu perfeito desenvolvimento, observão-se n'ellas especies de cellulas cylindroides, irregulares, que atravessão o parenchyma. Existem tambem n'ellas glandulas especiaes, numerosas, disseminadas, que encerrão a preciosa essencia, causa primitiva do aroma do chá. As flores são brancas, agglomeradas em numero de 3 ou 4, na axilla das folhas superiores. — Cultiva-se o *chá* á margem dos campos, ou em fórma de xadrez na ladeira dos outeiros. Não se começam a colher as folhas senão passados 3 ou 4 annos de *plantação*, e cessa-se depois de 8 ou 10 annos. A

colheita tem lugar muitas vezes por anno. Os primeiros grelos dos arbustos offerecem orgãos foliaceos cobertos de lanugem esbranquiçada; dão o *chá* superior, dotado do aroma mais suave e do gosto o mais delicado. A segunda colheita apresenta folhas maiores, e produz *chá* mais abundante. Emfim, as terceiras e as quartas folhas, ainda mais desenvolvidas, tem cheiro e sabor menos agradaveis.

As *folhas* colhidas mettem-se em cestos, e levão-se para as officinas, estabelecidas debaixo de telheiros, para seccarem. Julgava-se antigamente que os Chins as mergulhavão, por meio minuto, na agua fervendo. Mas parece que não é assim. Mettem-se em pequenos tachos de ferro batido sobre uma fornalha horizontal, mexendo-se continuamente, quer á mão, quer com uma pequena vassoura de varinhas de bambú. Em certos lugares, deitão-se sobre grandes chapas de ferro ou de cobre, collocadas tambem sobre um forno. Passados cinco minutos, estas folhas encrespão-se. Tirão-se então e estendem-se sobre mesas feitas de varinhas separadas de bambú, ou sobre grandes esteiras estendidas sobre mesas. Outros obreiros comprimem-n'as, amassão-n'as, enrolão-n'as com a palma da mão; ao cabo de cinco minutos, o volume d'estas folhas está redu-

zido de dois terços ou de tres quartos. Expõem-se ao ar, e, em certas localidades, os Chins, resfrião-n'as por meio de grandes leques. Repete-se a torrefacção duas outras vezes; diminue-se, mas progressivamente, o calor dos tachos e das chapas, á medida que se enrolão as folhas. A torrefacção tira á folha o gosto acre e o cheiro viroso. Depois de bem enrolado e bem secco, passa-se o chá por um erivo, depois fecha-se em caixas ou eaixinhas, que se conservão ao abrigo do ar e da luz.

O chá distingue-se em duas grandes classes: o *chá verde*, que é mais amargo, mais adstringente e mais activo; e o *chá preto*, que é mais brando e menos adstringente. Obtem-se o *chá verde* por uma deseccação rapida; e o *chá preto* por uma deseccação lenta, que modifica-lhes a côr, e enfraquece as suas propriedades. Os Chins estabelecem um numero muito maior de distincções, e admittem até 150 sortes. As diversas especies de chá dependem não sómente das variedades botanicas que provém do terreno, da cultura e do modo de as preparar, mas tambem dos vegetaes com que são aromatizadas. Entre estas plantas aromaticas, nota-se uma especie de oliveira (*olea fragrans*, Thunb.), chamada *Lanhua* pelos Chins, cujas flores se achão frequentemente misturadas com o chá que vêm da China. Uma qualidade de *Camellia* (*C. Sesanqua*, Thunb.) é muitas vezes empregada para o mesmo fim. Finalmente, segundo lord Macarthey, servem-se tambem os Chins, para dar ao chá um cheiro diverso, das flores do *Nyctanthes* ou *Mogorrium sambac*, ou das do *Vitex pinnata*, do *Chloranthus inconspicuus*, das raizes de lirio e de curcuma.

Ha muito tempo que os Chins e os Japonezes fazem um uso habitual do chá, de cujas virtudes contão cousas maravilhosas. Os Hollandezes forão os primeiros que trouxerão estas folhas para a Europa. Discutio-se longo tempo pró e contra as virtudes do chá; mas afinal esta substancia entrou tanto na moda, que hoje constitue um dos objectos mais importantes de consumo.

De todas as culturas que podem enriquecer a agronomia brasileira, a do chá parece a mais importante. O terreno do Brasil é-lhe muito favoravel. O governo portuguez tinha mandado vir para o Brasil, com grande custo, uma colonia de Chins cultivadores de chá, com sementes d'este vegetal interessante, e fizeram-se varios ensaios, tanto na Fazenda de Santa-Cruz como no Jardim Botanico do Rio de Janeiro. As plantações do Jardim Botanico tomárão alguma extensão, e no anno de 1828 os seus productos forão expostos á venda, em concurso com os fornecidos pelo commercio asiatico; porém uma circumstancia estranha á cultura e preparacção communicou ao chá um cheiro de verniz que o desacreditou.

Felizmente desapareceu este defeito: a cultura do chá continuou; e as provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas produzem já grande quantidade d'esta planta. O chá do Paquequer goza de nomeada pelas suas qualidades e bom fabrico. A producção do chá, preparado nas provincias do Brasil, ainda não tem sahida para os mercados estrangeiros, e limita-se ao consumo interior. Esta planta produz-se com abundancia. Os valores consideraveis, que se podem reunir debaixo do pèqueno volume, que offerece este producto quando preparado para ser levado ao mercado, supportão os fretes e offerecem muitas vantagens.

O chá exhala immediatamente, depois de secco, um cheiro herbaceo que não é agradável. No fim de certo tempo adquire um aroma particular que se desenvolve progressivamente, e não deve o chá ser empregado senão depois de um anno ou mais. O Sr. José Arouche de Toledo Rendon, autor de uma Memoria sobre a cultura do chá, só reputa perfeito o chá no fim de tres annos. No Brasil não se aromatiza o chá, porque se ignorão os processos empregados pelos Chins. Pretende-se que o cheiro do bom chá lhe é natural, e condemnão-se os meios artificiaes que, segundo dizem, são empregados para aromatizar as diversas sortes que vem da China. Entretanto, nos jardins do Brasil acha-se a *Olea fragrans* e a *Camellia Sasanqua*, que, desde muito tempo, tem sido consideradas como as plantas empregadas pelos Chins para darem um cheiro agradável ao seu chá. As flores da *Olea fragrans* exhalão um cheiro delicioso, e um naturalista francez, Guillemin, que veio em 1839 estudar no Brasil as plantações do chá, não duvida que estas flores tenham grande parte na aromatização do chá chinez, sem contudo negar, que a qualidade do chá póde depender não sómente do arbusto que o dá, mas ainda dos cuidados com que se preparão as folhas.

Propriedades e usos. A infusão do chá da India, tão geralmente usada, é uma bebida um tanto excitante. Facilita a digestão, provoca a transpiração cutanea e augmenta a secreção urinaria; póde, por consequente, ser util ás pessoas que soffrem de areias. Aos individuos que não fazem uso quotidiano do chá, causa ás vezes insomnia. As pessoas gordas, de constituição molle, que morão em lugares baixos e humidos, é o uso do chá mui conveniente; pelo contrario, ás pessoas magras e irritaveis, que habitão os climas seccos e quentes, o abuso d'esta bebida póde-lhes augmentar a susceptibilidade nervosa. Emprega-se frequentemente o chá para remediar os incommodos provenientes de digestões laboriosas e das indigestões.

Modo de preparar a infusão de chá. O chá toma-se preparado por

meio de infusão. Misturão-se frequentemente o *chá verde* e o *chá preto*, afim de evitar a excitação demasiada produzida por aquelle, e para obter um aroma mixto, geralmente mais agradável. Para obter um bom resultado na infusão do chá, convem tomar certas precauções. Em primeiro lugar, deve-se fazer uso de um bule unicamente destinado para este fim. Quanto á quantidade de chá que se deve deitar no bule, é geralmente de uma pequena colher, das *de chá*, para cada chicara que se quer preparar. Antes de deitar o chá no bule, é preciso ter o cuidado de aquecer bem o bule com agua fervendo por alguns instantes; o que tambem se deve praticar com as chicaras em que se deita a infusão. Depois de esgotado o bule, deita-se n'elle a quantidade conveniente de chá, na proporção já indicada de uma colher *de chá* para cada chicara. Estando a agua no seu maximum de ebulição, deita-se certa quantidade d'ella sobre o chá para desenrolar a folha; deixa-se de infusão por alguns minutos, ajunta-se depois outra quantidade d'agua, sempre fervendo, e póde então deitar-se o liquido nas chicaras. O leite, que se lhe ajunta ás vezes, enfraquece o seu sabor e diminue a sua actividade.

Como o chá se apodera facilmente dos mais leves cheiros, não se deve guardar na vizinhança de outras substancias mais ou menos odoríferas.

Deve conservar-se ao abrigo do ar e da luz, em vasilhas opacas, taes como as de madeira ou de louça, ou, melhor ainda, n'uma caixinha forrada de chumbo.

CHÁ DE PEDESTRE, OU CHÁ DE FRADE. *Lantana pseudo-thea*, St-Hilaire. Verbenaceas. Arbusto do Brasil, habita especialmente em Minas. Tem cerca de 5 pés de elevação, é mui viscoso, coberto em todas as suas partes de pellos mais ou menos espessos; folhas oppostas, em cruz, sesseis, de 1 a 2 pollegadas de comprimento, de 6 a 10 linhas de largura, oblongas, cuneiformes na base, estreitadas na ponta, crenuladas, espessas; pedunculos situados na axilla das folhas superiores, tendo no seu apice flores cuja reunião forma uma pequena cabeça. As folhas exhalão um cheiro aromatico; seccas e tomadas em infusão, dão uma bebida extremamente agradável, usada para favorecer a transpiração, na constipação, defluxo, bronchite, etc.

CHÁ DE S. GERMANO. CHÁ DE SAUDE, PÓ DE LONGA VIDA, ou ESPECIES PURGATIVAS. Com estes diversos nomes designa-se a mistura das substancias seguintes:

Foliolos de sene.	120 grammas (4 onças)
Flores de sabugueiro.	50 grammas (1 1/2 onça)
Fructos de herva doce.	50 grammas (1 1/2 onça)

Fructos de funcho. 30 grammas (4 onça)
 Cremor de tartaro. 30 grammas (4 onça).

Misture e divida em papeis de 5 grammas (4 1/4 oitava). Um papel d'esta mistura, posto de infusão n'uma chicara d'agua a ferver, e adoçado com assucar, constitue um chá purgativo de gosto agradável, e hoje bastante empregado.

CHAGA. *Veja-se* FERIDA.

CHAGAS, CHAGUEIRA. *Tropæolum*. Genero de plantas da familia das Tropeolas, contendo quasi 30 especies, oriundas do Mexico e do Perú, cultivadas no Brasil. Nota-se, sobretudo, a CHAGUEIRA GRANDE OU MASTRUÇO DO PERÚ (*Tropæolum majus*, Linneo, *capucine* em francez), planta cultivada no Brasil e em Portugal. O seu caule trepa até á altura de 2 metros ao longo de alguma arvore ou de um muro; folhas alternas, longamente pecioladas, arredondadas e inteiras; flores grandes, elegantes, de côr amarella-vermelha, e de outras côres (*flor de pavão* ou *do paraíso*). Ha uma variedade mui delicada que tem as flores azues e brancas. Estas flores tem o gosto picante; servem para ornar e temperar as saladas. Com os botões das flores não desenvolvidas fazem-se conservas em vinagre, que podem substituir as alcaparras, e comem-se com a carne cozida. Todas as partes da planta são mui antiscorbuticas. As flores de côr mui carregada contém certa quantidade de phosphoro, e é á presença d'este principio que é devida a propriedade que possui esta planta de dar faiscas durante a noite, phenomeno que foi observado pela primeira vez por Christina Linneo, filha do celebre botanico.

CHALAZION. Pequeno tumor da palpebra, que resulta da hypertrophia de uma glandula da conjunctiva. É duro, globoso, unico; faz proeminencia debaixo da conjunctiva e debaixo da pelle da palpebra. Seu tamanho não passa do de uma ervilha, e causa pouco incommodo; pôde resolver-se em parte, ou ficar no estado de uma pequena induração insensivel.

Tratamento. Combate-se primciro a inflammação com lavatorios de cozimento de sementes de linho, e cataplasmas de fecula. Toque-se depois o pequeno tumor com pedra infernal, repetidas vezes. Se depois de seis mezes não diminue, pôde tirar-se com tesoura curva ou bisturí.

CHALLES. Aguas sulfurosas e ioduradas frias.

Itinerario de Pariz a Challes. Estrada de ferro de Pariz a Chambery: 13 horas 20 minutos. Carro de Chambery a Challes: meia hora. Despeza: 68 francos.

Challes está situado em França a 4 kilometros de Chambery. A sua fonte fornece em abundancia uma agua fresca, limpida, trans-

parente, que atravessão por intervallos pequenas bolhas do gaz azoto. O seu sabor apresenta um leve amargor ao qual os doentes se acostumão facilmente. Quanto ao cheiro, é quasi nullo na fonte; e não é senão pela formação, ao contacto do ar, de um pouco de gaz sulfhydrico que se póde suspeitar a presença do enxofre. Segundo o chimico Calloud, 1 litro d'esta agua contém, além dos carbonatos e silicatos alcalinos:

	Grammas.
Sulfureto de sodio..... ..	0,5500
Bromureto de sodio	0.0100
Iodureto de potassio.... ..	0,0099

Bebida pela manhã na dóse de um a dois copos, esta agua é geralmente bem supportada pelo estomago. A sua acção é diuretica e eminentemente depurativa; cujo effeito salutar se torna evidente nas molestias da pelle. Compressas embebidas d'esta agua, e applicadas nas superficies affectadas, determinão a modificação da cutis e favorecem a cura. Esta agua convem igualmente nas molestias syphiliticas inveteradas e nas escrophulas. Conserva-se perfeitamente e póde transportar-se longe.

Existe perto da fonte um estabelecimento que permite empregar esta agua interna e externamente. As perfeitas condições de salubridade do sitio, as sombras das arvores que o cercão, e a posição pittoresca sobre uma altura d'onde se póde gozar de uma vista magnifica, fazem de Challes uma morada privilegiada. A estação dura do 1º de maio até 31 de outubro.

CHALOTA. CHALOTAS DA COZINHA. *Allium ascalonicum*, Linneo. Liliaceas. Planta originaria de Palestina, cultivada nas hortas. Hastea nua, da altura de 14 a 20 centímetros, folhas radicaes, assoveladas, fistulosas; flores purpurinas, em umbella globosa. Cheiro o da cebola mas mais agradável, sabor o da cebola, porém mais brando, levemente acre. Usa-se como tempêro nas saladas e iguarias: Estimulante, diuretico.

CHAMEDRIOS, *Veja-se* CARVALHINHA.

CHAPAS MEDICINAES. Pondo em contacto uma chapa de cõbre com uma chapa de zinco ou de ferro, desenvolve-se um fluido particular, semelhante ao fluido electrico, e chamado *fluido galvanico*. Este fluido é invisivel, impalpavel, porém manifesta a sua presença por estremecimentos mais ou menos fortes, que communica á mão ou a alguma outra parte do corpo que se ache em contacto com as chapas. Foi um medico de Bolonha (na Italia), chamado Galvani, o primeiro que em 1789 observou estes phenomenos maravilhosos. Preparava rãs para experiencias scientificas, e depois de esfolar e cortar algumas pelo meio do corpo, passou-

lhes atravez da columna vertebral um pequeno gancho de cobre, e suspendendo-as depois n'uma sacada de ferro, vio com admiração que estas rãs mortas e mutiladas experimentavão ao mesmo tempo vivas convulsões. O Dr. Galvani achou n'este phenomeno um elemento novo que tem hoje varias applicações na physica e em medicina. A força do choque que produz o fluido galvanico depende do tamanho das chapas metallicas postas em contacto, e do numero d'estas chapas. O physico Volta inventou um apparelho, que tem o nome de *pilha voltaica*, e que se compõe de discos de cobre e de zinco sobrepostos uns aos outros, e por meio dos quaes se pôde augmentar consideravelmente a accumulção d'esta electricidade. Este augmento é capaz de chegar ao ponto de poder-se matar um animal que seja posto em contacto com o apparelho.

O galvanismo é empregado pelos medicos nas enxaquecas e outras molestias nervosas, nas dôres rheumaticas, asthma, gastrite chronica e paralysisia. N'esta ultima molestia, muitos factos provão a virtude da corrente galvanica, que excita o principio vital amortecido.

A composição das *chapas medicinaes*, que desde muitos annos são annunciadas nos jornaes do Rio de Janeiro, é fundada na propriedade de que acabei de fallar, que tem dois metaes postos em contacto de desenvolver o fluido galvanico. Estas chapas não são outra cousa mais do que uma lamina de zinco, unida a uma lamina de cobre. Não ha duvida nenhuma que ellas podem ter alguma vantagem nas dôres nervosas, rheumaticas, enxaquecas; mas é exagerar muito as suas virtudes o pretender que possão curar as inflammações do figado, do baço, os tumores e outras molestias organicas. Eu as vi applicadas sem effeito algum contra as inchações provenientes de ataques repetidos de erysipela. Estas chapas, applicadas no braço ou n'alguma outra parte do corpo, produzem sensação como a de formigamento, devida á circulação do fluido galvanico. Esta sensação é mais ou menos forte, conforme o tamanho da chapa.

CHATELDON. Aguas alcalinas gazosas frias. A pequena cidade de Chateldon está situada em França, a 17 kilometros de Vichy, no fundo de um risonho valle. A sua agua é eminentemente digestiva. Misturada com vinho, communica-lhe um sabor agradável. Aproxima-se muito da agua de Seltz natural. Não existe ali estabelecimento thermal; a agua de Chateldon não serve senão para a exportação.

CHEIROS. *Effeitos dos cheiros sobre a nossa economia.* As sensações produzidas pelos cheiros são tão variadas como os mesmos cheiros; umas são agradaveis, outras pelo contrario insupportaveis.

Comtudo, ha a este respeito grandes differenças entre os individuos; uns gostão muito de aspirar um cheiro, que, pelo contrario, produz impressão desagradavel em outros. Certos perfumes occasionão em nós sensações vagas de felicidade e de delicias, analogas ás que produz uma musica harmoniosa.

Ha, pelo contrario, cheiros que impressionão de uma maneira tão desagradavel, que podem occasionar nauseas, vomitos, e desmaios. Estes effeitos observão-se, sobretudo, nas mulheres e nas pessoas mui nervosas. N'este caso estão os cheiros de almiscar, de ambar ciuzento, e da essencia de rosas, quando são mui concentrados.

Ha cheiros que produzem na nossa economia effeitos deleterios. Assim, o do acido prussico póde produzir a morte instantanea. São nocivos tambem os cheiros do acido nitroso, sulfhydrico, sulfuroso, e do arsenico submettido á acção do fogo. Outro tanto direi dos cheiros de tintas novas em que entrão os oxydos de chumbo, o sulfureto de mercurio e o sulfureto de arsenico. As tintas de chumbo produzem a molestia chamada *colica saturnina*, que consiste em prisão de ventre e dôres atrozes nos intestinos. *Veja-se COLICA DE CHUMBO.*

Os cheiros aromaticos e penetrantes, quando se faz abuso d'elles, excitão vivamente os sentidos e acabão por embotar o olfato. Os cheiros suaves de certas flores, taes como a açucena, o jasmim, a tuberosa, a flor de laranjeira, da rosa mesma, exhalados n'uma atmospheria fechada, determinão em muitas pessoas anxiedade, enjôos, dôres nevralgicas na cabeça; a reunião de grande numero de flores cheirosas n'um quarto de dormir póde até occasionar a asphyxia. (*Veja-se FLOR.*) Os cheiros fetidos causão vontade de lançar; os cheiros virosos, como os do meimendo, da trombeta, produzem ás vezes somnolencia. Os cheiros fortes devem ser, em geral, afastados dos aposentos.

Os cheiros *putridos*, isto é, os que resultão da decomposição de substancias organicas, são tambem nocivos á saude. Os pantanos, as aguas estagnadas, as cloacas e outros lugares infectos offerecem exemplos d'isto. Muitas pessoas, para se preservarem dos effeitos nocivos d'estes cheiros, queimão alfazema, alcatrão, assucar e outras substancias aromaticas; mas isto apenas serve para encobrir os máos cheiros: o melhor meio para destrui-los consiste em espalhar agua de Labarraque, dissolução de chlorureto de cal, agua phenica, ou a dissolução de sulfato de ferro. *Veja-se MIASMAS.*

CHEMOSIS. Inchação consideravel do tecido cellular subjacente á membrana conjunctiva que reveste a alva do olho. Esta

inchação é ás vezes tão consideravel que a cornea transparente parece estar no fundo de um buraco. O chemosis apparece de ordinario durante a inflammação do olho, ou em consequencia da contusão d'este orgão ou da palpebra correspondente. Produz, em geral, pouca perturbação na vista : os doentes distinguem os objectos como se soffressem de ophthalmia benigna.

Tratamento. Consiste em introduzir entre as palpebras, duas ou tres vezes por dia, algumas gottas de um dos colliryos seguintes :

1º Azotato de prata crystallizado.	5 centigram. (1 grão)
Agua distillada.	30 grammas (1 onça).
2º Sulfato de zinco.	20 centigram. (4 grãos)
Agua distillada.	30 grammas (1 onça).
3º Aguardente camphorada	15 grammas (1/2 onça)
Agua fria	15 grammas (1/2 onça).

CHICA. *Veja-se* PIRANGA.

CHICORIA. *Veja-se* ALMEIRÃO.

CHICOTADA. O resultado das chicotadas são contusões ou feridas contusas. *Veja-se* estas palavras.

CHIFRADA. *Veja-se* CONTUSÃO, FERIDAS CONTUSAS.

CHINA ou SQUINA. *Smilax china*, Linneo. Asparagineas. Arbusto sarmentoso da China e do Japão. O cozimento da raiz é empregado nas molestias syphiliticas. *Dóse* : 12 grammas (2 oitavas) para 360 grammas (12 onças) d'agua. Ordinariamente associa-se á raiz da china a da salsaparrilha.

CHIROMANCIA (do grego *cheir*, mão, e *mantéia*, adivinhação). Arte que tem a pretensão de adivinhar os destinos das pessoas pela inspecção das linhas da palma da mão. Os chiromanticos chamão *linhas de vida*, essas linhas que a contracção dos musculos imprime na concavidade da mão; cada uma tem nome e influencia proprios. Uma das mais favoraveis é o *cinto de Venus*, que principia entre o segundo e terceiro dedo, e se estende até ao minimo, formando uma curva. Autores graves tem escripto sobre esta arte enganadora. Hoje a chiromancia pertence ao dominio dos charlatães.

CHLORAL. Producto da reacção do chloro sobre o alcool. Obtem-se fazendo passar uma corrente de gaz chloro secco no alcool absoluto. É um liquido incolor, anhydro, isto é privado d'agua, oleaginoso, fumando levemente ao ar, de cheiro vivo e penetrante, de sabor acre e ardente; mancha o papel como os oleos, mas a nodoa não persiste; irrita os olhos, provoca as lagrimas e a tosse; a sua densidade é de 1,518. Ajuntando a este liquido 10,8/100 partes d'agua distillada, a mistura torna-se

quente, e não tarda a transformar-se em massa crystallina, branca, solida: é o *hydrato de chloral*.

O *hydrato de chloral*, bem que solido, é volatil como a camphora, e mui deliquescente; é mui solúvel na agua, alcool e ether, de cheiro vivo e picante, de sabor caustico. Em medicina usa-se do hydrato de chloral, cujo emprego é mais commodo do que o do chloral liquido ou anhydro; este só serve para a preparação do hydrato de chloral.

O *hydrato de chloral*, ou *chloral hydratado*, administrado internamente na dóse de 3 a 6 grammas para os adultos, na dóse de 1 a 3 grammas, para as crianças, produz em vinte ou quarenta e cinco minutos, o somno, um fraco abaixamento de temperatura, a pequenez do pulso, e uma insensibilidade mais ou menos completa. O somno, que produz, dura de duas a cinco horas. Com o seu auxilio podem-se arrancar dentes ás crianças, acalmar as dôres dentarias e as nevralgicas, a colica nephritica, a colica hepatica, e os movimentos da chorea.

Mas o chloral altera-se com o tempo; se não é crystallizado e mui puro, se não se desprendem d'elle vapores de chloroformio, se a sua solução não se turva pela addição de potassa, é sem acção e póde ser perigoso.

Administra-se em poção, xarope, ou clyster. As preparações liquidas do chloral não devem ser feitas muito tempo antes da sua administração, porque podem alterar-se, e perder a sua effi-cacia. A sua acção é semelhante á do chloroformio; mas produz-se mais lentamente e dura mais tempo. Em alguns doentes, submettidos á acção do chloral, sobrevem agitação muscular e moral, semelhante á embriaguez alcoolica. É pela producção de chloroformio no sangue, debaixo da influencia de sua reacção alcalina, que o chloral tomado internamente produz o somno e a insensibilidade.

O hydrato de chloral não deve ser dado na dóse que exceda de 3 a 6 grammas (60 a 120 grãos) em uma vez, nos adultos; e nas crianças, é preciso começar por 1 a 2 grãmmas (20 a 40 grãos), até 3 grammas (60 grãos). Cumpre proceder com prudencia, porque é um medicamento perigoso. A sua preparação, nos laboratorios chimicos, é difficil; pelo que nem sempre póde ser obtido no estado de pureza necessaria.

Eis-aqui as receitas adoptadas para a sua administração :

Poção de chloral hydratado.

Chloral hydratado.	..	5 grammas
Agua distillada		150 grammas
Xarope de assucar.		30 grammas.

Para tomar uma colher *de sopa*, de quarto em quarto de hora.

Xarope de chloral hydratado.

Chloral hydratado 5 grammas

Xarope de assucar. 100 grammas.

Cada colher *de sopa* d'este xarope contém 1 gramma (20 grãos) de chloral hydratado. *Dóse* : uma a cinco colheres *de sopa* em vinte e quatro horas, puro ou misturado com agua.

Clyster de chloral hydratado.

Chloral hydratado. 1 gramma

Agua. 200 grammas.

O chloral hydratado, administrado em dóse exagerada, produz vomitos, vertigens, perda das forças, entorpecimento do juizo, erupção pelo rosto e peito. Se a dóse é ainda mais forte, sobrem pallidez da face, vista turva, suores frios, fraqueza do pulso, estupor, coma, convulsões, e ás vezes morte. Se o chloral foi dado em pequena dóse, mas por muito tempo continuada, apparece um incommodo geral mal definido, escamação epidermica dos dedos, ulcerações superficiaes á roda das unhas, inchação do corpo, enfraquecimento do coração, e embaraço no respirar. Estes symptomas podem terminar pela morte. Evitão-se estes graves acontecimentos tendo o cuidado de não administrar o chloral por muito tempo. Quanto aos symptomas subitos, occasionados pela dóse exagerada do chloral, combatem-se friccioneando o corpo com escova, dando a cheirar vinagre ou agua de Colonia, e provocando a respiração artificial como nos afogados (Vol. I, pag. 49).

CHLORATO DE POTASSA. *Veja-se POTASSA.*

CHLORO. O chloro é um gaz amarello esverdeado, de sabor e cheiro forte, desagradavel e caracteristico. A sua densidade é 2,44; vem a ser, que é quasi duas vezes e meia mais pesado do que o ar atmospherico. O cheiro d'agua de Labarraque, que todos conhecem, é devido ao chloro. A agua na temperatura ordinaria dissolve volume e meio de chloro. Em chimica, e nas artes esta dissolução chama-se *chloro liquido*.

O chloro tem tanta attracção para o hydrogeneo, que desprende este gaz de todas as suas combinações; tal é a razão por que o chloro decompõe todos os corpos hydrogenados, destroe as côres vegetaes e animaes, a tinta de escrever por exemplo, e porque enfim sanca o ar destruindo os miasmas putridos que o corrompem.

O chloro é empregado para branquear os pannos de linho, de algodão, o papel, para destruir as côres de origem vegetal, e para desinfectar os lugares em que se demorirão por algum tempo materias putridas.

O chloro não existe na natureza no estado livre, mas em com-

binação encontra-se com muita abundancia, pois que entra na composição do sal de cozinha (chlorureto de sodio); acha-se tambem unido ao cobre, prata, soda, potassa, cal, magnesia e ammoniaco.

A dissolução de chloro n'agua contrahe o sabor, a côr e o cheiro do chloro gazoso. O chloro dissolvido actua sobre as materias hydrogenadas com a mesma intensidade que o chloro gazoso.

— Para empregar o chloro como desinfectante, *veja-se* DESINFECÇÃO.

CHLOROFORMIO. Liquido que, respirado por breve tempo, produz a insensibilidade, e é empregado para evitar a dôr nas operações. É uma das mais bellas acquisições da cirurgia, e foi feita no anno de 1847. O chloroformio apresenta-se sob o aspecto de um liquido mui denso, limpido, sem côr, transparente como agua, de cheiro ethereo e sabor adocicado. Obtem-se pela distillação do chlorureto de cal com alcool. Foi descoberto em 1831 quasi ao mesmo tempo por Soubeiran, chimico de Pariz, e por Liebig na Allemanha, e ficou por muitos annos sem uso até que o Dr. Simpson, Lente em Edimburgo, o empregou pela primeira vez no homem, no anno de 1847. Hoje o seu uso é universal, e no mundo inteiro os facultativos servem-se d'elle para tornar insensiveis os doentes durante as operações que praticão, taes como extirpações de tumores, amputações de membros, e tambem nas simples aberturas de postemas ou extracções de dentes. O chloroformio não exige absolutamente o emprego de nenhum apparelho particular. Basta, geralmente, para produzir a insensibilidade em um ou dois minutos, derramar 10, 20, 40 ou 60 gottas d'este liquido n'um lenço que se mantem applicado sobre a bocca e o nariz, de maneira que a inspiração seja feita juntamente com a do ar livre.

A pessoa, submettida ás emanações do chloroformio, sente nos primeiros instantes um vapor assucarado que penetra nas vias respiratorias; e que produz ás vezes uma especie de encanto. Ao cabo de um ou dois minutos, ás vezes antes, outras vezes mais tarde, produz-se a insensibilidade; ao principio ouve a pessoa um grande ruido, ou soffre uma especie de vertigem; depois adormece e não ouve mais nada. A insensibilidade dura cinco, dez, quinze minutos, e pôde ser prolongada por mais tempo, sendo preciso, dando-se a aspirar novas doses de chloroformio; durante este tempo, o cirurgião faz a operação, sem ser inquietado nem pelos movimentos, nem pelos gritos do doente, que não soffre nada. Ao despertar, o operado sente mais ou menos vivamente a dôr resultante da operação, mas muito menos intensa do que se não houvesse sido chloroformizado.

Mas nem todos os doentes tem um somno tranquillo, sem agi-

tação, nem movimentos tumultuosos do corpo; alguns ha que, apczar de ficarem insensiveis, tem movimentos involuntarios tão fortes, que é difficil segura-los. Outros, depois de acordados, proferem palavras incompreheisiveis, e tem uma especie de delirio; outras vczes o abatimento que succede dura pelo menos uma hora.

Das experiencias feitas nos cães resultou que pela aspiração do chloroformio um cão morreo em 21 minutos, outro em 34. As gallinhas morrem muito mais rapidamente pelos vapores do chloroformio.

Vê-se, pois, que o chloroformio é um agente muito energico e formidavel, e por isso não deve ser applicado por pessoas inexperientes.

Até ao mez de Maio de 1848, milhares de operações forão feitas com chloroformio em varios paizes sem que constasse inconveniente algum, até que no mez de Junho do mesmo anno acontecerão dois casos infelizes em França. Um d'estes factos desgraçados que devem servir de escarmento e acautelar contra os perigos do uso do chloroformio, foi communicado á Academia de Medicina de Pariz pelo Dr Robert : « Um joven de 24 annos foi admittido no hospital Beaujon em 25 de Junho de 1848, ferido na coxa esquerda por uma bala que quebrou o osso da coxa em muitos pedaços. A desarticulação da coxa, julgada indispensavel, foi decidida. O doente foi submettido á acção do chloroformio, por meio de um pequeno frasco com muitos buracos, e que tinha uma embocadura larga que se applicava á bocca do doente. O nariz foi tapado com os dedos de um cirurgião ajudante. No fim de tres ou quatro minutos o doente apresentou, bem que em fraco gráo, os movimentos convulsivos que caracterizão o periodo de excitação, e logo depois ficou insensivel. O Dr. Robert principiou a amputação no mesmo instante. Estando a arteria femoral comprimida na virilha, cortou com faca as carnes de diante. O doente perdeu apenas quatro onças de sangue, bem que a arteria deixasse de ser comprimida por um instante mui curto. Acordando n'este momento o doente, o Dr. Robert quiz prolongar o seu estado de insensibilidade, e ordenou com este intuito uma nova inalação do chloroformio, continuando sempre a operação; mas decorreo apenas um quarto de minuto, quando ouviu a respiração tornar-se estertorosa; mandou logo suspender a inalação. O rosto do doente fez-se pallido, os beiços descorados; os olhos, com as pupillas dilatadas, dirigião-se para debaixo das palpebras superiores. Foi então suspendida a operação, e o Dr. Robert procurou com os seus ajudantes reanimar o doente, cuja respiração era já rara e suspirosa, cujo pulso já não se sentia, e cujos membros

estavão molles. Fricções sobre a pelle, vapores irritantes no nariz, insufflação do ar nos pulmões, tudo foi empregado com energia e perseverança. Muitas vezes a respiração parecia reanimar-se, o pulso tornava-se apreciavel; mas este melhoramento era momentaneo; e depois de tres quartos de hora de esforços incessantes o doente cessou de viver. »

Para produzir a insensibilidade necessaria para as operações, é preciso dar a respirar o chloroformio n'uma esponja, n'um lenço ou n'um apparelho conveniente, *sem tapar o nariz e a bocca para que o doente possa aspirar ao mesmo tempo um pouco de ar atmosphérico*; e nos casos em que fôr necessario prolongar por muito tempo o estado de insensibilidade, dever-se-ha suspender por alguns momentos a inhalação, e alterna-la muitas vezes com algumas inspirações de ar puro; d'esta maneira, o chloroformio produz simplesmente a insensibilidade, sem occasionar effeito algum nocivo, nem immediato nem consecutivo.

Não obstante os desastres acontecidos, que são excepção rarissima, o chloroformio, prudentemente empregado, é uma das mais preciosas descobertas para a humanidade. O chloroformio, assim como o ether sulfurico, que tambem goza da propriedade de produzir a insensibilidade, vierão realizar um grande voto desejado ha sessenta e oito annos por um medico, o Dr. Montfalcon : « Seria prestar grande serviço aos homens o descobrir um methodo que lhes pudesse tirar o sentimento da dôr, emquanto se sujeitão ás operações cirurgicas. » *Veja-se ETHER SULFURICO.*

CHLOROSE. Molestia caracterizada pela pallidez particular do rosto, pela perturbação das diversas funcções, languidez, fraqueza, e na qual o exame anatomico descobrio a diminuição dos globulos rubros, aos quaes o sangue deve a côr. É molestia propria ás jovens que chegam á idade da puberdade. Se alguns autores citarão homens affectados de chlorose, estes casos devem ser attribuidos á *anemia*, palavra com que se designão em geral os estados morbidos caracterizados pela fraqueza, e que dependem da diminuição do numero dos globulos rubros do sangue. (*Veja-se ANEMIA.*) A chlorose differe da *opilação*, que é a anemia devida ordinariamente á presença nos intestinos dos vermes chamados *anchylostomos*.

Causas. A alimentação insufficiente, a vida sedentaria, a exposição á humidade, a residência em lugares baixos, humidos, mal arejados e privados do sol, as affecções moracs tristes, as perdas excessivas de sangue, quer pela sangria, quer pelas bichas ou por alguma outra hemorrhagia, são as causas mais ordinarias d'esta molestia.

Apparece todavia com bastante frequencia nas pessoas que vivem no meio de boas condições hygienicas, em pleno ar, e que se alimentão convenientemente; não pôde, então, ser attribuida, senão á revolução organica que se manifesta na época do estabelecimento dos menstros.

Symptomas. Quando a chlorose está no seu começo, quando não ha senão pequena desproporção entre a quantidade dos globulos e outros elementos do sangue, os symptomas consistem unicamente n'uma pallidez notavel, sobretudo nas membranas mucosas, taes como as dos labios, da lingua, das gengivas e da face interna das palpebras. As doentes são fracas, cansão com o menor exercicio; tem grande propensão para a somnolencia.

Na época mais adiantada da molestia, ou desde o principio quando a chlorose succedeo a evacuações sanguineas excessivas, os symptomas tornão-se muito mais caracteristicos. A pallidez nas senhoras brancas é tal que foi comparada á côr da cera branca algum tanto amarellecida pelo tempo; as doentes de raça preta tornão-se fulas. A pelle parece mais delgada e mais molle; o rosto mostra alguma inchação, que pouco a pouco invade as outras partes do corpo. Applicando-se o ouvido sobre a região precordial, ouve-se um ruido chamado *ruido de folle*, porque se parece muito com o ruido d'este instrumento. O pulso é variavel, ora pequeno e fraco, ora largo. N'este ultimo caso as doentes sentem ás vezes na cabeça as pulsações arteriaes. O pulso, aliás, é quasi sempre régular; mas ás vezes suas pulsações augmentão mais ou menos.

Applicando-se o ouvido sobre as principaes arterias, podem colher-se symptomas ainda mais importantes; o ouvido percebe, com effeito, varias especies de ruidos. Muitas vezes é um ruido de folle, unico, brando, intermittente; pôde perceber-se na maior parte das arterias volumosas, mas principalmente nos lados do pescoço, nas arterias carotidas, sobretudo do lado direito.

As senhoras chloroticas apresentam quasi sempre nas suas funcções digestivas perturbações variadas. Tem fastio, appetites exquisitos, dôres na bocca do estomago, digestões laboriosas, arrotos azedos, prisão de ventre. Desejão comer substancias não alimentarias, e que causão mais ou menos asco no estado de saude, taes como terra, gesso, carvão, etc.; ou então alimentos particulares, como guisados mui temperados ou avinagrados. As suas ourinas são pallidas. Queixão-se de dôres de cabeça, e de tempo em tempo de diversas dôres nevrálgicas, de vertigens, zuni-dos nos ouvidos. São tristes, indolentes, incapazes de qualquer trabalho intellectual. Quando a chlorose é mais intensa, as doentes não podem supportar exercicio algum; os olhos tornão-se amortecidos,

cercados de olheiras; o rosto inchado, os pés entumecidos; emfim, no periodo adiantado, todo o corpo se infiltra. Os menstruos são pouco abundantes, difficeis, acompanhados de dôres, ou mesmo completamente suspensos, e substituidos quasi sempre por flores brancas; outras vezes, pelo contrario, o fluxo catamenial é mais abundante do que de costume, chegando ás vezes a ser uma verdadeira hemorragia passiva, que agrava sempre o estado das chloroticas.

Marcha, duração. Esta molestia segue uma marcha mais ou menos rapida segundo a causa que a desenvolveo. Quando é produzida por uma hemorragia abundante que esvasiou repentinamente os vasos sanguineos, o seu começo é necessariamente subitico; a molestia chega assim ao seu auge de intensidade. Se, pelo contrario, resulta de uma ou mais causas que obrão lentamente, tem o desenvolvimento e a marcha de uma molestia chronica. No primeiro caso, a sua duração póde ser excessivamente curta; no segundo, póde prolongar-se durante mezes, e mesmo annos.

Tratamento. Para tratar convenientemente a chlorose, cumpre, primeiro, remover as causas que determinárão a molestia. Havendo hemorragia, é preciso veda-la; se a chlorose depende de habitação insalubre ou de algumas outras más condições hygienicas, é necessario muda-las. Deve-se depois restaurar o sangue, augmentar a sua massa e a proporção dos seus principios vivificantes. Chega-se a este resultado pelo emprego de um regimen são e nutriente, composto principalmente de carnes assadas, geleas animaes e vegetaes, tapioca, araruta, vinho. As doentes devem habitar um lugar secco, arejado, exposto ao sol. São uteis as fricções pelo corpo com baeta embebida em agua de Colonia, os banhos frios de rio ou do mar, os banhos quentes aromaticos. (A sua preparação está indicada no vol. I, pag. 307.) O tratamento hydrotherapico applica-se tambem com vantagem n'este caso. *Veja-se HYDROTHERAPIA.*

Os medicamentos que são uteis contra a chlorose, são as preparações de quina, genciana, quassia, lupulo, e sobretudo as de ferro. Eis-aqui as receitas:

1º Pilulas ferruginosas de Vallet.

100

Dose: uma a tres pilulas, tres vezes por dia.

2º Pilulas ferruginosas de Blaud.

No 1º, 2º e 3º dia, *uma* pilula pela manhã e de noite.

No 4º, 5º e 6º dia, *uma* pilula pela manhã, ao meio dia e de noite.

No 7º, 8º e 9º dia, *duas* pilulas pela manhã e de noite.

No 10º, 11º 12º dia, *duas* pilulas de manhã, ao meio dia e de noite.

No 13º, 14º e 15º dia, *tres* pilulas de manhã, ao meio dia e de noite.

Nos dias seguintes, *quatro* pilulas, tres vezes por dia.

3º Vinho de quina. 500 grammas (16 onças).

Uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

4º Vinho de quina e cacáo de Bugeaud. Uma garrafa.

Para beber uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

5º Vinho de genciana. 250 grammas (8 onças).

Para beber uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

6º Vinho de quassia. 250 grammas (8 onças).

Para beber uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

7º *Infusão de lupulo.*

Pinhas de lupulo, 4 grammas (1 oitava); agua fervendo, quantidade sufficiente para obter 180 grammas (6 onças) de infuso, que se adoça com assucar, e se bebe por uma vez. No dia seguinte repete-se a dóse, e continua-se do mesmo modo durante quinze dias.

8º Agua ferrea tomada na fonte.

Um a dois copos por dia.

9º Chá de folhas de salva.

Uma chicara por dia.

10º *Pilulas de digital e ferro.*

Extracto de digital. 5 centigrammas (1 grão)

Ferro reduzido. 15 centigrammas (3 grãos)

Extracto de alcaçuz. 10 centigrammas (2 grãos).

Faça uma pilula, e como esta mais 35. Para tomar uma pilula, tres vezes por dia.

Principia o tratamento pelas pilulas ferruginosas de Vallet ou de Blaud. Um mez depois recorre-se ao vinho de quina, que se toma durante quinze dias; depois ao vinho de genciana e de quassia, de que se usa igualmente por quinze dias; e em seguida, empregar-se-hão, se fôr preciso, as outras prescripções, durante dez, quinze e mais dias, até se obter a cura completa.

CHLORURETO DE CAL. Substancia pulverulenta, de côr branca-amarellada, de cheiro penetrante, empregada como desinfectante. Deve ser conservado em frascos bem tapados, para não perder o cheiro, que depende do desenvolvimento do gaz chloro, e ao qual o chlorureto deve todas as suas propriedades. Para empregar o chlorureto de cal como desinfectante, é preciso dissolvê-lo em agua, coar, e depois empregar esta solução em lavatorios, ou borrifando o solho dos quartos. As proporções mais ordinarias para fazer esta agua chloruretada são de 30 grammas (1 onça) de chlorureto de cal para 1 litro (32 onças) d'agua. Esta

agua goza das mesmas propriedades que a agua de Labarraque, e desinfecta pelo chloro que d'ella se desprende.

CHLORURETO DE SODA. *Veja-se* AGUA DE LABARRAQUE.

CHLORURETO DE SODIO. *Veja-se* SAL COMMUM.

CHLORURETO DE ZINCO. *Veja-se* ZINCO.

CHOCO. *Veja-se* SIBA.

CHOCOLATE. Alimento cuja base se compõe de amendoas de cacáo (*Theobroma cacao*, Linneo), torradas e pisadas, e de assucar. (*Veja-se* CACÁO.) É muito nutriente, e convem ás pessoas fracas, delicadas, nervosas e sedentarias. Tão simples como é este alimento, nem sempre é de facil digestão. Remedeia-se a acção pouco excitante do chocolate, triturando com o assucar, que deve entrar na massa, 3 onças de baunilha e 2 de canella, para uma quantidade de 20 libras de chocolate.

A cobiça mercantil tem inventado varios meios de falsificar o chocolate e de alterar assim as suas propriedades. Uns extrahem a manteiga das sementes do cacáo, e a substituem na massa por gorduras ordinarias; outros juntão-lhe amido, farinha de trigo, de arroz, de ervilhas, de feijões, para augmentar-lhe o peso. Descobre-se esta ultima fraude comparando os chocolates falsificados com o bom chocolate; este, quando se quebra, não apresenta nada de saibroso; derrete-se na bocca, produzindo a sensação de uma especie de frescura; fervido n'agua, é de fraca consistencia, e em esfriando não produz geléa. Quando, pelo contrario, o chocolate contém fecula de ervilhas, de feijões ou qualquer outra, fica pegajoso na bocca, exhala o cheiro de colla durante a preparação, e faz-se em geléa pelo arrefecimento. Está tambem n'este caso mais espesso, quando fervido. Se, por ser velho, o chocolate contrahir um cheiro rançoso ou de queijo, será prova que entrão na sua composição gorduras ou manteiga, porque a manteiga de cacáo torna-se difficilmente rancida.

Os chocolates que contém feculas leves, taes como as de sagú, de araruta, de salepo, são mui nutrientes, e podem contribuir poderosamente para o restabelecimento das forças depois das molestias graves ou prolongadas. Prepara-se tambem *chocolate medicamentoso*. misturando-se differentes medicamentos com o chocolate; taes são o chocolate purgativo e o chocolate de musgo islandico, o qual convem nas molestias chronicas do peito, etc.

CHOLERA ou CHOLERA-MORBUS. Molestia aguda, rapida em sua marcha, muito dolorosa e grave, cujos symptomas mais notaveis consistem em vomitos numerosos, evacuações alvinas abundantes, supressão das urinas, e caimbras nos membros. Esta molestia chama-se na Asia Portugueza *mordechim*. A cholera

distingue-se em *esporadica* e *epidemica*. A primeira é a que ataca um individuo ou alguns individuos isolados; que sobrevem indifferentemente em todo o tempo, em qualquer lugar, e independente das influencias epidemicas. A segunda, faz os seus estragos em populações inteiras.

A cholera é uma molestia conhecida desde tempo immemorial. Os medicos gregos, romanos e arabes, parece que não a observáram senão no estado esporadico ou de accidentes isolados: Fallou-se d'ella com o character mais geral de epidemia, no principio do seculo decimo-sexto, no fim do decimo-setimo, e no meio do decimo-oitavo, mas não foi ainda d'essa cholera-morbus asiatica formidavel, de que o mundo conserva vivas lembranças de consternação e de terror.

A India é o seu paiz natal. A cholera, como deixei dito, foi antigamente conhecida nas regiões asiaticas. Em 1781, o coronel inglez Pearse teve n'aquelle paiz a prova de seus inauditos furores. De mil artilheiros que commandava, perto de setecentos perecerão em seis dias, e a maior parte em alguns minutos; no meio dos espasmos mais dolorosos. A grande epidemia de cholera, que no espaço de alguns annos semeou o terror e a morte em muitos povos da terra, parece ter principiado em Jessorá, no Delta do Ganges, em 1817. D'ali derramou-se successivamente sobre uma e outra margem d'este rio, e occupou a maior parte das regiões da India e das ilhas do Oceano indico. Em 1818 mostrou-se em Benares, Borneo, Bengala, desde Calcutá até Bombaim. D'aqui passou ás ilhas Moluccas, ás de França e de Bourbon (1819), á China, e estendeo-se desde Cantão até Pekim (1820). Em 1821 mostrou-se na Persia, e proseguindo sua marcha de Leste para Occidente, foi á Syria e até aos montes do Caucaso. Chegando não longe da Europa, a cholera epidemica pareceo extinguir-se no littoral do mar Caspio; mas despertou em Astrakan e em Tiflis em 1829, depois de seis annos de interrupção. Transpondo esta vez o rio Don e os montes Uraes, fez a sua apparição na Europa. Em 1830, declarou-se em Moscovia; em 1831 em S. Petersburgo, em Varsovia, na Austria, Bohemia, Hungria, Prussia, Egypto; em 1832, na Inglaterra, Belgica, Hollanda e França; em 1833, em Portugal; no fim do mesmo anno, na Hespanha. No mesmo tempo appareceo na Noruega e Suecia. Em 1832 mostrou-se nos Estados-Unidos da America, nas cidades de Quebec, Montreal e New-York. No fim de 1833, declarou-se no Mexico e na Havana. Em 1835, infectou as provincias meridionaes da França, Argel e a Italia. Em 1837 fez nova apparição em Nîmes, cidade da França. Em 1848 mostrou-se de novo na Russia, Turquia e

na Prussia; e só foi no anno de 1855 que se declarou pela primeira vez no Rio de Janeiro, onde fez sobretudo grandes estragos entre a raça preta. Em 1857 tornou a apparecer em Portugal e em 1860 na Hespanha. Em 1865, na Alexandria, Constantinopla, Marselha, Pariz, Brest. Em 1866, na Martinica e Guadelupa, Antuerpia, Berlim, S. Petersburgo, Londres, Pariz, Nova-York, Napoles, Vienna, Roma, Bruxellas, Nova-Orleans. Em 1867, em S. Petersburgo, Moscovia, Rio de Janeiro, Montevideo, Buenos-Ayres, Italia, Argelia. Em 1868, na Havana, Buenos-Ayres. Em 1869, no Senegal na Africa. Em 1873 nas cidades de Nashville e Cincinnati nos Estados-Unidos; em Veneza, Padua, Parma, Modena, na Italia; em Vienna na Austria, em Munich na Baviera, em Berlim na Prussia; em 1874 em Buenos-Ayres, etc., etc.

Na sua marcha enigmatica e caprichosa, zombou de todas as previsões, de todos os calculos. Ilhas, continentes, lugares elevados ou profundos, seccos ou humidos, cidades e campos, estações e climas quentes ou frios, em toda a parte se tem mostrado a cholera-morbus, sem poupar idade, sexo, nem profissão.

Causas. A causa geral que produz a cholera epidemica não é conhecida. É muito provavel que esta molestia tenha por causa um veneno que se acha no ar, e que, introduzido na economia animal, produz os symptomas cholericos. Com effeito, certos venenos narcoticos-acres, taes como os cogumelos, occasionão effeitos tão semelhantes aos principaes symptomas d'esta molestia, que facilmente podem enganar-se as pessoas estranhas á arte de curar, e foi isto que deo lugar a terriveis scenas em certas partes da Asia e do continente europeu. Assim, o povo ignorante das ilhas Philippinas, suspeitando que os Europeos e os Chins tinham meios secretos de envenenamento, sacrificou-os ao seu furor, entrando no numero das suas victimas o celebre naturalista Godfrey. Semelhantes scenas se reproduzirão na Europa civilizada. Na Hungria, o povo suspeitou os medicos, como em Pariz suspeitou os agentes do governo.

A humidade, os calores fortes, as trovoadas e as variações subitas da temperatura, exercem sobre o desenvolvimento da cholera asiatica uma influencia difficil sem duvida de se apreciar, mas inquestionavel. Todas as pessoas estão bem convencidas de que as indigestões predispoem para contrahi-la, e que o mesmo se póde dizer do uso de certos alimentos e de certas bebidas, taes como a carne de porco, e as fructas verdes. Emfim, factos numerosos attestão que o pezar, o medo, a colera e os excessos podem apressar a sua invasão. Mas deve haver toda a certeza de que estas causas não podem provocar o apparecimento da cholera,

senão em individuos já submettidos á acção dos miasmas, ou do veneno que se aeha no ar e que a produz, e nas pessoas predispostas a contrahir a molestia. Existem factos que provão que a cholera pôde cõmmunicar-se por contagio, mas são mui raros.

Symptomas. A *fôrma mais leve* da cholera é caracterizada pela fraqueza, perda de appetite, sêde, dôres no ventre, borborygmos estrondosos, e diarrhea amarella ou esbranquiçada, e fetida; ha além d'isso abatimento, insomnia, suores, desmaios, calefrios vagos e irregulares; o pulso é regular ou algum tanto acelerado. É á reunião d'estes symptomas que se dá o nome de *cholérina*. É, por assim dizer, o primeiro periodo da molestia. Estes symptomas persistem mais ou menos tempo; podem não durar senão um dia ou prolongar-se além de uma semana; podem terminar quasi immediatamente pela cura, ou ser substituidos pelos symptomas da cholera grave.

Os casos em que os vomitos vem ajuntar-se á diarrhea, e que consistem em materias esbranquiçadas, semelhantes ao cozimento de arroz, representão a transição entre as fôrmas mais leves da cholera e as fôrmas mais graves.

Quando a cholera está inteiramente declarada, a sêde é viva, as bebidas frias são tomadas com avidéz; o ventre está mais ou menos retrahido; é poueo sonoro; existem colieas, que a compressão augmenta. O doente lança pela bocca materias *brancas*; evacuações alvinas apparecem simultaneamente. As materias intestinaes, a principio amarellas e fetidas, tornão-se brancas e inodoras. Estas evacuações repetem-se com curtos intervallos. Logo o pulso accelera-se, e chega a 120 ou 130 por minuto; sua força diminue na proporção da sua frequencia. As pancadas do coraçõ tornão-se fracas; a respiração é penosa, acompanhada de anxiedade, mais ou menos accelerada; os doentes queixão-se de oppressão, de uma especie de constricção no peito. A lingua esfria; a pelle cobre-se de um suor viscoso; a sêde é mais viva. Chegada a este grão, a cholera offerece uma scena de terror e de compaixão. Aos symptomas acima descriptos ajuntão-se os seguintes: o rosto torna-se roxo ou livido, os olhos afundão-se, manchas azues formão-se sobre os olhos, deseccados por causa da ausencia das lagrimas; a pelle toma a côr roxa nos pés, mãos, e ás vezes em alguns pontos do tronco; as extremidades, o nariz, a lingua, e até o halito, fieão gelados; todo o resto do corpo esfria; a voz é rouca, muito fraca ou inteiramente extineta; o pulso, por sua fraqueza extrema, apenas se pôde sentir; os doentes deixão de urinar; alguns tem convulsões, outros accusão sensação de ardor no estomago e no ventre; grande numero d'elles tem dôres abdo-

minas violentas. Quando a molestia chega a este gráo de intensidade, a morte é quasi inevitavel. A este periodo da molestia deo-se o nome de *cholera algida*, *cholera azul*.

Quando a natureza, só ou ajudada pela medicina, é bastante poderosa para reagir contra o principio morbifico, sobrevem uma serie de phenomenos directamente oppostos aos precedentes. Estes symptomas são : restabelecimento do calor, do pulso, das ourinas, diminuição das caimbras, dos vomitos, das evacuações alvinas, suor abundante, seguido frequentemente da erupção de pequenos botões; o rosto córa; a temperatura da pelle e o pulso são naturaes; e o doente recobra a saude pouco a pouco. A reunião d'estes phenomenos caracteriza o periodo chamado *de reacção*.

Mas se a reacção é demasiado forte, se a pelle está ardente, o pulso acelerado, o rosto injectado; sobrevem delirio, lethargo, convulsões e a morte. Em alguns doentes a reacção é seguida dos symptomas graves do typho.

Os symptomas precedentes não se succedem sempre na ordem que acabei de indicar : assim, a cholera começa ás vezes subitamente pelos symptomas os mais graves que caracterizão o estado algido; diz-se então que a cholera é *fulminante*.

A idade não traz grandes modificações na physionomia da molestia. Sómente nas crianças a cyanose, isto é a cór azul da pelle, não é tão pronunciada como nos adultos; n'ellas a agitação é grande, as caimbras são excessivas e a marcha constantemente rapida.

Duração. A cholera tem uma marcha mais ou menos rapida; póde ás vezes matar em algumas horas, mas a sua duração média é de cerca de 60 horas; ás vezes a vida prolonga-se durante uma semana, mas é raro que os doentes lutem mais de doze dias. A duração da molestia está na razão directa das forças dos doentes. A convalescença é mais ou menos rapida; em geral, é lenta e exige muitos cuidados, porque as rechidas tem lugar ás vezes.

A cholera póde curar ou suspender durante um tempo mais ou menos longo as molestias agudas ou chronicas durante as quaes se declara. Assim, notou-se o desaparecimento das hydropicias, das inflammações, das molestias rebeldes da pelle pela influencia da affecção cholericca.

Prognostico. O prognostico da cholera é quasi sempre funesto no periodo algido; é grave ainda no principio da molestia. As convulsões, o lethargo ou o delirio, e principalmente antes do periodo da reacção, são signaes de morte. O restabelecimento das ourinas é o signal o mais favoravel; tira-se tambem um feliz presagio da

aparição do suor; a volta da voz ao seu som natural é tambem de bom agouro. A diminuição gradual e o desaparecimento successivo de todos os symptomas graves da molestia promettem proximo restabelecimento. A maior parte das recaídas são funestas.

Tratamento. Quando, durante uma epidemia de cholera, alguma pessoa experimenta fraqueza subita e diarrhea, deve deitar-se, na cama, cobrir-se, beber uma chicara de chá de hortelã-pimenta ou na falta d'esta, chá de herva cidreira, tomar um clyster do cozimento de linhaça, observar a dieta, caldo de gallinha para todo o alimento, e beber 20 gottas da *mistura anti-choleric*a, n'uma colher d'agua morna com ou sem assucar.

Eis-aqui a receita da *mistura anti-choleric*a :

Tintura de valeriana.	8 grammas (2 oitavas)
Laudano de Sydenham.	4 grammas (1 oitava)
Ether sulfurico alcoolizado.	4 grammas (1 oitava)
Essencia de hortelã	1 gramma (20 grãos).

Durante uma epidemia de cholera, será prudente fazer com anticipação a provisão d'esta mistura, que tem por effeito acalmar as colicás, excitar a economia e provocar a transpiração. Este tratamento simples, empregado muito cedo, foi sufficiente muitas vezes, para impedir os progressos da cholera ou curar a molestia.

E preciso vigiar que as extremidades inferiores não esfriem; cercão-se para este fim os pés e pernas do doente com botijas cheias d'agua quente. Appliquem-se sinapismos nas coxas, pernas, braços. Em summa, deve-se fazer tudo para entreter o calor do corpo, e provocar ou favorecer a transpiração. Com o mesmo intuito pôde dar-se a beber uma chicara de café bem quente, ou de chá da India com rhum.

Se o doente tem sêde, dê-se-lhe agua fria, ou o cozimento de arroz.

No periodo algido da cholera, é preciso provocar a reacção, por meio de fricções pelo corpo com balsamo de Fioravanti, embrulhar depois o doente n'um cobertor grosso de lã, continuar os sinapismos nas differentes partes do corpo, e cercar o corpo de botijas cheias d'agua quente. A *mistura anti-choleric*a será continuada, na dose de 10 gottas de duas em duas horas. Contra a sêde, que é grande n'este periodo, dêem-se as bebidas acidulas, taes como a limonada, a laranjada, ou agua de Seltz, agua fria, vinho de Champanha misturado com agua, gelo aos bocados, gomos de laranja. Ordinariamente os doentes lanção immediatamente quando bebem grande quantidade de liquido, e sobretudo as infusões

quentes. Posso afirmar que os cholericos, desde que se lhes permite o uso d'agua fria para acalmar a sêde, soffrem menos do que na época em que se lhes recusava qualquer liquido, ou se lhes permittião apenas tisanas mornas. Um modo que actua vantajosamente em alguns casos, consiste em alternar a administração do gelo ou d'agua fria com chicaras de café bem quente e forte.

De vez em quando dê-se ao doente um pouco de caldo de gallinha ou caldo de carne de vacca; assim como vinho do Porto. Introduza-se-lhe na bocca uma pastilha de hortelã-pimenta.

Contra as caimbras, empreguem-se as fricções nas barrigas das pernas, com o linimento seguinte :

Oleo essencial de mostarda.	24 gottas
Oleo de amendoas doces.	30 grammas (1 onça).

Misture.

Para destruir os miasmas, ponhão-se no quarto pratos com dissolução de chlorureto de cal, ou esparja-se pelo solho agua tendo em dissolução acido phenico. Os vasos destinados a receber as evacuações do doente devem conter sempre, com anticipação, o liquido desinfectante: agua 1 litro, sulfato de ferro 30 grammas.

Se a reacção se opera, os soccorros differem conforme ella fôr intensa, ou circumscripta nos limites convenientes. No primeiro caso, consistem os soccorros em combater pela dieta e com limonadas de laranja e outras bebidas refrigerantes as inflammações que se manifestarem. Declarando-se os symptomas de lethargo, as infusões de chá, de café, e vesicatorios nas pernas, são os melhores meios que se lhes podem oppôr. Nos casos, emfim, em que a reacção é regular e moderada, é preciso entreter o suór durante dois dias pelo menos, continuar o uso das bebidas acidulas, emollientes, e a dieta. A convalescença dos cholericos exige sérias precauções. O menor resfriamento, uma simples mudança de regimen, bastão ordinariamente para provocar a recahida.

Muitos outros medicamentos forão propostos contra a cholera; são: o sulfato de quinina, os calomelanos, o sub-azotato de bismutho, a camphora, o acetato de ammoniaco, e outros; o tratamento, porém, que deixei descripto, parece-me o mais racional.

Meios preservativos da cholera. Entreter muito asseio nas ruas e casas; arçar os quartos; occupar-se de maneira especial da desinfeccção das dejecções por meio da solução de sulfato de ferro, na proporção de 30 grammas de sulfato para 1 litro d'agua. Cumpre deitar esta solução não só nos vasos que recebem as evacuações, mas tambem nas latrinas. A solução de sulfato de ferro tem a propriedade de modificar a composição das materias evacuadas pelos cholericos. O acido phenico, diluido em agua, goza tambem

de propriedades desinfectantes. Durante a epidemia que reinou na Allemanha em 1859, o Dr. Reich, que foi mandado pelo governo para tratar os cholericos em Tribsees, (pequena cidade de Mecklemburgo), obteve por meio de reclamações energicas dirigidas á policia, que se deitasse em todas as latrinas quantidade sufficiente da solução de sulfato de ferro. Grandes tinas cheias d'este liquido forão postas em frente de cada casa, para tornar mais facil aos habitantes esta medida, cuja execução foi submettida á inspecção rigorosa da policia. Graças a esta precaução, e á observação de outras regras hygienicas, os casos de cholera forão comparativamente menos frequentes n'essa pequena cidade do que nas localidades vizinhas.

As outras precauções contra a cholera são : Afastar-se dos lugares baixos e humidos ; evitar as mudanças subitas da temperatura ; cobrir-se com vestidos proprios á estação ; tomar alimentos de boa natureza, em quantidade conveniente e não excessiva ; conservar os costumes que são bons, abandonar os máus ; fazer um exercicio de corpo em relação á idade e sexo ; evitar os excessos de toda a especie e ter a vida regrada ; não se deixar dominar pelos pezares e tristeza ; subtrahir-se ás emoções moraes vivas ; vencer, emfim o susto que inspira a epidemia.

É preciso prevenir pela hygiene severa as desordens gastro-intestinaes, e tratar como molestia séria o menor desarranjo das funcções intestinaes. Uma leve diarrhea que, em tempo ordinario, pôde ser impunemente desprezada, deve provocar em tempo de epidemia grande sollicitude. O repouso na cama, a dieta, chá de hortelã ou de herva cidreira, 40 gottas de laudano de Sydenham tomadas n'uma colher d'agua morna com assucar, são os primeiros meios que se devem pôr em pratica. O laudano deve ser administrado durantê tres ou quatro dias, na mesma dóse de 10 gottas por dia ; e o regimen merece muita attenção. O doente não deve ter-se por curado, senão depois de ter duas ou tres evacuações de consistencia conveniente.

Como meio preservativo, e para impedir a propagação da epidemia, eis-aqui os meios que forão empregados nos hospitaes de Pariz :

1º *Saneamento dos lençoos, dos pannos de colchões, da roupa e outros objectos dos cholericos.* Mergulhar durante uma hora os objectos infeccionados na solução de :

Agua de Labarraque	1 litro
Agua commum.	9 litros.

2º *Desinfecção dos ourinoes.* Esvaziar os ourinoes, e mergulha-los immediatamente n'um balde, contendo a mistura seguinte :

Chlorureto de cal.	500 grammas
Agua cerca de	9 litros.

Lavar depois o urinol n'agua ordinaria, e enxuga-lo antes de remettê-lo a novo serviço.

No fim do dia, deitar o conteudo do balde nas latrinas, e reformar a solução de chlorureto.

3º *Desinfeção das latrinas.* De manhã e de noite, deitar no conducto das latrinas, um balde (cerca de 40 litros) da solução seguinte :

Sulfato de ferro	500 grammas
Agua	10 litros
Acido phenico a 1/100	100 grammas.

Saneamento das salas dos cholericos. Collocar n'estas salas numerosos pratos com chlorureto de cal, levemente humedecido com agua.

Fazer fumigações de acido phenico com a mistura seguinte :

Agua	10 litros
Alcool	1 litro
Acido phenico	50 grammas.

Este liquido será distribuido nos pratos, que se collocarão nos diversos lugares das salas.

Quando no mez de outubro de 1873 appareceu a cholera em Pariz, o Conselho de hygiene d'esta capital, publicou a instrucção seguinte: 1º tratar quanto antes a diarrhea preliminar com chá de hortelã, rhum, laudano; 2º observar os cuidados hygienicos (aceio, sobriedade, vida regrada); 3º collocar as camas no meio dos quartos, e não nos cantos ou nas alcovas; 4º desinfectar os productos dos vomitos ou das evacuações alvinas com a solução de acido phenico (2 a 10 grammas por litro d'agua) com a solução de chlorureto de cal, agua de Labarraque ou agua de Javel; 5º lavar nos mesmos liquidos a roupa e outros objectos que servirão aos cholericos.

Cholera sporadica. Differe da cholera asiatica, não tanto pelo character da molestia, como pela menor intensidade dos symptomas, e por sua marcha menos rapida. Observa-se em todos os lugares, em todas as estações, porém mais particularmente nos climas quentes. É caracterizada por vomitos de alimentos meio digeridos e de materias verdes, por dejeccões alvinas frequentes, uma dôr viva nos intestinos, com resfriamento, caimbras e desmaios. Na cholera leve basta observar a dieta, beber cozimento de arroz, tomar um clyster de linhaça, e applicar no ventre uma cataplasma de linhaça. Se a molestia fôr mais grave, dever-se-ha chamar o calor ás extremidades por meio de fricções com baeta quente, e

pela applicação nos pés de garrafas com agua quente, beber uma chicara de chá de herva cidreira bem quente, para provocar a transpiração, e tomar internamente uma poção narcotica e antispasmodica, cuja formula é a seguinte :

Infusão de folhas de laranjeira	120 grammas (4 onças)
Agua de flores de laranjeira.	4 grammas (1 oitava)
Ether sulfurico. . .	30 gottas
Laudano de Sydenham.	30 gottas
Xarope de gomma.	15 grammas (4 oitavas).

Misture-se todas as substancias, e beba-se uma colher *de sopa* d'esta poção de meia em meia hora.

Empregão-se tambem as bebidas excitantes, como a infusão de chá da India, de casca de laranja, de folhas de hortelã pimenta, e, sendo preciso, faz-se o que fica dito para o tratamento da cholera asiatica.

CHOLERINA. Molestia que se parece com o primeiro gráo da cholera. Póde observar-se em todos os paizes, independentemente de epidemia.

Symptomas. Diminuição rapida das forças, sentimento de fraqueza, sensação dolorosa na bocca do estomago e nos intestinos, dureza do ventre, borborygmos, diarrhea, colicas, nauseas, soluços, vomitos, pulso fraco, lento, ás vezes frequente, ourinas espessas, vermelhas e pouco abundantes. As evacuações alvinas são ás vezes sanguinolentas, outras vezes amarelladas, esverdeadas ou roxas, mas quasi sempre misturadas com mucosidades esbranquiçadas, semelhantes ao cozimento de arroz um pouco grosso.

Prognostico. Ordinariamente os doentes sárão; mas ás vezes a molestia augmenta, e transforma-se em cholera grave.

Tratamento. Logo no principio convem tomar um vomitorio de 1 gramma (20 grãos) de poaya em pó; depois applicar sinapismos nos braços, coxas e pernas, e usar da poção seguinte :

Infusão de hortelã.	120 grammas (4 onças)
Laudano de Sydenham.	20 gottas
Ether sulfurico.	24 gottas
Xarope de gomma.	30 grammas (1 onça).

Misture-se. O doente tomará duas colheres *de sopa* de hora em hora.

A dieta deve ser rigorosa. O doente só póde tomar caldos de gallinha no intervallo da poção, ou chá da India bem quente. Para estancar a sêde, beberá agua fria ou limonada de limão ou de laranja. Para acalmar as colicas, deve friccionar o ventre com balsamo tranquillo.

Se a molestia não ceder, convirá recorrer ao tratamento indicado para a cholera grave.

CHONDROMO. *Veja-se* ENCHONDROMO.

CHOREA. *Veja-se* DANÇA DE SÃO GUIDO.

CHOROIDE. Membrana mui delgada que reveste a parte posterior do olho, onde se acha situada entre a esclerótica e a retina. Apresenta para traz uma abertura que dá passagem ao nervo optico; e termina para diante na grande circumferencia do iris. Compõe-se de uma multidão de ramificações arteriaes e venosas, unidas por um tecido laminoso mui fino.

CHRONICAS. É o nome que se dá ás molestias que percorrem lentamente seus periodos. Por opposição chamão-se *agudas* aquellas que tem marcha rapida, e que apresentam certa gravidade.

CHUMAÇO. Assim se chama um pedaço de panno de linho ou de algodão já servido sem bainha, destinado para o curativo das feridas, para comprimir, ou para conter algum apposito. Os chumaços varião no tamanho e na fórma; são oblongos, estreitos ou quadrados. *Veja-se* COMPRESSA.

CHUMBO. Metal de côr branca azulada, brilhante, ductil e molle; esfregado entre os dedos, deixa nodos e communica-lhes um cheiro sensivel. O seu peso especifico é 11,35. Pesa, por consequente onze vezes e um terço mais do que a agua. No ar secco o chumbo não soffre alteração alguma; mas debaixo da influencia do ar humido cobre-se de uma ligeira camada de oxydo, o qual forma com o acido carbonico do ar uma camada de carbonato de chumbo; este protege as partes do metal que estão debaixo e impede a sua alteração; esta circumstancia, junta á ductilidade e ao baixo preço da materia, é a causa do seu grande emprego nas artes economicas: serve o chumbo para cobrir os edificios, forrar os reservatorios e fazer canos para as aguas.

Todas as composições de chumbo, tomadas internamente, ou absorvidas pela pelle, são venenosas. A acção do veneno manifesta-se de maneira lenta ou rapida. Se o chumbo foi ingerido ou absorvido em pequena dóse e por muito tempo, como acontece nas profissões de pintores de casas, fabricantes de alvaiade, e outras, em que o envenenamento é accidental e lento, os symptomas são os da *colica de chumbo* (*veja-se* esta molestia), taes como o emmagrecimento progressivo, pallidez do rosto, salivação, prisão de ventre, dôres no ventre, enfraquecimento das pernas. Se o veneno foi ingerido em dóse consideravel, notão-se então vomitos, dôres de ventre, secura da bocca, constricção da garganta, soluços, vertigens, retenção de ourinas, suores frios e a morte.

Para combater os accidentes produzidos pelas preparações de chumbo, veja-se o artigo ENVENENAMENTO.

As tigelas e outros vasos de barro, envernizados com oxydos de chumbo, alterão-se pela acção do vinagre e de alguns saes, e por isso são prohibidas em certas industrias, como, por exemplo, na dos salchicheiros.

Sendo venenosas todas as composições de chumbo, cumpre examinar, se nos canos que servem para conduzir aguas, este metal não se oxyda; se a agua potavel, que é arejada, não pôde atacar o chumbo, dissolvê-lo, e tornar-se assim prejudicial á saude.

Esta questão foi novamente agitada em 1873 pelos chimicos francezes, e deo lugar a diversas publicações que vou resumir.

No curso publico de chimica em Pariz, o Professor Dumas fez a experiencia seguinte:

Preparou quatro frascos contendo grãos de chumbo, e deitou n'elles respectivamente: no 1º agua distillada; no 2º agua de chuva; no 3º agua do rio Sena que se bebe ordinariamente em Pariz; no 4º agua de poço. A dissolução de hydrogeneo sulfurado, deitada no primeiro frasco, produzio immediatamente um precipitado negro, prova da existencia de oxydo de chumbo, na agua distillada. A solução de hydrogeneo sulfurado não produzio precipitado negro nas outras aguas; estas aguas, pois, não continhão chumbo; erão carregadas mais ou menos de saes calcareos, que se oppõem á dissolução dos saes de chumbo. A agua distillada carrega-se de chumbo com rapidez extraordinaria; a opposição feita pelos saes calcareos á dissolução do metal é tambem admiravel. Resulta d'isto, que a agua absolutamente pura possui propriedades diferentes da agua ordinaria. Não se pôde, pois, assegurar com certeza absoluta que haja ausencia dos saes de chumbo em todas as circumstancias da agua potavel; porque se esta agua fôr absolutamente isenta dos saes calcareos ou outros, se se aproximar da agua distillada pela sua pureza, poderá talvez atacar o chumbo. A agua de chuva pôde não atacar o chumbo se não foi colhida com muito cuidado e depois da lavagem prolongada da atmospherá pela agua pluvial. Por pouco que a agua de chuva indique a presença dos saes de cal pelos reagentes, reconhece-se-lhe a propriedade de não actuar sensivelmente sobre o chumbo. Quando a agua de chuva se tornou insensivel á acção dos reagentes da cal, ataca o chumbo com bastante rapidez, pela mesma fórma que a agua distillada.

Quaes são os saes mais efficazes para se oppõem, mesmo em fraca dóse, á oxydação do chumbo ao contacto do ar? Os saes de cal, são incontestavelmente efficazes nas doses mais minimas. Na

ausencia da cal, outros saes podem proteger o chumbo na dóse de cerca de 40 centigrammas (2 grãos) por litro (32 onças). Entretanto, ao cabo de 24 ou 36 horas, a agua torna-se mui levemente preta pela solução de hydrogênio sulfurado, mas este effeito pára logo e a oxydação cessa.

A maior parte das aguas das fontes, dos rios e regatos, contém os compostos seguintes ou os seus elementos: acido silicio, bicarbonatos de cal e de magnesia, sulfato de cal, chlorureto de sodio, vestigios de azotato, de chlorureto de potassio, de bromureto e de iodureto, acido carbonico, azoto, oxygeno, materias organicas azotadas e não azotadas. Um pequeno numero d'aguas d'esta classe contém bicarbonato de soda ou de potassa, conforme a natureza dos terrenos que percorrem. As *aguas de poços* contém ordinariamente maior quantidade de saes do que as aguas de fontes ou rios; algumas contém muito sulfato de cal; pelo que não cozem os feijões que se fazem ferver n'ellas, e decompõem o sabão transformando-o em grumos; chamão-lhes *aguas cruas*. Do que fica exposto parece que o perigo de envenenamento pela agua dos rios ou das fontes, tomada na extremidade dos canos de chumbo, é nullo.

A Academia das sciencias de Pariz occupou-se d'este assumpto nas sessões de 10 de novembro e do 1º de dezembro de 1873. Um dos membros, o Sr. Belgrand, Engenheiro em chefe, encarregado do serviço das aguas de Pariz, pronunciou um discurso que se póde resumir do modo seguinte :

« O chumbo é empregado para a confeição dos canos desde a origem das distribuições d'agua nas cidades. Na antiga Roma é no anno de 442 que foi construido o primeiro aqueducto que conduzia a agua Appia : desde esta época continuárão a fazer-se canos de chumbo. Todas as canalizações, no interior das cidades antigas, forão feitas com este metal. Este uso foi conservado nas cidades modernas, entre outras na Roma moderna, e em muitas cidades da França. Em Pariz, encontravão-se ainda, ha alguns annos, canos d'este metal, postos no tempo de Felipe Augusto (1190). Foi só no anno de 1782, que se generalizou em Pariz o uso dos conductos de ferro fundido. A maior parte das ramificações de chumbo, que existem hoje na capital da França, pertencem ás propriedades particulares. Os canos, que se achão nas vias publicas, são quasi todos de ferro fundido.

» Desde tão remotos tempos, ninguem até agora vio o menor perigo n'este emprego do chumbo. Nem Plinio, nem algum outro historiador da antiguidade mencionou facto algum de envenenamento. Foi o mesmo na idade média e nos tempos modernos. É

sómente de alguns annos a esta parte que se procura inquietar o publico affirmando que os canos d'agua, feitos de chumbo, são de um emprego perigoso. A agua, dizem, carrega-se de pequena quantidade de chumbo, que exerce acção lenta, porém perniciosa, sobre a saude dos consummadores. É facil verificar, que a superficie interior dos canos publicos de chumbo, que servem, em pequena quantidade em Pariz, para conduzir a agua, conserva-se constante e perfeitamente lisa. Quanto ás ramificações de chumbo, que pertencem aos particulares, estes cobrem-se em pouco tempo de uma camada de carbonato de cal e de limo que adhere ao metal e impede o contacto d'agua com o chumbo. A analyse chimica que se fez de todas as aguas distribuidas em Pariz, prova, além d'isto, a ausencia completa do chumbo n'estas aguas. A reunião d'estes factos é, segundo o Sr. Belgrand, uma demonstração sufficiente para fazer crer que os canos de chumbo não são nocivos. Não penso, por conseguinte, diz terminando o Sr. Belgrand, que seja possivel obrigar, como alguém pretende, os proprietarios de Pariz a substituir os canos de chumbo estabelecidos nas suas casas, pelos canos de chumbo forrados interiormente de estanho. »

O Sr. Bobierre, outro Membro da Academia das sciencias de Pariz, concluiu das suas observações que, á excepção das aguas pluvias ou distilladas, as aguas potaveis não atacam em geral os canos de chumbo de maneira sensivel senão *quando a superficie metallica está alternativamente em contacto com o ar e com a agua.*

O Dr. Champouillon, medico em chefe de um hospital militar de Pariz, apresentou á Academia a communicação seguinte :

« Todos os quartéis, todos os hospitaes militares de Pariz, são providos d'aguas potaveis conduzidas e distribuidas por canos de chumbo; estas aguas provém dos rios Sena, Marne, Dhuis, do canal Ourcq, e do poço artesiano. De 1845 a 1869, em um numero de 108,000 doentes recebidos nos hospitaes militares de Val-de-Grace, Gros-Caillou, e St. Martin, não foi notado um só caso de intoxicação de chumbo a um gráo qualquer. Esta intoxicação não seria possivel senão nas circumstancias excepçionaes em que as tropas bebessem *aguas pluvias* conservadas nos recipientes de chumbo. Forma-se então, ao contacto do ar, e tão rapidamente como na agua distillada, isto é, em algumas horas, carbonato de chumbo hydratado, podendo ser arrastado pelo corrimento d'agua. Quando as aguas potaveis contém, por litro, de 15 a 20 centigrammas (3 a 4 grãos) de saes mineraes, e particularmente de saes de cal, todo o perigo de envenenamento pelos canos de chumbo é absolutamente nullô. Fixa-se então sobre a superficie

interna d'estes canos um sedimento terreo, o qual basta, mesmo se fosse só da espessura da epiderme, para fazer obstaculo á reacção qualquer entre a agua e o metal, de maneira que se póde dizer dos canos de chumbo que, quanto mais servem, tanto melhores são. As aguas potaveis, que alimentão os quarteis de Pariz, contém de 15 a 60 centigrammas por litro de principios salinos em dissolução: é, pois, natural que os militares nunca tenham apresentado um exemplo de intoxicacção saturnina. »

Modo de reconhecer a presença das composições de chumbo na agua. A agua, que contém alguma composicção de chumbo, apresenta um precipitado *preto* deitando-lhe a dissolução de hydrogeneo sulfurado, um precipitado *amarello* ajuntando-lhe o iodureto de potassio, um precipitado *branco* deitando-lhe acido sulfurico.

Perigo que resulta para a saude do emprego dos grãos de chumbo para limpar lavando as garrafas. Nas paginas precedentes examinei a acção da agua sobre os canos de chumbo destinados a leva-la ás habitações. Resulta d'este exame que a agua póde, em certos casos, conter saes de chumbo e tornar-se nociva á saude. O inconveniente foi, porém, muito exagerado. Se ha perigo, é mui pequeno ao lado do risco que apresenta o emprego do chumbo, para limpar as garrafas, como resulta das experiencias seguintes, feitas pelo Sr. Fordos distincto chimico de Pariz.

Quando se agitam os grãos de chumbo com agua n'uma pequena garrafa de 250 grammas, vê-se que a agua se turva rapidamente, e forma-se um deposito esbranquiçado, que contém carbonato de chumbo ou alvaiade; ao mesmo tempo uma camada mui leve de alvaiade fixa-se nas paredes do vaso, e lhes adhire de tal modo que não se chega a tira-la pelas lavagens repetidas. Esta camada é visivel quando se examina a garrafa com attenção, e tira ao vidro uma parte da sua transparencia. Introduzindo na garrafa algumas colheres d'agua acidulada pelo acido azotico (8 grammas de acido para 1,000 grammas d'agua), de modo que molhe as paredes, a camada desaparece, o vidro torna-se limpido, e obtem-se uma dissolução que precipita em amarello pelo iodureto de potassio, em preto pelo hydrogeneo sulfurado, e em branco pelo acido sulfurico. Esta dissolução contém por consequente carbonato de chumbo. A quantidade de chumbo que se fixa nas garrafas é mui variavel; nas experiencias do Sr. Fordos não attingio 1 centigramma por litro.

Este facto apresenta grande importancia debaixo do ponto de vista da hygiene. Todos sabem que se tem por costume limpar com chumbo as garrafas destinadas para os liquidos alimentarios ou medicamentosos; e quando se engarrafa o vinho, é costume

sacudir as garrafas com grãos de chumbo, e passar depois agua uma vez sómente, de maneira que as garrafas retém não só o carbonato de chumbo adherente, mas ainda o que póde ficar em consequencia da lavagem incompleta; o que faz que o vinho, com que se enchem as garrafas, se carrega de quantidade maior ou menor de chumbo, e se torna mais ou menos perigoso para a saude. Não ha duvida que um semelhante vinho tenha occasionado ás vczes indisposições passageiras, ou mesmo affecções graves, cuja causa ficou ignorada. Será pois conveniente não empregar, para limpar garrafas, os grãos de chumbo, mas sim os de estanho.

O chumbo fica atacado n'este caso pela agua de rio e pela agua distillada; a acção é mais prompta na agua distillada do que na de rio; e tanto mais rapida quanto o chumbo mais dividido.

O deposito, que se produz nos canos que levão a agua dos rios carregada dos saes calcareos, é formado de carbonato de chumbo e de carbonato de cal.

Eis-aqui como o Sr. Fordos explica a acção da agua distillada e das aguas calcareas sobre o chumbo: Na agua distillada o acido carbonico é livre e póde immediatamente, na presença do chumbo e do oxygeneo do ar, formar um carbonato de chumbo. Nas aguas calcareas, o acido carbonico é combinado com a cal, no estado de bicarbonato, e é, por conseguinte, menos apto a contrahir nova combinação. Quando se agita a agua calcarea com chumbo, ha divisão do bicarbonato de cal debaixo da influencia do calor e da electricidade desenvolvida pela fricção dos grãos de chumbo uns contra os outros e contra as paredes do vaso; o acido carbonico desligado póde então entrar em combinação com o chumbo na presença do oxygeneo do ar, e produzir o carbonato que se depõe; ao mesmo tempo o carbonato de cal, tendo perdido o acido carbonico que o mantinha em dissolução, précipita-se tambem, e d'aqui vem a presença d'estes dois saes nos depositos dos canos de chumbo. O carbonato de chumbo e o carbonato de cal, depondo-se sobre o metal formão uma camada preservativa; e, quando o chumbo, está completamente coberto, um novo deposito de carbonato de cal póde produzir-se, se a agua é mui calcarea. Concebe-se que n'estas condições a agua chega á sua destinação n'um estado de pureza absoluta.

OXYDOS DE CHUMBO. Existem tres. O *protoxydo* ou oxydo de chumbo amarello; chama-se nas artes *massicote*; serve na pintura. Aquecido fortemente, este oxydo crystalliza em escamas brancas ou vermelhas, e forma o *lithargyrio*, com que se preparão os oleos para a pintura, e o acetato de chumbo (extracto de Saturno), e os emplastos empregados em medicina.

O *deutoxydo* é vermelho; chama-se *zarcão* ou *minio*, é empregado para envernizar a louça, fazer esmalte; e na pintura. Misturado com azeite, serve para tapar as juntas das caldeiras de vapor e dos tubos. Em medicina entra na composição de alguns emplastos e unguentos.

O *tritoxido*, de côr escura, é sem uso.

SAES DE CHUMBO. O chumbo combina-se com os acidos, para formar saes. O mais commum é o *carbonato de chumbo*, conhecido no commercio debaixo do nome de *alvaiade*; é branco, e insolúvel em agua. Acha-se no estado natural; mas o alvaiade que se emprega nas artes é preparado nas fabricas; serve para a pintura, e entra na composição de alguns emplastos. A sua fabricação occasiona ás vezes nos operarios a *colica de chumbo*.

O *acetato de chumbo*, ou *extracto de Saturno*; é preparado com lithargyrio e vinagre. Serve para a preparação da *agua vegeto-mineral*, ou *agua branca de Goulard*, liquido resolvente empregado nas contusões e torceduras.

CHYLO. É um succo branco, leitoso, formado pela alteração do chymo, e que é o resultado da digestão dos alimentos. O chylo é absorvido por vasos especiaes, chamados chyloferos, e levado á torrente circulatoria, que o distribue e faz servir para a nutrição. A absorpção chylacea principia no fim do intestino duodeno, continua em todo o comprimento do jejuno, e cessa no fim do ileo. *Veja-se DIGESTÃO.*

CHYMO. Polpa homogenea, viscosa, de côr cinzenta, de sabor adocicado ou azedo, de cheiro nauseabundo, em que se achão convertidos os alimentos depois de demorados por algumas horas no estomago e nos primeiros intestinos; modificada pela bilis e pelos succos do pancreas, está massa transforma-se em chylo. *Veja-se DIGESTÃO.*

CICATRIZ ou COSTURA. Assim se chama o tecido novo que se forma em consequencia das feridas e ulceras que sárão. Este tecido é resistente, duro, e de côr esbranquiçada. A cicatriz persiste toda a vida; é mais extensa nas feridas que suppurão muito tempo do que nas que sárão depressa. Nas feridas cujas margens são reunidas immediatamente por meio de pontos falsos, a cicatriz é linear e pouco visivel. Uma das propriedades da cicatriz é tender constantemente a *retrahir-se*, mesmo muito tempo depois da sua formação; d'aquí resulta a pouca extensão da cicatriz em proporção da largura da ferida. Esta vantagem é infelizmente compensada pelos numerosos inconvenientes e deformidades, consequencias d'esta retracção.

A cicatriz, com effeito, contrahindo-se, puxa e approxima os

tecidos a que se acha unida. É facil conceber que d'isto devem resultar deslocações das partes vizinhas; e por isso tem-se observado casos em que as palpebras se virárão, os dedos e os braços se encolhêrão sem que fosse possivel estendê-los. Tambem se tem visto o queixo unido ao peito em consequencia de queimaduras; as aberturas do nariz, bocca, anus e vagina retrahidas ou tapadas; outras vezes, duas partes vizinhas, como dois dedos, por exemplo, achando-se approximados, cicatrizárão-se juntos, e ficarão pegados. Todas as feridas com perda de substancia, e sobretudo as queimaduras, podem produzir estas retracções e estas adherencias. Em geral para prevenir estes accidentes, deve-se por meio de ataduras exagerar a extensão do membro, se a cicatriz tiver tendencia para produzir a flexão, e *vice versa*; podem prevenir-se as adherencias anormaes, pondo entre as partes contiguas fios ou tiras de panno de linho; os orificios naturaes serão dilatados por meio de fios ou esponjas preparadas, etc.; porém, por mais que se faça, haverá sempre estreitamento.

Podem corrigir-se as deformidades, que resultão das cicatrizes, por meio de diversas operações chirurgicas.

CICUTA. Este nome applica-se a tres plantas venenosas da familia das Umbelliferas: cicuta grande, cicuta pequena e cicuta virosa. As duas primeiras merecem aqui uma descripção especial.

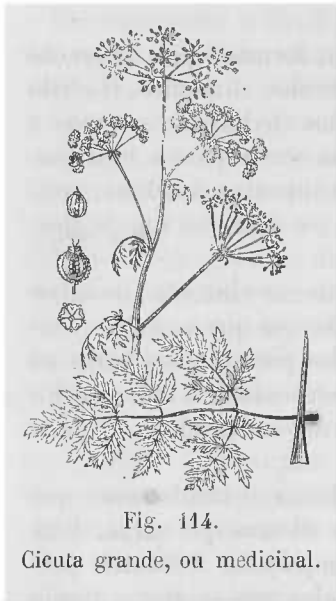


Fig. 114.

Cicuta grande, ou medicinal.

1º **Cicuta grande** ou **maior**,
CICUTA ORDINÁRIA, CICUTA MEDICINAL,
CICUTA DOS ANTIGOS, CICUTA DE SOCRATES,
CICUTA MALHADA. *Conium maculatum*, L.
Umbelliferas. Fig. 114. Planta que
habita nos lugares humidos da Europa,
á sombra dos muros, mas sobretudo

nos cemiterios onde é mui commum. Em Portugal, acha-se entre Coimbra e Pereira, nos arredores de Lisboa; e outras partes em todo o reino; no Brasil encontra-se principalmente na provincia de S. Paulo e no Rio Grande do Sul. O succo d'esta planta, misturado com o das dormideiras deo a morte a Socrates. Quando principia a crescer, parece-se com a salsa hortense, e por isso é indispensavel que se saiba distingui-la. A cicuta é uma planta de 1 metro a metro e meio; o seu caule é liso, ôco é marcado exteriormente de nodoas avermelhadas, d'onde lhe vem o

nome; a raiz é branca, fusiforme. Estas nodoas, as folhas de um verde-escuro, as flores brancas, os fructos quasi globosos e marcados de entalhos transversaes, cheiro extremamente desagradavel, que se tem comparado ao da ourina de gato, são os seus caracteres distinctivos; a salsa, pelo contrario, tem as folhas de um verde-amarellado, que exhalão um cheiro aromatico quando esfregadas entre os dedos; flores brancas amarelladas e fructos ovaes. É essa variedade da cicuta que é empregada em medicina, na dóse minima, como narcotico e calmante.

2º **Cicuta pequena**, CICUTA DOS JARDINS, SALSA FALSA. *Aethusa cinapium*, Linneo. Umbelliferas. Fig. 115. O seu caule tem 30 centimetros de elevação. Foi ás vezes confundida com a salsa hortense, *Apium petroselinum*, Linneo, de que é difficil distingui-la quando não está em flôr. Estas duas plantas crescem frequentemente juntas nas hortas, o que torna o engano ainda mais facil. Na seguinte exposição achará o leitor algumas differenças entre estas duas plantas.

Cicuta pequena. Fig. 115. Raiz delgada, sem cheiro.

Folhas de cor verde-escura, exhalão um cheiro desagradavel, quando esfregadas entre os dedos.

Caule cylindrico, tem nodoas avermelhadas em baixo.

Flores brancas, em umbellas chatas, sem involucro.

Fructos globosos, estriados.

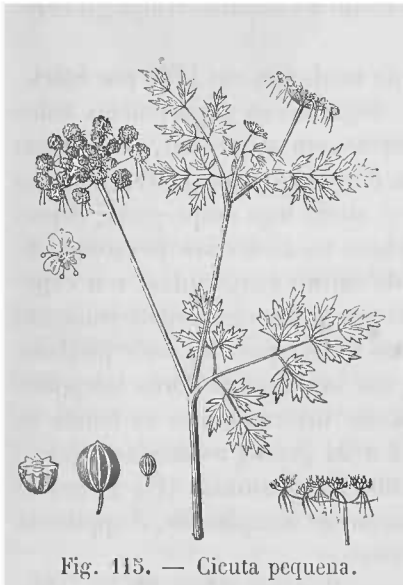


Fig. 115. — *Cicuta pequena*.

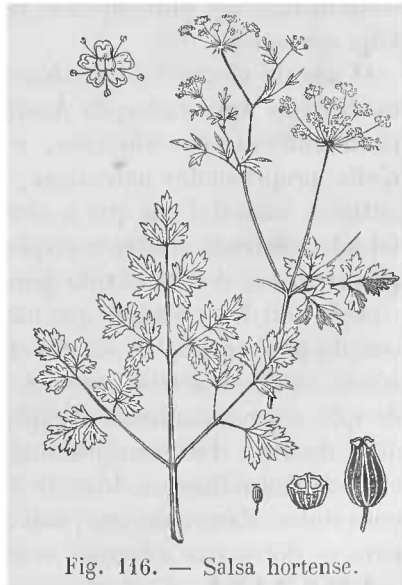


Fig. 116. — *Salsa hortense*.

Salsa hortense. Fig. 116. Raiz frequentemente grossa, tendo o gosto um pouco aromatico.

Folhas de côr *verde-amarellada*, que, esfregadas entre os dedos, exhalão um cheiro aromatico agradável.

Caule verde côr das folhas.

Flores esbranquiçadas, dispostas em umbellas pedunculadas, providas de um involuero.

Fructos ovoides, quasi lisos.

A cicuta das hortas é um veneno violento. O Dr. Orfila vio morrer em uma hora um cão robusto ao qual fez engulir sete onças do succo d'esta planta. N'um jornal, *Archives de Médecine*, do mez de janeiro de 1830, achão-se referidos exemplos de duas pessoas que morrêrão por terem comido este vegetal em salada; a primeira foi acometida, uma hora depois da comida, de vertigens, nauseas, de um estado comatoso, suores frios, e resfriamento geral seguido de morte; outra, tendo tomado um vomitorio, lançou uma porção do veneno, apesar d'isso morreo no fim de algumas horas. O Dr. Nicot vio expirar uma criança diante dos seus olhos; teve no principio caimbras no estomago; depois entorpecimento, nauseas, vertigens, vomitos abundantes; o rosto tornou-se azul, as extremidades frias, o pulso mui lento, e emfim, succumbio. Os vomitorios e a limonada de vinagre devem empregar-se em taes casos. *Vejá-se* ENVENENAMENTO.

As duas plantas Umbelliferas, que acabei de passar em revista, são, como já disse, venenosas: deve-se notar que a mesma familia contém vegetaes alimenticios, taes como a cenoura, o aipo, o cerefolio e a salsa.

O uso da cicuta foi introduzido na medicina em 1760 por Stork, medico do Imperador da Austria. Segundo as experiencias feitas primeiramente em animaes, e depois em si mesmo, reconheceo n'ella propriedades narcoticas, e a empregou nos scirrhos pouco antigos, molestia em que a cicuta é ainda hoje empregada; depois foi administrada contra a coqueluche e as molestias nervosas. As propriedades d'esta planta tem sido muito exageradas; e a experiencia tem demonstrado que não ha um só cancro verdadeiramente curado pela cicuta. Os unicos effeitos uteis, que ella póde produzir n'esta cruel molestia, consistem em acalmar as dôres latejantes de que é acompanhada. Empregão-se internamente as folhas na dóse de 10 a 120 centigrammas (2 a 24 grãos) reduzidas a pó; o *extracto* das folhas na dóse de 5 a 60 centigrammas (1 a 12 grãos) em pilulas. Externamente, sob a fórma de cataplasma, é applicada para as dôres nas affecções scirrhosas.

CICUTINA, CONICINA, CONINA OU CONEINA. Alcaloide liquido e volatil extrahido da cicuta. Obtem-se pisando as sementes da cicuta; diluindo-as na agua com cal extincta e carbonato de potassa, e

distillando tudo no alambique. A cieutina é um liquido incolor ou levemente amarellado, oleginoso, alcalino, densidade de 0,878; cheiro nauseoso, penetrante, semelhante ao do percevejo; volatil, mui inflammavel; soluvel em 100 partes d'agua, e em 6 partes de ether; mistura-se com alcool em todas as proporções; toma a côr roxa ao ar. É mui venenosa: foi, todavia, aconselhada contra a asthma, na dôse de 1 gotta, com agua e assucar; porém é pouco usada.

CIDRA. Fructo da cidreira, *citrus cedra*, Gall., arbusto da familia das Aurantiaceas, cultivado no Brasil e em Portugal.

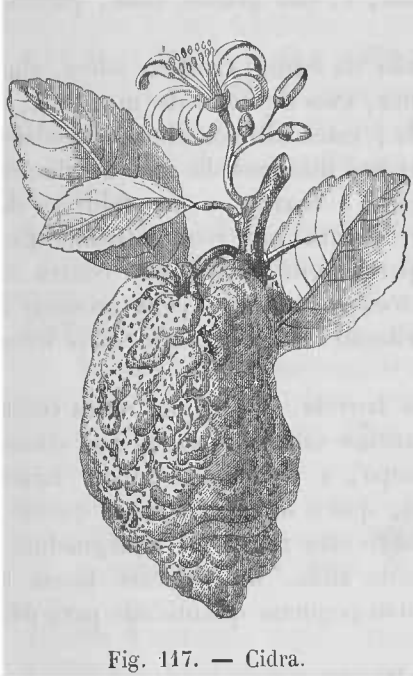


Fig. 147. — Cidra.

Fig. 148. Este fructo é volumoso, oval, mamilloso; com casca rugosa, tuberculosa, de côr roxa quando novo, amarella quando maduro. A casquinha, isto é a casca exterior, fornece por expressão ou distillação, uma essencia de cheiro muito suave. A casca interior é muito espessa, branca, tenra,

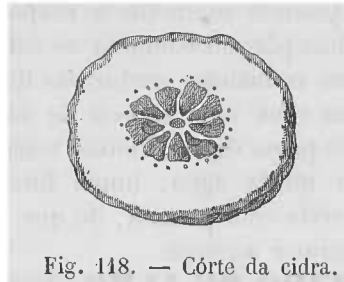


Fig. 148. — Córte da cidra.

carnosa e forma a parte a mais consideravel do fructo: fazem-se com ella doces muito agradaveis. A baga é muito pequena; contém um succo acido, sem uso.

CIDRILLA. *Verbena triphylla*, L'Hérit. Verbenaceas. Pequeno arbustq commum no Rio de Janeiro. O seus ramos direitos são guarnecidos de folhas lanceoladas, pontudas nas duas extremidades, exhalando um cheiro de limão, quando esfregadas; flores dispostas em espigas axillares ou em panicula terminal nua. O chá de folhas emprega-se nas indigestões; prepara-se com tres ou quatro folhas e uma chicara d'agua fervendo.

CIEIRO. Pequenas rachas nos beiços. V RACHAS DOS BEIÇOS.

CINABRIO. É uma composição de enxofre e mercurio. Veja-se MERCURIO.

CINCHONINA. Um dos principios da quina. Apresenta-se em prismas quadrilateraes ou pequenas agulhas, anhydras, sem côr nem cheiro; de sabor amargo; solúvel em agua e no alcool, quasi insolúvel no ether. Possui as propriedades da quinina, mas em menor gráo.

CINNAMOMO, *Melia Azedarach*, Linneo. Meliaceas. Arvore da Persia e Syria; introduzida no Brasil, na provincia do Rio Grande do Sul, de que todas as partes são amargas. O decocto da casca emprega-se em lavatorios contra as úlceras. Tomado internamente provoca os vomitos; e, em grande dóse, poderia envenenar.

CINZA. Residuo da combustão da lenha. Contém silica, alumina, oxydos de ferro e manganez, sacs de cal e de magnesia, e sobretudo saes de potassa e soda; estes ultimos abundão sobremaneira nas plantas que habitão nas margens do mar ou dentro d'ellc. As cinzas empregão-se para a barrela e nas fabricas de vidro; fornecem tambem á agricultura um bom estrume. Em medicina, empregão-se na preparação de escalda-pés contra as dôres de cabeça, tosses, oppressões do peito, e para provocar a transpiração. Produzem leve irritação nos pés, muito mais fraca do que a farinha de mostarda.

Quando se mette a roupa na barrela, não se faz outra cousa senão pôr em contacto as substancias salinas contidas nas cinzas com as nodoas gordurosas da roupa; a potassa as ataca, forma com ellas uma especie de sabão, que é solúvel na agua quente, que passa depois muitas vezes sobre esta roupa. A enxaguadura, em muita agua, limpa finalmente tudo. Os Inglezes fazem a barrela com potassa, de que deitão pequena quantidade para não queimar a roupa.

CIPÓ DE ALHO. *Veja-se* PÁO DE ALHO.

CIPÓ DE CABOCLO, CIPÓ DE CARIJÓ. *Veja-se* SAMBAIBINHA.

CIPÓ DE CHUMBO. *Cuscuta umbellata*, Humboldt. Cuscutaceas. Planta parasita do Brasil; não tem folhas, e vive sobre os arbustos vizinhos. Caules filiformes, de côr amarella-alaranjada, de sabor amargo; estendem-se de maneira que cobrem o vegetal que lhes serve de sustentaculo; flores umbelliformes. A infusão d'esta planta é tónica; prepara-se com 4 grammas (1 oitava) de cipó de chumbo e 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo. Usa-se nas molestias do peito.

CIPÓ DE COBRA, CAAPEBA, HERVA DE NOSSA SENHORA. *Cissampelos glaberrima*, Saint-Hilaire. Menispermicas. Planta herbacea do Brasil; habita especialmente nas provincias de S. Paulo e

Minas. Caule glabro, volubil; folhas ovaes, agudas, com a base arredondada; as flores masculinas inferiores dispostas em racimos, as superiores em corymbos; as flores femininas em espigas; fructo, drupa avermelhada com uma só semente; raiz formada de pequenos tuberculos. Toda a planta exhala um cheiro forte. As raizes, chamadas *batatinhas de cobra*, contusas, e diluidas em aguardente, administrão-se, na dóse de 1 a 2 oitavas, de 2 em 2 horas, nas picadas das cobras; e sobre a ferida applica-se a mesma raiz contusa. Porém os medicos duvidão do effeito d'este contra-veneno, no qual só acreditão alguns habitantes das localidades onde cresce a planta.

CIPÓ-CRUZ ou **DA CRUZ**. *Veja-se CAINCA*.

CIPÓ CURURU. *Echites cururu*, Martius. Apocynas. Planta trepadeira do Brasil; habita especialmente no Rio Negro. A infusão do caule é purgativa, e como tal empregada pelos habitantes do Amazonas.

CIPÓ - GUYRA, *Bignonia guyra*, Riedel. Planta que habita no Brasil, no Alto-Amazonas. A raiz é purgativa; usa-se em cozimento.

CIPÓ SUMÁ (S. Paulo), *PIRAGUAIA* (Minas). *Anchietea salutaris*, Saint-Hilaire. Ionideas. Arbusto do Brasil. Caule ramoso, folhas alternas, pecioladas, ovaes, desigualmente denteadas; flores axillares, numerosas, dispostas em racimos sesseis; fructo, capsula muito grande, do comprimento de 2 a 3 pollegadas, contendo muitas sementes; raiz longa, da grossura de um dedo para mais, com o parenchyma côr de rosa. A casca da raiz é purgativa, e emprega-se na dóse de 2 oitavas, em pó ou infusão aquosa.

CIPÓ TIMBÓ. *Veja-se TIMBÓ*.

CIRCULAÇÃO. Trajecto que percorre continuamente o sangue para ir do coração aos órgãos, e voltar dos órgãos ao coração. Para bem comprehender o mecanismo d'esta importante funcção, é necessario lembrar ao menos a disposição dos agentes que são encarregados de preenchê-la. (*Veja-se* o artigo **CORAÇÃO**, e as palavras *Arterias*, *Veias*, *Coração* no artigo **ANATOMIA**.) Lançado na arteria aorta pelas contracções do ventriculo esquerdo do coração, o sangue, de côr vermelha, e carregado de principios nutrientes, corre rapidamente todas as divisões e subdivisões das arterias, e chega assim ao systema capillar geral, onde dá vida a todos os órgãos, ministra os materiaes de todas as secreções. Os vasos capillares, intermedios entre as ultimas ramificações das arterias e as mais delgadas radículas das veias, transmittem este sangue, despido de sua qualidade vivificante e convertido em sangue preto,

às veias, cujas divisões, diminuindo successivamente de numero, vem todas juntar-se nas *veias cavas* que penetram na auricula direita do coração. Da auricula direita o sangue preto passa para o ventriculo direito; d'este lugar é lançado pela arteria pulmonar nos pulmões, onde é revivificado pelo acto da respiração, que lhe restitue a côr vermelha. N'este estado volta ao coração por via da veia pulmonar; a auricula esquerda, que o recebe, transmite-o ao ventriculo esquerdo, que se contrahe para expulsa-lo pela aorta, e lhe faz principiar incessantemente o tracto que acaba de percorrer.

CIRRHOSE DO FIGADO. *Veja-se FIGADO.*

CITRATO DE MAGNESIA. *Veja-se MAGNESIA.*

CIVETA. *Veja-se GATO DE ALGALIA.*

CLARA DE OVO. Materia liquida, viscosa, formada d'agua e de albumina, com alguns saes de soda, de cal e um pouco de enxofre. Tem a propriedade de coalhar pela acção do calor. As claras de ovo são empregadas contra a diarrhea; em bebida, duas claras de ovo n'uma chicara de cozimento de arroz, tres vezes ao dia; e em clysteres, duas claras de ovo n'uma chicara de infusão de linhaça duas vezes por dia. Este remedio simples tem curado diarrheas que tinham resistido aos remedios mais energicos. *Veja-se ALBUMINA.*

CLAUDICAÇÃO, COXEADURA, CÔXO. A claudicação reconhece por causas: 1º o alongamento ou encurtamento de um dos membros inferiores, o que tem lugar nas deslocções espontaneas da coxa, depois de certas fracturas complicadas, depois das deslocções não reduzidas, etc.; 2º a ankylose de uma das articulações do membro inferior; 3º uma fraqueza ou paralyisia dos musculos; 4º uma dôr, qualquer que seja a sua causa, no pé ou joelho.

A claudicação combate-se conforme as causas que a produzirão; muitas vezes é incuravel. Quando é devida ao encurtamento de um membro, pôde-se remediar até certo ponto por meio de calçado com salto alto. As diversas causas da claudicação são examinadas em cada artigo particular. *Veja-se ANKYLOSE, COXALGIA, PÉ TORTO, etc.*

CLAVICULA. Osso comprido, situado de cada lado e quasi transversalmente por baixo do pescoço; pôde ser facilmente percebido pelo tacto. Sua fôrma é torcida e parece-se com a letra S. É menos curvo na mulher do que no homem.

Clavicula (*Fractura da*). *Veja-se FRACTURA.*

CLIMA. Clima é propriamente o espaço comprehendido nos mappas geographicos entre dois circulos parallelos ao equador;

mas, por extensão, chama-se clima uma região em que a temperatura e as outras condições da atmosphera são pouco mais ou menos as mesmas. Os climas exercem sobre o physico e o moral do homem uma influencia poderosa, que resulta dos effeitos simultaneos da luz, do calor, da electricidade, da humidade, dos ventos, das producções e natureza do terreno, da posição dos lugares, da cultura das terras, e talvez de alguns outros agentes não conhecidos.

Sendo os climas relativos á situação respectiva do sol e da terra, poderião ser multiplicados indefinidamente, ou pelo menos marcados por cada gráo de latitude. Mas admittindo-se semelhantes divisões, os phenomenos naturaes que lhes correspondem poderião confundir-se. Não se considerão por conseguinte senão tres climas principaes: quentes, temperados e frios. As regiões quentes são situadas entre o equador e o 30 gráo de latitude; os climas temperados estendem-se do 30 a 55 gráo, e os paizes frios d'este ultimo até aos polos.

Adoptando estas tres grandes divisões, necessariamente arbitrarías, a influencia do clima sobre o homem, e sobre todos os productos da natureza, está mui profundamente marcada. Seria demasiado longo este artigo, se me fosse preciso seguir esta observação debaixo do ponto de vista da historia natural, comparando os reinos animal, vegetal e mineral de cada uma das tres zonas. Para limitar-me ao que se percebe á primeira vista, lembrarei que as regiões intertropicaes offercem os mais bellos quadros da natureza. A zona glacial, pelo contrario, privada do sol, apresenta-se bastante mesquinha, quanto ás especies viventes que n'ella habitão.

É maravilhoso para o naturalista ver a especie humana habitar desde o equador até ao 75 gráo de latitude. Quando se reflecte que no primeiro d'estes climas o thermometro sobe á sombra até 35 grãos, e que no outro desce até 50 grãos abaixo de zero, o que faz uma differença de 85 grãos, não se pôde deixar de confessar que a organização humana é de admiravel flexibilidade.

Os grãos de latitude não dão proporções de temperatura uniformes e constantes. Assim, debaixo dos parallellos proximos ao equador, o calor varia apenas; entretanto que, á proporção que se marcha para a zona temperada e glacial, a differença thermometrica se faz sentir em distancias mais proximas. Perto do equador são precisos cinco e dez parallellos (550 a 1100 kilometros, ou 90 a 180 leguas) para ter um gráo de menos nas temperaturas médias annuaes. Em França, um espaço de 90 leguas do sul ao norte dá um abaixamento thermometrico de tres grãos. Depois do

circulo polar, acha-se um gráo de calor menos por cada latitude nova.

Fallemos agora de cada um dos grandes climas em particular.

Os *climas quentes*, que se estendem, em um e outro hemispherio, desde a linha até ao 30 gráo de latitude, comprehendem grande parte da America meridional, da Africa, da Asia, da Nova Hollanda, da Nova Guiné, e grande numero de ilhas. A temperatura média d'estas diversas regiões é de 22° a 43° centigrados. — O que alguns autores tem dito do calor do Senegal e do centro da Africa parece ser inteiramente exagerado. Os viajantes de boa fé não dão a essa temperatura além de 42 grãos; ella desce ás vezes no equador abaixo do 25°. O thermometro na zona torrida sustem-se constantemente acima de 12 grãos centigrados. Se desce ás vezes até zero ou nivel do gelo é só por acaso ou circumstancias locaes.

Segundo as observações feitas no Observatorio do Rio de Janeiro durante 17 annos, de 1851 a 1867, a temperatura média do Rio de Janeiro, concluida d'estes 17 annos, é de 23,636 do thermometro centigrado.

*Indice de 17 annos de observações meteorologicas
no Rio de Janeiro.*

	TEMPERA- TURA MÉDIA	NUMERO MÉDIO DOS DIAS DE CHUVA		TEMPERA- TURA MÉDIA	NUMERO MÉDIO DOS DIAS DE CHUVA
Janeiro	26,254	10,8	Julho	21,332	4,9
Fevereiro.. . .	26,564	8,1	Agosto.	21,448	6,0
Março..... . .	26,194	9,8	Setembro... . .	21,775	9,1
Abril.	23,057	7,1	Outubro.. . . .	22,810	8,7
Maió..	22,837	7,8	Novembro.....	23,921	8,4
Junho	21,173	5,5	Dezembro. . . .	25,101	11,9

Resulta d'este indice, que a temperatura média do Rio de Janeiro é, como já disse, de 23,636; e o numero médio dos dias de chuva, por anno, é de 98.

O numero médio dos dias de trovoada é, no Rio de Janeiro, de 25 por anno.

A maior temperatura que foi observada n'estes 17 annos, no Rio de Janeiro, foi de 27,6 (janeiro, 1863); e a menor, de 18,5 (setembro 1858).

Para apreciar no seu valor real os documentos fornecidos pelo Observatorio do Rio de Janeiro sob o ponto de vista da thermo-

metria, é preciso ter em conta uma circumstancia importante; vem a ser a condição particular do lugar em que as observações foram feitas. Na época em que ellas se fizerão o Observatorio do Rio de Janeiro estava situado perto do mar, no morro do Castello, a 63 metros de altitude, e exposto á viração que corre do mar, occupava o antigo convento dos Jesuitas, cujas paredes apresentavão a espessura de mais de 1 metro, nõ qual as aberturas erão estreitas, onde tudo parecia, em uma palavra, ter sido disposto para manter grande frescura interior. Assim, referindo-se unicamente aos resultados thermometricos d'esse lugar, poderiamos-nos enganar, porque estão longe de exprimir a temperatura real da cidade; esta temperatura acha-se sempre de 4 a 5 grãos mais elevada do que a temperatura publicada pelo Observatorio.

Em geral, o calor, no Rio de Janeiro, attinge o maximum em fevereiro; o thermometro não começa a indicar uma baixa sensivel senão em maio, chega ao minimum em junho e julho, fica quasi estacionario n'este minimum até ao fim de setembro, e sobe rapidamente a partir de novembro. É a regra geral; ha, porém, excepções annuaes frequentes. Durante todo o anno, o momento do mais forte calor é á 1 hora depois do meio dia; o momento da maior frescura é ás 7 horas da manhã.

Apezar da serenidade constante do céu durante a maior parte do anno nas regiões equinoxiaes, as chuvas são n'ellas mais abundantes do que nas outras zonas. Nas mesmas regiões observão-se, mais frequentemente do que nas outras partes, grandes commoções da atmosphera.

Os habitantes dos paizes quentes são mais especialmente sujeitos ás febres graves, ás hemorragias, ás molestias dos orgãos digestivos, ás affecções nervosas chronicas, ás affecções cerebraes. As molestias do peito são n'ellas mais raras. A estação das chuvas e as primeiras semanas que a seguem immediatamente são os tempos mais doentios. As differentes regiões da zona torrida offerecem á observação molestias que lhes são especiaes, taes como a febre amarella da America, a cholera das Indias, a peste do Oriente, a morphea, elephantiasis, etc. Póde-se viver n'ellas tanto tempo como nas outras regiões, sem entretanto possuir-se aquella actividade, aquelle vigor que caracteriza os habitantes dos paizes temperados.

Os climas extremamente *frios*, entre os quaes, avançando do lado do polo, contamos successivamente a Dinamarca, Suecia, Noruega, Russia, Siberia, Laponia, Islandia, Groenlandia, Kamchatka, a Nova Zembla, o paiz dos Samoiedas, e Spitzberg, apresentão, com os paizes precedentes, os maiores contrastes. Disse

que, na linha, o thermometro centigrado eleva-se até 43 grãos; no septuagesimo quinto paralelo, e especialmente na ilha Melville, tem-se visto descer até quasi o quinquagesimo abaixo de zero. Assim o capitão Parry com a sua tripolação, e muitos outros marinheiros que sulcárão o Oceano desde o equador até além dos circulos polares, puderão comparar em si mesmos a impressão das temperaturas na escala enorme de mais de 80 grãos. As variações diurnas do calor são pouca cousa nas regiões dos polos; mas, em compensação, a differença annual é mais consideravel do que no equador. O capitão Franklin notou, na mesma latitude, entre o minimum do inverno e o maximum do verão, 81 grãos de variação, isto é, 50 abaixo e 31 acima de zero. Esta ultima temperatura (+ 31°) parece ao principio bem maravilhosa; mas attendendo-se a que n'estas regiões glaciaes o sol conserva-se sobre o horizonte sem interrupção desde o equinoccio da primavera até ao do outono, facilmente se comprehenderá como, n'este longo dia de seis mezes, a acção contínua dos raios solares é sufficiente para aquecer o ar. Além das influencias locaes, as chuvas são mais raras á proporção que se adianta para o norte. Depois do 55 gráo de latitude, e o equinoccio de setembro, a agua contida no ar cahe mais frequentemente debaixo da fórma de neve ou de saraiva. O frio, a immobildade, o silencio da morte reinão na atmosphaera. Na vizinhança dos polos nunca apparecem raios, relampagos, nuvens de agua, borrascas nem furacões. Comquanto seja nocivo o seu excesso, o calor não póde deixar de ser considerado como um principio vivificante da natureza, e por isso, além dos limites da zona temperada do lado do norte, as especies viventes soffrem ou cessão de existir. As arvores só chegão á altura dos arbustos; o mesmo decrescimento sentem todos os vegetaes. Esta lei de degeneração tambem existe na especie humana; sabe-se quanto é pequena a estatura das raças laponias, dos Samoiedas, dos Ostiacos, dos Tonguses, dos Esquimós. As molestias dos climas frios são menos variadas, menos numerosas e menos funestas do que as dos paizes quentes. As grandes epidemias são sobretudo mais raras n'elles. Estas molestias não offerecem particularidades notaveis quanto á especie, se se exceptuão as gangrenas por congelação.

Os climas *temperados*, situados entre os dois extremos, do trigesimo até ao quinquagesimo quinto gráo de latitude, são os mais agradaveis para se habitar. Estes climas comprehendem quasi toda a Europa, a alta Asia, a grande Tartaria, o Thibet, parte da China, o Japão, a America septentrional, o Cabo da Boa Esperança, a terra de Diemen, a Nova Zelândia, parte do Chile, Montevideo,

Buenos-Ayres, no Brasil a provincia do Rio Grande do Sul, etc. É raro que n'estes climas o calor se eleve acima do 37 gráo, e desça abaixo do 18°—0. Não apresentam estes climas, como as regiões tropicaes, a belleza da vegetação, a excellencia dos sabores, a riqueza dos perfumes, o brilho das côres; mas a serenidade do céu, propicio aos fructos da terra, não obriga os habitantes dos paizes temperados a lutar incessantemente contra a sua inelemencia. Entretanto, esta zona tambem tem suas vicissitudes atmosfericas e suas molestias.

Passo agora a dizer algumas palavras ácerca das influencias locais, ou dos climas accidentaes e particulares, que se distinguem em cada uma das grandes zonas terrestres que deixei indicadas.

Bem que o hemispherio meridional reeeba os raios solares na mesma direcção que o hemispherio boreal, é, entretanto, segundo as observações multiplicadas de Humboldt, sensivelmente mais frio em latitude igual. A differença é sobretudo notavel nos polos; a média das temperaturas do polo antarctico ou do sul é de 23 gráos abaixo de zero, entretanto que a do polo aretico ou do norte é sómente de 16 gráos. A immensa extensão dos mares no hemispherio austral explica em grande parte este phenomeno. Pela mesma razão, isto é, pela menor elevação da temperatura do ar sobre a agua do que sobre os continentes, as ilhas são mais temperadas do que a terra firme, debaixo da mesma latitude.

Porém a influencia mais notavel das localidades sobre os climas observa-se nas montanhas altas, e sobretudo nas dos paizes quentes. Subindo da base ao cume, observão-se, em algumas horas, os climas permanentes da maior parte do globo. No sopé das montanhas, os calores do equador e do verão; no cume, os gelos perpetuos dos polos e do inverno, e nas alturas intermedias, as gradações da zona temperada, da primavera e do outono. A vegetação segue o mesmo progresso n'esta escala rapida, como no globo inteiro; ricas e vigorosas na base, como debaixo do equador, as plantas diminuem á proporção que se approximão do cume; as que ahi nascem tornão-se mofinas, languidas, e subindo-se á altura de 2,000 toezas, já não se cneontra vegetação alguma. Sabe-se que, por causa da elevação do terreno, a cidade de Quito, bem que situada debaixo da linha, goza do clima dos paizes temperados, e que os Andes do Perú estão constantemente cobertos de neve.

A vizinhança dos pantanos influe muito na insalubridade do clima. Miasmas deleterios, que resultão das materias organicas em decomposição, levantão-se incessantemente d'estes lugares

empestados, e occasionão numerosas molestias. Tanto é nociva a vizinhança d'estes lugares, quanto é salutar a das mattas. Enriquecem o ar de uma prodigiosa quantidade de oxygeneo, quando são aquecidas pelos raios solares; entretem uma frescura habitual na atmosphaera, durante o verão, e no tempo de inverno, diminuem a violencia do frio, paralyndo o curso impetuoso dos ventos. As vastas planicies continentaes estão expostas a todas as vicissitudes atmosphericas, a todos os ventos; são mais quentes no verão e mais frias no inverno do que as outras localidades. A direcção das montanhas, relativamente ao sol ou sua exposição, influe consideravelmente na temperatura. Se uma montanha recebe todo o dia a acção dos raios do sol, a temperatura será mais quente do que devia ser na latitude em que ella se acha situada. O inverso terá lugar no seu lado opposto. A luz e o calor são agglomerados e reflectidos pelas paredes dos valles; o ar n'elles está interceptado, e por isso a temperatura n'esses lugares é muito mais branda do que em qualquer outra parte. A circumstancia da estagnação do ar n'estes valles é mui funesta aos habitantes d'cstes lugares, e por isso estão expostos a grande numero de molestias. Tem-se observado que a cultura das terras torna os paizes muito mais quentes do que erão antes de serem cultivados. Este facto não tem ainda explicação satisfactoria. É facil conceber que o esgotamento de um pantano torne sadia uma região. Mas porque é que a cultura da terra produz maior somma de calor? Ignora-se. Entretanto, o facto é indubitavel. A antiga Gallia e a Germania crão realmente mais frias do que o são hoje. O que prova isso de maneira inquestionavel, é que, muitos vegetaes que não podião acclimar-se no tempo de Cesar e de Tacito, são hoje mui communs n'esses paizes.

O conhecimento da topographia de um lugar não é sufficiente para determinar se o clima é ou não salubre. A terra, na sua revolução quotidiana, atravessa camadas de ar que tem qualidades differentes; e é necessario que a atmosphaera gyre com toda a terra, para que o clima de cada paiz se conserve permanente; pelo unico facto de sua situação debaixo da latitude de uma região infectada, participaria de scus maleficios. Quanto a outras particularidades relativas ao clima, veja-se ACCLIMAÇÃO.

*Temperaturas médias em diversas latitudes em grãos
do thermometro centigrado.*

Abyssynia... .. + 31,0		Rio de Janciro.. .. + 23,6
Calcutá. + 28,5		Cairo..... .. + 22,4
Jamaica... .. + 26,1		Constantina... .. + 17,2
Senegal (S. Luiz).. .. + 24,6		Lisboa.... .. + 16,34

Napoles.....	+ 16,7	Strasburgo.....	+ 9,8
Mexico.....	+ 16,6	Genebra.....	+ 9,7
Marselha.....	+ 14,1	Boston....	+ 9,3
Constantinopla.....	+ 13,7	Stockholmo..	+ 5,6
Pequim... ..	+ 12,7	Moscou... ..	+ 3,6
Pariz.....	+ 10,8	São-Petersburgo.....	+ 3,5
Londres.....	+ 10,4	Monte São-Gothardo... ..	- 10
Bruxellas.....	+ 10,2	Ilha Melville.....	- 18,7

CLOACA, VALLA, POÇO. (*Hygiene*). A *cloaca* é uma excavação subterranea feita em fórma de poço, onde vem ajuntar-se as aguas inuteis de uma casa, de uma rua, de alguma fabrica, por meio de canos de ferro ou de barro. Estas aguas perdem-se depois na terra, ou um cano ou aqueducto as conduz ao longe, a um rio por exemplo. Para que a cloaca esteja construida em boas condições é preciso que a terra no meio da qual está cavada seja perfeitamente permeavel, de modo que a cloaca possa continuamente receber novas aguas sem nunca ficar cheia. Quanto ao modo de construi-la, cava-se uma cova circular ou quadrada, e constroem-se as paredes com pedras seccas sem argamassa, para impedir as terras de desabarem sem fazer obstaculo á infiltração das aguas; por cima d'esta alvenaria construe-se uma abobada solida, com uma abertura para dar passagem ao tubo que traz as aguas. Apesar d'estas precauções, os limos viscosos que depositão as aguas servidas, acabão por tornar impermeavel o fundo da cloaca; é preciso então despeja-la e limpa-la.

Devem tomar-se precauções quando se trata de alimpar uma cloaca. Procedese ordinariamente a esta operação durante um tempo frio; deita-se primeiro na abertura da cloaca leite de cal grosso (solução de cal virgem em agua), que se agita com uma vara longa; despeja-se depois o liquido com baldes ou por meio de uma bomba; e antes de descer pela abertura da abobada, para tirar os limos, introduz-se na cloaca palha accesa; se o fogo não se apaga, pôde-se descêr na cloaca sem perigo. Eis-aqui a Orde-nação do Chefe da policia de Pariz, concernente a este objecto, datada de 20 de julho de 1838, que está sempre em vigor na capital da França:

*Instrucções relativas á limpeza e concerto das cloacas,
poços e vallas particulares.*

§ 1. *Poços e cloacas.* Quando fôr necessario alimpar um poço ou uma cloaca, ou descer n'ella para fazer alguns concertos, a primeira cousa que se deve fazer é assegurar-se do estado do ar n'ella contido; este ar pôde ser viciado por differentes causas, e occasionar accidentes mui graves. É preciso pois descer uma lanterna

accesa até á superficie da agua ; se a luz não se apaga depois de arder por um quarto de hora, tira-se, e, por meio de um peso atado a uma corda, agita-se fortemente a agua até ao fundo ; torna-se a descer a lanterna, e se, depois d'esta segunda prova, a luz não se apaga, passados dez minutos, os obreiros podem principiar o trabalho ; importa, porém, que estejam munidos de um cinto, atado a uma corda, por meio da qual possam ser tirados da cloaca, ao menor perigo de asphyxia.

Se a luz se apagar, deverá notar-se a que profundidade cessa ella de arder ; e não se deve descer ao poço, porque a pessoa seria asphyxiada. O gaz ou ar mephtico, que não permite nem a combustão nem a respiração, póde ser gaz azoto, gaz acido carbonico, hydrogeneo sulfurado, ou a mistura d'estes gazes. Na incerteza sobre a natureza do gaz, cumpre, qualquer que elle seja, renovar o ar do poço, e para isso não ha meio mais prompto e mais certo do que a ventilação.

Para estabelecê-la, é preciso, com taboas, gesso e barro, tapar hermeticamente a abertura do poço ; no meio d'esta especie de tampa, ou perto da sua margem, se o poço é mui largo, fazer uma abertura de um decimetro de largo, sobre o qual collocar-se-ha uma fornalha que não poderá receber ar senão o do poço ; ajuntar-se-ha perto da margem do poço um tubo feito como os tubos para incendio, guarnecido por dentro de uma espiral de fio de ferro, para o manter aberto, e que descera no poço até 1 decimetro da superficie da agua.

Estabelecido este apparelho, encher-se-ha a fornalha de carvão acceso, e cobrir-se-ha com tampa guarnecida de um tubo, afim de dar á fornalha a propriedade de activar a combustão, e de deslocar assim muito ar.

Quando a fornalha esteve em actividade durante uma ou duas horas, tira-se, e desce-se no poço a lanterna ; se a luz se apagar ainda a pouca distancia da superficie da agua será prova que o gaz mephtico se reproduz. Será preciso então despejar o poço, esperar alguns dias, esgota-lo de novo, e tornar a applicar a fornalha ventilante, e se não se poder applicar este apparelho, convirá substitui-lo por qualquer outro ventilador cujo tubo irá tomar o ar no fundo do poço, para o deitar fóra. Póde-se tambem empregar um grande folle de couro, cujo tubo desça até á pequena distancia da superficie da agua.

Depois de quatro horas de ventilação, descer-se-ha a lanterna, e se ella se apaga, será preciso renunciar ao uso do poço e condemná-lo.

Se por um ensaio preliminar feito por um chimico, se reconhece

a natureza do gaz deleterio que se quer destruir, podem empregar-se os reactivos seguintes :

Para neutralizar o acido carbonico, deitão-se no poço por meio de regadores muitos baldes do leite de cal, e mexe-se depois a agua fortemente.

Para destruir o gaz hydrogeneo sulfurado ou carbonatado, faz-se descer no fundo do poço um vaso de ferro, aberto, contendo uma mistura de 125 gram. de oxydo negro de manganez e de 375 gram. de sal de cozinha, sobre o qual se deita, repetidas vezes, 250 gram. de acido sulfurico do commercio, concentrado, marcando 60 grãos, conhecido debaixo do nome de oleo de vitriolo.

Póde-se tambem deitar no poço agua tendo em dissolução chlorureto de cal (30 grammas de chlorureto por litro d'agua); esta ultima operação é mesmo mais facil do que a precedente, e seus effeitos não são menos certos.

Para todos os casos, em que o poço exhalasse o cheiro de ovos chocos, e em que a luz não se apagasse, seria preciso, antes de descer n'elle, deitar-lhe muitos baldes da solução de chlorureto de cal em agua.

Se o gaz é o azoto, é preciso ter recurso á ventilação, e verificar o seu effecto pela prova da lanterna accessa.

§ 2. *Vallas particulares.* Não se deve entrar n'uma valla senão quando uma véla ou um lampião póde ali arder, e quando a chamma d'este lampião não diminue de volume nem de intensidade de uma maneira sensivel.

Se o lampião não arder bem, empregar-se-ha quer a ventilação forçada, por meio do fogo, quer a ventilação por meio de um folle.

A entrada das vallas deve ser interdita a todo o obreiro que se achar no estado de embriaguez.

CLYSTER. Chama-se *clyster*, *crístel*, *ajuda* ou *mézinha* (corrupção de *medicina*) a injecção de um liquido que se faz no intestino recto por meio de uma seringa. O volume dos clysteres varia desde 120 a 500 grammas (4 até 16 onças). Os que são empregados para provocar simplesmente os movimentos da defecação são de 360 a 500 grammas (12 a 16 onças) para os adultos, e de 120 a 150 grammas (4 a 5 onças) para as crianças; pelo contrario, os que são destinados a ficar dentro não devem exceder de 180 a 250 gram. (6 ou 8 onças) para os adultos, e de 60 a 120 gram. (2 a 4 onças) para as crianças. O clysteres differem entre si pela natureza do liquido que se injecta. Umaz vezes este liquido é agua simples; outras, é feito de materias alimentarias, e as mais das vezes de substancias medicamentosas. Distinguem-se assim os clysteres em simples, alimentarios e medicamentosos.

Clysteres simples. Seus effeitos varião conforme o gráo de temperatura em que são administrados. A agua tepida, na temperatura ordinaria de corpo, actua alargando quasi meccanicamente o grosso intestino, e provocando as contracções necessarias para a defecação. Expulsada, leva após si ordinariamente as materias que enchem o grosso intestino, e um prompto allivio faz cessar todos os incommodos que procedem da accumulacção d'essas materias. Aos individuos que soffrem habitualmente prisão de ventre, convem administrar-se ás vezes clysteres d'agua fria.

Clysteres alimentarios. Dá-se na fórma de clysteres, com intento de nutrir, caldo de carne sem sal, decocção de pão, gemas de ovos e leite. Estes liquidos, em pequeno volume, são promptamente absorvidos; mas são muito menos nutrientes do que se fossem digeridos pela acção do estomago e transformados em chymo. Comtudo, estes meios devem ser empregados sempre que os alimentos não puderem ser introduzidos no estomago, como nas molestias da garganta, ou quando são promptamente expellidos pelos vomitos. Os clysteres alimentarios devem ser administrados na temperatura natural do corpo, e sempre em pequena quantidade.

Clysteres medicamentosos. Administrão-se as substancias medicamentosas debaixo da fórma de clysteres, ou para poupar ao doente o aborrecimento de um medicamento desagradavel, ou porque o estomago se recusa á acção de uma substancia energica, ou emfim porque se póde por este meio actuar mais directamente sôbre os intestinos doentes. Distinguem-se tantas especies de clysteres quantas são as differentes prescripções medicas. Indicarei as mais usadas.

Clysteres emollientes. Todas as decocções emollientes de folhas, flores e raizes de althéa, de malva, as de sementes de linho, são empregadas em clysteres. Estes clysteres preparão-se fervendo 15 grammas (meia onça) de uma d'estas substancias em quantidade sufficiente d'agua para obter 500 grammas (16 onças), e coando em seguida o liquido. Póde-se tambem preparar um clyster emolliente com meia onça de polvilho. Os clysteres emollientes convem nas diarrheas e dysenterias agudas. Devem ser administrados mornos.

Eis-aqui o modo de preparar o *clyster de polvilho* :

Polvilho .	15 grammas (4 oitavas)
Agua fria	90 grammas (3 onças).

Dilua, e ajunte pouco a pouco e mexendo :

Agua quente.	150 grammas (5 onças).
--------------	------------------------

Clysteres narcoticos. São os clysteres em cuja composição entra opio. Preparão-se juntando-se aos clysteres emollientes acima indicados 10, 20 a 30 gottas de laudano de Sydenham; ou deixando de infusão por meia hora 15 grammas (4 oitavas) de dormideiras em 300 grammas (10 onças) d'agua fervendo, e coando o liquido. Administrão-se nos mesmos casos que os clysteres emollientes, e em pequena quantidade (250 grammas) para poderem ser conscrvados.

Clysteres laxativos. Preparão-se com a solução de 30 grammas (1 onça) de polpa de canna fistula em 250 grammas (8 onças) d'agua quente; com a solução de mel de abelhas em agua tepida; com a mistura d'agua tepida e 60 grammas (2 onças) de azeite doce ou de oleo de ricino.

Clysteres purgativos. A infusão de 15 grammas (4 oitavas) de sene em 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo; a dissolução de 60 grammas (2 onças) de sulfato de magnesia ou de sulfato de soda em agua quente, são os liquidos que servem para a preparação dos clysteres purgativos.

Administrão-se tambem clysteres *adstringentes*, *vermifugos*, *antispasmodicos*, etc. Indica-los-hei, quando tratar das molestias em que convem.

Os clysteres são de uso tão vulgar, de utilidade tão geralmente reconhecida, que não é necessario accumular razões para recommenda-los. Basta dizer que a administração de um clyster d'agua morna simples, desembaraçando o intestino das materias que o entupião, distendião, constrangião suas funcções, retinhão emfim em seu interior gazes nocivos, restabelece a liberdade do ventre, acalma a irritação, e produz um allivio immediato. Quantas colicas não ha que, depois de resistirem aos medicamentos calmantes de toda a especie, aos banhos, ás fomentações emollientes, e até ás bichas, cedêrão, como por encanto, ao effeito de uma injeção d'agua morna no grosso intestino?

Instrumentos para clysteres. Os instrumentos empregados para administrar ou tomar clysteres são: seringa com canudo recto ou curvo, differentes bombas chamadas clyso-bombas, sacco de borracha, Fig. 119, e o irrigador de Eguisier.

Irrigador Eguisier. Fig. 120. Instrumento empregado para clysteres ou injeções, e que substitue vantajosamente as seringas, as clyso-bombas, e outros instrumentos inventados para esse fim. Foi inventado pelo Dr Eguisier, e é hoje muito empregado. Funciona por si mesmo mediante uma mola, e consiste em um corpo de bomba que tem no interior um mecanismo analogo ao das lampadas modernas; hoje geralmente empregadas. Enche-se, e dá-se

lhe corda absolutamente como áquellas lampadas; ou como aos relógios; é guarnecido de um tubo flexível, provido na sua base

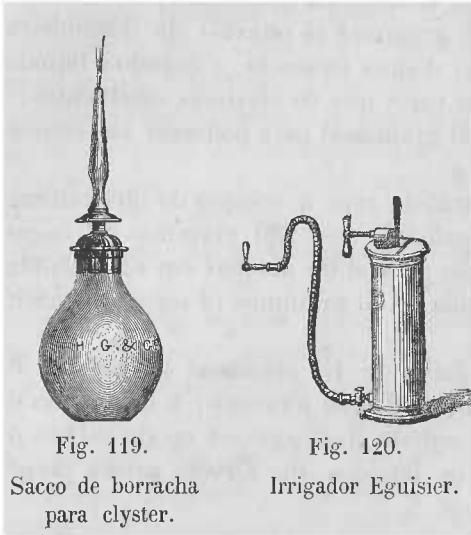


Fig. 119.

Sacco de borracha
para clyster.

Fig. 120.

Irrigador Eguisier.

de uma torneira, e terminado na sua extremidade por um canudo. Prepara-se primeiro o liquido destinado para o clyster, deita-se no irrigador, dá-se corda ao instrumento, introduz-se a extremidade do canudo no lugar que lhe é destinado, abre-se a torneira e a operação faz-se por si só. Com este apparelho não ha cousa mais facil do que administrar um clyster ao doente, mesmo ao mais fraco. O doente póde estar

deitado de lado, ou de costas; póde introduzir elle proprio o canudo ou manda-lo introduzir por outra pessoa, sem ser obrigado a descobrir-se.

Modo de dar ou tomar um clyster. Qualquer que seja o instrumento de que se faça uso, seringa, sacco de borracha, clyso-bomba, irrigador, deve haver cuidado que não contenha ar, o qual poderia produzir colicas; deve-se pois antes de introduzir o canudo, conforme o instrumento que se emprega, empurrar o embolo, comprimir a borracha, fazer monobrar a bomba, ou abrir a torneira do irrigador, de maneira que o liquido chegue até á ponta do canudo. Emfim, importa que a projecção do liquido no grossó intestino se opere regularmente, e antes lenta do que rapidamente; se fôr por sacudidellas ou acelerada, a commoção que resultaria d'esta maneira de proceder poderia occasionar colicas e impedir que a operação se complete.

Para dar convenientemente um clyster, é preciso que, na extensão de cerca de 3 centímetros, o canudo da seringa, da clyso-bomba, ou do irrigador, seja dirigido algum tanto para diante como para ir do anus para o embigo, afim de seguir a direcção do anus; chegado a esta profundidade, o canudo deve ser inclinado para traz, visto que o intestino recto segue a curvatura do osso sacro e se dirige fortemente n'este sentido acima do anus. Conformando-se a este preceito, póde-se penetrar sem inconveniente até duas ou tres pollegadas no interior; mas, a não ter

um canudo flexivel, seria imprudente ir mais longe. Para facilitar e introduccão do canudo, unta-se com azeite doce.

Se o canudo não entrou bastante no interior, a sua ponta encosta-se ás paredes do intestino, e o liquido passa de dentro para fóra á medida que penetra, ou resiste e não penetra. Apresenta-se a mesma resistencia mais acima, se o canudo não foi inclinado convenientemente para traz, ou se se embrulhou de qualquer maneira nas dobras do intestino. Póde sobrevir então um grave accidente. Com effeito, se, para vencer esta resistencia insolita, empurra-se a seringa, póde resultar d'isto uma esfoladura, e mesmo uma perforação do intestino. Estas especies de rasgadas são igualmente possiveis pela unica acção do liquido comprimido com força na seringa assim encostada ou embaraçada. O enfermo experimenta então subitamente uma dôr violenta, seguida de desmaio e de symptomas nervosos mais ou menos espantosos. Ha exemplos de morte produzidos por semelhante imprudencia. Deve-se, pois, ter toda a cautela para evitar esta desgraça, que, aliás, não póde sobrevir senão dando o clyster com a seringa de estanho, e comprimindo fortemente o embolo; não póde ter lugar servindo-se do irrigador, no qual a compressão feita pela mola não é muito forte.

COAJINGUA. *Ficus anthelmintica*, Martius. Artocarpeas. Grande arvore do Brasil; habita no Amazonas e Rio Negro. Dá um succo leitoso, poderoso remedio contra as lombrigas, na dóse de 2 a 4 grammas ($1/2$ a 1 oitava), continuada por alguns dias. A amendoa é branca e doce, despojada da casca e assada é comestível; é reputada aphrodisiaca.

COALHA-LEITE. *Galium luteum*, Linneo. Rubiaceas. É o nome vulgar de uma planta, commum nos prados da Europa, e que em Portugal habita nos montes e campos junto do Porto, Coja e outras partes da Beira septentrional. As suas flores são pequenas, amarellas, um tanto cheirosas, dispostas em pequenos ramalhetes ao longo da parte superior do talo. Na Inglaterra costumão misturá-las com o coalho de vitella, especialmente na preparação dos queijos chamados Chester. Não possuem, por si mesmas, a propriedade de coalhar o leite, como se crê vulgarmente, mas dão ao queijo um cheiro agradável, e tingem-n'o de amarello.

COALHO. Substancia extrahida da membrana do quarto estomago ou ventriculo do bezerro não desmamado, que se emprega para coalhar o leite na preparação dos queijos. Os ventriculos dos cordeiros e dos cabritos podem tambem servir para preparar o coalho. Obtem-se de diferentes modos; eis-aquí um dos mais empregados: Toma-se o quarto ventriculo dos bezerros; tira-se

d'elle o leite coalhado e lava-se em agua fria; depois, mistura-se este leite com volume de sal igual ao seu, e mette-se nos ventriculos previamente bem lavados. Introduzem-se em vaso de gres muitos d'estes ventriculos contendo leite coalhado e salgado; cobrem-se de sal. Alguns dias depois tirão-se do vaso, polvilhão-se ainda com sal, e fazem-se seccar ao ar. Um pedaço de ventriculo de bezerro assim preparado, de superficie de 2 centimetros quadrados, posto de infusão durante doze a quinze horas, em 30 grammas (1 onça) d'agua morna, dá um liquido capaz de coalhar 12 a 15 litros de leite.

Um modo mais expeditivo de obter a acção do coalho, consiste simplesmente em mergulhar no leite um pedaço de coalho recente de bezerro, envolvido n'um saquinho de panno de linho. A substancia que os chemicos extrahirão da membrana mucosa estomacal dos animaes mammiferos, chamada *pepsina*, gozã tambem da propriedade de coalhar o leite sem a intervenção de um acido, e é ella sem duvida que constitue o principio activo do coalho; pelo que os pharmaceuticos de Pariz preparão uma infusão alcoolica de membranas mucosas, dos estomagos de porcos ou vitellos, que é um coalho mui efficaz e de facil conservação.

As leiteiras suissas conservão seccos os ventriculos de bezeros de 2 a 4 semanas; depois de cortados em pedacinhos, infundem-n'os em 1 litro de soro de leite, misturado com um pouco de sal; cbtem d'esta maneira um coalho liquido que se prepara no momento da precisão. A quantidade necessaria para coalhar o leite depende da natureza do coalho que se emprega; só a experiencia pôde servir de guia n'este caso; é preciso menos coalho no verão do que no inverno; o leite desnatado necessita mais do que o leite de que se não tirou a nata.

COALTAR. Alcatrão de carvão de pedra. Contém acido phenico, e goza de propriedades desinfectantes. Misturado com gesso em pó, foi aconselhado para curar as ulceras. Misturado com tintura de saponina, forma uma emulsão que se emprega para a desinfecção das feridas, e em muitos outros casos.

COATI. Animal da familia dos Carnivoros, do tamanho do gato domestico; tem a cauda muito comprida, o nariz movivel para todos os lados, como a tromba de elephante, e assaz prolongado adiante da bocca; tem os olhos pequenos e mui vivos, e a cauda annellada de trigueiro e preto; o corpo é coberto de pello mui curto, e aspero no lombo; para dormir enrosca-se formando uma especie de bola. Estes animaes vivem em pequenas tropas nos mattos do Brasil. Trepão facilmente nas arvores, e tem o olfato excessivamente desenvolvido; cavão covís com as unhas

que são mui fortes. Alimentão-se de insectos, de pequenos mammi-feros, de passaros, de ovos. São mansos, e domesticão-se com facilidade. Mas são assaz indocéis, não tomão affecto por pessoas, trepão em toda a parte, são curiosos, esquadrinhão continuamente, e são, n'uma palavra, hospedes incòmodos, bem que procurem as caricias. Expressim a alegria por um grunhido brando, e a colera por um grito muito agudo. Cónhecem-se duas especies d'estes animaes, uns ruivos, outros pardos. Não se lhes dá caça senão por causa de sua pelle, que aliás é mediocre e pouco procurada.

COBRAS ou **SERPENTES**. Dá-se o nome de cobra ou serpente a um reptil de corpo alongado, cylindrico, desprovido de pés, que se move sobre o solo por meio das dobras que faz com o corpo. O queixo é mui dilatavel; não tem canal auditivo externo; a pelle é coriacea, escamosa ou granulosa, coberta de uma epiderme caduca inteiriça, que se separa toda junta, e se reproduz muitas vezes por anno. A cabeça não é separada do corpo por um pescoço distincto, e a cauda mais ou menos longa, nem sempre é distincta do corpo. O numero das vertebrae é ás vezes de 200 a 300; e estes ossos são articulados de maneira que os movimentos podem effectuar-se em todos os sentidos; o numero das costellas é tambem consideravel.

Os movimentos que as cobras executão são mui variados; produzem-se por meio das sinuosidades que imprimem ao corpo.

Geralmente, as cobras não tem palpebras, mas a pelle da cabeça estende-se por diante do globo do olho, e forma um véo transparente e immovel: esta disposição dá ao olho das cobras uma fixidade espantosa, que não deve contribuir pouco para o susto que ellas produzem. A lingua d'estes reptis é molle, inteiramente carnosa, extremamente extensivel, e entra n'uma bainha que se acha na garganta; é fendida profundamente na sua extremidade livre, e forma assim duas pontas flexiveis, que podem separar-se e vibrar quando este orgão-se acha fóra da bocca. Bem que se lhe dê vulgarmente o nome de *dardo*, é incapaz de picar, e além d'isto, não se termina em ponta de frecha, como os pin-tores a representão ás vezes.

A bocca das cobras é grande, a queixada inferior é susceptivel de sahir da articulação, para dar maior extensão á garganta, e por esta razão as cobras podem engulir corpos de diametro tres vezes maior que o seu. Os dentes das cobras são pequenos; as especies venenosas tem, além d'isto, de cada lado da queixada superior, dentes curvos, com um pequeno canal, e communicando com uma vesicula cheia de liquido venenoso (Fig. 121). Em

algumas especies estes dentes escondem-se n'uma dobra da gengiva, quando a cobra não quer servir-se d'elles. Quando o animal irritado pica, estes dentes penetrão na carne, e depõem n'ella o veneno fatal. Perto da base d'estes dentes



Fig. 121.

Bocca de uma cobra venenosa.

achão-se dois ou tres germes destinados a substituirem os primeiros, no caso de serem estes destruidos por algum accidente. Estes dentes cahem em cada muda da pelle, a qual tem lugar duas vezes no anno;

mas logo tornão a apparecer; eis a razão pela qual as cobras não são perigosas então; infelizmente, não se sabe o tempo que dura a ausencia d'estes dentes.

A geração das cobras é ordinariamente ovipara: a femea põe um certo numero de ovos, de 30 a 40, em qualquer lugar humido e quente, como um monturo, por exemplo; estes ovos são cobertos de uma pellicula semelhante ao pergaminho. Às vezes, entretanto, sua incubação faz-se no corpo da femea, de sorte que os filhos vem ao mundo debaixo da fórma que é propria aos pais. Estas especies de cobras são chamadas viviparas.

As cobras podem reconhecer-se, nos lugares que não são cobertos de arvores, pelo movimento das hervas que se agitão, e se curvão debaixo do seu peso; percebem-se tambem de longe, enroscadas sobre si mesmas, e formando assim á superficie da terra um circulo assaz volumoso. Ou porque ellas busquem naturalmente a humidade, ou porque a experiencia lhes tenha ensinado que as margens das aguas são sempre frequentadas pelos animaes de que fazem presas, escolhem o seu covil perto dos pantanos, fontes e rios. Rojão, trepão, saltão, nadão com grande facilidade, e com muita celeridade. Algumas ha que se agarrão e se dependurão nos ramos das arvores. Vêem-se outras que andão n'uma posição vertical, sustentando-se sobre a cauda enrolada em espiral, e erguendo a cabeça a uma altura consideravel.

O tamanho das cobras varia muito nos differentes generos. Umhas tem apenas 20 centímetros de comprimento, outras 4 metros; e certas especies tem 9 metros de comprido e 50 centim. de largo.

As cobras achão-se em todas as partes do mundo; as de maiores dimensões existem nas regiões intertropicaes. A sua alimentação é inteiramente animal; os insectos, os molluscos, os vermes, as lagartixas, as rãs, certos peixes, etc., são a presa das pequenas especies; mas os mammiferos não escapão á voracidade das grandes especies. A deglutição faz-se lentamente; além d'isto, a digestão

é mui lenta, de sorte que quando as cobras se apoderarão de uma presa enorme, acontece que a parte que se acha no estomago está completamente dissolvida, em quanto a outra está ainda intacta na garganta.

O numero das especies de cobras actualmente conhecidas é de cerca de 500. Dividem-se em *venenosas* e *não venenosas*. O numero das cobras venenosas é muito menor do que o das não venenosas. Bem que estas não sejam menos temidas que as venenosas, são entretanto animaes mui mansos e incapazes de se tornarem nocivos. Timidas e cheias de susto, longe de atacarem alguém, habitão os lugares escondidos para se porem a salvo de seus numerosos inimigos. Não sahem de suas moradas senão para procurar o seu alimento, que consiste em insectos, vermes, sapos, etc.; prestão, por conseguinte, um verdadeiro serviço aos campos e á agricultura.

Caracteres das cobras venenosas. Differem segundo os paizes. Os effeitos do seu veneno varião segundo a especie. Examinando só as fórmas exteriores, é extremamente difficil distinguir as cobras venenosas das que o não são. É necessario grande habito para achar, na fórma e na disposição das escamas, um caracter sufficiente para reconhecê-las á primeira vista; e entretanto, quanto seria importante semelhante distincção! A presença dos dentes venenosos é a unica differença saliente entre ellas.

O Brasil possui perto de cem especies de cobras descriptas e classificadas, e d'estas apenas perto de uma duzia são venenosas.

As cobras venenosas do Brasil pertencem ás duas familias, as Crotalidas e Elapidas. Os dentes conductores do veneno das primeiras são erectis, os das segundas immoveis. Os dentes das Crotalidas estão ordinariamente encostados ao paladar, e, apesar de muito compridos, são escondidos pelas gengivas. É tão sómente nas occasiões de serem empregados contra alguma victima que as pontas são voluntariamente afastadas do paladar, e dirigidas para baixo. Afóra estes, as Crotalidas não tem senão dentes palatinos. Fig. 123.

Os dentes das Elapidas conservão-se sempre immoveis. Não são perforados como os das Crotalidas, e mostrão apenas um sulco longitudinal na sua superficie convexa, para a conducção do veneno. Tambem as Elapidas não tem outros dentes maxillares superiores, e só palatinos no céu da bocca. Os dentes sulcados das Elapidas, pela sua posição dianteira na bocca, prestão-se bem ao seu fim.

Ha outras cobras brasileiras que possuem dentes mais compridos

do que os outros, e sulcados para a condução da secreção de uma glandula, mas estão, situados muito posteriormente na bocca, e são por isso mais difficeis de empregar. Estas cobras são consideradas venenosas por alguns naturalistas, mas parece que o seu veneno serve só para abrandar a resistencia das suas victimas, durante a deglutição; pois é só durante este acto que os seus dentes sulcados posteriores poderião entrar em acção. O Dr Wucherer, medico da Bahia, fallecido em 1873, cita entretanto um exemplo da mordedura da serpente d'esta especie ter causado uma inflammação assaz aguda no homem. As especies brasileiras d'esta categoria sobem ao numero de trinta.

Não ha outro caracter distinctivo que pertença exclusivamente ás cobras venenosas, afóra o dente furado acima descripto; mas as *Crotalidas*, de per si, possuem uma particularidade pela qual facilmente se distinguem de todas as mais cobras. Esta particularidade consiste em uma cova situada na face, entre o olho e a venta, assemelhando-se a esta, mas um pouco maior. Apresenta-se ella como um buraco fundo, arredondada, com as bordas talhadas á pique; está em relação de contiguidade com o grande dente furado conductor de veneno.

As principaes cobras venenosas do Brasil são :

1º **Cobra cascavel, Boiquira, ou Boicininga, *Crotalus horridus*, Daudin.** (Fig. 122.) É uma das mais venenosas que se

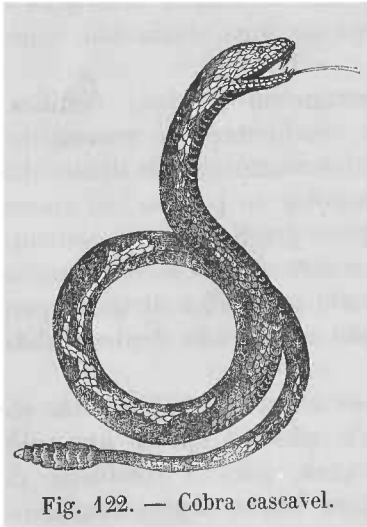


Fig. 122. — Cobra cascavel.

conhecem. Acha-se em Minas Geraes, na Bahia, e sobretudo nas provincias do norte do Brasil. A actividade do seu veneno é tal, que mata em mui pouco tempo. Não ha animal que não sendo soccorrido possa sobreviver á mordedura d'ella; o veado, o boi, o cavallo, feridos pelo seu dente fatal, são condemnados a uma morte cruel e inevitavel, se a medicina não vem em seu soccorro. O comprimento do corpo é de 1 metro 30 centimetros a 2 metros; ha entretanto algumas que não passam de 60 centimetros, e estas são mais perigosas ainda, porque se

escondem mais facilmente. A parte superior do corpo é de côr cinzenta, com grandes manchas anegradadas rhomboides, bordadas de listras branco-amarelladas; ventre de um branco-amarellado sem

manchas; a extremidade da cauda é de côr preta. Na ponta existe um guiso composto de ossinhos, revestidos de uma membrana cornea delgada, cujo numero augmenta todos os annos e vai de um até quarenta. Este guiso faz ruido quando o animal roja, e é por causa d'este apparelho que se deo o nome de *cascavel* ás cobras d'esta especie.

Os pequenos cascaveis, porém, que não excedem de 1 ou 2 annos não tem guisos. O ruido que fazem com a cauda imita o das folhas seccas, ou o que produzem duas pennas de ganso, esfregadas fortemente uma contra a outra. Dizem que se ouve o ruido a mais de 30 metros de distancia; porém, ordinariamente, não se ouve além de doze a quinze passos, e no andar ordinario é tão fraco, que é preciso approximar-se muito do animal e escutar bem para percebê-lo.

No paladar existem duas fileiras de pequenos dentes pontudos; a queixada inferior é igualmente guarneçada de pequenos dentes. A queixada superior tem duas espinhas curvas e pontudas, furadas ao comprido, e escondidas em uma especie de bolso, d'onde sahem quando a cobra quer morder, e que são os dentes venenosos. Por cima d'estes dentes existe uma glandula onde se acha depositado o liquido venenoso que corre pelo canal interior do dente.

A fig. 123 representa o esqueleto da cabeça da cobra cascavel.

Apenas alguma parte do corpo é mordida por um d'estes animaes, sente-se dôr aguda no lugar ferido, que se propaga a todo o membro e ao interior do corpo; apparece inchação, e o tumor que ella forma é ao principio duro e pallido, mas depois torna-se vermelho, livido e gangrenoso; augmenta, e estende-se pouco a pouco; sobrevem desmaios, ás vezes vomitos e movimentos convulsivos; o pulso torna-se frêquente, pequeno, irregular; a respiração difficil; ha suores frios e abundantes; perturbação da vista e das faculdades intellectuaes; sahe sangue negro pelas aberturas do corpo. Prostração extrema, esfriamento da pelle, difficuldade de engulir, e augmento das convulsões precedem a morte.

Reinava no vulgo a opinião que a mordedura da cobra cascavel cura a morphéa, e não occasiona a morte dos doentes. Alguns factos espalhados pela ignorancia e credulidade determinarão, ha

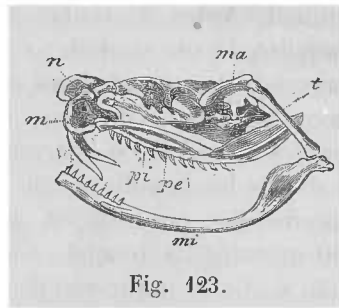


Fig. 123.

Esqueleto da cabeça da cobra cascavel. *m*, dentes venenosos; *n*, osso vomer; *ma*, osso mastoi-deo; *t*, osso tympanico; *mi*, mandibula inferior; *pi*, *pe*, dentes não venenosos.

ja muitos annos, no Rio de Janeiro, um doente, atacado d'esta enfermidade, a tentar a prova de um meio cuja ideia faz estremecer. Vou contar a sua infeliz historia, que servirá para destruir os funestos erros que ainda possuem reinar a este respeito.

Mariano José Machado, natural do Rio Pardo, provincia do Rio Grande do Sul, no Brasil, de 50 annos de idade, estava atacado de morphéa, pelo que, havia quatro annos, residia no hospital dos Lazaros do Rio de Janeiro. Aborrecido da vida, sahio d'ali em 3 de setembro de 1838, bem resolvido a tentar a prova da mordedura da cobra cascavel, apezar dos prudentes conselhos de muitos medicos, que duvidavão do bom exito d'este perigoso meio. Mariano José Machado era um homem de estatura ordinaria, de constituição athletica, tinha a pelle do corpo coberta de tuberculos sem ulceração, o rosto apresentava uma hedionda deformidade; as extremidades dos dedos tinhão já perdido a forma, a epiderme separava-se d'elles com facilidade, e as unhas estavam alteradas. Existião bebaixo dos braços pustulas de natureza dartrosa.

Não podendo por mais tempo soffrer as anxiedades de sua molestia, foi Mariano á casa da rua da Imperatriz n° 61, no Rio de Janeiro, onde se achava uma cobra cascavel, e em presença de um grande numero de pessoas deixou-se morder pelo terrivel animal. Antes de tentar a prova, dissº que obrava pelo unico impulso de sua vontade; e n'uma declaração assignada por elle em presença dos espectadores reunidos, assumio sobre si toda a responsabilidade. Feito isto, introduzio a mão direita a travez das grades da gaiola, e agarrou a cobra. Esta quiz fugir ao principio, e depois lambeo-lhe a mão; mas sentindo-se apertada com força, mordeo-lhe no dedo. A mordedura teve lugar ás 11 horas e 50 minutos da manhã, no dia 4 de setembro de 1838. Mariano não sentio a impressão dos dentes, nem a acção immediata do veneno introduzido na ferida; reconheceo sómente que estava mordido pelo corrimento do sangue, e pela inchação ligeira da mão. Cinco minutos depois experimentou uma sensação de frio na mão. Ao meio dia, manifestou-se uma dôr pequena na palma da mão. Em vinte minutos esta parte entumeceo consideravelmente; em 30, o pulso tornou-se forte. No fim de 58 minutos, ligeira alteração da vista, comichão em diversas partes do rosto. O volume da mão augmentou, a dôr estendeo-se ao antebraço. Á 1 hora e 20 minutos, tremor de todo o corpo, sensibilidade ao tocar. Á 1 hora e 36 minutos, perturbação intellectual, pulso mais frequente; difficuldade nos movimentos dos beiços; tendencia ao somno, aperto da garganta; a dôr estendeo-se a todo o braço; a

inchação da mão augmentou. Á 1 hora 38 minutos, sentimento de frio, necessidade de cobrir-se. Á 1 hora e 48 minutos dôr da lingua e garganta, que se estendia até ao estomago. Ás 2 horas e 5 minutos, difficuldade de fallar; 20 minutos depois difficuldade de engulir; alguma anxiedade; suor copioso no peito. Ás 2 horas e 38 minutos, prostração, fluxo de sangue pelo nariz, inquietação, pulso 96 pancadas por minuto. Suor geral ás 3 horas e 4 minutos; gemidos involuntarios: grandes dôres nos braços, injeção do rosto, hemorrhagia nasal contínua. Ás 3 horas e 35 minutos o doente engulio, sem difficuldade, agua com vinho; uma côr vermelha manifestou-se sobre todo o corpo, sahio sangue por uma das pustulas que se achavão debaixo dos braços. A côr da pelle tornou-se mais escura, sobretudo no braço mordido; dôres atrozes nos membros superiores não consentião o menor repouso; aperto da garganta, respiração difficil. Ás 4 horas e 50 minutos, pulso de 104 pulsações por minuto, grande calor por todo o corpo, salivação. Ás 5 horas e meia, ourinas abundantes. Ás 7 horas, somnolencia, gemidos; o doente acordou com uma forte dôr no peito, e grande aperto na garganta; emissão copiosa das ourinas, continuação da hemorrhagia nasal. Administrou-se-lhe uma bebida composta de agua, assucar e aguardente, que não pôde engulir. Ás 9 horas e um quarto, somno profundo. Ás 10 horas tomou tres colheres de infusão de guaco. Ás 11 horas tomou quatro colheres de infusão de guaco. Á meia noite somno. Meia hora depois despertou o doente com anxiedade, gritou, exigio confessar-se; continuou a tomar o guaco de meia em meia hora. Ás 9 horas e tres quartos, grande prostração, movimentos convulsivos do queixo e das extremidades inferiores, ourinas sanguinolentas. Ás 10 horas, applicárão-se-lhe dois causticos nas coxas, deo-se-lhe um clyster com aguardente, e pela bocca uma ônça de oleo de lagarto. Ás 11 horas e meia, isto é, quasi 24 horas depois da mordedura, falleceo. O cadaver tornou-se livido, inchou consideravelmente em poucas horas, cobrio-se de nodoas roxas, e exhalava um cheiro mui fetido.

Além do *Crotalus horridus*, Daudin, unica cobra cascavel que se encontra no Brasil, existem mais cinco d'este genero, que todas habitão na America do Norte. São: *Crotalus durissus*, Linneo; *Crotalus confluentus*, Say; *Crotalus miliaris*, Linneo; *Crotalus tergeminus*, Say; *Crotalus adamantanus*, Palissot de Beauvois.

2º **Surucueú.** *Lachesis rhombeata*, Neuwied. Acha-se nas provincias do Rio de Janeiro, Pernambuco e outras. Côr amarella-alaranjada, tendo nas costas uma serie longitudinal de grandes manchas rhomboides de um roxo-preto, cada uma das quaes

contém duas pequenas manchas de côr amarellada. Comprimento 2 metros 30 centímetros, pouco mais ou menos. Na parte anterior do queixo superior, e de cada lado, existe uma comprida bainha com dentes venenosos, sendo o mais grosso quasi de uma pollegada de comprimento. Perto d'este dente e do lado externo, acha-se outro menos formado, e por detraz d'elle, tres ou quatro, ou talvez mais, escondidos nas carnes; todos estes dentes venenosos são mais ou menos formados; os mais pequenos são ainda molles e não tem canal. No paladar existem duas fileiras longitudinaes compostas de 12 dentes pequenos; depois dos tres primeiros dentes existe um espaço vasio; os dentes posteriores são maiores. No queixo inferior acha-se de cada lado uma fileira de dentes pequenos e numerosos; os de diante são mais apertados. Esta cobra é muito venenosa.

3º **Surucucú bico de jacca.** *Lachesis muta*. Amarello, com grandes manchas rhomboides ao longo do dorso.

4º **Jararaca.** *Cophias jararaca*, Neuwied. Côr roxa-cinzenta, nodoas escuras, que são de côr mais clara nas margens; ventre esbranquiçado. Comprimento 1 metro e meio; os individuos novos tem 65 a 80 centímetros de comprimento. No queixo superior, e de cada lado, achão-se um perto do outro dois dentes enormes, curvos, furados, que são venenosos; o dente externo, bem que do mesmo tamanho, é menos formado, e parece que só o dente interno é proprio para o uso. Atraz d'estes acha-se um terceiro dente igualmente furado, destinado a substituir os dois primeiros; e depois achão-se ainda quatro dentes venenosos, mais pequenos, e que vão diminuindo de tamanho. Todos estes dentes achão-se contidos n'uma especie de bolso, e o dente principal communica-se com a glandula venenosa por meio de um canal que o atravessa em todo o seu comprimento. No paladar existem duas fileiras de dentes muito mais pequenos, curvados para traz, quinze em cada fileira. O queixo inferior contém de cada lado uma fileira de dentes pequenos.

As cobras d'este genero chamão-se *Jararaca*, e *Jararacussù* quando são grandes. D'este genero conhecem-se hoje seis especies brasileiras.

O veneno da jararaca é menos perigoso do que o da cascavel e do surucucú. Raras vezes a mordedura d'esta cobra é mortal. Os phenomenos são quasi sempre locaes: inchação do lugar mordido, vermelhidão da pelle, bolhas cheias de liquido azulado, etc. Depois da quécda das partes gangrenadas, a ferida cicatriza-se ordinariamente com facilidade.

5º **Cobra verde** ou **surucucú patioba.** *Cophias bilineatus*,

Neuwied. Cór verde-clara-azulada; de cada lado do corpo uma linha longitudinal de um amarello-pallido; nas costas pequenas manchas denegridas; olho atravessado por uma listra preta; margens dos queixos de um amarello-verde; todas as escamas orladas de preto. Comprimento 66 centímetros. Esta cobra tem dentes venenosos, que a tornão mui perigosa. O príncipe Maximiliano de Neuwied, que a descreveo, encontrou-a na vizinhança de Villa Viçosa.

6º **Cobra coral.** *Elaps Marcgravi*, Neuwied. Cabeça larga, romba; anéis pretos, verdes-claros e vermelhos alternão sobre o corpo. Comprimento 66 centímetros pouco mais ou menos. Na parte anterior de cada lado do queixo superior acha-se um dente curvo, de linha e meia de comprimento, escondido em parte na gengiva, ou antes n'uma membrana; perto de sua raiz existe um outro dente ainda mais pequeno, mas nenhum d'elles é furado. Além d'estes dentes, achão-se no paladar duas fileiras de dentes pequenos, e no queixo inferior uma fileira de cada lado.

Ha mais outras especies de cobra coral, que são : *Elaps coralinus*, Neuwied; *Elaps lemniscatus*, que só differem na disposição dos anéis que existem no corpo, entre os quaes predominão sempre os anéis de cór vermelha.

O veneno das cobras coraes não é tão energético como o das cobras precedentes. Ha coraes que são e outras que não são peçonhentas.

Symptomas da mordedura das cobras venenosas, em geral. As feridas, causadas pela mordedura das cobras venenosas, differem em extensão e profundidade segundo o tamanho das cobras e a força com que ellas mordem. Vêem-se quasi sempre duas feridas ou arranhaduras, cuja distancia uma da outra depende do tamanho da cobra, e que nem sempre vertem sangue.

Os effeitos produzidos pela mordedura de uma serpente venenosa ou são locaes, manifestando-se em maior ou menor extensão ao redor das feridas, ou geraes, interessando partes e órgãos do corpo distantes d'ellas.

Logo depois da mordedura, o ferido sente, as mais das vezes, uma dôr agudissima, que se estende em sentido centripeto da parte lesada; por exemplo, se esta fôr em uma extremidade, para o tronco. Immediatamente depois a parte lesada começa a intumescer. A tumefacção é de um rubor desmaiado, azulado, arroxado ou livido, edematosa, e mostra pouco ou nenhum augmento de temperatura. É característica a rapidez com que os phenomenos locaes se desenvolvem; ás vezes apparece a gangrena em poucas horas, outras vezes apenas a tumefacção cobre-se de

bolhas cheias de uma serosidade sanguinolenta, e a parte apresenta um frio glacial. A intensidade varia segundo o tamanho da serpente, o seu estado physico de ter sido ou não irritada, etc., mas tambem segundo a sua especie; por exemplo a mordedura da surucucú-patioba, que, de mais a mais, nunca adquire grandes dimensões, é seguida mais vezes de gangrena do que a de qualquer outra cobra brasileira. Por esta razão, e tambem por ella ser verde, e não se poder facilmente evitar entre a folhagem das plantas, considera-se como a serpente mais perigosa do Brasil.

Quasi simultaneamente com os symptomas locais vão-se manifestando os geraes. Declara-se logo grande prostração, fraqueza muscular, anxiedade, desanimo; muitas vezes apparecem dôres de cabeça, entorpecimento dos sentidos, escurecimento da vista, zunidos nos ouvidos, perturbação na intelligencia, delirio e contracções desordenadas dos musculos. Muitas vezes apparece uma immensa anxiedade precordial, com pulso frequente e filiforme ou imperceptivel, alternando com desfallecimentos. Outras vezes ha uma dyspnea excessiva parecendo asthma. Os orgãos da digestão tornão-se implicados: apparecem nauseas, vomitos, colicas; diarrhea de materjas mucosas, sanguinolentas ou biliosas; apparece uma sêde ardente, secura da bocca e da lingua, contracções spasmodicas do pharynge, difficuldade de engulir. A pelle

cobre-se de suor frio; e, ás vezes apparece hemorrhagia pelo nariz ou bocca, e ictericia. Ora ha estranguria, ou frequente vontade de urinar. A morte succede, ou por syncope, ou por asphyxia.

Quando o ferido se restabelece desaparecem primeiro os symptomas geraes, quasi sempre com suores quentes do corpo todo; as forças voltão pouco a pouco; porém o completo restabelecimento exige muito tempo.

Cobras venenosas da Europa.

A unica cobra venenosa que existe na Europa é a *vibora*, de que se conhecem mais de doze especies. Acha-se em Portugal, França, Allemanha, Russia, etc. Habita ordinariamente perto dos caminhos, perto das veredas, nos

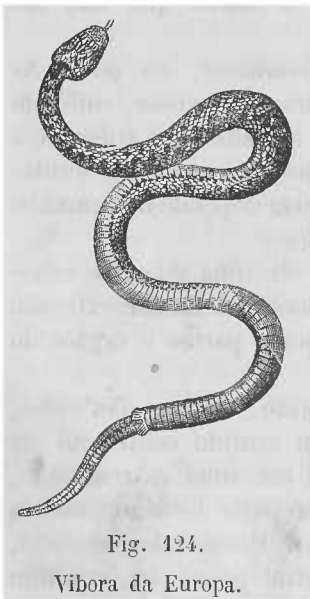


Fig. 124.

Vibora da Europa.

mattos, debaixo das pedras ou das moutas.

A *vibora commum* (fig. 124) tem 35 a 70 centímetros de compr-

mento. O corpo, no lugar mais grosso, offerece apenas 27 millimetros de diamentro. A côr geral é roxa ou arruivada, tirante ora a cizenta clara, ou cizenta preta, com uma linha dorsal roxa, anegrada ou preta, flexuosa em zigue-zague, e com uma fileira de pontos desiguaes da mesma côr sobre os lados. Raras vezes é de uma só côr. O ventre parece de um cinzento avermelhado. A cabeça é subtriangular, algum tanto mais larga do que o pescoço, obtusa e como truncada para diante, coberta de escamas granuladas. O focinho tem seis chapas, das quaes duas são perfuradas para as ventas. Estas formão uma nodoa denegrida; por cima d'ellãs notão-se duas fitas pretas reunidas em V. Os olhos mui pequenos, vivos e brilhantes, são orlados de preto. A lingua é longa, bifida, negra ou cinzenta, molle e retractil. As escamas são imbricadas e aquilhadas, o que distingue as viboras das cobras inoffensivas da Europa. O interior da bocca da vibora é guarnecido, em cima e em baixo, de fileiras de dentes pequenos; além d'isto existem na queixada superior dois dentes isolados, um de cada lado, muito mais compridos do que os outros, mui pontudos, curvos, e apresentando um canal estreito que dá sahida ao veneno produzido por uma glandula situada em cada lado dos dois queixos superiores. Estes dentes são cobertos cada um com uma dobra de gengiva, que os abrange como os punhos da camisa abrangem o braço, e os esconde quando o animal está em repouso.

Quando se encontra uma vibora, esforça-se ella por fugir, e escapa com facilidade, rojando pesadamente sem saltar nem pular; mas se é atropellada, então anima-se para se defender, abre largamente a bocca, precipita-se com a rapidez do raio sobre o imprudente que a irritou, e vingá-se com uma mordedura envenenada.

As mordeduras das viboras são geralmente perigosas. Ambrosio Paré conta, que durante a sua estada em Montpellier (na França) com o rei Carlos IX, foi mordido no dedo index, no momento em que examinava uma vibora n'uma pharmacia. Experimentou dôr viva; mas uma ligadura immediata e a applicação da theriaga dissolvida no alcool curarão a ferida em poucos dias. — Bernardo de Jussieu herborizando, em 23 de julho de 1747, no morro Montmartre, perto de Pariz, hoje suburbio da capital, um dos seus alumnos pegou n'uma vibora, que julgava ser cobra innocente, e que o mordeu na mão em tres lugares; sobreveio entorpecimento e dôr, depois desmaios e uma ictericia limitada ao ante-braço. Não houve outros incommodos. — Seria facil multiplicar estes exemplos. Entretanto, não se deve crer que essas mordeduras deixem de ser ás vezes seguidas de uma terminação grave.

Em certos casos podem occasionar a morte.

Os phenomenos morbidos a que dá lugar o veneno das viboras são os seguintes : O ferido sente ao principio um entorpecimento profundo, e logo dôr viva na ferida. As partes vizinhas inchão, tomão com rapidez a côr vermelha livida; sobrevem tremor geral, syncopes, nauseas, vomitos, suores frios, sobresaltos convulsivos, a ferida gangrena-se, cobre-se de pus, o moral mesmo é então frequentemente affectado, e apparece o delirio. A morte pôde resultar das mordeduras das viboras, sobretudo nas pessoas mui nervosas, delicadas e faceis em se deixar amedrontar; entretanto é raro que isto aconteça, quasi sempre os symptomas morbificos diminuem pouco a pouco, e desaparecem inteiramente. Manifesta-se ás vezes a ictericia universal, as mais das vezes parcial, symptomas de irritação geral, febre, ancias, etc., que durão alguns dias, e ás vezes muitas semanas, mas no fim d'este tempo tudo, na maior parte dos casos, entra no estado normal, e o individuo sára perfeitamente.

Tratamento das mordeduras das cobras venenosas. Deve-se comprimir immediatamente a ferida em todos os sentidos afim de a fazer sangrar, lava-la com muita agua, e cauteriza-la, quanto antes; com um tição de fogo, com carvão ardente, com um prego de ferro quente em brasa, com pedra infernal, com oleo de vitriolo, ou com potassa caustica. Feita a cauterização, applique-se na ferida panno molhadô em aguardente, e por cima uma cataplasma de linhaça ou de fecula. Dê-se uma chicara de chá de folhas de laranjeira, e depois, uma colher *de sopa* de hora em hora da poção seguinte :

Agua..	120 grammas (4 onças)
Acetato de ammoniaco..	8 grammas (2 oitavas)
Xarope simples..	15 grammas (meia onça).

Dê-se tambem de quando em quando um pouco de vinho do Porto, da Madeira, ou de qualquer outro vinho generoso.

Algumas pessoas attribuem propriedades especificas nas mordeduras das cobras ao guaco e outras plantas, administradas interna ou externamente, mas parece que os factos apresentados para apoiar esta opinião não tem sido bem averiguados. Pôde-se vêr, pela historia que referi n'este artigo, que a infusão de guaco não preservou da morte ao infeliz lazaro Mariano.

Tal é o unico tratamento racional que se deve seguir nas mordeduras das cobras venenosas. Qualquer que seja o caso, *nunca se deve applicar sobre a ferida a cabeça machucada do animal.* Devem tambem rejeitar-se todas as praticas inuteis e perigosas propagadas pela ignorancia e tradições absurdas. Taes são *diversos pós*,

beberagens, *orações*, *signaes na pelle*, etc. Se existem curas pela applicação de alguma planta na ferida, póde-se estar certo que n'estes casos a mordedura não era da cobra venenosa, mas sim de alguma das inoffensivas, que podem ser confundidas facilmente com as primeiras; e a ser o animal de especie peçonhenta, provavelmente no tempo da mordedura estava privado dos dentes venenosos, o que lhe acontece duas vezes por anno, como deixei dito.

Accrescentarei a isto que muitas experiencias provárão que o envenenamento é tanto mais perigoso, quanto mais tempo a cobra esteve sem morder. Assim, fizeram-se picar pela mesma cobra muitos animaes successivamente : o primeiro morria logo; o segundo experimentava accidentes mui graves, e morria no fim de tempo mais ou menos consideravel, o terceiro ficou simplesmente incommodado; enfim o ultimo não apresentava ás vezes o menor *symptoma*. Esta circumstancia explica a insignificancia que tem ás vezes apresndado as mordeduras das cobras venenosas; é provavel que n'estes casos o animal tenha recentemente descarregado a maior parte da peçonha.

Os limites d'esta obra não me permitem descrever todas as outras especies, pois que a classe das serpentes é mui numerosa e seus nomes mui variados; não terminarei entretanto este artigo sem fallar de uma especie, a qual, embora não contenha veneno, não é menos formidavel por causa do seu volume.

Giboia. (*Boa constrictor*, Linneo.) Fig. 125. A giboia é a maior e a mais vigorosa de todas as especies de cobras conhecidas; algumas ha que chegão a ter 50 até 80 pés de comprimento. Encontrão-se na Africa, na India e na America meridional. Estes animaes são dotados de uma força extrãordinaria, apanhão um veado com muita facilidade, e com a mesma o engolem. Põem-se de emboscada ás beiras dos rios, onde os animaes vem aplacar a sêde; enroscão-se e formão um disco de perto de sete pés de diametro; no centro do qual se acha a cabeça; que erguem de quando em quando para observarem se alguma presa se approxima, e assim que a julgão ao seu alcance, atirão-se a ella, enrolão-se-lhe á roda do pescoço para a suffocar, e depois ao redor de todo o corpo; a cada volta que vão dando quebrão um osso do animal, e quando o corpo já não apresenta senão a massa informe, devorão-n'o com mais ou menos lentidão. A voracidade da giboia torna-se-lhe muitas vezes funesta. Depois de comer, fica em um estado de inercia e abatimento absoluto; procura então um retiro onde possa digerir com descanço a sua monstruosa refeição, e n'este estado qualquer esforço basta para destrui-la, por não poder oppôr a menor resistencia. Concebe-se que animaes como o veado, a

cabra, etc., não os pôde digerir senão com extrema lentidão, e por isso as giboias exhalão ao longe o cheiro infecto que annuncia a sua presença. Bem que privadas d'esse dente formidavel, que torna tão perigosa a mordedura das cobras venenosas, as giboias

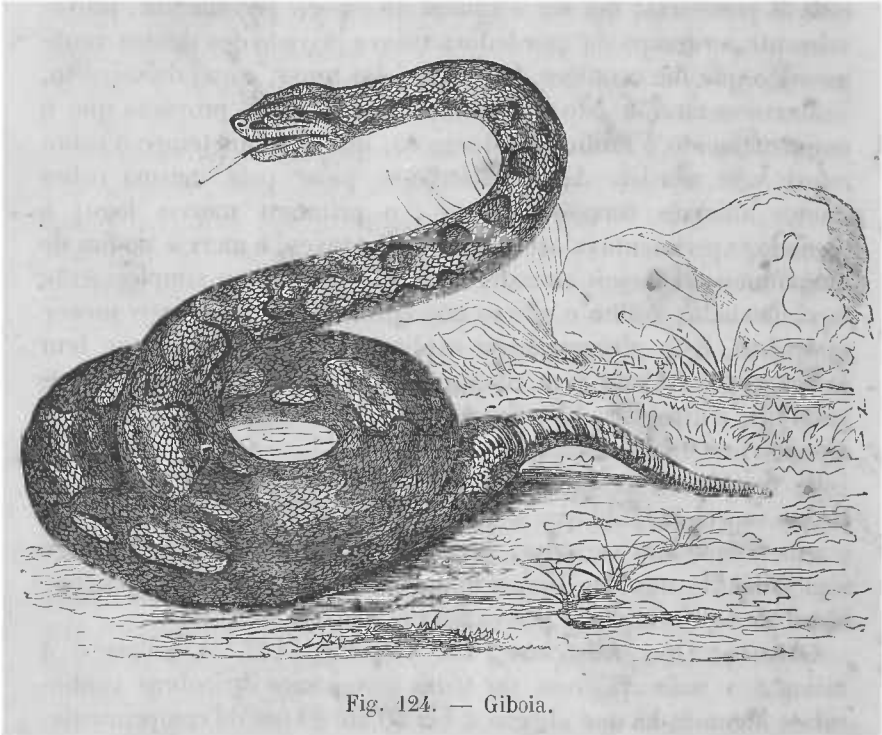


Fig. 124. — Giboia.

não são menos temiveis que estas. Não menos ageis que vigorosas, perseguem as suas victimas na carreira, e as sorprendem com muita facilidade, porque só o seu aspecto as gela de terror e lhes paralysa os movimentos.

COBRE. Este metal é conhecido de tempo immemorial; depois do ferro os seus usos são os mais multiplicados. Além das fôrmas que os caldeireiros lhe dão, o cobre serve ainda em chapas, mais ou menos espessas, para cobrir os edificios e para forrar os navios. Cunhão-se com elle moedas em todos os paizes, medalhas, etc.; entra legalmente nas moedas de ouro e de prata, e em todas as obras de joalheiros e ourives, ás quaes a addição de uma pequena quantidade de cobre dá mais consistencia e solidez. O cobre combinado com o zinco nas proporções de 75 a 25 forma o latão, com que se fabricão uma quantidade de objectos, muitos instrumentos de musica, cordas de piano, alfinetes, botões, joias falsas, etc.; unido ao estanho e zinco em diversas proporções, forma o arame,

bronze, ligas que constituem o metal dos sinos, dos canhões, das estatuas, dos fios de arame, etc.

O cobre é vermelho, brilhante, desenvolve pela fricção um cheiro particular, marêa ao ar livre e cobre-se de pequena camadã de oxydo, a qual augmenta pela humidade, attrahe o acido carbonico do ar ambiente, e forma *carbonato de cobre verde*. Encontrão-se frequentemente os seus vestigios nas vasilhas e utensilios de cobre. Este carbonato de cobre, chamado *azinhavre* e *verdetê*, é a origem de mil accidentes deplorados frequentemente. O peso do cobre, comparado ao da agua, é de 8,85.

O ar, a agua, o calor, o azeite, a manteiga e outros corpos gordurosos, os acidos fortes, o vinagre, o vinho, o sangue dos animaes, a agua salgada, etc., atacam o cobre com tal facilidade, que seria prudente, senão proscrever o seu uso nas cozinhas, ao menos vigiar que a sua estanhadura seja feita exactamente e de vez em quando renovada. Se houvesse esta precaução, talvez que não fosse tão crecido o numero d'essas affecções chronicas do estomago, cuja causa é muitas vezes ignorada.

O Dr. Gmelin foi consultado pelo Abbade de um convento sobre a causa de uma molestia que atacava grande numero dos seus padres.

Os symptomas erão colicas atrozes, vomitos biliosos, prisão de ventre, dôres na bocca do estomago, nas cadeiras e nas côxas, fraqueza paralytica nos braços. Procurando a causa d'estes symptomas, achou o Doutor que todos os vasos, panellas e outros utensilios do convento erão de cobre, e que principalmente aquelles em que conservavão a manteiga erão a origem do accidente.

Em 1781 o convento dos Jacobinos de Pariz experimentou a mesma cousa. Em uma sexta feira e dia seguinte, o cozinheiro havia preparado o peixe n'uma cassarola de cobre com môlho de vinagre. Na noite do primeiro dia, muitos padres sentirão dôres de cabeça, de estomago e de intestinos, ancias, diarrhea, grande fraqueza e caimbras nas barrigas das pernas. No dia seguinte, os outros padres, em numero de 21, forão acommettidos dos mesmos symptomas, que continuárão cinco ou seis dias.

Todas as composições de cobre são venenosas; o envenenamento que resulta da sua introduccão na economia é mui frequente, e por consequente é util occupar-me d'ellas no presente artigo. Fallarei das preparações que são ás vezes empregadas em medicina, das que se formão nas torneiras de cobre, nos diversos utensilios domesticos, e das que são usadas nas artes.

Carbonato de cobre. (Azinhavre ou verdetê natural.) Esta substancia forma-se na superficie das torneiras, cassarolas, e outros

utensilios de cobre, sobre as moedas de cobre, sobre os castiças de latão, etc.; é de côr verde-clara.

Sulfato de cobre (Caparrosa azul, vitriolo azul, vitriolo de Chypre ou pedra lipes.) Este sal é de bella côr azul, de sabor estyptico, metallico; acha-se em crystaes rhomboidaes. Dissolve-se facilmente n'agua e lhe dá a côr azul. Emprega-se para tingir de preto a lã e a seda conjunctamente com o sulfato de ferro; serve tambem para obter grande numero de tintas, taes como o roxo, o roxo-avermelhado, etc. Em medicina, emprega-se como leve caustico, para cauterizar as carnosidades das feridas, os cancos venereos, as aphtas, etc.

Sulfato de cobre ammoniacal. É de bella côr azul-celeste.

Nitrato de cobre. É azul, em fórma de agulhas prismaticas, deliquescente.

Verdete ou sub-acetato de cobre. Este verdete differe essencialmente do que se forma nos instrumentos de cobre, moedas de cobre, etc.; com effeito é formado de acetato de cobre e de deutoxydo de cobre hydratado; fabrica-se para os usos da tinturaria, applicando o bagaço de uvas sobre as laminas de cobre. Acha-se no commercio em pó de um verde azulado, ou debaixo da fórma de massas da mesma côr, em que se encontrão sementes de uvas.

Verdete crystallizado. (Acetato de cobre.) Apresenta-se em crystaes verdes-escuros, ou em pó de côr esverdeada. Emprega-se como tinta.

O cobre para os usos domesticos emprega-se tal qual é, ou estanhado. Os tachos em que se fazem doces, os caldeirões e outros vasos de cobre não estanhados, nunca devem ser empregados sem terem sido limpos com pó de barro e lavados no momento em que se faz uso d'elles. As escumadeiras de cobre merecem particular attenção; nos seus buracos escondem-se frequentemente parcellas venenosas. A estanhadura das cassarolas não deve tambem inspirar inteira segurança, porque é facil reconhecer, por meio do microscopio, que as proprias vasilhas, que se acabão de estanhar, apresentão grande numero de pequenos pontos vermelhos, que são outros tantos pontos de cobre não cobertos pelo estanho. Não se deve empregar uma torneira de cobre para tirar de uma vasilha vinho ou vinagre á medida que fôr preciso: esta torneira não tardaria a cobrir-se de verdete. Cumpre empregar para este uso uma torneira de páo. Em geral, nunca se devem deixar esfriar môlhos, iguarias, corpos gordos, ou liquidos, quaesquer que sejam, em vasilha de cobre mesmo estanhada.

O cobre, apesar dos accidentes graves que póde occasionnar, continua a ser um metal usual. O seu emprego não offerece inconvenientes havendo as precauções que deixei indicadas; os perigos

do cobre vem da negligencia e falta de asseio das pessoas que se servem d'elle.

Para o tratamento dos accidentes produzidos pelas preparações de cobre, *Vêja-se* o artigo ENVENENAMENTO.

Modo de limpar os objectos de cobre. 1º *modo.* Esfregar o objecto com limão azedo e pó de tijolo; e limpar, depois, com panno secco.

2º Esfregar com um panno molhado na solução de 60 grammas (2 onças) de acido oxalico em um litro (32 onças) d'agua. Esta solução chama-se no commercio *agua de cobre*. Ha outras receitas d'*agua de cobre*, mas esta é a melhor. Póde empregar-se simplesmente como está indicada, ou misturada com pó de tijolo ou com uma especie de barro, chamado nas lojas terra podre e tripoli.

COBREIRO ou COBRELO. Assim se chama uma erupção na pelle de pequenas bolhas, cheias de um liquido amarellado, e cujo volume varia desde o da cabeça de um alfinete até ao de uma azeitona e mais. Occupa ordinariamente o ventre, as espaduas, o peito ou os membros. No ventre forma ás vezes um meio-cinto de uma pollegada de largo. Existe sempre dôr ou comichão em roda das bolhas. Estas bolhas, analogas ás que produz na pelle a applicação de um caustico, deixão escorrer o liquido que contém, e seccão. Em tres ou quatro dias, desapparecem todas; mas ás vezes succedem-se em maior ou menor numero durante um mez e mais.

Ordinariamente o cobreiro não é acompanhado de febre; mas quando é extenso, ha fastio, dôres em todo o corpo, dôres de cabeça, e frequencia do pulso.

As *causas* do cobreiro são : o uso de alimentos muito acres, mui apimentados, as affecções moraes tristes, os pezares, as contrariedades. As mais das vezes esta pequena molestia apparece sem causa conhecida. É um erro crer, como julgão algumas pessoas, que o cobreiro procede de ter passado cobra sobre a roupa do doente.

Tratamento. Cumpre untar as bolhas, sem as rasgar, com azeite doce, e polvilha-las depois com polvilho. Forma-se assim uma especie de envoltorio que abriga as bolhas, e lhes permite seguir todas as suas phases sem estarem expostas a alguma causa de ruptura; murchão então rapidamente, seccão, e a molestia termina em pouco tempo. Este methodo é o mais simples, e o mais ventajoso. O doente usará de bebidas refrigerantes, taes como a limonada de limão, de laranja, o cozimento de cevada; e seguirá um regimen simples, mais vegetal do que animal.

As ulcerações que succedem á quéda das crostas, serão lavadas com esponja molhada em agua morna, e curadas com uma das preparações seguintes :

1 ^o Ceroto simples...	60 grammas (2 onças).
2 ^o Glycerina.	60 grammas (2 onças).
3 ^o Glycereio de amido	60 grammas (2 onças).

4^o Pomada de tannino.

Tannino.	1 1/2 gramma (30 grãos)
Agua	1 1/2 gramma (30 grãos)
Banha	30 grammas (1 onça).

Se as ulceras fõrem acompanhadas de grandes dôres, curem-se com *ceroto opiado*, cuja formula é a seguinte :

Extracto de opio.	25 centigram. (5 grãos)
Agua.	25 centigram. (5 grãos)
Ceroto simples.	24 grammas (6 oitavas).

COCA, YPĀDŪ OU PADŪ. *Erythroxylon coca*, Lamark. *Erythroxyloas*. Arbusto do Perú, cultivado no Pará. O caule tem 4 a 5 palmos de altura, e divide-se em ramos numerosos e erectos; folhas alternas, curtamente pecioladas, inteiras, ovaes, agudas, com quasi tres nervuras, do comprimento de pollegada e meia sobre meia pollegada de largura, de cheiro aromatico fraco; flores pequenas, numerosas, sustentadas por tuberculos de que são cobertos os novos ramos; fructo, drupa vermelha, oblonga, com um loculamento monospermo, acompanhado de dois loculamentos abortados. As folhas actuão sobre o systema nervoso. Mascadas em pequena quantidade pelos correios, viajantes e trabalhadores de minas, sustentão-lhes as forças, e permitem-lhes supportar a fome e a sêde durante quasi um dia inteiro; a acção das folhas parece ser então analoga á do vinho. Mastigadas em porção maior, obrão como as substancias alcoolicas, produzindo tremor dos labios, vacillações dos membros, etc. Mascadas unidas ás folhas de fumo, provocão uma embriaguez semelhante á que é produzida pelo canhamo indiano (haschisch). Faz-se no Perú um commercio consideravel d'esta planta. Os Indios do Amazonas reduzem a pó as folhas, depois de seccas, e, em um pilão apropriado, misturão este pó com um pouco de cinzas das folhas de ambauba; mastigão-n'õ então com um pouco de tapioca, e engolem-n'õ depois de bem mascado.

COCA DO LEVANTE. Fructo de uma arvore da Índia. *Menispermum cocculus*, Linneo. (Menispermaceas.) Este fructo, tal como o commercio o fornece, é maior do que uma ervilha, arredondado e reniforme; é formado de um envoltorio secco, delgado, denegrido, enrugado, de sabor fracamente acre e amargo, e de

uma casca branca, lenhosa, de 2 valvas, no meio das quaes se levanta uma placenta central, dividida interiormente em dois pequenos loculamentos. Todo o espaço comprehendido entre esta placenta central e a casca é occupado por uma amendoa ôca no interior e aberta sobre o lado para receber a placenta. Esta amendoa é graxa, mui amarga, e é venenosa. Emprega-se na India para pescar o peixe que, depois de engulir o engodo contendo esta substancia, vem tornear e morrer á tona d'agua. Segundo as experiencias do Dr Goupil, este emprego pôde ser seguido de graves inconvenientes, se não se teve o cuidado de esvaziar o peixe logo que apparece na superficie da agua; porque, não se fazendo isto, o peixe torna-se venenoso.

COCCYX. Pequeno appendice osseo que termina inferiormente o osso sacro; acha-se situado na parte inferior do tronco, e quebra-se ás vezes nas quedas sobre o assento. A sua fractura é pouco grave, e para sarar necessita só do repouso. *Veja-se FRACTURAS DA BACIA.*

COCEIRA. *Veja-se COMICHÃO e PRURIGO.*

COCHLEARIA. *Cochlearia officinalis*, Linneo. Cruciferas. Planta que habita na Europa, na beira mar, e perto dos regatos nas montanhas. Fig. 126. Emprega-se em medicina como antiscorbutico. Tem o caule de 7 a 10 pollegadas; folhas arredondadas, luzidias, concavas em fórma de colher (*cochlear*), d'onde lhe vem o nome; sabor picante e acre; flores brancas. Com as folhas e caules da cochlearia prepara-se um xarope que se administra na dóse de 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) por dia. Prepara-se tambem com esta planta um alcoolato que entra na composição dos collutorios e gargarejos antiscorbuticos.

COCHONILHA. Insecto da feição de percevejo, mui pequeno, que se cria na America, e sobretudo no Mexico, nos arbustos chamados cactos, e principalmente no *Cactus opuntia*, L., que se acha tambem no Rio de Janeiro. A femea, no seu maior desenvolvimento, na época da postura de ovos, tem 6 millimetros de comprimento, 4 de largura e 2 de espessura.

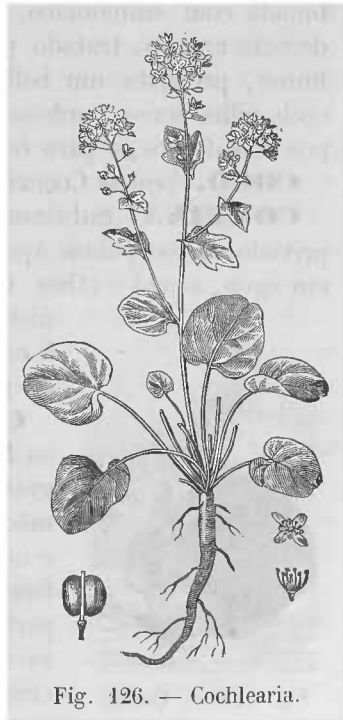


Fig. 126. — Cochlearia.

O macho tem duas azas que se cobrem horizontalmente sobre o corpo, o qual termina por duas longas sedas; a femêa não tem azas, e tem o corpo mais grosso que o do macho. As femêas fixão-se sobre as folhas carnosas dos *cactus*, onde põem ovos de côr rubra-escura que produzem milheiros de pequenos insectos, os quaes se fixão tambem na planta, e passão alí por todas as metamorphoses. Colhem-se as cochonilhas um pouco antes da postura dos ovos, quando o ventre está no maximo de seu desenvolvimento. A sua grossura é então quasi do tamanho de uma pequena ervilha. Fazem-se morrer os insectos, mergulhando-os em agua quente, ou pondo-os no forno ou sobre uma chapa de ferro quente. Achão-se no commercio debaixo da fórma de pequenos grãos irregulares, anegrados ou de côr vermelha-roxa, convexos de um lado, concavos do outro. Postos em agua por algumas horas esses grãos communicão-lhe uma côr vermelha, inchão, e mostrão então distinctamente a estructura do insecto, coberto de anneis. A cochonilha emprega-se para dar côr escarlata á lã e á seda. Combinada com ammoniaco, forma tintas roxas para os estofos. O decocto aquoso, tratado pelo cremor de tartaro, ou pela pedrahume, precipita um bello pó vermelho que se chama *carmin*. A cochonilha serve tambem para córar licores, pomadas, opiatos, pós dentifricios, e para fazer tinta de escrever encarnada.

COCO. *Veja-se* COQUEIRO.

CODEINA. Substancia que se obtem do opio, previamente privado da morphina. Apresenta-se em crystaes sem côr, soluveis em agua, alcool e ether. Goza de propriedades calmantes, e administra-se em varias molestias na dóse de 5 centigrammas (1 grão) em pilulas, xarope ou poção.

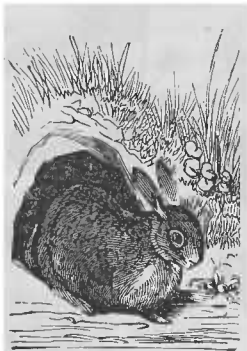


Fig. 127. — Coelho.

COELHO. Fig. 117. Animal domestico ou bravo, de felpa fina, cauda curta, orelhas grandes. Tem os pés mais altos do que as mãos, de sorte que antes salta do que anda; é notavel por sua mansidão, e sua extrema fecundidade. Os coelhos vivem pela maior parte em covas, que elles mesmos cavão com as unhas nos bosques onde habitão; mas crião-se tambem em domesticidade; de sorte que ha duas especies: *coelho bravo* ou *mon-*

tez, e *coelho domestico*. Vivem de sete a dez annos.

Os coelhos são originarios do norte da Africa; alimentão-se de plantas, de cascas de arvores; os que vivem nos bosques são muito prejudiciaes pelos estragos que causão na agricultura. A femêa é

de uma fecundidade prodigiosa; póde produzir por anno de 30 a 60 laparos : pelo que a criação dos coelhos na roça póde tornar-se para uma familia um recurso importante. A carne do coelho bravo é branca, sã e saborosa; acontece o mesmo com a do coelho criado nas tapadas. O coelho domestico criado nas gaiolas, e alimentado de legumes e de couve, torna-se mais gordo e mais forte, mas a carne não tem tão bom gosto. O pello d'este animal, ordinariamente cinzento-amarellado, branco por baixo, toma, no estado domestico, côres mui diversas. Entre as variedades as mais notaveis, cita-se o *coelho angora*, cujo pello espesso e brando ao tocar como seda, é de côr cinzenta-prateada. O pello e a pelle do coelho são o objecto de grande commercio : o pello é principalmente empregado pelos chapeleiros para a fabricação do feltro; a pelle fornece um grude excellente.

Criação dos coelhos. O coelho domestico póde ser criado de duas maneiras essencialmente distinctas, n'uma tapada, isto é, quasi em liberdade, ou n'uma coelheira.

A *tapada* deve ser estabelecida n'um terreno antes leve do que compacto, havendo o cuidado de evitar as terras muito arenosas, porque os desabamentos impedirião os coelhos de abrir galerias á sua vontade. Deve ali haver um regato, charco ou pequeno lago. É necessario plantar-lhe arvoredos, não só para dar sombra e frescura, mas tambem para que os coelhos utilizem os fructos. Tambem se podem semear na tapada plantas gramineas, alfazema, funcho, nabos, couves, enfim todas as plantas que os coelhos comem.

A tapada deve ser cercada por muros da altura de 3 metros e de alicerces profundos, para os coelhos não poderem fugir; de outro modo os coelhos farião logo sahidas subterraneas que irião sahir no campo; as muralhas devem ser sufficientemente elevadas e guarnecidas, com volta em fórma de tecto, mui saliente e guarnecido de pontas de ferro mui agudas de modo que os gatos e outros animaes, que comem coelhos, não as possam passar saltando por cima d'ellas.

A criação e multiplicação por este systema são mais economicas, comtudo a tapada só póde estabelecer-se nos lugares em que ha grande extensão de terreno.

Para apanhar os coelhos n'uma tapada, convem empregar laços, o que permite tirar com preferencia os machos, de que se deve deixar o menor numero possivel, porque incommodão as femeas nos cuidados que prestão aos filhos; matando-os com tiros de espingarda, produzir-se-hia grande espanto na tapada, que seria nocivo á reproducção.

As fêmeas não parem na cova commum; fazem os ninhos em buracos separados e pouco profundos.

Póde-se dispensar de fechar a tapada com muralhas, se a localidade o permite; estabelece-se então uma tapada aberta, que os coelhos não abandonão.

Coelheira. As coelheiras são de diversas sortes. Algumas approximão-se da tapada, e consistem em pátéos mais ou menos espaçosos, cercados de muralhas, e divididos em repartimentos fechados com grades de ferro ou encaniçados, communicando com gaiolas encostadas a uma parede, expostos ao levante ou ao sul, e convenientemente cobertos. Os machos, as fêmeas prenhes, as que amamentão, os laparos que já não mamão, estão separados e passeão á vontade na gaiola ou no pátéo contiguo. E deve haver no referido pátéo uma pia com agua, para os coelhos beberem quando tiverem sede. É erronea a pratica de não dar agua aos coelhos; podem passar sem ella quando são alimentados de plantas frescas; porém comendo as seccas, o milho, o farelo, precisão beber, e com effeito bebem com avidéz. As lapas devem ser bastante espaçosas, ter 75 centímetros a 1 metro pelo menos, em todos os sentidos. O seu pavimento deve ser feito de tijolo, e ter bastante inclinação; afim de dar escoamento ás ourinas, que sahem por uma goteira commum de zinco, terminada por um cano que conduz as ourinas á cloaca praticada dentro da terra. O pátéo deve ser guarnecido, por cima e sobre os lados, de uma rede de arame, para evitar os ratos, os gatos e outros animaes que são damminhos aos coelhos.

O pavimento do pátéo deve ser de tijolo ou de pedra para impedir os coelhos de cavarem o chão.

As coelheiras assim feitas são as melhores, mas nem todos os criadores podem fazer a despeza que ellas exigem, e dar-lhes tanto espaço. As mais das vezes, portanto, improvisão-se coelheiras debaixo de telheiros, nas granjas ou nos estabulos, por meio de repartimentos de 75 centímetros a 1 metro sobre todas as faces, dispostos em linhas umas ao lado das outras, e um tanto inclinados de traz para diante afim de dar escoamento ás ourinas. Estes repartimentos são de madeira ou de tijolo, cheios nas cinco faces e caniçados por diante.

Outras vezes, quando a criação se reduz a mui pequeno numero de coelhos, mettem-se simplesmente em grandes caixas guarnecidas de palha secca, cobertas de pranchas moveis e separadas, seguras com pedras ou outros pesos. Os coelhos criados d'esta maneira ficão sempre em caixas, de que nunca sahem. Convem renovar com frequencia as camas das lapas, e para facilitar o

escoamento da urina, o fundo da caixa deve ter muitos buracos ou ser feito de taboas separadas por interstícios uma da outra.

Alimentação. Os coelhos comem quasi todas as plantas, e por isso são de facil sustento; todavia os vegetaes um pouco aromaticos tornão a sua carne mais saborosa. Dando-se-lhes, sete ou oito dias antes de os matar, salsa hortense ou funcho, sua carne adquire um gosto agradável. Comem raizes forrageiras, taes como cenouras, batatas, betarrabas, etc., farelos, aveia. O sal é tão necessario ao coelho como aos outros animaes, e por isso convem mistura-lo nos alimentos, principalmente nos mais aquosos.

Cumpra administrar-lhes alimentos frequentes vezes no dia, mas em pequena quantidade de cada vez, e sómente a porção que possão comer, para não os estragarem.

Qualquer que seja o genero de alimentos que se lhes distribue, importa muito que estes alimentos, frescos ou seccos, não estejam sujos pela urina; as forragens, impregnadas d'este liquido, tornão-se um verdadeiro veneno. Pode evitar-se este inconveniente se, em lugar de collocar sobre o pavimento da lapa ou sobre o chão a ração do coelho, se lhe deita n'uma grade de manjedoura semelhante, salvo as dimensões, ás grades de curraes ou estribarias.

Engorda. É sempre vantajoso engordar os coelhos, o que se póde fazer a pouco custo com alimentos ordinarios, dados em abundancia durante 15 dias, ajuntando cevada ou aveia cozidas, e misturando sal com as hortaliças. Nos coelhos castrados é mais facil a engorda, e a sua carne mais gostosa. A castração deve ser praticada na idade de 2 a 3 mezes.

Multiplicação do coelho. O coelho póde reproduzir-se desde a idade de 6 mezes; e os individuos de qualquer dos sexos devem ser reformados depois de terem a idade de 5 a 6 annos. A reprodução d'estes animaes é muito rapida; a femea póde parir seis ou sete vezes no anno, e quatro ou cinco filhos em cada parto; ás vezes dez ou onze.

O macho póde fecundar dez ou doze femeas. Quatro femeas e um macho, sendo bem alimentados, podem produzir annualmente, termo médio, cento quarenta e quatro laparos. A gravidação dura 30 a 31 dias.

O macho não deve achar-se habitualmente junto com as femeas, deve viver em compartimento separado, e não se reunir senão passageiramente durante 12 horas; depois do que deve ser reposto na lapa respectiva.

Na idade de 20 dias, os laparos comem sózinhos, e sua mãe

partilha com elles a sua alimentação; a um mez, podem viver sem a mãe. Tres semanas depois do parto, a mãe pôde ser coberta de novo; deixa-se com um macho durante uma noite. É raro que não torne a ficar prenhe. Depois do que, volta aos seus filhos, e pôde amamenta-los ainda durante oito dias; mas ás vezes despreza os filhos; é, pois, melhor não a fazer cobrir senão um mez ou cinco semanas depois do parto.

Alguns dias antes de parir, a femea ajunta n'um canto de sua lapa liteira secca de que fórma um ninho, e guarnece o fundo com o pello que arranca do seu ventre. Quando se limpa a lapa, cumpre não desarranjar o ninho, quer antes de parto, quer depois do nascimento dos laparos.

Ha femeas que tem o máo costume de comer os filhos; logo que se percebe isto, cumpre mata-las.

O estrume dos coelhos é um poderoso adubo e mui abundante relativamente á quantidade de alimentação que consomem estes animaes. Não se deve, pois, poupar-lhes a liteira que, alias, lhes é tão necessaria.

Matão-se os coelhos dando lhes uma forte pancada com a mão atraz das orelhas. Estando o coelho despojado e esvaziado, se se quer perfumar a carne, enche-se o interior do corpo com tomilho ou outras hervas aromaticas piladas e cortadas, ás quaes ajunta-se um pouco de manteiga, sal, folhas de louro e pimenta.

Quando se despojou um coelho, é preciso estirar a pelle enchendo-a com feno ou hervas seccas, e manter a separação das coxas por meio de um pedaço de páo convenientemente disposto. Suspende-se a pelle n'uma corrente de ar. Assim preparada tem maior preço. No momento da venda tira-se o feno.

Molestias dos coelhos. Os coelhos estão sujeitos a muitas molestias, e principalmente á *sarna*, *diarrhea*, *mal de olhos* e *ventre grosso*. Estas molestias provém ordinariamente de uma habitação pouco sadia, privada de ar e de luz, e da falta de asseio.

Remediar estes inconvenientes, é prevenir e mesmo curar as molestias.

Os animaes doentes estarão collocados n'uma gaiola separada; deve-se-lhes dar para alimento algumas plantas aromaticas, taes como aipo, funcho, pimpinella, etc. Convem então ajuntar sal á agua para beber, que nunca lhes deve faltar.

COENTRILHO. *Zanthoxylum hyemale*, Saint-Hilaire. Rutaceas. Arvore do Brasil; habita no Rio Grande do Sul. É mui variavel nas suas dimensões; é ás vezes mui pequena, outras vezes eleva-se a grande altura; de ordinario tem espinhos. Folhas alternas, compostas de 3 a 6 pares de foliolos, com um foliolo impar,

obovados, obtusos, crenados; flores dispostas em cachos ou panículas. Os habitantes das localidades onde vegeta esta arvore, pretendem que a casca, reduzida a pó, cura as dôres de ouvido. O que ha de certo é que esta arvore fornece um lenho duro, excelente para a construcção.

COENTRO. *Coriandrum sativum*, Linneo. Umbelliferas. Pequena planta, cultivada nas hortas do Brasil e de Portugal. Fig. 128. Tem folhas recortadas profundamente; flores brancas

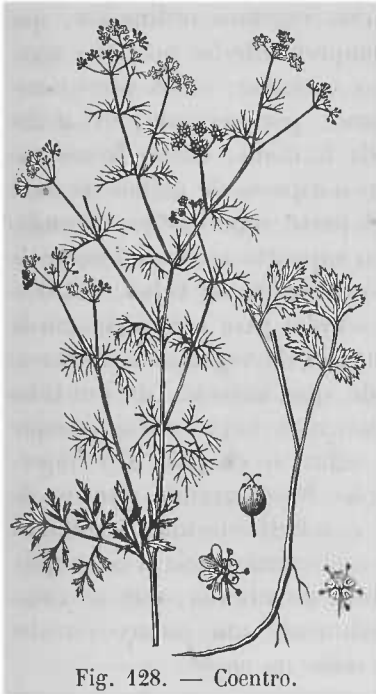


Fig. 128. — Coentro.

com cheiro de percevejo; os fructos eurugados na superficie, amarelos, de cheiro desagradavel de percevejo no estado fresco, e agradável depois de seccos. Os fructos compõem-se de duas carpellas soldadas, que não se separam na madureza. São os fructos, impropriamente chamados *sementes*, que se empregão na confeitaria, perfumaria, e em medicina. Fazem-se com elles gragêas que deixão na bocca um cheiro agradável. Em medicina usão-se ás vezes para estimular a acção do estomago, sob a fórmula de chá, que se prepara com uma colherzinha de coentros e uma chicara d'agua fervendo.

COERANA. *Cestrum Parqui* Solaneas, L'Herit. Arbusto do Brasil; habita principalmente nas

provincias de S. Paulo e do Rio Grande do Sul. Tem as folhas lanceoladas, um tanto onduladas, flores em corymbos terminaes, corolla infundibuliforme com o limbo plicado; o fructo é uma baga com muitas sementes.

Ha outras especies do genero *Coerana*, que habitão por todo o Brasil; taes são: *Cestrum euanthes*, Schlecht (S. Paulo, Minas); *Cestrum laevigatum*, Schlecht (Rio, S. Paulo, Bahia); *Cestrum corymbosum*, Schlecht (Rio, Minas); *Cestrum bracteatum*, Link; *Cestrum stipulatum*, Velloso. As folhas de todas estas coeranas gozão de propriedades calmantes, e empregão-se em banhos contra as dôres rheumaticas, dos intestinos e do utero. *Dóse*: 120 gram. (4 onças) de folhas de coerana para um semicupio. Em dóse elevada as coeranas são narcoticas. O Sr. Dr. Caminhóa assegura que

sobre o gado vaccum e cavallar produzem effeitos toxicos. Nas provincias da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco, espalhão-se folhas da coerana pelo chão das casas para matar as pulgas. Na provincia da Bahia, segundo o que diz o mesmo Autor, ha até uma expressão da gente do campo para os animaes que estão tristes (symptoma do envenenamento por esta planta); *comeo coerana*.

COGUMELO. Os cogumelos pertencem a uma grande classe dos vegetaes cryptogamos, ou vegetaes sem flor; sua organização é simples, e de tal sorte differem dos vegetaes ordinarios, que muitos naturalistas hesitarão em comprehendê-los no reino vegetal. Apresentão-se debaixo de fórmãs variadas; umas vezes constituem filamentos brancos, taes como, por exemplo, os mofos que se observão no papel ou na colla humida; outras vezes são inteiramente globosos, ou offerecem o aspecto de galhos de coral ramificados ou de chapéos de sol. A parte superior do cogumelo chama-se *chapéo*, e o tronco que o supporta recebeo o nome de *pedunculo*. Debaixo do chapéo achão-se laminas ou tubos, entre os quaes se vêem grãos redondos, que servem para a reproducção da planta, do mesmo modo que as sementes de vegetaes com flores. Muitos cogumelos são cercados, desde que nascem, de um bolso chamado *volva*, que se rasga depois, mas cujos restos, sempre visiveis em redor do pedunculo ou sobre o chapéo, são importantes como caracteres de classificação. N'um grande numero de especies, a face inferior do chapéo é coberta de uma membrana que se prende de uma parte a toda a circumferancia d'este orgão, e de outra ao apice do pedunculo. Esta membrana, que se rasga mais tarde, deixa em volta do pedunculo um pedaço circular franjado, ao qual se deo o nome de *collar* ou *annel*.

Os accidentes funestos, que póde occasionar o uso dos cogumelos deleterios, levárão muitos botanicos a occupar-se da distincção das especies que são venenosas das que podem ser comidas sem inconveniente. Infelizmente, força é confessar que seus penosos trabalhos não os conduzirão ainda a resultados inteiramente satisfactorios. Com effeito, no mesmo genero achão-se especies venenosas, e outras que o não são: ás vezes estas especies assemelhão-se de tal sorte, que é necessario a maior habilidade para pode-las reconhecer; isto é tão certo, que, quanto mais se estudão os cogumelos, tanto mais se hesita em se pronunciar uma exacta distincção entre elles. Persoon, que fez dos cogumelos o objecto de seus trabalhos durante grande parte da sua vida, nunca dava a sua opinião; e quando se insistia, declarava todo o cogumelo venenoso, receioso de dar um parecer arriscado, e de ser causa

involuntaria de alguma desgraça. Pois que os caracteres botanicos são tão incertos, indiquemos ao menos outros signaes que possam ser uteis.

Os cogumelos não venenosos habitão ordinariamente as relvas seccas expostas ao sol, ou matos arenosos, ou terrenos bastante-mente estrumados: achão-se debaixo de todas as latitudes. Os cogumelos venenosos nascem á sombrá sobre os troncos podres, nos matos sombrios, terrenos humidos e estrumes em fermentação; são mais communs nos paizes septentrionaes do que nas regiões meridionaes. Os bons cogumelos tem uma superficie secca, uma côr parda, rosea ou vermelha vinosa; são frequentemente cercados pelos insectos, que tração raios irregulares sobre o chapéo; e a pellicula que cobre este chapéo pôde tirar-se facilmente. Os cogumelos nocivos tem uma superficie escamosa, côres duvidosas; são negros, amarellos ou côr de sangue; raramente se observão na sua superficie os sulcos feitos pelos insectos; e quando se quebrão, mudão de côr pela acção do ar; este character, mui notavel no *Boletus cyanescens*, que de branco se torna azul, é um signal certo de que a especie é venenosa. Os bons cogumelos seccão sem se corromperem, e são quasi sempre desprovidos da *volva*; o seu pedunculo é nú e não guarnecido de um collar vizinho do chapéo. Os cogumelos perigosos tem uma *volva*, ou vestigios d'ella; são cercados de um collar, e corrompem-se em vez de se dessecarem. Esta putrefacção é acompanhada de um desenvolvimento de hydrogeneo sulfurado, e assemelha-se muito ás materias animaes. Os cogumelos comestiveis tem consistencia carnosa, firme, nem molle nem fibrosa, e não são esponjosos nem impregnados d'agua. As especies suspeitas tem consistencia esponjosa, são impregnadas de succos aquosos, ou então são fibrosas, duras e compactas. O sabor e o cheiro ministrão tambem caracteres que não devem ser desprezados. Os cogumelos bons tem o gosto da noz, sem o seu amargor nem adstringencia, e que entretanto não é insipido, assemelhando-se ao das amendoas doces. Os cogumelos máos tem cheiro insipido, viroso, sulfureo, penetrante como o da terebinthina ou da terra humida. Taes são os signaes que se devem considerar; mas nenhum ha que seja característico, nenhum que não apresente muitas excepções.

Mesmo os cogumelos reconhecidos como alimentarios podem perder este character em algumas circumstancias, e tornar-se mais ou menos perniciosos. Isto acontece, por exemplo, quando se colhem mui tarde, e quando já tem experimentado um principio de decomposição, ou quando forão colhidos em lugares muito humidos. O tempo mais opportuno, em que se deve fazer a colheita

dos cogumelos, é a época em que elles ainda não chegarão ao ultimo gráo do seu desenvolvimento, porque então o seu sabor é mais agradável, e a polpa mais tenra e de mais facil digestão. Não se devem conservar mais de um dia sem ser preparados.

Quando se faz uso dos cogumelos, cuja boa qualidade não é certa, devem-se tomar algumas precauções que diminuão o perigo. Assim, tem-se observado que o vinagre dissolve o principio venenoso de algumas especies, de sorte que se tem feito uso d'ellas sem inconveniente, depois de demoradas por algum tempo em agua bastantemente avinagrada. É por conseguinte necessario pôr de mólho por algum tempo em agua acidulada os cogumelos cuja natureza* fôr suspeita. Mas deve-se, depois d'esta operação, deitar fóra essa agua, que contém o principio deleterio d'estes vegetaes. Faz-se tambem a experiencia da seguinte maneira: se se encontra um cogumelo que reúne todos os caracteres favoraveis; dá-se primeiramente a um animal, a um cão ou a um gato; se este não experimenta accidentes, póde-se usar d'elle ao principio em pequena quantidade, e depois augmenta-se pouco a pouco a dóse.

As figuras 129, 130 e 131 representam os cogumelos comestiveis. A fig. 129 representa o *Agaricus campestris*, Linneo; a fig. 130 o

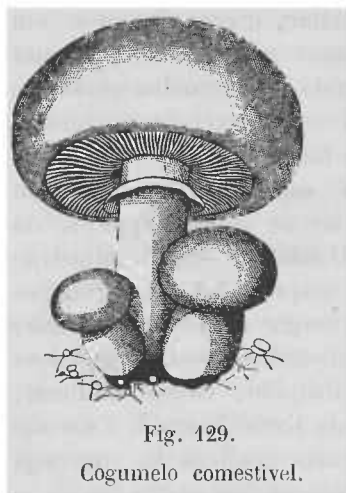


Fig. 129.

Cogumelo comestivel.

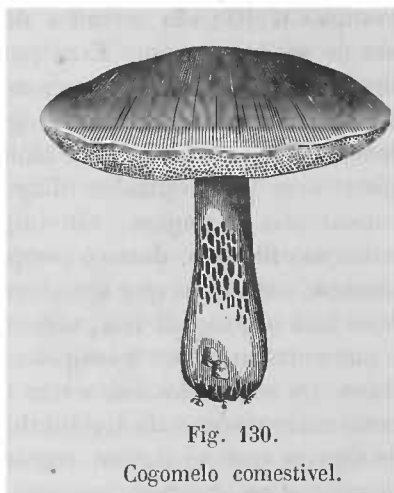


Fig. 130.

Cogumelo comestivel.

Boletus edulis, Linneo; a fig. 131 o *Agaricus aurantiacus*, Bull. (*orange vraie*, em francez). A fig. 132 representa o *Agaricus muscarius*, Linneo (*fausse orange*, em francez), que é um dos mais venenosos; os vestigios da volva no chapéo são visiveis.

Os accidentes produzidos pelos cogumelos venenosos são os seguintes: Apenas se comem, porém mais frequentemente depois da sua

digestão . experimenta-se uma afflicção geral, vertigens, enjões, dôr na bocca do estomago. A estes symptomas succedem frequentemente desmaios, tremores, eructações desagradaveis, calor e dôr na garganta. Aparecem depois ancias de lançar, colicas mais ou menos intensas, seguidas de vomitos e de jactos, de inchação e calor em todo o ventre, com sêde viva, anxiedade, suffocação; pulso fraco, frequente, irregular; abatimento mais ou menos profundo, alteração da physionomia, suores frios, dejecções fetidas, e ás vezes a morte. Sendo os cogumelos de uma digestão difficil, acontece ás vezes que os phenomenos do envenenamento não se manifestão senão 5, 10, 12 e mesmo 30 horas depois de introduzidos no estomago.

Tratamento do envenenamento produzido pelos cogumelos venenosos. Administrem-se ao doente 10 centigrammas (2 grãos) de emetico dissolvido n'uma chicara d'agua fria, para provocar os vomitos. Ao depois, 60 grammas (2 onças) de sulfato de magnesia, dissolvido em duas chicaras d'agua fria, par obter evacuações alvinas.



Fig. 131.

Cogumelo comestivel.

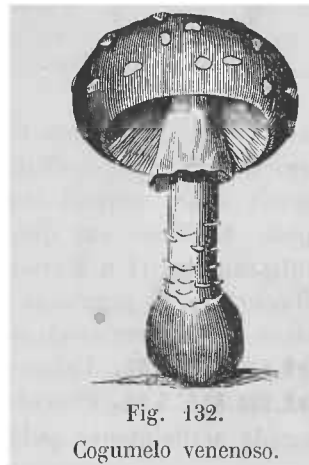


Fig. 132.

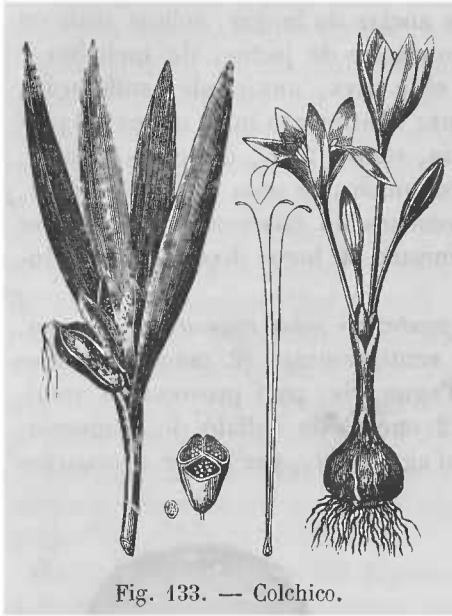
Cogumelo venenoso.

Evacuados os cogumelos, tome o doente alguma bebida acidulada, tal como agua com sumo de limão ou com vinagre e uma colher, das *de sopa*, de meia em meia hora; da poção seguinte :

Agua commum	120 grammas (4 onças)
Ether sulfurico	30 gottas
Assucar	15 grammas (4 oitavas).

COLCHICO. *Colchicum autumnale*, Linneo. Colchicaceas. Planta que habita nos prados da Europa meridional. Tem a flor roxa, que surge subitamente da terra no mez de setembro ou outubro, para annunciar a chegada da estação rigorosa. Um

bolbo lhe serve de base, e suas folhas apparecem só no verão proximo para envolverem o fructo. Fig. 133. Perigoso em todas as



suas partes, que contém um principio acre e narcotico, é no seu bolbo que residem suas propriedades deleterias. Citão-se alguns exemplos de animaes que, não escutando a voz do seu instincto, forão envenenados pelo colchico; e até no homem ha exemplos de accidentes graves, mesmo de morte, pelas doses exaggeradas do colchico. Duas a tres oitavas são sufficientes para produzir a morte nos cães.

O bolbo e as sementes do colchico, em dóse moderada, empregão-se em medicina contra a gota e rheumatismo. Este medicamento admi-

nistra-se debaixo de tres fórmas : de extracto, de vinho e de tintura. Os principaes effeitos, que produz, são : diarrhea mais ou menos forte, urinas copiosas, e diminuição da frequencia do pulso. As doses em que se administra são : *Extracto* : 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) e mais, progressivamente, em pilulas: *Vinho* 4 a 15 grammas (1 a 4 oitavas) em poção. *Tintura*, 15 gottas a 4 grammas (1 oitava) em poção.

COLCOTHAR. *Veja-se FERRO.*

COLDREAM. Pomada cosmetica muito agradavel, e muito empregada actualmente pelas senhoras para amaciar a cutis do rosto e do pescoço; serve tambem contra as espinhas do rosto e rachas dos labios. Eis-aqui a receita :

Oleo de amendoas doces.	215 grammas
Espermacete.	60 grammas
Cera branca...	30 grammas
Agua de rosas.	60 grammas
Tintura de benjoim.	15 grammas
Oleo essencial de rosas.	30 centigrammas.

Derreta a cera e o espermacete no oleo a calor brando; vase em almofariz de marmore aquecido; triture até esfriar. Ajunte o oleo essencial de rosas, e incorpore pouco a pouco a mistura da agua

e da tintura, previamente passada por panno de linho. Alguns autores indicão, em lugar do oleo essencial de rosas, a essencia de bergamota, agua de Colonia, essencia de amendoas amargas, a camphora ou a essencia de alecrim.

COLICA, DÔR DE COLICA OU COLICA NERVOSA. Dão-se estes nomes ás dôres que atacam o ventre, e que não são dependentes de nenhuma lesão organica: considerão-se como perturbação da sensibilidade. A invasão subita, a dôr viva, sua mobilidade, as contracções espasmodicas das paredes do abdomen, a prisão de ventre, a anxiedade geral, a pallidez do rosto, a alteração da physionomia, o abatimento, os suores ou os desmaios, constituem os seus symptomas. Estes caracteres, entretanto, são communs a outras affecções. Outras circumstancias esclarecerão a duvida. Quando houver certeza de que nenhum orgão se acha visivelmente affectado, poder-se-ha presumir que a colica é nervosa. A dôr, se fôr nervosa, será diminuida pela pressão sobre o ventre; entretanto que se exaspera quasi sempre quando proveniente de lesão organica. As causas merecem igualmente a nossa attenção. Uma emoção viva da alma, e a impressão subita do ar frio, são capazes de dar lugar á colica nervosa, sobretudo nas pessoas sensiveis, acostumadas á vida sedentaria, e á grande applicação do espirito. Muitas vezes esta dôr apparece sem causa conhecida. A presumpção mais bem fundada em favor de uma colica nervosa, seria a que se estabelecesse sobre accessos semelhantes, que anteriormente tivessem sobrevindo ao mesmo individuo.

É de curta duração a colica nervosa, e não persiste além de algumas horas; ás vezes dura mais de um dia; ordinariamente cessa uma hora depois da invasão, acabando sempre felizmente; mas não é raro que torne a apparecer, e ás vezes com intervallos bem curtos. Entregue a si mesma, esta affecção cessará infallivelmente; mas por pouco que ella dure, é sempre penosa para o doente. É preciso, por consequente, lançar mão dos meios mais apropriados para fazer cessar promptamente a anxiedade.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer é administrar uma chicara de chá de folhas de laranjeira ou de herva cidreira. Appliquem-se ao mesmo tempo pannos quentes no ventre. Se o doente não tiver evacuado, dê-se um clyster d'agua morna, ou recorra-se a um purgante: 30 grammas (1 onça) de oleo de ricino; 8 grammas (2 oitavas) de magnesia calcinada; ou 60 grammas (2 onças) de sulfato de magnesia.

Depois de provocada a evacuação, convem se dê uma colher de *sopa*, de quarto em quarto de hora, da poção preparada pela mistura das substancias seguintes:

Infusão de folhas de laranjeira.	120	grammas (4 onças)
Laudano de Sydenham.	30	gottas
Ether sulfurico.	..	20 gottas
Assucar	..	15 grammas (1/2 onça).

Se as colicas não cessarem, fação-se no ventre fricções com balsamo tranquillo, e administre-se o clyster preparado segundo a receita seguinte :

Assafetida.	2	grammas (40 grãos)
Camphora.	40	centigrammas (8 grãos)
Gema de ovo.	1	

Triture-se e ajunte-se triturando :

Agua quente.	250	grammas (8 onças).
--------------	-----	--------------------

Depois do clyster metta-se o doente n'um banho d'agua quente; o banho deve ser geral, e durar pelo menos uma hora.

Em seguida applique-se no ventre uma cataplasma de farinha de linhaça, misturada com uma ou duas colheres, das *de sopa*, de laudano de Sydenham.

Se a colica não ceder a estes meios, administre-se, de quarto em quarto de hora, uma colher *de sopa* da poção seguinte :

Infusão de valeriana.	120	grammas (4 onças)
Tintura de belladona.	20	gottas
Xarope de gomma.	30	grammas (1 onça).

Misture.

Às vezes, a prisão do ventre é tão forte, que não cede nem ao oleo de ricino, nem ao sulfato de magnesia, nem á magnesia calcinada; é preciso então administrar os purgantes mais energicos, taes como 30 a 120 centigrammas (6 a 24 grãos) de pós de coluquintidas, ou uma gotta, duas gottas e progressivamente seis gottas de oleo de croton tiglium em meia chicara d'agua fria com assucar.

A colica que acabei de descrever é uma das dôres de barriga que atacão mais frequentemente. Assim, quando qualquer pessoa se acha atacada subitamente de uma dôr viva n'algun ponto do ventre, pôde-se dizer que é uma colica nervosa. Ha entretanto colicas que não são nervosas, e que dependem de outras causas; taes são as dôres que resultão da indigestão, da inflammação dos intestinos, da ingestão de substancias venenosas, etc.; passemos em revista estas differentes colicas.

Colica biliosa. *Veja-se* CALCULO BILIAR.

Colica de chumbo, colica saturnina, colica dos pintores. Todos estes nomes forão dados a uma especie de dôr de ventre, que se manifesta nos individuos que por sua profissão são obrigados a viver n'um ambiente carregado de parcelas de

chumbo; taes são os pintores, os chumbeiros, os picheleiros, os douradores, os fabricantes de alvaiade (carbonato de chumbo), a pessoas que fazem uso de utensilios de chumbo, que bebem vinho falsificado com lithargyrio (oxydo de chumbo).

Symptomas da colica de chumbo. O doente experimenta durante alguns dias dôres vagas e passageiras no ventre, que augmentão pouco a pouco; as evacuações alvinas são cada vez mais raras, e as materias evacuadas mui duras. Depois as dôres tornão-se tão vivas, que os doentes são obrigados a suspender os seus trabalhos, e a mudar continuamente de posição, na esperança de achar uma que os allivie; estas dôres, entretanto, não são contínuas, acalmão-se e augmentão alternadamente: existem ordinariamente á roda do embigo e nas costas. Ha ao mesmo tempo prisão de ventre, e fastio; sobrevem tambem nauseas, vomitos, caimbras nos membros; as ourinas diminuem.

Entregue a si mesma, a colica de chumbo pôde prolongar-se indefinidamente, se é pouco intensa; mas acontece ás vezes que as dôres de barriga cessão e são substituidas pela paralysis dos membros. Tratada convenientemente, esta molestia cura-se quasi sempre.

Tratamento da colica de chumbo. Principia-se pela bebida emetocathartica, cuja formula é a seguinte:

Agua. . .	750 grammas (24 onças)
Emetico. . .	10 centigram. (2 grãos)
Sulfato de magnesia.	30 grammas (1 onça).

Misture. Toma-se um copo de meia em meia hora, até acabar toda a bebida.

No mesmo dia administra-se um clyster purgativo, segundo a seguinte formula:

Sene.	15 grammas (1/2 onça)
Agua fervendo. . .	500 grammas (16 onças).

Infunda por meia hora, cõe e ajunte:

Jalapa em pó	4 grammas (1 oitava).
--------------	-----------------------

Todas as noites o doente tomará uma pilula de opio de 5 centigrammas (1 grão). A formula d'estas pilulas é a seguinte:

Extracto de opio.	30 centigram. (6 grãos)
Alcaçuz em pó.	quantidade sufficiente.

Faça 6 pilulas.

Se a prisão de ventre resistir aos precedentes medicamentos, administre-se o oleo de croton tiglium, na dóse de 1, 2 ou 3 gottas n'uma colher d'agua fria com assucar.

Estes meios, ajudados pelo repouso, dieta e uso da limonada de limão, bastão quasi sempre para curar a molestia.

Contra as paralyrias que resultão ás vezes da absorpção dos saes de chumbo, empregão-se fricções com balsamo de Fioravanti; 30 grammas (1 onça) para cada fricção.

Colica das crianças de peito. As crianças que acabão de nascer, ou que ainda mamão, estão muito sujeitas ás colicas caracterizadas por choros agudos, que nada pôde acalmar, por contorsões do ventre e das pernas, e pela expulsão de ventosidades pela bocca e por baixo.

Tratamento. Aplicar no ventre cataplasma de linhaça bem quente, ou toalha quente; dar a beber ás colheres chá de herva doce; administrar um clyster d'agua morna simples; dar a beber uma colher, das *de chá*, de azeite doce com assucar, ou 15 grammas (meia onça) de xarope de chicoria composto.

Colica do estomago. *Veja-se* CAIMBRÁ DO ESTOMAGO.

Colica flatulenta. Dá-se este nome ás dôres produzidas pela accumulção de gazes nos intestinos. *Veja-se* FLATULENCIA.

Colica hemorrhoidal. Dôr de barriga que precede o fluxo hemorrhoidal, ou que é produzida pela suppressão d'elle. *Veja-se* HEMORRHIDAS.

Colica hepatica. Dôr que resulta da passagem de calculos biliares pelos canaes em que passa a bilis. *Veja-se* CALCULO BILIAR.

Colica de indigestão. *Veja-se* INDIGESTÃO.

Colica inflammatoria. Dôr que procede da inflammação dos intestinos. Acompanha quasi sempre a diarrhea e a dysenteria, e reclama o emprego de cataplasmas de linhaça no ventre, e dos outros meios que vão indicados nos artigos que tratão d'estas duas molestias.

Colica menstrual. Assim se chamão as dôres que precedem ou acompanhão os menstruos, ou as que resultão da suppressão ou da demora d'esta evacuação. Acalmão-se estas dôres com chá de herva cidreira ou de arruda, e com semicupios d'agua quente.

Colica de miserere. *Veja-se* ILEO.

Colica nephritica. Dôres agudas produzidas pela presença de areias nos rins, e nos canaes que conduzem a ourina dos rins á bexiga. Para acalmar estas dôres o doente deve metter-se em um banho morno, no qual ficará mais de uma hora, deve applicar uma cataplasma de farinha de linhaça nas cadeiras, e beber infusão de linhaça. *Veja-se* AREIAS.

Colica nervosa. *Veja-se* pag. 639.

Colica dos pintores. *Veja-se* COLICA DE CHUMBO.

Colica proveniente da prisão de ventre. *Veja-se* PRISÃO DE VENTRE.

Colica saturnina. *Veja-se* COLICA DE CHUMBO.

Colica ventosa. Dôres passageiras no ventre que resultão da presença de gazes nos intestinos. *Veja-se* FLATULENCIA.

COLITE. Inflamação do intestino colon. Os symptomas e o tratamento d'esta molestia são os mesmos que os da *enterite*.

COLLA. Chamão-se *collas* as materias adhesivas que se empregão sobretudo para reunir e fixar peças de um systema solido qualquer, mas que recebem tambem applicações nas preparações dos estofos, na fixação das tintas, na clarificação dos liquidos, etc. Distinguem-se no commercio muitas especies de collas.

Colla ordinaria ou *colla em pasta*. Obtem-se diluindo farinha de trigo em agua fria até á consistencia de massa rala, depois elevando a temperatura gradualmente até 75° ou 80°. Esta especie de colla emprega-se sobretudo na encadernação, e para collar papeis nas salas e quartos.

Colla de peixe ou *ichthyocolla*, é gelatina quasi pura. Faz-se da membrana interna da bexiga natatoria de muitas especies de esturjões, grandes peixes que habitão no Volga e em outros rios que desaguão no mar Negro, e no mar Caspio. Para servir-se d'ella, basta pô-la de môlho durante algum tempo em agua calida; na qual se dissolve quasi completamente. A colla de peixe emprega-se para dar lustre e consistencia aos estofos de seda, ás fitas, ás garças; para preparar as flores artificiaes e o encerado inglez, para imitar as perolas finas, grudar a porcelana e o vidro, fazer geleas, e para clarificar a cerveja, o vinho branco e os licores. Fazem-se lanternas com tecidos metallicos molhados n'uma solução d'esta colla.

Colla forte ou *grude*. Distinguem-se no commercio muitas collas fortes que tem geralmente o nome das localidades em que se fabricão, ou das substancias empregadas na sua confeição; mas qualquer que seja a sua diversidade tem sempre por base a *gelatina* (*veja-se* esta palavra). A mais conhecida é a *colla de Flandres*, que se obtem fazendo ferver em agua aparas de couros, de pergaminhos, etc.; apparece em folhas delgadas, amarelladas, um tanto nebulosas. A colla forte ordinaria obtem-se dos cascos dos bois, pellicas, orelhas; apresenta-se em folhas grandes, espessas, pretas. A colla de Flandres emprega-se para fazer a colla de bocca, o pápel lustroso, as capsulas em que se encerra a copahiba e alguns outros productos pharmaceuticos. As collas de qualidades inferiores são reservadas para os usos da marcenaria ou aprestos communs; para servir-se d'ellas, é preciso pô-las de môlho em agua fria durante algumas horas, e aquecer a banho-maria.

Colla de bocca, quasi transparente e de côr amarella-avermelhada, prepara-se com a colla de Flandres á qual se ajunta assucar, e algumas gottas de essencia de limão. Serve para collar

papel e objectos de pouca extensão. Para emprega-la, molha-se com a saliva.

COLLETE DE MULHER OU ESPARTILHO. É parte essencial do vestuário das mulheres destinada a endireitar, e afeiçoar o talhe do corpo e os seios. Deve ser confeccionado de maneira que não comprima nenhuma parte do corpo, e sobretudo que não incommode nenhum dos principaes órgãos da vida. Um collete possui as qualidades necessarias, se está convenientemente applicado, se a pressão, moderada por toda a parte, é principalmente mais fraca do lado dos órgãos que offerecem menos resistencia; se é bastante flexivel para não pôr obstaculo algum nem ao movimento das costellas e do ventre, na respiração, nem ao accrescimento do estomago e dos intestinos, na digestão; se é bastante aberto em cima, para suster os seios sem comprimi-los; se não tem hombreiras, porque estas estorvão os movimentos dos braços; se as chanfraduras estão bastante cavadas; se as barbatanas e as chapas de aço fixadas entre o forro do metim e destinadas a manter a sua fôrma, a impedir que suba ou se franza, são assaz numerosas, assaz delgadas, assaz flexiveis, e bem collocadas para não fazerem sentir a sua pressão em alguma parte e para não embaraçarem os movimentos; se a tala de aço do meio é flexivel, leve, de uma curvatura conveniente, e melhor ainda, se é substituida por duas barbatanas estreitas separadas por um tecido elastico; emfim se todo o collete, abraçando a circumferencia da bacia, acha ao redor das cadeiras um ponto de apoio solido, seguindo a concavidade natural dos flancos, sem ser muito apertado ao seu nivel, e marcando o talhe sem o deformar.

Muitos medicos, oppostos ao uso do collete, formárão um quadro espantoso de todas as molestias que elle pôde produzir; mas apezar d'essas declamações, as mais das vezes exageradas, o uso do collete não diminuiu; porque nunca o medo de molestias que não ameação instantaneamente a vida, fará perder um costume tão caro á vaidade feminil, e que tambem não deixa de ter suas vantagens. Alguns medicos dizem que o collete predispõe aos escarros de sangue, tísica, palpitações, aneurismas, roturas; que é nocivo ás funcções do estomago e do figado; que produz curvaturas do dorso; que impede o desenvolvimento dos seios, etc.; mas estes inconvenientes só são proprios dos colletes muito apertados ou mal feitos.

O uso dos colletes não deve ser permittido ás meninas antes da época da puberdade, e só quando o corpo tem adquirido um crescimento sufficiente; de outro modo são nocivos ao desenvolvimento, e podem realmente tornar-se origem de muitas molestias

do peito : entretanto, antes d'esta época, pôde-se fazer uso de pequenos espartilhos guarnecidos de barbatanas delgadas e flexiveis ; mas de modo algum devem ellas servir-se de espartilhos com chapas de aço no peito. Existem circumstancias em que até nas pessoas adultas estas chapas apresentam inconvenientes : é preciso então cessar o seu uso, e substitui-las por duas pequenas barbatanas separadas por um intervallo de duas pollegadas, occupado por um tecido elastico.

As senhoras nunca devem usar de colletes mui apertados. Durante a gravidez, sobretudo, não devem usar senão dos colletes elasticos ; estes, longe de serem perigosos, podem pelo contrario ser de um util soccorro ; emfim, nunca devem os colletes comprimir os seios e sobretudo o bico do peito, pois que d'esta maneira poderião estorvar a amamentação da criança.

Os colletes ordinarios mais commodos para as senhoras que usão d'elles habitualmente, são os que são abertos por diante e atacados por detraz. O atacador, uma vez collocado no ponto conveniente para dar ao collete toda a extensão necessaria, fica em lugar fixo. A chapa dianteira está dividida em duas partes, que se reúnem por diante por meio de quatro colchetes convenientemente dispostos. Basta, por conseguinte, para pôr este collete, pregar os colchetes, e, para tira-lo, desprega-los. D'esta maneira faz-se escusado o soccorro de uma criada.

COLLODIO. Dá-se o nome de collodio á dissolução de *algodão-polvora* (*Veja-se* esta palavra), quer no ether sulfurico simples, quer no ether sulfurico alcoolizado. Esta substancia goza propriedades adhesivas mui poderosas, e pôde ser utilizada como medicamento agglutinativo, e como bom verniz.

O collodio é um liquido esbranquiçado, viscoso, meio transparente. Deitando um pouco d'esta substancia sobre a pelle bem enxuta da mão ou de outra parte do corpo, forma-se instantaneamente uma crosta, que não se pôde tirar nem com agua fria, nem com agua quente, nem com alcool. O collodio foi aconselhado no curativo das feridas, para pôr em contacto os labios d'ellas.

O collodio torna os tecidos impermeaveis, e é usado tambem para a preparação das chapas photographicas. Pôde tambem ser empregado vantajosamente na multiplicação das plantas por estaca. Para este fim, mergulhão-se no collodio tres millimetros da extremidade inferior da estaca. A ferida feita no ramo da planta fica coberta d'esta maneira com uma camada delgada de um liquido que a preserva da humidade superabundante, assim como da acção do ar, e faz com que o ramo torne a pegar mais facilmente.

O collodio serve tambem para o enxerto das arvores fructiferas, das camelias e de muitas outras plantas; substitue então com vantagem a cera.

COLLUTORIO. Medicamento liquido que não differe do gargarejo senão por ser empregado para actuar não sobre a garganta, mas sim sobre as gengivas e as paredes internas das faces. applica-se ordinariamente com um pincel. *Exemplo* : O mel rosado que se applica nos sapinhos das crianças é um collutorio.

COLLYRIO. É um medicamento que se põe em contacto com o olho doente. Estas preparações podem ser seccas, liquidas ou gazosas. Os *collyrios seccos* são compostos de pós mui finos, que se assopraõ nos olhos por meio de um papel ou de uma penna. Os *collyrios liquidos* são misturas de liquidos de diversa natureza, que se instillão entre as palpebras, e com que se lavão os olhos. Os *collyrios gazosos* consistem em vapores que se dirigem aos olhos.

COLOPHONIA ou COLOFANA. Substancia resinosa, secca, transparente, amarella ou roxa, que se tirava outr'ora de Colophon, cidade da Grecia : é o residuo da distillação da terebintina. Reduzida a pó, emprega-se para suspender as pequenas hemorragias, as que provém, por exemplo, das picadas das bichas : polvilha-se n'este caso a pequena ferida com pós de colophonia, e comprime-se levemente por alguns instantes. A colophonia entra tambem na

composição do ungento basilicão, e de alguns outros unguentos.

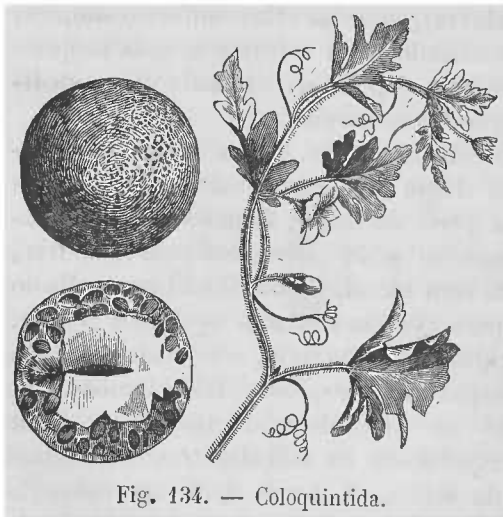


Fig. 134. — Coloquintida.

COLOQUINTIDA.

Cucumis colocynthis, L. Cucurbitaceas. Planta originaria do Oriente, cultivada nas hortas da Europa. Fig. 134. Tem o fructo globoso amarelado, do tamanho de uma laranja. Em medicina, usa-se a *polpa do fructo*. Esta polpa acha-se nas boticas em massas brancas, esponjosas, seccas e

leves, em cujas cavidades estão as sementes ; sabor amargo, nauseabundo; sem cheiro notavel. Em algumas boticas vê-se esta polpa exposta em grandes bocaes nos mostradores.

A coloquintida é um purgante energico. Basta estar-se por algum tempo na atmospherá carregada de pó d'esta substancia, para experimentar o effeito da sua grande actividade. Administrada internamente provoca dejecções alvinas abundantes, e algumas vezes vomitos. Emprega-se nas hydropisias, dôres de cabeça intensas, epilepsia, apoplexia, na dôse de 20 a 75 centigrammas (4 a 15 grãos) por dia, dissolvidos n'uma chicara d'agua com assucar.

COLUMNA VERTEBRAL. *Veja-se* ESPINHAÇO.

COMA. Somno profundo, que resulta ordinariamente da compressão do cerebro por uma congestão sanguinea ou por um derramamento. Este estado apresenta muitos grãos. Às vezes, o doente abre os olhos e responde quando se lhe falla, mas torna a cahir na modorra. A coma existe na congestão do cerebro, na apoplexia, na commoção cerebral e em muitas febres graves. N'este caso, applicão-se na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre, sinapismos e causticos nas pernas e coxas.

COMBUSTÃO HUMANA ESPONTANEA. Certo numero de factos bem observados provão de maneira inquestionavel que algumas pessoas tem sido destruidas pelo effeito de um fogo, cuja natureza e origem não estão ainda bem determinadas. Estas pessoas virão declarar-se a combustão de seus proprios corpos pela vizinhança de uma substancia accesa, ordinariamente pouco activa, uma vela, um candieiro, um cachimbo, etc. Ardia o corpo humano em uma chamma azulada, que a agua, em vez de apagar, augmentava mais. Depois da combustão ficarão alguns lugares em partê queimados e torrados, os outros forão inteiramente consumidos, reduzidos a cinzas, não deixando outro residuo senão uma materia gorda, fetida, e uma fuligem de cheiro penetrante. Emquanto o corpo ardia, os objectos que o cercavão erão apenas prejudicados, e até em alguns casos não se consumio a roupa. Estes factos são tão extraordinarios, que por muito tempo não se lhes deo credito, e erão considerados como historias inventadas. Hoje já não se duvida d'elles, porque existem casos observados por pessoas dignas de confiança. Eis-aqui alguns exemplos extrahidos dos autores :

Maria Bertholi, padre, tendo feito grande exercicio no decurso do dia, deitou-se mui cansado; passou um lenço por entre os hombros e a camisa, e, quando todas as pessoas se retirárão, principiou a ler o seu breviario. Alguns minutos tinham apenas decorrido, quando se ouviu do seu quarto um estrondo extraordinario, acompanhado de gritos. As pessoas de casa que lhe acudirão achárão o padre estirado no chão e cercado de uma pequena

chamma, que se afastava pouco a pouco, e que enfim desapareceu. O braço direito e toda a parte direita do tronco ficarão profundamente desorganizados. O doente morreo ao quarto dia. Disse, antes de expirar, que tinha sentido como uma pancada de bengala sobre o braço direito, e que ao mesmo tempo vira uma faísca sobre a camisa, que foi instantaneamente reduzida a cinzas, sem que o fogo atacasse os punhos. O lenço entre a camisa e a pelle conservou-se em toda a sua integridade, e sem o menor vestigio de queimadura. O barrete ficou inteiramente consumido, sem que entretanto um só cabello fosse queimado. Não se sentia cheiro algum de chamusco no quarto, não se percebia fumaça; só o candieiro, antes cheio de azeite, estava vasio, e a torcida em estado de incineração.

Em 1765 a condessa Cornelia Bandioli, de 62 annos de idade, que tinha por costume lavar-se com aguardente camphorada, foi achada queimada fóra de sua cama. Provou-se que não foi o fogo que occasionou este accidente; a luz que estava no seu quarto ardeu até ao fim, e as torcidas estavam ainda nos candieiros. O quarto d'esta senhora, no qual a combustão se havia operado espontaneamente, ficou cheio de fuligem humida côr de cinza, que penetrou nos armarios, e sujou a roupa.

A Sr.^a Boison, de 80 annos de idade, pouco mais ou menos, muito magra, e que bebia muita aguardente havia alguns annos, estava assentada na sua cadeira ao pé do fogo. A sua criada ausentou-se por alguns momentos, e quando voltou vio-a toda inflamada; grita, e acodem algumas pessoas. Um individuo quer apagar o fogo com a mão, e a chamma se lhe pega, como se a mão estivesse impregnada de aguardente ou de azeite inflammado. Deitárão agua sobre a senhora, mas o fogo augmentou, e não se extinguiu senão quando todas as carnes ficarão consumidas. O esqueleto, mui negro, conservou-se na cadeira, a qual apenas ficou denegrida.

Estes exemplos bastarão para dar uma ideia do phenomeno tão extraordinario das combustões humanas espontaneas. Estes accidentes mui raros forão observados quasi sempre em individuos de idade avançada. A gordura parece favorecc-los, bem que haja observações de individuos magros que forão d'elles acommettidos, e especialmente a Sr.^a Boison estava n'este caso. As mulheres velhas estão muito mais expostas a serem assim consumidas do que os homens; sobre vinte e oito casos bem provados, havia vinte e seis mulheres. O abuso dos licores fortes predispõe especialmente a esta affecção. Com effeito, quasi todas as pessoas mortas victimas de combustões espontaneas, entregavão-se á mais

furiosa embriaguez, e apenas se achariam n'esta regra geral uma ou duas excepções concludentes. O maior numero de todas estas pessoas impregnadas de alcool forão encontradas perto de um fogo ainda ardente ou mal extinto. Pensa-se, por conseguinte, que o uso immoderado dos licores e da aguardente pôde predispôr ás combustões humanas, e que o contacto de um corpo acceso é sufficiente para a producção d'este phenomeno. Tal é a opinião geral. Ha entretanto medicos que julgão que a combustão só depende de causas internas : admittem que gazes inflammaveis podem desenvolver-se no corpo e accumular-se no tecido cellular, o qual, sendo eminentemente combustivel, é capaz de inflammarse em consequencia de um exercicio violento, ou de qualquer outra causa propria a determinar uma faisca electrica. Esta expliçãõ porém tem poucos partidistas.

Qualquer que seja a theoria das combustões espontaneas, o conhecimento d'este factõ inspirará um receio justo e salutar, capaz de afastar alguns infelizes do vicio da embriaguez.

O preservativo mais certo, que se possa oppôr ao desenvolvimento d'esta horrivel molestia, é uma vida sobria, regular, isenta de todo o excesso. O remedio de que se deve lançar mão, se ella se manifestar por desgraça, é a applicação constante de um panno molhado, afim de impedir o contacto do ar.

COMICHÃO. Dá-se este nome a uma sensaçãõ incommoda propria da pelle. Os velhos são mais sujeitos á comichãõ que os moços, os pobres mais do que os ricos ; os primeiros, porque n'elles a transpiraçãõ é difficil por causa da dureza da pelle ; os segundos, porque a falta de asseio faz com que a materia da transpiraçãõ se accumule sobre as partes exteriores do corpo, e as irrite.

A comichãõ é tambem um dos symptomas de todas as molestias de pelle ; mas nunca é mais intensa do que na *sarna* e no *prurido* : algumas pessoas experimentãõ comichãõ tão viva, que arranhãõ o corpo com as unhas.

A comichãõ, que existe á roda da ferida que está a ponto de cicatrizar-se, reconhece por causa a chegada do sangue aos vasos que até então estavam entupidos ou divididos ; cessa quando a circulaçãõ se restabelece, e pôde ser diminuida com lavatorios d'agua morna.

O *tratamento* da comichãõ produzida pela *sarna* e por outras molestias, cura-se com as pomadas indicadas n'essas molestias. Em todos os casos, os banhos d'agua quente, os lavatorios com sabão, com agua misturada com vinagre, e as fricções com oleo camphorado são uteis, qualquer que seja a causa da comichãõ, *Vejase PRURIDO*,

COMIDA. *Veja-se* ALIMENTOS.

COMINHO. *Cuminum cyminum*, Linneo. Umbelliferas. Planta originaria do Egypto, cultivada nas hortas do Brasil e de Portugal. Parece-se com o funcho. Os seus fructos, que são as unicas partes empregadas, são compostos de duas sementes pegadas uma á outra; são pequenos, alongados, de côr cinzenta-amarellada, cheiro forte, sabor aromatico. São estimulantes e estomachicos; empregão-se sobretudo como tempero. Em muitos paizes, misturão-se com pão ou queijo para lhes dar um gosto agradável. Os veterinarios misturão os cominhos na aveia dos cavallo para lhes excitar o appetite. Os pombos são muito golosos d'estas-sementes; para retê-los n'um pombal novo, mettem-se n'elle bolos feitos de barro amassado com cominhos.

COMMOÇÃO CEREBRAL. A commoção do cerebro é um abalo d'este orgão, produzido por uma quéda ou pancada sobre a cabeça. Não é indispensavel, para a commoção ter lugar, que a cabeça seja exclusivamente a séde da percussão; uma quéda sobre os pés, joelhos ou nade gas, um abalo consideravel experimentado n'um membro, como acontece em consequencia de muitas feridas feitas por armas de fogo, podem produzi-la, e a produzem com effeito mui frequentemente.

Symptomas. A commoção tem muitos grãos de intensidade. O mais fraco é caracterizado por uma vertigem passageira; no mais forte, as funcções do cerebro parão instantaneamente, e o individuo cahe morto, sem mediar o mais pequeno espaço de tempo entre o momento da pancada e o da morte. Entre estes dois grãos extremos ha muitos grãos intermedios. Às vezes parece ao paciente ver faiscas luminosas que lhe passão por diante dos olhos; outras vezes perde instantaneamente os sentidos, e cahe n'uma modorra mais ou menos profunda. Nos casos em que a commoção é tão forte quanto pôde ser sem occasionar a morte, as materias fecaes e ourinas sahem involuntariamente. O pulso é lento e fraco, o corpo frio e pallido, o somno profundo. Quando alguém mexe o doente, mostra este primeiramente signaes de impaciencia; se se repetem as mesmas provas, abre arrebatadamente os olhos como quem desperta sobresaltado, e os fecha murmurando. Depois pôde fixar a sua attenção durante certo tempo; finalmente volta pouco a pouco ao estado em que se achava antes do accidente. Muitas vezes, o doente não conserva a menor lembrança do que lhe acontecco. Mas em alguns casos a commoção não se termina tão felizmente; o abalo experimentado pelo cerebro prejudica a textura d'este orgão, e tem por consequencia inevitavel a inflammação da substância. Os symptomas pelos quaes esta moles-

tia se annuncia não differem dos da inflammação espontanea. *Veja-se ENCEPHALITE.*

Tratamento. Os meios que devem empregar-se varião conforme o gráo da commoção, e o tempo que tiver decorrido depois do accidente. No momento mesmo da commoção, se ella fôr forte, e o doente estiver em estado mais ou menos vizinho do desmaio, cumpre, antes de tudo, reanimar os movimentos do coração, e chamar o calor á superficie do corpo com excitantes mais ou menos activos. Administrar internamente algumas colheres de vinho generoso, approximar ás ventas um panno molhado em vinagre, cobrir o doente com cobertores de lã, applicar-lhe sinapismos nas pernas; taes são os meios a que se deve recorrer em tal caso. A sangria nunca deve ser praticada nos primeiros instantes depois da quéda, accidente que, como já deixei dito, produz ordinariamente a commoção cerebral, pois que n'esta occasião o pulso deve estar apenas sensivel e o corpo frio, mas quando o calor do corpo se houver restabelecido, e o pulso se tornar forte, e se o doente accusar dôres de cabeça, póde-se recorrer ás sanguesugas atraz das orelhas ou á sangria do braço, segundo a gravidade do caso; e depois a um purgante (2 onças de manná ou de sulfato de magnesia). Se a commoção fôr leve, basta simplesmente dar uma xícara de chá de herva cidreira, e ficar de observação até haver certeza que não sobrevirá inflammação cerebral. Se esta molestia se declarar, combata-se com a sangria e bichas.

COMMOÇÃO DA MEDULLA ESPINHAL. Abalo da medulla espinhal occasionado por pancada ou quéda sobre o espinhaço. Varião as consequencias conforme a gravidade da commoção. Póde ser caracterizada simplesmente pela perda momentanea dos sentidos, pela paralyisia dos membros inferiores e da bexiga, ou pela difficuldade na respiração.

Tratamento. No primeiro momento, cumpre empregar os mesmos meios que estão indicados na commoção cerebral: dar a cheirar vinagre, dar a beber algumas colheres de vinho ou de chá da India, applicar sinapismos nos pés, fazer fricções no espinhaço com aguardente. Se sobrevier a paralyisia, applique-se um caustico nas cadeiras, e recorra-se aos outros meios que são aconselhados no artigo PARALYSIA.

COMMOÇÃO DO OLHO. *Veja-se OLHO.*

COMPRESSA. Chamão-se compressas differentes pedaços de panno destinados a cobrir as feridas, comprimir as picadas das sangrias, manter as fracturas, ou fazer muitos outros curativos. São de fórmias mui variadas, segundo as partes sobre que se applicão. Fazem-se com panno de canhamo, panno de linho, panno

de algodão, seda ou flanela, mas as mais das vezes com panno de linho.

Quando a compressa apresenta as mesmas dimensões nos seus dois principaes diametros, chama-se *compressa quadrada*. Fig. 135.

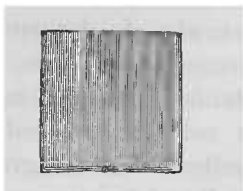


Fig. 135.

Compressa quadrada.

Se é de comprimento duplo relativamente á largura, de maneira que forme um quadrado quando se dobra, ao comprido, toma o nome de *compressa ordinaria*. Dá-se-lhe o nome de *compressa comprida*, quando excede de duas ou tres vezes n'um sentido seus outros diametros. Fig. 136. A compressa *triangular* faz-se com um panno quadrado que se dobra de maneira que se reunão seus dois angulos. Fig. 137. Se este triangulo está depois dobrado do apice á base duas ou tres vezes, transforma-se em *compressa em gravata*.

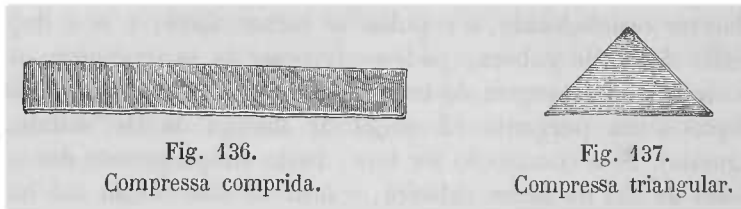


Fig. 136.

Compressa comprida.

Fig. 137.

Compressa triangular.

Fig. 138. A compressa *em lenço* devendo ser mais macia, é ordinariamente de seda, algodão ou cassa.

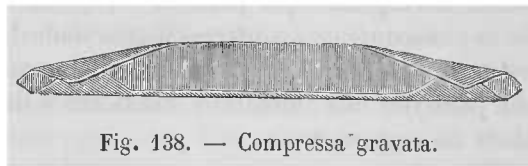


Fig. 138. — Compressa gravata.

É ás vezes necessario dividir mais ou menos profundamente as bordas ou os extremos livres das compressas.



Fig. 139.

Compressa fendida.

Cruz de Malta. É a compressa quadrada fendida nos quatro angulos. Esta compressa deve ser fina, e não ter mais de quatro a cinco pollegadas de diametro. Fura-se ás vezes no meio, e applica-se na extremidade das partes salientes do corpo, por exemplo, os dedos.

Compressa fendida. Dividindo em duas metades iguaes a extremidade de uma compressa, até o terço ou metade do seu comprimento, obtem-se uma compressa fendida em duas pontas. Fig. 139.

Funda. Fig. 140. A compressa simples, muito comprida e estreita, chama-se funda, se é fendida em todo o seu comprimento, á excepção de algumas poucas pollegadas que ficão cheias na sua

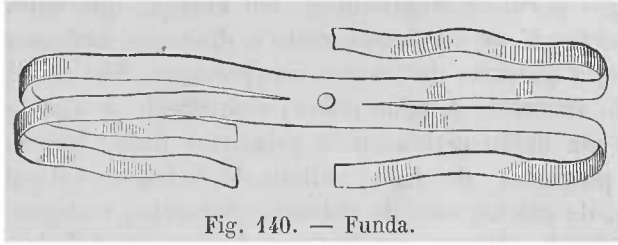


Fig. 140. — Funda.

parte mediana; é muitas vezes util praticar então um buraco no ponto central d'esta ultima parte. Emprega-se para as molestias da barba e do queixo inferior.

Compressa graduada. Fig. 141. Usa-se para manter afastadas as partes que tendem a approximar-se mais do que convem (por exemplo, os ossos quebrados do antebraço). Faz-se com um pedaço de panno de linho comprido, dobrado muitas vezes. Dobra-se alternadamente o panno da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, de maneira que cada dobra nova seja um pouco menos larga do que a precedente. A reunião de todas as dobras deve ter a fôrma de um prisma triangular: assim, tendo a primeira dobra uma pollegada de largo, e estreitando-se gradualmente as seguintes, a ultima não deve ter senão algumas linhas de largura. Afim de que a compressa graduada conserve a sua fôrma, é preciso molha-la immediatamente, e alinhavar-lhe o centro atravessando-o



Fig. 141.

Compressa graduada.

de espaço em espaço com pontos de linha.

CONABI. *Phyllanthus conami*, Sw. Euphorbiaceas. Planta do Brasil. Os indigenas do Pará e Rio Negro, lanção nos lagos esta planta, para entorpecerem o peixe e poderem assim apanha-lo á tona d'agua. O seu succo é venenoso.

CONCHELOS, SOMBREIRINHOS DOS TELHADOS, ORELHA DE MONGE, *Cotyledon umbilicus*. Grassulaceas. Pequena planta que habita na Europa meridional, nos rochedos, marachões, terrenos sombrios e humidos, muralhas velhas; em Portugal acha-se quasi em todo o Reino. Suas folhas radicaes são arredondadas, umbilicadas, concavas, crenadas nas margens, lisas, esverdeadas, carnosas e succulentas. A haste traz folhas mais pequenas, quasi cuneiformes, e flores em cachos pendentes, de um verde amarellado. O succo das folhas é aconselhado contra a epilepsia, na dóse de 4 a 30 gram.

(4 oitava a 1 onça) por dia; e o extracto na dóse de 25 centigram. (5 grãos) em pilulas.

CONDILLAC. Aguas gazosas, um pouco alcalinas. Condillac é um lugar perto de Montelimart, em França, que contém agua gazosa no fundo de uma cova, onde se desce por uma escada, para ir encher as garrafas destinadas á exportação. Não ha ali estabelecimento thermal. A agua é fria, scmelhante á agua de Seltz. Contém gaz acido carbonico, e principios fixos: bicarbonato de cal, de magnesia, de soda; sulfato de soda, de cal; chlorureto de sodio, de calcio; sacs de potassa e iodureto, vestigios; silicato de cal e de alumina, oxydo de ferro. Usa-se em bebida nas gasalgias, nos vomitos nervosos.

CONDIMENTOS. *Veja-se* TEMPEROS.

CONDYLOMA. Excrescencia carnosa e dolorosa que existe ordinariamente á roda do anus, ou nas partes genitae de um e outro sexo; é occasionada pelo virus syphilitico. Consiste na inchação de uma das prégas do anus, ou em um pequeno tumor desenvolvido nas partes genitae externas, com endurecimento do tecido cellular subcutaneo. *Veja-se* SYPHILIS.

CONFÉITOS. São preparações feitas com assucar, aromatzadas com differentes aguas distilladas ou oleos essenciaes, taes como os de rosa, hortelã, limão, laranja, etc.

Os confeitos simples, isto é, aquelles que são feitos simplesmente com assucar, não apresentam inconveniente algum, á excepção das indigestões que resultão ás vezes da ingestão consideravel d'estas substancias. Mas os accidentes, que podem occasionar os confeitos, dependem das substancias corantes que se empregão para lhes dar côr.

Os funcstos effeitos dos confeitos de côr forão reconhecidos de ha muito tempo na Allemanha, Inglaterra, França, etc., e as autoridades julgárão dever recorrer á chimica para conhecer a natureza dos seus principios corantes, e dos seus effeitos nocivos. A analyse demonstrou que os confeitos são frequentemente córados com oxydos ou saes metallicos mui venenosos, e com tintas vegetaes; assim:

Os confeitos vermelhos devem a sua côr ao minio (deutoxydo de chumbo), vermelhão (sulfureto rubro de mercurio), simples ou com addição de cochonilla ou de lacas vegetaes.

Os confeitos amarellos, são córados com o amarello de chromo, massicote (oxydo de chumbo), gomma gutta ou lacas vegetaes.

Os confeitos verdes, com verde de Scheele (combinação de cobre e de arsenico), crystaes de Venus (acetato de cobre), anil ou azul de Prussia com uma tinta amarella.

Os confeitos azues, com azul de Prússia ou anil.

Torna-se manifesto, por esta exposição, que os confeitos córados com as composições metallicas, em que entrão, arsenico, chromo, mercurio, cobalto, chumbo, etc., produzem envenenamentos, cuja gravidade é relativa á dóse da materia introduzida no estomago. Um chimico francez demonstrou que trinta e seis pastilhas verdes, que o Tribunal de Besançon submetteo ao seu exame, continhão um grão e meio de arsenito de cobre (verde de Scheele), que é um dos venenos mais violentos.

Os symptomas produzidos pelos confeitos córados com as substancias metallicas são colicas violentas, nauseas, vomitos, evacuações alvinas, convulsões, caimbras, dôres de estomago mui vivas, emfim os symptomas que caracterizão o envenenamento por cada uma d'estas substancias em particular. (*Veja-se ENVENENAMENTO.*) Bem que a gomme gutta seja um principio vegetal, nem por isso deixa de produzir colicas e evacuações violentas com dôr e inflammação do tubo intestinal. A orzella, substancia corante vermelha-rosea, deve ser tambem proscripta tanto por causa da ourina putrefacta que entra na sua preparação, como por causa do arsenico ou do mercurio que alguns fabricantes empregão na sua preparação.

Em França, as autoridades prohibirão severamente o uso de todas estas substancias, e foi ordenado aos confeiteiros que só empregassem para os confeitos de côr : 1º para os *azues*, o anil e azul de Prússia; 2º para os *vermelhos*, a cochonilha, o carmim, a laca carminada, a laca do Brasil extrahida da arvore chamada *Cesalpinia Brasiliensis*, Linneo; 3º para os *amarellos*, o açafião, o grão de Avinhão, da Persia, o fustete, o quercitrão, e as lacas aluminosas d'estas substancias; 4º as tintas compostas pela mistura das precedentes. Estas tintas vegetaes não exercem acção na economia animal, e os confeitos córados d'esta maneira são tão bellos como os que o são com substancias mineraes.

Acontece, ás vezes que os confeitos brancos são embrulhados em papeis tintos com substancias mineraes mui nocivas; com effeito, os papeis *brancos lisos* são preparados com alvaiade, os *vermelhos* com vermelhão, os *verdes* com subcarbonato de cobre ou com verde de Scheele, os *amarellos* com gomme gutta ou amarelo de chumbo. N'estes casos, posto que o perigo seja menor, deve-se todavia temer algum accidente : porque pôde succeder, e realmente tem succedido, que quebrando-se o confeito, derrama-se e secca-se sobre o papel o licor doce que se acha dentro; as crianças então mettem o papel na bocca, e expõem-se a um perigo certo. A quantidade das tintas que se achão n'estes papeis é

bastante consideravel, pois se colhêrão até dois grãos de arsenico em um d'estes pedaços de papel verde que foi queimado n'um tubo.

Tratamento dos accidentes produzidos pelos confeitos corados com tintas mineraes. Cumpre provocar os vomitos administrando 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) de emetico em uma chicara d'agua morna, e dando a beber muita agua morna; depois dos vomitos, dê-se uma chicara de chá de herva cidreira.

CONGESTÃO, HYPEREMIA OU PLETHORA. Chama-se congestão todo o affluxo de sangue mandado pela exaggeração impulsiva do centro da circulação, para os vasos de um órgão alias perfeitamente são.

CONGESTÃO CEREBRAL. Dá-se este nome ao gráo menos forte de apoplexia. Com effeito, não deixa de haver então accumulacão de sangue no cerebro, mas sem laceracão da substancia d'este órgão, como acontece na apoplexia propriamente dita. A congestão cerebral observa-se frequentemente nos individuos de temperamento forte e sanguineo, dispostos á colera, e que usão de bebidas excitantes: todas as paixões tristes lhe dão lugar. Tem-se visto individuos atacados d'esta affecção no meio de uma bebedice; a alegria extrema, assim como qualquer contratempo, póde occasiona-la.

Os *Symptomas* são pouco mais ou menos os que caracterizão a apoplexia; os individuos experimentão vertigens e perda dos sentidos. Sobrevem paralyisia de todo o corpo, o pulso é forte, o rosto vermelho e inchado. No fim de cinco a seis horas, quando muito, porém mais commummente em menos tempo, o doente recobra os sentidos, queixa-se de dôr de cabeça, de escurecimento na vista, de zunido nos ouvidos e de dormencia nos membros; estes symptomas vão diminuindo, e no dia seguinte não existe o menor vestigio d'elles. É quasi sempre a congestão cerebral uma molestia que não occasiona a morte, e que não deixa após si nem paralyisia nem fraqueza da intelligencia. Entretanto, em alguns casos, ainda que raros, termina pela morte.

Meios preservativos. O conhecimento das causas da congestão cerebral indica um tratamento preservativo que se lhe deve oppôr. Assim, para manter a livre circulação do sangue, deve-se banir o uso de vestidos que lhe possão fazer obstaculo. O mesmo motivo determinará a escolha das posturas que se devem conservar muito tempo, quer acordado, quer dormindo; n'este ultimo caso, cumpre deitar-se sobre uma cama bastante inclinada da cabeça para os pés. O individuo observará um regimen sobrio, composto principalmente de vegetaes, ou ao menos isento de toda a substancia estimulante. Evitará exercicios violentos e affecções moracs capazes

de activar subitamente a circulação, e não abusará de bebidas espirituosas.

Tratamento. Deve-se praticar uma sangria no braço, ou applicar biehias no anus, pôr sinapismos nas pernas, pannos molhados em agua fria e vinagre na cabeça, e conservar elevada a parte superior do corpo. Comtudo a molestia pôde algumas vezes mostrar-se com um character mais grave do que n'este lugar se suppõe. N'este caso, seria conveniente um tratamento absolutamente semelhante ao que indiquei para combater a apoplexia.

CONGESTÃO DO FIGADO. *Veja-se* FIGADO.

CONGESTÃO PULMONAR. É *activa* ou *passiva*.

Congestão pulmonar activa. *Symptomas.* O doente sente oppressão, incommodo no peito, aeeeleração dos movimentos respiratorios e sensação de calor no peito. Se a tosse existe, é secca e poueo frequente; ás vezes os doentes deitão esearros brancos, viscosos ou estriados de fios de sangue.

A duração da molestia é raras vezes menor de tres a quatro dias. A cura é a terminação mais ordinaria. Em alguns easos esearros de sangue mais ou menos abundantes succedem aos signaes de congestão.

Causas. As eongestões pulmonares activas encontram-se espeecialmente nos individuos jovens, isto é de 20 a 40 annos. A temperatura elevada occasiona esta molestia; assim, a congestão sobrevem ás vezes depois da exposição a um sol ardente. Em outros casos, a congestão apparece depois dos exeessos aleoolieos.

Tratamento. A sangria do braço é o meio por excellencia para combater a eongestão pulmonar activa. Um vomitorio é tambem util. Ajuntão-se a estes meios bebidas refrigerantes, limonada de limão, ou de laranja, regimen mais vegetal do que animal, e abstineneia de vinho puro e de lieores.

Congestão pulmonar passiva. Tem a tendencia de produzir-se no curso de quasi todas as molestias agudas e ehronicas, e geralmente nos individuos debilitados por alguma causa.

Symptomas. Mui differentes das eongestões activas, as congestões passivas dos pulmões formão-se sempre lentamente; não são acompanhadas nem de dyspnea, nem de dôres peitoraes, nem de acceeleração notavel dos movimentos respiratorios. Alguns doentes tosem; e deitão esearros serosos, que apresentam ás vezes eôr avermelhada. As mais das vezes a congestão resolve-se.

Causas. As eongestões pulmonares passivas sobrevem pela influencia das eausas debilitantes. Observão-se, com effeito, espeecialmente nos individuos enfraquecidos pela idade ou por alguma molestia grave, e que eonservão durante muito tempo a mesma

posição; o que se observa sobretudo no curso das febres typhoides, e nos individuos affectados das molestias do coração.

Tratamento. A sangria é raras vezes praticavel, por causa da fraqueza dos doentes. É preciso insistir sobre os purgantes, ventosas seccas no peito, e causticos na mesma região.

CONGONHA. *Veja-se* MATE.

CONGOSSA MAIOR ou PERVINCA. Linneo. Apocynas. *Congossa maior.* Planta, que em Portugal habita nos tapumes e sitios sombrios. Caules levantados, folhas largas, um pouco cordiformes; flores grandes azues. As folhas tem sabor amargo e adstringente. As mulheres nas aldeas da França attribuem-lhes a propriedade de supprimir o leite, e é raro que as que desmamão as crianças não bebão por alguns dias uma chicara da infusão d'estas folhas.

CONICINA. *Veja-se* CUCUTINA.

CONJUNCTIVA. Membrana mucosa assim chamada porque une o globo ocular ás palpebras, revestindo de uma parte a superficie interna d'estes veos membranosos, e da outra o globo do olho até á circumferencia da cornea transparente, sobre a qual não se estende. Diversas molestias, que passo a referir, affectão esta membrana.

Conjunctiva (Cancro da). *Veja-se* Vol. I, pag. 455.

Conjunctiva (Cancroide da). O cancroide da conjunctiva consiste n'um pequeno botão na vizinhança das margens da cornea, ou sobre a conjunctiva palpebral, tornando-se de mais em mais saliente, cercado de uma aureola rubra; e, mais tarde, consiste em um tumor avermelhado, lobulado, excoriado na superficie, e indolente.

Tira-se com massa caustica de Canquoin, ou por meio de bisturi. (*Veja-se* CANCROIDE.)

Conjunctiva (Derramamento sanguineo debaixo da). Manchas rubras que apparecem ás vezes espontaneamente sobre a conjunctiva, depois das vigílias, das fadigas, ou, nas mulheres, depois das perturbações menstruaes; sobrevem tambem depois das contusões e fracturas do craneo ou da orbita; uma espinha de peixe, que ferio a garganta pôde tambem produzi-las.

Tratamento. Resolvem-se espontaneamente; favorece-se a resolução applicando no olho pannos molhados em agua fria simples, ou misturada com pequena porção de tintura de arnica.

Conjunctiva (Derramamento seroso debaixo da). V. CHEMOSIS.

Conjunctiva (Granulações da), ou *Trachoma.* Dá-se o nome de *granulações* ou de *trachoma* a pequenos botões esbranquiçados semelhantes a tapioca cozida. Depois, estes botões enchem-se

de vasos sanguineos, e apparecem sob a fórma de pequenas vegetações confluentes, rubras-violaceas, ás vezes cinzentas, e que murchando deixão uma cicatriz. Apparecem principalmente sobre a conjunctiva palpebral. Quando são confluentes, os olhos estão cobertos continuamente de lagrimas, os pacientes não podem supportar a luz, sentem como um corpo estranho rolar sobre o olho, e ha sempre um pouco de conjunctivite com secreção mucosa purulenta; as palpebras estão um pouco inchadas.

As granulações podem tambem estabelecer-se lentamente; sem inflammação, e muito tempo depois da conjunctivite; constituem o *trachoma chronico*. Ambos os olhos estão muitas vezes affectados de granulações chronicas.

Causas. As granulações da conjunctiva apparecem ordinariamente em consequencia da inflammação d'esta membrana; ou em virtude de má hygiene, habitação em lugar humido, pouco arejado, alimentação insufficiente.

Tratamento. Os doentes devem mudar de regimen, e habitar um lugar arejado. As granulações que acompanhão uma inflammação da conjunctiva, desaparecem com a molestia principal. Se não, desaparecem é preciso empregar o collyrio seguinte :

Agua distillada	..	30 grammas (1 onça)
Azotato de prata crystallizado.		25 centigrammas (5 grãos).

Um meio ainda mais effcaz, consiste em tocar as granulações com pedra infernal ou pedra lipes.

Conjunctiva (Hypertrophia da). Augmento do volume da conjunctiva. Resulta das inflammações repetidas da conjunctiva, ou de um estado escrophuloso. Manifesta-se de ordinario pelo augmento de espessura das pregas da conjunctiva no angulo interno do olho, e por pequenas proeminencias da conjunctiva ocular.

Tratamento. Não é necessario fazer a excisão da membrana mucosa hypertrophizada : convem limitar-se a lavar o olho com o collyrio anodyno seguinte :

Agua de rosas.		100 grammas (3 onças)
Tintura de açafraão.	.	2 grammas (1/2 oitava).
Laudano de Sydenham.		1 gramma (20 grãos.)

Conjunctiva (Inchação da). *Veja-se* CHEMOSIS.

Conjunctiva (Inflammação da). *Veja-se* CONJUNCTIVITES.

Conjunctiva (Kystos serosos da). Nascem muitas vezes na conjunctiva kystos de grossura variavel, raramente mais grossos do que uma avelã, circumscriptos, moveis, transparentes, contendo ás vezes sangue misturado com serum.

Tratamento. Cumpre tirar com tesoura curva a maior parte do

kysto; far-se-ha a excisão de suas paredes, e cauterizar-se-ha a ferida com pedra infernal.

CONJUNCTIVITE. Inflamação da membrana mucosa que cobre o olho até á circumferencia da cornea. Na linguagem vulgar, a palavra *conjunctivite* é synonymo de *ophthalmia*.

I. **Conjunctivite simples aguda** (*Ophthalmia aguda*). As causas da ophthalmia simples são extremamente numerosas. A introdução de um corpo estranho sob as palpebras, as pestanas quando estão viradas, as pancadas, as feridas do olho ou das partes vizinhas, a impressão prolongada do vento frio e humido, a reverberação de uma luz solar muito intensa podem causar esta inflamação. O exercicio mui contínuo do orgão da vista é tambem uma causa frequente de ophthalmia. Esta causa comprehende as vigílias, as leituras prolongadas, especialmente com a luz viva de candieiros, uma exposição frequente á acção da fumaça, ao calor e á luz ministrada por grandes fócios, ás correntes de ar sobre-carregadas de póis mui finos. Entre as causas internas da ophthalmia, nota-se o abuso dos licôres alcoolicos e dos alimentos excitantes. Esta inflamação acompanha quasi sempre os sarampos, a escarlatina, as bexigas, e, n'estes casos, desapparecc de ordinario espontaneamente com a erupção cutanea. Acontece emfim com a ophthalmia como com as outras molestias, e vem a ser que ella se declara frequentemente sem causa apreciavel.

Symptomas. Na *ophthalmia aguda benigna*, os olhos tornão-se vermelhos; existem picadas e uma comichão dolorosa; parece ao doente que tem grãos de areia no olho. Os movimentos das palpebras e do bugalho do olho augmentão a dôr; uma luz viva produz o mesmo effeito. As lagrimas correm com maior abundancia que de costume, e as palpebras amanhecem pegadas por uma remela abundante. A estes symptomas junta-se ás vezes alguma acceleração no pulso, augmento de calor na pelle, peso de cabeça, e ás vezes calefrios irregulares. Estes symptomas augmentão commummente de intensidade durante dois ou tres dias, e depois desapparecem gradualmente. Comtudo, em alguns casos, depois de se acalmarem, ficão no mesmo estado, sobretudo quando a molestia não foi tratada, ou quando os remedios forão intempestivos.

A *ophthalmia aguda intensa* é caracterizada pelos mesmos symptomas que a precedente, mas levados a um gráo muito mais alto. N'este caso, a vermelhidão e a dôr vão augmentando, as palpebras inchão e virão-se para fóra. Ás vezes corre dos olhos um liquido limpido, abundante e acre; outras vezes estes orgãos ficão seccos, e então a anxiedade é vivissima. A impressão da menor luz exas-

pera a dôr, e a visão perturba-se. Todos estes accidentes complicão-se com dôr de cabeça intoleravel e insomnia rebelde. A inchacão da membrana conjunctiva torna-se ás vezes consideravel quando o tecido sub-mucoso se enche de sangue. Como esta membrana-se estende sómente até á circumferencia da cornea, e não a reveste, forma-se n'esta molestia ao redor da cornea uma elevação consideravel; parece que ha um buraco no centro da superficie do olho; esta elevação chama-se *chemosis*. A inchacão estende-se ás palpebras e ao rosto.

A inflammacão da conjunctiva póde communicar-se a todo o globo do olho, então as dôres tornão-se excessivas, picadas profundas sentem-se no interior do orgão, que augmenta de volume, enche-se de pus, rompe-se e deixa sahir todos os humores que contém. Felizmente este ultimo caso é rarissimo.

A duracão da conjunctivite varia conforme a intensidade dos symptomas. Termo médio, dura de dez a quinze dias; mas prolonga-se ás vezes durante dois mezes, sem perder o character agudo.

Acaba pela cura ou pela passagem ao estado chronico; causa ás vezes nodoas chamadas *belidas*; emfim, póde estender-se a todo o bugalho do olho, produzir a sua desorganização e occasionar a perda da vista.

Tratamento. Na ophthalmia aguda benigna, recorra-se aos lavatorios mornos com decoção de linhaça, ou de raiz de althéa; e applique-se sobre o olho um panno molhado n'um d'estes liquidos. O doente tomará um ou dois pediluvios com farinha de mostarda; deve diminuir seus alimentos e usar de bebidas diluentes, como agua de cevada, de arroz, etc. Mas antes de tudo é preciso certificar-se se não se introduzio algum corpo estranho entre o olho e as palpebras. Com este tratamento, a ophthalmia percorre de ordinario o seu primeiro periodo no espaço de quatro ou cinco dias. Sua terminação é annunciada por symptomas não equivococ: o doente não se queixa mais do ardor que experimentava no principio da molestia; sente-se alliviado, abre os olhos com facilidade, e supporta uma luz moderada. N'esta época, com quanto a alva do olho esteja ainda vermelha e pareça inflammada, a ophthalmia já não está no seu primeiro periodo. Ao estado inflammatorio succedeo a fraqueza dos vasos que cobrem o olho; convem então, tres ou quatro vezes por dia, banhar os olhos com a mistura d'agua tepida com aguardente camphorada, na proporção de quatro colheres de *sopa* d'agua morna com uma colher de *chá* d'aguardente camphorada; ou introduzir entre as palpebras algumas gottas do collyrio seguinte :

Agua de rosas.	60 grammas (2 onças)
Laudano de Sydenham.	15 grammas (4 oitavas).

Misture. Molha-se um panno ou uma esponja n'este liquido, e espreme-se dentro do olho, tres ou quatro vezes por dia; e logo depois lava-se o olho com agua morna.

Este tratamento deve ser auxiliado com purgantes, tal como magnesia calcinada ou oleo de ricino.

Quando a ophthalmia é *muito intensa*, ou se é leve, mas se não cede aos meios seguintes, toque-se levemente a conjunctiva inflammada com pedra infernal, ou instillem-se entre as palpebras, duas vezes por dia, algumas gottas do collyrio seguinte :

Nitrato de prata crystallizado.	20 centigram. (4 grãos)
Agua distillada.	30 grammas (1 onça).

e immediatamente depois lavem-se os olhos com agua tepida.

Molha-se um pincel n'este collyrio, e applica-se sobre a conjunctiva inflammada. Cumpre não tocar a cornea transparente.

Antigamente, empregavão-se bichas e sangrias contra a conjunctivite, mas os factos provão que mesmo nas inflammções agudas e francas do olho as emissões sanguineas falhão, ao passo que os modificadores inteiramente oppostos, taes como a pedra infernal, a agua tepida misturada com aguardente camphorada, a pedra lipes, o sulfato de zinco, produzem bons resultados, nos casos sobretudo em que a membrana conjunctiva está affectada. Assim, querer hoje limitar o tratamento das ophthalmias aos emollientes, ás emissões sanguineas, é pôr-se em opposição com os factos bem averiguados e ignorar os progressos recentes da medicina.

Se a inflammação não ceder a estes meios, applique-se um caustico na nuca, e administre-se o tartaro emetico segundo a receita seguinte :

Tartaro stibiado.	10 centigram. (2 grãos)
Agua.. ..	250 grammas (8 onças).

Toma-se esta bebida em duas dóses, com meia hora de intervallo. Deve provocar bastantes evacuações alvinas ou alguns vomitos.

Convem abrigar os olhos com antolhos de côr verde; e o doente conservar-se-ha n'um quarto não completamente escuro, mas sim em meia claridade. A cabeça deve ser elevada com travessieiros, porque n'esta posição a congestão ocular não se acha favorecida como na posição completamente horizontal. A dieta será mais ou menos severa, conforme a intensidade da inflammação. Na ophthalmia violenta o doente tomará só caldos de gallinha, e absterse-ha de qualquer alimentação solida.

Se se formar ulcera ou pustula sobre o olho, cauterize-a com pedra infernal ou com pedra lipes.

II. Conjunctivite (Ophthalmia) purulenta dos adultos. Chama-se assim a inflammação dos olhos, cujo character especial é um fluxo, d'entre as palpebras, de um fluido mucoso purulento. É uma das molestias mais graves do olho. Às vezes reina epidemicamente. Esta conjunctivite é contagiosa, e communica-se ou pelo contacto do fluido purulento sobre o olho são, ou pelo ar viciado pelos miasmas que se desenvolvem dos olhos affectados. O calor, a reunião de muita gente n'um pequeno espaço, e a falta de asseio favorecem o contagio.

Symptomas. A conjunctivite purulenta ataca ordinariamente ambos os olhos, bem que haja muitas vezes um intervallo de alguns dias entre a invasão da molestia n'um e n'outro olho. Quando se desenvolve com rapidez moderada, a ordem dos symptomas é a seguinte : pela noite sobrevem uma comichão no olho, depois manifesta-se de repente uma sensação muito incommoda de areia entre o olho e as palpebras, que estão pegadas entre si e parecem mais cheias; sua superficie interna inflamma-se. Vinte e quatro horas depois, já é consideravel o fluxo do pus, que é claro a principio, e depois torna-se opaco, amarello e abundante. Às vezes corre misturado com sangue.

A molestia pôde não ir além e limitar-se ás palpebras; então a secreção purulenta diminue pouco a pouco, e o doente sára. Mas ordinariamente a inflammação passa ao olho : a membrana externa chamada *conjunctiva* incha rapidamente; e forma um tumor á roda da cornea; o corrimento puriforme é então muito abundante; a sua quantidade pôde chegar a algumas onças por dia. Nos casos felizes, a cornea fica intacta e o doente sára conservando a vista. Nos casos mais graves, a inflammação estende-se até á cornea, formão-se ulceras n'esta membrana, depois belidas, e a vista diminue quando não fica abolida. Às vezes, emfim, a inflammação propaga-se ainda mais profundamente, o olho vasa-se; a vista fica perdida completamente e para sempre.

Tratamento. Nem sangrias nem bichas produzem bom effeito n'esta inflammação. O melhor remedio consiste em espremer dentro do olho, duas vezes por dia, um panno molhado n'uma mistura d'agua morna com aguardente camphorada, na proporção de duas colheres d'agua, para uma colher d'aguardente camphorada; immediatamente depois banhe-se o olho com agua morna; para diminuir o ardor que produz a aguardente. Pelo dia adiante, cumpre lavar o olho, de quarto em quarto de hora, e mais frequentemente se fôr preciso, com agua morna ou com cozimento morno

de linhaça, para não deixar demorar-se o pus entre as palpebras. Estes lavatorios devem ser feitos com uma esponja finissima. Se ao cabo de 24 horas não houver melhoras, toque-se levemente a face interna das palpebras com pedra infernal, o que só póde ser feito por cirurgião. O doente deve tomar, ao mesmo tempo, de duas em duas horas, uma chicara da bebida seguinte, para provocar evacuações alvinas :

Agua.	750	grammas (24 onças)
Tartaro emetico..	10	centigrammas (2 grãos).

A dieta será rigorosa. O doente tomará só caldos de gallinha.

Convem sobretudo lavar a miudo os olhos e tirar a materia purulenta.

III. Ophthalmia purulenta dos recém-nascidos. As crianças recém-nascidas são ás vezes affectadas de conjunctivite purulenta; a molestia é caracterizada por inchação consideravel nas palpebras e fluxo abundante de materia purulenta. Ataca as crianças desde a idade de alguns dias até á de muitos mezes. Reina ás vezes epidemicamente; isto é, accomette grande numero de crianças ao mesmo tempo. Suas causas são incertas; parece que depende da influencia particular da atmospherá. É uma molestia gravissima, póde occasionar a perda do olho, pelo que exige tratamento cuidadoso.

Tratamento. A aguardente camphorada é o remedio que tem provado melhor na ophthalmia purulenta das crianças recém-nascidas. Eis-aqui a maneira de emprega-la : Misturão-se quatro colheres *de sopa* d'agua morna com uma colher *de chá* de aguardente camphorada, molha-se um panno ou uma esponja n'esta mistura, e espreme-se dentro do olho da criança. Repete-se esta operação tres vezes por dia, e immediatamente depois lava-se o olho com agua morna. Os lavatorios com cozimento morno de linhaça devem ser feitos depois continuamente, para que o olho se conserve limpo. É ás vezes difficil abrir as palpebras por causa de sua grande inchação, e é impossivel introduzir entre ellas o cozimento de linhaça : n'este caso, para lavar a face interna das palpebras, é preciso empregar uma pequena seringa de borracha, cujo canudo se introduz entre as palpebras perto do angulo do olho, e mediante o qual se fazem oito ou dez vezes por dia seringatorios, que lavão exactamente a face interna das palpebras e ao mesmo tempo o globo do olho.

Se ao cabo de dois dias a conjunctivite não diminuir, deve-se applicar a pedra infernal. Afastão-se as palpebras com os dedos, vira-se para fóra a palpebra inferior, e toca-se levemente sua face interna até produzir uma camada branca, indicio de que a cau-

terização é sufficiente. Lava-se logo depois o olho com agua morna. Repete-se a cauterização de dois em dois ou de tres em tres dias, se a molestia não é grave; no caso contrario, convem cauterizar todos os dias, até que a inflammação comece a diminuir. Este tratamento tem curado muitas ophthalmias purulentas.

IV **Conjunctivite (Ophthalmia) blennorrhagica.**

Assim se chama a inflammação grave dos olhos que acomette os individuos affectados de blennorrhagia. Esta molestia resulta ordinariamente da inoculação directa por meio dos dedos levados ao olho, quando estão sujos pela materia que sahe da urethra. Todavia, em alguns casos a ophthalmia apparece sem este contacto. Esta molestia exige um tratamento energico, porque, sendo desprezada, póde destruir o olho em sete ou oito dias. O fluxo de uma mucosidade espessa, amarellada, mais ou menos copiosa, forma o character principal d'esta inflammação; os olhos fazem-se vermelhos, dolorosos, como na conjunctivite aguda simples.

Tratamento. Deve-se administrar a seguinte bebida emeto-purgativa :

Agua:	600 grammas (20 onças)
Emetico.	5 centigram. (1 grão)
Sulfato de magnesia.	30 grammas (1 onça).

Para beber uma chicara de hora em hora.

Ao mesmo tempo applique-se o collyrio seguinte :

Nitrato de prata crystallizado.	20 centigram. (4 grãos)
Agua distillada.	30 grammas (1 onça).

Dissolva. Molha-se um pincel n'este liquido, e applica-se na face interna das palpebras, tres vezes por dia. Immediatamente depois banha-se o olho com agua morna.

Em vez de empregar este collyrio, toque-se levemente a face interna das palpebras e a alva inflammada do olho, com lapis de pedra infernal. Repete-se esta operação todos os dias, e uma vez por dia. É muito effizaz o seu effeito.

No dia seguinte da bebida emeto-purgativa, administrem-se os calomelanos, segundo a seguinte receita :

Calomelanos.	1 gramma (20 grãos).
----------------------	----------------------

Divida em 10 papeis. Para tomar um papel de 2 em 2 horas, n'uma colher d'agua fria com assucar.

É preciso banhar frequentemente os olhos com cozimento de linhaça.

Se a molestia não diminuir, fação-se fricções nas sobranceilhas com a pomada seguinte :

Pomada mercurial dupla.	15 grammas (1/2 onça).
---------------------------------	------------------------

Fazem-se duas fricções por dia, e para cada fricção emprega-se uma porção de pomada do tamanho de uma azeitona.

V Conjunctivites (Ophthalmias) chronicas. Designão-se com este nome ophthalmias cuja marcha é lenta, cuja duração é longa, que tem pouca intensidade, as que dependem ou da profissão do doente ou de causas internas, taes como o vicio escrophuloso, dartooso, etc.

Symptomas. Só differem dos do estado agudo por sua menor intensidade; consistem tambem em vermelhidão, calor e dôr. A membrana que cobre a face interna da palpebra inferior incha, e adquire maior vermelhidão. Às vezes a margem da palpebra fica ulcerada, desigual e privada de pestanas; as palpebras achão-se pegadas pela remela que é mais ou menos abundante.

A marcha da ophthalmia chronica é lenta, e sua duração sempre longa; dura ás vezes muitos annos, e termina pela cura ou formação de belidas.

Tratamento. Quando a ophthalmia chronica é entretida pela profissão do doente, deve este antes de tudo renunciar a ella; senão, serão infructuosos todos os meios que forem tentados contra a ophthalmia. Outro tanto direi quando é produzida pela presença das pestanas viradas; é preciso principiar por destruir esta causa; o que se consegue mediante uma operação. Se se suspeita que a molestia depende da constituição escrophulosa do doente, convem primeiro combater essa complicação por um tratamento interno e especial. *Vêja-se ESCROPHULAS.*

As applicações locais que convem nas ophthalmias chronicas são :

1º Agua de rosas. 90 grammas (3 onças).

Para lavar os olhos, duas ou tres vezes por dia.

2º Laudano de Sydenham. 15 grammas (1/2 onça).

Instillar no olho algumas gottas d'este liquido, com pincel, duas vezes por dia.

3º Lavar os olhos com agua fria misturada com algumas gottas d'agua de Colonia, ou d'aguardente camphorada.

4º *Collyrio com sulfato de zinco.*

Sulfato de zinco. 30 centigram. (6 grãos)

Agua distillada. 60 grammas (2 onças).

Instillar nos olhos algumas gottas, duas vezes por dia.

5º Agua vegeto-mineral. 480 grammas (6 onças).

Banhar os olhos com esta agua, duas vezes por dia.

6º *Collyrio aluminoso.*

Alumen. 1 gramma (20 grãos)

Agua de rosas ... 120 grammas (4 onças).

Dissolva e filtre. Lavar os olhos com este collyrio, duas vezes por dia.

7º *Pomada de precipitado rubro.*

Pomada rosada. 15 grammas (1/2 onça)

Precipitado rubro.. 1 gramma (20 grãos).

Faça a mistura sobre o porphyro. Applica-se, sobre a margem palpebral, uma porção d'esta pomada do tamanho da cabeça de um alfinete, ao deitar-se.

Quando a ophthalmia é entretida pela fraqueza da constituição, convem recorrer á medicação interna fortificante. A alimentação será substancial; isto é, composta principalmente de carne. O doente fará uso moderado do vinho e um exercicio todos os dias, tomará banhos frios, e especialmente os do mar. Dirigir-se-hão sobre os olhos fumigações aromaticas espirituosas, taes como a agua de Colonia, ou balsamo de Fioravanti.

Fazem-se estas fumigações deitando algumas gottas de um dos dois liquidos indicados na palma de uma das mãos, esfregando contra a outra, e approximando depois a mão aos olhos. As pessoas sujctas á ophthalmia chronica devem evitar as vigalias e os trabalhos assiduos que exigem o exercicio dos olhos; fugir da luz forte e do ardor do sol; devem tomar frequentemente banhos aos pés, entreter o ventre livre, e trazer oculos de côres amorticidas.

CONSERVA. (*Pharmacia.*) As conservas são preparações pharmaceuticas de consistencia molle, que erão n'outro tempo muito usadas, e que hoje são pouco numerosas e pouco empregadas. As conservas preparão-se com pós de flores, folhas, fructos ou raizcs, a que se ajunta assucar em proporção consideravel. Só as conservas de rosas e de cynobatos é que ainda são empregadas. Estas duas conservas gozão de propriedades tonicas e adstringentes, e administrão-se na dóse de 8 a 15 grammas (2 a 4 oitavas) por dia, nas diarrheas chronicas.

CONSERVA. (*Economia domestica.*) Na economia domestica, chama-se *conserva* toda a especie de comidas, frango, caça, peixe, legumes, fructas, ovos, leite mesmo, cruas ou cozidas e conservadas cuidadosamente em latas ou garrafas de vidro privadas de ar e fechadas hermeticamente segundo o methodo de Appert. Estas preparações podem conservar-se d'esta maneira muitos annos, e, aquecidas a banho-maria, tem quasi o mesmo sabor que as substancias frescas. Os legumes podem conservar-se tambem por meio da compressão e deseccação. (*Veja-se CONSERVAÇÃO.*)

**CONSERVAÇÃO DAS SUBSTANCIAS ALIMEN-
TICIAS.** (*Economia domestica.*) A conservação das substancias

alimenticias, de que se faz uso quotidianamente, é de grande importancia na pratica da vida; e é util conhecer os seus differentes modos. Estes modos varião segundo as substancias que se querem conservar e tambem segundo o clima. O *calor só do sol*, sem o emprego de ingrediente algum, basta para operar, nas regiões quentes, a dessecção completa das carnes (*carne secca*). Nos climas temperados e frios, o *sal* e o *fumo* são os meios mais efficazes de conservação d'estas mesmas carnes, que servem sobretudo para os abastecimentos da marinha, das longas viagens. A conservação, durante um certo tempo, da carne e do peixe no estado fresco, com todas as suas qualidades e propriedades alimentarias, obtem-se por meio do *gelo*, e pela *cozedura a banho-maria*, em vasos hermeticamente fechados, segundo o processo inventado por Appert, e que tem o seu nome.

As carnes cozidas sómente por alguns minutos não se corrompem tão depressa como as carnes cruas : esta observação conduzio ao processo seguinte. A carne de boi, por exemplo, desossa-se, e coze-se depois a meio em estufa ou forno, ou ferve-se em agua e tira-se-lhe a escuma, do mesmo modo que quando se prepara o caldo; depois corta-se em fatias delgadas ou pica-se, enfim secca-se a *banho-maria*, a *banho de areia*, a *vapor* ou na estufa. Esta carne conserva-se em vasos fechados; não é boa senão para fazer caldo; porque, depois de servir para este uso, não é comestivel, e além d'isso não tem propriedade alguma nutritiva; mas é preferivel á carne salgada para o caldo destinado aos doentes durante as navegações longas. A carne de carneiro, submettida primeiro á acção de uma salmoura liquida, depois meio cozida a vapor em vaso fechado, dessecada rapidamente n'uma baixa temperatura, póde offerecer uma carne tenra e de bom gosto, que se conserva bastanté tempo sem alterar-se.

Quanto ao processo de Appert, que se applica igualmente ás carnes, legumes e fructas, suas operações essenciaes são : 1º fechar em garrafas ou em caixas de folha de Flandres, as substancias não completamente cozidas, mas sim cozidas por um quarto, metade ou tres quartos da cozedura, conforme as substancias; 2º tapar e soldar hermeticamente as vasilhas; 3º submeter as substancias assim fechadas á acção do *banho-maria* mais ou menos prolongado, segundo a sua especie e a capacidade das vasilhas; 4º tirar as garrafas e as latas do *banho-maria* depois de arrefecidas. O modo de Appert é mais facilmente e mais seguramente applicavel nas casas particulares, observando-se as modificações seguintes : em vez de fechar hermeticamente os vasos, antes de submittê-los á acção do *banho-maria*, é melhor conservar, em toda

a espessura da rolha, ou n'um botão disposto sobre a face anterior do vaso metallico, um pequeno buraco de 1 a 2 millimetros, pelo qual se desprende o ar que é expellido do vaso e dos alimentos pela acção do vapor produzido por meio de um calor sufficientemente intenso. Tapa-se o buraco com um prego de estanho, que se mette com força quando o vapor sahe abundantemente. Emfim, submette-se ainda o vaso fechado á acção do banho-maria. Para obter o vapor destinado a expellir o ar do vaso e a produzir assim o vacuo, põe-se, sendo preciso, no fundo do vaso um pouco de succo de carne ou d'agua pura, quando se trata de conservar peças assadas ou alimentos pouco carregados de humidade, e de um volume bastante consideravel.

Póde conservar-se durante mais de 15 dias, no meio dos grandes calores do verão, carne cozida ou assada, e fechada n'um vaso de ferro, cuja tampa entra forçada. Submette-se este vaso, como no methodo de Appert, á acção de um banho-maria, ou ao calor de um fóco moderadamente quente, para expellir d'elle o ar que contém, e fechão-se cuidadosamente as juntas da tampa com argamassa de vidraceiro ou qualquer outro mastique graxo e malleavel, no momento em que o vapor sahe com abundancia.

Todas as substancias alimenticias não se conservão igualmente bem. Assim, a carne dos animaes novos, como a da vitella, e a do cordeiro, corrompe-se mais facilmente do que a do boi e a do carneiro. O peixe corrompe-se ainda mais facilmente. Em geral, cumpre dessecar todas as substancias alimenticias que são humidas, e conserva-las em lugar secco. O peixe póde conservar-se em gelo.

O carvão pulverizado offerece tambem um meio facil e seguro de conservação, principalmente para transportar ao longe as carnes e o peixe, que devem servir só ao cabo de alguns dias. O melhor carvão para este fim obtem-se pela carbonização dos ossos; na falta d'este, póde servir o carvão de lenha muito secco, reduzido a grãos da grossura do milho. A carne deve ser posta sobre o carvão e coberta completamente com elle, de maneira que não toque em nenhum ponto as paredes do vaso, que deve ser fechado hermeticamente. A carne assim preparada póde conservar-se por 3 ou 4 semanas no inverno, por uma semana e mais no verão; e quando se deseja fazê-la ferver, basta lava-la em agua fria, para tirar-lhe todo o pó de carvão. Para conservar pelo mesmo methodo os frangos e as aves de caça, é preciso primeiro depenna-los, tirar-lhes os miudos internos, esvazia-los e limpa-los com muito cuidado; feito isto, enche-se o seu interior com carvão em pó. O peixe deve ser escamado e destripado. A conservação é ainda mais

certa, se os vasos contendo os productos forem enterrados em terra ou areia.

Diversas comidas, especialmente as pernas de ganso, o atum de escabeche, a sardinha, conservão-se em azeite doce, manteiga ou banha de porco, depois de purificadas estas substancias pelo derretimento ao fogo. A manteiga derretida emprega-se tambem frequentemente para a conservação das ervilhas verdes e das favas. Conservão-se em vinagre diversos productos vegetaes, particularmente os pepinos pequenos, as cebolinhas, as cebolas, a pimenta comary, etc.

Os legumes, taes como as batatas, cenouras, couve, nabos, betarrabas, etc., que se destinão para a venda no mercado, conservão-se durante 4 ou 5 mezes, em regos feitos nos terrenos seccos e arenosos. O alho e a cebola guardão-se nas aguas furtadas sem outra preparação mais do que a dessecção ao ar livre. Certas especies de uvas, ameixas, figos e outras fructas, conservão-se bem, depois de seccas ao forno ou em estufa.

Os liquidos fermentescentes, taes como as bebidas fermentadas, o caldo, o leite, os xaropes, os medicamentos compostos, podem ser conservados sem preparação alguma; basta encher as garrafas, e tapa-las hermeticamente.



Fig. 142 — Consolda maior.

CONSOLDA MAIOR,
SOLDA OU SYMPHITO. *Symphytum officinale*, Linneo. Borragineas. Planta de 2 pés de alto, que se encontra em Portugal na margem dos regatos, e nos sitios sombrios e humidos. Tem as folhas grandes, asperas; flores brancas-amarelladas, ás vezes roseas; raiz alongada, cylindrica, denegrida por fóra e branca por dentro. Fig. 142. A infusão d'esta raiz é emolliente, e emprega-se nas molestias do peito; prepara-se com 4 grammas (1 oitava) de raiz

de consolda e 500 gram. (16 onças) d'agua fervendo. Prepara-se tambem com esta raiz, um xarope que se administra nos escarros de sangue, na dose de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

CONSTIPAÇÃO. Designa-se por este nome um incommodo cujos symptomas são: calefrios, cansaço doloroso geral, fadiga em todos os membros, um sentimento de contusão em todos os musculos, lentidão dos movimentos, apathia, dôr de cabeça, insomnia ou um somno agitado, fastio, seccura da pelle, ourinas mui carregadas e pulso frequente.

Causas. Esta benigna molestia é ás vezes produzida por um exercicio insolito, tal como uma grande caminhada, uma carreira rapida e longa a pé, a cavallo ou em sege, a dansa, etc. A emoção viva, o trabalho de espirito, a privação do somno, dão tambem lugar a symptomas semelhantes, e em alguns casos, a exposição a um frio ou a um calor excessivo, igualmente produzem o mesmo effeito. Está indisposição não dura mais de um a tres dias.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer para curar a constipação é tomar um suadouro. O doente tomará por conseguinte um banho aos pés com farinha de mostarda; depois metter-se-ha na cama, e, quando deitado, beberá duas ou tres chicaras de chá de casquinha de limão ou de flor de sabugueiro, ou de chá da India; cobrir-se-ha com cobertor de lã para provocar a transpiração, e mudará duas ou tres vezes de camisa.

Favorece-se a transpiração com a tintura de aconito, que se administra segundo a formula seguinte :

Agua..	..	120 grammas (4 onças)
Tintura de aconito.		12 gottas.

Para beber, uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Em vez do aconito, póde tambem empregar-se o acetato de ammoniaco para provocar a transpiração. Eis-aqui a receita :

Infusão de sabugueiro.		120 grammas (4 onças)
Acetato de ammoniaco.	..	4 grammas (1 oitava)
Xarope simples.	..	30 grammas (1 onça).

Misture. Para beber uma colher, das *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Se esse meio não curar a constipação, e se no dia seguinte de manhã o doente tiver ainda dôres de cabeça, máo gosto na bocca e alguma febre, deverá tomar 5 centigrammas (1 grão) de tartaro emetico n'uma chicara d'agua morna, para provocar os vomitos. N'este dia tomará só caldos de gallinha. O repouso do corpo e do espirito, o uso de alguma bebida emolliente, tal como agua de cevada, agua panada, chá de malvas, e dieta por um ou dois dias, completarão a cura.

CONSTIPAÇÃO DE VENTRE. *Vejá-se* PRISÃO DE VENTRE.

CONSTITUIÇÃO. Estado geral da organização particular de cada individuo, de que resultão o seu gráo de força physica, a maior ou menor regularidade com que suas funcções se exercem,

a somma de resistencia que elle oppõe ás causas das doenças, a dóse de vitalidade de que é dotado, e as probabilidades de vida que possue. Uma *boa constituição* é aquella em que todos os órgãos, igualmente desenvolvidos e dotados de igual enrgia, preenchem suas funcções com facilidade e actividade: a falta de equilibrio no desenvolvimento d'elles, e na sua força, estabelece a differença das constituições.

CONSUMPÇÃO. Diminuição lenta e progressiva das forças e do volume de todas as partes molles do corpo. Este phenomeno é proprio de todas as molestias organicas, e principalmente da tísica, da qual é um dos principaes symptomas. Todo o tratamento da consumpção deve ser dirigido contra a molestia de que ella é symptoma. No artigo TÍSCICA apresentarei as considerações que lhes são communs. *Vêja-se* tambem EMMAGRECIMENTO.

CONTAGIO. Entende-se por contagio a propriedade que tem certas molestias de se communicar de um a outro individuo pelo contacto, ou por intermedio do ar. Parece, á primeira vista, que não ha cousa mais facil do que decidir quaes são as molestias que possuem, ou não, esta propriedade, e entretanto poucas questões medicas* tem sido mais debatidas e tem ficado mais indecisas. É verdade que todos estão de accordo sobre a propriedade contagiosa da sarna, da syphilis, da raiva, do carbunculo, das bexigas e da vaccina, porque a maior parte d'estas molestias podem ser transmittidas por inoculação, experiencia directa que não permite a menor duvida, e as outras se communicão por contacto: porquanto, os factos que o comprovão são quotidianos, evidentes e incontesteveis. Acredita-se tambem, geralmente, no contagio dos sarampos, da escarlatina e da coqueluche; provas a este respeito são claras e numcrosas. Mas não ha a mesma unanimidade de opiniões ácerca do typho, da febre amarella, peste e cholera-morbus. Observadores de cunho e fidedignos citão factos que provão serem estas molestias communicadas por contagio; outros porém, não menos dignos de confiança, contestão-lhes a propriedade de se transmittirem, e apoião-se igualmente em factos. As escrophulas, os dartos, a morphéa, não são contagiosas, segundo a opinião da maior parte dos medicos. Entretanto, é pelo menos duvidoso se as relações frequentes e immediatas com doentes d'esta especie não são perniciosas á saude. O mesmo direi da tísica pulmonar, do cancro, da dysenteria e de certas ophthalmias purulentas.

De que maneira nos devemos preservar do contagio? A razão nos indica a providencia mais efficaz, a isolação, evitar o contacto c a atmosphaera dos doentes. Assim, não se permittirá que as crianças affectadas de bexigas, cataporas, sarampos, escarlatina c

coqueluche, se juntem com as que não estão affectadas d'essas molestias. Não se levarão mesmo as crianças sãs a lugares contaminados de semelhantes enfermidades, nem lá irão seus pais para não virem transmitti-las a seus filhos. Se a isolacão fôr impraticavel, é preciso resignar-se, hem certo de que cedo ou tarde este tributo inevitavel será pago á natureza. Em todos os casos, deve-se renovar o ar, e fazer no quarto aspersões d'agua de Labarraque, de dissoluçãõ de chlorureto de cal, ou de acido phenico. Estas precauções de purificaçãõ e de asseio são sobretudo indispensaveis no typho, nas dysenterias e nas febres graves. Os lavatorios com agua e sabão são uteis nas partes do corpo que experimentão o contacto perigoso. O virus da peste passa por ter grande tenacidade a resistir á lavagem. Considerando esta opiniãõ geral entre os christãos do Levante, a commissãõ dos medicos francezes, enviada ao Egypto debaixo da presidencia do Dr. Pariset, julgou dever fazer experiencias de desinfecçãõ por um meio ainda não experimentado. No mez de junho de 1828, quando a peste devastava Tripoli na Syria, estes animosos medicos mergulhãõ em uma soluçãõ de chlorureto de cal a roupa de seis empestados que haviãõ morrido na vespera, e depois de enxuta applicãõ-n'a immediatamente sobre a pelle por espaço de dezoito horas. Nenhum d'elles experimentou accidente algum, o que lhes fez assentar que esta substancia chimica decompõe e neutraliza o principio pestifero, e que não é preciso destruir, pela combustãõ, os objectos que se julga o envolvem, como se tem praticado na Europa ha tanto tempo. Uma experiencia analogã (fumigações sulfureas, em lugar dos chloruretos sobre a roupa contaminada) valeo o perdãõ a condemnados á morte, em uma peste de Moscowa, durante o reinado de Catharina.

CONTA - GOTTAS. Instrumento de vidro destinado a contar e dósar as gottas de algum liquido medicamentoso, de modo a dar gottas de um peso sempre igual. O bico do instrumento, pelo qual escorrem as gottas, deve ter 3 millimetros de diametro, comprehendendo o orificio e as paredes; 20 gottas d'agua distillada, que sahem por semelhante abertura, pesão exactamente 1 gramma (20 grãos). Na ultima ediçãõ do meu *Formulario*, apresento a descripçãõ e as figuras de conta-gottas empregados nas pharmacias. O mais simples conta-gottas consiste em um tubo de vidro de 9 centimetros de comprimento, de 7 millimetros de diametro, aberto nas duas extremidades; a abertura superior tem 7 millimetros; o tubo estreita-se na extremidade inferior, tendo a abertura, que dá sahida ás gottas, só 3 millimetros de diametro. O tubo de vidro está coberto de

um outro tubo de caoutchouc, que exerce o officio de uma ventosa: aspira o liquido, e fa-lo depois, sahir ás gottas, quando comprimido. Este conta-gottas acha-se nas lojas de vidro de Pariz; custa 25 centesimos.

CONTRA-ESTIMULANTES. Chamão-se *contra-estimulantes* ou *hyposthenisantes*, os medicamentos que, introduzidos no nosso corpo, põem a força vital abaixo do gráo em que estava antes da sua applicação. Estes remedios chamão-se tambem *anti-phlogisticos* ou *debilitantes*. Taes medicamentos, convenientemente applicados, produzem ás vezes o mesmo resultado que as sangrias, e empregão-se nas molestias inflammatorias. O seu effeito mais notavel consiste em diminuir a frequencia do pulso e provocar a transpiração cutanea. Os medicamentos contra-estimulantes são: tartaro stibiado na dóse de 6 e mais grãos, agua de louro-cereja, aconito, centeio espigado, digital, etc.

CONTRACTURA. Estado de rigidez dos musculos, acompanhada ordinariamente de dôres como nas caimbras, que se manifesta sobretudo nas mãos e nos pés.

Symptomas. Ás vezes a contractura apparece subitamente; porém, as mais das vezes manifesta-se de uma maneira lenta, e é precedida de dôr de cabeça, quebramento do corpo, vertigens. Logo o doente queixa-se de não poder mover facilmente os dedos; experimenta picadas nos braços, caimbras nas barrigas das pernas. Estes accidentes podem cessar e voltar alternativamente, antes que a contractura se estabeleça de uma maneira definitiva. Esta principia quasi sempre por um dos ante-braços, ás vezes pelos ante-braços e pés ao mesmo tempo.

Estabelecida a contractura, os dedos estão dobrados na palma da mão, estão ás vezes completamente, e então o dedo pollegar acha-se quasi sempre coberto pelos outros dedos, ou então os dedos, incompletamente dobrados, estão separados, e dão á mão a fôrma e o aspecto de certas garras de ferro; emfim, mas raras vezes, os dedos estão estendidos e aproximados, como na acção de escrever. Os punhos estão ao mesmo tempo dobrados sobre o ante-braço; o hombro acha-se de ordinario livre, assim como o cotovelo; mas ás vezes, entretanto, estas articulações estão rijas, e embaraçadas.

Quando os dedos estão completamente dobrados, é impossivel estendê-los, por maiores esforços que se fação; chega-se a desdobralos quando a contractura é menos forte; mas, em todos os casos, estas tentativas são mui dolorosas. Os musculos contrahidos são resistentes, e tem ás vezes quasi a dureza da lenha; muitas vezes fazem proeminencia debaixo da pelle; são a séde de dôres mais

ou menos vivas, que augmentão de tempo em tempo ao ponto de arrancar gritos aos doentes. Depois de acalmadas, o que coincide quasi sempre com a diminuição da contractura, os doentes sentem só rijeza e incommodo no ante-braço. Durante as crises, e nos seus intervallos, os dedos experimentão ás vezes formigamentos incommodos; a sua sensibilidade torna-se obtusa.

Quando a contractura occupa as pernas e os pés, os dedòs estão ora dobrados, ora estendidos, porém immoveis n'esta posição. O pé está na extensão forçada sobre a perna; os musculos da barriga da perna estão duros e salientes; o andar é difficil ou impossivel; ha as mesmas dôres, as mesmas sensações, a mesma difficuldade de endireitamento que ha no braço.

A contractura invade ás vezes os musculos do pescoço e os do tronco; quando os musculos das paredes thoracicas estão affectados, quando o musculo diaphragma está invadido, os doentes tem dyspnea, queixão-se de oppressão e de suffocação.

Duração, terminações. Esta molestia tem uma duração variavel; ordinariamente dura alguns dias; prolonga-se ás vezes por muitas semanas e mesmo muitos mezes, apresentando então intermissões mais ou menos longas. Sua terminação é quasi sempre feliz.

Causas. As causas d'esta molestia não são conhecidas; ella reina ás vezes sob a fórma de pequena epidemia.

Tratamento. As fricções com balsamo tranquillo, os banhos quentes geraes, internamente o opio, o xarope de ether, o xarope de chloroformio, as pilulas de extracto de belladona, as injeções sub-cutaneas com sulfato de atropina, são mui uteis, na contractura muscular. Eis-aqui as receitas:

Balsamo tranquillo. 120 grammas (4 onças).

Para fazer duas ou tres fricções por dia sobre os musculos contrahidos.

Extracto de opio. 30 centigram. (6 grãos).

Faça 6 pilulas. Para tomar 1 ou 2 pilulas por dia.

Extracto de belladona 25 milligram. (1/4 de grão)

Pós de althéa. q. s.

Faça 1 pilula, e como esta mais tres. Para tomar 1 ou 2 pilulas por dia.

Xarope de ether. 60 grammas (2 onças).

Para tomar uma colher de chá, de 2 em 2 horas.

Xarope de chloroformio. 60 grammas (2 onças).

Para tomar uma colher de chá, de 2 em 2 horas.

Solução de sulfato de atropina para injecções.

Sulfato de atropina. 15 centigram. (3 grãos)
 Agua distillada.. : 15 grammas (1/2 onça).

Enche-se uma pequena seringa com esta solução, adapta-se á canula, penetra-se obliquamente debaixo da pelle a 1 centimetro de profundidade, e comprime-se o embolo para fazer a injecção. Faz-se uma ou duas injecções por dia, e, cada vez, injecta-se só uma gotta da solução, cinco gottas ao mais. Ha seringas proprias para este fim.

Finalmente, a applicação da electricidade, por meio do aparelho de Ruhmkorff, Gaiffé ou Breton, tem curado as contracturas que resistirão aos meios precedentes. Uma simples maçadura, isto é, a fricção prolongada com a mão, foi ás vezes sufficiente para curar a contractura muscular.

CONTRAHERVA, CAAPIA, CAYAPIA, CARAPIÁ. *Dorstenia brasiliensis*, Lamark. Planta do Brasil; habita no Rio de Janeiro,

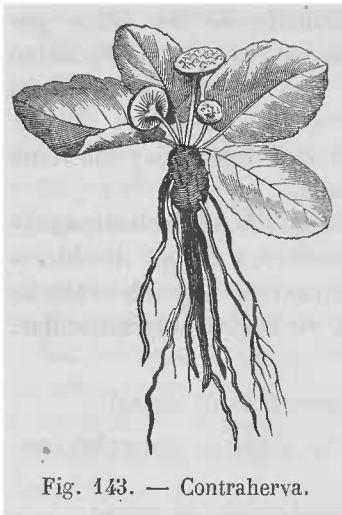


Fig. 143. — Contraherva.

S. Paulo, Minas, Bahia, Pernambuco. Fig. 143. É sem caule, folhas cordiformes; flor miuda, branca, contida n'um receptaculo carnosu; caule subterraneo, vulgarmente chamado raiz, da grossura de um dedo minimo, de duas pollegadas de comprimento, de côr fusca por fóra, branca amarellada por dentro, de sabor amargo e cheiro aromatico; apresenta na parte inferior muitas pequenas radículas, que são as verdadeiras raizes da planta. Ha mais outras especies no Brasil; *Dorstenia bryoniifolia*, Martius; *Dorstenia opifera*, Martius; *Dorstenia arifolia*, Lam.

Nas boticas acha-se tambem a contraherva que habita no Mexico. (*Dorstenia contrayerva*, Linneo.) A raiz d'esta especie é um pouco mais grossa, mas seu cheiro e sabor não são tão fortes como os da especie brasileira.

A infusão da raiz de contraherva é um excitante, emprega-se nas molestias caracterizadas por debilidade e para provocar os menstruos; prepara-se com 4 grammas (1 oitava) de raiz de contraherva e uma chicara d'agua fervendo. Algumas pessoas pensão que a contraherva goza de propriedades especificas nas mordeduras das cobras; o seu nome tirado do hespanhol *contrayerva*, que significa contraveneno, indica o seu uso principal no paiz onde

foi primitivamente achada. Mas taes virtudes são absolutamente imaginarias; a infusão da raiz de contraherva é simplesmente um ligeiro estimulante que pôde servir para provocar a transpiração.

CONTRAVENENO ou ANTIDOTO. Medicamento a que se attribue a propriedade de prevenir, ou combater os effeitos de um veneno.

O numero dos contravenenos é muito mais limitado do que pensão muitas pessoas. Primeiramente é preciso despojar d'este titulo grande numero de substancias inertes, apregoadas pela ignorancia ou má fé. Esta cautela é de grande importancia, para que a credulidade deixe de fazer victimas; porquanto, um momento perdido ou mal empregado em um caso de envenenamento, occasiona quasi sempre um resultado mortal. Não citarei senão um exemplo para demonstrar este perigo. Em algumas partes da America attribue-se a uma planta, chamada *guaco*, propriedades especificas nas mordeduras das cobras venenosas; fazem-se sobre a ferida applicações d'esta planta, que é absolutamente inerte, em vez de se empregar a cauterização com potassa caustica, oleo de vitriolo ou ferro em brasa, que são os unicos meios para destruir o virus.

O leite, o azeite, as bebidas emollientes não são antidotos. Estes meios adoçantes devem acompanhar o emprego dos contravenenos; combatem as inflammações das vias digestivas, que seguem sempre a ingestão das substancias venenosas irritantes; mas, repito, não são antidotos. É preciso entretanto dizer que nos casos em que se não puder recorrer a um contraveneno, ou porque este não exista, ou porque o momento opportuno tenha passado, o leite, o azeite e as bebidas aquosas são os unicos meios que se podem empregar.

Não se deve dar o nome de antidoto senão ás substancias ou medicamentos susceptiveis de decompôr os venenos, e de formar com elles um corpo novo, que não tenha acção nociva sobre a economia.

Os principaes contravenenos conhecidos são : a *clara de ovo*, nos envenenamentos pelo sublimado; a *decocção de quina*, nos envenenamentos pelo emetico; a *magnesia*, nos envenenamentos pelos acidos, etc. Pormenores mais extensos a este respeito vão no artigo ENVENENAMENTO.

CONTREXEVILLE. Aguas alcalinas frias. Itinerario : de Pariz a Neufchateau, 8 horas pela estrada de ferro; de Neufchateau a Contrexeville, 3 horas em omnibus. Despezas, 35 francos.

Contrexeville é uma pequena aldêa de França, de 730 habitantes,

situada no departamento de Vosges. As suas aguas são frias (+ 12° centigrados): tres são as fontes. A fonte de *Pavillon* é a mais importante. A sua agua é fresca, agradável, bem que leve-

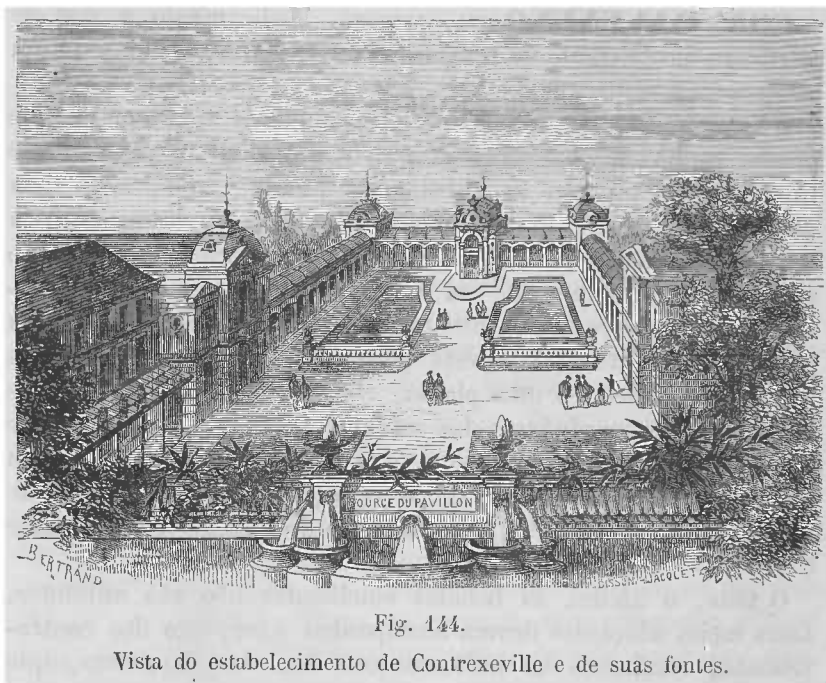


Fig. 144.

Vista do estabelecimento de Contrèxeville e de suas fontes.

mente ferruginea. A analyse chimica, feita por Henry em 1853, deo, em 1 litro d'esta agua, os resultados seguintes :

Gaz : acido carbonico, livre, 0^g,019 ; azoto com um pouco de oxygeno, quantidade indeterminada.

Principios fixos : 2^g,941 de mineralização. Sulfato de cal, 1^g,150 ; de magnesia ; 0^g,190 ; de soda, 0^g,130 ; de potassa, vestigios ; bicarbonato de cal, 0^g,675 ; de magnesia, 0^g,220 ; de soda, 0^g,197 ; de ferro, de manganez, 0^g,009 ; de stronciana, vestigios ; chlorureto de sodio, de potassio, 0^g,140 ; de magnésio, 0^g,040 ; ioduretos e bromuretos alcalinos, vestigios ; silica e alumina, 0^g,120 ; azotatos, vestigios ; phosphatos de cal e de alumina, materia organica azotada, principio arsenical unido ao ferro ; perda, 0^g,070.

As aguas de Contrèxeville empregão-se sobretudo contra as areias, molestia sobre a qual exercem uma acção especifica. Eis-aqui o modo de usa-las.

Bebem-se, no primeiro dia, na dóse de dois a tres copos, de manhã em jejum. Nos dias seguintes, augmenta-se o numero de copos, que se levão insensivelmente até doze ou quinze, algumas

peessoas tomão até vinte e mesmo trinta copos, sem de nenhum modo ficarem fatigadas. Durante os ultimos dias, deve-se diminuir a dóse, de modo a acabar por cinco ou seis copos. A presença da agua na economia manifesta-se pela accleração do pulso, frequencia da respiração, e actividade maior de todas as excreções, especialmente das ourinas e das materias intestinaes. São eminentemente diureticas. Exercem acção directa sobre a substancia pedrosa. Assim, os empregados do estabelecimento mostrão areias sahidas pela urethra, que apresentão sulcos irregulares e depressões, indicando a sua erosão operada pela água mineral. Pouco tempo depois de beber a agua, encontrão-se quasi todos os seus principios mineralizadores nas ourinas.

As aguas de Contrexeville são tambem uteis nas affecções catarrhaes da bexiga, nos engurgitamentos da prostata e na gota.

Os banhos e as duchas entrão por uma grande parte no tratamento. A agua aquece-se por meio de serpentinas que atravessa o vapor d'agua quente.

O estabelecimento thermal possui quartos para moradia, assejados e elegantes; ha boa mesa e um parque bonito. Acha-se ali um Cassino com theatro; sala de concertos, sala de bilhar, sala de jogos e de leitura como em todas as caldas de moda. A estação thermal dura de 15 de junho a 15 de setembro. A temperatura da atmosphera é ali geralmente bastante fria; as variações climatericas são rapidas; pelo que os doentes, que se dirigem a esta estação, devem levar roupa que os preserve do frio.

As aguas de Contrexeville podem ser transportadas sem se alterarem.

CONTUSÃO, MACHUCADURA, PISADURA. Por estes nomes se designa uma lesão ordinariamente produzida por quedas, pancadas, e outras violencias exteriores; pelo encontro de um corpo contundente, uma pedra, uma bala de artilharia, que pisa, machuca, esmaga, móe as partes submettidas á sua acção, sem entretanto produzir a divisão da pelle; mas se a pelle estiver cortada, diz-se que a *ferida é contusa*. Bem que a pelle não fique rasgada na contusão, existe quasi sempre rotura das pequenas veias e arterias situadas debaixo d'ella. O sangue, que estes vasos ministrão, derrama-se nas regiões vizinhas, e produz uma nodoa de côr negra-roxa, chamada *ecchymose*. Algumas pessoas assustão-se quando, em consequencia d'este genero de accidente, experimentado na testa, por exemplo, vêem as palpebras e a cara tornarem-se negras. É um effeito natural da infiltração do sangue, a qual ordinariamente não apresenta grande perigo, e não necessita de maneira alguma, como pensa o vulgo, da applicação de bichas.

Quando os ossos estão abalados com violencia pelos corpos exteriores, [ou recebem nas quedas estremecimentos consideraveis; os abalos que transmittem podem occasionar nos órgãos, mais ou menos afastados, lacerações profundas ou verdadeiras contusões. Eis-aqui um exemplo de muita consideração. Um soldado francez cahio ferido de uma bala em 1814 junto aos muros de Pariz; transportado á ambulancia, não apresentava no corpo indicio algum de violencia; estava para ser o objecto de escarneo de seus camaradas, quando o celebre cirurgião Dupuytren, examinando a região das cadeiras, descobriu n'este lugar uma larga contusão. O doente succumbio em poucas horas, abriu-se o corpo, e achárão-se todos os vasos destruidos, os ossos da columna espinhal quebrados, e o ventre, assim como o peito, cheios de sangue preto: só a pelle tinha resistitido á acção da bala.

Symptomas. Os effeitos da contusão apresentam-se debaixo de tres fórmas principaes, que são: a *ecchymose simples*, a *effusão sanguinea* e a *moedura* da parte.

1º Quando a pisadura é leve, uma dôr mais ou menos viva se manifesta no momento do accidente, e desaparece pouco depois. Succede-lhe um entorpecimento acompanhado de inchação pouco consideravel. Se os vasos capillares contidos na espessura da pelle forão divididos, a inchação é acompanhada, no momento mesmo do accidente, de uma nodoa que se chama, como já disse, *ecchymose*. Se, pelo contrario, a lesão atacou o tecido cellular, que se acha debaixo da pelle, a *ecchymose* não se mostra senão no fim de algumas horas, e ás vezes dois ou tres dias depois. Esta *ecchymose* estende-se; a sua côr violacea torna-se insensivelmente amarellada ou esverdeada. Emfim, tres semanas ou um mez depois, todos os vestigios visiveis da molestia desaparecem completamente. Todavia, em alguns casos, e mesmo quando a *ecchymose* e a contusão parecem ser leves, vê-se ao quarto ou quinto dia, os tegumentos inflammarem-se e desenvolver-se uma *erysipela phlegmonosa*, que produz estragos mais ou menos consideraveis.

2º Quando o corpo contundente produz effusão de sangue, reconhece-se a *ecchymose* por um tumor azulado e livido, fluctuante no centro, e duro na circumferencia.

3º Emfim, quando os tecidos forão moídos e desorganizados pelo corpo contundente, uma dôr violenta se faz sentir na parte no momento mesmo da pancada; mas esta dôr é substituida logo depois por um entorpecimento profundo, e mesmo pela insensibilidade absoluta; a parte conserva-se fria e livida, e apresenta logo todos os signaes de gangrena.

Tratamento da contusão. Quando a contusão é leve e pouco

extensa, a applicação de chumaços embebidos em agua fria, que convem humedecer logo que principião a aquecer, é um dos melhores remedios externos que se podem empregar. Agua salgada, agua fria misturada com vinagre, com tintura de arnica ou com aguardente camphorada, convem tambem n'esse caso. Estas applicações continuadas com perseverança, e renovadas frequentemente para se conservarem sempre frias, bastão ordinariamente para completar a cura, e não são necessarias nem sangrias, nem bichas. Em lugar d'estas applicações podem empregar-se cataplasmas feitas com farinha de trigo e vinho tinto frio : é preciso renova-las duas ou tres vezes por dia. Continua-se este tratamento até á cura, se a contusão fôr leve. Mas, se no segundo ou terceiro dia se manifestar dôr, inchação e vermelhidão, é preciso abandonar estes meios, e recorrer ás cataplasmas de farinha de linhaça quentes. Ás vezes a parte offendida não volta ao seu estado natural senão passado muito tempo.

Quando acontece seguirem-se sem interrupção os symptomas inflammatorios, tornar-se o tumor rapidamente mais volumoso, achar-se a pelle uniformemente vermelha, quente e dolorosa, e apparecer a fluctuação ou tornar-se esta mais evidente, está claro que se formou abcesso. É preciso então abrir com bisturí esse tumor, afim de evacuar todo o sangue misturado com o pus n'elle contido.

Quando a causa contundente produzio effusão de sangue, e se, apesar das applicações resolventes, taes como agua fria e outras acima indicadas, este sangue não fôr absorvido, deve-se tambem abrir o tumor antes que a pelle se adelgace. Espreme-se depois o sangue, e applicão-se cataplasmas de farinha de linhaça.

Emfim, se o membro estiver contuso no ultimo gráo, se as carnes estiverem reduzidas a uma polpa ou massa, e os ossos quebrados, etc., não haverá outro recurso senão a amputação.

Quanto ás *feridas contusas*, devem estas ser lavadas com agua fria, e curadas com fios untados de ceroto simples. Dois ou tres dias depois, quando a ferida estiver inflammada, applicão-se sobre ella cataplasmas de linhaça, que se continuão por alguns dias, até que diminua a vermelhidão e a dôr. Torna-se então de novo aos curativos com fios e ceroto, que se continuão até á cura. *Veja-se FERIDAS CONTUSAS.*

Examinemos agora as contusões nas regiões do corpo em que ellas apresentam alguma particularidade.

Contusão do baço. Depois de uma pancada, uma compressão direita, ou depois de um contra-golpe n'uma quéda, o sangue pôde derramar-se no interior do baço. Este acontecimento pôde

ser seguido de febre, ou de ictericia, consequencia de desordens sympathicas do lado do figado.

Tratamento. Em presença de uma dôr no hypochondrio esquerdo, depois de uma pancada ou de uma quêda, é racional applicar 10 a 12 bichas sobre o ponto doloroso, e depois cataplasma feita de farinha de trigo e vinho tinto. É preciso, tambem, applicar á roda do corpo uma cinta moderadamente apertada.

Contusão da cabeça. As contusões superficiaes produzem na cabeça tumores sanguineos chamados *gallos*. É uma molestia pouco grave. Os *gallos* tratão-se pela compressão, por meio de uma peça de moeda envolvida n'um panno.

Mas os effeitos das pancadas sobre a cabeça podem não limitar-se ás paredes exteriores ; occasionão ás vezes a *contusão do cerebro*. Esta lesão apresenta-se sob dois aspectos differentes : pôde ser limitada a uma porção bem circumscripta da massa encephalica, ou occupar ao mesmo tempo muitos pontos do órgão.

A *contusão circumscripta*, isto é, a que occupa uma extensão pouco limitada, é caracterizada pela desorganização mais ou menos profunda da substancia cerebral. Não ha ponto do cerebro que não possa ser affectado d'esta lesão : as partes profundas podem tambem ser contusas, todavia as partes do cerebro que existem na base do craneo são menos expostas á contusão do que as outras.

A *contusão diffusa* é muito mais rara do que a contusão circumscripta do cerebro. É caracterizada pela presença, em todo o cerebro, de um numero consideravel de pequenos fôcos sanguineos, que varião de tamanho, desde o volume da cabeça de um alfinete até ao de uma lentilha.

Signaes. As diversas porções do cerebro não tem um gráo igual de importancia ; d'aquí resulta que a lesão de certas partes d'este órgão é incompativel com a conservação da vida, ao passo que a lesão das outras partes não apresenta perigo. Quando o tecido cerebral é profundamente desorganizado, e quando a quantidade de sangue derramado é consideravel, as mais das vezes a morte é a consequencia d'esta lesão, e o que a torna mortal, é a inflammação, a suppuração, e, ao depois, a compressão que esta determina. Os accidentes não se declarão senão no quarto ou quinto dia, isto é, no momento da inflammação. Aparece então surdez, modorra, pulso frequente, dôr de cabeça, delirio, agitação, dilatação das pupillas, respiração embaraçada, e, se a contusão é grande, morte.

Tratamento. Quando alguém recebe uma forte pancada na cabeça, quando cahe de grande altura, é preciso, primeiro, reanimar as

forças desfallecentes, dar a cheirar ao paciente vinagre ou agua de Colonia, applicar sinapismos nas pernas, fazer fricções pelo corpo com aguardente ou agua de Colonia, dar a beber algumas colheres de vinho ou de chá de folhas de laranjeira, e, depois, praticar uma sangria. A sangria nunca deve ser praticada no primeiros instantes da quédia, pois que n'esta occasião o pulso deve estar apenas sensível e o corpo frio; mas quando o calor do corpo se houver restabelecido, deve-se recorrer á sangria, e applicar na testa pannos molhados em agua fria. Se se desenvolver inflammação no cerebro, siga-se o tratamento indicado no artigo ENCEPHALITE.

Contusão do escroto. Póde ser seguida do derramamento de sangue entre as diversas camadas d'esta região.

Quando o sangue se derrama no tecido cellular sub-cutaneo, sobrevem ecchymose, isto é, coloração preta da pelle, com tumefacção dolorosa, irregular, molle, levemente fluctuante, debaixo da qual o testiculo se acha intacto. Combate-se este accidente com pannos molhados em agua vegeto-mineral, ou em agua fria misturada com aguardente camphorada. Se se formar abcesso, applica-se cataplasma de linhaça, e abre-se o abcesso. Se o sangue derramado se reunir em um fóco, se não se resolver, e se ha dôres, é preciso fazer a incisão do fóco, tirar o sangue coalhado, e lavar o fóco com agua tepida.

As vezes as contusões do escroto são seguidas do derramamento de sangue no interior da tunica vaginal; forma-se então um tumor que se chama *hematocele*; este tumor é fluctuante e, de ordinario, não doloroso. Se não desaparecer espontaneamente, será necessario praticar a punção do escroto, como na operação da hydrocele.

Contusão do figado. A contusão do figado produz a *ecchymose*, a *inflammação* ou a *rasgadura do orgão* e dos conductos biliares.

1º *Contusão simples.* Em consequencia de uma pancada recebida no hypochondrio direito, ou de compressão excessiva sobre o ventre ou sobre o peito, depois da quédia sobre os calcanhares, o figado póde ser a séde de uma contusão, isto é, de um derramamento de sangue. Uma dôr viva no hypochondrio direito, ás vezes uma hemorragia pelo anus, são os unicos signacs da contusão do figado. Um abcesso póde ser a sua consequencia.

Tratamento. É necessario applicar dez ou quinze bichas no hypochondrio direito, e depois a cataplasma de linhaça; observar a dieta e conservar o repouso o mais absoluto.

2º *Rasgadura do figado.* Tem lugar nas quédas sobre os pés ou sobre os joelhos. Forma-se um derramamento de sangue no inte-

rior do ventre, e se a rasgadura sobreveio ao mesmo tempo no figado e na vesicula biliar, ha derramamento de sangue e de bilis, e a morte é extremamente rapida. As rasgaduras simples do figado são susceptiveis de cura.

Os signaes da ruptura do figado são : agitação, dôres abdominaes, pallidez, fraqueza, desmaios; o diagnostico porém fica quasi sempre duvidoso.

Tratamento. Consiste em sangria do braço, dieta, repouso, limonadas de limão ou de laranja muito frias, geladas mesmo.

Contusão do joelho. Póde ser directa ou indirecta, isto é, póde ser produzida por uma pancada applicada sobre esta junta, ou por uma quédia sobre os pés. Esta ultima contusão, que é produzida pelo choque reciproco dos dois principaes ossos da articulação, é frequentemente seguida de inflammação. As contusões directas podem tambem ter este máo resultado. As contusões do joelho podem ter por effeito extravasações sanguineas no tecido cellular que se apresentam debaixo de differentes fórmas. Estes tumores são, em geral, de uma facil resolução, e é raro que depois de desaparecer o sangue sobrevenhão accidentes.

Tratamento. Durante os dois ou tres primeiros dias, applicuem-se pannos molhados em agua fria ou agua vegeto-mineral frequentemente renovados; mais tarde cataplasmas de linhaça e bichas.

Contusão das juntas. As contusões articulares produzem muitas vezes um derramamento de sangue puro na articulação contusa. Ordinariamente derrama-se pequena quantidade de sangue e muita serosidade. O sangue fica por muito tempo fluido; coagula-se quando sobrevem inflammação.

Symptomas. Dôres bastante vivas, inchação da articulação, e difficuldade nos movimentos sobrevinda pouco tempo depois de uma quédia, caracterizão um derramamento na junta. Se, comprimindo as superficies articulares, percebe-se uma crepitação analogá á que produz o polvilho comprimido entre os dedos, deve-se julgar que existe um derramamento com a coagulação de sangue.

Tratamento. Consiste, a principio, em pannos molhados em agua vegeto-mineral, ou agua fria misturada com aguardente camphorada, ou cataplasmas frias feitas com farinha de trigo e vinho tinto; Tres ou quatro dias depois, applicuem-se cataplasmas de linhaça, quentes. O sangue coalhado póde ficar sem perigo n'uma junta; desaparece pouco a pouco espontaneamente.

Contusão da medulla espinhal. Sobrevem em consequencia das pancadas sobre a columna vertebral. É caracterizada pela dôr sobre o lugar offendido e paralyisia mais ou menos imme-

diata. O tratamento consiste em applicar bichas ou ventosas sarjadas sobre o ponto doloroso da columna vertebral.

Contusão dos musculos. A contusão dos musculos produz, segundo a sua intensidade, entorpecimento, derramamento de sangue, rasgadura das fibras; a suppuração pôde ser a consequencia de uma contusão violenta. O tratamento é o mesmo que está indicado na *contusão em geral*.

Contusão do olho. As contusões sobre o olho são raras por se achar este orgão abrigado por paredes osseas; mas quando acontece terem lugar, a commoção da retina ou um derramamento no olho, arriscão a visão e determinão cegueira, opacidade do corpo vitreo, e até diminuição ulterior do olho. Para prevenir esses resultados, applicuem-se bichas perto do olho, e até sangre-se o doente, se a pancada produziu a mais leve cegueira. Quanto ás contusões superficiaes do olho ou de sua vizinhança, estas determinão mui facilmente a inchação e a infiltração das palpebras; o sangue derrama-se sob a pelle, que passa pelos differentes grãos de coloração propria ás ecchymoses, denegrada, azulada, amarellada. Em certos limites, nenhum d'estes symptomas offerece gravidade alguma; simples applicações de pannos molhados em agua fria bastão em quasi todos os casos.

A contusão pôde ser limitada á cornea; o que acontece, quando corpos estranhos de pequeno volume forão lançados com violencia contra ella. Resulta ás vezes d'este golpe uma inflammção, uma ulceração do ponto ferido ou um derramamento de lympha entre as laminas da cornea.

As saccudiduras communicadas á região orbitaria ou ao olho mesmò, produzem o engrandecimento da pupilla, o despegamento do iris, e occasionão mesmo a rasgadura d'esta membrana; n'este ultimo caso ha derramamento de sangue no interior do olho.

O despegamento do iris, na sua grande circumferencia, observa-se em consequencia de uma chicotada, de uma pancada sobre o olho de rabo de cavallo ou de um ramo de arvore, etc. O olho então inflamma-se, o crystallino e a sua membrana tornão-se opacos, o olho augmenta de volume.

As vezes o sangue resolve-se, e a vista restabelece-se; outras vezes as funcções do olho são gravemente compromettidas.

Em todas as contusões immediatas do olho, por pouco que a pancada seja forte, é preciso praticar sangria no braço, applicar bichas na fonte, e, no olho, pannos molhados em agua fria simples, ou na agua vegeto-mineral. Passados tres ou quatro dias, depois do accidente, applicão-se cataplasmas de linhaça.

Contusão dos ossos. A contusão dos ossos, quando não

determina uma fractura, causa derramamentos de sangue no periostio e na medulla. A inflammação chronica, a necrose, a carie póde ser a consequencia d'este accidente. As contusões dos ossos por balas de espingarda occasionão muitas vezes a necrose.

Não se conhece a contusão dos ossos profundos senão pela dôr, e inchação do osso.

Tratamento. Consiste em repouso, e cataplasmas de linhaça regadas com agua vegeto-mineral. Se as dôres são mui vivas, é necessario applicar dez bichas. No caso de accidentes consecutivos, siga-se o tratamentõ indicado na osteite, necrose e carie.

Contusão das palpebras. *Veja-se* PALPEBRAS.

Contusão do peito. As contusões do peito são produzidas pelos choques violentos, pelas quédas, ou compressões energicas e continuadas.

As contusões leves limitão-se á pelle, ao tecido cellular subjacente, e sárão como nas outras partes do corpo. Mas se a contusão foi violenta, póde estender seus effeitos profundamente. Ha então, ás vezes, fractura das costellas, sem solução de continuidade da pelle. Mas os effeitos de uma quéda, de um embate, de uma pressão violenta, manifestão-se ás vezes mesmo no parenchyma pulmonar, e isto ainda sem solução de continuidade da pelle, sem fractura dos ossos, sem lesões phisicas das costellas. Esta solução de continuidade do pulmão observa-se, ora n'um ponto correspondente á parte do peito que recebeu o choque, ora n'um lugar afastado d'esta.

A pneumonia póde sobrevir durante os primeiros dias que seguem o accidente; é a complicação que mais se deve receiar; ou então será um pleuriz que não apparecerá senão muito tempo depois; emfim uma bronchite consecutiva é ainda um dos resultados possiveis da contusão e rasgadura do pulmão.

Tratamento. A indicação principal consiste em prevenir e combater os accidentes inflammatorios do lado da pleura e do pulmão. Deve-se sangrar o paciente, e mais tarde é necessario applicar-lhe bichas no peito. O numero das emissões sanguineas será proporcionada á idade do doente e á intensidade da molestia. Nos primeiros dias tomará só caldos de gallinha, e bebidas emollientes, taes como a infusão de flores de malvas ou de raiz de althéa.

Contusão do perineo. Chama-se perineo ao espaço comprehendido entre o anus e as partes genitaeas. As contusões d'esta região são bastante frequentes. Os marinheiros, quando cahem dos mastros, ficão, ás vezes, escarranchados em cordas muito tesas, d'onde resultão fortes contusões no perineo que se estendem até á urethra. Quanto mais limitada é a superficie do corpo sobre o qual

se cahe, tanto maior é o seu effeito sobre a urethra. O Dr. Chopart refere a historia de um homem de 25 annos, que cahio de uma janella escarranchado na margem de um tonnel sem fundo collocado perpendicularmente, o que lhe causou no perineo uma forte contusão sem ferida exterior; deitou muito sangue pelo canal da urethra. No dia seguinte teve uma retenção de ourina. Sondárão-n'ó: sahio sangue e ourina. Depois de evacuada a ourina, tirou-se a sonda. Algumas horas depois, não podendo elle satisfazer á necessidade de urinar, quizerão sonda-lo de novo, mas não foi possivel.

Quando a contusão attinge a porção esponjosa do canal da urethra, e se é levada a um certo gráo, resulta d'isto uma rasgadura do tecido e a formação, ao nivel da parte contusa, de uma cavidade de tamanho variavel e cheia de sangue. O canal fica por conseguinte obstruido, o que explica as difficuldades que experimentão os pacientes para urinar, e os obstaculos que o cirurgião encontra para introduzir a sonda.

Toda a contusão da urethra póde occasionar muitos accidentes immediatos: a hemorrhagia, a obstrucção do canal pelo tumor sanguineo, com a retenção de ourina que é a sua consequencia, e ás vezes a infiltração d'este liquido nas camadas do perineo.

Nos casos mais favoraveis, o tumor sanguineo termina pela resolução, mas o canal da urethra fica estreitado no ponto correspondente. Se o tumor se inflammã e suppura, forma-se um abcesso que se abre ou no canal, ou fóra do canal, ou n'essas duas direcções ao mesmo tempo.

Tratamento. A indicação mais urgente a preencher consiste em fazer cessar a retenção de ourina; obtem-se ás vezes este resultado, applicando bichas no perineo, e administrando semicupios prolongados d'agua tepida. A introducção da sonda offerece, n'este caso, difficuldades taes que convem retardar esta operação o mais possivel, e pratica-la com as maiores precauções por meio de uma sonda grossa flexivel, introduzida mui lentamente. Existindo infiltrações de ourina nas camadas do perineo, pratiquem-se incisões largas e profundas, para dar sahida aos liquidos. Se não fôr possivel introduzir a sonda na bexiga, faça-se uma incisão no canal, na região do perineo, e introduza-se n'ella uma canula para prevenir a infiltração da ourina.

Os estreitamentos da urethra, consecutivos ás contusões do canal, combatem-se pela dilatação praticada com as sondas.

Contusão dos rins. A contusão dos rins é a consequencia de todas as violencias exteriores que actuão sobre estes orgãos, quer directa quer indirectamente; são: o abalo dos rins nos cavalleiros fortemente sacudidos pela andadura do cavallo; as fortes

contusões das cadeiras; as quedas de um lugar mais ou menos elevado, etc. Ha n'estas lesões muitos grãos, desde uma simples ecchymose da substancia renal até á rasgadura do rim em duas partes, com derramamento de sangue no tecido celllular ou na cavidade do peritoneo.

Os *Symptomas* são variaveis : quando a contusão é a consequencia de alguma violencia exterior sobre as cadeiras, manifesta-se a côr roxa n'essa região; as ourinas são sanguinolentas; alguns doentes perdem muito sangue puro pelas vias urinarias, nas primeiras horas que seguem o accidente; outros tem hematuria na época mais afastada. A região lombar é dolorosa á pressão.

As contusões dos rins terminão de diversas maneiras : quando a rasgadura é pouco profunda, os doentes sárão depois de passarem pelos *symptomas* de uma nephrite; se a lesão é profunda, resultão d'ella derramamentos sanguineos na cavidade abdominal ou no tecido celllular que reveste os rins. Os doentes podem succumbir da abundancia da hemorrhagia, ou dos phenomenos inflammatorios que são a sua consequencia. O prognostico depende, pois, da extensão das desordens.

Tratamento. A primeira indicação a preencher consiste em prevenir a inflammação. Para este fim é preciso praticar uma sangria ou applicar bichas nas cadeiras, conforme a gravidade dos *symptomas*. Se as ourinas não podem ser expulsas, por causa da coagulação do sangue, cumpre introduzir a sonda na bexiga. O doente deve conservar-se em repouso, observar a dieta, usar de limonadas de limão ou de laranja. Sobre as cadeiras applicuem-se continuamente pannos molhados em agua fria. Se as ourinas sanguineas apparecem alguns dias depois do accidente, combatem-se com applicação de gelo nas cadeiras. Se se formar abcesso na região lombar, dê-se sahida ao pus com lanceta.

Contusão dos seios nas mulheres. Podem ser leves e não produzir senão um pouco de extravasação de sangue no tecido celllular sub-cutaneo; ou ser mais fortes e occasionar um verdadeiro tumor sanguineo. Quando a pancada é realmente forte, o tecido celllular que se acha no interior da glandula mamaria, pôde ser attingido e esmagado; d'ahi resultão infiltrações de sangue mais ou menos consideraveis ou verdadeiros depositos sanguineos. Quando a violencia exterior actua sobre o seio de uma mulher que dá de mamar, pôde occasionar uma rasgadura dos canaes lactiferos, e, ao depois, uma infiltração de leite. O tecido celllular sub-mamario pôde ser rasgado, quando o corpo contundente tem uma larga superficie e obra energeticamente. A ecchymose, effeito d'estas diversas contusões, produz-se mais rapidamente quando o

tecido cellular está só rasgado; tem lugar mais tarde quando é a glandula, e a uma época mais afastada ainda, quando é o tecido sub-mamario. Às vezes, n'este ultimo caso, a côr denegrida da pelle não apparece senão ao cabo de muitos dias, e observa-se não no seio, mas sim na sua circumferencia.

O *tratamento* compõe-se de pannos molhados em agua fria ou em agua vegeto-mineral, que se applicão no primeiro dia, e da cataplasma seguinte que se applica no seio nos dias seguintes :

Farinha de mandioca.	60 grammas (2 onças)
Vinho tinto	240 grammas (8 onças).

Ferva a farinha com o vinho a calor brando, até á consistencia de cataplasma. — Póde-se tambem empregar a cataplasma de farinha de trigo e vinho tinto frio. — Se o fóco sanguineo se inflamar, applique-se uma cataplasma de linhaça.

Contusão do testiculo. É seguida frequentemente da inflamação d'este orgão; necessita, no primeiro dia, da applicação de pannos molhados em agua fria ou agua vegeto-mineral igualmente fria. No dia seguinte, cumpre applicar bichas na virilha ou perineo, e cataplasmas de linhaça no escroto.

Contusão da urethra. *Veja-se* CONTUSÃO DO PERINEO.

Contusão do ventre. As contusões das paredes do ventre não sendo intensas, são pouco graves. Curão-se com applicações de pannos molhados em agua misturada com um pouco de aguar-dente camphorada.

Se a contusão é algum tanto forte, póde ser seguida de inflamação do peritoneo ou de algum orgão interior do ventre. Estas inflamações são annunciadas pelo augmento das dôres : exigem a applicação de bichas e de cataplasmas de linhaça.

As contusões fortes sobre o ventre podem produzir rompimentos dos orgãos internos. Assim, as pancadas violentas sobre o ventre, as quedas dos corpos pesados sobre esta região, ou uma forte compressão, como a de uma roda de carro, podem produzir a ruptura do figado, do estomago, dos intestinos.

O *figado* está muito exposto ás contusões. Quando são fortes, podem produzir a ruptura d'este orgão e um derramamento de sangue que torna o caso mortal; mais fracas occasionão a inflamação. Sobrevem então todos os caracteres da hepate.

Todas as rupturas internas do ventre são graves; manifestão-se pelos symptomas dos derramamentos internos, e pelos signaes que se referem ás funcções dos orgãos principalmente offendidos. O signal caracteristico da ruptura dos intestinos é a inchação subita do ventre, produzida pelo derramamento dos gases intestinaes.

A contusão do *estomago* é ás vezes consequencia das pancadas

recebidas na região epigastrica, d'onde pôde resultar um desmaio mais ou menos prolongado.

A *ruptura* do estomago é annunciada por uma dôr violenta no epigastro, uma sensação de calor que se propaga no ventre, uma tumefacção do ventre, uma anxiedade extrema, frio das extremidades e desmaio.

O *tratamento* das contusões fortes dos órgãos internos compõe-se da applicação de bichas no ventre, e de cataplasmas de linhaça.

CONVALESCENÇA. É um estado intermedio entre a molestia que finaliza e a saude que vai voltando. As molestias agudas, levemente inflammatorias, que percorrem seus periodos em sete ou quatorze dias, tem commummente uma convalescença rápida, sobretudo quando, durante o seu curso, não houve abuso de evacuações sanguineas. Depois das febres graves, pelo contrario, o corpo manifesta, por mais ou menos tempo, as fadigas que experimentou ou os perigos a que esteve exposto, e são ainda necessarios cuidados mais ou menos consideraveis. Não é sempre facil determinar quando cessão as molestias chronicas. Em geral, todo o doente deve ser declarado convalescente, logo que as suas funcções se fazem regularmente, e só permanece alguma languidez ou debilidade.

O emmagrecimento, a pallidez, a fraqueza muscular, a debilidade da intelligencia, o enfraquecimento dos órgãos digestivos, e outros symptomas que caracterizão o principio da convalescença, annuncião que o corpo precisa ser regenerado, depois da luta que pôz em perigo a sua existencia. A regra mais essencial no tratamento da convalescença consiste em proceder gradualmente, observando com attenção de que maneira cada cousa é tolerada. O appetite é um bom signal, mas nunca deve exceder as forças digestivas; não deve satisfazer-se senão com reserva e nunca até á saciedade. Em todos os casos, é importante fraccionar os alimentos, toma-los em pequena quantidade, ainda que frequentemente, e observar certa ordem de successão, segundo suas qualidades nutritivas e digestivas. Principia-se por caldo ou leite, gemadas, mingãos com feculas de tapioca, de sagú, de araruta, salepo, etc., gcléas vegetacs ou animaes, fructas bem maduras e ovos; passa-se successivamente a uma alimentação mais solida, mais restaurante; depois dos caldos de substancia seguem-se os peixes, as carnes assadas de animaes novos e depois adultos; os mólhos, os temperos não convem senão mais tarde. Agua com um pouco de vinho ou uma pequena quantidade de vinho puro, durante as comidas, é ordinariamente util. É preciso igualmente graduar os exercicios musculares e intellectuaes, e reanimar, sem fadiga, os

movimentos e o espirito. A habitação no campo é sempre vantajosa; é bom também tomar um banho. Para acelerar o restabelecimento das forças, os medicos costumão prescrever algum amargo; infusão de lupulo, vinho de quina, são as preparações que mais convem. Purgantes repetidos usárão-se por muito tempo na convalescença de quasi todas as molestias. Os progressos da medicina proscrevêrão essa pratica, que não é de utilidade alguma. — Emfim, cumpre evitar todas as especies de fadigas e excessos, e sobretudo abster-se de Venus, antes de ter adquirido o sentimento do restabelecimento das forças.

CONVULSÕES. Entende-se, geralmente, por convulsões, todo o estremeamento ou contracção violenta, alternativa e involuntaria dos musculos, que habitualmente não se contraem senão sob a influencia da vontade. As convulsões não são mais que um symptoma ou indicio de alguma molestia; dependem sempre da irritação de alguma parte do systema nervoso. Suppõe-se, em geral, que o cerebro é o orgão especialmente affectado nas convulsões. As convulsões apparecem na *gota coral*, *hysterismo*, *raiva*, *tetano*, *febre cerebral*; o seu tratamento, por conseguinte, é o mesmo indicado n'estas molestias. Entretanto, a causa das convulsões é ás vezes difficil de determinar. Podem depender de emoções vivas da alma, como uma forte contrariedade, a ira, a alegria, o susto, da suppressão da transpiração ou de algum fluxo habitual.

Não ha tratamento geral para as convulsões, é preciso ir sempre á causa, porque, repito, não constituem senão um symptoma. Entretanto, como sobrevem ordinariamente nos individuos nervosos, cumpre associar ao tratamento principal os meios proprios para diminuir essa susceptibilidade dos nervos. Para semelhante fim, pôde-se empregar o ether sulfurico na dóse de 15 a 20 gottas em meia chicara d'agua com assucar, um pouco de agua aromatizada com agua de flores de laranjeira, e uma chicara de chá de herva cidreira ou de folhas de laranjeira. Ha duas especies de convulsões que, em razão da sua causa especial e sua frequencia, merecem uma descripção separada; taes são as *convulsões das crianças*, e as *das mulheres parturientes*.

Convulsões das crianças. — *Causas.* As crianças são atacadas de convulsões ordinariamente depois do seu nascimento até á idade de tres annos. Em alguns meninos predispostos á molestia que nos occupa, observa-se uma physionomia e caracteres particulares; assim a cabeça é mui volumosa, e a intelligencia mui prematura, são mui facilmente irritaveis; pela causa mais ligeira tornão-se pallidos e vermelhos alternativamente, o seu somno é interrompido, curto, leve, tem rangidos de dentes, acordão fre-

quentemente e por sobresalto, e dão gritos agudos. Com esta predisposição, qualquer causa ligeira basta para produzir convulsões; um susto, um accesso de colera, o ciume, que não é raro nas crianças, e em geral toda a causa que provoca uma emoção viva. Tem-se visto até simples cocegas, uma dôr aguda, o ar quente de uma igreja, de uma sala ou de um theatro, produzir o mesmo effeito. A dentição difficil e a presença dos vermes nos intestinos são consideradas como a causa mais ordinaria d'ellas; mas apparecem tambem as convulsões sem causa conhecida. Uma simples indigestão pôde ser seguida de convulsões. Nas crianças recém-nascidas podem depender da compressão da cabeça pela bacia, ou pelo forceps empregado para accelerar o parto.

Symptomas. Umaz vezes as causas que deixei mencionadas dão lugar subitamente aos accessos convulsivos, outras vezes o mal é precedido de alguns signaes precursôres. O somno é perturbado, o character torna-se mais irritavel, os olhos são mais vivos, mais luzentes, o pulso frequente; emfim a molestia declara-se: de repente o rosto exprime a dôr e o pavor, os olhos conservão-se abertos, vesgos, virados e agitados por tremores rapidos; os membros tornão-se igualmente tremulos, alternativamente estendidos e dobrados, o rosto permanece em geral vermelho, ás vezes pallido, a bocca frequentemente torta, as veias do pescoço inchão, sente-se o coração bater tumultuosamente, a respiração é acompanhada de estertor, podem existir soluços, vomitos, e emissão involuntaria da ourina e das materias intestinaes. As mais das vezes, entretanto, as convulsões não são geraes, podem não se mostrar senão de um lado do corpo, ou limitar-se ao rosto e aos membros superiores. Em todos os casos ha perda de sentidos. Nas crianças recém-nascidas os symptomas podem ser muito menos salientes; manifesta-se uma rijeza nos membros, o rosto torna-se pallido e os beiços azues, a respiração accelera-se, os olhos estão fixos, e depois de alguns segundos, tudo desaparece, a criança dá um grito e volta a si.

Duração e Prognostico. Nas crianças a duração dos ataques varia muito; ora as convulsões cêssão passados alguns minutos, ora não desaparecem senão depois de algumas horas; outras vezes os accessos são de curta duração, mas succedem-se com rapidez; a criança, depois de recobrar os sentidos, adormece ordinariamente. Tambem não é raro ver a mortê sobrevir durante o ataque das convulsões.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer a uma criança affectada de qualquer convulsão, é desembaraça-la de todas as compressões, despi-la completamente, e colloca-la n'um lugar

fresco, no qual o ar circule livremente, e não em alcova ou quarto fechado, como muitas pessoas costumão fazer.

Cumpra applicar sinapismos nos pés, e um instante depois muda-os para as pernas e coxas. Appliquem-se na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre; approxime-se ao nariz um lenço molhado em vinagre ou em agua de Colonia; dê-se a beber uma colher d'agua fria com assucar e com algumas gottas d'agua de flores de laranjeira; administre-se um clyster d'agua morna simples; administre-se pela bocca uma colher *de sopa* de oleo de ricino. De quarto em quarto de hora dê-se a beber uma colher *de sopa* da poção seguinte :

Agua..	90 grammas (3 onças)
Ether sulfurico. .	10 gottas
Assucar	15 grammas (1/2 onça).

Se com este tratamento as convulsões não cessarem, e estando o corpo quente e o pulso forte, applicuem-se duas ou quatro bichas atraz das orelhas; cumpra abster-se das emissões sanguineas, se o rosto estiver pallido, a cabeça fria ou o pulso fraco.

Se as convulsões persistirem, metta-se a criança n'um banho d'agua morna e deixe-se n'elle meia hora, uma hora e mais, tendo o cuidado de manter continuamente na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre.

Depois do banho, dê-se um clyster morno preparado segundo a receita seguinte :

Infusão de valeriana	150 grammas (5 onças)
Camphora.	20 centigrammas (4 grãos)
Assafetida.	20 centigrammas (4 grãos)
Gema de ovo	Uma.

Se a criança adormecer, deixem-n'a tranquilla, e não se dê o remedio senão quando acordar.

Passado o ataque das convulsões, suspeitando-se lombrigas, cumpra administrar os remedios vermifugos. *Veja-se VERMES.*

Convulsões das mulheres gravidas e parturientes ou Eclampsia. Mostrão-se raramente antes do sexto mez da gravidez, as mais das vezes no oitavo e nono; podem sobrevir tambem após o parto, mesmo sete e oito dias depois, mas quasi sempre se observão durante o trabalho da parturição, ou immediatamente antes d'elle.

Causas. As convulsões atacão as mulheres de todas as constituições, mas são mais frequentes nas plethoricas, n'aquellas cuja menstruação é abundante, nas que são gravidas pela primeira vez, n'aquellas cujo utero se acha mui distendido, ou pela presença de mais de uma criança, ou por grande quantidade de

liquidos, nas que estão affectadas de uma inchação consideravel. Uma affecção moral viva, um parto doloroso e difficil, podem tambem determina-las. Depois do parto, reconhecem por causa a retenção das pareas ou dos coalhos de sangue.

Symptomas. — 1º *Prodromos.* Dôr de cabeça, vertigens, olhos luzentes, coloração e leve tumefacção no rosto, calefrios, deslumbra-mentos, e até cegueira completa ou incompleta, nauseas, e ás vezes vomitos; tacs são os symptomas precursores das convulsões das parturientes. Ás vezes estas convulsões sobrem inopinadamente. — 2º *Accesso.* Um augmento de dôr de cabeça e de vertigem, e um estado de afflicção precedem ordinariamente o accesso; o rosto torna-se vermelho, os olhos ficão revirados, dirigidos para um só ponto, tremendo com pequenos movimentos convulsivos; os membros estendem-se e inteirição-se. O rosto é agitado por contracções frequentes, torna-se roxo, assim como grande parte da superficie do corpo; a lingua sahe da bocca e fica apertada pela approximação violenta das arcadas dentarias; a bocca torce-se frequentemente para um lado, os membros soffrem tremores com movimentos promptos de meia flexão e de extensão; a sensibilidade, a intelligencia, a memoria, são inteiramente abolidas. A respiração, a principio irregular e executada com estremecimentos, suspende-se emfim totalmente; as materias fecaes e as ourinas são involuntariamente expellidas, o pulso é forte e frequente. Passado algum tempo, parão as contracções, a doente cahe n'um somno profundo, a bocca fica cheia de uma escuma sanguinolenta, ou de uma baba viscosa, a respiração principia a restabelecer-se por alguns soluços irregulares, seguidos de um estertor violento, devido em parte a essas mucosidades escumosas; pouco a pouco torna-se regular e mais facil. Emfim, as faculdades intellectuaes restabelecem-se ás vezes gradualmente, mas a doente não tem a minima lembrança de tudo o que se passou, a ponto de ficar admirada de já não estar gravida, se pario durante esse estado. Estes accessos durão de um até cinco minutos, e repctem-se ás vezes de momento a momento; outras vezes, pelo contrario, só tem lugar com grandes intervallos; o numero dos accessos varia desde um até trinta. — 3º *Intervallos dos accessos.* Entre os primeiros accessos a doente recobra os sentidos completamente, pouco a pouco o somno dura mais, e é seguido, em alguns casos, de violento delirio, porém mais frequentemente de pasmo: a doente tem apenas um vago conhecimento do seu estado, e unicamente responde ás perguntas que se lhe fazem.

Prognostico. É menos grave nas mulheres sanguineas, porém

mais nas infiltradas. É menos sinistro, se as convulsões se declararem depois do parto, ou nos ultimos momentos do trabalho; é mais perigoso durante este mesmo trabalho; porque cada dôr um pouco forte provoca um accesso; é, emfim, muito mais grave quando o trabalho não está declarado, porque n'este caso não se pôde afastar a causa determinante, que é a distensão do utero, e porque, além d'isto, a molestia é ordinariamente funesta á criança, a qual nasce quasi sempre morta, se as convulsões durarão algum tempo. Deve-se agourar bem das convulsões que permitem o regresso da intelligencia depois de cada accesso.

Estas convulsões são frequentemente mortaes; são funestas quasi sempre, se sobrevem antes do parto ou nos seus primeiros instantes, e se são combatidas por meios pouco adequados ou insufficientes. Às vezes, deixão após si diversas paralyrias; declara-se frequentemente uma febre cerebral, que muitas vezes é seguida de morte.

Tratamento. A evacuação do utero é o melhor meio de prevenir a terminação funesta das convulsões que tem já percorrido a maior parte de seu curso. Desgraçadamente, nem sempre é possível empregar este remedio soberano. Se o parto não principiou, cumpre limitar-se aos meios abaixo expostos; se progredes com lentidão, bem que declarado, pôde-se acelerar rompendo com o dedo as membranas que envolvem o feto, e basta esta operação para desencher momentaneamente o utero e fazer cessar as convulsões. Nos casos graves, e quando toda a medicação fôr inefficaz, será conveniente recorrer á punção das membranas, embora a parturição não se annuncie de maneira alguma. Se, pelo contrario, o parto estiver assaz adiantado para que se possa extrahir o feto, nunca se deve hesitar em fazer a versão ou a applicação do forceps para salvar a criança, se fôr possível, e subtrahir a mãe a accidentes mais perigosos. Emfim, nunca convem deixar de fazer a extracção das pareas, quando as convulsões são posteriores á sahida da criança.

Quando as circunstancias não permittirem recorrer á extracção do feto, a sangria do braço occupa o primeiro lugar entre os meios que devem ser postos em pratica. Deve-se recorrer a ella, mesmo quando as convulsões continuarem depois do parto. É necessario tirar pelo menos 300 grammas de sangue pela sangria. Bichas no pescoço tambem aproveitão bastante.

Depois applicuem-se sinapismos nos pés e nas pernas, e ponhão-se na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre. Um banho morno geral, no qual a doente deve ficar por uma hora, pôde ser empregado com vantagem depois de tudo isto, conti-

nuando sempre os pannos frios na cabeça durante todo o tempo que a doente estiver no banho. Ao mesmo tempo, dê-se, de quarto em quarto de hora, uma colher *de sopa* da poção preparada pela mistura das substancias seguintes :

Agua..	120 grammas (4 onças)
Ether sulfurico.	20 gottas
Camphora.	60 centigram. (12 grãos)
Laudano de Sydenham.	20 gottas
Xarope de gomma.	15 grammas (1/2 onça).

O chá de herva cidreira ou de folhas de laranjeira é util para acalmar as dôres de cabeça, e as vertigens que persistem depois dos accessos.

Devem-se tirar as ligas e todos os vestidos que possuão constringer a circulação do sangue; cumpre fazer entrar ar fresco no quarto, e vigiar que a doente não se magoe em algum corpo vizinho; é preciso para isto contê-la sem violencia na cama; convem tambem repellir a lingua para o interior da bocca quando se apresenta entre os dentes, e metter entre estes um lenço.

COPAHIBA, OLEO DE COPAHIBA, BALSAMO DE COPAHIBA, OU RESINA DE COPAHIBA. Esta resina liquida mana das incisões feitas no tronco de muitas arvores do genero *Copaifera*, chamadas copahibeiras, da familia das Leguminosas, que habitão na America desde o Brasil até ao Mexico e ás Antilhas; mas a especie que fornece o melhor oleo, é a *Copaifera officinalis* que habita no Brasil.

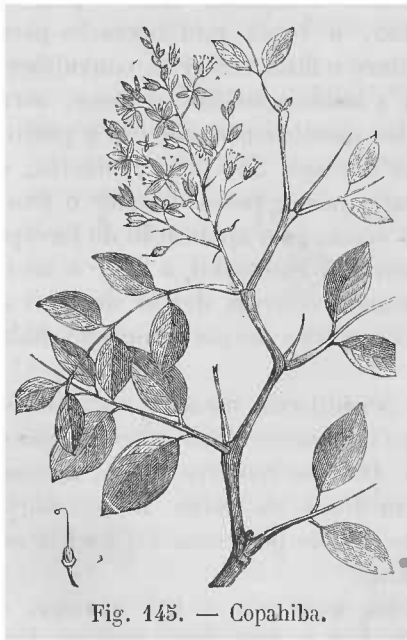


Fig. 145. — Copahiba.

A copahiba officinal, *Copaifera officinalis*, Jacq. (Fig. 145), é uma arvore de 15 a 20 metros de altura. Ramos glabros, tortuosos, formando zigue-zagues; folhas alternas, pecioladas, lucentes, compostas de 3 a 4 pares de foliolos ovaes, inteiros; flores brancas, axillares, dispostas em espigas alternas; fructo, vagem oval, bivalve, contendo

uma unica semente envolta n'uma polpa. Esta arvore habita no Brasil, na Guyana, na Nova Granada, etc. Quando se acha na sua

força, dá facilmente 12 libras de succo oleo-resinoso por uma unica incisão, e fazem-se duas e tres incisões por anno.

As outras especies ou variedades são: *Copaiifera Langsdorffi*, Desf. (S. Paulo, Minas); *Copaiifera coriacea*, Mart. (S. Paulo, Minas) *Copaiifera Beyrichii*, Hayn; *Copaiifera Martii*, Hayn, (Pará e Maranhão); *Copaiifera nitida*, Martius, (Cuyabá), etc. O succo que escorre d'estas arvores varia por sua côr mais ou menos escura, por sua consistencia, por seu cheiro mais ou menos forte, e pelo sabor mais acre ou mais amargo.

A resina de copahiba é ordinariamente liquida, da consistencia de xarope, transparente, branca-amarellada; com cheiro particular, forte e desagradavel, gosto acre e repugnante. Esta resina usa-se frequentemente em medicina; goza de propriedades adstringentes muito energicas, e emprega-se efficazmente nas blennorrhagias e flores brancas; produz ás vezes uma erupção cutanea semelhante á dos sarampos. Administra-se na dóse de 8 a 16 gram. (2 a 4 oitavas) por dia, pura ou misturada com outras substancias que possam disfarçar o seu gosto desagradavel. Entra na composição da poção de Chopart, da mistura balsamica de Fuller, da mistura brasileira, e de todos os opiatos e pilulas contra a blennorrhagia. Para evitar as nauseas, as dejeções alvinas e os vomitos que occasiona, alguns facultativos administrão esta resina em clysteres. Hoje os doentes podem tomar a copahiba sem repugnancia, pois de alguns annos a esta parte, os pharmaceuticos mettem esta resina em capsulas gelatinosas, que se engolem tão facilmente como os bolos ou as pilulas. Tambem se fazem confeitos de copahiba.

COPAL. Resina secca, de côr amarella, transparente, de sonoridade metallica, inodora, insipida, mais densa do que a agua. Dá-se-lhe ás vezês no commercio o nome de *copal duro*, para o distinguir do *copal tenro*, nome que se dá á resina *animé*.

O **copal duro** escorre naturalmente de uma arvore da familia das Leguminosas, chamada por Gærtner *Hymenoclea verrucosa*; habita na ilha de Madagascar, d'onde foi transportada aos diversos pontos da India que exportão o copal. Apresenta-se: 1º em lagrimas ou estalactitas, e chama-se então no commercio *copal de Madagascar*; é liso na superficie, transparente, de côr amarella-escura uniforme; de fractura vitrea, e é tão duro que a ponta de uma faca pôde apenas fazer-lhe um risco; é insipido e inodoro quando frio; amollece-se ao fogo e torna-se um pouco elastico; não se derrete senão em temperatura muito elevada, e exhala então um cheiro aromatico. 2º O que se acha enterrado na areia, é o copal chamado de *Bombay*; o seu exterior é opaco e friavel, em consequencia da

acção da humidade. 3º O mesmo, desembaraçado de sua camada externa impura, por meio da solução de carbonato de potassa, é chamado *copal de Calcuttá*; é em pedaços de côr amarella-pallida, duro, vitreo, aspero.

Emprega-se sobretudo para a fabricação dos melhores vernizes siccativos.

O copal duro é pouco solúvel no alcool, mas pulverizado e exposto por muito tempo ao contacto da agua, em lugar quente, perde uma pequena porção do seu carbone, e adquire propriedades novas e importantes para a preparação do verniz de copal. Antes pouco solúvel no alcool e no ether, torna-se muito solúvel n'estes liquidos depois d'esta transformação.

O copal duro parece-se muito com o succino; e mesmo alguns industriosos fabricão com elle os boccaes para cachimbos ou as boquilhas para fumar charutos, que não durão, e rachão pela primeira acção do fogo, ao passo que os de succino resistem.

Distingue-se o copal do succino pelos caracteres seguintes:

1º O copal duro inflamma-se á chamma de uma vela, derrete-se n'ella completamente e cahe em pingos. O succino, muito menos fusivel, intumece quando arde e não se derrete.

2º O copal duro, molhado com o alcool de 80º centesimaes, torna-se viscoso, e o alcool evaporado deixa sobre elle uma nodoa branca que lhe tira a transparencia. O succino submettido á mesma experiencia conserva-se secco e transparente.

Copal tenro. Dá-se este nome a uma resina, chamada nas pharmacias *animé*, vulgo *resina de jatahy*, que escorre de uma arvore do Brasil, *Hymenæa courbaril*, Linneo, que é da mesma familia das Leguminosas que a *Hymenæa verrucosa* que fornece o copal duro. É em pedaços cinzentos, semi-transparentes; mas differe do copal duro, porque se dissolve facilmente no alcool, e se deixa riscar pela ponta de uma faca. *Veja-se JATAHY.*

COQUEIRO. Genero da familia das Palmeiras, contém arvores que habitão na India, na Africa, nas Antilhas, na America meridional e na Oceania. Estas arvores são de uma altura gigantesca, e de fórma elegante. O seu tronco nú é coroado em cima por uma reunião de folhas chamadas *palmas*, mui grandes, persistentes, digitadas, ou decompostas em um numero mais ou menos consideravel de foliolos de fórmas variadas; as flores formão um vasto racimo; os fructos são seccoos ou carnosos; as mais das vezes consistem em uma drupa carnosa ou fibrosa contendo um caroço osseo e mui duro. Este genero de plantas contém especies uteis a muitos respeitos. O mais importante é o Coqueiro da Bahia ou da India.

Coqueiro da Bahia ou da India, *Cocos nucifera*, Linneo. Arvore originaria da India, naturalizada no Brasil. Fig. 146. No Rio de Janeiro dão-lhe o nome de *coqueiro da Bahia*; em Pernambuco simplesmente o de *coqueiro*. Tem ordinariamente 20 a 25 metros de altura. O diametro do seu tronco é de 30 a 50 centímetros. As folhas, do comprimento de 4 a 5 metros, são formadas de foliolos lanceolados, estreitos, agudos, tendo metro e meio a 2 metros de comprimento. As flores são dispostas em espiga ramificada, chamada *cacho*, o qual é envolvido n'uma grande folha, a *spatha*. Aos ovarios, que encerrão as numerosas flores femeas, succedem fructos chamados *cocos*, em cachos, de 15 a 20. Na idade de 7 mezes este fructo adquire todo o seu tamanho. É uma drupa fibrosa, da grandeza da cabeça de um homem. Quatro partes principaes o compõem: o envoltorio externo, a noz, a amendoa e o succo. O envoltorio é composto de uma substancia em parte fibrosa. A noz, de côr roxa, é dura como o marfim. A amendoa é branca, oleosa, e dá pela pressão um liquido branco, assucarado, mucilaginoso. O liquido de coco, encerrado na cavidade da amendoa, chama-se *leite*. O coqueiro habita com preferencia a margem do mar de uma zona cuja temperatura média não seja de menos de 20°. É abundante no Brasil, na India meridional, no Mexico, na Africa occidental. A sua verdadeira patria é incerta. O coqueiro floresce quasi todos os mezes; não principia a dar fructos senão na idade de cinco annos. A fecundidade é extraordinaria. Uma unica arvore tem ás vezes até 150 fructos.

Esta arvore é um dos mais ricos presentes que a natureza fez ao homem, com effeito, todas as partes d'este vegetal podem ser aproveitadas; sem elle, as ilhas do grande Oceano Pacifico seriam inhabitaveis, e os povos espalhados pelas regiões equatoriaes perecerião de fome e sêde, carecerião de vestidos e cabanas. Com



Eig. 146. — Coqueiro da Bahia e *Pandanus*, ou Palmeira cheirosa. (O coqueiro está a direita.)

razão o coqueiro foi chamado *rei dos vegetaes*, porque dá vinho, alcohol, vinagre, azeite, assucar, amendoas, leite, manteiga, cordas, panno, vasos, esteiras, lenha; e serve para cobrir as cabanas.

A parte mais essencial do coqueiro é o fructo. O envoltorio fibroso exterior serve para preparar estopa de calafate. A casca do fructo, partida, serve para esfregar e lavar os solhos das casas; preparão-se com ella vasos, pratos, etc. O coco que adquirio todo o seu volume contém mais de um quartilho de um succo ou liquido branco, chamado *leite*, o qual se póde tirar furando os tres buracos que se achão na base do fructo; é adocicado e um pouco acidulo; é uma bebida agradável e refrigerante. A proporção que os fructos do coqueiro amadurecem, o leite toma consistencia, torna-se duro da circumferencia para o centro, formando na porção intermedia entre a porção endurecida e o leite uma especie de *nata*, muito agradável para se comer com assucar e agua de flores de laranjeira. No centro fica sempre um pouco de leite, e acontece, mas raras vezes, formar-se uma substancia ovoide, concreta, dura, de côr branca azulada, ás vezes leve e como esponjosa.

O coco sendo maduro é mui branco e compacto; de um gosto de avelã ou de amendoas doces mui agradável; come-se crú ou fazem-se com elle doces deliciosos. — Eis-aqui a lista dos coqueiros do Brasil, extrahida do *Diccionario de plantas medicinaes brasileiras*, do Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira :

Coqueiro aricuri da Bahia. *Cocos coronata*, Martius.

Coqueiro ariranga. As folhas servem para os indigenas cobrirem o tecto de suas palhoças.

Coqueiro ariri. *Cocos schizophylla*, Martius. Bahia.

Coqueiro assahy. *Euterpe edulis*, Martius. Pará, Maranhão. O coco, amassado com agua e coado, dá um liquido côr de vinho, que, temperado com assucar, é um refrigerante.

Coqueiro de ayri. *Astrocaryum ayri*, Martius. A amendoa é comestivel e de gosto muito agradável. Os indigenas fazem os seus arcos d'esta palmeira; e tambem d'ella se tirão ripas.

Coqueiro baba de boi. *Cocos gommosa*, Martius. O fructo é amarello, agradável, e muito gommoso.

Coqueiro babunha. *Guilhelma insignis*, Martius. O fructo d'esta palmeira espinhosa é o mais agradável dos que se conhecem. A polpa, espessa e assucarada, come-se fresca ou secca.

Coqueiro bacaba. *OEnocarpus bacaba*, Martius. O fructo é muito mucilaginoso, e, quando maduro, os indigenas fazem d'elle o seu alimento.

Coqueiro da Bahia. *Veja-se pag. 699.*

Coqueiro baxiuba. *Iriartea ventricosa*, Martius. O fructo é comestivel.

Coqueiro brijauva. É o coqueiro ayri, na Bahia.

Coqueiro buriti. *Mauritia vinifera*, Martius. As folhas são utilizadas em muitos misteres, o fructo é comestivel, o tronco fornece pela incisão um succo vinhoso excellente.

Coqueiro buriti bravo. *Mauritia armata*.

Coqueiro cabeçudo. *Cocos capitata*, Minas.

Coqueiro caiaué. *Elæis melanococca*. Gærtn. Pará e Rio Negro. Fornece bom oleo.

Coqueiro carnauba. *Veja-se* CARNAUBA.

Coqueiro de catarrho. *Acronomia sclerocarpa*, Martius. O fructo é arredondado, do volume de um pequeno ovo de gallinha; debaixo de uma casca pouco dura, contém uma polpa de bastante consistencia, de um gosto de manteiga fresca e muito agradável. A amendoa dá um oleo que pôde ser aproveitado. Do tronco extrahe-se uma fecula nutritiva.

Coqueiro catulé. Ceará. Os tectos das casas dos indigenas do Norte são cobertos com folhas d'esta palmeira. O gado procura avidamente suas fructas, que são mui nutrientes. Da amendoa faz-se um excellente azeite para temperar a comida; e o envoltorio do fructo serve de combustivel.

Coqueiro chilense. *Jubea spectabilis*. Pará e Amazonas. Serve para fazer aguardente.

Coqueiro dendé. *Elæis Guineensis*. O fructo fornece um oleo amarellado proprio para certas comidas brasileiras, para luz, e é empregado em fricções no rheumatismo. *Veja-se* AZEITE DE DENDÉ.

Coqueiro de guaguaçu. *Attalea speciosa*, Martius. As folhas, de 3 a 6 metros de comprimento, servem para cobrir casas.

Coqueiro guariroba. *Cocos oleracea*, Martius. Os grelos são amargos como a chicoria, e constituem um bom palmito.

Coqueiro guriry. *Cocos arenarius*, Martius. Habita nos lugares arenosos do Rio de Janeiro. Os cachos contém um montão de fructos, amarello-alaranjados, agradaveis. Dentro do fructo ha uma amendoa doce e de gosto delicioso. As folhas d'esta palmeira servem para a confecção de balaio, cestinhas, etc.

Coqueiro imburi. *Cocos caudescens*. Os fructos são comestiveis.

Coqueiro inajá. *Maximiliana regia*. Norte do Brasil. Fructos comestiveis.

Coqueiro indayá. *Attalea compta*, Martius. Os fructos são escuros, corneos, a amendoa oleosa e dura, porém comestivel.

Coqueiro jaraiuva, *Leopoldina pulchra*; **Coqueiro jatauva**, *Syagres cocoides*; **Coqueiro jatitara**, *Desmoncus jatitara*; **Coqueiro jauari**, *Astrocaryum jauari*, Martius. Todos estes coqueiros são mais ou menos utilizados pelos indigenas.

Coqueiro jissara ou **palmitreiro**. *Euterpe oleracea*, Martius. Os fructos não se comem; as folhas novas ainda não abertas constituem o chamado *palmito*. Acha-se em todo o Brasil.

Coqueiro maraja. *Bactris maraja*, Habita no norte do Brasil. Os fructos são comestiveis.

Coqueiro miriti, **murityseiro**. *Mauritia flexuosa*. Pará e Rio Negro.

Coqueiro morphis. *Phytelephas macrocarpa*; Pandaneas; Ruiz e Pavão, ou **MARFIM VEGETAL**. Esta palmeira, que habita os limites brasileiros peruanos, dá um coco, cujo albumen, depois de endurecido, tem a brancura, a dureza e o polimento do marfim; e com elle torneado, fazem-se bocetas, caixinhas e diversos artefactos.

Coqueiro murumuru. *Astrocaryum murumuru*, Martius. Pará e Norte.

Coqueiro oauassú. *Attalea spectabilis*, Martius. Norte.

Coqueiro patioba. *Cocos botryophora*, Martius. Costas austraes do Brasil. As folhas servem para a confecção de balaios, cestos, etc.

Coqueiro piassaba. *Attalea funifera*. As espathas das folhas fornecem filamentos pretos, grossos e flexiveis, que servem para fazer cordas e vassouras.

Coqueiro pindoba. *Attalea humilis*, Martius. Os fructos são comestiveis e dão um oleo bom para comida e luz. É adoçante e emolliente. O miolo d'esta palmeira é um optimo palmito.

Coqueiro popunheiro ou **pupunha**. *Guilhelma speciosa*, Martius. Os fructos d'esta palmeira comem-se cozidos. No norte do Brasil esta palmeira é um indicio de povoação, pois é a primeira que se planta nas fazendas.

Coqueiro da praia. *Diplothemium maritimum*, Martius.

Coqueiro da quaresma. *Cocos flexuosa*, Martius. Rio de Janeiro. O fructo secco tem uma amendoa muito agradável, o pericarpo é oleoso e mucilaginoso.

Coqueiro tacumba-iva. *Bactris inundata*. Seus peciolos dão fibras mui fortes que podem substituir o linho.

Coqueiro tarampabo. *Oenocarpus tarampabo*. Este coqueiro tem as folhas dispostas em leque.

Coqueiro tucum. *Astrocaryum vulgare*, Martius. De suas folhas tirão-se pela maceração filamentos para a confecção de cordas.

Tucum bravo, *Bactris setosa*.

Tucum manso, *Bactris maraja*.

Coqueiro tucuman. *Astrocaryum tucuma*, Martius. Pará e Rio Negro. Os fructos comem-se crus; do succo misturado com agua faz-se o vinho a que chamão *tucumá*.

Coqueiro umbamba. *Desmonicies nidentum*. Suas fibras são solidas, e servem em lugar de junco.

Coqueiro uricana brava. *Bactris tomentosa*.

Coqueiro urucuri. *Attalea excelsa*, Martius. Norte.

Coqueiro uvaoçú. *Manicaria saccifera*. Martius. Margens do Amazonas. As folhas parecem de bananeira. Os indigenas aproveitão para fazer barretes o tecido fino que envolve os cachos dos cocos do *uvaoçú*.

Coqueiro vina. *Iriartea phœocorpa*. As folhas servem para cobrir casas, e sua madeira é tão leve, que fluctua mesmo quando verde.

Coqueiro yatay. Vive nos lugares arenosos; seus fructos fornecem aguardente; suas folhas servem para chapeos, e do tronco faz-se farinha.

COQUELUCHE. Dá-se este nome a uma tosse violenta e convulsiva que torna a apparecer com intervallos mais ou menos longos, e que consiste em muitas expirações successivas, seguidas de uma inspiração sonora.

Causas. Nada temos de positivo sobre as causas da coqueluche. É raro que esta molestia não accometta ao mesmo tempo um grande numero de individuos; apparece particularmente nas crianças desde o nascimento até depois da segunda dentição; observa-se ás vezes nos adultos, e principalmente nos de temperamento nervoso; mui pouco nas pessoas idosas. No modo por que ella se propaga ha alguma cousa de contagioso. Communica-se sempre rapidamente ás crianças da mesma casa, e esta comunicação não tem lugar, se se afastão umas das outras, e de todas as crianças doentes.

Symptomas. Os primeiros symptomas da coqueluche não differem dos de um defluxo ordinario, mas não tardão a tomar o character especial que os distingue. A tosse torna-se mui sonora, e succedendo com rapidez, permite apenas á criança fazer inspirações curtas, incompletas e sibilantes, que dão um character particular á molestia; com effeito parecem-se algum tanto com o canto do gallo; pelo que, qualquer pessoa pôde reconhecer facilmente a coqueluche. A criança parece estar suffocada, agita-se com anxiedade para respirar o ar que lhe falta, e que não penetra então nos pulmões senão com a maior difficuldade; o rosto e o pescoço

ficão inchados e roxos, os olhos esbugalhão-se e enchem-se de lagrimas. O acesso acaba pela sahida de uma mucosidade viscosa, frequentemente acompanhada de vomito dos alimentos, e ás vezes pela expectoração ou vomito de um pouco de sangue puro ou misturado com mucosidades ou com alimentos. Não é raro ver o sangue sahir pelo nariz durante o abalo da tosse; ás vezes a criança ourina e expulsa involuntariamente as materias intestinaes. Acabado o acesso, tudo entra na ordem; a criança volta ordinariamente a seus brinquedos, como se não estivesse doente; ás vezes, entretanto, acha-se um pouco cançada, outras vezes experimenta peso de cabeça e propensão ao somno. Raras vezes a duração dos accessos excede alguns minutos; o seu numero é frequentemente consideravel no mesmo dia, e torna-se menor á proporção que a molestia se approxima do fim. Varias causas influem sobre a volta dos accessos; taes são o frio, uma digestão difficil, os cheiros fortes, a poeira, a fumaça, as affecções moraes e sobretudo a ira. Estes accessos são ordinariamente precedidos de uma anxiedade e de uma titillação na garganta, que obrigão as crianças a correrem para as pessoas que lhes podem acudir, e gostão geralmente que se lhes segure a cabeça, o que ajuda a expectoração ou os vomitos.

A coqueluche não é acompanhada ordinariamente de frequencia do pulso, de fastio, de sêde, nem de calor da pelle.

Prognostico. A coqueluche dura ordinariamente de um a dois mezes, mas pôde prolongar-se ás vezes durante seis e mais. Pôde tornar a voltar, depois de ter cessado completamente.

A coqueluche simples, nos individuos de boa constituição, é molestia pouco grave. Nas crianças de peito, a coqueluche é perigosa, porque produz n'ellas um verdadeiro estado de asphyxia.

Tratamento. Durante o accesso da coqueluche, se a criança estiver deitada, é preciso assenta-la, e dar-lhe um ponto de apoio, applicando-lhe fortemente a mão na testa. Quando durante o accesso se puder dar a beber ao pequeno doente algumas colheres d'agua fria, de caldo ou chá da Índia, diminue-se sensivelmente a intensidade e a duração da tosse. É util tirar com os dedos ou com um lenço as mucosidades que se ajuntão no fundo da bocca. Se o accesso continuar, será preciso applicar sinapismos nos pés e nas pernas, e pôr na cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre.

No intervallo dos accessos. A primeira cousa que se deve fazer para curar a coqueluche é dar um vomitorio de poaya. 30 centigrammas (6 grãos) de poaya em pó, n'uma colher d'agua morna, para uma criança de um anno; 40 centigrammas (8 grãos) para a criança de 2 annos; 50 centigrammas (10 grãos) para a de

tres annos; 60 centigrammas (12 grãos) para a de quatro annos; 70 centigrammas (14 grãos) para a de cinco annos; 75 centigrammas (15 grãos) para a de 6 annos; augmentando depois d'esta idade de 5 centigrammas (1 grão) de poaya para cada anno. Podem dar-se depois alguns alimentos, e pelo dia adiante algumas colheres de infusão de flores de malvas, de violas, ou de perpetua, adoçada com assucar, ou com xarope de gomma.

Nos dias seguintes dá-se esta poção :

Agua .	180 grammas (6 onças)
Ether sulfurico....	20 gottas
Tintura de belladona	10 gottas
Laudano de Sydenham	10 gottas
Xarope de quina.	60 grammas (2 onças).

Para as crianças de um anno, dá-se uma colher *de sopa*, duas vezes ao dia.

Para as crianças de dois annos, duas colheres *de sopa*, duas vezes ao dia.

Para as crianças de tres annos, tres colheres *de sopa*, duas vezes ao dia.

Para as crianças de quatro annos, quatro colheres *de sopa*, duas vezes ao dia. E assim por diante, dão-se duas vezes por dia tantas colheres *de sopa* quantos forem os annos que tiver a criança.

Continua-se esta poção por tres dias, e no quarto dia de manhã torna-se a dar um vomitorio de poaya.

Dois ou tres dias depois póde-se dar um purgante de oleo de ricino ou de manná, dissolvido em leite. A dóse de oleo de ricino é de 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça), e de manná de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças), conforme a idade.

Se a coqueluche não ceder a estes meios, empregue-se o lambedor seguinte :

Xarope diacodio .	..	30 grammas (1 onça)
Xarope de poaya..		30 grammas (1 onça)
Xarope de quina.		30 grammas (1 onça).

Misture-se e dê-se uma vez ao dia ás crianças de um anno, uma colher *de chá*; ás crianças de dois annos duas colheres *de chá*; ás de tres annos tres colheres *de chá*; em uma palavra, tantas colheres quantos forem os annos da criança. Este lambedor continua-se durante oito a quinze dias.

O café puro, depois de jantar, é tambem um excellento remedio contra a coqueluche. Administra-se na dóse de quatro colheres *de chá* a quatro colheres *de sopa*, conforme a idade do doente.

Banhos frios do mar ou d'agua corrente tem sido uteis quando a coqueluche resistio a outros tratamentos.

Durante o curso da molestia não ha dieta particular a observar; o doente affectado de coqueluche usará das mesmas comidas que antes da molestia.

Mas de todos os meios, o que se tem mostrado mais effcaz é a mudança frequente de ar e de roupa. É preciso portanto transportar a miudo as crianças doentes de um para outro lugar, muda-las muitas vezes de roupa, e não tornar a leva-las para o mesmo lugar senão depois de muito bem arejado, nem tornar a vestir-lhes a mesma roupa senão depois de muito bem lavada. Tambem é bom collocar um vaso com agua de Labarraque no quarto que habitão. O tempo é em muitos casos o melhor remedio da coqueluche; a maior parte das crianças dão-se bem deixando a cidade pelo campo. A mudança do ar opéra assim ás vezes a cura que não se podia obter com medicamentos.

É sempre prudente separar as crianças sãs das que tem coqueluche, porque é bem provado que a molestia pôde communicar-se de umas a outras. Nem os adultos estão livres do contagio, sobretudo quando a sua persistencia ao pé do doente fôr prolongada. Devem, em semelhante caso, fazer todos os dias um exercicio exterior, e evitar ficarem continuamente com o doente.

Como *meio preservativo* da coqueluche, aconselha-se que se afastem cuidadosamente as crianças dos lugares em que reina esta molestia, e se evite communica-las com crianças que d'ella estejam affectadas.

CORAÇÃO. Orgão ôco e muscular, que se acha no interior do peito, um pouco do lado esquerdo; agente principal da circulação do sangue; tem a fôrma de um pão d'assucar ou de uma pyramide achatada. (*Veja-se a figura do coração no artigo ANATOMIA, vol. 1, p. 175*). O seu volume, um pouco mais consideravel no homem do que na mulher, equivale pouco mais ou menos ao da mão fechada de um homem. Contém no interior quatro cavidades distinctas: duas na parte superior, que são a *auricula* direita e esquerda; duas na parte inferior, que são o *ventriculo* direito e esquerdo. Na auricula direita penetrão as *veias cavas* superior e inferior, e do ventriculo direito sahe a *arteria pulmonar*; a auricula esquerda recebe as *veias pulmonares*, e do ventriculo esquerdo sahe a *arteria aorta*. Estas noções são indispensaveis para comprehender a descripção da circulação do sangue. *Veja-se CIRCULACÃO.*

O coração tem a propriedade de contrahir-se e dilatar-se alternadamente. Durante a sua contracção, vai tocar com a ponta a parte anterior do peito entre a sexta e a setima costella do lado esquerdo; sentem-se facilmente estas *pancadas* do coração appli-

cando a mão debaixo do seio esquerdo. Estas contracções do coração communicão-se a todas as arterias, e constituem o que se chama *pulso*: No homem adulto, que goza de boa saude, o coração bate de 64 e 75 vezes por minuto.

Coração (Molestias do). O coração recebe de todo o corpo o liquido destinado a vivifica-lo; e não tem um instante de repouso. A acção d'este orgão não se póde interromper um momento sem que cesse a existencia. Tudo o que póde enfraquecer o impulso que communicão a este liquido as paredes d'este orgão; torna-se causa de desordens graves. Se por outra parte se considerar a estrutura complicada do coração; se se observar que está sujeito ás mais variadas influencias moraes e physicas, não causará admiração a frequencia de suas molestias.

Os *symptomas* geraes de todas as affecções do coração varião pouco; eis-aqui os principaes: respiração habitualmente curta e difficil; palpitações e suffocações constantemente produzidas pela acção de subir, pela marcha rapida, pelas affecções vivas da alma, um somno frequentemente interrompido por um acordar subito, uma especie de pallidez com propensão á hydropisia, que sobrem effectivamente, por pouco que a molestia augmente. Ajunta-se a este phenomeno um sentimento de anxiedade extrema e desmaios. Quando se applica a mão na região do coração em um individuo affectado de molestia d'este orgão, sentem-se ou pancadas mui fortes e tumultuosas, ou então quasi imperceptiveis. Emfim, a exploração, por meio do ouvido, dos ruidos que se produzem no peito, ministra signaes muito importantes e mui positivos. Mas esta exploração, chamada *auscultação*, só pertence ao medico.

Não se deve esquecer que o systema nervoso exerce uma tão grande influencia sobre as funcções do coração, que os signaes mais positivos das molestias d'este orgão são frequentemente simulados por uma affecção nervosa. Não é raro ver as pessoas que tem a imaginação viva, a susceptibilidade mui grande, serem affectadas de palpitações, de difficuldade de respiração, de disposição á perda dos sentidos, em consequencia de alguma impressão moral viva. As mulheres delicadas e nervosas são assim frequentemente affectadas de pretendidas molestias do coração; que cedem, como por encanto, quando se tem acalmado a sua imaginação consternada. Um dos accidentes da molestia designada debaixo do nome de chlorose é a apparição de signaes de molestia profunda do coração, que entretanto não existe. As mulheres cujos menstruos correm difficilmente são sujeitas ás palpitações, ás suffocações, sem estar o coração realmente doente: o mesmo

acontece ás pessoas asthmaticas, hystericas, ás mulheres chegadas á idade critica. Basta assignalar estas causas, que induzem a graves erros, para que as pessoas estranhas á arte de curar não se assustem antes que o medico tenha certeza do estado real das cousas.

Todas as molestias com alteração da substancia do coração são graves; mas entretanto a maior parte durão muito tempo, e é raro que um tratamento bem dirigido não consiga prolongar a duração da vida. *Veja-se* OS artigos ANEURISMA, CARDITE, DILATAÇÃO DO CORAÇÃO, ENDOCARDITE, HYPERTROPHIA, PALPITAÇÕES e PERI-CARDITE.

Coração (Feridas do). *Veja-se* FERIDAS.

Coração (Inflammação do). *Veja-se* CARDITE.

CORAÇÃO DE JESÚ. *Mikania officinalis*, Martius. Synanthreas. Planta do Brasil; habita especialmente nas provincias de S. Paulo e Minas. Caule glabro, folhas oppostas e dispostas em cruz, ovaes, dentadas, cortadas na base, o que lhes dá a fôrma do coração; flores dispostas em paniculas corymbosas; sabor amargo, cheiro aromatico. A sua infusão é tonica e estimulante; prepara-se com 8 grammas (2 oitavas) da planta e 180 grammas (6 onças) d'agua fervenda; usa-se no fastio e nas febres intermittentes.

CORAL. O coral apresenta-se ordinariamente como uma especie de pedra vermelha, que antes de talhada, imita a fôrma dos ramos de um pequeno arbusto. Tem o aspecto de pedra, porque é, com effeito, de natureza calcarea; mas não é um mineral, nem tão pouco uma producção vegetal; como sua fôrma arborizada o deixou crer por muito tempo. O coral é o despojo solido de uma aggregação de polypos, animaes submarinhos, cuja vida em commum, sob uma pelle commum, é um dos factos mais singulares da creação.

O animal que produz o coral é denominado pelos zoologistas *Coral do commercio* (*Isis nobilis*, Linneo; *Corallium rubrum*, Lamark), da familia dos Polypos corticaes. É um pequeno zoophyto de côr branca, do comprimento de 2 millimetros (1 linha) mais ou menos, cujo corpo é um cylindro membranoso contractil, terminado superiormente por uma roseta de oito tentaculos franzidos nas margens e semelhantes ás petalas de uma flor; no centro d'esta roseta achia-se a bocca do animal. Este polypo não vive isolado, mas reunido sob uma pelle commum a centenas ou a milheiros de animaes de sua especie, como se vê na fig. 147. Estas aggregações, da feição de arbusto, são sustentadas por um deposito calcareo vermelho que enche completamente o tronco e os ramos de sua pelle commum, e apresenta ao nível de cada um

dos polypos uma pequena cavidade onde o animal se pôde esconder, contrahindo todo o seu corpo; não se percebe então na superfície do ramo do coral senão um tuberculo branco no lugar em que, alguns instantes antes, se desenvolvia o animal.

O coral acha-se no fundo do mar, fixado nos corpos submarinhos. No estado fresco, é coberto da pelle commum dos polypos, que forma uma camada gelatinosa de côr alaranjada; depois de secca, fóra d'agua, esta camada membranosa separa-se como uma casca friavel. Julga-se que são necessarios dez annos para completar o crescimento do coral; cada aggregação representa então um arbusto de 50 centimetros de altura, de bella côr vermelha-alaranjada, fixado por uma base larga, e que, a certos momentos, parece cobrir-se de uma multidão de flores brancas (os polypos desenvolvidos); depois parece perder subitamente este ornamento brilhante, quando os polypos se contraem simultaneamente pela agitação da agua ambiente.

O coral abunda no Mediterraneo e no mar Vermelho, fixado nos rochedos, a uma profundidade variavel; não se acha a menos de 3 metros e $1/2$, e pesca-se até 200 metros. Pesca-se principalmente perto da costa de Africa e no archipelago grego, mergulhando, no fundo do mar, pedaços de páo guarnecidos de filastica, que se puxão fortemente, quando se sente a filastica embaraçada no coral. Ha tambem mergulhadores, cujo unico emprego é ir busca-lo debaixo d'agua.

Esté eixo lapidoso não se acha no commercio senão desembaraçado de sua casca viva. Conserva a fórmula geral de um arbusto ramificado e não articulado, formado por uma substancia compacta, de um vermelho-vivo e um pouco roseo; que faz d'elle uma das mais elegantes producções da natureza. A sua superficie é coberta de estrias longitudinaes, conchegadas, parallelas, frequentemente sinuosas, e que se estendem, seguindo todas as ramificações, de uma extremidade do eixo a outro. A dureza do coral excede a do espatho de Islandia. É susceptivel de um bello polimento, e fabricão-se com elle joias que são muito estimadas. A

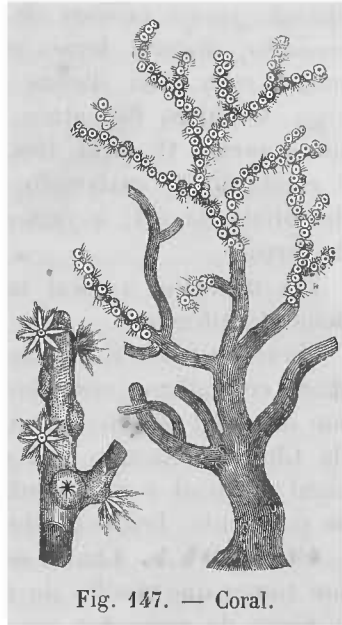


Fig. 147. — Coral.

côr do coral não é sempre a mesma; ás vezes é branca, e observão-se sobre certos ramos todas as variedades intermedias de côr rosea e vermelha-pallida. O commercio distingue, por causa d'estas variações de côr, o coral *rubro*, cujas qualidades differentes se chamão coraes *escumas de sangue*, *flores de sangue*; depois coral *vermelho*, o coral *branco claro* ou *baço*. Segundo os caprichos da moda, cada uma d'estas variedades tem alternadamente mais voga. O chloro não ataca a côr do coral; o acido sulfhydrico o torna preto. O coral dissolve-se sómente nos acidos mineraes; é composto de carbonato de cal, com vestigios de magnesia e de sulfato de cal; a materia corante tem por principio o oxydo de ferro.

Em medicina o coral vermelho, reduzido a pó, é empregado como dentifricio.

Coral artificial. É a massa que tem por base o pó de marmore crystallino, cimentado com colla de peixe, e ás vezes com um oleo mui seccativo, e á qual se dá côr por meio do vermelhão da China misturado com uma pequena quantidade de minio. O coral artificial é muito inferior ao coral natural pelo que respeita ao polimento, brilho e sobretudo á duração.

CORCOVA. Chama-se ordinariamente corcova ou carcunda um tumor que resulta do desvio da columna vertebral, e dá-se o nome de *carcundas* aos individuos que offerecem essa viciosa conformação.

A columna vertebral (*espinhaço* ou *espinha dorsal*) é uma haste ossea que se estende da cabeça até á pelvis, situada na parte posterior e central do tronco; flexivel em todas as direcções, e entretanto mui solida; apresentando em todo o seu comprimento um canal chamado canal vertebral; constituida pela superposição de pequenos ossos chamados *vertebras*, separados uns dos outros por uma substancia fibrosa esbranquiçada, muito elastica e mui resistente. Esta haste, formada de ossos, de ligamentos e de cartilagens, reúne a leveza á solidez; protege a medulla espinhal que se acha collocada no seu canal central; serve de sustentaculo á cabeça, ao peito, aos membros superiores, ao baixo-ventre; supporta o peso d'estas differentes partes, e acha-se, em consequencia d'estes importantes usos, mui exposta ás *deviações*.

Os desvios distinguem-se em cervical, dorsal e lombar, segundo affectão o pescoço, as costas ou as cadeiras. Compreendem: 1º a curvatura posterior; 2º a curvatura anterior; 3º a curvatura lateral.

Curvatura posterior. Consiste na inflexão da columna vertebral para diante, e sua proeminencia para traz: é geral ou parcial. No primciro caso a espinha inteira descreve um arco

com convexidade posterior, e constitue uma verdadeira *corcova*; o pescoço e a cabeça dirigem-se para diante. A curvatura da espinha é pouco commum nas cadeiras, mas a carie das vertebrae (*veja-se CARIE*), molestia mui grave, dá lugar n'esta região a uma proeminencia vertebral *angulosa*, que principia por uma dôr surda, e é seguida ordinariamente da paralyasia das extremidades inferiores. Muito importa distinguir esta deviação vertebral da corcova propriamente dita; só a esta ultima se devem applicar os meios mecanicos, que poderião ser perigosos na carie vertebral.

Causas da curvatura posterior. A curvatura posterior manifesta-se mais particularmente na infancia e na velhice do que na idade adulta, nas meninas do que nos rapazes. Observa-se especialmente nos individuos de constituição delicada, cujo systema muscular tem pouca energia, que exercem profissões que necessitam flexão forte do corpo para diante. As meninas são frequentemente sujeitas a ella na época da puberdade, quando tem crescido apressadamente e se applicão com ardor aos differentes generos de seus estudos. A fraqueza e a inacção do systema muscular favorecem n'ellas o desenvolvimento d'esta deformidade. Os rapazes são-lhe menos sujeitos; mudão mais frequentemente de posição, e nos seus jogos activos despertão a energia muscular entorpecida. Os jogos mais tranquillos das meninas não bastão para contrapesar a influencia dos costumes contrahidos. O costume de tomar posturas viciosas póde ter influencia sobre todos os pontos da columna espinhal. Assim, vê-se a cabeça inclinar-se para diante nas crianças que tem a vista curta, e que olhão de mui perto, lendo ou escrevendo; outros, em vez de estender o pescoço, curvão o corpo para diante e ficão com uma fórma arqueada. Os musculos posteriores, excessivamente estirados, perdem logo toda a elasticidade, e tornão-se incapazes de endireitar o espinhaço, que é puxado cada vez mais para diante. Tem-se observado o mesmo effeito nas mulheres de 40 a 50 annos, que, depois de terem usado do collete toda a sua vida, o deixão n'essa idade. N'ellas os musculos extensores do tronco, tendo ficado por muito tempo sem exercicio, tambem se inhabilitão para manter convenientemente a columna vertebral. O rheumatismo dos musculos posteriores do espinhaço póde tambem produzir essa inflexão. Os doentes, na impossibilidade de contrahir os musculos dolorosos, ficão curvados para diante. Nos velhos a causa ordinaria d'essa deformidade, é o seu costume de conservarem sempre a mesma posição. Se em alguns a fraqueza muscular basta para produzir semelhante effeito, só se verifica isso nos individuos chegados ao ultimo grão de caducidade.

O *tratamento* tem dois fins: 1º vencer os obstaculos que se

oppõem ao endireitamento do espinhaço; 2º dar aos musculos posteriores excessivamente estirados sua contractilidade normal. Nas pessoas idosas estas indicações não podem ser preenchidas, e por isso convem oppôr-se sómente aos accidentes que podem resultar de uma flexão extrema; é preciso, para esse fim, que se deitem o mais horizontalmente que lhes fôr possível, e que estando de pé se apeguem a um bordão. As crianças e os adolescentes, em quem a fraqueza favorece a incurvação, devem ser, antes de tudo, submettidos a um tratamento fortificante; as plantas tonicas amargas, o ferro internamente, os banhos aromaticos, as fricções com agua de Colonia sobre o dorso precederão os agentes e exercicios mecanicos. Repetidas advertencias são um meio poderoso sobretudo para as meninas; deve-se-lhes recommendar continuamente que tragão a cabeça direita e levantados os hombros. Se o menino tem a vista curta, a mesa em que trabalhar será convenientemente alta. A cama em que elle se deitar terá só colchão sem travesseiro.

Os exercicios serão variados e combinados de maneira a exercer os musculos extensores do tronco : taes são, por exemplo, a esgrima, e sobretudo o nadar; serão executadas diversas ascensões de escada de corda, sustentando-se sómente pelas mãos, recommendando-se ao doente que durante esse tempo tenha os olhos fixos no alto dos mastros. Um exercicio, que é mui vantajoso nas incurvações limitadas ao pescoço, consiste em pôr sobre a parte anterior da cabeça um corpo leve que o individuo não deve deixar cahir andando, e mesmo lendo. Para endireitar o dorso curvado, emprega-se com vantagem o exercicio militar. Os apparatus immoveis, ou agentes mecanicos, só se empregão quando a deviação é antiga e a pessoa indocil. Estes meios comprehendem a *cama com extensão mecanica*, com largas almofadinhas destinadas a comprimir as partes salientes, e molas elasticas. Quando a deviação é limitada ao pescoço, póde-se empregar uma atadura cruzada na testa e presa atraz, e depois dirigida por baixo dos sobacos, para vir cruzar no peito; as gravatas altas que se põem debaixo do queixo; ou enfim uma ligadura que retenha a cabeça contra o espaldar de uma cadeira.

Curvatura anterior. N'este caso, a convexidade acha-se adiante e a concavidade atraz. É mais rara que a precedente, e nunca chega ao mesmo gráo de inflexão. Quando é pouco pronunciada, não exige tratamento. Quando fôr excessiva e no pescoço, é possível remedia-la com meios mecanicos analogos aos que forão indicados para a variedade precedente, sendo então praticados em sentido inverso. Quando existir nas cadeiras, o que é annunciado

pela arqueação mais pronunciada d'esta região e pelo volume maior do ventre, recorrer-se-ha aos exercicios de suspensão combinados com a posição horizontal, á extensão moderada e ao uso de um apparelho proprio para curvar o tronco para diante. Esta especie de inflexão da columna vertebral nunca foi observada nas costas, porque esta região, mesmo no estado normal, é curvada ligeiramente para diante, e os esforços musculares tendem mais a augmentar esta inflexão natural do que a curvar o dorso no sentido inverso.

Curvatura lateral. Distingue-se em direita e esquerda. Póde ter lugar no pescoço, no dorso e nas cadeiras. Uma vez é simples e limitada a uma d'estas regiões, outras vezes é multipla, dupla ou triplice. As curvaturas dorsal e lombar são as mais ordinarias. Quasi sempre existe uma dupla curvatura no mesmo individuo, sendo composta de dorsal e lombar. A dorsal occupa ordinariamente o lado direito, e a lombar o lado esquerdo; entretanto ás vezes tem lugar o contrario.

Os caracteres principaes da deviação dorsal direita são os seguintes: o lado direito engrossa ao nivel do peito, deprime-se em uma das nadeegas; o lado esquerdo, pelo contrario, deprimido na altura do thorax, cresce acima das cadeiras; o hombro direito achando-se repellido pelas costellas, levanta-se, e faz uma ligeira proeminencia para traz; o hombro esquerdo abaixa-se e inclina-se para fóra, adiante e á esquerda; a clavicula e o seio ficam um pouco mais proeminentes. Porém o signal mais caracteristico que se póde dar da deviação do espinhaço é a proeminencia formada pela margem interna de um osso largo e triangular que forma a parte posterior do hombro, e que se chama omoplata. Em gráo maior, o tronco inclina-se sensivelmente para o lado direito, as costellas fortemente arqueadas levantão o hombro, e repellem para traz o angulo inferior da omoplata; enfim, em gráo extremo, a proeminencia angulosa das costellas é o caracter mais notavel.

A curvatura lombar occupa de ordinario o lado esquerdo; reconhece-se pela proeminencia convexa correspondente ás costellas inferiores e ás vertebraes lombares, e pela nadeга direita que se acha mais sahida que a esquerda.

A curvatura cervical raras vezes existe só; offerece por caracter particular a proeminencia do pescoço e do apice do peito, e é constituida pelas primeiras vertebraes dorsaes e as ultimas cervicaes, que levantão os musculos do pescoço.

Estas differentes curvaturas achão-se geralmente reunidas em um só individuo, mas em gráos differentes; uma d'ellas predomina sempre, e mais ordinariamente é a dorsal. Os symptomas

que caracterizam estas deviações não se pronunciam senão progressivamente, e ao principio muitas vezes passam por alto; e por isso as diferentes posturas nas pessoas que começam a ser affectadas de deviações merecem uma attenção particular. Trazem essas pessoas frequentemente para diante o braço que corresponde ao hombro levantado, para escondê-lo. Em uma deformidade adiantada, não é possível esta dissimulação; o membro superior direito parece applicado contra o peito, que faz proeminencia do seu lado, entretanto que o braço esquerdo parece estar mui separado em consequencia da depressão. Os membros inferiores apoiam-se no chão de uma maneira desigual. A proeminencia das nadegas varia: na curvatura dorsal e predominante com curvatura lombar, a cadeira deprimida já não é indicada senão por uma depressão pouco sensivel; o lado esquerdo apresenta uma flexuosidade que se estende desde o sobaco até á vizinhança da nadega, e que a torna mais sahida. Quando a triplíce curvatura existe em um gráo muito adiantado, vê-se a cabeça enterrada entre as omoplatas, dominada sobretudo pelo hombro direito e a gibosidade.

A estes caracteres associão-se a diminuição extrema da altura do tronco, o comprimento desmedido dos braços, os dedos alongados, a mandibula inferior predominante, etc. As principaes visceras situadas no peito e no ventre achão-se então constringidas em suas funcções, e assim as difficuldades da respiração e da circulação, as palpitações, e diversas affecções abdominaes, podem ser a consequencia das deviações vertebraes, chegadas a um gráo adiantado. Os musculos do tronco soffrem tambem mudanças notaveis: uns diminuem de volume, outros adquirem maior força: resultando d'ahi desigualdades de acção, que augmentão ainda a deformidade.

Causas da curvatura lateral. Para que um desvio lateral do espinhaço se possa formar, são necessarias duas condições: a primeira, que as peças que compõem a columna vertebral tenham pouca solidez; e a segunda, que as diversas potencias que actuão sobre esta parte ossea venhão comprimir desigualmente, e de uma maneira contínua, alguma das suas partes. O rachitismo, cuja acção é de amollecere os ossos, pôde, quando se dirige sobre a columna vertebral, produzir um desvio d'esta região, mas não é a sua causa mais ordinaria. Os dois terços dos individuos affectados de deformação vertebral não tem os ossos dos membros arqueados, nem volumosos em suas extremidades; nem seu tecido é amollecido, nem a sua pelvis está deformada, em uma palavra, só existe n'elles uma molestia local, que não altera o tecido osseo,

e que não se póde attribuir á mesma causa que produz uma molestia geral e a alteração de todos os ossos.

No maior numero de casos, por consequente, as deformações vertebraes são totalmente independentes do rachitismo. A molleza dos ossos é certamente a causa primitiva; mas não é necessario que esta molleza seja mais pronunciada do que é naturalmente na criança, mesmo depois da segunda dentição. Por pouco que o equilibrio venha a romper-se entre os dois lados da columna vertebral, e se estabeleça uma inclinação habitual n'um e n'outro sentido, as vertebraes comprimidas d'este lado cêssão de crescer, e até diminuem pouco a pouco, entretanto que do lado opposto as partes, livres de toda a pressão, adquirem um completo desenvolvimento.

A fraqueza lateral do espinhaço, causa essencial de sua deviação, forma-se com tanto maior facilidade quanto o individuo fôr mais debil. As crianças de temperamento lymphatico, as que procedem de progenitores enfraquecidos, que forão concebidas e criadas soffrendo toda a especie de privações, são mais depressa affectadas do que as outras. Esta deformidade observa-se mais frequentemente no sexo feminino.

As causas mecanicas são todas aquellas que forção a columna vertebral a inclinar-se sobre um dos lados; não podendo, entretanto, produzir uma curvatura permanente, senão quando os ossos estão dispostos para o desenvolvimento da gibosidade. Isto acontece principalmente quando a pessoa está de pé, pois que n'este momento a compressão é mais forte. Os pesos, augmentando a intensidade d'esta compressão, favorecem a formação da deviação, como se observa nas meninas que, antes da época da puberdade, carregarão crianças todos os dias de um só lado. Estar de pé ou assentado muito tempo acaba por determinar a inclinação do tronco, primeiramente para diante, e depois sobre um ou outro lado, em consequencia da fadiga dos musculos extensores. As meninas fracas, condemnadas pelas suas occupações habituaes de escrita, desenho e trabalho de agulha, a estar assentadas a maior parte do dia, tomão frequentemente esta postura. Cansadas d'esta posição, inclinão-se para diante; as mestras julgão que lhes fazem um beneficio repetindo-lhes que se endireitem. Affectão uma posição direita, mas inclinando-se para um lado. Esta posição allivia, e torna-se logo habitual. Accrescente-se agora a predisposição organica, a falta de exercicios ou jogos que possam communicar aos musculos alguma energia, a influencia do collete, que, usado mui cedo, augmenta a inacção e a debilidade muscular, e vêr-se-ha que as deviações devem ser muito mais frequentes no sexo femi-

nino. As profissões que exigem a inclinação habitual do corpo também produzem os mesmos resultados, e se alguns operarios não se deformão, devem isto unicamente á força da sua constituição.

Os desvios não se desenvolvem ordinariamente antes da criança principiar a andar. Nos individuos rachiticos apparecem logo na idade de seis mezes, ou pelo menos desde os primeiros annos. N'aquelles cuja curvatura não depende de rachitismo, o espinhaço não principia a deformar-se senão na idade de cinco annos, e muitas vezes depois. Grande numero de desvios até não se mostrão senão aos doze ou quinze annos, na época da puberdade. As mudanças notaveis, que se produzem então na constituição das meninas, e o trabalho frequentemente penoso da menstruação, as predispõem mais particularmente á deformação do espinhaço. Na época da cessação dos menstros, muitas mulheres ficão de novo sujeitas a ella.

Tratamento. Não se póde indicar um methodo de tratamento applicavel a toda a especie de desvio lateral. Antes de estabelecer regras de tratamento é preciso primeiramente indagar todas as circumstancias que poderião ter exercido alguma influencia sobre a direcção do espinhaço. Umas vezes convem substituir uma attitude constante, effeito da inacção ou da immobildade, por movimentos e exercicios variados; outras, restaurar por um repouso as forças perdidas no decurso de uma molestia longa ou de trabalhos custosos. Ás vezes, deve-se substituir o uso exclusivo de um dos membros superiores pela actividade do membro opposto, ou ao menos por uma acção desigual de um e de outro; em outros casos, porém, cumpre fazer desaparecer a desigualdade de comprimento dos membros inferiores, quer ella dependa de um vicio de conformação, quer consista sómente no costume de dobrar um dos membros e de apoiar-se mais sobre o outro. Muitas vezes, é preciso subtrahir os individuos á influencia da posição inclinada que tomão em diversas occupações, taes como a escrita, o desenho, o bordado, etc., ou no exercicio de certas profissões. É necessario em algumas circumstancias dissipar as affecções dolorosas de um membro ou de um lado do tronco, que são nocivas á direitura do corpo; em outras, remediar o aperto dos vestidos ou de um collete mal feito. O facto seguinte é digno de attenção: duas irmãs forão affectadas de deviações oppostas, por terem o costume de se deitar viradas uma para outra; forão curadas em pouco tempo deitando-se simplesmente do outro lado.

No principio da molestia devem-se notar attentamente as posturas viciosas que tomão as pessoas jovens, e exigir d'ellas que se

conservem direitas. As mesas em que escrevem não devem ser mui baixas. As camas serão um pouco duras; sua direcção será ligeiramente inclinada; de sorte que a cabeça, que não ha de descansar sobre um travesseiro, fique um pouco mais elevada do que os pés, e que a totalidade do corpo esteja quasi sobre o mesmo plano.

As meninas que tiverem algum principio de defeito devem usar de um espartilho chamado espartilho gymnastico (*corset à tuteur*), que se acha nas lojas dos fabricantes de fundas. N'este espartilho o espinhaço é mantido por varas ou talas de barbatana ou de aço, que, tomando um ponto de apoio sobre os ossos dos quadris, passam por baixo dos braços, e tendem d'esta maneira a endireitar o espinhaço. Entre os diversos exercicios aconselhados, o mais simples consiste em ter uma escada inclinada e encostada a uma parede, em fazer suspender ao principio o doente pelas mãos a um dos degráos, e depois exigir que suba de degráo em degráo por meio só da força dos braços. Este exercicio, que deve ser repetido muitas vezes por dia, fortifica os musculos do hombro e tende a endireitar o espinhaço pela acção do peso do corpo. Tem-se tambem aconselhado o virar uma manivella com a mão esquerda, afim de endireitar o hombro d'este lado. É bom medir com um barbante a extensão da corcova, fixando as extremidades do barbante nas proeminencias osseas. D'esta maneira póde a pessoa certificar-se do progresso da molestia ou da cura.

Outro meio empregado vantajosamente contra os defeitos do espinhaço consiste em andar com moletas; e, quando o doente está sentado, fazer-lhe suster a parte superior do corpo por uma especie de espeques fixos no assento, e que apoião debaixo dos braços. Estes espeques devem ser feitos de maneira que se possam estender ou encolher á vontade. É facil vêr então que o corpo, estando suspenso, tende por seu peso a estender e endireitar o espinhaço.

Em muitos doentes affectados de desvios, a constituição é fraca, e o systema muscular debil. A indicação geral deve então consistir no emprego de tonicos: para esse fim aconselha-se a residencia no campo, a insolação, aguas mineraes ferreas, banhos de rio, banhos do mar, fricções com agua de Colonia, com linimento de Rosen, exercicio muscular, gymnastica, alimentação animal, amargos, etc.

A parte mais importante no tratamento das deformidades é, incontestavelmente, o emprego dos meios orthopedicos. Estes meios dividem-se em duas clases, que são os agentes mecanicos e os exercicios musculares. Aquelles tem por fim endireitar mecanica-

mente as partes encurvadas, estes devem desenvolver pela sua acção certas porções do systema muscular.

Muitosapparelhos se tem inventado para restituir a columna vertebral encurvada á sua direcção natural. Todos elles se applicão nos estabelecimentos especiaes debaixo da direcção dos facultativos. As *camas de extensão* constituem a base de todos estes methodos curativos. Vou dar uma ideia geral d'este modo de tratamento sem entrar nos pormenores technicos. Um colchão de crina, applicado sobre largas tiras presas a um quadrado solido e mais elevado na cabeceira do que nos pés, constitue um plano orthopedico que se póde adaptar a uma cama ordinaria. As duas extremidades do tronco são seguras de uma parte por meio de ligas passadas por debaixo dos braços, e de outra por um cinto bastante largo e acolchoado, applicado por cima das cadeiras; as correias das ligas axillares vão atar-se ás molas elasticas fixas á cabeceira da cama; as do cinto vão atar-se ás molas moveis, cuja acção póde ser graduada, e que se achão nos pés da cama. Existe grande numero de modificações nas differentes camas e apparelhos de que se faz uso; todas tem por fim commum a extensão moderada da columna vertebral. Ajuntão-se a miudo a estas camas apparelhos de compressão, que consistem em chapas de pão ou de ferro, guarnecidas de almofadas, e fixas sobre as curvaturas do espinhaço. A posição horizontal deve ser observada quasi constantemente; mas, em certas horas do dia, os doentes devem levantar-se para fazerem exercicios gymnasticos. A maior parte d'estes exercicios tem por fim principal a suspensão do tronco, e ao mesmo tempo o desenvolvimento do systema muscular. São numerosos e variados; uns servem a exercer certos musculos, e a desenvolve-los pelo exercicio; outros, a endireitar a columna pelo peso do corpo suspenso pelos braços; muitos tem simultaneamente este duplo fim. Entre os apparelhos d'estes exercicios podem citar-se os cabos, os mastros, as escadas de corda ou de pão, as redouças e o nadar; mas não se deve esquecer que cada especie de deviação exige um exercicio particular.

O tempo do tratamento orthopedico varia conforme a natureza da deviação, sua antiguidade, a idade do individuo, sua constituição, etc. Não se póde esperar que se endircite a columna encurvada dos individuos adultos; a ossificação está acabada, os ligamentos estão já mui resistentes, mas póde-se impedir ainda n'esta idade que o desvio augmente. Lancemos uma vista de olhos sobre os resultados que dá em geral o tratamento orthopedico. Nos primeiros momentos, o corpo cresce algumas linhas; ao cabo de um mez, o crescimento é de uma a duas pollegadas, e assim continua

nos mezes seguintes. Ao mesmo tempo, diminuem as curvaturas do espinhaço, tornão-se mais iguaes as cadeiras, voltão a seu livre exercicio todas as funcções, augmenta a robustez, e consolida-se a saude geral.

Acabado o tratamento convem ainda fazer uso de apparatus particulares, até que o espinhaço e seus musculos pareção achar-se em estado de supportar sem inconveniente o peso do tronco. Se apesar dos esforços da arte, a columna não se endirecitar senão incompletamente, deve-se recorrer a differentes meios para occultar a deformidade persistente, e insistir no emprego dos corroborantes locais e geraes. Previnem-se as recachidas, evitando todas as causas capazes de reproduzir o desvio. Durante os ultimos mezes da gravidez, por exemplo, as mulheres deverão sentar-se, a certas horas do dia, em cadeiras de braços, salvo se acharem na força da sua constituição sufficiente garantia contra toda a recachida. *Veja-se RACHITISMO e ORTHOPEDIA.*

CORDÃO ESPERMATICO. Nome dado á reunião dos orgãos que se dirigem do canal inguinal ao testiculo. Estes orgãos são o canal deferente ou conducto espermatico, uma arteria, veias, vasos lymphaticos, nervos, tudo unido por um tecido cellular frouxo, e contido n'uma bainha formada por tres membranas. Vulgarmente dá-se o nome de *tendão* ao cordão espermatico.

Inflammação do cordão espermatico. Esta molestia é occasionada a miudo pela compressão que exerce a funda nos individuos que são quebrados; outras vezes, principia por um ataque de erysipela; mas ordinariamente procede da propagação da inflammação que se desenvolveo primeiro no testiculo mesmo. A inflammação do cordão espermatico manifesta-se por dôr na virilha, inchação, e ás vezes rubor d'esta região: a menor compressão d'esta parte augmenta sensivelmente a dôr.

O *tratamento* da inflammação do cordão espermatico é o seguinte: applica-se uma cataplasma de linhaça sobre a virilha, e toma-se um purgante. O doente deve andar o menos possivel.

CORDÃO DE FRADE (Rio, Pará). **CORDÃO DE SÃO FRANCISCO** OU **LEONURO.** (Pará). *Phlomis nepetifolia*, Linneo. Labiadas. Planta que habita no Brasil. Caule de 1 metro ou mais de altura, folhas fortemente denteadas, ovaes e oblongas; flores axillares, verticilladas, côr de laranja; cada haste contém tres ou quatro verticillos globosos e espinhosos, o que lhe dá o aspecto de um cordão; cheiro aromatico. Toda a planta emprega-se para a preparação dos banhos excitantes, que convem ás crianças debeis.

Duas ou quatro libras de cordão de frade são necessarias para

um banho. Estes banhos convem tambem na difficuldade de urinar.

CORDEIRO ou ANHO. É o nome que se dá ao filho da ovelha e do carneiro. A ovelha não produz ordinariamente senão um só cordeiro, ás vezes dois, raras vezes tres. Se a ovelha é forte, e tem os ubres cheios, podem-se-lhe deixar os dois filhos; é preciso tirar-lhe sempre o terceiro. — Se a ovelha morreo depois do parto, ou se não tem bastante leite, cumpre dar seu anho a outra mãe que tiver perdido seu filho ou á cabra, que o adopta facilmente para o nutrir. Durante a criação, convem vigiar que o cordeiro mame bem, e que outros cordeiros não lhe furem o leite, emfim que a mãe tenha boa saude. O cordeiro mama durante quatro mezes. No fim da amamentação, deve-se habitua-lo a comer alguma herva fresca; aos quatro mezes, póde viver no pasto com o resto do rebanho.

Os cordeiros destinados ao açougue devem ter 3 a 4 semanas pelo menos, e 2 mezes quando muito. A sua carne é um alimento delicado. Quando se guardão para serem criados, submettem-se ordinariamente á operação da castração, na idade de 2 a 4 mezes, ou antes.

Os cordeiros são sujeitos á molestia chamada *paralysis dos cordeiros*. É um rheumatismo agudo que obriga o animal a ficar em pé ou a apoiar-se sobre os joelhos sem poder dobrar os membros posteriores. Convem n'este caso administrar-lhe o emetico; 5 centigrammas (1 grão) dissolvidos em uma chicara d'agua, de que se dá uma colher de chá, tres vezes por dia. *Veja-se* CARNEIRO, OVELHA.

CORDIAL. Dá-se o nome de cordiaes aos medicamentos que tem a propriedade de augmentar promptamente o calor geral do corpo, e a acção do coração e do estomago. O vinho, os espiritos, as tinturas alcoolicas, o ether, etc., são medicamentos cordiaes.

CÔRES. *Veja-se* TINTAS.

CÔRES PALLIDAS. *Veja-se* CHLOROSE.

CORNALINA. Variedade de quartzo-agata, notavel pela côr rubra e pela transparencia. Ha tambem cornalinas amarellas. Fazem-se com ellas sinetes, anneis, cabeças de alfinetes, pequenas figuras, etc. O emprego da cornalina era muito frequente entre os Gregos e Romanos; tiravão-se da Europa. Hoje as mais bellas cornalinas tirão-se do Brasil. Na exposição nacional dos productos brasileiros que teve lugar no Rio de Janeiro em 1866, havia bellas amostras de cornalinas provenientes das provincias de Minas e do Rio Grande do Sul.

CORNEA. Assim se chama aquella porção transparente do olho que está situada na parte anterior do bugalho, e através da

qual se vê a menina do olho. A transparencia d'esta membrana é indispensavel para a regularidade da visão; e por isso quando existem belidas na cornea, a visão é incompleta, e até pôde ser inteiramente impedida. *Veja-se BELIDA e OLHO.*

CORNETA ACUSTICA. Instrumento em fôrma de funil destinado a reunir maior quantidade de sons, para concentra-los sobre o orgão do ouvido, e remediar o enfraquecimento d'este sentido. Fig. 148.



Fig. 148. — Corneta acustica.

As cornetas acusticas mais commummente empregadas são :

1º Uma corneta imitando a orelha externa, e modelada sobre ella, de maneira que apresente as eminencias e as cavidades d'esta parte, com um pequeno canudo para ser introduzido no meato auditivo.

2º Um instrumento disposto em caracol, e que se mette na cavidade da orelha, de maneira que a embocadura que está no centro da espiral penetre no conducto auditivo.

3º Uma infinidade de instrumentos de fôrmas diversas, uns parecendo trombeta militar, outros trompas de caçadores. Mas de todos estes meios, mais ou menos complicados, pôde-se certificar, segundo a experiencia, que nenhum reúne maiores vantagens, do que a corneta ordinaria, disposta em fôrma de trombeta.

Fig. 149. A totalidade do instrumento tem um comprimento de oito a nove pollegadas (21 a 24 centimetros). *Veja-se SURDEZ.*

CÓROLA. *Veja-se BILIS.*

CORPOS ESTRANHOS. Entendem-se por estas palavras

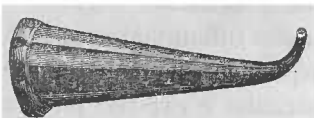


Fig. 149.

Corneta acustica de gomma.

todos os corpos que, introduzidos ou formados em nossos órgãos, não participão da vida d'elles, e podem por consequente produzir phenomenos ou accidentes mais ou menos graves.

Os *corpos estranhos podem formar-se nos nossos órgãos*. Este facto observa-se com a pedra na bexiga, e com os vermes nos intestinos, de que tratarei em artigos especiaes..

Os *corpos estranhos que vem de fóra* são de fórmãs e natureza mui varias : umas vezes penetrão nos tecidos, outras vezes são introduzidos pelas vias naturaes. Na primeira classe achão-se as balas lançadas por armas de fogo, os pedaços de espadas quebradas no corpo, etc. Os corpos estranhos podem ser tambem introduzidos nas aberturas naturaes, taes como os olhos, ouvidos, o larynge, intestinos, anus, urethra, etc. Vou passar em revista os principaes órgãos que podem ser penetrados pela causa de que se trata.

Corpos estranhos nos anus. *V Corpos estranhos no recto.*

Corpos estranhos na bexiga. Forão encontrados na bexiga dos homens os seguintes corpos estranhos : sondas metallicas, elasticas, bugias, pedaços dos instrumentos de lithotricia, agulhas, alfinetes, etc.; e, nas mulheres pequenos estojos, pedaços de páo, ganchos do cabello, etc., etc.

O modo de introducção d'estes diversos corpos estranhos na bexiga é variavel. Alguns ficão ali em consequencia de operações cirurgicas infelizes, nas quaes uma porção do instrumento se quebrou : outras vezes chegão ali pela abertura que faz communicar o reservatorio da ourina com a pelle ou com os órgãos vizinhos, taes como o recto, a vagina, o utero : não é impossivel tambem que uma agulha ou um alfinete tendo sido introduzido nas vias digestivas, caminhe atravéz dos tecidos até á bexiga; todavia as mais das vezes os corpos estranhos entrão na bexiga pelo canal da urethra.

Depois de chegados á bexiga os corpos estranhos comportão-se differentemente segundo os casos : ás vezes determinão phenomenos inflammatorios intensos, e abcessos : a morte pôde ser a consequencia de semelhantes lesões. Em alguns casos, o corpo estranho é expulso pelo canal da urethra, o que se vê mais communmente na mulher do que no homem, por causa da maior dilatibilidade do canal n'aquella. As mais da vezes o corpo estranho cobre-se de incrustações e torna-se o nucleo de um verdadeiro calculo.

Tratamento. Se existe abertura na pelle communicando com a bexiga, extrahe-se o corpo estranho com pinça. Se não existir a via accidental, extrahir-se-ha o corpo estranho pelo canal da urethra.

No *homem*, os pedaços de páo, de sonda, os corpos redondos extrahem-se com os instrumentos que se empregão para quebrar a pedra na bexiga. Se todas as tentativas não são bem succedidas, é preciso recorrer á cystotomia, operação que consiste em cortar a pelle, os musculos e a bexiga, para abrir uma via bastante grande pela qual se possa extrahir o corpo estranho.

Na *mulher* extrahem-se os corpos redondos dilatando a urethra, e procurando o objecto com pinça de aneis; se é mui grosso, quebra-se ou corta-se com o litholabo incisor.

Extrahem-se os ganchos do cabello com um gancho collocado perpendicularmente sobre uma haste recta, e muito melhor com um gancho collocado n'uma bainha; para isso, tendo-se feito uma injeção na bexiga, introduz-se o instrumento para fazer sobresahir o gancho da bainha, e procura-se o corpo estranho; depois de agarrado, faz-se entrar o gancho na bainha, depois faz-se entrar o corpo estranho na bainha, o qual extrahe-se com ella.

Se o corpó estranho está encravado na bexiga de modo que não se possa tirar com a pinça, é preciso fazer a incisão na vagina, como quando se faz a operação de lithotomia.

Nunca se deve deixar um corpo estranho na bexiga; fazem-se primeiro tentativas para extrahi-lo com instrumentos especiaes; depois, quebra-se para tira-lo por fragmentos; a serem inuteis estes dois meios, recorre-se á cystotomia.

Corpos estranhos na cavidade do craneo. São ordinariamente balas lançadas por armas de fogo, fragmentos de instrumentos vulnerantes mais ou menos agudos, pontas de espada, de faca, de pedaços de páo, etc. A presença de um corpo estranho na cavidade do craneo é, em geral, um caso extremamente grave e ordinariamente mortal, ou immediatamente, ou logo depois do accidente. Entretanto, citão-se alguns casos, raros na verdade, em que a introdução de um corpo estranho na cavidade do craneo não foi seguida de accidente algum. Assim tem-se visto individuos que conservarão muitos annos balas no cerebro sem serem incommodados. A razão d'esta differença existe no mesmo cerebro, cujas partes não são todas de igual importancia.

Tratamento. Logo que algum corpo estranho entrar na cavidade do craneo cumpre tratar de sua extracção. Os modos de extracção varião, conforme estiver o corpo estranho livre na cavidade do craneo ou preso nos ossos. No primeiro caso, faz-se maior abertura, por meio de certo numero de coroas de trepano, até que seja possivel attingir e tirar para fóra o corpo estranho, sem sacudiduras nem esforços. No segundo caso, é preciso comprehender, na corò do trepano, toda a circumferencia da abertura

na qual o corpo está implantado, e, depois de destacado o pedaço de osso, tira-lo com o corpo estranho. Em seguida, é necessario combater a inflammação do cerebro com sangria, bichas, e applicação na cabeça de pannos molhados em agua fria.

Corpos estranhos á roda dos dedos. *Veja-se Anneis*, vol. I, pag. 205.

Corpos estranhos no esophago. O *esophago* é um canal musculoso que se estende desde o pharynge (garganta) até ao estomago; é destinado a dar passagem aos alimentos. — Alimentos não mastigados, ossos engulidos com a sopa, e outros objectos, parão ás vezes no esophago, nas pessoas idosas privadas de dentes, nos individuos que comem com precipitação; ou nas crianças que engolem moedas e outros objectos com que brincão; sobrem então contracção do esophago, que immobiliza o corpo estranho e dá lugar a accidentes immediatos ou consecutivos.

Os corpos estranhos ficão parados de ordinario nas duas extremidades do esophago : em cima, na sua junção com o pharynge (na parte inferior da garganta), ou em baixo, na sua terminação no estomago, isto é no ponto que corresponde á margem superior do osso esternon.

Symptomas. Quando comendo sobrem dôr viva e esforços de vomitos, pôde-se dizer que um corpo estranho ficou parado no esophago. Mas segundo a séde, o volume, a fórma e a direcção do corpo estranho, apparecem outros symptomas; a respiração pôde ser interrompida ou constrangida de duas maneiras : 1º se é um corpo volumoso, uma castanha, um ovo duro, que antes de penetrar no esophago obliterou a abertura do larynge, ha suffocação imminente; 2º menos volumoso, o corpo entra realmente no esophago, e pôde impedir completa ou incompletamente a passagem do ar, comprimindo lateralmente o conducto aerifero.

Outros accidentes manifestão-se mais tarde, quando o corpo estranho se demora no esophago : são accidentes inflammatorios. Quando o corpo estranho está extrahido, a inflammação dissipa-se espontaneamente; no caso contrario pôde ter differentes terminações. De ordinario a inflammação torna-se suppurativa á roda do corpo estranho, que é expulso pela tosse com materia purulenta, ou desce no estomago. Outras vezes, apezar da violencia da inflammação suppurativa, o corpo estranho fica em lugar e determina abcesso, que se abre n'um ponto mais ou menos afastado do esophago; o corpo estranho fica então eliminado com a materia purulenta.

Estes casos, porém, são os mais graves, porque os corpos estranhos, que parárão no estomago, podem ser lançados pelos

vomitos, ou engulidos. Este ultimo caso dá-se de duas maneiras : 1º pouco tempo depois da sua introdução pelos esforços da deglutição; 2º depois de cessada a inflammação e a inchação do canal.

Tratamento. Quando o corpo estranho se achar no esophago, o que se deve fazer póde resumir-se n'estes quatro pontos : 1º provocar a sua expulsão pelos vomitos; 2º extrahi-lo; 3º empurra-lo para o estomago; 4º abrir-lhe caminho praticando uma abertura no conducto alimentario.

1º Excitão-se os vomitos, quer introduzindo os dedos na garganta, quer administrando uma chicara d'agua que contenha em dissolução 1 ou 2 grãos de tartaro emetico.

Mas estes meios, podem augmentar as difficuldades da extracção, e produzir a ruptura do esophago; não se deve, pois, insistir sobre o seu uso.

2º *Extracção pela bocca.* Póde fazer-se de diversas maneiras :

Póde ser feita com pinças diversamente configuradas; a mais simples é a pinça curva que se emprega para polypos. — O Dr. Gensoul, tendo a extrahir um osso do esophago, agarrou-o primeiro com uma pinça dobrada, chamada *bico de grou*, depois com outra pinça mui comprida, de que separou fortemente os ramos, dilatou o esophago. Apenas acabava este movimento de dilatação, quando ponde tirar o osso.

As vezes, antes de tirar o corpo estranho, é preciso desembaraça-lo dos tecidos no meio dos quaes está preso. Sem esta precaução, em vez de extrahi-lo, poder-se-hia afunda-lo ainda mais nas paredes do esophago puxando por elle. Eis-aqui um facto mui serio, citado pelo Dr. Beaud, que prova a utilidade d'este modo de proceder :

« Dois meninos, um de cinco outro de quatro annos, ambos filhos de um barqueiro, brincavão em Boom, na Belgica, á borda de um canal. O mais velho propoz a seu irmão de brincarem á pesca, e encarregou-se de preencher o papel de peixe. Depois de muitas evoluções, apanhou o anzol e engulio-o. Immediatamente o menino pescador puxou pela linha, e o anzol, implantou-se n'uma parte bastante profunda do esophago. Aos gritos dados pelo menino-peixe, acudio o pae, mas não podendo tirar o corpo estranho, chamou um cirurgião da aldea vizinha. Este cortou a linha a um pè de distancia da bocca, pediu ao barqueiro um anzol semelhante áquelle que foi engulido, escolheu uma bala de chumbo de um diametro duas vezes maior do que o anzol, praticou n'ella um buraco no qual passou a linha, untou a bala com azeite doce, e a fez escorregar no esophago. O peso da bala foi

sufficiente para desembaraçar o anzol cuja ponta se fixou n'ella; tudo foi extrahido sem dôr e com facilidade. »

Os instrumentos que tem por fim de extrahir os corpos estranhos, empurrando-os de baixo para cima, aproximão-se mais ou menos do gancho ou de uma aza. Seu emprego apresenta ás vezes difficuldades e perigos. É preciso primciro que o instrumento passe debaixo do corpo estranho, o que é difficil quando o corpo é um pouco volumoso. Depois, quando se puxa pelo instrumento, para que o corpo estranho o siga, é preciso que esteja bem agarrado: ora ás vezes, em lugar de agarrar o corpo estranho, agarra-se o esophago; d'aqui novas difficuldades e verdadeiros perigos. Para evita-los fizeram um gancho terminado por um botão. Ás vezes o gancho, em vez de ser simples, é duplo; é fixo sobre a haste que o suporta, ou é movel. Ás vezes é aza completa, e então procura-se extrahir o corpo estranho como se tira uma rolha que está no corpo de uma garrafa; ultimamente inventou-se um instrumento representando um chapeo de sol que se introduz fechado; chegado debaixo do corpo estranho, abre-se e tira-se depois.

Póde tambem empregar-se uma esponja fixa sobre uma haste de baleia: introduz-se com promptidão; depois de collocada atraz do corpo estranho, incha; tirando-a, limpa-se tudo que se acha diante.

O instrumento mais usado consiste em uma haste de baleia, guarnecida n'uma das pontas de dupla aza metallica que é movel.

3º Se o corpo estranho não póde ser extrahido, é preciso empurrar-lo para o estomago. Esta operação executa-se com uma haste de baleia guarnecida de esponja ou por meio de sonda de gomma.

4º Como ultimo recurso resta a esophagotomia, operação que consiste em fazer uma incisão sobre o lado esquerdo do pescoço, abrir o esophago, e extrahir o corpo estranho com pinça, mais ou menos comprida. Até á cicatrização completa da incisão, alimenta-se o doente com caldos por meio da sonda esophagea que se introduz pela bocca até ao estomago.

Se o corpo estranho comprime o canal aereo de tal maneira que a suffocação esteja imminente, e se este obstaculo não póde ser tirado promptamente, é preciso primeiro abrir o canal aereo, ántes de se occupar da extraçção do corpo estranho.

Corpos estranhos no estomago e nos intestinos. Os corpos estranhos que se encontrão no *estomago* e *intestinos* penetrão ordinariamente pelo esophago. A sua presença é em geral menos perigosa n'esta parte do tubo digestivo do que no esophago; bem que agudos e cortantes, podem ficar no estomago, ou correr todo o tubo intestinal e sahir pelo anus, sem occasionar graves acci-

dentes, como se tem observado com pedaços de espada, fragmentos de vidro, peças de moeda, pregos mui compridos, garfos, etc. Outras vezes, entretanto, o contacto d'estes corpos determina no tubo intestinal uma inflammação mais ou menos viva.

O *tratamento* dos corpos estranhos no estomago e nos intestinos consiste em administrar azeite doce pela bocca, e em clysteres. Se o corpo estranho fôr duro e agudo, como, por exemplo, espinha de peixe, vidro quebrado, etc., será preciso encher o estomago com alimentos espessos, e proprios para darem residuos abundantes, que possam envolver esse corpo e impedir que fira os órgãos que deve atravessar. O repolho, os feijões, as batatas, e o pão, são alimentos que convem melhor para esse fim.

Se o corpo estranho fôr moeda de cobre engulida, como ha exemplos, pôde produzir os accidentes de envenenamento; em tal caso é preciso dar a beber, até á sua expulsão, agua com clara de ovo que tem a propriedade de neutralizar os saes de cobre.

Um caso de deglutição de um garfo de prata apresentou-se em 1873 em França na cidade de Lyão, e teve feliz exito. O garfo sahio naturalmente ao cabo de dois mezes, um pouco deteriorado mas inteiro; durante o tempo que percorrieo o tubo digestivo não causou grande incommodo ao paciente. Por conseguinte, o melhor tratamento que convem applicar em caso semelhante, consiste em deixar tranquillo o paciente.

Se os corpos estranhos são mui volumosos, raras vezes podem ser expulsos; quasi sempre a presença d'elles determina accidentes formidaveis. Ás vezes tem furado a parede do ventre, e tem sahido pela abertura fistulosa. Em alguns casos, foi necessario recorrer á gastrotomia, operação que consiste em abrir o estomago, e que ás vezes foi seguida de bom resultado.

Corpos estranhos nas feridas. Pontas de instrumento, agulhas, pedaços de vidro, de louça, de capsulas ou de pão, encontrão-se nas feridas.

Reconhece-se um corpo estranho n'uma ferida pela dôr mais viva que a dôr da ferida simples. Ao comprimir a ferida, determina-se uma dôr viva, semelhante a uma picada ou cortadura; este signal é caracteristico, mesmo depois de cicatrizada a ferida. Se se sente debaixo da cicatriz um corpo duro, não ha erro possivel, entretanto nas regiões em que existia inflammação, certas induções lineares simulão corpos estranhos. Se não se provocão dôres na pressão, é quasi certo que não ha nenhum corpo estranho. Reconhecem-se ainda as pontas quebradas de armas nas feridas, examinando a arma que produzio o ferimento. N'uma ferida recente, se a ferida descança sobre um plano osseo, é inutil sondar

para reconhecer o corpo estranho; sente-se apalpando com o dedo. Nas feridas de partes molles sondar-se-ha com uma tenta. Os cascalhos, os grãos de areia, a terra n'uma ferida, são os unicos corpos estranhos que podem ser eliminados com o sangue ou expulsos pela suppuração. Abandonados a si mesmos os corpos estranhos podem enkystrar-se, isto é, cobrir-se de uma membrana que lhes forma uma especie de sacco, e demorar-se muito tempo nos tecidos. Acontece muitas vezes que com o tempo, o corpo estranho determina uma inflammação e é eliminado pela suppuração.

Tratamento. Todo o corpo estranho movel n'uma ferida deve ser extrahido.

Se o corpo está implantado n'um osso, extrahe-se alargando a ferida, agarrando o corpo estranho com boticão, instrumento que serve para arrancar dentes. Os corpos pouco volumosos, os fragmentos de panno, tirão-se com pinças.

Alarga-se a ferida, para extrahir os corpos estranhos, sobretudo se ha ameaços de inflammação; e cura-se depois a ferida com cataplasmas de linhaça.

As agulhas introduzidas debaixo da pelle deslocão-se sempre, e é raro que se possam alcançar pela abertura por onde entrãõ. Far-se-ha sobre a parte saliente da agulha uma incisão até a agulha; se esta se deslocou durante a incisão, introduzir-se-ha uma pinça na incisão, e agarrar-se-ha a agulha; augmentar-se-ha a incisão, guiando-se sobre a proeminencia da agulha. Cura-se depois a ferida com cataplasma de linhaça.

Querendo extrahir um corpo estranho depois da cicatrização da ferida, faz-se uma incisão e extrahe-se o corpo estranho pela disseccão. As agulhas, os pedaços de vidro, não necessitão senão uma só incisão; extrahem-se os corpos com uma pinça. Feita a extracção, lava-se a ferida com agua fria e cura-se com cataplasma de linhaça ou de fecula.

Corpos estranhos na garganta. Os corpos estranhos que parão na garganta são ordinariamente misturados com os alimentos no momento da deglutição. São fragmentos de ossos ou espinhas de peixe; ás vezes estes corpos forão introduzidos voluntariamente nos jogos ou n'um accesso de mania; são então colheres, garfos, peças de moeda, etc.

Os *symptomas* que produzem são : dôr viva, náuseas seguidas de esforços violentos e convulsivos para lançar, impossibilidade ou grande difficuldade de engulir. Os *symptomas* varião, porém conforme o volume e a fórma do corpo estranho: um corpo volumoso, parado na garganta, póde suffocar em pouco tempo tapando

as vias respiratorias; os corpos agudos determinão dôr mui viva, e podem produzir feridas.

Tratamento. Extrahem-se os corpos estranhos da garganta com os dedos ou com pinça de anneis (fig. 150), ou pinça ordinaria (fig. 151). Facilita-se a extracção, abaixando a lingua com o cabo

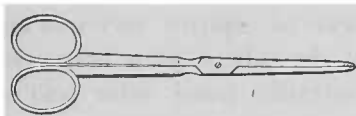


Fig. 150. — Pinça de anneis.



Fig. 151. — Pinça ordinaria.

de uma colher. Se o corpo estranho fôr tão volumoso que tape as vias respiratorias, e se não puder ser tirado immediatamente, será preciso fazer a abertura do larynge, para evitar a suffocação.

Corpos estranhos nas vias respiratorias, como larynge, trachea, e bronchios. Os corpos estranhos penetrão nas vias respiratorias pela abertura superior do larynge, chamada glote, depois de atravessarem a bocca durante a inspiração; podem tambem provir do estomago. Carços de fructas, grãos de diverso tamanho, pedaços de ossos, de espinhas de peixe, parcelas de alimentos, pequenas pedras, agulhas, dentes postiços, gottas de bebidas, taes são os diversos corpos estranhos que podem introduzir-se no larynge. Durante a passagem dos alimentos para o pharynge e estomago, a abertura do larynge que se acha diante do pharynge, fecha-se instantaneamente; mas se no momento da deglutição a pessoa tossir ou rir-se, abre-se então esta abertura, e deixa penetrar no larynge algumas parcelas de alimentos: este accidente sobrevem d'esta maneira no maior numero de casos. Esta introducção pôde tambem ter lugar nos vomitos, a bocca estando fechada.

A presença do corpo estranho no larynge produz tosse convulsiva e suffocante, dôres vivas, mudança de falla, difficuldade na respiração.

Entregues a si, os corpos estranhos nas vias respiratorias podem produzir accidentes graves, e até a morte.

A expulsão dos corpos estranhos faz-se frequentemente com a tosse. Isto acontece sobretudo com as pequenas parcelas de alimentos, ou com alguma bebida. Quando algumas gottas d'agua entrarem no larynge, determinão instantaneamente uma tosse convulsiva e a excreção de mucosidades que arrastão comsigo, na expectoração, o liquido que occasionou todos esses accidentes. É muito máo costume, quando alguma pessoa ou criança se engasga comendo ou bebendo, bater-lhe nas costas. O que ha de melhor a

fazer em tal caso é deixar o paciente tranquillo, e não lhe embaraçar a tosse, com a qual consegue expellir o corpo estranho. Esta expulsão espontanea póde tambem ter lugar, quando o corpo estranho fôr susceptivel de se amollecere e de se dissolver em parte nas mucosidades do larynge.

Tratamento. Para expulsar o corpo estranho das vias respiratorias é preciso tossir com força e provocar os espirros sôrvendo uma pitada de rapé. Ponha-se o paciente de cabeça para baixo, isto é n'uma posição tal que o corpo estranho possa sahir pelo seu proprio peso.

Se o corpo estranho se acha no orificio superior do larynge, tentar-se-ha a extracção com os dedos ou com pinça curva de anneis. Se é soluvel, e não venenoso, convem só esperar a sua dissolução e a sua expulsão com escarros.

Se tudo isso é sem resultado, e sobretudo se a suffocação é imminente, é preciso recorrer á tracheotomia, operação que consiste em abrir a trachea. Depois de feita a incisão, o corpo estranho apresenta-se ali de si mesmo, ou é expulso n'um esforço de expiração. *Vêja-se* TRACHEOTOMIA.

Corpos estranhos no nariz. As crianças empurrão frequentemente nas ventas caroços de differentes fructas, feijões e pequenas bolas que lhes servem de brinquedo; insectos podem penetrar tambem n'estas cavidades. Conforme o seu volume, sua fórmula mais ou menos angulosa, o tempo que ficão, estes corpos estranhos occasionão dôr, difficuldade na respiração, hemorragias, inflamações. Póde ás vezes obter-se a sua expulsão provocando espirros; porém, as mais das vezes, é preciso extrahi-los. Póde servir para isso um pequeno gancho ou pinças de differentes fórmulas. Ás vezes é necessario dilatar as ventas com esponja preparada, para poder introduzir mais facilmente os instrumentos. Se os corpos estranhos são mui volumosos, se incharão pela humidade, como acontece com feijões ou ervilhas, é preciso dividi-los para extrahi-los aos pedacinhos. Se o corpo penetrar tão profundamente que não se possa alcançar com estes instrumentos, é necessario empurra-lo para fóra, com um tampão de fios, impellido de traz para diante por meio da sonda de Belloc.

Corpos estranhos nos olhos. Os corpos estranhos podem introduzir-se entre as palpebras e o globo do olho, implantar-se nas membranas, ou penetrar mais ou menos profundamente na cavidade do olho.

Os corpos que se introduzem entre as palpebras e o globo do olho são ordinariamente grãos de areia, insectos, pestanas, parcelas de páo, de metal, etc. A sua presença determina uma dôr

viva, o lagrimejar, a vermelhidão do olho, e, depois, uma inflamação. Ordinariamente sahem com as lagrimas; ás vezes, entretanto, ficão atraz das palpebras, quer na parte mais declive do olho, quer por baixo da palpebra superior. N'este caso descobrem-se difficilmente não se tomando a precaução de levantar e virar sufficientemente a palpebra; e póde qualquer enganar-se tanto mais facilmente sobre a causa dos accidentes, quanto é sabido que a ophthalmia incipiente faz sentir aos doentes uma sensação analoga á de um corpo estranho. A extracção é facil: se não bastarem lavatorios com agua, é preciso empregar um pincelzinho feito de panno de linho ou de papel enrolado, para com elle tocá-los e trazê-los para fóra; ou uma pequena pinça para os apanhar. As mais das vezes estes corpos deixão só uma pequena irritação que cede aos lavatorios com agua morna ou com decoção de linhaça.

Eis-aqui um meio facil de extrahir os corpos estranhos de debaixo das palpebras: tira-se ligeiramente a si com os dedos a palpebra superior, com o fim de passar-lhe por baixo a palpebra inferior, de maneira que aquella venha cobrir esta, quanto seja possivel. Manda-se ao paciente gyrar o globo do olho por duas ou tres vezes: é raro que o objecto não venha ter ao angulo interno do olho, onde é levado pelo movimento do olho, e pelas lagrimas que se tem accumulado.

Os corpos estranhos entranhados nas membranas do olho são ordinariamente lascas de páo, parcellas de ferro que se separão quando se bate este metal estando quente, o que acontece principalmente aos ferreiros, etc. Para extrahir estes corpos é preciso empregar uma pinça, a ponta de um bisturí ou uma agulha. Emfim, os corpos estranhos que penetrão até á cavidade do olho, podem occasionar a extravasação dos humores e a perda do mesmo olho. Cumpre extrahi-los quanto antes.

Corpos estranhos nos ouvidos. Os corpos estranhos que se encontrão no conducto auditivo podem formar-se n'elle ou vir de fóra. Aquelles provém sempre da accumulacção da materia que humedece este canal, e que se chama *cera* ou *cerumen*. Resulta d'isso a dureza do ouvido, dôr surda, e um certo incommodo no fundo do conducto auditivo. Conhece-se a causa da molestia examinando o conducto auditivo; o seu fundo acha-se então occupado por um corpo amarellado, cuja dureza é ás vezes consideravel; é preciso amollecê-lo com seringatorios d'agua quente, e depois proceder á sua extracção com esgaravatador ou com pinça.

Os corpos estranhos vindos de fóra, e que podem encontrar-se no conducto auditivo, são solidos ou liquidos. Estes só produzem

uma sensação incommoda, de que é facil descombaraçar-se inclinando a cabeça de lado, ou introduzindo no conducto um pincelzinho de fios, que logo se embebe do liquido. Os corpos solidos são pulgas, percevejos e outros insectos, ervilhas, grãos de café, caroços de fructas, bolas de papel, de cera, de metal, etc. Demorando-se por algum tempo, estes corpos produzem uma inflamação acompanhada de fluxo puriforme.

Tratamento. Antes de proceder á extracção, deve-se examinar com muito cuidado o conducto auditivo, afim de não fazer tentativas inuteis e dolorosas, no caso de ter sahido o corpo estranho sem que o doente o soubesse. Para fazer convenientemente este exame, é preciso notar que o conducto auditivo, dirigido obliquamente de fóra para dentro e de traz para diante, é curvado no seu comprimento, de maneira que sua convexidade se acha em cima. Convem por conseguinte puxar para cima a orelha, afim de diminuir essa curvatura, e dar lugar a que os raios luminosos cheguem directamente ao fundo do canal. Antes de fazer tentativas de extracção, scrá util injectar no conducto auditivo um pouco de azeite doce, afim de que o corpo estranho possa escorregar mais facilmente. Os instrumentos que servem aqui são : pinça e esgaravador pequeno. Aquella convem para os corpos compridos, pontudos, irregulares (*Veja-se* as fig. 150 e 151, que representam as pinças). Nos outros casos, é preciso usar do esgaravador pequeno, especie de instrumento mui delgado, que se deve introduzir ao longo da parede inferior do conducto, e insinuar por baixo do corpo estranho. Depois da operação acalma-se a irritação com seringatorios d'agua tepida ou de cozimento de linhaça.

Eis-aqui um outro meio : introduzir entre o corpo estranho e o conducto auditivo um estylete metallico mui fino, com a ponta curvada em angulo recto ou obtuso, tendo o cuidado de manter a parte curvada em posição horizontal. Logo que esta parte tenha ultrapassado o lugar em que está situado o corpo estranho, dar-lhe um gyro no conducto auditivo de modo que possa bater contra o corpo, e attrahi-lo para fóra tirando o estylete.

Para matar os insectos que se tiverem introduzido ou desenvolvido no conducto auditivo, é necessario injectar azeite doce ou agua quente; e para extrahi-los convem servir-se de um pequeno esgaravador ou de um pincelzinho de fios, que se póde molhar em oleo de terebinthina ou em mel de abelhas para enviscar o insecto.

Corpos estranhos na pelle. Encontrão-se na pelle corpos estranhos que ali se fixarão em consequencia de uma quéda sobre a mão, por exemplo, ou em consequencia de qualquer outro acci-

dente; grãos de polvora, de chumbo, espinhas, pequenos fragmentos de vidro, forão observados na espessura d'esta membrana. Estes corpos demoram-se ás vezes muito tempo sem determinarem accidentes; os grãos de chumbo sobretudo, quando forão lançados de longe, fieão por muito tempo inoffensivos; parecem então como alojados nas pequenas cavidades da derme.

Os grãos de polvora tambem por muito tempo deixão mareas indeleveis.

Estes corpos, sobretudo quando são numerosos ou volumosos, não fieão sempre sem produzir irritação. Então a natureza os elimina, ou o cirurgião os extrahе com pinça ou com a ponta do bisturi. Os grãos de polvora, incrustados na espessura da pelle, devem ser tirados com a ponta de agulha ou do bisturi; esfregase depois a parte offendida com azeite doce.

Corpos estranhos no recto. Os corpos estranhos no recto são de natureza variada. Vem de dentro ou de fóra. Os da primeira categoria são : calculos, materias fecaes endurecidas, ou então corpos que, depois de engulidos, tendo pereorrido o resto do tubo digestivo, forão retidos no recto por causa do seu volume, de sua fórmula, ou da maneira com que se apresentarão no anus. Os corpos da segunda categoria são os que forão introduzidos directamente no recto, passando pelo anus. Não se póde crêr tudo o que o acaso, a vertigem da paixão, ou a maldade, puderão fazer a este respeito : uma bola de marfim, um rabo de poreo, um copo de vidro, etc., forão observados pelos medicos no intestino recto.

Symptomas. Não ha nada de constante sobre o tempo que decorre desde a ingestão pela bocca dos corpos estranhos até a sua chegada no recto. Muitas semanas podem deorrer antes que a sua presença por cima do anus seja annunciada por algum accidente. A sua marcha no canal digestivo é indieada por dôres obscuras, primeiro no epigastro, depois nas diversas regiões do ventre. Chegados ao recto, a presença annuncia-se pelos signaes seguintes: dôr obscura ou intensa no anus, inflammação com suppuração, prisão de ventre, ás vezes nauseas e vomitos. É raro que se possa vêr o corpo estranho; introduzindo, porém, um dedo no recto, reconheee-se a sua presença. Ás vezes, o canudo de uma seringa, pela resistencia que encontra, conduz ao diagnostico.

Estes ultimos signaes são communs aos corpos estranhos que chegarão ao recto depois de engulidos, o aos que são introduzidos pelo anus. As circumstancias commemorativas, fazem conhecer a via pela qual entrarão.

Tratamento. Se uma sanguessa se introduzio no recto, faz-se

sahir dando um clyster preparado com 250 grammas (8 onças) d'agua tepida e 30 grammas (1 onça) de sal de cozinha.

Tirão-se côm o dedo ou com o cabo de uma colher as materias feccaes endurecidas; ás vezes é necessario quebra-las e extrahilas por fragmentos. Se ficão só restos de pequeno volume, um leve purgante basta para desembaraçar d'elles completamente o intestino.

Os corpos estranhos, que por volumosos não podem ser expulsos espontaneamente com as materias feccaes, serão extrahidos com pinça ou tenaz; se não podem passar pelo anus, é necessario quebra-los afim de tira-los por fragmentos. Em alguns casos, o cirurgião é obrigado a empregar os meios indicados pelas circumstancias particulares: assim é necessario introduzir primeiro um especulo, se o corpo estranho apresenta asperidades. Em outros casos foi preciso empregar um sacarolhas ou verruma, para extrahir cylindros de páo.

Corpos estranhos na urethra. Os corpos estranhos da urethra vem de fóra ou da bexiga. Dividem-se; segundo a sua natureza, em corpos estranhos propriamente ditos e em calculos. Os corpos que de fóra penetraão na urethra não differem, pela sua natureza, dos que se introduzem accidentalmente na bexiga, são pedaços de sondas elasticas ou metallicas que se quebrãõ durante o catheterismo, pequenos pregos, alfinetes, e ervilhas, cabellos, etc.

Os calculos vem as mais das vezes da bexiga. Depois da introdução da lithotricia na pratica cirurgica, os calculos urethraes são mais frequentes: são então fragmentos de pedra que foi quebrada na bexiga; ha tambem pedras inteiras ou verdadeiras areias, que descidas dos rins e expulsas da bexiga, parãõ n'uma porção relativamente estreita do canal da urethra.

Tratamento. Consiste em extrahir o corpo estranho, que é ordinariamente um calculo. Qualquer que seja o meio de extracção empregado, deve-se principiar por fixar a parte sobre a qual se deve operar, e comprimir-se-ha, se fôr possivel, a porção da urethra posterior ao calculo, para que não recue em vez de caminhar para diante; e mesmo para favorecer este ultimo movimento, dirigir-se-hão as pressões no sentido da acção dos instrumentos empregados para a extracção. Os meios de extracção varião segundo a séde dos calculos. Assim, quando estes se achão no começo da urethra, perto do meato, serve a simples pinça de anneis. Um pouco mais profundamente, póde empregar-se uma aza de fio de prata ou de arame, afim de extrahir o calculo, como se extrahe a rolha cahida n'uma garrafa. Usa-se tambem uma

canula de prata, chata, que contém uma forte mola, terminada por um botão também achatado. Quando a ponta passou além do corpo estranho, empurra-se a mola; tirando-a depois a si arrasta-se o calculo. Mas quando o calculo é mais profundo ainda, outros meios devem ser postos em uso. O instrumento ordinariamente empregado é a pinça de Hunter: é uma haste encerrada n'uma canula, e cuja extremidade livre tem dois ramos que se apartão por serem elasticos. O instrumento é introduzido fechado; logo que chegou ao calculo, tira-se a si a canula, a qual não contendo mais os dois ramos, estes apartão-se e abraçam o calculo pelas duas extremidades do seu diametro. Esta pinça recebeu algumas modificações; curvárão-n'a para a fazer passar além da porção bolbosa da urethra; dividirão a sua haste em tres ramos em vez de dois, etc.

Quando é mui difficil extrahir a calculo inteiro, é preciso quebrar-lo primeiro com instrumentos de lithotricia. Mas se as operações de lithotricia devem ser mui longas e mui numerosas, é melhor recorrer á incisão do canal para extrahir o calculo, ou qualquer outro corpo estranho que se acha no canal da urethra.

CORPO FIBROSO. Dá-se este nome aos tumores arredondados mais ou menos volumosos; duros e não adherentes aos tecidos vizinhos. Desenvolvem-se ordinariamente no utero e no seio, mas podem também apparecer nas outras regiões do corpo, no pharynge, no nariz, etc. Pela maior parte são esbranquiçados ou amarellos; são compostos de fibras enroladas á roda de um caroço central; são mui resistentes e pouco elasticos. *Veja-se SEIO e UTERO.*

CORTADURA, CORTE, GOLPE. Dão-se estes nomes a feridas de pequena extensão feitas por instrumentos de gume, taes como facas, navalhas, vidro quebrado, etc. Quando alguma pessoa tiver dado um golpe, deve lava-lo com agua fria, e reunir exactamente um contra o outro os dois labios da ferida. Se o sangue parar, basta manter em contacto os dois labios com um pedaço de encerado inglez, que se molha com saliva e que se applica por cima; se o córte deita sangue, applique-se por cima do encerado um panno para apertar o córte; se o sangue continuar a correr, é preciso pôr fios seccos, depois um chumaço, e exercer com uma atadura uma pressão moderada, mas bastante forte para fazer parar o corrimento sanguineo. Deixão-se estes fios por doze ou vinte e quatro horas; depois tirão-se com precaução, e applica-se o encerado inglez, que continúa até á cura. Em geral, ao cabo de tres ou quatro dias a ferida acha-se cicatrizada. Póde-se também applicar um panno molhado em balsamo do commendador, ou em balsamo catholico. Estas preparações, compostas de alcool e

de substancias balsamicas e resinosas, tem a propriedade de coagular a albumina do sangue, e formar uma camada balsamica, que se oppõe á hemorrhagia. Tira-se depois esta camada, lavando-a com um pouco de aguardente que a dissolve. Para as cortaduras grandes, veja-se FERIDA.

CORTIÇA. Casca do soveiro, *Quercus suber*, Linneo, arvore da familia das Cupuliferas, que habita em Portugal, Hespanha, Italia, Argelia e no sul da França, e que é notavel por sua leveza. Propriamente fallando, a cortiça não é a casca, mas sómente a epiderme da arvore. Esta substancia compõe-se de um tecido esponjoso e elastico, cujas cavidades contém materias adstringentes, corantes, e resinosas ou gordas, que a tornão difficilmente permeavel á agua. A colheita da cortiça faz-se cada 8 ou 10 annos, por meio de incisões transversaes e longitudinaes; a mesma arvore póde fornecer 10 a 12 colheitas. A cortiça serve para fazer rolhas, solas de sapatos para garantir os pés da humidade, boias para ajudar a nadar, pedaços fluctuantes que os pescadores atão ás redes para as suspender á superficie das aguas, etc. Queimada em vasos fechados, dá o negro de Hespanha, empregado na pintura.

Cortiça brasileira. É fornecida pela *Bignonia uliginosa* de Gomes, arvore do Brasil, da familia das Bignoniaceas. Substitue para os habitantes do interior a verdadeira cortiça. Na Exposição universal de Pariz, em 1867, houve uma amostra d'esta cortiça, remettida de Cantagallo (provincia do Rio de Janeiro) pelo distincto pharmaceutico o Sr. Theodoro Peckolt.

CORYZA. Nome scientifico do defluxo. Veja-se DEFLUXO.

COSMETICO. Meio proprio para conservar a belleza. Ha poucas nações, antigas ou modernas, civilizadas ou selvagens, que não tenham tido ou não tenham os seus cosmeticos. São as senhoras, sobretudo, que recorrem a estes meios: esquecem-se que o asseio e a elegancia sem affectação, as graças naturaes do corpo, o engenho, o agrado e o pudor, são os mais poderosos cosmeticos. Deve-se, entretanto, dizer, para honra do nosso seculo, que as senhoras tem renunciado a todo o apparatus d'este engano, e que de bom grado se mostram agora como na realidade são. Os arrebiques são raramente empregados hoje (Veja-se ARREBIQUE).

Frequentes lavatorios com agua morna ou fria, simples ou com algumas gottas d'agua de Colonia, a pasta de amendoas, o sabão, algumas unções oleosas, taes são os unicos cosmeticos de que se póde fazer uso sem o menor receio. Indiquemos succintamente os cuidados que exigem as differentes partes do corpo.

Tem-se proposto muitas substancias para entreter a delicadeza e a frescura da pelle. As aguas distilladas de rosas, de tanchagem,

as pomadas de pepino, de cacáo, de balsamo da Meca, não podem apagar a mais ligeira ruga, nem destruir a menor aspereza. Estas preparações, ao menos, não são nocivas; mas as receitas, que devem algumas propriedades ás substancias metallicas, podem produzir accidentes. O banho do corpo, tomado uma ou duas vezes por mez, os banhos de meio corpo, os semicupios e outros banhos locais, são os melhores meios para entreter a limpeza e a frescura da pelle. As massas para as mãos são compostas de amendoas doces ou amargas, de feculas, ás vezes de balsamos, de mel de abelhas, de essencias e de um pouco de sabão. Não são nocivas, e constituem um cosmetico mui conveniente.

Faz-se frequentemente uso para os beiços de uma pomada chamada *unguento rosado*, que não tem inconveniente, e é util, sobretudo, contra o cieiro. Este unguento é uma especie de ceroto, corado com a orcaneta, e aromatizado com essencia de rosas.

As pessoas que tem a pelle das mãos aspera, rachada, podem, no momento de se deitarem, unta-la levemente com glicerina, manteiga de cacáo ou ceroto simples, e dormir com luvas.

Não é cousa indifferente cortar as unhas d'esta ou d'aquella maneira. As unhas das mãos, cortadas compridas ou curtas, pouco importa, mas não acontece o mesmo com as dos pés. Quando as unhas dos dedos grandes dos pés se cortão curtas e em meio-circulo, encravão-se pouco a pouco nas carnes, crescendo, causão dôres intoleraveis e inflammação, que necessita ás vezes uma operação dolorosa. É preciso, por consequente, cortar as unhas dos pés em linha recta, conservando os cantos de maneira que os dois lados da unha apoiem sobre as carnes lateraes e impeção que estas sobresaão.

Quanto ao que toca á barba, é vantajoso fazê-la frequentemente; uma barba longa retém a poeira e o suor, pica, irrita a pelle, e occasiona erupções desagradaveis. Se se adopta o costume de a trazer comprida, é preciso lava-la e pentea-la frequentemente.

A bocca exige cuidados particulares. Lavar os dentes frequentemente com agua pura, e esfrega-los levemente com uma escova macia, taes são os meios que devem geralmente usar-se. Empregase tambem espirito de cochlearia, tintura de guaiaco, agua de Colonia, e diversos elixires, em que entrão o cravo da India, o pyrethro, o alecrim, a hortelã, a noz moscada, etc. O seu uso é util, serve para consolidar as gengivas; mas é preciso desconfiar dos *pis*, tinturas, opiatos, e de todos esses pretendidos *thesouros da bocca*, cujas composições não são conhecidas. Convem, sobretudo, rejeitar os que branqueão os dentes rapidamente.

Os pós, em cuja composição entrem em grande proporção substancias salinas ou acidas, devém ser tambem proscriptos, porque atacão o esmalte. Os melhores dentifricios são os seguintes : os pós de osso de siba, a magnesia calcinada, ou mistura de 30 grammas de pós de lirio florentino com 1 gramma de canella. Algumas pessoas empregão para o mesmo uso a cinza de tabaco ou a borra do café. Estes ultimos pós tem inconvenientes, porque tingem os dentes em lugar de os tornar brancos.

A cabeça é a séde de uma transpiração abundante, que se coagula em pequenas escamas furfuraceas (caspa); é necessario lava-la frequentemente, e tirar com um pente estas escamas. A agua de Colonia, as differentes pomadas preparadas com gorduras finas e essencias aromaticas podem empregar-se sem inconveniente; entretem o cabello macio, e estimulão a pelle. Mas as diversas preparações mysteriosas, a que se attribuem as propriedades de dar aos cabellos uma vegetação mais activa, bem longe estão de possuir essa virtude. O caso é que, quando alguma causa, uma molestia, por exemplo, tiver determinado a queda do cabello, se o bolbo está mortificado, todo o remedio se torna infructifero; se, pelo contrario, a raiz conservar ainda algum vigor, não ha cousa mais efficaz do que a acção da navalha muitas vezes repetida. *Veja-se CALVICIE.*

Certas variedades da côr do cabello desagradão, e deseja-se muda-la para mais escura. Esta pratica é propria das pessoas que dão grande apreço ao cabello preto. Empregão-se para este fim as decocções das plantas que contém *tannino*; taes são a galha e o cato. Servem tambem para o mesmo fim as preparações ferreas, associadas ao anil, os pós de marfim queimado, bem como a cortiça queimada. Nenhum d'esses meios é nocivo á saude. Empregão-se igualmente muitos outros alvitres, dos quaes alguns não offerecem o menor inconveniente; por exemplo, o uso frequentemente repetido do pente de chumbo, immediatamente seguido de loções sobre o cabello com vinho branco carregado da infusão de cascas de romã. Mas existem duas preparações mais geralmente usadas, porque o seu effeito é mais rapido e sempre infallivel, que são a *agua do Egypto*, solução de pedra infernal em agua, e uma mistura de sulfureto de chumbo e de cal viva, diluida em um pouco d'agua, no instante em que se deve empregar. Segundo a sua composição, é evidente que semelhantes cosmeticos devem inspirar certo receio, ou pelo menos não se deverião empregar senão com a maior cautela.

Emfim, existe um genero de preparação ainda mais pernicioso. São as pomadas *depilatorias*, ás quaes as mulheres recorrem ás

vezes para se desembaraçarem de cabellos no rosto. A cal viva e ouro-pimento (sulfureto de arsenico) constituem a base da maior parte d'estas composições. A sua acção pôde corroer a pelle, e até determinar verdadeiros envenenamentos. Estas preparações, além d'isto, não podem impedir o crescimento do cabello; não fazem mais que retarda-lo. *Veja-se* DEPILATORIO.

COSTAS. A parte opposta ao ventre, do pescoço até as cadeiras. As costas constituem uma parte do espinhaço. Para as molestias das costas, *Veja-se* CORCOVA, ESPINHAÇO, CARIE VERTEBRAL, RHEUMATISMO. Nas costas observão-se tambem os *frunchos* e *anthrazes*.

COSTELLA. As costellas são arcos osseos situados nos lados do peito; são doze de cada lado; por detraz estão fixados á columna vertebral, e por diante unidos ao osso chamado *sternon*. As costellas concorrem para a formação da cavidade do peito e para proteger os órgãos contidos n'ella. Fig. 152.

A fig. 152 representa o thorax do homem; isto é, a cavidade que encerra os pulmões e o coração, e que é separada do ventre pelo diaphragma, musculo largo e delgado, situado transversalmente. Do lado esquerdo forão tirados os musculos, á excepção do diaphragma, que se vê atravez dos espaços intercostaes. Do lado direito, os musculos são conservados. — *v*, região cervical da columna vertebral; *vl*, região lombar d'esta columna; *s*, sternon; *cccc*, costellas; *c'*, costellas mendosas; isto é, as que não chegam a unir-se ao sternon; *cl*, clavicula; *iii*, musculos intercostaes; *f*, última

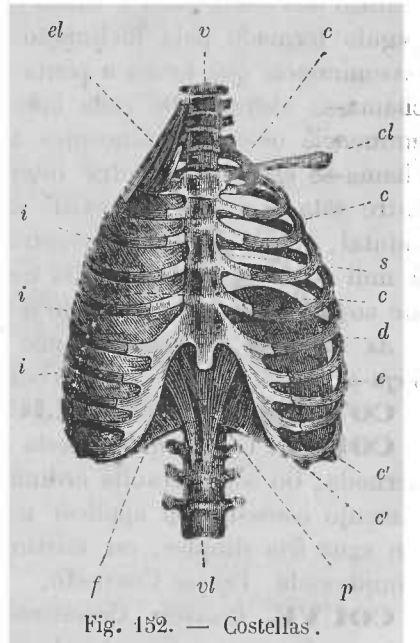


Fig. 152. — Costellas.

costella mendosa, encobertã pela inserção do diaphragma; *d*, musculo diaphragma, formando no interior do peito uma abobada encobertã do lado direito pelos musculos intercostaes, mas cuja direcção está indicada d'este lado por uma linha punctuada; *p*, pilares do diaphragma que se fixão nas vertebrae lombares; *el*, musculos elevadores das costellas.

Costellas (Fractura das). *Veja-se* FRACTURAS.

COSTURA. União das margens de uma ferida com a linha;

chamão-lhe também *sutura*. Dá-se igualmente o nome de costura á cicatriz de uma ferida. *Veja-se* CICATRIZ.

COTIA uo **AGUTI**. Animal da ordem dos Roedores; habita no Brasil e nas Antilhas. Tem o talhe e os costumes do coelho, as pernas de um terço mais compridas que as mãos, a cauda curta ou nulla, o pello liso e brilhante, de côr fulva-alaranjada, ou anegrada com gradação esverdeada. A cotia não faz covas; habita nas concavidades das arvores e vive de fructas, folhas e raizes. A carne come-se, mas tem um gosto selvagino. A pelle é excellente para calçado por ser macia e duravel. As cotias domesticão-se facilmente, produzem em abundancia; assentão-se sobre as cadeiras, e levão com as mãos o alimento á bocca, mas são muito incommodas pelo damno que causão aos moveis com os dentes.

COTO-COTO. *Veja-se* GRITADEIRA.

COTOVELO. Assim se chama a articulação formada pela reunião dos ossos *radio* e *cubito* com o osso *humero*; é o vertice do angulo formado pela inclinação do braço sobre o antebraço. A proeminencia que forma a ponta por detraz pertence ao cubito, e chama-se *olecrane*. De cada lado do cotovelo é facil sentir uma eminencia ossea, pertencentes ambas ao humero, uma exterior chama-se *epicondylo*, outra interna tem o nome de *epitrochlea*; entre esta e o olecrane existe um entalho onde se acha o nervo cubital; e por isso um encontro ou compressão sobre esse ponto é mui dolorosa; resulta d'ella um entorpecimento que se propaga até ao dedo minimo, seguindo o trajecto do nervo.

As molestias do cotovelo não apresentam nada de particular. *Veja-se* JUNTA, FRACTURA, DESLOCAÇÕES.

COTYLEDON UMBILICUS. *Veja-se* CONCHELOS.

COUCE. Golpe, que a besta dá com o pé, ou pés, para traz; pernada. Do couce resulta ordinariamente uma contusão, cujo tratamento consiste em applicar no lugar contuso ponnos molhados em agua fria simples, ou misturada com um pouco d'aguardente camphorada. *Veja-se* CONTUSÃO.

COUVE. *Brassica*. Cruciferas. Muitas especies de couve são empregadas como alimento. As principaes são :

1º **Couve das hortas redonda e fechada** ou **Repolho**. *Brassica oleracea capitata*, Linneo. Fig. 153. É a especie mais productiva, e mais frequentemente empregada. Cultiva-se nas hortas do Brasil e de Portugal. Este legume, bem cozido, é um alimento mui salubre, sobretudo quando só se empregão os dois terços internos. O repolho crú é duro, de cheiro pouco agradável, ás vezes almiscarado, cheiro que se manifesta apenas se começa a cozer, e que infecciona a cozinha; mas que diminue com a fer-

vura; o repolho é então mui saboroso e nutritivo, sobretudo quando é cozido com a carne. Duas horas de fervura são necessárias para fazer do repolho um alimento são e substancial; mas produz ás vezes ventosidades, o que procede quasi sempre de não



Fig. 153. — Repolho.

ter sido bem cozido. É aconselhado ás pessoas que padecem do peito. É com esta especie que na Allemanha e no norte da Europa se prepara o repolho salgado.

Repolho salgado (*Chou-croute*, em francez). Esta comida prepara-se pondo alternadamente uma camada de repolho cortado em laminas pequenas, uma de sal, e um pouco de alcaravia ou de zimbro; produz-se uma

especie de fermentação ácida; uma agua fetida corre pela torneira do barril em que se fez essa mistura. É preciso limpar a parte superior do barril, e cada cinco dias deitar agua fria até que corra limpa. Conserva-se o repolho n'um barril bem fechado, e coberto de sal. Este repolho come-se cozido com carne de porco ou de vacca; é um alimento mui nutritivo.

N'esta especie encontra-se o *repolho roxo*, empregado em pharmacia para fazer o xarope que se chama de *repolho roxo*, e se administra na bronchite.

2º **Couve verde crespa** ou **Couve de Milão** ou de **Saboia**. *Brassica oleracea bullata*. As folhas novas são cerradas na base, e abertas e crespas em cima.

3º **Couve de Bruxellas**. N'esta, desenvolvem-se ao longo do talo e dos ramos pequenas cabeças, cujas folhas chegadas umas ás outras, constituem uma comida muito delicada.

4º **Couve verde gallega**. As suas folhas são apartadas umas das outras e não reunidas em cabeça; são menos tenras do que as das outras variedades. Esta especie cultiva-se só para o sustento dos animaes.

5º **Couve rábão**. *Brassica oleracea caulo-rapa*. Fig. 154. N'esta variedade, o talo incha e forma uma especie de cabeça arredondada e carnosa; esta cabeça é a parte que serve de alimento ao homem, as folhas são proporcionalmente menos carnosas que nas

outras variedades. Prepara-se este alimento como os nabos, a que se assemelha pelo gosto. A couve rábão é mais tenra nos climas frios do que nos quentes, onde tende a tornar-se lenhosa.

6° **Couve-nabo.** *Brassica campestris nabo-brassica.* Fig. 155.

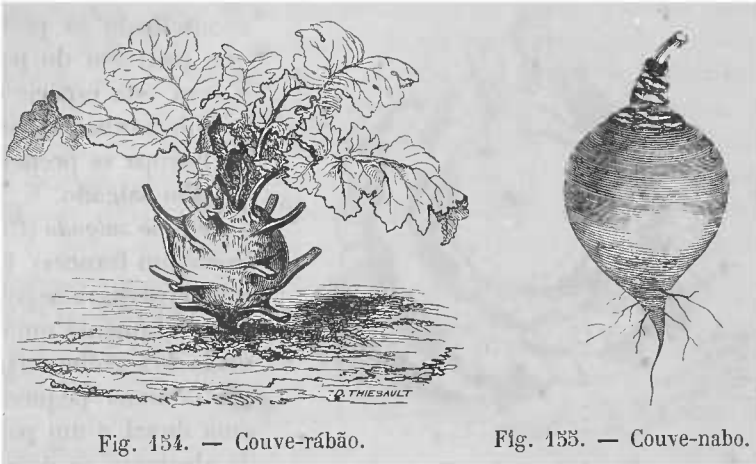


Fig. 154. — Couve-rábão.

Fig. 155. — Couve-nabo.

N'esta variedade, a raiz torna-se inchada perto do collo, tuberosa, quasi redonda. Distingue-se do verdadeiro nabo, por ter a polpa mais firme, a pelle mais dura e mais espessa, e por ter o sabor da couve.

7° **Couve-flor.** *Brassica oleracea botrytis.* Uma cabeça de couve-flor compõe-se de peduncullos floraes, cujos botões se reúnem e formão esta superfície branca e convexa que constitue a porção principal da cabeça. Deixando-se crescer, esta cabeça alonga-se, divide-se, ramifica-se e produz flores e fructos como as outras couves. De todas as variedades da couve, esta é a mais facil de digerir.

COXA. É a parte dos membros inferiores comprehendida entre a bacia e o joelho. É limitada superiormente : pela dobra da virilha por diante, pela dobra da nadega por detraz, pelo perineo por dentro, pela anca por fóra; termina inferiormente no joelho e na curva da perna.

A coxa compõe-se de um só osso, ao redor do qual vem ajuntar-se numerosos e poderosos musculos. Este osso, chamado *femur*, é o maior e o mais forte do esqueleto humano. A extremidade superior apresenta uma grande eminencia ossea, chamada *cabeça*, unida ao osso por uma porção mais delgada chamada *collo*. O collo e a cabeça do femur formão com o corpo do osso, dirigindo-se para dentro e para cima, um angulo obtuso. No vertice d'este angulo e por fóra existe uma volumosa apophyse, chamada o *grande trochanter*. Um pouco mais abaixo e por dentro acha-se

outra eminencia, mais pequena, chamada *pequeno trochanter*. A cabeça do femur articula-se com o osso coxal, que a recebe n'uma cavidade chamada *cotyloidea*. A extremidade inferior do femur apresenta duas tuberosidades, chamadas *condylos*, que se articulão com a tibia, um dos ossos da perna.

A coxã pôde ser affectada de *postemas*, que não apresentam nada de particular. No artigo COXALGIA descrevo uma molestia particular, propria á cabeça do femur. No artigo FRACTURAS descrevo as *fracturas do femur*; e no artigo DESLOCAÇÕES, trato das deslocações ou luxações da coxa.

COXALGIA. (Do latim *coxa*, coxa, e do grego *algos*, dôr.) Dôr da coxa ou antes do quadril. Chama-se *coxalgia*, *dôr de quadril* ou *dôr de coxa*, a affecção complexa da articulação coxo-femoral; isto é, da articulação do osso da coxa (femur) com o osso coxal. A natureza d'esta molestia é a mesma que a dos *tumores brancos* das outras juntas. Esta molestia chama-se tambem *luxação espontanea* ou *consecutiva* do femur, porque a deslocação sobrevem ordinariamente sem causa externa, e em consequencia da molestia das superficies articulares. A coxalgia é o resultado de uma affecção geral, e mais ordinariamente das *escrophulas*; em muitos casos é devida ás causas internas ou externas que produzem a inflamação, ás pancadas, ás quedas, etc. As crianças são affectadas d'esta molestia mais frequentemente que os adultos.

Principia ordinariamente por uma dôr na nadega, que se propaga até ao joelho. Esta dôr pôde persistir mêzes e até annos; durante este tempo a cabeça do osso da coxa, tendo inchado pela alteração do tecido osseo, não pôde ser contida na sua cavidade; sahe d'ella em parte; a coxa acha-se d'esta maneira mais alongada, a nadega fica achatada e o doente coxea. Mais tarde a cabeça do femur acha-se inteiramente expulsa da sua cavidade articular, desloca-se subita ou lentamente e dirige-se quasi sempre para cima e para fóra; completando-se assim a deslocação espontanea, cêssão as dôres, e a coxa, que se tinha alongado no principio, torna-se então mais curta. Ás vezes, a molestia do osso faz novos progressos, as dôres tornão a apparecer, e formão-se abcessos e trajectos fistulosos: comtudo o doente sára frequentemente; mas forma-se n'esse caso uma falsa articulação, ou uma ankylose, que o deixa necessariamente côxo para sempre.

Tratamento. No principio da molestia empregão-se os semicupios d'agua quente e cataplasmas de linhaça sobre a junta doente. Se a molestia está mais adiantada, applicão-se sobre a junta coxo-femoral pannos molhados em tintura de iodo. Eis-aqui a receita d'este medicamento:

Tintura de iodo. 30 grammas (1 onça).

Internamente o doente usará das pilulas de iodureto de ferro, uma pilula pela manhã, outra á noite, e por cima de cada pilula beberá uma chicara de infusão de lupulo, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) de lupulo, e uma chicara d'agua fervendo.

Eis-aqui a receita das pilulas de iodureto de ferro :

Pilulas de iodureto de ferro de Blancard. 60

Acabadas as pilulas, tomará oleo de figado de bacalháo, na dóse de 1 a 2 colheres *de sopa* por dia : ou em capsulas, 10 a 15 capsulas por dia.

Os banhos aromaticos são muito uteis n'esta molestia. O doente tomará um banho aromatico geral por semana. O modo de preparar estes banhos acha-se indicado no vol. I, pag. 307.

Fará fricções na coxa com linimento de Rosen, ou com balsamò nerval, uma vez por dia; uma colher, das *de sopa*, para cada fricção; estes medicamentos achão-se nas pharmacias com as receitas seguintes :

1º Linimento de Rosen. 90 grammas (3 onças)

2º Balsamo nerval. 90 grammas (3 onças).

O modo da preparação está indicado no meu Formulario.

Uma boa alimentação, o uso do vinho, a habitação no campo, o bom ar, são outros tantos meios que auxilião o emprego dos medicamentos.

COXEADURA, COXO. *Veja-se* CLAUDICAÇÃO.

COZIMENTO. Designa-se por este nome qualquer bebida preparada por decocção, e destinada ao doente. Chama-se *tambem* *decocto*, e pelo abuso das palavras se lhe tem dado o nome de *decoção*, palavra que não deveria designar senão a operação que consiste em fazer ferver uma substancia medicamentosa em qualquer liquido. As bebidas dos doentes que se preparão por infusão vão descriptas no artigo INFUSÃO.

O vehiculo geralmente empregado para todas as decocções é a agua. Extrahe-se pela fervura muito maior numero de principios do que pela infusão. Prefere-se a primeira operação para as raizes, sementes, cascas e as substancias animaes, taes como frango, vitella, tartaruga; reservão-se as infusões para as materias odoríferas, como folhas de laranjeira, flores de sabugueiro, que perderião o cheiro se fossem submettidas á fervura.

O tempo da ebullicão varia segundo as substancias. Faz-se ferver a cevada e o arroz até que tenham rebentado e amollecido; fazem-se ferver menos tempo os figos seccos, as passas, a raiz de alcaçuz; submete-se, pelo contrario, a uma ebullicão prolongada a raiz de salsaparrilha, o páo guaiaco e a casca de quina.

Os cozimentos, conforme as substancias de que são compostos, são denominados peitoraes, tonicos, emollientes, sudorificos, etc. Não entrarei em outros pormenores relativamente á preparação dos cozimentos, porque estas preparações, assim como as propriedades dos cozimentos, vão indicadas nos artigos consagrados a cada uma das substancias com que são formados.

Em muitos casos, os cozimentos devem ser tomados mornos; convem assim nas constipações, e em numerosas affecções do peito, desde o simples defluxo até ao pleuriz. Faz-se uso de cozimentos frios em certas affecções nervosas, certas febres acompanhadas de calor interior, nas perdas uterinas, nas hemorrhagias, etc.

CRANEO. É o caseo, ou caixa ossea que contém o cerebro. Compõe-se de oito ossos. Na infancia, estes ossos gozão de certa mobilidade, e são separados uns dos outros pelas membranas chamadas *molleiras*.

As fracturas do craneo vão descriptas no artigo FRACTURAS.

CRANEOLOGIA. *Veja-se* PHRENOLOGIA.

CRAVO (Molestia). *Veja-se* FRUNCHO.

CRAVO BOUBATICO. *Veja-se* BOUBAS.

CRAVO (Planta). *Dianthus*. Genero da familia das Caryophyllaeas, typo da tribu das Diantheas, contém plantas herbaceas, vivazes pela maior parte, de folhas oppostas, lineares; caule de côr verde, articulado, mais ou menos ramoso, terminando por flores isoladas, ou em ramalhetes mais ou menos volumosos; calice tubulado de 5 dentes, cercado na base de muitas escamas imbricadas: 5 petalas, denteadas ou franzidas; capsula unilocular, oblonga, com muitas sementes.

O genero *cravo* encerra quasi 100 especies, que se cultivão nos jardins:

1º **Cravo propriamente dito**, *Dianthus caryophyllus*, é a especie a mais commum nos jardins. Todos conhecem a fórma elegante de suas flores, as bellas variedades de suas côres, e a fragrancia que exhalão. Entre as numerosas variedades d'esta especie, cita-se sobretudo o *Cravo vermelho*, o *Cravo branco puro*; o *branco salpicado* ou *jaspeado* de roseo, roxo, ou purpureo; o *amarello sanguineo*, todas as variedades da côr rosea, principiando pela côr de carne, e chegando por gradação á roxa purpurea. As bellas variedades de cravos tem, como as tulipas e os jacinthos, nomes pomposos: o *Jupiter*, o *Ajax*, o *Apollo*, o *Bastão real*, etc.

2º **Cravo soberbo**, *Dianthus superbus*, é assim chamado por causa do seu excellent perfume e da belleza da sua flor; o seu caule é ramificado no apice; as suas folhas lineares um tanto

largas; as flores dispostas em ramalhetes, de côr rosea-pallida, ou inteiramente brancas; as pctalas agradavelmente recortadas até ao meio da sua largura; 4 escamas na base do calice.

3º **Cravo mimoso**, *Dianthus moschatus* ou *plumarius*, distingue-se por uma infinidade de flores roseas, exhalando um cheiro delicioso: cultiva-se para bordaduras, e multiplica-se por lascas; é vivaz, mas convem renova-lo ou replanta-lo cada 3 ou 4 annos, porque acaba por se desgarnecer no centro. Ha diferentes variedades d'esta espécie: o branco, o roseo salpicado de purpureo, etc.

4º **Cravo barbudo**, *Dianthus barbatus*, vulgarmente *Cravo de poeta*, *Ramalhete perfeito* e *Ciúme*; não tem cheiro, mas suas flores, reunidas em um feixe espesso, de um vermelho-escuro, ás vezes brancas ou salpicadas de vermelho, produzem um effeito bonito.

5º O **Cravo prolifer**, *Dianthus prolifer*, o maior de todos, é assim chamado por causa do grande numero das pctalas que, não podendo frequentemente serem contidas no tubo do calice, fende-se este para lhes dar passagem; sustem-se então a flor com uma carta, etc.

Os cravos multiplicão-se por sementes, por mergulhões e por estacas. Estão sujeitos á molestia chamada *gancho*: é um nó que se forma sobre o talo dos mergulhões, e lhes produz o gancho.

Os confeiteiros fazem, com cravos, aguardente e assucar, um licor, chamado *ratafia de cravo*. Os perfumistas extrahem a essencia da flor para fazerem perfumes. Na pharmacia, com os cravos vermelhos, agua e assucar, faz-se um xarope, que é cordial.

CRAVO DE DEFUNTO. *Tagetes glandulifera*, Schrank. Pequena planta, da familia das Compostas, commum no Rio de Janeiro, S. Paulo, e outras partes do Brasil. Caule de 30 a 40 centimetros, folhas pinnatifidas, compostas de foliolos lineares, denteados; flores de côr amarella-desmaiada; tem um cheiro forte e desagradavel, mas produz um bonito effeito. O Dr. Martius recommenda esta planta como estimulante e diaphoretica; e o oleo, que se extrahe d'ella, como vermifugo.

CRAVO DA INDIA. Fig. 156. Dá-se este nome ao botão floral do craveiro, *Caryophyllus aromaticus*, Linneo, arbusto da familia das Myrtaceas, originario das Molucas, naturalizado na Ilha de França, Bourbon, Guiana e no Brasil, sobretudo nas provincias do Pará e da Bahia, onde a sua cultura vai augmentando de dia em dia, e póde contribuir para a riqueza nacional. Todas as partes do craveiro são aromaticas; mas as flores d'este arbusto são mais ricas em aroma do que os outros orgãos, sobretudo quando ainda não se achão inteiramente abertas; são conhe-

cidas debaixo do nome de *cravos da India*; faz-se uso d'ellas n'um grande numero de preparações culinarias. Uma cebola, picada de 2 a 3 cravos, e mettida n'uma panella, dá bom gosto ao caldo. O cravo associado á canella serve tambem para aromatizar as fructas preparadas com aguardente.

Os melhores cravos da India são pesados, de côr vermelha-escura; são guarnecidos de uma cabeça e deixão transudar, quando se quebrão, o oleo volatil de que estão penetrados. O mesmo cheiro e o mesmo sabor, que distinguem os cravos, existem nas outras partes do craveiro, taes como a raiz, folhas e flores abertas. Os botões que escapão á colheita dão um fructo do tamanho de uma amendoa e de cheiro muito

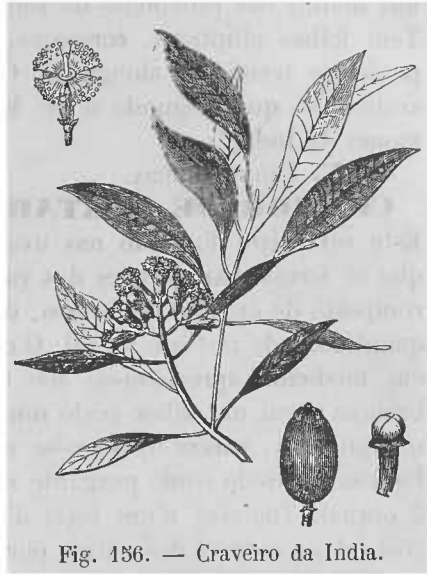


Fig. 156. — Craveiro da India.

aromatico. Estes fructos servem para a reproducção do arbusto ou para a preparação dos doces. O *oleo volatil* particular que os chimicos extrahem do cravo da India é muito acre e caustico. Emprega-se não só como perfume, mas ainda para acalmar, por uma especie de cauterização, as dôres dos dentes cariados: deitão-se então algumas gottas sobre o algodão que se introduz na cavidade do dente cariado. O cravo reduzido a pó emprega-se na dôse de 40 a 60 centigrammas (8 a 12 grãos), misturado com assucar, como excitante e estomachico.

CRAVO DO MARANHÃO. *Veja-se PÃO CRAVO.*

CRAVO DA TERRA, produzido pelo craveiro da terra, *Calyptranthes aromatica*, St-Hilaire, arbusto da familia das Myrta-ceas, que habita nos mattos virgens da provincia do Rio de Janeiro. Tem 8 a 9 pés de altura; folhas de 12 a 18 pollegadas de comprimento, de 4 a 6 de largo, oblongas-ellipticas, inteiras; flores sessis nos ramos, esverdeadas; floresce no mez de janeiro e fevereiro. Augusto de St-Hilaire julga que elle deve tornar-se um ramo de commercio mui vantajoso. Como tempero e remedio, os botões das flores d'esta planta podem ser substituidos á especiaria das Molucas, e dar, pela distillação, um oleo essencial que não seria inferior ao que é extrahido do cravo da India. Estas flores podem ser administradas como estimulantes e sudorificas em infusão,

na dóse de 1 gramma (20 grãos) para uma chicara d'agua quente.

Dá-se tambem o nome de *Craveiro da terra* á *Eugenia pseudocaryophyllus*, D. C., arvore da familia das Myrtaceas, que habita nas mattas das provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas. Tem folhas ellipticas, coriáceas, convexas; flores dispostas em paniculas terminaes alongadas. O fructo é uma baga de cheiro aromatico, que, segundo o Dr. Martius, póde substituir o cardamomo da India.

CRÉ. *Veja-se* GREDÁ.

CREMOR DE TARTARO. Tartrato acido de potassa. Este sal existe formado nas uvas e nos tamarindos. O deposito que se forma nas paredes das vasilhas e das garrafas de vinho é composto de cremor de tartaro, de materia corante e de pequena quantidade de tartrato de cal. O cremor de tartaro que se emprega em medicina apresenta-se sob a fórma de pequenos crystaes brancos: tem um sabor acido mui pronunciado; é pouco solúvel na agua fria, porém dissolve-se mais facilmente na agua quente. Este sal é usado como purgante na dóse de 15 a 60 gram. (1/2 a 2 onças). Toma-se n'um copo d'agua com assucar; não tem o gosto desagradavel dos outros purgantes.

CREOSOTA. Espécie de oleo essencial extrahido do alcatrão. É um liquido sem côr, quando puro; toma com o tempo uma côr avermelhada; de cheiro desagradavel e analogo ao da carne defumada, de sabor acre, adstringente e caustico; solúvel na agua, miscível com o alcool e oleos. É dotado de acção caustica, e emprega-se no curativo das feridas. Usa-se tambem contra as dôres de dentes provenientes da carie. Para isso, molha-se um palito e applica-se na cavidade do dente cariado; ou molha-se algodão e introduz-se no dente cariado.

CRESCIMENTO. Entende-se por esta palavra o augmento da altura e do volume do corpo. O crescimento é tanto mais rapido, quanto mais joven é o individuo. Na idade de 3 a 4 annos a criança tem chegado quasi á metade da altura que deve ter no fim do crescimento. A estatura humana offerece differenças conforme os climas: no Rio de Janeiro, a criança que nasce tem 18 pollegadas de comprimento, pouco mais ou menos; o homem chega a ter 5 pés e mais.

O crescimento não segue sempre as regras constantemente progressivas; isto é, o corpo não augmenta na proporção sempre constante para um espaço de tempo determinado; assim observão-se n'um grande numero de pessoas variações grandes, e quasi sempre inesperadas; tal criança, que cresceu com rapidez nos primeiros annos, vê depois esse progresso interrompido ou demo-

rado, por mais ou menos tempo, proseguindo depois, com força e energia ou continuando sempre no mesmo estado de fraqueza, até á época em que cessa esta funcção. Aos 18 ou 20 annos, cessa o crescimento em altura; para alguns individuos termina mais cedo, raras vezes se prolonga mais tempo.

O Dr. Hamberger publicou uma tabella em que estabelece a proporção do crescimento para os diversos periodos da mocidade, *de uma maneira geral*. Observou que, de dezoito mezes a quatro annos e meio, a criança cresce um pouco mais de quatro pollegadas por anno; que, de quatro annos e meio a treze annos, o crescimento é de vinte linhas, termo médio, n'um anno; que, de treze a dezoito annos, esta quantidade é só de oito linhas (dois terços de uma pollegada).

Quando o crescimento é rapido, manifesta-se frequentemente nas crianças um estado passageiro de molestia, caracterizado por febre e dôres articulares: o repouso na cama é o unico meio que se deve empregar para combater este incommodo, que é melhor abandonar a si proprio, se não se complicar com symptomas mais graves. Muitas molestias da infancia attribuem-se ao crescimento, e logo que a criança tem febre, decidem muitas pessoas que é porque está crescendo: ha certamente exaggeração relativamente a este motivo em muitos casos, e sobretudo quando se attribuem ao crescimento as inchações das glandulas que se observão no pescoço, nas virilhas, sobacos, e que procedem da fraqueza da constituição, que se deve combater com banhos frios, exercicio, vinho e medicamentos tonicos.

A rapidez do crescimento predispõe ás vezes ao desvio do espinhaço e á tísica: cumpre combater estas molestias logo que apparecem os seus primeiros symptomas; o tratamento consiste em gymnastica, passeios a cavallo, nadar e outros exercicios ao ar livre; regimen composto principalmente de carne, vinho, preparações de ferro, infusão de raiz de chicoria.

CRESTADO DO SOL. Para o rosto crestado do sol convem lavatorios d'agua de arroz, d'agua fria simples ou misturada com um pouco d'aguardente camphorada, ou d'agua de Colonia. Com estes meios simples, a côr parda-escura, proveniente da queimadura pelo sol, desaparece em poucos dias.

CRIANÇA (HYGIENE DA). *Veja-se* o artigo MENINOS.

Criança recém-nascida. Os cuidados que exige vão indicados no artigo PARTO.

Criança que nasce tapada. *Veja-se* ANUS (Imperforação do).

Crianças que ourinão na cama. *V* INCONTINENCIA DA OURINA.

CRISE. Mudança que sobrevem no curso de uma molestia,

e se annuncia por alguns phenomenos particulares, como uma evacuação abundante, suores, sedimento nas ourinas, alguma hemorrhagia, etc. É *salutar* ou *fatal* segundo o resultado.

CRITICA (IDADE). *Veja-se* MÊNSTRUÇÃO e IDADE.

CROCODILO. Genero de Reptis, da ordem dos Saurios, assaz semelhantes aos lagartos pelas suas fórmãs geraes, mas que, vivendo habitualmente na agua, tem os pés de detraz empalmados, a cauda achatada e propria para o nado. Tem a cabeça alongada, em fórmula de pyramide deprimida; o focinho rugoso e desigual; o pescoço bastante marcado; a guela fendida muito além das orelhas; das duas queixadas só a inferior é movel; os dentes conformados e dispostos de tal maneira que podem lacerar a preza sem mastiga-la; os olhos aproximados um do outro, collocados na parte anterior do craneo e guarneçidos de uma membrãna movediça; cinco dedos nos pés anteriores, guarneçidos de unhas curvas, quatro nos pés posteriores. O corpo é coberto com chapas osseas, pyramidaes, juxtapostas, revestidas de epiderme escamosa bastante espessa, e formando pela sua reunião uma especie de couraça que resiste nas grandes especies ás balas de espingarda; nas costas estas chapas levantão-se em arestas longitudinaes mais ou menos salientes, e a cauda apresenta duas cristas denteadas em fórmula de serra que se reúnem em uma só na ponta. A pelle é de côr amarella-esverdeada. Os crocodilos habitão as regiões quentes do antigo e do novo continente: vivem nos grandes rios, nos grandes lagos, e ás vezes á margem do mar. São oviparos; ao sahirem do ovo, não tem senão 20 centimetros, mas alguns attingem um desenvolvimento de mais de 10 metros. Estes animaes são essencialmente carnivoros e mui vorazes: destroem muito peixe, e até atacão o homem.

O naturalista Cuvier dividio os Crocodilos em tres sub-generos: *Crocodylo propriamente dito*, *jacaré* ou *caimão*, e *gavial*.

1º **Crocodylo propriamente dito.** Fig. 157. Tem a cabeça oblonga e duas vezes mais comprida do que larga; attinge as maiores dimensões. Estes crocodilos habitão principalmente as regiões superiores do Nilo, em cujas cannas se põem á espreita para apanhar a preza que consiste em peixes, aves aquaticas, cães, etc., arrastão a preza para dentro d'agua para afoga-la, e depois tirão-n'a d'ella para a devorar. *Vivem na agua e na terra*, mas são menos temiveis na terra do que na agua, por causa da pouca agilidade de seus movimentos. Os seus membros são curtos e mais proprios para nadar do que andar. Estes animaes mudão difficilmente de direcção, e é mui facil evita-los andando á roda.

Os crocodilos são oviparos, como já deixei dito, e os seus ovos

do tamanho dos de uma perua, e maiores, conforme a especie, tem a casca resistente. A femea os põe sobre a areia, cobre-os com folhas; mas não os choca, vigiando só sobre elles e defendendo-os

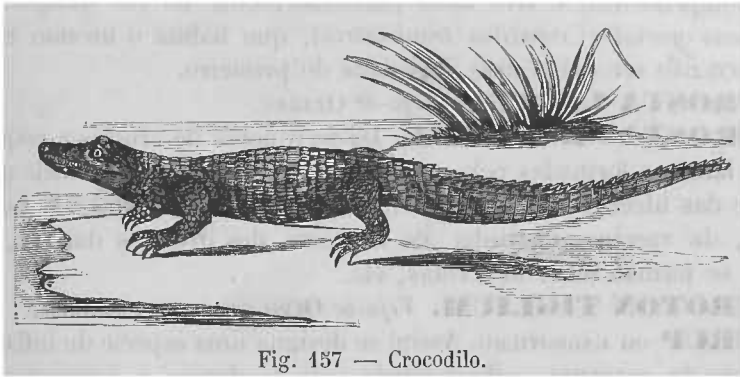


Fig. 137 — Crocodilo.

com coragem. Os pequenos, logo que sahem da casca, deitão-se á agua, onde muitos são devorados pelos peixes vorazes. O grito dos crocodilos foi comparado ao vagido de uma criança.

2º **Jacaré.** Este sub-genero contém muitas especies que habitão os grandes rios da America meridional.

Os jacarés são mais pequenos do que os crocodilos propriamente ditos; mas alguns ha que attingem 4 e mesmo 6 metros de comprimento. O seu focinho é largo e obtuso; elle é oblongo e deprimido no crocodilo, delgado e muito alongado no gavial. Os jacarés tem os pés meio empalmados e sem dentilhões; os dentes desiguaes na queixada inferior. A côr d'estes animaes é roxa-esverdeada na parte superior, com listras transversaes irregulares na parte inferior. Os jacarés andão muito depressa em linha recta, não se voltão senão com difficuldade, mas nadão com a rapidez de uma frecha. Matão-n'os a tiros de espingarda. Algumas pessoas comem-lhes a carne, apezar do cheiro de almiscar que lhe é proprio; a banha é empregada em fricções contra as dôres rheumaticas; usa-se tambem para luzes, calafeto, e na confecção das argamassas betuminosas; a pelle cortida dá um couro assaz bom. Os naturalistas contão 5 especies de jacarés; 1ª *Jacaré de oculos* (*Crocodilus sclerops*, Schn.), assim chamado por causá de uma sorte de aresta transversal que reune as margens das orbitas: é a especie mais commum no Brasil. 2ª *Jacaré de focinho de lucio* (*Crocodilus lucius*, Cuvier), assim chamado pela fórma de seu focinho, que é semelhante ao do peixe lucio; distingue-se tambem por quatro chapas principaes sobre a nuca. 3ª *Jacaré de palpebras osseas* (*Crocodilus palpebrosus*, Cuvier). 4ª *Jacaré de pontos negros*. 5ª *Jacaré cynocephalo*.

3º **Gavial.** Sub-genero de Crocodilos, caracterizado pelo focinho estreito e alongado. Acha-se na Asia meridional. O *gavial de Ganges* (*Crocodilus longirostris*), typo d'este genero, attinge de 5 a 6 metros de comprimento, e vive mais particularmente no rio Ganges. O *pequeno gavial* (*Crocodilus tenuirostris*), que habita o mesmo rio, parece não ser senão uma variedade do primeiro.

CROSTA LACTEA. *Veja-se* OZAGRE.

CROSTAS DA PELLE. Dá-se o nome de crostas a pequenas laminas formadas pela coagulação de pus ou de serosidade que sahe das ulcerações ou das pustulas; taes são as crostas das bexigas, da vaccina, da tinha, do cobreiro, dos diversos dartros, as que se formão sobre as feridas, etc.

CROTON TIGLIUM. *Veja-se* OLEO DE CROTON TIGLIUM.

CRUP ou GARROTILO. Assim se designa uma especie de inflamação da garganta, caracterizada pela tendencia á formação de uma membrana, nas vias aereas, ou pela formação real d'esta membrana, que obstrue a passagem do ar e póde occasionar a suffocação.

Causas. O frio humido é a causa mais frequente do garrotinho; assim, esta molestia é mais commum nos paizes septentrionaes, e principalmente nos climas frios e humidos, do que nos seccos e quentes. Reina ás vezes epidemicamente; isto é, ataca grande numero de individuos ao mesmo tempo. Desenvolve-se com particularidade nas crianças; affecta, entretanto, os adultos, mas raras vezes.

O crup é contagioso; cumpre, pois, evitar cuidadosamente que se aproximem do doente outras crianças da mesma familia. O doente deve estar só, e collocado em lugar onde o ar possa renovar-se facilmente.

Symptomas. O crup começa pela mesma fórma que um simples defluxo. Ao principio a tosse é leve, bastante secca, um pouco rouca ou aguda; o doente queixa-se ás vezes de uma pequena dôr na parte anterior do pescoço, o qual, em certos casos incha. É preciso então examinar a bocca. Se se achar a garganta vermelha, as amygdalas augmentadas de volume e cobertas de pequenas chapas esbranquiçadas; se, ao mesmo tempo, as glandulas do pescoço estão inchadas e dolorosas, deve-se temer a invasão do crup. Este estado póde durar um ou mais dias: os doentes, e principalmente as crianças, conservão toda a alegria; emfim, a molestia confirma-se, e eis-aqui os symptomas que se apresentam: A criança é assaltada, ordinariamente durante a noite, por uma tosse convulsiva acompanhada de um ronquido particular, semelhante ao latido de um cachorrinho, ao grito do gallo novo, ou ao cacarejo

da gallinha. Cada inspiração é sibilante ou mui sonora, a expiração curta e difficil; ás vezes ouve-se um frémito que parece ser produzido por mucosidades agitadas pelo ar; o pescoço torna-se doloroso e inchado; o rosto fica pallido, mas córa com os accessos da tosse; o doente vira a cabeça para traz, e leva com frequencia a mão ao pescoço, como para arrancar o obstaculo que se oppõe á passagem do ar: é ameaçado de suffocação, sobretudo durante os abalos da tosse: vomita ás vezes. Se lançar, por effeito da tosse ou pelos esforços dos vomitos, muitas mucosidades ou pedaços da membrana ou a membrana inteira, todos os symptomas diminuem, até ao ponto de fazerem crer na cura; mas este socego, depois de durar algumas horas, e ás vezes um e dois dias, é seguido de novo accesso, ordinariamente, mais intenso do que o precedente. Quando a molestia tem chegado ao seu mais alto gráo, a respiração é accelerada, o pulso fraco, frequente, irregular; a suffocação parece imminente, a anxiedade é extrema, um suor frio e viscoso cobre a cabeça e o peito, e o pequeno doente succumbe em uma prostração extrema ou em um verdadeiro estado de asphyxia.

Prognostico. O crup é uma molestia grave e muitas vezes mortal. Produz, ás vezes, a morte em vinte e quatro horas. O prognostico é tanto menos favoravel quanto mais moço é o individuo, e quanto maior é a difficuldade da respiração. Póde-se formar uma conjectura favoravel, quando ha interrupção nos symptomas, e quando o doente lança com facilidade mucosidades e concreções membraniformes. Existe uma fórmula, a mais grave de todas, na qual aos symptomas de asphyxia se ajuntão os signaes de infecção da economia toda; esta fórmula é caracterizada pela prostração das forças, e pela alteração profunda do rosto.

Tratamento. O tartaro emetico é o primeiro medicamento que se deve administrar no crup. É o unico meio de fazer as crianças expectorarem; destaca as falsas membranas, e actua de modo favoravel contra a molestia. Procede-se pela maneira seguinte: Dissolvem-se 5 centigrammas (1 grão) de tartaro emetico em 90 grammas (3 onças) d'agua fria, e dá-se ao pequeno doente uma colher de chá d'esta dissolução de meia em meia hora, até provocar vomitos. Não se lhe deve dar a beber agua morna para provocar ou favorecer os vomitos. Suspende-se o medicamento ao terceiro vomito; e torna-se a administra-lo tres ou quatro horas mais tarde no mesmo dia, ou no dia seguinte, até se acabar a poção. Se o tartaro emetico provocar muitas evacuações alvinas, o que acontece ás vezes, cumpre tambem suspender o medicamento por algumas horas.

Para acalmar a sêde, dá-se ao doente a infusão de flores de

malvas, fria, adoçada com assucar; póde-se tambem dar agua fria pura ou com assucar e agua de flores de laranjeira.

Ao mesmo tempo é necessario dirigir uma acção local sobre a garganta para atalhar o desenvolvimento das falsas membranas no larynge. Para isso, tocar-se-ha a garganta com sumo de limão azedo, molhando um pincel ou uma pequena esponja n'este sumo, e introduzindo-a no fundo da garganta. Com o mesmo fim, assopra-se para as fauces, por meio de um canudo de papel, pedrahume reduzida a pó; e como é da maior importancia que ella chegue a grande profundidade, escolhe-se o momento em que a criança grita, para então fazer a insufflação. Esta insufflação repete-se duas a tres vezes por dia, e para cada operação, emprega-se meia colher *de chá* de pó de pedrahume.

Lavagens da garganta, com agua phenica, por meio de esponja são tambem uteis.

Depois do vomitorio administra-se internamente o vinho de quina, na dóse de uma a duas colheres *de chá*, duas vezes por dia.

No decurso do dia, dê-m-se no mesmo dia, duas colheres *de chá*, de hora em hora; da poção seguinte :

Agua fria 90 gram. (3 onças)

Solução de perchlorureto de ferro a 30°. 30 gottas.

Quando tudo que foi empregado não teve bom exito, e quando os progressos crescentes da asphyxia fazem temer a morte proxima, é preciso praticar uma via artificial ao ar por meio da tracheotomia. Esta operação consiste em fazer uma incisão com bisturi na parte anterior e média do pescoço. Todavia, para tirar d'esta operação todas as vantagens que se esperão, não convem praticala mui tarde, isto é quando a asphyxia está mui adiantada, e quando os individuos estão insensíveis e no estado semi-comatoso. Para justificar a operação, basta, depois de empregados inutilmente os meios medicos que se julgão os mais efficazes, vêr os accessos tornarem-se cada vez mais frequentes, os labios ficarem azulados, signaes certos de asphyxia imminente. Importa, porém, dizer, que se não existe nenhuma das contra-indicações abaixo mencionadas, nunca é tarde para operar; forão d'este modo salvadas muitas crianças que estavam sobre o ponto de expirar. A operação é inutil, quando existem signaes de envenenamento profundo, caracterizado pela depressão das forças, frequencia extrema do pulso, alteração grande do rosto, e a apparição de chapas membranosas no interior das faces, do nariz e nos labios.

Depois da tracheotomia a respiração restabelece-se, e os accessos de suffocação desaparecem, pelo menos provisoriamente. As crianças reanimão-se; algumas voltão a seus brinquedos, e parecem

gozar de um bem estar inesperado. Infelizmente esta posição não persiste sempre de maneira definitiva; os accessos de asphyxia reaparecem, e a morte é a sua consequencia. Pela operação salva-se uma criança sobre quatro ou cinco.

Crup falso. *Veja-se* LARYNGITE ESTRIDULA.

CRYSTALLINO. *Veja-se* OLHO.

CUAMBU. *Veja-se* PICÃO.

CUARURÚ-GUAÇU, CUARURU DE POMBA. *Veja-se* TINTUREIRA VULGAR.

CÚEBAS. Fructos da cubebeira, *Piper cubeba*, Linneo, arbusto da familia das Piperaceas, que habita nas regiões quentes do antigo continente, e principalmente no Malabar e na Sumatra. Fig. 158. Estes fructos, semelhantes á pimenta da India, só com a differença de serem um pouco mais grossos e terem pedicello, são empregados em medicina contra as gonorrhœas e flores brancas. Tomão-se reduzidos a pó, na dóse de 4 a 8 grammas (2 a 4 oitavas) tres vezes por dia, misturados com xarope de gomma, mel de abelhas ou agua. A infusão de cúebas, que se prepara com 15 grammas (4 oitavas) de cúebas e 180 grammas (6 onças) d'agua quente, administra-se tambem em clysteres nos mesmos casos.

CUITÉ - AÇU. *Veja-se* PACOVA.

CUJUMARY. *Aidendron cumjumi*, Nees. Laurineas. Arvore do Brasil; habita especialmente no Pará e Amazonas. Fôlhas oblongas, acuminadas em ambas as extremidades; o fructo é uma baga carnosa, oval, immersa até ao meio em uma cupula coriacea, coberta de verrugas; sementes aromaticas. Os cotyledones das sementes, reduzidos a pó, e misturados com vinho, usão-se nas digestões laboriosas.

CUMARU. *Coumarouna odorata*, Aublet. Leguminosas geofreas. Arvore do Brasil, que habita nas margens do rio Amazonas. Arvore de 20 a 27 metros de altura, de 1 metro de diametro; folhas pennadas, compostas de foliolos alternos; flores papilionaceas terminaes, dispostas em racimos. O fructo inteiro (Fig. 159), tem



Fig. 158. — Cubebeira.

a fôrma de uma grossa amendoa coberta do seu envoltorio. O endocarpo meio-lenhoso contém uma semente achatada, de 27 a 45 millímetros de comprimento, composta de um envoltorio delgado, luzente, de côr roxa-anegrada, fortemente enrugado, e de uma amendoa com dois lobos, de apparencia unctuosa. Na extremidade, entre os dois lobos, existe um germen volumoso. A amendoa tem um sabor doce, agradável, oleaginoso, aromatico; serve principalmente para aromatizar o rapé, quer misturando-a em pó com o rapé, quer mettendo-a inteira na caixa ou na vasilha

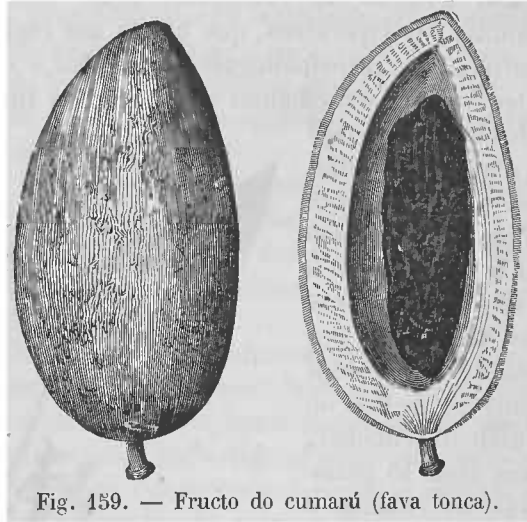


Fig. 139. — Fructo do cumarú (fava tonca).

que o contém : é conhecida pelo nome de *fava tonca*. Os naturaes fazem com estas amendoas collares aromaticos, e tambem as mettem na roupa para a preservar dos insectos. Estas sementes maceradas no alcool, formão uma tintura que se usa na dóse de 1 oitava como cordial e tonica. Extrahe-se tambem d'ellas um oleo essencial usado na perfumaria. O lenho do tronco da arvore é muito duro, de côr amarella roxa, com fibras de grande finura; emprega-se nas construcções e obras de marceneria.

CUNDURANGO. *Gonolubus cundurango*. Triana. Asclepiadeas. Arbusto que habita na America, nos arredores da cidade de Loxa, na Republica do Equador. A infusão da casca d'este arbusto, tomada internamente, foi gabada contra o cancro, mas as observações feitas por medicos não confirmarão estas propriedades. Hoje sem uso.

CUPIM. Genero de insectos da ordem dos Nevropteros planipennos, mui pequenos e mui destruidores, que vivem, como as formigas, em sociedades innumeraveis. Tem o talhe da formiga,

mas differem d'ellas; entretanto na lingua franceza chamão-se vulgarmente *formigas brancas*. O cupim é originario da India, mas os navegantes o tem transportado para todas as partes do mundo. Acha-se na Africa, no Brasil, e mesmo na França em Rochefort, cidade maritima aonde foi importado das Antilhas. O grande naturalista Linneo considera-o como o maior flagello das duas Indias. Com a terra e diversos materiaes estes insectos constroem casas immensas, divididas em compartimentos de diversas dimensões, para as differentes especies de individuos, com galerias que fazem communicar todas as partes da habitação.

Nunca trabalham ao ar. Uns estabelecem a morada dentro da terra, nos troncos velhos, ou á roda dos ramos das arvores, outros no madeiramento das habitações; se elles fazem casas exteriores, são estas sempre tapadas de todos os lados e sem sahida apparente. Estas moradas são ás vezes muito altas, tendo a fórmula de pyramides ou de cylindros cobertos com um telhado solido. Estes monticulos, ordinariamente reunidos em grande numero, tem frequentemente dimensões taes, que de longe parecem ser habitações de homens.

Nos jardins as plantas e as mais vigorosas arvores são frequentemente atacadas nas suas raizes pelo cupim. As estacas dos cercados e os espeques que sustentão os arbustos são rapidamente devorados na base e roídos até acima do chão.

Todas as vezes que estes insectos precisão transportar-se a uma distancia mais ou menos consideravel da sua casa, constroem, com os materiaes que roem, um tubo ou uma galeria que os esconde á vista. As casas de uma especie africana, designada por um viajante inglez, Henrique Smeathman, debaixo do nome de *cupim bellicoso*, não tem menos de 1 metro de elevação; casas ha que tem 2 metros de altura. E são de fórmula cónica, tendo nos lados pequenas torres igualmente cónicas. Estas habitações, construidas com uma especie de terra argilosa, cobrem-se de herva em pouco tempo. A sua dureza é tal, que animaes podem andar por cima d'ellas sem as abalar, bem que sejam excavadas no interior.

Edificios tem sido minados até os alicerces pelo cupim. Traves, pavimentos inteiros tem cahido, e o que ha de mais terrivel é que os estragos que estes insectos fazem nunca se conhecem no exterior. Poupão sempre a superficie, cavando o interior e sulcando-o de galerias em todas as direcções. Uma peça de páo vem assim romper-se, sem que por fóra nada tenha annuciado a presença d'estes destruidores insectos; a superficie externa, e a pintura de que podia ter sido coberta, fica perfectamente intacta.

A roupa guardada nos armarios fica furada de parte a parte; e por isso nas casas em que o cupim existe, é preciso guarda-la em caixas de folha de Flandres.

Como a maior parte dos insectos, o cupim sahe de um ovo, e antes de adquirir a fórma definitiva, experimenta metamorphoses: torna-se primeiro *larva*, depois *nympha*, e finalmente *insecto perfeito*.

N'estas especies de populações, que se compõem sempre de muitos milhões de individuos, distinguem-se, como entre as formigas e abelhas, *neutros* a que os naturalistas chamão *soldados*, *machos* e uma *femea* ou *rainha*. Ha tambem *larvas* e *nymphas* que, em vez de esperarem n'uma ociosidade completa o tempo marcado para suas metamorphoses, fazem todos os trabalhos. São ellas que levantão os edificios, cavão as galerias, amontoão as provisões, tratão da mã commum, recebem e cuidão dos ovos.

O *macho* tem o corpo alongado, comprimido, ordinariamente de côr branca-amarellada. A cabeça é quasi arredondada, com a bocca saliente e quasi vertical. As antenas tem o aspecto sedoso, e são compostas de vinte articulos, pouco mais ou menos. Os olhos são lateraes, globosos, salientes; tem, além d'isto, tres olhos lisos, dispostos em triangulo, um para diante e dois separados entre si, mas approximados cada um do olho propriamente dito. As mandibulas são pontudas; e os palpos, em numero de quatro, são todos da mesma grossura em toda a sua extensão. O corselete é formado de uma peça anterior ou *prothorax* que sustenta as duas patas anteriores. A segunda peça do corselete, ou o *meta-thorax*, traz as duas primeiras azas e as patas médias; e a terceira, o ultimo par de patas e as azas inferiores. As azas tem tres vezes mais comprimento do que o abdomen que cobrem e por cima do qual formão uma especie de telhado chato, e quando estendidas tem a fórma oval alongada. Estas azas parecem ser mui pouco adherentes, e, como em algumas formigas, despregão-se facilmente; pretende-se mesmo que no perigo o insecto desembaraça-se d'ellas, afim de poder fugir mais facilmente. O abdomen acha-se applicado contra o corselete: é arredondado na ponta.

As mais das vezes a *femea* não tem azas; depois de fecundada, adquire um volume enorme, 1500 a 2000 vezes maior do que era. Na época da postura põe ovos sem interrupção com tal rapidez, que suppõe-se que produz um por cada segundo. Pretende-se que certas femeas podem produzir mais de 80,000 ovos em 24 horas. A femea, a que chamão tambem *rainha*, occupa ordinariamente um quarto que existe no centro da habitação; e á roda d'ella achão-se distribuidas com ordem as cellulas que contém os ovos e as provisões.

Os *neutros* são inteiramente diferentes dos machos e das fêmeas. A sua cabeça é grande, e muitas vezes maior do que o resto do corpo; acha-se armada de duas mandíbulas. São elles que os naturalistas chamarão *soldados*, porque estando melhor armados do que os outros, protegem e defendem a povoação inteira.

As *larvas*, que forão chamadas *trabalhadores*, nunca tem azas, nem rudimentos d'ellas. O seu numero é prodigioso. Em certas casas, acha-se a proporção de 100 larvas contra um insecto neutro. Em algumas raças não attingem senão algumas linhas de comprimento, e 25 individuos pesão apenas 1 grão, entretanto que os neutros tem 6 a 8 linhas de comprimento. A cabeça é pequena, arredondada, vertical, e as mandíbulas são curtas.

Emfim as *nymphas* não differem das larvas senão pelos rudimentos de azas.

Ha diversas especies do cupim, maiores e menores; uns d'estes insectos são branco-amarellados, outros avermelhados ou anegrados. A maior especie foi chamada pelos naturalistas *cupim bellicoso* (*termes bellicosus*); ás outras especies foi dado o nome de *cupim mordaz* (*termes mordax*); *cupim atroz* (*termes atrox*); *cupim destruidor* (*termes destructor*); e *cupim das arvores* (*termes arborum*).

A melhor descripção que existe d'estes insectos foi feita pelo naturalista Henrique Smeathman, que os observou na costa da Guiné, e que publicou sobre elles uma memoria em lingua ingleza em 1781. Esta memoria foi traduzida em francez; acha-se impressa no fim da obra intitulada *Voyage de Sparrmann au Cap de Bonne Espérance*, 1786.

Os monticulos que contém o *cupim bellicoso* approximão-se da fórma de um pão de assucar. Cada um d'estes edificios é composto de duas partes distinctas, uma exterior, outra interior. O exterior tem a fórma de um zimborio, é bastante vasto e assaz forte para proteger o interior contra as vicissitudes do ar, e para defender os habitantes contra os ataques de seus inimigos. É por consequente mais solido do que o interior, que é a parte habitavel, dividida em grande numero de aposentos, que são o domicilio do rei e da rainha, e de sua numerosa familia, e onde se achão os armazens, sempre cheios de provisões.

O rei depois de perder as azas não muda mais de fórma; achase sempre no quarto da rainha. Quanto a esta, ella augmenta continuamente de volume, a ponto de adquirir algumas pollegadas de comprimento, e uma ou duas de largura. O quarto real, destinado á morada do rei e da rainha, acha-se collocado quasi no centro da habitação.

Henrique Smeathman deixou uma descripção mui curiosa sobre os costumes d'estes insectos.

Fazendo uma abertura com um picarete á casa do cupim da grande especie, vê-se chegar com presteza um soldado que vem reconhecer o inimigo; ás vezes, volta para o interior para dar rebate; as mais da vezes é seguido de dois outros que tomão cada um caminho differente : o seu numero augmenta de repente, e cresce emquanto se continúa a demolição. É difficil fazer uma ideia do ardor com que estes insectos defendem a sua habitação. Atacão tudo e mordem até fazer sangue. Suspendendo a demolição e pondo-se de lado, vê-se que em menos de meia hora todos os insectos entrão para a sua casa. Chegão então os trabalhadores em grande numero de differentes lados da brecha, trazendo cada um na bocca uma pouca de argamassa, que applicão com tanta promptidão sobre os lados da brecha, e com uma ordem tão exacta e tão facil, que nunca parão nem se embaração : a brecha enche-se insensivelmente, e levanta-se nova muralha. É mui difficil poder examinar o interior d'estes monticulos. Em primeiro lugar, os aposentos reaes, os armazens e outras cellulas são humidas ; a argila é molle e fragil. Não se póde deixar subsistir o edificio, de modo a ter uma vista completa das partes interiores; porque emquanto os soldados defendem as partés exteriores, os trabalhadores tapão todas as passagens, todos os caminhos que conduzem aos differentes quartos, e sobretudo aos aposentos reacs. O quarto real é bastante espaçoso para conter, além do par real, milhares de servidores.

Os *soldados* defendem com tanta força a habitação, que os negros, que Henrique Smeathman fazia trabalhar, erão frequentemente obrigados a suspender a demolição por causa das picadas que estes insectos lhes davão nos pés, e nas pernas.

Modo de destruir o cupim. Muitas tentativas se tem feito para desembaraçar-se de um inimigo tão numeroso e tão temivel. Emprega-se conforme as circumstancias, a agua de barrela fervendo, a cal viva que se asperge com agua, o fogo. O Sr. de Quatrefages, Lente no Museo de Historia natural de Pariz, depois das experiencias feitas com o cupim em Rochefort, propoz o gaz chloro como o meio mais certo para destrui-lo. Estes insectos, mergulhados por um segundo não só no chloro puro, mas no chloro misturado com 9 partes de ar atmospherico, morrem immediatamente. O chloro é um gaz de cór amarella-esverdeada, duas vezes e meia mais pesado do que o ar atmospherico, e de cheiro particular. É elle que se desprende da agua de Labarraque ou do chlorureto de cal. Empregando as fumigações de

chloro, pôde-se attingir o cupim nas suas galerias, nos escondrijos profundos, e mata-lo com certeza. O mesmo processo de destruição é applicavel a todos os outros insectos que tem os costumes analogos, *v. g.* formigas. O chloro, por causa do seu peso especifico, penetra com facilidade nas galerias que se achão por baixo do ponto de applicação do aparelho.

Antes de descrever o aparelho, que serve para produzir o gaz chloro, devo fazer as observações seguintes :

Toda a tentativa que se faz para destruir o cupim deve ser precedida de um exame exacto do lugar, afim de pôr o aparelho ou os aparelhos o mais perto possível do ninho.

Osapparelhos devem ser tanto mais multiplicados e mantidos em actividade tanto mais tempo, quando a localidade fôr mais extensa.

Os aparelhos devem ser collocados de maneira que o gaz penetre nas galerias inferiores.

Devem os aparelhos funcionar simultaneamente, afim de prevenir a fuga dos insectos. É provavel que elles procurarão defender-se murando o interior das galerias no primeiro signal de ataque. Será, pois, preciso proceder com muita energia, e pôr os aparelhos tanto quanto fôr possível no centro mesmo da habitação do cupim, e onde as galerias são mais largas e mais numerosas.

Qualquer que seja o cuidado com que se opere, e apezar do bom exito da primeira tentativa, parece impossivel destruir em uma unica operação todo o cupim de uma localidade. Aqui, como em todas as operações do mesmo genero, será necessaria certa perseverança; sobretudo se se procede n'uma cidade ou n'uma região infestada por toda a parte; n'este caso, será preciso tornar a repetir a operação muitas vezes. Quando, pelo contrario, o cupim está limitado a pequeno espaço, bastará uma só operação.

Modo de obter chloro. O gaz chloro obtem-se decompondo 4 partes de acido chlorhydrico por 1 parte de peroxydo de manganez. O aparelho necessario para esta extracção, compõe-se dos objectos seguintes :

Um matraz de vidro, um tubo de vidro curvado em angulo recto, um tubo de caoutchouc vulcanizado, e uma pequena fornalha com carvão em brasa ou uma alampada de alcool.

Introduzem-se no matraz 50 grammas (1 1/2 onça) de peroxydo de manganez reduzido a pó; deitão-se-lhe por cima 200 a 250 gram. (6 a 8 onças) de acido chlorhydrico; tapa-se o matraz com rolha de cortiça que atravessa o tubo de vidro, ao qual se adapta o tubo de caoutchouc vulcanizado, que se dirige ao buraco d'onde sahe o cupim.

Apenas se mistura o peroxydo de manganez com o acido chlorhydrico, ha immediatamente desenvolvimento do gaz chloro, que sahe do matraz, dirige-se pelo tubo de vidro, ao tubo de caoutchouc, e depois vai passar nas galerias occupadas pelos insectos, e os mata immediatamente. Para ter um desenvolvimento mais activo de chloro, aquece-se levemente o matraz com carvão ardente ou com alampada de alcool.

Esta operação deve durar pelo menos duas horas. Cessando o desenvolvimento do gaz chloro, despeja-se o matraz das substancias que contém, deixa-se esfriar, lava-se com cuidado, e enche-se de nova quantidade de peroxydo de manganez e de acido chlorhydrico.

Deve-se aquecer o matraz em diferentes pontos, e gradualmente, para evitar que arrebente.

O gaz chloro tem cheiro desagradavel; espalhado em pequena quantidade, relativamente ao ar do quarto, não prejudica a saude, é mesmo empregado para destruir os germens putridos, os miasmas deleterios que se achão na atmospherá. Respirado puro produz a tosse e um aperto na garganta. Combatem-se esses effeitos bebendo um pouco de aguardente com assucar; e destroem-se os seus vapores derramando pelo solho ammoniaco liquido.

O meio que deixei descripto para matar o cupim nas habitações, póde tambem ser empregado para mata-lo nas suas casas ou ninhos que se achão nos campos.

O chloro ataca o caoutchouc vulcanizado, e destroé o tubo depois do uso algum prolongado, oito a dez operações por exemplo. Substitue-se então o tubo estragado por um outro tubo do mesmo caoutchouc vulcanizado.

Tal é o meio mais certo de destruir estes devastadores insectos. A essencia de terebinthina, o arsenico e o pyrethro em pó forão tambem aconselhados para o mesmo fim; mas estas substancias mostrarão-se insufficientes; e além d'isto sua applicação é mais difficil do que a do gaz chloro que penetra em todas as galerias habitadas pelo cupim.

As formigas são grandés inimigos do cupim, e fazem-lhe uma guerra cruel. Imaginou-se encher a casa de formigas, para afastar o cupim; mas este meio nem sempre se mostrou de grande efficacia: o cupim fecha-se nas suas galerias, e ás escondidas continua a fazer estragos na habitação. Além d'isto a presença das formigas na casa tem tambem seus inconvenientes.

CURARE, URINARY OU WOORARA. Veneno vegetal muito activo, preparado pelos Indios que habitão nas margens de Rio Negro,

do Orenoco e do Amazonas, e que elles usão para empeçonhar as frexas com que matão os animaes. Segundo o Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, distincto medico do Pará, este veneno extrahe-se da casca do *Strychnos toxifera*, Schomburgh, cipó da familia das Logoniaceas. Este cipó habita nas mattas do Alto-Amazonas e das Goyanas; é grosso, de casca aspera; as suas folhas assemelha-se ás da mandioca. Posto em contacto com o tecido sub-cutaneo de um animal, o curare mata-o quasi instantaneamente, e sem soffrimentos apparentes. Esta substancia é secca, vermelha-escura, amarga, sem cheiro. O Dr. Thiercelin fez com ella experiencias em França sobre cães. Cinco centigrammas (1 grão) de curare, reduzidos a pó, e introduzidos n'uma picada subcutanea da coxa de um cão de 12 libras, matarão-n'o em 25 minutos. Com 3 centigram. o Dr. Thiercelin observou só a paralytia passageira da parte posterior do corpo; com 2 centigrammas, o andar vacillante durante alguns minutos sómente; com 1 centigram., nada de apparente.

CURATIVO. Tratamento de uma ferida, queimadura, fractura, etc. Apresentão-se, a cada instante, circumstancias em que seria util saber applicar uma atadura, uma ligadura, curar uma ferida, um caustico, etc. É uma necessidade, e mesmo um dever, para uma mãe de familia saber executar estes curativos ordinarios. É preciso proceder com promptidão, delicadeza e asseio. As feridas mal curadas, de simples que erão, tornão-se graves.

Os curativos exigem certo numero de instrumentos, taes como tesouras, pinças, estyletes, espatulas, sondas, seringas, uma caneta com pedra infernal, etc.

Os instrumentos que servem para curativos, são habitualmente reunidos n'uma especie de carteira chamada *estojo de cirurgião*. Fig. 160.

A fórma d'este estojo, como as suas dimensões, varião conforme as necessidades.

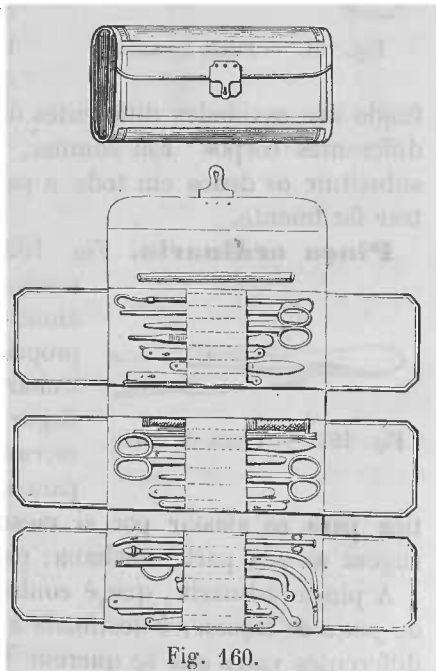


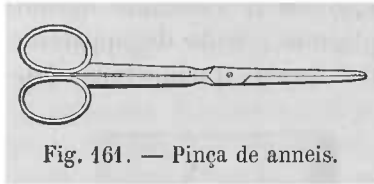
Fig. 160.

Estojo com instrumentos para curativos.

Os objectos para curativos varião tambem segundo a molestia que exige o seu emprego, e conforme a parte sobre a qual se applicão. Em geral, os objectos que servem quasi em todos os casos compõem-se de fios, chumaços ou compressas de diferentes fórmãs, ataduras de diferentes especies, ceroto, tiras agglutinativas, linha passada na cera ou linha simples, alguns unguentos, esponja, vasos com agua quente, etc.

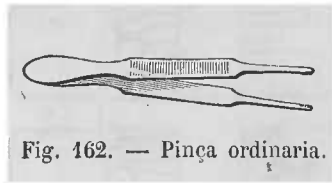
As diferentes peças de apparelho serão applicadas com brandura, e tudo estará apertado sufficientemente, mas não tanto para occasionar dôr ou constringer a circulação, o que obrigaria a tirar o apparelho. A quantidade de fios deve ser proporcionada á do pus.

Pinça de anneis. Fig. 161. Compõe-se de dois braços que se cruzão e se articulão á maneira de tesoura. A sua ponta apresenta dentaduras pela parte de dentro que lhe permitem agarrar os objectos. Esta pinça serve para tirar as peças de curativo que cobrem as feridas, collocar no



fundo das cavidades differentes objectos, extrahir das excavações differentes corpos. Em summa, é um instrumento destinado a substituir os dedos em toda a parte onde elles não podem penetrar facilmente.

Pinça ordinaria. Fig. 162. A pinça ordinaria ou para a torsão das arterias, differe da pinça de anneis. Os braços afastão-se por sua propria elasticidade, e não se podem fechar senão pela pressão dos dedos. Segura-se na mão como uma penna de escrever; deve ser bastante flexivel para não fatigar a mão, bastante elástica para se afastar por si mesma, e deve ter uma superficie rugosa na sua parte mediana; para não escorregar nos dedos.



A pinça ordinaria, que é conhecida tambem debaixo do nome de *pinça de laquear*, é destinada a prender no fundo das feridas os differentes vasos que se querem laquear ou torcer. Serve tambem para tirar os pedaços da pelle, as escaras, os corpos estranhos de que convem desembaraçar as feridas. Emfim, emprega-se para manter ou fixar n'uma posição determinada as bordas de certas feridas, ou as differentes camadas de tecidos que se devem cortar. Verdade é que rigorosamente se lhe poderia substituir a pinça de anneis n'um grande numero de circumstancias, do mesmo modo

que esta poderia ser substituída ás vezes sem inconveniente pela pinça ordinaria. Sómente a pratica mostra logo que a pinça ordinaria convem mais para os objectos delgados, escorregadios, e a pinça de anéis para os casos que exigem menos força, attenção ou destreza.

Uma pinça ordinaria, que termina por tres pequenos dentes de rato, dois de um lado e um do outro, é util em muitas occasiões. Seria bom, por conseguinte, que ella entrasse na composição do estojo ordinario.

Tesoura. Depois das pinças, a tesoura é o instrumento mais indispensavel na arte dos curativos. As que se empregão ordinariamente são de tres especies principaes: a tesoura recta (fig. 163 a), a tesoura curva nas faces (fig. 163 b), e a tesoura curva nas suas margens (fig. 163 c).

Estes instrumentos devem ter o gume mui fino para não lacerarem as carnes.

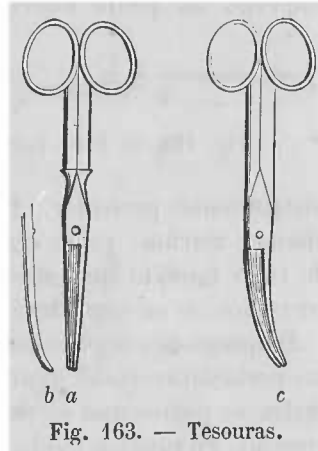
A tesoura recta serve para cortar as differentes peças de panno; fios ou emplasto. É a ella que se recorre para cortar os tecidos que não devem ser divididos com o bisturí.

Emprega-se a tesoura curva nas faces para excisar as partes exuberantes na superficie da pelle ou no fundo de alguma excavação. Póde tambem ser util para furar certas compressas, e dar fórma particular a certas feridas.

Quanto á tesoura curva nas suas margens, hoje quasi já não se emprega. Outr'ora usava-se frequentemente conduzindo a sua folha convexa sobre a sonda encanada, ou nas cavernas, cuja abertura exterior se queria alargar; mas substituiu-se-lhe, e com vantagem, a tesoura recta e o bisturí.

Navalha. Quasi todos os curativos exigem o uso da navalha. No homem sobretudo, ha poucas regiões do corpo em que a pelle não seja coberta de pellos. Quer se trate de alguma solução de continuidade, quer seja necessario applicar uma pomada, um unguento, um emplasto, etc., sobre os tegumentos, estes pellos se reunirão em feixes irritantes, ou se pegarão aos objectos do apparelho, de maneira a tornarem o curativo mais ou menos doloroso. Vê-se, pois, que convem rapar as regiões destinadas a receber os objectos do curativo.

Espatula. Fig. 164. A espatula é uma lamina metallica leve-



mente curva em sentidos oppostos nas faces e nas suas duas extremidades. Os usos da espatula consistem em estender e igualar

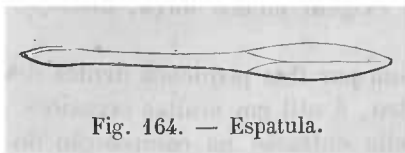


Fig. 164. — Espatula.

o ceroto ou outros topicos de consistência molle. Emprega-se tambem para tirar os emplastos ou outros objectos que podem estar pegados á pelle, ou para desembaraçar esta das

crostas, das materias gordas ou outras que a sujão.

Porta-pedra. Fig. 165. As circumstancias que reclamão o emprego da pedra infernal em cirurgia são muito numerosas.



Fig. 165. — Porta-pedra.

Preparada em pequenos cylindros, fragil, susceptivel de manchar a roupa ou a pelle, a pedra infernal tinha necessidade de ser encerrada n'um

instrumento protector. Este instrumento, especie de estojo de ebano, marfim, prata ou ouro, contém uma caneta, ou especie de tubo fendido que se abre ou se fecha mediante um anel corredeço, e no qual deve estar fixado o cylindro caustico.

Emprega-se, depois de desembaraçada do seu estojo, pegando no porta-lapis como n'uma penna de escrever; e tocão-se com pedra as partes que se devem reprimir ou excitar. Feita a cauterização, enxugã-se cuidadosamente a pedra, antes de mette-la no estojo. Se se fechasse molhada, a pedra infernal poderia alterar os objectos vizinhos.

Porta-mecha. Fig. 166. O instrumento chamado porta-mecha é uma especie de estylete terminado de um lado por uma pequena forquilha, e do outro por um botão lenticular.

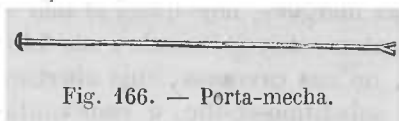


Fig. 166. — Porta-mecha.

Para servir-se d'elle, fixa-se a

extremidade bifurcada na mecha, cujas pontas rebatidas devem cobri-lo, de maneira que possa empurra-la diante de si á profundidade que se deseja. Os dois dedos do meio da mão direita attrahem e comprimem a mecha contra o instrumento, enquanto que o dedo pollegar, apoiado no botão, a dirige para o lado dos órgãos. Fig. 167.

Agulhas e linha. O estojo deve conter agulhas ordinarias e linha, para coser as diversas peças de panno; retroz, e linha encerrada para praticar laqueações em certos ferimentos.

Fios. São muitos bocadinhos de fios tirados de panno de linho usado e macio, os quaes se applicão em bruto, isto é, sem se lhes

dar fôrma alguma, ou dispostos em pranchetas, rolinhos e mechas. Para fazer fios, basta destruir o tecido do panno de linho, e separar os fios um a um. Os fios, para serem bons, devem ser

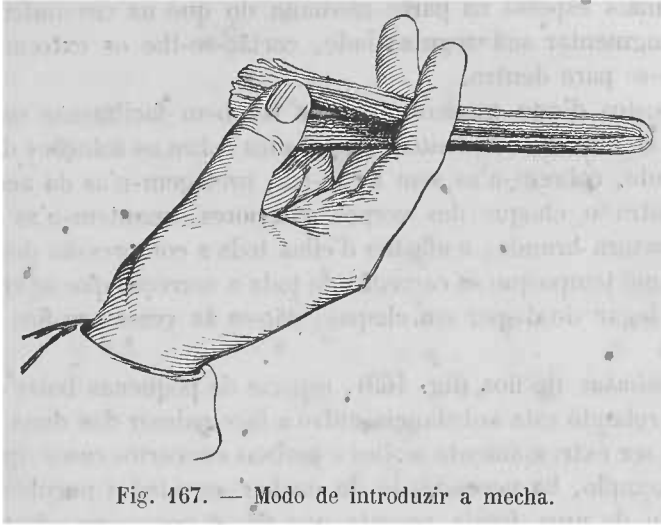


Fig. 167. — Modo de introduzir a mecha.

macios, porosos, brancos, limpos, despidos de qualquer mistura com corpos rudes, e tirados de panno que não seja nem novo nem completamente usado. Os fios de panno novo, por sua dureza, irritão as superficies.

Empregão-se os fios para cobrir algumas soluções de continuidade, ou para favorecer a compressão exacta enchendo alguns vacuos, ou para absorver materias purulentas, ou para comprimir qualquer superficie, qualquer cavidade, ou para manter afastados os labios de uma ferida que não se quer deixar cicatrizar mui rapidamente.



Fig. 168.

Prancheta de fios.

Formão-se *pranchetas* (fig. 168) dando aos fios uma fôrma em relação com a superficie que se deseja cobrir. São ordinariamente chapas ellipsoides, de espessura e dimensões necessariamente variaveis, de maneira que possão exceder de todos os lados a superficie da ferida, e serem sufficientes para a absorpção da quantidade de liquidos que deve reçumar da ferida no espaço de 24 horas. As *pranchetas* formão-se com fios propriamente ditos; fazem-se da maneira seguinte: segurando na mão uma porção de fios brutos, mette-se a extremidade livre entre a raiz do dedo index e o pollex; seguros pela pressão d'estes dois dedos, os fios assim apertados separão-se dos outros; a massa commum, tratada

successivamente grande numero de vezes da mesma maneira, acaba por abandonar todos os pedacinhos, para produzir uma chapa assaz regular de fios quasi parallellos, e de espessura de tres a seis linhas ou uma pollegada. Esta chapa deve em geral ser um pouco mais espessa na parte mediana do que na circumferencia. Para augmentar sua regularidade, cortão-se-lhe os extremos, ou dobrão-se para dentro.

Dispostos d'esta maneira, os fios recebem facilmente os differentes cerotos ou unguentos. Applicados sobre as soluções de continuidade, cobrem-n'as sem irrita-las, protegem-n'as da acção do ar, contra o choque dos corpos exteriores, mantem-n'as n'uma temperatura branda, e afastão d'ellas toda a compressão dolorosa, ao mesmo tempo que se carregão de toda a secreção que se effectua.

Em lugar de dispôr em chapas, dão-se ás vezes aos fios outras fórmas.

As *bolinhas* de fios (fig. 169), especie de pequenas bolas que se fazem rolando esta substancia entre a face palmar das duas mãos; devem ser extremamente molles e porosas em certos casos, quando, por exemplo, ha necessidade de encher cavidades purulentas ou o fundo de uma ferida recente que não é necessario comprimir; então são outras tantas pequenas esponjas que é preciso fazer igualmente densas em todos os pontos; outras vezes, pelo contrario, a bolinha deve ser bastante firme para tornar-se antes um corpo comprimente do que massa absorvente. Empregão-se as bolinhas debaixo d'esta ultima fórma accumulando-as, em maior ou menor numero, sobre os pontos cuja exuberancia se quer reprimir, ou sobre os vasos que não é necessario nem laquear nem torcer no fundo das cavidades, mas que basta só comprimir. Dá-se-lhes um volume differente, segundo a superficie sobre a qual devem ser applicadas. Comtudo, o volume das bolinhas não desce quasi nunca abaixo do de uma ervilha, e não vai além do de um ovo. Tendo a vantagem de se moldar sem esforço sobre todas as desigualdades de uma ferida ou dos focos cavernosos, estas bolinhas esponjosas são frequentemente uteis na cirurgia.

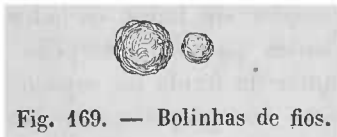


Fig. 169. — Bolinhas de fios.

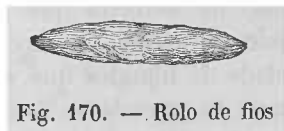


Fig. 170. — Rolo de fios

Rolos de fios. Fig. 170. Dá-se o nome de rolos ás massas de fios brutos rolados brandamente em cylindro ou em fórma de fuso; ás vezes estes rolos são um pouco mais achatados n'um sentido do

que no outro. Collocão-se entre os labios de qualquer ferida longitudinal. Os fios devem ser rolados de maneira a representar uma esponja alongada, se o seu fim principal é absorver os liquidos, ou então um cylindro de panno, quando se quer, pelo contrario, estabelecer certo gráo de compressão.

Almofadinha. Fig. 171. Dá-se o nome de almofadinha á massa de fios encerrada, comprimida n'um panno que se amarra á maneira de sacco, e que toma d'este modo o aspecto da grossa extremidade de uma cabeça, ou de uma cabeça terminada por um collo delgado. Para fazer uma almofadinha, basta pôr no meio de um panno quadrado uma porção de fios brutos, em relação com o volume que se quer dar á almofadinha; depois de levantado o panno de todos os lados, aperta-se com muitas voltas de linha entre a porção livre e o sacco occupado pelos fios. Em alguns casos procede-se de outra maneira: o panno, previamente introduzido na cavidade onde se deve collocar, fica livre para fóra; empurrão-se então, pouco a pouco, todos os fios necessários no seu fundo como n'uma bolsa, até que haja bastante para impedi-los de sahir, e para lhe dar a fôrma de um collo, quando se tira pela sua porção exterior. Com estas precauções estabelecem-se facilmente almofadinhas de assaz forte volume além das aberturas as mais estreitas e as mais resistentes. As almofadinhas de fios achão-se sobretudo indicadas quando se trata de comprimir do interior ao exterior para vedar alguma hemorrhagia, como nas feridas da arteria intercostal, por exemplo, ou nas operações que se praticão sobre a extremidade inferior do intestino recto.

Tampão. Quando as bolinhas ou massas numerosas de fios brutos devem ser accumuladas, quer no fundo de uma ferida para alarga-la, quer no fundo de alguma cavidade para comprimi-la, quer sejam a nú ou envoltos em um panno, tomão geralmente o nome de tampão. Vê-se, pois, que o tampão pôde ser formado de bolinhas, rolos, ou almofadinhas de fios.

Tenta. Fig. 172. Dá-se o nome de tentas a roletes, ora cylindricos, ora cónicos, ou então a especies de rolhas de fios. Geralmente, os fios rolão-se para este fim entre os dedos, de tal sorte que, paralelos a principio, torcem-se em espiraes uns á roda dos outros. A maneira mais ordinaria de formar uma tenta, consiste em dobrar um feixe mais ou menos volumoso de fios: resulta d'isto um cóno cuja base corresponde ao ponto de flexão, e o apice á extremidade livre dos fios.



Fig. 171.
Almofadinha
de fios.



Fig. 172. — Tenta.

Formão-se tambem ás vezes tentas enrolando uma fita de panno usado, ou então cortando alguns pedaços de esponja *preparada* ou alguma raiz porosa, a de genciana, por exemplo. As tentas são destinadas a manter a abertura dos trajectos fistulosos, a dilatar algumas aberturas demasiado estreitas, a impedir a oclusão de certos orificios. As tentas podem ser substituidas, em alguns casos, quer pela extremidade de uma sonda ou de uma bugia emplastica, quer por um fragmento de velinha de cera, ou por um cône de sparadrapo enrolado sobre a face despida de emplasto. É d'esta maneira, por exemplo, que se pôde manter aberto o meato urinario em certos ferimentos, ou comprimir um vaso aberto pela punccção atravez das paredes do ventre.

Mechas. Ha tres especies principaes de mechas em cirurgia : *mechas de fios*, *mechas de panno desfiado*, e *mechas de algodão*.

Para fazer a *mecha de fios*, toma-se um feixe de fios mais ou menos volumoso, segundo a indicação, dobra-se á maneira de uma meada de linhas cortada n'um de seus extremos. Uma liga aperta tudo no ponto de flexão, e impede que os filamentos se desloquem. Obtem-se assim um cylindro regular, que hoje só se usa no curativo das molestias do anus, ou para dilatar o canal nasal em algumas operações de fistulas lagrimaes. Comtudo empregão-se ainda mechas de fios para algumas outras fistulas, para certos abcessos, e mesmo em algumas molestias do canal da urethra. Introduzem-se por meio do porta-mecha (fig. 166), e tirão-se mediante uma linha que as aperta pelo meio.

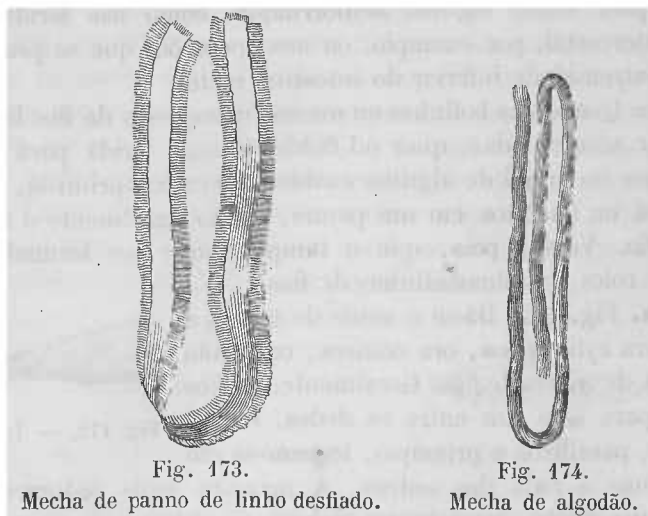


Fig. 173.

Mecha de panno de linho desfiado.

Fig. 174.

Mecha de algodão.

A *mecha de panno* compõe-se de uma fita de panno de linho macio, que se desfia nas margens de maneira que apresente de

duas a quatro linhas de franjas, e uma parte cheia, da largura de tres a seis linhas. Fig. 173. Esta mecha, cujas margens são muito macias, é empregada em muitos casos.

A *mecha de algodão* não é outra cousa senão um cordão de fios de algodão disposto como para as velas, ou pequenos lampeões de azeite. Fig. 174. Achão-se por conseguinte já preparadas no commercio, e o seu uso é o mesmo que o das mechas precedentes.

Algodão. O algodão apresenta-se no commercio sob duas fórmulas principaes: o *algodão cardado* e o *algodão em pasta*. É uma sorte de específico nas queimaduras, e póde ser empregado com vantagem no curativo das feridas. Depois de applicado, não se desloca mais, e pega-se tão exactamente ás feridas que não é necessario usar de ataduras; acha-se em toda a parte, e presta-se a todas as indicações.

No tratamento das queimaduras extensas é de incontestavel vantagem; applicado nas superficies em supuração, pega-se a ellas, põe-n'as ao abrigo do contacto do ar, absorve-lhes os liquidos, preserva-as de toda a compressão dolorosa, e acaba por transformar-se, combinando-se com as materias excretadas, em uma crosta que secca e permite que as soluções de continuidade se cicatrizem debaixo d'ella. Mas apresenta o inconveniente de se enrolar, e formar bolinhas duras e desiguaes pela influencia da humidade que sahe da pelle e das feridas; pega mui fortemente nas feridas, pelo que é muito mais difficil tira-lo do que os fios ordinarios. Em summa, o algodão é preferivel aos fios em certos casos; mas convem menos nos curativos ordinarios, nas ulceras e nas feridas em geral.

Pannos. Os pannos de que se faz uso nos curativos são os mesmos que na economia domestica. São os de canhamo, linho, algodão, seda, lã.

O panno de canhamo e o de linho são aquelles cujo uso é mais frequente. Os mais grossos são de canhamo, os mais finos são de linho; e em cada especie existem differentes grossuras; ha tambem pannos de tecido mixto de fios de canhamo e de linho. Mas na linguagem ordinaria a todos estes pannos, quer sejam de canhamo puro, de linho puro, ou mixto, dá-se o nome de *panno de linho*. A sua grossura varia desde a dos lençoes da cama até a da cambraia.

O *panno de linho* para curativos não deve ser nem muito grosso nem muito fino. O panno grosso seria, commo o panno novo, irritante e de difficil emprego. O panno muito fino e o panno muito usado não tem bastante consistencia, e rasga-se com muita facilidade. Finalmente o panno de linho ordinario, amaciado pelo

uso, é geralmente o que convem mais. O panno de linho, para curativos, deve ser passado pela barrela e lavado em agua.

O *panno de algodão* póde tambem servir, e substituir o panno de linho nos curativos, sobretudo quando é empregado em ataduras.

A *lã* no estado de tecido não se emprega senão excepcionalmente e quasi sempre debaixo da fórma de flanella. Ora para transmittir em algum órgão e por fricções, as substancias oleaginosas conhecidas sob o nome de linimentos; ora para fazer embrocações, ou oleosas ou emollientes e mucilaginosas; ou outras vezes para entreter um calor sufficiente á roda da parte doente; mas não se applica nunca directamente sobre as feridas.

Panno crivado ou *fenestrado*. Fig. 175. Faz-se um consumo extraordinario do panno crivado no curativo das feridas. São pedaços de panno de linho, algum tanto fino e meio usado, em que se fizerão buracos como em uma escumadeira, ou cabeça de regador. Fazem-se estes buracos com tesoura ou com um sacabocado. A maneira de pratica-los é mui simples. Toma-se um pedaço de panno de linho, dobra-se

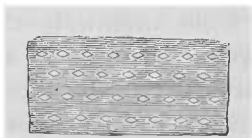


Fig. 175. — Panno crivado ou fenestrado.

em dois ou quatro, excisa-se cada angulo com tesoura. Póde-se chegar ao mesmo resultado cortando algumas parcelas d'este panno por uma de suas faces com tesoura curva nas faces. Um modó de obter o panno crivado com mais regularidade, consiste em tirar de espaço em espaço dois ou tres fios, primeiro n'um sentido, depois n'um outro, afim de transformar o panno em rede ou de fazer n'elle grande numero de buraquinhos quadrados.

Este genero de panno é muito util; untado com ceroto, ou com algum unguento, e posto sobre as feridas, não impede que se cubrão de fios, e obsta ás adherencias dolorosas. Com o seu soccorro, o curativo das feridas não expõe ás lacerações. Pelos buracos do panno sahe a materia; o ceroto, com que se cobre uma de suas faces, impede que seque e se pegue ás margens da ferida; os fios que se lhe põem por cima ficão assim desembaraçados d'este inconveniente.

A *garça* ou a *cassa*, que, na falta de cousa melhor, podem substituir o panno crivado, não possuem todas as vantagens d'elle. Como formão uma simples rede, estes pannos não conservão os liquidos, e são incapazes de impedir a dessecção e a agglomeração das materias seccas; mas convem melhor, do que o panno crivado, na superficie das cataplasmas quando estas não se devem applicar a nú.

Panno untado. O panno que se applica nas feridas é ordinariamente coberto com ceroto; applica-se crivado, ou não.

DIFFERENTES SORTES DE CURATIVOS. Além dos pedaços de panno, das ataduras e dos diversos objectos que deixei indicados, empregão-se nos curativos muitas substancias medicamentosas, taes como cerotos, cataplasmas, pomadas, unguentos, balsamos, emplastos, varios liquidos, etc.

Curativo com ceroto. Ha diversos cerotos. O *ceroto simples* é a mistura de cera branca com oleo de amendoas doces; o *ceroto d'espermacete* é a mistura de cera branca, de espermacete e de oleo de amendoas doces; o *ceroto de Saturno* resulta da mistura do ceroto simples com acetato de chumbo liquido (extracto de Saturno); o *ceroto opiado*, da mistura do ceroto simples com extracto de opio; ajuntando um pouco de enxofre ao ceroto simples, obtem-se o *ceroto sulfurado*, etc.

O ceroto simples emprega-se de diferentes maneiras. É quasi o unico remedio topico de que se faz uso nos curativos simples.

Quando se trata de feridas, ou de ulceras, entende-se por *curativo simples* a applicação methodica dos objectos seguintes : Em 1º lugar, applica-se sobre a parte doente um panno crivado untado com ceroto, ou uma prancheta de fios igualmente untada com ceroto; 2º por cima dos fios applica-se um chumaço; 3º uma das ligaduras descriptas no artigo LIGADURA vem segurar convenientemente estes primeiros objectos.

Os fios não devem ser cobertos senão de uma camada muito delgada de ceroto, e sómente, o que raras vezes se faz, quando se applicação sobre a ferida a nú, sem intermedio do panno crivado. O panno crivado deve estar coberto d'esta pomada simplesmente para prevenir suas adherencias com as margens da solução de continuidade. O ceroto não tem outro effeito senão tornar mais facil a separação de todos os objectos em cada curativo. O azeite doce, o ceroto d'espermacete, a glycerina, o glycereio de amido, a manteiga fresca, podem ser-lhe substituidos em semelhante caso.

Os curativos com ceroto de Saturno, ceroto opiado, ceroto sulfurado, fazem-se segundo as mesmas regras quando se trata da solução de continuidade, com esta unica differença que a prancheta de fios applicada a nú sobre a ferida é preferivel ao panno crivado. Mas estas diferentes pomadas são as mais das vezes empregadas em fricções. É assim que se curão certas affecções da pelle, certos tumores, certas regiões inflammadas.

Curativos com pomadas. As pomadas empregão-se da mesma maneira que o ceroto no tratamento das feridas. Mas de ordinario usão-se em fricções.

As pomadas ophthalmicas empregão-se de duas maneiras muito differentes. Umas, tendo por fim destruir directamente certas ophthalmias, devem ser applicadas sobre a margem livre das palpebras, ou sobre a propria superficie do olho, segundo a especie de ophthalmia, mas nunca sobre a pelle da vizinhança. É assim que se applicão, tomando uma porção do tamanho de uma ervilha, as pomadas de Janin, de Desault, de Régent, de Dupuytren, de nitrato de prata, etc. Importa que a pomada possa attingir as superficies doentes, e não seja retida pelas crostas ou pelas pestanas da margem de cada palpebra.

Mas se se empregão as pomadas resolutivas ou especificas, as pomadas mercuriaes, opiadas ou com belladona, por exemplo, é necessario tomar uma porção do tamanho de um feijão ou de uma avelã, e friccionar, não a margem das palpebras, mas sim a pelle d'estas partes, ou melhor ainda a testa ou as fontes do lado doente.

A *pomada stibiada*, que se compõe de banha e de tartaro emetico, não é empregada senão em fricções sobre o peito, sobre o ventre, ou sobre qualquer outra região, duas vezes por dia, até produzir uma erupção que se parece com a das bexigas.

As pomadas de *iodureto de potassio*, de *iodureto de chumbo*, de *calomelanos*, empregão-se tambem em fricções, principalmente no tratamento de certas empigens, e de grande numero de tumores.

A *pomada mercurial* usa-se em fricções, no tratamento de varias molestias internas, ou estendida sobre um panno para curar as feridas. Os doentes submettidos ao emprego d'esta pomada não devem trazer nenhuma joia de ouro, porque o mercurio ataca o ouro.

Para desembaraçar a pelle d'estas differentes pomadas, não bastão simples lavagens; é necessario dissolver previamente a banha quer com azeite doce, quer com agua de sabão. Cumpre saber tambem que a pomada mercurial produz facilmente salivação; que a roupa tocada por ella torna-se preta quando mettida na agua de barrela, e que esta pomada estraga qualquer outra roupa com que se põe em contacto; deve-se por conseguinte deitar no fogo tudo que ficou impregnado da pomada mercurial.

O *balsamo de Arceus*, o *unguento estoraque*, e o *unguento digestivo*, não se applicão senão sobre as ulceras. Para este fim, depõe-se uma camada mais ou menos espessa d'estes unguentos sobre um panno ou sobre uma prancheta de fios.

O *unguento basilicão* deve ser empregado como o balsamo de Arceus. Tem o inconveniente, como este, de adherir fortemente á pelle, e de pegar-se desagradavelmente a tudo o que toca.

Curativos com os emplastos. Os principaes emplastos empregados em medicina são os de diachylão gommado, de Vigo, emplasto.roxo, de pêz de Borgonha, o emplasto vesicatorio. Para se usar d'estes emplastos, toma-se certa quantidade d'elles, amollecce-se com o calor das mãos ou com agua morna, e com os dedos pollegares molhados em azeite doce estende-se n'um pedaço de panno ou de papel, de maneira a formar uma chapa um pouco mais larga do que a parte que deve ser coberta. Entre estes emplastos ha alguns que, como o emplasto diachylão ou o roxo, se despegão e se tirão com facilidade. Outros, pelo contrario; taes como o emplasto de pêz e o emplasto de Vigo, adherem tão fortemente aos tecidos, que ficão facilmente no lugar durante oito e quinze dias, sem que seja necessario conte-los com ligaduras. Polvilhando com o emetico o emplasto de pêz antes de applica-lo na pelle, obtem-se quasi o mesmo effeito que com a pomada stibiada, no fim de quatro a oito dias.

Debaixo da fórmula de *encerado* ou *sparadrappo*, os emplastos servem para curar certas feridas, e formão tiras agglutinativas.

Tiras agglutinativas, ou pontos falsos. Preparão-se estendendo em panno o emplasto diachylão meio derretido, e

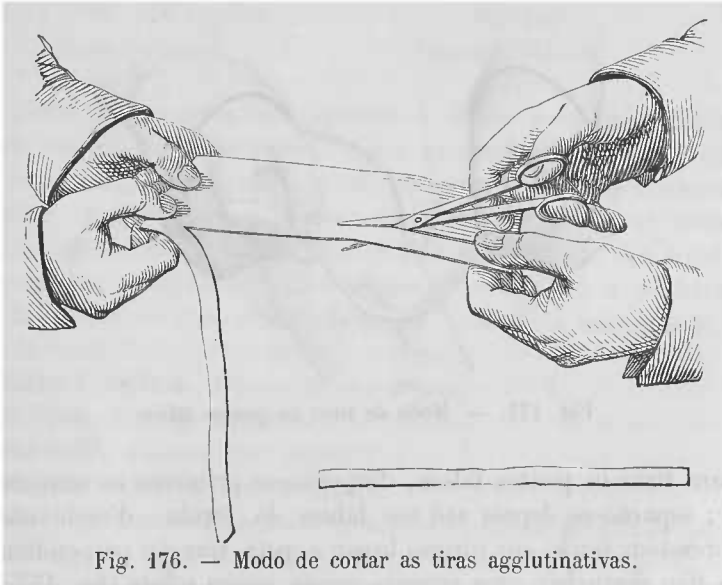


Fig. 176. — Modo de cortar as tiras agglutinativas.

cortando depois este panno. Devem ser macias, bem que firmes, e moderadamente adhesivas. Convem tirar as margens do encerado, como se tirão as costuras do panno de que se fazem compressas ou ataduras. Para cortar as tiras rapida e seguramente, pega-se com a mão esquerda no extremo livre ou desenrolado do rolo

de encerado, enquanto que um ajudante segura o proprio rolo na distancia conveniente. A tesoura, dirigida rapidamente e em linha recta, do cirurgião para o ajudante, divide então por simples pressão, e sem que seja necessario approximar as folhas da tesoura, o emplasto em tantas tiras quantas se desejão. Estas tiras servem como ligadura unitiva, para formar o que se chama *costura secca* ou *pontos falsos*.

Modo de applicar as tiras agglutinativas ou os pontos falsos. Toma-se um ponto falso, e applica-se um dos seus extremos sobre um dos lados da ferida; e, carregando-lhe com os tres ultimos dedos da mão esquerda, approximão-se os labios da ferida com o pollegar e indicador da mesma mão, enquanto com a direita se assenta o outro extremo do ponto sobre o lado opposto. Applicado o primeiro ponto no centro da ferida, applicão-se nos lados os mais que forem precisos, distando um do outro uma a duas linhas. Não se devem largar os extremos antes que tenham pegado sufficientemente. Se os dedos do operador não bastão para approximar os labios da ferida, o que succede quando esta é grande, recommenda a um ajudante que os conserve approximados, enquanto applica os pontos.

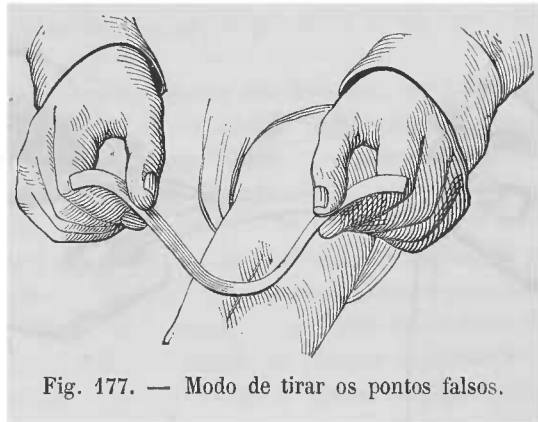


Fig. 177. — Modo de tirar os pontos falsos.

Para tirar os pontos falsos, despegão-se primeiro os seus extremos; separão-se depois até aos labios da ferida, d'onde não se desprendem senão em ultimo lugar e pela tracção perpendicular, para não perturbar uma reunião ainda pouco solida (fig. 177).

Para complemento d'este artigo veja-se ATADURA, COMPRESSA, LIGADURA, SUSPENSORIO DO BRAÇO, CAUSTICO, CATAPLASMAS, LINIMENTO, SINAPISMO, FERIDA, QUEIMADURA, FRACTURA, FUNDA.

CURCUMA ou AÇAFRÃO DA INDIA. Fig. 178, 179. Raiz ou antes rhizoma da *Curcuma tinctoria*, Guibourt, planta da familia

das Amomaceas, que habita nas Indias orientaes e no Brasil. Esta raiz é tuberosa, e fornece a materia corante amarella que tem o mesmo nome e de que se faz grande uso. Esta raiz acha-se no commercio sob a fórma de pequenos pedaços cylindricos contorneados; de côr cinzenta ou amarella por fóra, côr de laranja escura pela parte interna; tem cheiro forte, sabor aromatico, acre e um pouco amargo. Distinguem-se no commercio quatro especies: longa, oblonga, redonda e pequena. A curcuma longa parece-se

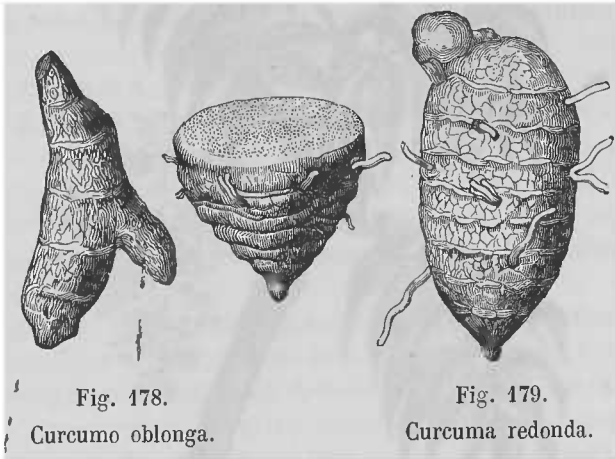


Fig. 178.

Curcumo oblonga.

Fig. 179.

Curcuma redonda.

algum tanto com o gengibre, quanto á fórma e cheiro; differe pela côr amarella no interior. A tinta amarella, que se extrahê d'este tuberculo, serve para tingir de amarello o papel, a madeira, os vernizes, a manteiga, o queijo, as pomadas; e serve como tinta de fundo para as douraduras. A raiz fresca é um dos condimentos usados na India para dar côr ao arroz cozido, e a outras iguarias. A tinta de curcuma tem pouca solidez; a seda e a lã a conservão melhor do que o linho e o algodão.

CURRALEIRA. *Veja-se* HERVA MULAR.

CURSOS. *Veja-se* DIARRHEA.

CURURÚ. *Veja-se* CIPÓ CURURÚ.

CURURÚ-APÉ. *Veja-se* TIMBÓ.

CUSSO ou Kusso. Grande arvore, chamada por Kunth *Brayera anthelmintica*, da familia das Rosaceas-spireaceas, que habita na Abyssinia e no reino de Choa (Africa oriental). É uma arvore sempre verde, que forma ás vezes mattas magnificas. Produz cachos de flores de mais de tres pés de comprimento, de diversas côres, verdes, vermelhas, que pendem por centenas aos ramos de uma só arvore. Sobre estas flores, que se mostrão em dezembro e janeiro, ha sempre muitas abelhas. O páo emprega-se para

a fabricação dos moveis e das cronhas de espingardas. Fig. 180.

As flores de cusso são usadas na Abyssinia contra a solitaria. Forão experimentadas em outros paizes e produzirão excellentes resultados : são consideradas hoje como um dos melhores remedios contra a solitaria. Pulverizadas, são de côr amarella.



Fig. 180. — Cusso.

Eis-aqui a maneira de se administrarem :

O doente deve privar-se de jantar um dia antes de tomar o remedio. De manhã, no dia seguinte, deitão-se sobre 20 grammas (3 oitavas) de cusso pulverizado 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo, cobre-se o vaso e deixa-se por um quartó de hora de infusão ; o doente bebe então toda a mistura em jejum, ou em duas vezes, com alguns minutos de intervallo, se a não pôde tomar de uma vez. É preciso depois lavar a bocca com um pouco d'agua. Este remedio provoca a sêde, mas convem não beber até que haja uma evacuação, que ordinariamente tem lugar no fim de uma hora. Póde-se então beber agua fria ou chá da India, sem leite nem assucar. Com a terceira ou quarta evacuação, a solitaria é inteiramente expulsa sem colicas nem febre. Se as evacuações não se manifestarem ao cabo de tres horas, será preciso provoca-

las com 60 grammas (2 onças) de sal d'Epsom, ou 60 grammas (2 onças) de oleo de ricino. Recebe-se a solitaria em agua morna, depois estende-se o verme, e examina-se se a porção superior é filiforme, e com microscopio distingue-se a cabeça armada de ganchos. *Veja-se SOLITARIA.*

Dóse: Para as crianças até 3 annos, 6 grammas (1 1/2 oitava) de cusso; para as de 3 a 7 annos, 10 grammas (2 1/2 oitavas); para as de 7 a 12 annos, 12 grammas (3 oitavas); e para os adultos, 20 grammas (5 oitavas).

Esta substancia não provoca vertigens nem vomitos, como faz o decocto de casca de raiz de romeira.

CUTILADA. *Veja-se FERIDAS.*

CYANURETO DE POTASSIO OU HYDROCYANATO DE POTASSA. Sal solido, branco, crystallizado em cubos, de sabor acre e amargo, mui soluvel na agua, menos soluvel no alcool; sem cheiro quando é recentemente preparado, mas exposto ao ar attrahe a humidade, decompõe-se lentamente, e espalha vapores de acido prussico.

Calmante, como esse acido, emprega-se externamente nas cephalalgias e nevralgias da face. Internamente, é aconselhado nas affecções nervosas; mas deve administrar-se com a maior prudencia, pois que em dóse um pouco elevada é um veneno violento, e altera-se no fim de dois ou tres mezes. A dissolução de cyanureto de potassio em agua, serve para tirar as nodoas de pedra infernal na roupa.

CYNOGLOSSA OU LINGUA DE CÃO. *Cynoglossum officinale*, Linneo. Borrachineas. Planta que em Portugal habita em alguns montes da provincia da Beira e outras do norte. Tem 65 centimetros de altura; caule simples inferiormente, ramificado na parte superior, guarnecido de folhas sesscis, ovaes lanceoladas, de um verde esbranquiçado, cobertas de pellos rudes. Estas folhas forão comparadas á lingua de cão, d'onde vem á planta o nome que tem. As flores são rubras ou azues com veios purpureos. A raiz é longa, grossa, carnosa, de côr cinzenta pela parte de fóra, branca interiormente, sem sabor, cheiro viroso. Faz-se seccar a parte exterior da raiz; e esta parte cortical, reduzida a pó, entra na composição das pilulas de cynoglossa, que devem as suas propriedades calmantes ao opio que contém, e não á cynoglossa, planta quasi inerte.

CYNOSBATOS. Fructos da silva macha, *Rosa canina*, Linneo, arbusto da familia das Rosaceas. Este fructo é ovoide, de côr vermelha viva, e contém uma duzia de pequenas sementes, cobertas de pellos duros e curtos. Este fructo é adstringente, e

misturando-o com assucar prepara-se uma conserva que se administra nas diarrheas chronicas, na dóse de 30 grammas (4 onça) por dia.

CYSTALGIA. *Veja-se* NEURALGIA DA BEXIGA.

CYSTITE. Inflamação da bexiga. *Veja-se* BEXIGA, vol. I, pag. 343.

CYSTOTOMIA. Operação que consiste em praticar a incisão no ventre ou no perineo para chegar até á bexiga, afim de extrahir d'ella as pedras ou outros corpos estranhos que possam achar-se no reservatorio de ourina. Dá-se-lhe tambem o nome de *lithotomia*. *Veja-se* PEDRA.

D

DAMASCO. Fructo do damasqueiro. *Prunus armeniaca*, L., arvore da familia das Rosaceas-amygdaleas, cultivada em Portugal, e nas regiões temperadas do Brasil. O damasco é arredondado, com polpa um tanto fibrosa, assucarada, aromatica, não acida. Come-se crú ou em doce. É uma fructa sadia. O caroço contém uma amendoa, de gosto amargo, devido á presença do acido prussico, e seria imprudencia comer grande porção de amendoas do damasco. Por vezes experimentão vomitos as crianças que as comem.

O meio de remediar os accidentes, que podem apparecer n'este caso, consiste em favorecer os vomitos com agua morna ou com 5 centigrammas (4 grão) de emetico, e em dar uma colher de *sopa*, de quarto em quarto de hora, da poção seguinte :

Agua	120 grammas (4 onças)
Ether sulfurico.	20 gottas
Assucar..	15 grammas (1/2 onça).

DAMBRE. *Veja-se* CAINCA.

DAMNADO. *Veja-se* RAIVA.

DANSA. *Veja-se* EXERCICIOS.

DANSA DE S. GUIDO OU DE S. VIT. Nome de uma molestia nervosa, cujos symptomas consistem em movimentos continuos, irregulares, involuntarios, de um ou mais membros, de uma parte ou da totalidade dos musculos. Foi tirado este nome de uma capella perto de Ulm, na Suabia, dedicada a S. Guido; porque, no XV século, sendo esta molestia mui commum n'esse paiz, os habitantes ião a essa capella fazer-se curar por intervenção do santo. Em medicina é designada pelo nome de *choréa*, palavra

grega que quer dizer dansa. Quando os movimentos são geraes, o doente gesticula sem cessar de uma maneira desordenada; o seu corpo e pernas são agitados por estremecimentos não interrompidos, e entregues a contorsões singulares: ás vezes limitão-se a um só lado do corpo, ou sómente ao rosto, ao braço ou a uma perna. Os doentes fallão com difficuldade e ordinariamente gaguejando. Experimentão ás vezes entorpecimentos, picadas nos membros, leve diminuição das faculdades intellectuaes, dôres de cabeça, vertigens, agitação, insomnia, etc.

As pessoas affectadas d'esta molestia são geralmente magras, pallidas, impertinentes, irasciveis; algumas são epilepticas, e entre as mulheres, são hystericas. A choréa é uma molestia da mocidade, que ataca sobretudo as pessoas jovens; frequentemente occasionada por emoções vivas, coincide ás vezes com a menstruação difficil. Dura de alguns dias a muitos annos; cura-se muitas vezes espontaneamente na época da puberdade; quasi nunca tem consequencias funestas. Um facto digno de observação é que esta molestia, mui rara nos paizes intertropicaes, é quasi especial ás regiões temperadas.

O *tratamento* d'esta molestia consiste em banhos frios e mornos, gymnastica, maçadura, e meios hydrotherapicos. A applicação de chapas de latão nos punhos, braços, pescoço, coxas e pés foi util em alguns casos. Ha choréas que estão ligadas com a fraqueza da constituição: então podem curar-se pelos alimentos substanciaes, bom vinho, medicamentos tonicos, preparações de ferro, aguas ferreas tomadas na fonte. Outras curão-se pela electricidade, ou pelos medicamentos antispasmodicos. Eis-aqui as receitas contra a choréa:

Ferro reduzido. 8 grammas (2 oitavas).

Divida em 36 papeis.

Para tomar um papel, duas vezes por dia, n'uma colher d'agua fria com assucar.

Pilulas de Meglin.

Extracto de meimendro. 5 centigrammas (1 grão)

Extracto de valeriana. 5 centigrammas (1 grão)

Oxydo de zinco. 5 centigrammas (1 grão).

Faça 1 pilula, e como esta 35. Para tomar uma pilula pela manhã, e outra á noite.

Linimento de Rosen.

Oleo concreto de moscada. 5 grammas (1 1/4 oitava)

Oleo volatil de cravo. 5 grammas (1 1/4 oitava)

Alcoolato de zimbro 90 grammas (3 onças).

Misture. Em fricções, ao longo do espinhaço, na dose de uma colher, das *de sopa*, duas vezes por dia.

DARTRO. *Veja-se* EMPÍGEM.

DAX. (Aguas sulfatadas mixtas, quentes.) França. Itinerario de Bordeos a Dax: estrada de ferro de Bordeos a Dax, 3 horas 24 minutos. Despezas 18 francos, 25 centesimos.

Dax é uma pequena cidade da França meridional de 9,000 habitantes. Contém muitas fontes mineraes quentes, da temperatura de 31° a 61° centigrados. A fonte mais importante é a *Source Chaude* (Fonte quente), de 59°; a agua é levemente alcalina, mui

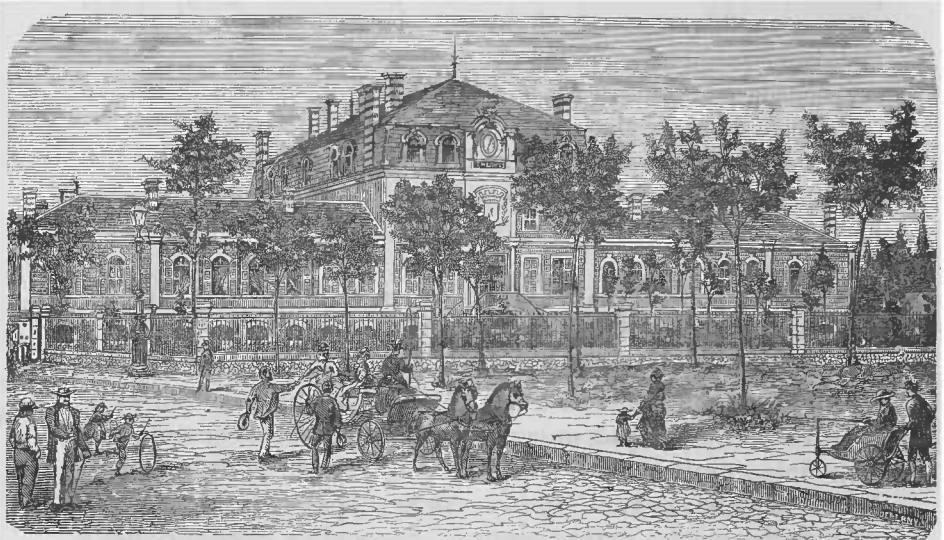


Fig. 181. — Thermas de Dax.

limpida, de cheiro pouco pronunciado, e quasi sem sabor. Contém consideravel quantidade de gaz azoto, e 475 milligrammas de principios fixos, que são sulfato de cal, sulfato de soda, carbonato de magnesia, chlorureto de sodio, chlorureto de magnesio. Achão-se tambem nas fontes depositos abundantes de lodo e de plantas do genero *Tremella*; que contém ioduretos e bromuretos alcalinos. Os lodos e as plantas, empregão-se em applicações locais contra os rheumatismos, contracturas musculares, nevralgias e paralyrias. São estas molestias que se tratão principalmente em Dax, sob a fórma de banhos geraes e duchas. A atmosphaera branda e secca n'esta região da França contribue para a cura d'estas molestias.

As caldas de Dax gozavão de grande reputação no tempo dos antigos Romanos, e o Imperador Augusto conduzio ali sua filha Julia. Esta deo-se tão bem com o tratamento, que quiz por gra-

tidão, que uma das portas da cidade tomasse o seu nome, e, com effeito existe actualmente uma porta da cidade chamada *Julia*.

Em 1873 dois distinctos medicos mandarão construir ali um grande estabelecimento que é ao mesmo tempo uma installação balnear completa e um hotel para os banhistas. Este estabelecimento, está aberto todo o anno; a sua atmospheria interior, constantemente tepida e saturada de vapores mineraes, constitue, durante o inverno, uma habitação curativa para as molestias do peito, e do larynge. Para este fim tudo está ali disposto, debaixo do ponto de vista medico e hygienico.

DEBILIDADE. *Veja-se* FRAQUEZA.

DECOCTO. *Veja-se* COZIMENTO.

DEDALEIRA. *Veja-se* DIGITAL.

DEDOS DA MÃO. A descripção anatomica dos dedos acha-se no artigo DESLOCAÇÃO DA MÃO.

Adherencias viciosas dos dedos. As queimaduras e as feridas são causas ordinarias das adherencias dos dedos entre si. Varias operações são necessarias para curar esta deformidade, que pôde ser prevenida, tendo-se o cuidado de pôr entre os dedos queimados tiras de panno de linho.

Anéis que apertão os dedos. *Veja-se* ANNEIS.

Arrancamento dos dedos. Os dedos arrancados deixão sempre uma ferida irregular, não deitão muito sangue, communicão com a palma da mão ou com o antebraço, conforme a altura na qual se rompeo o tendão flexor profundo, habitualmente arrancado com o dedo.

Tratamento. Cumpre cortar com tesoura os tecidos pendentes, e applicar pannos molhados em agua fria nos primeiros dias; curar depois com cataplasmas de linhaça.

Contractura dos dedos. *Veja-se* vol. I, pag. 674.

A cortadura dos dedos por facas e outros instrumentos de gume pôde ser completa ou incompleta. Mesmo no caso de ser a separação quasi completa, cumpre tentar a reunião dos dois pedaços, porque existem factos que provão que dedos quasi completamente cortados se reunirão e sararão.

Dedos supranumerarios. Ha pessoas que tem seis dedos; até parece que esta anomalia pôde transmittir-se de geração a geração: ordinariamente o sexto dedo, que quasi sempre se acha perto do minimo, é meramente um appendice incapaz de movimento, e unido á mão por um estreito pedicello; deve-se então corta-lo pouco tempo depois do nascimento. Esta pequena operação é sem perigo. Corta-se com tesoura, ou com bisturi. Se é preciso empregar o bisturi, faz-se uma pequena incisão circular na base

do dedo, abre-se a articulação anormal, tira-se o appendice, e reune-se a ferida com pontos falsos.

Deslocações ou **luxações dos dedos.** *Veja-se* DESLOCAÇÃO.

Extensão permanente dos dedos. A extensão permanente dos dedos é muito mais rara do que a flexão; é consecutiva á perda de substancia da pelle da face dorsal da mão, ou á destruição dos tendões flexores por um panaricio ou por outra causa.

Quando a deformação depender da cicatriz viciosa, corte-se a brida, e fixe-se na flexão o dedo ao qual se rendeo a mobilidade.

Flexão permanente dos dedos. É determinada pelas molestias seguintes :

1º **AFFECÇÕES ARTICULARES.** As luxações não reduzidas, os tumores brancos, os panaricios seguidos de ankylose, deixão ás vezes os dedos n'um estado permanente de flexão, que é incuravel.

2º **CICATRIZES VICIOSAS.** É o que se observa em consequencia das queimaduras da palma da mão, de gangrena, de feridas com perda de substancia; a retracção do tecido de cicatriz occasiona a flexão dos dedos, que não podem ser endireitados. Podem ás vezes restabelecer-se todos os movimentos dos dedos, ou pelo menos parte d'elles, fazendo a secção das bridas; mas deve-se sempre receiar a recabida, porque a nova cicatriz poderá produzir nova flexão, pelo que deve-se, depois da operação, manter os dedos na extensão, mesmo muito tempo depois de completada a cicatrização.

3º **MOLESTIAS DOS MUSCULOS EXTENSORES.** A diminuição da energia dos musculos extensores, e com mais forte razão, a sua paralyisia, a secção ou destruição de seus tendões, são causas quasi inevitaveis da flexão permanente. É facil endireitar os dedos, mas a flexão torna a voltar. Em alguns casos póde-se, por meio de apparelhos, corrigir este estado. Em outros casos o emprego da electricidade foi util contra a paralyisia dos musculos extensores.

4º **RETRACÇÃO DA APONEVROSE PALMAR E DOS TECIDOS DA PALMA DA MÃO.**

Symptomas. A principio, os doentes sentem calor e dôr na palma da mão; a pelle torna-se mais dura, menos extensivel, não se póde aperta-la nem fazer com ella uma dobra; está unida por um tecido cellular mais adherente aos tecidos subjacentes; é menos movel, porque o tecido cellular está tambem retrahido e menos extensivel do que no estado normal. Algum tempo depois observa-se um encurvamento que se pronuncia cada dia mais. Esta disposição é mais marcada nos tres ultimos dedos, e sobretudo no quinto. A primeira phalange está dobrada sobre o metacarpo, a segunda sobre a primeira, a terceira não participa quasi nunca á

molestia. Por diante dos dedos doentes, distinguem-se bridas salientes que partindo da palma da mão, vão fixar-se á face anterior das duas primeiras phalanges, e entesão-se fortemente quando se fazem tentativas para endireitar os dedos. As articulações parecem sãs e moveis, pelo menos no começo da molestia.

Causas. Eis-aqui como se explica o desenvolvimento d'esta enfermidade: As pessoas que se occupão dos trabalhos nas quacs a palma das mãos se acha habitualmente submettida a rudes pressões, tem a pelle d'esta região mui grossa e resistente; n'ellas tambem os filamentos cellululo-fibrosos sub-cutaneos, cuja hypertrophia ou degenerescencia fibrosa constitue a enfermidade, são mais desenvolvidos do que no estado normal. Se a mão, que se acha n'estas condições, está condemnada á longa immobilidade em consequencia de alguma affecção accidental, os dedos estarão em meia-flexão em quanto o individuo não se servir da mão. N'esta posição os feixes cellulares, que até agora erão bastante compridos para se prestarem á extensão completa dos dedos, encurtão-se e quando a mão fica livre, estes filamentos encurtados oppõem-se á extensão completa.

Segundo esta exposição é facil indicar as causas predisponentes e determinantes d'esta affecção. As primeiras são as profissões de agricultor, de cocheiro, ferreiro, de homens que levantão e carregão grandes pesos, etc. Póde-se, pois, presentir que os homens estão mais sujeitos a esta affecção do que as mulheres. Estas causas predisponentes podem, só per si, produzir ás vezes a enfermidade.

Entre as causas determinantes, podem citar-se os ferimentos, as inflammações da palma da mão, as torceduras das articulações dos dedos, as affecções rheumaticas, as fracturas dos dedos ou do ante-braço.

Tratamento. É preservativo ou curativo. O primeiro emprega-se na convalescença das affecções que deixei indicadas como causas determinantes da retracção. Consiste em imprimir aos dedos movimentos repetidos de extensão logo que o estado da parte affectada o permite; e se apparecer a menor tendencia á retracção, será necessario applicar um apparelho proprio a fixar os dedos na extensão completa; mas, se a enfermidade existe, só póde curar-se pela secção das bridas tendinosas. Esta operação não é sem perigo; determina ás vezes a inflammação profunda da mão e a exfoliação, dos tendões. Para prevenir estes accidentes, empregão-se irrigações d'agua fria. Immediatamente depois da operação fixão-se os dedos na extensão sobre uma taboinha até á cicatrização completa.

Fractura dos dedos. *Veja-se* FRACTURAS.

Inflammação dos dedos. As inflammações dos dedos são

conhecidas com os nomes de *unheiro* e de *panaricio*. Este é uma inflammação profunda, que acaba de ordinario por suppuração; o unheiro é uma inflammação superficial da pelle ao redor das unhas dos dedos, e muito menos grave. O tratamento de ambos consiste em banhos d'agua morna e cataplasmas de liuhaça; mas no panaricio é preciso fazer a incisão do tumor com bisturí. *Veja-se PANARICIO e UNHEIRO.*

As **picadas dos dedos** nada offerecem de notavel. O tratamento consiste na applicação de pannos molhados em agua fria; mas se o dedo se inflamar, é preciso applicar uma cataplasma de farinha de linhaça.

Pisadura e moedura dos dedos. Os dedos da mão estão expostos a ser pisados e mesmo moídos pela acção de corpos pesados, de alguma maquina ou de balas de armas de fogo. Frequentemente o cirurgião é obrigado a recorrer á amputação; mas póde-se ás vezes conservar o dedo. O melhor remedio que convem para isso é a applicação contínua de pannos molhados em agua fria, misturada com aguardente camphorada, durante os dois ou tres primeiros dias. Passado este tempo, applicão-se cataplasmas de linhaça.

As **queimaduras dos dedos** nada offerecem que não esteja exposto no artigo geral a esse respeito. (*Veja-se QUEIMADURA.*) É só preciso impedir que os dedos se reunão entre si viciosamente; e por isso, depois de applicado o algodão, que é o melhor remedio contra as queimaduras, é necessario separar os dedos por meio de tiras de panno de linho postas entre elles.

DEDOS DO PÉ (MOLESTIAS DOS). A principal molestia dos dedos do pé é a *unha encravada* (*veja-se esta palavra*), que ataca principalmente o dedo grande: para as outras molestias. *V. Pé.*

DEFLUXO. Dá-se este nome á inflammação leve dos conductos respiratorios. É o gráo mais fraco da bronchite.

Causas. O defluxo sobrevem ordinariamente depois da impressão do frio; e tem-se observado que o esfriamento parcial dos pés e da cabeça, sobretudo nas pessoas que tem habitualmente essas partes cobertas, produz mais especialmente esta affecção. Mas as suas causas nem sempre são apreciaveis, e as mais das vezes o defluxo sobrevem sem que se saiba a que deva ser attribuido.

Symptomas. O defluxo principia por um sentimento de secura e de inchação nas fossas nasaes; os olhos tornão-se vermelhos, humidos; a voz fanhosa; o olfacto e ás vezes o gosto desaparecem; uma dôr mais incommoda do que viva e um calor anormal fazem-se sentir no interior do nariz, e na testa soffre-se um peso que é para muitos doentes o symptoma principal. N'esta época

sobrevem espirros repetidos, e uma necessidade contínua de assoar-se. Os doentes ás vezes não podem respirar pelo nariz, e pensão que a passagem está tapada por mucosidades. Mas em vão fazem esforços para desobstruir os conductos, o que não conseguem porque este obstaculo é produzido pela tumefacção da membrana mucosa. A membrana que cobre o interior do nariz não se conserva secca por muito tempo: promptamente ministra uma secreção abundante, aquea, incolor e salgada. Pouco a pouco a materia d'esta secreção adquire consistencia; torna-se successivamente branca, amarella, esverdeada, e diminue ao mesmo tempo de quantidade.

O defluxo é quasi sempre acompanhado de um incommodo geral, que torna o individuo inhabil para a maior parte das acções ordinarias, e especialmente para o trabalho de espirito. Quando a molestia é muito intensa, dá lugar a um movimento febril, o qual persiste por muitos dias com exacerbações, no intervallo das quaes os doentes experimentão calefrios frequentes; uma dôr de cabeça muito intensa, insomnia, fastio, um cansaço doloroso nas pernas, acompanhão então frequentemente a molestia; o pulso accelera-se, a pelle torna-se quente, e manifesta-se sêde. Mas é raro que esta affecção apresente symptomas tão graves; frequentemente existe então com a bronchite.

O defluxo nas crianças de peito apresenta caracteres particulares que reclamão nossa attenção.

Como na infancia as fossas nasaes são necessariamente menores que no adulto, resulta d'ahi a impossibilidade de respirar pelo nariz quando a criança está com defluxo. Se se lhe apresenta o peito, toma-o facilmente; mas depois de uma ou duas succões, torna-se roxa, e abandona-o precipitadamente tossindo; repete-se o mesmo phenomeno cada vez que principia a mamar.

Duração e prognostico. Em geral, o defluxo dura só alguns dias; ás vezes entretanto prolonga-se até vinte, trinta, quarenta dias e até muitos mezes. Raras vezes tem consequencias graves; quasi sempre é passageiro, e occupa mui pouco a attenção dos doentes.

Trattamento. Se o defluxo é leve, sua terminação é constantemente feliz e prompta, e cura-se por meio de simples precauções contra a impressão do frio, e mesmo sem nada fazer. Mas se a affecção fôr mais intensa, ou se, sem offerecer grande intensidade, se prolongar além do termo ordinario, merece então alguma attenção. O doente, que por seus negocios é obrigado a sahir de casa, só deve fazê-lo com sol fóra, agasalhar-se bem, e usar de alguns escalda-pés d'agua simples ou d'agua com cinza, ou de pediluvios sinapizados. Convem que a cabeça fique elevada na

cama, e que o doente tome, no momento de deitar-se, alguma bebida sudorífica, como infusão quente de chá da Índia, de flores de sabugueiro, de violas, ou de casquinha de limão. Existindo movimento febril, é preciso diminuir a dóse das comidas, e até abster-se de alimentos solidos. Achando-se irritados os labios e o nariz, untem-se com oleo de amendoas doces, ceroto simples ou com coldcream.

Se o defluxo atacar uma criança com grande intensidade, a ponto de impedi-la que exerça a sucção sobre o bico de peito, é preciso, enquanto existir este symptoma, deitar-lhe na bocca, com uma colher, leite ou qualquer outra bebida alimenticia, e dar-lhe o peito logo que a diminuição da molestia lhe permita que exerça de novo a sucção. O defluxo das crianças de peito cura-se untando-lhes o nariz com sebo.

Póde-se curar logo ao principio um defluxo, por meio de lavatorios frios e adstringentes, assaz frequentemente repetidos, no interior das ventas, quer com agua fria simples, quer com agua tendo em dissolução aguardente camphorada, ou sulfato de zinco em dóse extremamente fraca. Eis-aqui as receitas:

1º Agua commum.	100 grammas (3 onças)
Aguardente camphorada.	4 grammas (1 oitava).

Misture.

2º Agua commum.	100 grammas (3 onças)
Sulfato de zinco.	50 centigram. (10 grãos).

Dissolva.

Aconselha-se tambem fazer passar, mais ou menos rapidamente, debaixo do nariz, um frasco com ammoniaco liquido.

No defluxo chronico, assucar em pó, administrado ás pitadas, como se faz com rapé, basta ás vezes para modificar a inflamação da membrana mucosa e para diminuir a secreção morbida.

As fumigações com vapores de infusão de flores de sabugueiro, empregão-se tambem com vantagem no defluxo, e sobretudo no defluxo chronico. Fazem-se estas fumigações, cobrindo a cabeça com uma toalha, e expondo o rosto ao vapor que sahe do vaso contendo a infusão de sabugueiro. Torna-se manifesto, por esta exposição, que ha diversos meios de curar o defluxo.

DEFLUXO ASTHMATICO. *Veja-se* ASTHMA.

DEFLUXO DO PEITO. *Veja-se* BRONCHITE.

DELIQUIO. *Veja-se* DESMAIO.

DELÍRIO. Desordem das facultades intellectuaes. O delirio apresenta-se sob tres fórmas: 1º, *delirio febril*, que acompanha as molestias agudas do cerebro e outras, e do qual tratarei exclusivamente n'este lugar; 2º, *delirio dos loucos*, que é o caracter

distinctivo da alienação mental, o qual vai descripto no artigo LOUCURA; 3º, *delirio nervoso*, que é proprio dos ebrios, mas que se desenvolve tambem na occasião de feridas graves, e do qual tratarei no artigo seguinte.

O delirio febril observa-se particularmenté, como acabei de dizer, nas affecções agudas do cerebro; mas outros órgãos violentamente inflammados podem reagir sympathicamente sobre o cerebro e provocar este phenomeno. Assim a pelle affectada de erysipela extensa, de bexigas, o canal alimentario inflammado, o pulmão nas pneumonias, etc., podem determinar o delirio. Emfim, quasi, todas as molestias agudas ou chronicas que findão pela morte, são acompanhadas de delirio; poucos doentes morrem em seu juizo perfeito.

Symptomas. A invasão do delirio é ordinariamente annunciada pela insomnia, dôr e peso de cabeça, vertigens, zunido nos ouvidos, esquecimento dos soffrimentos, um ar de espanto, cabeça quente, rosto vermelho e olhos luzidios, supportando difficilmente uma luz viva. Depois apparecem sonhos brandos, agitação do espirito, incoherencia extrema das ideias; gritos, furor, visões, susto, ou grande abatimento e sombria taciturnidade, prantos ou gargalhadas. Ás vezes só ha curtas ausencias da memoria. Ora o doente percebe se o cobrem ou se esteve descoberto, vê os objectos exteriores, sente que tem sede, etc.; ora, pelo contrario, os sentidos estão inteiramente desvanecidos. Umas vezes responde com maior ou menor exactidão ás perguntas que se lhe fazem, e indica o lugar dos seus soffrimentos; outras vezes, pelo contrario, ha ausencia completa de todo o discernimento. Algumas vezes o delirio augmenta gradualmente até á perda dos sentidos, e desvanece-se da mesma fórma, de maneira que o doente chega insensivelmente á razão. A prostração, as convulsões geraes, a paralysisia, acompanhão o delirio no ultimo gráo das inflammações cerebraes.

O delirio é contínuo ou intermittente. Quando é intermittente, apparece as mais das vezes com paroxysmos febrís, que tem geralmente lugar á noite. Quando o doente recobra a razão, está fatigado, tem dôres nos membros, sede, os olhos e os ouvidos são mui sensiveis á luz e a qualquer ruido. A duração dos accessos do delirio varia desde menos de uma hora até muitas horas, repete-se com intervallos mais ou menos longos. Depois de voltar á razão, se o delirio foi intenso, o doente não conserva commummente lembrança alguma do que sentira, pensára ou do que tinha feito. O delirio que teve lugar com a conservação dos sentidos, faz o effeito dos sonhos, e os doentes lembrão-se de quasi todas as circumstancias.

Prognostico. O delirio é ordinariamente um symptoma grave.

Quando a molestia, que o delirio acompanha, tem chegado a este ponto, deve inspirar receio. Os sonhos que sobrevem ás vezes no accesso da febre intermittente nenhum perigo annuncião, e o delirio que se desenvolve sob a influencia de causas fracas nas pessoas eminentemente nervosas, dissipa-se em geral mui facilmente. Quando o delirio se declara em uma molestia lenta, como a tisia, por exemplo, o perigo é grande, e ordinariamente a morte está proxima.

Quando o delirio alterna com o somno profundo, e está unido á prostração das forças, a convulsões, á paralysisia, o prognostico é fatal. Pelo contrario, quando o delirio existe sem essas desordens, não ha tanto a receiar.

Tratamento. O tratamento do delirio deve consistir só nos meios que convem ás affecções de que este phenomeno depende. Em geral, todas as vezes que accidentes taes como o delirio, convulsões, prostração, etc., se succedem sem interrupção, exigem o emprego dos meios proprios a combater a inflammação do cerebro. (*Veja-se ENCEPHALITE.*) Estes accidentes são ás vezes intermittentes e pertencem ainda a esta affecção. O delirio sympathico, occasionado por molestias chronicas e affecções consumptivas que se approximão do fim, merece apenas attenção. O delirio intermittente e sympathico de affecções agudas que volta e cessa com a exaerbação febril, ou que, bem que contínuo, é só acompanhado de dôr e calor de cabeça, póde ser vantajosamente combatido com os sinapismos nas pernas, com applicações sobre a cabeça de pannos molhados em agua fria e vinagre; e ao mesmo tempo cumpre dirigir o tratamento contra o orgão essencialmente affectado. O delirio que é consequencia de perda sanguinea consideravel, bem como as convulsões e a syncope que provém da mesma causa, exige cuidados particulares. O doente deve estar deitado com a cabeça elevada, o corpo será esfregado com baeta embebida em agua de Colonia, e depois envolvido em pannos quentes; approximar-se-lhe-hão ao nariz cheiros fortes, taes como vinagre, alcali volátil ou ether, e na bocca metter-se-lhe-ha um pouco de sal commum. O delirio que sobrevem aos doentes mui fracos, quando estão sentados ou levantados, desaparece pouco tempo depois de se deitarem: a inspiração dos cheiros que deixei indicados será tambem mui vantajosa.

DELIRIO NERVOSO, DELIRIO TREMENTE, LOUCURA DOS BEBADOS, tâes são as denominações diversas pelas quaes se designa um delirio de natureza particular, ordinariamente produzido pelo abuso dos licores espirituosos, mas que se desenvolve tambem por causa de feridas, de operações graves, e ás vizes resulta de ten-

tativas de suicidio, acompanhado de agitação e de tremor dos musculos, independente de toda a inflammação do cerebro.

Symptomas. A invasão do delirio nervoso é em geral subita; aquelle sobretudo que produzem os licores alcoolicos declara-se ordinariamente na occasião do abuso ou alguns instantes depois. Às vezes, entretanto, ha symptomas que annuncião o seu desenvolvimonto, taes como: anxiedade, fraqueza muscular, insomnia, dôr e peso de cabeça. Mas, precedido ou não d'estes prodromos, o delirio apparece e apresenta as particularidades seguintes: refere-se ordinariamente ás occupações habituaes do doente; umas vezes é brando, e permite aos doentes responderem ás perguntas que se lhes dirigem; outras vezes furioso, manifesta-se em gritos e vociferações. Este delirio é contínuo ou intermittente, sempre é acompanhado de alguns symptomas geraes, taes como tremor dos musculos, estremecimentos rapidos nos braços, coloração da face, vermelhidão dos olhos e calor da testa. Ao mesmo tempo, os doentes são atormentados pela insomnia. O tremor dos braços é sobretudo característico: os doentes não podem levar á bocca um copo d'agua sem entorna-lo.

Prognostico e duração. Em geral, estes phenomenos durão pouco; dissipão-se ás vezes em 24 horas, e não se prolongão quasi nunca além do vigesimo dia. Quasi todos os doentes restabelecem-se; entretanto, tem-se visto esta molestia terminar pela inflammação do cerebro, ou pela apoplexia, e occasionar a morte.

Tratamento. As emissões sanguineas são perigosas n'esta molestia; é preciso recorrer immediatamente ao opio. Administra-se pela bocca em pilulas na dóse de 2 1/2 centigrammas (1/2 grão) de duas em duas horas, ou em clysteres. Eis-aqui as receitas:

Pilulas de opio.

Extracto de opio. 2 1/2 centigrammas (1/2 grão)

Extracto de alcaçuz. 2 1/2 centigrammas (1/2 grão).

Faça 1 pilula, e como esta mais 5. Para tomar uma de duas em duas horas.

Clyster opiado.

Agua morna. 180 grammas (6 onças)

Laudano de Sydenham. 40 gottas.

Tres semelhantes clysteres por dia. Qualquer que seja a fórma do remedio que se escolher, convem continua-lo até produzir a somnolencia e depois o somno. O doente adormece, e após um somno, mais ou menos prolongado, desperta com boa saude e não conserva a menor lembrança do que occorrera durante o delirio.

Casos ha em que o opio não é sufficiente para curar esta moles-

tia produzida pela embriaguez; deve-se então administrar o emetico, segundo a formula seguinte :

Agua..	500 grammas (16 onças)
Tartaro emetico	10 centigrammas (2 grãos).

Dá-se um copo d'esta bebida de meia em meia hora.

Appliquem-se sobre a cabeça pannos molhados em agua fria e vinagre.

DEMENCIA. *Veja-se* LOUCURA.

DENDÊ. *Veja-se* AZEITE DE DENDÊ.

DENTADA. É uma ferida contusa. Convem lava-la com agua fria, applicar por um dia pannos molhados igualmente em agua fria, e depois cobri-la com encerado inglez. Mas se a ferida se inflamar, será preciso applicar uma cataplasma de linhaça, e, depois de combatida a inflammação, pôr o encerado. *V* FERIDA.

Se a dentada fôr produzida por cão damnado ou por cobra venenosa, a primeira cousa que se deve fazer é lava-la com agua fria e immediatamente cauteriza-la com potassa caustica, oleo de vitriolo ou algum outro caustico. *Veja-se* COBRAS, RAIVA e MORDE-DURAS DE ANIMAES VENENOSOS.

DENTE DE LEÃO (Planta). *Veja-se* TARAXACO.

DENTES. Assim se chamão uns ossinhos mui duros, implantados nos alveolos dos queixos, e destinados a apertar, dividir e moer as substancias alimentarias. O seu numero nos adultos é de 16 em cada queixo, o que faz 32. Os quatro anteriores são *incisivos* ou *dianteiros*. O que vem depois, de cada lado, é o dente *canino* ou *presa*. Depois do dente canino, achão-se, de cada lado de um e outro queixo, os dois *pequenos molares*, ou *pequenos queixaes*;



Fig. 182. — Dentes de adulto.

emfim os tres *grandes molares*, ou *grandes queixaes*. O ultimo d'estes tres é chamado *dente do siso*, por vir depois da idade da razão. Os incisivos e as presas tem uma só raiz; o mesmo acontece com os pequenos queixaes; ás vezes, entretanto, esta raiz é bifurcada, sobretudo nos do queixo superior; quanto aos tres grandes

queixaes, sua raiz apresenta sempre duas, tres, quatro ou cinco divisões.

Fig. 182. *a*, primeiro incisivo; *b*, segundo incisivo; *c*, presa; *d*, *e*, pequenos queixaes; *f*, *g*, *h*, grandes queixaes.

Dá-se o nome *de corpo* ou *corôa* dos dentes, á sua parte livre, o *de raiz* á parte contida no alveolo, e o *de collo* ao estreitamento que separa a corôa da raiz. Cada dente possui uma parte dura, externa e que tem o nome de *marfim*. Esta é coberta, mas na corôa sómente, de uma substancia particular chamada *esmalte*. No centro de cada dente acha-se uma pequena cavidade occupada pelo *folliculo dentario*, substancia molle, gelatinosa, composta de nervos mui finos e de vasos mui delgados. Os grandes soffrimentos que fazem padecer as dôres dos dentes tem a sua séde n'esta substancia.

Divido este artigo em duas partes: parte hygienica e parte pathologica. Na primeira, tratarei dos dentes no seu estado de saude, e indicarei os meios de conservar a estes orgãos as suas condições normaes; na segunda, fallarei de suas molestias.

PARTE HYGIENICA. Disposições normaes. No estado normal, os dentes são arrançados symetricamente sobre as margens dos queixos, chamados tambem mandibulas. A alvura constitue uma das suas qualidades preciosas. Os que são de um branco côr de leite ou de porcelana, e como transparentes, são raras vezes dotados de grande solidez. Estes caracteres encontram-se nas pessoas debeis, lymphaticas, predispostas ás escrophulas e ao rachitismo. Os mais solidos são os de côr um pouco amarellada, que se encontram nas pessoas robustas, sanguineas e biliosas.

Anomalias relativas ao numero dos dentes. Em alguns individuos os dentes faltão inteiramente, e não se desenvolvem. De ordinario a privação só é parcial; umas vezes affecta só os dentes temporarios que faltão, e não os permanentes, que apparecem na época acostumada; outras vezes, são estes que não se mostram, mas só na parte anterior, e a bocca acha-se guarnecida dos queixaes. A medicina não póde provocar, reanimar ou accelerar em taes circumstancias o trabalho da natureza. Não se deve entretanto desesperar do desenvolvimento dos dentes senão quando o individuo já não crescer, e é sómente n'esta época que convem substituir por peças artificiaes os vacuos deixados na organização.

Os dentes, em vez de faltarem, podem apresentar-se em numero maior do que costumão ser. A exuberancia dos dentes resulta quasi sempre da persistencia de alguns dentes temporarios, ao mesmo tempo que os permanentes se desenvolvêrão por diante ou por detraz d'elles. É preciso n'este caso extrahir os temporarios;

e, qualquer que seja o gráo de inclinação dos outros, endireitão-se completamente depois da operação. Mas é necessario fazer esta extracção com muita cautela, para não tomar por supranumerarios os dentes permanentes, que se desviárão do seu caminho por causa da persistencia dos primeiros. As vezes a exuberancia dos dentes procede do numero dos germes dentarios; assim em alguns individuos, quando os dentes queixaes estão renovados, e os grandes queixaes se achão em seu lugar, apparece um dente supranumerario, de fórma irregular e oblonga, que procura collocar-se entre elles. Convem igualmente extrahi-lo.

Obliquidade ou Inclinação dos dentes. As causas da obliquidade dos dentes secundarios são a falta de proporção entre o seu volume e o espaço que devem occupar, ou a quédia mui tardia de algum dente primitivo, ou a existencia de um dente supranumerario. É facil, havendo cuidado durante a segunda dentição, prevenir grande numero d'estas anomalias. Se ao começo da segunda dentição se manifestar algum ponto vermelho e doloroso, perto de um dente incisivo médio primitivo, convem extrahir este sem demora, para deixar lugar livre ao dente que quer sahir. Isto mesmo cumpre praticar se por ventura elle tiver já sahido. Quando, apezar d'esta operação, os dentes médios permanentes não achão, entre os incisivos temporarios lateraes, espaço bastante para se arranjam convenientemente, é preciso extrahir estes temporarios que os contrangem. Mas importa muito, para praticar esta extracção, que os dentes, cujo desenvolvimento se deseja, tenham adquirido a metade de sua altura. Antecipando-se a extracção, elles se afastarão de um para outro lado, e tomarão parte no lugar que devem occupar os dentes seguintes: é retardando-a muito, adquirirão pelo contrario as inclinações antero-posteriores, que se querem evitar. Os incisivos lateraes, por sua vèz, serão submettidos á mesma pratica; isto é, depois de extrahir, se fôr preciso, os dentes primitivos que devem substituir, extrahir-se-ha, depois da sahida de uma porção consideravel de sua corôa, uma ou outra presa primitiva, afim de lhes dar o sufficiente espaço de que necessitarem. As presas emfim devem ser dirigidas da mesma maneira, no seu crescimento e sua collocação. Acontece ás vezes ser urgente sacrificar o primeiro pequeno queixal. Quasi nunca estas precauções deixão de ter bom exito. É muito mais difficil remediar a obliquidade dos dentes quando elles tem inteiramente sahido. Recorre-se então á lima, ás ligaduras fixadas sobre os dentes vizinhos, ás differentes laminas destinadas a puxar os dentes desviados, para diante, para traz ou para fóra, etc. Qualquer que seja o processo a que se dê preferencia, o seu bom exito

dependerá principalmente do periodo da vida em que elle fôr feito ; este periodo é, dos oito aos quatorze annos. Passados os quatorze ou quinze annos, semelhantes operações expõem os dentes a serem abalados e a cahirem.

Quando não se puder remediar a obliquidade dos dentes, é preciso corrigir os máos effeitos que resultão de sua presença. Assim, umas vezes devem extrahir-se os que são mui deformes e ferem a lingua, os beiços ou as bochechas; outras vezes limão-se-lhes as margens livres, ou cortão-se-lhes as corôas.

Os dentes apresentam em algumas pessoas uma inclinação geral, para diante, e fazem proeminencia mais ou menos consideravel debaixo dos beiços. O costume que tem as crianças de chupar continuamente os dedos, os pannos e mesmo a lingua, que levão então para diante, entre os beiços, é a causa mais ordinaria d'esta deformidade. Convem obriga-las a largar logo estes costumes, por ser mui difficil remediar esta deformidade depois de desenvolvida.

Pedra dos dentes. A saliva e os outros liquidos que affluem constantemente á bocca, produzem uma materia amarellada, que se depõe sobre a superficie dos dentes, endurece-se gradualmente, descarna pouco a pouco estes orgãos, e emfim determina a quéda d'elles. Esta materia assim endurecida chama-se *pedra dos dentes*. Os cuidados de asseio, a acção mesma dos pós dentifricios não é sempre sufficiente para prevenir a formação d'estas concreções. Quando existem, cumpre tira-las sem demora com instrumento de aço.

Conservação dos dentes. Um regimen brando e regular, a ausencia de todos os excessos, a execução livre das principaes funcções, taes são os melhores meios de conservar a frescura da bocca, a firmeza das gengivas e a solidez dos dentes. Os outros cuidados são : não quebrar com os dentes corpos duros, não expôr a bocca á mudança subita de temperatura dos alimentos, enxaguar a bocca com agua depois de cada comida, e tirar por meio de palitos todas as parcellas alimentarias que podem ficar entre os dentes. Os cuidados ordinarios de asseio bastão geralmente para entreter o bom estado das gengivas e dos dentes. Uma escova macia dirigida primeiramente ao longo das corôas, da base para o apice : depois, atravez, ao longo da fileira dentaria, basta, com agua fria, para tirar todas as manhãs a camada limosa que se depõe durante a noite. Muitas pessoas julgão ter limpo os dentes quando passarão uma escova sobre os de diante ; não sabem que parcellas alimentarias introduzidas nas cavidades dos dentes cariados, ou nos intervallos dos dentes sãos, ou emfim no fundo da bocca, e por detraz dos ultimos queixaes, experimentão uma

alteração putrida, e adquirem cheiro desagradavel. Evitar-se-ha este incommodo levando com cuidado a escova a todos os lugares em que se podem demorar e corromper as substancias alimentarias. As fricções nunca devem ser fortes, nem fazer sangrar as gengivas. De tempos a tempos cobrir-se-ha a escova com alguns pós dentifricios, taes como os de raiz de lirio, de magnesia calcinada, de osso de siba, ou de algumas outras substancias inoffensivas. É preciso prescrever com a maior severidade os pós compostos de preparações acidas, que não dão alvura aos dentes senão atacando-lhes o esmalte, e promovendo sua destruição. Tudo quanto póde destruir a *pedra*, por uma acção chimica, por fraca que seja, acaba por atacar os mesmos dentes. A venda d'estas substancias nocivas deveria ser o objecto de cuidadosa inspecção da parte da policia, e até mereceria a vindicta das leis.

Eis-aqui as receitas dos melhores pós para os dentes, que podem ser empregados com toda a segurança e com a melhor vantagem:

1ª Ossos de siba reduzidos a pó

impalpavel. 60 grammas (2 onças).

2ª Magnesia calcinada.. 15 grammas (1/2 onça).

3ª Greda em pó. . . 30 grammas (1 onça).

4ª Pós de raiz de lirio florentino. 60 grammas (2 onças).

5ª Pó de carvão de páo. . 60 grammas (2 onças).

6ª Pó de carvão de páo 30 grammas (1 onça)

Quina pulverizada. 15 grammas (1/2 onça)

Oleo de cravo da India.. 2 gottas.

Misture-se.

7ª Extracto de ratanhia.. 15 grammas (1/2 onça)

Carvão de páo. . 60 grammas (2 onças)

Canella 8 grammas (2 oitavas)

Cravo da India 8 grammas (2 oitavas).

Reduza-se tudo a pó impalpavel e misture-se.

8ª Magnesia calcinada 15 grammas (1/2 onça)

Canella pulverizada. 8 grammas (2 oitavas).

Misture-se.

As quatro primeiras receitas convem para todas as pessoas que quizerem entreter a limpeza da bocca, e podem servir para o uso quotidiano: a quinta é boa para as que tem máo halito, porque o carvão é um excellente desinfectante. A sexta e setima são indicadas quando as gengivas estão molles, inchadas, e deitão sangue; e n'este caso é bom ajuntar tambem a um copo d'agua, com que se lava a bocca, algumas gottas d'agua de Colonia. A oitava receita convem para as pessoas que soffrem de azias. A magnesia neutraliza o acido que póde desenvolver-se na saliva, e

actua, d'esta maneira como meio preservativo da carie. A mesma consideração deve ser applicada á segunda receita. — As receitas das tinturas ou elixires odontalgicos de que se póde fazer uso com vantagem são :

Elixir aromatico.

Tintura de baunilha	15 grammas (1/2 onça)
Tintura de pyrethro	125 grammas (4 onças)
Alcoolato de hortelã . .	30 grammas (1 onça)
Alcoolato de alecrim .	30 grammas (1 onça)
Alcoolato de rosas .	30 grammas (1 onça).

Misture-se.

Deita-se uma colher de chá d'este elixir n'um copo d'agua, e lava-se a bocca.

Thesouro da bocca.

Alcoolato de cochlearia.	60 grammas (2 onças)
Alcoolato de alfazema . .	60 grammas (2 onças)
Alcoolato de hortelã	30 grammas (1 onça)
Alcoolato de casca de limão.	30 grammas (1 onça).

Misture-se.

Emprega-se da mesma maneira que o precedente. — *Veja-se* tambem *Agua dentifricia*, vol. I, pag. 55.

Quanto ao uso dos palitos, que servem para tirar as substancias alimentarias retidas entre os dentes, convem não empregar senão os feitos de pão molle, de penna, de chifre, e proscrever as facas, os alfinetes e as laminas metallicas, cujo contacto póde offender os dentes.

Emfim, uma sabia e util precaução consiste em fazer visitar de tempos a tempos a bocca por um dentista habil e consciencioso. Com effeito, a carie dos dentes póde existir depois de muito tempo, sem haver dado signaes de sua existencia; e quando apparecem dôres, já é mui tarde para achar remedio, entretanto que no principio, chumbando ou limando os dentes, podem impedir-se os progressos do mal.

MOLESTIAS DOS DENTES. Abalo dos dentes. As pancadas sobre os dentes, as quedas de encontro á bocca, occasionão frequentemente a quebra dos alveolos e o rompimento das adherencias dos dentes, fazendo-os balançar. Basta, n'este caso, submetter-se á abstinencia severa de todo o alimento solido. Pouco a pouco os dentes recobráo a solidez.

Quando o abalo dos dentes resulta da alteração das gengivas, como isto se observa nos escorbuticos e nas pessoas que abusárão do mercurio, é preciso combater as causas da molestia; isto é, tratar no primeiro caso o escorbuto (*veja-se* esta palavra) pelos

meios appropriados, e no segundo deixar o uso do mercurio. Então o doente fará uso do gargarejo seguinte :

Alumen	6 grammas (1 1/2 oitava)
Vinho branco..	250 grammas (8 onças)
Tintura de quina.	8 grammas (2 oitavas)
Tintura de myrrha.	4 grammas (1 oitava)
Mel rosado.. . . .	30 grammas (1 onça).

Misture;

ou de um gargarejo preparado com 100 grammas de tintura de cochlearia e 100 grammas de aguardente camphorada. Quando as gengivas voltão ao estado normal, vê-se quasi sempre os dentes consolidarem-se e recobrem o exercicio de suas funcções.

O amollecimento das gengivas póde existir por si só, sem ser acompanhado dos symptomas de escorbuto : os dentes estão então abalados. Para consolida-los cumpre esfregar as gengivas, duas ou tres vezes por dia, com pós de extracto de ratanhia, ou com magnesia calcinada, e usar tambem do gargarejo com alumen, que deixei indicado.

Quanto ao abalo resultante da sahida dos dentes de seus alveolos, o que acontece com o progresso da idade, nada ha que fazer. (Veja-se tambem o artigo GENGIVAS).

Luxações. Quando nas percussões violentas dirigidas contra á bocca, um ou mais dentes sahem dos alveolos, é necessario pô-los no seu lugar e fixa-los n'esta situação com retroz, atado aos dentes vizinhos. Às vezes os alveolos apertão-se ao redor dos dentes luxados, e a arcada dentaria torna a cobrar a sua solidez.

Carie. É uma especie de mortificação dos dentes. As suas causas nem sempre são apreciaveis. É mui commum nos lugares baixos, humidos, pantanosos, nas cidades grandes e nos individuos lymphaticos. É tambem attribuida á mudança subita de temperatura nos alimentos e nas bebidas. As pessoas jovens são mais sujeitos á carie dos dentes, que é mui rara passados os cincoenta annos. A observação mostra que os dentes correspondentes dos dois lados do mesmo queixo são affectados muitas vezes de carie ao mesmo tempo ou com intervallos mui proximos. Os dentes de leite são frequentemente atacados de carie, mas a molestia não se communica aos germes dos dentes secundarios. A carie communica-se raras vezes ao dente vizinho; porém o que mais frequentemente se observa é uma nodoa superficial e não dolorosa, uma simples alteração do esmalte, e não uma carie profunda e destruidora.

Para preservar os dentes de se cariarem, cumpre evitar as causas geraes de que a carie procede, e observar as regras hygienicas.

Os individuos escrophulosos devem fazer uso de um regimen tonico, composto de carne e de outros alimentos substanciaes, afim de melhorarem de constituição. Estas precauções são principalmente necessarias ás crianças cujos dentes de leite se mostram cariados. Deve-se evitar o esfriamento dos pés; convem entreter a limpeza da bocca pelos meios já indicados, e banir todos os elixires e pós dentifricios, em cuja composição entrem substancias muito acidas.

Quando a carie é superficial, cumpre desde logo destruir com lima a porção affectada; pôde-se, por este meio, conservar o resto do orgão, ou ao menos retardar os progressos da sua destruição. Se o dente tiver buraco profundo, é preciso chumba-lo. A existencia de dôr pôde oppôr-se a esta operação; mas deve recorrer-se a ella sempre que fôr praticavel. Os dentes são orgãos summamente importantes e uteis; não se devem pois sacrificar sem necessidade absoluta. Com o tempo as dôres acalmão-se, e se as corôas se destroem, as raizes ao menos podem servir ainda á mastigação. Quantos individuos não ha que se dão por felizes em tê-las conservado? Quando a carie é mui profunda, quando o dente causa dôres contínuas e exhala cheiro desagradavel, ou quando não pôde ser chumbado, é necessario extrahi-lo.

Dôres de dentes. Ha duas especies de dôres de dentes, conforme as causas que as podem determinar.

1º *Dôr que procede da carie.* Muitos medicamentos são aconselhados para acalmar as dôres de dentes produzidas pêla carie.

Ei-los: Introduzir na excavação do dente cariado um pedacinho de camphora; ou uma bolinha de algodão embebida em aguardente camphorada, ou em algumas gottas de chloroformio, na creosota, no laudano de Sydenham, no oleo essencial de cravo da India, ou n'um dos liquidos seguintes:

1º Camphora.	1 gramma (20 grãos)
Essencia de terebinthina.	4 grammas (1 oitava).

Misture.

2º Alcool.	8 grammas (2 oitavas)
Camphora ..	4 grammas (1 oitava)
Opio..	25 centigrammas (5 grãos)
Essencia de cravo da India.	20 gottas.

Misture.

3º Laudano de Sydenham.	4 grammas (1 oitava)
Essencia de cravo da India.	4 grammas (1 oitava)
Ether sulfurico..	4 grammas (1 oitava).

Misture.

Com o mesmo fim, de acalmar a dôr de dentes, pôde-se intro-

duzir com um palito, na excavação do dente, uma gotta de acido phenico liquido.

Passada a dôr, cumpre chumbar o dente.

2º *Dôr nervosa dos dentes* ou *nevralgia dentaria*. Esta dôr existe sem que haja carie, nem molestia alguma das gengivas ou dos alveolos, e occupa quasi sempre muitos dentes. Sua duração é variavel; a extracção dos dentes pôde augmenta-la, em vez de a fazer cessar. Eis-aqui as receitas que convem contra a dôr nervosa dos dentes :

1º Comprimir com os dedos, e mui fortemente, a fonte do lado dorido. Esta compressão torna insensivel o nervo dentario. Um dentista americano annunciou um modo de extrahir os dentes sem dôr. Consiste este modo em mandar comprimir com os dedos por um assistente, e com força bastante, durante quasi um minuto, a cavidade que se encontra nas fontes atraz do osso temporal que forma a base ou abertura da orbita, parte externa.

2º Esfregar as gengivas com um panno molhado na seguinte mistura :

Agua de louro-cereja.	8 grammas (2 oitavas)
Chlorhydrato de morphina	5 centigrammas (1 grão).

3º Aplicar no rosto algodão ou a cataplasma seguinte :

Cataplasma de linhaça. 125 grammas (4 onças).

Estenda em um panno, e deite por cima :

Laudano de Sydenham. 15 grammas (1/2 onça).

4º Introduzir no ouvido uma bola de algodão molhada com 10 gottas de chloroformio.

Fluxão ou **Inchação do rosto**, ou **Carregação dos dentes**. Pôde desenvolver-se por occasião de todas as lesões dos dentes, ou succeder ás operações, quaesquer que sejam, que se pratiquem n'estes órgãos. Combate-se com algodão applicado no rosto ou com cataplasma de farinha de linhaça, bochechos com decocção de raiz de althea, pediluvios sinapizados e purgantes brandos, como manná (60 grammas ou 2 onças), oleo de ricino ou sal de Glauber (a mesma dóse). Passados alguns dias, a dôr acalma-se, a tumefacção exterior diminue, e tudo volta ao estado normal. Entretanto, em muitos individuos forma-se um abcesso, raras vezes da parte de fóra, porém mais ordinariamente dentro da bocca e no tecido das gengivas. Este abcesso é annunciado por dôres latejantes, pulsativas, e depois por um sentimento de peso. Uma tumefacção circumscripta, primeiramente dura, depois molle, fluctuante, indica a séde do tumor, que se abre por si; então sahe o pus, e as dôres assim como o engurgitamento desaparecem.

Fistulas dentarias. Chamão-se assim pequenas aberturas, entretidas pela suppuração mais ou menos abundante. Tem lugar nas gengivas, perto da raiz do dente, ás vezes no rosto, e dependem ordinariamente da carie dos dentes, com cujo alveolo se communicão sempre. Para curar esta molestia, é preciso extrahir o dente affectado. Feita esta operação, as paredes do alveolo apertão-se, cicatrizão-se, e o trajecto fistuloso, não tendo mais nada que o alimento, oblitera-se espontaneamente.

Embotamento dos dentes. Esta affecção consiste n'uma sensação desagradavel, produzida pelo contacto de substancias acidas e acerbias, ou pela acção de instrumentos chirurgicos, quando se limão os dentes. No embotamento dos dentes torna-se mui dolorosa a mastigação dos alimentos solidos, e a dôr augmenta pela entrada do ar na bocca. Este incommodo é passageiro e desaparece por si. Póde-se diminui-lo esfregando os dentes com um panno quente, mascando raiz secca de althea branca, ou friccionando os dentes e as gengivas com magnesia calcinada.

Inflammação da membrana que forra o interior dos alveolos. Esta molestia manifesta-se frequentemente nos dentes sãos, sem causa conhecida. Quando a membrana alveolo-dentaria se inflamma, sobrevem dôres vivas que se propagão ao rosto, testa e fontes; o dente vacilla, excede o nivel dos outros, e torna-se doloroso á menor pressão. É preciso lavar a bocca com agua mórna misturada com mel rosado, e durante a noite applicar sobre o rosto cataplasma de linhaça. Se se formar um abcesso na gengiva, convem abri-lo; o dente recolhe-se no seu lugar e consolida-se, a não sobrevir alguma complicação. Se a inflammação passa ao estado chronico, convem esfregar as gengivas, duas vezes por dia, com extracto de ratanhia reduzido a pó impalpavel.

Destruição do esmalte ao redor do collo dos dentes. Esta molestia principia pela simples sensibilidade do esmalte, que se percebe facilmente tocando-o com a ponta da unha; mais tarde o esmalte torna-se friavel, o dente amollece e apresenta uma cavidade. Esta alteração resulta sempre da secreção acida dos fluidos da bocca. O tratamento que convem para suster os progressos da molestia, consiste em esfregar as gengivas, duas ou tres vezes por dia, com magnesia calcinada.

Dentes vacillantes ou gengivite expulsiva. Na idade média da vida frequentemente as gengivas amollecem, e abandonão os dentes, que sahem dos alveolos com a maior facilidade, sem molestia apreciavel: é o que se chama *gengivite expulsiva*. Para combater este desagradavel estado, cumpre tocar uma vez por dia as gengivas com um pincel molhado na tintura de iodo, e lavar

imediatamente a bocca com agua fria. É preciso ter muito cuidado no asseio da bocca, comer muitas laranjas, muitas fructas aciduladas, e usar das saladas de todas as especies.

Dentes postiços ou **artificiaes**. Chamão-se dentes artificiaes os que se põem no lugar dos que forão extrahidos. Os que hoje se empregão são compostos de massa de porcelana corada com oxydos metallicos, e á qual se dá o nome de massa mineral. Os dentes postiços podem ser fixados por encravação, isto é, sobre a raiz conservada de um dente cuja corôa foi destruida pela carie, ou prendem-se aos dentes vizinhos por meio de laminas de metal elastico. A arte suppre não só a perda de um dente, mas tambem a de muitos, e até a de toda a arcada dentaria. Estas peças extensas, modeladas sobre as gengivas, articuladas pela parte de traz por meio de molas, seguem todos os movimentos dos queixos durante a mastigação, assim como em todo o tempo que se falla. Tem ás vezes por base marfim de cavallo marinho, convenientemente corado, que substitue as gengivas, e sobre o qual estão implantados os dentes postiços. Em lugar do marfim de cavallo marinho, empregão-se ás vezes laminas metallicas. Mediante estes processos corrige-se a deformidade, torna-se a falla livre e a mastigação possivel.

Accidentes que seguem a extracção dos dentes.

Hemorrhagia. De todos os accidentes que resultão da extracção dos dentes, a hemorrhagia é o mais commum. Se procede da simples laceração das gengivas, basta lavar a bocca com agua fria misturada com um pouco de vinagre. Mas, se o sangue sahir da cavidade que era occupada pelo dente, é preciso introduzir n'ella uma bola de fios ou de cera, e exercer por cima uma compressão energica e prolongada. Ás vezes esta compressão não basta: convem então introduzir na cavidade um pedaço de panno molhado na solução de perchlorureto de ferro a 30 grãos. Com o mesmo fim introduz-se um lapis de pedra infernal, que se demora um ou dois minutos, ou até cessar a hemorrhagia. A pedra infernal cauteriza a arteria que fornece sangue, e faz sempre parar o corrimento.

Póde acontecer que, por engano, ou por applicação viciosa do instrumento, o dentista tire um dente são em lugar do dente cariado. Basta indicar este accidente para se ter todo o cuidado em o evitar.

Extracção dos dentes de leite. Os dentes de leite são frequentemente affectados de carie em consequencia de molestias ou de predisposição particular; mas não se deve recorrer á sua extracção, excepto no caso de imperiosa necessidade. É um erro ulgar que um dente de leite possa ser impunemente arrancado,

sob pretexto de que, devendo cahir um dia, é [indifferente tira-lo mais cedo ou mais tarde; póde-se n'esta operação, praticada em tenra idade, offender ou extrahir o germe do dente permanente, sobretudo os dois pequenos queixaes, que se achão entre as raizes encurvadas dos de leite da mesma qualidade; e ainda que isto não succeda, fica a margem alveolar angulosa e oppõe-se até certo ponto á sahida do dente de substituição. E por isso convem empregar, contra as molestias dos dentes de leite, todos os meios para impedir os seus progressos ou alliviar as dôres que occasionem.

As presas e os incisivos são em geral menos expostos á carie. Quando ella se manifesta, ataca ordinariamente os superiores, sem quasi nunca occasionar dôres. Mas os queixaes, sobretudo os de baixo, offerecem cavidades que é facil chumbar; esta precaução tem a vantagem de prevenir frequentemente as dôres e de conservar os dentes até á sua substituição, de evitar as fistulas, as postemas, e de impedir que os alimentos se demorem n'essas cavidades. Além d'isto, contra as dôres dos dentes de leite occasionadas por carie, convem empregar os mesmos remedios indicados contra a carie dos outros dentes. *Vejá-se vol. I, pag. 798.*

DENTIÇÃO. Designão-se pela palavra *dentição* todos os phenomenos da sahida dos dentes. Estes phenomenos podem ser normaes ou morbosos: ha uns que são proprios da primeira dentição, e outros que acompanhão a segunda.

Phenomenos normaes da primeira dentição. Tem-se visto mais de uma vez crianças nascerem com um^o ou mais dentes. Luiz XIV offereceo um exemplo d'isso. As vezes, pelo contrario, a dentição demora-se até ao principio do segundo anno, ou ainda mais tarde; e mesmo notárão-se casos de só apparecerem aos onze annos. Mas, em geral, os dentes principião a manifestar-se do sexto mez até ao fim do primeiro anno. As gengivas inchão e tornão-se vermelhas, a criança deita muita saliva, mette os dedos na bocca, faz movimentos de impaciencia, e chora frequentemente. As faces offerecem a miudo leves vermelhidões, que apparecem e desaparecem alternativamente. A ordem da sahida dos dentes varia com frequencia; eis-aqui entretanto a que póde ser considerada como mais geral. Os dois incisivos medios do queixo inferior rompem primeiro; quinze dias ou tres semanas depois, apparecem os correspondentes do queixo superior; depois os dois dianteiros lateraes inferiores, depois os superiores, e alguns mezes mais tarde apparecem, não as presas, como tem dito alguns autores, mas sim os primeiros pequenos queixaes, em baixo, depois os de acima; emfim rompem as presas e os segundos pequenos molares.

Eis-aqui em que ordem e em que época rompent mais ordinarmente os dentes da primeira dentição :

Do 4º ao 10º mez, os quatro incisivos centraes (dianteiros), mas primeiramente os de baixo.

Do 6º ao 12º mez, os quatro incisivos (dianteiros) lateraes.

Do 10º até ao 14º mez, os quatro primeiros queixaes.

Do 12º até ao 20º, as quatro presas.

De dois annos e meio a tres e meio, os segundos pequenos queixaes.

Estes dentes devem cahir para serem substituidos : chamão-se *dentes primitivos*, *dentes de leite* e *dentes caducos* ou *temporarios*. No fim do quinto ou do sexto anno, sahem em cada maxilla dois novos queixaes permanentes, isto é, os que não devem ser substituidos, e que ao depois são os primeiros grandes queixaes.

Phenomenos normaes da segunda dentição. A renovação dos dentes da primeira dentição principia aos sete annos, e faz-se na mesma ordem que a sua sahida, mas ainda com maior vagar e irregularidade. Aos doze annos apparece o segundo grande molar; o terceiro demora-se até quasi aos 21 annos, e d'ahi provém-lhe o nome de dente de siso. O apparecimento d'este é ás vezes muito mais tardio, e acontece mesmo não sahir nunca. Eis-aqui a ordem mais ordinaria da erupção dos dentes permanentes :

De 5 a 6 annos, os primeiros grandes queixaes.

De 6 a 8 annos, os incisivos medios de baixo, depois os de cima.

De 7 a 9 annos, os incisivos lateraes.

De 10 a 12 annos, as presas.

De 9 a 11 annos, os primeiros e segundos pequenos queixaes.

De 12 a 17 annos, o segundo grande queixal.

De 20 a 24 annos, os quatro dentes de siso.

MOLESTIAS DA PRIMEIRA DENTIÇÃO. A grande mortalidade que se observa na primeira idade da vida, e a difficuldade que ha de reconhecer a natureza de certas affecções da infancia, tem feito adoptar a opinião de que a *dentição* é a fonte principal de todas as molestias que atacão as crianças, e a causa da morte de grande numero d'ellas. Por este preconceito commodo, faz-se cargo á natureza de muitos accidentes e de resultados funestos, que muitas vezes procedem de tratamentos improprios. A dentição por si só não é uma molestia, mas sim uma função natural. Muitas crianças chegão ao cabo de sua dentição sem nunca apresentarem a menor alteração na saude. Entretanto, ha com effeito alguns accidentes realmente ligados a estas funções, e estes accidentes são locaes ou geraes; os primeiros podem mesmo tornar-se a causa directa dos segundos.

O tratamento de algumas molestias produzidas pela dentição em nada differe do das mesmas molestias determinadas por outras causas; por conseguinte, pouco fallarei a semelhante respeito: taes são *vomitos*, *diarrhea* e *convulsões*; mas ha uma molestia, a *inchação* das gengivas, que merece n'este lugar completa descripção.

1º Inchação dolorosa das gengivas. As gengivas fazem-se ás vezes mui grossas, de côr vermelha, e tão dolorosas, que as crianças dão gritos contínuos. Esta inchação é acompanhada de vermelhidão do rosto, calor da pelle, sêde ardente e somnolencia. A febre é contínua ou interrompida de tempos a tempos. Esta molestia exige bebidas mucilaginosas, como agua panada e decocção de arroz ou de cevada, adoçadas com mel de abelhas. Os banhos geraes mornos são tambem de grande utilidade. Deve-se ao mesmo tempo entreter a liberdade do ventre com clysteres de decocção de linhaça simples, ou misturada com duas colheres, das *de sopa*, de azeite doce, ou com mel de abelhas: com o mesmo intuito pôde-se dar um brando laxante, tal como 30 grammas (1 onça) de xarope de chicoria composto, ou de xarope de rosas brancas. Depois d'isto, applicar-se-hão sinapismos nos pés, para diminuir a congestão da cabeça e prevenir a modorra e as convulsões. Deve-se fazer com que a criança mastigue algum corpo, como raiz de althea ou de alcaçuz, molhada em mel de abelhas ou em agua com assucar, para amollecere a gengiva e facilitar a sua perforação. Estes meios são sufficientes, e nunca na minha pratica me foi necessario recorrer á incisão da gengiva, que é aconselhada por alguns medicos.

2º Vomitos. Cumpre prestar grande attenção aos vomitos das crianças, porque elles são frequentemente o principio de alguma molestia grave do cerebro ou do ventre: não se devem entretanto confundir com os vomitos de leite que procedem do excesso da alimentação, e que não podem inspirar o menor receio. Quando os vomitos não forem acompanhados nem da vermelhidão da lingua nem da sensibilidade do ventre, bastará que a criança se limite ás bebidas emollientes ou gommosas, como decocção de arroz, de cevada, etc., aromatizadas com agua de flor de laranjeira. Ás vezes o xarope de quina é util n'este caso; administra-se na dóse de uma colher *de chá*, de tres em tres horas. Eis-aqui a receita:

Xarope de quina 60 grammas (2 onças).

3º Diarrhea. Ao principio, cozimento de linhaça, clysteres com decocção de raiz de althea, com clara de ovo, com polvilho, cataplasmas de linhaça no ventre, e banhos mornos, bastão frequentemente para atalhar os progressos da molestia. Se porém a diarrhea se prolonga e passa ao estado chronico, é preciso recorrer

às bebidas um tanto adstringentes : assim administrar-se hão decocções de arroz ou de cevada com xarope de limão ou de marmelo. O xarope de quina dado ás pequenas colheres, o vinho tinto em pequenas quantidades, e os banhos com plantas aromaticas, são tambem indicados n'este caso. Se, apesar d'estes meios, a molestia não ceder, administre-se poaya em pó na dóse de 40 centigrammas (8 grãos) para provocar os vomitos.

4º **Convulsões.** *Vêja-se* vol. I, pag. 694.

5º A primeira dentição é acompanhada frequentemente de pequenas *empigens* no rosto ou atraz das orelhas, de *erupções cutaneas* que se manifestão nas coxas e nadeegas, e que se chamão *ogagem*. Estas pequenas molestias não exigem tratamento particular, e desaparecem depois da sahida dos dentes. Convem só fazer lavatorios com cozimento de linhaça.

MOLESTIAS DA SEGUNDA DENTIÇÃO. Certas molestias, assim como certas mudanças na constituição e no moral, assignalão esta época; mas seria temeridade attribui-las á dentição. Se por acaso se desenvolverem effeitos locais ou sympathicos semelhantes aos da primeira dentição, deve ter lugar o mesmo tratamento.

DENTIFRÍCIO. Preparação pharmaceutica em fórma de pós ou de opiato, destinada para limpar e conservar os dentes.

Ninguem ignora que se depõe sobre os dentes e perto das gengivas uma materia mais ou menos abundante. Esta materia torna-se dura, accumulando-se irrita e despega as gengivas, descarna os dentes, produz uma deterioração da bocca, e é causa do máo halito; designa-se pelo nome de *pedra dos dentes*. O asseio é o remedio e o preservativo d'este estado grave.

Para entreter o asseio dos dentes, empregão-se os pós ou os opiatos com que se esfregão os dentes, por meio de uma escova mais ou menos macia, ou de uma esponja fina. As reccitas dos pós dentifricios são innumeraveis e contém todas carbonato e phosphato de cal, coral, magnesia calcinada, saes acidos, taes como cremor de tartaro, etc.; estes pós são corados com cocho-nilha e aromatizados com essencia de hortelã pimenta, de cravo da India, ou alguma outra. Os opiatos preparão-se com os mesmos pós, misturados com mel de abelhas. N'estas composições nunca devem entrar substancias muito acidas, como o alumen calcinado; o acido tartrico, e muito menos ainda os acidos mais fortes, que destruirião o esmalte dos dentes. A pedra pomes pulverizada é mui dura e póde destruir a substancia dentaria. As cinzas de charuto, o rapé, a borra do café, o papel queimado, em vez de tornarem os dentes brancos, podem torna-los amarellos. Os pós de raiz de lirio florentino puros, os de osso de siba ou magnesia

calcinada constituem o melhor dentifricio. O carvão de páo pulverizado póde tambem ser empregado; goza da propriedade importante de destruir o máo halito. *Veja-se* tambem o artigo DENTE, onde estão indicadas algumas receitas de pós dentifricios, dos quaes se póde usar com proveito, vol. I, pag. 796; e AGUA DENTIFRICIA, vol. I, pag. 55.

DEPILATORIO. Dá-se este nome aos cosmeticos destinados a produzir a quéda do cabello. Os depilatorios são, em geral, preparações causticas em que se faz entrar cal viva ou qualquer outra substancia alcalina, sulfureto de arsenico, etc. O *rusma* dos Orientaes, que é depilatorio muito efficaz, é composto de : cal 64 grammas, ouropimento (sulfureto de arsenico) 16 gram., que se faz ferver em 500 grammas de uma mistura alcalina. Estende-se sobre a pelle, e, alguns instantes depois, uma simples loção com agua quente faz cahir todos os pellos. — Preparão-se tambem, com os mesmos elementos, pós depilatorios, que se diluem n'um pouco d'agua de sabão e que se applicão sob a fórma de massa; ajuntando-lhe polvilho ou pasta de amendoas doces, seu effeito na pelle torna-se menos corrosivo.

Deve-se ter muita cautela no emprego d'estas preparações, porque o arsenico póde ser absorvido e produzir um envenenamento. É melhor recorrer á receita seguinte :

Sulfureto sulfuretado de calcio 30 grammas. Applique-se uma ligeira camada d'estes pós misturados com agua sobre a pelle da qual se deseja fazer cahir o pello; dez minutos depois lava-se com agua fria ou quente, e a pelle fica desnudada como se se tivesse passado uma navalha.

DEPURANTES, DEPURATIVOS. Durante o reinado da medicina humoral, que deixou na mente do vulgo tão profundas raizes, julgava-se poder, com o soccorro de certas substancias, ou particularmente de certos vegetaes, desembaraçar o sangue das materias impuras que se suppunha estarem misturadas com elle: d'ahi vem o nome de *depurantes* dado a alguns medicamentos. Assim os *succos de hervas* que se preparão ordinariamente pisando-se, em um almofariz, cerefolio, agriões, almeirão, alface, etc., e coando-se o succo por um panno, são principalmente recommendados, como depurantes, ás pessoas sujicitas ás molestias de pelle. As virtudes d'estas plantas forão muito exageradas; mas nem por isso deixa de ser verdade que ellas podem ser uteis aos individuos affectados de empigens, erupções, dartros, e que nunca podem ser nocivas. Os *robes*, os *xaropes*, as *misturas*, que os charlatães offerecem ao publico como *depurantes*, não são ordinariamente tão innocentes. Os extractos concentrados que contém,

os purgantes que se lhes ajuntão no maior numero de casos, tornão-se frequentemente mui prejudiciaes.

DERIVATIVO. *Veja-se* REVULSIVO.

DERME ou **DERMA.** Tecido que forma o corpo da pelle, e que constitue quasi toda a sua espessura. A *derme* é a mais profunda das camadas que constituem a pelle. Apresenta o aspecto de membrana esbranquiçada, molle, porém mui resistente. A sua face interna está unida aos musculos por uma camada de tecido laminoso. A face externa é coberta pela membrana delgada chamada *epiderme*. É a derme da pelle de certos animaes, que preparada pelo cortume, constitue o couro.

DERRAMAMENTO. Effusão ou extravasação de um liquido em qualquer parte do corpo que não é destinada a contê-lo. Vou esclarecer esta definição : Um orgão, o figado por exemplo, soffre uma contusão violenta, a força da pancada é tal que os vasos sanguineos são rasgados, o sangue contido n'elles sahe, reune-se no ponto em que teve lugar a pancada, distende, afasta a substancia do orgão e forma um foco no meio d'elle : eis um derramamento n'uma cavidade accidental, e produzido pelo sangue sahido de seus vasos. Este sangue pouco a pouco é absorvido e o doente sára.

Na apoplexia ha ruptura dos vasos sanguineos e *derramamento* do sangue no cerebro.

Às vezes a materia do derramamento é pus ou serosidade. Em consequencia da inflammação da membrana que forra interiormente o peito (pleura), forma-se um derramamento de pus no interior d'elle, que se chama *empyema*. O derramamento de serosidade no ventre chama-se *hydropisia do ventre*; no peito, *hydropisia do peito*; no coração, *hydropisia do coração*, etc.

Os derramamentos desaparecem frequentemente pelo effeito da absorpção, ajudada pelos medicamentos purgativos e diureticos; muitas vezes entretanto é preciso recorrer a operações para dar sahida ao liquido derramado.

DESCIDA. *Veja-se* QUEBRADURA.

DESCIDA DO ANUS. *Veja-se* ANUS.

DESCIDA DO UTERO. *Veja-se* UTERO.

DESFALLECIMENTO. *Veja-se* DESMAIO.

DESINFECÇÃO. Operação por meio da qual se destroem as qualidades nocivas que o ar, as paredes de um quarto, a roupa ou qualquer objecto, adquirem pela impregnação de substancias mui tenues, de natureza multipla, ordinariamente designadas pelos nomes de miasmas, de emanações, de effluvios, etc. Os vapores das substancias odoríferas queimadas, taes como a alfazema, o

vinagre, o succino, o incenso, o assucar, etc., não são *desinfec-tantes*, porque não fazem senão encobrir por um instante os cheiros fetidos sem destruir os miasmas, e, em vez de purificarem, vicião ainda mais o ar; são por conseguinte nocivos, e nunca deverião ser empregados. O mesmo poderia dizer-se da combustão da polvora, fazendo-se comtudo abstracção do movimento que ella produz na atmosphera.

O chloro, os chloruretos de cal, de soda e de potassa, tem, pelo contrario, a propriedade de decompôr os miasmas putridos, e neutralizar-lhes os efeitos.

O ar póde ser alterado pela combustão do carvão, pela reunião de muitas pessoas ou de muitos vegetaes em um lugar limitado, pela fermentação do vinho, pelas fermentações putridas, e principalmente as das latrinas, e dos canos ou cloacas.

Se o ar não está viciado senão em proporções pouco consideraveis de gaz não respiravel, basta renova-lo para desinfec-tar o lugar. A renovação do ar opera-se por meio de janellas ou de outras aberturas situadas nas extremidades do espaço viciado. Quando, pela disposição dos lugares, a ventilação fôr mais difficil, como nas covas profundas que só tem uma abertura superior, modifica-se o processo da maneira seguinte: introduz-se na abertura unica um tubo, do qual uma das extremidades desce até ao fundo da excavação, e a outra communica com o ar livre; dispõe-se um fogo vivo que se suspende na cova a um ou dois pés abaixo do orificio. D'esta maneira o fogo dilata o ar situado em cima e attrahe o ar infectado da cova, o qual, á proporção que sobe e sahe atravessando o foco, é substituido pelo ar exterior, que chega á excavação por meio do tubo que communica com a atmosphera. — Os limpadores de poços recorrem a um meio ainda mais simples, bem que da mesma natureza. Consiste em lançar repetidas vezes, nos poços que se achão infectados, grandes brasas bem accesas, até que a sua combustão se possa entreter facilmente. A bordo dos navios empregão-se diversas especies de ventiladores para purificar, pela renovação, o ar dos porões. Póde-se tambem, quando a insalubridade provier da presença do gaz acido carbonico, associar aos meios de ventilação o emprego d'agua de cal, que absorve com rapidez este gaz deleterio. Quando os gazes ou emanações miasmaticas tem grande intensidade venenosa, como o ar mephitico das latrinas, a ventilação não basta. É preciso destruir o gaz hydrogeneo sulfurado, de cuja presença dependem as propriedades mortaes da atmosphera das latrinas. Obter-se-ha este resultado pelas aspersões e projecções na cova do chlorureto de cal, e pela ventilação por meio de um fogo que dilate o ar da mesma, posta

em contacto com o ar externo por meio do tubo de que acabei de fallar.

O ar póde ser viciado pelas emanções de materias vegetaes ou animaes em decomposição, como acontece nas salas dos hospitaes, lugares de sepulturas, salas anatomicas, etc.; n'esse caso é preciso servir-se dos vapores de chloro. Eis-aqui a maneira de desenvolver o chloro, conforme o processo de Guyton de Morveau. Introduz-se em differentes capsulas de barro a mistura intima de 1 parte de peroxydo de maganez e de 4 partes de sal commum, pesados na balaça; deitão-se de tempo em tempo sobre estes pós 2 partes de acido sulfurico, diluido por outro tanto d'agua, e agita-se a mistura. Collocão-se as capsulas sobre cinza quente, e de quando em quando passeia-se com ellas por differentes pontos do lugar que se quer desinfectar. Entrem-se estas fumigações por muitas horas, e fecha-se exactamente o local. Vinte horas depois, abrem-se as portas e janellas, e o ar renova-se. Por este meio torna-se sadio o lugar mais infecto. A roupa do corpo e da cama desinfecta-se, pendurando-a em algum espaço em que se desenvolva chloro gazoso em quantidade. Se se quer desinfectar a madeira da cama ou outros moveis, é preciso, antes de expô-los a estas fumigações, lava-los com agua chlorurada preparada da maneira seguinte: deita-se sobre 60 grammas de chlorureto de cal secco litro e meio d'agua, agita-se, e deixa-se formar um deposito. Cõa-se o licor, deita-se ainda sobre o deposito 1 litro d'agua, e reúnem-se estas duas soluções.

Os vapores de chloro desenvolvidos conforme o processo guytoniano não podem empregar-se senão em lugares deshabitados, por causa da sua acção irritante sobre os órgãos pulmonares. Para os quartos habitados empregão-se os chloruretos, e collocão-se de distancia em distancia pratos com dissolução concentrada de chlorureto de cal (preparada como acima se disse); póde-se tambem fazer borrifar com uma solução mais diluida (4 litro de solução concentrada diluida em 12 litros d'agua) ou com agua de Labarraque. D'esta maneira desinfectão-se as latrinas, os hospitaes, os quartos dos doentes, proporcionando sempre a quantidade de chlorureto á intensidade dos miasmas. O desenvolvimento do chloro humido, que se opera gradualmente, não tem os inconvenientes do chloro das fumigações; até actua com vantagem nos individuos affectados de bronchite e de tísica, e excita o appetite das pessoas que gozão de boa saude.

Quando se trata sómente de purificar roupa impregnada de fumo de tabaco ou de algum outro cheiro desagradavel, basta pendurala em um armario, no qual se collocão dois pratos com 60 gram.

de chlorureto de cal secco, e fecha-se o armario. Seis horas depois, o cheiro do tabaco estará destruido.

Para a desinfecção das aguas e das carnes que tem soffrido um começo de decomposição, emprega-se o carvão com maravilhosa vantagem. *Veja-se CARVÃO.*

Digamos, recapitulando, como actuação os differentes agentes de desinfecção. A *ventilação* renova o ar e leva á immensidade atmospherica o dos espaços circumscriptos que estão infectados. A *agua de cal* absorve o acido carbonico, qualquer que seja a sua origem. O *chloro* decompõe o hydrogeneo sulfurado e todos os miasmas putridos, apoderando-se de um dos seus principios constituintes, o hydrogeneo, com que se combina, para formar o acido chlorhydrico. O *carvão*, emfim, destroe a podridão das aguas e o cheiro infecto das materias vegetaes ou animaes em decomposição, absorvendo os gazes deleterios que resultão d'estas decomposições.

Ha ainda outras substancias que obrão chimicamente como *desinfectantes* : assim o sulfato de ferro, o sulfato de zinco e o carvão neutralizão as emanações das latrinas; a pedrahume destroe o cheiro ammoniacal da ourina; o hypochlorito de cal o cheiro das materias animaes putrefactas.

Pós para desinfectar as materias fecaes. Sulfato de ferro 100 partes, sulfato de cal 130 partes, sulfato de zinco 5 partes, carvão de lenha 5 partes. Vinte grammas (5 oitavas) d'estes pós lançados n'uma vasilha desinfecção-n'a.

Outra receita. O sulfato de ferro reduzido a pó, e lançado na latrina em quantidade sufficiente, desinfecta immediatamente as materias fecaes. Póde tambem empregar-se dissolvido em agua. Obtem-se o mesmo effeito, lançando na latrina sulfato de zinco reduzido a pó.

Outra receita. Sulfato de ferro 1 kilogramma, agua 8 litros. Dissolva-se e derrame-se esta solução no lugar infectado, ou empregue-se em lavatorios com esponja.

Outra receita. Sulfato de zinco 1 kilogramma, agua 8 litros. Dissolva-se e proceda-se do mesmo modo, que na receita precedente.

Outra receita. Chlorureto de zinco 1 parte, agua quente 40 partes. Dissolva-se. Mesmo emprego.

DESLOCAÇÃO ou **LUXAÇÃO EM GERAL.** Chama-se *deslocação* ou *luxação* a sahida de um osso do lugar que occupa em alguma junta, de sorte que os dois ossos, naturalmente unidos, cessão de estar em contacto. As deslocações mais frequentes são as do hombro, da mão, da coxa, da perna e do quexio; entretanto todas as juntas podem deslocar-se.

A causa d'este accidente é as mais das vezes uma violencia

exterior, como pancada, queda, etc. A deslocação é acompanhada de um sentimento de rasgadura interior, com dôr viva e persistente. A parte deslocada soffre mais ou menos alteração na sua forma; comparando-a com a junta do lado opposto, vê-se que o seu contorno apresenta, em certos pontos, proeminencias anormaes, e em outros profundezas e vazios insolitos. Se é um membro, augmenta ou diminue de comprimento e muda de direcção. São mui dolorosos os esforços que se fazem para movê-lo; certos movimentos habituaes tornão-se impossiveis.

Signaes que distinguem a deslocação da fractura. A parte deslocada fica invariavelmente na posição insolita que tomou, e só com grande esforço se lhe pôde dar a direcção primitiva; conserva então essa direcção, e o restabelecimento das superficies articulares nas suas relações naturaes é marcada pela cessação completa da dôr e da deformação, e pela facilidade dos movimentos. Isso estabelece uma differença notavel entre as deslocações e as fracturas, que apresentam alguns signaes analogos; mas, nas fracturas, a parte affectada offerece uma mobilidade insolita n'um ponto que não corresponde a nenhuma junta, uma facilidade bastante grande para voltar á sua conformação primitiva, quando se exercem n'ella esforços convenientes, e uma facilidade ainda maior para recobrar sua conformação viciosa logo que cessão estes esforços. Além d'isso, nas deslocações ha ausencia da crepitação, que existe nas fracturas quando se move o membro, e que procede do contacto dos fragmentos do osso quebrado.

Ô *tratamento* das deslocações deve ter por fim : 1º, restabelecer, o osso deslocado no seu lugar natural : 2º, prevenir ou combater os accidentes inflammatorios ou outros que possão acompanhar ou seguir a deslocação.

Para restabelecer o osso deslocado no seu lugar natural, estira-se o membro, puxando-o pela sua extremidade : isto chama-se a *extensão*; outras pessoas segurão o corpo com bastante firmeza, para que resista á extensão feita sobre elle, e é isto a *contra-extensão*. Emfim, estes dois esforços serião inutteis sem a direcção que se deve dar ao osso deslocado para restitui-lo á situação normal, quando a extensão o tem posto ao nivel de sua cavidade, é a *coaptação*. Estes tres meios seguidos de bom exito constituem o que se chama *reducção*.

A volta do osso á sua situação normal é annunciada quasi sempre por um movimento rapido e por uma especie de estalo, depois do qual a dôr, a deformidade e todos os accidentes desaparecem logo pela maior parte, e a junta recobra a facilidade dos seus movimentos.

Depois da redução, o membro deve ser posto n'um estado completo de repouso e de relaxação. Aplicações de pannos molhados em agua fria e vinagre, uma compressão suave, o repouso e algumas bebidas diluentes, como limonadas de limão, de laranja, ou agua de cevada, taes são os meios que devem ser geralmente empregados.

Em geral, quanto mais cedo se fazem as tentativas para reduzir uma deslocação, tanto mais promptos e felizes são os seus resultados. As deslocações antigas são mais graves do que as recentes, porque, á proporção que o tempo augmenta, assim vai diminuindo a facilidade da redução. Entretanto, não ha uma época fixa em que a deslocação fique irreductivel, e existem provas de se haverem reduzido deslocações de quarênta e até oitenta dias.

Para reduzir qualquer deslocação, deve o operador ter presente na memoria a disposição natural dos ossos que compõem o esqueleto : serve para este fim a figura indicada na pag. 1017 da 9ª edição do meu Formulario; cumpre compara-la com as figuras dos ossos deslocados, que acompanhão, no presente Diccionario, a descripção particular de cada deslocação.

DESLOCAÇÃO DO ANTEBRAÇO. *Veja-se* DESLOCAÇÕES DO COTOVELO.

DESLOCAÇÃO DO BRAÇO. Affecção em que a cabeça do humero deixa a cavidade articular do hombro (*cavidade glenoidé*), e se dirige em diferentes sentidos, para baixo, para dentro, e para fóra.

1º **Deslocação do braço para baixo** (*deslocação sub-coracoidea*). Fig. 183. É a mais frequente de todas; é caracterizada pela proeminencia da cabeça do humero na axilla e um pouco para diante, debaixo da apophyse coracoide.

Causas. Esta luxação é geralmente produzida por uma queda sobre o cotovelo, e principalmente sobre a palma da mão, estando o braço estendido e afastado do corpo.

Symptomas. O braço deslocado parece mais comprido que o outro, e não póde ser nem virado nem levantado pelo doente, e as tentativas que se fazem para produzir estes movimentos provocão grandes dôres. O cotovelo está afastado do corpo, e não se póde

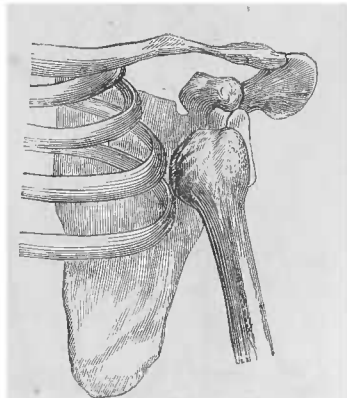


Fig. 183.

Deslocação do braço para baixo.

aproximar d'elle; o hombro acha-se deformado, e em vez de ser redondo, apresenta uma depressão. A cabeça do humero faz proeminencia arredondada na axilla, perto da superficie da pelle.



Fig. 184. — Reducção da deslocação do braço.

Existe uma dôr no hombro, e muitas vezes apparece uma nodoa denegrida (ecchymose) na face interna do braço.

Tratamento. Ha diversos methodos de reduzir esta deslocação.

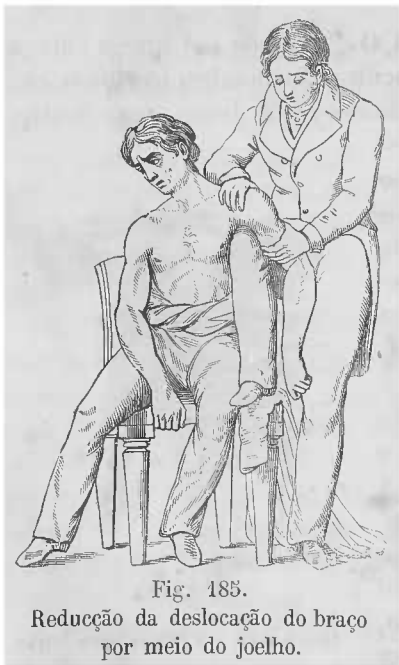


Fig. 185.

Reducção da deslocação do braço por meio do joelho.

1º *methodo.* Sentado o doente em uma cadeira, e segurando-lhe uma pessoa no peito, o operador levanta-lhe o braço, afastando-o do tronco e fazendo-lhe descrever um arco de circulo até ficar quasi vertical; o operador põe então uma de suas mãos debaixo do braço, e abaixa o braço do doente approximando o cotovelo do tronco. Um estalo particular e o desaparecimento da deformação indicão que a cabeça do humero tornou a entrar na cavidade que lhe é destinada.

2º *methodo.* Fig. 184. Deitado o doente na cama, o operador exerce a extensão recta, tirando o braço para cima, e faz elle mesmo a contra-extensão carre-

gando no hombro com a outra mão.

3º *methodo* por meio do *joelho.* Fig. 185. Senta-se o doente em uma cadeira baixa. O cirurgião, em pé do lado doente e um pouco

para traz, aparta o cotovelo do tronco para pôr o seu joelho debaixo do braço do doente; depois, apoiando o pé na margem da cadeira, applica uma de suas mãos sobre o hombro, agarra com a outra o braço perto do cotovelo, e abaixa-o, approximando-o do corpo, de maneira a imprimir á cabeça do humero um movimento de redouça de dentro para fóra.

Falhando os methodos precedentes, recorra-se á extensão, que constitue o quarto methodo.

4º *methodo*. Fig. 186. O doente senta-se em um mocho pouco elevado. Estando o antebraço dobrado em angulo recto com o braço, e este posto n'uma direcção horizontal, fixão-se por cima do cotovelo, com umas voltas de atadura fortemente apertadas, os dois extremos de uma toalha dobrada como uma gravata, de tal sorte que a parte mediana fique livre por baixo do cotovelo, e

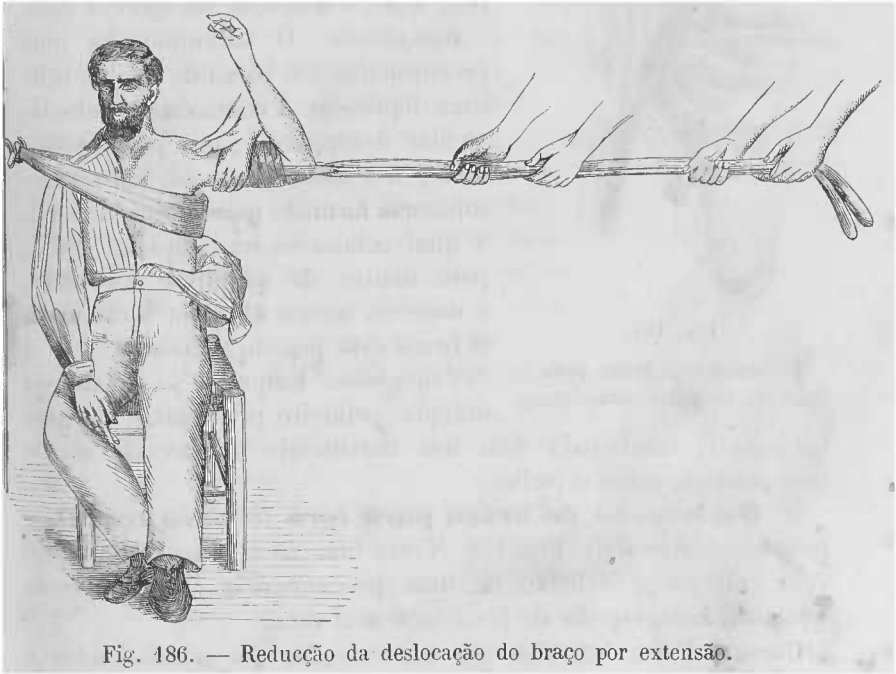


Fig. 186. — Reducção da deslocação do braço por extensão.

forme uma espécie de anel no qual se passa um laço, sobre cujas extremidades os ajudantes operão tracções. Preparada d'esta sorte a extensão, opera-se a contra-extensão, fazendo passar por debaixo do braço do lado deslocado um lençol dobrado segundo o comprimento em quatro dobras cujas extremidades vão uma por diante, e a outra por detraz do peito, reúnem-se sobre o hombro do lado são, e confião-se a ajudantes vigorosos, ou se atão a alguma cousa

firme. Procede-se então ás tracções de uma maneira lenta e regular; o operador, collocado do lado externo do membro, segue com a mão os movimentos imprimidos á cabeça do humero, e quando julga que ella chegou ao nivel da cavidade que deve occupar, dirige-a para cima e para fóra, recommendando aos ajudantes que fação tracções obliquas para baixo, isto é, que abaixem o braço de maneira a aproxima-lo do tronco. O cirurgião póde auxiliar os efeitos d'esta ultima manobra, repellindo para cima e para traz a cabeça do humero com as mãos collocadas na axilla.

2º Deslocação do braço para diante (*luxação entre-coracoidea*). Fig. 187 É caracterizada pela situação da cabeça do

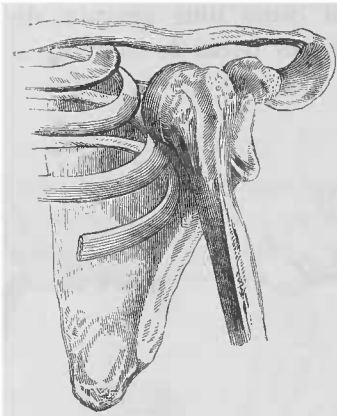


Fig. 187.

Deslocação do braço para diante, ou entre-coracoidea.

humero para dentro da apophyse coracoide, mais ou menos perto da clavicula.

Suas *causas* são quedas sobre o hombro, sobre o cotovelo, ou sobre a mão.

Symptomas. O acromion faz uma proeminencia em baixo da qual se acha uma depressão. A concavidade sub-clavicular desaparece, ou, para melhor dizer, fica substituída por uma proeminencia formada pela cabeça humeral, a qual colloca-se mui alto na axilla, para dentro da apophyse coracoide, e mais ou menos chegada á clavicula. O braço está pegado ao tronco.

Tratamento. Emprega-se a extensão obliqua, primeiro para baixo, e depois

horizontal, combinada com um movimento de pressão ou de redouça feito sobre o joelho.

3º Deslocação do braço para fóra ou para traz (*Deslocação sub-acromial*). Fig. 188. N'esta luxação a cabeça do humero vem collocar-se debaixo de uma proeminencia ossea chamada *acromion*. Esta especie de luxação é mui rara.

Causas. Estas luxações são occasionadas por quedas sobre o hombro, sobre o cotovelo ou sobre a mão.

Symptomas. O hombro avança para fóra. A axilla é livre. A cabeça do humero constitue um tumor saliente na parte posterior do hombro. O braço fica virado para dentro; o cotovelo acha-se para diante e um pouco apartado do tronco. Os movimentos do membro são dolorosos.

Tratamento. Uma pessoa comprime a cabeça do humero com os dois dedos pollegares, e ao mesmo tempo outra pessoa exerce a

contra-pressão sobre a parte anterior do hombro. Se este meio não levar a cabeça do humero ao seu lugar, applique-se o punho debaixo do braço, e comprima-se sobre elle o braço deslocado dando-lhe um movimento de redouça, levantando um pouco o cotovelo, e dirigindo-o para traz.

DESLOCAÇÃO DO COTOVELO ou DO ANTEBRAÇO.

A articulação do cotovelo é formada de tres ossos, o humero, o cubito e o radio. O humero constitue o unico osso do braço, o cubito e o radio pertencem ao antebraço; o radio occupa o lado externo, isto é, o que corresponde ao dedo pollegar, e o cubito occupa o lado interno. A proeminencia que se acha por detraz do cotovelo pertence ao cubito, e chama-se *olecrane*. Os

dois ossos do antebraço são unidos entre si pela sua extremidade superior, e ao mesmo tempo cada um d'elles é unido ao humero. Os dois ossos do antebraço deslocão-se simultaneamente sobre o braço, ora conservando seus meios de união; ora um d'elles deslocase ao mesmo tempo sobre o humero e sobre o outro osso. Temos, pois, a examinar :

1º A deslocação simultanea dos dois ossos do antebraço sobre o osso do braço; 2º a deslocação do radio sobre o humero, e a do cubito sobre o mesmo humero.

Deslocação de ambos os ossos do antebraço. Os ossos do antebraço podem deslocar-se em quatro sentidos differentes sobre o osso do braço: para traz, para diante, para dentro, e para fóra. De todas estas deslocações a mais frequente é a deslocação para traz.

1º **Deslocação do antebraço para traz.** É a deslocação na qual a extremidade superior do radio e do cubito passa para traz da parte inferior do humero. Fig. 189. Tem lugar, quando n'uma quéda sobre a mão, o antebraço se acha estendido. O antebraço, visto por diante, parece mais curto; está encolhido, e não

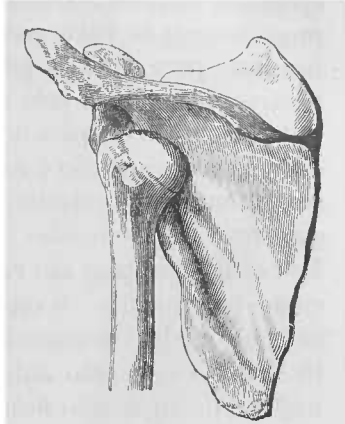


Fig. 188.

Deslocação do braço para fóra ou para traz.



Fig. 189. — Deslocação do antebraço para traz.

póde executar movimento algum. O cotovelo apresenta uma deformação característica: o diametro antero-posterior augmenta; a apophyse olecrane, collocando-se atraz do humero, faz grande proeminencia na parte posterior. Do lado anterior a curva do braço fica mais para cima; e por baixo d'ella sente-se uma proeminencia transversal formada pela extremidade articular do humero.

A deslocação simples do cotovelo para traz, conhecida a tempo, é pouco grave; se não é reconhecida, torna-se irreductivel passado pouco tempo. Ha entretanto exemplos de deslocações d'este genero que tem sido reduzidas passados vinte e mesmo quarenta dias. Mas estes exemplos são raros; as mais das vezes a deslocação fica então permanente; n'este caso os movimentos de flexão e de extensão podem augmentar cada dia, porém nunca chegam a ser tão livres como eram antes do accidente; os movimentos de pronação e de supinação ficão quasi inteiramente abolidos.

A deslocação recente reduz-se com facilidade. Eis-aqui como se deve proceder.

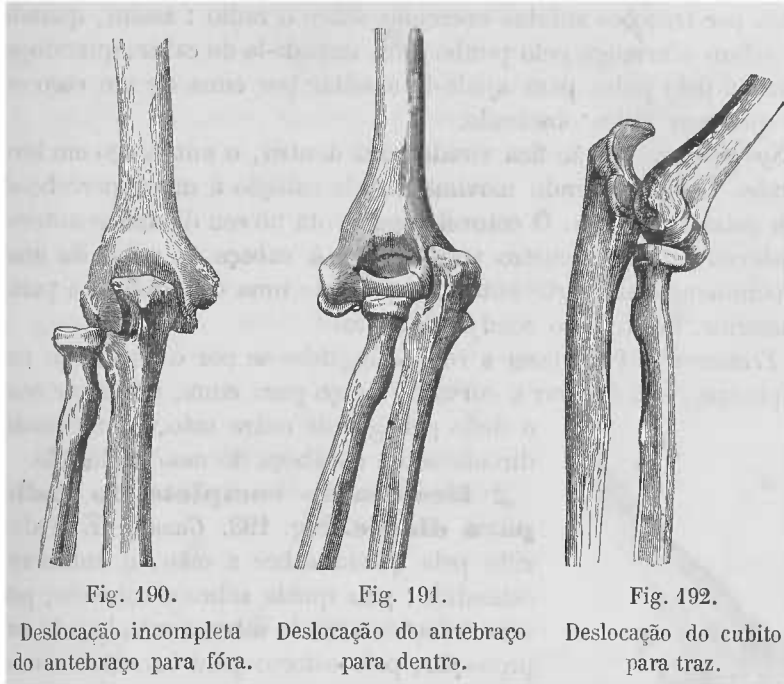
Senta-se o doente em uma cadeira; uma pessoa segura-lhe o braço perto da axilla; outra pessoa faz a extensão puxando pela mão e punho. O operador, collocado na parte externa da articulação, cruza suas mãos sobre a parte anterior e inferior do humero para empurra-lo para traz, e carrega com os dedos pollegares na apophyse olecrane, que se acha na parte posterior, para repelli-la para diante; e quando esta proeminencia se acha por baixo das tuberosidades do humero, recommenda á pessoa encarregada da extensão de fazer uma flexão do antebraço. Um estalo caracteristico annuncia que a deslocação está reduzida.

Depois de reduzida a deslocação, os movimentos do antebraço tornão-se facéis. Cumpre envolver a junta com pannos molhados em aguardente camphorada, e manter o antebraço com um lenço. Passados oito ou dez dias, faz-se executar á junta brandos movimentos para prevenir a ankylose. A pelle e os musculos conservão ás vezes alguma sensibilidade durante muitas semanas.

2º Deslocação do antebraço para diante. O cubito e o radio achão-se diante do humero. Esta deslocação é mui rara. Para reduzi-la, pratica-se a contra-extensão no humero, a extensão no antebraço, de maneira a levar os ossos do antebraço para baixo, e depois para traz.

3º Deslocações lateraes do antebraço. As deslocações lateraes dos ossos do antebraço sobre o humero são raras vezes completas, por causa de muitos encaixes das superficies articulares. Ellas não podem ser produzidas senão por grandes violencias que levão os ossos do antebraço e o do braço a direcções oppostas,

e são acompanhadas de grandes desordens das partes molles. Nas deslocações lateraes ha augmento de comprimento do diametro transversal da junta; o antebraço não póde ser dobrado completamente; os movimentos de pronação e de supinação são quasi impossiveis. A fig. 190 representa a deslocação para fóra, e a fig. 191 mostra a deslocação para dentro.



Reduzem-se estas deslocações por meio da extensão e da contra-extensão moderadas, durante as quaes, e estando o antebraço em flexão, repelle-se brandamente, em sentido opposto, o humero e os ossos do antebraço.

DESLOCAÇÃO DO CUBITO PARA TRAZ. fig. 192. O cubito desloca-se ás vezes para traz, sem ser seguido pelo radio.

Causas. Esta deslocação é produzida por uma quéda sobre a palma da mão, estando a antebraço estendido e a violencia dirigida sobre o lado interno do membro.

Symptomas. O cotovelo fica deformado; o diametro antero-posterior augmenta-se. Na parte interna do cotovelo apparece uma proeminencia correspondente á extremidade articular do humero.

Tratamento. Feitas as tracções no antebraço estendido e em posição supina, o operador empurra com o dedo pollegar a olecrane para diante e para baixo.

DESLOCAÇÕES ISOLADAS DA EXTREMIDADE SUPERIOR DO RADIO. A extremidade superior do radio pôde deslocar-se para diante, ou para traz; a deslocação pôde ser mais ou menos completa.

1º Deslocação incompleta do radio para diante.

Observa-se as mais das vezes nas crianças; é produzida sobretudo por tracções subitas exercidas sobre o radio: assim, quando se retém a criança pelo punho para impedi-la de cahir; quando se levanta pelo pulso para ajuda-la a saltar por cima de um rego ou de qualquer outro obstaculo.

Symptomas. A mão fica virada para dentro, o antebraço em leve flexão. Communicando movimentos de rotação á mão, percebe-se um estalo na junta. O cotovelo augmenta no seu diametro antero-posterior, e no diametro transversal. A cabeça do radio faz uma proeminencia na parte anterior, e existe uma depressão na parte posterior, debaixo do condylo humeral.

Tratamento. Para fazer a reducção, deve-se pôr o antebraço em supinação, isto é, virar a curva do braço para cima, e exercer com o dedo pollegar da outra mão, uma pressão directa sobre a cabeça do osso deslocado.

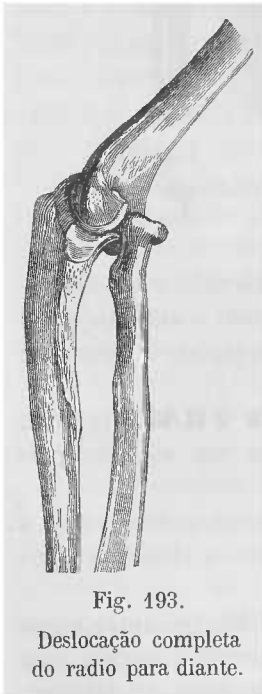


Fig. 193.

Deslocação completa do radio para diante.

2º Deslocação completa do radio para diante. Fig. 193. *Causas.* É produzida pela quédia sobre a mão, o antebraço estendido; pela quédia sobre o cotovelo; por uma tracção exercida sobre a mão levada em pronação; pelo esforço para levantar com a mão um grande peso.

Symptomas. A mão fica em pronação completa; o antebraço em leve flexão. A fórma do cotovelo fica pouco alterada á vista, salvo nos individuos magros, em que o diametro antero-posterior parece augmentado, e o transversal diminuido. Os movimentos do antebraço são mais ou menos dolorosos; a flexão não pôde ir além do angulo recto; dobrando o antebraço, percebe-se o choque da cabeça do radio contra o humero. Na parte posterior e externa do cotovelo, acha-se uma depressão situada immediatamente debaixo do condylo humeral. A cabeça

do radio sobresahe para *diante* e um pouco para *dentro* do condylo.

Tratamento. Posto o braço em supinação, exerça-se primeiro

uma branda impulsão com os dedos pollegares de cima para baixo sobre a cabeça do radio, depois a pressão de dentro para fóra e de diante para traz.

3º **Deslocação completa do radio para traz.** Fig. 194. É produzida pela quédia sobre o cotovelo ou sobre a mão.

Symptomas. No momento do accidente, o enfermo percebe um estalo no cotovelo, que incha e torna-se doloroso. O antebraço fica em pronação. Na parte posterior e externa do condylo humeral, sente-se a cabeça do radio rolar debaixo dos dedos durante os movimentos de pronação e de supinação.

Tratamento. Sentado o doente em uma cadeira, põe-se-lhe o antebraço em supinação e extensão, e exerce-se ao mesmo tempo a pressão directa sobre a cabeça do radio com o dedo pellegar. Se a luxação fôr antiga, será necessario fazer preceder estas manobras da extensão no punho.

DESLOCAÇÕES DA COXA. As pancadas, quédas ou os choques violentos, combinados com certas situações ou geitos, dão lugar a saltar a extremidade superior do femur, chamada *cabeça do femur*, para fóra de sua cavidade articular (*cavidade cotyloidea*). A deslocação sobrevem principalmente quando um montão de terra se desaba e vem cobrir em parte um individuo, ou quando a carga pesada de um carro o derriba por terra. A deslocação póde fazer-se em differentes lados da junta: 1º para cima e para fóra; 2º para baixo e para dentro; 3º para traz e para fóra; 4º para cima e para dentro.

1º **Deslocação da coxa para cima e para fóra.** (**deslocação iliaca**). Fig. 195. É a mais frequente de todas as deslocações da coxa.

Symptomas. O membro fica encurtado de 5 a 8 centímetros. A dobra da nadega fica mais alta do que a do lado são, o pé e o joelho ficão voltados para dentro; a coxa acha-se em flexão; os movimentos de rotação para fóra são impossiveis; a nadega está mais saliente do que a do lado são.

Quando a deslocação não é reduzida, o membro fica mais curto, e o doente é obrigado a usar de um sapato guarnecido de uma sola grossa; a coxa diminue de volume pela inacção dos seus musculos. O doente experimenta dôres na anca e na coxa; não

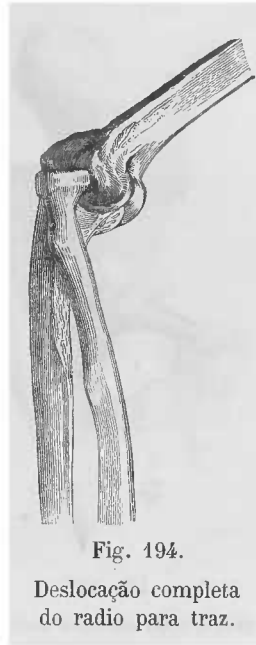


Fig. 194.

Deslocação completa do radio para traz.

póde abaixar-se senão com muita difficuldade; precisa de duas bengalas para andar; o menor obstaculo bastará para o fazer cahir. Cumpre, pois, reduzir a luxação quanto antes.

Tratamento. Ha dois methodos para reduzir esta luxação :

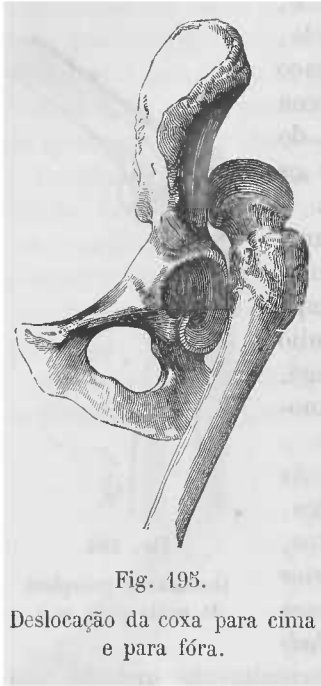


Fig. 195.

Deslocação da coxa para cima e para fóra.

Primeiro methodo (methodo por flexão). Deitado o doente de costas, dobra-se-lhe a coxa sobre a bacia e a perna sobre a coxa, e dá-se a esta um movimento de rotação para fóra, depois do que puxa-se brandamente a coxa para baixo e para dentro.

Segundo methodo (methodo por extensão). Deita-se o doente sobre o lado sãõ; dobra-se-lhe a coxa deslocada em angulo recto com a bacia, e dobra-se tambem a perna em angulo recto com a coxa. Passa-se por entre as coxas um lençol dobrado pelo comprimento em quatro dobras, cujo meio ficando na virilha do lado doente, cruzão-se os extremos sobre a ilharga do mesmo lado, ficando um pela parte das costas, e outro pela parte do peito, e se atão a um anel seguro á parede na altura da cama. Por cima do joelho, enlação-se ataduras para a extensão. Estando

tudo assim preparado, fazem os ajudantes a extensão, puxando pelas ataduras no sentido do eixo do femur posto na posição acima indicada : logo a cabeça do femur vai para o seu lugar, o que se conhece pelo allivio do enfermo, boa configuração da parte e pelo estalo que se percebe.

Conseguida a redução, applicão-se na parte superior da coxa pannos molhados em aguardente camphorada, e conserva-se o doente na cama por alguns dias.

2º Deslocação para baixo e para dentro. Fig. 196. N'esta luxação a cabeça do femur vai para diante, no buraco oval.

Symptomas. O membro fica mais comprido, a nadega mais baixa, o pé e o joelho voltados para fóra. Póde-se sentir, na parte interna e superior da coxa, um tumor formado pela cabeça do femur.

Não se fazendo a redução, a marcha será mui difficil por causa do alongamento do membro.

Tratamento ou redução. *Primeiro methodo (methodo por flexão).* Deitado o doente de costas, dobra-se-lhe a coxa sobre a bacia, e

a perna sobre a coxa, e communica-se a esta um movimento de rotação para dentro; depois do que puxa-se brandamente para cima e para fóra.

Segundo methodo (methodo por extensão). Deita-se o doente sobre o lado são; dobra-se-lhe a coxa deslocada em angulo recto com a bacia, e dobra-se tambem a perna em angulo recto sobre a coxa, do mesmo modo que na deslocação precedente. Passa-se um lençol por entre as coxas, e enlação-se ataduras por cima do joelho, tambem do mesmo modo. Faz-se então a extensão segundo a direcção do femur, isto é, para fóra; a cabeça do femur vai logo ao seu lugar, fazendo perceber o estalo caracteristico.

3º Deslocação para traz e para fóra (luxação ischiatica).

Symptomas. A coxa fica em flexão; o membro inferior voltado para dentro, e mais curto. Na parte posterior da nadega, percebe-se a proeminencia formada pela cabeça deslocada. Na parte anterior existe uma depressão que corresponde á sahida da cabeça do femur.

Reduz-se do mesmo modo que a luxação para cima e para fóra, da qual pouco differe.

4º **Deslocação para cima e para dentro.** N'esta deslocação a cabeça do femur colloca-se sobre o ramo horizontal do pubis.

Symptomas. O membro encurta-se e fica voltado para fóra, a nadega achatada. A cabeça do femur faz proeminencia na virilha.

A *reducção* faz-se do mesmo modo que na luxação para baixo e para dentro.

As duas ultimas luxações são mui raras. Quando a luxação não foi reduzida, a cabeça do femur forma uma cavidade nova, ao passo que a cavidade antiga se vai estreitando até desaparecer inteiramente.

DESLOCAÇÃO ESPONTANEA DA COXA. *Veja-se COXALGIA.*

DESLOCAÇÃO DOS DEDOS. V Vol. I, pag. 828.

DESLOCAÇÃO DO HOMBRO. V DESLOCAÇÃO DO BRAÇO.

DESLOCAÇÃO DO JOELHO. Dá-se o nome de joelho á articulação da tibia (osso da perna) com o femur (osso da coxa)



Fig. 196.

Deslocação da coxa para baixo e para dentro.

(*articulação femoro-tibial*). Um pequeno osso, chato, chamado *rotula*, applicado sobre a superficie concava que separa as duas proeminencias do osso da coxa, forma a parte saliente do joelho. Estas duas proeminencias do femur, chamadas *condylos*, são recebidas nas duas cavidades da cabeça da tibia, osso da perna, e formão a articulação propriamente dita, que é segura por grande numero de ligamentos. N'este lugar tratarei das deslocações femoro tibiaes; quanto ás deslocações da rotula, fallarei d'ellas mais adiante.

A tibia póde deslocar-se relativamente ao femur para diante, para traz, para dentro e para fóra. Estas deslocações podem ser incompletas ou completas.

Causas. As deslocações do joelho são ordinariamente produzidas pela quèda n'uma escada, na descida de uma sege, pela quèda n'um fosso, etc.

Estando a perna solidamente fixa de maneira qualquer, se alguma violencia empurrar com força o tronco e a coxa para diante, para traz, para dentro ou para fóra, poder-se-ha effectuar a luxação, quer completa, quer incompleta, de qualquer das quatro direcções indicadas. Póde sobrevir ainda, e quasi pelo mesmo mecanismo, quando é a perna que recebe o esforço emquanto que a coxa, estando fixada por um ponto de apoio qualquer, se acha na impossibilidade de seguir o movimento impresso ao resto do membro. No primeiro caso, é a tibia que

escorrega sobre os condylos do femur, emquanto que no segundo, é o femur que escorrega sobre as superficies planas da tibia.

Signaes. A deslocação completa da perna é, em geral, facil de reconhecer. Observa-se um encurtamento do membro, que varia desde algumas linhas até tres ou quatro pollegadas. A perna fica entorpecida; o joelho offerece uma deformação evidente, mas que differe segundo a especie de deslocação.

1º Deslocação completa da perna para diante. Fig. 197. É caracterizada pelos symptomas seguintes :



Fig. 197.

Deslocação completa da perna para diante.

horizontalmente sobre o meio da superficie articular da tibia, com a face anterior voltada para cima. Na parte posterior a curva da perna

desaparece, as eminencias femoraes (condylos) levantão a pelle mui fortemente. A coxa parece curta por diante, e a perna por detraz.

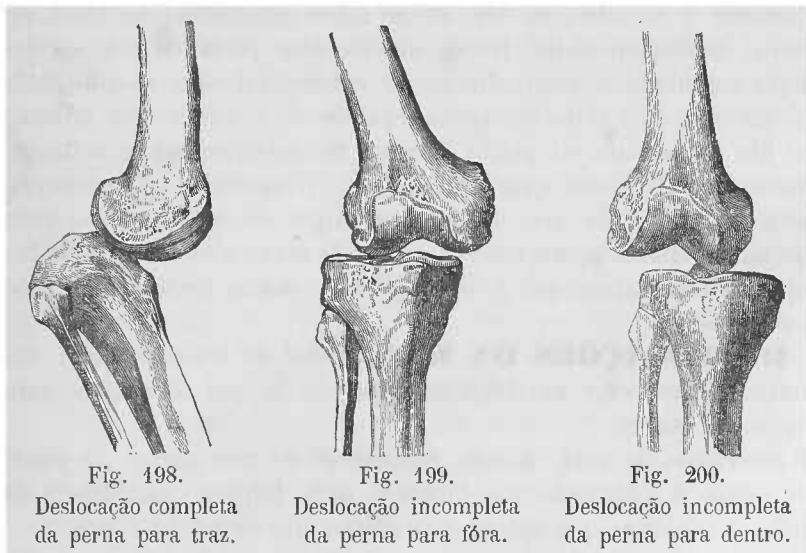
Na *deslocação incompleta* as proeminencias são menos consideraveis; o membro fica alongado; a rotula acha-se na sua posição normal; podem communicar-se á perna movimentos lateraes bastante extensos.

2º **Deslocação da perna para traz.** O diametro antero-posterior do joelho fica mais extenso; os condylos do femur fazem proeminencia na parte anterior, as tuberosidades da tibia podem ser percebidas na parte posterior.

Na *deslocação incompleta*, a perna fica em extensão ou flexão leve; a tibia forma na curva da perna um tumor mais apparente na extensão do que na flexão da perna.

Na *deslocação completa*, a perna está em extensão; as proeminencias formadas pelas tuberosidades da tibia e pelos condylos do femur são muito mais consideraveis. A rotula fica quasi horizontal, sua face anterior dirigida para baixo, a margem superior voltada para diante. A perna está realmente mais curta por causa da ascensão da tibia atraz do femur (fig. 198).

3º **Deslocação da perna para fóra.** *Deslocação incompleta.* Fig. 199. O femur faz proeminencia na parte interna; a rotula fica mais ou menos desviada para fóra.



Deslocação completa. É mui rara. N'este caso a tibia sobe do lado externo do femur

4º **Deslocação da perna para dentro.** *Deslocação incompleta.* Fig. 200. É caracterizada pela proeminencia da tibia na

parte interna, e pela proeminencia da extremidade do femur na parte externa. A rotula fica dirigida obliquamente par baixo e para dentro.

Deslocação completa. É excessivament rara. As proeminencias são mais consideraveis; existe de ordinario uma ferida nos tegumentos pela qual sahe a extremidade inferior do osso da coxa.

Tratamento. A reducção das diversas deslocações da perna é, em geral, facil. Para pratica-la, deita-se o doente de costas na cama. Passa-se por entre as coxas um lençol dobrado pelo comprimento em quatro dobras, cujo meio ficando na virilha do lado doente, cruzão-se os extremos sobre a ilharga do mesmo lado, ficando um pela parte das costas, e outro pela parte do peito, e atão-se a um anel seguro á parede na altura da cama. Estando assim o corpo fixado, um sufficiente numero de ajudantes fazem a extensão, puxando directamente a perna com as mãos, ou ligaduras enlaçadas acima dos tornozelos. Então o operador, applicando as palmas das mãos sobre as extremidades dos ossos deslocados, comprime-as oppostamente até reduzi-las aos seus lugares.

Envolve-se depois o joelho com pannos molhados em agua fria misturada com vinagre ou aguardente camphorada, e o doente deve conservar-se em repouso por muito tempo. Deita-se primeiramente o membro em leve flexão sobre almofadas; se tudo vai bem, imprimem-se-lhe fracos movimentos passados oito ou dez dias; augmenta-se gradualmente a extensão d'estes movimentos, de maneira que o doente possa levantar-se e andar com muletas no fim da terceira ou quarta semana. Se existirem rupturas numerosas, quer fibrosas, quer musculares, o repouso e as precauções serão continuadas por longo tempo, e os movimentos serão ensaiados com a maior reserva possivel; mas, n'estes casos ainda, cumpre lembrar-se que a immobildade muito prolongada expõe á ankylose.

DESLOCAÇÕES DA MÃO. Antes de tratar d'ellas, vou primeiro descrever as differentes partes de que se compõe esta região do corpo.

Descripção da mão. A mão compõe-se de tres partes : o *punho* ou *carpo*, o *metacarpo* que forma a parte larga e quadrilatera da mão, e os *dedos* que são os appendices que terminão a mão.

O *carpo* ou *punho* compõe-se de oito ossos curtos, pequenos e de fôrma irregular, dispostos em duas fileiras transversaes, entre o antebraço e o metacarpo. Estes pequenos ossos tem cada um o seu nome proprio derivado da sua fôrma; são, nomeando-os do bordo externo ou radial ao interno ou cubital : os ossos *scaphoideo*.

semianar, pyramidal e pisiforme na primeira serie, que estão em relação com os ossos do antebraço, radio e cubito; e os ossos *trapezio. trapezoide, grande osso e unciforme*, na segunda serie, que estão em relação com a parte superior dos ossos do metacarpo. Estes ossos apresentam muitas superficies articulares para se unirem entre si ou com os ossos vizinhos; são seguros por ligamentos fortes e curtos, afim de dar solidez á junta do punho, que goza de grande mobilidade.

O *metacarpo* (de *meta* depois, e *carpos*, punho) comprehende cinco ossos alongados e collocados, uns ao lado dos outros, em uma direcção vertical e parallela. Elles tem, como todos os ossos longos, um corpo e duas extremidades. A extremidade superior é concava, e articula-se com o carpo, a inferior offerece uma cabeça hemispherica que se articula com a extremidade superior das phalanges. Estes cinco ossos constituem verdadeiramente a armação da mão, e dão-lhe a sua fórma; designão-se pelo seu nome numerico contando desde o pollex ou dedo pollegar até ao dedo minimo; o primeiro osso do metacarpo que sustenta o pollex é, como se vê, separado dos outros e dotado de um movimento proprio; parece formar com as duas phalanges do pollex um só dedo do qual seria a primeira phalange. Os outros quatro ossos do metacarpo são fortemente unidos entre si, e seus movimentos são muito limitados.

Os *dedos* formão a terccira e ultima parte da mão; são cinco : o primeiro, do lado externo ou radial, é o *dedo pollegar* ou o *pollex*, o segundo o *index*, o terceiro o *grande dedo* ou *médio*, o quarto o *annular*, o quinto o *minimo*.

Cada dedo é composto de tres pequenos ossos, juntos uns aos outros pelas suas extremidades, chamados *phalanges*; o pollex faz excepção á regra e só tem duas phalanges; ha por conseguinte 14 phalanges em cada mão. Entre ellas, as superiores, isto é, ás que se articulão com os ossos do metacarpo, são as mais fortes; as médias (*phalanginas*) são semelhantes ás precedentes; é a phalange d'esta fileira que falta ao pollex; enfim as da extremidade dos dedos (*phalangetas, phalanges das unhas*). tem a fórma differente : o seu apice é arredondado e mais largo que o corpo do osso; acha-se em relação com o que se chama *polpa do dedo*.

Com estes ossos a mão ainda é composta de musculos, de tendões, de ligamentos que são numerosos e destinados a augmentar a sua solidez, e communicar os movimentos ás differentes partes que a compõem. As suas arterias formão na palma da mão duas *arcadas palmares, superficial e profunda*; e é por isso que os ferimentos da palma da mão são seguidos de grande hemorrhagia.

Na mão notão-se duas faces; uma *palmar* ou *palma da mão*, que é concava; outra *dorsal*, ou *costas da mão*, que é convexa; dois bordos, um radial ou externo, outro cubital ou interno. Uma forte aponevrose (palmar) serve a manter os tendões dos musculos, e contribue para a solidez da mão.

Deslocação do primeiro osso do metacarpo (o do dedo pollegar) **relativamente ao osso do carpo**. O primeiro osso do metacarpo pôde deslocar-se sobre o osso do carpo para traz ou para diante.

1^a *Deslocação para traz*. É o resultado da quéda sobre o bordo externo da mão ou sobre a palma da mão.

Symptomias. Esta deslocação é caracterizada pela flexão forçada do dedo pollegar sobre a palma da mão, pela impossibilidade de estendê-lo, pela mudança de direcção do osso do metacarpo, pela proeminencia de sua extremidade superior na face dorsal da mão.

Tratamento. Para fazer a redução, um ajudante segura o antebraço por cima do punho; um outro puxa pelo dedo pollegar, primeiro na direcção da deslocação, e depois na extensão. O operador, abarcando o punho com as duas mãos, repelle com os dedos pollegares a extremidade superior do osso deslocado, para baixo e para diante. Um estalo surdo, e a boa configuração da parte, indicão que o osso voltou ao seu lugar. Feita a redução, o operador applica no dedo pollegar um panno molhado em aguardente camphorada, enrola a mão com a atadura competente, e situa-a em descanso no lenço atado ao pescoço.

2^a *Deslocação para diante*. Symptomias : O primeiro osso do metacarpo faz proeminencia na palma da mão; o dedo pollegar, voltado para traz, não pôde ser dirigido do lado do dedo minimo; ha dôr e inchação.

Para reduzir a deslocação, cumpre inclinar o dedo pollegar do lado da palma da mão, e exercer uma extensão prolongada.

DESLOCAÇÃO DOS DEDOS. Deslocação do pollex relativamente ao osso do metacarpo. D'esta deslocação existem quatro variedades :

1^a *Deslocação incompleta para traz*. Resulta da quéda sobre a face palmar do dedo pollegar. É caracterizada pela existencia de um tumor na palma da mão, correspondente á proeminencia da extremidade inferior do osso do metacarpo; por um outro tumor saliente na face dorsal da mão formado pela extremidade superior da primeira phalange; pela conservação do comprimento do dedo.

Redução. Depois de abarcado com a mão o dedo deslocado, cumpre dobra-lo, e carregar ao mesmo tempo com o dedo pollegar na cabeça da phalange.

2ª *Deslocação completa para traz.* É produzida pelas mesmas causas que a precedente.

Symptomas. A primeira phalange do dedo pollegar fica voltada para traz sobre o osso do metacarpo de tal sorte que o dedo pollegar apresenta duas flexões em fôrma de Z. Do lado da face palmar da mão existe uma proeminencia formada pela cabeça do primeiro osso do metacarpo.

Em alguns casos os symptomas são diferentes. A primeira phalange do pollex acha-se situada por detraz, e a segunda phalange apenas dobrada. O pollex conserva a sua direcção natural e está situado sobre um plano posterior e paralelo ao plano do osso do metacarpo; fica mais curto, porém mais ou menos, segundo a sua elevação detraz do osso do metacarpo.

Tratamento. Esta deslocação é ás vezes difficil de reduzir. Póde fazer-se a reducção de um dos modos seguintes :

a. Seguro o punho por uma pessoa, o operador puxa pelo dedo, envolvido em um panno para não escorregar; logo que a extensão parece sufficiente, repellem-se os ossos para o seu lugar pela pressão em sentidos oppostos ás superficies articulares. Para exercer a tracção póde empregar-se uma chave; mette-se o anel detraz da phalange, e puxa-se pelo palhetão.

b. Dobra-se fortemente a phalange para diante, e carrega-se na sua superficie articular para pô-la no seu lugar.

3ª e 4ª *Deslocações para diante.* Podem ser incompletas ou completas. São produzidas pelo choque sobre a face dorsal da phalange, ou pela queda sobre a face palmar da mão. Os seus symptomas são variaveis. Existe uma proeminencia da cabeça do osso do metacarpo na parte posterior, a phalange sobe por diante alguns millimetros, e o pollex está em flexão.

A *reducção* obtem-se pela simples extensão exercida no dedo pollegar; ou pela extensão do dedo pollegar combinada com a pressão na cabeça do osso do metacarpo e na extremidade da phalange.

Feita a reducção, cumpre applicar na articulação doente pannos molhados em aguardente camphorada, sustê-los com a ligadura competente, e situar a mão em descanso no suspensorio.

As deslocações dos *quatro ultimos dedos* sobre os ossos do metacarpo são excessivamente raras. Tem sido entretanto observadas para diante e para traz, no estado de deslocação completa e incompleta. Reduzem-se por meio de simples tracção, ou pela impulsão combinada com a flexão forçada.

Deslocações das segundas phalanges ou phalanges. Podem produzir-se para traz, para diante ou para os lados.

1º *Deslocação para traz.* As causas d'esta deslocação actuão dirigindo para traz a extremidade do dedo, emquanto que a primeira phalange está segura. É caracterizada pelos signaes seguintes: Do lado da face dorsal da articulação existe uma proeminencia formada pela cabeça da segunda phalange, por cima da qual ha uma depressão profunda; do lado da face palmar vê-se outra proeminencia formada pela primeira phalange, com uma depressão por baixo. O dedo está mais curto. A segunda phalange fica estendida, e um pouco voltada para traz; a terceira phalange (phalangeta) um tanto dobrada para diante.

Tratamento. Para se praticar a redução, basta que o operador segure o punho com uma de suas mãos, e com os dedos da outra puxe pela extremidade do dedo até reduzir o osso deslocado. Para facilitar a redução, communica-se uma impulsão á cabeça da segunda phalange, e imprime-se a esta subitamente um movimento de flexão.

2º *Deslocação para diante.* Resulta do choque que repelle a segunda phalange para diante, achando-se a primeira phalange retida por um ponto de apoio.

Esta luxação póde ser completa ou incompleta. É caracterizada pela proeminencia da primeira phalange na face dorsal e da segunda na face palmar, com flexão das duas ultimas phalanges, e impossibilidade de estendê-las. O dedo correspondente fica mais curto quando a deslocação é completa.

Obtem-se a *redução* do mesmo modo que a da deslocação para traz.

3º *Deslocações lateraes.* São excessivamente raras. A redução obtem-se pela extensão e compressão.

As **deslocações das ultimas phalanges dos dedos** são ainda mais raras do que as precedentes, por causa da pouca extensão que estes ossos apresentam aos corpos exteriores. As mais das vezes encontra-se no dedo pollegar.

Os signaes d'estas deslocações são analogos aos das deslocações descriptas precedentemente. Reduzem-se por meio da tracção combinada com a impulsão communicada ao osso deslocado.

DESLOCAÇÃO DO PUNHO. Dá-se o nome de *punho* ou *pulso* á articulação dos ossos da mão com os do antebraço (radio e cubito).

A mão póde deslocar-se para traz ou para diante. Estas deslocações podem só resultar de alguma causa violenta que leva a mão ou o antebraço no sentido opposto áquelle do lado do qual se faz a deslocação.

A deslocação *para traz* é sempre o effeito da violenta flexão da mão : resulta ordinariamente da quêda sobre as costas da mão.

A deslocação da mão *para diante* tem por causa a quêda sobre a palma da mão, ou um esforço violento que virou a mão sobre a face posterior do antebraço.

Symptomas. Na deslocação da mão *para traz*, existe na face posterior do punho uma proeminencia convexa, correspondente aos ossos do metacarpo; na parte anterior resaltão as apophyses do radio e do cubito; a mão e os dedos ficão dobrados. Fig. 201.

A *deslocação para diante* é caracterizada pelos mesmos signaes que a deslocação *para traz*, com a differença que as proeminencias anterior e posterior do punho tem a posição diametralmente inversa. Fig. 202.

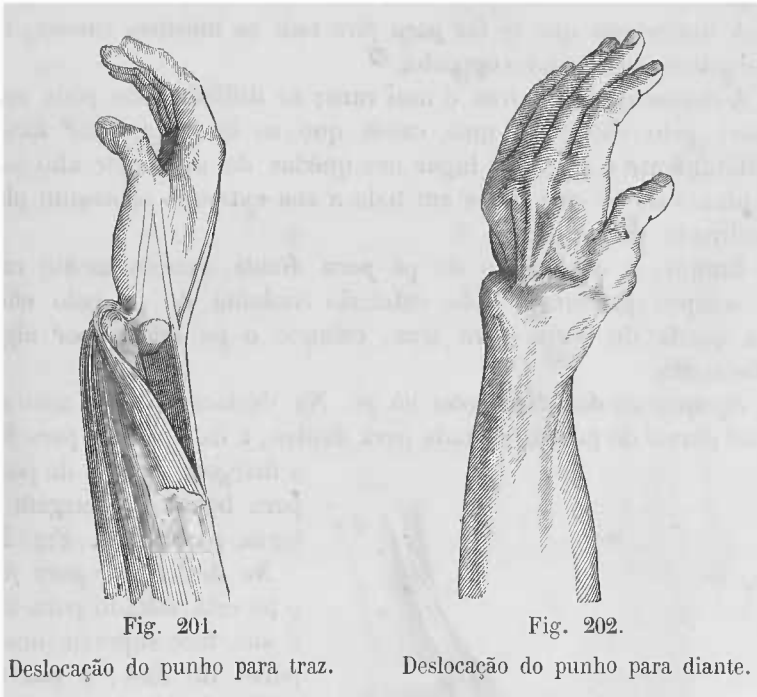


Fig. 201.

Deslocação do punho para traz.

Fig. 202.

Deslocação do punho para diante.

Tratamento. Para se reduzirem as deslocações do punho, assenta-se o doente em uma cadeira; um ajudante faz a contra-extensão pegando pela parte superior do antebraço, outro faz a extensão puxando pela mão; o operador conduz com os dedos os ossos aos seus lugares, empurrando-os no sentido opposto á deslocação. Para prevenir a recahida, convem applicar uma tala na parte anterior, outra na parte posterior, segura-las com uma atadura, e situar a mão em descanso no suspensorio.

DESLOCAÇÃO DO PÉ ou TIBIO-TARSIANA. O pé articula-se com a perna por meio do astragalo, um dos ossos do pé, e das extremidades inferiores da tibia e do peroneo, ossos da perna. Esta articulação, além de ser presa por fortes ligamentos, tem aos lados os dois tornozelos, que lhe dão bastante firmeza; contudo, as violencias externas, como quedas, saltos, pancadas, etc., podem causar a deslocação do astragalo para diferentes lados; isto é, para dentro, para fóra, para traz, para diante, e para cima. Todas estas deslocações são as mais das vezes acompanhadas de fractura dos tornozelos.

Causas. A deslocação *para dentro* é a mais frequente de todas: as causas que a produzem ordinariamente são uma torcedura violenta, na qual o pé foi virado para dentro, ou uma queda de um lugar alto sobre a margem externa do pé.

A deslocação que se faz *para fóra* tem as mesmas causas, mas que obrão em sentido opposto.

A deslocação *para traz* é mui rara; só difficilmente pôde acontecer pelo effeito de uma causa que se limite a virar forte e subitamente o pé: tem lugar nas quedas de um lugar alto sobre a planta do pé que apoia em toda a sua extensão sobre um plano inclinado para diante.

Emfim, a deslocação do pé *para diante*, extremamente rara, é sempre produzida pela extensão violenta do pé pelo effeito da queda do corpo para traz, estando o pé retido por algum obstaculo.

Symptomas das deslocações do pé. Na deslocação *para dentro*, a face dorsal do pé está voltada para dentro, a face plantar para fóra, a margem interna do pé fica para baixo, a margem externa para cima. Fig. 203.

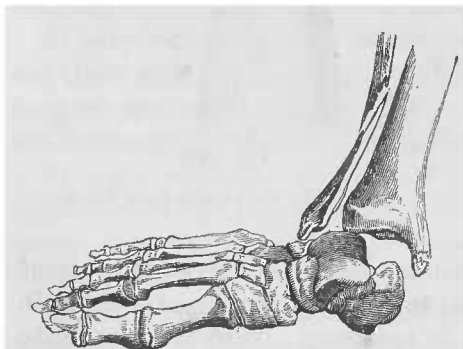


Fig. 203.

Deslocação do pé para dentro, com fractura de ambos os tornozelos.

Na deslocação *para fóra*, o pé está voltado para fóra; a sua face superior fica da parte de fóra, a sua face plantar da parte de dentro, a margem externa para baixo, a margem interna para cima.

Na deslocação *para traz*, a parte anterior do pé fica mais curta do que costuma ser; existe por diante uma elevação formada pela extremidade inferior de osso da perna, e esta elevação fica separada da face supe-

rior do pé por uma especie de ruga transversal da pelle; o pé não pôde executar o menor movimento. Fig. 204.

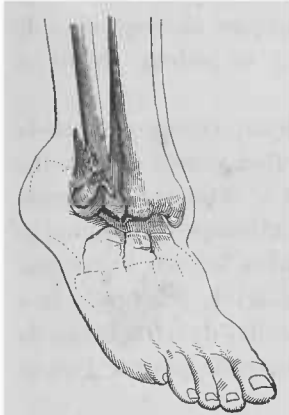


Fig. 204.

Deslocação do pé para traz, acompanhada da fractura do peroneo.

Quando existe a deslocação *para diante*, o pé está na extensão forçada, ficando o calcanhar mais curto, a parte anterior do pé mais comprida; existe por diante um tumor duro, redondo e volumoso. Fig. 205 e 206.



Fig. 205.

Deslocação do pé para diante, com fractura do tornozelo externo.

A *deslocação para cima*, é uma variedade de deslocação para fóra, de que differe em que o peroneo se separa da extremidade inferior da tibia para

permitter que o astragalo se colloque entre a tibia e o peroneo. Fig. 207 O pé não fica desviado, o espaço entre os dois tornozelos alarga-se consideravelmente, as proeminencias dos tornozelos abaixão-se para a planta do pé.

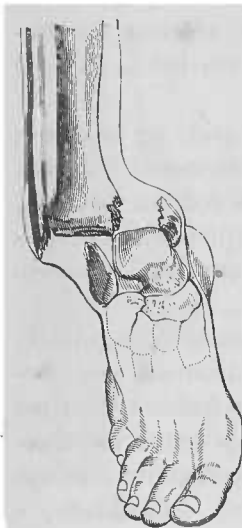


Fig. 206.

Deslocação do pé para diante e para dentro com fractura de ambos os tornozelos.

VOL. I.

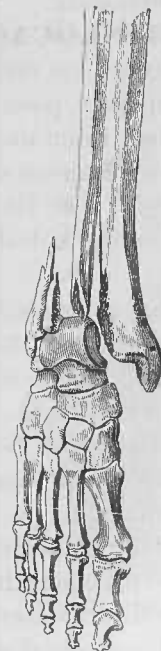


Fig. 207.

Deslocação do astragalo para cima, com fractura da extremidade inferior do peroneo; e arrancamento da porção inferior e externa da tibia.

dos ossos; constituem então molestias graves. Nos casos mais felizes, as deslocações do pé, depois de reduzidas, deixão por algum tempo uma rijeza na junta do pé, e ás vezes a impossibilidade de mover o pé. Em alguns casos, estas deslocações são seguidas de inflamação, postemas, carie dos ossos, e podem exigir a amputação do membro.

Tratamento. Qualquer que seja a deslocação, cumpre reduzi-la promptamente. Deitado o doente na cama, uma pessoa segura-lhe a perna junto ao joelho; outra pessoa faz a extensão, puxando pelo calcanhar e peito do pé, até que os extremos deslocados se ponhão parallellos; então o operador os conduz ao seu lugar com os dedos. Para manter a redução é indispensavel, sobretudo se o osso peroneo foi quebrado, applicar o apparelho das fracturas do peroneo, ou o apparelho das fracturas dos ossos da perna. *Veja-se FRACTURAS.*

No caso mesmo da deslocação simples, convem, depois de feita a redução, que o doente conserve por muitos dias o pé em completo repouso; e que applique, ao redor da junta, pannos molhados em agua fria misturada com um pouco de aguardente camphorada.

DESLOCAÇÃO DO QUEIXO INFERIOR. O queixo inferior, em razão da structura de suas articulações com os ossos temporaes, pôde sómente deslocar-se para diante, isto é, os condylos podem sahir das fossas glenoideas para a parte anterior das apophyses transversaes. Se a deslocação fôr só de um lado, chama-se *singela*; e se fôr de ambos, chama-se *dupla*.

Causas. A deslocação do osso maxillar inferior pôde ser produzida por tudo que é susceptivel de abaixar mui fortemente o queixo. Ordinariamente tem lugar durante os bocejos ou vomitos violentos, ou é occasionada por quedas e pancadas sobre e queixo. Ha pessoas tão sujeitas a esta deslocação, que precisam amparar o queixo quando bocejão, para que elle não se desloque.

Symptomas. Conhece-se a deslocação pelos caracteres seguintes: quando tem lugar de ambos os lados, o que acontece mais frequentemente, a bocca fica aberta, não pôde ser fechada nem por vontade do doente, nem por pressão qualquer; os dentes inferiores estão mais para diante do que os superiores; ha corrimento contínuo da saliva; o doente não pôde engulir, falla com difficuldade, e sente grande dôr perto da orelha.

Quando a deslocação existe só de um lado, a dôr manifesta-se sómente do lado deslocado; a ponta do queixo fica inclinada para o lado opposto á deslocação, seguindo-se além d'isto dôres, difficuldade de fallar, de engulir e de conter a saliva.

Tratamento. Para reduzir a luxação dupla procede-se do modo seguinte: Senta-se o paciente n'uma cadeira baixa com a cabeça encostada ao peito de uma pessoa, que a segura com as duas mãos postas por cima das orelhas. O operador, collocado defronte do paciente, mette-lhe na bocca os seus dois pollegares embrulhados em pannos, de modo que as polpas fiquem sobre os dentes molares inferiores, e as palmas de ambas as mãos aos lados do queixo. Então carregando com força primeiro directamente para baixo, e depois movendo o queixo brandamente para traz, os condylos escorregão facilmente para os seus lugares. — Sendo a deslocação singela, o operador applicará maior força no lado deslocado, e para este mesmo lado moverá com brandura o queixo.

Conhece-se a reducção pela figura natural da parte, falta de dores, e facilidade dos movimentos. Cumpre evitar, durante um mez, qualquer abaixamento algum tanto forte do queixo, porque a deslocação do queixo, produzida que seja uma vez, pôde reproduzir-se com muita facilidade.

DESLOCAÇÃO DA ROTULA. A rotula, rodela ou patella do joelho, é um pequeno osso chato, situado na parte anterior do joelho. Pôde deslocar-se para dentro ou para fóra.

As deslocações produzem-se estando a perna estendida: a rotula fica então mui saliente, mui movel; e uma pancada violenta sobre a sua margem interna, que é mais saliente, levará este osso para dentro ou para fóra.



Fig. 208.

Deslocação da rotula para fóra.

Os signaes d'estas deslocações são: 1º falta de movimentos; 2º mudança na fórma do joelho; 3º depressão no lugar em que deveria existir a rotula; 4º proeminencia anormal, dura, ossea, situada para dentro ou para fóra d'esta depressão, conforme a deslocação fôr interna ou externa. A fig. 208 representa a deslocação da rotula para fóra, e a fig. 209 mostra a deslocação para dentro.

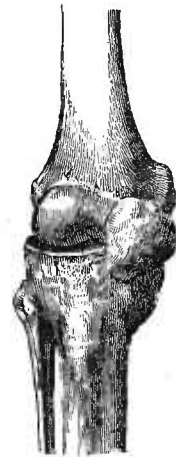


Fig. 209.

Deslocação da rotula para dentro.

Tratamento. Para pôr a rotula no seu lugar, estando o doente deitado de costas, uma pessoa levanta-lhe o pé fortemente para

cima; outra pessoa empurra a rotula de dentro para fóra ou de fóra para dentro, conforme este osso foi deslocado para dentro ou

para fóra. A redução faz-se facilmente, sem que seja necessario empregar muita força. Feita a redução, o doente deye conservar-se deitado por alguns dias, pondo-se a perna na extensão, e a coxa em meia flexão, enquanto a natureza faz a união dos extremos dos ligamentos rotos. O prognostico não é grave as mais das vezes ; sómente cumpre notar que os doentes ficão expostos á rechida.

DESLOCAÇÃO DAS VERTEBRAS. As luxações completas de uma vertebra inteira sobre outra são quasi impossiveis, a menos que não haja uma fractura. Não acontece o mesmo com as apophyses articulares ; ellas podem deslocar-se mais facilmente, sobretudo no pescoço. Entre estas luxações , a mais commum de todas é a da primeira vertebra sobre a segunda ; póde ser produzida por violenta flexão da cabeça sobre o peito, pelo movimento exagerado da rotação do pescoço, emfim pela tracção directa do corpo em baixo, ou simplesmente pelo peso unico do corpo como isto tem lugar nos enforcados. O brinquedo perigoso que consiste em levantar uma criança pela cabeça, *para lhe fazer vêr seu avô*, como se diz, tem sido por vezes seguido d'esse accidente. N'essas diversas circumstancias ha deslocação da apophyse odontoide, da segunda vertebra do pescoço chamada *axis*, a qual póde penetrar no canal vertebral. Concebe-se facilmente que a medulla, sendo então comprimida ou dilacerada, a morte segue quasi immediatamente a luxação. Os autores citão entretanto observações em que os doentes tem sobrevivido, conservando só a deformidade e com a cabeça inclinada para diante. Têm sido tambem observadas luxações das cinco vertebraes cervicaes inferiores ; resultão de uma queda ou mesmo de uma simples contracção muscular ; assim as cambalhotas ou cabriolas, que fazem os meninos apoiando a cabeça sobre o chão, e um movimento mui rapido para olhar para traz, tem determinado em algumas circumstancias este accidente. Uma dôr viva, um sentimento de ruptura e sobretudo a deslocação da cabeça que fica virada de maneira que o rosto olha para o hombro do lado opposto da molestia, são symptomas da deslocação. As tentativas de redução são perigosas e podem produzir a morte : é preciso abster-se d'ellas. As dôres diminuem ordinariamente pouco a pouco, e o doente fica quite por ter toda a sua vida o rosto desviado e a cabeça inclinada.

DESMAIO, Deliquio, Syncope. Por estes tres nomes designa-se a perda mais ou menos completa dos sentidos e do movimento. No desmaio e no deliquio, a respiração e os movimentos do coração continuão a exercer-se, porém n'um grão muito mais fraco do que no estado normal. O desmaio é o primeiro

gráo da *syncope*, na qual, além da perda dos sentidos e do movimento, existe a cessação completa da circulação e da respiração. Todavia, a fonte d'estes accidentes é a mesma, reside na diminuição ou suspensão dos movimentos do coração; e estas tres palavras, desmaio, deliquio e *syncope*, são frequentemente tomadas, na linguagem commum, como *synonymos*. O desmaio chama-se tambem *desfallecimento* e *vágado*, e diz-se vulgarmente *deo-lhe um vágado*, o que significa que a pessoa cahio em desmaio.

As vezes a *syncope* sobrevem subitamente sem ser precedida de signal algum, e então o corpo fica de repente sem movimento, sem sentimento e como privado de vida. Entretanto, as mais das vezes este accidente é precedido de *symptomias* que annuncião a sua imminencia ou a sua invasão. A primeira sensação tem ordinariamente lugar na região do coração: a vista escurece-se, os ouvidos zumbem, o rosto torna-se pallido, o corpo cobre-se de suor frio: o doente ouve tudo o que se diz ao redor d'elle, mas não póde fallar (desmaio). Um instante depois, tudo desaparece, até o sentimento intimo da existencia: a luz, os sons, os cheiros, os sabores, as impressões do tacto, deixão de ser percebidos; o doente perde até a confusa consciencia de sua existencia (deliquio). Se o mal progredir, todas as manifestações vitaes ficão suspensas: as pulsações das arterias e do coração, ao principio lentas, tornão-se imperceptiveis; o peito fica immovel, o rosto pallido, o corpo frio, e, abandonado ao seu proprio peso, cahe sem sentimento (*syncope*).

Este estado de morte apparente que produz a *syncope* não differe da morte real, senão pela continuação das funcções internas, taes como a absorpção, a nutrição e as secreções. Mas, se um tal estado persistisse por longo tempo, todas as funcções internas pararião, e a morte effectiva succederia inevitavelmente a esta apparencia; porém no maior numero de casos este eclipse da vida é momentaneo, não dura commummente senão alguns minutos, e em muitos outros limita-se a alguns segundos. Todavia tem-se visto, rarisimas vezes, a *syncope* prolongar-se por muitas horas e mesmo por dias inteiros, como succede no *hysterismo*. Este estado de *syncope* prolongado tem já dado lugar a erros deploraveis; alguns individuos tem sido enterrados vivos. No artigo *Inhumação* indico os signaes que distinguem a morte apparente da morte verdadeira, e que servirão de cautela contra esses infelizes enganos. Fóra d'isto, a *syncope* raras vezes é perigosa. A *syncope* não é acompanhada de dôr; o sentimento de languidez que a precede em certos casos, longe de ser penoso, póde não ser isento de prazer. Tornando a si, depois da *syncope* produzida por uma quéda de cavallo, o

illustre Montaigne teve saudades da sensação agradável que experimentou durante esse desaparecimento rapido da vida. « O sentimento de doce languidez e de paz profunda (diz em um sensivel accesso de melancolia o Dr. Chamberet), que me lembro ter experimentado em uma syncope semelhante, que me sobreveio sem causa conhecida em um passio, na idade de 22 annos, em estado de saude perfeita, só me deixou o pezar de não ter transposto os limites da eternidade, e não contribuiu pouco a me reconciliar com a idéa geralmente tão espantosa da morte, de que a syncope me parece ser uma fiel imagem. »

Um dos erros mais graves que se podem commetter na syncope consiste em confundi-la com a congestão cerebral, o ataque de apoplexia, pois que o tratamento que é applicavel a esta é capaz de tornar mortal a syncope. Eis-aqui os seus signaes distinctivos: o pulso e a respiração não párao de repente nas congestões e nas apoplexias cerebraes (ao menos quando não são fulminantes); e demais, o rosto fica ordinariamente corado. Na asphyxia, que tem tambem grandes parecenças com a syncope, existe, para dissipar a confusão, a alteração do ar pela combustão do carvão ou pelos outros gazes irrespiraveis, e quasi sempre a côr violacea do rosto. Os movimentos convulsivos e a conservação do pulso são os caracteres que distinguem a epilepsia e o hysterismo da syncope. Distingue-se tambem da catalepsia e do lethargo, porque n'estas duas molestias a circulação do sangue é apreciavel. É verdade, entretanto, que o fim dos accessos hystericos e catalepticos é ás vezes semelhante á morte apparente e á syncope; mas as circumstancias antecedentes impedem a confusão; além d'isto, n'estas graves occasiões, o tratamento não é mui differente.

Causas. A syncope, nos seus diversos grãos, procede sempre, como já disse, da fraqueza ou da suspensão dos movimentos do coração, que não lança o sangue em bastante quantidade para estimular o cerebro. As causas d'este accidente são numerosas, e a sua apreciação é mui importante para assentar o prognostico. Entre as mais graves, é preciso primeiramente contar as lesões recentes ou antigas do coração, como feridas, aneurismas e inflamações d'este orgão. O desmaio é um accidente mui ordinario das sangrias e das hemorragias abundandes. A grande debilidade que procede de molestias, de evacuações excessivas, espontaneas ou provocadas, é causa frequente dos desmaios ou das syncopes. O deliquio procede ás vezes de uma indigestão. As influencias directas sobre o systema nervoso contribuem muito para a producção d'este accidente, provocando os espasmos, que suspendem a circulação: estas influencias são as sensações, as emoções e as

paixões excessivas de prazer ou de dôr. Ha individuos em que a sensibilidade é tão viva e perversa, e a constituição tão delicada, que lhes basta ouvir, ver, cheirar, gostar ou tocar os objectos mais innocentes, para cahirem em desmaio.

Prognostico. Regra geral, a syncope, em si mesma, é um accidente mais assustador do que perigoso. Se porém fôr consequencia de uma ferida penetrante do peito ou do ventre, deve-se receiar então que exista uma lesão do coração ou de algum órgão importante, uma hemorrhagia interna, que podem ser seguidas de morte.

O prognostico é máo nas affecções do coração. A syncope inspira justamente vivas inquietações, quando succede a hemorrhagias excessivas; entretanto, é tambem um meio de que se serve a natureza para atalha-las, pois que estas hemorrhagias suspendem-se no momento da syncope. Quando a syncope sobrevem immediatamente depois do parto, cumpre examinar se ella não é occasionada por um derramamento sanguineo no interior do utero; porque n'este caso seria mui grave. Mas estes perigosos casos de syncope são, felizmente, mui raros. A syncope que é consequencia de uma sangria, de um parto sem hemorrhagia, da evacuação das aguas de um hydropico, dos vomitos e das diarrheas immoderadas, da abstinencia ou de um regimen mui parco, de uma indigestão, da acção de um calor suffocante e de uma atmospheria alterada, dos abusos venereos, de uma carreira precipitada, da fadiga physica ou mental excessiva, de uma emoção de pezar ou de prazer, etc., esta syncope, digo, é raras vezes grave e não tarda a dissipar-se.

Tratamento. A primeira cousa a fazer contra a syncope, é pôr a pessoa na posição horizontal. De ordinario, nos primeiros signaes de desmaio, basta assenta-la, se está em pé, ou deita-la de costas, para prevenir a syncope. Ao mesmo tempo pratiquem-se aspersões d'agua fria sobre o rosto, e faça-se inspirar ao paciente algum cheiro, approximando-lhe ao nariz um frasco com vinagre, agua de Colonia, ether, ou introduzindo-lhe rapé no nariz. Se a syncope se prolongar, é preciso tirar todos os vestidos, todos os atilhos que possam impedir a circulação, expôr o rosto do paciente ao ar fresco, aquentar as partes que esfriarem, friccione-as com baeta quente, applicando-lhes garrafas d'agua quente, e sinapismos nos braços, pés e pernas. Se a syncope sobrevier durante uma sangria ou uma hemorrhagia, bastará applicar uma atadura sobre a cisura da lanceta, ou sobre a ferida d'onde sahe o sangue, e deitar o doente horizontalmente sem travesseiro, para ver cessar em breve esse estado. Logo que o doente recobrar o uso dos sen-

tidos, se se sentir fraco, dê-se-lhe uma ou duas colheres de vinho generoso, ou uma chicara de caldo, ou de chá da India.

DESMAMAÇÃO. Acção pela qual se priva a criança do leite de peito, e se lhe dão alimentos mais solidos.* A época, em que se deve desmamar a criança, não póde ser determinada de um modo absoluto. O desenvolvimento da mesma criança e a falta de leite na ama, devem servir de dados para esta determinação. Os antigos pensavão que esta época devia ser marcada quando a criança tivesse vinte dentes; mas em algumas cssa época seria mui demorada. Algumas pessoas exigem o rompimento das presas; nada d'isto é de rigor, e, em geral, o intervallo entre um anno e anno meio é aquelle em que deve ter lugar a desmamação. Para as cautelas que se devem ter com a criança que se desmama, e com a ama de leite que cessa a lactação, veja-se o artigo AMAMENTAÇÃO, vol. I, pag. 140.

DESMANCHO. *Veja-se* ABORTO.

DESOBSTRUENTES. *Veja-se* APERIENTES.

DESTEMPERO DO VENTRE. *Veja-se* DIARRHEA.

DESTRONCADO. *Veja-se* DESLOCAÇÃO.

DEXTRINA. Substancia de natureza gommosa, debaixo da fôrma de pó branco-amarellado, que se obtem expondo o amido ou a fecula nos fornos a uma temperatura de 150° a 200°. A dextrina emprega-se nosapparelhos inamoviveis, no curativo das fracturas dos membros. Eis-aqui como se procede: — Deita-se n'uma bacia a quantidade sufficiente de dextrina que se quer empregar, e pulverizão-se os grumos que a humidade forma ás vezes n'esta substancia. Deita-se depois aguardente camphorada em quantidade sufficiente para formar massa espessa, que é preciso amassar até que a superficie principie a pegar-se aos dedos. Deitão-se depois pequenas quantidades d'agua, que se incorporão successivamente amassando de novo; pouco a pouco ajunta-se assim bastande agua para ter um liquido da consistencia do mel de abelhas. As proporções que o Dr. Velpeau indica como as melhores são: dextrina 100 partes, aguardente camphorada 60 partes, agua 50 partes. Para uma fractura de côxa são precisas 500 grammas (16 onças) de dextrina; para a perna 300 grammas (10 onças), para o braço 6 onças, assim como para o antebraço.

Applicando o apparelho cumpre: 1°, molhar levemente as ataduras n'esta mistura; 2°, applicar com precaução as ataduras, e cobrir o apparelho com o restante da mistura; 3°, suspender o membro sobre duas ou tres ataduras untadas de ceroto, para não se pegarem ao apparelho que em pouco tempo ficará secco.

DIABETES, GLYCOSURIA OU OURINAS DOCES. Molestia caracte-

rizada pela excreção abundante de urina contendo materia saccharina crystallizavel, analoga ao assucar de fecula, acompanhada de augmento notavel de appetite, de sede inextinguivel, e de emmagrecimento progressivo. Não se deve confundir esta molestia com o fluxo abundante da urina, *não doce*, chamado *polyuria*; n'esta ultima molestia a urina não tem a mesma composição que no diabetes; tratarei d'ella no artigo FLUXO DE OURINA.

Causas. O diabetes é muito mais commum nos paizes humidos e frios do que nas outras regiões. Attribute-se esta molestia ao uso das bebidas aqueas, como a cerveja, a cidra; ao abuso dos licores alcoolicos, dos medicamentos diureticos, aos excessos venereos, á suppressão subita de uma empigem ou da transpiração cutanea, e á equitação prolongada. Mas a causa essencial d'esta singular affecção não é conhecida; não se sabe se se deve accusar uma lesão especial dos rins, uma especie de decomposição do sangue, uma molestia do estomago ou uma alteração mais ou menos geral da economia. Todas estas opiniões tem sido discutidas sem se acharem plenamente elucidadas.

Symptomas. O diabetes principia quasi sempre de uma maneira escura. Os doentes, depois de experimentarem durante mais ou menos tempo alguns incommodos na saude, diminuição da gordura e das forças, saliva espessa e augmento de sede, descobrem mudança notavel na secreção urinaria. Esta augmenta, com effeito; progressivamente em quantidade, a tal ponto que certos doentes vertem até 150 e mesmo 200 libras de urina em vinte e quatro horas; o maior numero deitão 10 a 16 libras por dia. Entretanto esta superabundancia de urina não é um phenomeno absoluto. Em alguns casos, raros com effeito, vêem-se diabeticos nos quaes a urina não é mais abundante do que no estado de saude. Se então ella contém muito assucar, póde ter o aspecto de um xarope algum tanto ralo.

A quantidade de urina excretada está quasi sempre em relação com a das bebidas ingeridas em vinte e quatro horas; citárão-se entretanto alguns casos nos quaes a proporção de urina vertida n'um tempo dado estava para a quantidade de bebidas tomadas no mesmo espaço como 5 a 1; mas estes factos são excepçionaes. Qualquer que seja a quantidade de urina excretada, este liquido tem propriedades physicas e chemicas notaveis. É menos corado que a urina normal; seu cheiro é quasi nullo, ou semelhante ao do soro de leite; conservada; não exhala ou apenas exhala um cheiro ammoniacal no fim de algumas horas; espuma pela agitação; o seu sabor é adocicado; o seu peso específico é consideravel: varia entre 1,020 e 1,074 na temperatura de 12 grãos centigrados.

No estado normal a ourina é de sabor salino e amargo; pesa de 1,005 a 1,030, sendo o peso d'agua representado por 1.

O assucar extrahido da ourina dos diabeticos é semelhante ao assucar de fêcula, e acha-se em maior ou menor abundancia. A analyse descobrio em algumas ourinas um setimo do seu peso : as mais das vezes contém um trigesimo.

Quasi todos os diabeticos tem appetite irregular, voraz; gostão do assucar, do pão e de outros alimentos feculentos. A sêde é ainda mais energica do que a fome : é um dos primeiros symptomas que fixa a attenção do doente e do medico. Apesar da grande voracidade, quasi todos os doentes digerem facilmente as quantidades, ás vezes enormes, de alimentos que devorão : todavia alguns individuos, sobretudo no periodo adiantado da molestia, tem digestões laboriosas e azias; tem prisão de ventre ou diarrhea, e, ás vezes, vomitos. Tambem n'estes casos excepcionaes, a lingua cobre-se de uma camada branca, as gengivas tornão-se molles e sangrentas, o halito exhala um cheiro acido penetrante. No meio d'estes symptomas, o pulso não é frequente; mas a pelle é secca, e a transpiração quasi nulla. As forças e a gordura diminuem; os doentes cahem na tristeza e no abatimento; sua vista enfraquece; alguns são affectados de gota serena; muitos d'elles perdem prematuramente toda a energia viril; seus dentes cahem sem que o seu tecido tenha sido alterado.

As mais das vezes a molestia continua durante um ou muitos annos; pôde mesmo existir excepcionalmente vinte ou vinte e cinco annos, sem perturbar notavelmente as funcções, conservando os individuos quasi a gordura natural e todas as suas forças. Mas esta feliz excepção não pôde destruir a regra geral : mais cedo ou mais tarde a constituição enfraquece-se, e os doentes cahem n'um abatimento profundo.

A presença do assucar na ourina constitue o signal caracteristico do diabetes; porém muitas vezes é difficil conhecer a molestia no seu começo. Póde-se suspeitar a existencia do diabetes pela existencia, sobre a camisa ou sobre os vestidos que estão em contacto com a ourina, de *nodoas* esbranquiçadas, a principio viscosas, e dando consistencia á roupa depois de seccas. Estas *nodoas* resultão de um deposito de assucar. Ás vezes encontrão-se nos vestidos verdadeiros *crystaes*.

O medico deve sempre examinar attentamente as ourinas de todo o doente que perde o seu vigor sem apresentar uma causa sufficiente, e que se queixa de ter muita sêde.

Uma pessoa que bebe muito, que se fatiga facilmente, que ourina em abundancia, e cuja vista se enfraquece ao ponto de

não permittir a leitura sem oculos, tem diabetes e póde ter nos olhos as alterações da amaurose diabetica.

Não se devem considerar como diabeticas todas as pessoas que tem passagciramente assucar na ourina, depois da fadiga violenta, no estado de gestação ou de digestão, porque este diabetes intermittente não tem graves consequencias : o verdadeiro diabetes é aquelle que, sendo contínuo, produz enfraquecimento.

Existem diversos modos de verificar a presença do assucar nas urinas. Póde-se evaporar o liquido na temperatura de 30 grãos centigrados; expõe-se depois em lugar secco á evaporação espontanea; n'esta operação depõem-se crystaes, mais ou menos rapidamente, segundo a quantidade maior ou menor de assucar.

Um outro meio, mais expedito, é o seguinte : Mette-se na ourina, contida n'um tubo de vidro, um pedaço de potassa caustica, e aquece-se na chamma de uma alampada de alcool. Logo que o liquido diabetico entra em ebullição, toma a côr roxa-avermelhada, que não apresenta alguma das outras ourinas submettidas á mesma experiencia. Esta côr é muito visível, e está em relação com a quantidade de assucar contida na ourina. Este modo é simples, e infallivel. A côr roxa explica-se pela destruição do assucar, que d'esta maneira fica reduzido a caramelo.

Tratamento. No tratamento dos diabeticos cumpre : 1º Excluir da alimentação, tanto quanto fôr possível, as substancias que contém fecula, taes como feijões, batatas, pão; 2º fazer uso de alimentos oppostos por sua natureza aos precedentes, taes como as carnes de todas as especies, ovos, peixe, queijo, hortaliças, almeirão, alface, azedas, espargos, alcachofras, couve, espinafre, diversas saladas, fructas acidas; 3º comer pão preparado com gluten; caldo de carne de vacca com gluten em grãos; 4º usar do vinho, das bebidas espirituosas; do chá e café, mas com mui pequena quantidade de assucar; 5º abster-se do leite, mas usar dos queijos de todas as especies; 6º abster-se da cerveja, passas, pastelarias, doces.

Entre os medicamentos empregados contra o diabetes; os mais convenientes são o bicarbonato de soda e a magnesia calcinada.

Eis-aqui a receita :

Bicarbonato de soda. 60 grammas (2 onças).

Divida em 30 papeis. Para tomar tres papeis por dia, n'uma chicara d'agua fria; um papel pela manhã, outro ao meio dia, e o terceiro á noite.

O doente deve observar cada dia suas ourinas, fazendo ferve-las com a potassa, como acima ficou dito, para ver se a quantidade de assucar, que ellas contém, diminuiu.

Se ao cabo de vinte dias d'este tratamento não houver melhoras, recorra-se á magnesia calcinada, segundo esta receita :

Magnesia calcinada.	30 grammas (4 onça)
Agua simples.	270 grammas (9 onças).

Triture a magnesia com a agua, ferva, mexendo continuamente com uma colher de prata, e cõe por panno. *Dóse* : uma colher de sopa, pela manhã.

O exercício é um complemento util d'este tratamento; assim como os banhos frios de rio ou do mar. A hydrotherapia aproveita tambem contra esta molestia. Direi o mesmo das fricções pelo corpo com baeta secca, ou embebida d'agua de Colonia.

As aguas alcalinas são de incontestavel utilidade contra o diabetes; as de Vichy e as de Carlsbad tem curado muitos doentes affectados d'esta molestia; as aguas de Vidago, em Portugal, cuja composição é semelhante ás de Vichy, podem preencher a mesma indicação.

DIACHYLÃO. Dá-se este nome a um emplasto composto de lithargyrio (oxydo de chumbo), banha de porco e azeite doce : este é o *diachylão simples*. Chama-se *diachylão gommado* um emplasto composto de lithargyrio, banha de porco, azeite, cera amarella, pez branco, terebinthina, gomma ammoniaco, bdellio, sagapeno e galbano. Estes emplastos são considerados como *fundentes* : são tambem *maturativos* nos abcessos mui circumscriptos, como na affecção chamada *fruncho*. O emplasto diachylão estendido sobre panno de linho ou de algodão, forma o que se chama *emplasto adhesivo* ou *sparadrapo*; o qual cortado em tiras, é agglutinativo, e serve para reunir os labios das feridas. Este emplasto aplaca tambem por seu contacto as dôres occasionadas pelos calos nos pés.

DIACODIO. *Veja-se* OPIO.

DIAGNOSTICO. Parte da medicina que tem por objecto a distincção das molestias, o conhecimento dos signaes que são proprios a cada uma d'ellas.

DIAMANTE. Substancia mineral, celebre por sua dureza, pelo seu brilho, e por ser inalteravel. Segundo a analyse chimica, o diamante não é outra cousa senão carvão ou carbone crystallizado. É o mais duro dos corpos conhecidos; risca todos sem ser riscado por nenhum d'elles. Este caracter, junto á sua transparencia, ao seu brilho e á sua densidade, que é de 3,5, basta para distingui-lo de todas as outras pedras preciosas. Não ha liquido que o dissolva; não é volátil, nem fusivel. É ordinariamente sem côr, mas é ás vezes um tanto corado de amarello, verde ou cinzento; quando estas colorações não são mui fortes desaparecem pela lapidação, sobretudo nos diamantes de pequena dimensão. A

côr azul é mui rara. Conhece-se um diamante azul de 4 1/2 quilates (922 milligrammas), que pertence ao Sr. Hope, banqueiro hollandez; está avaliado em mais de 600,000 francos. Emfim, ha diamantes pretos, que parecem ser mais duros do que os outros; são formados de pequenos crystaes, grupados de uma maneira irregular; são mui difficeis de lapidar.

O diamante acha-se em grãos irregularmente arredondados, ou em crystaes tendo a fórma do cubo, do octaedro regular ou do decaedro rhomboidal, nos terrenos de alluvião, ou nas areias. Os primeiros forão achados nas Indias orientaes nos reinos de Visapor e de Golconda; mas actualmente vem quasi exclusivamente do Brasil, que fornece annualmente ao commercio 5 a 6 kilogrammas, peso que a lapidação reduz a 160 ou 180 grammas. No anno de 1850, achou-se diamante na Siberia, nas areias do rio Oural, que apresentam grande analogia com as que se explorão nas Indias e no Brasil. No Brasil encontrão-se diamantes no norte da Provincia de Minas, estendendo-se a formação de um lado para a Bahia, e do outro para Goyaz até Matto-Grosso. Tambem forão achados na Provincia do Paraná onde existem rochas formadas de grãos quartzosos, pouco agglomerados entre si, chamadas acolumiticas, e em cujo detrito se achão diamantes. O diamante ainda não foi encontrado no lugar em que se forma, no meio de sua ganga natural.

No meio de um ajuntamento de cascalhos rolados, o diamante conserva, por causa de sua dureza, a fórma quasi crystallina; sómente os angulos são um tanto arredondados. Para extrahir o diamante d'estas areias, lavão-se em agua; as particulas mais tenues são arrastadas, e fica só um cascalho diamantino, d'onde se escolhem os diamantes com a mão. Os diamantes brutos, assim obtidos, são entregues ao commercio para serem submettidos á lapidação, operação que se faz por meio do pó de diamante applicado na superficie de uma lamina de aço; gasta-se d'esta maneira pouco a pouco o diamante, e fazem-se-lhe na superficie as facetas destinadas a produzir um brilho extraordinario.

Pela lapidação o diamante perde geralmente a metade do seu peso, mas seu valor augmenta muito. Este valor não está em proporção com o peso; porém augmenta consideravelmente nos diamantes de grande volume, por serem estes mui raros. Os diamantes brutos de peso abaixo de 1 quilate (205 milligrammas ou 4 grãos) valem em Pariz, em lotes, 80 a 100 francos o quilaté; lapidados valem de 200 a 250 francos.

Mas logo que attingem 1 quilate, os diamantes lapidados augmentão muito de valor.

Um diamante lapidado de 4 quilate	vale de	350 a	450 francos;
— — de 2 quilates		1,500 a	1,800 francos;
— — de 3 quilates		3,000 a	3,500 francos;
— — de 8 quilates		15,000 a	20,000 francos.

Acima d'este peso, os diamantes tornão-se raros, e só se conhecem os diamantes de alguns príncipes, que passam de 100 quilates. O famoso diamante o *Sancy*, de 33 quilates (6 grammas 76 centigrammas), que, em último lugar pertencia á familia Demidoff, foi comprado em 1874, por um ourives de Londres, por 500,000 francos.

De vinte annos a esta parte os preços dos diamantes tem augmentado consideravelmente.

Lavra-se hoje o diamante de duas maneiras : em *rosa*, que não se applica senão aos diamantes pouco espessos, e em *brilhante*, que é a fôrma mais estimada. Na fôrma de *rosa*, a parte apparente da pedra, é uma pyramide com facetas triangulares, emquanto que o outro lado é perfeitamente chato e escondido pelo engaste. A lapidação em *brilhante* augmenta o poder refractivo do diamante. O lado superior da pedra apresenta uma face que se chama *mesa* ou *tabla*, que se cerca de facetas triangulares e em losanja. A outra parte offerece a fôrma de uma pyramide guarnecida igualmente de facetas, e troncada por outra pequena mesa. O diamante em brilhante engasta-se de modo que appareça quasi inteiro. O preço do diamante varia tambem conforme o genero da lapidação.

Os principaes diamantes são :

O diamante do Raja de Matau, na ilha de Borneo, que pesa mais de 300 quilates (61 1/2 grammas), e que, segundo o que dizem, é mui bello.

O *nizam*, que possui o rei de Golconda; é bruto e pesa 340 quilates. É avaliado em 5 milhões de francos.

O diamante que pertencia ao Imperador do Mogol, ou o *Grão-Mogol*; pesa 279 quilates, ou 57 grammas e 195 milligrammas (quasi 2 onças); tem o tamanho de um ovo de gallinha cortado pelo meio. Hoje pertence ao Soberano da Russia.

A fig. 210 representa este diamante de tamanho natural. Os outros diamantes estão delineados igualmente ao natural.

O *Orlow*, diamante do Imperador da Russia. Fig. 211. Pesa 193 quilates, ou 39 gram. 565 milligram. (mais de 11 oitavas); tem o tamanho de um meio-ovo de pomba, está lapidado de facetas, e serve de ornamento ao sceptro. Este diamante, que formava o olho de um idolo no templo de Bramah, foi tomado por um soldado francez em guarnição nas possessões francezas da

India, que o vendeo por 50,000 francos. De mão em mão, chegou á Imperatriz Catharina II, que o comprou por 2,250,000 francos e uma pensão vitalicia de 100,000 francos.

O *grão duque de Toscana* (fig. 212) que orna a corôa de Austria; pesa 139 quilates e meio, ou 28 grammas 597 milligrammas (quasi 1 onça). É amarello e de bella fôrma. O ultimo duque de Borgonha, a quem pertencia, perdeo-o na batalha de Morat, onde tambem o mesmo duque perdeo a vida.

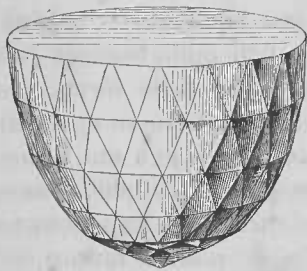


Fig. 210. — Grão-Mogol, 279 quilates.
(57g,495 ou quasi 2 onças.)

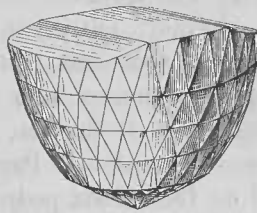


Fig. 211. — Orlow, 193 quilates.
(39g,565 ou mais de 11 oitavas.)

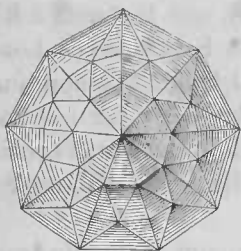


Fig. 212. — Grão-Duque de Toscana,
139 1/2 quilates.
(28g,397 ou quasi 1 onça.)

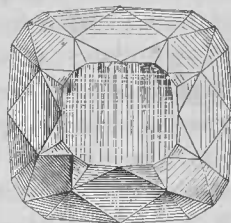


Fig. 213. — Regente, 136 quilates.
(27g,880, ou perto de 1 onça.)

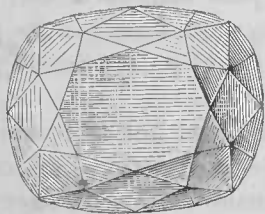


Fig. 214. — Estrella do Sul, 125 quilates.
(25g,625 ou mais de 7 oitavas.)

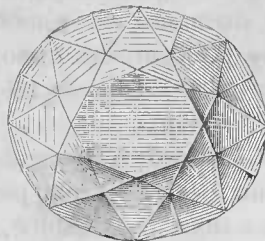


Fig. 215. — Koh-i-Noor, 123 quilates.
(25g,215 ou um pouco mais
de 7 oitavas.)

O *Regente*, diamante dos Soberanos de França. Fig. 213. Foi achado a 45 legoas ao sul de Golconda. Quando bruto, pesava 410 quilates, mas a lapidação, que exigio dois annos de trabalho,

o reduziu a 136 quilates, ou 27 grammas 880 milligrammas (perto de 1 onça). É lavrado em brilhante, e muito puro. Foi comprado em bruto por 312,500 francos. Despendeo-se 125,000 francos para a sua lapidação. Em 1717, o duque de Orleans, então Regente durante a minoridade de Luiz XV, comprou-o por 3,375,000 francos. Hoje avalia-se em 8 milhões de francos. Esteve na Exposição universal de 1855.

A *Estrella do Sul* (fig. 214) diamante achado no Brasil, na provincia de Minas Geraes, em 1853; pesava bruto 254 quilates, ou 52 grammas e 70 milligrammas, mas a lapidação o reduziu a cerca de 125 quilates, ou 25 grammas 625 milligrammas (mais de 7 oitavas); entretanto por seu peso, sua bella fórma e sua perfeita transparencia, esta pedra acha-se no numero dos quatro ou cinco diamantes mais preciosos. Pertence hoje a um Principe indiano, Raja de Baroda, que o comprou por 2,850,000 francos. Todos os visitantes de Pariz pudérão admira-lo na Exposição universal de 1855. Esta pedra muda de côr, de rosea á branca, conforme a sua exposição á luz, o que a torna notavel entre os diamantes.

O *Koh-i-noor* ou o *monte de luz* (fig. 215), que pertence á Rainha de Inglaterra, e que figurou em 1851, na Exposição de Londres, pesava 186 quilates; mas estava então mal lapidado e apresentava, com excepção de algumas facetas, pouco brilho; e por isso julgou-se necessario tornar a lapida-lo; seu peso diminuiu então consideravelmente, e hoje é só de 123 quilates, ou 25 grammas 215 milligram. (um pouco mais de 7 oitavas).

S. M. o Rei de Portugal possue, dizem, um diamante bruto de grande valor, que foi achado no Brasil.

Os diamantes de S. M. o Imperador do Brasil, que oruão a corôa e a espada imperial, são notaveis pelo brilho.

O diamante não sómente é uma das joias mais preciosas, mas serve tambem, em razão de sua dureza, para fazer quicios para as peças delicadas de relojoaria, para polir as pedras finas e para cortar o vidro.

O diamante é frequentemente substituido por imitações mais ou menos perfeitas, que podem enganar os olhos até certo ponto. Mas a densidade, isto é, o peso do diamante, é um caracter que não se pôde reproduzir, pois que os diamantes imitados pesão mui pouco.

A imitação a mais perfeita é produzida por uma sorte de crystal, chamado *strass*: é um vidro que contém oxydo de chumbo e em cuja composição entrão substancias de uma pureza chimica absoluta; o *strass* preparado com cuidado, e convenientemente

talhado, produz pela acção da luz um brilho que se aproxima do diamante.

Quando se comprão diamantes, devem escolher-se os que são mais transparentes, sem nenhuma côr, sem nodoa nem risco.

Modo de limpar os diamantes e outras pedras preciosas. Lavem-se com agua e sabão, e passe-se por cima um panno de linho fino; fação-se seccar dentro da serradura de madeira; e enxuguem-se com uma pellica macia. Podem tambem limpar-se com uma escova muito macia e giz.

DIAPHORETICOS. *Veja-se SUDORIFICOS.*

DIARRHEA OU CURSOS. Molestia cujo symptoma principal é a frequencia e a fluidez das dejecções alvinas. Apresenta-se debaixo de duas fórmãs diversas : é leve ou intensa.

Causas. A diarrhea é frequentemente produzida por causas que actuão directamente sobre o canal intestinal, taes como os excessos na comida, o uso de alimentos e de bebidas nocivas por sua qualidade, de substancias gordas, de fructas verdes, de licores alcoolicos. Ha pessoas dotadas de uma susceptibilidade especial do estomago, nas quaes a diarrhea é produzida constantemente por certos alimentos, taes como a carne de porco e alguns legumes. O leite simples, ou café com leite, produz muitas vezes este effeito. Nas crianças que mamão, é frequentemente ocasionada pelas qualidades do leite da ama, pelo uso prematuro de alimentos demasiado fortes, e pela dentição. As outras causas são a impressão do frio humido em todo o corpo, e principalmente nos pés, as bebidas frias imprudentemente tomadas quando se está suado, as emoções vivas, o desaparecimento subito de uma empigem. O abuso dos purgantes é ainda uma de suas causas frequentes. Emfim, a diarrhea sobrevem tambem sem causa conhecida.

Symptomas. Na diarrhea leve as evacuações são pouco frequentes; repetem-se cinco ou seis vezes por dia sómente : as materias são amarellas, escuras e meio liquidas; dôres obscuras e borborygmos precedem cada uma das evacuações; a fraqueza é a sua consequencia, raras vezes é acompanhada da perda do appetite.

Na diarrhea intensa as evacuações são numerosas e podem chegar a quinze, vinte e mais vezes em 24 horas; são muito mais liquidas e frequentemente involuntarias; as dôres que as precedem são mais intensas, e ás vezes tão activas que produzem suores frios, desmaios e uma desfiguração rapida do rosto. As materias excretadas produzem em alguns casos uma dôr pungente no anus. A natureza das evacuações é variavel : a principio o liquido é espesso e amarello, misturado com mucosidades; ao depois consiste em uma mistura de serosidade e de bilis verde, tornada

espumosa por causa da presença de alguns gases. O cheiro também varia. Em poucos dias, e ás vezes em 24 horas, o enfraquecimento é consideravel, e o doente emmagrece com rapidez.

Duração e prognostico. Esta molestia póde existir por muitos annos sem causar a morte, como também póde conduzir a este termo fatal em alguns dias; estes casos não são os mais ordinarios, pois é mui raro que a diarrhea comprometta a vida dos doentes. Em geral, o prognostico d'esta molestia é pouco grave, e a arte consegue quasi sempre cura-la. Entretanto, na idade avançada e na infancia é mais perigosa do que nas outras épocas da vida. As evacuações aqueas e a diminuição rapida da gordura e das forças são sobretudo signaes sinistros. Nas mulheres gravidas póde occasionar o aborto.

Tratamento. O tratamento da diarrhea varia conforme o gráo de intensidade da molestia. Na diarrhea leve, basta diminuir a quantidade ordinaria dos alimentos e determinar a escolha d'elles. Sopas de carne fresca, ovos, frango, gallinha e carneiro assado, peixes, geleas animaes e vegetaes e bom pão, devem compôr o regimen. Ajuntão-se-lhes bebidas mucilaginosas e levemente adstringentes, taes como agua de arroz, de cevada, decocção branca de Sydenham, dissolução de gomma arabica, edulcoradas, no principio da molestia, com xarope de gomma, e depois com xarope de marmelo. Também allivia o emprego de clysteres com decocção de linhaça.

Quando a diarrhea é intensa, o tratamento deve ser mais activo. O doente abster-se-ha inteiramente de alimentos solidos. Deve não sahir do quarto e mesmo ficar de cama. As bebidas são as mesmas que na diarrhea leve; mas tomar-se-hão mornas, sobretudo quando a sêde não fôr muito intensa. Os banhos mornos de assento são mui vantajosos. Devem-se dar duas vezes por dia clysteres de linhaça, e cumpre também ter o ventre continuamente coberto de cataplasmas de linhaça. Quatro ou cinco dias depois, se a diarrhea persistir, empregar-se-hão, em lugar dos clysteres de cozimento de linhaça, os *clysteres de polvilho*, que se preparão da maneira seguinte :

Polvilho. 15 grammas (4 oitavas)

Agua fria 90 grammas (3 onças).

Dilua, e ajunte pouco a pouco, e mexendo :

Agua quente 150 grammas (5 onças).

Se a diarrhea continuar, empreguem-se os clysteres de polvilho opiados, que se preparão ajuntando ao clyster de polvilho 20 gottas de laudano de Sydenham. Dão-se dois clysteres d'estes por dia, e o doente deve conserva-los o mais tempo possivel.

As claras de ovo constituem tambem um bom medicamento contra a diarrhea. Para este fim bebe-se uma clara de ovo batida em meia chicara de agua morna com assucar, e repete-se esta bebida quatro ou cinco vezes no dia. Ao mesmo tempo administram-se dois clysteres diarios, cada um com uma chicara d'agua morna e duas claras de ovo.

Se a diarrhea não ceder a estes meios, administre-se um vomitorio de ipecacuanha, cuja receita é a seguinte :

Ipecacuanha em pó. 1 gramma (20 grãos).

Tomem-se estes pós em meia chicara d'agua tepida.

Um purgante de sal d'Epsom, ou de sal de Glauber, na dose de 60 grammas (2 onças) de sal, n'um copo d'agua morna, tem curado diarrheas que se mostrarão rebeldes a outros meios.

N'este ultimo caso, o cato, a quina, a simaruba, a bistorta, a ratanhia, a cascarilha, a canella, a triaga e o diascordio contão numerosas vantagens. Eis-aqui as differentes receitas d'estas substancias, e a maneira de sua administração :

1 ^a Cato em pó	4 grammas (1 oitava)
Cascarilha em pó	4 grammas (1 oitava)
Canella em pó.	4 grammas (1 oitava)
Gomma arabica em pó.	4 grammas (1 oitava).

Misture e divida em 12 papeis.

Toma-se um papel tres vezes por dia, em uma colher d'agua com assucar.

2 ^a Cato	15 grammas (4 oitavas)
Canella	4 grammas (1 oitava)
Agua fervendo	375 grammas (12 onças).

Infunda por espaço de meia hora, cõe, e junte :

Gomma arabica	8 grammas (2 oitavas)
Assucar :	30 grammas (1 onça).

Misture. Tomem-se duas colheres *de sopa* de hora em hora.

3 ^a Extracto de quina	2 grammas (1/2 oitava)
Tintura de canella.	2 grammas (1/2 oitava)
Xarope de marmelo.	15 grammas (4 oitavas)
Infusão de rosas rubras.	180 grammas (6 onças).

Misture. Toma-se uma colher *de sopa* de hora em hora.

4 ^a Cato.	15 centigram. (3 grãos)
Opio.	1 centigram. (1/5 de grão).

Faça 1 pilula, e como esta mais 19. Toma-se 1 pilula, quatro vezes por dia.

5 ^a Casca de simaruba.	8 grammas (2 oitavas)
Agua fria.	500 grammas (16 onças).

Macere por 4 horas, e ajunte :

Assucar	15 grammas (4 oitavas).
Este macerato toma-se frio em tres vezes por dia.	
6ª Raiz de bistorta.	30 grammas (1 onça)
Agua fervendo.	375 grammas (12 onças).
Infunda, cõe, e ajunte :	
Assucar	30 grammas (1 onça).
Este infuso toma-se frio, em quatro dósés por dia.	
7ª Extracto de ratanhia..	4 grammas (1 oitava)
Agua distillada de rosas..	125 grammas (4 onças).
Misture. Toma-se uma colher <i>de sopa</i> de hora em hora.	

8ª *Clyster com triaga.*

Triaga ..	8 grammas (2 oitavas)
Agua morna..	180 grammas (6 onças).
Dissolva.	

9ª *Clyster de diascordio.*

Diascordio .	8 grammas (2 oitavas)
Agua morna	180 grammas (6 onças).
Dissolva.	

Toma-se este ou outro clyster uma vez por dia.

Qualquer que seja o medicamento que se escolha d'este numero, é preciso que o doente continue a usar d'elle ao menos por 2 ou 3 dias antes de ensaiar outro. Os vinhos da Madeira e do Porto, tomados em pequena quantidade, convem tambem nas diarrheas chronicas. Mas, se acontecer que a medicação adstringente exaspere os symptomas em vez de melhora-los, convem voltar aos medicamentos emollientes.

Os doentes devem observar muito asseio : as vasilhas com evacuações alvinas devem estar afastadas dos seus quartos; cumpre desinfecar estas materias, deitando nas vasilhas um pouco de sulfato de ferro; e deve-se espalhar nos mesmos quartos agua de Labarraque, tres ou quatro vezes por dia.

A diarrhca das crianças depende, como já disse, ou da má qualidade do leite da ama, ou da desmamação precipitada; póde provir da dentição, ou finalmente apparecer sem causa apreciavel. No primeiro caso, convem mudar de ama; no segundo, amamentar de novo a criança, e não alimenta-la senão gradualmente. Nos outros casos, é preciso combater a molestia com bebidas gommosas e mucilaginosas, taes como a decocção de arroz, de cevada, de althéa e de linhaça; com clysteres de polvilho, ou com clysteres d'agua morna com clara de ovo. Se a diarrhca se prolongar e passar ao estado chronico, cumpre administrar algumas colheres por dia de xarope de quina ou de marmelo, e empregar

banhos de plantas aromaticas, taes como alfazema, alecrim, hortelã, etc.

Eis-aqui as receitas :

1^a Xarope de marmelo. 60 grammas (2 onças).
Para dar uma colher *de chá*, 4 vezes por dia.

2^a Xarope de quina .. 60 grammas (2 onças).

Uma colher *de chá*, 3 vezes ao dia.

DIASCORDIO. Electuario composto de folhas de escordio, rosas rubras, raizes de bistorta, genciana e tormentilla, sementes de berberis, cassia lignea, canella, dictamo de Creta, estoraque, galbano, gomma arabica, gengibre, pimenta, extracto de opio, mel rosado e vinho de Hespanha. Este extracto, de sabor e cheiro desagradaveis, emprega-se como adstringente e narcotico, nas diarrheas. 1 gramma (20 grãos) contém cerca de 6 milligrammas (1/8 de grão) de extracto de opio. *Dóse* : 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) em bolos; ou diluido em agua em clysteres.

DIASTASE. Substancia branca, pulverulenta, soluvel na agua, insoluel no alcool, que se extrahe do trigo, centeio, aveia, cevada, batatas germinadas. Emprega-se no fastio e nas digestões difficeis, na dóse de 1 gramma (20 grãos).

DIATHESE. Disposição particular de certos individuos para serem affectados de tal ou tal doença; modo de estar em virtude do qual uma doença, que só occupava um tecido, apparece em outros órgãos, sem produzir-se a causa que primitivamente a occasionou. Diz-se *diathese scorbutica*, *diathese escrophulosa*, *diathese cancerosa*, etc.

DIETA. A dieta, no sentido mais extenso, designa a maneira regrada de viver; isto é, o emprego bem ordenado e cauteloso de tudo quanto é necessario para conservar a vida; quer esta seja boa, quer enferma. Entretanto, esta palavra, tomada fóra de sua accepção primitiva, é frequentemente empregada como synonymo de *abstinencia*, e significa então privação de alimentos imposta a um doente. Chama-se tambem *dieta* o uso habitual de certas substancias alimenticias. Tratarei aqui da dieta debaixo d'este ultimo ponto de vista; e como no artigo ALIMENTOS já fallei da dieta no estado de saude, só me occuparei n'este lugar da alimentação dos doentes.

Da dieta nas molestias agudas. A dieta é um dos pontos do tratamento das molestias que tem fixado a attenção dos medicos desde os tempos mais remotos, e quasi todos a tem como objecto de grande importancia. A mesma natureza parece indicar a abstinencia nas molestias agudas, pois que estas são acompanhadas sempre de perda de appetite. Quando taes doentes pedem alimentos,

deve suppôr-se que semelhante reclamação é sempre consequencia das ideias falsas de que estão possuidos, ou devida á força do costume. E por isso raras vezes os doentes comem o que pedem, e, se comem, é com repugnancia e fastio.

Privando a economia das substancias alimentarias, vê-se a maior parte das funcções experimentarem grandes mudanças; a circulação faz-se mais lentamente, a susceptibilidade nervosa, o sangue, sobretudo, torna-se menos excitante, a absorpção executa-se com actividade. Todas estas circumstancias são mui favoraveis á cura das molestias agudas. E por isso, a abstinencia mais ou menos completa das substancias nutritivas, é um dos mais poderosos meios que a medicina pôde empregar contra estas affecções. Em grande numero de casos, pôde só por si, e sem o soccorro de nenhum medicamento, produzir a resolução da molestia. Isto só parece difficil de crer ás pessoas estranhas á arte medica. A fraqueza dos doentes é a primeira cousa que fixa a sua attenção, e constitue para elles toda a molestia. Entretanto, mil exemplos provão o contrario: no pleuriz, por exemplo, um individuo pôde ter-se em pé depois de vinte dias de dieta e de muitas evacuações sanguineas, não podendo entretanto faze-lo por alguns minutos, quando a molestia estava no seu terceiro ou quarto dia. A dicta, por conseguinte, favorecendo o desaparecimento da molestia, reconduzindo as funcções ao seu estado de integridade, augmenta as forças em vez de destrui-las. Convença-se bem o leitor de que o regimen é um dos melhores meios para evitar as consequencias funestas das molestias, ou ao menos para diminuir a sua gravidade.

O regimen deve ser mui severo no principio das molestias febris; e durante o seu desenvolvimento a abstinencia deve ser completa.

O emprego das bebidas emollientes constitue tambem um ponto importante no tratamento das molestias agudas. Estas bebidas, levadas á torrente da circulação, diluem o sangue e tornão-n'ò menos irritante; ao mesmo tempo acalmão dois symptomas muito incommodos das molestias febris, o calor e a sêde. É preciso dar a miudo estas bebidas, mas em pequenas porções. A escolha da bebida não tem tanta importancia como vulgarmente se pensa: essa escolha, mais ou menos indifferente, deve ser submettida, no maior numero de casos, aos desejos particulares e ao gosto dos doentes. Não convem impôr esta bebida com preferencia áquella, senão quando existir uma indicação especial. Por exemplo, nas affecções acompanhadas de tosse, os cozimentos acidos augmentarião este symptoma fatigante.

Quando cessar a febre e reaparecer o appetite, podem dar-se

alimentos; mas é preciso observar uma gradação na sua administração : principiar por alimentos mui leves, para chegar progressivamente aos mais nutritivos. A passagem repentina de uns a outros é sempre perigosa. Deve principiar-se por caldos, aos quaes depois se juntará tapioca, araruta ou qualquer outra fecula; ministrarse depois leite, ovos molles, legumes farinaceos, frango e peixe; a gallinha succederá ao frango, e pouco a pouco passar-se-ha ás carnes de carneiro, vacca, etc. Todos estes alimentos devem ser preparados da maneira mais simples possível. Permittir-se-ha com peixe e carne uma pequena porção de vinho misturado com igual porção d'agua. Preferir-se-hão sempre os vinhos velhos e generosos. Existe um preconceito que indica como necessario que os convalescentes comão pouco, porém muitas vezes por dia : este principio, exacto em alguns pontos, não o é quando applicado geralmente. A digestão, para fazer-se, exige um tempo que varia conforme a actividade dos orgãos; mas que nunca dura menos de algumas horas. Ora, se as comidas forem tão approximadas, que não se espere o fim da digestão da primeira para se proceder á segunda, não póde resultar de tal pratica senão desordem : os alimentos novos misturão-se com os que já tem experimentado uma elaboração mais ou menos completa; o estomago, continuamente em acção, fatiga-se, e então apparecem essas diarrheas dos convalescentes, que são ás vezes tão renitentes e que causão o desespero do medico. Tres a quatro comidas ligeiras, de quatro em quatro horas de intervallo, são mui sufficientes para conservar as forças; mais approximadas, serião nocivas.

Da dieta nas molestias chronicas. As affecções chronicas raras vezes exigem uma abstinencia completa. Na escolha do regimen deve preferir-se aquelle que, sustendo as forças do doente, não augmente os symptomas febris que se observão á noite. Em geral, n'este caso a dieta lactea ministra um precioso recurso; mas frequentemente os doentes enfastião-se d'ella. É preciso então buscar a alimentação no regimen feculento, nos peixes, na carne e nos legumes.

DIGESTÃO. A digestão é funcção por meio da qual os alimentos passão por diversas alterações, que tem por fim transforma-los em duas partes, uma das quaes é um succo reparador que renova o sangue em nossos orgãos; a outra, despida de todo o elemento reparador, é expulsa como inutil. No homem esta funcção é mui complicada, por causa das numerosas cavidades que os alimentos percorrem.

O mecanismo da digestão, no homem, tem lugar da maneira seguinte : os alimentos, introduzidos na bocca, são n'ella submet-

tidos á *mastigação* e á *insalivação*; levados depois ao pharynge pelos movimentos combinados da lingua e das paredes da bocca, são engulidos e passam ao esophago, que os conduz ao estomago. Hora e meia, pouco mais ou menos, depois da sua introdução n'este órgão, principião os alimentos a transformar-se em uma polpa cinzenta homogenea, chamada *chymo*, e são precisas commumente quatro ou cinco horas para que esta transformação se termine. Á medida que se vai effectuando, o *chymo* é lançado pelas contracções do estomago no duodeno, onde sua presença provoca um affluxo pancreatico. Elaborada por estes fluidos, pelos succos que se exhalão da superficie do duodeno e pela acção mesma d'este intestino, a massa *chymosa*, tendo ficado apta para dar o *chylo*, passa para os intestinos delgados, onde é despida, pelos vasos *chyliferos*, d'este principio eminentemente nutritivo, que passa na torrente da circulação. Este principio nutritivo, este *chylo*, é um liquido esbranquiçado e leitoso. Á medida que se afasta do duodeno e que fica privado do *chylo*, vai o *chymo* tomando côr mais escura e consistencia mais forte; modificado ainda pelas mucosidades intestinaes, chega ao intestino grosso, onde se endurece, se colora cada vez mais, e adquire cheiro fetido que não tinha até então; enfim chega ao intestino recto e sahe pelo anus. (*Veja-se*, no artigo BAÇO, vol. I, pag. 279, a figura que representa os differentes órgãos da digestão, e que esclarece a presente explicação.)

São precisas pouco mais ou menos vinte e quatro horas, nos adultos, para que os alimentos percorram todo o conducto intestinal, que tem cerca de trinta pés de comprimento; mas, se os excrementos são liquidos, passam então com maior rapidez.

Tudo o que acabei de dizer refere-se principalmente á digestão dos *solidos*, porque a dos *liquidos* effectua-se com muito menos trabalho, sobretudo quando contém poucas materias solidas em suspensão. Tem poucas modificações que experimentar para entrarem na torrente da circulação, e as bebidas aqueas são tão rapidamente absorvidas, que não chegam até ao intestino, e são mui promptamente evacuadas pelas *ourinas*, depois de ingeridas no estomago.

A experiencia tem demonstrado que a insalivação completa e a trituração exacta dos alimentos são condições necessarias para uma boa digestão. O costume de mastigar pouco os alimentos é em geral nocivo para o estomago; as pessoas idosas, privadas de dentes, fazem bem em comer com prudente lentidão; devem sobretudo nutrir-se com alimentos molles, mastiga-los por muito tempo, e antes chupar do que engulir os que são mui resistentes.

A duração da digestão estomacal, bem que mui variavel conforme as pessoas, a natureza e a quantidade dos alimentos ingeridos, as diversas condições de saúde ou de molestia, etc., etc., não dura menos de quatro ou cinco horas depois de uma comida ordinaria; é preciso, ao menos durante a primeira metade d'este tempo, preservar-se de todas as circumstancias que chamem as forças da vida para as outras partes do corpo, e não para o estomago, pois são nocivas á digestão. Estas circumstancias são : um banho quente ou frio, um escaldapés, um clyster, o andar precipitado, a equitação, a natação, as relações conjugaes, uma emoção moral mui viva. Tudo isto, logo depois da comida, póde embarçar a digestão. Pelo contrario, amaveis distracções, os encantos de uma conversação animada depois da comida, occupações que agradão sem captivarem mui fortemente a attenção, a satisfação da alma, tudo isto é favoravel á digestão.

O somno, bem que não impeça a digestão, diminue entretanto a actividade d'esta funcção : todos sabem que o somno, depois de comer, é seguido de uma especie de incommodo, e mesmo quando não parece nocivo, se se prolongar por algum tempo, afasta por outro tanto a volta do appetite. O complemento d'este artigo acha-se na palavra ALIMENTOS.

DIGESTÃO DIFFICIL.

Veja-se DYSPEPSIA.

DIGITAL, DIGITALIS OU DEDA-LEIRA. *Digitalis purpurea*, LINNCO. Escrophularineas. Fig. 216. Esta planta é mui commum nos lugares montanhosos da Europa temperada, cultiva-se nos jardins por causa da belleza de suas flores, que são de côr vermelha. A digital foi plantada no Rio de Janeiro, mas não produziu flores.

Em Portugal habita pelos tapumes, nos sitios um tanto humidos e sombrios; é frequente pelo norte do Reino. Tem caule pubescente, da altura de 2 pés, folhas grandes, ovaes, denteadas,



Fig. 216. — Digital.

verde-escuras por cima, esbranquiçadas, lanuginosas por baixo, flores purpúreas; cheiro das folhas um tanto viroso; sabor amargo, acre e desagradavel.

As folhas d'esta planta são de uso mui commum em medicina contra as hydropisias, palpitações do coração, asthma e affecções nervosas. Administrão-se em pó na dóse de 10 a 60 centigrammas (2 a 12 grãos), e progressivamente até 2 grammas (40 grãos) por dia; o seu extracto na dóse de 30 a 60 centigrammas (6 a 12 grãos) em pilulas. Em alta dóse, é um veneno narcotico-acre; occasiona nauseas, vomitos, evacuações alvinas, depois vertigens, dôres de cabeça, delirio, convulsões, e a morte. Para se remediarem estes accidentes, veja-se o artigo ENVENENAMENTO.

DIGITALINA. Principio activo da digital. Obtida pelo processo de Nativelle (*digitalina crystallizada*) apresenta-se sob a fórma de agulhas brancas, finas, reunidas á roda do mesmo eixo, pouco soluvel em agua, insolúvel no ether, mui soluvel no alcool, de sabor amargo intenso. A digitalina exerce acção especial sobre o coração, diminue de maneira notavel o numero de suas palpitações, acalma a suffocação, e é dotada de tal energia, que não é possível, sem perigo de vida, administra-la senão em dóses extremamente pequenas ($\frac{1}{50}$ a $\frac{1}{25}$ de grão), repetidas duas a tres vezes por dia, raras vezes mais. Os primeiros effeitos toxicos da digitalina são: perturbação da cabeça, sonhos fatigantes, hallucinações, depois vomitos. Neste periodo já se deve parar com a administração da digitalina, mas assim mesmo os vomitos continuão ás vezes por dois ou tres dias. A digitalina é um medicamento perigoso; não deve ser administrada aos doentes senão debaixo da inspecção do medico. Póde ser substituída pela digital, ou pelo extracto de digital que não tem tanta energia.

DILACERAÇÃO. Veja-se FERIDA.

DILATAÇÃO DO CORAÇÃO. É uma lesão que consiste no augmento de capacidade das cavidades do coração, com adelgaçamento de suas paredes. Alguns autores dão-lhe o nome de *aneurysma passiva do coração*. É uma molestia muito rara.

Symptomas. Os individuos affectados de dilatação das cavidades do coração experimentão difficuldade de respirar e palpitações; o pulso é molle; as pancadas do coração sentem-se em maior superficie do que no estado normal; mas são sem impulsão alguma, sem força e não consistem ás vezes senão em um simples frémito. Os ruidos do coração são mais claros, e imitão muitas vezes o som metallico. Emfim, a percussão do peito faz descobrir na região precordial uma falta de resonancia mais extensa, por causa do augmento do volume que o coração adquirio. Estes signaes são

acompanhados de inchação do rosto, de côr violacea dos beiços, de inchação dos pés, e, no periodo adiantado da molestia, de hydropsia do ventre.

Tratamento. O tratamento deve ter por fim augmentar a espessura das paredes adelgaçadas, fazer voltar o coração ao seu volume, ou pelo menos oppôr-se ao progresso da alteração. Os medicamentos que servem para este fim são as preparações ferruginosas e as plantas amargas. Eis-aqui as receitas d'estes medicamentos :

1^a Ferro reduzido. 15 grammas (1/2 onça).

Divida em 32 papeis, de que se tomão dois por dia, em um pouco d'agua com assucar.

2^a Tintura de Marte tartarizada. 30 grammas (1 onça).

Tomão-se 20 gottas d'esta tintura, duas vezes por dia, em um pouco d'agua com assucar.

3^a Páo de quassia raspado. 30 grammas (1 onça)

Vinho de Malaga 250 grammas (8 onças).

Macere por dois dias e filtre. *Dóse* : uma colher *de sopa* tres vezes por dia.

DILUENTES. Medicamentos a que se attribue a propriedade de tornar mais fluidos o sangue e os humores : taes são todas as bebidas aqueas usadas em abundancia, e principalmente as decoções brandas de arroz, de cevada, a infusão de linhaça, o soro de leite, as soluções de gomma arabica, etc. Os effeitos geraes dos diluentes são acalmar a sêde, o calor da pelle e a febre, facilitar as evacuações alvinas e augmentar as ourinas e a transpiração. Os diluentes são geralmente empregados no principio de todas as molestias febrís e durante grande parte de sua persistencia.

DIPHThERITE. *Veja-se* ANGINA MEMBRANOSA.

DISSOLUÇÃO. *Veja-se* SOLUÇÃO.

DISTILLAÇÃO. Designa-se debaixo d'este nome a operação que se faz n'um apparello chamado *alambique*, por meio da qual e mediante a producção de vapor pela ebullicão, se separa um liquido volatil das materias fixas não volateis, ou de um liquido cuja ebullicão se opera na temperatura differente do primeiro.

Os vapores vem condensar-se n'um vaso chamado *resfriador*, sob fórma de um liquido que vem depositar-se n'um vaso chamado *recipiente*. Nos laboratorios de chimica a distillação não se faz geralmente por meio do alambique, mas sim por meio da retorta. É mediante a distillação que se extrahе o alcool do vinho, a aguardente da canna de assucar, do arroz, das batatas, das

sementes cereaes; as essências das plantas odoríferas, etc. *Veja-se* ALAMBIQUE.

DIURETICOS. Nome que se dá aos medicamentos que tem a propriedade de augmentar a secreção das ourinas. O nitro, o acetato de potassa, entre as substancias mineraes; a digital, o espargo, a parietaria, a salsa hortense, a grama, o aipo, as bagas de zimbro, os sumos de limão, de laranja, e todas as bebidas acidulas, as sementes de linho, a abutua, a cainca, o sapé, o fedegoso, a herva tostão, a herva mate, entre as substancias vegetaes, gozão da reputação de diureticas. A mesma agua pura, sendo bebida fria, é essencialmente diuretica, e é a ella que se deve em parte a acção dos cozimentos preparados com as plantas que acabei de indicar. A cerveja, o vinho branco, o vinho do Rheno, de Champanha, tem tambem propriedades diureticas mui pronunciadas.

Os diureticos empregão-se principalmente nas hydropisias, na gota, nas areias e outras molestias das vias urinaes. Recorre-se tambem a elles com alguma vantagem nas inflammações leves do figado e do utero, e para fazer cessar a secreção do leite nas mulheres que não querem amamentar. Quando tratar no curso d'esta obra de cada uma das substancias diureticas que citei, indicarei então a sua dóse e a maneira da sua administração.

DOCE-AMARGA. *Veja-se* DULCAMARA.

DOM BERNARDO. *Veja-se* GRITADEIRA.

DÔR. Chama-se dôr toda a sensação afflictiva sentida em qualquer parte do corpo. A dôr entra como elemento necessario em quasi todos os estados morbidos. Constitue o caracter dominante da maior parte das molestias nervosas. É quasi inseparavel do estado inflammatorio, mas varia muito de intensidade. As *dôres syphiliticas* occupão particularmente os ossos, e manifestão-se sobretudo durante a noite, debaixo da influencia do calor da cama ou dos vestidos: o doente sente allivio estando o tempo frio. Tratei d'ellas no artigo *SYPHILIS*. Chamão-se *rheumatismas* e *nervosas*, as dôres que são ordinariamente intermitentes, que apparecem e cêssão subitamente, e que existem sem febre e sem mudança notavel da parte affectada.

Como as dôres não são mais que um symptoma, tratarei d'ellas fallando de cada uma das molestias ou de cada um dos órgãos em particular. Assim poderá o leitor procurar o tratamento de diversas dôres nos artigos especiaes. Aqui descrevo sómente as *dôres de cabeça* e as *de cadeiras*.

Dôr de anca. *Veja-se* COXALGIA.

Dôres articulares. *Veja-se* RHEUMATISMO.

Dôr de barriga. *Veja-se COLICA.*

Dôres de cabeça. Não tratarei n'este lugar da *enxaqueca*, que é de natureza nervosa, e á qual destino um artigo especial. Não ha cousa mais commum do que as dôres de cabeça symptomaticas de diversas affecções. São um symptoma essencial, digno de attenção, nas affecções agudas e chronicas de cerebro. São tambem occasionadas por qualquer affecção que vem acompanhada de febre. O defluxo produz frequentemente uma dôr na parte inferior da testa. Ás vezes, emfim, os soffrimentos da cabeça são o unico incidente que perturba a saude, e constitue por si só o incommodo e a molestia.

Occupemo-nos primeiramente das dôres idiopathicas; isto é d'aquellas cuja séde se deve presumir na cabeça; tratarei depois das que são sympathicas ou symptomaticas. Deve-se presumir que as dôres de cabeça são da primeira categoria, quando as causas obrão directamente sobre o cerebro. Taes são os trabalhos de espirito mui prolongados, vigalias teimosas, paixões violentas, insomnias ou um somno immoderado, o abuso de bebidas alcoholicas e narcoticas, a insolação, a inspiração de gazes deleterios, do vapor de carvão, por exemplo, e pancadas na cabeça. Todas estas causas, e algumas outras da mesma natureza, determinão no cerebro uma fadiga, uma congestão que se manifesta pelo embaraço, peso, dôres obtusas ou agudas da cabeça: ás vezes até resulta d'isto uma inflammção, um phrenesi; então a febre e o delirio ajuntão-se ás dôres de cabeça e aos outros symptomas, para annunciarem uma molestia grave. A apoplexia, a epilepsia, a catalepsia, são tambem precedidas de dôres de cabeça igualmente idiopathicas ou cerebraes.

As dôres de cabeça sympathicas, cujo ponto inicial é mais ou menos afastado do cerebro, que não são senão o echo das lesões apparentes ou occultas de algum orgão, reconhecem causas mui numerosas e frequentemente indeterminadas. O maior numero d'estas dôres sympathicas, que não excedem o gráo de incommodo, procedem das más disposições do estomago e dos intestinos. Ha pessoas cujos orgãos digestivos são tão caprichosos, que não podem usar de certos alimentos e de certas bebidas, sem correrem o risco de ter dôr de cabeça. A prisão de ventre provoca-a não poucas vezes. Depois dos orgãos da digestão, os orgãos genitales são a fonte mais fecunda das dôres de cabeça sympathicas. Sabe-se quanto ellas são communs nas mulheres hystericas, e nas épocas da menstruação. Os hypocondriacos e os melancolicos são frequentemente atormentados d'ellas. A plethora, ou a abundancia do sangue no corpo, e o virus syphilitico, são tambem as suas causas fre-

quentes. Observão-se igualmente em todas as febres graves, na maior parte das inflammações agudas, em grande numero de inflammações chronicas, nas erupções febris, etc.

Tratamento. O tratamento das dôres de cabeça exige antes de tudo a privação de suas causas determinantes, quando estas são apreciaveis, e quando o doente se póde subtrahir a ellas. Estas causas forão assignaladas, e cada um deve evitar aquella que lhe fôr particular. Segundo a sua especie, convem recorrer ao descanso do espirito, ás sensações agradaveis ou ao repouso dos sentidos, ás distracções, e sobretudo ao exercicio, salvo se a fadiga a tiver precedido; a um somno sufficiente sem ser excessivo, a temperança ou á suppressão das bebidas embriagantes e estupefacientes, das quaes podemos approximar o abuso de fumar; á sobriedade ou á escolha de alimentos menos suspeitos, aos clysteres contra a prisão de ventre, ás precauções necessarias para evitar a impressão sobre a cabeça das temperaturas excessivas.

Se o rosto estiver vermelho, a cabeça quente e os sentidos animados, usar-se-ha de pediluvios quentes; applicar-se-hão na testa pannos embebidos em agua fria e vinagre, afastar-se-hão as emoções e as occupações. Nas dôres mui intensas é preciso recorrer aos medicamentos purgativos, á sangria ou á applicação de bichas. O estado plethorico exige tambem evacuações sanguineas, um regimen pouco nutriente, composto principalmente de vegetaes. Se o estomago estiver indisposto, observar-se-ha dieta; usar-se-ha de uma bebida diluente, se existir sêde (agua com assucar, limonada, etc.), ou então da infusão de chá da India, macella gallega ou café; poder-se-ha favorecer com agua morna, com a introdução do dedo na garganta, as nauseas ou os vomitos declarados. Muitas dôres de cabeça cedem a 5 centigrammas (1 grão) de emetico, administrados n'uma chicara d'agua morna.

As dôres de cabeça que procedem da syphilis devem ser tratadas pelos medicamentos antisiphiliticos. *(*Veja-se SYPHILIS.*) O seu character especial é, como já deixei dito, manifestarem-se principalmente durante a noite e pela influencia do calor. As dôres que são symptomaticas de molestias, taes como a *febre cerebral*, *epilepsia*, *constipação*, *sarampos*, e outras, exigem o tratamento d'essas molestias; não posso fallar d'ellas aqui, porque seria desarrazoado separar um simples symptoma, de affecções que devem ser consideradas debaixo de um ponto de vista mais geral.

Dôr de cadeiras. Esta dôr limita-se algumas vezes a um só lado, outras vezes occupa ambos, apparece quasi sempre de repente: quando é forte, obriga os doentes a curvarem-se para diante, e oppõe-se ao endireitamento da columna vertebral; existe sem

inchação e sem vermelhidão da parte affectada; raras vezes é acompanhada do augmento de calor local, e não produz febre senão quando é de certa violencia.

Um ar fresco que vem tocar a região lombar, um esforço para levantar um peso, um movimento rapido de torcedura do tronco, a acção de estar curvado para diante por certo tempo, e ás vezes a simples acção de abaixar-se, taes são as *causas* que produzem quasi sempre esta dôr.

A affecção tal qual acaba de ser descripta chama-se, na lingua-gem scientifica, *lumbago*, e não deve ser confundida com as dôres de cadeiras que precedem ou acompanhão a menstruação em algumas mulheres: as dôres de cadeiras que nos occupão n'este momento tem sua séde nos musculos da região lombar; sua duração média é de oito a dez dias, desapparecem ás vezes em vinte e quatro horas, e outras vezes, mas mui raramente, prolongão-se por muitas semanas.

Tratamento. O tratamento da dôr de cadeiras é o seguinte:

Applicar nas cadeiras um sinapismo.

Friccionar as cadeiras com essencia de terebinthina.

A primeira ou a segunda d'estas applicações é frequentemente sufficiente para curar a dôr de cadeiras; mas se não forem sufficientes, recorra-se ás fricções com uma das preparações seguintes:

1º Aguardente camphorada. 90 grammas (3 onças).

2º *Linimento terebinthinado e camphorado*, cuja receita é:

Essencia de terebinthina. 60 grammas (2 onças)

Oleo camphorado.. 60 grammas (2 onças).

Misture.

3º *Linimento camphoro-opiado*:

Oleo camphorado.. 30 grammas (1 onça)

Ceroto simples.. 4 grammas (1 oitava,

Tintura de opio.. 4 grammas (1 oitava).

Misture.

4º *Linimento anti-rheumatico*:

Essencia de terebinthina. 30 grammas (1 onça)

Laudano de Sydenham. 30 grammas (1 onça)

Oleo camphorado.. 30 grammas (1 onça).

Misture.

5º Balsamo opodeldoch. 1 vidro.

Se isto não fôr sufficiente, applique-se um caustico nas cadeiras.

Emfim, dôres de cadeiras, que não obedecêrão a todos estes remedios, forão curadas com um vomitorio de tartaro emetico,

ou com 60 grammas (2 onças) de sal d'Epsom, com um suadouro tomado ao deitar, ou com um banho geral quente.

Dôr de colica. *Veja-se COLICA.*

Dôr de coxa. *Veja-se COXALGIA.*

Dôr de dentes. *Veja-se DENTES.*

Dôr de estomago. *V CAIMBRA DO ESTOMAGO e ESTOMAGO.*

Dôr de garganta. *Veja-se ANGINA.*

Dôr nas juntas. *Veja-se RHEUMATISMO.*

Dôr de nervos. *Veja-se NEURALGIA.*

Dôres nos ossos, ou osteocopas. *Veja-se SYPHILIS.*

Dôr de ouvido. *Veja-se OUVIDO.*

Dôr de peito. *Veja-se PEITO.*

Dôr do pescoço. *Veja-se TORCICOLLO.*

Dôr de quadril. *Veja-se COXALGIA.*

Dôr do rosto. *Veja-se NEURALGIA FACIAL.*

DORMENCIA, DORMENTE. (PERNA, PÉ, BRAÇO, etc., DORMENTE).

Esta palavra serve para designar um estado de *entorpecimento* de uma ou mais partes do corpo, caracterizado por um sentimento de peso, e pela difficuldade ou impossibilidade de executar com estas partes os movimentos habituaes. O entorpecimento é acompanhado, em muitos casos, de comichão e picadas desagradaveis. Este estado procede da perturbação e interrupção momentanea da acção do fluido nervoso, e pôde produzir-se á vontade, comprimindo o nervo principal de um membro, como acontece com a coxa quando alguém está deitado de lado e apoiado com força no lugar por onde passa o nervo sciatico. O entorpecimento contínuo que não depende da compressão momentanea é *symptoma* de varias molestias, e principalmente da inflammação da medulla espinhal e da apoplexia.

Quando o entorpecimento é occasionado por uma causa passageira, desaparece pouco a pouco por si mesmo; pôde-se accelerar o restabelcimento da acção nervosa com fricções seccas feitas com a mão, ou com agua de Colonia. Quando depende de uma causa permanente, como na apoplexia, convem dirigir o tratamento contra a molestia principal.

DORMIDEIRA. *Papaver somniferum*, Linneo. Papaveraceas. Fig. 217. Esta planta é originaria do Oriente, onde adquire proporções gigantescas. Extrahe-se d'ella o opio por meio de incisões feitas na capsula; este mana debaixo da fórma de um succo branco, o qual depois se torna concreto e negro. A dormideira é cultivada em algumas regiões da Europa, mas não para obter o opio, que seria metade menos activo do que o do Oriente, porém sim para as sementes, de que se extrahe um oleo precioso para a pintura e

usos domesticos. Habita quasi espontanea nos montes do grande aqueducto das Águas Livres de Lisboa, nos sitios arenosos nos arredores de Setubal, e outras partes junto das povoações : tambem se cultiva nos jardins em Portugal e no Brasil. As capsulas das dormideiras são empregadas na medicina depois de seccas, sob o nome de *cabeças de dormideiras* ; varião no tamanho, desde o de um ovo pequeno até o de uma pequena laranjá : seccas, são de côr branco-amarellada, sem cheiro, de sabor mucilaginoso, levemente amargo. Contém no seu interior grande quantidade de sementes brancas ou pretas. Gozão das mesmas propriedades que o opio, mas em muito menor grão ; são empregadas nos mesmos casos como calmante e narcotico.

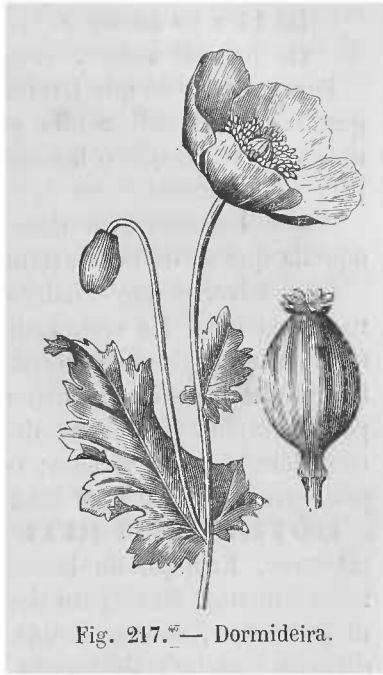


Fig. 217. — Dormideira.

Preparão-se com ellas decocções calmantes, que se administrão ordinariamente em clysteres, gargarejos, e cataplasmas. A decocção de dormideiras prepara-se com 8 grammas (2 oitavas) de capsulas e 360 grammas (12 onças) d'agua.

DORSO ou COSTAS (MÓLESTIAS DO). *Veja-se* ESPINHAÇO.

DÓSE. Chama-se *dóse* a quantidade, determinada por peso ou medida, de um medicamento que deve ser administrado a um doente. Chama-se tambem *dóse* a medida exacta de cada um dos ingredientes que devem entrar nos medicamentos compostos, como poções, pilulas, etc.

A dóse dos medicamentos varia sob a influencia de causas mui differentes, como o sexo, idade, temperamento, profissões, costumes, etc. Assim, a dóse de um medicamento deve ser menos forte para a mulher do que para o homem, para as pessoas fracas do que para aquellas cujo corpo está endurecido pelo trabalho. Esta differença deve ser graduada conforme as idades : as pessoas são tanto mais impressionaveis pelos medicamentos, quanto mais jovens. Eis-aqui a escala que se deve seguir :

Para um adulto, dóse inteira	1
Para uma criança de menos de 1 anno	1/16
De 1 a 2 annos	1/8
De 2 a 3 annos	1/6

De 3 a 7 annos	1/3
De 7 a 14 annos	1/2
De 14 a 20 annos	2/3
De 20 a 60 annos .	1.

Para as pessoas que tiverem mais de 60 annos seguir-se-ha a gradação inversa. Sendo a mulher geralmente de constituição menos forte do que o homem, as doses para ella devem ser um pouco mais fracas.

N'este Diccionario a dose dos medicamentos que apresento é aquella que se dá ordinariamente a um adulto.

Devo advertir que o habito tem muita influencia na dose dos medicamentos. Ha certas substancias que, administradas progressivamente em doses crescentes, podem ser elevadas a uma quantidade que poderia envenenar, se fosse dada ao principio. Assim, por exemplo, o opio na dose de 1 gramma (20 grãos) deve ser considerado como veneno; entretanto os doentes podem chegar, *progressivamente*, á dose ainda maior, sem nenhum accidente.

BOTHINENTERITE, do grego *dothine* botão, e *enteron* intestino. Erupção de botões no intestino. Este nome, creado recentemente, serve para designar uma molestia conhecida desde muito tempo, mas descripta pelos autores debaixo de nomes mui diversos : assim é designada por Hippocrates sob o nome de *phrenetis*, e pelos medicos que o seguirão, com os de *febre putrida*, *febre biliosa*, *febre mucosa*, *febre adynamica e ataxica*, ou *gastro-enterite folliculosa*, e emfim *febre typhoide*. Tratarei d'ella no artigo FEBRE TYPHOIDE.

DOUDO. *Veja-se* LOUCURA.

DOURADINHA. *Waltheria douradinha*, Saint-Hilaire. Malvaceas. Sub-arbusto do Brasil; habita especialmente no Rio Grande do Sul. Tem de 8 a 18 pollegadas de altura; folhas alternas, ovaes ou ovaes-orbicularcs, cortadas na base em fórma de coração, serreadas; flores de côr amarella-dourada em capitulos terminaes; fructo : capsula oval, obtusa, pubescente, bivalve. Esta planta contém muita mucilagem, e emprega-se em infusão nas affecções catarrhaes. *Dose* : 4 grammas (1 oitava) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

DOURADINHA DO CAMPO. *Veja-se* GRITADEIRA.

DRACUNCULO ou BICHO DA COSTA. Designa-se debaixo do nome de *dracunculo*, *bicho da Costa*, *verme de Medina*, ou de *Guiné*, um bicho cylindrico, filiforme, muito alongado, de côr branca, de grossura igual em toda a sua extensão, menos na cauda, que é um pouco mais delgada e curva. O dracunculo chama-se no Brasil *bicho da Costa*, porque nos primeiros tempos erão os pretos

recem-chegados da Africa que apparecião com este verme; mas presentemente observa-se em muitos lugares do Brasil. Os negros Minas dão-lhe o nome de *subia*. O seu comprimento varia de nove pollegadas até seis ou sete varas, e a grossura desde a de um fio de linha até á de um barbante. Acha-se ordinariamente debaixo da pelle perto dos tórnozels, no escroto, e ás vezes nos braços, no pescoço, cabeça, e tronco. O Dr. Clot-Bey encontrou-o no Egypto perto do freio da lingua. O dracunculo não se manifesta senão em certos paizes, como Arabia, as margens do Golfo Persico e as do mar Caspio, do Ganges, a Abyssinia e costa de Guiné. Foi tambem observado no Rio de Janeiro, e consta-me que um dos distinctos professores d'essa côrte, Christovão José dos Santos, tentou uma vez a extracção de um dracunculo que existia na orbita por cima do olho em uma preta Mina. Eu mesmo vi o dracunculo duas vezes no Rio de Janeiro; uma vez perto do tornozelo, e outra vez na membrana externa do olho esquerdo; em ambos os casos em pretos recém-chegados da Costa. Consegui facilmente extrahir o primeiro, porque uma porção d'elle tinha já sahido e não lhe era possivel fugir. Quanto ao bicho que estava no olho, debaixo da primeira membrana chamada *conjunctiva*, e que ainda não tinha aberto caminho para fóra, apeuas o toquei com pinça para aguarra-lo, sumio-se e não appareceu mais em alguma outra parte do corpo. Isto aconteceu no dia 10 de Janciro de 1848; o preto não se queixou depois de incommodo algum; e tendo-o continuamente debaixo da minha observação até ao dia 10 de Dezembro do mesmo anno, vi-o sempre gozando de perfeita saude, apesar do bicho que tinha no corpo.

Causas. As causas que presidem á formação do dracunculo ainda não são conhecidas. Como outros muitos vermes, desenvolve-se espontaneamente no corpo do homem: tal é a opinião mais acreditada; ignorão-se completamente as causas proximas do seu desenvolvimento. Muitas tem sido indicadas: a má qualidade d'agua, o uso do vinho de palmeira, de certos peixes, do trigo da India, os ventos e o orvalho dos paizes em que elle se observa; mas tem-se visto individuos expostos a estas influencias sem terem o dracunculo, e outros, que as evitárão cuidadosamente, pelo contrario, serem d'elle affectados. Alguns autores pensão que se introduz atravez da pelle pouco tempo depois do seu nascimento; época na qual suppõem ser elle de uma tenuidade extrema, na ideia de alguns no estado de larva. Os primeiros pensão que se introduz no corpo do homem com a agua que serve de bebida, ou pela pelle quando a pessoa se banha. Os segundos fazem-n'o provir de insecto de que não dão o nome.

Symptomas. O primeiro symptoma, que annuncia a presença do dracunculo, é uma comichão desagradavel no lugar em que elle se acha, ás vezes acompanhada da sensação de um corpo que rôja debaixo da pelle. Em certos individuos, entretanto, este bicho fica por muitos mezes, e até por muitos annos, sem manifestar a sua presença por incommodo algum, e até está provado que assim acontece sempre no maior numero dos doentes; de outra maneira, como se comprehenderia que pudesse elle adquirir o desenvolvimento consideravel que ás vezes tem? Dracunculos ha que, além dos symptomas locaes que acabei de indicar, produzem emmagrecimento mais ou menos rapido, sem febre nem fastio.

Mas, quando o bicho quer sahir, manifestão-se symptomas mais constantes e mais notaveis. Primeiramente uma dôr fixa no lugar. Alguns dias depois da invasão da dôr, formão-se pequenas vesiculas que occasionão viva comichão e logo depois inchação, ás vezes consideravel; declara-se inflammação; e a suppuração estabelece-se. Ás vezes uma grande pustula, cheia de liquido transparente, se desenvolve no centro do lugar doloroso; outras vezes não se sente senão uma pequena dureza sem inflammação. Ordinariamente, da abertura espontanea ou artificial do tumor, corre algum pus, e a cabeça do bicho sahe algumas pollegadas do corpo.

Tratamento. Quando apparece elevação por onde o bicho quer sahir, espera-se a ruptura espontanea; mas se ella fôr muito demorada, deve o cirurgião praticar a abertura por meio de lanceta. Se se apresentar uma porção do bicho, cumpre exercer sobre ella tracções lentas e moderadas; continua-se emquanto o animal vai cedendo facilmente: e cessa-se logo que se sentir uma resistencia tal que faça temer a sua ruptura: uma dôr um pouco viva annuncia ordinariamente que se deve suspender toda a tracção. Isto feito, enrola-se a parte que sahio á roda de uma penna ou de qualquer outro canudo. No curativo seguinte principião-se as tracções com a mesma precaução, e assim pelo tempo adiante, até a sahida completa do dracunculo, a qual não se obtem ás vezes senão no fim de dois ou tres mezes. Alguns medicos aconselhão fazer uma incisão sobre o trajecto do animal, descobri-lo bem, e tira-lo com uma pinça. Mas quando elle está profundamente situado, quando resiste ás tracções, ou quando se rompe, é preciso esperar que torne a apparecer, para se continuarem os meios de extracção.

DRASTICOS. *Veja-se* PURGANTES.

DUCHA ou EMBORCAÇÃO. Columna de liquido de diametro e temperatura variaveis, que vem tocar uma parte qualquer do corpo com força tambem variavel, e dependente da altura do reservatorio.

As duchas são *descendentes* quando se dirigem de cima para baixo; *ascendentes* as que se fazem em sentido inverso; *horizontaes* as que se fazem lateralmente; tambem podem ser *frias*, *tepidas* ou *quentes*, de agua simples ou de aguas mineraes.

Os doentes recebem as mais das vezes as duchas dentro de uma banheira. O aparelho proprio para dar emborçações é mui simples. Consiste em um reservatorio collocado na altura de tres até doze pés, e do fundo do qual sahe um tubo de couro mui flexivel com uma torneira na extremidade, e mais um appendice. O diametro da torneira é ordinariamente de 2 centimetros, e pôde diminuir á vontade. O appendice, de tirar e pôr, pôde fazer com que a torneira termine em pontas de variadas fórmas, sendo algumas vezes como as dos regadores.

O aparelho pôde tambem consistir em uma especie de guarita, da altura de 2 metros, fechada anteriormente com uma porta envidraçada, por cima da qual se acha um reservatorio de zinco, que pôde conter 35 a 40 litros d'agua, e com o fundo crivado, cujos buracos se tapão com uma valvula movel. O doente collocado dentro d'esta caixa, e todo despido, recebe uma especie d'agua-ceiro, que dura, quando muito, dois até tres minutos.

As duchas empregão-se hoje muito no tratamento hydrotherapico, e nos estabelecimentos de aguas mineraes. As duchas descendentes e lateraes d'agua fria dirigem-se, por meio de um tubo de couro flexivel, sobre as differentes partes do corpo, e aproveitão muito nos engurgitamentos do figado, do baço, nas rizezas articulares, nas paralyrias, e em muitas outras molestias. *Veja-se HYDROTHERAPIA.*

Nos estabelecimentos dos doudos, nos quaes as duchas são um meio energico de tratamento, o doente é mantido em uma banheira cheia d'agua morna, por meio de uma tampa que apresenta uma chanfradura destinada a abraçar o pescoço, sem entretanto comprimi-lo: a um signal dado, tira-se uma valvula; certa quantidade d'agua fria escapa de um reservatorio, e cahe de repente sobre a cabeça do doente.

Os banhos que se tomão no mar são quasi sempre acompanhados de uma especie de duchas, produzidas pelo movimento contínuo das ondas. As duchas determinão um abalo particular do systema nervoso. É um meio precioso no tratamento das molestias.

DULCAMARA, DOCE-AMARGA OU UVA DE CÃO MAIOR, *Solanum dulcamara*, Linneo. Solaneas. Sub-arbusto que em Portugal habita frequente nos tapumes e lugares sombrios. Fig. 218. Tem o caule dividido desde a base em ramos sarmentosos, levemente pubescentes, do comprimento de 3 a 6 pés (1 a 2 metros), que só se

sistem encostando-se sobre os arbustos vizinhos. As folhas são alternas, pecioladas, levemente pubescentes, umas inteiras e al-

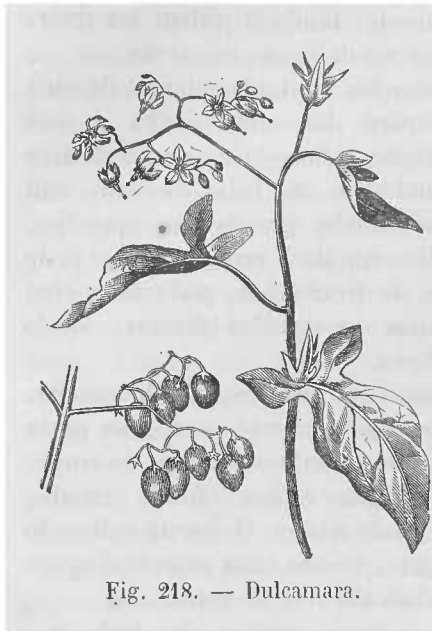


Fig. 218. — Dulcamara.

bardinas, outras recortadas na base. As flores roxas, às vezes brancas; as bagas ovoides, de côr vermelha brilhante. Esta planta tem cheiro viroso e forte, sabor primeiramente um pouco amargo, depois adocicado. Empregão-se na medicina os talos, como sudorifico, no tratamento da syphilis e das molestias de pelle, em infusão, que se prepara com 8 gram. (2 oitavas) de dulcamara e 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo. Em dóse elevada produz dôr de cabeça, embriaguez, ardor na garganta, vomitos e desmaios. Convem cessar o seu emprego logo que produzir

nauseas ou a mais ligeira perturbação da vista.

DUREZA DO VENTRE. *Veja-se* PRISÃO DE VENTRE.

DYSENTERIA. Molestia cujos symptomas principaes consistem em frequentes evacuações de materias mucosas misturadas com sangue, acompanhadas de colicas e de um sentimento de ardor no anus.

Causas. As causas mais ou menos directas da dysenteria são numerosas. Em primeiro lugar devem apontar-se as temperaturas elevadas; assim, nos paizes quentes esta affecção é, com as molestias do figado, uma das que occasionão maior mortandade. Os calores que succedem ao frio humido, produzem frequentemente a dysenteria. As outras causas são: o uso de comidas indigestas; as carnes que tiverem soffrido uma fermentação putrida, ou que procederem de animaes doentes; as aguas estagnadas e lodosas, a ingestão de substancias improprias á nutrição, as indigestões repetidas, um simples erro de regimen nos convalescentes, emfim, o abuso dos purgantes. Uma causa não menos poderosa, que todas as precedentes, consiste nas emanções fetidas e infectas que se exhalão das substancias animaes em putrefacção, ou que se levantão das dejecções alvinas de homens affectados de dysenteria e reunidos em lugares estreitos, como prisões, hospitaes e navios. A roupa molhada conservada no corpo por algum tempo,

o frio humido, sobretudo nos pés, o somno ao ar durante a noite, a residencia em lugares baixos e pantanosos, tornão-se tambem causas da dysenteria. Reina ás vezes debaixo da fórma epidemica; isto é, ataca grande numero de individuos, e principalmente quando existe grande calor com muita humidade: a sua causa é em tal caso a influencia atmospherica.

Symptomas. Sendo a molestia pouco intensa, annuncia-se ordinariamente por algumas dôres do ventre, irregulares, que pouco augmentão pela pressão. Sobrevem logo ventosidades nos intestinos, e declara-se o desejo de evacuar: o doente quer obceder a esta necessidade, faz esforços, e só a muito custo consegue expulsar algumas materias fecaes liquidas e mucosidades, cuja passagem determina uma sensação de calor e dôr viva no anus. Estas evacuações repetem-se até doze ou quinze vezes em 24 horas, ás vezes trinta, quarenta vezes, e mais; logo depois não contém mais materias fecaes, e são apenas formadas por um muco viscoso e esbranquiçado ou sanguinolento, misturado ás vczes com serosidade vermelha, com concreções de apparencia membranosa, com sangue puro, bilis e gizes; ás vezes, entretanto, materias fecaes mui duras são expellidas de vez em quando, mesmo passados muitos dias da molestia. Continuação mais ou menos fortes, o tencsmo e os puxos; uma diminuição rapida das forças acompanha esse estado; o rosto faz-se pallido, sobretudo immediatamente depois de cada evacuação; o pulso torna-se fraco, e ás vezes acelerado; frequentemente conserva-se o appetite. Passados alguns dias, as dôres do ventre diminuem, as excreções são menos frequentes, e em vez de serem mucosas, tornão-se fecaes; o doente recobra o somno e o sentimento de bem-estar que tinha perdido; uma simples diarrhea succede á dysenteria, e annuncia um restabelecimento proximo. Tal é commummente a marcha da dysenteria benigna, cuja duração média é de quatro a oito dias.

Na dysenteria grave ou maligna, que se manifesta sobretudo nas grandes reuniões de individuos, nos acampamentos, navios, prisões, hospitaes, cidades sitiadas, etc., as dôres abdominaes são muito agudas, a vontade de evacuar é, por assim dizer, continua, e alguns doentes fazem-n'o duzentas vezes por dia. A materia das evacuações é serosa, quasi sempre misturada com muito sangue, ás vezes com pus; tem côr escura ou negra, e quasi sempre um cheiro fetido insupportavel. Desde o principio, o doente é obrigado a ficar de cama, as suas forças são promptamente aniquiladas, e o rosto tem a expressão de uma alteração profunda. A sêde é viva, e apenas se engole a bebida, manifesta-se a necessidade de evacuar: o pulso fica ás vezes frequente, porém as mais das vezes

sem aceleração alguma; a pelle torna-se secca e aspera. O aspecto cadaverico do rosto, os soluços, a inchação do ventre, a cessação das dôres, o esfriamento das extremidades, a fraqueza e a insensibilidade do pulso annuncião a morte proxima.

Duração e prognostico. É mui difficil determinar a marcha e a duração da dysenteria. Póde ser desde logo violenta, ou não chegar ao seu mais alto gráo de intensidade senão progressivamente; cessar de repente ou diminuir gradualmente; acabar em vinte e quatro horas, ou prolongar-se por vinte ou trinta dias. O prognostico é favoravel na dysenteria leve; é sempre muito serio na dysenteria intensa. Raras vezes esta molestia occasiona a morte quando ataca sómente um individuo ou alguns individuos isoladamente; pelo contrario, faz estragos espantosos nos acampamentos, hõspitaes, cidades sitiadas, etc. Dôres excessivas, evacuações quasi contínuas, o fedor cadaverico das materias, os soluços, o esfriamento das extremidades, são, entre os symptomas, aquelles que annuncião maior perigo.

Tratamento. A abstinencia completa dos alimentos solidos é a primeira condição a preencher no tratamento da dysenteria. O doente deve estar em um lugar quente e secco, usar de bebidas mucilaginosas, como agua de arroz, de cevada, de solução de gomma, e tomar duas a tres vezes por dia clysteres preparados com decocção de sementes de linho ou de raiz de althéa. Cataplasmas de linhaça sobre o ventre, banhos mornos geraes ou semicupios são tambem uteis; mas é preciso que o doente, ao sahir do banho, se preserve do frio. A estes meios deve juntar-se o opio, cuja efficacia, em semelhantes casos, tem sido frequentemente demonstrada. Administra-se em poções ou em pilulas. Eis-aqui a formula da poção:

Agua commum.	125 grammas (4 onças)
Laudano de Sydenham.	30 gottas
Assucar	15 grammas (1/2 onça).

Misture. A dóse é de uma colher das *de sopa*, de hora em hora. A formula das pilulas é:

Opio.	2 1/2 centigram. (1/2 grão)
Extracto de alcaçuz..	10 centigrammas (2 grãos).

Faça 1 pilula, e como esta mais 11. Toma-se uma pilula tres vezes por dia.

Nos casos em que as dôres forem mui agudas, convem associar ás poções ou ás pilulas o uso dos clysteres opiados preparados da maneira seguinte:

Decocção de linhaça.	180 grammas (6 onças)
Laudano de Sydenham	20 gottas.

Misture. Administra-se um ou dois d'estes clysteres por dia.

Se a dysenteria resistir a estes meios, cumpre tomar um vomitorio de poaya; isto é, 1 gramma (20 grãos) de poaya em pó n'uma chicara d'agua morna.

Clysteres de poaya são tambem vantajosos. Eis-aqui como se preparão: Infundem-se por meia hora 8 grammas (2 oitavas) de raiz de poaya cortada em duas chicaras d'agua quente, e côa-sc. O doente toma dois d'estes clysteres por dia.

As claras de ovo são tambem empregadas com mui bom exito na dysenteria. Faz-se uso d'ellas em bebidas e em clysteres. Em bebida 6 a 12 claras de ovo, e simultaneamente tres clysteres por dia, preparados cada um com 180 grammas (6 onças) d'agua morna e tres claras de ovo.

Estes meios são tão poderosos, que ha poucas dysenterias recentes que não cedão em poucos dias á sua influencia. Mas ás vezes a molestia resiste, e é preciso lançar mão de outros meios que são:

Duas onças (60 gram.) de sal d'Epsom n'um copo d'agua morna, como purgante; o uso de pós preparados conforme a receita seguinte:

Calomclanos.	60 centigrammas (12 grãos)
Poaya.	60 centigrammas (12 grãos)
Opio.	30 centigrammas (6 grãos).

Reduza-se tudo a pó, misture-se exactamente e divida-se em 12 papeis. O doente toma 4 papeis por dia, cada um de 3 em 3 horas, n'uma colher d'agua fria ou morna, com assucar.

Se a dysenteria se prolongar, administrem-se algumas colheres de vinho generoso por dia, e faça-se uso dos medicamentos adstringentes, como quina, simaruba, cato, ratanhia, e diáscordio, segundo as formulas indicadas no artigo DIARRHEA: (*Veja-se* vol. I, pag. 854). Convem ainda espargir de tempo em tempo, no quarto do doente, agua de Labarraque, para destruir os miasmas que se desenvolvem das materias evacuadas; e deitar nas vasilhas um pouco de sulfato de ferro em pó, para desinfectar as materias feacas.

Na convalescença deve-se escrupulosamente evitar a falta do regimen e a impressão do frio.

Durante uma epidemia de dysenteria, convem não se expôr ao contagio; porque esta molestia communica-se ás vezes; por consequente, é necessario tirar do quarto os excrementos á medida que sejam evacuados, entreter grande asseio, abrir frequentemente as portas e as janellas para renovar o ar, espalhar pelo quarto soluções de chlorureto de cal ou agua de Labarraque, como já disse, e não dormir no quarto do doente.

DYSMENORRHEA. Produção difficil dos menstruos, menstruação difficil. *Veja-se* MENSTRUACÃO.

DYSPEPSIA. Do grego *dus*, difficilmente, e *pepsis*, digestão. Digestão difficil. A dyspepsia é antes um symptoma concomitante do que uma molestia propriamente dita, e depende ás vezes da inflammação do estomago, outras vezes da sua fraqueza, ou emfim da perturbação nervosa. Uma digestão má é annunciada em geral por um sentimento de peso e de anxiedade na bocca do estomago, por nauseas e depois por eructações com cheiro de ovos chócocos. Póde tambem trazer eructações acidas e amargas : estes incommodos acabão depois por vomitos. Os medicamentos que convem contra a dyspepsia são :

1º Chá de macella, de herva cidreira ; ou uso de café depois de jantar, e o comer moderado.

2º *Pilulas de aloes.*

Aloes em pó 2 grammas (40 grãos).

Faça 20 pilulas. Para tomar uma ou duas pilulas por dia.

3º Ruibarbo em pó. 2 grammas. (40 grãos).

Divida em 10 papeis.

Para tomar 1 papel por dia, em hostia, 1 hora antes de jantar.

DYSPNEA. Difficuldade de respirar. A dyspnea não constitue uma molestia essencial ; não é, propriamente fallando, senão um symptoma de outras affecções. Póde depender de grande numero de causas diversas. *Veja-se* ASTHMA, BRONCHITE, ANEURISMA DO CORAÇÃO, PLEURIZ, HYSTERISMO, etc.

DYSURIA. Do grego *dus*, difficilmente, e *ouron*, ourina. Difficuldade de urinar. A dysuria não é senão um symptoma de alguma das numerosas affecções dos orgãos urinaris. Póde ser occasionada pelo estreitamento do canal da urethra, pela areia entrada n'este canal, pela presença de tumores vizinhos, pela alteração da glandula prostata, e emfim por alguma molestia da bexiga. (*Veja-se* BEXIGA (Inflammação da), PEDRA, ESTREITAMENTO, RETENÇÃO DE OURINA.) Qualquer que seja a causa da difficuldade de urinar, semicupios d'agua tepida, cataplasmas de linhaça na parte inferior do ventre, e a infusão de linhaça para bebida, são os meios que aproveitão na generalidade dos casos.

E

EAUX BONNES. (Aguas sulfurosas quentes). Itinerario de Pariz a Eaux-Bonnes : Estrada de ferro de Pariz por Bordeos, Dax a Pau 18 horas. Diligencia de Pau a Eaux-Bonnes, 4 1/2 horas. Despeza 100 francos.

A aldêa de Eaux-Bonnes, acha-se em França, no departamento dos Baixos-Pyreneos, a 40 kilometros de Pau. Está situada a 747 metros acima do nivel do mar, n'um valle cercado de altas montanhas. Esta disposição de boa elevação é uma circumstancia feliz como salubridade; porque, bem que apertada entre dois montes, o ar circula e renova-se ali facilmente, d'onde resultão

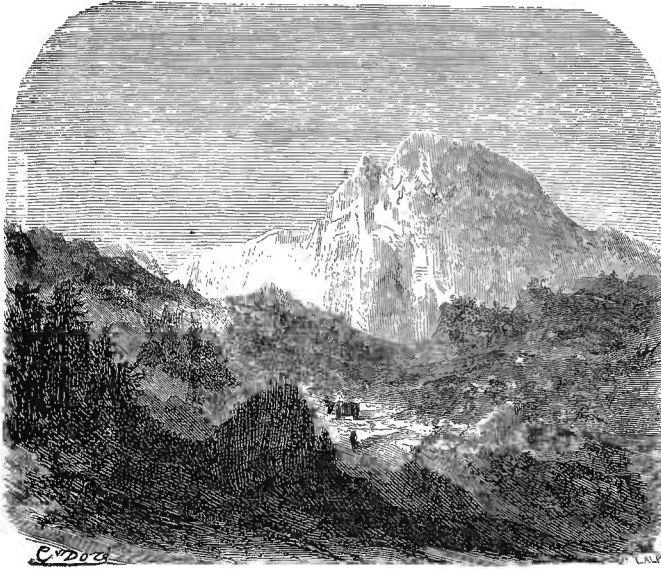


Fig. 219. — Arredores de Eaux-Bonnes.

condições hygienicas, que raras vezes se encontrão nas outras caldas. A aldêa compõe-se de grande numero de hotéis, sendo o principal o *Grand hotel des Princes*. É um verdadeiro palacio onde se reúne a melhor sociedade dos doentes.

Na extremidade do valle acha-se o estabelecimento thermal. A agua da fonte velha (*source-vieille*) é a unica que se bebe. Esta agua é clara, limpida e unctuosa ao tocar; espalha cheiro de ovos chócós. O seu sabor é adocicado e mui pouco desagradavel, o que faz com que os doentes a bebão sem repugnancia. A temperatura é de cerca de 32 grãos centigrados. Contém 21 centigrammas de sulfureto de sodio por litro d'agua. Differe da maior parte das outras fontes dos Pyreneos pela menor quantidade de silica e pela proporção mais consideravel de chlorureto de sodio.

A acção mui energica d'estas aguas, tomadas em bebida, exige muita circumspecção no seu emprego. As doses extremas que se bebem são de duas colheres *de sopa* a tres copos, dos quaes dois pela manhã, e um antes do jantar. Sobrevem habitualmente nos primeiros dias agitação, insomnia, exaltação de todo o systema

nervoso; a força muscular parece que augmentou; o pulso está cheio, o rosto corado, o appetite imperioso; existe ao mesmo tempo prisão de ventre, ás vezes diarrhea. Depois tudo se regulariza, e apparece um sentimento de satisfação.

Estas aguas exercem acção especial sobre o aparelho respiratorio; empregão-se com proveito nas laryngites, bronchites, na tísica e na asthma; empregão-se em bebida e inalações; faz-se pouco uso dos banhos. Uma estação dura de tres a quatro semanas; tomão-se habitualmente duas estações, do 4º de junho a 15 de setembro.

Estando affectados das mesmas molestias os doentes que se transportão a Eaux-Bonnes, que só differem pelo gráo de intensidade, o genero de vida é ali quasi o mesmo para todos. As 8 horas vai-se beber á fonte; ás 10 horas, o almoço á mesa redonda. Ao meio dia a aldêa fica deserta: as pessoas algum tanto validas espalhão-se pelos lugares circumvisinhos, no kiosco, nas cascatas, nas deliciosas veredas de Grammont e de Jacqueminot; as mais robustas fazem grandes excursões. O exercicio a cavallo está muito em uso em Eaux-Bonnes; o leve sacudimento que communica é favoravel aos pulmões: sómente a andadura deve ser regrada segundo o estado sanitario do cavalleiro. As 3 horas e meia, todos regressão para beber agua mineral; janta-se ás 4 horas. Os doentes mostrão como no almôço um formidavel appetite, que satisfazem sem escrupulo por causa do augmento de actividade das funcções digestivas. Depois do jantar o costume é ir ao passeio horizontal.

Este encantador passeio, que domina o valle de Laruns, segue nos seus contornos o costado da montanha na direcção de Eaux-chaudes. Offerece ás pessoas fracas uma vereda assejada, bancos para assentar-se, e um vasto horizonte que o olhar percorre e onde o ar circula livremente. Não estando plantada de arvoredo, a falta de sombra afasta d'ella os doentes durante o dia. Estes preferem o passeio da Imperatriz que costea um outro lado do valle, e offerece, pelo contrario, frescos e risonhos abrigos. Emfim, no centro da aldêa, acha-se um bello parque inglez, guarnecido de excellente orchestra, que se faz ouvir ás horas em que os doentes tomão as aguas.

EAUX-CHAUDES. (Aguas sulfurosas quentes). França; departamento dos Baixos-Pyreneos. Mesmo itinerario de Pariz a Eaux-Chaudes que para Eaux-Bonnes, de que distão meia hora.

A aldêa occupa o prolongamento do valle de Ossau que, n'este lugar, fórma uma garganta sombria e de aspecto selvagem. As casas estão encostadas á montanha; sobre a margem de uma

torrente existe o estabelecimento thermal, um dos mais bellos dos Pyreneos.

As fontes, todas sulfurosas, são seis. Apesar do epitheto de *quentes*, com que se designão, tem a temperatura muito menos elevada do que a maior parte das outras fontes dos Pyreneos (10° a 36°); pelo que, é necessario muitas vezes aquecê-las primeiro, para administra-las em banhos. Empregão-se contra os reumatismos, nevralgias, e sobretudo para restabelecer a menstruação nas jovens chloroticas. A mais importante clientela d'estas caldas consiste hoje em doentes de Eaux-Bonnes, que vem tomar banhos e duchas a Eaux-chaudes. Sem este supplemento, contarião hoje poucos visitantes. A estação thermal dura do 1° de julho ao 1° de novembro.

ECCHYMOSE, SANGUE EXTRAVASADO, ou SANGUE PISADO. Designão-se debaixo d'estes nomes nodoas denegridas, esverdeadas, e depois amarellas, que apparecem na pelle em consequencia de uma pancada, quéda e picada, de uma applicação de bichas, ou da compressão feita com uma atadura. As ecchymoses são formadas pelo sangue que sahe dos vasos capillares e se derrama por baixo da pelle. Manifestão-se sobretudo nas regiões em que a pelle é mais delicada. Todos sabem que basta uma pequena contusão debaixo de um olho, para que esta parte tome côr denegrida : observão-se tambem ecchymoses depois da sangria, no lugar da picada da lanceta.

Qualquer que seja a causa da ecchymose, o sangue derramado não tarda a ser absorvido. Vê-se então que a nodoa denegrida estende-se consideravelmente, e ao mesmo tempo toma côr menos escura; passa successivamente á côr vermelha esverdeada e depois amarellada, que desaparece pouco a pouco.

Este accidente é sem perigo; desaparece ordinariamente por si mesmo; não necessita nunca da applicação de bichas, como algumas pessoas costumão fazer; basta simplesmente applicar um panno molhado em agua fria, que favorece a resolução; ou em agua misturada com sal, ou com vinagre, ou com arguarente de canna, no caso que a pelle não esteja esfolada ou ferida, porque estando esfolada ou ferida, convem limitar-se á agua fria.

ECLAMPSIA. *Veja-se* CONVULSÕES DAS PARTURIENTES.

ECTHYMA. Erupção na pelle de pustulas commummente grandes, proeminentes, duras, irregulares e mui rubras na base, pouco numerosas, distantes entre si, sem febre, seguidas de hostellas duras, grossas, denegridas, e tenazes, não contagiosas; situadas ordinariamente nas extremidades.

Na sua fórmula mais simples e mais rara (*ecthyrna aguda*), a

molestia annuncia-se por dôres latejantes seguidas de grossas elevações discretas, rubras, conoides, duras, dolorosas, cujo volume varia desde o de uma pequena lentilha até ao de um grosso feijão. A sua base, de um vermelho vivo é animado, alarga-se, e ao mesmo tempo o seu apice torna-se mais proeminente, e apresenta um ponto purulento; as pustulas tem então a apparencia de pequenos frunchos, mas differem d'elles pela ausencia do carnegão. Depois de estabelccida a suppuração, o apice apresenta muitas vezes um *ponto preto*, substituido mais tarde por uma *crosta* roxa, mui adherente á pelle, na qual está como engastada. As crostas separão-se passado um ou dois septenarios, e deixão após si nodoas de um vermelho livido, de meia pollegada de diametro, no centro das quaes se acha ordinariamente uma pequena cicatriz.

O *ecthyma chronico*, mais frequente, compõe-se de muitas erupções successivas de pustulas, que tem, desde a sua origem, côr vermelha-escura, e que seguem a marcha analoga á do *ecthyma agudo*, porém mais lenta. As vezes, nas pessoas idosas, convertem-se em pequenas ulcerações, que se cicatrizão difficilmente.

Tratamento. No *ecthyma agudo* o tratamento consiste no uso de bebidas diluentes, taes como agua de cevada, limonada de limão, de laranja, etc.; dos banhos tepidos, e do regimen composto sobretudo de vegetaes. Sobre as pustulas applicão-se cataplasmas de fecula, ceroto simples, ou emplasto de diachylão gommado. No *ecthyma chronico* convem associar ao mesmo tratamento o uso do cozimento de quina. Este cozimento prepara-se com 4 grammas (1 oitava) de casca de quina e 180 grammas (6 onças) d'agua. Esta dóse é para um dia.

ECTROPION. Dá-se este nome á molestia em que uma ou as duas palpebras estão viradas para fóra. *Vejase* PALPEBRAS.

ECZEMA. Affecção cutanea caracterizada por vesiculas miudas, acuminadas, commummente bastas, pouco inflammadas á roda da base, com ardor e picadas, e que terminão por exco-rições superficiaes acompanhadas de exhalação serosa á qual succedem escamas e crostas. O *eczema* foi dividido em *agudo* e *chronico*.

Eczema agudo. O *eczema agudo* apresenta elle mesmo tres variedades principaes, que são : o *eczema simples*, o *eczema rubro*, e o *eczema salsuginoso*.

1º *Eczema simples.* Esta fórma apparece ordinariamente sem prodromos. Os doentes experimentão sómente um prurido mais ou menos incommodo sobre um ponto onde a pelle conserva a sua côr ordinaria, mas onde não tarda a distinguir-se grande numero de

vesiculas mui pequenas, mui approximadas umas das outras, offerecendo um aspecto brilhante por causa da serosidade transparente que contém. Cumpre ás vezes empregar a lente para as poder distinguir. Logo o liquido turva-se e toma um aspecto lacteo. Ora fica absorvido, ora sahe depois de aberta a vesicula. No primeiro caso, apparece uma furfuração insensivel da epiderme; no segundo formão-se pequenas escamas que se separão e não deixão vestigio algum na pelle. O prurido é o unico symptoma que causa incommodo. Não ha perturbação na saude geral, salvo quando o eczema é mui extenso, quando, por exemplo, occupa quasi toda a superficie do corpo, como isto acontece ás vezes nas crianças pequenas. Existe então febre, agitação, insomnia, fastio. O eczema simples percorre as suas diferentes phases em seis ou sete dias; mas como se formão geralmente muitas erupções successivas, segue-se d'isto que a molestia prolonga-se durante dois ou tres septenarios, e mesmo mais.

2º *Eczema rubro*. Esta fórma, mais intensa do que a precedente, apresenta de ordinario alguns prodromos. A pelle na qual se faz a erupção é séde de um calor, de comichão intensa e de vermelhidão mais ou menos viva; as vesiculas são excessivamente pequenas, as mais grossas tem só o volume da cabeça de um alfinete; perdem a sua transparencia no espaço de dois ou tres dias. Nos casos mais simples, o fluido lactescente fica absorvido; a epiderme exfolia-se, e a superficie da pelle conserva durante alguns dias uma côr avermelhada que desaparecc pouco a pouco. Entretanto as mais das vezes as vesiculas rasgão-se; excoriações tem lugar sobre a superficie inflammada; esta exhala um fluido seroso-purulento, o qual se coagula sob a fórma de laminas delgadas e molles, que cahem mais tarde e tornão a reproduzir-se. Em geral, tembem, novas erupções vesiculosas se fazem ora sobre os lugares primitivamente affectados, ora sobre lugares vizinhos; a molestia termina então passados dois ou tres septenarios, ou passa ao estado chronico.

3º *Eczema salsuginoso*. N'esta variedede a inflammação é mais viva; a pelle, mui vermelha, fica entumecida; as vesiculas são confluentes e contém um liquido sero-purulento que se concreta promptamente, e forma, não laminas como no eczema rubro, porém crostas amarellas, humidas, molles, que, cahindo, deixão a nú uma superficie excoriada, da qual corre serosidade arroxeadada. As escamas reformão-se facilmente; em geral, ha muitas erupções successivas. À medida que a molestia melhora, as escamas diminuem de espessura. O eczema salsuginoso cessa depois de 25 ou 30 dias, ou passa ao estado chronico.

O eczema rubro e sobretudo o eczema salsuginoso, quando extensos, são acompanhados de fastio, sede e de uma febre moderada.

Eczema chronico. Succede às tres fórmãs que acabei de descrever, mas sobretudo ás duas ultimas. A pelle torna-se luzente, de um vermelho vivo; e assemelha-se então com a pelle sobre a qual se fez applicação de um caustico. Ha tambem pontos mais vermelhos, onde ella está excoriada, rachada, como arranhada; um humor sero-purulento ou sero-sanguinolento banha-a sem cessar, e impregna a roupa, que se torna dura, como o faria a gomma. O liquido, concetrando-se, forma escamas humidas, amarelladas, espessas que cahem e se reproduzem logo depois. O doente queixa-se de uma comichão, que é ás vezes intoleravel, e que o obriga a esfolar a pelle : as superficies affectadas sangrão então abundantemente, d'onde resulta um allivio passageiro. — A duração da molestia é indeterminada : pôde persistir muitos mezes ou annos. Quando a cura tem lugar, a supeficie affectada estreita-se pouco a pouco da circumferencia para o centro; as escamas tornão-se pequenas, delgadas e menos humidas; cessa a exhalção serosa; emfim, a pelle, depois de ficar por algum tempo ainda lisa e avermelhada, recobra todas as suas propriedades; conserva entretanto para o resto da vida uma côr anormal.

Para completar o estudo do eczema, resta-me indicar as modificações particulares que a molestia apresenta, segundo os lugares do corpo que invade.

Eczema do couro cabelludo. Quando o eczema occupa a cabeça, estende-se muitas vezes ao rosto. A comichão é mui viva, a secreção sero-purulenta ás vezes muito abundante. Esta exhala cheiro nauseabundo; coagulando-se, forma escamas que adherem aos cabellos, e que, humidas a principio, tornão-se seccas depois, e cahem em laminas furfuraceas. As vezes não ha muito liquido : existem só laminas brancas e furfuraceas.

Eczema do rosto. Não ha parte alguma do corpo mais frequentemente affectada do eczema do que as orelhas. A tumefacção pôde ser assaz consideravel para obstruir o conducto auditivo e tornar a audição difficil ou impossivel. O eczema do rosto chama-se mais particularmente *crosta lactea* ou *ozagre*.

Eczema dos órgãos genitacs. Observa-se n'um e n'outro sexo : produz ás vezes comichão intoleravel.

Prognostico. O eczema, sobretudo no estado agudo, é molestia benigna. Se é chronico, constitue uma affecção muito incommoda e de duração indeterminada.

Causas. As causas d'esta molestia são difficeis de apreciar. Ás

vezes succede ás causas externas, puramente locais, taes como attritos; outras vezes sobrevem em consequencia de alguma impressãõ moral viva; não parece ser contagiosa.

Tratamento. Quando o eczema é simples basta limitar-se aos cuidados de asseio, lavar a parte affectada com esponja molhada n'agua morna, e untar com coldcream, glycerina ou ceroto simples. Se o eczema fôr inflammado, cumpre applicar cataplasmas de fecula de batatas, de cenouras raspadas, mas não de farinha de linhaça, que não convem n'este caso. O uso das limonadas de limão, de laranja, o regimen composto principalmente de vegetaes e de fructas é util n'esta molestia. Se o eczema fôr rebelde, é necessario tomar um purgante e fazer unturas com um dos linimentos ou pomadas seguintes :

Linimento contra o eczema.

Oleo de amendoas doces.	8 grammas (2 oitavas)
Glycerina.	8 grammas (2 oitavas)
Oxydo de zinco..	4 grammas (1 oitava).

Pomada camphorada.

Banha	24 grammas (6 oitavas)
Camphora...	8 grammas (2 oitavas).

Pomada antidartrosa.

Alumen..	1 gramma (20 grãos)
Banha	32 grammas (1 onça).

Glycereo de borax.

Borax.	8 grammas (2 oitavas)
Glycerina	120 grammas (4 onças).

Linimento com oleo de cade.

Oleo de cade.	4 grammas (1 oitava)
Glycerina..	40 grammas (10 oitavas).

O tratamento é o mesmo qualquer que seja a região do corpo affectada do eczema. Ha entretanto, em alguns casos, precauções particulares a tomar. Assim quando a molestia occupa a orelha e é acompanhada de inchação do conducto auditivo, cumpre prevenir a oclusão d'esta abertura, pela introduccão de tiras de panno de linho. Se o eczema invade a cabeça, pôde ser necessario cortar o cabello para facilitar a applicação das pomadas.

EDEMA. Synonymo de inchação. *Veja-se* INCHAÇÃO.

Edema da glotte. *Veja-se* GLOTTE.

Edema doloroso das parturientes. *Veja-se* INCHAÇÃO.

Edema dos recém-nascidos. *Veja-se* SCLEREMA.

ELATERIO OU PEPINO DE S. GREGORIO. *Momordica elaterium*, Linneo. Cucurbitaceas. Planta commum em Portugal. Caules rasteiros, do comprimento de 100 a 130 centimetros; cobertos,

assim como toda a planta, de pellos asperos; rudes; folhas pecioladas, cordiformes, crenuladas, ás vezes algum tanto lobadas; fructos ellipticos, cheios de aculeos verdes a principio, loiros quando maduros. O fructo abre-se pela separação do pedunculo, e esguicha então com força, e com uma especie de explosão, as sementes acompanhadas de um succo mucilaginoso. Com o succo espresso d'este fructo prepara-se o extracto, chamado *elaterio*, que é um purgante energico, na dóse de 6 a 12 milligrammas ($1/8$ a $1/4$ de grão). Raras vezes é preciso elevar a dóse a 5 centigram. (1 grão).

ELECTRICIDADE. A electricidade é a propriedade que tem certos corpos, quando são esfregados, aquecidos ou simplesmente postos em contacto com outros, de attrahir primeiramente

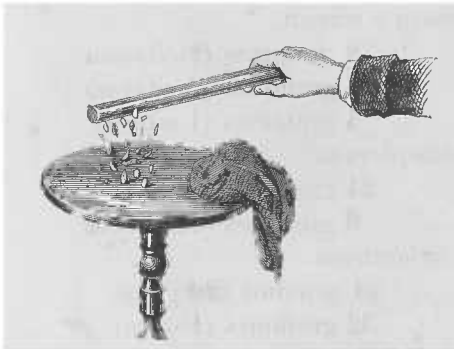


Fig. 220. — Páo de lacre electrizado.

e depois repellir os corpos leves, de lançar faiscas, e de fazer experimentar ao systema nervoso commoções mais ou menos fortes. O ambar amarello (*electron* em lingua grega) foi a primeira substancia em que mui antigamente forão observados esses phenomenos; mas notão-se tambem no vidro, enxofre, resinas e outros corpos. Para fazer esta experiencia, esfrega-

se com um panno de lã um tubo de vidro: ou um páo de lacre; que não é mais do que resina corada de vermelho pelo vermelhão, aproximando depois esse páo ou esse tubo a corpos leves, taes como folhetas de ouro, barbas de penna ou pedacinhos de papel, todos esses corpos são immediatamente attrahidos. Fig. 220.

Fontes da electricidade. As causas que desenvolvem a electricidade são numerosas e podem dividir-se em fontes mecanicas, physicas e chimicas.

As *fontes mecanicas* são a fricção, a pressão e a separação das moleculas. Por exemplo, quando alguem quebra um pedaço de assucar na escuridade, nota-se um fraco lume que é devido á electricidade desenvolvida no momento da separação das moleculas.

As *fontes physicas* são as variações da temperatura. Verificão-se-lhe os effeitos em alguns mineraes, e principalmente na tormalina e no topazio, que manifestão propriedades electricas pelo calor ou resfriamento.

Emfim, as *fontes chimicas* são as combinações e as decomposições dos corpos. Por exemplo, os metaes, como o zinco, o ferro,

o cobre, mergulhados em algum acido, são atacados por elle, unindo-se-lhe para formar saes. Ora, durante essas combinações, desenvolvem-se quantidades consideraveis de electricidade; e acontece o mesmo nas decomposições chemicas; isto é, na separação dos elementos dos corpos.

As duas mais poderosas fontes da electricidade são a fricção e as acções chemicas.

Maquina electrica. Fig. 221. A maquina electrica é o apparelho que serve para desenvolver pelo attrito uma abundante porção de electricidade. Foi inventada, ha mais de 200 annos, por Otto de Guéricke.

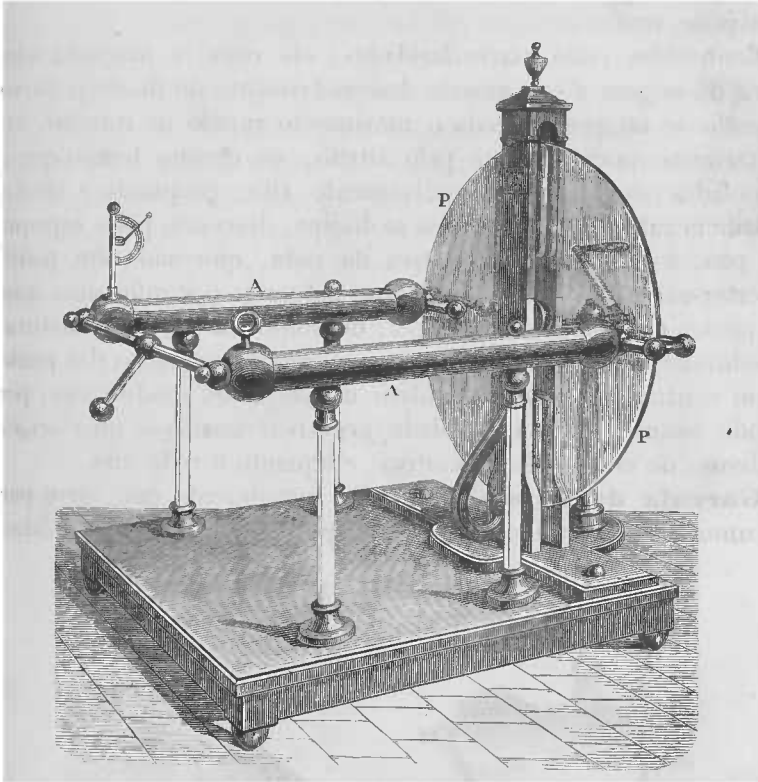


Fig. 221. — Maquina electrica.

A peça principal d'esta maquina é a *roda* de vidro P P de tres pés (um metro) de diametro, e mesmo mais, nas maquinas fortes. Esta roda é fixa a um eixo horizontal, que se faz gyrrar por meio de uma manivella. Este mesmo eixo é sostido por dois esteios de páo, munidos de quatro almofodas ou *esfregadores*, duas na parte superior e duas na inferior. As almofadas são de couro estofadas com clina; e é o seu attrito contra a roda que a electriza sobre os

seus dois lados. Emfim a mesma mesa que sustem a roda, igualmente sustem dois longos cylindros de latão AA, a que se dá o nome de *conductores*. Estes, que são isolados sobre quatro pés de vidro, achão-se reunidos entre si por um tubo de latão, nas suas extremidades oppostas á roda, ao mesmo tempo que as extremidades vizinhas d'esta se terminão cada uma por *pentes* ou *queixos*. Dá-se este nome a quatro tubos de cobre, dispostos dois a dois, de maneira que abarcão as bordas oppostas da roda seguindo um mesmo diametro horizontal. Estes pentes são assim chamados, porque do lado em que faceão o vidro são armados de uma serie de pequenas pontas, destinadas a dar esgoto á electricidade, como abaixo se verá.

Conhecidas estas particularidades, eis como a maquina electrica dá origem a um grande desenvolvimento de fluido positivo: quando se imprime á roda o movimento rapido de rotação, esta electriza-se positivamente pelo attrito, ao mesmo tempo que as almofadas se electrizão negativamente. Ora, emquanto a electricidade negativa d'estas ultimas se dissipa, descendo pelos espeques de páo, a electricidade positiva da roda, que não tem podido libertar-se, fica sobre o vidro; ahi, actuando por influencia sobre os pentes e sobre os conductores, decompõe-lhes o fluido natural, e subtrahе o fluido negativo, que se escoa pelas pontas dos pentes e vai neutralizar o fluido positivo do vidro. Os conductores, perdendo assim o sua electricidade negativa, tornão-se uma origem poderosa de electricidade positiva, emquanto a roda vira.

Garrafa de Leyde. Fig. 222. Instrumento que serve para accumular a electricidade; foi inventada por um physico da cidade

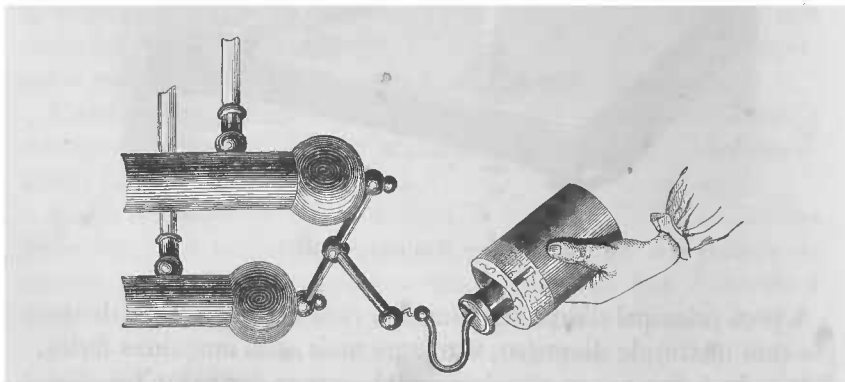


Fig. 222. — Carregação da garrafa de Leyde.

de Leyde. É um bocal de vidro delgado, cheio de folhas de ouro ou de cobre batido, que se tem o cuidado de deixar cahir simplesmente umas sobre as outras, sem as amontoar, afim de apresen-

tarem maior superficie. Sobre a parede exterior está collada uma folha de estanho que forra tambem o fundo, mas deixa o vidro a nú até uma grande distancia do gargalo. Emfim, ha n'este uma rolha de cortiça atravessada por uma haste recurvada no exterior em fórma de gancho e terminada por uma pequena bola, chamada *botão*: no interior, esta haste prolonga-se através das folhas de metal que enchem a garrafa. Para carregar de electricidade, segura-se com a mão a garrafa, como representa a fig. 222, e approxima-se o gancho de uma maquina electrica em actividade. O fluido positivo d'esta accumula-se então na garrafa, obra por influencia, através das suas paredes, sobre a folha de estanho e sobre a mão para attrahir-a ellas uma grande quantidade de fluido negativo.

Estando a garrafa carregada de electricidade, pôde descarregar-se, segurando-a com a mão pela armadura exterior, e tocando com a outra mão o botão; o corpo serve de conductor, a garrafa descarrega-se instantaneamente, e recebe-se uma forte commoção; seria perigoso expôr-se a ella no caso de uma forte carga.

A commoção da garrafa de Leyde pôde ser dada simultaneamente a um grande numero de pessoas. Para isto devem ellas

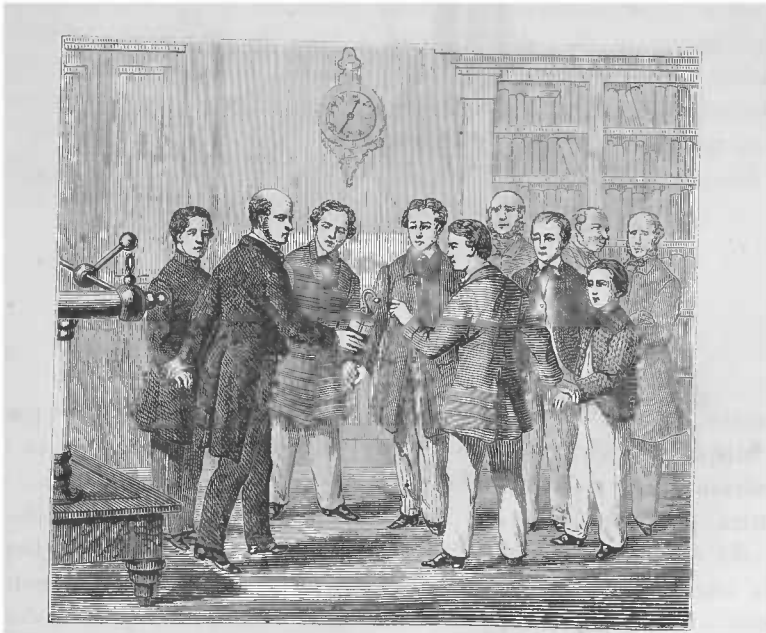


Fig. 223. — Commoção da garrafa de Leyde.

fazer uma cadeia; isto é, dar-se todos a mão, como representa a fig. 223; depois a pessoa que se acha n'um dos extremos da

cadeia, segura com a mão n'uma garrafa carregada, e a que está no outro extremo vem tocar o botão da garrafa. No mesmo instante todos recebem a descarga com a mesma intensidade. O abbade Nollet deo assim, em presença de Luiz XV, commoção a um regimento inteiro. A electricidade percorre 170 kilometros por segundo.

Pilha de Volta. Apparelho inventado por Volta que serve para desenvolver uma corrente electrica pelo contacto de certos metaes ou outros corpos experimentando uma acção chimica. A pilha mais simples compõe-se de discos de cobre e zinco sobrepostos, e separados por uma rodella de panno molhado com agua acidulada, como mostra a fig. 224. A reunião de um zinco e de um cobre forma um *par*; na figura abaixo ha vinte pares sobre-



Fig. 224. — Pilha de Volta.

postos, separados uns dos outros por meio de rodellas de panno e dispostos todos na mesma ordem, de maneira que uma das extremidades do apparelho termina por um disco de zinco e a outra por um disco de cobre. Assim disposto, o apparelho de Volta é conhecido debaixo do nome de *pilha em columna*. Depois da sua invenção, elle tem sido modificado de muitas maneiras, mas o nome geral de *pilha* tem sido conservado para todos os apparelhos do mesmo genero.

As duas extremidades da pilha chamão-se *pólos*. O pólo que corresponde a um zinco, é o *pólo positivo*, e o outro que corresponde a um cobre, é o *pólo negativo*. Chamão-se *electrodes* dois

fios de cobre presos respectivamente a cada pólo, e destinados a fazê-los communicar entre si, como se vê na fig. 224.

Emquanto os pólos não communicão entre si, a pilha não apresenta phenomeno algum particular. Mas approximem-se os dois electrodos, um do outro, de maneira que quasi se toquem, e ver-se-ha saltar de um fio a outro uma pequena faísca devida a recomposição das electricidades contrarias dos dois pólos. Ora, aqui, a pilha não se acha descarregada, como estaria em igual caso a garrafa de Leyde; e com effeito, vê-se uma segunda faísca succeder á primeira, depois uma terceira á segunda, e assim successivamente, enquanto os fios de cobre se acharem vizinhos e a pilha em actividade. Esta sequencia de faíscas faz ver que á medida que as duas electricidades dos pólos se reúnem pelos fios, uma nova decomposição de electricidade natural se reproduz na pilha, e alimenta sem interrupção o pólo zinco de fluido positivo e o pólo cobre de fluido negativo. Se, em lugar de deixar um intervallo entre os dois fios de cobre, elles forem postos em contacto, desaparece toda a faísca, mas a recomposição das electricidades contrarias, nem por isso deixa de continuar pelos fios, em que se opéra de um pólo a outro uma circulação não interrompida de electricidade. Esta circulação contínua do fluido electrico recebeo o nome de corrente. Toda a electricidade que se desenvolve na pilha descripta acima, assim como nas outras especies de pilhas, é devida á acção chimica da agua acidulada sobre o zinco de cada par.

Pilha de carvão. A pilha de Volta tem passado por numerosas modificações, e o aparelho d'este genero mais em uso hoje

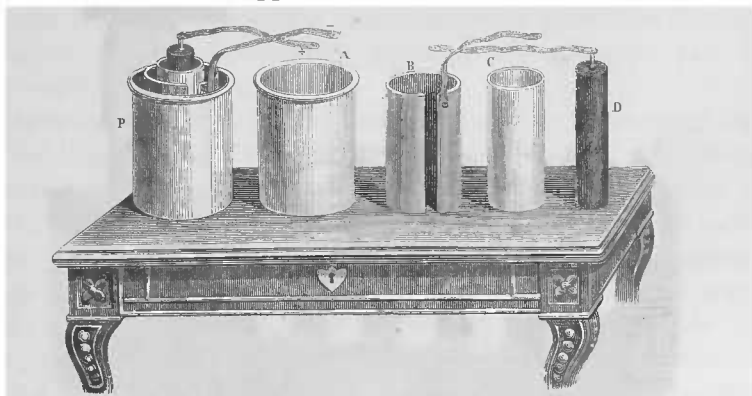


Fig. 225. — Pilha de carvão.

é a pilha de Bunsen. É conhecida com o nome de *pilha de carvão*, e foi inventada, haverá trinta annos, por Bunsen, physico de Berlim. Cada par d'esta pilha compõe-se de quatro peças: 1º um vaso de louça A (fig. 225), contendo agua acidulada com acido

sulfurico; 2º um cylindro de zinco B, ao qual está soldada uma longa lamina de cobre vermelho; 3º um vaso C, de barro mal cozido, o qual é muito poroso e permeavel aos liquidos; este enche-se de acido azotico; 4º emfim, um cylindro de carvão de coke D, mui calcinado e bom conductor da electricidade. Na sua parte superior este carvão tem um buraco em que se mette um pequeno cylindro de cobre vermelho, ao qual está soldada uma lamina do mesmo metal.

Quando se quer fazer funcionar a pilha, mette-se primeiro no vaso de louça o cylindro de zinco, depois, n'este o vaso poroso, e emfim, o carvão, como se vê em P, sobre a esquerda do desenho. N'esta pilha ha dobrada acção chimica, uma devida á decomposição da agua pelo acido sulfurico e pelo zinco, com a formação de um sal chamado sulfato de zinco; a outra produzida pelo hydrogeneo que, desprendendo-se pela decomposição da agua, se encaminha através do vaso poroso para o acido azotico e o decompõe. D'este duplo effeito resultão duas correntes no mesmo sentido, cujas intensidades se ajuntão, e cuja direcção é tal, que ao carvão corresponde o pólo positivo e ao zinco o pólo negativo.

Para obter effeitos energicos, reúnem-se muitos pares, como mostra a fig. 226, tendo o cuidado em que a lamina de cobre,

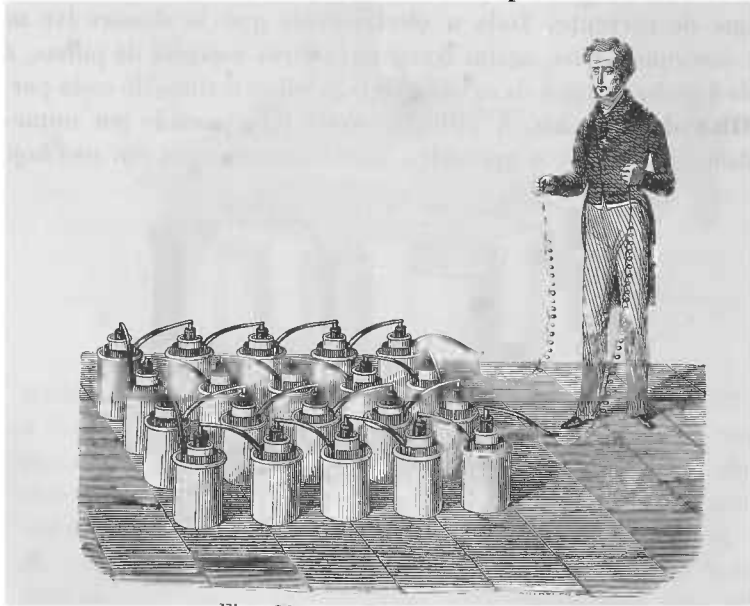


Fig. 226. — Commoção da pilha.

soldada ao zinco de cada par, vá adaptar-se ao carvão do par seguinte, sempre na mesma ordem. O numero de pares que se reúnem assim para formar uma *bateria voltaica* varia com os effeitos

que se querem obter; tem sido elevado até 800, e póde ainda passar muito além.

Efeitos da pilha. — *Efeitos physiologicos.* Os efeitos das correntes electricas dividem-se em efeitos physiologicos, calorificos, luminosos, chimicos e magneticos. Todos são devidos á recominação das electricidades contrarias, da mesma sorte que os efeitos da maquina electrica, mas elles são muito mais notaveis e muito mais energicos, por causa da continuidade de sua acção.

Os efeitos physiologicos consistem em abalos e contracções violentas que a corrente imprime aos musculos, não sómente dos animaes vivos, mas dos mortos. Quando não se toca senão um dos pólos da pilha, não se resente abalo algum; mas se se tocão os dois pólos, ou se alguém toma nas mãos os dois electrodes (fig. 226), resente-se uma commoção analoga á da garrafa de Leyde; com esta differença, que esta ultima não dá mais que um abalo, e que se alguém o quizer renovar, tem de carregar novamente a garrafa, a pilha, pelo contrario, forma commoções que se repetem sem cessar. Este phenomeno explica-se pela continuidade da acção chimica na pilha, que reproduz constantemente nova electricidade livre em cada pólo, para substituir a que se recombinou pelos electrodes e o corpo do experimentador.

Electricidade por indução. Em physica, chama-se *inducção* o poder que tem uma corrente electrica de excitar instantaneamente nos corpos susceptiveis de serem electrizados correntes electricas, que se chamão *correntes de indução*. A experiencia tem provado que as correntes de indução possuem todas as propriedades das correntes das pilhas; pois como ellas, produzem faiscas, commoções musculares violentas, decompõem a agua e os saes, e actuão sobre a agulha magnetica.

A electricidade de indução tem hoje muitas applicações na medicina. Existem para este fim varios aparelhos que se dispõem ordinariamente debaixo da fórma de carretéis, como mostra a fig. 227. Este aparelho compõe-se de um cylindro de papelão em que se enrola um fio de cobre um tanto grosso, dando pouco mais ou menos trezentas voltas. Por cima enrola-se um fio mais delgado, que dá alguns milhares de voltas. Estes fios, além de serem cuidadosamente revestidos de seda, são tambem cobertos com um verniz de gomme-lacca destinado a isola-los um do outro. Duas pequenas lindas de cobre, postas á esquerda sobre a prancheta que sostem o carretel, estão em communicação com os pólos de uma pilha. Da linda mais á esquerda sahe uma lamina de cobre, que se dirige a uma pequena roda denteada, movida por um pequeno maquinismo de relojoaria e em communicação com

uma das extremidades do fio grosso do carretel. O outro extremo do mesmo fio prolonga-se sobre a prancheta até á segunda linda. Emfim, sobre a direita estão duas outras lindas a que vão ter as duas extremidades do fio exterior ou mais delgado, e das mesmas

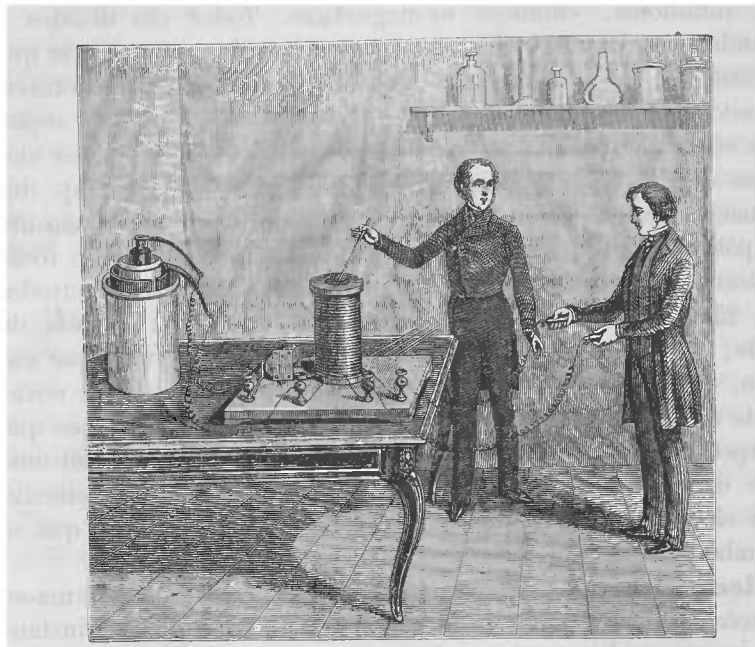


Fig. 227. — Efeitos physiologicos das correntes de inducção.

lindas partem dois outros fios que representam os prolongamentos do fio induzido. Para se obterem commoções, terminão-se estes dois ultimos fios por cylindros de cobre, que se tomão nas mãos como mostra a figura.

A corrente estabelecida no fio mais grosso chama-se *corrente inductora*, e a que se estabelece no fio mais fino *corrente induzida*.

Não chegando a corrente da pilha ao fio grosso do carretel, senão depois de ter passado pelo maquinismo de relojoaria, d'ahi resulta que todas as vezes que a pequena lamina elastica que se apoia sobre a roda denteada toca um dos seus dentes, a corrente passa; mas que todas as vezes que a lamina salta de um dente ao seguinte, a corrente é interrompida. Ella não passa, portanto, senão com intermittencias, para o fio grosso, e são essas intermittencias que dão origem a correntes de inducção, alternativamente de sentido contrario no fio fino que se conserva na mão.

As commoções dadas por estas correntes não são iguaes: a corrente induzida que se produz no instante em que a corrente

inductora se estabelece, não dá senão commoções quasi nullas, enquanto que as que se produzem a cada ruptura da corrente inductora são extremamente fortes. Graduão-se estas commoções por meio de pequenas varetas de ferro doce que se introduzem progressivamente no interior do carretel. Estas varetas, electrizando-se e deselectrizando-se constantemente, em consequencia das intermittencias da corrente inductora, actuão por sua vez por inducção sobre a corrente induzida, e augmentão muito a intensidade das commoções no momento da ruptura da corrente inductora.

Electro - iman. Os *electro-imans* são imans extremamente poderosos, que se obtem, como o seu nome indica, por meio da electricidade. Compõem-se de uma barra cylindrica de ferro doce, curvada em fórma de ferradura (fig. 228), em cada lado da qual se enrola e torna a enrolar muitas vezes um fio de cobre coberto de seda, de maneira que formem dois grossos rolos ou carreteis, mas cujo enrolamento foi feito em sentido contrario. Logo que uma corrente um pouco energica passa pelo fio, o ferro se magnetiza e torna-se em iman mui poderoso; mas logo que a corrente se acha interrompida, todo o signal de magnetização desaparece.

A força dos electro-imans depende das suas dimensões, do numero de voltas do fio e da energia da corrente. Não é preciso um electro-iman extremamente forte para suspender uma pessoa; tem-se construido electro-imans que podem com quatorze ou quinze pessoas, e ainda se poderião construir outros de muito maior força. Estes apparatus tem importantes applicações nos telegraphos, relogios e motores electricos.

Applicação da electricidade ao tratamento das molestias. Immediatamente depois da invenção da maquina electrica, tentou-se empregar a electricidade para o tratamento de certas molestias. Começou-se por tirar faiscas do corpo dos doentes, approximando-os do conductor de uma maquina electrica em actividade; mais tarde, isolárão-se os doentes sobre o tamborete com pés de vidro; e postos em communicacão com a maquina, erão esfregados com escovas formadas de numerosos fios de metal, afim de multiplicar as faiscas. Chegou-se assim, senão a curar, ao menos a melhorar o estado de alguns doentes, sobretudo nos

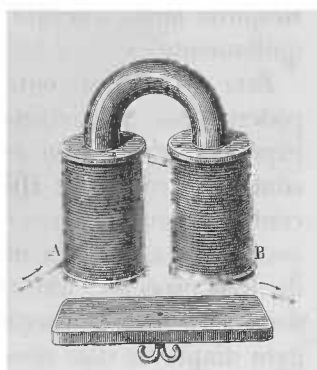


Fig. 228. — Electro-iman.

casos de paralytia; comtudo, e uso medicinal da electricidade estava pouco mais ou menos abandonado, quando se pensou em utiliza-la na fôrma de correntes voltaicas e depois na de correntes de inducção; modo debaixo do qual ella se acha hoje muito em voga.

Os primeiros ensaios da applicação da electricidade galvanica á therapeutica forão devidos a Humboldt, que fez a esse respeito, desde o fim do ultimo seculo, numerosas experiencias em si mesmo e nos animaes. Entre outras experiencias, conta elle que tendo esperado que um pintaroxo estivesse perto de morrer, e quando estava já estendido de costas sem movimento e completamente insensivel á picada de uma agulha, elle poz-lhe uma pequena lamina de zinco entre o bico e um fio de prata no recto. « Qual não foi a minha admiração escreve elle, quando no momento do contacto o passaro abrio os olhos, pôz-se em pé e bateo as azas! Respirou ainda durante seis ou oito minutos e morreo depois tranquillamente. »

Esta e muitas outras experiencias servem para mostrar a poderosa accção da electricidade sobre a economia animal. Tem-se experimentado pouco este agente debaixo da fôrma de corrente contínua, como fez Humboldt na experiencia citada, mas pelo contrario muitas vezes como corrente interrompida, applicando-se assim com auxilio da maquina de inducção. Estas maquinas são de duas especies: umas funcionão sem pilha, e a corrente ahi se desenvolve pela inducção de uma forte barra magnetizada, que gyra diante de dois novellos de fio de cobre recoberto de seda e enrolado em um cylindro de ferro doce com feitio de ferradura, á maneira dos electro-imans. O ferro, magnetizando-se e desmagnetizando-se a cada gyro da barra, actua por inducção sobre o fio dos embrulhos e ahi desenvolve uma corrente induzida de sentido contrario. Nas outras maquinas de inducção, a corrente inductora é devida a uma pilha de carvão, como uma que acima ficou descripta. (Fig. 225).

A figura 229 representa uma maquina d'esta especie, imaginada pelo Dr. Duchenne e empregada por elle na sua pratica em Pariz. Compõe-se esta maquina de uma pequena caixa de páo, sobre a qual está fixo um cylindro de cobre que encerra um rolo ou carretel com dois fios. Na caixa ha uma gaveta de zinco em que se encontra uma pequena camada d'agua salgada, e n'essa soluçãõ mergulha uma chapa de carvão de coke bem calcinada e impregnada de acido azotico; isto é, que o todo representa um par da pilha de Bunsen levemente modificada. Duas laminas de cobre, communicando, uma com o zinco e a outra com o

carvão, conduzem a corrente ao fio grosso do carretel, mas depois de ter este passado por um interruptor, produzindo o mesmo effeito que o mechanismo de relojoaria no apparelho da Fig. 227. Este interruptor consiste n'uma pequena lamina de ferro doce, que é attrahida por um electro-iman collocado no centro do carretel. Esta lamina sendo attrahida todas as vezes que a corrente passa, a interrompe immediatamente. Quanto ao fio induzido, elle sahe do apparelho e vem pelos seus dois extremos adaptar-se

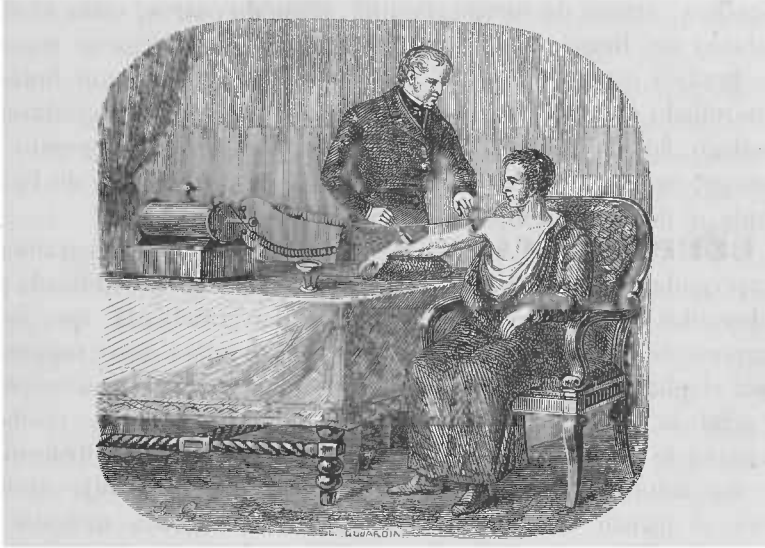


Fig. 229. — Applicaçãõ da electricidade na paralyisia do braço.

a dois copinhos de cobre providos de cabos de vidro, que o operador segura na mão. Estes copinhos são ôcos e guarnecidos, na sua parte inferior, de esponjas humedecidas com agua salgada, ou com agua simples, segundo se quizer estabelecer mais ou menos intimamente a conductibilidade da corrente sobre as partes em contacto com essas esponjas. O desenho mostra de que maneira se procede para fazer passar assim a corrente a um membro affectado de paralyisia.

Existem outros apparelhos, que se achão indicados na ultima edição do meu *Formulario*.

Tem-se obtido bons effeitos da electricidade em varias affecções nervosas, principalmente nas da vista e nas nevralgias; mas é sobretudo nos casos de paralyisia que as correntes tem dado resultados os mais satisfactorios. Em qualquer caso, convem não se deixar electrizar senão por praticos familiarizados com os effeitos da electricidade nas diversas affecções; porque, se algumas vezes deixa de produzir effeitos, ella nem sempre se mostra inoffensiva;

e, mal applicada ou fóra de proposito, já por vezes tem produzido máos effeitos.

ELECTUARIO. Preparação pharmaceutica de consistencia molle, composta de pós, polpas ou extractos de vegetaes, bem como de substancias animaes ou mineraes misturadas com assucar, mel de abelhas ou com vinho.

ELEMI. Em pharmacia dá-se este nome á resina produzida pela *Icica icicariba* (Terebinthaceas) segundo uns, e pela *Amyris elemifera*, arvore da mesma familia, segundo outros; estas arvores habitão no Brasil. É molle ao principio, mas torna-se secca e quebradiça com o tempo. É semi-transparente, de um branco-amarellado com pontos esverdeados; o seu cheiro é agradável e analogo ao do funcho. Entra na composição do unguento de Arceus, empregado no curativo das ulceras, do balsamo de Fioravanti, e de muitos emplastos.

ELEPHANTIASIS. Esta expressão foi primeiramente empregada para designar uma molestia da pelle, caracterizada por tuberculos duros, proeminentes, de côr avermelhada, que ordinariamente occupão o rosto, e com o tempo se inflammão e suppurão. Esta elephantiasis é chamada hoje *elephantiasis dos Gregos* ou *morphéa*, e acha-se descripta no artigo MORPHÉA. Designão-se tambem debaixo do nome de *elephantiasis* certas inchações duras, disformes, de um membro ou de qualquer outra parte do corpo, cujas dimensões se tornão cada vez mais consideraveis. Esta molestia foi tambem chamada *erysipela branca* e *Elephantiasis dos Arabes*: d'ella vou tratar n'este lugar.

Elephantiasis dos Arabes. Assim se chamão, como acabei de dizer, certas inchações dos membros, principalmente dos membros inferiores, do escroto, e de outras partes do corpo. Esta molestia é tambem designada pelo nome de *erysipela branca*, *edema duro*, *molestia glandular de Barbada*, *sarcocele do Egypto*.

Causas. O temperamento lymphatico predispõe a esta affecção; mas ella sobrevem em todas as idades e em todas as condições da vida, n'um e n'outro sexo. Attribue-se o seu desenvolvimento á impressão subita do frio sobre o corpo collocado no meio de uma atmospherica quente. Mas a sua causa depende mais da influencia atmospherica do que de quaesquer outras circumstancias. Esta molestia é commum nos climas quentes e humidos, taes como o Egypto, as Barbadas e o Brasil. É frequente no Rio de Janeiro; porque as condições atmosphericas que indiquei reinão constantemente n'essa grande cidade. É extremamente rara na Europa. A elephantiasis não é contagiosa nem hereditaria.

Symptomas. A elephantiasis affecta mais ordinariamente os

membros inferiores. Eis-aqui os seus symptomas n'estas partes do corpo. As mais das vezes a molestia é annunciada por uma dôr mais ou menos viva na virilha ou na curva da perna, e pelo desenvolvimento de uma linha vermelha, de um cordão duro, doloroso, nodoso, composto de pequenos tumores subcutaneos, estendido desde a virilha até ao joelho ou até ao tornozelo; ou, então, a molestia principia por um ataque de *erysipela*. Em muitos casos a pelle toma a côr vermelha, e a parte entumece consideravelmente; outras vezes, não ha vermelhidão, mas simplesmente inchação, sem mudança na côr da pelle, o que se chama vulgarmente *erysipela branca*. Ordinariamente apparecem calefrios, sêde ardente, anxiedade, vomitos, ás vezes delirio, e depois calor intenso seguido de suores e da cessação dos symptomas da febre. No espaço de um ou de muitos mezes, estes phenomenos reaparecem debaixo da fórma de *ataque*, em intervallos mais ou menos longos, que podem variar em numero de tres a quatorze por anno ou renovar-se sómente ao cabo de sete annos. Estes ataques, cujo numero e duração não se podem prever nem calcular, são seguidos de um augmento progressivo do volume do membro, que ao principio depende, em grande parte, do deposito de certa porção de serosidade no tecido subcutaneo e que cede facilmente á pressão. Mais tarde o membro torna-se duro, e não conserva mais a impressão do dedo. Chegada ao estado chronico, a molestia fica ordinariamente estacionaria por muitos mezes; depois os accidentas reaparecem; seguem a mesma marcha que a principio, tornão a dissipar-se, deixando novo augmento de volume na parte, a qual; passados alguns annos, torna-se disforme e monstruosa. Uma vez o tumor é unido, igual e semelhante a um sacco bem cheio; outras vezes o pé fica coberto pela inchação : só os dedos são visiveis; um sulco profundo existe á roda da articulação; toda a massa fica disforme; parece-se com a perna de um elephante, e d'ahi lhe vem o nome de *elephantiasis*. Ás vezes a perna é cortada de distancia em distancia por sulcos profundos e circulares. A pelle é frequentemente lisa, mas tambem pôde ser coberta de crostas amarellas, verrugas, ou veias varicosas. Outras fórmias se observão ainda, mas é inutil descrevê-las.

Ás vezes a elephantiasis ataca os braços, porém menos frequentemente do que as pernas: os seus symptomas são os mesmos que nos membros inferiores. Tem-se observado no rosto: produz n'este caso tumefacção nas palpebras, faces, nariz e labios. Pôde então provocar symptomas cerebraes, mas cura-se n'este lugar mais facilmente do que nas extremidades. Tem-se visto sobre o peito e pescoço formar tumores espessos, ou dar aos seios um volume

tal, que era preciso sustenta-los com ataduras. Sobre o ventre é acompanhada dos symptomas de irritação intestinal, e produz uma exalação abundante de serosidade no tecido cellular subcutaneo da região abdominal anterior, e tumores consideraveis.

Depois das pernas, o escroto é a região do corpo que a elephantiase dos Arabes ataca mais frequentemente, e dá a esta parte e ao membro viril um volume monstruoso. Tem-se visto tumores d'esta natureza que descião até os tornozelos. Os mesmos tumores desenvolvem-se tambem nas partes genitae da mulher, e apresentam o mesmo volume e a mesma deformidade.

Taes são em geral os symptomas da elephantiase dos Arabes. Faz-se facilmente ideia dos grãos menos intensos; póde a molestia não passar de simples vermelhidão erysipelatosa, ou de inchação pouco consideravel, sem augmento do volume da parte, nem perturbação da saude.

Prognostico. A elephantiase é ordinariamente de longa duração; póde persistir vinte annos e até toda a vida. Desaparece ás vezes para tornar a apparecer de novo nas mesmas partes que forão affectadas primitivamente; outras vezes deixa uma região para transportar-se a outra; entretanto ás vezes sára espontaneamente subtrahindo-se a pessoa ás causas que a produzem; isto é, mudando de regimen e de clima : no maior numero de casos a elephantiase fica estacionaria.

Tratamento. No *primeiro periodo*, isto é, durante o *ataque de erysipela*, o doente deve ficar de cama; agasalhar-se, e tomar duas ou tres chicaras de alguma bebida sudorifica, como chá de sabugueiro, de herva cidreira ou da India, para suar. No dia seguinte tomará um vomitorio (5 ou 10 centigrammas de tartaro emetico n'uma chicara d'agua morna). Se o tartaro emetico não produzir bastantes evacuações, será preciso tomar no dia seguinte 60 gram. (2 onças) de sal d'Epsom.

Polvilhe-se o lugar doente com polvilho ou com a mistura seguinte :

Polvilho.	30 grammas (1 onça)
Camphora em pó..	4 grammas (1 oitava).

Applica-se tambem com vantagem sobre a erysipela algodão em rama.

Quando se formar inchação elephantiaca convem ligar o membro com uma atadura convenientemente applicada. Esta compressão é sobretudo util nas pernas; e n'este lugar as ataduras podem ser vantajosamente substituidas por meias elasticas de borracha vulcanizada.

Os banhos frios, os do mar sobretudo, são também vantajosos n'este periodo da molestia.

Quando a inchação é consideravel, convem recorrer ás fricções com gelo. Todos os dias faz-se uma fricção com meia libra de gelo até elle se derreter, e depois exerce-se compressão methodica com uma atadura, ou com meias apropiadas.

Outros remedios forão propostos contra esta inchação, taes são : fricções com pomada de iodureto de potassio, ou pomada marcial; banhos com infusões aromaticas de alfazema, alecrim, mangeronna, hortelã, salva, etc.; com decocções de raiz de casca de jiquitibá, de rosas rubras, etc.

Eis-aqui a receita da pomada :

Pomada de iodureto de potassio. 30 grammas (1 onça).

Para esfregar duas vezes por dia com a porção do tamanho de uma azeitona, ou maior porção conforme a extensão da parte inchada.

Pomada marcial.

Sulfato de ferro. 8 grammas (2 oitavas)
Baiha 30 grammas (1 onça).

Misture. Mesma dóse que a precedente.

A mudança de clima ao principio da molestia é um dos meios mais certos da cura, e, podendo-se, deve recorrer-se a ella ainda quando o mal fôr inveterado.

Fatigados pelo peso enorme dos tecidos affectados, alguns doentes reclamão a amputação, como ultimo recurso contra o mal incuravel. Muitos d'entre elles, que sobreviverão a essa operação, forão affectados de novo de elephantiasse em outras regiões do corpo, ou então succumbirão ás consequencias da inflamação de algum orgão interno. Alguns porém d'estes gozarão, depois da amputação, de boa saude. Esta questão, por conseguinte, não está ainda resolvida.

Elephantiasse dos Gregos. *Veja-se MORPHÉA.*

ELIXIR. Medicamento ordinariamente obtido por maceção de substancias mais ou menos activas, no alcool ou vinho; em pharmacia é mais particularmente chamado *tintura* ou *alcoolato composto*.

O charlatanismo tem feito grandes especulações com os elixires : já o nome de elixir parecia por si só designar alguma cousa de perfeito, mas accrescentarão-lhe ainda epithetos proprios a maravilhar a imaginação do doente : assim temos o elixir da *vida*, de *longa vida*, o elixir *visceral temperante*, o elixir *anti-pestilencial*, etc. Vou indicar a composição e a preparação dos dois elixires mais empregados.

Elixir de longa vida. Aloes socotorino, 36 partes; raiz de genjiana, 4; rhuibarbo, 4; zedoaria, 4; açafão, 4; agarico branco, 4; triaga, 4; alcool a 21° Cartier, 1728.

Deite a metade do alcool sobre todas as substancias convenientemente divididas; deixe macerar por oito dias e cõe com expressão; deite sobre o residuo o resto do alcool; macere por oito dias; torne a coar, misture o producto com a primeira tintura e filtre.

Este elixir administra-se na dóse de 8 a 48 grammas (2 a 12 oitavas), como estomachico e purgativo.

Alcoolato de Garus. Aloes socotorino, 20 partes; açafão, 20; myrrha, 20; canella, 15; cravos da India, 15; moscada, 15; alcool a 21° Cartier, 8000; agua de flores de laranjeira, 500.

Deixe macerar por dois dias e distille 4000 partes de licor, que assim obtido se chama *alcoolato de Garus*.

Para preparar o *elixir de Garus* tome: alcoolato de Garus, 4000 partes; xarope de capillé, 3000; açafão, 4; agua de flores de laranjeira, 250. Macere o açafão na agua de flores de laranjeira por 24 horas, misture tudo, e filtre. Toma-se na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças), como tonico e excitante.

EMBALSAMENTO. Chama-se *embalsamento* uma preparação dos cadaveres feita com o intuito de preserva-los da putrefacção. Muitas nações antigas tinham o costume de embalsamar os mortos, mas nenhum povo apurou tanto esta arte como os Egypcios: consideravão o embalsamento como uma pratica ligada ao systema de religião; porque julgavão que a alma ficava perto do corpo emquanto este conservava a sua fórma.

São raras hoje as occasiões de praticar o embalsamento: entretanto esta operação acha ainda sua applicação em algumas circumstancias. Umavez quer-se subtrahir aos estragos do tempo e transmittir á memoria da posteridade os despojos de um principe, de um grande homem, etc.; outras vezes deseja conservar-se o exterior frio e inanimado de uma pessoa querida; em alguns casos é necessario unicamente impedir a putrefacção do cavader durante o intervallo que decorre entre o momento da morte e o do enterramento.

Muitos historiadores nos transmittirão, com mais ou menos exactidão, os modos de embalsamento usados pelos Egypcios. Praticavão-se da maneira seguinte: Os embalsamadores introduzão nas ventas um ferro agudo e curvo, quebravão o osso ethmoide, e tiravão os miolos em parte com um licor dissolvente, composto segundo o que se julga, de natrum (carbonato de soda) misturado com cal. Praticavão depois uma incisão na parte inferior do ventre, e tiravão os intestinos, que deitavão ao rio Nilo: as

cavidades e as visceras são depois lavadas com o licor dissolvente; enchem o ventre com myrrha, canella e outras substancias aromaticas e betuminosas; então mergulham o corpo durante setenta dias na dissolução de natrum, e no fim d'este tempo o cadaver era lavado e envolvido em ataduras de panno de linho; era depois posto n'uma caixa de páo, e entregue aos parentes. Todos sabem que estes corpos conservados até aos nossos dias, e que hoje se achão em grande numero no Egypto, chamão-se *mumias*. Achão-se algumas d'ellas no museu do Rio de Janeiro, bem completas.

Os methodos de embalsamento usados no Egypto não dão bons resultados nos outros climas; e muitas mumias, que se conservão muito bem nas catacumbas do Egypto, corrompem-se quando são expostas ao ar humido ou transportadas para outras regiões.

Hoje para embalsamar um corpo, emprega-se outro meio. As numerosas incisões, mutilações, a subtracção das visceras, a maceração prolongada, etc., são substituidas por uma operação da maior simplicidade, uma injeccão por uma pequena abertura feita no pescoço, de um liquido dotado de propriedades anti-putridas. Este liquido é uma dissolução de chlorureto de zinco em agua; penetra pela arteria do pescoço, em totas as ramificações arteriaes e em todos os órgãos do corpo. O modo de praticar esta operação acha-se descrito no meu FORMULARIO, 9ª edição de 1874, pag. 804.

EMBARAÇO DO ESTOMAGO, EMBARAÇO GASTRICO, ENCHIMENTO DO ESTOMAGO, ou ENFARTE DO ESTOMAGO. Estes diversos nomes applicão-se ao incommodo caracterizado pelos *symptomas* seguintes :

Bocca amarga e saburrosa, lingua coberta de uma camada amarellada; ha fastio, evacuações mais ou menos frequentes, ou vontade de lançar : as digestões são difficeis : o doente tem ordinariamente repugnancia para a carne, e deseja substancias acidas; emfim, experimenta um sentimento de lassidão nos membros e dôres de cabeça, principalmente por cima das sobrancelhas.

As *causas* ordinarias d'esta affecção são as comidas mui copiosas; os alimentos pesados e indigestos, e os excessos dos licores espirituosos. Esta molestia desenvolve-se tambem debaixo da influencia do calor humido, das paixões tristes, dos pezares profundos e dos trabalhos mentaes excessivos.

Tratamento. Quaesquer que sejam as causas d'esta molestia, ella é leve e dura só alguns dias, se fôr tratada convenientemente. É preciso logo a principio observar dieta um pouco severa, e usar de bebidas acidulas, taes como limonada de limão, de laranja, de cajú, etc. Se este tratamento não fôr sufficiente, convem

recorrer a um vomitorio. Cinco a dez centigrammas (1 a 2 grãos) de tartaro emetico, dissolvidos n'uma chicara d'agua morna, e tomados de uma vez, é o que convem. Mas se houver diarrhea, em lugar do tartaro emetico, convirá empregar 1 gramma (20 grãos) de poaya em pó n'uma chicara d'agua morna. Se houver prisão de ventre, tomem-se 60 grammas (2 onças) de sal d'Epsom no dia seguinte ao do vomitorio de tartaro emetico.

Se o doente sentir dôres na bocca do estomago, e se esta região fôr mui sensivel á compressão, em vez de vomitorios, será preciso applicar uma cataplasma de linhaça no ventre, e recorrer aos purgantes.

EMBIGO. Dá-se este nome á cicatriz que resulta da quéda do cordão umbilical. Nas crianças recém-nascidas, a palavra *embigo* designa o ponto do ventre onde se acha inserido o cordão.

Logo depois da nascença, é preciso cortar o cordão umbilical a duas ou tres pollegadas de distancia do ventre, e liga-lo immediatamente com fios de linho; mas se o cordão fôr molle, podem os fios de linho corta-lo, e é melhor em tal caso empregar uma mecha de fios de algodão. Nos partos de uma só criança, liga-se unicamente a extremidade do cordão que fica com a criança, e deixa-se a outra extremidade sem ligadura; nos casos porém de parto duplo, depois da sahida da primeira criança, é preciso fazer a ligadura em dois lugares: a primeira a duas pollegadas, e a outra a tres pollegadas do ventre da mesma criança; e cortar o cordão com tesoura no intervallo d'estas duas ligaduras. Sem esta segunda ligadura poderia sobrevir uma hemorragia. Depois de ligada, a extremidade adherente do cordão deve ser envolvida n'um panno de linho ou de algodão, levantada para cima do lado esquerdo, e mantida com uma ligadura. D'esta maneira não comprime o figado, nem está exposta a ser molhada pelas ourinas. Depois de sua quéda, que tem lugar do terceiro ao setimo dia, lava-se com agua morna e cobre-se com um panno de linho secco ou untado com ceroto a pequena ulceração que lhe succede. Ás vezes esta ulceração sára com difficuldade; cumpre então polvilha-la com pó de folhas de murta.

Fungosidades do embigo. Em algumas crianças, immediatamente depois da quéda do cordão umbilical, apparece certa excrescencia fungosa que não tarda a augmentar. Esta excrescencia é rubra, humida, assaz semelhante ao morango; ás vezes saliente, outras vezes profundamente escondida na cavidade umbilical; está pegada á cicatriz umbilical por uma base estreitada, ou por um pediculo mui estreito. Abandonada a si, esta pequena fungosidade continua a crescer, causa á criança dôres vivas; pelo que é

preciso destrui-la quanto antes. Uma leve cauterização com pedra infernal basta ás vezes quando o tumor não é consideravel. Quando é mais volumoso, é melhor excisa-lo ou aperta-lo com linha.

Hemorrhagia umbilical dos recém-nascidos. Em consequencia da molleza natural, ou das tracções intempestivas da parteira, o cordão umbilical pôde romper-se na sua base, perto da pelle, e produzir hemorrhagia mortal. Esta hemorrhagia pôde tambem apparecer espontaneamente, depois da quêda natural do cordão umbilical, entre o setimo e decimo terceiro dia depois do nascimento. As hemorrhagias umbilicaes dos recém-nascidos são quasi sempre mortaes.

Tratamento. Perder-se-hia um tempo precioso se se empregasse, para vedar esta hemorrhagia, pedrahume, colophonia ou as cauterizações. Existe um só meio efficaz: consiste em atravessar a cicatriz umbilical com um alfinete, e apertar a pelle com a linha, fazendo a ligadura em massa de todas as partes molles. Contra a hemorrhagia que apparece depois da quêda espontanea do cordão, pôde empregar-se a compressão com fios, ou com os dedos. A compressão com os dedos, praticada sem cessar durante 24 horas, foi ás vezes sufficiente para curar a molestia. Deve-se recorrer a ella em todos os casos antes da chegada do cirurgião.

Mal de embigo. *Veja-se MAL DE SETE DIAS.*

Quebradura do embigo. Dá-se o nome de *quebradura do embigo*, ou *quebradura umbilical*, a um tumor que resulta da sahida dos intestinos atravéz do anel umbilical, ou no lugar vizinho d'essa abertura. Esta molestia mostra-se naç crianças recém-nascidas, ou logo depois da quêda do cordão umbilical, ou nos adultos: ha por conseguinte tres especies de quebraduras do embigo: a quebradura *congenial*, a das *crianças*, e a dos *adultos*.

Quebradura congenial dos recém-nascidos. Varia muito o volume d'esta quebradura: é ás vezes tão pequeno, que as pessoas que ligão o cordão podem abrangê-la na ligadura; d'onde resultão accidentes graves e ás vezes a morte; sobrevem então vomitos, prisão e inchação do ventre, febre; forma-se depois um anus anormal, ou o recém-nascido succumbe. Por conseguinte é necessario haver muito cuidado quando se liga o embigo de uma criança.

Quando a quebradura do recém-nascido é pequena, não offerece perigo algum: o tratamento consiste em recolher o intestino, ligar e cortar o cordão, e exercer sobre o embigo uma compressão por meio de chumaços e de cinta, para obstar á reproducção da molestia.

Mas sendo a quebradura consideravel, a morte é quasi sempre inevitavel. Eis-aqui o que faz o perigo d'esta molestia: A pelle que

reveste a quebradura, e que pertence ao cordão umbilical, destroe-se, assim como este ultimo, seis ou sete dias depois do nascimento; o intestino fica então descoberto, e sobrevem uma inflammação promptamente mortal.

A *quebradura do embigo das crianças* forma-se ordinariamente pouco tempo depois da queda do cordão umbilical, ou nos primeiros mezes que seguem o nascimento; pôde sobrevir no quarto ou no quinto anno, mas isto acontece raras vezes. As suas *causas* são: os gritos da criança, os vomitos, a tosse, e sobretudo a coqueluche. Apresenta-se sob a fórma de um tumor alongado, que augmenta quando a criança chora ou tosse; depois de reduzida a quebradura, sente-se a abertura que lhe dá passagem.

A quebradura que se declara algum tempo depois do nascimento é muito menos grave do que a dos recém-nascidos; mas no maior numero de casos não se pôde obter a cura radical senão nas crianças menores de seis annos.

A redução d'esta quebradura é mui facil: se o tumor fôr pouco volumoso, a compressão deve ser feita directamente de diante para traz; mas se o tumor fôr grande, torna-se preciso comprimir um pouco obliquamente de baixo para cima.

Depois da redução, o *tratamento* consiste na compressão, que deve ser continuada por algum tempo. Quatro a seis semanas são sufficientes para as crianças mui novas. Eis-aqui como se procede: Corta-se um pedaço de rolha de cortiça, envolve-se n'um panno de linho, applica-se ao embigo, e segura-se com cinta. Para que a cortiça não possa sahir, é bom applicar por cima d'ella emplasto adhesivo, e por cima d'este pôr a cinta. Este apparelho é sufficiente para as crianças mui tenras; para as de maior idade convem empregar fundas elasticas. Fig. 230.

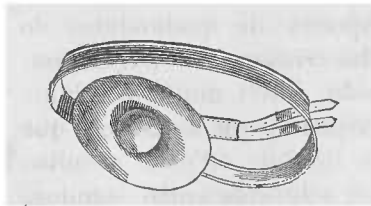


Fig. 230. Funda umbilical.

Quebradura do embigo dos adultos.

As pessoas gordas que emmagrecem, e as mulheres que tem tido muitos partos são muito expostas á quebradura do embigo. É um tumor não

doloroso, sem mudança na côr da pelle; é duro e augmenta de volume quando o doente está em pé, ou quando tosse; é molle; pelo contrario, e desaparece ás vezes inteiramente, quando o doente se deita ou quando o comprime com a mão; torna a apparecer quando cessa a compressão: ás vezes percebem-se n'este tumor certos ruidos que dependem do movimento dos gazes dentro dos intestinos.

A quebradura dos adultos não offerece as mesmas probabilidades

de cura que a das crianças, porque o anel perdeu a tendencia para se contrahir; entretanto não é incuravel.

Para reduzir a quebradura dos adultos, é preciso que o doente se deite de costas e encolha as coxas; comprime-se-lhe então o tumor com a mão, e depois de feita a redução, applica-se funda elastica que tenha no meio uma almofadinha convexa.

Ulcerações do embigo. Encontrão-se ás vezes nas crianças ou nos individuos gordos excoriações da pelle que cobre a região umbilical; em alguns casos são verdadeiras ulceras que fornecem suppuração abundante. Combatem-se com fios molhados em vinho tinto, ou com a cauterização com pedra infernal.

As ulcerações do embigo podem depender do virus syphilitico nos individuos affectados de cancro venereo; exigem n'este caso a applicação local de calomelanos, e um tratamento antisyphilitico interno.

EMBOLIA. (Da palavra grega embolo, cylindro que funciona dentro de uma bomba ou seringa.) Chama-se embolia á obstrucção de alguma grossa arteria ou veia por uma porção de sangue coagulado, d'onde resultão accidentes variados conforme o volume do vaso obstruido. Não se conhecem meios nem para prevenir nem para curar esta molestia.

EMBORCAÇÃO. *Veja-se* DUCHA.

EMBOTAMENTO DOS DENTES. *Veja-se* DENTES.

EMBRIAGUEZ. Tomadas em pequena quantidade, as bebidas alcoolicas, e principalmente o vinho, tem por effeito habitual activar a circulação e produzir uma exaltação geral, ordinariamente assignalada por maior facilidade no exercicio das faculdades intellectuaes, e uma especie de satisfação interior, acompanhada de disposições benevolas para com os outros. O homem não perde assim a razão; as suas acções e discursos tornão-se sómente mais livres, e descobrem melhor as suas inclinações e pensamentos secretos.

Tomadas sem reserva ou com excesso, as bebidas alcoolicas produzem uma agitação physica e moral mui grande, que se manifesta por gritos, cantos e uma alegria extravagante, ou disposição para brigar. O homem perde a razão. Os movimentos musculares, que erão firmes, tornão-se irregulares, a lingua parece pesada, e as palavras são imperfeitamente articuladas. É o *segundo gráo* da embriaguez.

No *terceiro gráo* a embriaguez é acompanhada de uma congestão cerebral mais ou menos consideravel; o pulso torna-se lento, a respiração rouca; o corpo, que já cambaleava, não póde sustener-se, ainda mesmo estando o individuo sentado; os olhos fechão-se, a

voz desaparece, succedendo um somno tão profundo, que pôde até terminar pela morte. Tem-se visto pessoas que, por haverem bebido de uma só vez por desafio ou por basofia, uma ou mais garrafas de caxaça ou de arguardente de França, succumbirão quasi immediatamente depois d'estas condemnaveis proesas.

Taes são os caracteres geraes da embriaguez; mas elles varião frequentemente de um modo mui notavel. Por exemplo, ha individuos, que se tornão tristes e taciturnos á medida que se vão embriagando, e acabão por experimentar um verdadeiro accesso de melancolia. Outros mostrão furor acompanhado de movimentos convulsivos, experimentão uma especie de delirio, chamado *delirio nervoso* (*Veja-se* esta palavra). Uns tornão-se pallidos; outros, pelo contrario, tem o rosto animado. Muitos desatão em gargalhadas e fiação muito divertidos.

O costume de embriagar-se occasiona accidentes mais ou menos graves, e tanto mais promptamente funestos quanto mais fortes são as bebidas. Assim acontece, no fim de algum tempo, que os que se embebedão com caxaça emmagrecem, perdem pouco a pouco o appetite e as forças, e experimentão, pelo effeito da alteração dos principaes órgãos do ventre, primeiramente inchação das pernas, e depois uma hydropsia geral, que é sempre seguida de morte. Aquelle que se embebeda com cerveja limita-se a engordar immoderadamente, e a cahir n'um estado habitual de entorpecimento. O bebado por abuso do vinho tambem engorda ordinariamente, bem que em gráo menor, e experimenta um enfraquecimento notavel das faculdades intellectuaes, que o torna incapaz de qualquer occupação um pouco elevada.

Tratamento da embriaguez. A embriaguez simples não é grave. Bastão as mais das vezes alguns copos de limonada de limão ou d'agua com assucar e um pouco de vinagre, lavatorios d'agua fria no rosto e na cabeça, applicações, na testa, de pannos molhados em agua fria e vinagre, e alguns instantes de silencio e repouso, para se acalmar a excitação passageira. A embriaguez produzida pelos vinhos brandos e espumosos, como o vinho de Champanha, dissipa-se, sobretudo, facilmente.

No segundo gráo, o estado que nos occupa merece maior attenção. Algumas chicaras de chá, de café, ou oito a dez gottas de ammoniaco, em meio copo d'agua com assucar, contribuem frequentemente para fazê-lo desaparecer. O ether sulfurico e o acetato de ammoniaco, na dóse de 10 a 15 gottas em meio copo d'agua com assucar, produzem igualmente bons effeitos. Cumpre depois dar a beber limonada de limão ou de vinagre.

Quando a embriaguez chega ao estado de insensibilidade e de

somno lethargico, é preciso deitar o doente de lado, com a cabeça levantada, n'um lugar fresco, e tirar-lhe toda a roupa que possa embaraçar a circulação. O chá da India; administrado abundantemente, appressará o restabelecimento. Esta bebida, que póde ser substituída pela agua morna, apresenta a dupla vantagem de diluir as materias alcoolizadas contidas no estomago e de favorecer a sua evacuação. Convém facilitar os vomitos, titillando a campainha com as barbas de uma penna, ou introduzindo dois dedos na garganta.

Estes meios convem igualmente no caso de embriaguez levada até á aniquilação quasi completa das acções vitaes. Convem, além d'isso, aquecer o individuo por meio de fricções com baeta quente, e applicar-lhe sinasmos nos pés. Se o individuo não recuperar os sentidos, é necessario continuar as fricções sobre as differentes partes do corpo, com pannos seccos ou embebidos em vinagre ou ammoniaco, approximar-lhe um frasco de ammoniaco ao nariz, applicar sinasmos nas pernas, e administrar o seguinte clyster :

Agua morna.	300 grammas (10 onças)
Sulfato de magnesia.	60 grammas (2 onças).

Não se devem cessar estes soccorros, nem perder a esperança de restabelecimento, senão quando os membros se tornarem rijos e annunciarem que a vida está inteiramente extincta.

É mui raro que depois do desaparecimento de um accesso de embriaguez sobrevenhão accidentes graves. Resulta só ordinariamente uma dôr de cabeça, mais ou menos viva, com fastio, amargor da bocca, sentimento doloroso no ventre, eructações de ovos chocos, e uma especie de tremor muscular; symptomas que se dissipão ordinariamente com um ou dois dias de dieta e com o uso de bebidas aqueas, tomadas abundantemente.

O tratamento do delirio nervoso, que é frequentemente consequencia dos excessos d'este genero, está indicado em um artigo especial (vol. I, pag. 790).

Forão aconselhados, varios *preservativos* da embriaguez, e a historia romana cita Druso, que resistia a todos os seus convivas, tendo o cuidado de comer cinco ou seis amendoas amargas durante o banquete. Mas deve-se conceder pouca confiança a este meio, e antes attribuir essa faculdade á resistencia que offerecem certas organizações á acção dos licores alcoolicos. Em limites restrictos, o habito das bebidas fermentadas enfraquece a sua acção sobre o systema nervoso; e póde-se beber grande quantidade d'ellas sem perder a razão. Quando, pelo contrario, a embriaguez é quasi habitual, bastão pequenas quantidades de vinho ou de licor para embebedar : este estado, designado sob o nome de bebedice, occa-

siona tão grandes modificações no rosto e no olhar, que basta um simples exame para se conhecer immediatamente a pessoa entregue a esse funesto costume; que, n'este gráo, torna-se uma paixão invencível.

EMBROCAÇÃO. Assim se chama a applicação sobre a pelle de oleo de amendoas doces, de oleo camphorado, ou de algum outro liquido oleaginoso. Um pedaço de flanela, molhado em balsemo tranquillo, e posto sobre o ventre, tem o nome de embrocação. Deve entender-se o mesmo pelas unções oleaginosas que se fazem no rosto, perna ou alguma outra região do corpo. Muitas pessoas chamão-lhe *fomentação*, que é outra cousa. (Veja-se FOMENTAÇÃO). Não se confunda tambem a *embrocação* com a *emborcação* ou *ducha*.

EMBRYÃO. Nome que se dá á criança desde a época da concepção até aos tres mezes da sua vida intra-uterina. Veja-se FETO.

EMETICO. Tomada adjectivamente, a palavra *emetico* emprega-se em geral para designar todo o medicamento dotado da propriedade de provocar vomitos; tomada substantivamente, serve para designar um sal conhecido debaixo das denominações seguintes: *tartrato de antimónio e de potassa*, *tartaro stibiado* ou *estibiado*, *tartaro emetico*. Tratarei n'este artigo unicamente do tartaro stibiado; quanto aos medicamentos emeticos considerados geralmente, veja-se o artigo VOMITORIO.

O tartaro emetico é um sal branco, crýtallizado em octaedros ou tetraedros meio transparentes, inodoros, de sabor styptico e nauseante, soluvel na agua. É um poderoso vomitorio. Administra-se na dóse de 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos), dissolvidos n'uma chicara d'agua fria ou morna, que se bebe de uma só vez ou em duas dóses com um quarto de hora de intervallo. Facilitão-se os vomitos bebendo-se por vezes agua morna. Em alguns individuos, o tartaro stibiado occasiona, em lugar de vomitos, dejecções alvinas; em outras pessoas produz um e outro effeito. Este medicamento, administrado da maneira que acabo de expôr emprega-se nas constipações, nas bronchites, nas erysipelas, nas esquinencias, no erup, e em outras muitas molestias. Augmentando as dóses do emetico e repetindo-as uma após outra, e em pequena quantidade de liquido, não se obtem os mesmos effeitos. Poder-se-hão introduzir no estomago 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos), sem que os vomitos ou a diarrhea sejam provocados. Outros phenomenos não meños incompreensíveis se apresentam ao observador: o pulso torna-se lento, bate sómente 50 a 55 vezes por minuto; a transpiração eutanea e a secreção urinaria augmentão consideravelmente. Esta acção do tartaro stibiado, á qual a escola

italiana deo o nome de *contra-stimulante*, foi aproveitada no tratamento das inflammações do peito e dos rheumatismos agudos, e tem produzido curas admiraveis. Em mui alta dóse de uma só vez, o tartaro emetico é um veneno, porém em pequena dóse, 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos), administra-se em muitos casos de envencenamentos, afim de se obter, pelos vomitos, a evaeuação das substancias venenosas contidas no estomago.

O conraveneno do tartaro emetico é o chá da India mui carregado, e o cozimento de casea de romã, de quina ou de noz de galha.

EMETO-CATHARTICOS. Dá-se este nome á mistura de medicamentos que tem por effeito determinar vomitos e purgar. Ordinariamente é a seguinte :

Agua ..	500 grammas (16 onças)
Emetico	5 centigrammas (1 grão)
Sulfato de magnesia	60 grammas (2 onças),

da qual se toma um copo de quarto em quarto de hora. Os emeto-catharticos empregão-se nos embarços gastricos.

EMMAGRECIMENTO. Diminuição gradual do volume do corpo. O emmagreimento póde depender de duas especies de causas bem differentes, cuja distincção é muito importante para o tratamento.

Manifesta-se ás vezes independentemente de toda a molestia, e chama-se então *essencial* ou *physiologico*. As eircumstancias que mais frequentemente o occasionão são : a época da adolescencia e a da decrepitude, um crescimento rapido, o vicioso costume da masturbação, excessivos trabalhos mecanicos ou intellectuaes, affecções moraes profundas, e sobretudo concentradas, como a inveja nas crianças, o pezar, a tristeza, a ambição, o amor, e tambem as longas abstineneias, vigalias prolongadas, o exeeso dos prazeres, o abuso dos licores espirituosos, etc. O uso contínuo dos aeidos, e principalmente do vinagre, póde igualmente determinar a aparição do phenomeno que nos oeeupa.

Outras vezes, e isso é mais geral, o emmagrecimento é o effeito de alguma molestia aguda ou chronica. É ás vezes um signal de affecções verminosas nas crianças e mesmo nos adultos. Observa-se então que os doentes, e principalmente os que são affectados de solitaria, emmagrecem muito, sem comtudo experimentarem diminuição do appetite. Vê-se muitas vezes nas mulheres gravidas a affluencia dos humores do lado do utero determinar o emmagrecimento das outras partes; este não é perigoso, e não dura mais que o periodo da gravidação.

Ainda quando o emmagrecimento fôr puramente *physiologico*,

isto é, estranho a uma lesão organica bem conhecida, merece comtudo grande attenção; porque indica uma falta de distribuição entre as forças vitaes, e porque é acompanhado em geral de uma sensibilidade nervosa que torna os órgãos mais susceptiveis de serem affectados de alguma molestia: banhos mornos repetidos, alimentos nutrientes e de facil digestão, como as decocções dos grãos cereaes, tapioca, salepo, sagú, milho, araruta, pão, geleas vegetaes e animaes, carnes assadas e caldos, podem ser empregados com vantagem. Quanto ao emmagrecimento symptomatico, o tratamento deve ser dirigido contra a molestia que o produz.

EMMENAGOGOS. Os emmenagogos são agentes que gozão da propriedade de restabelecer o fluxo menstrual supprimido. Mas, como esta suppressão póde depender de causas differentes, os agentes emmenagogos são tambem diversos, e muitas vezes oppostos uns aos outros. Assim, as bichas applicadas nas coxas são frequentemente os meios mais efficazes para provocar ou regularizar a menstruação, quando a sua suppressão é precedida de dôres de cabeça, calor do corpo, pulso forte e frequente. Quando, pelo contrario, houver fraqueza ou opilação, as preparações ferreas, a quina e outros tonicos, sós ou associados aos excitantes, são verdadeiros emmenagogos. Mas, por abuso de palavras, tem-se dado especialmente o nome de emmenagogos aos medicamentos que exercem uma acção estimulante sobre o utero, e que se administram quando a falta de menstruação depende da fraqueza d'este órgão. Eis-aqui estas substancias: arruda, sabina, artemisia, aloes, e banhos de pés sinapizados.

EMOLLIENTES. Designão-se debaixo d'este nome todos os meios medicinaes, e principalmente certas substancias medicamentosas que gozão da propriedade de relaxar os órgãos. A agua morna, empregada em bebidas, fomentações, banhos e vapores, é o emolliente de que mais frequentemente se usa, e que serve quasi sempre de vehiculo a todos os outros. Entre as substancias vegetaes, pertencem á classe dos medicamentos emollientes, a raiz de althéa, folhas de malvas, flores de violas, sementes de linho, sementes de marmelo, vassourinha; os fructos adocicados, taes como as passas, figos seccos, tamaras, as pevides de abobora, de melancia; as amendoas, todas as gomas, e principalmente a gomme arabica e alcatira, o polvilho, e todas as substancias que contém fecula, como a cevada, arroz, farinha de mandioca, e o miolo de pão. Entre as substancias animaes; contão-se a gelatina ou colla de Flandres, que serve para preparar os banhos emollientes, as decocções de carne de frango, vitella, tartaruga; emfim,

emprega-se tambem como emolliente o sôro e as differentes especies de leite.

Applicados á superficie da pelle, os emollientes tornão-n'a mais molle, acalmão a vermelhidão e as differentes especies de irritação de que pôde ser affectada, e d'aqui vem os nomes de *diluentes* e de *relaxantes* que ás vezes se lhes dão. Introduzidos nas vias gastro-intestinaes, pela bocca ou pelo anus, produzem a principio os mesmos effeitos que na pelle; diminuem, além d'isso, a sêde, o calor interior, as irritações intestinaes, acalmão a tosse, a febre e a dôr.

Empregão-se os emollientes sob todas as fórmãs, em cozimentos, poções, fomentações, emplastos, cataplasmas, clysteres, banhos, etc.

EMPHYSEMA. Dá-se este nome a todo o tumor branco, luzidio, elastico, indolente, causado pela introdução do ar no tecido cellullar; não conserva a impressão do dedo, como acontece na inchação occasionada pela serosidade infiltrada no mesmo tecido. As causas do emphysema são as fracturas das costellas, as feridas penetrantes do peito, as soluções de continuidade do larynge, da trachea, dos pulmões.

Eis-aqui como se forma o emphysema :

O ar expulso pela expiração percorre com bastante celeridade, como se sabe, a trachea e o larynge para sahir pela bocca e pelo nariz; existindo uma ferida em algum ponto do canal aereo, o ar penetra por esta ferida, que é o caminho mais curto; mas se a ferida, em vez de largamente aberta, fôr estreita e sinuosa, o ar, não podendo chegar á pelle, introduz-se no tecido cellullar que separa a pelle dos musculos, e o distende ás vezes de uma maneira prodigiosa. Por um mecanismo identico, o mesmo effeito terá lugar no peito se o pulmão fôr ferido por um instrumento penetrante, suppondo sempre que a ferida não seja mui larga. O emphysema é ainda inevitavel quando n'uma fractura das costellas, um dos fragmentos agudos do osso penetra do lado do pulmão e rasga este orgão sem que haja entretanto ferida exterior.

N'estes diversos casos a pelle fica estirada e um pouco luzidia, apresentando um tumor molle, elastico, indolente, que não conserva a impressão do dedo, mas que faz ouvir, quando se comprime, uma crepitação semelhante, até certo ponto, áquella que se sente quando se amassa um pedaço de pergaminho ou uma bexiga secca. Este tumor, limitado a principio ao lugar vizinho da ferida, não tarda a estender-se se a causa que o produzio persiste; invade successivamente o peito, o pescoço, o rosto, o ventre, depois as coxas, emfim todo o corpo. Esta accumulção tão grande

de ar não póde ter lugar sem incommodar as funcções de muitos órgãos.

Felizmente, esta molestia as mais das vezes não tem muita gravidade.

O *tratamento* consiste em comprimir com ataduras o lugar da ferida, para impedir a infiltração contínua do ar. Muitas vezes a natureza intervem felizmente; a ferida inflamma-se, incha e deixa de ser permeavel. Se o tumor é pequeno, o ar absorve-se e desaparece pouco a pouco. Favorece-se a absorpção com fricções de aguardente comphorada. Mas se o tumor fôr demasiado grande para poder desaparecer por si mesmo, dá-se sahida ao ar por meio de incisões superficiaes praticadas na pelle com lanceta.

EMPHYSEMA PULMONAR. Dilatação anormal do tecido dos pulmões pelo ar. Esta lesão apresenta duas fórmas; a mais commum é a dilatação dos alveolos, é o *emphysema vesicular*; é este que se entende designar quando se falla do emphysema pulmonar sem outra qualificação. A segunda fórma é constituida pela presença do ar no tecido cellula interlobular; a ruptura do pulmão é a condição indispensavel do seu desenvolvimento: é o *emphysema interlobular*. Os symptomas das duas fórmas de emphysema são os mesmos.

Symptomas. O emphysema dos pulmões é caracterizado pela difficuldade de respirar que augmenta em certos intervallos, pela tosse, pelas alterações do ruido respiratorio e da sonoridade do peito :

1º A difficuldade de respirar é um phenomeno quasi constante. A molestia principia muitas vezes na infancia; outras vezes sobrevem mais tarde; raras vezes começa depois de cincoenta annos. A difficuldade de respirar é habitual; augmenta pelas fadigas corporaes, pelas emoções moraes, pela habitação n'um lugar elevado, pela inchação gazosa do estomago e dos intestinos, etc.; apresenta exacerbações que se declarão em geral subitamente durante a noite. Os doentes são obrigados então a assentar-se precipitadamente, ás vezes a sahir da cama para respirar. A respiração é accelerada, a anxiedade, grande; ha muitas vezes imminencia de suffocação. Estes accessos podem não persistir senão algumas horas; ás vezes prolongão-se durante muitos dias, e a dyspnea, bem que diminuida de intensidade, fica ainda durante uma ou duas semanas bastante forte para privar os doentes do somno e força-los a ficarem assentados na immobilidade e no silencio. A difficuldade de respirar, no emphysema, explica-se pela compressão que as vesiculas dilatadas exercem sobre as que são sãs.

2º Configuração do peito. — A deformação do peito é um dos

symptomas mais communs do emphysema. Póde ser *geral*, isto é, occupar um lado ou os dois lados do peito; mas as mais das vezes é *parcial*, isto é, limitada a um ponto mais ou menos circumscripto. Quando esta deformação existe, o peito toma fôrma globosa, convexa; os espaços intercostaes estão alargados e perfeitamente pronunciados.

3º Sonoridade do peito. — Percutindo o peito obtem-se um som mais claro do que de ordinario. Este phenomeno não existe igualmente em todos os pontos do peito, mas tem muita intensidade ao nivel das proeminencias que deixei indicadas. Quando a deformação é geral, todo o peito está igualmente sonoro.

4º Auscultação. — No emphysema, ha diminuição ou ausencia completa do ruido respiratorio; o que parece explicar-se porque certo numero de vesiculas já distendidas pelo ar são impermeaveis ao novo ar que chega ao peito em cada inspiração. Este phenomeno de auscultação é em geral limitado a um ponto mais ou menos circumscripto; observa-se sobretudo ao nivel das proeminencias, e no lugar em que existe sonoridade exagerada. A auscultação dos individuos emphysematosos revela ainda a existencia dos ruidos sibilantes, roncantes, mucosos e sub-crepitantes, isto é de todos os ruidos da bronchite. Estes ruidos indicão uma complicação catarrhal; é a esta que se deve attribuir a tosse mais ou menos forte, os escarros mais ou menos abundantes que existem, e emfim as dôres do peito, que geralmente são pouco vivas.

Causas. O emphysema é a consequencia de distensão dos alveolos pulmonares além dos limites de sua elasticidade, nos individuos que tem o tecido pulmonar molle. As suas causas determinantes são todas as molestias acompanhadas de tosse convulsiva, em particular a bronchite capillar, a coqueluche e a fôrma secca do catarrho chronico. O emphysema póde ser produzido igualmente pelos esforços violentos, sem tosse antecedente; assim, observa-se nos padeiros, cantores, nas pessoas que tocão instrumentos de sopro, nos que levantão grandes pesos, etc. Nas crianças recém-nascidas póde ser produzido pela insufflação pulmonar mui energica.

Tratamento. É preciso evitar o frio, a humidade, as vicissitudes atmosfericas; evitar a poeira, a fumaça, os gazes irritantes, a leitura prolongada, os esforços musculares.

Um vomitorio, de vez em quando : 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) de tartaro emetico.

Um purgante todos os mezes : 60 grammas (2 onças) de sulfato de soda; a limonada de citrato de magnesia, ou oleo de ricino 30 grammas (1 onça).

Cozimento de musgo islandico, infusão de polygala de Virginia,

xarope de renovos de pinheiro, xarope de ether sulfurico, oxymel scillitico, xarope de tolú.

Emplasto de pcz de Borgonha no peito; vesicatorio na mesma região.

Pelo numero dos medicamentos que se empregão contra o emphysema, pôde-se julgar que a molestia é difficil de curar; é longa e mui incommoda, porém não ameaça a existencia do doente.

EMPIGEM ou DARTRO. Molestia cutanea, de marcha lenta em geral, ordinariamente rebelde aos numerosos meios empregados contra ella, e cuja fórma é mui variavel. Umaz vezes consiste na reunião de pequenos botões vermelhos, que deixão transudar alguma serosidade, e se convertem em poeira, escamas furfuraceas, ou em crostas mais ou menos grossas. Outras vezes dá-se o nome de empigem a pustulas e ulcerações, emfim a simples nodos vermelhas. Vulgarmente dá-se á empigem o nome de *molestia de pelle*; em medicina chama-se *dartro*.

Causas. É necessaria uma predisposição particular para se poder contrahir as empigens, e esta, como a maior parte das predisposições, não é conhecida em sua natureza; é frequentemente hereditaria, mas pôde tambem ser adquirida. É tão grande esta predisposição em certos individuos, que a menor arranhadura é seguida de uma empigem. Emfim, em alguns casos, bem que mui raros, as empigens podem ser communicadas por contagio. Tudo quanto irrita directa ou indirectamente a pelle pôde tornar-se causa de empigens. Assim, apparecem debaixo da influencia dos grandes calores do verão e dos climas quentes; pelo effeito do desalinho, pela habitação no seio de uma atmospherá carregada de poeira, e que, pegando-se á pelle, oppõe-se á transpiração. Porém a fonte mais fecunda d'estas molestias é o uso de alimentos irritantes, e principalmente dos que são salgados, apimentados, fumados, fermentados, corruptos e indigestos. Emfim, as empigens podem mostrar-se em consequencia da suppressão da transpiração, de uma hemorrhagia, ou de algum outro fluxo habitual. O Dr. Alibert cita o caso de uma senhora, da idade de 24 annos, que foi affectada de uma empigem geral em consequencia da suppressão dos menstruos: no fim de oito mezes as funcções do utero restabelecêrão-se, e a molestia da pelle desapareceo completamente. A syphilis é uma de suas causas frequentes; observão-se tambem nos individuos affectados de escrophulas, de sarna antiga ou de escorbuto.

As paixões tristes da alma tem influencia mui consideravel sobre a producção das empigens. O Dr. Alibert cita na sua obra muitos exemplos que põem esta influencia fóra de duvida. Uma mulher

foi subitamente atacada de uma affecção da pelle, em consequencia de um pezar violento, occasionado pela perda de uma criança. Um criado vio de repente o seu corpo cobrir-se de uma empigem, pelo effeito da impressão viva que experimentou vendo seu amo conduzido ao supplicio durante as execuções revolucionarias. Nada é mais commum do que ver muitos individuos attribuirem a origem das molestias da pelle, de que são affectados, ás emoções moraes que experimentárão, ás *revoluções* (segundo a expressão favorita do vulgo) que sentirão e que abalárão todo o seu organismo.

Symptomas. Os dartos ou as empigens apresentam-se debaixo de aspectos diversos, e constituem molestias differentes umas das outras. Distinguem-se sete especies : 1º *dartro furfuraceo volante*, que consiste em ligeiras exfoliações da epiderme que se assemelham a farelos (*veja-se* PITYRIASE); 2º *dartro eseamoso*, exfoliações da epiderme, que forma escamas mais largas que na especie precedente (*veja-se* ECZEMA, LICHEN); 3º *dartro crustaceo*, crostas amarellas, cinzentas, esbranquiçadas ou verdoengas, de differentes fórmas (*veja-se* OZAGRE); 4º *dartro corrosivo*, botões pustulosos ou ulceras corrosivas que fornecem um pus fetido, e que não sómente acommettem a pelle, mas tambem corroem os musculos e as cartilagens, e se estendem ás vezes até aos ossos (*veja-se* LUPO); 5º *dartro pustuloso*, pustulas mais ou menos volumosas, ás quaes succedem manchas avermelhadas (*veja-se* ACNE); 6º *dartro phlyctenoides*, vesiculas produzidas pela elevação da epiderme, cheias de serosidade, e deixando, depois de seccas, escamas avermelhadas (*veja-se* HERPES); 7º *dartro erythemoide*, elevações vermelhas produzidas pela inchação do tecido cutaneo, terminando por exfoliações da epiderme analogas ás do erythema. Pelo que se vê, a palavra *dartro* ou *empigem* é mui vaga.

O *tratamento* varia conforme a especie. Leia por conseguinte o leitor os artigos LICHEN, PITYRIASE, ECZEMA, OZAGRE, LUPO, ACNE, MENTAGRA, HERPES, ERYTHEMA. No artigo *Molestias de pelle* ha tambem algumas indicações especiaes.

EMPLASTO. Medicamento mais ou menos consistente, que se torna molle pelo effeito do calor, e adhire á pelle sobre a qual se applica. Entre os emplastos, uns são formados de corpos gordos e oleosos; de resina, cera, pós vegetaes ou decocções, sem nenhum oxydo metallico: distinguem-se com o nome de *unguentos emplasticos*. Outros são solidificados pelo oxydo de chumbo, e dá-se-lhes o nome de *emplastos* propriamente ditos. Só se empregão externamente. Para este fim fazem-se amollecem em agua quente, e estendem-se então com os dedos molhados em azeite doce sobre panno; outras vezes derretem-se ao fogo, e, depois de derretidos,

derramão-se sobre panno de algodão, de maneira que este não fique coberto senão de uma camada mui delgada; esta ultima preparação dos emplastos chama-se *sparadrappo*. O numero dos emplastos empregados no tratamento das molestias era outr'ora mui grande; hoje está mais limitado. Indico sómente os mais usados.

Emplasto simples: é composto de partes iguaes de banha de porco, azeite doce, lithargyrio (oxydo de chumbo), ao qual se incorpora certa quantidade d'agua. Este emplasto applica-se sobre os leicencos, para apressar a suppuração.

Emplasto adhesivo: é o mesmo que o diachylão. Estendido sobre panno de algodão, e cortado em tirinhas, serve para reunir os labios das feridas; isto é, para fazer o que se chama *pontos falsos*.
Veja-se CURATIVO.

Emplasto vesicatorio: é composto de tres partes de pez branco, uma de terebinthina e duas e meia de cera amarella, que se derretem juntas; cõa-se, e mistura-se-lhe intimamente parte e meia de cantharidas em pó mui fino. Quando se quer fazer uso d'esta massa emplastica, estende-se sobre panno ou papel. Para tornar o caustico mais forte, polvilha-se, no momento da applicação, com cantharidas grosseiramente pulverizadas.

Emplasto mercurial de Vigo: compõe-se de emplasto simples, cera amarella, pez, gomma ammoniaco, bdellio, myrrha, terebinthina, estoraque, alfazema e mercurio. Emprega-se contra os engurgitamentos chronicos dos testiculos e contra os bubões, afim de prevenir a suppuração das glandulas inflammadas e engurgitadas.

Emplasto diachylão. *Veja-se DIACHYLÃO.*

Emplasto de cicuta: compõe-se de pez, cera amarella, gomma ammoniaco e succo de folhas de cicuta. applica-se sobre os tumores dos seios, engurgitamentos escrophulosos das glandulas, etc.

EMPOLA. Dá-se o nome de empola a pequenas bolhas que forma a epiderme levantada pela serosidade na occasião de uma fricção repetida contra um corpo duro, de uma queimadura, da applicação de cantharidas sobre a pelle, etc. É preciso abri-las com a ponta de alfinete ou de uma agulha, sem tirar a epiderme; cobre-se depois a parte com um panno untado de ceroto ou com algodão cardado. Este ultimo curativo convem principalmente nas empolas produzidas pelas queimaduras.

EMPYEMA. Dá-se este nome a um ajuntamento de materias na cavidade do peito. A accumulção faz-se na pleura, sacco membranoso que depois de revestir o pulmão, forra a parte correspondente das paredes do peito, e forma assim uma cavidade sem abertura.

Duas causas differentes podem determinar o emphyema: umas vezes o pus é produzido por uma violenta inflammação da pleura chamada *pleuriz*, outras vezes é um abcesso formado n'um órgão vizinho, que vem abrir-se n'esta membrana e derramar n'ella a materia que contém.

A quantidade de pus que se encontra no peito é mui variavel; existem ás vezes muitos quartilhos d'elle: quanto ao liquido mesmo, ás vezes é uma serosidade, outras vezes é pus branco ou sanguinolento.

Symptomas. 1º O ajuntamento do liquido não pôde ter lugar no peito sem compressão do pulmão; d'isto resulta o embaraço na respiração; 2º o lado doente do peito acha-se mais dilatado para poder dar lugar ao pus que vem enche-lo: observa-se por conseguinte uma differença notavel nas dimensões das duas metades lateraes do peito, as costellas do lado affectado ficão mais afastadas umas das outras e mais levantadas; 3º percutindo com os dedos o peito no estado de saude, ouve-se um som *sonoro*, como aquelle que se tira do objecto ôco; esta sonoridade é devida á dilatação dos pulmões pelo ar, e não se observa no peito senão no lugar onde se achão os pulmões. Ora pois, quando o pus toma o lugar de um d'estes órgãos, resulta d'isto necessariamente um phenomeno opposto: o som é abafado e assemelha-se áquelle que produz a percussão de um objecto cheio. No estado de saude ainda, com o ouvido applicado sobre as paredes do peito ouve-se a chegada do ar aos pulmões, produzindo um ruido conhecido debaixo do nome de *ruido respiratorio*. Pelo motivo já enunciado, nos casos de emphyema este ruido desaparece; e nada se ouve, salvo na parte posterior perto da columna vertebral, para onde se acha o pulmão repellido; a auscultação dá n'este ponto o som particular conhecido debaixo do nome de *bronchophonia*; 5º quando um doente affectado de emphyema se deita sobre o lado são, o liquido contido no lado opposto pesa sobre o primeiro e constringe a respiração; o que o obriga por conseguinte a deitar-se sobre o lado doente.

Estas indicações, puramente locaes, servem para fazer reconhecer que no peito existe um derramamento, e qual é o lado affectado; mas existem além d'isso phenomenos geraes: o pulso é frequente, ha calefrios seguidos de calor, as funcções principaes executão-se mal, perde-se o appetite, e o doente emmagrece.

Em certos casos a materia derramada fica absorvida pouco a pouco, o pulmão comprimido recobra suas funcções, e o doente sára. Este feliz resultado é annunciado por uma crise que consiste em suores, fluxo de ventre, ou ourinas abundantes e sedimentosas. Mas se isto não puder ter lugar, é preciso recorrer á operação, a

qual consiste em praticar através das paredes do peito uma abertura que permita a evacuação da materia purulenta.

EMS. Prussia. Aguas alcalinas quentes. Fig. 231. Itinerario de Pariz a Ems : Estrada de ferro até Lahnstein ; d'ahi atravessasse o Rheno em barca de vapor ; depois estrada de ferro até Ems : tempo decorrido, 16 horas. Despeza 68 francos.

Ems é uma pequena cidade de 3,000 habitantes, no ducado de Nassau, pertencente hoje á Prussia. É um dos estabelecimentos thermaes que está em maior voga na Allemanha. A cidade, quasi

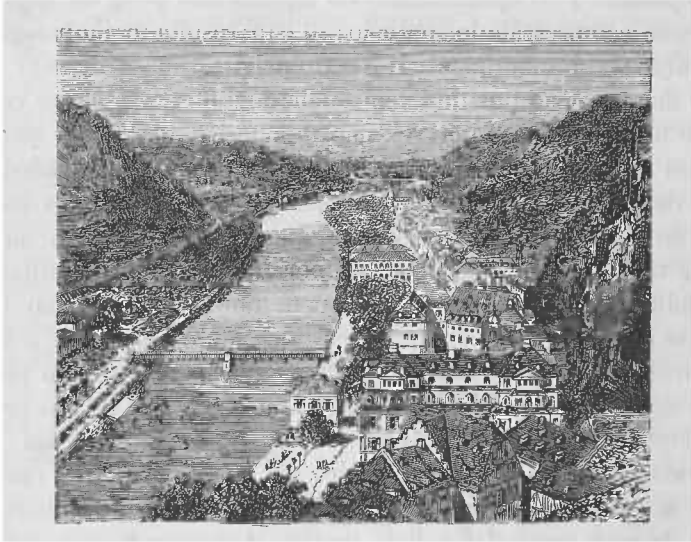


Fig. 231. — Ems.

completamente situada sobre a margem direita do rio Lahn, compõe-se de magnificos hotéis contiguos á montanha que os protege contra os ventos do norte. Sobre a margem opposta estendem-se, por um agradável contraste, prados, pomares, e terras cultivadas. O ar é puro e balsamico, a temperatura branda, e, salvo um pouco de humidade inseparavel da vizinhança dos mattos e da profundidade do valle, tem poucas variações.

As fontes de Ems são numerosas e pertencem todas á classe das aguas alcalinas. Eis-aqui os nomes das mais empregadas, com a indicação da sua temperatura e da sua principal substancia mineralizadora ; por litro :

	Temperatura.	Grammas.		
Krahnenchen	29° cent.	1,931	bicarbonato de soda.	
Furstenbrunn	33° —	2,031	—	—
Kesselbrunn	46° —	1,978	—	—
Bubenquelle	31° —	1,845	—	—
Neuquelle	47° —	2,092	—	—

Além do bicarbonato de soda, estas aguas contêm : bicarbonato de magnesia, bicarbonato de ferro, bicarbonato de manganéz, bicarbonato de estronciana e de baryta, chlorureto de sodio, sulfato de potassa, sulfato de soda, phosphato de alumina, silica, carbonato de lithina vestigios, iodureto de sodio vestigios, gaz acido carbonico. Walcher achou arsenico no deposito da fonte Kesselbrunn.

A agua d'estas fontes é limpida ; não tem cheiro ; o seu sabor aproxima-se ao do fraco caldo de vitella.

As aguas de Ems tomão-se sobretudo como bebida. Principia-se por dois ou tres copos, e chega-se facilmente até cinco ou seis por dia. A melhor occasião para beber estas aguas é pela manhã ; é tambem o momento em que a orchestra, collocada no jardim de Kursaal, deixa ouvir as suas harmonias. Entre quatro a cinco horas, encontrão-se ainda algumas pessoas perto da fonte, porém em pequeno numero. Esta agua digere-se facilmente, o estomago a supporta muito bem.

Os banhos tomão-se em tres estabelecimentos principaes : Kurhaus, Quatre-Fours e Neuquelle. Tomão-se tambem em hoteis particulares. São, em geral, bem organizados. Ha tambem ali salas de inalação de vapor e d'agua pulverizada.

A acção das aguas consiste, nos primeiros dias do seu emprego, em augmento do appetite, da secreção cutanea e urinaria. Ao cabo de alguns dias os doentes ficão tristes e abatidos ; tem a bocca saburosa, flatuosidades, alguma febre : estes symptomas, que annuncião a *saturação*, cedem a alguns dias de dieta e de interrupção das aguas ou a um leve purgante.

Prescrevem-se as aguas de Ems em muitas molestias. Em primeiro lugar são as affecções das vias respiratorias, a bronchite chronica, e a tísica incipiente. Quanto á tísica confirmada, estas aguas não farião outra cousa senão apressar a catastrophe.

As molestias nervosas, juntamente com as molestias do peito, formão a principal clientela das aguas de Ems ; pelo que as senhoras estão ali em maioria. Estas molestias são : palpitações, espasmos, histerismo, choréa, tico doloroso da face, e todas as outras nevroses.

As aguas de Ems são gabadas contra a esterilidade. A fonte principal recebeo o nome de Bubenquelle (*fonte de filhos*). Eis-aqui como está disposta : N'um quarto elegantemente ornado, esguicha, do fundo de uma bacia de marmore, um fio d'agua, á altura de cerca de 1 metro ; por cima do repuxo acha-se um mocho de páo, com larga abertura. A joven mulher assenta-se ali, e recebe durante alguns minutos, uma ducha ascendente sobre o apparelho sexual.

Como aguas alcalinas, as fontes de Ems convem nas dyspepsias, nas areias, nas affecções da bexiga e dos rins, nas obstrucções do figado e do baço, na gota.

A estação thermal dura do 1º de maio ao 1º de setembro.

A morada nas caldas de Ems é agradável sem ser estrondosa. As distracções do dia consistem sobretudo em passeios. Para as excursões um pouco afastadas, empregão-se burrinhos symetricamente dispostos de manhã em ordem de cavallaria.

Transportadas, estas aguas conservão-se bem; comtudo a viagem enfraquece sensivelmente as suas virtudes therapeuticas.

EMULSÃO. Dá-se o nome de emulsões a liquidos de apparencia leitosa, que se preparão dividindo as sementes oleaginosas por meio da agua: taes são emulsão de amendoas doces, de pevides de melancia, etc. São medicamentos muito alteraveis, e por este motivo não devem preparar-se senão para um só dia.

ENCALHE. *Veja-se* ENGURGITAMENTO.

Encalhe do baço. *veja-se* HYPERTROPHIA DO BAÇO.

Encalhe do figado. *Veja-se* HYPERTROPHIA DO FIGADO.

ENCANTHIS. Tumor produzido pelo augmento de volume da caruncula lagrimal no angulo do olho. — O *tratamento* consiste em applicações de pannos molhados em agua vegeto-mineral ou na dissolução de pedrahume. Se a tumefacção não diminuir, será preciso cauteriza-la com pedra infernal, ou recorrer á excisão.

ENCEPHALITE, CEREBRITE, OU FEBRE CEREBRAL. Inflamação do cerebro. *Causas.* São bastante obscuras. A idade adiantada, os grandes calores, são as suas causas predisponentes. A acção forte do sol, o abuso de bebidas alcoolicas, as violencias exteriores, os pezares, os incommodos de uma vida agitada, são as causas occasionaes.

Symptomas. A molestia póde declarar-se subitamente por convulsões ou pela rijeza tetanica, limitada a um membro, ou á metade do corpo, e occupando simultaneamente o rosto e os membros; todavia, no maior numero de casos, a molestia é precedida de alguns symptomas de congestão cerebral. Assim o maior numero dos doentes queixão-se durante um ou mais dias de dôr ou de um simples peso de cabeça, de vertigens, zunido nos ouvidos; ficão agitados ou abatidos; ha sonnolência em uns, insomnia rebelde em outros. Alguns experimentão cainbras, ou sensação analoga á que produzirião muitas formigas agitando-se em um membro, n'uma metade do corpo ou em todos os membros; ha tambem por vezes embaraço momentaneo na falla. Logo depois as faculdades intellectuaes ficão affectadas; ha delirio agudo, loquaz, ou oppressão das ideias, e enfraquecimento da memoria;

às vezes os olhos ficam vesgos, o rosto vermelho. Ao mesmo tempo os membros da metade do corpo tornão-se rijos e contrahidos; os queixos ficam apertados; a sensibilidade é às vezes obtusa, outras vezes exaltada; emfim estas partes podem ser agitadas de vez em quando por movimentos convulsivos, aos quaes succede logo depois a paralyisia mais ou menos completa. No meio d'estas desordens, o pulso pôde apresentar-se bastante calmo; entretanto no maior numero de casos é frequente; observão-se tambem nauseas, vomitos e prisão de ventre. Tal é a reunião dos symptomas que se notão n'este estado da molestia, que se pôde chamar primeiro periodo. Ao depois, os symptomas ulteriores varião segundo a marcha que segue a molestia.

No maior numero de casos, os symptomas de excitação, taes como as contracturas, os movimentos convulsivos e a exaltação da sensibilidade, diminuem ou cessão, e são substituidos pela paralyisia. Esta coincide ordinariamente com o enfraquecimento das faculdades intellectuaes; assim a somnolencia é cada vez mais profunda, as pupillas dilatão-se, o doente torna-se estranho a tudo que o cerca; a deglutição torna-se difficil, as evacuações involuntarias, e as urinas podem ficar retidas na bexiga. Emfim, a respiração accelera-se, e a morte sobrevem lentamente, ou então, tem lugar no momento de um accesso convulsivo.

A encephalite não é uma molestia cuja marcha seja franca e regular. As alternativas de delirio e de somnolencia, de paralyisia e de contracturas, a volta de intelligencia, fizerão crer que a encephalite apresentava caracteres perniciosos ou ataxicos. Estas intermittencias podem observar-se em todas as phases da molestia, mesmo no ultimo periodo, quando, por exemplo, um vasto abcesso occupa uma parte do cerebro. Esta irregularidade dos symptomas explica-se pela formação de uma congestão mais ou menos forte, independente da lesão principal, que é o amollecimento do cerebro.

Até agora fallei da encephalite como uma molestia cujo fim é funesto; tal é com effeito, a sua terminação mais frequente. Entretanto esta molestia às vezes pôde terminar pela cura. O pus, que pôde formar-se, poderá ser evacuado pelo nariz, e os doentes poderão recobrar a integridade de suas funcções; mas de ordinario ficam mais ou menos paralyticos.

Tratamento. Compõe-se a principio de sangrias no braço, de bichas atraz das orelhas; e de applicações sobre a testa de pannos molhados em agua fria, que se reformão amiudadas vezes para se conservarem sempre frios.

Administrem-se os pós seguintes :

Calomelanos. 1 gramma (20 grãos).

Divida em 10 papeis; para dar um papel de 3 em 3 horas n'uma colher d'agua fria com assucar.

Deve-se dar a beber frequentemente. A agua fria é a bebida que mais convem ao doente. Dêm-se tambem a chupar gomos de laranja ou de limão doce.

Se o doente não urinar, deve evacuar-se-lhe a urina com uma sonda.

Caldo de gallinha é o unico alimento que se deve administrar durante o curso da molestia.

ENCEPHALO. Reunião de todas as partes que estão contidas na cavidade do craneo : cerebro, cerebello, e a protuberancia cerebral. *Veja-se CEREBRO.*

ENCERADOS, SPARADRAPOS OU OLEADOS. São pedaços de panno de linho ou algodão sobre os quaes se estende em um dos lados qualquer substancia emplastica. Preparão-se fixando bem o panno, e estendendo-o de modo que fique sem pregas e bem liso, lançando sobre elle o emplasto meio derretido, distribuindo-o com igualdade mediante uma faca, ou espatula de páo, de marfim, de metal, ou com o instrumento chamado *sparadrapeiro*.

Encerado commum. Emplasto diachylão-gommado estendido sobre panno. Cortado em tiras serve para fazer pontos falsos no curativo das feridas.

Encerado inglez ou **tafetá.** É um tafetá côr de rosa ou preto coberto de muitas camadas de colla de peixe dissolvida em agua fervendo, á qual se junta tintura de benjoim, e ás vezes balsamo do Perú. Servem-se d'elle para preservar do ar as pequenas esfoladuras, para cobrir as borbulhas do rosto, ou reunir os labios das pequenas feridas. Antes da sua applicação, humedece-se com agua ou com saliva. O tafetá côr de rosa é preferivel ao preto, porque este, applicado na ferida, deixa ás vezes uma marca preta indelevel, por causa da materia colorante que se introduz debaixo da pelle.

ENCHIMENTO DO ESTOMAGO. *Veja-se EMBARAÇO DO ESTOMAGO.*

ENCHONDROMO OU CHONDROMO. Dá-se este nome a todo o tumor cartilaginoso dos ossos ou dos órgãos molles. Encontrão-se na parotida, no testiculo, no seio. Aparecem sobre tudo nos ossos, e particularmente nos dedos das mãos e do pés.

Causas. Estes tumores desenvolvem-se sobre tudo na tenra idade. Alguns doentes accusão uma contusão dos ossos; em outros não é possivel achar nenhuma causa local apreciavel, e é preciso então admittir n'elles uma disposição constitucional.

Symptomas. Os enchondromos apresentam-se sob a fórma de um tumor situado sobre o trajecto de um osso com o qual está intimamente unido. Este tumor, de volume variavel, tem a fórma geralmente espheroides, a superficie com elevações irregulares; continua com o osso de que provém, quer por um pediculo estreito, quer por um pediculo de base larga. Se é limitado no exterior pelo envoltorio osseo, é duro; se está coberto de camada cartilaginosa, cede á pressão do dedo. Póde ser dólороso a principio; torna-se mais tarde indolente, e incommoda só pelo seu volume e pelo obstaculo que põe ao exercicio do membro.

Prognostico e tratamento. Os enchondromos não são graves. Contudo, podendo ser objecto de deformidade ou obstaculo para preencher algumas funcções, a medicina é obrigada a intervir em alguns casos. Se o tumor continuar com o osso por um pediculo, póde-se praticar a secção d'este, depois de descoberta primeiro a massa morbida. Se pelo contrario o tumor continuar com o osso pela larga base, é preciso sacrificar a porção ossea que serve de implantação, quer pela amputação, quer pela reseccção. Nada fazer, se o enchondromo não incommodar.

ENCONTRÃO. *Veja-se* CONTUSÃO.

ENCORDIO. *Veja-se* MULA.

ENDEFLUXADO. *Veja-se* DEFLUXO.

ENDESMIA ou MOLESTIA ENDESMICA. Dá-se este nome a qualquer molestia produzida por causas locais, e que por isso é particular a certos climas, a certas localidades, reinando ali constantemente ou em épocas fixas. Exemplo : as febres intermitentes são molestias *endemicas* nos lugares pantanosos; a febre amarella é *endemica* na Vera-Cruz, porque apparece ali todos os annos na estação dos calores; mas não é *endemica* no Brasil.

ENDOCARDITE. Inflamação da membrana que reveste as cavidades internas do coração. Esta molestia occasiona vermelhidão, e depositos fibrinosos no interior do coração e nas valvulas arteriaes ou ventriculares.

Symptomas. A endocardite é raras vezes uma affecção primitiva; apparece as mais das vezes durante o curso do rheumatismo articular agudo, do pleuriz, das bexigas, da escarlatina e da febre puerperal. Quando n'um doente, que não apresenta algum indicio de affecção do coração, sobrevem subitamente oppressão e palpitações, póde-se suspeitar o desenvolvimento da endocardite. Os outros *symptomas* são: pulso pequeno, frequente, desigual, irregular, anxiedade, desmaios, e o ruido de folle que se ouve na cavidade thoracica, quando se applica o ouvido sobre a região do peito correspondente ao coração. A difficuldade de respirar póde

augmentar até á suffocação. Se os accidentes augmentarem, a endocardite póde ter exito funesto; mas as mais das vezes a molestia termina pela cura. Póde tambem passar ao estado chronico; as falsas membranas, que se formárão em consequencia da inflamação aguda, transformão-se, no estado chronico, em producções cartilaginosas e osseas, e durão toda a vida, produzindo de vez em quando oppressão do peito, palpitações do coração e anxiedade. No periodo adiantado da endocardite chronica sobrevem inchação das pernas.

Tratamento. O tratamento da endocardite aguda consiste na applicação de um caustico sobre o peito, e no uso das pilulas seguintes :

Extracto de digital. 2 grammas (40 grãos).

Faça 20 pilulas; de que o doente tomará uma de 3 em 3 horas.

O doente deverá tambem beber muita agua fria simples ou acidulada com xarope de vinagre.

O tratamento da endocardite chronica consiste só no regimen e na observação das regras de hygiene. Para uns o leite em abundancia, legumes com fructas e pão, é o que ha de melhor a empregar. Os outros devem supprimir só os licores, o vinho puro, e podem usar de carne e de outros alimentos. Todos devem evitar as fadigas excessivas, de montar a cavallo, e devem manter a vida quieta.

ENDRO. *Anethum graveolens*, Linneo. Umbelliferas. Planta da Europa meridional; commum em Portugal; habita nos montes calcareos, nas searas nos arredores de Lisboa, Coimbra e outras partes. Folhas alternas, glabras, pecioladas, tres vezes pinnuladas; fructo ovado, estriado, glabro, do comprimento de duas linhas, divisivel em duas carpellas; cheiro e sabor aromatico, agradável. As sementes empregão-se como tempero nas comidas.

ENDURECIMENTO DO BAÇO, DO FIGADO. *Veja-se HYPERTROPHIA.*

ENFARTE. *Veja-se ENGURGITAMENTO.*

Enfarte do baço. *Veja-se HYPERTROPHIA.*

Enfarte do estomago. *Veja-se EMBARAÇO DO ESTOMAGO.*

Enfarte do figado. *Veja-se HYPERTROPHIA.*

Enfarte ou ENGURGITAMENTO DO SEIO. *Veja-se SEIO.*

Enfarte do testiculo. Inflammação chronica do testiculo. *Veja-se ORCHITE CHRONICA.*

ENFORCADO. *Veja-se ASPHYXIA* por estrangulação.

ENFRAQUECIMENTO ou ESFALFAMENTO. O enfraquecimento é um symptoma que não deve confundir-se com a fraqueza, que é um estado permanente e que póde ser natural a um indi-

viduo. O enfraquecimento manifesta-se de ordinario no principio das molestias agudas.

ENGASGAR-SE com espinha de peixe. *Veja-se* CORPOS ESTRANHOS NA GARGANTA.

ENGHIEU. Aguas sulfurosas frias. França. A meia hora de Pariz, pela estrada de ferro. A viagem de Pariz a Enghien custa 1 franco e meio.

A estação de Enghien occupa um lugar importante entre as aguas sulfurosas calcicas. A sua proximidade de Pariz, um estabelecimento de construcção recente, as condições favoraveis do sitio, devem figurar no numero dos principaes elementos da voga que a favorece actualmente.

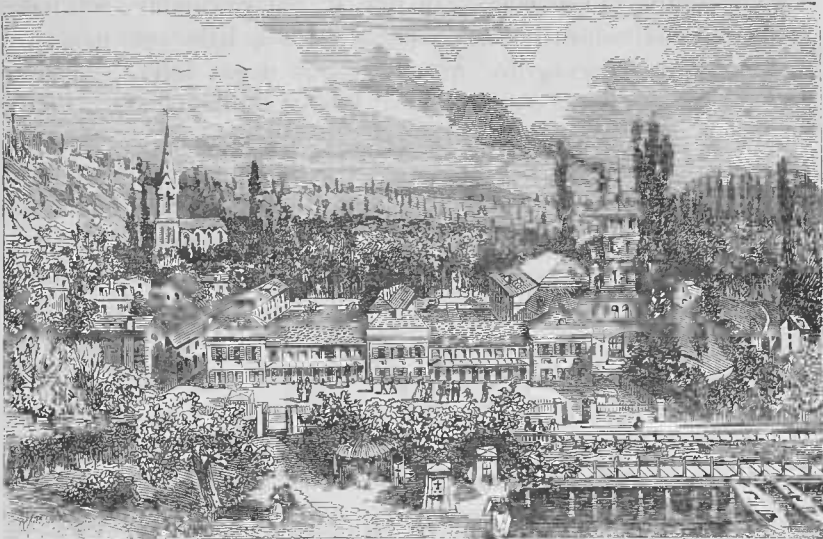


Fig. 232. — Estabelecimento thermal em Enghien.

Oito fontes principaes alimentão o estabelecimento. A agua é fria; a temperatura varia de 10° a 14° centigrados. O cheiro é o de hydrogeneo sulfurado, sabor adocicado e levemente alcalino. As fontes pouco differem na composição umas das outras. Eis-aqui os resultados obtidos pelos Doutores Puisaye e Leconte em 1853, n'um litro d'agua da fonte *Cotte*:

Gazes Azoto, 19 milligrammas; acido carbonico livre, 119 milligrammas; acido sulfhydrico livre, 28 milligrammas.

Substancias fixas; 510 milligrammas de mineralização: carbonato de cal 0^g,217, de magnesia 0^g,016; sulfato de potassa 0^g,008, de soda 0^g,507; sulfato de cal 0^g,319, de magnesia 0^g,090, de

alumina 0^g,039; chlorureto de sodio 0^g,039; acido silicico 0^g,028; oxydo de ferro, vestigios; materia organica indeterminada.

As tres fontes do *Lago*, das *Rosas* e *Levy* forão da parte do Dr. Reveil o objecto de analyses ulteriores (1864). Os resultados obtidos não contradizem os que acabo de indicar. As substancias, cuja presença foi determinada por Leconte, é preciso accrescentar, segundo Reveil, vestigios de iodureto de sodio, de arseniato de soda, de boratos, de phosphatos de manganez, e sobretudo de lithina.

A existencia de enxofre no estado de hydrogeneo sulfurado livre nas aguas de Enghien, constitue um dos signaes caracteristicos de sua composição chimica.

As aguas de Enghien empregão-se no interior em dose de meio copo a quatro ou seis copos por dia, e, exteriormente, sob todas as formas indicadas pelos aperfeiçoamentos da balneação moderna.

O novo estabelecimento, que funciona desde 1863, figura no numero dos melhores d'este genero. Possue 80 banheiras, a maior parte de ferro esmaltado; todas tem tres torneiras, uma d'agua fria sulfurosa, outra d'agua ordinaria fria, a terceira d'agua ordinaria quente. Ha tambem banheiras com duplo fundo, guarnecidas de tubos atravessados por uma corrente de vapor, que aquece a agua, quando é necessario tomar um banho d'agua sulfurosa pura.

Esta disposição permite, segundo as necessidades dos doentes, o abastecimento das banheiras com agua de differentes grãos de sulfuração.

O banho aquecido ao vapor marca 16 a 17 divisões no sulphydrometro; é muito excitante, e não póde ser de uso quotidiano na maior parte das molestias. O banho preparado com um terço d'agua ordinaria quente a 80 grãos, marca 9 divisões sulphydrometricas; offerece uma sulfuração que corresponde ao grande numero das necessidades da medicina. Duchas de alta e baixa pressão, podem ser associadas aos banhos, ou administradas com exclusão d'estes. São descendentes ou ascendentes, rectaes, vaginaes. Diversos appendices, que se applicão á extremidade do tubo, permitem a variação na forma das duchas.

Os gabinetes de banhos são precedidos de um vestiario que communica com um salão vidrado, disposição que offerece aos doentes uma sala de inalação natural onde a atmosphaera sulfurea se reforma incessantemente.

Apparelhos especiaes para inalações d'agua pulverizada, dois banhos de vapor, fumigações de todas as especies, e appárelhos hydrotherapicos tornão completo este estabelecimento thermal.

Deve-se uma menção especial á sala de pulverização que contribue notavelmente para o tratamento de certo numero de affecções.

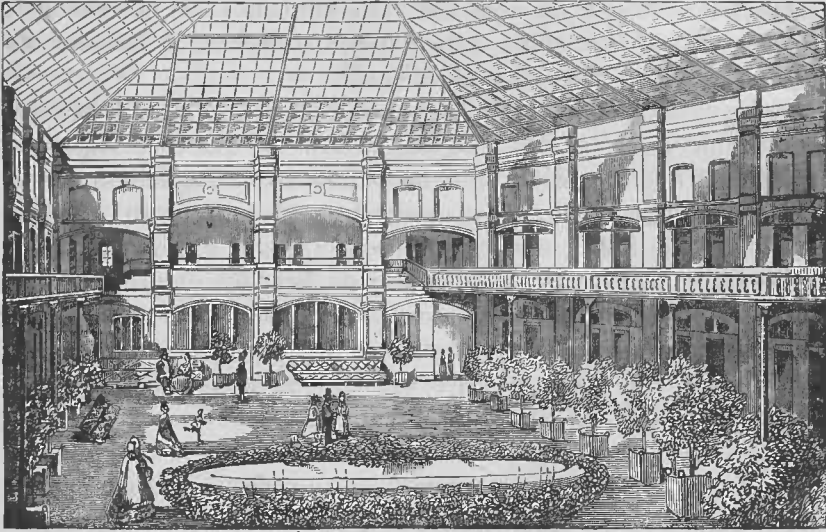


Fig. 233. — Sala de respiração nas caldas de Enghien.

Tem um espaço de 5 metros 45 centímetros de largura, 7 metros 90 centímetros de comprimento, 3 metros 60 centímetros de altura. O centro é occupado por uma grande mesa de fôrma oval, ao redor da qual estão sentados os doentes; do meio da mesa erguem-se cinco grandes apparatus de pulverização. Ao redor de uma das paredes existem dez pequenos instrumentos para duchas boccaes e pharyngeas. A agua que serve para a pulverização, chega directamente do reservatorio sem ter experimentado alteração. Uma maquina de vapor e uma bomba permitem que se effeite a pulverização em excellentes condições.

Os doentes estão submettidos, n'esta sala, á dupla acção da pulverização propriamente dita e da inalação gazosa; estão, por consequente, mergulhados n'uma atmosphaera sulfurca, cujos effeitos são muito grandes.

Duas classes de molestias constituem a especialidade das aguas de Enghien : as molestias de peito e as molestias de pelle.

Molestias de peito. Comprehendemos debaixo d'este nome as affecções tão variadas e tão multiplas que tem por séde o apparatus respiratorio, desde a bronchite a mais simples até á lesão pulmonar a mais complicada. As aguas de Enghien são tambem uteis na asthma. Tomão-se, em todos estes casos, em bebida e inalações.

Molestias de pelle. As aguas de Enghien são uteis nas diversas especies de eçzema, impetigo, lichen, pityriase e outras erupções da pelle. N'estes casos é preciso combinar a bebida com banhos.

Bem que as aguas de Enghien convenhão especialmente contra estas duas ordens de affecções, são tambem uteis nos rheumatismós, engurgitamentos articulares, paralyrias, alterações do tecido osseo, e cachexias syphiliticas.

Estas aguas, pela proximidade em que estão de Pariz, permittem aos doentes, que habitão a capital da França, que se transportem de manhã á fonte, bebão agua ou tomem banho, e voltem a casa para o almoço. Não exigem mudança de casa, bem que em Enghien haja hoteis mui confortaveis. O lugar é ameno; ha um bello lago, lindos passeios, bosques de grandes arvores e varios divertimentos no estabelecimento. É um lugar de predilecção para as excursões dos Parisienses nos domingos.

A estação thermal dura do 1º de maio ao 1º de setembro.

Transportadas, as aguas de Enghien, conservão-se por muito tempo. São hoje o objecto de exportação consideravel. Engarrafadas segundo os modos aperfeiçoados, e postas ao abrigo da luz, não se alterão senão passado muito tempo.

ENGULHO. *Veja-se* NAUSEA.

ENGURGITAMENTO. Quando alguma parte é dura e inchada, sem vermelhidão nem inflammação bem marcada diz-se, em geral, que está engurgitada. Todavia esta palavra applica-se de preferencia ás tumefacções do systema glandular; assim diz-se commummente; tal criança tem um engurgitamento das glandulas do pescoço, tal senhora tem um engurgitamento do seio, etc. Ao engurgitamento do figado e do baço dá-se mais ordinariamente o nome de *obstrucção*. A palavra engurgitamento é synonymo de *encalhe* e de *enfarte*.

Engurgitamento do baço, do figado. *V* HYPERTROPHIA.

Engurgitamento das glandulas. *V* GLANDULA ENFARTADA.

Engurgitamento dos seios. *Veja-se* SEIOS.

ENJÓO DO MAR. Dá-se este nome ás nauseas ou aos vomitos de que soffrem as pessoas que embarção pela primeira vez, e ás vezes mesmo as que tem feito muitas viagens.

A disposição ao enjão não é igual em todos, pois ha pessoas que nunca o tem. É impossivel indicar as apparencias que denotão esta disposição; todavia os individuos de constituição secca resistem mais. Os individuos que são facilmente incommodados pelo balanço da redouça, da sege ou da valsa, são mais susceptiveis de soffrerem do enjão quando viajam a bordo de um navio.

O incommodo principia por um sentimento de anxiedade que

se concentra na bocca do estomago. Depois declarão-se vertigens, dôr de cabeça, vontade de lançar, e enfim vomitos. O abatimento physico, e sobretudo o moral, faz rapidos progressos. O infeliz doente fica immovel, indifferente a tudo; sem coragem, sem desejo nem vontade. O rosto torna-se pallido, o appetite diminue ou desaparece; mas não ha febre. As anxiedades que o enjôo occasiona varião conforme os individuos; mas no seu maior gráo de intensidade são atrozes. Cicero tendo-se refugiado, segundo o que refere Seneca, a bordo de um nãvio para evitar Popilio, que fôra enviado por Marco Antonio para lhe cortar a cabeça, antes quiz voltar para Gaeta, e entregar-se ás mãos do seu verdugo, do que soffrer o enjôo que lhe tornava a existencia intoleravel.

A duração do enjôo varia conforme as pessoas, e está subordinada tambem á inconstancia dos ventos e das vagas. A organização habitua-se insensivelmente á situação nova que a principio a perturbava. Não estando o mar tempestuoso, cedem ordinariamente nos primeiros dias as nauseas e os vomitos; o appetite reaparece, o moral anima-se, e no fim de algum tempo o mar já não influe para o enjôo. Ha entretanto individuos que soffrem durante toda a viagem, e outros que padecem do enjôo durante toda a sua vida, e nunca se acostumão a elle. Felizmente o enjôo é mais acompanhado de soffrimentos do que de perigos. É raro que produza inanição por falta de sustento, e ainda mais raro que determine algumas doenças. Alguns medicos esperão obter por meio d'elle a cura das molestias nervosas e mentaes. Este incommodo cessa instantaneamente logo que se desembarca.

Muitos meios se tem tentado para preservar os navegantes de um tributo tão desagradavel quanto penoso. As receitas abundão, mas não são de grande utilidade. O enjôo é entretanto para todos os individuos um dos males mais identicos que se conhece, e um especifico confirmado pela experiencia não seria contrario á razão. Pretendem alguns navegantes que este especifico é a cerveja. Mas pôde-se quasi desesperar da descoberta, quando se pensa que a causa occasional do mal (a mobilidade do navio) continua a obrar e não pôde ser removida. No entretanto convem embarcar com o estomago nem muito cheio, nem tão pouco vazio, e desprezar a ideia do enjôo. Quando apparecem os primeiros symptomas, não se deve logo desanimar; é necessario fazer exercicio; distrahir-se, ou entregar-se a alguma occupação que absorva a attenção, por exemplo jogo de cartas. Logo que o abatimento fôr maior que a força da vontade, acha-se grande allivio na posição deitada, horizontal, no lugar em que o balanço é mais fraco, que é ordinariamente o centro do navio. A compressão do ventre com uma cinta,

as bebidas acidulas (limonadas de limão, laranja), ou aromaticas (chá, café), conforme os temperamentos e os costumes, allivião tambem. É vantajoso tomar cinco a dez gottas de ether sulfurico n'uma colher d'agua fria com assucar, um calix de vinho do Porto ou da Madeira, um pouco de rum, ou chupar limão com assucar. Não se deve deixar o estomago vazio. Convem comer, ainda que haja repugnancia para a comida. A ingestão dos alimentos deve ser acompanhada de um pouco de vinho ou d'agua com vinho. Os esforços produzidos pelos vomitos são menos dolorosos quando o estomago contém algumas substancias do que quando está vazio. Mas, sendo possivel, é vantajoso repellir a propensão para o repouso; convem lidar e fazer como os que devem á sua constituição ou ao costume o estarem isentos dos soffrimentos.

ENTERITE. Inflammção dos intestinos. Molestia caracterizada por dôres de ventre mais ou menos vivas, e ordinariamente moveis, acompanhadas de evacuações liquidas, mucosas e biliosas em numero mais ou menos consideravel. Consiste na vermelhidão da membrana interna dos intestinos; ao mesmo tempo estes ficam mais espessos e molles. Às vezes formão-se ulcerações nos intestinos, e ha então sahida de pus com os excrementos. Póde ser *aguda* ou *chronica*.

Enterite aguda. As *causas* da iflammação aguda dos intestinos são : o uso de alimentos indigestos, de carnes salgadas, peixe moído, fructas verdes, aguas insalubres, a ingestão de venenos corrosivos, dos purgantes mui violentos, pancadas sobre o ventre, suppressão subita da transpiração, e outras muitas causas que não podem ser determinadas.

Symptomas. A molestia é ordinariamente precedida de cansaço geral; succede frequentemente a uma indigestão; logo depois sobrevem calefrios, dôr surda no embigo, a qual augmenta pela compressão, e todo o ventre fica dorido. No principio da molestia existe prisão do ventre, depois diarrhea acompanhada de colicas violentas. A lingua está secca no centro, rubra nas margens, a sêde é viva, as urinas vermelhas e o pulso frequente. Se a inflammação fôr mui violenta ou mal tratada, o ventre augmenta de volume, a lingua fica mais secca e torna-se preta, o pulso fica fraco e mais frequente; as evacuações alvinas, de um fedor insupportavel, sahem involuntariamente; sobrevem delirio e o doente succumbe.

Nos casos menos graves (e estes são muito mais communs), ou se a molestia foi bem tratada, a febre minora, as dôres tornão-se menos vivas, as evacuações menos liquidas e menos repetidas, a pelle torna-se humida, tudo annuncia, n'uma palavra, uma melhora, que sendo bem dirigida, acaba pela cura completa.

Tratamento. A enterite leve reclama só repouso, cataplasmas de linhaça no ventre, clysteres de cozimento de linhaça, infusão de flores de malvas para bebida, dieta mais ou menos completa, segundo a intensidade das dôres. Se as colicas forem fortes, o doente deve abster-se de qualquer alimentação solida. Se ao cabo de um ou dois dias, as dôres não diminuirem, é preciso usar das pilulas seguintes

Extracto de opio. 45 centigrammas (3 grãos).

Faça 6 pilulas, para tomar 2 pilulas por dia, uma de manhã, e outra á noite.

Enterite chronica. Succede á enterite aguda, ou é primitiva, e n'este ultimo caso o seu principio é mui obscuro. As pessoas que são affectadas d'esta molestia sentem dôres surdas no ventre, uma fraqueza geral, prisão de ventre ou diarrhea, e emmagrecem. Acontece em certos casos que os alimentos atravessão o tubo digestivo sem serem digeridos. Depois de feita a digestão, os doentes ficão assaz socegados, mas a dôr augmenta após a comida; e sobretudo depois da ultima; então sobrevem tambem calor da pelle e frequencia do pulso.

O *tratamento* da inflammação chronica dos intestinos consistê principalmente na escolha de um bom regimen. É preciso usar dos alimentos que deixem pouco residuo : taes são a gallinha, frango, peixe, ovos, arroz, leite : convem evitar a hortaliça e carne de vacca. Banhos mornos do corpo tudo, de vez em quando, e clysteres de linhaça, são de utilidade inquestionavel. As fricções no ventre com o linimento seguinte são tambem uteis :

Balsamo' tranquillo. 60 grammas (2 onças)

Laudano de Sydenham. 30 grammas (1 onça).

Misture-se e fação-se tres fricções diarias, usando para cada fricção, meia colher *de sopa* d'este linimento.

ENTORPECIMENTO. *Veja-se* a palavra DORMENTE.

ENTRANHAS. *Veja-se* INTESTINOS.

ENTREVADO. *Veja-se* PARALYSIA.

ENTROPION. Viramento para dentro da margem livre da palpebra. *Veja-se* PALPEBRA.

ENVENENAMENTO. Dá-se o nome de *envenenamento* aos efeitos produzidos no organismo humano pelos venenos.

Chama-se *veneno* toda a substancia que dostroe a saude ou a vida, quando é ingerida interiormente ou applicada sobre qualquer parte do corpo.

Symptomas do envenenamento em geral. Póde suspeitar-se que um individuo está envenenado quando de repente se manifesta n'elle certo numero de symptomas que vou enumerar : cheiro nausea-

tivo e infecto; sabor variavel, acido, alcalino, acre, styptico ou amargo; ardor corrosivo na garganta e estomago; bocca escumosa; seccura em todas as partes d'esta cavidade; sensação de aperto ou constricção na garganta; lingua e gengivas algumas vezes lividas, amarellas, brancas, encarnadas ou pretas; dôr mais ou menos aguda em toda a extensão do canal digestivo, e principalmente na garganta, na bocca do estomago e em outros pontos do ventre; máo halito, eructações frequentes; nauseas; vomitos dolorosos de materias de côr branca, amarella, verde, azul, encarnada ou escura, produzindo na bocca sensações variaveis; soluços, prisão de ventre ou diarrhea; difficuldade de respirar; ancias; tosse mais ou menos fatigante; pulso frequente, irregular, muitas vezes imperceptivel, ou forte e regular; sêde ardente; as bebidas provocão vomitos logo que são ingeridas; calefrios de quando em quando; a pelle e as pernas frias, acontecendo, apezar d'isso, haver algumas vezes calor intenso; erupção dolorosa na pelle; suorcs frios e viscosos; difficuldade de ourinar; agitação; gritos agudos; impossibilidade de conservar-se na mesma posição; delirio, convulsões; vontade de dormir; vertigens, paralysisia; alteração da voz, prostração das forças. Se o doente não fôr soccorrido, os symptomas que acabei de indicar augmentão progressivamente, as mais das vezes, desde que se manifestão até á morte.

Tratamento dos envenenamentos em geral. Se tem decorrido pouco tempo desde que o veneno foi engulido, a primeira cousa que se deve fazer é provocar ou favorecer os vomitos, para poder expellir o veneno do estomago. Para isto, administrão-se 10 a 15 centigram. (2 a 3 grãos) de tartaro emetico dissolvidos n'uma chicara d'agua fria ou morna, e facilita-se a acção do medicamento dando-se a beber muita agua morna, ou introduzindo-se os dedos na garganta.

Depois tratar-se-ha de neutralizar as propriedades da porção do veneno que pôde ter ficado, administrando-se um contraveneno. Depois de satisfazer com toda a rapidez possivel a uma ou outra d'estas indicações, combatem-se os symptomas geraes que resultão da perturbação occasionada pelo veneno.

O preccito de provocar os vomitos pelo tartaro emetico deve ser applicado a todos os casos de envenenamento, com excepção dos envenenamentos produzidos pelos acidos concentrados, como oleo de vitriolo, agua forte, etc.; e pelos alcalis, como potassa, cal, etc., como veremos adiante.

Se já tem decorrido muitas horas depois do envenenamento, o veneno já não se acha no estomago, mas sim nos intestinos. N'este caso cumpre administrar um purgante, como 60 grammas (2 onças) de

sulfato de magnesia dissolvido n'um copo d'agua, ou a mesma quantidade de oleo de ricino.

Depois d'estas generalidades, vou examinar os effeitos de cada um dos venenos mais conhecidos, para indicar o tratamento que convem a cada envenenamento em particular. N'esta exposição seguirei a ordem alphabetica.

Envenenamento pela abobora do matto. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pelo acetato de morphina. *Veja-se* Envenenamento pelo *Opio.*

Envenenamento pelos acidos concentrados. (*Acido sulfurico ou oleo de vitriolo, acido nitrico ou agua forte, acido acetico ou vinagre radical, acido chlorhydrico ou muriatico, acido phosphorico, acido iodico, acido oxalico, azul liquido ou solução de anil em acido sulfurico e agua regia.*)

Symptomas. Estes acidos tem muita energia; queimão quando applicados na pelle; engulidos, determinão a morte pela inflamação e corrosão dos orgãos digestivos e pela irritação sympathica do systema nervoso.

A pessoa que engole certa quantidade de acido concentrado experimenta um calor muito intenso na bocca, na garganta e no estomago, e vontade de lançar. Logo depois succedem os vomitos; as materias lançadas são de côr variavel: amarelladas, pretas e ás vezes misturadas com sangue; são azedas, e acres. Manifestão-se soluços e diarrhea mais ou menos sanguinolenta. O doente sente ao mesmo tempo dôres agudas nos intestinos e em todo o corpo; o peito fica opprimido; a sêde torna-se cada vez mais forte; as bebidas, em vez de acalmarem, augmentão as dôres determinando os vomitos; o pulso é frequente; os pés arrefecem, o corpo cobre-se de suor frio; declara-se vontade repetida, mas infructuosa, de urinar; sobrevem movimentos convulsivos seguidos de prostração; logo depois o rosto torna-se pallido ou côr de chumbo, mas o doente conserva as mais das vezes a integridade das suas faculdades intellectuaes. Uma tosse fatigante vem augmentar a anxiedade e unir-se aos outros symptomas: a voz altera-se, o pulso torna-se fraco, e á proporção que o acido engulido tiver sido mais ou menos concentrado, ou foi tomado em maior ou menor quantidade; assim a morte póde sobrevir no fim de algumas horas, ou depois de doze, quinze ou dezoito horas, ou ao cabo de muitos dias, e mesmo ser o resultado dos accidentes consecutivos do envenenamento.

Tratamento. O melhor contraveneno dos venenos acidos é a *magnesia calcinada.* Mas é preciso adimnistrá-la quanto antes,

porque o bom exito depende todo da promptidão dos soecorros.

Com este intuito, administrar-se-ha de minuto em minuto um copo d'agua que tenha em dissolução uma colher *de sopa* de magnesia. Esta mistura terá o duplo fim de provocar as evaeuações e de neutralizar o acido. Na falta de magnesia, administra-se aos copos, e em intervallos mui approximados, agua, em cada quartilho da qual dissolver-se-hão 15 grammas ($1/2$ onça) de sabão ordinario.

Ao mesmo tempo que estas bebidas antidotas forem administradas pela bocea, dar-se-hão igualmente em elysteres.

A inflammação do estomago e dos intestinos, que não tarda a desenvolver-se, será combatida com cataplasmas de linhaça no ventre, semieupios d'agua morna, clysteres com decoecção de linhaça ou de folhas de malvas, e com bebidas emollientes, taes como a infusão de linhaça ou o cozimento de arroz.

Envenenamento pelo acido phenico. V ACIDO PHENICO. Vol. I, pag. 35.

Envenenamento pelo acido prussico ou **cyanhydrico**. O acido prussico concentrado é um dos mais violentos venenos que se conhece. Este acido, bem que em estado de divisão extrema, existe nas folhas, flores e amendoas do peeegueiro, nas amendoas amargas, nas amendoas que formão os caroços de muitos fruetos, e particularmente nas folhas do louro-eereja; entra tambem na composição de muitas preparações economicas, como, por exemplo, maçapães, alguns confeitos e lieores, taes como kirschenwasser, ratafiá de cerejas, etc. A dóse excessiva d'estas substancias póde produzir um envenenamento.

Os aecidentes que produz o acido prussico achão-se descriptos no artigo ACIDO PRUSSICO.

Uma só gotta de acido prussico puro póde occasionar a morte; conebe-se, por consequente, que não posso fallar senão dos envenenamentos pelo acido prussico mui diluido, pelo que se eneontra nas folhas do louro-eereja e nas outras substancias que deixei indicadas.

Tratamento do envenenamento pelo acido prussico. Faça-se respirar o ehloro. Para isto, molha-se um panno ou uma esponja em agua de Labarraque ou em solução de ehlorureto de cal, e approxima-se ao nariz e á boeca do doente. Ao mesmo tempo que se faz isto, é preeiso provocar os vomitos, dando a beber uma colher d'agua fria que tenha em dissolução 10 centigrammas (2 grãos) de tartaro emetico. Depois d'isto, administrem-se 10 ou 20 gottas de aleali volatil em um copo d'agua fria. Deitem-se copos d'agua muito fria pela cabeça e costas; esfreguem-se as fontes com pannos

molhados em agua de Colonia, e ponhão-se sinapismos nas pernas. Depois de combatidos os primeiros accidentes, ficará só um estado de abatimento, que irá cedendo pouco a pouco; para este fim administre-se vinho do Porto ou da Madeira.

Envenenamento pelo aconito. Se o envenenamento datar de pouco tempo, um vomitorio é o meio mais seguro para desembaraçar o estomago do veneno que contém. Dez centigrammas (2 grãos) de tartaro emetico, dissolvidos em meia chicara d'agua, produzirão facilmente esse resultado. Se já tiver decorrido algum tempo, administre-se um purgante, como, por exemplo, 60 gram. (2 onças) de sulfato de magnesia dissolvidos em um copo d'agua; depois d'isso applicuem-se sinapismos nas pernas, coxas e braços; dê-se uma chicara de chá de folhas de hortelã, e de cinco em cinco minutos uma colher da poção seguinte:

Agua..	120 grammas (4 onças)
Ether sulfurico.	30 gottas.
Assucar	8 grammas (2 oitavas).

Se esta poção não provocar o calor da pelle, é preciso administrar um calix de vinho quente. Depois da excitação produzida por estas bebidas, dar-se-ha a limonada de vinagre.

Envenenamento pela agua de Javel. A agua de Javel é uma solução de chlorito de potassa em agua. É um liquido amarellado ou roseo, emprega-se na economia domestica para tirar as nodoas da roupa, etc. Se fôr por engano engulida pôde produzir dôres violentas no estomago e uma inflammação d'este orgão.

O tratamento consiste em dar a beber agua com claras de ovo, e applicar cataplasmas de farinha de linhaça no ventre.

Envenenamento pela agua de louro-cereja. *Veja-se* Envenenamento pelo *Acido prussico*.

Envenenamento pela agua regia. *Veja-se* Envenenamento pelos *Acidos concentrados*.

Envenenamento pelos alcalis e seus compostos. (*Potassa caustica, soda caustica, cal viva, carbonato de potassa, carbonato de soda*). Os alcalis, tomados internamente tem, sobre a bocca, estomago e intestinos, uma acção tão destructiva, como a dos acidos concentrados. Queimão e destroem como o ferro quente os tecidos que estão em contacto com elles, e occasionão symptomas inflammatorios e accidentes consecutivos semelhantes. Reclamão os mais promptos soccorros. O seu contraveneno é o vinagre ou sumo de limão, que se administra da maneira seguinte: em cada copo d'agua deita-se uma colher *de sopa* de vinagre ou de sumo de limão, e continua-se a dar esta bebida acida com intervallos

mui curtos. Depois recorre-se ao cozimento, clysteres e cataplasmas de linhaça, que servem para combater a inflammação intestinal.

Envenenamento pelo alcali volatil ou ammoniaco liquido. O *alcali volatil* ou *ammoniaco liquido* é uma solução de gaz ammoniaco em agua. É um liquido sem côr, de cheiro mui forte. Emprega-se internamente na dóse de algumas gottas diluidas em grande quantidade d'agua: dá-se a cheirar na syncope, asphyxia e varios ataques nervosos. Externamente, usa-se para cauterizar as picadas de abelhas e de outros insectos.

Engulido em certa quantidade e puro, o alcali volatil produz a morte, tanto pela sua acção sobre o systema nervoso, como pela inflammação que produz nos tecidos sobre os quaes se applica. Tal é o caso de um homem de quem falla Plenck, que foi mordido por um cão damnado, e a quem despejárao na bocca um frasco de alcali volatil; a morte sobreveio quatro minutos depois. O Dr. Nysten cita a historia de um epileptico a quem derão a inspirar ammoniaco por muito tempo, e a quem deitárao na bocca quasi uma oitava d'este liquido. Sobreveio-lhe logo inflammação nas ventas, bocca, garganta e estomago, e 48 horas depois seguiu-se a morte.

Tratamento. Para combater os accidentes que produzem o ammoniaco e os saes ammoniacaes, o melhor meio consiste em dar, de dez em dez minutos, uma chicara d'agua acidulada com uma colher de vinagre. Depois recorra-se ao cozimento de linhaça, clysteres da mesma decocção e cataplasmas de farinha de linhaça no ventre, para combater a inflammação dos intestinos.

Envenenamento pelo alcool e pelos liquidos espirituosos. O alcool é um liquido que se obtem pela fermentação de qualquer vegetal que contenha assucar. Chama-se *arack* quando é produzido pelo arroz fermentado; *rhum*, *aguardente de canna*, ou simplesmente *cachaça*, quando procede da canna de assucar; *aguardente de vinho* ou *espirito de vinho*, quando é extrahido do vinho; *genebra*, quando provém de bagas de zimbro, etc. O alcool empregado nas boticas é obtido pela distillação do vinho, e marca 33 a 36 grãos no areometro de Baumé. Por distillações successivas é privado d'agua, e fica alcool puro, ou *alcool absoluto*: marca então 42º; mas n'este grão quasi nunca se emprega. A cachaça mais forte marca 18 a 22 grãos.

Depois da ingestão de uma quantidade consideravel de alcool, sobrevem com frequencia a morte. O doente passa rapidamente da excitação leve á embriaguez completa. Então manifestão-se verdadeiros phenomenos de apoplexia. A sensibilidade fica extincta,

os movimentos abolidos, a respiração estertorosa, a bocca cheia de escuma, e o rosto pallido; é impossivel despertar o doente, que dorme somno profundo e morre em 24 ou 48 horas. Em alguns casos, a morte sobrevem em mui pouco tempo. Vi no Rio de Janeiro um homem que, depois de beber um quartilho de aguardente de França, se recolheu ao seu quarto, e foi achado morto uma hora depois.

É apenas necessario dizer que o vinho, e as diferentes especies de aguardente e de licores alcoolicos, devem ao alcool a sua principal acção.

Tratamento. Se as bebidas alcoolicas produzirem em alguma pessoa um somno profundo, acompanhado de insensibilidade e de outros phenomenos acima indicados, é preciso incontinentemente recorrer á sangria do braço, ás applicações sobre a testa, rosto e peito, de pannos molhados em agua e vinagre, applicar sinapismos nos pés, causticos nas pernas, e administrar clysteres com agua morna tendo em dissolução duas ou tres colheres *de sopa* de sal de cozinha.

Envenenamento pelo alvaiade. O alvaiade chama-se em chimica *carbonato de chumbo*. É um sal branco, sem cheiro nem sabor, mui pesado, insolúvel n'agua. Entra na composição dos unguentos que se empregão no curativo das feridas. Usa-se tambem nas artes, e principalmente na pintura. Esta composição é venenosa: os accidentes que produz e o tratamento d'elles achão-se descriptos no envenenamento pelas *Preparações de chumbo*.

Envenenamento pelas amendoas amargas. As amendoas amargas e principalmente a sua epiderme, isto é, a pellicula que as cobre, contém acido prussico, e por causa d'este principio são mui venenosas em certa dóse. Este effeito foi primeiramente experimentado nos cães, gallinhas, pombos e papagaios. Os phenomenos que estes animaes apresentam são vertigens, vacillações no andar, desmaios, prostração extrema, convulsões e a morte. A agua distillada de amendoas amargas mata igualmente os animaes. O oleo essencial é ainda muito mais energico. Uma gotta d'este oleo, applicada na lingua de um passaro ou de um gato, produz a morte em dois minutos. Sete gottas são sufficientes para matar um cão de mediano tamanho.

No homem forão observados muitas vezes os effeitos das amendoas amargas e do seu oleo essencial. Tres crianças comêrão cinco a seis amendoas amargas cada uma: pouco tempo depois tiveram vomitos: duas d'ellas perdêrão os sentidos; a terceira experimentou convulsões: estes symptomas não tiveram felizmente consequencias funestas. Uma mulher, para curar de lombrigas uma criança de

niato de ferro, arsenito de potassa, ouropimento, rosalgar, pós contra as moscas, massa de Rousselot, massa de Frei Cosme, e a massa de que se servem os empalhadores de passaros. O arsenico e suas preparações produzem a morte em muito curto espaço, quer tenham sido ingeridas no estomago, quer applicadas sobre uma chaga. Os vapores, que esparge o arsenico lançado nas brasas, respirados pela bocca, são igualmente nocivos. Eis-aç os symptomas que produz o arsenico: sabor acerbo e metallic — bocca, máo halito, constricção da garganta, soluços, desmaios, arrefecimento do corpo, dôr do estomago, sêde, salivação, vomitos, dejecções alvinas frequentes, ourinas raras e ensanguentadas, prostração, delirio, convulsões e a morte.

Tratamento. A expulsão do arsenico é o meio mais effizaz de prevenir os accidentes do envenenamento: é pois mister favorecer os vomitos, dando tres ou quatro chicaras d'agua morna que tenha em dissolução um ou dois grãos de tartaro emetico. Para neutralizar alguma quantidade do veneno que possa ficar nos intestinos, administrem-se 8 grammas (2 oitavas) de magnesia calcinada diluida em um copo d'agua.

Ao depois, para combater a prostração, administre-se caldo de carne de vacca, e vinho do Porto ou da Madeira.

Mais tarde, para expellir a porção do veneno que tiver penetrado nos orgãos, é preciso dar a infusão de parietaria ou o cozimento de grama, que gozão de propriedades diureticas.

Para combater as colicas e espasmos, dê-se ás colchres *de sopa*, de hora em hora, a *poção antispasmodica* seguinte:

Infusão de folhas de laranjeira.	120 grammas (4 onças)
Laudano de Sydenham.	30 gottas
Ether sulfurico	30 gottas
Assucar...	15 grammas (1/2 onça).

Misture-se.

Se o envenenamento foi produzido pela applicação externa de massas arsenicaes, da massa de Rousselot, por exemplo, é inutil administrar o emetico e a magnesia calcinada; mas é preciso recorrer ao vinho, caldo, á *poção antispasmodica* e ás bebidas diureticas.

Envenenamento pelo azinhavre. V. Enven. pelo *Cobre*.

Envenenamento pela belladona. V. Enven. pelo *Tabaco*.

Envenenamento pelo bismutho. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de bismutho*.

Envenenamento pelo bromo. Administrar 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) de tartaro emetico n'uma chicara d'agua fria, e depois 60 grammas (2 onças) de oleo de ricino.

Envenenamento pela cal. *Veja-se* Envenen. pelos *Alcalis*.

Envenenamento pelos calomelanos. *Veja-se* Envenenamento pelo *Sublimado*.

Envenenamento pela camphora. *Symptomas.* Vertigens, prostração, somnolencia, enfraquecimento dos sentidos, da vista principalmente.

Tratamento. Administrar 5 centigrammas (1 grão) de emetico n'uma chicara d'agua; dar, depois, vinho do Porto, da Madeira, chá da India com aguardente.

Envenenamento pelas cantharidas. As cantharidas, quer sejam applicadas sobre a pelle sob a fórma de caustico, quer introduzidas no estomago, occasionão muitas vezes graves accidentes. Estes accidentes são especificados no artigo *CANTHARIDAS*; eis-aqui o seu tratamento. Deve-se administrar agua pura, ou melhor ainda, agua com assucar, leite, uma infusão de sementes de linho ou de raiz de althéa. Friccionar a parte interna das coxas com oleo camphorado. Metter o doente em um banho d'agua morna, no qual ficará por uma ou duas horas; applicar depois cataplasmas de linhaça no ventre, e administrar muitos clysteres com decoção de linhaça. Dar a beber vinho generoso, aguardente de canna ou chá de hortelã.

Envenenamento pelo centeio espigado. O centeio experimenta ás vezes uma molestia que muda a sua fórma, sua composição, e o torna venenoso; chama-se então centeio espigado. É uma substancia comprida, de côr violacea no exterior, esbranquiçada interiormente. Os symptomas do seu envenenamento forão descriptos no artigo *CENTEIO ESPIGADO*: aqui só indicarei o tratamento. Se o incommodo fôr passageiro, se houver pouca febre, leve embaraço de cabeça e alguns movimentos convulsivos, dê-se, de quarto em quarto de hora, uma colher, das *de sopa*, da poção antispasmodica seguinte:

Infusão de herva cidreira	120 grammas (4 onças)
Ether sulfurico	40 gottas
Laudano de Sydenham	40 gottas
Assucar . . .	15 grammas (1/2 onça).

Misture-se.

Depois d'isso, administre-se em bebida agua acidulada com vinagre ou com sumo de limão. Se o doente se queixar de torpor e frio nos membros, banhem-se-lhe as pernas em uma infusão de plantas aromaticas, como alfazema, alecrim ou hortelã-pimenta: esta infusão deve ser animada com um pouco de vinagre; ao sahir do banho, esfreguem-se-lhe as pernas com um panno de lã, e depois cubrão-se de pannos molhados em uma infusão de folhas

de laranja, á qual se juntará, para cada copo, 20 gottas de alcali volatil. Dê-se-lhe tambem a infusão de hortelã ou de serpentaria de Virginia. Se o torpor e a frieza continuarem, applicuem-se vesicatorios nos lugares proximos ao do mal, e banhem-se os membros affectados com o soluto seguinte :

Agua .	1 litro (32 onças)
Pedrahume calcinada.	125 grammas (4 onças)
Sulfato de cobre .	90 grammas (3 onças)
Sal de cozinha.	30 grammas (1 onça).

Se se manifestar gangrena, será necessario praticar a amputação.

Envenenamento pelo chloral. *Veja-se* Vol. I, pag. 564.

Envenenamento pelo chlorhydrato de morphina.

Veja-se Envenenamento pelo *Opio*.

Envenenamento pelo chlorureto de ouro e sodio.

Veja-se Envenenamento pelas *Preparações de ouro*.

Envenenamento pelo chumbo. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de chumbo*.

Envenenamento pela cicuta. *Veja-se* Env. pelo *Tabaco*.

Envenenamento pelo cinabrio. *Veja-se* Envenenamento pelo *Sublimado*.

Envenenamento pelo cobre e suas preparações, taes como o *azinhavre*, *verdete*, *sulfato de cobre* (conhecido pelo nome de *pedra lipes*, *caparrosa azul*, *azul de Chypre*, *vitriolo azul*, *azul de Venus*, *azul de cobre*), *cal de cobre*, *agua celeste*, etc. Todas estas preparações de cobre, introduzidas no estomago, mesmo em pequenas doses, são venenosas. O *azinhavre natural* (subcarbonato de cobre), que se forma sobre as moedas de cobre, nas talhas e torneiras do mesmo metal, póde estar em contacto com a agua, sem lhe communicar propriedade alguma nociva, porque não é soluvel n'este liquido; mas se acaso, bebendo-se a agua que a contém, se engolir um fragmento d'esta substancia, podem manifestar-se todos os symptomas de envenenamento: é pois prudente que nunca se beba um liquido que tenha sido conservado em vasos cobertos d'esta substancia verde. O *azinhavre artificial* (subacetato de cobre) é mui soluvel n'agua. Podem-se, sem o menor perigo, preparar todas as comidas em uma cassarola bem estanhada; mas, na que o não fôr perfeitamente, o vinho, o vinagre, o sumo de azedas, o azeite doce, todas as qualidades de gorduras, e muitas outras substancias, determinão a formação do *azinhavre*, o qual, misturado com os alimentos, póde causar os mais graves accidentes. A quantidade do *azinhavre* que se forma é sobretudo consideravel se se deixarem arrefecer, em vasos de cobre mal estanhados, as substancias que deixei indicadas. É pois necessario

que, se as circumstancias obrigarem a servir-se de utensilios de cobre mal estanhados, os alimentos sejam tirados d'elles ainda fervendo. (*Veja-se* o artigo COBRE, vol. I, pag. 622.) Os symptomas que produzem as preparações de cobre são : dôres no estomago e intestinos, vomitos, soluços, difficuldade de respirar, convulsões e a morte.

Tratamento. O melhor contraveneno das preparações de cobre é a *clara de ovo*. É preciso, por conseguinte, administrar quanto antes á pessoa envenenada muitos copos d'agua com assucar, com 4 a 6 claras de ovo para cada copo d'agua, e favorecer os vomitos introduzindo os dedos na garganta. Se houver symptomas de fraqueza, administrem-se duas colheres *de sopa*, de hora em hora, de vinho quente. Se apparecer inflammação do estomago, caracterizada por dôres e grande sensibilidade do ventre, applicuem-se cataplasmas de linhaça.

Envenenamento pela coca do Levante. *Veja-se* Envenenamento pela *Noz vomica*.

Envenenamento pelos cogumelos. *V* o artigo COGUMELO.

Envenenamento pelo colchico. *V* Enven. pelo *Tabaco*.

Envenenamento pelas eoloquintidas. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes*.

Envenenamento pela creosota. Os symptomas e o tratamento são os mesmos que pelo *acido phenico*. *V* vol. I, pag. 35.

Envenenamento pelo croton tiglium. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes*.

Envenenamento pelo curare. *V* Env. pela *Noz vomica*.

Envenenamento pelo cyanureto de potassio. *Veja-se* Envenenamento pelo *Acido prussico*.

Envenenamento pela datura. *Veja-se* Env. pelo *Tabaco*.

Envenenamento pela digital. *Veja-se* Env. pelo *Tabaco*.

Envenenamento pelo elaterio. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes*.

Envenenamento pelo emetico e outras preparações antimoniaes, que são : *kermes mineral*, *enxofre dourado de antimonio*, *oxydo de antimonio*. *vinho de antimonio*. Se bem que 20 a 40 grãos de emetico possam produzir accidentes mortaes, comtudo quando o emetico é administrado successivamente na dóse de 2 a 3 grãos em curtos intervallos, podem-se tomar 20 grãos n'um dia sem que se determinem symptomas de envenenamento. Estabelece-se a *tolerancia*, e a mucosa gastro-intestinal só se irrita levemente. Todavia já houve alguns exemplos desastrosos, quando o remedio foi dado em dóse demasiado elevada. Cousa singular, e digna de notar-se é que no maior numero d'estes casos não apparecêrão

vomitos nem evacuações alvinas; mas sim pulso pequeno e frequente, pallidez do rosto, esfriamento do corpo, syncope, e o doente succumbia n'um estado de collapseo.

Tratamento. Favoreção-se os vomitos com agua morna. Dêm-se muitos copos da decoção de noz de galha, de casca de romã, ou chá da India. Se apesar d'este meio, os vomitos e as dôres continuarem, dê-se uma pilula de opio de 5 centigrammas (1 grão) ou 20 gottas de laudano de Sydenham, e repita-se por tres vezes este remedio de quarto em quarto de hora, enquanto se não acalmarem os accidentes. Combata-se a inflammação intestinal consecutiva com banhos tepidos e cataplasmas de linhaça.

Envenenamento pela escamonéa. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pela espirradeira. *V* Env. pelo *Tabaco.*

Envenenamento pelo estramonio. *V* Env. pelo *Tabaco.*

Envenenamento pela fava de Santo Ignacio. *Veja-se* Envenenamento pela *Noz vomica.*

Envenenamento pelo figado de enxofre (sulfureto de potassio). Favorecer os vomitos administrando 5 centigrammas de emetico n'uma chicara d'agua. Aplicar cataplasma de linhaça no ventre.

Envenenamento pela figueira do inferno. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco.*

Envenenamento pelo fumo. *Veja-se* Env. pelo *Tabaco.*

Envenenamento pela gomma gutta. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pelo helleboro. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pela herva moira. *V* Env. pelo *Tabaco.*

Envenenamento pelo iodo. Administrar solução de polvilho em agua; e depois infusão de linhaça.

Envenenamento pelo iodureto de mercurio. *Veja-se* Envenenamento pelo *Sublimado.*

Envenenamento pelo iodureto de potassio. *V* Envenenamento pelo *Iodo.*

Envenenamento pela jalapa. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenenamento pelo kermes mineral. *Veja-se* Envenenamento pelo *Emetico.*

Envenenamento pelo laudano. *Veja-se* Env. pelo *Opio.*

Envenenamento pelo lithargyrio. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de chumbo.*

Envenenamento pela mancenilha. *Veja-se* *Mancenilha.*

Envenenamento pelos mariscos. Os mariscos tem causado ás vezes os effeitos seguintes : ealefrios, dôres agudas de cabeça e estomago, com oppressão e difficuldade de respirar; agitação geral, rubor e inchação da face e das palpebras, eomichões mui fortes por todo o corpo, apparição de empolas sobre a pelle, convulsões; finalmente, em alguns casos, ainda que raros, estes *symptom*as tem sido seguidos de morte. O tratamento d'estes accidentes é o seguinte :

Administrar 10 centigrammas (2 grãos) de tartaro emetico e depois 60 grammas (2 onças) de sulfato de magnesia n'um copo d'agua. Em seguida uma colher *de sopa*, de quarto em quarto de hora, da poção seguinte :

Infusão de hortelã.	120 grammas (4 onças)
Ether sulfurico..	40 gottas
Assuear.	15 grammas (1/2 onça).

Em falta d'esta poção, dar uma colher *de sopa*, de meia em meia hora, de aguardente de canna ou de vinho do Porto.

Mais tarde, dar a beber limonada da vinagre ou de limão.

Envenenamento pelo meimendo. *Veja-se* Envenen. pelo *Tabaco*.

Envenenamento pelo minio. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de chumbo*.

Envenenamento pela morphina e seus saes. *Veja-se* Envenenamento pelo *Opio*.

Envenenamento pelo nitro. O sal de nitro é empregado em medicina para provocar a secreção das ourinas, na dôse de 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) por dia, diluido n'um quartilho d'agua. Na dôse de 30 grammas (1 onça), diluido em pequena porção de liquido e administrado de uma vez, chega a produzir nauseas, diarrhea, desmaio, arrefecimento geral, vertigens, enfraquecimento do pulso, prostração das forças, e até a morte.

O *tratamento* é o seguinte : Combater a prostração com sinapismos applicados nos pés, pernas, eoxas, braços; com fricções de aguardente pelo corpo, e bebidas estimulantes, como o vinho quente e ehá de hortelã. Administrar depois a poção seguinte, ás colheres *de sopa*, de hora em hora :

Infusão de folhas de laranja.	120 grammas (4 onças)
Ether sulfurico.....	20 gottas
Laudano de Sydenham. . . .	40 gottas
Assucar	15 grammas (1/2 onça).

Misture-se.

Envenenamento pela noz vomica e pelas substancias seguintes : *coca do Levante*, *strychnina*, *curare*, *upas tieute* (succo

de uma planta de Java), *upas antiar* (succe de uma arvore de que os Indios se servem para envenenar as frechas), *ticunas* (veneno americano preparado com o succe de certas plantas, empregado igualmente pelos Indios para envenenar as frechas). Introduzidos no estomago ou applicados sobre feridas, estes venenos são rapidamente absorvidos, e eausão uma rijeza geral e convulsiva; a eabeça curva-se para traz, o peito dilata-se apenas, e os doentes morrem suffocados no espaço de poueos minutos, se o veneno foi em grande dóse.

O *tratamento* é o seguinte : Administre-se um vomitorio, 5 centigrammas (1 grão) de emetico n'uma chicara d'agua fria. Administre-se um clyster d'agua morna com 30 gottas de ether sulfurico. De dez em dez minutos dê-se uma colher *de sopa* da poção seguinte :

Agua	120 grammas (4 onças)
Ether sulfurico.	40 gottas
Laudano de Sydenham..	20 gottas
Assucar..	15 grammas (4 oitavas).

Se o veneno foi introduzido pela superficie do corpo, administrem-se os mesmos meios, menos o vomitorio.

Envenenamento pelo oleo de vitriolo. *Veja-se* Envenenamento pelos *Acidos concentrados*.

Envenenamento pelo opio e outras substancias narcoticas, taes como *laudano*, *black-drops*, *saes de morphina*. Todas estas substancias são frequentemente empregadas em medicina como preciezos ealmantes. Convem todas as vezes que os doentes soffrem vivas dôres, e que são sujeitos á insomnia. O opio póde ser administrado sem ineconveniente na dóse de 1, 2, 4, 8 grãos até 1 ou 2 oitavas progressivamente (5 eentigrammas a 8 grammas); quanto ao acetato e chlorhydrato de morphina, costumão dar-se só na dóse de $\frac{1}{4}$ de grão até 2 grãos (12 milligram. a 10 eentigrammas). Em alta dóse, introduzidas no estomago ou applicadas sobre feridas, estas substancias podem tornar-se venenosas. Eis-aqui os effeitos que então produzem : torpor, peso de eabeça, vontade de dormir, uma especie de embriaguez, delirio furioso ou alegre, convulsões, paralysisia das pernas, vomitos, abatimento e a morte.

Tratamento. Quando o opio tiver sido introduzido no estomago, dêm-se 10 centigrammas (2 grãos) de emetico dissolvidos n'um copo d'agua. Favoreção-se os vomitos, introduzindo os dedos na garganta, ou titillando a uvula com a rama de uma penna. Se se suspeitar que o narcotico penetrou nos intestinos, ou se foi introduzido no corpo por meio de um elyster, prescreva-se um

purgante pela bocca ou em clyster, como por exemplo, 60 gram. (2 onças) de oleo de ricino ou de sal amargo. Administrem-se 30 centigrammas (6 grãos) de tannino n'uma colher d'agua fria; ou a decoção forte de galhas; estas preparações tem a propriedade de transformar o opio em substancia inerte. Quando o opio estiver inteiramente ou quasi todo evacuado, administrem-se, de cinco em cinco minutos, quatro colheres *de sopa* d'agua acidulada com vinagre ou com sumo de limão, e immediatamente depois de cada dóse d'agua acidulada, dêem-se quatro colheres *de sopa* de café forte. Administre-se tambem um clyster de infusão de café. Os acidulos antes da evacuação do veneno serão nocivos. Trate-se de dissipar o torpor dos membros, esfregando-os com uma escova ou panno de lã. Se a modorra fôr profunda e o individuo parecer estar apoplectico, recorra-se á sangria. Se o envenenamento tiver sido produzido pela applicação de substancia narcotica sobre a superficie do corpo, é inutil administrar o vomitorio e os purgantes, mas é preciso recorrer incontinentemente ao café e á limonada.

Envenen. pelo ouropimento. *Veja-se Env. pelo Arsenico.*

Envenenamento pela pedrahume. Favorecer os vomitos com agua morna, que tenha em dissolução 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) de emetico; applicar depois cataplasmas de linhaça no ventre.

Envenenamento pela pedra lipes. *V Env. pelo Cobre.*

Envenenamento pela pedra infernal. A pedra infernal, ou por outro nome o azotato de prata, é um eaustico poderoso: introduzida no estomago, produz os mesmos accidentes que os alcalis. O sal commum de cozinha é o melhor contraveneno da pedra infernal: será pois necessario, se acaso se apresentar um envenenamento por esta substancia, que, dissolvendo-se uma colher *de sopa* de sal em um quartilho d'agua, se faça beber á pessoa envenenada muitos copos d'esta agua, afim de provocar os vomitos e diminuir os accidentes. Se elles, apesar d'isto, continuarem, recorra-se ás cataplasmas de linhaça sobre o ventre, aos banhos mornos e ao cozimento de linhaça.

Envenenamento pelo phosphoro, e *pela massa phosphorea com que se fabricão os phosphoros ou páosinhos para accender fogo.* Os envenenamentos pelo phosphoro, outr'ora raros, são hoje bastante frequentes, desde que se emprega para a preparação dos pavios de accender lume, a massa composta em grande parte de phosphoro branco. Ingerido em alta dóse ou em fragmento, o phosphoro luminoso inflamma-se no estomago, corroe e perfora este orgão. Se fôr dado mui dividido, em quantidade menor, sobre-

tudo o estomago contendo alimentos, os symptomas locaes podem ser pouco intensos, e ás vezes lentos em seu desenvolvimento. Consistem em vomitos, pulso irregular, dôr no ventre, fraqueza, delirio, e, em muitos casos, a morte.

Tratamento. Dar a beber duas colheres *de chá* de essencia de terebinthina; e depois administrar um vomitorio : 5 centigrammas (1 grão) de emetico n'uma chicara d'agua fria.

Envenenamento pelos pinhões de purga. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes.*

Envenen. pelos pós de Joannes. *V* Env. pelo *Sublimado.*

Envenenamento pela potassa. *V* Env. pelos *Alcalis.*

Envenenamento pelas preparações de arsenico. *Veja-se* Envenenamento pelo *Arsenico.*

Envenenamento pelas preparações de bismutho. Provocar os vomitos com agua morna, administrar leite com agua, ou agua com claras de ovo ou com assucar. Combater os accidentes inflammatorios com cataplasmas de linhaça sobre o ventre.

Envenenamento pelas preparações de chumbo. O chumbo metallico póde ser engulido sem inconveniente; mas não acontece assim com muitas de suas preparações, que são verdadeiros venenos. Estas preparações são : *acetato de chumbo*, vulgarmente chamado *assucar de Saturno* ou *sal de Saturno*, *sub-acetato de chumbo* ou *extracto de Saturno*, *agua branca de Goulard* ou *agua vegeto-mineral*, *carbonato de chumbo* ou *alvaiade*, *protoxydo de chumbo* ou *lithargyrio*, *deutoxydo de chumbo*, *zarcão* ou *minio*, *vinho adoçado pelo chumbo*.

Apenas se toma uma grande dóse de sal de Saturno ou de qualquer outra preparação de chumbo, soluvel n'agua, sente-se um sabor doce, adstringente, metallico, desagradavel; sensação de aperto na garganta; dôres mais ou menos fortes na região do estomago, nauseas e vomitos. Se, em lugar de uma grande dóse de chumbo, se beber agua ou vinho com menor quantidade d'este metal, póde-se a principio não sentir incommodo algum; mas, sendo continuado o uso d'estas bebidas, contrahe-se por fim uma molestia chronica chamada *colica de chumbo*, que é caracterizada por dôres e prisão do ventre. Os pintores, os oleiros, os vidraceiros, os fabricantes de tintas, e em geral todos os operarios que trabalham no chumbo, ou que respirão as suas emanações, estão sujeitos a esta molestia. É perigoso servir-se de utensilios de cozinha feitos de chumbo; porque tambem os alimentos atacaõ este metal, e, dissolvendo-o, formão com elle um sal venenoso. É tambem imprudencia beber agua conservada por longo tempo em vasos de chumbo, expostos ao ar; porque esta agua póde

conter em solução o carbonato de chumbo, resultado da combinação do gaz acido carbonico, que se aeha no ar, com o chumbo. Já se observárão incommodos nas pessoas que tem bebido agua de chuva passada por canos de chumbo. Os vinhos de má qualidade, que fraudulentamente se melhorão por meio do lithargyrio, são ainda mais venenosos. (*Veja-se* o artigo CHUMBO.) O tratamento da eolia de chumbo consiste na administração repetida dos emeticos e purgantes. (*Veja-se* COLICA DE CHUMBO.) Os soccorros que se devem prestar nos envenenamentos agudos são os seguintes :

O sal d'Épsom e o sal de Glauber são os contravenenos das preparações de chumbo. Por conseguinte, se se apresentar um caso d'este envenenamento, será preciso administrar, de dez em dez minutos, um copo d'agua fria que tenha em dissolução 15 gram. (meia onça) de sal d'Épsom. A infusão de linhaça será depois empregada para combater a inflammação dos intestinos.

Envenenamento pelas preparações de mercurio. *Veja-se* Envenenamento pelo *Sublimado*.

Envenenamento pelas preparações de ouro, taes como *ehlorureto de ouro* e *ehlorureto de ouro e sodio*. Estas preparações de ouro, empregadas em dóses elevadas, produzem irritação no estomago e tem acção sobre o cerebro; podem até produzir a morte. O tratamento consiste em provocar os vomitos com agua morna e pela introdução dos dedos na garganta; administrar depois 40 a 60 centigrammas (8 a 12 grãos) de sulfato de ferro dissolvido n'uma chieara d'agua.

Envenenamento pelo rosalgar. *V.* Env. pelo *Arsenio*.

Envenenamento pela sabina. *Veja-se* Envenenamento pelos *Venenos irritantes vegetaes*.

Envenenamento pelo sal ammoniaco. *Veja-se* Envenenamento pelo *Aleali volatil*.

Envenenamento pela scilla. *V.* Envenen. pelo *Tabaco*.

Envenenamento pela soda. *V.* Envenen. pelos *Alealis*.

Envenen. pela strychnina. *V.* Envenen. pela *Noz vomica*.

Envenenamento pelo sublimado corrosivo e pelas outras preparações mercuriaes, como *cinabrio*, *vermelhão*, *iodureto de mercurio*, etc. Os symptomas d'este envenenamento consistem em dôr de estomago, constrição da garganta, vomitos, eaimbras, frieza das extremidades, convulsões, prostração e a morte. Tem por tratamento o seguinte : de dois em dois minutos dê-se um copo d'agua, que tenha em solução 3 ou 4 claras de ovo; em falta das claras de ovo, administre-se leite em abundancia. Combata-se depois a inflammação intestinal com cataplasmas de linhaça applicadas sobre o ventre.

Envenen. pelo sulfato de morphina. V Env. pelo *Opio*.

Envenenamento pelo sulfato de quinina. *Symptomas.* Dôr de cabeça, agitação, phenomenos de embriaguez, surdez, vista turva, delirio, convulsões, paralyisia, às vezes ourinas sanguinolentas, fraqueza extrema, morte.

Tratamento. Provocar os vomitos com 5 centigrammas (1 grão) de emetico; depois administrar vinho, chá de hortelã, e fazer pelo corpo fricções com baeta embebida em aguardente.

Envenenamento pelo sulfureto de carbone. O sulfureto de carbone é um liquido muito empregado na industria; sobretudo para dissolver o caoutchouc e soldar os seus pedaços isolados. É mui volátil, e seus vapores occasionão dôres de cabeça, enfraquecimento geral, vista turva, surdez, etc. Devem as fabricas, que o empregão, ser ventiladas. Engulido, é um veneno violento; combate-se o envenenamento com 5 centigram. (1 grão) de emetico administrado n'uma chicara d'agua fria, para provocar vomitos.

Enven. pelo tabaco, belladona, estramonio, mancenilha, meimendro, digital, trombeteira, colchico, cicuta, scilla e espirradeira. Qualquer d'estas substancias ingerida causa os seguintes symptomas: agitação, gritos agudos, delirio mais ou menos alegre, movimentos convulsivos da face, dos queixos e membros, vomitos, dejecções alvinas, dôres de ventre. Algumas vezes, em lugar de agitação, observa-se uma especie de embriaguez, grande abatimento, insensibilidade, o os doentes não tem vontade alguma de vomitar. A mancenilha (*Hyppomane mancenilla*, Linneo) é uma das arvores mais venenosas da terra. O fructo do mancenilleiro dá um succo que queima as entranhas, e de que os Indios se servem para envenenar as frechas.

Tratamento. Se a pessoa envenenada não tiver ainda vomitado, dêm-se-lhe 10 centigrammas (2 grãos) de emetico em um copo d'agua fria. Favoreção-se os vomitos introduzindo os dedos na garganta. Se houver já decorrido muito tempo desde que o veneno foi tomado, administre-se um purgante, como, por exemplo, 60 grammas (2 onças) de sal amargo. Depois de evacuado o veneno por cima ou por baixo, administre-se agua acidulada com vinagre; quatro colheres *de sopa* de quarto em quarto de hora. Passado uma hora, administre-se uma colher *de sopa*, de quarto em quarto de hora, da poção seguinte:

Infusão de herva cidreira..	120 grammas (4 onças)
Ether sulfurico	40 gottas
Assucar	8 grammas (2 oitavas).

Misture-se.

Envenenamento pela trombeteira. *Veja-se* Envenenamento pelo *Tabaco*.

Envenen. pelos venenos corrosivos, causticos. *Veja-se* Envenenamento pelos *acidos concentrados, alcalis*.

Envenenamento pelos venenos irritantes vegetaes, como *trovisco, coloquintida, gomma-gutta, helleboro, oleo de croton tiglium, sabina, escamonea, pinhão de purga, abobora do mato ou tayujá, anda-açú, angelim, arruda, etc.* A maior parte d'estas plantas em pequena dóse são medicamentos preciosos, em grande dóse porém tornão-se venenosas. Eis-aqui os effeitos que produzem : sabor acre, picante, mais ou menos amargo, calor ardente, grande secura da lingua, vontade de vomitar, evacuações por cima ou por baixo, dôres mais ou menos agudas no ventre, pulso forte e frequente, respiração difficil e accelerada. Pouco tempo depois, o pulso perde a força e sobrevem a morte. O *tratamento* é o seguinte : administrão-se muitos copos d'agua com assucar ou d'agua simples morna ou fria, afim de diluir o veneno e favorecer os vomitos. Depois combate-se a inflammação intestinal e os accidentes nervosos com banhos d'agua morna, cataplasmas de linhaça no ventre, e com a poção seguinte :

Infusão de folhas de laranjeira	120 grammas (4 onças)
Laudano de Sydenham..	24 gottas
Assucar...	8 grammas (2 oitavas).

Misture e administre uma colher *de sopa*, de hora em hora

Envenenamento pelos venenos narcoticos. *Veja-se* Envenenamento pelo *Opio*.

Envenenamento pelo verdete. *V* Env. pelo *Cobre*.

Envenenamento pelo vidro moído. O vidro moído, verdadeiramente fallando, não é veneno : esta substancia não produz damno senão mechanicamente. O *tratamento* é o seguinte : Encher o estomago de feijões, batatas, couve, miolo de pão, e depois administrar 5 centigrammas (1 grão) de emetico dissolvidos n'uma chicara d'agua fria. Depois de evacuadas estas substancias, recorrer aos clysteres d'agua morna e azeite doce, banhos mornos e infusão de linhaça, para combater a inflammação dos intestinos.

Envenenamento pelo vitriolo azul. *V* Env. pelo *Cobre*.

Envenenamento pelo zarcão. *Veja-se* Envenenamento pelas *Preparações de chumbo*.

ENXAQUECA. A enxaqueca é uma dôr nervosa, não acompanhada de febre, ordinariamente circumscripta n'um ponto ou em uma metade da cabeça, sujeita a repetir-se por accessos, cujos intervallos são variaveis; e quando desaparece momentaneamente, ou para sempre, não deixa vestigio algum.

Symptomas. A invasão da enxaqueca é ordinariamente subita. Uma dôr surda, latejante, pungente, e, emfim, insupportavel, apparece n'uma ou n'outra sobrancelha, nas fontes, ou em qualquer outra região da cabeça. O rosto fica abatido, os olhos tristes, a tez bastante descorada, ou de uma vermelhidão insolita. O doente conserva-se enfadado, impaciente; qualquer bulha ou a impressão de uma luz viva causão-lhe grande incommodo. Ao mesmo tempo existe anxiedade geral; mas o doente tem consciencia de que no seu estado é maior o soffrimento do que o perigo. O presente é-lhe insupportavel, mas não tem receio do futuro. Subsiste ás vezes o appetite; os alimentos allivião ou dissipão os soffrimentos. Entretanto, quando a enxaqueca é violenta, absorve todas as faculdades. As pessoas assim cruelmente atormentadas são indifferentes a todos os objectos que as rodeião. As dôres arrancão-lhes gritos contínuos; parece a alguns individuos que se lhes despedaça a cabeça, que lhes introduzem no cerebro pontas agudissimas; uns sentem uma ebullição, outros um grande ruído, sibilos, zunidos, detonações; alguns julgão ter a cabeça comprimida por um solidéo de chumbo, ou que lh'a furão com uma verruma. Ás vezes a pelle torna-se sensivel á menor pressão, e os cabellos não podem ser tocados sem augmentar os soffrimentos. Sobrevem um bocejar continuo, e ás vezes vomitos, que em alguns individuos dissipão as dôres, não produzindo em outros o menor allivio.

Os soffrimentos occasionados pela enxaqueca varião conforme os individuos e conforme os accessos; não principião ordinariamente com o gráo de violencia que podem depois attingir. Consistem primeiramente em dôres de cabeça supportaveis, que se dissipão e reincidem tomando emfim as apparencias caracteristicas que acima indiquei. Os accessos são separados por dias, semanas, mezes, de um estado de saude ordinaria; sua duração é de algumas horas, de um ou de alguns dias; ás vezes o repouso de uma noite basta para cura-los. A enxaqueca é mais commum na mocidade e na idade madura; raras vezes principia na infancia ou continua na velhice. As mulheres são mais sujeitas a ella do que os homens; padecem d'ella especialmente as pessoas hystericas, hypochondriacas, melancolicas, de temperamento nervoso. Geralmente fallando, a enxaqueca é mais rebelde do que perigosa.

Causas. Entre as causas que produzem esta molestia, contão-se em primeiro lugar as paixões tristes e a contensão excessiva de espirito, mórmente quando são associadas a uma vida sedentaria; em segundo lugar, as vigalias prolongadas, as impressões mui fortes e contínuas, sobre os sentidos da vista, do ouvido, do

olfato; a exposição a temperaturas excessivas; a supressão intempestiva de alguma evacuação ou erupção habitual.

Tratamento. Durante o accesso, o repouso dos sentidos e do espirito é de absoluta necessidade e de uma efficacia manifesta. Cumpre evitar a bulha, a luz viva, os cheiros desagradaveis, as occupaões, as emoções. O doente deve deitar-se e dormir. Todavia, é necessario n'este caso consultar a propria experiencia; pois ha pessoas a quem o trabalho, e sobretudo as distracções agradaveis, allivião muito, e soffrerião por mais tempo estando deitadas e fechadas n'um quarto. Uma enxaqueca leve cede á immersão dos pés em agua quente, ou em agua tepida á qual se ajuntará um pouco de farinha de mostarda. Se fôr acompanhada de calor na cabeça, poder-se-hão applicar na testa pannos molhados em agua fria misturada com vinagre. O ether derramado pela testa produz, por sua evaporação, um frio que muitas vezes acalma as dôres. As enxaquecas acompanhadas de sensação de frio na cabeça são alliviadas, pelo contrario, com applicações de pannos quentes. Um pouco d'agua com assucar e agua de flores de laranjeira, a compressão da cabeça, um clyster d'agua fria, uma chicara de café, ou de chá de herva cidreira, produzem ás vezes bons effeitos. As comidas que agradão podem ás vezes dissipar o soffrimento; mas d'essas mesmas deve abster-se o doente se não tiver appetite. O xarope de lactucario, na dóse de uma a duas colheres *de sopa*, o ether, na dóse de 10 a 15 gottas n'uma colher d'agua fria com assucar, podem ser administrados vantajosamente. A applicação na testa de pannos molhados em *agua sedativa*, é as vezes seguida de bom resultado. Eis-aqui a receita da *agua sedativa* :

Ammoniac liquido.	6 grammas (1 1/2 oitava)
Alcool camphorado..	1 gramma (20 grãos)
Sal commum.	6 grammas (1 1/2 oitava)
Agua distillada.	100 grammas (3 onças).

Dissolva o sal na agua, filtre; ajunte o alcool, depois o ammoniaco.

Molha-se n'esta agua um panno de linho, e applica-se na testa, tendo o cuidado de cobrir primeiramente os olhos, para evitar que lhes caião dentro algumas gottas.

As seguintes pilulas podem ser empregadas nos casos reitentes :

Pilulas anticephalalgicas.

Extracto de opio.	5 centigrammas (1 grão)
Extracto de meimendro	5 centigrammas (1 grão)
Extracto de belladona	5 centigrammas (1 grão)
Extracto de alface.	5 centigrammas (1 grão).

Faça 4 pilulas. Para tomar uma pilula durante o ataque de enxaqueca.

Ter-se-ha o cuidado, em todas as circumstancias, de entreter a liberdade do ventre com clysteres ou purgantes brandos. As pessoas que tem já experimentado algumas vezes os tormentos da enxaqueca, devem notar as circumstancias que lh'a occasionão mais frequentemente, para regularem, segundo a sua experiencia pessoal, a especie e a dóse dos alimentos e das bebidas, o momento opportuno das comidas, as horas da vigilia e do repouso, o gráo e o genero de exercicio salutar, a quantidade das occupações intellectuaes, a temperança das paixões, emoções e sensações, a influencia do clima, das estações e intemperies atmosphericas, das qualidades do ar dos quartos, etc. Estes estudos de hygiene individual podem ser de grande utilidade, quer para curar as enxaquecas, quer para demorar ou mitigar os accessos.

Para as outras dôres de cabeça, *veja-se* DÔR DE CABEÇA.

ENXOFRE. O enxofre é um corpo simples que abunda na natureza, no estado nativo ou no de combinação. No estado nativo, o enxofre encontra-se em massas opacas ou semitransparentes, ou em pó na vizinhança dos vulcões, e emfim, porém mais raramente, debaixo da fórma de bellos crystaes, alguns dos quaes tem perfeita transparencia. No estado de combinação, o enxofre faz parte dos sulfuretos de ferro, cobre, mercurio, arsenico, etc. Acha-se tambem em certas plantas, e mais particularmente no rábão e couve. Existe mesmo em certas materias animaes, como, por exemplo, nos ovos. As minas mais celebres de enxofre são as da provincia de Napoles e Sicilia, as dos Estados Romanos, Irlanda, Guadelupe e emfim as de Quito, nas Cordilheiras. No Brasil o enxofre até agora descoberto existe em estado nativo na provincia do Rio Grande do Norte.

O enxofre é solido, de côr amarella, sem sabor nem cheiro; arde com chamma azulada, e dando vopores de acido sulfuroso com cheiro desagradavel. É empregado nas artes para branquear a seda; serve para a fabricação do acido sulfurico; misturado com carvão e nitro, forma a polvora. Emprega-se tambem em medicina. Sublimado e misturado com assucar, forma as *pastilhas de enxofre*, que se administrão nas bronchites e na asthma; porém a sua utilidade é mais evidente no tratamento das molestias cutancas, como as empigens, tinha e sarna. N'estes casos usa-se tanto interna como externamente. Internamente; emprega-se na dóse de 60 a 120 centigrammas (12 a 24 grãos), duas a tres vezes por dia. Em grande dóse, 4 a 12 grammas (1 a 3 oitavas), o enxofre actua como purgante. Externamente, administra-se em vapores, lavatorios, pomadas, linimentos, banhos, etc.

EPHELIDES. *Veja-se* SARDAS.

EPIDEMIA ou **ANDAÇO**. Molestia que ataca ao mesmo tempo e no mesmo lugar grande numero de pessoas de uma vez, e que depende de uma causa commum e geral sobrevindo accidentalmente. Que objecto mais digno das meditações do medico e do philanthropo do que a origem d'estes espantosos flagellos, que levão a desolação e a morte ao seio de populações que vivião sãs e tranquillas! É preciso ter colhido na historia da medicina e na das nações esses accentos lugubres de pavor e dôr, que tem ás vezes resoado de uma extremidade do globo á outra, para conhecer quanto a humanidade tem soffrido das epidemias. A peste do Oriente figura á frente d'essas horriveis calamidades; e se devessemos acreditar em relações exaggeradas, teria decimado a metade do genero humano na unica erupção do seculo XIV Oitocentos annos antes, na sua primeira apparição no mundo, cobrio tambem de luto o globo inteiro, ou ao menos todos os paizes conhecidos, segundo refere Procopio. Anteriormente, epidemias de natureza indeterminada, e confusamente chamadas *pestes*, affligirão muitas vezes as nações : d'ellas tratão a Biblia, a historia grega e romana; em todos os tempos, emfim, as epidemias tem desolado a especie humana. Entretanto, todas as epidemias estão longe de levar a consternação ao seio das populações : poucos annos se passão sem que cada localidade não apresente epidemias de alguma especie; isto é, predomínios sensiveis de tal genero de molestias dependentes de uma causa geral, commum, passageira, por consequente epidemica; e entretanto nenhum clamor publico perturba o repouso da cidade. A duração das epidemias é incerta : é raro que cessem antes de tres ou quatro semanas, e que se prolonguem além de tres mezes.

Grande numero de molestias podem tomar a fórma epidemica; taes são : a coqueluche, os sarampos, a escarlatina, as bexigas, a dysenteria, a ophthalmia, o pleuriz, as febres intermittentes, o typho, a febre amarella, a peste, a cholera, etc.

Não ha cousa mais problematica em medicina do que as causas variadas das diversas epidemias em geral. Espantado d'estes temiveis phenomenos, o espirito humano tem trabalhado muito para descobrir a sua origem : da colera celeste e do poder infernal dos máos genios, passou á influencia maligna dos astros, depois aos terremotos, ás crupções volcanicas e a todos os phenomenos geologicos terriveis ou maravilhosos; os progressos da razão humana dirigirão emfim a attenção para o lado das causas mais facilmente apreciaveis, mais simples e mais naturaes. Então as intemperies atmosphericas, os effluvios, os miasmas, o contagio, a alteração das colheitas, as carestias, etc., forão submettidas

alternativamente a severo exame: digamos entretanto que alguma cousa de divino (*quid divinum*), isto é, de inapreciavel, a que os antigos attribuião a apparição das epidemias, persiste sempre e nos escapa. Uma circumstancia attendivel é que as epidemias tem consideravelmente diminuido no seculo em que vivemos, devendo-se attribuir isto aos progressos da civilização e ao melhoramento da prosperidade material. É provavel que as epidemias fossem muito mais raras se os governos se interessassem em dar toda a força necessaria á hygiene publica, se os pantanos se seccassem, os portos se limpassem, as ruas fossem assejadas, as habitações arejadas, as populações não agglomeradas, as inhumações vigiadas e sobretudo afastadas das cidades, etc.

EPIDERMIE. Assim se chama a membrana ou pellicula delgada que cobre a pelle. É a parte superficial da pelle; é ella que se levanta quando se applica um caustico.

EPIGASTRO. Região superior do ventre, comprehendida entre o appendice esternal e dois dedos a cima do embigo. A parte média d'esta região corresponde ao estomago.

EPIGLOTTE. Especie de valvula fibro-cartilaginosa, delgada, muito elastica, mui flexivel, quasi oval, situada um pouco por cima da base da lingua. Ella está naturalmente na posição vertical, mas no momento da deglutição torna-se horizontal, para tapar a abertura do larynge e impedir que os alimentos se introduzão nas vias respiratorias. *Veja-se* a fig. 32, Vol. I, pag. 175.

EPILEPSIA, OU GOTA CÖRAL, OU MAL DE GOTA, OU VÁGADO. Molestia nervosa que se manifesta por ataques, mais ou menos approximados, com movimentos convulsivos, perda dos sentidos e escuma na bocca. Esta molestia é conhecida desde a mais remota antiguidade. Nos tempos de ignorancia e superstição, por causa de sua fôrma espantosa e de sua invasão subita, foi considerada como infligida pela colera dos Deoses, e por isso davão-lhe o nome de *mal sagrado*. Em Roma, dissolvião-se assembléas (*comitia*) na occasião de cahir um epileptico; e por isso lhe derão o nome de *mal comicial*. A sciencia está hoje desembaraçada d'essas superstições, mas não se acha ainda bastante adiantada no conhecimento d'esta molestia.

Causas. As crianças e as mulheres são mais frequentemente affectadas de epilepsia do que os adultos e os velhos. Manifesta-se ás vezes desde os primeiros dias do nascimento. O susto é a sua causa mais frequente, e sobretudo durante a época da menstruação. A colera, o pezar, e as emoções moraes mui fortes, tem muita influencia em seu apparecimento. Acompanha ás vezes o idiotismo: póde tambem depender, nas crianças, da presença de vermes no

canal intestinal. É evidente que nenhuma d'essas influencias tem connexões directas com a epilepsia, que não constitue senão uma correlação accidental e fortuita, e que a verdadeira causa d'essa molestia ainda não está descoberta. A epilepsia produz-se ás vezes debaixo da influencia de uma especie de contagio, por um effeito singular do exemplo, quando alguma pessoa impressionavel é por acaso testemunha de um ataque epileptico.

Symptomas. Os ataques de epilepsia são raras vezes annunciados por phenomenos precusores; isto acontece entretanto quatro a cinco vezes sobre cem. Estes phenomenos são: tristeza, máo humor, dôr de cabeça, caimbras, audição de ruídos extraordinarios, vista de objectos luminosos, etc. Ás vezes uma certa sensação, tal como dôr, frio, calor, se desenvolve n'um dedo, perna, braço ventre ou costas, e do ponto em que se manifesta sobe gradualmente até á cabeça. A parte do corpo em que esta sensação se patentêa é sempre a mesma em cada ataque. Em todos os casos, precedido ou não d'estes phenomenos, o ataque é sempre subito. O doente dá um grito e cahê como fulminado; o rosto entumece-se e torna-se vermelho, roxo e até negro; a bocca enche-se de escuma; convulsões mais ou menos fortes se manifestão; os membros ficão rijos, e o individuo mostra-se insensivel. A bocca torce-se para um ou outro lado, a maxilla inferior aproxima-se muito da superior, ou, cahindo violentamente para baixo, desloca-se ás vezes, e a bocca permanece aberta. Muitas vezes as materias fecaes e as ourinas sahem involuntariamente.

É muito raro que o ataque dure mais de cinco a seis minutos; tem-se visto entretanto prolongar-se por meia hora, uma hora, um dia e mais; porém então ha instantes de interrupção, e um só paroxysmo compõe-se ás vezes de uma serie de pequenos ataques successivos, os quaes chegão a exceder a sessenta. Logo que elle cessa, os membros recobráo a flexibilidade e direcção naturaes, o rosto empallidece; os doentes cahem ordinariamente n'uma modorra profunda, acompanhada de forte resonar. Umaz vezes são affectados de um tremor geral; outras, cobre-se-lhes a pelle de suor abundante; alguns experimentão nauseas e vomitos; emfim, todos recuperão pouco a pouco o uso dos sentidos, mas não se lembrão do que lhes aconteceo, e o seu rosto exprime vergonha e espanto.

Nem todos os ataques são tão violentos como o que acaba de ser descripto; ás vezes mesmo são tão leves, que se designão debaixo do nome de *vertigem* ou *vágado epileptico*. Eis-aquí a sua descripção. O doente perde subitamente os sentidos, ás vezes dando um pequeno grito: póde não mudar de posição se está

sentado, e entretanto cahe no chão se está de pé, salvo se tem tempo de encostar-se a alguma cousa; os olhos ficam fixos, e poder-se-hia crer que dirige a attenção para algum objecto : em alguns casos manifestão-se convulsões ligeiras e parciaes nos olhos, beiços, membros, pescoço ou rosto : a bocca em muitos doentes enche-se de baba espumosa. Passados alguns segundos, um ou dois minutos, quando muito, este estado cessa. Então o doente recobra immediatamente o pleno exercicio de suas faculdades, e continua, sem suppôr que tinha interrompido, uma conversação, uma occupação qualquer; outras vezes conserva por alguns minutos um estado de semi-conhecimento, e pratica alguns actos desarrazoados.

Prognostico. A epilepsia é sempre uma molestia grave; sua cura é rara e difficilissima : aquella, entretanto, que se declara em idade mui tenra, desaparece muitas vezes quando o corpo tem adquirido completo desenvolvimento.

Tratamento. Ha pouco que fazer *durante os ataques*; todos os cuidados limitão-se geralmente a conter o doente, para que se não magoe, a desapertar-lhe os vestidos, principalmente os do peito e pescoço, e a afastar os espectadores importunos. É preciso dar-lhe a cheirar vinagre ou agua de Colonia. A bocca exige attenção especial : se a lingua se achar apertada entre as duas arcadas dentarias, será preciso desembaraça-la para impedir de ser mordida; e convem introduzir entre os dentes um panno dobrado para impedir que estes se quebrem ou possam ferir a lingua; isto feito, o accesso seguirá o seu curso. A compressão do ventre no lugar correspondente á bocca do estomago, a extensão forte dos braços e dos dedos dos doentes, contribuem ás vezes para suspender os paroxysmos.

Nos *intervallos dos ataques*, os epilepticos devem evitar todas as impressões moraes vivas, todas as acções physicas mui fortes e capazes de determinar a excitação do cerebro. Grande repouso de espirito, as distracções, um exercicio moderado do corpo, comidas de facil digestão, o uso de purgantes brandos, os banhos geraes mornos, durante o tempo dos quaes o doente conserva sobre a cabeça pannos embebidos em agua fria, são sempre bons n'esta molestia. O doente deve evitar os excessos das bebidas alcoolicas; e é necessario que se abstenha da vista de outros epilepticos; porque lhe póde causar uma sensação desagradavel e provocar o reaparecimento do ataque. Tem-se visto, debaixo da influencia d'este simples tratamento, ataques de epilepsia diminuir, e em algumas pessoas desaparecerem inteiramente. Suspeitando-se que a molestia depende da presença de lombrigas ou de solitaria

no canal intestinal, recorra-se aos medicamentos vermifugos; taes como a decoção de casca de raiz de romeira, a de feto macho; se ella proceder da ausencia das regras, é preciso provocar a menstruação (*Veja-se* MENSTRUACÃO); se fôr occasionada por sensibilidade extraordinaria, pela debilidade da constituição, é necessario combater estes estados com banhos frios, regimen tonico e substancial. A epilepsia tem sido ás vezes curada pela hydrotherapia.

O quarto que o epileptico habitar deve ter o menor numero de moveis que fôr possível; a cama devê ser mui larga para prevenir a gravidade das quedas : nos paizes frios, as chaminés, onde estes doentes se aquecem, devem ser guarnecidas com grades. Em seus passeios, os epilepticos [evitem o andar á margem de um rio ou de qualquer precipicio, e nunca lhes convem passear sós, mas sempre acompanhados.

Muitos medicamentos forão aconselhados contra a epilepsia; eis-aqui os mais efficazes :

Bromureto de potassio. O bromureto de potassio deve ser administrado em doses crescentes desde 1 gramma (20 grãos) até 6 grammas (120 grãos) por dia, durante muitos mezes, mesmo durante um anno, sem outra interrupção do que a que póde ser necessitada pela repugnancia do doente ou pela intolerancia gastrica. A solução do bromureto de potassio deve ser tomada pela manhã e á noite, quer n'uma chicara de infusão de raiz de valeriana, quer na agua adoçada com xarope de casca de laranja.

Belladona. Deve ser tomada durante muitos mezes, mesmo durante um anno, para poder apreciar o effeito do medicamento. A belladona toma-se segundo a receita seguinte :

Extracto de belladona.	1 centigramma (1/5 de grão)
Belladona em pó.	1 centigramma (1/5 de grão).

Faça 1 pilula, e como esta mais 49 pilulas.

No primeiro mez o doente toma 1 pilula todas as noites; no segundo mez, 2 pilulas por noite; no terceiro mez, 3 pilulas; no quarto mez, 4, e sempre juntas. Se a dóse do medicamento parecer elevada, se turvar a vista ou produzir uma sensação de constricção na garganta, deve-se retrogradar, e não augmentar a dóse senão de dois em dois mezes. D'esta maneira, chega-se ao fim do anno com 7 ou 8 pilulas por noite, devendo-se sempre vigiar a influencia da medicação.

EPIPHORA OU LAGRIMEJAMENTO. Dá-se este nome ao fluxo contínuo de lagrimas que cahem nas faces, em vez de passarem pelos pontos lagrimaes. A epiphora é ordinariamente determinada ou pela oclusão dos pontos lagrimaes, que não podem então

absorver as lagrimas, ou pela oclusão do canal nasal : o fluxo das lagrimas n'estes diversos casos não é senão symptoma de uma affecção, que é necessario curar. As molestias da palpebra inferior determinão tambem o derramamento de lagrimas nas faces. *Veja-se FISTULA LAGRIMAL, PALPEBRAS (MOLESTIAS DAS).*

EPIPLOON ou **OMENTO**. Membrana ondulante, cheia de gordura, situada na cavidade do ventre; cobre os intestinos. Nos animaes chamão-lhe *zirbo* ou *redenho*.

EPISPADIAS. *Veja-se URETHRA (MOLESTIAS DA).*

EPISPASTICO. Chamão-se *epispasticas* as substancias que, applicadas sobre a pelle, determinão n'ella dôr, calor e vermelhidão mais ou menos viva, seguida logo da secreção serosa que levanta a epiderme e forma uma empola. As cantharidas e a mostarda são substancias epispasticas. Ha *pomadas epispasticas*, que são destinadas a augmentar a suppuração dos causticos; devem a actividade ás cantharidas que entrão na sua composição.

EPISTAXIS. Dá-se este nome em medicina ao fluxo de sangue pelo nariz. *Veja-se HEMORRHAGIA NASAL.*

EPITHELIOMA. *Veja-se CANCROIDE.*

EPIZOOTIA. (*Arte veterinaria*). A palavra *epizootia* tem na Arte veterinaria a mesma significação que o termo *epidemia* na medicina humana. As epizootias são molestias internas, que se desenvolvem indistinctamente e ao mesmo tempo sobre grande numero de animaes da mesma ou de diferentes especies, n'uma extensão de terreno illimitada, e durante um periodo mais ou menos longo.

Todos os nossos animaes domesticos, o cavallo, o boi, o carneiro, o porco, os cães, os gatos, as gallinhas e outros, as abelhas, os bichos de seda e mesmo os peixes, tem apresentado, em certos paizes, e em certas épocas, epizootias especies de que as principaes são: a *pneumonia contagiosa dos ruminantes*, o *typho contagioso*, o *typho carbunculoso* do gado grosso e miudo e das aves, a *ronha* ou *gafeira* dos carneiros, as *aphtas contagiosas*, o *mormo*, o *farcin*, a *podridão das ovelhas*, etc. Estas diferentes epizootias, que dizimão e destroem rebauhos inteiros, tem exercido ás vezes, os seus estragos em regiões mui extensas, arruinando a agricultura, e causando a desesperação de um paiz inteiro.

As *causas* d'estas molestias residem em geral nas influencias atmosfericas, na má alimentação, no pouco asseio dos estabulos, no excesso do trabalho, e em outras condições pouco conhecidas. Estas molestias transmittem-se com mais facilidade aos individuos da mesma especie, do que aos de especies diferentes; porém muitas d'ellas se propagão tambem a outras especies.

Tratamento. Indico, segundo o *Compendio de Veterinaria* do Sr. Maccdo Pinto, os meios preservativos das molestias contagiosas nos casos de epizootias :

1º Alimentar bem os animaes, vigiando cuidadosamente que os alimentos sejam de boa qualidade; no regimen de estabulação, convem misturar os alimentos seccos com os verdes, e juntar-lhes algum sal de cozinha; e na pastagem, importa desviar os animaes dos lugares proximos ao foco do contagio, e d'aquelles que são batidos dos ventos, que correm do lugar empestado, escolhendo os melhores pascigos e menos humidos.

2º Se a estação não permittir levar os animaes ao pasto, convem dar-lhes ao menos um ou dois passeios ao ar livre.

3º Importa dar de beber aos animaes com mais frequencia, tendo muito cuidado em escolher agua pura e de boa qualidade.

4º É necessario que haja muita limpeza nos estabulos, que cstes sejam bem ventilados, que as camas sejam renovadas com frequencia, e que as estrumeiras se fação um pouco mais distantes do estabulo.

5º Devem recolher-se em cada curral poucas cabeças de gado, repartindo os grandes rebanhos por differentes curraes; e melhor será, se forem um pouco distantes uns dos outros. No que respeita aos doentes, é ainda mais necessario ter só poucos animaes em cada estabulo.

6º Convem limpar duas vezes ao dia os animaes, e banha-los ou lava-los; quando não possa ser uma vez por dia, ao menos de tres em tres dias.

7º É muito necessario ter limpeza nos vasos que servem para cozinhar a comida dos animaes, ou para elles comerem ou beberem.

8º Não se deve dar muito trabalho aos animacs, mas só o que fôr compativel com as suas forças, sem esgota-las, tendo em vista não os expôr ás intemperies das estações.

9º Os medicamentos preventivos devem ser escolhidos conforme a indicação que offerecer a epizootia, que se receia.

Providências contra o contagio. Quando apparecer n'uma localidade alguma molestia contagiosa, ou porque os animaes são communicassem com os doentes, ou devida á influencia atmospherica, é necessario levar a effeito as seguintes providencias :

1ª *Declaração.* O proprietario, e na falta d'este o veterinario, deve ser obrigado a participar á autoridade o apparecimento de qualquer molestia contagiosa. Esta declaração deve dar noticia da molestia, e de todas as circumstancias que acompanhárão o seu desenvolvimento. A declaração deve ser feita á autoridade o mais

breve que fôr possível, por isso que medidas energicas, e opportunamente applicadas, podem prevenir, ou suspender, o desenvolvimento de uma epizootia. Em França esta medida de policia sanitaria não é facultativa, mas sim determinada por lei, e qualquer proprietario de gado que não se conformar a ella, é punido de 500 francos de multa.

2^a *Separação.* É uma medida de policia sanitaria, que tem por fim subtrahir os animaes sãos ao contagio; é de todos os meios preservativos o mais effeaz, mas é tambem o mais difficil de levar a effeito; todavia pôde effectuar-se collocando em estabulos separados os animaes sãos, os *suspeitos* e os *doentes* de molestia contagiosa, de cada proprietario. Os objectos, os eriaados ou quaesquer outras pessoas empregadas no serviço dos animaes doentes, não devem ter communicação alguma com os sãos, evitando euidadosamente que os gatos, eães, ou outro qualquer animal os possa acompanhar, para que não venhão depois communicar com os outros animaes sãos.

3^a *Morte dos animaes doentes e suspeitos de contagio.* Nas epizootias muito contagiosas recommenda-se a morte não só dos animaes atacados pela molestia, mas até d'aquelles que se suspeita que forão por elles contagiados. Esta medida de policia sanitaria é seguida na Inglaterra, na Suissa e em França. Porém os animaes devem ser mortos sem effusão de sangue, e no lugar em que devem ser enterrados. Esta medida tem o inconveniente de causar grande prejuizo aos proprietarios pobres, e por isso dá lugar a que elles occultem a molestia, e vendão clandestinamente a carne, propagando assim o contagio; porém este inconveniente pôde remediar-se por meio das indemnizações.

4^a *Enterramentos.* Os animaes que morrerem de molestia contagiosa, ou os que se mandarem matar pelo mesmo motivo, devem ser enterrados em lugar distante das povoações e das estradas publicas, e em fossos de cinco pés de profundidade; a pelle d'estes animaes deve ser retalhada, para que não possa utilizar-se.

5^a *Indemnização.* É um soccorro dado aos lavradores que perdêrão os seus animaes em consequencia de uma epizootia devastadora. Esta medida sanitaria torna os proprietarios mais diligentes em fazer a declaração á autoridade, não occultando a molestia. Em França, a Lei de 27 de Janeiro de 1815, concede a cada proprietario o terço do valor real dos animaes mortos de epizootia. Comtudo nos animaes *suspeitos* que a autoridade manda matar, parece muito pequena esta indemnização, e seria mais justo que se dêsse ao proprietario o valor real dos seus animaes. Em França, pela Circular de 7 de Abril de 1844, o proprietario não tem direito a

receber indemnização pela perda dos animaes mortos de epizootia, quando não tiver feito em tempo competente a *declaração*.

6^a *Proibição do commercio dos animaes com a localidade em que reina molestia contagiosa*. Como medida sanitaria, é necessario interromper as relações com as terras em que reina uma epizootia, sobretudo no que respeita ás compras de animaes. Em França é determinada esta prohibição pelo Accordão de 16 de Julho de 1784. Todavia a autoridade deverá fazer alguma modificação n'esta providencia, conforme as circumstancias que occorrerem, a natureza da molestia, etc., exigindo sempre garantias, a favor da saude publica, da parte do comprador e do vendedor.

7^a *Cordões sanitarios*. Determinada a prohibição do commercio, é inda mais indispensavel estabelecer cordões sanitarios, pondo guardas nos pontos d'onde podem provir os animaes contagiados, para evitar a passagem d'estes animaes, dos pastores ou de outras quaesquer pessoas ou objectos que possuão transmittir o contagio, e fazendo recolher tudo ao lazareto.

8^a *Marca dos animaes*. Quando fôr necessario levar a effeito as providencias antecedentes, recommenda-se tambem fazer, nos animaes dos lugares infectados pela epizootia, um signal distinctivo, o qual serve para prevenir o extravio dos animaes e as vendas clandestinas. Em França, a lei exige terminantemente esta marca feita na testa com um sinete com lacre, ou por meio de corte nos pellos, ou de ferro quente nas unhas ou nos chifres.

9^a *Desinfecção*. É uma providencia sanitaria de muita importancia e o complemento de todas as outras: tem por fim destruir por meios physicos ou chimicos os principios contagiosos de que o ar ou os corpos solidos podem impregnar-se. Deve comprehender não só os estabulos, mas todos os objectos que tem servido aos animaes doentes.

A desinfecção opera-se pelos meios seguintes: *Ventilação*, abrindo todas as portas, janellas e ventiladores, afim de que o ar exterior circule livremente, por todas as partes do estabulo. — *Raspadura*. Convem picar as paredes e o pavimento, raspar as manjadouras, e toda a superficie das madeiras, para evitar que os principios de infecção ou de contagio fiquem adherentes a estas superficies. — *Caiadura*. Caiando todas as paredes, não só se torna mais asseiado o estabulo, mas tambem se detroe a possibilidade de transmittir o contagio, pela propriedade anti-septica que tem a cal. — *Fumigações*. Praticão-se espalhando pelo pavimento do estabulo uma dissolução de chlorureto de cal em agua, ou a serradura de madeira, impregnada de acido phenico.

É extremamente imprudente, em tempo de epizootia, fazer uso

do leite e da carne dos animaes atacados da molestia. Em todas as localidades, onde a lei não obriga a isso, os proprietarios intelligentes, não devem hesitar, no seu proprio interesse, em sacrificar elles mesmos os animaes atacados pela epizootia, quando o medico veterinario não responde de sua cura.

Aquelle que corta ou esfolia um animal morto de molestia, contagiosa, deve tomar as maiores precauções possiveis. Se por acaso cortar-se ou fizer a mais pequena ferida, uma simples esfoladura mesmo, com a faca que tocou o cadaver infectado, deve immediatamente cauteriza-la com pedra infernal.

EPSOM. Agua purgativa fria. Epsom é uma aldêa de Inglaterra, distante sete legoas de Londres. As aguas contém sulfato de magnesia. Prescrevem-se na dóse de 2 a 4 copos, como purgativas. Por evaporação d'esta agua, extrahe-se d'ella o sulfato de magnesia, chamado tambem *sal de Epsom*, ou *sal de Sedlitz*, usado como purgante.

EPULIDA. Tumor ou excrescencia na gengiva. V GENGIVA.

EQUITAÇÃO. *Veja-se* EXERCICIO.

ERUCTAÇÃO ou ARROTO. Erupção de gaz provinda do estomago, sempre mais ou menos sonora, ás vzes mesmo estrepitosa. É ou insípida, acida, amarga, ou mal cheirosa. Ordinariamente indica irregularidade na digestão, excepto quando é produzida pela acção dos liquidos que contém o gaz acido carbonico, como a cerveja, a agua de Seltz, o vinho de Champanha, etc. A magnesia calcinada, tomada uma ou duas horas depois da comida, na dóse de 1 gramma (20 grãos), em meia chicara d'agua fria com assucar, é um bom meio de neutralizar o gaz que se forma no estomago. Eis-aqui a receita :

Magnesia calcinada. 4 grammas (80 grãos).

Divida em 4 papeis.

ERUPÇÃO. Dá-se ordinariamente este nome a manchas ou borbulhas que apparecem de uma maneira espontanea e geral na pelle, quer sejam ou não acompanhadas de febre. As *bexigas*, os *sarampos*, as *cataporas*, a *urticaria*, a *miliaria*, a *escarlatina*, a *sarna*, etc., são consideradas como erupções. Bem que estas molestias apresentem um character geral que é o mesmo, de se mostrarem na pelle, entretanto a sua natureza e o seu tratamento são extremamente variados.

Freqüentemente a erupção manifesta-se no meio de uma molestia como phenomeno accessorio e ás vezes como crise: quando a erupção, n'uma febre grave, é muito vermelha, constitue uma crise feliz; quando pelo contrario a circumferencia das nodoas eruptivas é pallida, sem circulo vermelho, é um indicio funesto.

Para mais informações vejam-se os artigos proprios a cada molestia eruptiva, que deixei indicadas.

ERVILHA. *Pisum sativum*, Linneo. Planta leguminosa. As suas sementes farinaceas servem de alimento. Novas e frescas, as ervilhas contém um principio assucarado. As ervilhas seccas e quebradas servem para fazer papas mui nutrientes.

ERYSIMO ou RINCHÃO. *Erysimum officinale*, Linneo. Cruciferas. Fig. 234. Planta que habita nos lugares incultos por toda a



Fig. 234. Erysimo.

Europa; em Portugal habita frequente nas ruinas dos edificios, pelos caminhos e campos nos arredores de Lisboa, Coimbra e outras partes. Tem 60 a 100 centimetros de altura; os seus caules são cylindricos, duros, ramosos; ramos separados; flores amarellas e mui pequenas; siliquas delgadas, angulosas, terminadas em ponta. Folhas alternas, pecioladas, empubescidas de ambas as partes, pinnatifidas; lacínias oppostas, oblongas, serreadas dentadas; o par inferior distante dos superiores, o terminal maior, confluyente com as lacínias proximas; sabor acerbo, adstringente. Emprega-se em infusão na bronchite; forma a base do *xarope de erysimo composto*

ou *dos chantres*, muito empregado nas bronchites.

ERYSIPELA. Inflammação da pelle, caracterizada pela côr vermelha, inchação e dôr da parte affectada.

Causas. As causas que as mais das vezes produzem a erysipela são: a insolação, os attritos duros e repetidos, um calor vivo, as picadas com instrumentos impregnados de materias animaes em putrefacção; as pancadas, as contusões, emfim tudo que pôde irritar violentamente a pelle. As affecções fortes da alma, um pezar profundo, um accesso violento de colera pôde occasionala ás vezes. Produzem-na tambem alimentos grosseiros, carnes putrefactas, as comidas muito apimentadas, o abuso dos licores espirituosos e os excessos de mesa. Mas a causa do maior numero de erysipelas ainda está encoberta da mais completa obscuridade. A erysipela ataca com preferencia as pessoas de pelle fina e delicada. Esta molestia é mui commum no Rio de Janeiro, e esta frequencia depende da influencia do clima.

Symptomas. O rubor, o calor e o prurido, taes são os primeiros symptomas da erysipela. Estes symptomas são mais ou menos fortes conforme a intensidade da inflammação. O rubor é mais ou

menos escuro; é luzidio, não circumscripto, e desaparece á pressão do dedo, para reaparecer promptamente logo que este se tira. Um sentimento de comichão, de picadas, de secura e de tensão dolorosa existe na parte affectada. O calor, a principio brando, torna-se logo ardente. Estes symptomas augmentão ordinariamente durante tres ou quatro dias, e ás vezes então formão-se sobre a superficie inflammada pequenas vesiculas cheias de serosidade ruiva, acompanhadas de um prurido insupportavel. Estas bolhas apparecem principalmente na erysipela do rosto.

A erysipela é quasi sempre precedida ou acompanhada de um incommodo geral. Os phenomenos geraes que se notão são os da *constipação*, taes como lassidão, espreguiçamento, calefrios, dôr de cabeça, fastio, febre; ás vezes nauseas e vomitos; em alguns casos raros, delirio. Depois do frio apparece ordinariamente calor e suor. A estes phenomenos ajunta-se ás vezes a inchação dolorosa das glandulas lymphaticas vizinhas do lugar onde a erysipela deve manifestar-se. Assim, estas inchações, chamadas vulgarmente *inguas*, mostrão-se na virilha, se a erysipela existir no pé ou perna; no pescoço, se a erysipela se mostrar na cabeça; e no sobaco, se a molestia se declarar no braço.

Quando a inflammção occupa toda a espessura da pelle e o tecido cellular subcutaneo, toma o nome de *erysipela phlegmonosa* ou *erysipela apostemada*. Todos os symptomas do grão precedente existem ainda; mas a dôr offerece um character particular; é pungente a principio, e torna-se latejante se a suppuração se estabelecer no lugar affectado; junta-se-lhe uma tumefacção mais ou menos consideravel. O tecido cellular subcutaneo, inchado pela inflammção, forma um tumor largo, comprido e profundo. Este tumor abate no quinto e sexto dia, e a pelle, menos vermelha, cobre-se de escamas furfuraceas, se a phlegmasia terminar pela resolução; avulta, pelo contrario, fica pontudo e amollece no centro, se se formar suppuração. O abcesso póde ser pequeno ou grande. Sendo pequeno, depois de aberto espontaneamente ou por incisão praticada com bisturi, dá sahida ao pus e cicatriza-se em poucos dias. Sendo o abcesso grande, o pus, espalhando-se por baixo da pelle, abre caminho para fóra, mais ou menos distante do ponto em que principiou a inflammção. Os focos de suppuração são então quasi sempre multiplices, a pelle fura-se em muitos lugares, e o pus é frequentemente fetido. A abundancia da suppuração acaba então quasi sempre por conduzir o doente a uma fraqueza extrema.

Erysipela branca. Nem todas as erysipelas são acompanhada da côr vermelha da pelle; acontece muitas vezes que a molestia

apresenta unicamente uma inchação simples : constitue cutão o que se chama *erysipela branca*. Observa-se especialmente na mão, braço, perna ou escroto. A côr da pelle não muda; existe só inchação, calor e sensibilidade na parte affectada.

Erysipela douda. Dá-se este nome á erysipela mui simples, que occasiona pouca dôr e não é acompanhada de febre.

Os symptomas da erysipela apresentam mais algumas particularidades que dependem ou do lugar que ella occupa, ou das circumstancias no meio das quaes se desenvolve, ou emfim da causa que a produz.

Na *erysipela do rosto*, a mais grave de todas, as palpebras ficam inchadas, os olhos fechados e lagrimosos, o nariz e os beiços inchados, as orelhas rubras e luzidias. A inflammação pôde propagar-se até ao cerebro e occasionar modorra, delirio e os outros symptomas da febre cerebral.

A *erysipela da pelle da cabeça* offerece quasi sempre os caracteres da erysipela phlegmonosa. As pancadas, as feridas contusas, são as suas causas mais frequentes. Ao principio a dôr é surda, depois viva, os tegumentos ficam inchados, pouco vermelhos e conservão longo tempo a impressão do dedo; emfim a suppuração é a sua consequencia mais ordinaria : ás vezes os ossos do craneo ficam denudados.

A *erysipela dos seios*, nas mulheres, é ás vezes phlegmonosa e acompanhada de inchação enorme. A impressão do frio sobre estes órgãos e a irritação determinada pela sucção da criança, são as suas causas mais frequentes.

A *erysipela do escroto e do prepucio* é acompanhada de inchação consideravel. Acaba frequentemente pela resolução sem deixar nenhum vestigio; mas ás vezes fica na parte uma leve inchação, que augmenta com outros ataques, e que no fim de alguns annos forma esses tumores monstruosos, chamados *elephantiase*.

Prognostico. A erysipela simples é molestia leve, sobretudo se é pouco extensa. A sua duração média é de tres a nove dias. Quando a molestia se tem desenvolvido debaixo da influencia de causas Moraes, a quando (e este caso é o mais ordinario) a causa não pôde ser determinada, o prognostico é menos favoravel. As erysipelas apostemadas e profundas dos membros são molestias graves; as erysipelas do rosto, da pelle da cabeça, do ventre e do escroto, exigem tambem uma vigilancia activa. Raras vezes a erysipela occasiona a morte. Mas a repetição continúa da erysipela nas pernas, braços ou escroto, deixa certa inchação que augmenta com outros ataques da molestia, e que se torna muito incommoda.

Tratamento. O tratamento da erysipela depende da fórma que

apresenta. Na erysipela simples, n'aquella sobretudo que se chama vulgarmente *douda*, basta que o doente tome uma posição tal, que a parte affectada fique elevada o mais possivel. Um regimen leve e algumas bebidas refrigerantes, taes como agua de cevada acidulada com sumo de limão, limonada de limão, de laranja, ou alguma outra, conduzem rapidamente á cura. Não são necessarias applicações locaes.

Havendo calor e dôr mui viva, podem fazer-se com vantagem lavatorios com infusão de flores de sabugueiro e cozimento de malvas ou de folhas d'alface. Às vezes é bom polvilhar a erysipela com polvilho, ou com a mistura de pós de camphora e polvilho, ou applicar camphora molhada e contida entre dois pannos.

Quando a erysipela é acompanhada de caefrios, dôr de cabeça, febre ou nauseas, a primeira cousa que se deve fazer consiste em aquecer o doente. N'este intuito, é preciso cobri-lo com um cobertor de lã, pôr-lhe botijas d'agua quente nos pés, e dar-lhe duas ou tres chicaras de chá de flor de sabugueiro ou de borragem mui quente. Depois de provocada a transpiração, é bom administrar 5 centigrammas (1 grão) de tartaro emetico em 500 gram. (16 onças) d'agua, para provocar os vomitos e as evacuações alvinas. Eis-aqui a receita :

Tartaro emetico..	..	5 centigrammas (1 grão)
Agua fria	. .	500 grammas (16 onças).

Administra-se uma chicara d'esta bebida de quarto em quarto de hora. O tartaro emetico raras vezes deixa de ter applicação na erysipela. Os purgantes brandos, taes como o sal d'Epsom ou de Glauber, são tambem uteis no tratamento da erysipela.

Contra as inchações, que resultão dos ataques repetidos de erysipela, convem empregar as fricções seguintes :

Vinagre aromatico.	60 grammas (2 onças)
Aguardente camphorada..	60 grammas (2 onças).

Misture-se.

Ou as fricções com a pomada seguinte :

Sulfato de ferro.	8 grammas (2 oitavas)
Banha.	30 grammas (1 onça).

Misture-se.

Os banhos d'agua fria, sobretudo os do mar, são tambem uteis contra as inchações que seguem a erysipela. Direi o mesmo da compressão feita com atadura ou com meias elasticas.

A *erysipela do rosto*, se fôr benigna, deve ser abandonada a si mesma, limitando-se o doente á dieta e ás bebidas refrigerantes; mas se fôr acompanhada de dôr de cabeça intensa, de delirio e outros symptomas cerebraes, cumpre administrar 5 centigrammas

(1 grão) de tartaro emético em 500 grammas (16 onças) d'agua, bebidas laxantes, como a infusão de polpa de tamarindos, ou a solução de 30 grammas (1 onça) de cremor de tartaro em agua fria. Eis-aqui as receitas :

1º Polpa de tamarindos. 15 grammas (1/2 onça)

Agua fervendo. 500 grammas (16 onças).

Infundar por uma hora e cõe por panno de lã.

2º Cremor de tartaro soluvel. 8 grammas (2 oitavas)

Agua fria. 500 grammas (16 onças)

Assucar 30 grammas (1 onça).

É preciso sempre tentar tudo para impedir o desenvolvimento da erysipela apostemada. A applicação de cataplasmas de farinha de linhaça ou de fecula, a dieta, as bebidas refrigerantes e aciduladas, são os unicos meios para conseguir este fim importante; e se, apczar do seu emprego, a molleza da parte e mais signaes mostrarem que a suppuração está formada, é mister abrir o abcesso com um bisturí, pôr fios entre os labios da incisão, afim de impedir que este se feche, e continuar as cataplasmas emollicentes. Estes preceitos devem ser principalmente applicados á erysipela phlegmonosa da pelle da cabeça, que é mui espessa, e onde occorrerão accidentes graves se se esperasse a abertura espontanea do abcesso. (*Veja-se* ABCESSO.)

A erysipela simples deixa frequentemente um engurgitamento na parte affectada, que, com ataques repetidos, augmenta progressivamente de volume, e acaba por dar á parte um aspecto disforme. Esta molestia chama-se então *Elephantiasis* ou *Erysipela branca*, e acha-se descripta no artigo ELEPHANTIASIS DOS ARABES.

ERYTHEMA. Rubor inflammatorio da pelle. A fricção contínua de duas superficies contiguas do corpo, sobretudo nas pessoas gordas, produz frequentemente um erythema. Desapparece cessando a causa, ou cura-se com a applicação de polvilho, ceroto simples, com lavatorios ou banhos d'agua tepida.

ESCABECHE. (*Economia domestica.*) Molho composto de vinagre, sal, azeite, cebola cortada, limão, alecrim, tomilho, pimenta e outras especiarias, que servem para temperar ou conservar certos peixes, e carnes. Cumpre empregar para o escabeche vasilhas de porcelana, e nunca os vasos de barro envernizado; porque o verniz d'estes vasos contém ás vezes substancias metallicas que se dissolvem facilmente no vinagre, e podem então occasionar colicas.

Escabeche para as conservas de legumes ou de fructos. Toma-se vinagre branco forte 1 litro (32 onças), sal de cozinha 50 grammas (1 1/2 onça), folhas de louro 30 grammas (1 onça), cravos da

India 10 gram. (2 1/2 oitavas), canella 2 gram. (1/2 oitava), moscada 2 grammas (1/2 oitava); e macerão-se todas estas substancias durante muitos dias n'uma vasilha de porcelana; de vidro ou de gres bem tapada; então, depois de bem arranjados os fructos ou legumes n'uma vasilha igualmente de porcelana, de vidro ou de gres, deita-se por cima o escabeche de maneira que os legumes ou fructos fiquem completamente cobertos. Passado um mez decanta-se o escabeche, e deixão-se bem esgotar as conservas vegetaes. Faz-se novo escabeche que se ferverá, para concentra-lo, e depois deita-se sobre as conservas. Procede-se assim 2 ou 3 vezes segundo a força do vinagre.

ESCALDADURA. *Veja-se QUEIMADURA.*

ESCALDA-PÉS. *Veja-se BANHO.*

ESCAMA. Em medicina chamão-se *escamas* laminas de epiderme morbosa, duras, alvacentas e opacas. As molestias cutaneas caracterizadas por escamas são : caspa, pityriase, psorise, lepra, ichtyose e pellagra. (*Veja-se estas palavras.*)

ESCAMONÉA. Sumo gommo-resinoso extrahido das raizes da *Convolvulus scammonia*, Linneo, planta da familia das Convolvulaceas, que habita na Asia, e particularmente nos arredores de Alepo. Fig. 235. A escamonéa de Alepo, mais estimada que a de Smyrna, acha-se em pães orbitulares, de côr cinzenta, friaveis, fractura negra, cheiro forte e particular, sabor amargo e acre. É soluvel no alcool, e, triturada com agua, forma uma especie de emulsão.

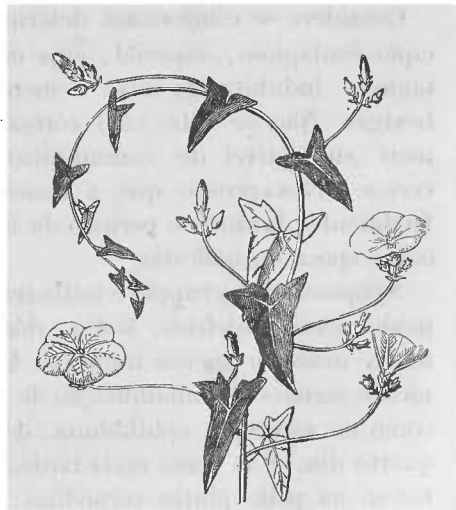


Fig. 235. — *Convolvulus scammonia*.

A escamonéa é um purgante mui prompto e energico; produz colicas e calor interior. Emprega-se na hydropisia e outras molestias. Entra na composição do purgante Leroy. A dóse de escamonéa, como purgante, é de 1 gram. a 1 1/2 gram. (20 a 30 grãos) em pó, pilulas ou poção.

ESCARA. Dá-se este nome á crosta resultante da mortificação de uma parte do corpo pelo fogo, pelo oleo de vitriolo, ou por algum outro caustico violento.

Alguns dias depois da acção do caustico, manifesta-se uma supuração que tem por objecto separar a escara das partes vivas; e

depois da quédá da escara, fica uma ferida que se cura com ceroto simples.

As escaras formão-se tambem pela compressão prolongada nas molestias de longa duração, e apparecem principalmente na região posterior do corpo. Para preveni-las convem mudar frequentes vezes a posição do doente, fazê-lo deitar de um e outro lado, e não sempre de costas, e usar de almofadas elasticas furadas no meio. Se apezar d'estes cuidados, as escaras apparecerem, cumpre lava-las com vinho tinto, polvilha-las com polvilho, e cobri-las depois com encerado commum.

ESCARLATINA. Molestia geral que, depois de alguns dias de febre, se annuncia por pintas vermelhas, cuja reunião forma largas manchas vermelhas, um pouco resaltadas acima da pelle, que se confundem e cobrem toda a superficie do corpo. Esta molestia, assim como o sarampo, de que pouco differe, é frequentemente aeompanhada de inflammação da garganta.

Causas. São pouco conhecidas. A escarlatina é molestia contagiosa : ataca as crianças muito mais frequentemente do que as pessoas adultas; raras vezes se manifesta mais de uma vez em um mesmo individuo, e affecta quasi sempre grande numero de pessoas ao mesmo tempo.

Considera-se como causa determinante da escarlatina um principio contagioso, especial, cuja essencia não é conhecida. O contagio é indubitavel; mas é menos forte do que no sarampo e bexigas. Não se sabe com certeza em que época a escarlatina é mais susceptivel de communicar-se por contagio; entretanto, certos factos provão que a transmissão directa tem lugar mais facilmente durante o periodo da escamação, do que em qualquer outra época da molestia.

Symptomas. A erupção é ordinariamente precedida de um incommodo geral, calefrios, fastio, dôr de cabeça, e de symptomas febris mais ou menos intensos. Ajuntão-se-lhes quasi constantemente signaes de inflammação da garganta; mas não se observa, como no sarampo, ophthalmia, defluxo nem tosse. Ao terceiro ou quarto dia, e ás vezes mais tarde, até ao oitavo ou nono, apparecem na pelle pintas vermelhas, mais largas e de côr mais viva que as do sarampo. Mostrão-se primeiramente no rosto e no pescoço, depois no peito, braços, ventre e nas extremidades inferiores: estendem-se promptamente em largas manchas que não tardão a reunir-se e dão a toda a superficie da pelle o aspecto escarlata. As mãos e os pés fição mais grossos e dolorosos; o rosto tambem fica ás vezes inchado. É raro que os symptomas da inflammação intestinal diminuão depois da erupção, entretanto que desaparecem

quasi sempre após a sahida do sarampo. A escarlatina é muitas vezes acompanhada de erupção de pequenas borbulhas brancas chamadas *miliares*. Emfim, ao quarto dia de erupção, despega-se a epiderme, umas vezes em fórmula de farinha, outras por escamas ou em longas laminas; então principia a convalescença. Tal é a escarlatina *simples* ou *benigna*.

Marcha, duração e prognostico. A marcha da escarlatina não é sempre como acaba de ser descripta; ás vezes a erupção faz-se difficil e incompletamente; outras vezes apparece e desaparece alternativamente; o que é de máo agouro; emfim, as manchas são, em algumas circumstancias, lividas e até ruivas; o que é mais grave ainda. As inflammações dos intestinos e da garganta são ás vezes muito intensas. A duração média da escarlatina é de dez a doze dias; mas quando, depois da queda da epiderme, sobrevem algum accidente, póde prolongar-se indefinidamente. De ordinario acaba sempre pela exfoliação da epiderme, seguida da volta á saude; mas ás vezes a morte é a sua consequencia. A escarlatina é uma das molestias mais perfidas: ás vezes principia de maneira simples, e depois muda de character e torna-se mui grave. O perigo nunca vem da erupção, mas sim das inflammações internas que a precedem e acompanhão, ou das hydropisias que succedem á exfoliação.

Escarlatina maligna. Os symptomas acima descriptos pertencem á escarlatina *simples*; mas as cousas não passam sempre de maneira tão benigna; a molestia é ás vezes muito mais grave e toma então o nome de *escarlatina maligna*. Eis-aqui os seus symptomas: Depois de um calefrio forte, succede febre ardente, sede, dôr de cabeça, pulso frequente, ardor na garganta, vomitos ou diarrhea, e delirio; tres ou quatro dias depois, erupção de manchas mais resaltadas do que na escarlatina benigna, e ás vezes ourinas sanguinolentas. A apparição das pintas é tardia; a sua côr é fraca e livida, a duração incerta: podem apparecer e desaparecer muitas vezes. O pulso é fraco, a lingua e os dentes ficão cobertos de uma camada roxa; sobrevem surdez, delirio, difficuldade de engulir e de respirar, diarrhea, e emfim a morte, que, ás vezes, succede repentinamente, no segundo, terceiro ou quarto dia.

Complicações. As molestias que podem complicar a escarlatina são principalmente o pleuriz e a febre cerebral: devem ser combatidas pelos meios competentes indicados para estas molestias.

A *inchação* é tambem um phenomeno não raro que se observa na convalescença da escarlatina. Nota-se esta hydropisia principalmente nas palpebras, rosto, pernas, e ás vezes no corpo todo.

Tratamento. Na escarlatina simples e leve, favorecer-se-ha a

mareha natural da erupção mediante uma temperatura que não seja nem mui fria, nem tambem demasiado quente; o doente tomará bebidas diluentes e frias, taes como o chá de flores de malvas, o eozimento de arroz, eevada, agradavelmente acidulados com xarope de limão ou a agua fria simples. Se a inflammação da garganta não fôr intensa, bastarão gargarejos de eozimento de raiz de althéa adoçado com mel rosado. Em geral, não se deve interromper com medicamentos energieos a mareha ordinaria da molestia. Não se deve eobrir o doente com eobertor mui pesado. Para aealmar a sêde, o que eonvem melhor é a agua fria; para alimentação caldos de gallinha, leite, mais tarde caldos de carne de vacca, mingãos de tapioca, sopas de pão, de arroz. No caso de prisão do ventre, administra-se um clyster d'agua morna.

As vezes, desde o principio da erupção, existe uma prostração excessiva e pulso fraco (*escarlatina maligna*). N'este easo eumpre administrar a poção seguinte :

Infusão de valeriana.	120 grammas (4 onças)
Acetato de ammoniaeo. . .	4 grammas (1 oitava)
Xarope de quina .	30 grammas (1 onça).

Misture-se e dê-se uma colher *de sopa* de hora em hora.

Existindo dôr de cabeça muito forte, eonvem applicar na testa pannos molhados em agua fria e vinagre. Estes devem ser renovados ao menos de quarto em quarto de hora. Estê meio, que inspira algum susto aos pais, produz um allivio mui grande e nunea occasiona accidentes.

Se a escarlatina desappareeer prematuramente, attribuindo-se isto ao desenrolvimento de uma inflammação pulmonar, ou outra qualquer, é preciso oceupar-se exclusivamente d'esta ultima. Favorece-se a volta da erupção por meio de sinapismos applicados alternativamente sobre as differentes partes do corpo.

Depois da exfoliação da epiderme, se a molestia fôr simples, segue-se immediatamente a convalescença. Banhos mornos e um regimen simples eonstituem os unicos meios que devem ser empregados n'esta época : um leve laxante, como 30 grammas (1 onça) de oleo de ricino batido com caldo, ou 60 grammas (2 onças) de manná dissolvido em leite, convem tambem n'este periodo. Durante a convalescença, é preciso aeautelar-se da impressão do frio e da humidade. Alguns medicos, que virão desenvolver-se n'esta época accidentes graves, aconselhão que não se deixe sahir o doente senão no fim de um mez. Mas esta reelusão, mui util para as estações frias e humidas, é nimamente severa para os climas temperados ou quentes. Se apezar d'estas precauções, ou talvez por não terem sido seguidas, se manifestar alguma hydro-

pisia, é preciso combata-la com purgantes, diureticos e sudorificos. O doente tomará todos os dias 500 grammas (16 onças) de algum cozimento diuretico, como o de grama ou de parietaria, ao qual se ajuntará 1 gramma (20 grãos) de nitro. De noite, ao deitar-se, beberá uma chicara de chá da India ou de chá de sabugueiro, e de dois em dois, ou de tres em tres dias, tomará um brando purgante, como oleo de ricino, manná ou sal amargo. A estes meios cumpre associar os banhos d'agua tepida.

Meios preservativos da escarlatina. De todos os remedios que tem sido aconselhados, a belladona parece o melhor que se possa oppôr ao desenvolvimento da escarlatina durante o tempo da epidemia; e se não impedir a molestia, ao menos torna-a menos grave nas pessoas que usão d'esta substancia. Eis-aqui a receita :

Poção preservativa da escarlatina.

Tintura de belladona.	4 grammas (1 oitava)
Agua commum.	120 grammas (4 onças)
Agua de hortelã-pimenta	30 grammas (1 onça)
Xarope de gomma.	30 grammas (1 onça).

Misture-se.

Esta poção administra-se de manhã em jejum, uma vez por dia e por espaço de 12 dias, na dóse de uma colher *de chá* para as crianças de 1 a 4 annos; duas colheres *de chá* para as de 4 a 10 annos; uma colher *de sopa* para as de 10 a 15 annos; duas colheres *de sopa* para as pessoas de 15 a 20 annos; e tres colheres para as de 20 annos para cima.

Porém de todos os meios preservativos, o melhor é a *isolação*. É preciso isolar os individuos sãos dos individuos doentes, e das pessoas que se achão em contacto com estes. Deve-se recommendar esta medida com instancia durante a epidemia maligna de escarlatina.

ESCARROS. No estado de saude, a membrana que reveste as vias aereas produz certa quantidade de mucosidades, que ordinariamente não é sufficiente para ser notada. Mas, quando os canaes respiratorios adoecem, a secreção das mucosidades augmenta muito e toma caracteres especiaes. Entretanto, a formação dos escarros não é incompativel com a saude: muitos individuos lanção todos os dias certa quantidade d'elles, sem estarem doentes.

Os escarros formados na bocca são ordinariamente claros e viscosos; os da garganta offerecem os mesmos caracteres, mas vem quasi sempre misturados com pequenos grumos brancos, opacos e molles, que são ministrados pelas amygdalas. Os escarros das vias aereas são os que apresentam maior importancia no seu estudo, e offerecem aspectos mui variaveis. Muitas pessoas expulsão escarros

cinzentos ou negros : esta côr provém da fumaça dos candieiros ou velas de que usão, e está em proporção directa com a quantidade de fumaça que se acha no ar que se respira, e não indica de fórma alguma uma molestia das vias aereas, que algumas pessoas temem.

No principio dos defluxos, os escarros são claros, transparentes e viscosos; sendo logo depois substituidos pela expectoração de substancias opacas, amarellas, brancas ou esverdeadas. São quasi sempre inodoros. Tem-se visto entretanto exemplos de bronchite com expectoração de escarros de fedor consideravel. Os escarros vermelhos merecem grande attenção; quando são compostos de sangue quasi puro, dependem da hemorrhagia das vias aereas; mas quando são intimamente misturados com mucosidades, constituem um dos signaes mais evidentes da inflammação do pulmão; e este signal por si só póde ser de grande valor. O sangue que se apresenta nos escarros debaixo da fórma de nodoas negras e redondas vem quasi sempre do nariz; quando se acha disposto por estrias, póde-se pensar que procede de algum ponto da bocca ou garganta. Em alguns casos, os escarros contém fragmentos de falsas membranas; o que é um dos signaes mais evidentes do garrotinho : comtudo, ás vezes esta variedade de escarros apparece em algumas fórmas da bronchite.

Existe grande numero de molestias em que se nota o escarro purulento. Apparece este phenomeno na tísica laryngea, na bronchite chronica, no ultimo gráo da inflammação do pulmão, nos abcessos desenvolvidos no seu interior, e emfim na tísica pulmonar. Vê-se que os escarros purulentos são, em geral, um signal de molestia mui grave; mas cumpre notar que as mucosidades tomão ás vezes a apparencia do pus, de tal maneira que facilitão o engano. Diz-se que o pus, mais pesado que a mucosidade, cahe no fundo da agua; emquanto que esta sobrenada n'este liquido; que o pus lhe communica uma côr leitosa, uniforme, dissolvendo-se n'ella, entretanto que as mucosidades ficão suspensas em filamentos. Estes caracteres distinctivos existem em certo numero de casos, mas fallão frequentemente, e a observação dos doentes mostra que a mucosidade e o pus transformão-se tão insensivelmente uma no outro, que muitas vezes não é possivel distinguir o pus da mucosidade. Os chemicos fizeram numerosas experiencias para distinguir estes dois productos; mas não obtiverão resultado satisfactorio; e só pertence á sagacidade do medico reconhecer, por outros symptomas, a natureza exacta da molestia.

ESCARROS DE SANGUE. Esta molestia, pelo medo que inspira ou pelos resultados graves que são ás vezes a sua conse-

quencia, é uma das que merecem mais a nossa attenção. É designada em medicina pelo nome de *hemoptyse*.

Causas. A hemoptyse ataca raras vezes as crianças : as pessoas idosas são também poucas vezes affectadas d'esta molestia : observa-se mais commumente na adolescencia e na idade adulta ; as mulheres são mais sujeitas a ella do que os homens, e a razão d'esta maior disposição das pessoas do sexo feminino ás hemoptyses é a frequencia das desordens de menstruação de que padecem. Quando o fluxo periodico é supprimido pelas vias que lhe são naturaes, encaminha-se por outros pontos, e sahe frequentemente pelo pulmão. Quasi todas as pessoas dotadas de temperamento sanguineo e colerico são predispostas a este mal. Tem-se notado que os individuos activos, irasciveis, que entretanto tem um temperamento fraco e nervoso, escarrão sangue com muita facilidade. Certas profissões que obrigão a ter o corpo curvado para diante, e em que, não se podendo o peito dilatar convenientemente, ha accumulção de sangue nos pulmões, dispõem aos escarros de sangue : taes são as profissões de sapateiro, de alfaiate, etc. Os trabalhos litterarios que exigem excitação cerebral um pouco forte, e que obrigão a conservar por muito tempo a posição curvada, occasionão hemoptyse. O illustre compositor de musica Gretry esteve toda a sua vida sujeito a frequentes escarros de sangue, os quaes apparecião sempre que elle se entregava com ardor á composiçãõ; e por isso cada um de seus primores da arte foi para elle uma occasião de molestia. As leituras prolongadas em alta voz, a cantoria, a declamação, os excessos de tocar instrumentos de sopro, eis as causas poderosas da hemoptyse. O mesmo resultado produzem as pancadas sobre o peito, as quedas de encontro a esta parte do corpo, as feridas que penetrão até o pulmão, a inspiração de vapores irritantes, como os do chloro, da agua forte, do alcali volatil, etc. Frequentemente os escarros de sangue resultão de alguma molestia do coração, e acompanhão a tísica pulmonar; são devidos também á plethora ou simples congestão sanguinea.

Symptomas. A expectoração de sangue vermelho, escumoso, puro ou misturado com mucosidades, caracteriza a hemoptyse. Phenomenos precursores annuncião quasi sempre a imminencia do ataque. Eis-aqui o que de ordinario acontece em semelhante caso : os doentes experimentão um sentimento de calor com oppressão, e sabor adocicado ou salgado na bocca. Ao mesmo tempo os membros tornão-se frios, o rosto pallido e corado alternativamente, os ouvidos zunem, a cabeça torna-se dolorosa, o coração palpita, o pulso accelera-se. Logo depois augmenta a difficuldade

da respiração, e os doentes expectorão sangue misturado com mucosidades ou puro, em maior ou menor abundancia. Quando se vê a enorme quantidade d'este liquido que alguns doentes lanção, julga-se que existem antes vomitos de sangue do que expectoração, e por isso muitas pessoas estranhas á sciencia medica designão esta molestia pelo nome de *vomitos de sangue*. Passado algum tempo, a expectoração torna-se menos frequente, a oppressão diminue, o doente sente-se alliviado, um intervallo de tranquillidade existe por algumas horas; depois todos os symptomas reaparecem, para cessarem de novo no fim de um tempo variavel. Um ataque de hemoptyse compõe-se ordinariamente de muitos accessos que tornão a voltar em épocas indeterminadas. Mas isto só acontece nos casos em que a quantidade de sangue é um pouco consideravel. Quando os escarros são só misturados com sangue, a expectoração continua durante um tempo variavel; mas ás vezes é mui longo esse tempo. Tornão-se mais raros, e a final desaparecem. Pessoas ha que expectorão de repente e sem causa apreciavel uma quantidade consideravel de sangue, e nas quaes esta hemorragia cessa por si e não se reproduz mais durante toda a vida. Vê-se outras que por muitos mezes, e mesmo por muitos annos, lanção todos os dias escarros de sangue; isto é mais commum nas mulheres.

É as vezes difficil reconhecer a procedencia do sangue que tinge alguns escarros; pois que elle póde vir da bocca, da garganta e do nariz. Mas este sangue nunca é vermelho, escumoso nem intimamente misturado com mucosidades. Aquelle que vem da garganta ou do nariz é sempre negro e em fórma de pequenos grumos. É raro tambem, se o sangue provém das gengivas, da bocca ou da garganta, que se não descubra, examinando com cuidado, o ponto que o ministra. Uma cousa mais difficil e mais importante ainda é distinguir o escarro dos verdadeiros vomitos de sangue; pois que então o sangue vem do estomago, e concebe-se que o tratamento differe conforme tal ou tal affecção. Mas se se attender ao sangue, que é vermelho e escumoso no escarro, negro e coalhado nos vomitos; se se considerar a oppressão, a tosse que existe no primeiro caso, entretanto que ha nauseas bem caracterizadas no segundo, chegar-se-ha quasi sempre a distinguir um do outro.

Na inflammação dos pulmões ou *pneumonia* existem tambem escarros sanguineos; porém estes escarros não são de sangue puro, vivo, vermelho, mas sim de côr de tijolo mais ou menos clara.

Prognostico. A hemoptyse é, em geral, uma affecção grave, e

principalmente quando se declara n'um individuo predisposto pela sua constituição á tísica pulmonar. Mas, quando é consequencia de uma pancada ou de uma quéda, quando é devida á simples congestão sanguinea, ou quando apparece n'uma mulher mal regrada, não deve inspirar susto algum. A antiguidade da molestia não é uma das provas de sua gravidade : quantas pessoas não se tem visto que chegarão á idade mui avançada, depois de escarrarem sangue durante dez, vinte e trinta annos? Gretry, que morreo com mais de oitenta annos, padeceo d'esta hemorrhagia desde a sua mocidade. Em geral, o prognostico d'esta molestia estabelece-se segundo a intensidade dos phenomenos locaes que a acompanhão, e segundo a gravidade dos phenomenos sympathicos que provoca.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer nos escarros de sangue um pouco abundantes consiste em tirar ao doente a roupa que lhe comprime o peito, o collete, a cinta, os suspensorios, etc. Depois applicuem-se sinapismos nas pernas. Mettido na cama, o doente ficará com a cabeça e peito na posição quasi vertical, sustentando-se-lhe as costas com travesseiros, e ficando as pernas pendentes sobre a margem da cama. Applicuem-se-lhe no peito ventosas seccas, e administre-se o nitro segundo a formula seguinte :

Nitro 15 grammas (1/2 onça).

Divida em 24 papeis. Dê-se um papel de 3 em 3 horas em meia chicara d'agua fria com assucar.

O uso de fructas acidulas é muito conveniente, e por isso dê-se ao doente a chupar uma laranja. As limonadas de limão, de vinagre são tambem uteis. Todas estas bebidas devem ser tomadas frias. Ao mesmo tempo o doente deve conservar-se em repouso, ter os braços quietos, e guardar o mais absoluto silencio; cumpre tambem recommendar-lhe que resista á necessidade de tossir, pois que taes esforços são proprios para favorecerem a sahida do sangue.

Se ao cabo de um ou dois dias a hemoptyse não parar, faça-se uso das pilulas seguintes :

Extracto de digital .. 30 centigram. (6 grãos).

Faça 6 pilulas. Para tomar 1 pilula tres vezes por dia.

Se os escarros de sangue não pararem, administre-se a poção seguinte :

Agua de rosas 150 grammas (5 onças)

Extracto de ratanhia. . . 4 grammas (1 oitava)

Xarope diacodio .. . 30 grammas (1 onça),

para beber uma colher *de sopa* de hora em hora; ou as pilulas seguintes :

Cato.	16 grammas (4 oitavas)
Extracto de alcaçuz.	8 grammas (2 oitavas).

Façaõ-se 80 pilulas, de que se tomão 3, seis vezes por dia.

No caso de hemorrhagia muito abundante, appliquem-se no peito pannos molhados em agua muita fria, e administrem-se as limonadas muito frias, um sorvete ou gelo aos pedaços.

Se os escarros sanguineos continuarem, applique-se um caustico nas costas.

Se a hemorrhagia fôr consideravel, e acompanhada de grande oppressão no peito, será necessario praticar a sangria no braço, para moderar a pressão do sangue nos vasos capillares do pulmão que ficarão sãos.

A dieta deve ser absoluta no principio do ataque; nos dias seguintes podem tomar-se alguns leves alimentos, e com preferencia leite, ovos, caldos de gallinha, sopas de arroz, mingãos de tapioca, etc.

Mas não basta que tenham cessado os escarros de sangue, é preciso impedir-lhes a volta. A abstinencia dos alimentos excitantes, salgados ou muito temperados, e de licores alcoolicos, deve ser observada com cuidado. O doente deve preservar-se do ar frio e evitar os grandes esforços da respiração, como acontece depois dos movimentos violentos ou de marcha prolongada. A inspiração de vapores irritantes, as vigílias, os lugares publicos e os quartos em que o ar quente não é sufficientemente renovado, as leituras em voz alta, a cantoria, os gritos, os banhos frios, serão cuidadosamente evitados. A habitação n'um lugar pouco elevado, de temperatura moderada, ou sobre as margens do mar, são os meios que a medicina emprega com vantagem para prevenir a volta das hemorrhagias pulmonares.

ESCLEROTICA. Uma das membranas externas do olho. É dura, opaca, de côr branca; reveste os quatro quintos posteriores do globo do olho; e tem a fórmula de uma esphera truncada por diante, onde apresenta uma abertura circular de cerca de 14 millimetros de diametro, em cuja margem se acha engastada a cornea transparente.

ESCOLOPENDRIO ou **Lingua cervina.** *Scolopendrium officinale*, Smith. Espécie de feto. Esta planta, que habita nos sitios sombrios e humidos da Europa, tem as folhas pecioladas, inteiras, longas, verdes, luzentes, que brotão do seu tronco; de sabor adocicado, cheiro agradavel. As folhas empregão-se em infusão contra a tosse. *Dóse* : 4 gram. (1 oitava) para 180 gram. (6 onças) d'agua fervendo.

ESCORBUTO. Molestia produzida pela alteração do sangue,

e cujos principaes caracteres são fraqueza mui grande, nodoas lividas em differentes partes do corpo, amollecimento das gengivas, e disposição ás hemorrhagias.

Causas. Todos os temperamentos são igualmente susceptiveis de contrahir o escorbuto. Aparece tanto na zona torrida como nas regiões glaciaes; entretanto, os paizes e as estações frias e humidas são mais geralmente sujeitas a esta molestia; e se o uso prolongado dos alimentos salgados e das aguas corruptas, fadigas excessivas ou pezares profundos, ajuntarem sua acção a essas influencias atmosphericas, poucos homens então escapão á molestia que nos occupa. Ataca as tripulações dos navios que se demoram muito tempo em viagem sem desembarcar, e que são privadas de carnes e vegetaes frescos; o que depende da humidade contínua em que vivem, do uso das carnes salgadas e d'agua corrupta. O enfado de uma longa viagem e a falta de exercicio contribuem sem duvida para o seu desenvolvimento. Manifesta-se tambem nos acampamentos, quarteis, hospitaes, onde os soldados se achão nas mesmas condições physicas e moraes de má hygiene. Os homens encerrados em masmorras escuras, frias e humidas, mal nutridos, privados de asseio, obrigados a permanecerem quasi immoveis, e necessariamente entregues á dôr e á desesperação, não passam muito tempo sem serem, pela maior parte, affectados de escorbuto. O abuso do mercurio o pruduz tambem. Ha igualmente certos animaes e alguns peixes que, ainda comidos frescos, desenvolvem promptamente o escorbuto. Estas carnes tem ordinariamente o gosto de pantano e certo máo cheiro que annuncia que o animal se nutria com carnes corruptas. Alguns medicos pensão que o escorbuto é contagioso.

Symptomas. Pallidez, leve inchação do rosto, prostração das forças, tristeza e grande repugnancia ao movimento, taes são os symptomas que annuncião a invasão do escorbuto. Estes symptomas augmentão, e a fraqueza chega a tal ponto, que o mais leve exercicio é uma causa extrema de fadiga e de esfalfamento. Logo depois os doentes experimentão comichão nas gengivas: estas partes inchão e vertem sangue á menor pressão, tornão-se lividas e molles; o halito é fetido, a pelle cobre-se de pequenas nodoas que augmentão de dia em dia; são amarillas a principio, e vão-se tornando cada vez mais escuras, a ponto de ficarem successivamente azues, purpureas, negras e enfim lividas. De ordinario inchão os pés e depois as pernas. Estas nodoas são numerosas nas pernas e tronco, mas raras no rosto. Com os progressos da molestia sobrem hemorrhagias pelo nariz, gengivas, pulmões, anus e superficie das ulceras, se as houver; apparecem dôres nas articu-

lações, no peito e nas cadeiras; o menor movimento ou uma tosse ligeira as desperta; as úlceras antigas abrem-se, e a respiração torna-se cada vez mais difficil. Os dentes descarnão-se, vacillão e cahem, e ás vezes a carie apodera-se dos ossos maxillares; uma salivação abundante ou uma diarrhea misturada com sangue associão-se frequentemente aos outros symptomas, e accelerão a morte do enfermo. Durante este tempo, a infiltração das pernas não cessa de fazer progressos; a pelle d'esta parte abre-se ás vezes, e resultão d'ahi úlceras fungosas, cuja superficie, côr de borra de vinho, deixa sahir o sangue com a maior facilidade, e dá uma suppuração fetida (*úlceras scorbuticas*). O callo das antigas fracturas amollece, as fracturas que existem não se consolidão; todo o corpo infiltra-se de serosidade, os musculos rompem-se ao menor esforço; as hemorragias são mais repetidas, a pelle cobre-se de suor frio; o pulso é fraco; desmaios temiveis manifestão-se a cada instante, e o doente succumbe ás vezes em um d'elles. Os individuos affectados do escorbuto podem contrahir inflammações em todos os órgãos, como os que gozão de perfeita saude; n'este caso o pulso é forte, frequente, a pelle quente, a sêde viva.

Duração e prognostico. Não é possível marcar a duração do escorbuto, mesmo de uma maneira approximada; ordinariamente é longa, mas ás vezes progride com espantosa rapidez. Esta molestia cura-se facilmente, logo que ao principio o doente possa ser subtrahido á acção das causas que a motivarão; mas se ficar no hospital, navio ou prisão onde contrahio a affecção, se continuar a viver debaixo de uma atmosphaera humida e fria, se continuar a soffrer pezares e desesperação, se a molestia fôr antiga, ou se faltarem as coisas necessarias para o seu tratamento, a cura torna-se mui difficil.

Tratamento. O tratamento do escorbuto é antes hygienico que pharmaceutico. A remoção das causas, um ar enxuto e quente, fructas e vegetaes frescos, carnes frescas e de boa qualidade, o uso moderado de bom vinho, divertimentos e distracções, são os meios simples com o soccorro dos quaes se obtem o maior numero de curas. O escorbuto dos marinheiros torna-se mais raro em nossos dias, graças á duração mais curta das viagens, e graças ao melhor abastecimento dos navios, sobretudo em succo inspissado de limão, repolho salgado (*choucroute, em francez*) e em legumes frescos, conservados em latas hermeticamente fechadas. O escorbuto de terra, muito mais commum outr'ora, tornou-se igualmente molestia rara, graças ás habitações mais sadias e á melhor alimentação, que a classe pobre deve ao progresso da civilização.

O escorbuto do mar cura-se com rapidez logo que os doentes

descembarquem em alguma paragem cujo ar seja puro e quente, e se alimentem de carnes e vegetaes frescos. Entre os vegetaes, as batatas gozão de maior efficacia; vem depois os agriões e as azedas. A bordo dos navios que vão á pesca da baleia, em que o escorbuto se desenvolve durante as longas navegações, observárão muitos medicos que os accidentes desaparecem pelo uso das batatas que no Brasil se chamão *inglezas*. A polpa de batatas cruas applicada nas ulceras escorbuticas é excellente remedio. As bebidas acidulas, feitas com sumo de limão, de laranja e vinagre, são as que mais convem n'esta molestia. Os caldos de carne de tartaruga produzem excellentes effeitos nos escorbuticos que fazem uso d'elles; na sua falta, a carne e os caldos de frango, de vitella e de carneiro; conseguem o mesmo fim. As carnes assadas, o peixe, o leite, as saladas de todas as especies, todos os legumes frescos e todas as fructas, contribuem para a cura d'esta molestia. Mas essas fructas devem-se comer cruas, e para as hervas prefere-se a preparação mais simples; isto é, saladas. A cerveja, os vinhos fracos e acidulos são mui vantajosos. Taes são os principaes meios curativos do escorbuto; ajuntar-se-lhes-ha o uso dos medicamentos *antiscorbuticos*, que se compõem de vegetaes acres, entre os quaes os agriões e a cochlearia occupão o primeiro lugar. Estes medicamentos dão-se crus em salada ou em infusões aqueas, vinosas, ou em fórma de xaropes. Mas a efficacia d'estes medicamentos não é tão certa como a dos meios geraes que acabei de indicar.

Para combater o amollecimento das gengivas e as ulcerações da bocca, o doente deve fazer uso de um dos gargarejos seguintes :

1º Pedrahume.	2 grammas (1/2 oitava)
Vinho branco.	250 grammas (8 onças).

Dissolva e ajunte :

Tintura de quina.	8 grammas (2 oitavas)
Tintura de myrrha.	4 grammas (1 oitava)
Mel rosado.	30 grammas (1 onça)
Laudano de Sydenham.	2 grammas (1/2 oitava).
2º Agua	500 grammas (16 onças)
Vinagre.	60 grammas (2 onças)
Mel de abelhas.	30 grammas (1 onça).
3º Vinho tinto.	500 grammas (16 onças)
Sumo de limão.	30 grammas (1 onça)
Assucar	30 grammas (1 onça).
4º Agua de Labarraque.	30 grammas (1 onça)
Agua commum..	250 grammas (8 onças).

5º Gargarejo mais forte do que os precedentes :

Alcoolato de cochlearia. 60 grammas (2 onças)

Aguardente camphorada. 60 grammas (2 onças).

As ulceras, que sobremem nas pernas ou em algum outro ponto da superficie do corpo, curão-se com um dos unguentos seguintes : unguento digestivo, unguento de Arceus, unguento de Genoveva; ou com fios embebidos em agua de Labarraque. Às vezes é mister estancar o sangue que sahe da superficie d'ellas com a applicação de fios molhados em vinagre ou na dissolução de pedrahume.

Aconselhão-se purgantes brandos para remediar a prisão de ventre que existe ás vezes n'esta molestia.

Se com os symptomas de escorbuto o doente apresentar outros que annunciem a inflammação de algum orgão, é preciso atacar esta phlegmasia pelos meios antiphlogisticos; mas as emissões sanguineas devem ser pouco abundantes.

É mais facil prevenir o escorbuto do que cura-lo. A observação severa das regras de hygiene é o meio mais seguro de chegar a este fim. Portanto cumpre prescrever o maior asseio possivel, renovar frequentemente o ar, não consentir que se traga roupa molhada e que os homens durmão em camas humidas, inspecionar os alimentos para que sejam bem preparados, distribuir todos os dias certa quantidade de vinho ou de algum outro licor espirituoso, não cançar os soldados ou os marinheiros com um serviço mui prolongado ou penoso; nos momentos consagrados ao repouso, distrahi-los com musica ou com outros divertimentos; enfim, preserva-los com o maior cuidado de todas as causas que possam motivar-lhes medo ou tristeza. Estes preceitos, que são applicaveis principalmente aos que vivem nos acampamentos, navios ou hospitaes, servem tambem para os habitantes das cidades; mas estes ultimos podem ajuntar a estes meios a escolha de habitação n'um lugar secco, elevado e quente, meio que contribue poderosamente para preserva-los do escorbuto. Quando uma tripulação manifestar disposições para esta molestia, e por qualquer circumstancia, se achar privada dos recursos necessarios para prevenir os seus effeitos, convem sempre arribar. Tem-se visto escorbuticos, reduzidos á maior debilidadade, recobrar a saude primitiva, alguns dias depois de desembarcarem.

ESCORPIÃO ou **Lacraia**. Insecto venenoso, que se encontra no Brasil e nos outros paizes quentes. Tem cauda longa terminada em ferrão, o qual apresenta por baixo de sua ponta muitas aberturas que communicão com o reservatorio do veneno. Os escorpiões vivem debaixo das pedras, e pedaços de madeira, nos lugares humidos; frequentão as casas, e sobretudo as adegas; não sahem

do seu retiro senão á noite. Estes animaes nutrem-se de aranhas e de pequenos insectos. São essencialmente caçadores; devorão-se tambem entre si; os grandes comem os pequenos. Andão com gravidade e medida, com o rabo direito e rojante. Logo que são irritados, o rabo recurva-se-lhes em arco por cima do dorso e enrijece: vê-se o animal balançar por cima e por diante de sua bocca o ferrão venenoso prompto a ferir ao primeiro instante. Os escorpiões parecem fugir para traz como os caranguejos e algumas aranhas, mas logo se adiantão afoutamente e atirão-se com vigor. Muitas vezes um pequeno escorpião ataca e mata uma aranha maior do que elle.

Os passarinhos picados pelos escorpiões vacillão, estremezem e torneão como se tivessem vertigens; logo depois cahem, experimentão convulsões e morrem. Tem-se visto cachorrinhos perecerem no fim de cinco horas, depois de inchação geral, vomitos e convulsões que lhes fazião morder a terra.

As principaes variedades são: 1^a O *escorpião ordinario* ou da Europa (fig, 236), é commum no sul da França, tem 27 millimetros, isto é, perto de uma pollegada de comprimento, de côr roxa mais ou menos escura; 2^a o *escorpião palmado*; 3^a o *escorpião amarellado*, tem 80 a 85 millimetros, isto é, perto de tres pollegadas de comprimento; 4^a o *escorpião da Africa*, tem 150 millimetros ou cinco pollegadas e meia de comprimento.

O instrumento formidavel dos escorpiões occupa a ultima articulação da cauda, onde se observa uma grossura e um ferrão. Quando o animal se acha em attitude de picar pôde-se ordinariamente distinguir uma gotta quasi imperceptivel de veneno na ponta do ferrão, que augmenta com o esforço da picada e resistencia da parte mordida.

Ação sobre o homem. A picada de escorpião é, em geral, caracterizada por uma mancha vermelha, que dura sete a oito dias, e é acompanhada de dôr. A especie ordinaria não é perigosa; produz só accidentes locaes, e insignificantes. O escorpião amarellado é um pouco mais perigoso. O escorpião da Africa produz frequentemente accidentes graves, uma dôr forte, inchação, suores frios, vomitos e febre, e ás vezes a morte. Em geral, os escorpiões são tanto mais perigosos, quanto mais volumosos, mais idosos, e mais irritados estiverem, influindo além d'isso para os effeitos venenosos o maior calor do clima,



Fig. 236.
Escorpião.

Tratamento das picadas de escorpião. Quando alguma pessoa fôr picada por um escorpião, deve immediatamente lavar a ferida com agua fria, e applicar o mais breve possivel dentro d'ella algumas gottas de alcali volatil, por meio de um palito. Feito isto, far-se-hão applicações de pannos molhados em agua fria. Se a ferida ficar vermelha e dolorosa, é preciso cessar as applicações d'agua fria, e substitui-las por cataplasmas de linhaça.

É um erro accreditar que o escorpião esmagado e applicado sobre a ferida, que resulta de sua picada, é um remedio efficaz para cura-la, bem que este erro esteja espalhado em todas as partes onde ha escorpiões.

ESCROPHULAS. Molestia que affecta toda a economia, e cujos principaes caracteres são engurgitamento das glandulas lymphaticas e ulcerações da pelle de um aspecto particular. As escrophulas chamão-se vulgarmente *alporcas*.

Causas. Todos os temperamentos podem ser affectados de escrophulas, mas o temperamento lymphatico predispõe a esta molestia de uma maneira particular. Dão-se como signaes exteriores d'esta predisposição pelle fina e alva, cabellos louros, fórmas arredondadas, tez rosea, beiços grossos, mandibula inferior mui larga, dentes negros e cariados, cabeça volumosa, peito estreito, ventre grande e carnes molles. A predisposição hereditaria é a origem mais commum das escrophulas; a causa mais poderosa que a produz é a habitação em lugares baixos, humidos, frios ou pantanosos e privados dos raios solares. A má alimentação e sobretudo a que consiste no uso contínuo de farinaceos, de má pão, e a amamentação por uma ama escrophulosa, contribuem tambem para o seu desenvolvimento. Esta molestia é mais commum nos paizes temperados e humidos do que nos climas quentes e seccos. Os individuos que passam de um clima quente a um clima frio e humido, estão muito mais expostos a escrophulas do que os outros.

Symptomas. De ordinario, no meio das apparencias exteriores de saúde perfeita, manifestão-se sobre o trajecto das glandulas lymphaticas tumores ovaes, moveis, indolentes ou apenas dolorosos, e sem mudança na côr da pelle. Occupão ordinariamente as regiões lateraes do pescoço; mas encontrão-se tambem nas virilhas, sobacos e em todos os pontos do corpo onde se achão glandulas lymphaticas. Muitas vezes esses tumores conservão-se indolentes, e diminuem lentamente. Quasi sempre acabão por amollecere, depois de augmentarem de volume. Então tornão-se mais dolorosos; a fluctuação faz-se sentir, a pelle torna-se luzidia, depois azulada, de um vermelho moreno, adelgaça-se, abre-se e dá sahida a um pus seroso com alguns pequenos grumos. A chaga que resulta

d'esta abertura é sempre irregular ; seus labios são duros, elevados, despegados, e de um vermelho livido ; a suppuração continua a ser serosa : não se obtém a cicatrização da pequena ulcera senão com grande difficuldade, e quando isto se consegue, a cicatriz é irregular, disforme, profunda, e deixa signaes indeleveis.

A pelle, em muitos casos, apresenta numerosos tumores, que se manifestão principalmente no tronco e nos membros. Estes tumores, chamados *abscessos frios* ou *escrophulosos*, são redondos, circumscriptos, molles, indolentes, sem mudança na côr da pelle. Não são, pela maior parte, acompanhados de febre, e não parecem perturbar a saude dos doentes : ficão estacionarios por muitas semanas. Passado algum tempo, a pelle que os cobre torna-se vermelha no apice do tumor, este abre-se e deixa sahir um liquido seroso, no meio do qual nadão alguns pedaços de materia branca, semelhante á massa de queijo. As ulceras, que resultão da abertura d'estes abscessos, mostrão os mesmos caracteres que apresentam as que resultão do engurgitamento das glandulas. Tanto umas como outras chamão-se *ulceras escrophulosas*.

Duração e prognostico. A cura das escrophulas é sempre mui demorada ; entretanto, raras vezes occasionão a morte. A resolução e a suppuração são os dois modos mais ordinarios por que acabão. A época da puberdade exerce quasi sempre uma feliz influencia sobre esta molestia, e muitas crianças só ficão desembaraçadas d'ella n'este periodo da vida.

Tratamento. Os pais escrophulosos que quizerem preservar os filhos d'esta molestia devem confia-los a amas de leite de boa constituição, e ainda novas, que usem de bons alimentos, habitem em lugares elevados, enxutos e bem arejados. É preciso alimentar as crianças, depois de desmamadas, com caldos de carne : um pouco de vinho é muito vantajoso. O asscio, os banhos com plantas aromaticas (taes como alecrim, alfazema, alfavaca, hortelã-pimenta) e a exposição aos raios do sol, são-lhes eminentemente uteis.

Os mesmos meios hygienicos são ainda mais importantes no tratamento dos individuos affectados de escrophulas, e mais efficazes do que os agentes pharmaceuticos. O ar puro, secco, e o exercicio vem em primeiro lugar, depois a alimentação substancial. As carnes assadas, caldos, ovos, vinho e a cerveja, devem constituir a base do seu regimen. Podem-se-lhes associar legumes frescos, as saladas e as fructas maduras. Esta mistura constitue o mais salubre genero de alimentação.

Depois da influencia do ar, do exercicio e dos alimentos, o uso dos banhos é de todos os meios o mais recommendado. Os banhos

aromaticos quentes e os banhos frios d'agua corrente, e principalmente os do mar, são de utilidade incontestavel para os escrophulosos. Ajudar-se-hão com vantagem todos esses meios com fricções seccas na pelle, feitas com escova ou com baeta embebida em vapores de incenso, de benjoim, em agua de Colonia, ou no linimento seguinte :

Oleo concreto de moscada.	4 grammas (1 oitava)
Oleo volatil de cravo..	4 grammas (1 oitava)
Alcoolato de zimbro .	72 grammas (2 1/2 onças).

Misture.

Os medicamentos internos recommendados contra as escrophulas são os seguintes :

1º Xarope de quina. 250 grammas (8 onças).

Para tomar uma colher *de sopa*, 3 vezes por dia, para os adultos ; uma colher *de chá* para as crianças.

2º Vinho de quina. 250 grammas (8 onças).

Para tomar uma colher *de sopa*, 3 vezes por dia, para os adultos ; uma colher *de chá* para as crianças.

3º Infusão de lupulo :

Pinhas de lupulo. 4 grammas (1 oitava)

Agua fervendo 180 grammas (6 onças).

Infunda, cõe e adoce com assucar. Para beber esta porção de uma só vez por dia.

4º Oleo de fígado de bacalhão. 180 grammas (6 onças).

Uma colher *de sopa*, 3 vezes por dia, para os adultos ; uma colher *de chá*, tres vezes por dia, para as crianças. O doente toma em seguida ao remedio uma colher de café, come um gomo de laranja, uma pastilha de hortelã, um pouco de doce, ou lava a bocca com vinho ou aguardente.

5º Pilulas de iodureto de ferro de Blancard. 36.

Tres a quatro pilulas por dia, para os adultos ; uma só pilula por dia, ás crianças.

6º Xarope antiscorbutico de Portal. 180 grammas (6 onças).

Uma colher *de sopa*, duas vezes por dia, ás crianças.

7º Vinho amargo-de Dubois :

Quina cinzenta 4 grammas (1 oitava)

Quina amarella. 4 grammas (1 oitava)

Canella. 3 grammas (54 grãos)

Bagas de zimbro. 3 grammas (54 grãos)

Casca exterior de limão. 3 grammas (54 grãos)

Casca de Winter 3 grammas (54 grãos)

Vinho da Madeira.. 720 grammas (24 onças).

Macere por 8 dias, e ajunte

Carbonato de soda 30 centigram. (6 grãos).

Filtre e conserve. *Dóse* : 2 a 4 colheres de sopa por dia, aos adultos ; uma colher de chá, duas vezes por dia, ás crianças.

8º Ferro reduzido. 8 grammas (2 oitavas).

Divida em 48 papeis. *Dóse* : Dois a quatro papeis por dia, n'uma colher d'agua fria com assucar.

Qualquer que seja o medicamento a que se dê preferencia, é preciso continua-lo por muito tempo, associando-lhe sempre os meios hygienicos.

O tratamento local das escrophulas varia conforme a natureza dos symptomas. Quando os tumores são duros, sem fluctuação nem ulceração, facilita-se-lhes a resolução com fricções feitas sobre elles, uma ou duas vezes por dia, com pomada de iodureto de potassio.

Quando o tumor se torna molle, cumpre abri-lo com bisturi. Se se esperasse pela abertura espontanea, a pelle mortificar-se-hia em grande parte, e a cicatriz seria demasiadamente disforme e extensa, entretanto que a abertura artificial tem como resultado uma cicatriz linear e pouco visivel.

As ulceras escrophulosas devem ser curadas com unguento de Arceus, unguento de Genoveva, ou com agua de Labarraque. Se os labios da ulcera se despegarem, cortem-se com tesoura. Para activar a cicatrização d'estas ulceras indolentes, é bom toca-las de tempos a tempos com pedra infernal. Mas se as ulceras forem dolorosas e inflammadas, em lugar d'estas applicações irritantes convem empregar as cataplasmas de farinha de linhaça. As mesmas cataplasmas são ainda indicadas antes da abertura do tumor, quando elle está vermelho e doloroso.

ESCROTO ou **Bolsas**. Envolvuro dos testiculos. Consiste em um sacco dividido em duas cavidades por um repartimento médio, que separa os testiculos um do outro. Este saeco compõe-se de cinco membranas sobrepostas : a pelle, o dartos, o cremaster, a tunica fibrosa e a tunica vaginal.

As molestias que podem accommetter o escroto ou os testiculos são numerosas ; ei-las :

Cancro do testiculo ou *Sarcocele*. N'esta molestia o testiculo incha pouco a pouco ; com o tempo torna-se duro, desigual, e principia a ser a séde de dôres lancinantes caracteristicas do cancro, e que se comparão a picadas de alfinete. Emfim, a pelle inflamma-se, dectroo-se, e apresenta uma ulcera. *Veja-se* CANCRO DO TESTICULO, Vol. I, p. 463.

Cancroide do escroto. Tumor do escroto que se parece a

principio com uma verruga, a qual se racha e se transforma pouco a pouco em ulcera. *Veja-se* CÂNCROIDE, Vol. I, p. 466.

Contusão do escroto. *Veja-se* Vol. I, pag. 683.

Elephantiase. Notão-se ás vezes no escroto tumores volumosos que provém, não da distensão da substancia propria do testiculo, mas da accumulção dos sucoes lymphaticos, albuminosos e outros no tecido cellular das bolsas e nas membranas que envolvem o testiculo : esta molestia é chamada *elephantiase*, *erysipela* e *carnosidade*. Tem-se observado que n'estes casos nem o testiculo, nem o cordão espermatico soffrem alteração alguma. Esta molestia é mui rara na Europa, porém assaz commum nos paizes quentes e humidos, como o Egypto e o Brasil. As suas causas não são conhecidas. Ás vezes estes tumores desenvolvem-se em consequencia de uma pancada ou de forte pressão; mas é mui frequente formarem-se sem causa alguma externa. Ordinariamente a molestia principia por um ataque de erysipela, que desaparece passados alguns dias, deixando augmento de volume na parte; a qual, depois de muitos ataques repetidos, toma dimensões consideraveis, e ás vezes monstruosas. O tratamento d'esta molestia, no seu eomeço, já ficou indicado no artigo ELEPHANTIASSE (vol. I, pag. 896): quando resiste aos meios empregados, e seus progressos tornão a vida horrivelmente penosa ao doente, pôde-se praticar a extirpação do tumor por meio de um instrumento cortante, sem ferir os testiculos, nem o membro viril.

Erysipela do escroto. Molestia frequente no Rio de Janeiro. Os symptomas e o tratamento são os mesmos que os da erysipela nas outras regiões do corpo. *Veja-se* Vol. I, p. 964.

Feridas do escroto. *Veja-se* o artigo FERIDAS.

Hematocele. Tumor do escroto formado pela accumulção do liquido sanguineo na tunica vaginal; differe do hydrocele só pela natureza do liquido. *Veja-se* HEMATOCELE.

Hydrocele. Tumor do escroto formado pela accumulção de serosidade na tunica vaginal. Este tumor é oblongo indolente, sem mudança na côr do escroto, mais grosso em baixo do que em cima e semi-transparente. *Veja-se* HYDROCELE.

Inflammação do escroto. A inflammação que se limita á pelle do escroto é caracterizada pela dôr, calor, inchação, e vermelhidão da pelle d'esta região. Termina ás vezes pela postema. *Veja-se* PHLEGMÃO.

Inflammação do testiculo. É caracterizada pelo augmento do volume do testiculo, dôr e ás vezes vermelhidão; em medicina chama-se *orchite*. *Veja-se* esta palavra.

Varicocele. Tumor do escroto formado pela dilatação varieosa

das veas do cordão espermatico ou do escroto. V VARICOCELE. Para mais outras molestias do escroto, *Veja-se* TESTICULO.

ESCORDIO. *Teucrium scordium*, Linneo. Labiadas. Planta commum em Portugal: habita nos sitios e matos humidos, entre Coimbra e Buarcos e outras partes. Caules empubescidos de 16 a 22 centimetros; folhas sesséis, ovacs-oblongas, denteadas, molles; flores avermelhadas. Cheiro alliaceo, sabor amargo, estomachico e antiseptico; faz parte do electuario diascordio, empregado contra a diarrhea.

ESCUMA DO MAR ou **Magnesite.** Substancia mineral, mui tenra; é um silicato de magnesia hydratado contendo grande quantidade d'agua. Não provém do mar, como diz seu nome, mas encontra-se em massas muito extensas nos terrenos de transição da Asia menor e da Hespanha. Fazem-se com ella cachimbos muito estimados e boquilhás para fumar charutos. Ao sahir da pedreira é molle e pesada; mas sendo exposta ao ar, endurece, torna-se branca e leve.

Fabrica-se uma especie de escuma do mar artificial, misturando caseina com magnesia calcinada e com pequena porção de oxydo de zinco. A mistura, depois de secca, pôde receber um bello polimento e imita algum tanto a escuma do mar natural. A caseina é um principio immediato, que se acha no leite, e forma a base dos queijos.

ESCURIDÃO DOS OLHOS. V BELIDA, OLHOS, VISTA.

ESFALFAMENTO. V FRAQUEZA, CONVALESCENÇA, EMMA-GRECIMENTO.

ESFOLADURA. Dá-se commummente este nome a pequenas feridas superficiaes, que occupão a porção mais exterior da pelle, e que resultão de qualquer attrito violento. Quando ainda não se achão cercadas de rubor, curão-se facilmente collando sobre ellas com saliva um pouco de encerado inglez. Quando estão inflammadas, é preciso lava-las com agua tepida, e depois applicar sobre a parte esfolada um panno coberto de ceroto simples ou de azeite doce.

O ponto importante consiste em preservar a pequena ferida do contacto do ar, da poeira, de pancadas, e de toda a acção exterior nociva. Quando as esfoladuras existem no pé ou na perna, convem, por pouco consideraveis que sejam, observar repouso; porque o andar occasiona inflammação; e quando estas esfoladuras suppurão, a sua cura torna-se ás vezes demorada: n'este caso tambem é preciso banha-las com agua morna, depois curar com fios e ceroto ou com cataplasma de linhaça. Quando a esfoladura é consideravel, constitue a *ferida contusa*. *Veja-se* CONTUSÃO.

ESFORÇO. Força extraordinaria que se faz com algum membro, de que pôdem resultar fracturas ou dôres nos membros, e quebraduras na virilha. As dôres dos membros, que sobrevem depois dos esforços violentos, provém da ruptura de algumas fibras musculares; o repouso é o melhor remedio n'este caso, e mesmo a natureza o indica, visto que o menor movimento renova a dôr.

Não admira que os esforços violentos produzão estes resultados, porque necessitão contracções energicas dos musculos do ventre, das cadeiras, das paredes do peito, que suspendem a respiração, constremem a circulação, retém o sangue na cabeça e nos pulmões, e comprimem as visceras abdominaes. Os esforços feitos para levantar um peso, podem mesmo occasionar a morte nas pessoas acommettidas de alguma enfermidade, tal como a aneurysma, molestias do coração, quebraduras. E por isso, todas as pessoas que tem estas enfermidades devem abster-se de fazer esforços, ainda os mais leves e os mais passageiros.

ESFRIAMENTO. Acção de resfriar-se sentindo-se arripios mais ou menos fortes, seguidos ordinariamente de febre intensa. Começão assim muitas inflammações internas, ás vezes da maior gravidade.

ESGRIMA. *Veja-se* EXERCICIOS.

ESMERALDA. Pedra preciosa, transparente e verde; é depois do diamante e do rubim a mais estimada. É composta de silica, de alumina e de glucina. As mais bellas esmeraldas vem do Perú e do Brasil. Sua fórma crystallina é o prisma hexagonal; sua densidade é cerca de 2,7. A esmeralda risca o quartzo, é infusivel ao maçarico, e inatacavel pelos acidos. Encontra-se dentro da terra envolvida n um calcareo lamelloso, cuja alvura brilhante torna mais aparente a côr verde magnifica da esmeralda.

A esmeralda lapidada pôde ser confundida com muitas outras pedras preciosas. Quando verde, parece-se com o dioptaso ou granate ouvarovito; quando amarella, approxima-se do tapazio, do cymophano e do peridoto; quando é azul, assemelha-se muito á saphira. Dá-se o nome de *agua marinha* á variedade azulada.

Imita-se perfeitamente a esmeralda com vidro corado pelo oxydo de chromo.

Raras vezes se encontra uma esmeralda perfeita; quasi sempre apresentam manchas, o que torna o valor das esmeraldas extremamente variavel. Quando uma esmeralda é bem pura, rica em côr e de um volume assaz consideravel, o seu preço é muito elevado. A mais bella esmeralda que se conhece, pertence ao banqueiro hollandez Hope; pesa 184 grammas, e custou 12,500 francos.

A esmeralda lapida-se ordinariamente em fôrma quadrada, e engasta-se de maneira que se vejam as duas faces, superior e inferior. Deve-se desconfiar da côr das que tem um engaste cheio: o fundo d'este está então frequentemente coberto de tinta da China, para lhe realçar a côr. Quando a esmeralda é muito delgada, dobra-se ás vezes de um crystal lapidado da mesma maneira como se fosse esmeralda por baixo; esta fraude reconhece-se facilmente; além d'isso os ourives conscienciosos tem por uso indicar, por um D gravado na obra, que a pedra está dobrada.

ESMERIL. Pedra natural muito dura, composta de alumina, silica e oxydo de ferro, empregada, sob a fôrma de pó, para polir as pedras, os metaes, o vidro. Os frascos destinados a conter substancias volateis são tapados com rolhas *esmerilhadas*; dá-se-lhes este nome porque as superficies da rolha e do gargalo forão esfregadas com pó de esmeril, afim de tornar perfeito o seu contacto. O esmeril acha-se em grãos irregulares nas rochas antigas da ilha de Naxos, no cabo Esmeril, na Grecia; acha-se tambem nas Indias orientaes.

ESOPHAGISMO. *Veja-se MAL DE ENGASGO.*

ESOPHAGO. Canal musculo-membranoso, que se estende desde a garganta até ao estomago, para onde conduz os alimentos. *Veja-se a figura do esophago, vol. I, pag. 174.*

Alguns *corpos estranhos* podem parar no esophago, por exemplo, codea de pão, bocados de carne não mastigados, pedaços de osso, moedas, chaves, botões, alfinetes, etc. Para o tratamento d'este accidente *veja-se* CORPOS ESTRANHOS, vol. I, pag. 724. e ALFINETE, vol. I, pag. 114.

O esophago póde estar acomettido de um espasmo, que impede a deglutição. Descrevo esta molestia no artigo MAL DE ENGASGO.

ESPADOA. Osso grande do hombro, onde se articula o osso do braço.

Espadua (FRACTURAS DA). *Veja-se FRACTURAS.*

ESPARGO. *Asparagus officinalis*, L. Asparagineas. Planta cultivada nas hortas do Brasil; em Portugal tambem se cultiva nas hortas, e nas vizinhanças das povoações acha-se espontaneo e silvestre. Tem caule roliço, paniculado, folhas setaceas, flores amarellas-esverdeadas. Cortão-se as *pontas* ou *renovos verdes* de espargos quando sahem da terra. Estas pontas empregão-se como alimento. Fig. 237 e 238.

O espargo fervido em agua é um alimento de facil digestão, mui conveniente aos estomagos delicados; tem, além d'isso, a propriedade de augmentar a quantidade das ourinas e de communicar-lhes instantaneamente cheiro mui desagradavel, o que indica

que occasiona uma mudança na sua composição. Além d'estas propriedades diureticas, o espargo produz ainda effeitos calmantes.

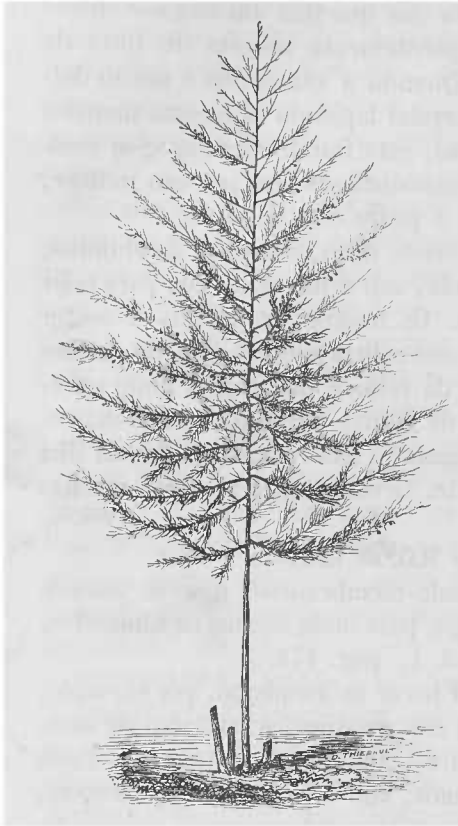


Fig. 237. — Espargo.

Faz-se com suas pontas um xarope que possui propriedades sedativas incontestaveis; acalma a tosse, torna o somno mais tranquillo, e diminue a oppressão nas pessoas affectadas de irritação do peito. O uso d'este xarope é principalmente util aos individuos affectados ou ameaçados de hydropsia, sobretudo quando esta molestia depende de lesão organica do coração. Toma-se na dose de 30 gram. (1 onça) por dia.

ESPARTILHO. *Veja-se COLLETE.*

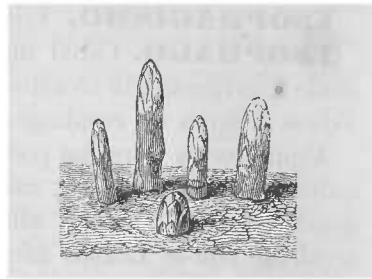


Fig. 238. — Pontas de espargos.

ESPASMO. Contractão involuntaria dos musculos, principalmente dos que não obedecem á vontade, taes são os do estomago, dos intestinos, da urethra, etc. Precede frequentemente a convulsão, mas póde tambem existir sem ella. Além d'isto, o sentido da palavra *espasmo* é mui vago: ás vezes emprega-se como synonymo de *convulsão*; frequentemente toma-se por *ataque de nervos*. applica-se tambem o nome de *ar de espasmo* á molestia chamada *tetano*; e com o mesmo nome se designa algumas vezes a *apoplexia*. Pelo que se vê, não posso indicar n'este lugar o tratamento do *espasmo*. Procure o leitor os artigos ATAQUE DE NERVOS, EPILEPSIA, HYSTERISMO, CONVULSÕES, NERVOS.

Espasmo do esophago. *Veja-se MAL DE ENGASGO.*

Espasmo da glotte. *Veja-se GLOTTE.*

Espasmo das palpebras. *Veja-se PALPEBRAS.*

Espasmo da urethra. Consiste em uma contractão do canal

da urethra, e constitue o que se chama *estreitamento espasmodico da urethra*. A pessoa affectada de espasmo da urethra não póde urinar. Este estado é passageiro; se se prolongasse, conviria applicar uma cataplasma de linhaça sobre o ventre, esfregar o ventre com balsamo tranquillo, ou tomar um semicupio d'agua tepida.

ESPASMODICO ou SPASMODICO. O que pertence ao espasmo, o que é caracterizado por espasmo; por exemplo: *estreitamento espasmodico da urethra*.

ESPATULA. *Veja-se* CURATIVO, vol. I, pag. 765.

ESPECIES. (*Pharmacia.*) Chamão-se *especies*, vegetaes ou partes de vegetaes que tem propriedades physicas e medicinaes analogas, que se misturão, depois de seccas, e que se conservão para uso. Fazem-se com ellas infusões e decocções, para bebidas, banhos, lavatorios, gargarejos, collyrios, injecções, etc. Devem estar bem seccas e ser conservadas ao abrigo da humidade. São:

Especies adstringentes. Mistura de partes iguaes de raiz de bistorta, de tormentilla e de casca de romã.

INTERNA E EXTERNAMENTE. *Infusão*: 20 grammas (5 oitavas) para 1000 grammas (32 onças) d'agua fervendo.

Especies amargas. Mistura de partes iguaes de summidades floridas de centaurea menor, de chamedrios e de folhas seccas de cardo santo.

INTERNAMENTE. *Infusão*: 12 grammas (3 oitavas) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.

Especies anthelminticas. *Veja-se* ESPECIES VERMIFUGAS.

Especies aperientes. *Veja-se* ESPECIES DIURETICAS.

Especies aromaticas ou **vulnerarias.** Mistura de partes iguaes de folhas seccas de salva, tomilho, serpão, hysopo, hortelã, oregão, absinthio e alecrim.

EXTERNAMENTE. *Infusão*: 12 grammas (3 oitavas) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.

Especies bechicas (contra a tosse). Mistura de partes iguaes de folhas de avenca do Canadá, folhas de hera terrestre, folhas de escolopendrio, folhas de veronica, summidades de hysopo, e cabeças de dormideiras privadas de sementes.

INTERNAMENTE. *Infusão*: *Especies bechicas* 10 gram. (2 1/2 oit.), agua fervendo 1000 gram. (32 onças). Infunda por meia hora, e cõe.

Especies carminativas (contra a flatulencia). Mistura de partes iguaes de fructos de herva doce, alçaravia, coentro e funcho.

INTERNAMENTE. *Infusão*: 4 grammas (1 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

Especies diureticas ou **aperientes**. Mistura de partes iguaes de raizes seccas de funcho, gilbarbeira, aipo, espargo e salsa hortense.

INTERNAMENTE. *Infusão* : 40 gram. (2 1/2 oitavas) para 500 gram. (16 onças) d'agua fervendo.

Especies emollientes. Mistura de partes iguaes de folhas seccas de malva, althéa, verbasco, e parietaria.

INTERNAMENTE. *Infusão* : 4 grammas (1 oitava) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

EXTERNAMENTE. *Decocção* : 50 grammas (1 1/2 onça) para 1000 grammas (32 onças) d'agua, em fomentações, lavatorios, banhos, etc.

Especies narcoticas. Mistura de partes iguaes de folhas seccas de belladona, cicuta, meimendro, fumo, e dormideira.

EXTERNAMENTE. *Decocção* : 8 grammas (2 oitavas) para 500 gram. (16 onças) d'agua. Em lavatorios, e outras applicações externas.

Especies peitoraes. Mistura de partes iguaes de flores de verbasco, papoula, althéa, malva, pé de gato, tussilagem, violeta.

INTERNAMENTE. *Infusão* : 40 gram. (2 1/2 oitavas) par 4000 gram. (32 onças) d'agua fervendo.

Especies purgativas. *Veja-se* CHÁ DE S. GERMANO.

Especies sudorificas. Mistura de partes iguaes de páo de guaiaco, páo de sassafráz, raiz de salsaparrilha, e raiz da China.

INTERNAMENTE. *Decocção* : 12 grammas (3 oitavas) de especies e agua q. s. para obter 360 grammas (12 onças) de decocto.

Especies vermifugas ou **anthelminticas**. Mistura de partes iguaes de folhas e flores de atansia, absinthio, de flores de camomilla romana e de semen-contra.

INTERNAMENTE. *Infusão* : 12 grammas (2 oitavas) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.

Especies vulnerarias. Mistura de partes iguaes de folhas e summidades de *absinthio*, *betonica*, *bugula*, *calamintha*, *chamedrios*, *hera terrestre*, *millefolio*, *oregãos*, *congossa maior*, *alecrim*, *sanicula*, *salva*, *lingua cervina*, *escordio*, *tomilho*, *veronica*; flores de *arnica*; *pé de gato*, *tussilagem*.

INTERNAMENTE. *Infusão* : 40 gram. (2 1/2 oitavas) para 1000 gram. (32 onças) d'agua fervendo.

ESPECIFICO. Chamão-se *especificos* os medicamentos que tem acção constante ou quasi constante no tratamento de certas molestias. Infelizmente a medicina possui mui pequeno numero de especificos; taes são o sulfato de quinina contra as febres intermitentes, o opio contra as dôres, o mercurio contra a syphilis,

o enxofre contra as molestias de pelle, e alguns outros remedios de uma efficacia menos confirmada.

ESPECULO. Da palavra latina *speculum*, que significa *espelho*. Chama-se *especulo* o instrumento que serve para dilatar a entrada de certas cavidades, afim de se poder examinar o estado interior de um orgão, quer directamente, quer por meio das superficies reflexiveis d'estes instrumentos. Muitas vezes os especulos servem de conductores, e ajudam a introduzir profundamente até á região doente um instrumento, uma pomada ou qualquer outra preparação medicamentosa; taes são os especulos da vagina, do ouvido, anus, etc.

ESPELINA (S. Paulo), **Tomba** (Minas). *Perianthopodus espelina*, Manso. Planta do Brasil, da familia das Cucurbitaceas; vegeta especialmente nas provincias de S. Paulo e Minas. Caule sarmentoso; folhas divididas em 3 lobulos, agudos, asperos; flores em pedunculos solitarios de uma só flor; fructo, baga quasi sem succo, oval, oblonga quasi pontuda, contendo duas sementes ovaes, envolvidas n'uma polpa fibrosa; raiz perpendicular; amarella-clara por fóra, quasi branca por dentro, amylacea, de sabor muito amargo.

Além d'esta especie existem mais duas, e são o *Perianthopodus tomba*, Manso, tambem chamado *espelina* na provincia de S. Paulo. Esta especie differe da precedente por seus fructos, os quaes são oblongos obtusos, de côr vermelha, e pela raiz que é mais delgada e apresenta a certos intervallos tuberosidades oblongas; e o *Perianthopodus carijó*, Manso, chamado no Cuyabá *purga de Carijó*, cujos fructos são de côr vermelha porém muito menores do que os das especies precedentes.

As raizes das tres especies de espelina são tonicas em pequena dóse 10 a 20 centigram. (2 a 4 grãos), e emeto-purgativas na dóse de 2 gram. (40 grãos). Administrão-se seccas e reduzidas a pó.

ESPERMACETE. Substancia branca, solida, de côr branca brilhante, formada pela reunião de pequenas escamas luzentes, e contida no oleo graxo que envolve o cerebro de cachalote (*physeter macrocephalus*) animal cetaceo. (Veja-se a figura do cachalote, no vol. I, pag. 413.) Não se acha na baleia, posto que, por erro, os primeiros naturalistas lhe tenham dado o nome latino *sperma ceti*, e o nome francez *blanc de baleine*. Derrete-se a 44º centigrados; é substancia combustivel, arde com bella chamma, e por isso se emprega para a confecção das velas de luxo. O espermacete misturado com cera e oleo de amendoas doces forma o *ceroto de espermacete*, unguento empregado no curativo das feridas.

ESPHACELO. Synonymo de gangrena. Veja-se GANGRENA.

ESPIGA DAS UNHAS. Pellicula que se levanta junto ás unhas das mãos, e que é muito sensível. Cumpre corta-la com tesoura. Se a inflammação fôr grande, combate-se com banhos d'agua tepida e cataplasmas de linhaça.

ESPIGELIA. *Espigelia glabrata*, Martius. Loganiaceas. Planta do Brasil; habita naç provincias centraes do Imperio. É venenosa como *arapabaca*, planta da mesma familia V ARAPABACA.

ESPINAFRE. *Spinacia oleracea*, Linneo. Chenopodeas. Planta herbacea, originaria da Persia, cultivada nas hortas. As suas folhas constituem um alimento salubre. São emollicentes e levemente laxativas.

ESPINHA ou **Espinho.** Não é raro ver as espinhas de certos peixes fixarem-se na garganta, ou percorrerem todo o canal intestinal. Se ficarem na garganta, é preciso tira-las com pinça, depois de se abaixar a lingua com o cabo de uma colher. (*Veja-se* CORPOS ESTRANHOS.) As espinhas podem tambem furar os intestinos e sahir por postemas á maneira de alfinetes. (*Veja-se* ALFINETE.)

ESPINHA. (Molestia.) Dá-se o nome de espinha a varias especies de borbulhas que se desenvolvem pelo corpo. Ordinariamente chamão-se espinhas uns pequenos frunchos que apparecem no rosto. O tratamento consiste em espremer a materia que contém quando estão maduros, e cobri-los deôis com emplasto diachylão ou encerado inglez; se forem um pouco grandes, convem applicar cataplasmas de linhaça ou de fecula. Quanto ás espinhas que não são frunchos, e que consistem na erupção de grande numero de borbulhas sobre a pelle, *veja-se* o artigo seguinte.

Espinha carnal. É mui commum na mocidade nascerem pela testa, rosto, hombros, etc., pequenas borbulhas vermelhas, cujo apice se torna purulento, e deixa ás vezes sahir pela pressão um pouco de materia sob a fórma de um pequeno bicho esbranquiçado. Estas borbulhas ou botões são designadas debaixo do nome de espinha carnal. Os medicos chamão-lhes *acne simples*. Um preconceito popular faz considerar esta erupção como indicio, ora de continencia, ora, pelo contrario, do excesso opposto. O que ha de indubitavel é que todos os excessos, e sobretudo os da mesa, favorecem o seu desenvolvimento. Muitas vezes, entretanto a espinha carnal apparece sem causa conhecida.

Symptomas. No seu começo esta doença apresenta-se sob a fórma de botões ou pequenas pustulas regulares, do volume de uma ponta ou cabeça de alfinete, e cercadas de uma nodoa vermelha pouco extensa, que lhes serve de areola. Estas pustulas não são dolorosas, nem acompanhadas de comichão alguma, e produzem apenas uma leve sensação de calor; e tambem não são

acompanhadas da menor perturbação na saúde. O seu periodo de evolução é curto; adquirem quasi de repente o seu volume, e, passados tres ou quatro dias, rompem-se; o liquido purulento que contém em mui pequena quantidade sahe, evapora-se, ou fica enxuto accidentalmente, mas não secca de maneira que forme uma crosta persistente, e, no lugar occupado pela pustula, não fica senão uma nodoa não proeminente, de um vermelho assaz vivo, e que ás vezes é bastante lenta a desaparecer. Depois, formão-se novas pustulas, desenvolvem-se e misturão-se com as nodoas de que acabei de fallar, e constituem uma erupção mais apparente. Occupão ordinariamente o rosto.

Ás vezes a pustula é mais volumosa, tem a base um pouco proeminente, de um vermelho-vivo, e é seguida, depois de aberta, de uma pequena cicatriz.

Esta affecção apresenta-se ainda sob a fórma de pequenos pontos pretos, semelhantes aos que produzirão grãos de polvora introduzidos na espessura da pelle; a sua situação é no rosto. Estes pontos negros não são outra cousa senão a extremidade livre da materia sebacea contida nos seus ductos, assim como é facil convencer-se d'isto comprimindo assaz fortemente com as unhas a base do ducto; faz-se então sahir pelo orificio uma materia branca ou amarellada e filiforme, cuja ponta negra não é outra cousa senão a porção da materia situada por fóra e ennegrecida pelo contacto do ar. Os medicos dão o nome de *acne pontuada* a esta fórma de molestia.

Tratamento. O melhor meio de dissipar as espinhas de toda a especie que apparecem pelo corpo, e de prevenir a sua reaparição, é entreter com cuidado as funcções da pelle, e evitar, no regimen, tudo quanto póde desarranjar o exercicio do apparelho digestivo. Assim, a alimentação sobria e branda, mais vegetal do que animal, o uso das bebidas refrigerantes, taes como a laranja, a limonada, alguns brandos purgantes, um exercicio habitual conveniente, banhos frequentes, e, de tempos a tempos, lavatorios com agua e sabão, ou com agua misturada com um pouco d'agua de Colonia, o cuidado no asseio, a mudança frequente da roupa que está em contacto com a pelle, tudo isto constitue a base do tratamento.

Quando não existem senão alguns pontos negros de *acne pontuada*, esta affecção quasi não merece tratamento especial; póde-se entretanto comprimir o folliculo entre as duas unhas pollegares em opposição afim de fazer sahir a materia sebacea; muitas vezes esta pequena operação é sufficiente para fazer desaparecer estes leves defeitos do corpo, que verdadeiramente não são de grande

importancia; mas quando ha muitas d'estas espinhas, o aspecto da pelle modifeca-se de uma maneira desagradavel; convem então applicar-lhes remedios, o que se fará servindo-se sobretudo de lavatorios alcalinos com borato de soda ou subcarbonato de soda, cujas receitas são :

1º Agua	360 grammas (12 onças)
Borato de soda.	15 grammas (1/2 onça).
2º Agua	360 grammas (12 onças)
Subcarbonato de soda..	15 grammas (1/2 onça).

Os alcalis, que dissolvem as substancias gordurosas, tem certa acção sobre o producto sebaceo contido no ducto, cuja extremidade sobresahe ás vezes. N'este caso, pôde-se ainda actuar directamente sobre os pontos negros mais apparentes, comprimindo o ducto entré as duas unhas pollegares; então, estando o ducto aberto depois da sahida do humor sebaceo, pôde modificar-se-lhe a secreção, empregando immediatamente os lavatorios alealinos, acima indicados. Servem para o mesmo fim lavatorios com dissolução de pedrahume : agua 360 grammas (12 onças), pedrahume 15 gram. (1/2 onça). Muitas d'estas espinhas pontuadas forão curadas pelo uso dos banhos sulfurosos artificiaes ou naturaes. Eis-aqui a receita do banho sulfuroso artificial :

Sulfureto de potassio.	60 grammas (2 onças)
Agua	500 grammas (16 onças).

Dissolva e deite este liquido na agua do banho, no momento de entrar n'elle. Este banho deve ser tomado em tina de pào, e não em banheira de zineo ou de cobre.

Contra as espinhas vermelhas do rosto, empreguem-se as seguintes applicações locaes :

Lava-se o rosto, duas vezes por dia, e por espaço de um minuto, com agua muito quente, e de tal temperatura que se possa apenas supportar. Estes lavatorios serão feitos ora com agua pura, ora addicionada de pequena dóse da dissolução de sublimado. Para um copo d'agua quente uma colher *de chá* da solução seguinte : sublimado 40 centigrammas (8 grãos), agua distillada 60 grammas (2 onças.)

Toquem-se as espinhas, todos os dois ou tres dias, com um pincel molhado na tintura de iodo ou no oleo de cade.

Eis-aqui outra receita :

Pomada contra as espinhas.

Banha fresca.	40 grammas (10 oitavas)
Enxofre	4 grammas (1 oitava)
Tannino.	4 grammas (1 oitava).

Para untar as espinhas de noite ao deitar-se.

ESPINHAÇO, COLUMNA VERTEBRAL, COLUMNA DORSAL, COSTAS. Serie dos ossos, chamados *vertebras*, articulados e unidos ao longo do corpo humano. Dá-se-lhe o nome de columna vertebral, porque de sua reunião resulta uma especie de columna. É uma especie de *hastea ossea*, flexuosa, situada por detraz do tronco, na parte posterior do pescoço, das costas e cadeiras, sustendo na parte superior a cabeça e sustida da outra pela bacia. Apresenta interiormente um canal chamado *canal vertebral*, que contém o prolongamento do cerebro conhecido pelo nome de *medulla espinhal*. A sua face anterior é arredondada, a face posterior é pelo contrario eriçada de proeminencias. A columna vertebral, que iguala em comprimento quasi o terço da altura total do corpo, é formada de vinte e quatro vertebrae; e vem a ser : sete para o pescoço; doze para as costas; e cinco para as cadeiras.

A disposição das vertebrae, separadas entre si por um ligamento elastico, permite á columna a execução de diversos movimentos : no pescoço as disposições d'estas mesmas vertebrae tornão esses movimentos ainda mais variados. A columna vertebral tem por fim suster a cabeça e o tronco, dando ponto de apoio a grande numero de musculos; mas o seu fim principal é conter e proteger a *medulla espinhal* assim como a origem dos nervos que partem da *medulla*.

MOLESTIAS DO ESPINHAÇO. **Deformação do espinhaço.** *Veja-se* CORCOVA, RACHITISMO.

Deslocação das vertebrae. *V* DESLOCAÇÃO. Vol. I, pag. 836.

Fractura da columna vertebral. *Veja-se* FRACTURAS.

Mal vertebral OU MAL DE POTT. Carie de uma ou mais vertebrae, assim chamado porque Pott, cirurgião inglez, deo d'ella uma excellente descripção. *Veja-se* CARIE. Vol. I, pag. 487.

Myelite OU INFLAMMAÇÃO DA MEDULLA ESPINHAL. *Veja-se* MYELITE.

ESPINHEIRO ALVAR NA CASCA, OU **BASTARDO**. *Lycium europæum*, Linneo. Solanaceae. Arbusto espinhoso que se encontra frequentemente nos vallados e tapumes das terras em volta de Lisboa. O caule é esbranquiçado, produzindo muitos ramos delicados e flexuosos; folhas oblongas, estreitas, molles, e nascendo em grupos de tres, quatro e mais, juntas; mas nas extremidades dos ramos são solitarias; flores brancas, algum tanto avermelhadas, os fructos são pequenas bagas ovoides.

A infusão das folhas do espinheiro alvar é usada pelos medicos de Lisboa, como diuretica. Dóse : 6 a 10 folhas para uma chicara d'agua a ferver.

ESPINHEIRO CAMBRA OU **CERVAL**. *Rhamnus catharticus*, Linneo. Rhamnaceae. Arbusto commum na Europa. Casca lisa,

ramos guarnecidos de espinhos terminaes; folhas ovaes, glabras, bastante largas e denteadas nas margens; flores pequenas, esverdeadas; fructos do tamanho dos do junipero; verdes a principio, pretos quando maduros. Estes fructos contém um succo rubro violaceo mui escuro, que se torna rubro pelos acidos, verde pelos alcalis. Combinando este succo com a cal obtem-se a côr conhecida pelo nome de *verde de bexiga*. Este succo é purgativo na dôse de 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas); faz-se com elle um xarope que é purgativo na dôse de 15 a 30 grammas ($1/2$ a 1 onça); mas raras vezes se emprega.

ESPINHELA. Na parte anterior e média do peito acha-se um osso que se estende desde a parte inferior do pescoço até ao lugar chamado *bocca do estomago*: este osso tem o nome de *sterno*. A sua extremidade inferior é terminada por um prolongamento cartilaginoso, chamado *espinhela*. Muitas pessoas servem-se da expressão *espinhela cahida*, o que é um erro, porque a espinhela não pôde cair. Esta expressão designa para certas pessoas a inflammação do estomago, para outras a tísica pulmonar; emfim um emmagrecimento rapido; mas, torno a dizer, a expressão de *espinhela cahida* nada significa e deveria desaparecer da linguagem.

ESPINHO. *Veja-se* ESPINHA.

ESPIRITOS. (*Pharmacia.*) Os antigos chimicos chamavão *espiritos* aos medicamentos liquidos resultantes da distillação do alcool com uma ou mais substancias aromaticas vegetaes ou animaes; ás vezes erão simplesmente dissoluções no alcool de diversos principios medicamentosos e sobretudo de principios aromaticos. Chamavão-lhes tambem ás vezes *aguas espirituosas*. Hoje designão-se sob o nome de *alcooolatos*, bem que ás vezes se diz ainda *espirito* de cochlearia, de zimbros, de alfazema, de limão, de castoreo, etc. Todas estas substancias, simples ou compostas, tem propriedades activas, que estimulam todos os orgãos.

Espirito de vinho. Alcool obtido pela distillação do vinho. *Veja-se* AGUARDENTE.

ESPIRRADEIRA, LOURO-ROSA OU OLEANDRO. *Nerium oleander*, Linneo. Apocyneas. Arbusto cultivado por causa da belleza de suas flores, mui commum nos jardins do Rio de Janeiro. Tem de 3 a 4 metros de altura. Os seus ramos, verdes, contém folhas verticilladas de tres em tres, lanceoladas, agudas, duras e glabras. As suas flores, côr de rosa vermelha, ás vezes brancas, parecem-se com rosas pequenas. O fructo é um duplo folliculo mui alongado, cheio de sementes cobertas de filamentos amarelados e lustrosos como seda.

As folhas e a casca da espirradeira tem cheiro desagradavel,

sabor amargo e acre. Os pós da folha, introduzidos no nariz, provocão fortes espirros; tomados pela bocca em pequena quantidade, determinão n'ella e nã garganta picadas mui fortes e vomitos mais ou menos abundantes; em dóse mais forte, podem produzir a morte.

O Dr. Orfila fez experiencias em Pariz com o extracto de louro-rosa. Tendo introduzido 2 oitavas (8 grammas) d'esse extracto na bocca de um cão vigoroso, este morreo em 28 minutos, depois de vomitos, vertigens, acceleração da circulação, desmaio e algumas convulsões. O seu principio deleterio é tão subtil que, segundo o que affirmão os autores, algumas pessoas tem morrido por terem comido carne assada nos espêtos feitos com a madeira d'este arbusto. Os accidentes que provoca são semelhantes aos produzidos pelo fumo, cicuta e algumas outras substancias narcotico-acres. O tratamento é o mesmo que o do envenenamento pelo *Tabaco*. Veja-se vol. I, pag. 947.

ESPIRRO. Expiração viva e precipitada, quasi convulsiva, na qual o ar sahe com rapidez e ruido atravez das cavidades nasaes. Quando os espirros são frequentes, annuncião a invasão do defluxo, e constituem, juntamente com a secreção abundante das lagrimas, um dos symptomas precursores dos sarampos. Quando se mostrão no fim das molestias graves, são geralmente de bom agouro.

ESPONJA. Fig. 239. Genero de animaes zoophitos, isto é que participão ao mesmo tempo do animal e da planta. Apresenta-se sob a fórma de uma reunião de tecidos fibrosos, mais ou menos densos e flexiveis, mais ou menos elasticos, susceptiveis de embeber-se, e cobertos, no estado vivo, de uma substancia gelatinosa mui fluida e irritavel. Quasi todos os naturalistas a collocão na classe dos animaes; entretanto não offerece os caracteres salientes de animalidade senão nos primeiros tempos de sua vida; mais tarde parece-se com os vegetaes informes. O tecido das esponjas é formado da reunião de grande numero de pequenos tubos capil-

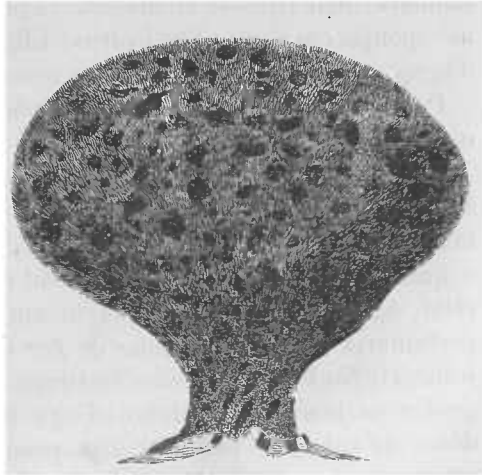


Fig. 239. — Esponja.

lares, susceptíveis de receber a agua nos seus intersticios, e de se estender consideravelmente; existem na sua superficie buracos arredondados cobertos no seu comprimento de uma membrana molle, macia e brilhante : são orificios de sahida das materias fecaes. Estes zoophytos são, oviparos.

As esponjas achão-se no fundo do mar apegadas aos rochedos. As mais bellas tirão-se do mar Mediterraneo. Empregão-se para o toucador, para lavar a mobilia, os cavallos, as scges, etc. Em cirurgia, usão-se para dilatar certas cavidades fistulosas; em medicina empregava-se outr'ora a esponja queimada contra a papeira e as escrophulas; obrava em virtude do iodo que contém. Hoje emprega-se o iodo nos mesmos casos.

As esponjas, quando são tiradas do mar, contém muitas substancias estranhas, taes como fragmentos de rochedos, de cascalhos, areia, e restos de plantas marinhas, molluscos, etc. Suas fibras apresentam-se frequentemente cobertas de uma camada variavel em sua consistenciá, cór e natureza; e só, depòis de desembaraçadas de todas estas substancias é que se pôde fazer uso d'ellas.

Para desembaraça-las da areia, do barro, e da materia que reveste suas fibras, batem-se e lavão-se muitas vezes; mas para tirar as outras substancias, convem comprimi-las com as mãos, o que destroe ás vezes o tecido, por causa de rasgaduras que é necessario fazer. Os cascalhos não podem ser tirados senão d'esta maneira, mas tirão-se facilmente as partes calcareas, mergulhando as esponjas em acido chlorhydrico diluido em 20 vezes o seu volume d'agua, e lavando-as depois com agua.

Para branquear as esponjas destinadas ao toucador, emprega-se o acido sulfuroso ou o chloro.

ESPONJA (Flor). Dá-se no Brasil o nome de *esponja* ou *cachia* á flor da esponjeira, *Acacia farnisiana*, Willdenow. arbusto da familia das Leguminaceas, que habita no Brasil, na ilha Mauricio, e que é cultivado na Italia e no sul da França. Esta flor é amarella, agradável de cheiro, porém mui penetrante; emprega-se na perfumaria debaixo do nome de *flor de cachia* (*fleur de cassie*, em francez). No Rio de Janeiro costumão pô-la nas gavetas para afugentar os insectos. O cheiro d'esta flor é tão forte, que produz dôres de cabeça e desmaio, nas pessoas mui impressionaveis. A esponjeira é um arbusto mediano, de 5 metros apenas de elevação, de tronco escuro, espinhoso, e de folhas miudinhas em palmas. É originario da India. Chamão-lhe no Brasil *esponjeira* ou *Corona-Criz*, contracção de Christi, porque dizem que a corôa de espinhos foi feita de seus ramos. As flores são dispostas pelas axillas

dos ramos. O fructo é uma vagem parda, chata, contendo grãos escuros como os de feijão, que o Dr. Freire Allemão, sobrinho, reputa venenosos.

ESPONJAS. É o nome que se dá a certas excrescencias syphiliticas que se formão nas partes genitales. *Veja-se* SYPHILIS.

ESPORADICO. Chamão-se *molestias esporadicās* as que atacão um individuo ou alguns individuos isoladamente; que sobrevem indifferentemente em todos os tempos, em todos os lugares, e independentemente de nenhuma influencia epidemica.

ESPREGUIÇAMENTO. O espreguiçamento precede o ataque de erysipela e muitas molestias mais ou menos graves. Existe quasi sempre no principio do incommodo chamado *constipação*. Quando o espreguiçamento é simples, cura-se com um suadouro.

ESQUECIMENTO DO BRAÇO, DA PERNA etc. V PARALYSIA.

ESQUELETO. Armação dos ossos sobre que estão fixadas e se apoião todas as partes molles que compõem o corpó dos animaes vertebrados. Todos os ossos do esqueleto referem-se a 3 divisões principaes: a *cabeça*, o *tronco* e os *membros*.

O esqueleto do homem adulto compõe-se de grande numero de ossos, duplos pela maior parte e sempre symmetricos. Ha n'ellc cerca de duzentas e cincoenta peças.

24 vertebras.	26 ossos nas mãos (treze em cada mão).
1 sterno.	
24 costellas.	28 phalanges nos dez dedos das mãos.
20 ossos do craneo e do ouvido.	2 femures.
1 no queixo inferior.	2 rotulas.
1 no queixo superior.	2 tibias.
32 dentes.	2 peroneos.
1 osso hyoide.	24 ossos nos pés (doze em cada pé).
4 ossos da bacia.	28 phalanges nos dez dedos dos pés.
2 clavículas.	
2 omoplatas.	
6 ossos nos braços (tres em cada braço).	

E alguns ossos supranumerarios. Na nona edição do meu FORMULARIO, pag 1,017, acha-se a figura do esqueleto humano, que pôde facilitar a intelligencia da presente descripção, e para a qual remetto o leitor

O esqueleto das crianças apresenta um numero maior de ossos importantes; porque os ha que, n'esta época, são divididos em muitos pedaços, os quaes mais tarde se soldão intimamente. O esqueleto das mulheres é mais pequeno e menos fortemente cons-

titudido que o dos homens : apresenta tambem differenças notaveis nos ossos da bacia, que são mais amplos : o que dá ás ancas uma proeminencia mais notavel.

O *esqueleto dos animaes* offerece differenças notaveis, comparado com o do homem. As claviculas faltão no cavallo, no boi e no elephante; são duplas nos passaros e em alguns reptís; os quatro membros apresentam uma trasformação nas phocas, e mais ainda nos cetaceos; são inteiramente mudados nos peixes; e desapparecem com muitos outros ossos nas cobras, a tal ponto que a cabeça e as vertebraes são as unicas partes do esqueleto propriamente dito que nunca desapparecem. Os animaes' invertebrados não tem esqueleto.

ESQUENTAMENTO. *Veja-se* BLENNORRHAGIA.

ESQUENTAMENTO ESPURIO. *Veja-se* BALANITE.

ESQUINENCIA. *Veja-se* ANGINA.

ESQUIROLA. Dá-se este nome á pequena porção de osso que se separa nas fracturas e na necrose dos ossos.

ESSENCIA, OLEO ESSENCIAL OU OLEO VOLATIL. Liquido odorifero, volatil, de sabor acre, e ás vezes caustico, susceptivel de inflammarse pela approximação ou pelo contacto do fogo. As essencias existem em todas as partes das plantas, particularmente nas folhas e flores. O seu modo de extracção é variavel, segundo os casos. Em algumas circumstancias, basta a compressão, como para a essencia de limão que sahe da casca de limão quando esta se comprime. Outras vezes é preciso recorrer á distillação em presença da agua; o vapor d'agua arrasta a essencia e a depõe na serpentina resfriada do alambique, d'onde passa para o recipiente. — Os oleos essenciaes fazem nodoa sobre o papel; mas esta nodoa desapparece aquecendo o papel; emquanto que os olcos graxos, taes como o azeite, fazem uma nodoa que persiste. Não formão sabão como os oleos fixos. Dissolvem os differentes corpos gordos, a cera as resinas; esta propriedade as faz empregar para tirar as manchas de azeite ou de gordura nos tecidos de seda ou de panno de lã que não se podem ensaboar.

As principaes essencias são a essencia de *alecrim*, *aljazema*, *rosas*, *hortelã*, *limão*, *laranja*, *canella*, etc., etc. Todas as essencias devem ser conservadas em vasos que não estejam cheios, em lugares escuros e frescos. Todas são excitantes; empregão-se para fazer agua de Colonia, muitas pomadas de perfumaria e em medicina. A essencia de *terebinthina* entra na preparação dos vernizes; as essencias de *cidra* e de *limão* são empregadas para tirar as nodoas de gordura e de tintas com oleo; a essencia de *cravo* é um remedio popular contra a dôr de dentes; a essencia

de *amendoas amargas*, que contém sempre notavel quantidade de acido prussico, é tão venenosa que algumas gottas são sufficientes para matar, em alguns segundos, os passaros, os gatos, etc.

ESTANHADURA. A estanhadura do cobre consiste na applicação sobre este metal de uma camada de estanho puro ou de estanho com ferro. Esta operação é indispensavel para os utensilios de cozinha, porque impede a acção deleteria do cobre sobre os nossos orgãos. Desde que o zinco começou a achar-se em muita abundancia, alguns fabricantes propuzerão o emprego d'este metal para cobrir os vasos de cobre; mas não tardarão a conhecer que o zinco é destruido por grande numero de substancias.

Para evitar os frequentes accidentes occasionados pelo uso dos utensilios de cobre, convem vigiar de perto a qualidade da estanhadura. É necessario informar o publico que muitos estanhadores ambulantes, sem conhecerem provavelmente os inconvenientes, empregão, para estanhar, o zinco em vez de estanho, porque os vasos cobertos de zinco tem mais bella apparencia do que os que são verdadeiramente estanhados. Com este intuito vou indicar o meio de conhecer a qualidade da estanhadura.

Sendo o zinco mais promptamente atacado pelos acidos, esta particularidade ministra um meio facil de distingui-lo do estanho.

Este meio consiste em ferver vinagre, durante alguns instantes, no vaso cuja estanhadura se deseja reconhecer; se este vaso fôr coberto de zinco, sua superficie será atacada, o que não acontecerá se tiver sido estanhado com estanho.

Deve-se ter muito cuidado com a estanhadura dos utensilios de cozinha. *Veja-se COBRE.*

ESTANHO. O estanho é um metal de côr branca que se aproxima da da prata; mais duro e mais brilhante que o chumbo; deixa perceber, quando se dobra sobre si mesmo, um estalido particular; inodoro, mas adquire pela fricção cheiro desagradavel. O seu peso especifico é 7,29. Este metal não existe na natureza em estado simples, porém sim no estado de sulfureto ou de oxydo que é d'onde especialmente se extrahе.

O estanho forma com o cobre a composição de que se fabricão os sinos e as peças de artilharia. Combinado com as laminas de ferro, o estanho forma a folha de Flandres ou lata; com o mercurio, serve para azougar os espelhos. Os usos do estanho são numerosos na confecção de instrumentos empregados na economia domestica.

• Em medicina, o estanho reduzido a pó foi aconselhado como vermifugo, e principalmente para expulsar a solitaria, na dóse

de 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça); mas hoje não se usa mais para este fim.

ESTAPHYLOMA. Da palavra grega *staphyle*, uva. Dá-se este nome a differentes tumores do olho que se manifestão sobre a cornea ou sobre a esclerotica, e de que muitos se parecem com uma uva.

Eis-aquí o mecanismo da formação do estaphyloma. No estado de saúde o olho acha-se cheio, e todas as partes que contém são mantidas pelo envoltorio duro (cornea esclerotica), que forma uma especie de casca. Se esta casca enfraquece em algum ponto, quer seja por inflammação, adelgaçamento natural, ou por qualquer outro modo, ella cede, e um ou muitos elementos do olho sahem e fazem proeminencia no exterior. Ás vezes é a cornea transparente que cede; outras vezes é a esclerotica; d'aquí vem duas principaes especie de estaphyloma: 1º estaphyloma da cornea; 2º estaphyloma da esclerotica.

1º ESTAPHYLOMA DA CORNEA. Divide-se em estaphyloma transparente e estaphyloma opaco.

a. Estaphyloma transparente da cornea, chamado tambem *cornea conica*. Póde-se fazer uma boa ideia d'esta molestia lendo um factó contado por Scarpa: « N'uma senhora de 35 annos cujos olhos erão naturalmente salientes, o centro da cornea alongou-se de tal maneira, que esta membrana, em vez de formar um segmento espherico engastado na esclerotica, apparecia sob a fórma de um cóne terminado por uma ponta saliente. Ambos os olhos apresentavão o mesmo phenomeno; a cornea, vista de lado, parecia-se com um funil transparente applicado pela base na esclerotica. A doente não podia distinguir senão os objectos moderadamente allumiados; e não via quando a luz era muito intensa. »

Causas. Esta molestia é ordinariamente consequencia da inflammação do olho; mas póde tambem sobrevir espontaneamente, ou resultar dos esforços e dos gritos.

Symptomas. Quasi sempre a molestia desenvolve-se lentamente, e, á medida que se forma o cóne, a myopia pronuncia-se cada vez mais. A superficie do cóne parece lisa, comtudo o microscopio deixa descobrir pequenas desigualdades. O apice do cóne parece mais brilhante e tem mais espessura. Enquanto o tumor não passa as palpebras, a transparencia da cornea acha-se conservada; mas logo que o tumor fique descoberto, a cornea torna-se secca, opaca e apparecem ulcerações. A visão não tem lugar senão quando o doente olha de lado, porque os raios luminosos não podem penetrar atravez do apice do cóne. No maior numero de casos, o desenvolvimento do estaphyloma cessa antes de apresentar-se fóra das

palpebras; existem então só dificuldades na vista, mas ella é conservada. Quando, pelo contrario, o tumor passa as palpebras, de transparente, o estaphyloma torna-se opaco ou ulcera-se; a vista perde-se então mais ou menos completamente.

Tratamento. Não ha remedios para curar esta molestia : o doente deve contentar-se de usar de oculos com vidros concavos, para corrigir a confusão da vista, e encobrir a deformidade.

b. Estaphyloma opaco da cornea. Designa-se debaixo d'este nome um tumor não transparente desenvolvido por diante da cornea, e que abrange na sua espessura uma porção do iris.

Causas. A causa a mais frequente do estaphyloma opaco, é a inflammação. Póde resultar da ophthalmia variolica, escrophulosa, blennorrhagica, purulenta.

Symptomas. O volume do tumor póde ser desde o de uma uva até ao de uma pequena ameixa. A sua fórma póde ser espherica ou cónica : a côr, as mais das vezes, é a da uva preta, mas póde ser tambem cinzenta, esverdeada ou branca.

Tratamento. É preventivo ou curativo.

Deixei dito precedentemente que o estaphyloma é quasi sempre consequencia de uma ophthalmia; para prevenir a formação do tumor, é preciso por conseguinte combater esta inflammação (*Veja-se Conjunctivite*). Quando uma ulceração da cornea é bastante profunda para se temer a perforação, convem, para impedir a hernia do iris, dilatar a pupilla, por meio da belladona. Com este fim applica-se á roda das palpebras 5 centigrammas (1 grão) de extracto de belladona dissolvidos em agua. Para combater a ulceração da cornea, cauteriza-se levemente esta ulceração com pedra infernal, ou banha-se o olho com o collyrio seguinte :

Agua distillada.	120 grammas (4 onças)
Sulfato de zinco		40 centigram. (8 grãos).

Se a hernia do iris já se tiver effeituado, cauteriza-se o pequeno tumor com pedra infernal, e exerce-se uma compressão methodica sobre o olho.

O tratamento curativo exige a excisão do tumor.

2º ESTAPHYLOMA DA ESCLEROTICA. Tumor circumscripto, molle, de côr azulada, que existe sobre a esclerotica. É consequencia do enfraquecimento da esclerotica sobre um ou mais pontos, quer por inflammações repetidas, quer por ferimentos do olho. Este tumor é de volume variavel : póde ser desde o tamanho de uma semente de canhamo até ao de uma uva. Quando ha muitos, existem na parte anterior do olho, e cercão a cornea transparente.

Os tumores posteriores, bem que volumosos, não podem ser reconhecidos durante a vida. Não se manifestão senão pela

cegueira, que é constante, mas que infelizmente se observa em muitas outras affecções profundas do olho.

Quando a deformidade causada pelo estaphyloma anterior é pouco consideravel, muitos doentes guardão-n'a, e com razão; quando, pelo contrario, o tumor é volumoso, quando incommoda, quando irrita fortemente o olho, cumpre diminui-lo ou excisa-lo inteiramente. Havendo degenerescencia, é preciso extirpar o olho. Depois de formada a cicatriz, applica-se um olho artificial.

ESTEATOMA. *Veja-se* LIPOMA.

ESTERILIDADE. Inaptidão de um homem ou de uma mulher para procrear, para fecundar ou para ser fecundada, bem que apresentem um e outra todas as condições apparentes para a fecundação.

As condições geraes pelas quaes a esterilidade se tem mostrado no *homem* são mui obscuras, pela impossibilidade em que se está de determinar se ella deve ser attribuida ao homem ou á mulher. Póde entretando admitir-se sem temeridade que uma idade mui nova ou muito adiantada, que uma constituição debil, que as molestias chronicas que arruinão todos os órgãos, sem contudo occasionar a impotencia, são as circumstancias que servem mais frequentemente de obstaculo á faculdade da reproducção da parte do homem. Mas não devem estas circumstaneias ser consideradas como obstaculos absolutos; porque exemplos numerosos contradirão uma asserção tão exclusiva.

As causas da esterilidade da *mulher* são igualmente mui obscuras. As mais evidentes são as que dependem de uma disposição organica que difficulte a passagem do esperma até ao ovario. Taes são a oclusão do orificio uterino, a das trompas, a atrophia do ovario, do utero ou a ausencia d'estas partes. A falta de um exame rigoroso dos órgãos sexuaes, a impossibilidade que ha de se reconhecer o estado dos órgãos internos da geração, fazem com que as mais das vezes se fique em duvida sobre a natureza d'estas causas.

Tem-se geralmente indicado como um dos signaes da aptidão para a concepção a existencia dos attributos exteriores que caracterisãm o sexo feminino, o nascimento dos desejos na época da puberdade, a appareição conveniente dos menstruos, e a sensação voluptuosa sentida no tempo das uniões eonjugaes. Entretanto, a esterilidade se observa frequentemente nas mulheres que apresentam estas condições, ordinariamente favoraveis; e ha exemplos de outras que, offerecendo circumstancias oppostas, forão admiradas pela sua fecundidade. Apezar d'estes exemplos póde com razão presumir-se esterilidade nas mulheres cuja constituição se

aproxima da dos homens, que tem estatura alta, fôrmas angulosas, voz forte e grave, seios pouco volumosos, e pelle trigueira e coberta de pello nas partes que são habitualmente desprovidas d'elle n'este sexo, como a barba e o labio superior. A extrema gordura tem sido considerada como desfavoravel á fecundidade; mas quantas excepções não vem desmentir esta opinião!

A indifferença que algumas mulheres mostram no acto conjugal, e a aversão que excita a fealdade do marido, não são motivos de esterilidade. Muitas mulheres se acháráo gravidas depois de uma copula violenta, e dizem que outras concebêráo entregues á lethargia e ao narcotismo mais completo. Até se diz que as mulheres que mostram menos ardor nas relações conjugaes são as mais fecundas. Seria difficil provar esta asserção.

Em consequencia d'esta opinião, tem-se julgado dever attribuir a esterilidade, que apresentam algumas uniões recentes, ao fogo dos transportes dos jovens esposos e á frequencia com que se entregão a elles. Considera-se o temperamento erotico de certas mulheres como um obstaculo á fecundidade. Este temperamento em alguns casos, a repetição frequente e promiscuidade do coito em todos, servem para explicar a esterilidade das prostitutas. Accusa-se tambem a falta de conveniencia nos temperamentos dos esposos; mas é impossivel dizer-se em que ella consiste.

As flores brancas são uma condição desfavoravel para a fecundação, mas não a impedem em mui grande numero de casos.

De todas as circumstancias que podem fazer presumir a esterilidade, a mais certa é a ausencia da menstruação na idade em que ella deveria ter lugar. Acontece tambem ás vezes que a esterilidade persiste na mulheres, casadas prematuramente, na idade em que esta função ainda se não tinha estabelecido, e que as que tardão em se casar, ainda fazendo-o alguns annos antes da época critica, nunca obtem a felicidade da maternidade. Mas d'estes casos, como no maior numero dos outros, há tantas excepções como factos confirmados.

Tudo quanto fica dito prova que o *tratamento* da esterilidade não pôde ser indicado com exactidão. Os medicos são ás vezes consultados afim de indicarem os meios de procreação. Quando a esterilidade não depende de alguma causa morbida apreciavel, nós não sabemos mais do que as pessoas que nos consultão. A natureza é mysteriosa na obra da geração. A esterilidade que depende de uma falta no organismo é incuravel. Nos outros casos, a mudança de clima, de regimen e de esposo, a tem curado. Quando se suppõe que um ardor excessivo é a causa da esterilidade, deve-se recorrer ao regimen brando, composto de leite, legumes, vegetaes,

e aos banhos mornos; evitar tudo quanto puder excitar a imaginação, como a leitura dos romances, a frequencia dos bailes, dos espectaculos, etc.; entregar-se ás occupações que exercem mais o corpo do que o espirito. Passeios prolongados e as viagens, podem ser uteis. Nas circumstancias oppostas, nas mulheres lymphaticas, nas que são frias no acto conjugal, convem os alimentos tonicos, compostos de carnes assadas, o vinho, os licôres espirituosos, as comidas bem temperadas. Uma separação temporaria dos esposos será igualmente vantajosa. A alimentação sadia e abundante, uma abastança geral e uma temperatura moderada, tem consideravel influencia sobre a fecundidade: em certas circumstancias poder-se-hião utilizar estas observações.

Os primeiros dias que seguem a menstruação parecem ser o tempo em que o utero está mais apto para conceber; póde-se por conseguinte obter ás vezes bom resultado, esperando, por essa época para a cohabitação, preparando o acto afim do torna-lô o mais completo possivel. Aconselha-se tambem a attitude em supinação durante e depois da copula. O repouso e a tranquillidade da alma durante os primeiros dias da impregnação, são necessarios para assegurarem a concepção. Convem emfim que se não aproximem muito os actos da cohabitação, afim de que o utero, sendo excitado, não rejeite o germen ainda fraco que por ventura contenha.

ESTERNO. Osso impar, situado na parte anterior e média do peito; é achatado e alongado. Sobre os seus lados vem inserirse as cartilagens das costellas verdadeiras. Sobre cada angulo da sua extremidade superior se articula a extremidade interna da clavicula. A extremidade inferior apresenta um prolongamento cartilaginoso ou osseo, conhecido pelo nome de *appendice xiphoides*, vulgo *espinhela*. *Veja-se* a fig. 152, Vol. I, pag. 739.

ESTHIOMENO. Dá-se este nome a certas ulceras do rosto ou da vulva que se estendem, em profundidade, roendo os tecidos. A mesma palavra applica-se tambem a certos dartros, e sobretudo ao lupo. *Veja-se* LUPO.

ESTIMULANTES. Chamão-se *estimulantes* ou *excitantes* os medicamentos que tem a propriedade de augmentar momentaneamente a energia das funções vitaes. Com a influencia d'elles o pulso torna-se mais rapido e mais forte, a respiração accelera-se, o calor do corpo augmenta, o apparelho genital, as secreções urinarias e cutanaes, em uma palavra toda a economia, ganhão nova actividade.

Os estimulantes são ministrados pelos tres reinos. A maior parte das substancias vegetaes, que gozão d'esta propriedade, são

notaveis em geral pelo cheiro forte e aromatico; devem as suas virtudes á presença de um oleo essencial, de uma resina, de um balsamo, do acido benzoico ou do alcanfor. As substancias animaes estimulantes são tambem ordinariamente dotadas de um cheiro caracteristico. Quanto aos excitantes mineraes, não apresentam propriedade alguma que os possa distinguir a este respeito.

Os medicamentos estimulantes empregão-se nas molestias caracterizadas por fraqueza : taes são os catarrhos chronicos, as febres no seu ultimo periodo, as molestias gangrenosas, as escrophulas, o escorbuto, etc.

Os principaes medicamentos estimulantes são : ammoniaco, açafraão, canella, aniz, baunilha, noz moscada, cravo da India, pimentão, pimenta, contraherva, gengibre, serpentaria de Virginia, café, cochlearia, agriões, macella gallega, hortelã, salva, alecrim, alfazema, herva cidreira, angelica, chá da India, terebinthina, alcatrão, balsamo peruviano, benjoim, alho, vinhos, banhos quentes, etc.

ESTOMACHICOS. Chamão-se medicamentos estomachicos os que são bons para o estomago, e que o fortificão : são ordinariamente substancias amargas taes como rhuibarbo, macella gallega, aloes, lupulo, quassia, losna, genciana, quina, chicoria, etc. Estes medicamentos administrão-se principalmente contra o fastio.

ESTOMAGO. Orgão principal da digestão. É um sacco musculo-membranoso, situado no ventre, entre o figado e o baço. Fig. 240 (B). O estomago apresenta duas aberturas : uma situada em cima e á esquerda, chamada *cardia*, vulgarmente *bocca do estomago*, onde chega o esophago, e pela qual os alimentos penetrão na sua cavidade ; e outra situada em baixo e á direita, chamada *pyloro*, a qual deixa passar para o intestino duodeno os alimentos digeridos.

É tão grande a importancia das funcções que preenche o estomago, que não podem estas funcções ser alteradas ou supprimidas durante algum tempo, sem ocasionarem perturbação geral na economia inteira.

Varias molestias podem existir no estomago :

Corpos estranhos no estomago. V **CORPOS ESTRANHOS**, vol. I, pag. 726.

Dôres do estomago. *Veja-se* GASTRALGIA.

Embaraço do estomago. *Veja-se* vol. I, pag. 899.

Feridas do estomago. *Veja-se* FERIDAS.

Hemorragia do estomago. *Veja-se* VOMITOS DE SANGUE.

Inchação do estomago por ventosidades. Resulta do desenvolvimento de gazes no estomago. N'esta affecção, que não é

rara, a secreção gazosa póde provir de duas fontes; ora resulta da ingestão de alimentos e de bebidas fermentescíveis, feijões, nabos, lentilhas, cerveja, etc., e póde, então observar-se em todas as pessoas; outras vezes os gases são produzidos pelas paredes do

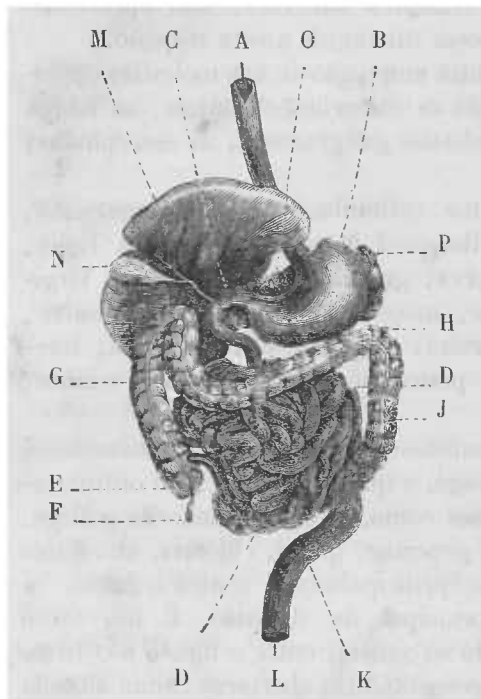


Fig. 240.

Estomago, figado, intestinos, etc.

A, esophago; B, estomago; C, pyloro; DD, intestino delgado; E, cego; F, appendice cecal; G, colon ascendente; H, colon transversal; J, colon descendente; K, recto; L, anus; M, figado levantado para que se veja a sua face inferior; N, vesicula biliar; O, pancreas; P, baco.

estomago sob uma influencia nervosa. Este phenomeno nota-se principalmente nas mulheres nervosas e nos individuos hypochondriacos, e basta ás vezes a mais leve contrariedade para produzi-lo. Estes gazes desolvem-se em geral com rapidez, e se não sahem immediatamente pela bocca, accumulão-se no estomago dilatando-o de maneira a incommodarem a respiração; póde até sobrevir um principio de suffocação, precedida de anxiedade e suores frios. Passado algum tempo este estado acaba por um estrondoso desenvolvimento de gazes pela bocca. Estes gazes ordinariamente inodoros, são ás vezes de cheiro desagradavel.

Esta affecção, ás vezes dolorosa, não é comtudo grave; combate-se com chá de herba doce ou de coentro, e pela magnesia calcinada, que se administra na dóse de 1 gramm (20 grãos)

n'um pouco d'agua fria com assucar.

Inflamação do estomago. *Veja-se GASTRITE.*

Scirrho e cancro do estomago. Os diferentes pontos do estomago, e sobretudo o pyloro, podem ser invadidos por esta molestia. Suas causas são pouco conhecidas: attribue-se ao abuso de bebidas alcoolicas, aos excessos de mesa, aos longos pezares, etc.

Symptomas. O principio da molestia é geralmente obscuro; ás vezes o scirrho faz progressos antes de manifestar-se por algum symptoma: vio-se mesmo morrerem os doentes de outra molestia,

sem se queixarem do estomago, que apresentava entretanto graves alterações cancerosas. As mais das vezes os symptomas experimentados a principio são os da *gastrite chronica*; o appetite perde-se ou se perverte, as digestões tornão-se lentas e penosas, certos alimentos deixão de ser digeridos; alguns doentes experimentão no estomago, quando vasio, uma especie de cocegas; existem tambem n'este orgão dôres que são ordinariamente lancinantes. Os outros symptomas são eructações fetidas, azias, e os vomitos. Estes primeiros symptomas, como se vê, não tem nada de caracteristico; mais tarde as perturbações digcstivas augmentão; as eructações e os vomitos são mais frequentes, as dôres gastricas mais fortes; altera-se a saude geral; o doente cmmagrece e o rosto adquire côr amarellada. Na mesma época principia a sentir-se, apalpando a região epigastica e atravez das paredes do ventre, o tumor formado pelo scirrho ou cancro.

Tratamento. O doente deve submitter-se a um regimen brando composto de leite, ovos, frango, gallinha, legumes, tudo preparado de uma maneira simples. Se o leite puro não puder ser digerido, é preciso mistura-lo com chá de folhas de laranjeira. Convem só abster-se do vinho puro, e das comidas demasiado temperadas. É necessario entreter a liberdade do ventre com clystres d'agua tepida. O doente tomará, uma vez por dia, uma colher, das *de sopa*, de xarope de casca de laranja, misturado com tres colheres d'agua distillada de canella. Eis-aqui as receitas :

1^a Xarope de casca de laranja. . . 180 grammas (6 onças).

2^a Agua distillada de canella. . . 500 grammas (16 onças).

Acalmão-se as dôres com as pilulas seguintes :

Extracto de cicuta. 60 centigram. (12 grãos)

Extracto de opio. 60 centigram. (12 grãos).

Faça 12 pilulas; para tomar uma pilula por dia.

Os banhos geraes d'agua tepida são tambem de grande utilidade.

Ulcera do estomago ou *Gastrite ulcerosa*. O caracter anatomico d'esta molestia é uma ulceração arredondada da face interna do estomago, independente da affecção cancerosa ou qualquer outra. É uma ulcera ou chaga *simples*. Em geral não ha senão uma só solução de continuidade no estomago, todavia. podem encontrar-se duas ou mais ulceras, e n'este caso não são da mesma idade; ao lado de cicatrizes ou ulceras antigas, encontra-se uma ulceração recente. O tamanho varia desde dois até seis centimetros de diametro e mesmo mais. A fórma é redonda na ulcera recente, depois torna-se elliptica. A profundidade da perda de substancia é variavel.

As ulceras do estomago podem cicatrizar-se. Se a perda de

substancia fôr pouco consideravel, a cicatriz ficará marcada por uma simples depressão lisa e esbranquiçada. Se o estomago experimentou larga solução de continuidade, formão-se então, como se vêem no exterior depois das grandes perdas de substancia, cicatrizes desiguaes, irregulares ou bridas.

Symptomas. Quasi sempre a ulcera do estomago provoca desordens funcionaes mais ou menos consideraveis. O appetite é mais ou menos diminuido; as digestões são difficeis, longas, dolorosas; os doentes tem azías, náuscas, vomitos das materias mucosas ou alimentarias; ás vezes lanção sangue puro.

A dôr é notavel pela constancia e caracter que possui. Dá na bocca do estomago; augmenta pela compressão. É contínua; augmenta sobretudo durante o trabalho digestivo; acalma no intervallo das comidas, ou quando os alimentos forão lançados pouco tempo depois de ingeridos. Estas dôres são comparadas pelos doentes á mordedura, rasgadura, queimadura, etc. Uns acalmão-n'as pela forte flexão do corpo para diante, outros deitando-se. Quasi sempre existe simultaneamente n'um ponto correspondente das costas, uma dôr circumscripta, mui viva. É no meio d'estes symptomas que alguns doentes se tornão pallidos de repente, e lanção pela bocca golfadas de sangue preto ou vermelho, fluido ou coalhado; esta hemorrhagia produz grande fraqueza e novos soffrimentos. Se o sangue fôr pouco abundante, as materias lançadas são denegridas, semelhantes á fuligem.

Marcha, terminações. A ulcera do estomago tem em geral marcha lenta, irregular, notavel pelas alternativas frequentes de melhor para peor, e vice-versa. Entretem um estado de incommodó habitual; os doentes emmagrecem, decahem pela continuidade dos soffrimentos e sobretudo pela desordem das funcções digestivas. Todavia nunca o rosto adquire côr amarella de palha, symptoma caracteristico da affecção cancerosa. As mais das vezes, a molestia tem exito feliz; a ulcera sára então; e se a perda de substancia não foi mui grande, e se a cicatriz não estreitou o orificio do estomago, a saude póde ficar boa como antes. Pouco a pouco os soffrimentos diminuem, a nutrição restabelece-se completamente, a dôr cessa, e só, quando uma pessoa assim curada morre de outra molestia é que se acha a cicatriz caracteristica da antiga ulcera.

Não é raro tambem que a molestia termine pela *cura incompleta*. Então os symptomas podem cessar assim como os vomitos periodicos; o doente recobra a apparencia de frescura e saude; mas depois de cada comida experimenta ainda dôres no estomago. Não obstante isto, a ulcera está curada, a perda de substancia da membrana mucosa está apagada; mas uma cicatriz, que estorva

os movimentos do estomago n'um lugar limitado, produz as dôres que apparecem de vez em quando.

A ulcera do estomago tem duração indeterminada.

Causas. As causas d'esta molestia são mui escuras. Como taes citão-se os desvios de regimen, as bebidas mui frias tomadas estando o corpo suado, o abuso das bebidas espirituosas, as perturbações da menstruação; é difficil submeter estas allegações a um exame rigoroso.

Diagnostic. Em muitos casos é difficil distinguir a gastrite ulcerosa da gastrite chronica simples. Se existe só fastio, vomitos alimentarios, uma dôr que o trabalho de digestão exaspera, o diagnostico é impossivel. Suspeitar-se-ha, comtudo, ulceração se a dôr fôr viva, se existir na bocca do estomago n'um ponto fixo e se corresponder a uma dôr nas costas. Emfim vomitos de sangue, que sobrem no meio d'estes symptomas, dão ao diagnostico quasi uma certeza.

Este ultimo symptoma deve fazer excluir a gastralgia simples. É mais difficil distinguir a ulcera simples do canero do estomago; todavia a existencia de dôr fixa e viva na bocca do estomago e nas costas, vomitos de sangue abundantes e repetidos, um melhora-mento muitas vezes obtido por meio de tratamento regular, levarão a admitir a existencia de uma ulceração não cancerosa.

Tratamento. Na gastrite ulcerosa é preciso acalmar a dôr e não introduzir no estomago senão substancias brandas que obrão localmente de maneira favoravel e que são sufficientes para alimentar o individuo. O leite reune esta dupla condição. O doente será sub-mettido exclusivamente á dieta lactea. Viverá de leite puro ou misturado com agua de Vichy; beberá o leite frio ou quente, fresco ou fervido, segundo o digerir melhor n'estes diferentes estados. Ha, todavia, alguns doentes que, excepçionalmente, não podem supportar o leite: substitue-se então este alimento pelos mingãos de tapioca, araruta, sopas de pão, de farinha de milho, cangica, caldos de gallinha, geleas de marmelo; e não se chega aos alimentos mais substanciaes senão progressivamente e quando o doente parecer estar perto da cura. Alguns doentes são alliviados como por encanto, e acostumão-se a este regimen que tolerão por muitos mezes; mas em alguns casos as dôres continuão, e é preciso então administrar o opio em pilulas, segundo a receita seguinte:

Extracto de opio. 20 centigrammas (4 grãos.)

Faça 8 pilulas, de que o doente toma uma ou duas por dia.

Ao mesmo tempo é necessario recorrer aos banhos mornos geraes: um ou dois banhos por semana.

ESTOMATITE. Inflamação da membrana mucosa da boeca. *Veja-se* vol. I, pag. 363.

ESTORAQUE LIQUIDO. Balsamo fornecido pela *Liquidambar orientale*, Linneo, arvore da familia das Amentaceas balsamifluas, natural da Ethiopia e da Arabia. Obtem-se fervendo em agua do mar a casea do liquidambar oriental: o balsamo vem sobrenadar á mesma agua. Tem a consistencia de mel de abelhas, de côr einzenta arroxeadá, opaca, de cheiro forte, formando-se ordinariamente na superficie uma materia escura luzidia. Dissolve-se mal no alcool frio; o alcool a ferver dissolve-o completamente salvo as impurezas. É empregado internamente no tratamento das flores brancas, e externamente no curativo das uleeras; entra na composição do unguento estoraque.

ESTORAQUE SOLIDO. Balsamo fornecido pela *Styrax officinalis*, Linneo, arvore da familia das Styraceas, que habita no Oriente. Ha muitas especies:

1º *Estoraque em lagrimas.* É em pedaços irregulares, amarello ou roxo, um pouco transparente, e de cheiro balsamico muito suave.

2º *Estoraque em pães.* É formado de massas do tamanho de um punho, de um rubro escuró; é menos puro do que o outro, e pouco estimado.

O estoraque solido é muito empregado como perfume; nas farmacias entra na composição de algumas preparações antigas.

Estoraque do Brasil. Achão-se no Brasil muitas arvores da familia das Styraceas, do genero *styrax*, de que se extrahé um balsamo analogo ao estoraque officinal; são conhecidas no Brasil pelos nomes vulgares de *estoraque* e de *beijoeiro*. São especialmente o *Styrax reticulatum*, Martius; *Styrax ferrugineum*, Pohl; *Pamphilia aurea*, Martius. Habitão nas provincias de Minas e da Bahia. Os habitantes dos lugares onde vegetão estas arvores, são advertidos do tempo em que devem extrahir o balsamo, pelo grande numero de insetos que voão em roda d'estas arvores. Serve para diversos emplastos estimulantes, e queima-se nas igrejas em lugar de incenso, porque é muito aromatico.

ESTRABISMO. Falta de harmonia na posição de ambos os olhos. Os individuos, que tem esta disposição, chamão-se *resgos* ou *tortos dos olhos*. Todos os movimentos que executa o olho estão sob a influencia de seis pequenos musculos, presos por uma extremidade aos ossos que compõem a cavidade do olho, e pela outra ao globo do olho. D'estes seis musculos, um acha-se na parte interna do olho, outro na parte externa, outro por cima do olho, outro por baixo, outro na parte interna e superior, e o outro final-

mente na parte interna e inferior. Se a acção d'estes musculos se exercer de modo regular, ambos os olhos tem sempre a mesma direcção quando estão fixos em algum objecto; mas acontecendo ser um dos musculos mais curto do que deve ser, os olhos não são mais dirigidos simultaneamente nos diversos movimentos que executão, e o estrabismo produz-se. É, pois, a falta de antagonismo entre os musculos, cujo poder de contracção deveria ser igual, que constitue o estrabismo, na maioria dos casos.

A deviação do olho póde existir ora para dentro (*estrabismo convergente*); ora para fóra (*estrabismo divergente*); ora para cima, ora para baixo. Emfim, estas variedades podem unir-se entre si, para constituir os estrabismos mixtos, nos quaes o olho se acha arrastado ao mesmo tempo para dentro e para cima, para fóra e para baixo, para fóra e para cima, etc. A primeira variedade, isto é o estrabismo convergente, é a mais frequente de todas.

Em geral, um só olho é affectado; quando são affectados ambos os olhos, ordinariamente o estrabismo tem lugar no mesmo sentido.

O olho desviado é mais fraco do que o outro: demonstra-se isto apresentando o mesmo objecto alternativamente a cada olho; prova-se ainda isto com as curas obtidas quando se póde fortificar o olho torto, cobrindo o olho são, condemnando-o á obscuridade, e fortificando o olho fraco por um exercicio assiduo e bem dirigido.

A desigualdade na força dos olhos é uma causa poderosa de estrabismo. Esta desigualdade póde existir nas partes internas ou nas partes externas do orgão: assim, a fraqueza da retina faz com que o olho não se fixe convenientemente, e que se desvie; a fraqueza ou a paralyisia de um musculo do olho faz com que o olho se volte do lado do musculo antagonista. Para fixar os objectos afastados, os vesgos empregão sempre o olho são; o outro esconde-se, para não perturbar a visão. Às vezes, entretanto, o doente fixa com o olho vesgo os objectos que se achão muito proximos, e serve-se do olho são para os objectos afastados: ha então um olho para os objectos vizinhos, e outro para os objectos afastados. Às vezes ambos os olhos podem fixar o mesmo objecto, mas não fixão o mesmo ponto; então o doente não vê bem. Este phenomeno manifesta-se sobretudo no começo do estrabismo; mas logo depois um dos olhos sujeita-se ao repouso, e perde assim a força, ao passo que acontece o contrario ao outro.

Se o olho se desvia por ser originariamente mais fraco, acontece tambem o contrario, isto é, que o olho se torna mais fraco, porque foi desviado pela contracção muscular. Examinando-se o olho n'este ultimo caso, vê-se que tem toda a sua força e alcance:

para verificar isto basta só tapar o outro olho. Quando, pelo contrario, o estrabismo é devido á fraqueza do olho, reconhece-se pela mesma experiencia. No primeiro caso, a causa é extrinseca; no segundo, é intrinseca, depende de uma affecção da retina.

Causas. O estrabismo pôde ser congenial, isto é nascer com a criança; e os musculos dos olhos podem, durante a vida da criança no seio materno, ficar contrahidos de uma maneira permanente, como acontece nos musculos da perna ou do pescoço, no pé torto ou no torcicollo de nascença.

Mas o estrabismo apparece de ordinario nos seis primeiros annos da vida. Desenvolve-se em consequencia das affecções convulsivas da infancia, na época da dentição, depois de molestias cerebraes, ou outras em que o systema nervoso tenha sido affectado.

Tratamento. Pôde corrigir-se o estrabismo por meio de uma especie de gymnastica voluntaria que tem por fim forçar o olho torto a olhar direito.

O estrabismo que depende unicamente da desigualdade de força dos dois olhos, cura-se restabelecendo a harmonia das faculdades visuaes, fortificando o olho fraco, enfraquecendo o olho são, fazendo as duas coisas ao mesmo tempo. O melhor meio de executar estas indicações, consiste em cobrir o olho forte, enquanto se exerce o olho fraco. Este exercicio deve variar segundo a direcção viciosa que tomou o globo ocular. Assim, se estiver virado para fóra (*estrabismo divergente*), dirigir-se-ha a vista do lado interno, collocando convenientemente os objectos; se o estrabismo fôr *convergente*, collocar-se-ha o objecto do lado externo; será, por exemplo, um livro. O Dr. Rognetta assegura ter assim curado uma deviação para dentro do olho esquerdo. A doente tinha o olho direito coberto com uma faxa, e estando deitada do lado esquerdo lia n'um livro posto n'uma cadeira baixa. O estrabismo foi curado depois de dezaseis dias de tratamento; a leitura durava só duas horas, mas a faxa ficava dia e noite.

O Dr. Emilio Javal, de Pariz, aconselha que se applique sobre o olho são, uma especie de crivo {metallico, de fórma de um cestinho ou antes de um bote, a que dá o nome de *concha metallica*. Esta concha tapa o olho são, mas não o condemna á obscuridade completa. Deve ficar em permanencia durante tres semanas pelo menos; ou por um tempo proporcionado á duracão do estrabismo, afim de romper o costume vicioso que o olho torto tem contrahido. Estas conchas vendem-se em Pariz, n'uma loja de objectos de optica, rua Boissy d'Anglas, 31. Custão meio franco cada uma.

Para restituir o parallelismo aos eixos visuaes, imaginou-se cobrir cada olho com um oculo preto, transparente só no centro,

para obrigar os vesgos a não olharem senão atravez d'este ponto. Mas acontecco que as crianças não olhãõ, senão com o olho são, ou quando ambos os olhos erão affectados, não se servião senão do menos fraco; e sempre um globo ocular ficava mais desviado do que antes do tratamento.

Não se conhecião outros meios para curar o estrabismo, e estes mesmos não se empregavão senão raras vezes, por causa do seu pouco effeito, quando os cirurgiões modernos apprehendêrão a cura d'esta deformidade pela secção de um ou mais musculos do olho.

A operação, que se chama *strabotomia*, consiste em fazer uma ruga transversal na membrana conjunctiva, cortar esta ruga, isolar o musculo, e dividi-lo. O curativo é muito simples; consiste em lavatorios com agua fria para favorecer a resorpção da ecchymose, que se estende debaixo da conjunctiva ocular, e desaparece em alguns dias. Esta operação é pouco dolorosa, e não sómente cura o desvio do olho, mas faz ainda desaparecer ordinariamente a fraqueza da vista que existe no olho affectado do estrabismo. Entretanto praticada por cirurgiões pouco habéis, póde produzir os seguintes accidentes: proeminencia do olho, perda de movimentos do olho na direcção do musculo operado, desvio do olho em sentido inverso da deformidade primitiva, e vista dupla.

O exame consciencioso dos factos mostra que a secção dos musculos do olho é frequentemente seguida de cura completa do estrabismo e de conservação dos movimentos do olho, e que a este primeiro beneficio se ajunta o restabelecimento da vista; em outros casos obtem-se, com effeito, o endireitamento do olho, mas com perda de uma parte de seus movimentos ou com proeminencia; n'uma palavra, com uma deformidade menor do que a do estrabismo, mas emfim com uma deformidade real substituida á que existia; em casos mais raros, o estrabismo torna a voltar depois da operação. Finalmente, a operação do estrabismo offerece mais vantagens que inconvenientes.

ESTRAMONIO OU FIGUEIRA DO INFERNO. *Datura stramonium*, Linneo. Solaneas. Fig. 241. Planta commum no Brasil e em Portugal; tem produzido ás vezes envenenamentos. A figueira do inferno encontra-se principalmente nos entulhos, prados, beiras das estradas, etc. Tem dois a cinco pés de altura; raiz branca, folhas por cima verdes escuras, com sinuosidades desiguaes nas margens; flores brancas afuniladas. O fructo é uma capsula ovoide, eriçada de aculeos, dividida interiormente em quatro septos que contém grande numero de pequenas sementes roxas. Tem cheiro nauseante, e muito mais esfregando-se as folhas; sabor acre e

amargo enquanto verde; mas secca é quasi inodora e insipida. Todas as partes do estramonio, e principalmente os fructos, são dotados de propriedades narcoticas muito energicas. Em pequena dóse, agita, produz vertigens, escurecimento da vista e um leve delirio furioso, sentimento de constricção na garganta, convulsões e depois paralysisia. A

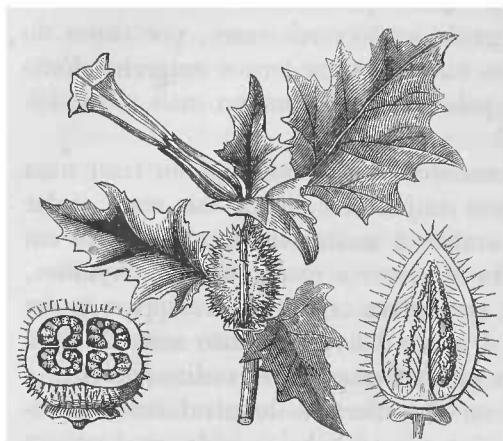


Fig. 241. — Estramonio.

cegueira dura ás vezes alguns dias. Se por desgraça um envenenamento fosse produzido, seria preciso recorrer ao tratamento indicado no artigo ENVENENAMENTO, vol. I, pag. 947 O estramonio é empregado na medicina em algumas molestias. As folhas seccas, fumadas n um cachimbo ou em fôrma de charuto, tem ás vezes produzido allivio

nas pessoas affectadas de asthma. Usa-se tambem, sob a fôrma de extracto, na dóse de 5 a 10 centigram. (1 a 2 grãos) por dia, na epilepsia e outras molestias nervosas. Com as folhas preparão-se cataplasmas que gozão de propriedades calmantes, e que se applicão com vantagem sobre o rosto nas dôres de dentes. O decocto das folhas misturado com farinha de linhaça forma uma cataplasma calmante que se usa nas colicas e outras molestias nervosas. O decocto prepara-se com 15 grammas (1/2 onça) de folhas de estramonio e 360 grammas (12 onças) d'agua.

ESTRANGULAÇÃO ou **Estrangulamento**. Designa-se com o nome de *estrangulação* o estado de uma parte do corpo que se acha apertada por outra. Os intestinos são ás vezes estrangulados n'uma quebradura, quando augmentão de volume pela accumulacão das materias fecaes. (*Veja-se QUEBRADURA*.) Os dedos podem tambem ser estrangulados pelos anneis ou outros corpos estranhos. *Veja-se ANNEIS*.

ESTRANGURIA. Difficuldade de ourinar. *Veja-se RETENÇÃO DE OURINA*.

ESTREITAMENTO DO CANAL DA URETHRA. Assim se chama a diminuicão da capacidade do canal da urethra, de que resulta a sahida mais ou menos difficil da ourina.

Existem tres especies de estreitamentos, segundo a natureza do obstaculo : 1º *estreitamentos espasmodicos* occasionados pela con-

tracção passadeira das paredes do canal; 2º *estreitamentos inflammatorios*, devidos á inflammação da membrana mucosa da urethra; 3º *estreitamentos organicos*, que resultão da alteração permanente das paredes do canal.

1º **Estreitamentos espasmodicos.** Encontrão-se principalmente nos individuos nervosos, irritaveis. Umaz vezes a excreção da ourina faz-se gotta a gotta, outras o jacto do liquido é forte e volumoso. Acontece tambem que o curso da ourina é subitamente interrompido na occasião de alguma emoção moral, ou da impressão do frio. A sonda, em certos casos, penetra com a maior facilidade; em outros o instrumento introduzido na urethra fica parado por um obstaculo que é impossivel vencer, até que se opere uma especie de relaxação que deixe a sonda avançar.

Este estado dura ordinariamente pouco tempo, e cede aos semicupios d'agua tepida, aos clysteres d'agua morna com 20 gottas de laudano de Sydenham, e ás fricções no perineo com pomada de belladona.

2º Os **estreitamentos inflammatorios** são determinados pela tumefacção da membrana mucosa urethral n'um ponto mais ou menos extenso, ás vezes em todo o comprimento do canal. Sobrevem as mais das vezes durante o curso de uma blennorrhagia, em consequencia de fadigas excessivas ou depois da extracção de algum corpo estranho.

Os doentes experimentão grande difficuldade para ourinar; ás vezes a sahida da ourina é completamente impossivel, e querendo-se introduzir a sonda, encontra-se um obstaculo insuperavel, determinão-se dôres extremamente violentas, e um corrimento sanguineo.

O tratamento consiste em combater a blennorrhagia ou a simples inflammação, com preparações de copahiba, semicupios d'agua tepida, e infusão de linhaça para bebida.

3º **Estreitamentos organicos.** São muito mais importantes do que os precedentes; são caracterizados pela diminuição permanente e progressiva do diametro do canal, e são occasionados pela contracção gradual do tecido morbido que se substituiu a uma parte mais ou menos extensa das paredes urethraes.

Causas. Os estreitamentos organicos são consecutivos a alguma lesão physica da urethra. As feridas, as contusões com ruptura do canal, as rasgaduras da urethra, as cauterizações demasiado fortes do canal, podem occasiona-los. Outros são produzidos por todas as causas que podem provocar a inflammação da membrana mucosa, como são a blennorrhagia, e sobretudo a blennorrhagia

chronica, os excessos venereos, o catheterismo, a introdução de um corpo estranho, as injecções causticas.

Os estreitamentos encontram-se principalmente nos homens chegados ao periodo médio da vida; são mui raros nas mulheres e crianças.

Os estreitamentos organicos apresentam-se com differenças, relativamente ao seu comprimento, calibre, fórma, numero e séde. Apresentão-se ás vezes debaixo da apparencia de uma linha mui pouco saliente, sobre a qual a membrana mucosa parece sómente ter perdido a molleza e extensibilidade. Às vezes, pelo contrario, tem muita espessura. O comprimento varia desde a mais delgada ruga até 25, 50 e 80 millimetros. A espessura póde ser consideravel, sem que o comprimento seja grande. É então que o estreitamento simula uma ruga, valvula, espora ou brida. Os estreitamentos podem ser produzidos por *excrescencias*, *carosidades*, ou *vegetações*; por *engurgitamentos* da membrana mucosa ou por *cicatrices*.

Symptomas. O volume do jacto de ourina diminue; pouco a pouco a columna de liquido fica reduzida a um simples fio, o doente ourina gotta a gotta; em alguns casos, emfim, a sahida da ourina é completamente impossivel. À medida que o jacto da ourina se torna menos largo, é menos rapido; o liquido vai menos longe. O jacto compõe-se de duas columnas convergentes; raras vezes existe maior numero de columnas de liquido. Podem enrolar-se uma ao redor da outra. Muitas vezes fica no canal, atraz do estreitamento, certa quantidade de ourina que sahe involuntariamente depois que o doente acabou de urinar.

A difficuldade de urinar augmenta com o gráo de coarctação. Os doentes são obrigados ás vezes, para ourinar, a fazer esforços consideraveis e tomar posições singulares. Em geral, não sentem dôr alguma ourinando; mas quando ha ulceração ou inflammação da urethra, sentem dôr mui viva, ás vezes passageira, outras vezes persistente durante um tempo mais ou menos longo. Em alguns casos a dôr é surda, profunda, acompanhada de peso no perineo.

Para conhecer um estreitamento, e sobretudo para determinar a sua séde e extensão, é preciso recorrer ao catheterismo. Introduzindo a sonda, o cirurgião encontra um obstaculo; a sensação de uma resistencia vencida indica que o estreitamento foi atravessado.

Prognostico. O estreitamento da urethra é uma affecção séria; não póde desaparecer espontaneamente; abandonado a si mesmo, tende pelo contrario a augmentar incessantemente. Tratado convenientemente, sára, e se não desaparece completamente, cede

de maneira sufficiente para que as funcções urinarias e genitales possam ser preenchidas. As recachidas são frequentes; o doente acha-se na necessidade de continuar o tratamento durante muito tempo e de recorrer á cirurgia com intervallos mais ou menos afastados. O prognostico dos estreitamentos depende do seu gráo de antiguidade, séde, comprimento, e numero. Os obstaculos constituídos pelo tecido das cicatrizes resistem mais aos tratamentos do que os que são formados pelo engrossamento da membrana mucosa ou por carnosidades.

Tratamento. Quando o cirurgião é chamado por um doente que não póde urinar; deve immediatamente abrir a passagem á urina por meio de catheterismo ou de punção da bexiga (*Veja-se RETENÇÃO DE OURINA*). Este tratamento é um simples palliativo; é preciso empregar meios para prevenir semelhantes accidentes.

Cinco methodos são empregados contra os estreitamentos; a dilatação, a cauterização, a escarificação, a incisão, e a excisão.

I. *Dilatação.* É o tratamento mais simples dos estreitamentos da urethra; obtem-se por meio de sondas, de bugias ou de instrumentos especiaes. Estes agentes da dilatação são de duas especies: uns são de volume fixo e permanente, taes como as sondas e bugias metallicas; outros são susceptiveis de augmentar de volume, taes são as bugias de corda de tripa, de marfim flexivel, e os diversos instrumentos designados pelo nome de *dilatatores*.

A dilatação pode ser *temporaria* ou *permanente*. Na primeira deixa-se o instrumento durante pouco tempo na urethra; na segunda a sonda permanece no canal durante um ou mais dias.

Dilatação temporaria. Consiste em introduzir por pouco tempo e successivamente bugias de calibre cada vez mais consideravel. Este methodo é simples e facil. Principia-se pela introdução de uma pequena bugia em relacção com o diametro da abertura do estreitamento. Sendo o estreitamento tão estreito que não póde deixar passar o corpo da bugia, esta fica retida pela ponta no estreitamento: é preciso deixa-la por algum tempo. Em geral, depois de um quarto de hora ou meia hora de demora, a bugia produz bastante dilatação para que possa ser empurrada até á bexiga, é ás vezes util facilitar a introdução pela previa injeção de azcite doce. As bugias de baleia podem passar atravez dos estreitamentos que as bugias de gomma não podem atravessar. Nos estreitamentos mui apertados quando passou a primeira bugia, cumpre deixa-la no lugar durante 24 ou 36 horas; a urina corre lentamente ao lado do instrumento; a retenção desaparece. No dia seguinte ou um dia depois, substitue-se a sonda por outra um pouco mais grossa. Quando o calibre do canal está notavelmente

alargado, procede-se á dilatação gradual, por meio de bugias convenientemente graduadas. Cumpre, para este fim, observar os preceitos seguintes :

1º Não deixar as bugias na urethra senão o tempo necessario para as introduzir e tira-las.

2º Em cada operação, o numero das bugias introduzidas ha de variar de 2 a 8; quanto menos o doente soffrer para attingir o diametro determinado, tanto mais as introduções serão numerosas.

3º Não repetir as operações todos os dias, senão na falta de qualquer irritação. Se apparecer o menor symptoma de irritação, convem deixar descançar o doente. Não ha inconveniente em suspender o tratamento durante alguns dias.

Dilatação permanente. Por este methodo o cirurgião procede com leutidão gradualmente, e de maneira contínua. Principia-se por uma bugia de calibre proporcionado ao volume do estreitamento, deixa-se permanecer durante cinco ou seis dias; logo que a bugia se move livremente, tira-se e substitue-se por instrumento mais volumoso. Este methodo é só aconselhado nas coarctações consideraveis e nos estreitamentos fibrosos mui extensos.

A dilatação apresenta inconvenientes, expõe á inflammação da membrana mucosa da urethra com corrimento blennorrhagico. Esta inflammação cede rapidamente ao repouso, semicupios d'agua morna, e infusão de linhaça para bebida.

A dilatação temporaria, gradual, é muito menos perigosa do que a permanente. Em consequencia d'este ultimo modo sobrevem ás vezes inflammações da prostata, e abcessos no perineo.

Comparando estes meios, vê-se que a preferencia deve ser dada á dilatação temporaria e progressiva. Todavia é um meio palliativo; o doente é obrigado a recorrer á introdução da sonda de vez em quando.

II. *Cauterização.* O caustico empregado é a pedra infernal. Reconhecido o lugar do estreitamento, introduz-se no canal a sonda guarneçada de pedra infernal; e mantem-se applicada contra o obstaculo até que o doente exprimente a sensação de queimadura. A cauterização não deve ser repetida senão todos os tres ou quatro dias, para dar á escara o tempo de despegar-se.

Este methodo não é sem perigo. Entre os accidentes que póde produzir, citão-se a dôr que muitas vezes é viva e prolongada; a retenção de urina, quando a escara ao despegar-se vem tapar o canal, ou quando a inflammação provocada pela cauterização produz a inchação dos tecidos. Além d'isso, é difficil determinar o lugar do estreitamento, pelo que o cirurgião expõe-se a applicar o caustico sobre os tecidos sãos.

A cauterização nunca deve ser empregada para destruir os tecidos, mas sim para modifica-los. Ella só convem quando o calibre do canal se acha diminuído pelas fungosidades, pela inchação da membrana mucosa, e deve ser sempre superficial. A cauterização, considerada como meio de destruição, está hoje abandonada por aquelles mesmos professores que mais a defendião.

III. *Incisão.* Faz-se de *dentro para fóra*, isto é das partes profundas á pelle; de *fóra para dentro*, isto é da parte dos tegumentos á membrana mucosa da urethra.

A. *Incisão de dentro para fóra.* Póde ser superficial (escarificação), ou profunda (urethrotomia).

a. *Escarificação da urethra.* Este methodo tem por objecto dividir a membrana mucosa da urethra; a incisão póde ser feita de diante para traz e de traz para diante; o instrumento que se emprega chama-se urethrotomo. Ha d'elle muitas variedades, mas todos são construídos sobre o mesmo principio: uma haste ôca contém uma lamina que se faz sobresahir á vontade, isto é quando chegou ao nivel do estreitamento. Feita a incisão da urethra, introduz-se no canal uma sonda, afim de impedir os labios da ferida de se reunirem.

b. *Urethrotomia.* Este methodo consiste: 1º em praticar ao nivel do estreitamento uma incisão de 5 a 6 millímetros de comprimento, que penetre até á pelle; 2º em apartar os labios da ferida para os fazer cicatrizar separadamente e obter uma cicatriz delgada.

B. *Incisão de fóra para dentro.* Esta operação consiste em fazer a abertura da urethra de fóra para dentro, e manter apartados os labios da solução de continuidade por meio de grossa sonda introduzida na urethra.

Apreciação da incisão. As recalhadas, em consequencia do tratamento dos estreitamentos pela escarificação e incisão são mui frequentes, quer por causa da formação da cicatriz cujo tecido é mui retractil, quer por causa da inflammação consecutiva.

Os accidentes que se observão em seguida da urethrotomia são frequentes e graves. Taes são: a dôr, a inflammação da urethra, a hemorrhagia, infiltração sanguinea, e infiltração da ourina.

IV *Excisão.* Esta operação consiste em tirar por excisão a proeminencia que obstrue o canal. Este methodo não foi acceito; deixa a nú uma superficie extensa, e expõe aos mesmos accidentes que a incisão.

Em conclusão, a dilatação é o unico methodo que deve ser applicado na immensa maioria dos casos; porque os outros meios são incertos nos seus resultados, expõem á recalhada ainda mais que a dilatação, e fazem correr perigos que não existem na dilatação.

A urethrotomia deve ser reservada para os casos de estreitamento em que a dilatação não póde ser applicada.

ESTROPHULO. Affecção caracterizada pela erupção mais ou menos extensa de elevações da cuticula (papulas) mais brancas ou mais rubras que o resto da pelle, situadas ordinariamente na face, ás vezes por todo o corpo, e acompanhadas de comichão mais ou menos viva.

Conhecido vulgarmente sob o nome de *fogagem*, *fogo de dentes*, *botões*, *vermelhidões*, o estrophulo, é molestia das crianças e acompanha muitas vezes a primeira dentição. Ha d'elle algumas variedades :

1º *Estrophulo salpicado.* Papulas mui vermelhas, entresachadas de pintas rubras, ás vezes de manchas superficiaes maiores, e até de algumas pequenas vesiculas. Situação ordinaria na face, mãos e antebraços, rara vez por toda a pelle.

2º *Estrophulo exalviçado.* Papulas pequenas, duras, esbranquiçadas, cercadas ás vezes de ligeiro rubor, e ás vezes misturadas com o estrophulo salpicado. Situação principal na face, pescoço e peito.

3º *Estrophulo apinhoado.* Papulas mui miudas e apinhoadas em malhas vermelhas mais amplas que nas especies precedentes. Situação na face em crianças de 4 a 5 mezes, e nas extremidades superiores nas de 7 a 8. Irritação nas gengivas na adentação.

Semelhante ao precedente, situado nas extremidades inferiores, lavrante até ao embigo, acompanhado de rubor geral da cuticula, seguido de fendas e grandes exfoliações cuticulares.

4º *Estrophulo volante.* Papulas aggregadas em pequenas malhas, vermelhas, circulares, ás vezes com febre. Erupção por 3 a 4 semanas, em diversas partes do corpo.

5º *Estrophulo branco.* Papulas grandes, distantes, tanto ou mais claras que a pelle, sem rubor á roda da base. Erupção commumente nas costas e na parte superior dos braços, após alguma enfermidade aguda.

Qualquer que seja a fôrma da erupção, o estrophulo não é acompanhado de febre, a não ser na variedade chamada *volante*, na qual se observão tambem ás vezes alguns vomitos e um pouco de diarrhea.

O estrophulo é molestia benigna; dura de 3 a 15 dias.

Tratamento. No maior numero dos casos, o estrophulo não reclama tratamento particular. Alguns lavatorios com agua morna ou leite, alguns banhos d'agua tepida, bastão para fazer desaparecer a crupção. Se houver excoriações, applique-se polvilho.

ESTUPOR. Entorpecimento geral, diminuição das faculdades intellectuaes, acompanhada de um ar de pasmo e de indifferença.

Apparece nas febres graves e nas molestias de cerebro. *Ar de estupor*, designa a *apoplexia*. Veja-se esta ultima palavra.

ETHER. Dá-se o nome de *ether* a liquidos de cheiro activo, transparentes, de sabor quente, muito expansíveis e muito inflamáveis. Obtem-se distillando certos acidos com alcool, e tomão o nome do acido que servio á sua composição. O mais commumente empregado é o *ether sulfurico*, que se designa ordinariamente pelo nome simples de *ether*, e que resulta da acção do acido sulfurico sobre o alcool. É sem côr, de cheiro forte, aromatico, e extremamente volátil, não deixando vestigio algum de humidade. Emprega-se em múitos accidentes nervosos como calmante e antispasmodico; toma-se na dóse de 10 a 20 gottas em algumas colheres d'agua com assucar. É considerado como específico na embriaguez, que faz cessar como por encanto. Faz-se tambem inspirar ás pessoas que cahem em desmaio. Derramado sobre a testa, produz, evaporando-se, um frio que ás vezes acalma certas dôres de cabeça. Administrado puro internamente na dóse de uma colher, póde produzir accidentes graves, e até a morte; entretanto que, na mesma dóse de uma colher, dissolvido em 6 ou 8 onças d'agua com assucar e administrado ás colheres de hora em hora, constitue um dos melhores remedios contra o tetano. O *licor mineral anodyno de Hoffmann*, que é uma composição de partes iguaes de ether e alcool, goza de propriedades semelhantes ás do ether: emprega-se tambem nas affecções nervosas, e principalmente nos accessos de hysticismo, nos desmaios, dôres nervosas, etc., mas em dóse dobrada; isto é, na de 20 a 40 gottas.

Nos fins do anno de 1846, uma importante descoberta foi feita com o ether por dois cirurgiões dos Estados-Unidos, Jackson e Morton, com o fim de tornar insensíveis á dôr os individuos que tem de soffrer operações cirurgicas. O methodo consiste em fazer respirar á pessoa, a quem se quer tornar insensível, um ar saturado de vapor de ether sulfurico. D'isso resulta, ao cabo de dois ou tres minutos, uma especie de embriaguez que muitas vezes póde lançar o paciente em uma lethargia profunda, mas que, outras vezes, apenas desenvolve n'elle um estado de vertigem ou desmaio incompleto que é sufficiente para pô-lo ao abrigo das dôres as mais crucis.

Das cinco primeiras experiencias que forão feitas, tres erão relativas a extracção de dentes, as outras duas a amputações. N'estas cinco operações não manifestárão os doentes dôr alguma e apenas sentião que erão operados.

Citão-se muitas outras operações feitas sem dôr, taes são amputações de membros, extracção de unhas, de tumores, etc. Todos

os cirurgiões concordão hoje em que as inspirações de ether produzem com certeza o effeito de suspender momentaneamente a sensibilidade. Os casos em que estes resultados não pudêrão ser produzidos, dependêrão ou do emprego vicioso do aparelho ou de algumas disposições pessoaes.

O *chloroformio* possui a propriedade de produzir a insensibilidade muito mais promptamente do que o ether, e é empregado com preferencia. Tanto um como outro não são isentos de perigo. (Veja-se CHLOROFORMIO.) As experiencias provão que os cães etherizados succumbem em 35 a 44 minutos.

EUCALYPTO. (Eucalypte, francez.) *Eucalyptus globulus*, Labillardière. Myrtaceas. Grande arvore, de vegetação rapida, originaria de Tasmania na Australia; transplantada nos jardins do Rio de Janeiro, Petropolis, provincias meridionaes do Brasil, em Montevideo, Buenos-Ayres, Lisboa, Hespanha, nas provincias meridionaes da França, ilhas do Mediterraneo, em Argel, no cabo da Boa Esperança, etc.

Esta arvore é um colosso do reino vegetal; attinge ás vezes, mas raramente, 100 metros de altura, com 28 metros de circumferencia; frequentemente 50, 60 a 70 metros de altura com 10, 15 e 20 metros de circumferencia. Suas folhas *novas* são oppostas e subcordiformes; as folhas *adultas* são alternas, diversamente pecioladas, coriáceas, como envernizadas, agudas, contorneadas como a fouce, de 10, 20, e 30 centimetros de comprimento, de 3 a 6 centimetros de largura, persistentes, de cheiro muito agradável; flores axillares, sesseis ou curtamente pedunculadas; fructos hemisphericos, deprimidos, turbinados (em fórmula de peão), de 3 centimetros de largura, ás vezes mui pequenos; com 3, 4 ou 5 loculamentos, que contém muitas sementes. As sementes *estereis* são roxas, claviformes e filiformes, do comprimento de 2 a 3 centimetros; ha tambem rhomboidaes e pyriformes. As sementes *ferteis* são ovaes ou arredondadas, pretas, opacas, e tem 2 a 3 centimetros de comprimento. Semeadas estas sementes em 1862 nos jardins de Cannes, cidade da França meridional, produzirão em cinco annos arvores de 10, 15 e 20 metros de altura, conforme a exposição.

Esta arvore presta serviços multiplos. A rapidez prodigiosa do seu crescimento torna-a vantajosa nas regiões onde ha falta de lenha e abrigo; é uma das madeiras mais duras, mais pesadas e mais resistentes ao ar, agua e insectos. As emanações odoríferas das folhas são muito favoraveis á saude. Notou-se que, apesar da grande extensão dos pantanos, que cobrem a Australia, as febres intermitentes são ali mui raras; e os viajantes attribuem este effeito á immensa quantidade de *Eucalyptus* que se achão no continente

austral. As virtudes antifebris das folhas de *eucalypto* são conhecidas na Australia desde muito tempo. Plantada esta arvore no sul da Europa, em 1837, não tardou a ser o objecto das experiencias dos medicos. As observações clinicas feitas na Hespanha, em 1865, nas provincias de Cadiz, Sevilla, Cordova e Valencia, onde as febres são endemicas, provárão as virtudas antiperiodicas das folhas do *eucalypto*; e esta arvore recebe ali o nome de *arvore da febre*.

As plantações de eucalypto podem tornar sadios os lugares pantanosos, por suas emanações aromaticas, e pela propriedade que possui esta arvore de esgotar promptamente a agua por causa do seu crescimento rapido, e tornar secco o solo vizinho a muitos palmos de distancia. Seria, pois, para desejar que se fizessem semeadas ou plantações de eucalypto n'essas regiões.

Todas as partes de *eucalypto* são impregnadas de uma substancia aromatica, em fraca proporção no lenho e na casca, mas mui consideravel nos ramos tenros, flores e folhas. Segundo o Sr. Cloëz, chimico de Pariz, eis-aqui a proporção de oleo essencial que se pôde extrahir das folhas :

Folhas frescas...	2,75 por 100
Folhas meio-seccas.	6,00 por 100
Folhas inteiramente seccas conservadas durante 5 annos, trazidas da Australia	1,50 por 100.

Composição de folhas de eucalypto. Segundo o Sr. Cloëz as folhas de eucalypto contém, além de materia verde das folhas (chlorophylla), e da cellulose, que constituem necessariamente a maior parte d'ellas, pequena quantidade de resina, uma forte porção de um oleo essencial particular, tannino, e cerca de 10 por 100 de cinzas brancas contendo saes calcarcos e carbonatos alcalinos. A proporção do tannino é mesmo bastante consideravel para poderem servir as folhas ao cortume dos couros, os quaes conservão sempre cheiro agradável. O Dr. Sicard, que se occupou tambem da composição chimica das folhas de *eucalypto*, assignala a existencia de tres productos : 1º gomma amarella, aromatica, de sabor amargo estyptico; 2º uma substancia de um verde-amarellado, mui friavel, de cheiro e sabor particulares; 3º uma substancia de um verde-escuro, de apparencia de cera, obtida pelo alcool em seguida do tratamento pela agua que deo as duas primeiras substancias.

Oleo essencial de eucalypto. Este oleo, obtido por distillação com agua, é um liquido mui fluido, apenas corado, de cheiro aromatico analogo ao de camphora. Este liquido, obtido pela primeira distillação, não é um producto chimicamente puro; é necessario, para purifica-lo, pô-lo em contacto primeiro com a potassa em

fragmentos, depois com o chlorureto de calcio derretido; distillando-o de novo, obtem-se um liquido mui fluido, incolor, mais leve do que a agua; sua densidade a 8 grãos centigrados é igual a 0,905; é de sabor agradável; pouco soluvel na agua, completamente soluvel no alcool; esta solução mui diluida possui cheiro analogo ao da rosa. Este producto póde ser considerado, segundo o Sr. Cloëz, como um principio immediato, puro, differente por suas propriedades e composição das especies chemicas conhecidas. O Sr. Cloëz deu-lhe o nome de *eucalyptol*.

O uso interno da essencia de eucalypto convem, segundo o Dr. Gubler, Lente de Therapeutica da Faculdade de medicina de Pariz, nas affecções bronchicas e pulmonares, na laryngite, na aphonía catarrhal.

MODO DE ADMINISTRAÇÃO E DÓSES. Internamente :

Folhas em pó : 4, 8, 12 e 16 grammas (1, 2, 3 e 4 oitavas), em 2 doses, contra as febres intermitentes. Administrão-se durante a apyrexia.

Infusão. Folhas de eucalypto 8 grammas (2 oitavas), agua fervendo q. s. para ter 120 grammas (4 onças) de infusão, que se adoça com assucar. Esta dóse toma-se de manhã, e repete-se de noite. Contra as febres intermitentes.

Extracto aquoso. 10 a 40 centigrammas (2 a 8 grãos) em pilulas, como tonico e para prevenir a volta da febre intermitente.

Extracto alcoolico. Mesmas doses que o extracto precedente, e as mesmas applicações.

Alcoolato e tintura alcoolica. 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) em poção.

Agua distillada. 120 grammas (4 onças) como vehiculo das poções estimulantes.

Oleo essencial e oleo essencial rectificado (eucalyptol). 2 a 4 gottas com assucar, ou em pilulas com pós de folhas d'eucalypto. Póde tambem administrar-se em capsulas. Brouchite chronica, catarrho vesical.

Externamente. Folhas de eucalypto para curar as feridas. Mascadas, as folhas perfumão o halito, e fortificação as gengivas inchadas ou sangrentas.

Infusão, tintura e alcoolato como desinfectante das feridas, em applicação local.

Cigarrilhas de eucalypto. Fazem-se com folhas de eucalypto, seccas e enroladas á maneira de charutos. Fumão-se nas bronchites e na asthma.

EVACUANTES. Substancias dotadas da propriedade de augmentar as secreções do estomago e dos intestinos, e de evacuar

as materias contidas no tubo digestivo. São os vomitorios e os purgantes. Os evacuanes são indicados sempre que ha prisão do ventre, fastio com mau gosto na bocca, inflammação chronica da pelle ou dos orgãos internos que se podem curar provocando uma revulsão ou uma desviação intestinal, corpo estranho ou substancia venenosa que se quer expulsar, etc.

EVIAN. Aguas alcalinas frias. França. Itinerario de Pariz a Evian : estrada de ferro de Pariz a Genebra: 15 horas. Barca sobre o lago, de Genebra a Evian : 3 horas. Despeza total 75 fr.

Evian é uma pequena cidade da França, de 2400 habitantes, situada sobre a margem do lago Lemán. O clima é brando, o ar salubre e a situação maravilhosa; goza-se ali da vista magnifica do lago. Tres fontes são utilizadas no estabelecimento, a fonte *Cachat*, a fonte *Bonnevie*, e a fonte *Guillot*; todas surgem ao pé de um outeiro calcareo. Sua composição é quasi a mesma. A agua é fria, 9º a 12º centigrados. O cheiro é nullo assim como o sabor, é limpida e transparente. Contém por litro 50 a 53 centigrammas (10 grãos) de saes alcalinos que são, segundo a analyse, feita em 1870 por Brun, chimico de Genebra: bicarbonato de potassa, de soda, de ammoniaco, de ferro, de cal, de magnesia; chlorureto de sodio, acetato de cal, sulfato de magnesia; alumina, silica, phosphato de soda, glairina;—gaz oxygeneo, azoto, acido carbonico livre.

O estabelecimento, situado no centro da cidade e agradavelmente disposto ao redor de um pateo plantado de arvoredo, comprehende 3 bicas que fornecem agua para beber, 27 gabinetes de banhos, e uma installação hydrotherapica completa, com duchas de varias especies, servida por pessoas intelligentes e experimentadas.

A agua de Evian emprega-se em bebida, banhos, duchas, irrigações e lavatorios. A dóse para uso interno varia de 3 a 6 copos por dia; cada copo de 180 grammas (6 onças). Bebe-se de manhã em jejum, depois do almoço; póde tambem beber-se durante a comida com o vinho. O estomago tolera esta agua com muita facilidade. A agua aproveita na gastralgia, areias, catarrho vesical, molestias da prostata, do figado e na inflammação chronica do utero. Transportada não se altera; póde ser bebida com vinho ao jantar, nas mesmas affecções como na fonte.

O estabelecimento balnear possui um vasto e bello hotel; além d'isso os banhistas podem achar em Evian muitos outros hoteis, onde ha bom tratamento e todos os cuidados necessarios, a preço razoavel.

A 2 kilometros de Evian, acha-se uma localidade chamada

Amphion, que contém uma fonte ferruginosa que eonstitue um util adjuvante para os hospedes de Evian. Esta fonte, empregada em bebida, possui as propriedades das aguas ferruginosas; alimenta, na sua temperatura nativa (41° centigrados), uma piseina d'agua corrente, que tem uteis applicações no tratamento da chlorose e da anemia.

EXANTHEMA. Dá-se este nome a um grupo de molestias, cujo caraeeter commum é vermelhidão mais ou menos viva desaparecendo momentaneamente pela pressão do dedo, e existindo sem vesiculas, papulas nem tuberculos. Reunem-se sob o nome de exanthema, o erythema, a crisyipela, a urticaria, o sarampo, a roseola e a escarlatina.

EXCANDESCENCIA. Esta palavra é ás vezes empregada para designar a prisão do ventre. (*Veja-se* esta palavra). Mas chama-se tambem excanescencia um estado morboso geral caracterizado por sêde, ealor na cabeça, insomnia, dureza do ventre, ourinas vermelhas, pernas e braços moídos ou sêde. É preciso ao principio reeorrer aos pediluvios eom mostarda, clysteres de linhaça, e ás bebidas refrigerantes, taes como limonada de limão, de laranja ou cozimento de cevada; comer saladas, hortaliça, e evitar carnes salgadas e muito temperadas. Se estes meios não produzirem melhoras, convem tomar um purgante brando, tal como 60 gram. (2 onças) de cremor de tartaro, ou 8 gram. (2 oitavas) de magnesia calcinada, dissolvida n'um copo d'agua fria com assucar.

EXCITANTES. *Veja-se* ESTIMULANTES.

EXCORIAÇÃO. *Veja-es* ESFOLADURA.

EXERCÍCIOS. Os exercicios do corpo atalhão não sómente os desarranjos da saude, mas coneeorrem tambem para o curativo de muitas molestias. Os effeitos varião conforme o exercicio fôr mais ou menos violento, mais ou menos prolongado, ou fôr comunicado por um agente exterior, etc.

O exercicio moderado favorece o appetite e activa a digestão. O individuo que se entrega a um exercicio habitual tem necessidade e goza ordinariamente de um somno reparador. O exercicio, sobretudo quando tem algum intuito, algum interesse, como a caça, a cultura de uma horta, os trabalhos mecanicos, etc., produz grande influencia sobre as paixões, que aealma, e sobre o pensamento, cuja actividade diminue. Segue-se d'ahi que o melhor meio de destruir os effeitos nocivos que ocaasionão frequentemente os excessos intellectuaes e moraes consiste n'um exercicio moderado. Quantas pessoas não ha hystericas, melancolicas, etc., que devem a sua cura a um genero de vida mais activo que lhes foi aconselhado, ou que a fortuna as obrigou a seguir!

Se o exercício moderado tem effeitos vantajosos sobre o organismo, o que se faz com excesso, independentemente da sensação penosa que produz, póde desarranjar diversas funcções e até determinar uma molestia. O repouso passageiro dos órgãos é necessario para uma acção nova: dá tempo de reparar as forças.

A falta de exercício tem effeitos debilitantes sobre a constituição; produz uma sensibilidade extraordinaria, tendencia á exaggeração de todas as impressões, primeiro gráo d'essas affecções nervosas, tão frequentes nas pessoas que se entregão ao luxo e á molleza. A falta de exercício é tambem considerada como uma das causas mais poderosas da tísica pulmonar.

Vamos agora passar em revista os diversos exercicios. São mui variados; dividem-se em activos, passivos e mixtos.

1º EXERCÍCIOS ACTIVOS. Os exercicios activos são aquelles em que o nosso corpo se move por si, todo ou em parte, mas sendo sempre o unico agente do movimento. Examinemos alguns d'estes exercicios.

O **andar**. Consiste o effeito do andar em augmentar a contractilidade muscular, acelerar a circulação e a respiração, e dar a todos os órgãos brandos abalos favoraveis á sua acção. O andar em terreno plano é um exercicio que se póde fazer com vantagem depois da comida. Convem aos convalescentes, aos quaes os exercicios fortes não são permittidos. Não é proprio para fazer poderosa diversão ás ideias dos melancolicos; póde, pelo contrario, aggravar-lhes os soffrimentos, permittindo-lhes entregar-se ás preocupações que os atormentão, e por consequente lhes é mui contrario.

A **dansa**. A danza, para ser util á saude, não deve ser executada immediatamente depois da comida, nem prolongar-se durante toda a noite e em lugares pouco espaçosos relativamente ao numero das pessoas. A danza é o exercicio das senhoras; contrapesa os effeitos nocivos de suas occupações sedentarias: é aconselhada como meio proprio de contribuir ao estabelecimento do fluxo catamenial. Este exercicio dá aos homens que fazem d'elle seu emprego, formas que se approximão muito ás das mulheres. Com effeito, os dansarinos de profissão tem os musculos das pernas, das coxas e da parte inferior do tronco, fortemente desenvolvidos, os das extremidades superiores o são muito menos; o peito, as espadoas parecem estreitos e apertados.

O **correr** desenvolve os membros inferiores e o apparelho respiratorio. Este exercicio só convem aos adolescentes; não deve ser praticado depois da comida, e sendo violento póde occasionar escarros de sangue, aneurisma do coração e outros accidentes.

Caça. A caça foi considerada por todos os povos como um dos exercicios mais uteis, e mais proprios a desenvolver os sentidos e o organismo inteiro. O caçador, continuamente exposto a todas as intemperies das estações, adquire a faculdade preciosa de ser insensivel ás suas influencias. O seu appetite está sempre apto, a digestão é activa e completa. O exercicio da caça pareceo a alguns autores um meio efficaz para extinguir as penas do amor. O homem que se entrega a este exercicio fica quasi reduzido ás paixões de homem isolado; não conhece a ambição, a inveja e a avareza. Os órgãos locomotores, isto é, os musculos, recebem principalmente uma influencia feliz por este exercicio. Entretanto, a caça nem sempre deixa de ter inconvenientes. Nem todos os individuos são proprios a resistir ás intemperies do ar, e muitos contraem molestias chronicas. Algumas maneiras de caçar são principalmente nocivas. Assim, sendo ás vezes o caçador obrigado a atravessar lugares pantanosos, e até a permanecer n'elles, é frequentemente affectado de rheumatismos ou sezões. O que fica immovel, ousando apenas respirar para poder apanhar a presa, recebe toda a acção de um ar humido ou quente, sem que lhe seja possivel subtrahir-se a seus effeitos.

Esgrima. A esgrima é um dos exercicios modernos que mais energeticamente obrão sobre os musculos e sobre os outros órgãos. Desenvolve principalmente os musculos dos membros, dá notavel extensão á cavidade thoracica, e augmenta a actividade dos pulmões. A esgrima exerce a vista, e tem alguma influencia sobre o desenvolvimento da subtiliza. Este exercicio não deve ser praticado depois da comida.

O nadar. É este exercicio o mais util e agradavel que se póde fazer. Impede as perdas da transpiração e permite um exercicio muito activo, que não se poderia executar sem que houvesse essa transpiração. É, por consequinte, um dos recursos mais preciosos contra a acção destruidora do calor. Mas os bons effeitos d'este exercicio não sómente resultão da acção que tomão os musculos; procedem tambem da temperatura fria do fluido em que elles se movem. Este genero de exercicio convem principalmente ás crianças debeis e ás que são ameaçadas de rachitismo. Ha uma maneira de nadar em que os braços sahem alternativamente da agua. Esta maneira fortifica muito mais efficazmente a constituição do que o modo ordinario. Este exercicio não póde ser feito em todo o tempo e a qualquer hora. Depois das tempestades a agua, contendo grande numero de substancias organicas em decomposição, contrahe as qualidades nocivas dos pantanos. E por isto tem-se observado que o banho, tomado n'essas circumstancias,

ocasiona frequentemente febres intermittentes. É prudente não se metter na agua antes de estar a digestão inteiramente acabada. Ao meio dia não é boa occasião par nadar : as horas mais convenientes são de manhã antes da primeira comida , ou á tarde antes da ultima.

Grande numero de jogos gozão das mesmas vantagens que os exercicios activos de que acabei de fallar. A bola, a pella, o palamallo, o volante, o bilhar, o jogo de corda, etc., são d'este numero. Alguns podem ser praticados pelas senhoras; taes como o volante. É o unico que os nossos costumes mui delicados lhes permitem. Dão ao corpo direitura e graça, ao juizo justeza, á vista precisão. O seu uso é geralmente recommendado.

2º EXERCICIOS PASSIVOS. N'estes exercicios não é a contracção de um ou de muitos musculos que põe em acção os outros orgãos; são abalos communicados por uma força estranha, exterior, que determinão os movimentos de todas as visceras. A digestão, que se perturba pelos exercicios activos, faz-se pelo contrario com maior facilidade durante os exercicios passivos : entretanto, ha pessoas que não podem, sem incommodo, andar de sege depois de jantar. De todas as funcções organicas, a que sente a maior influencia dos exercicios passivos é a exhalção gordurosa, e geralmente a nutrição de todas as visceras. Assim, observa-se que as pessoas que andão habitualmente de sege são dotadas de extrema gordura. Passemos em revista os exercicios passivos mais importantes.

Passeios de sege. Este exercicio é tonico e pouco excitante, assim como o maior numero dos exercicios passivos, dos quaes este deve ser considerado como o prototypo. Convem, por conseguinte, ás pessoas fracas que não podem supportar outros mais activos; aos convalescentes, ás senhoras, ás pessoas idosas, ás crianças e aos individuos cuja constituição fôr caracterizada pela fraqueza dos diversos apparatus; mas será util que se dêm aos exercicios activos logo que suas forças o permittão.

Navegação. A navegação, considerada como movimento communicado, não tem sobre a economia tão grande influencia como o passeio de sege. A navegação não é propria, como exercicio passivo, para desenvolver e para aperfeçoar o organismo. A bella constituição, que observamos nas pessoas do mar, não depende do movimento passivo communicado pelo navio, mas sim do genero de exercicios activos que fazem, exercicios que dirigem a sua influencia sobre os braços e o peito, e que são tão vantajosos para desenvolverem uma saude robusta, grandes forças musculares e bellas fórmãs. Se a navegação, considerada indepen-

dentemente dos exercicios activos que fazem os marinheiros, não tem grande influencia sobre o aperfeiçoamento da constituição no estado de saude, tem comtudo sido gabada como um meio curativo nas diversas affecções cerebraes, monomaniacas, etc. Primeiramente o enjôo do mar é um perturbador assaz poderoso em uma affecção mental. Depois vem as impressões que actuão sobre o cerebro, e que são mui fortes meios nas monomanias, quando o doente não tem viajado por mar, e que a viagem não deve ser de lónga duração. Tudo então é novo para elle : a agitação das vagas, os gritos dos marinheiros, as evoluções e as manobras que se fazem a bordo, e o espectáculo tão grandioso do mar, são outras tantas impressões novas que transportão o navegante em um novo mundo, e fazem diversão á serie de ideias fixas de que se occupava. Estes effeitos serão ainda mais pronunciados se a tranquillidade da navegação fôr perturbada por algumas tempestades. As commoções que estas produzem obrigão o monomaniaco, o mais profundamente affectado, a deixar o objecto que o domina habitualmente, para prestar attenção ás scenas terriveis que o rodcião.

3º EXERCICIOS MIXTOS. Estes exercicios participão dos dois precedentes. Compõem-se de abalos dados por uma força exterior e de esforços espontaneos. Devem por esta razão, gozar das propriedades de uns e de outros, e ao passo que um ou outro predominar, serão tambem mais ou menos tonicos, mais ou menos excitantes. Estes exercicios podem ser combinados, como os precedentes, de maneira que sirvão de transição de uns a outros. A esta classe de exercicios pertence principalmente a equitação : vou occupar-me d'ella.

Equitação. O exercicio a cavallo é extremamente salutar quando é feito ao ar puro, sobre as margens de um rio, sobre risonhos outeiros, ou planicies ferteis. O prazer e as distracções que occasiona, o tornão mui proprio para destruir os effeitos das paixões, e serve a dar descanso ao cerebro fatigado por longas meditações; é, por consequencia, um precioso recurso para distrahir os melancolicos e litteratos. A equitação é tambem mui favoravel ás senhoras pallidas, cuja menstruação é irregular ou foi supprimida. Uma hora de pequeno galope todas as tardes, na época das regras, dispõe o sangue a dirigir-se para o lado do utero, e ajuda consideravelmente o tratamento geral : se o galope incommodar, póde-se principiar mettendo o cavallo a passo. Os effeitos d'este exercicio são mui sensiveis na debilidade geral : a disposição escrophulosa é sobretudo extremamente modificada, e póde-se dizer o mesmo da tísica no principio. Não se deverá entretanto andar a cavallo se sobrevierem escarros de sangue. É necessario

tambem abster-se da equitação nos casos de quebraduras que não podem ser facilmente contidas, nas aneurismas, nas affecções dos órgãos genito-urinarios, e em geral nas em que se manifestão dôres mais ou menos vivas; é, pelo contrario, mui recommendada como tonico nas convalescências das febres graves e de todas as molestias prolongadas que tem enfraquecido o organismo.

Não é indifferente para todos os individuos o exercicio da equitação a todas as horas do dia, nem a maneira de levar o cavallo. Póde-se levar a passo depois da comida; mas poderia resultar algum inconveniente de o conduzir a trote, principalmente alguns cavallos que tem este andar extremamente fatigante. O trote deve ser preferido quando forem precisas commoções consideraveis. O galope causa um movimento mui brando e agradável: póde dizer-se o mesmo do meio-galope, o qual nenhum abalo produz. Pretendêrão os antigos que o uso de andar a cavallo produzia a atrophia das partes da geração, e que tornava os homens improprios para essa importante funcção. Hippocrates diz ter feito esta observação nos Scythas. A maneira como esses povos andavão a cavallo podia talvez dar lugar a esse desagradavel resultado, que os medicos modernos tem entretanto posto em duvida; o certo é que não observamos isto nas pessoas que por estado são obrigadas a andar a cavallo grande parte de sua vida, como sejam os boleiros e os militares. As pessoas que se dão á equitação devem trazer, durante este exercicio, um suspensorio para preservar os testiculos dos choques repetidos sobre a sella.

Os differentes exercicios não sómente são uteis no estado de saude, como tambem mui vantajosos nas differentes molestias, taes como alporcas, rachitismo, escorbuto, opilação, fraqueza que succede depois das hemorragias repetidas, na convalescência das molestias graves, e em geral em todas as affecções caracterizadas pela inercia e languidez das funcções. Os doentes devem ter cuidado de proporcionar o esforço ás suas forças, evitando toda a fadiga excessiva e observando certa gradação nos exercicios. Aos meninos, aos vellos languidos, ás moças enfraquecidas por uma vida mui sedentaria, e a todos os individuos em alto gráo debilitados, convem a principio os exercicios passivos, como os de sege e balanços; e entre os exercicios activos, as differentes especies de marcha, a equitação; os esforços moderados das extremidades superiores, associados ou não aos movimentos das extremidades inferiores, como os jogos do volante, da bola, da pella, do bilhar, a esgrima, a acção de remar, os trabalhos de horta; os differentes exercicios gymnasticos, como a sustentação de corpos mais ou menos pesados; a tracção como a que se exerce sobre as cordas

de polés para levantar pesos, a suspensão pelas mãos n'um páo horizontal fixo, etc. Quando as forças estão mais desenvolvidas, ajuntão-se a estes exercicios as differentes sortes de carreiras e de saltos, as diversas maneiras de trepar por escadas, por mastros verticaes ou inclinados, lisos ou com cavilhas, por cordas, a suspensão por duas barras de madeira parallelas, a marcha com as mãos ao longo de uma corda ou de uma barra horizontal, a luta, os esforços para mover ou para atirar corpos pesados, a natação, etc. Varião-se, n'estes jogos, as attitudes e os movimentos de maneira que todos os musculos possam ser exercidos. Pelo uso bem dirigido d'estes meios, as forças augmentão, o appetite renasce, as digestões aperfeiçoão-se, a tez toma côr e frescura, o sangue repara-se; favorece-se o desenvolvimento do peito, e previne-se ás vezes a formação da tísica nos individuos que são dispostos a esta grave affecção. A utilidade da gymnastica fez crer a alguns philathropos que ella devia entrar no plano de educação da mocidade; e em muitos collegios ha mestres de gymnastica. D'esta maneira, todos os dias os alumnos praticão differentes exercicios que fortificão poderosamente a sua constituição. *Veja-se* ORTHOPEDIA.

EXOSTOSE. Tumor osseo desenvolvido na superficie de um osso. A exostose depende as mais das vezes da affecção syphilitica; mas póde tambem ser ocasionada pelas escrophulas, rachitismo e gota. As exostoses syphiliticas cedem ordinariamente a um tratamento anti-syphilitico interno e ás applicações de um emplasto chamado de *Vigo*. *Veja-se* SYPHILIS.

EXPECTORAÇÃO. *Veja-se* ESCARROS.

EXPECTORANTES. Dá-se o nome de *expectorantes* a certos medicamentos estimulantes que exercem acção especial sobre a membrana mucosa do apparelho pulmonar; e favorecem a expulsão das materias contidas nos canaes bronchicos. São os seguintes: polygala amarga, inula campana, poaya em pequena dóse, scilla, hysopo, hera terrestre, violas, balsamo de Tolu, balsamo peruviano, terebinthina, alcatrão, kermes mineral, tartaro emetico.

EXTASE. A extase é um estado no qual uma pessoa, entregue totalmente a uma ideia dominante, fica immovel e estranha a tudo quanto a cerca. Archimedes, que, proseguindo a solução de um problema de geometria, é surdo ao tumulto de uma cidade entregue ao saque, e Socrates que n'uma meditação profunda fica immovel durante um dia, exposto ao calor de um sol ardente, são extaticos.

Os individuos em extase offercem, como phenomenos communs, a suspensão dos movimentos voluntarios e do exercicio dos sentidos; mas as expressões faltão para descrever as sensações

puramente cerebraes que experimentão. Uns tem a sensação de felicidade ineffavel, de beatitude celeste; muitos tem hallucinações dos sentidos. No accesso extatico, a pessoa sentada, em pé ou ajoelhada, tem os olhos abertos e fitos, ordinariamente dirigidos ao ceo; o rosto pallido, a bocca semi-aberta: é insensivel, immovel, e, ás vezes como na catalepsia, as pernas e os braços conservão a posição que se lhes dá. O accesso acaba depois de duração variavel. Os doentes queixão-se de fraqueza, de fadiga; estão mui abatidos; algumas senhoras tem oppressão no peito e chorão abundantemente como depois do accesso de hysterismo. Estes ataques reproduzem-se mais ou menos frequentemente.

A vida contemplativa e religiosa, a meditação sobre ideias abstractas na solidão, no meio das privações e do jejum, são as causas da extase. A molestia observa-se nas pessoas ferventes, e cujo espirito se dirige continuamente ás coisas celestes.

Tratamento. Para curar a extase, é preciso alimentar e fortificar os extaticos, afasta-los momentaneamente do objecto das suas meditações, abstractas ou religiosas. Durante o accesso, convem applicar sinapismos nas pernas, borrifar o rosto com agua fria, applicar na testa pannos molhados em agua fria, dar a cheirar vinagre, agua de Colonia ou alcali volatil.

EXTINCCÃO DA VOZ. *Veja-se* Voz.

EXTRACTO. Dá-se o nome de extracto ao producto de evaporação até á consistencia molle, firme ou secca, de um succo natural ou da solução obtida de alguma substancia vegetal ou animal, com um vehiculo tal como a agua, o alcool, o ether, e raras vezes com vinho e vinagre. Os extractos molles, que se fazem com succos de certos fructos, são mais particularmente chamados *arobes*.

Extracto de Saturno. Synonymo de sub-acetato de chumbo liquido. Liquido quasi de consistencia de xarope. *Veja-se* CHUMBO.

F

FACADA. *Veja-se* FERIDAS.

FALLA (PERDA DA). *Veja-se* VOZ (PERDA DA).

FALTA DE LEITE NAS AMAS. *V* vol. I, pag. 139.

FALTA DE MENSTRUACÃO. *Veja-se* MENSTRUACÃO.

FARCIN. Dá-se este nome a uma molestia do cavallo, tendo a marcha aguda ou chronica, caracterizada sobretudo por tumores

multiplos sobre o trajecto dos vasos e ganglios lymphaticos, tumores que suppurão e cuja materia inoculada reproduz ou molestia identica, ou symptomas de mormo agudo. O farcin, com effeito, tem o mesmo virus, a mesma contagação que o mormo; se ha alguma differença entre as duas molestias, esta differença existe só na séde; com effeito, no mormo a lesão das fossas nasaes é constante, entretanto que falta no farcin.

O farcin póde transmittir-se do cavallo ao homem pela introdução da materia purulenta n'uma arranhadura, n'uma esfoladura, e eis-aqui os symptomas que apparecem, conforme a natureza da molestia, *aguda* ou *chronica*.

Farcin agudo. *Symptomias.* Varião os symptomas segundo que o farcin principia pelos phenomenos locaes ou geraes.

No *primeiro caso*, quando a molestia é produzida por inoculação directa, a ferida pela qual foi introduzida a materia virulenta não se cicatriza, e em pouco tempo transforma-se em ulcera: os vasos lymphaticos vizinhos engrossão e tornão-se dolorosos. Ao cabo de pouco tempo, sobrevem inchações sobre o trajecto d'estes vasos, e depois verdadeiras postemas.

A inoculação póde limitar os seus effeitos a estes symptomas locaes. A inflammação local, acompanhada de desordens geraes moderadas, termina quer pela cura, quer passa ao estado chronico, e as mais das vezes dá lugar a abcessos que se abrem, se ulcerão, e se reproduzem com desesperante tenacidade. Mas se o pus farcinoso fôr mui virulento, os accidentes locaes são seguidos de infecção promptamente mortal.

Quando o farcin *principia por phenomenos geraes*, o enfermo experimenta leves calefrios, dôr de cabeça, fastio, nauseas, um sentimento de fraqueza geral, insomnia, ás vezes delirio e dôres violentas nas juntas, nas pernas e no pescoço. Apparece a febre; o pulso é forte, a pelle quente, a lingua secca, as ourinas poucas e sedimentosas.

A segunda phase do farcin agudo é constituida pela generalização das collecções purulentas. Passados alguns dias, formão-se, sobre diversas partes do corpo pequenos tumores molles, pouco salientes e levemente dolorosos; estes tumores, que se tornão de um rubro violaceo, não tardão a abrir-se, e deixão escorrer em pequena quantidade um pus sanguinolento e glutinoso. Ás vezes estes abcessos terminão pela gangrena. Ao mesmo tempo verdadeiros abcessos phlegmonosos invadem o tecido cellular.

Depois de um tempo que varia de uma a quatro semanas, uma erupção cutanea, que foi comparada á da vaccina, apparece sobre muitos pontos; são pequenas elevações assaz salientes cercadas

de areola rubra, semelhantes a frunchos; transformão-se em abcessos e depois em ulceras. O numero d'estes botões pôde ser consideravel; forão encontrados, no mesmo doente, nas palpebras, nariz, beiços, peito, axillas, nos braços e pernas.

A morte pôde sobrevir nos primeiros dias, mas as mais das vezes tem lugar na terceira semana. Existem, porém, alguns exemplos de cura.

Farcin chronico. O farcin é muito mais frequente no estado chronico do que no estado agudo. Na primeira fórma pôde mostrar-se debaixo de tres aspectos: 1º *engurgitamento farcinoso chronico dos vasos lymphaticos*; 2º *ulcera farcinosa*; 3º *farcin propriamente dito*.

A marcha da molestia é em geral lenta. Dura ás vezes de dois a tres annos.

1º O ENGURGITAMENTO FARCINOSO CHRONICO succede muitas vezes ao agudo. Ás vezes o farcin local é chronico desde o principio, e toda a molestia pôde ser limitada a riscos violaceos, a indurações sobre o tracto dos vasos lymphaticos, acompanhados do engurgitamento pouco doloroso dos ganglios correspondentes. Estes tumores são lentos na sua evolução, e abrem-se produzindo fistulas muitas vezes inesgotaveis. Os symptomas geraes podem ser nullos ou consistir em abatimento mais ou menos profundo; alguns accessos de febre apparecem nos intervallos irregulares.

A duração d'estes accidentes é sempre mui longa, e a cura é a terminação habitual.

2º **ULCERA FARCINOSA.** N'este caso não ha nem inchação nem abcesso sobre o corpo. A ulcera fecha-se e abre-se alternadamente. A cura pôde ter lugar.

3º **FARCIN PROPRIAMENTE DITO.** O doente queixa-se de lassidões, de dôres vagas, de fastio. As forças diminuem, a febre é moderada no começo. Estes phenomenos persistem durante um mez ou seis semanas, com dôres nos musculos e articulações, caimbras nas barrigas das pernas e antebraços. Os abcessos podem ser phlegmonosos acompanhados de symptomas inflammatorios, ou frios e indolentes; estes são sempre superficiaes e podem persistir durante mezes se o cirurgião não os abrir; aquelles são profundos e abrem-se promptamente de per si. Estas diversas collecções purulentas desapparecem ás vezes rapidamente, e depois tornão a apparecer. A abertura espontanea ou artificial fica fistulosa as mais das vezes.

Á medida que os tumores e os abcessos se multiplicão, a constituição altera-se, o emmagrecimento torna-se extremo, a pelle secca e amarellada, o rosto triste e livido, o pulso pequeno,

sobrevem diarrhea, e o doente, chegado ao ultimo gráo de marasmo, não tarda a succumbir. A terminação funesta deve ser considerada como regra geral, apezar de alguns exemplos de cura.

Qualquer que seja o exito do farcin chronico, a duração da molestia é sempre longa; varia de quatro mezes a mais de tres annos; de ordinario é de dez a quinze mezes.

Tratamento. O tratamento do farcin é o mesmo que o do mormo, que é molestia da mesma natureza que o farcin, não differindo d'elle senão por alguns symptomas locais. (*Veja-se MORMO.*)

FARELOS. Cascas ou epidermes das sementes do trigo e dos outros cereaes, quando são separadas pela moedura. Servem de alimento aos cavallos, ao gado, e ás aves domesticas. Misturados com agua formão para os animaes uma bebida nutriente e refrigerante, que se chama *agua branca*. Os farelos não se podem guardar por muito tempo sem fermentarem: devem ser consumidos promptamente.

FASTIO. O fastio é um symptoma que se encontra no maior numero das molestias agudas. Tambem tem lugar em algumas molestias chronicas e na gravidez. No estado de saude, a diminuição da fome sobrevem frequentemente nos individuos fracos, e particularmente nas mulheres nervosas e que passão vida sedentaria. A imaginação exerce poderosa influencia sobre o appetite, pois que os trabalhos de gabinete, as meditações profundas, as occupações sérias ou agradaveis, as paixões fortes, de qualquer natureza que sejam, diminuem a vontade de comer. As bebidas mornas e relaxantes, e o uso habitual do opio, occasionão tambem a perda d'esta sensação.

Tratamento. Para fazer desaparecer o fastio, é preciso remover as causas que o occasionarão. Assim, depois do emprego da dieta, que é n'este caso rigorosamente indicada, convem suspender os trabalhos de gabinete, quando a falta de appetite procede de meditações profundas; fazer exercicio, ou ao menos declamar e ler em alta voz, quando depende de vida sedentaria; passeiar ao ar livre, usar de banhos frios, entregar-se ao exercicio da natação; e se a falta de appetite fôr causada por pezares ou alguma outra paixão, convem buscar os meios de esquecê-la; emfim, tratão-se as molestias de que o fastio é um symptoma.

O fastio que existe com amargor da bocca sem febre, exige um vomitorio de poaya. Eis-aqui algumas receitas contra o fastio:

Pós estomachicos.

Rhuibarbo em pó.	8 grammas (2 oitavas)
Canella em pó	4 grammas (1 oitava)
Assucar	2 grammas (1/2 oitava).

Misture e divida em 6 papeis. Toma-se um papel por dia, em meia chicara d'agua fria, uma hora antes do jantar.

Outros pós estomachicos.

Rhuibarbo em pó.. 4 grammas (1 oitava)

Aloes em pó 2 grammas (1/2 oitava).

Misture e divida em 6 papeis. Toma-se um papel por dia, da mesma maneira que os pós precedentes.

Mistura tonica.

Tintura de aloes. 15 grammas (1/2 onça)

Alcoolato de hortelã. 15 grammas (1/2 onça).

Misture. Toma-se uma colher *de chá*, em meia chicara d'agua fria com assucar, uma vez por dia, uma hora antes do jantar.

FAVA. Semente da faveira, planta da familia das Leguminosas cultivada no Brasil e em Portugal, de que existem muitas variedades, e cujas sementes são alimentares. A faveira ordinaria (*Faba vulgaris*, De Candolle) tem 1 metro de altura, folhas aladas compostas de 4 a 6 foliolos, flores brancas com uma nodoa preta, de cheiro agradável; vagens oblongas, roliças, um tanto comprimidas, contendo 2 a 4 sementes (favas) grandes e oblongas, de gosto pronunciado. As favas comem-se verdes ou seccas; das seccas as tripulações fazem grande consumo nas viagens maritimas. É um alimento nutriente, mas um pouco indigesto. Nas roças misturão ás vezes a farinha de favas com a de trigo, para fazer pão. Em medicina, a farinha de favas é empregada ás vezes para fazer cataplasmas que se applicão nos tumores. Os talos, as folhas e as flores da faveira dão-se a comer ao gado; as sementes constituem tambem um bom alimento para as vaccas.

FAVA DE CALABAR. Semente da *Physostigma venenosum*, Balfour, planta trepadeira e venenosa da familia das Papilionaceas, que habita na região occidental da Africa. Fig. 242. Esta semente ou fava goza da singular propriedade de produzir a contracção da pupilla. Uma gotta de solução de extracto de fava de Calabar em glycerina, introduzida com um pequeno pincel entre as duas palpebras, determina, passados alguns minutos, a contracção da pupilla, que chega ao seu maximo gráo no espaço de quinze a vinte minutos, a ponto de ter a pupilla apenas meio milimetro de diametro. A contracção cessa no espaço de 15 a 20 horas, e vinte e quatro horas depois a pupilla torna ao seu



Fig. 242. — Fava de Calabar.

estado primitivo. A propriedade que a fava de Calabar possui de contrahir rapidamente a pupilla, pôde ter alguma applicação no tratamento de certas molestias dos olhos, taes como a procidencia do iris pela abertura accidental da cornea transparente, a dilatação permanente da pupilla que apparece em algumas amauroses, etc.

FAVA PICHURIM. *Veja-se PICHURIM.*

FAVA TONCA. *Veja-se CUMARÚ.*

FAXA DO TRONCO. *Veja-se LIGADURA.*

FEBRE EM GERAL. Esta palavra exprime a acceleração das pancadas do pulso e um augmento na temperatura natural do corpo, provocados sympathicamente pela irritação de algum órgão. Esta irritação é umas vezes apreciavel aos nossos sentidos, *verbi gratia* : uma larga queimadura, uma erupção cutanea, uma erysipela, uma ferida, etc.; outras vezes revela-se por certos signaes que annuncião que este ou aquelle órgão sente perturbação em suas funcções : isto acontece na inflammação do pulmão, do cerebro e dos outros órgãos internos; outras vezes, emfim, não existe perturbação particular nas funcções de algum órgão especial, mas todos são affectados, e os movimentos do pulso são accelerados n'este caso como nos precedentes. O sangue mesmo pôde achar-se em taes condições, que os tecidos em que circula experimentem, pelo unico facto de seu contacto, uma mudança mais ou menos rapida no modo de vitalidade : a febre pôde resultar, por conseguinte, de certas condições em que se achar o sangue. Vê-se, pois, quantas causas diversas podem dar lugar a este phenomeno. A febre, em geral, é quasi constantemente precedida de um estado de ancia e de diminuição das forças. Muitas vezes existem dôres de cabeça e nos membros. O appetite cessa, ás vezes nauseas e vomitos se fazem sentir : as mais das vezes existe sêde; a lingua fica mais ou menos carregada, a pelle quente, o rosto animado, o pulso acelerado. Observão-se tambem frequentemente agitação e insomnia. Emquanto a febre persistir, é signal de que a desordem organica, que lhe deu motivo, ainda não cessou. Se augmentar, prova que a lesão organica, que a occasionou, augmenta de intensidade, e por isso mesmo annuncia grande crescimento da molestia; se diminuir gradualmente, deve concluir-se que a causa morbida cessou de obrar.

Conforme a terminação favoravel ou desfavoravel que promette a molestia, os phenomenos da febre serão differentes. Em geral, no primeiro caso, observão-se os phenomenos seguintes; a agitação, insomnia, sêde, e o calor, diminuem; o pulso perde a frequencia e força, as funcções digestivas, até então suspensas, principião a

restabelecer-se, e logo, o organismo entra em suas funcções naturaes. No segundo caso, isto é, se a terminação deve ser desfavoravel, os phenomenos febrís seguem marcha diversa. O pulso accelera-se cada vez mais, e á proporção que se accelera perde a força, a fraqueza do doente augmenta, o somno é agitado, frequentemente interrompido, a intelligencia diminue ou se perverte, os sentidos perdem-se. Observão-se então convulsões, vomitos, a excreção involuntaria ou a retenção das ourinas, e dejeccões alvinas. Emfim, o calor diminue, o pulso torna-se rapido e tão fraco que apenas se sente; o doente succumbe.

As febres apresentam grandes differenças relativamente á sua natureza, marcha e terminação. Umas manifestão-se de uma maneira contínua, emquanto que outras, depois de se declararem, cessão e tornão a apparecer com intervallos; de tal sorte que as alternativas de reaparecimento e cessação exccutão-se em tempos regulares, ou pouco mais ou menos regulares; aquellas chamão-se *febres continuas*, estas *febres intermittentes*.

O número das febres é bastante grande, como se póde julgar pelas descripções que seguem.

Febre adynamica. Alguns medicos empregão ainda esta palavra para designar um estado febril acompanhado de debilidadade extrema, pulso mui fraco e frequente, secura da bocca, e ás vezes delirio. Este estado observa-se n'uma das fórmulas da febre typhoide. *Vejase* FEBRE TYPHOIDE.

Febre algida. Febre intermittente, perniciosa, na qual o doente sente um frio glacial e contínuo. *V* FEBRE INTERMITTENTE PERNICIOSA.

Febre amarella. Esta molestia é particular a certos paizes quentes; reina nas Antilhas, Nova Orleans, e em algumas outras regiões intertropicaes. É caracterizada pela côr amarella da pelle e pelos vomitos pretos, e por causa d'estes symptomas principaes designa-se pelo nome de *febre amarella* ou de *vomito preto*. A febre amarella não era conhecida no Rio de Janeiro antes de 30 de dezembro de 1849, dia em que pela primeira vez se manifestou n'esta grande cidade, tendo já apparecido na Bahia dois mezes antes. É verdade que já tinha grassado em Pernambuco no anno de 1684; mas esta data antiga estava riscada da memoria, e os medicos do Rio de Janeiro duvidavão tanto do apparecimento da febre amarella no Brasil, que, quando esta molestia se declarou no anno de 1849. a designavão a principio com os nomes de *febre grave*, *febre com symptomas cerebraes*, *febre typhoide*, *febre reinante*, etc.; e só alguns dias depois da existencia da epidemia, é que forão obrigados a confessar que era a febre amarella. Esta

epidemia mostrou-se, como já disse, primeiro na Bahia no mez de outubro de 1849, no Rio de Janeiro no fim de dezembro do mesmo anno, em Pernambuco e no Pará no fim de janeiro de 1850. Invadio tambem as provincias da Parahyba, Sergipe e Alagoas, e na provincia de S. Paulo a cidade de Santos.

Os lugares habituaes da febre amarella erão até agora as Antilhas e a Nova Orleans. Esta molestia era rara na America Meridional. Na Europa mostrou-se nas costas da Hespanha, da Italia, de Portugal, e talvez em Rochefort em França. Em 1821, reinou em Barcelona; em 1828 e em 1832, em Gibraltar; em 1857, em Lisboa e nas outras cidades do reino de Portugal. Na Africa, só foi encontrada na costa do Senegal e na Serra Leoa. O Dr. Moreau de Jonnes contou, desde os ultimos annos do XV^o seculo até ao anno de 1819, 274 epidemias de febre amarella, divididas da maneira seguinte: 227 na America, 4 na Africa e 43 na Europa. As 227 epidemias da America repartem-se mui desigualmente são: 116 para as Antilhas, 92 para a America Septentrional, e só 19 para a America Meridional. A latitude boreal mais elevada em que foi vista é de 46 grãos em Quebec, no Canadá.

No Rio de Janeiro a primeira epidemia durou desde o 1^o de janeiro de 1850 até o fim de agosto do mesmo anno. A maior força foi no mez de março. Declarou-se primeiro a bordo da barca *Navarre*, procedente da Bahia, e nos navios que se achavão mais aproximados d'essa barca; depois invadio quasi toda a cidade, havendo casas em que forão acommettidos quasi todos os moradores: em geral, foi benigna e combatida em 3 ou 4 dias pelos sudorificos e evacuantes. A cidade do Rio de Janeiro continha então cerca de 250,000 habitantes: póde-se dizer sem exageração que o numero das pessoas atacadas da epidemia nos primeiros oito mezes do anno de 1850 excedeu de 100,000; e a mortalidade não passou de 3,827, o que equivaie a menos de 4 por cento dos doentes, quando é certo que ha paizes em que este flagello tem ceifado 40 e mais por cento.

Nos pretos a molestia apresentava geralmente menos gravidade, e na minha clinica não vi nenhum d'elles morrer de febre amarella, como tambem não vi a molestia chegar até ao vomito preto n'essa raça. A molestia acommettia gravemente sobretudo os estrangeiros não aclimados: houve proporcionalmente poucas mortes entre os nacionaes residentes constantemente no Rio de Janeiro.

A primeira epidemia da febre amarella durou no Rio de Janeiro, como já disse, oito mezes, desde o 1^o de janeiro de 1850 até ao fim de agosto. Depois houve suspensão da molestia por alguns

mezes; mas a febre amarella tornou a apparecer na estação calmosa do anno seguinte, para desaparecer de novo na época menos quente do anno. Durante os annos seguintes, a molestia apparecia na estação calmosa com mais ou menos intensidade.

Causas da febre amarella. Em todos os lugares em que reina a febre amarella, mostra-se quasi sempre no littoral, e não penetra no interior do paiz, nem se manifesta nos lugares elevados vizinhos do mar. Quaes são por conseguinte as causas que favorecem o seu desenvolvimento? Tem-se accusado o calor: é verdade que a febre amarella habita nas regiões intertropicaes; mas, como disse, não se mostra n'ellas em toda a parte: as Indias Orientaes, a Arabia, a costa oriental da Africa, são isentas d'ella. São miasmas pantanosos? Parece que estes miasmas em muitos casos occasionão a febre amarella, mas nem sempre. A molestia desenvolve-se ás vezes em lugares em que não ha pantanos, e reciprocamente respeita as regiões pantanosas. Digamos entretanto que a proximidade do mar deve ter aqui uma acção bem real, que a febre amarella desenvolve-se sobretudo nas cidades maritimas em que ha pouco aceio; mas escapão-nos muitas circumstancias da formação d'esta molestia.

Apresenta-se aqui uma questão: *Se a febre amarella é contagiosa?* Muitos medicos julgão que a febre amarella só nasce de causas locaes, que a influencia d'estas causas não é susceptivel de ser transmittida além do foco, e que por conseguinte o que a occasiona é rigorosamente o que se chama *infecção*. Quando a epidemia devasta uma cidade do littoral, não se estende ao interior, bem que as communicações não sejam interrompidas, e que os individuos doentes deixem o foco de infecção, para irem morrer nas localidades salubres. Assim, o contagio tal como se entende não tem lugar para a febre amarella, como teria lugar, por exemplo, para as hexigas, molestia eminentemente contagiosa. Sé no seio do foco a febre amarella pareceo ser contagiosa, depende isso de ser difficil isolar a acção de infecção da acção de contagio. É a um medico francez, o Dr. Chervin, e aos esforços em que tem despendido a sua fortuna e estragado a sua saude, que a sciencia e a humanidade devem o resultado que se póde formular da maneira seguinte:

A febre amarella não é contagiosa; é originada pelas causas miasmaticas geraes; por conseguinte as quarentenas e os lazaretos são completamente inuteis contra esta molestia. Com effeito, a rigorosa quarentena que existe no porto de Lisboa para os navios que chegão dos lugares em que reina a febre amarella, não impedio o desenvolvimento d'esta molestia em Portugal no anno de 1857,

ao passo que a molestia não appareceo em Southampton, onde não se observa a quarentena.

Symptomas. A febre amarella apresenta dois periodos bem distinctos :

Primeiro periodo. No meio da mais perfeita saude sobrevem de repente dôr de cabeça com alguns calefrios e abatimento geral, como no incommodo designado geralmente pelo nome de *constipação*; logo depois o calor e mais tarde o suor succedem ao calefrio; a lingua torna-se branca; ha falta de somno; o pulso é forte e frequente; sobrevem dôres no estomago ou nas cadeiras, côxas, pernas, braços e por cima dos olhos; a sêde ás vezes é pouca, outras vezes intensa; a fraqueza é grande e a agitação dos membros tão forte, que os doentes não podem conservar-se socegados na cama, e mudão continuamente de posição: ás vezes existem vomitos biliosos, amarellos; outras vezes, o doente só tem nau-seas. Se a molestia dever terminar pela cura (e é isso o que acontecia no Rio de Janeiro, na epidemia de 1850, quatro vezes sobre cinco), sobrevem um suor geral mui copioso, o pulso volta ao seu estado normal, e o doente acha-se melhor no dia seguinte, queixando-se só de dôres de cabeça e de fraqueza no corpo, que desaparece em poucos dias. Mas se a molestia dever fazer progressos, os symptomas tornão-se mais graves, e então principia o segundo periodo da molestia.

Segundo periodo. No segundo, terceiro ou quarto dia, a pelle toma uma côr amarella, os vomitos tornão-se sanguinolentos, denegridos, e depois *pretos*, semelhantes a chocolate, e depondo pós pretos que se parecem com a borra de café; as dejeccões alvinas tornão-se tambem pretas; o doente sente grande oppressão no peito e dôres na bocca do estomago; as ourinas diminuem de quantidade, e depois supprimem-se completamente; sobrevem hemorragias pelas gengivas, lingua, nariz e anus; a sêde ordinariamente é pouca; ás vezes ha soluços; o pulso torna-se fraco e pouco frequente; no fim manifesta-se o delirio, e o doente succumbe do quarto ao setimo dia, ás vezes mais tarde. — Em outros casos mais felizes, os vomitos parão, todos os symptomas graves diminuem gradualmente de intensidade, e o doente volta á saude depois de uma convalescença mui longa e custosa.

Tratamento. Logo que a molestia se declarar, é preciso provocar a transpiração. Para este fim, convem immediatamente recorrer a um suadouro: o doente tomará um pediluvio com farinha de mostarda, beberá duas ou tres chicaras de chá de sabugueiro ou borragem, e envolverá o corpo em cobertores de lã. Depois de suar durante tres ou quatro horas, tomará 30 grammas (1 onça) de

oleo de ricino, ou 8 grammas (2 oitavas) de magnesia calcinada. Ha doentes que se dão bem com 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) de tartaro emetico tomados n'uma chicara d'agua morna, para provocar os vomitos. Mas nas pessoas em que a molestia principia pelos vomitos, um purgante é mais conveniente do que o vomitorio. Para acalmar a sêde, beberá o doente agua fria, ou limonada de limão. Para mitigar as dôres de cabeça, é preciso applicar na testa pannos molhados em agua fria misturada com vinagre. Este tratamento é sufficiente quando a molestia se limita ao *primeiro periodo*.

No *segundo periodo* da molestia, quando apparecem a côr amarella da pelle e a prostração, é preciso administrar o sulfato de quinina, segundo a seguinte receita :

Sulfato de quinina.. 1 gramma (20 grãos)

Divida em 10 papeis. Administra-se um papel de 2 em 2 horas em hostia, ou n'um pouco de chá da India ou de café.

Acabada toda esta dóse de sulfato de quinina administra-se a poção seguinte ás colheres, uma colher *de sopa* de hora em hora :

Agua distillada de hortelã. 120 grammas (4 onças)

Ether sulfurico... 30 gottas

Xarope de quina 30 grammas (1 onça).

Duas vezes por dia, administre-se o clyster seguinte :

Casca de quina rubra.. 8 grammas (2 oitavas)

Agua 360 grammas (12 onças).

Ferva por meia hora, e cõe.

Appliquem-se sinapismos nas cadeiras, coxas e pernas.

Fação-se fricções pelo corpo com vinagre aromatico.

Sustentem-se as forças com caldos de gallinha ou de carne de vacca, tomados a miudo, mas por pequenas porções. Dê-se tambem um pouco de vinho, e laranja para chupar.

Ha muitos outros medicamentos que são empregados contra a febre amarella, taes são : camphora, valeriana, cato, calomelanos, almiscar, etc. O tratamanto, que indico, parece-me o melhor. Quanto á sangria, não convem na febre amarella, porque n'esta molestia o doente precisa de todas as forças para resistir ao elemento destruidor.

O gaz chloro possui a propriedade de destruir varios miasmas : este gaz constitue tambem o melhor *preservativo* da febre amarella. Para este fim, as pessoas, que habitão em lugares em que reina a epidemia, devem lavar as mãos com solução de chlorureto de cal em agua, ou com agua de Labarraque, e devem espalhar estes liquidos pelos quartos. Convem igualmente espalhar agua phenica.

A febre amarella é pouco sujeita a recabida; quasi sempre o primeiro ataque, mesmo mui leve, põe ao abrigo para o futuro a quem foi d'ella uma vez accommettido.

Febre ataxica. A molestia assim chamada não é senão a fórma grave de certas febres typhoides. *Ataxia*, significa irregularidade na marcha da molestia.

Febre biliosa. Molestia que reina nos paizes quentes, e que é caracterizada pela dôr de cabeça, vomitos, lingua esbranquiçada, sêde e febre.

Causas. Uma alta temperatura reunida á humidade, são duas condições que desenvolvem a febre biliosa, e a tornão endemica em muitas regiões, sobretudo na India na península do Ganges, nas provincias meridionaes dos Estados-Unidos da America e na costa d'Africa. Ataca sobretudo os estrangeiros:

Symptomas. A febre biliosa offerece muitos grãos; parece-se ás vezes pelos symptomas e pouca gravidade, com o embaraço gastrico. (*Veja-se esta palavra.*)

N'uma fórma mais grave (e é esta que se pretende designar quando se falla da febre biliosa), a molestia declara-se subitamente e depois de alguns dias de indisposição. Os individuos ficão então abatidos; tem dôres nas cadeiras, falta de appetite, e experimentão alternativas de frio e de calor. A estes symptomas succedem logo depois um calor ardente por todo o corpo, pulso frequente, dôr por cima das sobrancelhas e na testa, constrangimento no peito, soffrimento mais ou menos vivo na bocca do estomago e no lado direito do ventre. A lingua cobre-se de uma camada branca e amarellada; existe commumente sêde, e vomitos frequentes formados por bilis verde, de que os doentes lanção ás vezes grande quantidade. Ora existe prisão de ventre, ora diarrhea biliosa acompanhada de colicas ou sem ellas; todo o corpo, ou sómente o rosto e as conjunctivas, tem a côr amarellada. As faculdades intellectuaes ficão frequentemente intactas, mas em muitos casos existe somnolencia e delirio: em certas epidemias, este symptoma é mesmo predominante e declara-se com muita violencia desde o principio da molestia. Estes symptomas raras vezes augmentão de uma maneira contínua; as mais das vezes, depois de persistirem, acalmão-se durante algumas horas; esta remissão é marcada por um suor copioso ou por uma leve humidade. Os paroxysmos são ordinariamente quotidianos, ou apparecem duas vezes por dia. Mas ás vezes, á medida que a molestia se prolonga, as remissões são de menos em menos marcadas; a lingua torna-se secca e roxa; o pulso desigual e intermittente; os vomitos são mais amiudados; ha sobresaltos dos tendões do antebraço, delirio, e

a morte sobrevem antes do fim do primeiro septenario, mais ordinariamente no curso do segundo.

Tratamento. Os purgantes fazem a base do tratamento; são: 30 grammas (1 onça) de oleo de ricino, ou 60 grammas (2 onças) de sulfato de magnesia. As bebidas frias, acidulas, taes como a limonada, a laranjada, completão o tratamento. No periodo de prostração administra-se ás colheres a poção seguinte :

Infusão de valeriana..	120 grammas (4 onças)
Tintura de quina ..	8 grammas (2 oitavas)
Xarope de quina	30 grammas (1 onça).

Dóse : Uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

Febre catarrhal. Synonymo de bronchite aguda. Este ultimo nome exprime melhor a natureza da molestia, e indica-lhe a séde. *Veja-se* BRONCHITE.

Febre cerebral. *Veja-se* MENINGITE.

Febre colliquativa. *Veja-se* FEBRE LENTA.

Febre escarlatina. *Veja-se* ESCARLATINA.

Febre gastrica. Dá-se este nome ao embaraço gastrico. (*Veja-se* esta ultima palavra.)

Febre hectica. *Veja-se* FEBRE LENTA.

Febre inflammatoria. Molestia caracterizada pelo pulso forte e frequente, cansaço geral, dôres nos membros, pelle quente, dôr de cabeça e séde. É quasi a mesma cousa que a *constipação*; mas os symptomas da febre inflammatoria são um pouco mais desenvolvidos e mais graves do que os da simples constipação.

As *causas* da febre inflammatoria são : excesso de intemperança, accesso de colera, dôr produzida por uma ferida, fractura, pela deslocação de um membro, o estabelecimento difficil dos menstruos ou a sua subita suppressão : ás vezes tambem esta molestia se desenvolve sem causa alguma manifesta.

A sua duração é indeterminada; as mais das vezes acaba favoravelmente no terceiro ou quarto dia.

O *tratamento* consiste em provocar a transpiração por meio de um suadouro. Depois convem administrar bebidas refrigerantes, como cozimento de cevada frio ou limonada de limão azedo. Um grão (5 centigrammas) de tartaro emetico para provocar os vomitos é muitas vezes util; ou então um purgante de oleo de ricino.

Febre intermittente, Sezões ou Maleitas. As febres intermittentes simples são affecções inteiramente distinctas das febres continuas, e não tem com ellas outra semelhança senão o nome. As febres continuas, como já disse, procedem da affecção de um órgão; nas febres intermittentes, porém, os órgãos estão bons e a molestia parece depender da modificação particular do

systema nervoso. Portanto, as febres intermitentes distinguem-se das contínuas não só pela natureza, como também pelas causas, pela marcha e pelo tratamento.

O que indica o adjectivo *intermittente*, na febre d'este nome, é que ella apparece e desaparece successivamente, por intervallos mais ou menos longos, durante os quaes não existe vestigio algum de movimento febril. Todo o accesso de febre intermittente compõe-se em geral de tres periodos; a saber: frio, calor e suor. *Primeiro periodo.* Os symptomas que o caracterizão são os seguintes: bocejos, calefrios, tremor, pelle fria, pulso pequeno e frequente; pallidez geral, com lividez dos labios e das unhas. A duração média do calefrio é de meia a uma hora, ás vezes prolonga-se por cinco ou seis horas. *Segundo periodo.* Pouco a pouco cessa o tremor; então desenvolve-se o calor; a pelle torna-se quente, o rosto corado, os olhos luzidios, o pulso frequente e a sêde excessiva. Este periodo, assim como o primeiro, é sujeito a grandes variações na intensidade dos symptomas. A duração pôde ser de muitas horas ou sómente de um quarto de hora. *Terceiro periodo.* A pelle, que estava até então secca, principia a cobrir-se de suor mais ou menos abundante; os symptomas da febre diminuem gradualmente, e depois do suor o doente não experimenta senão um abatimento que se dissipa pouco a pouco, e logo tudo entra na ordem natural.

Os accessos não se compõem sempre dos tres periodos que acabei de descrever; ás vezes o calefrio é nullo ou quasi nullo; o suor pôde faltar, e isto não deixa de constituir um accesso; emfim, ás vezes a ordem dos periodos pôde ser invertida. Quando o accesso se repete todos os dias e á mesma hora, chama-se febre *quotidiana*; se de dois em dois dias, *terçã*; se de tres em tres dias, *quartã*. Apparecendo a febre duas vezes em vinte e quatro horas, chama-se *quotidiana dupla*. Estes typos são os mais frequentes; ha ainda outros, mas são mui raros.

Causas. Está geralmente admittido que o maior numero das febres intermitentes são produzidas por exhalações pantanosas; e a prova é que os paizes em que estas febres reinão epidemicamente são rodcados de pantanos. As emanções lodosas actuão com maior energia de tarde e de noite do que no decurso do dia, e tem ainda maior influencia sobre os individuos estranhos ao paiz, do que sobre os indigenas. Além d'estas causas tão poderosas e tão geraes, existem outras; pois que as febres intermitentes observão-se em lugares onde não podem accusar-se a este respeito as influencias das aguas estagnadas; mas estas causas são mais difficeis de apreciar. Só direi que o frio humido e prolongado, e a

habitação nos lugares baixos e sombrios predisõem a estas molestias.

Tratamento. Quando principia o periodo do frio, é preciso deitar o doente na cama, cobri-lo bem, e dar-lhe uma chicara de chá da India ou de folhas de laranjeira, quente. Applicão-se pannos quentes ou botijas cheias d'agua a ferver aos pés; em uma palavra, busca-se aquecer o doente o mais promptamente possivel. Quando chega o calor, tirão-se os cobertores; dá-se ao doente, se tem sêde, alguma bebida acidulada, agua fria mesmo, que satisfaz e é mais util do que qualquer outra bebida. Convem mudar de camisa depois do periodo de suor, e ás vezes, quando este suor é mui abundante, deve renovar-se a roupa durante o seu curso, o que se pôde fazer sem perigo, comtanto que se tomem as precauções convenientes.

Quando a febre tiver passado, recorre-se a certos medicamentos que tem a propriedade de prevenir a volta dos accessos. O sulfato de quinina é de todos estes medicamentos o melhor e o mais certo. A dóse do sulfato varia, conforme a idade e as forças do individuo, desde 40 a 80 centigrammas (8 a 16 grãos) por dia, que se dividem em tres ou quatro doses e se dão em intervallos iguaes, tendo o cuidado de dar-se a ultima dóse uma hora antes do tempo em que o accesso deve apparecer. A melhor maneira de dar o sulfato é em agua fria com assucar, chá da India, café, ou envolto em hostia molhada, ou em alguma fruta, como, por exemplo, a banana assada.

Eis-aqui a formula :

Sulfato de quinina. 120 centigrammas (24 grãos).

Divida em 12 papeis.

Se houver vomitos e não fôr possivel toma-lo pela bocca, administrem-se em fricções 10 a 15 grãos em duas colheres d'agua, á qual se ajuntão algumas gottas de sumo de limão ou de vinagre. Fazem-se tres fricções por dia sobre as costas e na parte interna dos braços.

Atalhada a febre, deve continuar-se ainda por alguns dias o sulfato em pequenas doses. Se a quantidade que se administra não prevenir o accesso, ou ao menos não lhe moderar a violencia, é preciso augmentar a dóse, dobra-la, em geral, durante a intermittencia seguinte. Quanto ao regimen, este differirá pouco do do estado de saude, se a molestia fôr benigna: entretanto, a prudencia exige que se diminua sensivelmente a quantidade ordinaria dos alimentos, e que sejam estes escolhidos entre os que o estomago supporta melhor.

Se ao cabo de quinze dias a molestia não ceder, empregue-se

o cozimento de casca de páo pereira, que se prepara do modo seguinte :

Casca de páo pereira	15 grammas (1/2 onça)
Agua.	500 grammas (16 onças).

Ferva para reduzir a 360 grammas (12 onças), e cõe. Administra-se uma chicara de 3 em 3 horas, no intervallo do accesso.

Se os accessos continuarem, empregue-se o cozimento de café verde, isto é, não torrado, que se prepara da maneira seguinte :

Café verde, isto é, não torrado.	30 grammas (1 onça)
Agua.	500 grammas (16 onças).

Ferva até reduzir a 360 grammas (12 onças) e cõe. Toma-se uma chicara de 3 em 3 horas, na apyrexia.

Em alguns casos aproveita a infusão de café torrado, misturada com sumo de limão. Para este fim, mistura-se uma chicara de café, com uma colher *de sopa* de sumo de limão azedo, e bebe-se sem assucar toda a porção de uma só vez, na apyrexia.

Tem-se visto febres, que resistirão a todos estes medicamentos, cederem ás vezes a meios estranhos e a remedios caseiros. Muitas vezes um grande susto, uma emoção forte, uma quéda grave, tem posto fim a febres que nenhum medicamento pôde curar. Em alguns casos rebeldes é necessario mudar de morada.

Febre intermittente perniciosa. Chamão-se perniciosas, aquellas febres intermittentes cujos symptomas são tão graves e cuja marcha é tão violenta, que acabão frequentemente pela morte no curso de alguns accessos. N'estas febres ha sempre um ou mais orgãos que se achão atacados, taes como o estomago, o coração, o cerebro, etc., e do lado dos quaes se manifestão dôres atrozes. Ás vezes o doente, durante o accesso, soffre vomitos e desmaios com fraqueza extrema do pulso, e desfiguração profunda do rosto. A morte, se o doente não receber os soccorros da arte, sobrevem ordinariamente durante o segundo ou terceiro accesso. Quando o cerebro está affectado, existem convulsões, delirio e outros symptomas nervosos.

O *tratamento* da febre perniciosa durante o periodo do frio é o mesmo que o da febre intermittente simples : é preciso sómente actuar com maior energia e rapidez, para aquecer o corpo. Durante o periodo do calor, se se manifestar dôr no ventre, na cabeça ou no peito, é necessario applicar bichas sobre este ponto, e até recorrer á sangria do braço. Logo depois do accesso, administre-se o sulfato de quinina na dóse de 1 gramma (20 grãos) de uma vez, e repete-se duas vezes ainda o mesmo medicamento, mas em menor dóse; isto é, 50 a 75 centigrammas (10 a 15 grãos), afim de prevenir o novo accesso ou diminuir-lhe a força.

Febre de leite ou **febre lactea**. Todas as mulheres, no segundo, terceiro ou quarto dia depois do parto, sobretudo quando não dão de mamar, são sujeitas a uma febre cuja causa depende da excitação produzida pela secreção de leite nos seios: este incommodo chama-se *febre de leite*.

A febre de leite consiste em calor, frequencia do pulso, rubor do rosto e inchação dos seios. Dura ordinariamente vinte e quatro horas, e termina por suores abundantes e pelo fluxo de leite.

Tratamento. Na febre leve, natural, e quando a mulher dá de mamar, administra-se chá de herva cidreira, de sabugueiro ou de tilia, para provocar ou entreter a transpiração.

A mulher, que não dá de mamar, administre-se um purgante, tal como 30 grammas (1 onça) de oleo de ricino, ou 60 grammas (2 onças) de sulfato de magnesia. Na febre forte é neccessario diminuir a quantidade das comidas, ou tomar só caldo de gallinha, e usar do cozimento de cevada frio.

Febre lenta, colliquativa, ou hectica. Febre contínua que acompanha o ultimo periodo das molestias graves. Emmagrecimento progressivo, fraqueza geral, seccura na bocca, frequencia do pulso, calor na pelle, e no fim diarrheã, suores frios; taes são os principaes symptomas d'este estado.

Febre maligna. Por este nome designão-se, ora a inflamação do cerebro, ora a de suas membranas, ora os accidentes nervosos que predominão em certas inflammações do tubo digestivo, é finalmente certas molestias convulsivas, acompanhadas de accidentes graves e muitas vezes terminando de uma maneira fatal.

Febre miliar. *Vejã-se MILIARIA*.

Febre mucosa. Esta palavra designa a mesma molestia que a febre typhoide.

Febre nervosa. É synonymo de febre typhoide.

Febre pernicioso. Synonymo de febre typhoide.

Febre puerperal. Synonymo de peritonite. *V* PERITONITE PUERPERAL.

Febre putrida. Dava-se outr'ora este nome a uma molestia cujo symptoma predominante consistia em uma tendencia á corrupção ou podridão dos humores. Admittirão este nome porque no curso d'esta febre vião-se as forças deprimidas, hemorragias e diarrheas mais ou menos abundantes, a lingua e os dentes cobertos de uma camada negra, gangrena sobre differentes partes do corpo, e porque emfim o doente exhalava, sobretudo nos ultimos momentos da molestia, um cheiro desagradavel. Porém se se declaravão convulsões e outros accidentes nervosos, dava-se á febre o nome de

nervosa; se a estes symptomas se ajuntavão vomitos biliosos e côr amarella nos olhos, dizia-se que o doente tinha febre putrida, febre nervosa e febre biliosa. Accumulavão d'esta manciara tres febres sobre o mesmo doente; porque, em lugar de estudarem a molestia em seus elementos, limitavão-se aos symptomas. Está hoje provado que estes diversos phenomenos pertencem á inflamação dos intestinos e do cerebro.

Febre remittente. Febre contínua, com exacerbações, caracterizada por leve e mal definido estado de frio, que não se repete em cada exacerbação; pelo calor intenso com dôr de cabeça e irritação do estomago; e pelo suor quasi imperceptivel, que algumas vezes falta. Os autores dão a esta molestia o nome de *febre dos mangues*, *febre palustre*. Apparece por vezes no Rio de Janeiro, na Bahia e nas outras cidades do littoral e mesmo no interior das provincias do Brasil. Tem sido observada em toda a parte onde se produzem miasmas pantanosos com grande concentração, tanto nos climas quentes como nos temperados; porém é mais commum e mais grave quando á acção dos miasmas se ajunta a elevação da temperatura. Reina com grande intensidade nas costas occidentaes da Africa, e nas margens dos seus grandes rios.

A febre remittente é uma doença muito mais séria do que qualquer dos typos da intermittente. Ha em todas as febres intermittentes um periodo de apyrexia; nas remittentes não é completa a remissão. Os mais fortes symptomas entre uma e outra exacerbação diminuem; esta diminuição é bem manifesta em alguns casos; em outros é tão ligeira que o periodo da chamada remissão, pôde escapar ao observador que não fôr attento e experimentado.

Uma febre remittente pôde, depois de algum tempo, assumir um dos typos da intermittente; e, pelo contrario, uma intermittente assumir a mais grave fórma da remittente.

Causas. Todas as fórmas de febre remittente são devidas á mesma causa miasmatica da intermittente, ajudada por alto gráo de calor. Quando uma remittente succede a uma exposição aos effluvios pantanosos, é razoavel suppôr que o agente morbifico foi absorvido em alto gráo de concentração. As remittentes são mais communs nos paizes quentes pantanosos, do que onde existe o mesmo veneno em regiões temperadas.

Symptomas. A molestia principia por uma anxiedade na bocca do estomago, fastio e nauseas, com quebramento do corpo, languidez e fadiga. Estes symptomas manifestão-se vinte e quatro ou trinta e seis horas antes do estadio de frio.

Não ha uniformidade quanto á hora do dia em que apparece o primeiro paroxysmo; porém, uma vez estabelecida a molestia, uma remissão pela manhã é quasi regra invariavel. É de grande importancia pratica observar em cada caso os periodos de exacerbação e de remissão, e quanto dura cada um d'elles. Começando a exacerbação pelo meio dia, declina ordinariamente pela meia noite, ou pouco antes, e a remissão irá até ao meio do dia seguinte. Taes casos são, de ordinario, benignos e faceis de dirigir. Ou a exacerbação pôde começar á meia noite, continuar toda a madrugada, e remittir pela manhã, prolongando-se a remissão até á noite. Ou, nos casos graves, pôde haver dupla exacerbação ao meio dia e á meia noite, sendo as remissões de tarde e de manhã.

O mais constante dos symptomas precursores é a oppressão na bocca do estomago.

O periodo de frio não é tão completo nem tão prolongado como nas sezões; muitas vezes não existe calefrio algum. No periodo de calor apparecem, muitas vezes, os vomitos, que continuão pelo decurso da molestia. A lingua é saburrosa, e secca á proporção que cresce a temperatura do corpo. O pulso, que no periodo precursor era lento, pequeno e irregular, sobe rapidamente a 100 ou 120 pulsações por minuto; nos homens de constituição forte é cheio; nos casos adynamicos desde o começo, ainda que muito frequente, é pequeno e compressivel. O rosto está inchado, os olhos injectados, e o doente accusa cephalalgia intensa, e dôres nos braços, hombros e pernas; o calor é mordicante; o paciente está inquieto, e rola debalde na cama á procura de posição que lhe agrade.

Quando os precedentes symptomas tem durado por seis ou doze horas, começão então a amainar; brota ligeira humidade na testa e no pescoço, e gradualmente se estende por todo o corpo; o pulso diminue de força e de frequencia; abate-se o calor da pelle; allivia a dôr de cabeça; os vomitos cêssão, e o doente consegue alguns momentos de somno. É este o periodo de remissão. Nas febres intensas a melhora é mui ligeira; é difficil distingui-la; o pulso só dará o signal.

Após uma pausa de algumas horas, que varía de duas a oito ou doze, volve a febre, muitas vezes sem frios, ou tão ligeiros que mal se percebem; renovão-se todos os symptomas acima descriptos, e sempre mais aggravados. Chama-se a isto exacerbação, a qual termina em uma nova remissão.

Os vomitos são um dos symptomas que mais deprimem as forças. Consistem a principio as materias vomitadas em alimentos que estejão no estomago, depois em um fluido aquoso, e finalmente

em um liquido de còr amarella esverdinhada, e, em casos extremos, negra, assimilhando-se ao vomito preto da febre amarella.

A *dôr de cabeça* é um symptoma prominente. É qualificada de pulsativa a principio, tornando-se nos seguintes paroxysmos constante, com alguma tensão na testa, designada algumas vezes como terebrante.

É bastante commum alguma perturbação da intelligencia, mas é raro o delirio violento.

Existem ás vezes soluços.

É frequente nas febres remittentes um certo gráo de amarellidão da pelle.

Duração. A duração póde ser calculada de 5 a 14 dias; póde modifica-la a acção dos remedios antiperiodicos.

Modo de terminação. A febre remittente termina ou pela cura, ou por assumir alguma das fórmas da intermittente, ou pela morte. Quando termina pela cura, como geralmente succede, o movimento febril remata em copiosa transpiração, e assim se extingue. Algumas vezes é gradual o decrescimento; são menos intensas as exacerbações, é menos ardente o calor do corpo; cessão os vomitos e a oppressão epigastrica; o pulso diminue de força e de frequencia; tórna-se mais limpa e mais humida a lingua; são mais longas e mais distinctas as remissões, e assim desaparece gradualmente a doença.

Em algumas remittentes, quando os paroxysmos não são desde o começo bem definidos, se os antiperiodicos não tem sido convenientemente empregados, póde a doença tornar-se chronica, e passar para uma das fórmas da febre intermittente.

Tratamento. A molestia não é inflammação; por consequencia as sangrias e as bichas não podem achar applicação n'este caso. É outro e melhor o tratamento a empregar.

É mister procurar as melhores condições hygienicas possiveis, e assegurar a boa ventilação do aposento, ou enfermaria.

Periodo de frio. Este é de tal fórma transitorio na febre remittente, que nenhum tratamento é necessario.

Periodo de calor. Rara vez é necessario um emetico. O vomito em muitos casos necessita mais de ser reprimido do que provocado; todavia quando ha muita nausea e oppressão, ou sentimento de plenitude no epigastro sem vomitos, póde-se preencher o fim com alguns copos d'agua morna. Tambem é util desêmbaraçar o ventre o mais cedo possivel. Para este fim administrem-se 30 gram. (1 onça) d'oleo de ricino, ou 60 grammas (2 onças) de sulfato de magnesia.

Se o periodo de calor fôr brando, sem fortes dôres de cabeça,

nem calor ardente da pelle, nem dôr epigastrica ou hepatica, não ha necessidade de intervenção activa, a não ser o administrar ao doente agua bem fria ou gelada, em pequena quantidade cada vez, agua gazosa ou limonada.

Entretanto, se fôr muito vigorosa a reacção, com dôr intensa de cabeça, calor ardente da pelle, dôres violentas nos lombos, e muita inquietação, alguma cousa se deve fazer para dar allivio ao doente. Applique-se na testa panno molhado em agua fria ou gelada, que se deve reformar logo que aquecer.

O calor ardente da pelle pôde ser diminuido applicando com uma esponja agua tepida na superficie do corpo.

O melhor modo de combater os vomitos é administrar pequenas quantidades d'agua gelada, ou pequenos pedaços de gelo nas dobras de um lenço, e applicar um sinapismo no epigastro, ou lençol molhado em agua fria á roda do corpo.

Tratamento durante a remissão. No mesmo instante em que haja indicios d'ella, isto é, logo que apparecer transpiração, diminuir o calor da pelle, e se abater o pulso em força e frequencia, deve ser dado o sulfato de quinina em dóse não inferior a 50 centigrammas (10 grãos); ás vezes 75 centigrammas (15 grãos) ou 1 gramma (20 grãos). É demasiada qualquer quantidade superior a 1 gramma.

Não se deve hesitar em dar o sulfato por mais ligeira que seja a remissão. Apenas se tenha certeza de haverem abrandado os symptomas, cumpre logo dar o remedio, na crença que depois da segunda exacerbação a remissão será mais evidente. Cumpre advertir, que se se deixar passar desaproveitada a primeira remissão, a seguinte poderá ser mais fraca, e difficil de perceber. Sendo rejeitado o sulfato, e se fôr tal a irratibilidade do estomago que a segunda dóse seja vomitada tambem, administra-se logo mais 1 gramma (20 grãos) em um clyster, cuja receita é a seguinte:

Sulfato de quinina	1 gramma (20 grãos)
Agua morna. . .	180 grammas (6 onças)
Acido sulfurico alcoolizado	2 gottas.

Em vez d'este clyster, pôde o sulfato de quinina ser administrado em injecções sub-cutaneas, quando não é tolerado pelo estomago. Estas injecções fazem-se no braço com pequena seringa, e exigem a intervenção do medico. Eis-aqui a receita da solução de sulfato de quinina para as injecções subcutaneas:

Sulfato de quinina..	1 gramma (20 grãos)
Agua	11 grammas (220 grãos)
Acido sulfurico diluido.	4 gottas.

Para cada injecção empregão-se tres grammas (60 grãos) do

liquido, que contém 25 centigrammas (5 grãos) de sulfato. Fazem-se duas injeções por dia.

Se o estomago conservar o remedio, este deverá ser repetido duas horas depois até que o doente antes da hora da esperada exacerbação haja ingerido 1 gramma (20 grãos).

Apenas apparecer a segunda remissão, o sulfato de quinina deve ser dado como antes até que o quinismo dê mostras de plena saturação da economia; ou até visivelmente decahir a molestia. Os zunidos nos ouvidos e a surdez são signaes do quinismo. Logo que se conseguir isto, na grande maioria dos casos, tornão-se mais brandas as exacerbações, terminão por um suor copioso, e o doente passa á convalescença.

Durante a remissão terá o doente uma dieta branda, farinacea, leite, caldo de gallinha, etc. Mais tarde usará do caldo de carne de vacca, e ao primeiro signal de prostração tomará vinho, costeletas de carneiro, carne de vacca assada.

Na fórma adynamica da molestia, que é caracterizada pelo grande abatimento, nunca se deve esperar pela remissão; cumpre administrar o sulfato mesmo durante a febre. D'este modo serão arrancados das garras da morte muitos doentes já sem esperança de vida.

Febre typhoide. Esta molestia recebeo muitas denominações. Chamáráo-lhe *febre mucosa, perniciosa, maligna, nervosa, lenta nervosa, putrida, adynamica, ataxica, dothinerite*, etc.

Symptomas. A molestia principia por um sentimento de peso na bocca do estomago, pulso forte e frequente, fastio, bocca amarga, lingua coberta de uma camada branca, colicas, fraqueza, dôres nos membros, ourinas poucas e espessas. Alguns dias depois, o ventre fica quente e doloroso, a sêde é extrema, a lingua secca; as gengivas e dentes cobrem-se de uma camada denegrida; manifestão-se nauseas, vomitos, diarrhea ou prisão do ventre, cheiro fetido do corpo, dôr de cabeça, delirio, modorra, debilidade extrema, pulso mui fraco e frequente.

Emfim, quando a molestia deve ter uma terminação funesta, todos estes symptomas augmentão de intensidade; a physionomia decompõe-se, o doente cessa de responder ás perguntas que se lhe fazem, os olhos ficão constantemente virados para cima, as margens das ventas parecem cobertas de pós cinzentos, a lingua trémula não pôde sahir da bocca, os pés esfrião, o pulso fica extremamente fraco e frequente, a respiração torna-se embaraçada, e o doente succumbe.

Mas quando deve voltar a saude, os symptomas, ainda que sejam graves, diminuem; desaparece a modorra, renasce pouco a pouco

a intelligencia, principiando pela mudança no olhar. Apparece um somno reparador; acordando, o doente responde com facilidade ás perguntas que se lhe fazem. Ao mesmo tempo volta a possibilidade de executar alguns movimentos; a lingua e a bocca humedecem-se, o ventre não é doloroso á pressão, as ourinas são mais abundantes, a respiração faz-se com facilidade, o pulso perde a frequencia, a pelle torna-se levemente humida. Logo que estas felizes transformações tem durado alguns dias, póde ler-se sobre o rosto emmagrecido do doente o contentamento de estar restituído á vida.

Na convalescença os pés inchão; mas este symptoma desaparece á medida que os convalescentes vão adquirindo forças. A quêda do cabello é outro phenomeno bastante frequente; mas de ordinario o cabello renasce depois de algum tempo.

Tratamento. O tratamento da febre typhoide é baseado nas indicações fornecidas pelos symptomas. N'esta molestia as forças geraes são singularmente diminuidas desde a invasão até ao fim da molestia. Ao principio, o organismo, nos individuos robustos, conserva ainda, durante um tempo variavel, os attributos da força, e parece indicar o emprego da sangria; mas esta *fôrma inflammatoria* não é senão uma mascara que cahe promptamente e que é logo substituida por um estado contrario. Cumpre, pois, desde o principio: 1º produzir evacuações por cima e por baixo; 2º administrar os tonicos medicamentosos e alimenticios, a quina, o vinho, o caldo; 3º dar o sulfato de quinina como febrifugo.

No principio da molestia administra-se um vomitorio, 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) de tartaro emetico n'uma chicara d'agua.

Nos quatro dias seguintes; e cada dia, dá-se uma chicara da poção purgativa seguinte:

Agua.	600 grammas (20 onças)
Sulfato de magnesia.	60 grammas (2 onças).

Dissolva. — Produzem-se, d'esta maneira, tres ou quatro evacuações por dia, que são mui salutaes.

Ao mesmo tempo administra-se a limonada de limão, caldo de gallinha ou de carne de vacca, e dão-se a chupar gomos de laranja, limão doce ou lima da Persia. Dão-se tambem limonadas preparadas com agua e xarope de vinagre e framboezas, com xarope de groselhas, a limonada vinosa: agua fria, vinho e assucar. Administrão-se a miudo, e em pequenas quantidades, afim de humedecerem constantemente a bocca e as membranas mucosas. O doente deve sempre tomar caldo de carne de vacca, desde o principio da molestia, pelo menos duas vezes por dia.

Para combater a fraqueza dê-se uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas, da poção seguinte :

Agua distillada de hortelã.	90 grammas (3 onças)
— de flor de laranjeira	30 grammas (1 onça)
Tintura de canella.	15 grammas (1/2 onça)
Xarope de quina.	30 grammas (1 onça).

Está poção deve ser continuada por tres ou quatro dias.

Se a pelle estiver mui quente, cumpre empregar lavatorios com vinagre aromatico, que se acha em todas as boticas. Eis-aqui como se proecde : Mette-se debaixo do doente um grosso cobertor sobre o qual se põe um panno encerado ; com uma grossa esponja embebida em vinagre aromatico, faz-se um lavatorio rapido sobre toda a superficie do corpo, espremendo gradualmente o liquido que se renova se fôr preeiso; tira-se depois o panno encerado, e envolve-se depois o doente no cobertor, no qual fica até estar completamente enxuto. A operação dura apenas dois minutos ; e é ainda mais breve podendo-se empregar duas pessoas, uma de cada lado da cama. Este lavatorio repete-se duas ou tres vezes por dia. Diminue-se o numero quotidiano dos lavatorios se a temperatura da pelle baixar, mas não se supprimem completamente senão quando a febre acaba definitivamente.

Se no fim de tres ou quatro dias d'este tratamento, não sobrevier melhora, administre-se o sulfato de quinina, segundo esta receita :

Sulfato de quinina	1 gramma (20 grãos).
--------------------	----------------------

Divida em 6 papeis. Para tomar um papel, duas vezes por dia, em hostia ou chá da India.

Dê-se ao doente, ás pequenas porções, um pouco de vinho de Bordeos, do Porto ou da Madeira. Dê-se tambem café puro ou com leite.

Para combater a dôr de cabeça, applicuem-se sinapismos nas pernas, e pannos molhados em agua fria e vinagre na cabeça.

Os vesicatorios nos membros inferiores, tão frequentemente empregados, por alguns medicos, são raras vezes uteis.

Contra os vomitos, administra-se agua de Seltz, ás colheres; ou, na falta-d'ella, a poção seguinte :

Bicarbonato de potassa.	2 grammas (1/2 oitava)
Agua.	90 grammas (3 onças)
Xarope simples.	15 grammas (1/2 onça)
Sumo de limão	15 grammas (1/2 onça).

Misture, e tape exactamente a garrafa. *Dose* : uma colher *de sopa*, de duas em duas horas.

Em resumo, póde formular-se o tratamento da febre typhoide

nos termos seguintes : modificar a secreção intestinal com vomitórios e purgantes ; dar bebidas frias e acidas, caldos, mingãos substanciaes, as preparações de quina, e esperar.

O quarto do doente deve ser espaçoso ; o ar deve ser ali renovado pelo menos duas vezes por dia ; as evacuações não devem demorar-se no quarto ; os lençoes da cama devem ser mudados logo que deixarem de estar limpos ; e podendo-se ter duas camas no quarto, convem mudar o doente de cama de manhã e de noite. Collocar no quarto pratos com dissolução de chlorureto de cal, e espargir no soalho agua phenica.

As crostas, as materias denegridas que cobrem os dentes, os labios, e immobilizão a lingua, devem ser tiradas, tanto quanto fôr possível, porém sem violencia, de manhã e de tarde : o melhor meio consiste em empregar, em vez de esponja, talhadas de laranja ou de limão.

O estado das ourinas dêve ser attentamente vigiado ; a retenção de urina pôde sobrevir subitamente, e o catheterismo, n'este caso, deve ser praticado duas vezes por dia.

As feridas e escaras nas cadeiras são um dos accidentes mais desagradaveis e mais frequentes d'esta molestia : cumpre fazer esforços para preveni-las, mudando frequentemente o doente de posição, e entretendo o maior asseio possível. Quando, entretanto, a pelle, que cobre o osso sacro, principia a tornar-se vermelha e a esfolar-se, é preciso immediatamente lava-la com vinho tinto, cubri-la com polvilho, e depois com emplasto diachylão, e deitar o doente sobre uma almofada de borracha ou de paina furada no meio.

A convalescença da febre typhoide é longa, e exige cuidados minuciosos. A mudança de ar, e a morada no campo, exercem sempre uma influencia feliz sobre o restabelecimento do enfermo.

Febre urticaria. *Veja-se* URTICARIA.

FEBRIFUGOS. *Veja-se* ANTIPERIODICOS.

FECULA. Depósito branco e pulverulento que se precipita no fundo da agua, quando se lavão n'ella diversos vegetaes previamente moídos, taes como a batata, a raiz de mandioca, a araruta, o salepo, o sagú, etc. É synonymo de *amido* ou *polvilho*. A fecula extrahida da raiz de mandioca chama-se *tapioca*. O depósito do polvilho das batatas, é o que se chama mais ordinariamente *fecula*. As feculas, misturadas com leite ou caldo, constituem um excelente alimento. *Veja-se* POLVILHO.

Cataplasma de fecula. *Veja-se* CATAPLASMA.

FEDEGOSO, ou **Pajamarioba.** *Cussia occidentalis*, Linneo. Leguminosas. Arbusto do Brasil. Caule ramoso, levantado ; folhas

pinnatas, compostas de cinco pares de foliolos ovaes, lanceolados; flores de côr amarella alaranjada, dispostas em espigas curtamente pedunculadas, terminaes; fructo, vagem comprida contendo grande numero de sementes cordiformes; raiz grossa, composta de duas partes; isto é, da parte mediana dura e amarellada, e da parte cortical, mais molle, de côr amarella alaranjada, coberta com epiderme roxa; cheiro forte e desagradavel, sabor amargo. A casca da raiz emprega-se na medicina do Rio de Janeiro como diuretica e tonica, em infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) da raiz e 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo; esta dósc é para um dia.

Outras especies do mesmo genero são: *Cassia falcata*, Linneo; tem as folhas com 4 pares de foliolos, e estes em fórma de fouce; *Cassia hirsuta*, Linneo, de foliolos pelludos. *Cassia sericea*, Sw., vulgarmente **matapasto**, **tareroqui**, **fedegoso**; caule herbaceo, folhas com 4 pares de foliolos; fructos, vagens tetragonas, articuladas. *Cassia alata*, Linneo, de folhas com 10 pares de foliolos glabros, vagem membranosa, com um appendice alado no dorso, septos transversaes, sementes horizontaes. As raizes de todas estas especies gozão de propriedades diureticas e tonicas; as folhas são purgativas, como as do sene das boticas, que pertence á mesma familia das Leguminosas, e ao mesmo genero *Cassia*; e especialmente são purgativas as folhas da *Cassia sericea*.

FEDOR DO HALITO. *Vêja-se* MÃO HALITO.

FEIJÃO. *Faseolus*, Linneo. Genero da familia das Leguminosas, composto de plantas lenhosas ou herbaceas, que mui frequentemente trepão e se enroscão ao redor das outras arvores; com folhas pinnuladas tendo 3 foliolos, flores brancas, amarellas ou vermelhas. Na especie commum o fructo é uma vagem oblonga, bivalva, encerrando grande numero de sementes reniformes e farinaceas que offerecem um alimento simples, agradavel e nutritivo. Ha poucas substancias alimentarias tão geralmente usadas e com maior proveito. As especies de feijão são numerosas; as mais usuaes no Brasil são o feijão preto, branco, vermelho, e outras muitas especies e variedades. Algumas vezes combinão-se estas côres, outras vezes obtem-se certas variedades novas pela cultura. O feijão contém muitos principios nutrientes; convem principalmente aos estomagos robustos, ás pessoas que fazem muito exercicio, e ás crianças.

FEL DE BOI. Liquido muito amargo, de natureza alcalina, contido n'uma especie de sacco, chamado *vesicula do fel*, situado perto de figado. Este liquido é empregado frequentemente para limpar os vestidos de seda, e particularmente os de panno de lã,

nos quaes tira perfeitamente as nodoas de gordura. Dilue-se todo o fel, contido n'uma vesicula, em 2 litros d'agua quente, mas não fervendo; sem o que o fel se coagularia em parte, e não produziria o effeito necessario. Os objectos, que se desejão limpar, lavão-se com precaução no fel de boi diluido, como se se lavassem em agua de sabão; enxagoão-se depois em agua fria; a agua de poço é considerada como a melhor para este fim.

FEMUR. Unico osso da coxa. O mais forte e o mais longo de todos os ossos. Extenso desde a bacia até ao joelho offerece duas extremidades e um corpo. A extremidade superior apresenta uma grande eminencia ossea chamada cabeça, unida ao osso por uma porção mais delgada chamada *collo*. O *collo* e a cabeça do femur fórmão com o corpo do osso um angulo obtuso. No vertice d'este angulo e por fóra existe uma volumosa apophyse, chamada o *grande trochanter*. Um pouco mais abaixo e por dentro está uma outra eminencia, mais pequena, chamada *pequeno trochanter*. A extremidade inferior do femur é formada por duas grandes tuberosidades, chamadas *condylos*, que se articulão com a tibia.

FENDAS. Veja-se RACHAS.

FERIDA. Designa-se por este nome uma solução de continuidade feita nas partes molles por uma causa externa, isto é, que obra mecanicamente. Uma quéda, uma topada, ou qualquer violencia um pouco forte, podem produzir ferida. A solução de continuidade produzida por causa interna, como a *syphilis*, *escrophulas*, *escorbuto*, etc., tem o nome de *ulcera*. A ferida chama-se ás vèzes *chaga*, do persico *xaga*, cortadura, e algumas pessoas dão ás ulceras o nome de *feridas antigas*.

As *causas* das feridas, bem que numerosas, podem reduzir-se a estes pontos: instrumentos cortantes, furantes e contundentes, esforços consideraveis que rasgão e separão as partes, picadas ou mordeduras de animaes venenosos ou não venenosos; emfim, balas e outros projectis lançados pela polvora.

Os *symptomas* das feridas são a dôr, a separação das margens da divisão, e o corrimento de sangue produzido pelos orificios dos vasos divididos. Estes *symptomas* não persistem ordinariamente muito tempo; logo a dôr acalma-se e é substituida por uma sensação de calor; o sangue deixa de correr, as margens da ferida inchão e tornão-se vermelhas e dolorosas; produzem um liquido transparente, viscoso e pouco abundante; e se estiverem em contacto perfeito, se tem sido cuidadosamente desembaraçadas de todo o corpo estranho; emfim, se não forão pisadas pelo instrumento vulnerante, a adhesão immediata opera-se rapidamente. Quando, pelo contrario, existe uma perda de substancia que não permite

o contacto das margens da ferida, ou quando estas margens serão machucadas pelo instrumento vulnerante, a dôr e a inchação augmentão, a ferida suppura, e a cicatriz, que se forma muito mais tarde do que no caso precedente, é muito mais visivel e disforme. Tal é a marcha regular das feridas; mas grande numero de accidentes podem desarranja-la, como sejam a hemorrhagia, as dôres excessivas, a inflammação mui viva, a gangrena, as convulsões, o tetano, a podridão de hospital, etc. Todas estas complicações podem dar ás feridas uma gravidade que estavam longe de apresentar por si mesmas.

A differença dos corpos que produzem as feridas e o seu modo de acção fazem variar os caracteres das soluções de continuidade e o tratamento. D'aqui vem as divisões seguintes: 1º *feridas por instrumentos cortantes*; 2º *feridas por instrumentos contundentes*; 3º *feridas por picadas ou por instrumentos perforantes*; 4º *feridas produzidas pelo arrancamento*; 5º *feridas por inoculação*.

Feridas por instrumentos cortantes. As feridas por instrumentos cortantes são as mais communs de todas. Leves e de pouca extensão, chamão-se vulgarmente *córtes*, *talhos* ou *golpes*; occupão ordinariamente as mãos e o rosto: no primeiro caso resultão da acção de uma faca ou de um canivete; as do rosto são feitas ordinariamente por navalha. O tratamento varia conforme a extensão das feridas.

Nos *córtes simples*, que deitão pouco sangue, basta chegar os labios da pequena ferida um ao outro, applicar por cima um pedaço de encerado inglez molhado com saliva, e conserva-los chegados o tempo que fôr preciso para a natureza os unir.

Se o cóрте deitar bastante sangue, applique-se um panno molhado em balsamo catholico, ou em balsamo do commendador, e aperte-se com uma atadura. Estas preparações, compostas de alcool e de substancias balsamicas e resinosas, tem a propriedade de coagular a albumina do sangue, e formar uma camada resinosa, que se oppõe á hemorrhagia. Para tirar depois esta camada, basta lava-la com aguardente que a dissolve. O balsamo catholico, e o do commendador, achão-se em todas as boticas; as receitas estão indicadas n'esta obra no artigo BALSAMO. Vol. I, pag. 298.

Feridas mais extensas, porém regulares, feitas por instrumentos cortantes. A primeira cousa que se deve fazer é lavar bem a ferida com agua fria ou morna, para tirar o sangue coalhado e materias estranhas que se possam achar n'ella, e depois unir as duas margens uma á outra o mais exactamente possível; é o que se chama reunir por primeira intenção. Os meios de reunião são numerosos. A *posição* basta frequentemente para obter uma approxi-

mação dos labios da solução de continuidade; dar-se-ha, por consequente, á parte ferida uma *situação* favoravel; as *ligaduras* servirão para manter esta situação: ha d'ellas differentes sortes, que se achão indicadas no artigo *LIGADURA*. As mais das vezes unem-se os labios da ferida com encerado inglez, quando a ferida é pequena, ou com tiras de emplasto adhesivo, chamadas encerado commum, ou sparadrapò, quando fôr grande. Estas tiras devem ter de 30 a 50 centímetros de comprimento, e de 1 a 3 centímetros de largura. Cobrem-se com ellas os labios da ferida postos em contacto immediato; e é o que se chama dar pontos falsos. Reunida a ferida, cobre-se com um panno crivado untado de ceroto ou de glycerina; por cima do panno applica-se uma porção de fios, e uma compressa de panno de linho; e tudo fica seguro com uma atadura, ou com um lenço dobrado. Este apparelho deve ser reformado em parte ao cabo de vinte e quatro horas, com excepção das tiras de sparadrapo, que é necessario respeitar até ao terceiro dia; o resto deve ser tirado com precaução, e reformado todos os dias.

Convem sempre tentar a reunião immediata dos bordos das feridas, quando nada se oppõe a isto, por maiores que ellas sejam. Ha exemplos de dedos cortados quasi completamente, e que não communicavão com a mão senão por uma porção muito estreita, juntarem-se e sararem depois de conchegados os labios da ferida. Estando mesmo completamente separada do corpo uma porção de orgão, é preciso reuni-la para evitar uma mutilação. Existem factos numerosos de pontas de dedos, de pontas de narizes, de pedaços de orelhas inteiramente separados, e que se reunirão completamente, quando forão applicados promptamente sobre as superficies sangrentas, depois de desembaraçados das impurezas que os cobrião.

Para reunir os labios de uma ferida, nem a posição, nem as ligaduras, nem os pontos falsos são sempre sufficientes: ás vezes é necessario recorrer á *sutura*, que se pratica fazendo passar atravez dos dois labios da ferida algumas linhas de coser por meio de uma agulha.

A ferida, cujos labios forão unidos com tiras de sparadrapo, pôde sarar em pouco tempo. Para este fim, mantem-se a reunião até completa cicatrização, e todos os dias reformão-se, os fios, applicados por cima do sparadrapo, e que se untão previamente com ceroto ou glycerina. Mas muitas vezes os labios da ferida afastão-se um do outro, e a ferida suppura. Supprimem-se então as tiras de sparadrapo, e cura-se a ferida simplesmente com fios untados com ceroto ou glycerina. Desenvolvendo-se carnosidades na superficie da ferida, cumpre destrui-las com pedra infernal.

Se a ferida apresentar um aspecto pallido, e tardar a cicatrizar-se, convem cura-la com unguento digestivo, ou com unguento de Arceus. Existindo callosidades nas margens, desapparecem pela applicação de cataplasmas de linhaça ou de fecula.

Curativo das feridas irregulares, com margens contusas. Se as carnes forão desorganizadas pelo agente vulnerante, como acontece nas feridas contusas, ou se houver perda de substancia, não póde fazer-se a reunião immediata, e a suppuração é inevitavel. Eis-aqui a maneira de curar estas feridas: Depois de limpa a ferida com uma esponja molhada em agua fria ou morna, cobre-se com um panno crivado untado com ceroto ou glycerina; por cima do panno põem-se fios molhados em mistura d'aguardente camphorada e d'agua fria em partes iguaes; e por cima dos fios applica-se uma cataplasma de linhaça ou de fecula. Todos os dias reforma-se este curativo, até completa cicatrizaçãõ.

As feridas intermedias entre as feridas contusas, irregulares, e as feridas regulares, isto é, as feridas produzidas por um corpo contundente que faz uma ferida regular, taes como as feridas da sobrançella n'uma quéda, serão tratadas como as feridas regulares.

Todas as feridas contusas e as feridas com perda de substancia sarão bem debaixo das cataplasmas. As feridas sujas, que não podem lavar-se, reclamão sobretudo este tratamento.

As feridas contusas dos dedos sem grandes lacerações, curão-se com tiras de emplasto adhesivo entrelaçadas, que cobrem inteiramente o dedo; por cima das tiras põe-se um panno crivado untado com ceroto. Não se tira o emplasto senão quando estiver para cahir por si mesmo. As feridas contusas do rosto, da mão, da perna, que só offendem a pelle, as feridas que acompanhão as fracturas, tratão-se da mesma maneira: applica-se simplesmente sobre ellas um pedaço de encerado commum (sparadrappo ou emplasto adhesivo), que se reforma quando se despegar.

Convem entreter muito asseio nas feridas; para este fim devem limpar-se em cada curativo com uma esponja molhada em agua tepida. Se a suppuração fôr fetida, cumpre fazer os lavatorios com agua morna misturada com agua de Labarraque.

Em todas as especies de feridas graves o doente deve observar alguma dieta, não comer a principio senão gallinha, beber agua de arroz ou cozimento de cevada, e ficar em repouso.

Feridas contusas ordinarias. As feridas contusas resultão da acção de corpos rombos movidos com maior ou menor força e celeridade. Assim, pedras, pancadas, páos, dentes de animaes, a passagem de uma roda de carruagem, a quéda de um corpo pesado, etc., são causas de feridas contusas. As vezes estas feridas

são regulares, e as margens pouco machucadas; porém mais ordinariamente são desiguaes, tortuosas, e de côr roxa, que provém do derramamento de sangue no meio dos tecidos offendidos. A cura das feridas contusas é ordinariamente demorada: estas feridas inflammão-se e suppurão com maior abundancia do que as que são feitas por instrumentos cortantes. As feridas *por armas de fogo* pertencem a esta classe; mas como apresentam certas particularidades, trato d'ellas n'um paragrapho especial.

As feridas contusas apresentam-se frequentemente com retalhos; reúnem-se difficilmente por primeira intenção, e suppurão quasi sempre mais ou menos tempo. Offerecem muitas differenças entre si na sua direcção, extensão e figura, etc.; mas tem, em geral, um character que lhes é commum: é a sua gravidade. Todavia, se as desordens não forem muito grandes, e mesmo se os retalhos não forem desorganizados, se a ferida não fôr complicada de hemorragia ou de presença de corpos estranhos, ou se estes puderem ser extrahidos facilmente, pôde tentar-se a reunião por primeira intenção da base dos retalhos; n'este caso suppurará sómente o apice da ferida. Mas não se deve esquecer que uma inchação consideravel pôde sobrevir nos labios da ferida, e os meios contentivos devem ser calculados em consequencia. Empregão-se n'este caso tiras agglutinativas de encerado commum, que tem a vantagem de ceder quando os labios da ferida vierem a intumecer. Feita a reunião, termina-se o curativo com prancheta de fios molhada na mistura d'aguardente camphorada com agua, por cima da qual se applica uma cataplasma de linhaça ou de fecula. N'uma ferida contusa que suppura, o pus tende a accumular-se debaixo do retalho o mais declive, e produzir despegamentos. Previne-se este inconveniente por meio de uma compressão methodica exercida na base do retalho.

Se a reunião immediata dos labios da ferida contusa não fôr possivel, cure-se a ferida com panno crivado untado de ceroto ou glycerina, fios molhados em aguardente camphorada, e cataplasma de linhaça, tudo applicado ao mesmo tempo, e na ordem indicada n'esta explicação.

Feridas produzidas por mordeduras. As mordeduras de homem, de rato, de gato e de cão, não doente, são feridas contusas, irregulares, que reclamão o mesmo tratamento que as feridas da mesma ordem. As mordeduras de cavallo são ainda feridas contusas, sómente como o animal tem grande força, as mordeduras, que faz, podem determinar fracturas, ao mesmo tempo que produzem feridas contusas na pelle.

Todas as feridas por mordedura, sem complicação de fracturas,

devem ser tratadas com cataplasmas de linhaça ou de fecula applicadas continuamente, até que a ferida se cubra de carnosidades; depois do que cura-se com panno untado de ceroto ou de unguento de Arceus. As fracturas serão tratadas pelos meios convenientes.

Feridas por instrumentos picantes. Dá-se este nome ás feridas produzidas por instrumentos estreitos, taes como espadas, floretes, punhaes, baionetas, pregos, canivetes, tesouras, etc. Estas feridas tem pouca largura, e, em geral, são mais profundas do que as feridas feitas por instrumentos de gume. A separação dos labios é pouco consideravel ou mesmo nulla, o corrimento sanguineo pouco abundante, salvo se houver ferimento de algum vaso volumoso; e mesmo n'este caso a hemorragia atalha-se promptamente pela formação de um coagulo interno. Os phenomenos consecutivos são pouco intensos, salvo se órgãos importantes forão offendidos; ás vezes, entretanto, o trajecto da ferida torna-se séde de um trabalho inflammatorio que termina promptamente pela resolução, ou então, pelo contrario, é seguido da formação de uma postema.

O diagnostico d'estas feridas é fundado na fórma e nas dimensões da abertura da pelle; as unicas difficuldades que se encontrão, consistem em determinar as lesões profundas; e não é possivel chegar a este conhecimento, senão pelo exame dos signaes racionaes, salvo se os fluidos contidos nos órgãos offendidos se extravazão. *Veja-se Feridas das arterias, feridas do ventre, etc.*

Quando a ferida produzida por instrumento picante não apresenta alguma complicação, é preciso cobri-la com encerado inglez ou encerado commum. Sobrevindo inflammação, applique-se cataplasma de linhaça ou de fecula. Se a ferida fôr complicada da lesão de um órgão importante, proceder-se-ha do modo que indicarei, quando tratar das feridas das differentes regiões do corpo.

Feridas por arrancamento. Chamão-se assim as feridas que resultão da separação violenta de alguma parte do corpo. Estas feridas sobrem sobretudo nas juntas dos membros, submettidos a violentas tracções. D'esta sorte tem-se visto os dedos, os braços, as pernas, etc., inteiramente separados do corpo. Não ha cousa mais horrenda do que o aspecto d'esta sorte de feridas, e entretanto a experiencia mostra que não offerecem maior perigo do que as outras. Os exemplos seguintes podem dar uma ideia d'este genero de accidentes.

Um moleiro chamado Samuel Wood tinha ao redor do braço uma corda que se prendeu em uma roda de moinho; foi levantado do chão, e por uma trave impedido de passar; mas a roda, movida

por uma força consideravel, arrancou-lhe o braço e a espada. O doente disse que no momento do accidente, não experimentára dôr alguma, que sentio apenas uma especie de estalo no lugar do hombro; e a grande impressão que teve não lhe permittiu perceber, que seu braço estava arrancado, senão quando o viu gyrar com a roda. Desceu do moinho pela escada e deo alguns passos para procurar soccorro; mas então cahiu sem sentidos. Um cirurgião, que foi chamado, observando que não havia hemorrhagia, contentou-se com levantar a pelle que estava solta e cobrir com ella a superficie da ferida. Não houve corrimento de sangue, e ao cabo de dois mezes este homem estava curado.

Um menino de dez annos, querendo subir á trazeira de uma carruagem que ia muito depressa, ficou com a perna presa nos raios de uma das rodas, a qual foi arrancada na articulação do joelho; não correu muito sangue. A arteria pendia na extensão de cinco a seis pollegadas. Em seis semanas a cura foi completa.

O Dr. Reclin cita a observação de um cocheiro que teve um dedo pollegar arrancado, querendo com as redeas, enroladas á roda d'este dedo, reter os cavallos que tomárão o freio nos dentes: os tendões rompêrão-se muito em cima na espessura do antebraço. A dôr, a febre e a tumefacção forão excessivas, mas o doente ficou bom. Seria facil multiplicar exemplos d'este genero. Em todos os lugares em que as rodas ou os eixos são movidos por uma grande força, ha occasião de se observarem estas desgraças. O menor descuido, a proeminencia de um vestido, que se prende nas rodas, é a causa mais ordinaria d'este accidente.

Muitas causas oppõem-se á hemorrhagia nas feridas que nos occupão. A arteria, fortemente estirada cede e alonga-se antes de romper-se; mas suas membranas internas, mui pouco extensiveis, rasgão-se em diversos lugares, e separão-se completamente, ao passo que a membrana externa continua a alongar-se; a arteria offerece, por conseguinte, na extremidade um prolongamento cónico terminado por uma abertura estreita, e no interior, pedaços irregulares que lhe obstruem a cavidade.

Estas feridas são pouco dolorosas, e não exigem outro tratamento senão o que se applica nas feridas com perda de substancia: fios molhados em aguardente camphorada, e cataplasma de linhaça por cima dos fios. Existindo pedaços de carne que não possam ser applicados sobre a superficie da ferida, tendões, aponevroses pendentes, é necessario corta-los; seria preciso recorrer á amputação se os musculos estivessem rasgados desigualmente, ou os ossos desnudados em grande extensão.

RECEITUARIO DAS FERIDAS.

1º Ceroto simples....	30	grammas (1 onça)
2º Glycerina..	60	grammas (2 onças)
3º Balsamo catholico.	30	grammas (1 onça)
4º Encerado inglez côr de rosa.	1	carta
5º Encerado commum ou sparadrapo..	50	centímetros
6º Aguardente camphorada.	250	grammas (8 onças)
7º Agua de Labarraque..	1	garrafa
8º Farinha de linhaça para cataplasmas	250	grammas (8 onças)
9º Fecula de batatas para cataplasmas	250	grammas (8 onças)
10º Unguento digestivo..	60	grammas (2 onças)
11º Unguento de Arceus.	60	grammas (2 onças).

Complicação das feridas. Toda a circumstancia que acompanha uma ferida, e que exige uma indicação especial, chama-se *accidente* ou *complicação*. Os accidentes de que vou occupar-me são : a hemorrhagia, a dôr, a inflammação, os corpos estranhos, e a podridão de hospital.

Hemorrhagia. Toda a ferida é acompanhada de corrimento de sangue; quando este corrimento excede certos limites, existe *hemorrhagia*. O sangue pôde provir da divisão dos vasos capillares, de uma veia ou de uma arteria. Quando a lesão existe só nos vasos capillares, o sangue é de côr vermelha pouco viva, não jorra, mas corre pouco a pouco de uma maneira uniforme. O sangue é vermelho escuro e corre em jorro contínuo, se é fornecido por uma veia. É vermelho claro, e esguicha por movimentos isochronos com as pancadas do pulso, quando provém de uma arteria.

A hemorrhagia capillar pôde ser occasionada por constrangimento na circulação venosa, consequencia da má situação dada á parte ferida ou de uma atadura muito apertada; pôde ser occasionada pela irritação da ferida por um curativo mal feito, e pôde depender da vascularidade de certos tecidos.

Atalhão-se as hemorrhagias capillares pela applicação na ferida de um panno molhado em agua fria, em agua com vinagre, em solução de perchlorureto de ferro; ou pela compressão feita na ferida com panno dobrado em muitas dobras, ou com rodela de isca.

As hemorrhagias venosas atalhão-se do mesmo modo que as capillares. Nunca se ligão as veias.

Quanto ás hemorrhagias arteriaes, estas vedão-se pela laqueação das duas pontas da arteria dividida, operação que não pôde ser feita senão por um cirurgião. Antes da sua chegada, convem applicar sobre a ferida pannos de linho ou fios molhados em agua fria, e por cima d'estes pannos deve fazer-se uma forte compressão

na ferida com uma atadura, dando com esta muitas voltas á roda do membro, no lugar correspondente á ferida. Se isto não fôr bastante para estancar a hemorrhagia, cumpre passar á roda do membro ferido um lenço, e dar dois nós no lugar da ferida; depois introduzir um páo ou uma chave entre os dois nós, e torcer o lenço para comprimir fortemente d'esta maneira a ferida. O doente deve conservar-se em completo repouso. É quasi superfluo dizer que, enquanto se procurão todos os objectos necessarios para este curativo, é preciso applicar um ou dois dedos sobre o lugar d'onde sahe o sangue. A compressão será mais efficaz molhando-se os fios em solução de perchlorureto de ferro, que se acha em todas as boticas. Eis-aqui a receita:

Perchlorureto de ferro a 15 grãos. 30 grammas (1 onça).

Dôr. A dôr não constitue uma complicação nas feridas senão quando é muito viva ou persiste além do termo ordinario. A dôr resulta da presença de um corpo estranho, de um curativo mal executado, ou da divisão incompleta de um ramo nervoso. Mais tarde, é occasionada as mais das vezes pelo trabalho inflammatorio da ferida, ou pela compressão que as aponevroses da região exercem sobre os tecidos intumescidos.

O *tratamento* depende d'estas diversas circumstancias. Cumpre extrahir o corpo estranho, se fôr possivel; reformar um curativo feito de maneira pouco methodica; e applicar na ferida uma cataplasma de linhaça borrifada com uma colher *de sopa* de laudano de Sydenham, ou administrar internamente 10 gottas de laudado de Sydenham em meia chicara de infusão de folhas de laranjeira.

Inflamação. A inflamação das feridas é caracterizada pela dôr e vermelhidão; combate-se com lavatorios d'agua tepida, e cataplasmas de linhaça ou de fecula.

Corpos estranhos nas feridas taes como pontas de facas, de agulhas, pedaços de vidro, de capsulas, etc. Convem extrahi-los, e curar depois a ferida, como a ferida contusa, com cataplasmas de linhaça. *Veja-se* CORPOS ESTRANHOS NAS FERIDAS, vol. I, p. 727.

Podridão de hospital. Esta complicação desenvolve-se ordinariamente nos feridos que estão accumulados em grande numero n'um pequeno espaço, e que se achão em quartos mal arejados ou humidos.

A podridão de hospital apresenta-se debaixo de duas fórmulas, a fórmula ulcerosa e a fórmula polposa.

a. Fórmula ulcerosa. A molestia principia por uma dôr aguda que os docntes experimentão na ferida. Esta apresenta ás vezes uma vermelhidão insolita, e offerece logo depois uma serie de pequenas

excavações circulares, cercadas de margens levantadas, de côr mais escura do que o resto. As ulcerações estendem-se em superficie e em profundidade.

b. Fôrma polposa. Principia, como a fôrma precedente, por uma dôr mui viva em toda a ferida ou limitada a alguns pontos circumscriptos. As carnosidades da ferida tornão-se de côr roxa; forma-se na sua superficie uma camada branca ou cinzenta que se parece com pus concreto, e que augmenta de espessura. A destruição faz progressos pela extensão em profundidade da camada membranosa.

O *tratamento* preventivo e curativo da podridão de hospital achase descripto no artigo PODRIDÃO DE HOSPITAL.

Feridas envenenadas. Certos animaes são armados, para sua defesa, de dardos, ferrões e dentes, que tem na base uma vesicula cheia de veneno, e com os quaes fazem feridas mais ou menos perigosas; taes são a abelha, o escorpião ou a lacraia, o maribondo e d'estes principalmente as duas especies chamadas caboclos e pretos; as formigas ruivas, e algumas cobras. Outros animaes, taes como o cão, contraem uma molestia chamada *raiva*, transmissivel pela mordedura, e rapidamente seguida de morte horrorosa. De todos os outros animaes, o unico verdadeiramente perigoso é a cobra. Quanto ás picadas da abelha, da lacraia, do maribondo, etc., os phenomenos morbidos ficão limitados á parte ferida, a uma inflammação local que cede facilmente. Mas quando as picadas são numerosas e determinão febre mui intensa, ha exemplos de morte. Para o *tratamento* d'estas differentes feridas, veja-se ABELHA, COBRA, ESCORPIÃO, RAIVA, PICADAS.

Feridas virulentas. As feridas produzidas por instrumentos ou ossos banhados no humor mormoso, carbunculozo ou syphilitico, podem occasionar o mormo, o carbunculo ou a molestia syphilitica com a producção dos accidentes locaes ou sem elles.

Ao lado d'estas feridas virulentas ha outras que, produzidas por instrumentos molhados de sangue ou por ossos sãos, produzem entretanto desordens locaes, que são bastante frequentes nos carnicheiros. Estas feridas determinão uma inflammação chronica, uma inchação dura, sem accidentes geraes.

Tratamento. As feridas virulentas devem ser immediatamente lavadas com agua tepida ou fria, emquanto se fazem sangrar, tanto quanto fôr possivel, comprimindo a parte ferida, e cauterizadas logo depois com pedra infernal. Appliquem-se depois fios molhados com agua phenica. As picadas de ossos devem tambem ser lavadas com agua tepida, e comprimidas para fazer sahir o sangue; feito isto, applica-se por cima cataplasma de linhaça.

Feridas por picadas anatomicas. As picadas anatomicas são feridas envenenadas por um principio putrido que se forma nos cadaveres. Às vezes estas feridas serão como as feridas ordinarias, outras vezes determinão inflammação local e symptomas geraes que são semelhantes aos da febre typhoide: ha fraqueza geral, dôres nos membros, difficuldade de respirar, vomitos e evacuações alvinas mui fetidas, dôr de cabeça, modorra, delirio, febre intensa, pulso pequeno.

Tratamento. Deve-se comprimir fortemente entre a parte ferida e o coração, isto é, na direcção do sangue arterial, para espremer o sangue, e faze-lo sahir pela ferida, que será mantida, durante esta operação, debaixo de um bico d'agua fria. Lave-se depois a ferida com a dissolução de pedrahume em agua, cauterize-se com pedra infernal; feito isto, applique-se-lhe por cima encerado inglez.

Feridas por armas de fogo. Compreendem-se debaixo d'este titulo todos os ferimentos produzidos pelos projectis movidos pela polvora, ou pela deflagração d'esta substancia.

Os projectis empregados nas armas de fogo *portateis* são balas de chumbo, de marmore, de pedra ou de vidro; grãos de chumbo, pregos, botões, pedaços de ferro de fórma variada; os que se introduzem nos *canhões* são balas de ferro, ou de ferro fundido; balas de biscainho ou pequenas balas, bombas ou globos de ferro ôcos furados para introduzir-lhes a polvora, e tapados com uma mecha que communica o fogo ao conteudo do projectil; obuzes ou bombas sem azas; granadas ou pequenas bombas destinadas a serem lançadas com a mão; metralha, isto é, pedaços de ferro de toda a especie.

Effeitos produzidos pela deflagração da polvora. Quando a quantidade de polvora incendiada é pouco consideravel, não resulta d'isto ás vezes senão uma queimadura das partes do corpo que se achão em contacto com a chamma produzida no momento da dectonação, e a incrustação dos grãos da polvora na espessura da pelle; mas sendo a quantidade da polvora consideravel, e ésta substancia pegando fogo n'um espaço circumscripto, a rarefacção subita do ar atmospherico communica ás pessoas approximadas do foco uma violenta impulsão que as lança ás vezes a grandes alturas, contra corpos resistentes, e occasiona desordens espantosas.

Effeitos produzidos pelos projectis lançados por armas de fogo. Estes effeitos varião segundo a natureza do projectil, a força de impulsão de que está animado no momento em que encontra uma parte do corpo, e a direcção em relação á parte tocada. Em todos os casos, ora sobrevem uma contusão mais ou menos forte sem solução de continuidade da pelle, ora uma ferida mais ou menos extensa.

1º *Contusão*. Quando a bala no fim do seu curso, isto é, uma bala *morta*, encontra uma parte do corpo em que a pelle cobre immediatamente um osso, resulta d'isto uma ecchymose ou uma escara da pelle; se pelo contrario partes molles mais ou menos espessas forem interpostas entre a pelle e o osso, o tegumento externo, em razão de sua elasticidade poderá ficar intacto e as desordens limitar-se-hão ás camadas organicas subjacentes. Se uma bala animada de grande velocidade, isto é no meio do seu curso, encontrar uma parte do corpo sob um certo angulo, poderá acontecer que a pelle ficando ainda intacta, todas as partes situadas debaixo sejam completamente desorganizadas; os vasos e os nervos rotos, as aponevroses e os tendões rasgados, os musculos esmagados, os ossos fracturados. O membro tocado pelo projectil fica então convertido em um verdadeiro sacco cutaneo cheio de restos organicos. Se parece difficil no primeiro instante comprehender n'estas circumstancias a integridade da pelle, explica-se isto entretanto, de uma maneira sufficiente, pela elasticidade d'esta membrana, que lhe permite resistir á impulsão sem romper-se.

2º *Feridas*. Devem distinguir-se as que são produzidas pelas balas, das que são occasionadas por outros projectis.

a. Feridas por balas de espingarda. Ha feridas que apresentam um canal sem sahida e não tem, por conseguinte, senão uma unica abertura; outras apresentam duas aberturas mais ou menos distantes uma da outra; ha feridas que tem a fórma de uma gotteira que occupa a superficie do corpo. O trajecto percorrido por uma bala não é sempre direito; vê-se ás vezes este projectil contornear um membro ou as paredes de uma cavidade visceral, tal como o craneo ou o ventre, sem penetrar n'ella. Comprehende-se facilmente esta particularidade, considerando que a bala acha na sua passagem planos mais ou menos resistentes que lhe modificão a direcção primitiva. Observão-se sobretudo effeitos mui variados quando a bala encontra porções osseas; ás vezes a bala achata-se tocando um osso sem rompê-lo; outras vezes é repellida pelo plano osseo, e não produz mais desordens do que no caso precedente; em outras partes, se ella encontra a margem de um osso, póde dividir-se em dois fragmentos que ficão no lugar no qual se fez a divisão, ou continuão sua direcção separadamente no meio das partes molles; outras vezes, quando a bala toca o corpo de um osso longo, produz ordinariamente uma fractura com esquirolas e rachas que se estendem até á junta. Se a bala attingir a parte esponjosa de um osso, penetra n'ella mais ou menos profundamente e cava um canal provido de uma aber-

tura de entrada sómente, ou de uma abertura de entrada e de sahida.

As desordens produzidas pelas balas sobre os *vasos sanguíneos* apresentam tambem variedades; quando estes projectis são animados de grande velocidade, determinão divisão do vaso acompanhada de perda de substancia. D'aqui resultão hemorragias seguidas de morte prompta quando a arteria é volumosa; ás vezes a formação de uma aneurysma diffusa. Em alguns easos as paredés da arteria são comprehendidas n'uma eseara que se despega mais tarde, para dar lugar a hemorragias ou á formaeção da aneurysma. Emfim póde haver simples contusão do vaso com ruptura das duas membranas internas, d'onde vem a formação ulterior de uma aneurysma ou a obliteração da arteria.

b. Feridas por outros projectis. As balas de artilheria produzem feridas muito extensas; ora cortão um membro, ora tirão uma parte d'elle não deixando subsistir senão uma porção da circunferencia. Quando eneontrão outras partes do corpo, o rosto, o peito, o ventre, produzem mutilações taes que a morte segue de perto semelhantes lesões.

c. Feridas produzidas pelos grãos de chumbo. Estas feridas differem segundo a distancia á qual teve lugar o tiro; se é de mui perto, as desordens são as mesmas que as que são occasionadas por uma bala, com a differença que os grãos de chumbo fieão em parte espalhados nos tecidos; se, pelo contrario, o tiro fôr dado de longe, os grãos de chumbo penetrão separadamente e não em massa nas partes molles, de que resultão muitas feridas mais ou menos profundas e largas, segundo o tamanho dos grãos de chumbo, e sua força de impulsão, no momento em que ehegão á superficie do corpo.

As feridas por armas de fogo apresentam uma superficie preta, livida, margens seeas e uma eehymose das partes vizinhas; todos estes phenomenos resultão da contusão que as acompanha. Em geral, a eseara produzida por esta contusão, sobre o trajeeto mesmo da solução de continuidade, põe obstaeulo a um eorrimento sanguineo abundante; e por isso não se observão hemorragias senão nas regiões do corpo em que os troneos arteriaes forão ao mesmo tempo divididos. Esta eseara é destinada a ser eliminada.

Complicações. A uniea complicação propria ás feridas por armas de fogo é a presença de *corpos estranhos*. São balas de espingarda, grãos de chumbo, estilhaços dos obuizes, pedaços de páo, porções de bucha ou dos vestidos. Os corpos estranhos eomportão-se de diversas maneiras: uns são promptamente expulsos pela ferida

por onde se introduzirão no meio dos tecidos; outros, situados mais ou menos longe da ferida, determinão, ao cabo de certo tempo, uma inflamação seguida de um abcesso, e são igualmente eliminados. Ha corpos estranhos que caminão lentamente no meio dos tecidos, e que acabão por abrir passagem para fóra; outros irritão os órgãos no meio dos quaes se achão e desenvolvem um trabalho inflammatorio mais ou menos intenso; ha, enfim, que se revestem de um envoltorio membranoso, de uma sorte de kysto, e que ficão indefinidamente no meio das partes vivas, sem occasionarem o menor incommodo.

Quando as feridas por armas de fogo são já antigas, e se o perigo dos accidentes inflammatorios ou das hemorragias já passou, ficão muitas vezes necroses, fistulas interminaveis, que são devidas a uma lesão do osso ou á presença da bala. Uma necrose é caracterizada por abcessos, e pela eliminação de pedaços de osso. Reconhecem-se as fistulas consecutivas ás balas alojadas nas carnes pelas circumstancias antecedentes; pôde suppôr-se que a bala existe nas carnes quando ha uma só abertura, quando os vestidos tirados da ferida no momento do ferimento, e examinados com cuidado, não contém bala, quando òs ossos estão inchados, enfim pela exploração com um estylete de porcelana, arredondado em fórmula de bola na extremidade. Se esta bola encontrar a bala, apresentará uma marca preta. A tumefacção do osso e a falta da marca sobre a bola do estylete de porcelana, bem que este toque uma superficie dura, indica uma necrose. Foi por meio do estylete de porcelana que o Dr. Nelaton reconheceu a presença da bala na perna de Garibaldi, general italiano, em 1864.

Tratamento. No caso de contusão *mediocre* produzida pela bala no fim do seu curso, os meios a empregar não differem dos que convem na contusão occasionada por qualquer outro agente: pannos molhados em agua fria ou em agua vegeto-mineral.

No caso de contusão excessiva de um membro por uma bala de artilheria, é necessario praticar grandes e profundas incisões. Se os ossos forem fracturados, os vasos principaes rotos, não haverá outra cousa a fazer senão praticar a amputação immediata do membro.

As feridas por armas de fogo sem complicação serão tratadas como todas as outras feridas contusas: applique-se um panno crivado untado de ceroto, por cima fios molhados em aguardente camphorada, e sobre estes uma cataplasma de linhaça.

Cumpre alargar as feridas sub-apronevroticas que tem abertura estreita, e sempre que haja fractura com sahida dos frag-

mentos de osso, ou hernia dos musculos. Se não se dilatar uma ferida por armas de fogo nos primeiros dias, convem dilata-la logo que appareção os primeiros phenomenos de inflammação. Faz-se a dilatação com o bisturi de ponta romba guiado pelo dedo introduzido na ferida.

Se a bala penetrou profundamente e não produziu senão uma abertura, é preciso praticar incisões bastante extensas para que a ferida represente um eóne cuja base esteja do lado da pelle e o apice na parte mais profunda. N'uma ferida que offerece duas aberturas, a dilatação é inutil, sendo o trajecto intermedio curto; no caso contrario, deve ineisar-se o contorno das duas feridas para prevenir a estrangulação. Não serão dilatadas as feridas simples não complicadas da presença de um corpo estranho, não affectando senão a pelle e o tecido cellular, quer tenham ou não um canal cavado no tecido cellular, nem as feridas com abertura mui larga, sem complicação de fractura. Nas feridas em fórma de gotteira, ponha-se uma mecha de fios coberta de ceroto, e por cima uma praneheta de fios embebidos d'aguardente camphorada. Quando uma ferida por arma de fogo é acompanhada de *hemorrhagia*, convem praticar a laqueação do vaso arterial dividido. A contusão das pontas da arteria é obstaculo á applicação da dupla ligadura no lugar mesmo da ferida; é preciso n'este caso laquear a arteria por cima e por baixo da ferida.

Os corpos estranhos serão extrahidos se se acharem nas feridas, ou mesmo achando-se implantados nos ossos. Antes de proceder á extraecção de um corpo estranho de que se suspeita a presença, segundo a relação do doente, ou segundo a fórma da ferida, importa assegurar-se de sua existencia. Às vezes descobre-se pelo simples apalpamento ou pela existeneia de uma proeminencia sobre um ponto do membro situada a certa distaneia da ferida; outras vezes, é necessario introduzir n'esta instrumentos exploradores taes como uma sonda de mulher, um stylete ou simplesmente o dedo. Em todos os casos estas tentativas de exploração devem ser proscriptas durante o periodo inflammatorio.

Faz-se a extraecção do corpo estranho pela ferida mesma que lhe deo passagem e por meio de instrumentos diversos; as *pinças* ordinarias bastão no maior numero de casos. Póde tambem servir uma haste de aço terminada por uma especie de colher, chamada *cureta*, com que se apanha o corpo estranho no meio das partes molles; ou um *saca-balas*, semelhante a um sacarolhas, que se implanta na espessura da bala quando esta se acha apoiada contra um plano resistente. Quando a bala passou além do centro do membro, e quando se sente do lado opposto ao seu ponto de

entrada, é preferível fazer a sua extracção por meio de uma contra-abertura praticada sobre as partes molles que a cobrem. A bala póde achar-se na espessura do tecido osseo; se não penetrou senão a uma pequena profundidade, emprega-se para tira-la uma espatula, pinça, ou um saca-balas. Se penetrou mais profundamente tira-se com a rodella ossea que a cerca por meio de uma coroa de trepano. As cargas de grãos de chumbo podem ser extrahidas em parte com a bucha ou panno dos vestidos. Injecções d'agua tepida são ás vezes uteis para favorecer a sua expulsão. Os grãos de polvora incrustados na espessura da pelle dão ao tegumento uma côr preta que, na cara sobretudo, produz um effeito desagradavel. Previne-se este resultado, pouco tempo depois do accidente, tirando cada grão de polvora com a ponta de uma agulha e esfregando as partes feridas com azeite doce. Quando o accidente succedeo ha muito tempo, o colorido da pelle é uma deformidade incuravel.

Depois da extracção dos corpos estranhos cura-se a ferida, como já deixei indicado, com ceroto, fios e cataplasma de linhaça. Mas por pouco que as desordens produzidas pelo projectil sejam de natureza a fazer receiar a invasão de phenomenos inflammatorios intensos, convem, para prevenir o seu desenvolvimento, submeter o membro a uma irrigação contínua d'agua tepida. Para este fim, applica-se simplesmente uma prancheta de fios seccos na ferida, e de quarto em quarto ou de meia em meia hora molha-se com esponja embebida em agua quente.

Se a ferida não apresentar nada de particular, continua-se o curativo indicado. Desenvolvendo-se uma tumefacção inflammatoria, applique-se uma cataplasma de linhaça ou de fecula. Uma vez a suppuração bem estabelecida, cura-se a ferida com ceroto simples. Importa sómente estar acautelado contra a hemorrhagia que póde sobrevir depois da quêda das escaras; acontecendo um semelhante accidente, applique-se um torniquete sobre o trajecto da arteria principal do membro, ou, na falta d'este instrumento, faça-se a compressão com um lenço apertado á roda do membro e por cima da ferida, afim de suspender pela compressão a hemorrhagia até á chegada do cirurgião, que procederá sem demora á laqueação da arteria principal da região.

Tratamento das lesões osseas. O que vou dizer refere-se especialmente ás feridas por armas de fogo dos membros. Se o osso apresentar uma fractura simples, dá-se ao membro uma posição conveniente para reduzir a fractura, e cura-se a ferida com fios cobertos de ceroto e cataplasma de linhaça. Se o osso estiver quebrado em muitos pedaços, e os musculos se acharem pisados,

não ha outro remedio senão a amputação. Se a desordem fôr menos consideravel, convem esforçar-se em conservar o membro. Tirem-se as esquirolas, e proceda-se á redução da fractura com muitas precauções. Para prevenir a inflammação, cure-se a ferida com fios untados com ceroto e cobertos de uma cataplasma de linhaça. Em todos os casos, é preciso tornar o membro immovel, e dispô-lo de maneira que a ferida possa ser observada. O melhor apparelho é uma gotteira de fio de ferro : c, em uma época mais afastada, um apparelho inamovivel no qual se fazem aberturas ao nivel da ferida. Se se formar postema, faça-se a abertura conveniente.

Feridas na bocca por armas de fogo. As feridas da bocca, produzidas por uma bala, não differem das feridas por armas de fogo nas outras partes do corpo, senão pela possibilidade de deformações consecutivas, de adherencias das faces aos ossos maxillares, de fistulas, e de fracturas.

Nas feridas da bocca produzidas pela explosão de uma arma de fogo, como isto se observa nas tentativas de suicidio, a bala póde tomar todas as direcções; póde fracturar o craneo, a columna cervical, penetrar nas fossas nasaes, abrir as arterias vertebral e carotida primitiva; ou então póde parar encontrando um osso, cahir no pharynge e depois no estomago.

Nas feridas da bocca por armas de fogo, a morte tem lugar instantaneamente, quando o cerebro ou a medulla forão offendidos, e depois da hemorragia, quando um grosso vaso foi dividido.

As partes molles rasgadas, pretas, queimadas pela polvora e cobertas de escaras permitem que se reconheção á primeira vista as feridas da bocca por armas de fogo : então a lingua, as faces e os beiços estão rasgadas; e quando os individuos fechão a bocca á roda do cano de arma de fogo, os dentes arrancão-se, e os ossos do queixo quebrão-se em muitos pontos.

As feridas da bocca por armas de fogo expõem, como todas as feridas por armas de fogo, ás hemorragias consecutivas graves.

Tratamento. Não havendo fractura, o docnte gargarejará todo o dia com agua morna; e far-se-hão duas vezes por dia, lavatorios na bocca com agua morna misturada com agua de Labarraque. Se existirem rasgaduras, reunão-se as partes por meio de suturas, depois de bem lavadas. A lingua, as faces e os labios podem ser reunidos d'esta maneira. Se os ossos do queixo estiverem quebrados em muitos pedaços, convem extrahir as esquirolas que são inteiramente livres, e approximar os ossos.

Logo que os accidentes estejão acalmados, applicuem-se os apparelhos para conter as fracturas. *Veja-se* FRACTURA DO QUEIXO.

Depois da cura, applicuem-se dentaduras postigas, caso tenha havido grande perda de substancia. As hemorragias serão tratadas pela compressão e applicação de fios molhados em solução de perchlorureto de ferro a 30°. Sobrevindo hemorrhãgia pelo nariz, tapem-se com fios as fossas nasaes. Se se sentir a bala na ferida, convem extrahi-la; se não, explore-se a ferida com o estylete de porcelana. Durante a cicatrizaçãõ, tirar-se-ha a bala com pinça ou saca-balas.

As complicações consecutivas, os abcessos, as fistulas salivares, as caries e as necroses serão tratadas pelos meios apropriados.

Feridas do peito por armas de fogo. As feridas por armas de fogo, que não penetram no interior do peito, não differem das feridas por armas de fogo das outras regiões.

Além das complicações primitivas e consecutivas das feridas do peito, as feridas penetrantes do thorax podem ser complicadas de fracturas das costellas e da entrada das balas na pleura, membrana que reveste o pulmão.

Às vezes, excepcionalmente, as balas e os corpos estranhos ou as esquirolas que penetrarão no pulmão sahem por si mesmas pela ferida, ou são expulsas pela expectoraçãõ, evacuadas com o pus de um abcesso formado á roda d'ellas. As balas alojadas no pulmão podem não produzir accidente algum.

Tratamento. As feridas simples não penetrantes do peito por armas de fogo serão tratadas como todas as outras feridas por armas de fogo. *Veja-se* vol. I, pag. 1079.

Depois de uma ferida penetrante, cumpre extrahir todas as esquirolas que possam existir. Faça-se todo o possivel para extrahir a bala; dilate-se a ferida se fôr necessario. Se a bala, que não se pôde extrahir, cahio no peito e determinou fistulas, explore-se o thorax com uma sonda de mulher, e tire-se a bala por uma contra-abertura. Se a bala se achar sobre um ponto afastado do ferimento em contacto com a parede do peito, faça-se uma contra-abertura, para dar sahida ao pus e para procurar a bala; ha todavia casos em que a temporizaçãõ foi sufficiente, a bala cobrio-se de um kysto e a suppuraçãõ cessou.

As balas alojadas no pulmão não devem ser procuradas: se ellas penetrarão profundamente, seria imprudencia ir á sua procura.

Feridas do ventre por armas de fogo. Ha feridas não penetrantes que abrem um canal ou gotteira nas paredes do ventre.

As feridas obliquas, complicadas de corpos estranhos, não devem ser sondadas senão com sonda de mulher. As feridas penetrantes não serão sondadas.

Ha ás vezes sahida dos intestinos e do epiploon nas feridas do ventre por armas de fogo, como nas outras feridas d'esta região. Ha derramamentos immediatos, hemorragias consecutivas. Uma peritonite, frequentemente mortal, é consequencia da abertura do peritoneo. As feridas do ventre por armas de fogo são ordinariamente complicadas de ferida dos intestinos, da bexiga ou das outras visceras.

Tratamento. Nas feridas não penetrantes do ventre empregue-se o mesmo tratamento que nas feridas por armas de fogo não complicadas (*Veja-se* vol. I, pag. 1079) : o repouso absoluto, algumas bichas perto da ferida, são bons meios para prevenir a inflammação.

Nas feridas penetrantes, não se procure o corpo estranho, salvo se se sentir. Reduza-se o intestino; deixe-se o epiploon na ferida, se elle sahio, por ser isto um meio de cura espontanea. Cure-se a ferida com cataplasmas de linhaça. Se a bala sahio, se os intestinos não forão feridos, reuna-se a ferida com uma sutura. Se o intestino foi aberto, estabeleça-se um anus artificial; o repouso absoluto, caldos, e clysteres com caldos são expressamente indicados.

Depois d'estas generalidades, examinemos as feridas nas diferentes partes do corpo, e vejamos o que ellas apresentam de particular.

Feridas das arterias. *Veja-se* ARTERIA, vol. I, pag. 240.

Feridas do baço. São raras, mas muito graves, por causa da hemorragia que occasionão. Conhecem-se pela sua situação na parte superior e lateral esquerda do ventre. O tratamento compõe-se de bichas que se applicão no lado esquerdo do ventre, de pannos molhados em agua fria que se applicão no mesmo lugar durante os dois primeiros dias para impedir a hemorragia; e mais tarde de cataplasmas de farinha de linhaça.

Feridas dos beiços. Se forem profundas devem ser reunidas por meio de sutura; se não, basta o encerado inglez.

Feridas da bexiga. Estas feridas são feitas por instrumentos picantes, cortantes ou por armas de fogo; ás vezes pelo cirurgião mesmo para extrahir um calculo vesical, ou dar passagem á ourina na retenção d'este liquido.

Symptomas. São racionais ou sensiveis : aos primeiros pertencem o lugar que occupa a ferida exterior, na parte inferior do ventre ou no perineo; uma dôr viva sobre todo o trajecto das vias urinares e até á glande, ourinas emittidas em pequena quantidade e sanguinolentas, vontade frequente de urinar. A sahida da ourina pela ferida exterior é um signal sensivel de grande valor; o exame

da bexiga por meio da sonda deixa reconhecer que não existe n'este reservatorio scñão mui pequena quantidade de ourina misturada com sangue. Havendo perforação simultanea da bexiga e do recto, como isto se observa nas feridas por armas de fogo, a ourina sahe pelo anus com as materias fecaes.

Marcha da molestia e terminações. Quando a ferida da bexiga communica com a cavidade peritõneal, a ourina derrama-se n'ella, e determina promptamente todos os accidentes de uma peritonite aguda. Se o peritoneo não foi ferido, os phenomenos differem segundo as disposições do ferimento. Se a ferida exterior fôr maior do que a da bexiga, se o trajecto entre os dois orificios fôr directo, a ourina sahe e toda a infiltração d'este liquido é prevenida. Se, pelo contrario, a ferida exterior apresentar dimensões mais pequenas do que a ferida vesical, se o trajecto não fôr directo, a ourina infiltra-se no tecido cellular da bacia, do perineo, das virilhas, do escroto, etc., segundo o ponto da bexiga que foi ferido. As consequencias da infiltração varião segundo o lugar que occupa e conforme a extensão. Se a infiltração existir no interior da bacia, sobre os lados da columna vertebral, ou atraz da parede abdominal anterior, os doentes succumbem promptamente; se ficar limitada ao perineo e ao escroto, podem sobreviver.

Complicações. Um accidente proprio ás feridas da bexiga por armas de fogo é a presença de um corpo estranho na bexiga: balas ou outros projectis, porções de osso separadas da bacia. Os grãos de chumbo são ás vezes expulsos pelo canal da urethra. Em alguns casos, a bala chega á região perincal, produz um abcesso, e sahe. Nos outros doentes, o projectil torna-se o principio de um calculo, que é necessario extrahir por meio de uma operação.

Tratamento. Antes de tudo é necessario prevenir o derramamento da ourina, ou de torna-lo o mais fraco possivel. Para este fim, introduz-se na bexiga uma sonda de gomma que se mantem em permanencia na bexiga, o orificio destapado, afim de que a ourina possa sahir á medida que chega á bexiga. Recommenda-se ao doente de beber o menos possivel. Deixa-se a sonda até á completa cicatrização da ferida da bexiga. Se a infiltração da ourina se manifestar por uma tumefacção nas regiões que deixei indicadas, pratiquem-se leves incisões sobre este ponto.

Feridas das bolsas. *Vêja-se* FERIDAS DO ESCROTO.

Feridas da cabeça. As feridas da cabeça apresentam alguma gravidade, por causa da vizinhança do cerebro. As que são feitas por instrumentos cortantes, como facas, canivetes, são ás vezes acompanhadas de forte hemorrhagia. As que são feitas por corpos contundentes, como bengalas, achas de lenha, etc., são compli-

cadadas de commoção do cerebro. Uma commoção leve occasiona no mesmo instante algumas vertigens, escurecimento da vista e tremor dos membros. Mais forte, a commoção produz perda de sentidos incompleta ou completa, privação da vista, e o doente cahe no chão. A commoção *extrema* do cerebro produz a morte, instantaneamente, ou ao cabo de algumas horas.

As feridas da cabeça podem ser seguidas de inflammção do cerebro, cujos principaes symptomas são : dôr de cabeça, diminuição da intelligencia, da vista, da falla, da faculdade de ouvir, modorra, paralysisa dos membros e febre.

Podem tambem determinar a formação de uma erysipela.

Tratamento das feridas da cabeça. Quando a ferida é simples, cumpre lava-la com agua fria, e, depois de rapados os cabellos, reunir as margens da ferida por meio de pontos falsos feitos com tiras de emplasto adhesivo. Se a ferida fôr acompanhada de grande hemorrhagia, torna-se preciso estancar o sangue por meio da compressão com fios seccos, tira-los no dia seguinte, lavar a ferida e cura-la com pontos falsos. Às vezes os fios seccos não bastão para atalhar a hemorrhagia; é necessario então applicar pannos molhados em solução de perchlorureto de ferro a 30°, e mesmo recorrer á laqueação da arteria que fornece o sangue.

As feridas feitas por bengalás e outros corpos contundentes devem ser curadas da maneira seguinte : rapar os cabellos á roda da ferida, lava-la com agua fria, reunir as margens com pontos falsos applicados com certos intervallos para deixar lugar para a sahida do pus; por cima dos pontos pôr fios, e emfim por cima dos fios um panno de linho molhado em agua fria, que deve ser renovado de mcia em meia hora, ou ainda mais frequentemente. Mas se as margens da ferida ficarem vermelhas e inchadas, é mister substituir estes curativos por cataplasmas de linhaça, e quando a inflammção da ferida fôr menor, usar só de fios untados com ceroto.

As feridas da cabeça são ás vezes acompanhadas de despegamento dos tegumentos; o agente vulnerante, depois de produzir a solução de continuidade, escorrega sobre os ossos do craneo, e repelle diante de si os tegumentos, que separa n'uma extensão mais ou menos consideravel. Cumpre n'este caso applicar o retalho sobre o osso denudado, e mantê-lo com tiras de emplasto adhesivo : a reunião não tardará a effectuar-se.

Tratamento das complicações. Na commoção do cerebro é preciso dar a cheirar vinagre, agua de Colonia, ether ou alcali volatil, e applicar sinapismos aos pés. Se o doente não tornar a si, faça-se uma sangria no braço.

A *inflamação do cerebro* será combatida pela sangria no braço, e applicação na testa de pannos molhados em agua fria.

A *erysipela* dos tegumentos da cabeça, que apparece ás vezes nas feridas d'esta região, differe da *erysipela* das outras partes do corpo em que todos os lugares cobertos de cabello são brancos; e por isso não se pôde reconhecer a molestia senão pela inchação, e pela dôr bastante viva, que augmenta com a pressão do dedo. Na face e nas partes da cabeça despidas de cabello, como tambem nos individuos calvos, a *erysipela* apresenta a côr vermelha normal. Combate-se com tartaro stibiado administrado segundo a formula seguinte :

Tartaro stibiado. 5 centigrammas (1 grão)

Agua 480 grammas (16 onças).

Dissolva. Para tomar uma chicara de meia em meia hora.

Feridas do cerebro. I. FERIDAS POR INSTRUMENTOS PICANTES E CORTANTES. — As feridas do cerebro por instrumentos picantes ou cortantes não causão accidentes mortaes immediatos, a não attingirem a base do cerebro ou a medulla alongada.

Reconhece-se a ferida do cerebro pela denudação do orgão, ou pelo comprimento e fórma do instrumento que fez a ferida, o que permite apreciar a profundidade á qual a arma penetrou na cabeça.

A presença de um fragmento do instrumento, que penetrou no craneo, complica ás vezes as feridas do cerebro. Em geral, a posição da ferida, e a difficuldade que existe para o escorrimento dos liquidos, augmentão a gravidade do prognostico.

Depois dos ferimentos do cerebro, a encephalite, isto é a inflamação, é o principal accidente que se deve receiar; quanto ás desordens da intelligencia, taes como a perda da memoria, e ás paralyrias, estas são mais raras.

Tratamento. Cumpre extrahir os corpos estranhos, e collocar a cabeça na posição favoravel ao escorrimento do liquido da ferida. Attender aos primeiros symptomas da inflamação, e combatê-los com bichas e sangria. Os symptomas da inflamação do cerebro são : dôr de cabeça, delirio, convulsões, abatimento, pulso frequentê.

Se o cerebro estiver denudado, applicar nos dois primeiros dias sobre a ferida pannos molhados em agua fria, que se reformão de vez em quando. Logo que todo o receio da inflamação tiver desaparecido, curar a ferida com panno untado de ceroto, e fios por cima do panno.

Se as esquirolas comprimirem o cerebro, tira-las por meio da operação do trepano.

II. *Feridas contusas do cerebro.* Os instrumentos contundentes,

como baioneta, enxadão, bala que quebrarão o cranco, podem attingir e cerebro e produzir uma ferida contusa, arrastando diante d'elles pedaços de panno ou esquirolas osseas.

N'uma ferida que attingio profundamente o hemispherio cerebral, a paralyisia dos braços e das pernas, a abolição da intelligencia, a respiração lenta, o pulso pequeno e intermittente, caracterizão a contusão do cerebro.

Quando a base do cerebro está ferida, a morte é instantanea; mas quando a superficie do orgão foi só attingida, o doente póde sarar. A presença do corpo estranho é sempre uma complicação grave; bem que haja exemplos de balas que penetrarão no cerebro, e ali ficarão, enkystadas, sem produzirem accidentes.

Tratamento. Combata-se a inflammação do cerebro, que sobrevem ordinariamente depois das feridas contusas, com bichas e sangria no braço. Sobre a ferida applicuem-se pannos molhados em agua fria.

Se os ossos do craneo ficarem enterrados na substancia cerebral, será necessario tira-los por meio da opcrção do trepano. Tirem-se as esquirolas, e os pedaços de panno se existirem na ferida. Uma bala introduzida no cerebro será extrahida se se sentir: empregar-se-ha para este fim um sacabala ou uma pinça. Uma bala perdida dentro do cerebro não deve ser procurada.

Feridas do coração. É uma opinião quasi geral que as feridas do coração são instantaneamente mortaes. Entretanto, existem factos que provão que podem sarar. Plater cita o caso de um porco, em cujo coração se achou um pedaço de páo. Muitas vezes se tem encontrado no coração de animaes mortos na caça cicatrizes antigas ou balas que existião n'este orgão desde muito tempo. O Dr. Latour falla de um soldado que foi ferido no coração com uma bala de espingarda; ficou bom d'esta ferida, e só d'ahi a seis annos é que morreo de outra molestia. Fez-se a autopsia e achou-se a bala no coração.

Entretanto; no maior numero de casos as feridas do coração scguem-se de morte instantanea mais ou menos demorada.

Symptomas das feridas do coração. Além dos symptomas que se podem tirar da situação, da direcção da ferida e da profundidade a que penetrou o instrumento vulnerante, o doente apresenta os signacs seguintes: respiração difficil, desmaios, dôr no peito, pallidez do rosto e suores frios por todo o corpo.

Tratamento. Fechar a ferida exterior com emplasto adhesivo e com pannos; sangrar depois o doente, e recommendar-lhe silencio e repouso o mais completo. Se, com este tratamento, se atalhar a hemorrhagia interna, será necessario depois occupar-se do der-

ramamento sanguineo que se fez no peito, e dar-lhe sahida por meio de uma operação.

Feridas dos dedos, contusas. *Veja-se* DEDOS.

Feridas do escroto. Estas feridas são quasi sempre acompanhadas da sahida dos testiculos, ou, então, estes órgãos ficão descobertos. Resulta da maior parte dos factos que as feridas das bolsas não são graves, e que a redução dos testiculos faz-se em geral com bom exito, mesmo quando estes órgãos forão bastante puxados, quando forão um pouco contusos, ou ficárão algum tempo fóra das bolsas : obtiverão-se mesmo curas completas, quando não sómente as bolsas forão rasgadas, mas tambem quando a solução de continuidade alcançava o testiculo, e se estendia até ao membro viril. O facto seguinte prova o que ficou dito : Um boi furioso deo uma chifrada em um homem, furou-lhe o escroto, suspendeo-o durante alguns instantes sobre a cabeça e acabou por lança-lo contra um muro. O escroto ficou inteiramente rasgado e arrancado em muitos lugares, a tunica vaginal aberta; ambos os testiculos ficárão descobertos. O chifre attingio, além d'isto, o membro viril, rasgou o prepucio, e fez passar o membro viril atravez dos tegumentos do escroto. O Dr. Wolf curou methodicamente esta ferida, cortou com tesoura as porções de pelle demasiadamente desorganizadas pelo choque, e regularizou as margens da ferida. Fez alguns pontos de sutura, cobrio a ferida com pranchetas de fios molhadas em agua vegeto-mineral. Sangria, dieta, etc. No fim da terceira semana, a cura foi completa. Este caso é mui notavel; e o modo de proceder do Dr. Wolf deverá ser imitado em taes circumstancias. Nos casos, com effeito, em que existe mortificação ou contusão extrema de uma porção do escroto, cumpre sacrificar esta parte, e refrescar as margens para tornar mais facil a reunião.

Transcrevo agora o facto do Dr. Roux, porque o modo de proceder foi o mesmo e o resultado identico; sómente n'este caso foi uma bala que ferio o escroto. Tratava-se de um moço de 22 annos, ao qual uma bala ferio o escroto sem offender de modo algum o membro viril. Os envoltorios communs aos dois testiculos forão atravessados não sómente de um lado a outro, mas divididos completamente de diante para traz, sobre a linha mediana, desde a parte inferior do membro viril até ao perineo. Ambos os testiculos, os quaes não forão feridos, sahirão atravez d'esta grande ferida do escroto e pendião até á parte mediana da coxã. As bordas da ferida erão desiguacs e como franzidas. O cirurgião tornou a collocar os testiculos no escroto, e para segura-los no seu lugar, restabeleceo artificialmente a continuidade da pelle, applicando

alguns pontos de sutura sobre as bordas da ferida, depois de cortadas todas as partes franzidas. A cura foi completa.

Um homem de 70 annos, segurando um jumento, embarcou o pé no cabresto do animal no momento em que este tomava o galope acommettido de um accesso de furor; este homem cahio de costas e foi arrastado n'esta posição atravez de uma collina, percorrendo um espaço de cerca de 300 passos. Este facto aconteceu nos arredores de Montpellier, em França. O caminho atravez do qual este homem foi arrastado era montuoso, desigual, mui pedregoso; e por isso as espadoas, as costas, as coxas, as pernas ficarão esfoladas e ensanguentadas. Ainda não foi tudo. Uma pedra pontuda rasgou-lhe transversalmente a parte direita do escroto na extensão de quasi quatro dedos de largura. O testiculo d'este lado sahio, assim como o cordão espermatico, que foi estirado de tal modo n'esta carreira rapida, que se estendia até ao terço inferior da coxa. O doente foi levado á cama, coberto de sangue. O interior do escroto estava cheio de cascalhos e de outros corpos estranhos. O Dr. Gaston, que foi chamado, lavou cuidadosamente as partes feridas com agua morna, reduzio o testiculo no escroto, e, para mantê-lo no seu lugar, applicou uma prancheta de fios molhados no cozimento de malvas, que segurou com uma compressa e um suspensorio. Por causa da grande contusão, e na previsão de uma suppuração inevitavel, não julgou prudente fazer a reunião immediata com pontos de sutura. Com effeito, poucos dias depois estabeleceu-se a suppuração, e não sobreveio accidente. Todos os dias os curativos se fazião com fios untados de ceroto, e cataplasma de linhaça por cima; a reunião das partes fez-se pouco a pouco, e, no trigesimo-quinto dia depois do accidente, o doente estava completamente curado. O cordão espermatico ficou sómente mais volumoso do que é naturalmente; o testiculo conservou o dobro do seu tamanho ordinario, e ficou adherente em toda a sua circumferencia ao escroto.

Esta observação prova que não se deve desesperar da cura do testiculo quando mesmo o cordão espermatico fôr estirado, e quando o órgão mesmo fôr violentado e ferido.

As *feridas do testiculo* por instrumento cortante, e sobretudo por instrumento picante, são menos graves do que se pensa geralmente. Cumpre, sómente, empregar todos os meios para prevenir a inflammação. O melhor d'estes meios é a applicação, constantemente renovada durante os dois ou tres primeiros dias, de pannos molhados em agua fria. Depois d'isto, applicão-se bichas na coxa vizinha ou na virilha, e cataplasmas quentes de farinha de linhaça sobre o testiculo.

Feridas do estomago. Quando o estomago está completamente vasio, póde suppôr-se que fieou ferido quando um instrumento penetrou no meio do espaço comprehendido entre o appendicee xyphoide do osso esterno e o embigo; a lesão é quasi eerta quando o ferimento foi feito mais acima. No estado de plenitude o estomago póde ser attingido mesmo nos ferimentos situados em baixo do embigo.

Reconheee-se a ferida do estomago pela situação da ferida exterior, pela dôr viva na boeca do estomago, pelos vomitos de substancias alimentarias misturadas eom sangue, ou de sangue puro; existem tambem evaeuações alvinas sanguinolentas.

Quer o estomago esteja vasio ou cheio, sendo a ferida mui pequena, eomo, por exemplo, uma picada, e se nenhum vaso considerável foi dividido, não sobrevem derramamento na cavidade abdominal, porque a membrana interna do estomago sahe e tapa a ferida. Mas se a ferida fôr larga, as materias alimentarias e o sangue sahem do estomago e derramão-se no interior do peritoneo.

As relações da ferida do estomago eom a ferida das paredes abdominaes, e suas dimensões respectivas, occasionão variações na produção d'estes derramamentos, e influem sobre o resultado do ferimento. Se a ferida exterior fôr larga, e a ferida do estomago tiver dimensões neecessarias para dar sahida ás materias que elle contém, se estas feridas forem vizinhas e paralelas, as materias alimentarias e o sangue, em vez de se derramarem no peritoneo, sahem pela ferida exterior, pelo menos em grande parte. Pelo contrario, se com uma ferida exterior pequena, existir uma ferida larga do estomago, o derramamento tem lugar na cavidade abdominal. As materias alimentarias, derramadas na cavidade abdominal, produzem subitamente uma peritonite mortal.

Emfim, a abertura larga de um dos grossos vasos do estomago faz sueeumbir promptamente o paciente, pela abundancia da hemorrhagia interna. Todavia, quando a ferida do estomago e do vaso não é grande, as partes feridas podem contrahir adherencias com as paredes abdominaes, de modo a circumserever o derramamento n'um pequeno espaço. Póde então formar-se um abcesso que se esvazia pela ferida exterior. Mas semelhante terminação é muita rara.

Tratamento. Se o estomago ferido não se apresentar na abertura das paredes abdominaes, cumpre simplesmente applicar no ventre pannos molhados em agua fria que se reformarão amiudadas vezes para prevenir a inflammação do estomago e do peritoneo; haverá abstinencia eompleta não sómente de alimentos, mas mesmo de bebidas, porque deve receiar-se a sua passagem na cavidade do

peritonco; para sustentar as forças, administrem-se clysteres com caldo de carnc. Apesar d'estes meios, se houver um derramamento rapido e considéravel de materias alimentarias e de sangue, o paciente succumbe em geral em pouco tempo, sem que a cirurgia possa ser-lhe util. No caso de derramamento circumscripto, dar-se-ha sahida muito cedo aos liquidos derramados, afim de evitar os accidentes que resultarião da abertura do abcesso no peritoneo.

Quando a parte ferida do estomago se apresenta na abertura exterior, reune-se a ferida estomacal por meio de uma sutura, e reduz-se depois no interior do ventre. N'este caso o doente pôde sarar.

Feridas do figado. Sendo o volume do figado mui consideravel, as feridas d'este orgão deverião ser mais frequentes do que realmente são, se elle não estivesse abrigado pelas costellas. As feridas do figado são graves, mas não essencialmente mortaes.

Além da situação da ferida exterior, na parte superior e do lado direito do ventre, os signacs das feridas do figado são em primciro lugar a sahida de grande quantidade de sangue preto, ou um derramamento consideravel de sangue no ventre; dôr na região do figado, delirio, tensão do ventre, bocca amarga, vomitos repetidos, soluços, respiração constrangida, calefrios, ourina côr de açafrão, côr amarella e viscosidade do pus que sahe pela ferida.

O *tratamento* consiste em bichas e cataplasmas de linhaça no ventre. Havendo prisão do ventre, administre-se um clyster de cozimento de linhaça; e para bebida infusão de polpa de tamarindos.

Feridas do intestino. Quando uma faca ou algum outro instrumento penetra no interior do ventre, ordinariamente o intestino é ferido. Se a ferida foi feita por um estylete ou algum outro instrumento perfurante, nem sempre é grave. Quando é pequena, não ha effusão das materias contidas no interior do ventre, e os doentes sárão. Um florete pôde atravessar o intestino, e produzir simplesmente evacuações alvinas sanguinolentas. Mas se a ferida fôr extensa, se fôr produzida principalmente por uma bala de cspingarda, o accidente é então muito mais grave, e muitas vezes mortal.

Symptomas. É mui difficil conhecer se o instrumento que penetrou no ventre ferio ou não o intestino. Se o intestino ferido sahir pela abertura, a ferida é visivel. Se ficar dentro, e se pela ferida externa sahirem materias intestinaes, não ha duvida de que o intestino esteja furado. Mas se o intestino furado ficar dentro, e se a ferida exterior do ventre não deixar sahir materias fecaes,

conhece-se o accidente só pelas colicas, materias sanguinolentas que sahem pelo anus, vomitos sanguineos, ancias do doente e intumescencia do ventre.

Tratamento. Em todas as feridas dos intestinos, a primeira cousa de que convem occupar-se, é de prevenir a inflammação d'elles com pannos molhados em agua fria, que devem ser applicados sobre o ventre. O doente deve beber o menos possivel.

Se o intestino ferido ficar dentro da cavidade do ventre, a maior parte dos cirurgiões aconselham que se deixe a cura á natureza. A compressão reciproca dos orgãos do ventre põe em contacto as margens da ferida do intestino com as das partes exteriores, faz-lhes contrahir adherencias, que em muitos casos previnem a effusão de materias fecaes e produzem a cura. As bichas, as applicações frias e a dieta bastão ás vezes, mesmo quando o intestino foi furado em muitos lugares. As Memorias da Academia das Sciencias de Pariz, do anno de 1705, contém um exemplo curiosissimo a este respeito. Um doudo tinha dado em si oito facadas no ventre: sobreveio febre, ventre elevado, difficuldade de respirar, enjões e vomitos. O doente foi sangrado, não tomou senão caldos de gallinha e agua de arroz. Sarou em dois mezes, não só das feridas, mas tambem da loucura; dezasete mezes depois, tendo tornado a ficar maniaco, precipitou-se de um lugar elevado e morreo instantaneamente. Fazendo-se a autopsia, acháram-se vestigios das antigas feridas dos intestinos e do figado, que estavam completamente cicatrizadas. Quasi todos os cirurgiões limitão-se a combater a inflammação pelas bichas; mas alguns modernos, quando o intestino é perforado por uma bala, aconselham que se alargue a ferida exterior com um bisturí, que se introduza o dedo na direcção da perforação, que se extraia a bala, e se cosa depois a ferida do intestino.

Mas se o *intestino ferido estiver fóra do ventre*, é preciso retê-lo por meio de um fio de linho, e reunir a ferida mediante uma costura. Combate-se depois a inflammação com bichas e dieta.

Feridas do joelho. *Veja-se* FERIDAS DAS JUNTAS.

Feridas das juntas. Distinguem-se em feridas *penetrantes* e *não penetrantes*. Nas primeiras o interior da junta fica exposto ao contacto do ar, nas segundas só a pelle exterior se acha ferida.

As feridas penetrantes são muito mais graves que as não penetrantes; estas não exigem curativo particular, e expõem a junta á inflammação antes pela contusão que acompanha o ferimento do que pela ferida. Pelo contrario, as feridas penetrantes das juntas são mui perigosas, por causa da entrada do ar na cavidade articular.

O ar irrita as superficies articulares e occasiona uma suppuração de má natureza.

Conhece-se que uma ferida feita n'uma junta é penetrante pela inspecção da ferida, pela fórma do instrumento vulnerante, pela sua direcção, e sobretudo pela sahida de um liquido limpido e viscoso como clara de ovo, que se chama *synovia*, e que é destinado a humedecer o interior da junta.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer na ferida penetrante ou não penetrante da junta, é reunir immediatamente os labios da ferida, mediante um emplasto adhesivo ou encerado inglez; e depois da reunião, fazer applicações contínuas de pannos molhados em agua fria, para prevenir a inflammação. O doente ficará em repouso absoluto durante muitos dias. Se o ferimento tiver lugar no joelho, o membro ficará em extensão; se se tratar do cotovelo, é a flexão que convem.

Se sobrevier imflammação da junta, caracterizada pela dôr, inchação, e ás vezes vermelhidão, applicuem-se dez a quinze bichas, e depois cataplasmas de linhaça.

Feridas do larynge. *Veja-se* FERIDAS DO PESCOÇO.

Feridas da lingua. As feridas da lingua são produzidas por instrumentos perfurantes, por instrumentos cortantes, ás vezes por balas de espingarda, e quasi sempre pela approximação subita e violenta dos queixos no momento em que a lingua se acha entre os dentes, como acontece nas quedas ou nas convulsões. Todas as feridas da lingua são notaveis pela facilidade com que sárão. As que são simples e pouco profundas não exigem senão repouso e silencio : o unico accidente que pôde sobrevir é uma hemorragia que facilmente se pôde atalhar com lavatorios d'agua fria pura ou misturada com vinagre, ou por meio da compressão : esta pratica-se com o dedo pollegar e o indice applicados cada um sobre uma das faces da lingua. Nas erianças é preciso ás vezes cauterizar com um estylete aquecido ao rubro, porque os movimentos inconsiderados de sucção que faz a criança ferida impedem a cessação da hemorragia. Quando porém as feridas são extensas, sobretudo se dividirem a lingua em pedaços, é necessario reunir estes pedaços por meio de suturas com linha.

Feridas da mão. Apresentão pouco perigo quando só affectão a pelle. Reunem-se com encerado inglez ou sparadrapo.

Sendo profundas e feitas por instrumentos cortantes, podem ser acompanhadas da divisão de alguns tendões. Convem no primeiro dia applicar continuamente pannos molhados em agua fria : no dia seguinte reunir a ferida com tiras do emplasto adhesivo, applicar por cima fios seccos, e sobre estes cataplasma de linhaça.

As *picadas* da mão são unicamente perigosas quando profundas. Os accidentes devem ser combatidos com pannos molhados em agua fria; e depois trata-se a inflammação, que sobrevier, com cataplasmas de linhaça.

As feridas por armas de fogo, e as que são feitas por *pisadura*, são quasi sempre acompanhadas de fractura dos ossos, de abertura das juntas, e dilaceração dos tendões. Convem extrahir as esquirolas e recorrer ás applicações de pannos molhados em agua fria. Estas applicações continuadas durante os dois ou tres primeiros dias, constituem o melhor meio para prevenir a inflammação. Desenvolvida esta, faça-se uso de banhos d'agua tepida simples ou com folhas de malvas, e de cataplasmas de linhaça.

Hemorrhagia. As feridas da palma da mão podem complicar-se de hemorrhagia produzida pela abertura de uma das arterias que existem n'esse lugar. Então estas feridas deitão um sangue vermelho vivo, que esguicha com força e ás vezes custa a estancar. Entretanto, se o instrumento cortante só ferio a arteria superficial, o sangue cessa de correr quando se exerce na ferida uma compressão com fios e ataduras. Mas se foi aberta a arteria profunda, a compressão directa é insufficiente: convem então não só applicar fios e ataduras sobre a ferida, mas tambem comprimir a arteria no lugar onde se toma o pulso. Comprimem-se com os dedos as duas arterias que se sentem bater de cada lado da munhéca, e espera-se a chegada do cirurgião; ou applica-se sobre a munhéca, do lado que corresponde á palma da mão e sobre o trajecto das duas arterias, dois chumaços espessos que se apertão fortemente com uma atadura enrolada á munhéca. Tem sido empregadas vantajosamente com o mesmo intuito duas laminas de cortiça, fixadas n'este lugar mediante uma atadura: d'esta maneira a compressão é feita sómente sobre as arterias. Em lugar de laminas de cortiça, podem applicar-se dois pedaços de emplasto adhesivo dobrado em muitas dobras: estes pegão-se á pelle, não se deslocão tão facilmente, e comprimem com maior exactidão. Sendo bastante forte a compressão, o sangue immediatamente cessa de correr na ferida da palma da mão. A compressão feita da maneira que fica dita, é ás vezes insufficiente para atalhar a hemorrhagia; então o cirurgião é obrigado a laquear a arteria na ferida ou no antebraço.

Feridas do membro viril. Estas feridas são ordinariamente occasionadas por quedas sobre corpos agudos e por outros accidentes. Cumpre reunir a ferida com encerado inglez, applicar por cima pannos molhados em agua fria, e comprimir a ferida com chumaços e atadura para obstar á hemorrhagia. Se o canal

da urethra foi dividido, é preciso introduzir uma sonda no canal.
Veja-se FERIDAS DA URETHRA.

Feridas dos musculos. As feridas dos musculos e dos tendões apresentam os caracteres que pertencem ás feridas em geral. O phenomeno que predomina é a separação das margens da divisão. É preciso pela posição, pelas ataduras e tiras agglutinativas, approximar as margens da ferida para fervorecer a cicatrização.

Feridas do nariz. As feridas do nariz feitas com instrumentos cortantes podem apresentar algumas variedades; ás vezes consistem em uma simples divisão das partes molles; outras vezes uma porção mais ou menos consideravel do nariz é separada quasi em totalidade; emfim, o nariz ou uma das suas partes é inteiramente separada.

O primeiro d'estes casos é o menos grave. O tratamento consiste em reunir as margens da ferida com tiras de emplasto adhesivo ou de encerado inglez.

Quando uma porção do nariz foi separada quasi em totalidade, e quando não fica adherente ás partes vizinhas scñão por uma simples pellicula ou uma tira mais ou menos estreita, é preciso ainda reuni-la por meio de uma costura feita com agulha e fio de linho. Esta pratica é quasi sempre seguida da reunião e cicatrização das partes separadas.

O mesmo tratamento deve ser tambem seguido quando uma parte do nariz foi inteiramente separada. Existem factos authenticos que provão que narizes inteiramente separados por instrumentos cortantes, tendo sido applicados de novo no lugar, se cicatrizarão e reunirão perfeitamente aos tecidos vizinhos. Tal é, por exemplo, o caso referido por Garangeot, de um nariz mordido, lançado n'agua e restituído depois com feliz exito. Por consequente, a primeira cousa que se deve fazer, quando uma parte do nariz foi completamente separada, é tornar a pô-la no seu lugar. Se a porção separada está suja, coberta de lama, como acontece frequentemente, convem primeiro lava-la n'agua morna. É difficil dizer em que época se pôde esperar que a reunião se faça; em um caso teve lugar cinco horas e meia depois do accidente. O aspecto murcho, livido, as dentadas e o máo estado da porção separada, não devem fazer desesperar do bom exito; pois que em todo o caso, quando mesmo a tentativa fôr inutil, não pôde resultar d'isto inconveniente algum.

Feridas do olho. Estas feridas são graves por causa da delicadeza extrema das funcções do olho. Certas partes d'este órgão tem sensibilidade, movimento, transparencia tal que a menor cousa pôde alterar. Uma boa cicatriz, que em outras partes é um

acontecimento feliz, equivale ás vezes aqui á abolição da vista; e de mais, a mobilidade da membrana iris póde ser mui facilmente destruída. Todavia todas as feridas não tem a mesma gravidade; cumpre pois distinguir muitas especies, e estuda-las separadamente.

As feridas dos olhos são *não penetrantes* ou *penetrantes*.

§ I. *Feridas não penetrantes*. São as que não vão além da casca ocular, isto é, além da cornea transparente ou da esclerótica.

As feridas mais simples são as incisões e as picadas da conjunctiva sem abalo do globo ocular; havendo mesmo perda de substancia a lesão não será grave por isto: o que prova, são os bons resultados das operações que consistem em excisar uma porção mais ou menos extensa d'esta membrana. As rasgaduras, as feridas contusas são mais graves, mas simplificão-se excisando os retalhos, havendo-os. Em todos os casos, a subtracção á luz, as applicações de pannos molhados em agua fria, no primeiro dia, e lavatorios com cozimento morno de linhaça nos dias seguintes, e ás vezes bichas ou sangria, atalhão ou previnem a inflammação.

Os corpos estranhos, como os estilhaços de metal, de pedra, os grãos de chumbo, deixão ás vezes vestígios sobre a cornea e a esclerótica; é uma ferida incompleta da casca ocular. Estas lesões são mais graves, porque póde sempre suppôr-se que são acompanhadas de contusão e abalo do olho. Convem n'este caso empregar lavatorios com decocção morna de linhaça, e applicar sobre o olho cataplasma de linhaça. Se sobrevier uma forte inflammação, cumpre applicar bichas na fonte do lado inflammado.

§ II. *Feridas penetrantes*. Apresentão variedades numerosas subordinadas ao genero do instrumento vulnerante, ao ponto do olho pelo qual este penetrou, e sobretudo ás partes do orgão que se achão offendidas. Vamos estudar estas lesões segundo a ordem anatomica, bem que seja raro ver uma só porção offendida. Para comprehender melhor esta descripção, examine primeiro o leitor a figura do olho, que se acha no artigo OLHO.

a. FERIDAS DA CORNEA (membrana transparente que se acha na parte anterior do olho). São feitas por instrumentos picantes, cortantes ou contundentes.

Dois phenomenos primitivos se observão ordinariamente depois da ferida penetrante e simples da cornea, isto é, sem lesão do iris e do apparelho crystallino; são: 1º a sahida do humor aqueo; 2º a quêda do iris, ou, para melhor dizer, a sua deslocação. A opacidade da cornea é um phenomeno consecutivo á inflammação que se desenvolve depois do ferimento. A cornea póde ser ferida no centro ou mais ou menos longe do ponto que se acha defronte

da pupilla, o que estabelece uma differença para os resultados; porque sendo mais ou menos opaca a cicatriz que vem depois d'estas feridas, segue-se que a ferida incommodará tanto mais a visão, quanto fôr mais vizinha do centro da cornea. Se foi um corpo que não fez senão picar a cornea, como por exemplo uma agulha, escorre então uma quantidade mais ou menos abundante do humor aqueo, e o ferimento não tem de ordinario consequencias desagradaveis; e mesmo se a picada foi mui pequena, e sobretudo se a cornea foi atravessada obliquamente, pôde não haver sahida do humor aqueo, nem em parte nem em totalidade. Estas feridas sárão sem suppuração e não deixão cicatriz alguma. A ferida da cornea pôde ser pequena e ficar fistulosa; ou, então, a ferida distilla o humor aqueo durante algumas semanas e fecha-se depois espontaneamente, sem deixar o menor vestigio. Às vezes o ponto fistuloso é imperceptivel; quando é tão pequeno é facil fecha-lo tocando-o levemente com pedra infernal.

As feridas penetrantes da cornea podem ser complicadas da ferida do iris e do aparelho crystallino. Contendo o iris muito sangue vermelho, este corre quando existe uma ferida do iris, e o sangue pôde distender fortemente as duas camaras do olho, se a abertura da cornea não fôr bastante larga para lhe dar sahida, ou então coagula-se muito cedo.

Se o instrumento atravessar a pupilla, a ponta pôde ferir o crystallino, que se torna depois opaco. Esta opacidade pôde desaparecer no fim de muitos mezes, ou então torna-se cataracta permanente.

As feridas da cornea, sobretudo as que são feitas por instrumentos grossos, tacs como pontas de canivete, de garfo, pregos, podem ser seguidas de uma inflammação que se propaga ás outras partes do olho e produz a atrophia do órgão.

Se, em vez de uma picada, é uma incisão que foi feita, isto é, se a cornea foi largamente aberta, sobrevem outros phenomenos. Em primeiro lugar a cicatriz será mais extensa, incommodará mais a visão. Não se fazendo sempre esta cicatriz de uma maneira completa, pôde ficar um ponto fistuloso. Por uma larga incisão, o humor sendo promptamente evacuado e não sustentando mais o iris, esta membrana tende a dirigir-se para diante e sahe fóra do olho. Quanto mais as feridas são vizinhas da esclerotica, tanto mais a sahida do iris é frequente. Se não se fizer a reducção, o iris fica unido aos labios da ferida.

Em conclusão, as feridas da porção central expõem a cicatrizes que interceptão os raios luminosos; pôde sobrevir tambem um amollecimento da cornca, que é mui grave; emfim a hernia do

iris pôde impedir a vista. Mas a sahida do iris não apparece necessariamente na ferida, mesmo larga, da cornea. Assim, em consequencia da operação da cataracta por extracção convenientemente feita, as mais das vezes o iris fica dentro do olho.

Tratamento. Se o iris sahio do olho faz-se a sua redução por meio de um estylete com que se empurra brandamente; o doente deve estar deitado, a cabeça um pouco virada para traz. Com o mesmo fim, provocão-se os movimentos d'este véo contractil de um dos modos seguintes: 1º fechão-se as palpebras, friccionão-se levemente com o dedo pollegar, e abrem-se depois subitamente para expôr o olho a uma luz viva; 2º applica-se sobre as palpebras uma forte solução de extracto de belladona, que tem a propriedade de fazer contrahir o iris; d'este modo a hernia reduz-se instantaneamente.

Scarpa preferia não fazer tentativa alguma; deixava o iris unir-se á cornea, formar uma rolha que tapava a ferida d'esta membrana; destruia mais tarde a parte exuberante com pedra infernal. É certo que podendo-se reduzir facilmente o iris, deve fazer-se, porque se pôde assim evitar uma grande nodoa na cornea ou uma fistula. Mas teimar, quando a redução apresenta difficuldades, é expôr-se a produzir uma inflammação grave do iris, ás vezes de todo o globo do olho.

Qualquer que seja o genero de ferida da cornea, importa prevenir e combater a inflammação d'esta membrana pela applicação sobre o olho, durante os dois ou tres primeiros dias, de pannos molhados em agua fria ou em agua vegeto mineral igualmente fria, que se reformão continuamente para se conservarem sempre frios. Passados tres dias deixão-se estas applicações resolventes, e empregão-se os emollientes, que são: lavatorios com decoção morna de linhaça, e cataplasmas de linhaça sobre o olho. Logo no primeiro dia applicão-se dez a quinze bichas atraz da orelha do lado offendido; e subtrahese o olho á acção da luz.

b. FERIDAS DO IRIS. (O iris é uma membrana circular collocada no interior do olho, e cuja parte média apresenta uma abertura chamada *pupilla*.) As picadas do iris, feitas atravez da cornea, são seguidas as mais das vezes de dilatação da solução de continuidade e da formação de uma *pupilla artificial* permanente. A inflammação que se apodera dos labios da ferida communica-se ás vezes ás outras partes do olho, e pôde occasionár a destruição de todo o orgão. O tratamento consiste em bichas atraz da orelha, applicação de pannos molhados no cozimento morno de linhaça e de dormideiras, e de cataplasmas de linhaça.

c. FERIDAS DO APPARELHO CRYSTALLINO. (Chama-se *crystallino* um

corpo lenticular, transparente, collocado n'uma capsula atraz da pupilla.) Estas feridas attingem ás vezes a superficie da capsula crystallina, sem perforar esta membrana de parte a parte. N'este caso. fica ordinariamente, no lugar em que o instrumento tocou, uma marca branca permanente. As mais das vezes a capsula do crystallino é atravessada pelo instrumento, quer este penetre pela cornea, quer penetre pela esclerotica. Resulta d'esta lesão uma opacidade da lentilha, ou *cataracta*, que se forma mui promptamente. Os labios da ferida inflammão-se e apresentam uma côr branca de greda. Quando se cicatrizão promptamente, a cataracta fica impedida no seu desenvolvimento; se, pelo contrario, a ferida não se cicatrizar, o crystallino todo. inteiro torna-se opaco. Nos individuos jovens, e mesmo nos adultos, o crystallino pôde absorver-se pouco a pouco, d'onde resulta a cura espontanea d'esta cataracta accidental. Estas consequencias não são as unicas que podem sobrevir depois das feridas da capsula do crystallino: a inflammação d'esta membrana communica-se ao iris, d'onde resultão adherencias entre ambas as membranas; á retina e á choroide, d'onde procedem tambem gotas serenas; notemos ainda, como consequencias possiveis d'esta lesão, a atrophia do olho, o tremor do iris, a absorpção do humor vitreo, e a ossificação do crystallino.

Combate-se a inflammação do mesmo modo que na lesão precedente, bichas, dieta, applicações de pannos molhados no cozimento de linhaça, cataplasmas de linhaça. Se se formar uma cataracta, faça-se a operação da cataracta.

d. FERIDAS DA ESCLEROTICA E DA CHOROIDE. (A *esclerotica* é uma membrana branca e exterior, que reveste os quatro quintos posteriores do olho; a *choroide* é a membrana que se acha situada entre a esclerotica e a retina.) Estas feridas são graves em razão do ferimento concomitante da retina. Quando a esclerotica se acha só offendida, a choroide faz hernia atravez dos labios da ferida. Se a solução de continuidade attingir ao mesmo tempo a esclerotica e a choroide, resultão consequencias variaveis, segundo o lugar da solução de continuidade. Se esta se achar situada perto da circumferencia da cornea, o iris faz proeminencia atravez da abertura; se fôr situada mais para traz, o humor vitreo escorre pela ferida; ás vezes tambem o crystallino sahe, ou a lentilha torna-se opaca. Frequentemente a inflammação consecutiva produz a perda da vista.

O tratamento compõe-se de sangrias, bichas, dieta, applicações no olho de pannos molhados no cozimento de linhaça e de cataplasmas de linhaça.

As feridas do olho feitas por instrumentos contundentes, como, por exemplo, as que resultão de sôcos, são examinadas no artigo OLHO (*Contusão do olho*).

Feridas das orelhas. As feridas das orelhas, quando são pequenas, reúnem-se facilmente com pontos falsos; quando são grandes ou quando toda a orelha se acha separada, é preciso coser as margens da ferida com agulha e fio de linha. Em todos os casos, afim de conservar o contactó exacto dos labios da ferida, deve-se igualar quanto seja possível a superficie que apresenta a orelha enchendo as anfractuosidades com fios finos; cumpre sobretudo entulhar a concha e o conducto auditivo, se a ferida chegou até a elle. A orelha, assim guarneçada, pôde ser levemente comprimida com uma ligadura chamada *funda do queixo* (*veja-se LIGADURA*). Muitos factos provão que porções completamente separadas do pavilhão da orelha pudérão ser reaplicadas e reunirão-se.

Feridas dos ossos por incisão. As mais das vezes são os ossos do craneo que apresentam verdadeiras feridas. Não ha feridas dos ossos sem divisão da pelle e de uma parte dos tecidos que cobrem o osso, o que não é necessario para as fracturas. Nos casos de feridas dos ossos dos membros, ha grande differença, nos resultados, entre o simples côrte ou a secção completa de um ou mais ossos. Na divisão de um osso, deve fazer-se a reunião não sómente dos fragmentos do osso, mas tambem das partes molles, porque ha factos que provão que dedos completamente separados da mão pudérão reunir-se e sarar. Segurão-se os fragmentos reunidos com talas e ataduras, como nas fracturas.

Feridas das palpebras. Estas feridas tem effeitos differentes conforme são transyersaes ou perpendiculares á direcção das palpebras, e segundo dividem uma parte ou a totalidade da espessura. As divisões transversaes são acompanhadas de pouca separação, mesmo quando occupão toda a espessura da palpebra; reúnem-se facilmente por meio de pontos falsos feitos com tiras de emplasto adhesivo ou de encerado inglez. As divisões verticaes, pelo contrario, são sempre seguidas de grande separação de seus labios, sobretudo quando occupão toda a espessura da margem da palpebra. Os pontos falsos são sufficientes para reunir os labios da ferida vertical, que não divide inteiramente a margem da palpebra; mas quando esta margem é inteiramente separada, convem coser os labios da ferida com linha.

As feridas por instrumentos cortantes são as menos graves de todas; devem ser reunidas immediatamente.

Os corpos rombos dividem ás vezes as palpebras ao mesmo tempo que as pisão. Estas feridas devem ser reunidas como as que são

produzidas por instrumentos cortantes, com tiras de emplasto adhesivo; a contusão não é um obstaculo á reunião immediata d'estas feridas senão quando é excessiva. Se as margens forem pisadas, desiguaes, e com retalhos, cumpre igualar a ferida com bisturi ou tesoura, afim de poder fazer a reunião immediata.

As feridas por instrumentos picantes não tem ordinariamente consequencias graves, se o corpo vulnerante foi extrahido. Mas se a ponta atravessou toda a espessura das palpebras, se penetrou na orbita, póde quebrar a abobada e entrar no interior da cabeça; sobrevem então mais ou menos tarde accidentes cerebraes que frequentemente occasionão a morte. Se depois d'estas feridas sobrevier dôr de cabeça, será preciso praticar a sangria no braço.

Feridas da parotida. As parotidas são glandulas que segregão a saliva. São duas, uma de cada lado do rosto. Occupão a excavação que existe entre a margem posterior do osso maxillar inferior, o conducto auditivo externo e a apophyse mastoide. Seu conducto excretor penetra na bocca ao nivel do segundo dente molar superior.

As feridas da parotida merecem grande attenção, porque podem ser seguidas de cicatriz disforme ou de uma fistula; e como, no rosto, semelhantes deformidades são mui desagradaveis, deve ter-se um cuidado particular no emprego dos meios de reunião. Sendo profundas as feridas da parotida, apresentam verdadeiros perigos, por ser esta glandula atravessada por numerosos vasos e nervos. A lesão de semelhantes orgãos póde produzir a morte por hemorrhagia, raras vezes por accidentes nervosos. Ás vezes póde sobrevir paralyisia do lado correspondente do rosto.

As feridas da parotida e do seu canal excretor devem ser reunidas immediatamente com pontos falsos. Por cima dos pontos falsos applica-se uma cataplasma de linhaça.

Feridas do peito. Podem occupar sómente as paredes d'esta cavidade ou penetrar no seu interior. Aquellas chamão-se *não penetrantes*, estas *penetrantes*.

§ 1. *Feridas não penetrantes.* As que são feitas por instrumento cortante não são mais graves do que as feridas das outras regiões do corpo. O *tratamento* consiste em reunir os labios da ferida com tiras de emplasto adhesivo, collocar por cima d'estas alguns fios, e sobre estes uma faixa que se enrolará á roda do corpo.

Todavia quando as feridas não penetrantes tem lugar perto da clavicula ou da axilla, e tem certa profundidade, podem offender as arterias axillares, e occasionar hemorrhagias graves. Cumpre n'este caso laquear os vasos abertos.

As feridas *por instrumentos picantes* podem offerecer os mesmos

perigos, quando existem na mesma altura e são profundas. As picadas as mais leves do peito podem occasionar tambem phenomenos que ordinariamente existem só nas lesões graves: esfriamento da pelle, pequenez do pulso, suffocação, desmaio, tosse, emfim a maior parte dos symptomas da lesão de um orgão profundo, de uma hemorrhagia interna; e entretanto nem orgão importante, nem vaso algum consideravel foi ferido. Observão-se estes phenomenos sobretudo nos ferimentos recebidos no duello. Por muito corajosos que sejam os é combatentes, no momento do combate, o sangue não circula normalmente e a innervação não se excuta regularmente, por causa da emoção; se a este estado moral se ajuntar uma ferida do peito, o ferido perturba-se e deixa-se apodcrar do medo. Concebe-se então a producção dos phenomenos que deixei indicados, e o effeito salutar das succões que se fazião n'outro tempo, acompanhadas de palavras mais ou menos mysteriosas: esta pratica dirigia-se ao moral do individuo, que era immediatamente livre de risco quando a ferida não era perigosa.

§ 2. *Feridas penetrantes.* Estas feridas podem ser complicadas: 1º do ferimento do pulmão, do coração ou dos grossos vasos; 2º da lesão de uma das arterias intercostaes, ou da arteria mamaria; 3º da fractura das costellas ou do sterno.

a. *Ferida do pulmão.* Manifesta-se pelos symptomas seguintes: escarros de sangue, sahida d'este liquido pela ferida exterior, seu derramamento no peito, emphysema e inflammação do pulmão. A reunião d'estes symptomas não deixa duvida alguma sobre a lesão do pulmão; mas não se achão sempre reunidos, nem são sempre bastante pronunciados para completarem o diagnostico.

Os *escarros de sangue* não são constantes: faltão quando a ferida do pulmão é pequena e superficial. Quando estes escarros são pouco consideraveis, cessão no principio da inflammação do pulmão. Aparecem, em geral, immediatamente depois da ferida; o sangue é rutilante, espumoso; sua abundancia está em relação com a extensão da ferida feita no pulmão.

A *sahida do sangue pela ferida exterior* não tem lugar senão quando esta offerece certa extensão. Sendo ella estreita, o sangue accumula-se no peito. Além d'isto, para que esta sahida do sangue tenha grande valor no diagnostico, é preciso que coincida com os escarros de sangue; porque, pela ferida das paredes do peito, póde sahir sangue cuja fonte seja uma lesão das arterias d'estas paredes, uma lesão do coração ou dos grossos vasos contidos no peito: então o peito enche-se, e o que superabunda passa pela ferida exterior.

O *derramamento sanguineo* póde ser produzido pelas mesmas

lesões que deixei indicadas. Por si só não é sufficiente para annunciar uma ferida do pulmão.

O *emphysema* é um accidente frequente e caracteristico. O *emphysema* é um tumor branco, luzidio, elastico, indolente, causado pela introdução do ar no tecido cellular. As circumstancias seguintes impedem que o *emphysema* tenha lugar: 1º uma grande extensão da divisão das paredes do peito: então o ar sahe e entra livremente; 2º um grande derramamento sanguineo, o qual se oppõe á sahida e á infiltração do ar; 3º uma grande estreiteza da ferida dos pulmões: então a inchação e o sangue coagulado oppõem-se á sahida do ar pela ferida do *parenchyma* pulmonar. As circumstancias mais favoraveis á formação do *emphysema*, são a estreiteza e a direcção tortuosa da ferida das paredes, junta a certa extensão da ferida dos pulmões. A reunião d'estas circumstancias póde dar lugar a um *emphysema* consideravel; o ar, depois de encher o peito, comprime o pulmão, infiltra-se no tecido cellular das paredes thoracicas; fica frequentemente circumscripto e forma um tumor indolente, elastico, sem mudança de côr na pelle, e produzindo, pela compressão, uma sensação, e crepitação particular. Ás vezes o ar infiltra-se em uma grande extensão.

A *inflammiação do pulmão* ou *pneumonia*, consecutiva ás feridas do pulmão, geralmente não é grave. Os *symptomas* estão descriptos no artigo PNEUMONIA.

O *tratamento* das feridas do pulmão exige uma ou duas sangrias no braço, dieta, e bebidas diluentes, taes como cozimento de cevada ou de arroz.

O *emphysema* não necessita de tratamento especial, sendo pouco extenso; se fôr consideravel, praticão-se incisões superficiaes, e fazem-se compressões moderadas para expulsar o ar.

As *feridas do coração* e o seu *tratamento* achão-se no v. I, p. 1085.

O *ferimento dos grossos vasos* do interior do peito é seguido de grande hemorrhagia interna. Não se lhe póde applicar outro tratamento senão repouso, e as bebidas refrigerantes e adstringentes, taes como limonada de limão ou de vinagre.

b. As *lesões das arterias intercostaes* ou da *arteria mamaria* são seguidas de grande hemorrhagia. Tratão-se pela compressão ou pela laqueação das arterias.

c. *Contra as fracturas das costellas* applica-se a ligadura indicada no artigo FRACTURAS.

Feridas do pescoço. As feridas do pescoço resultão ordinariamente de tentativas de suicidio, e são então quasi sempre produzidas por navalha. O maior numero de infelizes que se querem

suicidar d'esta maneira cortão o larynge, que é o canal pelo qual o ar entra nos pulmões; n'este caso, é tanto maior a separação entre as duas margens da ferida quanto mais virada para traz está a cabeça. O ar dos pulmões sahe pela ferida, e o doente não pôde fallar senão approximando-lhe os labios da ferida, afim de obrigar o ar a passar pela bocca. Ha escorrimento de sangue; mas se nenhuma das grandes arterias do pescoço foi ferida, esta hemorrhagia não é mortal e o doente pôde sarar, o que acontece no maior numero de casos. É mui raro ver ferido o *pharynge*, canal que se acha atraz do larynge, e que dá passagem aos alimentos; e por isso o doente que tem só o larynge ferido pôde engulir agua e alimentos.

Tratamento. A primeira cousa que se deve fazer nas feridas do pescoço é estancar promptamente e fluxo de sangue, quer laqueando as arterias, o que não pôde ser feito senão por um cirurgião, quer comprimindo com pannos a ferida, o que qualquer pessoa pôde fazer antes da chegada do facultativo. A compressão da ferida é sufficiente nas hemorrhagias que dependem da abertura dos vasos pequenos; mas quando uma arteria grande do pescoço se acha dividida, a compressão geral da ferida não basta para se oppôr á effusão de sangue. N'este caso grave, que se conhece pelo grande corrimto de sangue vermelho, a compressão deve ser feita com o dedo pollegar, não na ferida, mas sim um pouco abaixo d'ella, no lugar onde se sentem as pancadas da arteria, do lado do pescoço, uma a duas pollegadas por cima do osso que é visivel na parte superior do peito e que se chama *clavicula*. Uma só pessoa cansa facilmente, e por isso são precisas duas ou tres para fazerem alternadamente esta compressão. Chegado o cirurgião deve este proceder logo á laqueação da arteria para atalhar a hemorrhagia. Mas estas hemorrhagias são mui raras, como já disse, e ordinariamente nas feridas do pescoço o sangue deixa de correr passados alguns minutos. É necessario então lavar a ferida com um panno ou esponja molhada em agua fria, e reunir-lhe os labios. Para isso basta abaixar a cabeça do doente, e applicar tiras de emplasto adhesivo. Mas ás vezes estes pontos falsos não são sufficientes, e é preciso reunir os labios por meio de costura verdadeira, feita com agulha e linha.

Reunida que seja a ferida, a cicatrização faz-se em poucos dias. Basta que o doente guarde silencio, fique em repouso, e não tome senão caldos de gallinha e alguma bebida refrigerante, como agua de arroz ou cozimento de cevada.

Feridas dos pulmões. Todas as vezes que um estylete, espada ou algum outro instrumento picante e cortante penetrar

a certa profundidade na cavidade do peito, o pulmão é ferido. Conhece-se este accidente pelos escarros de sangue, e sahida d'este liquido pela ferida externa.

Tratamento. Cubra-se a ferida exterior com emplasto adhesivo, pratique-se uma sangria, e recommende-se repouso e silencio. Nos primeiros dias, deve haver abstinencia de alimentos solidos, o doente póde usar só de caldos de gallinha e limonadas de limão.

Veja-se FERIDAS DO PEITO.

Feridas dos rins. Estas feridas são raras, por causa da situação profunda dos rins no interior do ventre, aos lados das vertebrae lombares. Os instrumentos picantes, cortantes, ou armas de fogo que as produzem penetrão pela região lombar; e, n'este caso, o peritoneo é respeitado; ou então penetrão pelos pontos do ventre nos quaes o rim se acha revestido por esta membrana.

Os *symptomas* que estas lesões provocão são variaveis: de ordinario manifesta-se uma dôr nas cadeiras que se propaga até á virilha e ás vezes ao testiculo; o escroto fica contrahido; os doentes vertem com a ourina certa quantidade de sangue nos primeiros momentos do accidente; em alguns casos sahe pela ferida exterior ourina ou um liquido de cheiro ourinoso. Ás vezes a evacuação da ourina pelas vias naturaes é difficil e mesmo impossivel, por causa dos grumos de sangue que obstruem os conductos urinaes, a bexiga ou o canal da urethra. A estes phenomenos locais ajuntão-se *symptomas* geraes: vomitos, dôres na bocca do estomago, no escroto, na coxa; perda de conhecimento, quando a hemorrhagia interna é consideravel.

As terminações são variaveis: 1º Manifestão-se phenomenos inflammatorios mais ou menos intensos, o ventre torna-se duro, doloroso; o pulso frequente. Em alguns individuos a cura não é completa senão no fim de muitos mezes. 2º A morte póde ser consequencia de uma peritonite, ou de uma hemorrhagia interna quando vasos de grosso calibre forão abertos. 3º Fistulas renaes succedem ás vezes ás feridas do rins.

Tratamento. A primeira indicação a preencher consiste em prevenir o trabalho inflammatorio; com este fim applicão-se 10 bichas nas cadeiras. Cura-se a ferida com pannos molhados em agua fria, durante os dois ou tres primeiros dias; e depois com cataplasmas de linhaça; o doente observa a mais completa dieta, tomando só alguma bebida emolliente, por exemplo, infusão de linhaça, em pequena quantidade. Combate-se a inflammação local consecutiva com cataplasmas de linhaça e semicupios d'agua tepida.

Se a ourina não puder ser expulsa pelas vias naturaes, evacua-

se por meio de uma sonda. As fistulas renaes cicatrizão-se passados muitos mezes.

Feridas do rosto. As margens das feridas do rosto devem ser reunidas com toda a attenção por meio de tiras de encerado inglez ou de emplasto adhesivo, afim de que a cicatriz seja linear e tão pequena quanto fôr possível. Não havendo este cuidado, as margens da ferida afastão-se uma da outra, e a cicatriz que se forma fica mui visivel e disforme. Quando só as partes superficiaes são cortadas, as tiras de encerado ou de emplasto adhesivo são sufficientes para fazer uma reunião completa; mas se toda a espessura do rosto ou dos beiços fôr dividida, recorra-se aos pontos com agulha e linha.

Feridas dos seios. Não differem das feridas das outras partes. Mas se attingirem o seio no momento da lactação, podem occasionar uma fistula lactea. Convem reunir as margens da ferida com tiras de emplasto adhesivo, o mais exactamente possível.

Feridas do sobaco. As feridas do sobaco tem sempre certa gravidade. Com effeito, quando mesmo não passa os limites da região, o corpo vulnerante póde ferir o tronco da arteria, o da veia e os nervos do plexus brachial; d'onde sobrevem hemorragias mortaes no maior numero de casos e paralyrias mais ou menos completas do braço. O instrumento que attingio primeiro a axilla póde, excedendo os limites da região, dirigir-se para cima e ferir os vasos da base do pescoço, penetrar na articulação scapulo-humeral, ou abrir outra cavidade ainda mais importante, o peito; d'onde resultão ainda hemorragias, depois inflammações mui graves, emphysema.

Sendo mui volumosa a arteria axillar, as suas feridas são mui graves; deixão correr sangue em grandes rios, e o paciente morre muitas vezes de hemorragia antes de ser soccorrido. Certas circumstancias podem impedir o acontecimento fatal: assim, uma syncope prolongada, a estreiteza da ferida exterior, o seu trajecto sinuoso, a presença de espirito de algum assistente que comprime a arteria na ferida. Mas estes exemplos são raros, e póde dizer-se que a morte é a regra, sobretudo quando a ferida foi feita por instrumento de gume. Nos casos em que a hemorragia não foi instantaneamente mortal, variarão os resultados: assim forão vistas curas completas inteiramente espontaneas, sem volta da hemorragia, sem desenvolvimento de aneurysma consecutiva. Julga-se que n'estes casos, aliás mui raros, a arteria tendo sido completamente dividida, as pontas retrahirão-se no tecido cellular, de que resultou um obstaculo á effusão do sangue. O Dr. John Bell falla de um homem que teve a arteria axillar dividida por uma

foucc; uma syncope fez parar a hemorrhagia. Boerhave observou um caso de cura espontanea favorecida pela syncope; é o seguinte: Um camponez recebeu uma facada debaixo do braço que cortou a arteria axillar; o sangue jorrou com força incrível. O paciente cahio pouco a pouco como morto, e deixárão-n'o como tal. No dia seguinte os empregados mandados pela justiça para visitar o cadaver acharão-lhe algum calor no peito; não havia outro signal de vida. Entretanto o calor voltou pouco a pouco; todos os assistentes julgárão que o camponez estava moribundo; mas depois de ficar por algum tempo n'este estado de fraqueza, voltou á vida, contra toda a esperança; o braço, porém, ficou secco e delgado, o que leva a crêr que houve tambem lesão dos nervos. Em alguns casos, quando a hemorrhagia foi suspensa pela syncope, e a ferida era bastante larga, o cirurgião poude apanhar as pontas da arteria dividida, e fazer a laqueadura.

Tratamento. Em toda a ferida do sobaco, acompanhada de grande effusão de sangue, é preciso em primeiro lugar soster a hemorrhagia. Para este fim deve-se comprimir a arteria sub-clavicular sobre a primeira costella, afundando o dedo pollegar ou uma pequena almofadinha solida guarnecida de um cabo, por detraz da parte média da clavícula, depois de abaixado o hombro. A compressão faz parar o sangue; este meio, porém, é só provisório, permite o esperar a chegada do cirurgião, o qual procederá á ligadura das duas pontas da arteria dividida, dentro da ferida, para vedar definitivamente a hemorrhagia.

Feridas das sobancelhas. As feridas das sobancelhas podem ser seguidas de cegueira, que é attribuida á lesão do nervo frontal, ou á commoção do olho. Curão-se como as outras feridas; isto é, com pontos falsos e fios; mas quanto á cegueira, esta é incuravel.

Feridas dos tendões. Os tendões são cordões fibrosos, chatos, mais ou menos longos, de um branco azulado e luzidio, que terminão os musculos e vão fixar-se as mais das vezes aos ossos, a que transmittem o movimento imprimido pela contracção dos feixes musculares.

Os tendões podem ser divididos completa ou incompletamente. Se a divisão fôr completa, as duas pontas afastão-se de modo a deixar entre ellas um intervallo mais ou menos consideravel.

Os phenomenos que acompanhão as feridas dos tendões varião segundo que as feridas estão expostas ao ar ou abrigadas do seu contacto.

Se a solução de continuidade existir no fundo de uma ferida contusa ou de uma ferida que não foi reunida, as duas pontas do

tendão tornão-se a principio pallidas, depois inflammão-se, exfolião-se ou cobrem-se de carnosidades que se reúnem com as carnosidades desenvolvidas nos órgãos vizinhos. N'esta circumstancia tudo está confundido, tecido cellular, aponevrose, tendão, vasos; estas partes reúnem-se á pelle. O musculo perde as suas funcções, e ás vezes produz-se uma deformidade pelos musculos antagonistas que arrastão e mantem a parte n'uma situação anormal.

Ás vezes, apesar da reunião immediata dos tecidos exteriores, acontece que uma suppuração profunda se declara no fundo da ferida; resulta d'ella o mesmo trabalho e quasi o mesmo perigo. Entretanto a suppuração póde limitar-se á bainha do tendão; então este recobra, ao cabo de um tempo mais ou menos longo, a faculdade de mover-se.

Quando a ferida está ao abrigo do contacto do ar, se não sobrevier suppuração, o que acontece no maior numero de casos, os phenomenos são completamente differentes. Se as pontas dos tendões estão perfeitamente em contacto, reúnem-se sem intermedio algum; se estiverem separadas, reúnem-se por meio de uma substancia molle, gelatinosa, que, com o tempo, torna-se mais resistente e adquire a apparencia fibrosa que se confunde com o tendão, formando um caroço que desaparece ao cabo de algum tempo. Se existir uma separação de muitos millimetros, forma-se um derramamento de sangue ou de lympha plastica. Este derramamento organiza-se, solda-se ás duas pontas do tendão que envolve como anel, e augmenta o comprimento do tendão dividido. É assim que as cousas se passam em consequencia da divisão do tendão de Achilles, operação chamada *tenotomia*, que se pratica para curar o pé torto. Outras vezes as duas pontas do tendão cicatrizão-se isoladamente, achão-se como perdidos no tecido cellular, a acção dos musculos correspondente está abolida.

A divisão incompleta dos tendões, é seguida de uma separação mui fraca; a reunião immediata póde ter lugar sem accidente nem primitivo nem consecutivo; comtudo esta lesão é ás vezes seguida de accidentes.

Tratamento. Os curativos e as operações que necessitão as feridas e as rupturas dos tendões varião, segundo que ha ou não ha ferida na pelle, ou conforme se póde ou não se póde obter um contacto perfeito por meio das ataduras. Os meios especialmente recommendados são : a *posição*, as *ligaduras* e a *sutura*.

1º *Posição e ligaduras.* O membro deve estar collocado na posição que favoreça o melhor a approximação das duas pontas : na flexão, se foi dividido um tendão que faz dobrar; na extensão, se a solução de continuidade teve lugar no tendão de um musculo extensor.

Talas de madeira ou de papelão, um aparelho inamovível feito com ataduras molhadas na dextrina ou no silicato de potassa, preenchem muito bem a indicação. Estes aparelhos devem ficar no lugar durante 20 a 25 dias, depois do que o doente poderá fazer alguns movimentos.

2º *Sutura*. Não se deve recorrer a ella, se por meio de ligaduras se pôde obter um contacto sufficiente. A sutura irrita necessariamente, e, em todos os casos, o seu resultado é incerto.

Feridas do testiculo. *Veja-se* FERIDAS DO ESCROTO.

Feridas da urethra. Quando a ferida não é complicada de perda de substancia, sára por si mesmo e só exige asseio. O curativo consiste em applicar encerado inglez ou fios untados de ceroto. Quando a urethra experimenta perda de substancia, é preciso introduzir n'este canal uma sonda de gomma elastica, afim de prevenir o estreitamento, e curar a ferida com ceroto simples.

Feridas das veias. *Veja-se* VEIA.

Feridas do ventre. As feridas das paredes do ventre que não penetrão até esta cavidade, nada apresentam de particular, e devem ser curadas como as das outras partes do corpo. Basta lavar a ferida com panno molhado em agua fria, e reunir as margens com tiras de emplasto adhesivo, ou com verdadeira costura.

As feridas que dividem toda a espessura das paredes do ventre podem deixar sahir os intestinos. É preciso fazer tudo para prevenir este accidente. Reunem-se então as margens da ferida com tiras de emplasto adhesivo, e colloca-se o corpo n'uma posição tal que estas margens fiquem em contacto; por cima do emplasto adhesivo põem-se fios, que se mantem com uma toalha que se enrola á roda do corpo e que comprime levemente o ventre. As vezes este simples curativo não é sufficiente para oppôr-se á sahida dos intestinos; é mister então reunir a ferida por meio de sutura.

Se pela ferida do ventre sahirem os intestinos, e se estiverem intactos, basta introduzi-los com a mão no interior do ventre e coser com agulha e fio de linha a ferida exterior. O doente deve observar rigorosa dieta, e não tomar senão caldos de gallinha ou agua de arroz; e se se manifestar dôr no ventre, applicuem-se bichas no lugar doloroso.

Se o intestino, porém, se achar cortado, será preciso retê-lo por meio de um fio de barbante. O cirurgião reúne depois a ferida do intestino por meio de uma sutura e combate os accidentes.

Feridas da virilha. São graves por causa da presença da arteria e veia femoral, e da vizinhança do ventre cujas paredes poderião ser divididas, o que constituiria uma ferida penetrante muitas vezes mortal.

As lesões da arteria femoral são devidas a projectis lançados pela polvora, por instrumentos de gume, e mesmo por um canivete. Muitas vezes um individuo fere-se querendo reter uma ferramenta pontuda que lhe escapa das mãos; acontece tambem que por um movimento natural aproximão-se as coxas para segurar um instrumento que, se fôr dirigido horizontalmente, pôde ferir a arteria femoral. As facas que em certas localidades os cozinheiros trazem na algibeira, ao lado do corpo, são contidas nos estojos que podem ser furados, em certos movimentos subitos do corpo; depois do estojo, os vestidos, e a côxa podem ser atingidos.

As feridas da arteria femoral são ordinariamente graves. Occasionão a morte em mui pouco tempo se o doente não fôr soccorrido, mas não sempre, porque uma syncope pôde fazer parar a hemorragia, e ás vezes definitivamente; pôde tambem formar-se uma aneurisma que impede o derramamento do sangue para fóra.

Em geral, o diagnostico não offerece grandes difficuldades: a situação, a profundidade da ferida, a hemorragia por jorro isochrono com as pancadas do pulso, a côr vermelha do sangue, a possibilidade de suspender a hemorragia pela compressão methodicamente feita por cima do lugar ferido, são circumstancias que indicão a abertura da arteria femoral.

Muitas vezes, n'estas feridas, o doente morre porque o medico não chega a tempo. O sangue corre com violencia. Felizmente para o paciente acontece que os assistentes tem bastante intelligencia para exercer compressão efficaz; vio-se mesmo um doente mais intelligente e menos perturbado do que os que o cercavão, dobrar fortemente a coxa, mantê-la applicada contra o ventre, e vedar assim a hemorragia.

O *tratamento* das feridas da arteria femoral, consiste, pois, em fazer dobrar fortemente a coxa contra o ventre, e comprimir a arteria com os dedos sobre o osso do pubis. Chegado o cirurgião, procede immediatamente á laqueação da arteria. Engrandece, de cima para baixo, a ferida accidental, se ella estiver sobre o trajecto da arteria; durante esta incisão, um ajudante exerce a compressão sobre o corpo do pubis; o cirurgião applica depois uma linha por cima e outra por baixo e a alguns millimetros da abertura da arteria; e isto, quer esta seja cortada completamente ou só n'uma parte do seu calibre.

Feridas chronicas ou **antigas.** *Veja-se* ULCERA.

FERIMENTO. *Veja-se* FERIDA.

FERMENTAÇÃO. Decomposição que se manifesta n'um grande numero de substancias organicas, como no sangue, ourina, nos liquidos que contém assucar, quando são expostos á acção da

agua, do ar ou de um calor temperado. A fermentação tem nomes particulares segundo a natureza dos productos a que dá lugar: assim distingue-se a *fermentação saccharina*, aquella em que se produz assucar, como na acção da cevada germinada sobre a fecula; a *fermentação vinosa, espirituosa ou alcoolica*, as em que o assucar se converte em espirito de vinho e em acido carbonico, como na fermentação do vinho, da cerveja, e em geral na dos liquidos assucarados; a *fermentação acida*, aquella em que o espirito se converte em vinagre; a *fermentação putrida ou putrefacção*, a em que a decomposição das materias organicas desenvolve gazes infectos, taes como acido sulphydrico e ammoniac.

Póde impedir-se a fermentação dos corpos organicos preservando-os da acção da humidade e da do ar. Os succos vegetaes conservão-se perfeitamente ao abrigo do contacto do ar, como tambem as carnes e os legumes, encerrando-os em vasos hermeticamente fechados, depois de aquecidos até á ebullicão da agua, afim de que sejam despídos do ar que contém. N'este principio é fundado o methodo de Appert para a conservação das substancias alimentarias.

FERRADO ou **meconio**. É o nome que se dá aos primeiros excrementos das crianças recém-nascidas. É uma substancia esverdeada ou denegrada que se foi accumulando nos intestinos durante o curso da gravidez; é composto de bilis e de mucosidade intestinal. O ferrado é sempre evacuado no primeiro ou segundo dia depois do parto. Muitas parteiras, querendo adiantar os esforços da natureza, administração oleo de amendoas doces ou xarope de chicoria composto, para accelerar a sahida do ferrado. Pretendem d'esta maneira prevenir as *colicas* da criança, e ordinariamente as augmentão, determinando pelos purgantes a irritação dos intestinos. Se o ferrado tardar a sahir, o melhor meio será dar um pequeno clyster com agua morna simples. Em alguns casos, felizmente raros, a criança nasce tapada, e então o vicio de conformação oppõe-se á excreção do ferrado; a agua que se injecta com a seringa é então expulsa em vez de entrar para o intestino. No artigo *Anus* achará o leitor o que convem fazer contra esta *imperforação*. (Veja-se vol. I, pag. 241).

FERRO. Corpo simples, metallico, de côr cinzenta azulada, de densidade igual a 7,8. Este precioso metal encontra-se na natureza em diferentes estados; isto é, nativo, no estado de oxydo, ou combinado com o enxofre, chloro ou arsenico; ou no estado de sal, de sulfato, de phosphato, de carbonato, de oxalato, de tungstato e de arseniato. O ferro nativo encontra-se na Saxonia, Brasil, Perú, Mexico, Senegal, etc. Entre as massas

consideraveis de ferro nativo descobertas até hoje, eitarei particularmente a de Olumpa, na provincia de Tucuman da Confederação argentina (America meridional), cujo peso é maior de 300,000 libras. No Brasil, não longe de Jacobina Nova, na provincia da Bahia, acha-se tambem uma grande massa de ferro, que pesa cerca de 17,300 libras. Esta massa acha-se actualmemente a 150 passos mais além do Oeste. Quarenta bois não pudérão leva-la mais longe.

O ferro eonstitue um dos maiores elementos de riqueza no Brasil, não só pela sua abundancia e qualidades, mas tambem pelas facilidades, que devem prestar para o seu aproveitamento as extensas mattas, fornecendo excellente carvão, e a existencia de grandes caehoeiras, que podem servir de motor. As mais ricas minas de ferro do Brasil, são as de Ipanema na provincia de S. Paulo, e as das provincias do Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Minas Geraes. O ferro magnetico ou iman, forma no pico de Itabira, na provincia de Minas, uma montanha colossal; em depositos menos grandes aeha-se em Ipanema, e nas provincias de Paraná, Mato-Grosso, e S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Para a extracção do ferro só se explorão as minas de oxydo e de carbonato, que são muito abundantes e que se manipulão mais faeilmente. O iman natural não é outra eousa senão uma mina de ferro oxydulado. O ferro, combinado eom o carvão em proporções differentes, forma o aço e a plombagina. O aço resulta da combinação de uma parte de carvão e de 99 partes de ferro. Esta mui pequena proporção de carvão muda as propriedades do ferro de maneira que o aço é mais duro do que o ferro, e que, depois de aquecido até ao rubro, e arrefecido subitamente na agua, temperase, eomo se diz, enrijece e torna-se quebradiço. Uma combinação inversa da preeedente; isto é, 4 partes de ferro e 96 partes de earvão, eonstitue a plombagina, com que se fazem os lapis.

Na temperatura ordinaria, o ferro exposto á acção do ar humido, eria *ferrugem*, que é um composto de sesqui-oxydo de ferro hydratado, de carbonato e de sesqui-oxydo de ferro.

As preparações de ferro formão medieamentos mui energieos e muito uteis; taes são : o ferro reduzido pelo hydrogeneo, a limalha de ferro ou oxydo de ferro, ethiope marcial, eolcothar, subearbonato de ferro, laetato de ferro, phosphato de ferro, tartrato de potassa e de ferro, etc. Emfim, devem comprehender-se no numero dos medicamentos energicos as aguas mineraes que posuem carbonato de ferro. Todas as preparações de ferro são tonieas. Aproveitão nas molestias que são caracterizadas por debilidade e inercia dos orgãos. Assim, administrão-se na pallidez das faees,

nas flores brancas, e nas incontinencias das ourinas que sobrevem ás crianças. Convem para favorecer as menstruações difíceis nas meninas debeis, dão força ao estomago e tendem a restabelecer as funcções digestivas.

As preparações de ferro empregadas em medicina são :

Ferro reduzido. Entende-se por ferro reduzido pelo hydrogeneo, a transformação do peroxydo de ferro em ferro metallico. Para obtê-lo introduz-se certa quantidade de peroxydo de ferro mui dividido n'um tubo de porcelana, que se aquece até ficar em braza; faz-se passar por elle uma corrente de gaz hydrogeneo até á redução do ferro, o que dura ordinariamente de sete a oito horas.

O termo da operação está indicado pela cessação do vapor d'agua na extremidade do aparelho. Depois de frio, reduz-se a pó sobre um porphyro.

O ferro reduzido e bem preparado é um pó impalpavel, leve, de côr pardacenta. É a melhor das preparações ferruginosas, porque reúne grande actividade a uma completa insipidez. O uso d'esta excellente preparação foi introduzido por *Quevenne*. As vantagens que o ferro offerece n'este estado são : 1º ser facilmente atacado, n'esse estado de extrema divisão, pelos acidos fracos que durante a digestão se achão no succo gastrico; 2º não ter o sabor atramentario que possuem as preparações ferruginosas soluveis; de sorte que pôde ser tomado, em pó ou pastilhas, mesmo pelas pessoas que tem repugnancia para os remedios. Administra-se na dóse de 5 a 100 centigrammas (1 a 20 grãos) por dia.

Oxydo negro de ferro ou ethiope marcial. Pó de côr preta mais ou menos escura, deixando manchas sobre o papel, inodoro, de sabor ferruginoso. Administra-se na dóse de 25 centigrammas a 4 grammas (5 grãos a 1 oitava).

Oxydo vermelho de ferro ou colcothar. Pedacos friáveis, ou pós de côr vermelha, inodoros, sem sabor, insoluveis em agua, e deixando manchas nos dedos. Não se usa internamente; para o uso externo entra na composição de uma pomada ophthalmica. Chamão-lhe tambem *rubro de Inglaterra* ou de *Prussia*. Emprega-se na pintura e para polir os espelhos. Porphyrizado com esmeril, e incorporado no sebo, o colcothar constitue a massa empregada geralmente para afiar as navalhas.

Sesqui-oxydo de ferro, oxydo de ferro hydratado, açafião de Marte aperiente, ferrugem, chamado impropriamente *sub-carbonato de ferro*. Pó de côr amarella avermelhada, inodoro, insipido e insolúvel. Obtem-se pela dupla decomposição do sulfato de ferro e do carbonato de soda crystallizado. É elle

que se forma na superficie do ferro exposto ao ar humido, ou mergulhado na agua arejada.

É uma das preparações ferruginosas mais frequentemente empregadas : tonico e adstringente. Administra-se na chlorose e nas outras molestias chronicas caracterizadas pela debilidade geral, no tico doloroso da face e outras nevralgias, hystericismo, asthma, coqueluche, tetano, e como antidoto do arsenico.

Dóse : 30 centigrammas a 15 grammas (6 grãos e 1/2 onça) por dia, em pó com assucâr, ou em pilulas.

Protocarbonato de ferro. Este sal é branco, inodoro, não se emprega isolado, mas muitas preparações lhe devem suas propriedades. Sua existencia é só momentanea; pois que, logo que está formado, absorve o oxygeneo do ar, perde o acido, e transforma-se em sesqui-oxydo de ferro; passa então da côr branca á verde, e depois á vermelha. Por conseguinte não se lhe pôde conservar a composição chimica senão por um artificio, empregado nas pilulas de Blaud, e outras composições. Existe nas aguas mineraes ferreas; constitue a base das pilulas de Blaud, das de Vallet, dos pós ferruginosos de Menzer, onde se forma pela decomposição mutua do sulfato de ferro e do subcarbonato de potassa, ou de bicarbonato de soda. Estas preparações achão-se indicadas no meu *Formulario*. O carbonato de ferro é uma boa preparação ferruginea.

Protocitrato de ferro. Sal que se apresenta debaixo da fórma de crystaes finos e brancos, quando é recentemente preparado, mas a acção da luz o córa levemente; é solúvel na agua, inalteravel ao ar, sabor fraco. — Tonico, empregado na chlorose, flôres brancas e outras molestias caracterizadas pela debilidade.

Dóse : 5 a 100 centigrammas (1 a 20 grãos) e mais, por dia, em pilulas.

Lactato de ferro. Sal que se prepara tratando a limalha de ferro pelo ácido lactico dissolvido em agua. Apresenta-se debaixo da fórma de laminas crystallinas mui brancas ou de pós pouco alteraveis, de sabor ferruginoso fraco, soluveis em 40 partes d'agua fervendo. Emprega-se como tonico, internamente, na dóse de 10 centigrammas a 2 grammas (2 a 40 grãos) em pilulas ou solução.

Phosphato de ferro. Pó de côr de tijolo, insolúvel. Tonico. empregado na dóse de 25 a 50 centigrammas (5 a 10 grãos).

Sulfato de ferro, vitriolo verde, ou caparrosa verde. Sal crystallizado em fórma de prismas rhomboidaes transparentes, de côr verde levemente azulada, de sabor de tinta de escrever, soluveis na agua. Exposto ao ar cobre-se promptamente de nodoas de côr

de ocre. Prepara-se em grande, quer lixiviando os pyrites, quer tratando as velhas ferragens pelo acido sulfurico enfraquecido, e fazendo crystallizar a soluçào. Serve para preparar a tinta de escrever; é o principal ingrediente das côres pretas, cinzentas, roxas e esverdeadas. É com elle que se prepara o azul de Prussia, o colcothar, o acido sulfurico, e que se obtem o ouro em pó necessario para a douradura da porcelana. Em medicina emprega-se como tonico na dôse de 5 a 120 centigrammas (1 a 24 grãos).

O sulfato de ferro, que é mui barato, é um dos melhores desinfectantes. Reduzido a pó, e lançado n'uma vasilha que contenha materias fecaes, tira-lhes immediatamente o cheiro. Nos quartos dos doentes affectados de diarrhea, ou de outras molestias, é bom deixar no vaso uma porçào de soluçào aquosa de sulfato de ferro.

Tartrato de ferro e potassa ou **tartaro chalybeado**. Apresenta-se sob a fórma de escamas transluzidas, de côr roxa-avermelhada, de sabor styptico fraco, soluveis em agua, deliquescentes.

Adstringente e tonico; administra-se internamente nos mesmos casos que o ferro. Externamente é usado como resolvente nas contusões. É uma das melhores preparações ferruginosas soluveis.

Dôse : para uso interno 60 a 180 centigram. (12 a 36 grãos).

Iodureto de ferro. Substancia solida, de côr verde tirante a roxo, de sabor styptico, crystallizando com difficuldade, muito soluvel em agua, deliquescente, muito alteravel ao ar. Quando se acha n'um bom estado de conservaçào, deve dissolver-se completamente na agua, e sua soluçào deve ser verde. É uma combinaçào de ferro com iodo. Emprega-se nas molestias escrophulosas, na tísica, chlorose, etc., em pilulas na dôse de 10 a 20 centigram. (2 a 5 grãos).

Perchlorureto de ferro. Composiçào de côr roxa-avermelhada, soluvel na agua e mui deliquescente. Emprega-se dissolvido em agua. A soluçào a 30 grãos do areometro Baumé, chamada *soluçào officinal*, tem servido de base a todas as preparações de perchlorureto de ferro. Ajuntando á soluçào a 30º outro tanto d'agua distillada, obtem-se a soluçào a 15º. Estas soluções empregão-se sobretudo externamente para atalhar as hemorragias produzidas pelas picadas de bichas e outras. Basta applicar um panno ou isca molhada na soluçào a 30º ou 15º, sobre o lugar d'onde sahe o sangue, para atalhar a hemorragia. Este meio é hoje muito usado.

FERRUGEM. Pó fino, de côr rubra mais ou menos escura, de que se cobre promptamente o ferro ou o aço, quando estes metacs estão expostos á acçào do ar humido; é um composto de

oxydo e de carbonato de ferro. Os modos de impedir o ferro de se enferrujar, achão-se indicados no meu *Formulario*.

FERRUGEM DE CHAMINÉ. *Veja-se* FULIGEM.

FERVOR DE SANGUE. *Veja-se* ECZEMA.

FETO. Nome que se dá á criança quando ainda se acha no utero. Entretanto, desde o momento da concepção até ao terceiro mez, a criança chama-se mais particularmente *embryão*; e muitos medicos só lhe dão o nome de *feto* desde o fim do terceiro mez até ao momento da nascença.

É impossivel dizer em que época é visivel o *embryão* no utero depois do coito fecundante. Segundo todas as pesquisas que se tem feito, parece provado que o novo ente só é visivel no decurso da segunda semana.

No *duodecimo dia*, contado do momento da concepção, examinando-se o *embryão*, apresenta-se debaixo de fórma semi-elliptica, tendo uma extremidade mais grossa, que constitue a cabeça, e outra mais estreita, que é a parte inferior do tronco. Póde ter n'este estado 4 a 6 millimetros de comprimento, e teria 9 ou 11 se fosse endireitado. No centro da curvatura acha-se inserido o cordão umbilical.

No decurso da *quarta* ou *quinta semana*, apparecem pequenas excrescencias, que são os membros no estado rudimentario. Os olhos manifestão-se debaixo do aspecto de dois pontos negros; depois divisão-se as aberturas do nariz, da bocca, e de cada lado do rosto duas proeminencias annuncião a appareição das orelhas.

Do fim da *quarta á sexta semana*, as excrescencias que formavão os rudimentos dos membros alongão-se e tomão a fórma que devem ter mais tarde.

Da *setima á oitava semana*, o comprimento do *embryão* é de quinze a dezoito linhas. O cordão umbilical offerece no seu ponto de inserção uma inchação em fórma de funil, occupada pouco a pouco pelos intestinos e orgãos genito-uritarios.

Na *oitava semana*, um ponto negro indica em baixo o primeiro vestigio do anus, e para diante um pequeno tuberculo constitue a origem dos orgãos genitales, mas ainda não é possivel distinguir o sexo. Esta distincção só se póde fazer na undecima ou duodecima semana.

No *principio do quarto mez*, todas as partes se tornão mais distinctas. O comprimento do *feto* é de 16 a 19 centimetros e o peso de 180 a 210 grammas. As palpebras são ainda adherentes, o nariz redondo, achatado; a lingua forma na bocca uma pequena excrescencia proeminente; os sexos são perfeitamente distinctos, mas no macho ainda os testiculos não descêrão para o escroto.

No *quinto mez*, o feto tem 27 a 30 centímetros de comprimento, e pesa 240 a 300 grammas. A configuração do corpo aproxima-se muito da do feto que é de tempo.

No *sexto mez*, o comprimento é de 32 a 37 centímetros; e o peso de 360 a 480 grammas. Os cabellos da cabeça e as sobrancelhas principião a mostrar-se: as unhas são já bastante solidas: o feto poderia viver já fóra do utero.

No decurso do *setimo mez*, todas as partes adquirem maior consistencia, maior volume e melhores proporções. O feto tem 38 a 43 centímetros de comprimento; abrem-se as palpebras, e desaparece a membrana que tapava a menina do olho. A pelle que era vermelha, torna-se rosea; os testiculos principião a descer para o escroto. A criança é então *viavel*.

No *oitavo mez*, o comprimento do feto é de 43 a 48 centímetros, o peso de dois a dois e meio kilogrammas (4 a 5 libras). Os escroto contém um testiculo, e ordinariamente o do lado esquerdo.

No *nono mez* ou no *termo*, o feto tem 48 a 60 centímetros de comprimento e 3 a 4 kilogrammas (6 a 8 libras) de peso. Ha entretanto crianças que tem só 40 centímetros, e outras 63; algumas pesão 2 ou 3 libras, e outras 12 e 14. As unhas são bastante desenvolvidas, e a margem livre excede a extremidade dos dedos. A inserção do cordão umbilical corresponde a 16 ou 18 milímetros abaixo da metade do comprimento total do corpo.

O feto no utero acha-se n'uma especie de sacco formado de tres membranas, e cheio de liquido ou aguas chamadas *amnios*. Sua communicação com a mãi faz-se por meio do cordão umbilical que se insere de uma parte no ventre do feto, e de outra parte n'um corpo molle e chato chamado *placenta*, que adhere ao utero. Este corpo e o sacco, que sahem depois da expulsão da criança, chamão-se *páreas*, *secundinas* ou *ultimas*.

Durante os primeiros tempos da prenhez, a cabeça da criança está dirigida para baixo do utero. Mais tarde; isto é, no terceiro ou quarto mez, o feto nada nas aguas e muda frequentemente de posição. Mas, no fim da gravidez, torna a tomar a antiga posição, e, na immensa maioria dos casos, a cabeça acha-se na parte mais declive.

Signaes da morte do feto no utero. Os signaes da morte do feto são mui numerosos, mui variaveis e quasi nunca certos. Dividem-se em *racionaes* e *sensiveis*.

1º Os *signaes racionaes* observão-se antes ou durante o parto.

Antes do parto, se a mulher soffreo alguma quéda ou choque sobre o ventre, ou qualquer outro accidente capaz de produzir o aborto. Então póde presumir-se que a criança morreo; se, pouco

tempo depois do accidente, a mulher sentio calefrios, nauseas, peso no baixo-ventre, fastio, frio no ventre. Se os seios, depois de cheios de leite, diminuirem de volume; se o utero seguir os movimentos do corpo e se se dirigir de um para outro lado, como se fosse um corpo inerte; se o feto cessar subitamente de executar movimentos; se existir máo halito, e se houver febre, a morte da criança é extremamente provavel.

Durante o parto, um cheiro infecto que sahe do utero com as aguas, que apresentam um aspecto denegrido, a diminuição das dôres a côr pallida do rosto, o corrimento prematuro das aguas, e emfim a sahida do ferrado dissolvido nas mesmas aguas, são indicios da morte do feto.

2º Os *signaes sensiveis* adquirem-se tocando com a mão: taes são a sahida do cordão umbilical, que se acha frio e sem pulsações; a falta das pancadas do coração, a frieza do corpo do feto, a impossibilidade de lhe fazer executar movimentos, ainda que seja levantado com a mão no utero, etc.

Mas a maior parte d'estes symptomas, bem que tenham a apparencia de realidade não são sufficientes, se existirem separados, para poderem produzir certeza; a reunião de grande numero d'entre elles é indispensavel para isso. Assim, por exemplo, a criança pôde deixar de bolir sem que esteja morta. Um dos signaes mais certos da morte do feto é a falta das pancadas do coração. Este signal só pôde ser verificado applicando o ouvido sobre o ventre.



Fig. 243.

Feto macho.

FETO MACHO. *Polypodium filix mas*, Linneo. Fig. 243. Planta herbacea mui commum na Europa; em Portugal habita junto dos rios e sitios sylvados, nas provincias do Norte. Em medicina usão-se contra as lombrigas os *rhizomas* ou *truncos subterraneos* (vulgarmente raizes). Os truncos subterraneos são mais ou menos grossos, cylindricos, recurvados, formados de tuberculos cónicos, imbricados uns sobre os outros á roda de um eixo commum, escamosos, roxos no exterior; amarellados, esbranquiçados, avermelhados ôu verdes no interior; de sabor amargo e adstringente; separados uns dos outros por um tecido lustroso, de

cylindricos, recurvados, formados de tuberculos cónicos, imbricados uns sobre os outros á roda de um eixo commum, escamosos, roxos no exterior; amarellados, esbranquiçados, avermelhados ôu verdes no interior; de sabor amargo e adstringente; separados uns dos outros por um tecido lustroso, de

côr loura, e entre os quaes sahem fibras cylindricas, filiformes e roxas, que são as verdadeiras raizes da planta.

O feto macho é um vermifugo de reconhecida efficacia, empregado principalmente contra as lombrigas. Administra-se em pó na dóse de 8 a 30 gram. (2 a 8 oit.) pela manhã em jejum, em leite, agua ou mel de abelhas. Repete-se esta dóse tres dias seguidos, e duas horas depois da terceira dóse, tomão-se 30 gram. (1 onça) de oleo de ricino.

Feto macho do Brasil, Samambaya. *Polypodium incanum*, Sw. Planta do Brasil, da familia dos Fetos. Tem as folhas profundamente pennatifidas, lacinias oppostas, lineares e obtusas, convexas na face inferior; soras (orgãos da reproducção) dispostas em duas ordens nas margens; caule e face inferior das folhas coberta por uma camada de pequenas escamas. As outras especies são : *Polypodium percussum*, Cavanilles; *Polypodium sepultum*, Kaulf. Todas estas especies contém, segundo Martius, um oleo acre, semelhante ao do feto macho das boticas, que provém da Europa, e gozão das mesmas propriedades vermifugas.

FIGA. Uma figa é propriamente, como diz o Diccionario de Moraes, a figura que se faz fechando a mão e mettendo o dedo pollegar entre o index e o dedo grande. Por extensão, dá-se o mesmo nome á mesma figura em ponto pequeno, feita de ouro, prata, coral, azeviche ou qualquer outra substancia. Ora como a figa natural se faz em signal de desprezo, por isso costuma muita gente pendurar ao pescoço das crianças figas artificiaes, para mostrarem ao Diabo que o desprezão, e d'este modo afastar os seus maleficios. Não é necessario dizer quanto é pouco fundada semelhante pratica. O melhor preservativo das molestias é a observação dos preceitos de hygiene.

FIGADO. Orgão em que se forma a bilis : é a glandula mais volumosa de todas as que se achão no corpo humano; o seu peso, que é mui variavel mesmo nas pessoas que gozão de boa saude, é de quasi tres libras, termo médio. Este orgão está situado no ventre, do lado direito, e immediatamente debaixo do peito. No estado ordinario não excede por baixo a borda das falsas costellas. A sua fórma, tão irregular como é, póde comparar-se a um ovoide cortado no sentido do comprimento; tem portanto duas faces e quatro bordas. A face anterior e superior é convexa e em relação com o musculo diaphragma; a face inferior e posterior é levemente concava. A borda posterior e superior é espessa, arredondada, e fixa ao diaphragma por duas pregas do peritoneo; a anterior é delgada e corresponde á borda inferior das falsas costellas; a direita é tambem contigua ao diaphragma; a esquerda, livre, estende-se algumas vezes até ao baço. Diversas dobras do peritoneo, cha-

madras ligamentos, retém o figado n'esta posição. O mais notavel é o *ligamento suspensor do figado*, que parece dividir a glandula em duas metades de grandeza diversa, das quaes a direita se chama *grande lobo*, e a esquerda *pequeno lobo*.

A face inferior do figado apresenta em toda a sua extensão antero-posterior uma goteira ou rego, que no feto recebia por diante a veia umbilical, e por detraz o canal venoso, que fazia communicar essa veia com a veia cava inferior. Uma outra goteira corta perpendicularmente a primeira; é por este sulco transversal que penetrão na glandula a sua arteria, as suas veias e a veia porta; e que d'ahi sahem o canal excretor e os vasos lymphaticos.

O tecido do figado, um dos mais vasculares da economia, apresenta granulações de um vermelho cinzento na circumferencia, e

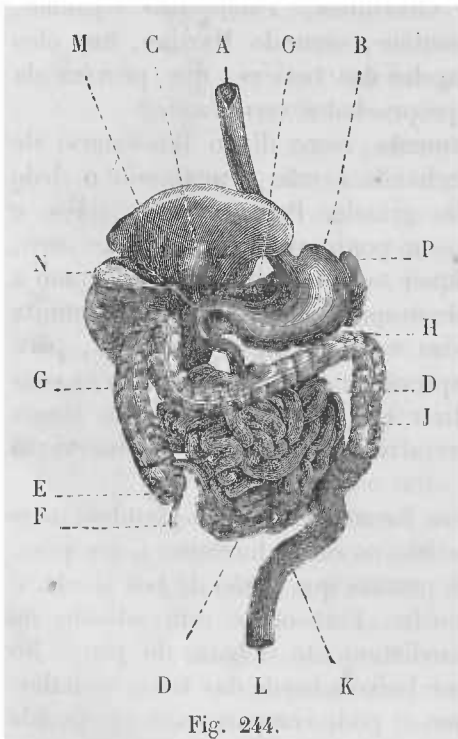


Fig. 244.

Figado, estomago, baço, intestinos.

amarellas no centro, massa compacta, dura e de grande fragilidade, mas envolvida por uma membrana fibrosa que envia prolongamentos no interior. N'estas granulações terminão as extremidades da arteria hepatica e da veia porta, que trazem o sangue á glandula; do seu interior partem as radículas das veias hepaticas, dos vasos lymphaticos e do canal hepatico, que reconduzem o sangue, a lympha e a bilis.

O figado pelo seu peso comprime e incommoda o estomago quando nós nos deitamos do lado esquerdo, e por isso é ás vezes necessario escolher outra postura para dormir. O figado é facil de rasgar-se. No interior notão-

se muitos pontos amarellos, que são conductos excretorios da bilis. Sob o figado e do lado direito acha-se a *vesicula biliar*: é um sacco membranoso no qual se conserva uma parte da bilis antes de ser transmittida ao intestino *duodeno* pelo canal *cystico*.

Fig. 244. Canal digestivo e os orgãos que concorrem á digestão. A, esophago; B, estomago; C, pyloro, que está em continuação com

o duodeno; DD, intestino delgado, que está em continuação com o intestino cégo E; F, appendicé cecal; G, colon ascendente; H, colon transversal; J, colon descendente; K, recto; L, anus; M, figado, levantado para que se veja a face inferior; N, vesicula biliar, com os seus conductos; O, pancreas; P, baço.

MOLESTIAS DO FIGADO.

Abcesso do figado. Collecção de pus no figado. As inflamações espontaneas ou produzidas por pancadas, quedas e outras violencias exteriores são causas dos abcessos do figado. Encontrão-se ás vezes abcessos do figado como complicações das feridas da cabeça ou de grandes operações chirurgicas.

Symptomas. A inflammação que precede um abcesso apresenta-se sob a fórma aguda ou chronica.

Fórma aguda. Depois de um incommodo geral semelhante ao que marca a invasão de todas as molestias febris, o paciente experimenta calefrios que se repetem mais ou menos frequentemente durante os dois primeiros dias, e tem febre intensa que póde principiar por accessos intermittentes, mas que não tarda a tornar-se contínua com exacerbações nocturnas. Ao mesmo tempo, o lado direito do ventre torna-se doloroso espontaneamente ou pela pressão. Esta dôr é lancinante; augmenta pelos movimentos, pelos esforços de respiração; ha certo gráo de dyspnea, e pequena tosse que apparece por accessos. A estes phenomenos ajuntão-se vomitos biliosos mais ou menos frequentes, que persistem raramente além de tres dias, e, em certos casos apparece a ictericia mais ou menos intensa, com côr açafroada da urina.

Os symptomas vão augmentando em intensidade durante oito ou dez dias; depois o paciente é de novo acommettido de calefrios repetidos, o pulso torna-se pequeno e frequente, a pelle cobre-se de suores frios, e depois de dois ou tres dias, durante os quaes a situação era muito grave, as dôres cessão, a febre diminue ou desaparece: este melhoramento enganador annuncia o fim da suppuração.

Fórma chronica. Esta fórma é insidiosa e apresenta muitas variedades. Na primeira variedade, a situação é bastante clara para que se possa conhecer a molestia antes do momento da suppuração: os symptomas são pouco salientes e apparecem lentamente, mas enfim o dôr existe; o figado augmenta de volume, e o doente está atormentado pelo fastio, vomitos, diarrhea ou prisão de ventre, que vão augmentando durante mezes, sem causa apreciavel, e acabão por produzir um verdadeiro estado de marasmo. N'estas condições sobrevem, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, signaes da formação do pus: dôr latejante, calefrios,

suores, peso na região do figado. — Na segunda variedade, o paciente experimenta só accessos de febre intermittente; não existe outro symptoma. — Emfim, a suppuração pôde ser latente; ha ausencia de qualquer symptoma; o abcesso não é conhecido senão quando forma tumor.

Abcesso. Quando o abcesso é pequeno, não produz mudança no estado do figado, para poder ser apreciado pela percussão ou palpação. Mas quando a collecção é volumosa, apparece um tumor separado no lado direito do ventre; muitas vezes apreciavel á simples vista em razão da *deformação* que produz, e da projecção excentrica das costellas inferiores, este tumor pôde ainda ser reconhecido pela palpação. N'este caso apresenta muitas vezes, mas não sempre, o phenomeno da fluctuação.

A melhora que marca o fim da suppuração persiste durante muito tempo quando o abcesso é pequeno; no caso contrario, a febre vai continuando, o doente emmagrecc, sobrevem diarrhea e marasmo.

Os abcessos do figado podem desaparecer por resorpção espontanea, mas no maior numero dos casos esvazião-se no exterior e sãõ perforando os tecidos vizinhos; quer a pelle do lado direito do ventre, do embigo ou das cadeiras, quer o estomago ou os intestinos, quer o pulmão e os bronchios; quer emfim o peritoneo, mas n'este ultimo caso sobrevem uma peritonite promptamente mortal. A eliminação pelo pulmão dá lugar á excreção subita do pus pela bocca; vomitos purulentos ou diarrhea da mesma natureza, annuncião a abertura do abcesso no estomago ou nos intestinos.

Tratamento. No principio da inflammacão convem applicar dez bichas no lugar doloroso do figado, e depois cataplasma de linhaça. Convem tambem administrar um purgante: oleo de ricino, sulfato de magnesia, ou limonada de citrato de magnesia. Continuar as cataplasmas durante todo o tempo da molestia.

O abcesso, uma vez reconhecido, deve ser aberto; se se dirigir por si mesmo do lado da pelle, e se não houver indicacão urgente, convem esperar a fluctuação superficial, signal certo de adherencias; no caso contrario, e para prevenir a eliminação do pus pelas vias perigosas, é preciso abrir o tumor.

Quando, depois dos symptomas de hepate, um tumor fluctuante apparecer sobre um ponto da pelle do ventre ou do peito, e quando se reconhecer que é um abcesso do figado, é preciso abri-lo com bisturi, ou por meio de applicacões successivas de potassa, ou de pasta de chlorureto de zinco. Depois de aberto o abcesso, se a suppuração continuar, é necessario fazer injecções no fóco com

agua tepida simples, ou misturada com aguardente, afim de prevenir a estagnação e a decomposição do pus. Sustentão-se as forças do doente com caldos de carne, mingãos de tapioca, frango assado, vinho de Bordeos, do Porto e vinho de quina.

Calculos biliares. Dá-se este nome a concreções de bilis que se formão ás vezes na vesicula do figado e nos conductos biliares. Estas concreções impedem o curso da bilis, irritão o figado, perturbão a digestão, e provocão crises dolorosas extremamente agudas, designadas debaixo do nome de *colicas hepaticas*. *Veja-se CALCULO BILIAR, Vol. I, pag. 428.*

Cancro do figado. Fastio, dôres de estomago, com tumores do figado, tez amarellada, e hydropisia do ventre, caracterizão o cancro do figado. *Veja-se Vol. I, pag. 455.*

Cirrhose do figado. A cirrhose é uma alteração especial do figado caracterizada pela augmentação de uma parte das granulações do orgão, e pela atrophia do maior numero d'ellas: as primeiras, desenvolvendo-se, tomão a côr de cera amarella. Nos periodos ulteriores da molestia, o tecido novamente formado experimenta retracção, de que resulta constricção do tecido hepatico que se torna impermeavel em parte; os vasos e os conductos biliares obliterão-se em grande extensão, e muitas cellulas hepaticas desapparecem. O nome *cirrhose* provém da palavra grega *cirrhos*, amarello-fulvo, côr que tem o figado n'esta molestia.

Symptomas. A molestia principia por symptomas pouco importantes e pouco distinctos. Não existe dôr do lado direito do ventre; o appetite é quasi conservado, as digestões fazem-se convenientemente; não ha ictericia; não ha nada, em uma palavra, que denote perturbação grave das funcções do figado. Entretanto os doentes tornão-se pallidos, mais magros, e perdem as forças; muitas vezes estas desordens de nutrição não estão ainda bem evidentes, e já se vê o ventre augmentar de volume em consequencia de uma collecção do liquido que se formou lentamente na sua cavidade. Examinando então o doente com cuidado, achase o figado mais duro, menor do que deve ser, e mais ou menos desigual. A hydropisia do ventre continua a fazer progressos. Quando o derramamento abdominal se tornou consideravel, as pernas inchão, o que faz contraste com o emmagrecimento cada vez maior dos braços e do rosto, que toma côr cinzenta ou amarellada. A pelle é geralmente secca; por fim o appetite perde-se, as digestões tornão-se difficis, as ourinas poucas e turvas. Às vezes apparecem vomitos de materias sanguinolentas. O constrangimento da circulação interior é causa tambem do desenvolvimento mais ou menos consideravel que adquirem as veias das paredes abdo-

minaes. A cirrhose é quasi sempre molestia chronica, e a sua duração, raras vezes menor de tres a quatro mezes, póde prolongar-se por muitos annos.

Causas. Rara nas crianças, a cirrhose parece ser uma affecção do periodo médio da vida, e que se observa mais frequentemente nos homens do que nas mulheres. Accusão-se geralmente os excessos alçolicos, e pretende-se que esta affecção attinge sobretudo os individuos que abusão das bebidas espirituosas.

Tratamento. Se a molestia depender do excesso das bebidas alçolicas, é preciso, em primeiro lugar, abster-se ou pelo menos diminuir o uso d'ellas. O ponto o mais importante do tratamento da cirrhose consiste em melhorar o estado das forças e da nutrição do doente. O regimen que convem n'este caso deve compôr-se de ovos, leite, frango assado, costelletas de carneiro, hortaliça e fructas. À alimentação substancial deve-se accrescentar o uso das preparações de ferro, sob a fórma de pilulas ferruginosas de Vallet, das quaes o doente tomará duas por dia, uma pilula de manhã, outra á noite. De vez em quando convem tomar um purgante.

Congestão do figado. Dá-se este nome á molestia devida á accumulacão do sangue no figado. Este orgão augmenta então de volume sem experimentar modificações nem na fórma nem na estrutura.

Causas. A congestão do figado póde ser occasionada pelo abuso das comidas excessivamente temperadas e do alçool; e pelos miasmas palustres; é mais frequente nos climas quentes do que nos temperados. A fluxão de origem nervosa tambem não é rara; muitos casos de ictericia pertencem a esta variedade. Sobrevem em consequenciã das emoções moraes vivas, sobretudo do medo e da colera; sempre subita n'estas circumstancias, póde ser de mui curta duração, mas um dos seus effeitos, a ictericia, persiste mais ou menos longo tempo. Todas estas causas produzem a congestão *activa*.

A congestão sanguinea do figado póde ser completamente *passiva*: depende então de algum obstaculo na circulação dos pulmões, das veias ou do coração.

Symptomas. A congestão sanguinea do figado é caracterizada pela sensação anormal no lado direito do ventre, e pelo augmento do volume do orgão, o que se verifica pela percussão e pela palpação. A percussão faz conhecer que o som massiço do orgão se estende perpendicularmente em maior extensão do que no estado normal; pela palpação verifica-se que o figado excede a margem das costellas. Reconhece-se a presença do orgão n'este lugar pela sua margem angulosa e obliqua. O doente queixa-se do peso no

Divida em 30 papeis. Para tomar dois papeis por dia, em meia chicara d'agua com assucar.

Contusão do figado. *Veja-se* Vol. I, pag. 683.

Degenerescencia amyloide do figado. Esta alteração é caracterizada pelo deposito no interior do figado de uma substancia que recebeu o nome de *amyloide* em razão de sua semelhança exterior com os grãos de amido (*corpúsculos amylaceos*). As condições mais ordinarias do seu apparecimento são as suppurações prolongadas, o rachitismo, a tísica, a syphilis constitucional, a cachexia palustre, e a que segue as dysenterias prolongadas.

Symptomas. Os indícios d'esta molestia apparecem nos individuos cuja constituição foi alterada por uma das molestias chronicas que deixei indicadas. Quanto aos *symptomas*, os unicos constantes são a falta de dôr, augmentação progressiva do volume do figado, que apresenta com a fórma normal a superficie perfeitamente lisa, porém dura e resistente; emfim, um tumor no baço offerecendo á palpação os mesmos caracteres que o do figado. Não ha ictericia; a hydropsia do ventre é frequente, mas não é constante, é precedida da inchação dos pés e das pernas. Quanto aos outros *symptomas* observados n'estes doentes, anemia, emmagrecimento, diarrhea, e inchação, não dependem directamente da alteração do figado; devem ser attribuidos á molestia primeira.

Tratamento. A medicação deve ser dirigida conforme os *symptomas*: regimen analeptico, vinho de quina, e iodureto de ferro. Eis-aqui as receitas:

Vinho de quina. 500 grammas (16 onças)

Para beber duas colheres *de sopa*; duas vezes por dia.

Pilulas de iodureto de ferro de Blancard 36.

Para tomar duas pilulas por dia, uma de manhã outra á noite.

Degenerescencia gordurosa do figado, ou Figado gordo. Deposito de gordura nas cellulas hepaticas.

As condições que dão lugar á producção do figado gordo são difficeis a determinar. Com effeito este estado desenvolve-se simultaneamente com uma producção excessiva de gordura em todo o corpo, quando os elementos nutritivos são exaggerados; de outra parte, sobrevem no meio do emmagrecimento extremo e dos progressos incessantes da consumpção do corpo. Examinando com attenção o primeiro modo de desenvolvimento do figado gordo, vê-se que os individuos mais expostos a contrahirem esta molestia são os que comem e bebem muito e fazem pouco exercicio. As influencias, a que estão expostos levando este genero de vida, são analogas ás em que se collocão os animaes que se querem engordar; sabe-se que estes não devem trabalhar, que se fechão n'um

curral onde se lhes dá de comer com excesso. Mas do mesmo modo que tal animal engorda facil ou rapidamente e tal outro não engorda ou engorda tardamente, assim observa-se nos homens que vivendo da mesma maneira, uns engordão e adquirem um figado gordo, entretanto que outros ficão magros e conservão o figado são. As causas d'esta predisposição, que certas pessoas tem de nascimento ou de familia, são ainda ignoradas.

Desde muito tempo reconheceo-se tambem a frequencia do figado gordo nos individuos affectados de tuberculos pulmonares.

Symptomas. O figado gordo é maior do que no estado normal. Quando chega a um desenvolvimento grande, a pessoa experimenta certo incommodo no hypochondrio direito, e difficuldade na respiração, a pelle do corpo cobre-se facilmente de suor abundante; não ha dôr nem hydropisia do ventre.

Tratamento. O figado gordo é antes um incommodo do que uma molestia. Quando é occasionado pela intemperança, necessita a modificação na maneira de viver. A pessoa ameaçada ou affectada d'este incommodo deve todos os dias dar um passeio de uma ou duas horas; não deve dormir depois de jantar. Comer poucas substancias gordas; usar de muita hortaliça e de fructas; viver sobriamente; levantar-se cedo; eis, o que lhe convem.

Quando o figado gordo acompanha a tísica pulmonar, o tratamento deve ser exclusivamente dirigido contra a molestia principal.

Encalhe, enfarte, engurgitamento ou obstrucção do figado. Dão-se estes nomes á inflammação chronica do figado. (*Veja-se* INFLAMMAÇÃO CHRONICA DO FIGADO.)

Feridas do figado. *Veja-se* Vol. I, pag. 1089.

Hydatidas ou acephalocystos no figado. Dá-se o nome de *hydatidas* ou *acephalocystos* a kystos compostos de vesiculas ou saquinhos transparentes, do tamanho de uma ervilha ou cereja, contendo um liquido no meio do qual se achão pequenõs vermes chamados *echinococos*. Os tumores hydaticos podem desenvolver-se no figado.

Causas. Os tumores hydaticos do figado resultão da introducção no corpo dos vermes chamados *echinococos*. Estes vermes penetrão no figado pela alimentação de carnes contendo cysticercos ou ovos de tenia. São sobretudo as carnes de porco, os presuntos crús, e as carnes do carneiro, cheios de cysticercos ou coenuros, que favorecem a apparição dos *echinococos* do figado.

Symptomas. O tumor constituído pelo kysto com *echinococos* pôde desenvolver-se em qualquer ponto do figado, mas é muito mais frequente no lobo direito. Ora superficial, ora escondido na profundidade da viscera, determina deformações que varião

segundo a séde que não tem regra fixa. As mais das vezes não se acha senão um só d'estes tumores; em outros casos existem muitos. O estado do tecido do figado na vizinhança do kysto é variável; é ás vezes são, outras vezes apresenta congestão chronica; é diminuido de volume sendo o sacco volumoso; emfim póde participar das alterações diversas do kysto.

O tumor com echinococos póde não determinar outro symptoma senão phenomenos physicos resultando da mudança de fórma e volume do figado; em outras circumstancias, o enfermo sente mui cedo um peso no hypochondrio direito, sensação que augmenta pela ingestão dos alimentos; depois experimenta tambem algumas desordens digestivas; mas todos estes incommodos são pouco marcados, e a lesão, por causa da lentidão de sua marcha, perturba apenas a saude geral. Tal é o factu ordinario; porém, quando o tumor é, por excepção, vizinho do rego pelo qual penetrão no figado a arteria e as veias, ou quando, occupando a face superior, se desenvolve do lado do pulmão em vez de invadir a massa do figado, provoca n'estes casos, por compressão, accidentes que podem induzir em erro, porque são estranhos aos symptomas da molestia; os symptomas são, para o tumor vizinho do rego, a hydropisia e a ictericia persistentes; para o tumor da face superior, uma tosse secca com dyspnea habitual. Salvo complicações, não ha febre.

Os *signaes physicos* tem muita importancia. O augmento de volume do figado é de ordinario apreciavel á vista. Ora é *geral*, e o orgão parece inchado na totalidade ou pelo menos na região direita; ora é *parcial* e mostra-se sob fórma de proeminencia limitada mais ou menos hemispherica que se desprende da superficie da viscera; em alguns casos, o tumor é pediculado, e excede, abaixando-se, o limite do figado; esta disposição pertence ao kysto da face inferior. Quando o augmento de volume é total, as costellas fazem proeminencia. As dimensões da massa são ás vezes enormes; vio-se o figado subir até á terceira ou segunda costella, e attingir em baixo, ao mesmo tempo o osso iliaco. Sobre esta vasta superficie achão-se, apalpando, proeminencias em numero variavel, cuja consistencia é mais molle, mais elastica que a do tecido do figado, e que, em grande numero de casos, apresentam *fluctuação manifesta*. Mais raras vezes obtem-se pela percussão forte do tumor a sensação de uma onda vibrante, um certo ruido, ruido hydatico, que resulta da collisão das vesiculas encerradas no sacco commum.

As cousas podem ficar n'este estado durante mezes e annos, sem que a nutrição seja compromettida; não se altera senão nos

casos em que o tumor, apresentando um volume consideravel, estorva mecanicamente as funcções do estomago e dos intestinos. O kysto hydatico distingue-se do abcesso do figado pela integridade do estado geral; distingue-se dos tumores cancerosos porque estes são duros. — Os kystos pouco volumosos e profundos não podem ser reconhecidos.

As *terminações* são multiplices. A cura espontanea tem lugar em certo numero de casos: sobrevem nos tumores de mediocre volume; os vermes morrem, o kysto diminue, desaparece pouco a pouco, e tudo está acabado. — A inflammação e a suppuração podem, depois da abertura espontanea e exterior do kysto, conduzir ao mesmo resultado. Esta inflammação é annunciada pela modificação completa no estado do doente: o tumor torna-se doloroso; sobrevem calcfrios, febre, muitas vezes vomitos e ictericia, em uma palavra, todos os phenomenos de um abcesso no figado. — A cura espontanea pôde tambem ter lugar pela ruptura e evacuação do kysto no estomago, no intestino e mesmo nos bronchios. — A cura artificial obtem-se muitas vezes pelos diversos tratamentos abaixo indicados.

Raras vezes sobrevem a morte; não se observa senão nos kystos enormes que não se rompem, e que estorvão as funcções do estomago.

A duração da molestia é completamente indeterminada; as épocas extremas de 2 a 30 annos tem sido observadas.

Tratamento. Em quanto o tumor não é accessivel e fluctuante, não ha nada a fazer senão collocar o doente nas melhores condições hygienicas possiveis. Quando o kysto é fluctuante, é preciso abri-lo, depois de ter provocado previamente adherencias por applicações causticas, taes como a potassa caustica ou a massa de chlorureto de zinco; a evacuação pôde ser seguida de injecções de tintura de iodo, que já se tornou util em muitos casos. Deve notar-se que a simples punção capillar, praticada como meio de exploração, foi muitas vezes seguida de cura; pelo que é empregada por muitos medicos como methodo curativo. Esta punção tira o liquido, faz morrer os echinococos e cura a molestia.

N'estes ultimos annos os medicos inglezes applicarão a electricidade ao tratamento dos kystos hydaticos; o modo de proceder é o seguinte: Duas agulhas douradas, mergulhadas no tumor a pequena distancia uma da outra, estão postas ambas em relação com o polo negativo da pilha de Daniel de dez elementos; o polo positivo, terminado por uma esponja humida, applica-se sobre a parede abdominal; depois faz-se passar a corrente electrica durante dez a vinte minutos. Os echinococos morrem pelo effeito da elec-

tricidade, e o kysto desaparece pouco a pouco. A julgar pelos factos ainda pouco numerosos nos quaes foi applicado, este methodo ultrapassa todos os outros pela sua efficacia e nenhum perigo.

Hypertrophia do figado. Augmento do tecido do figado, sem alteração da estructura, estado differente da congestão sanguinea, na qual ha só inchação produzida pela superabundancia de sangue nos vasos capillares do orgão. O figado hypertrophiado tem volume e peso mais consideraveis; o orgão, excedendo a margem costal, desce até ao embigo e mesmo até ao nivel da bacia, occupando ao mesmo tempo o epigastro e os dois hypochondrios. O peso augmenta na mesma proporção; assim fôrão observados figados hypertrophiados que pesavão 7, 14 e 20 kilogrammas, sendo o peso do figado no estado normal de 4 kilogramma e meio. Em geral, o orgão conserva a sua configuração, comtante que a hypertrophia tenha invadido todas as suas partes, o que constitue o caso o mais ordinario. Se, pelo contrario, a hypertrophia fôr parcial, o figado experimenta na sua fórma diversas modificações. Em geral, o figado hypertrophiado tem côr e consistencia normaes; outras vezes apresenta côr mais pallida ou mais rubra.

Causas. A inflammiação aguda e chronica do figado, a habitação prolongada em lugares pantanosos e nos paizes quentes são as causas habituaes da hypertrophia do figado.

Symptomas. O principio d'esta molestia passa ordinariamente inapercebido; só pôde ser reconhecida quando se acha bastante adiantada; existem então os symptomas seguintes: digestão difficil, perda das forças, tez amarellada, peso no lado direito do ventre, augmento de volume do figado verificado pela palpação e percussão, e uma melancolia mais ou menos pronunciada. Os individuos affectados de hypertrophia do figado não se queixão quasi nunca de dôr; sentem só um peso no ventre. Descobrin-do-lhes o ventre, verifica-se a ampliação da base do peito á direita e do hypochondrio correspondente. A palpação faz reconhecer um tumor duro, tendo quasi sempre superficie lisa, igual; o tumor resiste á percussão, desce mais ou menos abaixo; é circumscripto inferiormente por uma margem trinchante, sinuosa, obliqua da direita á esquerda, e que se reconhece como pertencente ao figado. Os individuos affectados de hypertrophia do figado tem, pela maior parte, digestões difficeis, diarrhea de vez em quando, e apresentam uma diminuição consideravel e progressiva de forças; tornão-se pallidos; não tem febre, salvo no caso de alguma complicação. Apesar do volume que adquire o figado, raras vezes

se observa hydropisia do ventre, mesmo quando a molestia persiste por muito tempo.

A hypertrophia do figado é uma molestia cuja duração é sempre mui longa; pôde persistir por muitos annos. É susceptivel de terminação feliz; não produz a morte senão quando existem complicações.

Diagnosticó. A séde do tumor, a fórma, a circumscripção inferior por uma margem trinchante e sinuosa, são caracteres que não permitem que se desconheça um tumor formado pelo figado. O ponto difficil, porém, não consiste em reconhecer o tumor, mas sim em determinar qual é o genero de alteração. O figado, com effeito, pôde augmentar de volume, e simular a hypertrophia quando contém mais sangue do que deve ter, ou quando certos productos morbidos existem no seu tecido.

Reconhece-se que o augmento de volume depende da congestão sanguinea, pela rapidez com que sobrevem commummente, e porque basta ás vezes uma applicação de bichas para reconduzir o figado quasi ao seu estado normal. É facil distinguir a hypertrophia do augmento de volume proveniente dos kystos hydaticos ou outros e do scirrho ou cancro. Com effeito, nos tumores hydaticos, independentemente dos signaes caracteristicos (fluctuação, ruido hydatico) ha alteração na fórma do figado, que não existe na hypertrophia simples. Quanto ao scirrho, raras vezes produz desenvolvimento tão grande do figado como a hypertrophia; além d'isto, a marcha rapida da molestia no scirrho, a natureza dos symptomas que se observão, a frequência da hydropisia do ventre, os signaes da cachexia cancerosa, e a fórma geralmente desigual do tumor permitem sempre o reconhecer se o volume do figado depende do desenvolvimento das massas cancerosas.

Tratamento. O regimen lacteo, os vegetaes, o peixe, as feculas, as fructas e boa agua, eis a alimentação conveniente na hypertrophia do figado.

Combate-se a molestia com fricções de pomada de iodureto de potassio, purgantes salinos, com o uso interno de bicarbonato de soda. Eis-aqui as receitas

1º Pomada de iodureto de potassio. 60 gram. (2 onças).

Duas fricções por dia, sobre o figado; empregando para cada fricção uma porção d'esta pomada em volume igual ao de uma azeitona.

2º Sal de Glauber. 30 gram. (1 onça).

Para tomar esta dóse n'um copo d'agua fria, de quinze em quinze dias.

3º Bicarbonado de soda. 30 gram. (1 onça).

Divida em 48 papeis. Para tomar um papel, n'uma chicara d'agua fria com assucar, duas vezes por dia.

A hydrotherapia, as emborações d'agua fria sobre o figado, e o uso das aguas mineraes convem muito aos doentes d'esta molestia. De todas as aguas mineraes, as de Carlsbad, na Bohemia, são as mais efficazes; pretende-se que, em algumas semanas, podem resolver engurgitamentos enormes do figado; esta reputação attrahe cada anno a esta fonte uma multidão de Inglezes affectados de intumescencia consideravel do figado em consequencia de habitação prolongada nas Indias Orientacs. Os processos hydrotherapicos, sobretudo as emborações frias, são incontestavelmente uteis. Já se virão desaparecer, debaixo de sua influencia, inchações enormes do figado, que datavão de muitos annos, e nas quaes o orgão tinha adquirido uma dureza quasi como a da pedra. As aguas de Vichy são tambem uteis contra a hypertrophia do figado. Deve-se recorrer a ellas se as de Carlsbad não curarem. Em Portugal as aguas de Vidago, que tem quasi a mesma virtude que as de Vichy, podem tambem aproveitar nos mesmos casos.

Inflamação do figado ou **Hepatite**. Póde ser *aguda* ou *chronica*.

Hepatite aguda. A hepatite aguda é a inflamação do figado que percorre rapidamente seus periodos.

Causas. Esta molestia é mui frequente nos paizes intertropicaes, por conseguinte a sua principal causa é a influencia do clima. Vem depois : o abuso das bebidas espirituosas; a suppressão súbita de alguma molestia da pelle, do fluxo menstrual ou hemorrhoidal; a vida inactiva e sedentaria, os trabalhos de espirito, paixões violentas, como a colcra, ou pezar profundo. Póde ser tambem determinada por pancadas ou quedas sobre a região do figado, e até por qualquer quéda em que o corpo soffra um abalo forte.

Symptomas. A molestia principia por calefrios seguidos de calor nas entranhas; logo manifesta-se uma dôr do lado direito do ventre n'um dos pontos da região do figado, ás vezes esta dôr propaga-se até ao hombro direito; frequentemente a parte direita e superior do ventre fica um pouco inchada, e não é possivel ao doente deitar-se d'este lado. A dôr torna-se mais sensivel quando se apalpa o figado. Com esta dôr, o unico symptoma quando a molestia é leve, apparece, quando a inflamação é intensa, frequencia do pulso, um calor secco da pelle, em alguns casos ictericia, lingua branca, sêde, fastio, amargor da bocca, nauseas, vomitos, prisão do ventre, e ourinas poucas, muito amarellas e carregadas. Emfim, na inflamação do figado mais intensa mani-

feita-se, além dos symptomas indicados, oppressão na respiração, dôr agudissima do lado direito do ventre e do peito; sobrevem ás vezes soluços e tosse secca; as ancias são extremas, declara-se o delirio, o rosto offerece um aspecto livido, a sêde é inextinguivel, a lingua fica secca e rachada, o pulso torna-se mui fraco e mui frequente, sobrevem finalmente os symptomas que acompanhão a terminação funesta da maior parte das inflammações agudas.

A inflammação aguda do figado termina-se ás vezes por suppuração. Póde-se suppôr a formação do *abcesso* no figado pelos phenomenos seguintes: a dôr torna-se latejante, o doente sente um peso no mesmo lugar, augmenta a difficuldade de respirar, sobrevem calefrios e suores, as palmas das mãos estão mui quentes, e o somno é agitado. Outras vezes estas postemas formão-se lenta e surdamente, sem que nada possa fazer suspeitar o seu desenvolvimento. Estes symptomas durão alguns dias, depois dos quaes, se a postema existir na superficie convexa do figado, forma-se um tumor duro na circumferencia com fluctuação no centro, e cercado de uma inchação consideravel: póde-se então abrir o tumor e curar a molestia. Quando a postema está situada na parte concava ou inferior do figado, o tumor não é saliente: nem é possível então abri-lo com histurí, mas rebenta por si mesmo, e o pus corre ás vezes para os intestinos, d'onde é expellido com os excrementos.

Tratamento. Se o doente fôr robusto, o pulso forte e a molestia intensa, convem applicar dez a quinze bichas no lugar doloroso, e cubra-se esta parte com uma cataplasma de linhaça.

Se a molestia fôr leve e a febre pouca, bastarão as cataplasmas de linhaça ou de fecula. Se a dôr continuar com a mesma intensidade, repita-se a applicação das bichas duas e mais vezes.

Depois das emissões sanguineas, tome o doente um purgante, tal como 30 grammas (1 onça) de oleo de ricino ou 60 grammas (2 onças) de sal d'Epsom.

Depois do purgante, use do cozimento seguinte:

Infusão de parietaria.	.	600 grammas (20 onças)
Nitro.	..	2 grammas (40 grãos)
Assucar..	.	30 grammas (1 onça).

Misture-se e administre-se uma chicara de duas em duas horas.

Para bebida ordinaria dê-se-lhe a limonada de limão ou de laranja, agua panada ou agua fria, conforme o seu gosto. A dieta será rigorosa; nos primeiros dias só se podem permittir caldos de frango ou gallinha. Semicupios d'agua quente são tambem uteis; o doente tomará um ou dois d'estes banhos por dia, e demorar-

se-ha n'agua meia hora pelo menos. Todos os dias tomará um ou dois clysteres de cozimento de linhaça.

Se depois de continuar este tratamento tres ou quatro dias a dôr e a febre não diminuirem, tome os pós seguintes :

Calomelanos. 1 gramma (20 grãos).

Divida em 6 papeis e administre um papel de tres em tres horas, n'uma colher d'agua fria com assucar.

Oito ou dez dias depois do começo da molestia, se a dôr continuar ainda, applique-se um caustico na região do figado.

Tratamento da postema do figado. A inflammação do figado, como já disse, acaba ás vezes por suppuração, e deixei indicados os symptomas que annuncião a formação da postema. Quando a postema se acha situada profundamente, não ha quasi nada a fazer, convem só continuar com as cataplasmas de linhaça, dar poucos alimentos ao doente e esperar. Mas quando a collecção purulenta é superficial, o cirurgião dará sahida ao pus; praticando uma incisão com o bisturí.

Hepatite chronica. Dá-se este nome á inflammação do figado que, percorrendo lentamente seus periodos, não determina febre violenta.

Causas. A inflammação chronica do figado succede muitas vezes á inflammação aguda; mas frequentemente principia pela fórma chronica. O uso contínuo de comidas mui fortes, mui salgadas, e mui temperadas, o abuso dos licores alcoolicos, as affecções moraes tristes e vivas, as quedas, as pancadas sobre o figado, os ataques de febres intermitentes, a suppressão das hemorrhoidas, são suas causas mais ordinarias.

Symptomas. Uma dôr surda do lado direito da parté superior do ventre, que augmenta pela pressão, pelo andar um pouca forte e depois de jantar, eis o principal symptoma da inflammação chronica do figado. No mesmo tempo a pelle torna-se amarellada, as evacuações alvinas brancas e descoradas, as ourinas muito amarellas e com sedimento abundante. Quando a inflammação existe já desde certo tempo, sente-se, ao apalpar, o figado mais grosso e mais duro que de costume, e o lado direito do ventre está mais elevado do que o esquerdo. Adquirindo o figado um volume consideravel, a molestia toma o nome de *obstrucção. encalhe, enfarte, engurgitamento* ou *hypertrophia do figado.* Veja-se HYPERTROPHIA DO FIGADO.

A *duração* da inflammação chronica do figado é muito incerta; de ordinario caminha lentamente, e dura muitos annos.

Tratamento. Deve-se principiar o curativo da inflammação chronica do figado pela applicação de oito a doze bichas no lugar

doloroso do ventre ou no anus. De vez em quando convem tomar um purgante de sal d'Épsom ou de magnesia calcinada. Os causticos na região do figado são uteis.

As pilulas seguintes administrão-se com proveito :

Sabão medicinal.	40 centigrammas (2 grãos)
Nitro	5 centigrammas (1 grão)
Extracto de zimbro.	15 centigrammas (3 grãos).

Faça uma pilula e como esta mais 35. O doente tomará duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite; e em cima da pilula de manhã beberá uma chicara de infusão de parietaria.

O soro de leite é mui vantajoso n'esta molestia : o doente beberá meio quartilho por dia.

Estes meios podem curar a molestia, sendo empregados com perseverança, e ajudados por alimentação composta principalmente de vegetaes, leite, ovos, peixe, e pouca carne, pelo uso de banhos mornos, e de exercicio moderado.

Se o doente habitar um lugar pantanoso, a mudança de clima será mui vantajosa. Se puder viajar e ir usar das aguas de Vichy, em França, o restabelecimento será mais prompto e mais seguro.

As inflammações chronicas do figado, que succedem ás febres intermittentes, curão-se com o uso prolongado do vinho de quina, na dóse de 2 colheres *de sopa*, duas vezes por dia. Eis-aqui a receita :

Vinho de quina	500 grammas (16 onças).
--------------------------	-------------------------

Kystos do figado. Chama-se kysto a um sacco sem abertura, ordinariamente membranoso que se desenvolve accidentalmente em differentes partes do nosso corpo. O seu conteúdo é mui variavel.

Observão-se no figado duas especies de kystos, *kystos hydaticos* e *kystos serosos*. Os kystos serosos, que contém um simples liquido diaphano, encontrão-se menos vezes do que os kystos hydaticos que encerrão no interior vermes chamados echinococos. De pequeno volume habitualmente, podem attingir ás vezes dimensões consideraveis. Quando não excedem mediocre capacidade, são multiplices. No caso contrario não existe ordinariamente senão um só grande kysto. As suas paredes são constituídas por uma membrana fibrosa, isenta de qualquer communicação quer com os vasos sanguineos, quer com os canaes biliares; no interior existe serosidade mais ou menos aquea. Os symptomas, salvo o ruido hydatico, são semelhantes aos das hydatidas. (*Veja-se* vol. I, pag. 1125). O tratamento consiste em fazer punção com trocate,

esvaziar o tumor, e injectar, com seringa, tintura de iodo misturada com agua, para produzir a sua obliteração.

Neuralgia do figado. Dôr neuralgica no figado. *Veja-se NEURALGIA.*

FIGADO ou **Psoriase.** Molestia da pelle, caracterizada por chapas salientes, cobertas de escamas duras. *Veja-se PSORIASE.*

FIGO. Fig. 245. Fructo da figueira, *ficus carica*, Linneo, arvore da familia das Urticeas, frequente em Portugal, cultivada no Brasil. Ha muitas variedades, as principaes são os *pequenos figos brancos*, os *figos roxos* e os *figos graços*. Os figos são adoçantes e emollientes por causa do assucar e da mucilagem que contém em abundancia. São tambem mui nutritivos. Comem-se frescos ou passados (seccos).



Fig. 245 — Figo.

Os figos passados entrão na composição dos *quatro fructos peitoraes*. Cozidos em leite, são empregados em gargarejo contra a dôr de garganta.

FIGO. Excrescencia syphilitica. *Veja-se SYPHILIS.*

FIGUEIRA DO INFERNO. *Veja-se ESTRAMONIO.*

FILTRAÇÃO. A filtração é uma operação que tem por fim separar de um liquido uma substancia solida que elle tem em suspensão. Cumpre distinguir as filtrações feitas em grande escala das que se fazem em pequenas porções. N'este ultimo caso empregão-se com effecacia os *filtros de papel sem colla*.

Para fazer este filtro toma-se uma folha quadrada de papel, e dobra-se ao meio sobre a linha *ba*, como indica a figura 246, de

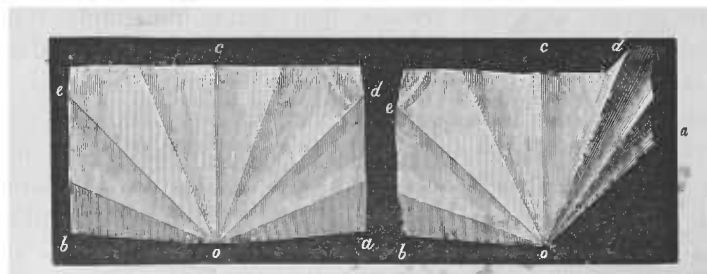


Fig. 246. — Confeição do filtro de papel.

maneira que se obtenha um rectangulo *bae*. Applica-se *oa* e *ob* sobre *oc*, dobrando na direcção de *od* e *oe*. Tem-se assim um rec-

tangulo dividido em quatro partes, que se dividem em duas, cada uma por pregas alternativas e inversas; cada uma d'estas pôde ser dividida ainda em outras duas, de sorte que se tenham 16 divisões sobre cada face do rectangulo, convergindo todas a *o*. Abre-se então o filtro, e vê-se em dois lugares oppostos duas pregas consecutivas do mesmo sentido : forma-se n'ellas uma pequena prega intermedia. Torna-se a dobrar o filtro e corta-se (fig. 247) para

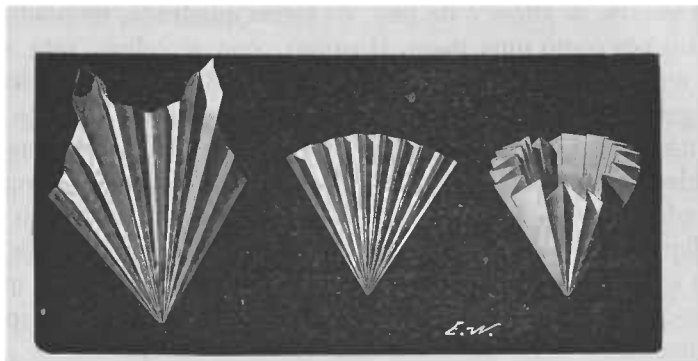


Fig. 247. — Confeição do filtro de papel.

lhe dar a fôrma redonda. Os angulos das pregas devem ser fortemente comprimidos com a unha, mas convirá que não cheguem até ao centro *o*, e que fiquem distantes meia pollegada d'este ponto, para que as frequentes dobras do papel não enfraqueçam ali a textura do papel, fazendo com que elle se rompa com o peso do liquido introduzido no filtro. Abre-se o filtro, assoprando dentro, e separando as duas meias folhas do papel dobrado, sem esforços para não desmanchar as pregas; e introduz-se no funil, á borda do qual deve chegar quasi exactamente (fig. 248). Quando o filtro se rompe, a ruptura tem lugar quasi sempre no apice da pyramide cónica, porque é ali que o liquido exerce maior pressão, e onde não se acha sustentado pelo funil. Para evitar que o filtro de pregas se rompa n'este ponto, põe-se no fundo do funil um pouco de algodão cardado, para n'elle descansar a ponta do filtro.

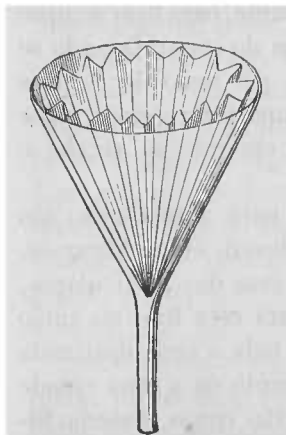


Fig. 248.

Filtro de papel, introduzido n'um funil.

O papel proprio para filtros é feito de proposito para este fim e chama-se *papel de filtrar*; é branco ou pardo e sem colla. Deve ser facilmente permeavel aos liquidos, sem deixar passar atravez

dos seus poros nenhuma particula solida. Deve ter consistencia bastante forte para não romper-se com o peso dos liquidos, estando encostado ás paredes de um funil.

Os filtros de papel são de um emprego mui restricto; servem nos laboratorios chimicos, nas pharmacias e na vida domestica. Para filtrações mais consideraveis, empregão-se caixilhos cobertos de panno e sacco de filtrar.

O *caixilho de filtrar* é de páo, de fôrma quadrada, montado sobre quatro pés como uma mesa. O panno, que o cobre, está seguro por meio de cascas que se enfião em péquenas caravelhas fixas na margem do caixilho, de maneira que lançando em cima do tecido a substancia que se quer filtrar, a sua superficie forme uma concavidade para receber o liquido. Esta fôrma é muito conveniente quando o objecto da operação é ajuntar o precipitado para o lavar. Os liquidos não passam por este filtro com tanta rapidez como pelo sacco, nem o liquido filtrado sahe tão limpido. O seu uso por consequente é particularmente limitado á lavagem dos precipitados volumosos.

O *sacco de filtrar* ou *manga de Hippocrates* (fig. 249), é o filtro que tem mais prestimo. Póde ser feito de flanela, de panno de algodão ou de linho, e dá-se-lhe a fôrma cónica com uma bainha larga á roda da abertura, por dentro da qual se enfia um arco de barba de baleia, um junco ou um arame, para ficar sempre estendida e aberta a bocca do sacco. Quando se faz uso d'elle pendura-se por meio de cordões em algum gancho ou escapola apropriada e por baixo colloca-se o vaso em que se recebe o liquido filtrado.

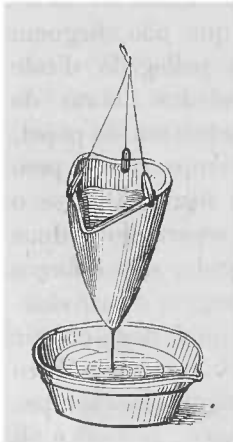


Fig. 249.

Sacco de filtrar.

As aguas que servem para alimentação são frequentemente turvas; devem então filtrar-se. Esta operação faz-se em casa dos particulares, em caixas apropriadas para este fim, ou então em aparelhos que filtrão toda a agua destinada a um grande estabelecimento ou a uma cidade inteira. Empregão-se então como materia filtrante esponjas, pedra calcarea porosa, carvão pulverizado, areia, etc. Em Pariz, a agua do Sena, que se bebe, filtra-se em casa atravez de uma pedra calcarea porosa em aparelhos proprios.

Filtros domesticos. São ordinariamente grandes vasilhas de grés, de fôrma alongada; semelhantes a um pote de manteiga. Um grande recipiente de chapa de ferro batido, bem limpo, poderia

servir para o mesmo uso, mas o *gres* é preferível. A 2 centímetros do fundo da vasilha faz-se um buraco que serve para fixar uma torneira de estanho, destinada a trasfegar a agua filtrada. Fixa-se a torneira mediante um betume particular. Colloca-se no interior, um pouco por cima da torneira, uma chapa de pedra, tendo pequenos buracos como um coador; a fôrma cônica do vaso a retém no lugar que deve occupar.

Sobre a chapa furada, dispõe-se uma camada de 2 a 3 centímetros de areia grossa ou de cascalho bem lavado e secco; uma camada de areia meio-fina, de 4 a 5 centímetros de espessura, estende-se sobre a primeira; cobre-se esta segunda camada de carvão de lenha grosseiramente quebrado; tudo forma uma camada filtrante de 6 a 8 centímetros; cobre-se o carvão com areia mui fina; enfim, cobre-se tudo de uma quinta e ultima camada de cascalho, tendo quasi o tamanho de um ovo. Este cascalho impede que a agua, quando se deita na vasilha, desarranje as materias filtrantes. Augmenta-se a solidez do filtro cobrindo tudo com uma chapa furada, de pedra ou de pào. A vasilha deve ser guarnecida com tampa de madeira ou de folha de ferro estanhado. Um filtro assim preparado, contendo cerca de 50 litros, pôde servir durante 5 ou 6 mezes a uma familia numerosa. Passado este tempo cumpre lavar as areias e o carvão, e dispô-los de novo como acima ficou dito. Por este meio, o filtro dá sem interrupção uma agua mui limpida e mui pura.

Pôde-se tambem fazer um filtro com um simples barril, bem ajuntado e bem ereado com areos de ferro; mas cumpre ter o cuidado que esteja sempre cheio d'agua, afim de que a madeira não tenha tempo de adquirir máo gosto, que communicaria ao liquido. Aliás, é mui facil evitar este inconveniente, carbonizando todo o interior do barril. Para fazer as chapas furadas, escolhe-se alguma madeira dura que se faz primeiro ferver n'agua fortemente avinagrada, e limpão-se estas chapas com pedra cada vez que se lava o filtro.

Fazem-se tambem *filtros portateis* de gres, sob fôrma de garrafas, destinados principalmente aos caçadores e aos viajantes. Estes filtros mettem-se no meio da agua impura, que se clarifica, passando atravez do gres poroso, e se ajunta limpida no interior.

Filtração dos vinhos, vinagres, licores, xaropes, azeites, etc. Raras vezes se filtrão os *vinhos*; clarificação-se só os vinhos tintos com clara de ovo, e os brancos com colla de peixe. (V VINHO.) Às vezes filtrão-se as fezes atravez de um filtro de papel introduzido n'um funil. Os vinhos do Porto e da Madeira, já engarrados, necessitão às vezes da filtração atravez de um saeco de lã.

Os *vinagres* são geralmente tratados do mesmo modo que os *vinhos*.

Os *licores* e *xaropes* submettem-se primeiro aos agentes de clarificação, e depois filtrão-se. Os distilladores e os confeiteiros empregão ordinariamente um sacco de feltro, ou um filtro de papel, ou um funil de vidro ou de metal cheio até á metade de algodão cardado, ou de massa de papel branco sem colla. Os mais cuidadosos servem-se de um sacco de flanela que guarnecem interiormente de massa de papel sem colla, pisado com o liquido mesmo, para formar uma mistura mui fluida. Deita-se esta no sacco, e ajunta-se depois uma quantidade sufficiente de liquido para encher o sacco. A massa de papel pega-se fortemente ás paredes do sacco, e concorre para a filtração. Devem-se ter muitos saccos de fazendas de lã mais ou menos tapadas, que se applicão conforme a fluidez ou a viscosidade do licor. — Antes de empregar um novo sacco, mergulha-se em um liquido, semelhante áquelle que se quer filtrar, afim de apertar os poros do tecido. O sacco, embebido de licor, mette-se n'um funil, ou se pendura sómente em algum sustentaculo. Se o liquido filtrado parecer turvo a principio, torna-se a deitar no sacco até que passe limpido. Sendo o liquido sujeito á evaporação, o funil deve estar coberto. — Depois de acabada a operação lava-se o sacco em muita agua, virando-o para tirar o resto do xarope e as impurezas; depois comprime-se entre os dedos sem torcê-lo. Nunca devem os saccos ser ensaboados nem passados na barrela, com receio de communicar-lhes máo gosto ou altera-los promptamente.

Os *azeites* são geralmente purificados, clarificados e filtrados nos paizes da producção, e os consumidores são dispensados de lhes fazerem outra operação. Mas, se fôr preciso, podem ser filtrados em casa, por meio da serradura de madeira, ou de carvão de lenha em pó, ou de pedra pomes pulverizada, que se colloca no fundo de um funil de vidro ou de metal. A massa de papel serve especialmente para filtrar os azcites finos, e particularmente os que são destinados para relojoaria.

FIOS. Dá-se este nome ao panno de linho velho desfiado que se emprega no curativo das feridas. Os fios não devem ser feitos nem de panno mui grosso nem mui fino; o panno muito velho não se deixa facilmente desfiar e não convem; aquelle que é muito novo tem os fios mui duros. É preciso que os pedaços de panno que se empregão tenham ao menos duas pollegadas de comprimento e uma de largura, pois os fios mui curtos não servem bem. O panno deve ser lavado de barrela, porque todos podem comprehender o grande inconveniente, que resultaria, de pôr-se

panno pouco limpo em contacto com a superficie nua de uma ferida. Os fios de panno de algodão servem tambem no curativo das feridas como os de linho. *Veja-se* CURATIVO, vol. I, pag. 766.

FISSURA NO ANUS. Ulceração comprida e superficial da margem do anus, entre as rugas radiadas da membrana mucosa d'esta parte, com dôr viva e contracção do anus.

Causas. As causas d'esta molestia são muito obscuras. Póde ser occasionada por uma acção mecanica, como acontece nas pessoas que soffrem habitualmente de prisão de ventre, nas que são affectadas de hemorrhoidas, e cujas materias excrementicias endurecidas, irritão e podem excoriar o orificio do recto.

Symptomas. A molestia começa de uma maneira insensivel : a principio a excreção das materias feccas é acompanhada de calor; algumas horas depois da evacuação, toda a sensação incommoda passa, o doente julga ter hemorrhoidas ou estar *esquentado*. Estes symptomas desapparecem ás vezes no fim de alguns dias, sobretudo se o doente fizer uso de clysteres d'agua tepida, de lavatorios frequentes no anus com agua fria, e se usar de um regimen principalmente vegetal. Mas este socego e só passageiro; logo o calor e a dôr tornão a apparecer, a excreção das materias torna-se penosa, e o incommodo que ella deixa dura mais tempo. As dejecções são ás vezes misturadas com um pouco de sangue; as dôres augmentão. O doente recebe algum allivio com clysteres, com medicamentos laxativos, ou mediante um regimen vegetal e lacteo.

Estes meios são sempre insufficientes, e, apesar do seu uso, o mal faz progressos. Ha doentes que, para obterem uma evacuação, são obrigados a tomar um purgante todos os dois dias, e cada dia dois ou tres clysteres. Se se passarem muitos dias sem evacuação, as dôres que ella determina depois são ainda mais crueis; o doente as compara então á dôr que produziria um ferro quente introduzido no recto; fica agitado de uma especie de contracção convulsiva geral, ou tem desmaios. Depois da evacuação, fica não sómente uma dôr viva, mas sobrevem latejamentos e pulsações analogas ás que se experimentão n'uma parte inflammada. Um exercicio violento, o uso do vinho, dos licores, alimentos mui temperados ou tomados em grande quantidade, exaltão constantemente o mal. Em algumas mulheres as dôres augmentão nas épocas mensaes.

O exame da região anal mostra uma pequena ulceração alongada e semelhante a uma racha; está ella situada entre as rugas do anus, sobre um dos lados; para vê-la, é preciso apoiar com força sobre a nadega que lhe corresponde, e abrir um pouco o orificio do recto. Ás vezes não é possivel alcança-la com a vista.

Quando a fissura não é visível, o tacto pôde fazê-la suspeitar : assim o dedo introduzido no recto poderá sentir uma desigualdade sobre um ponto, ou então determinar uma dôr que faz com que o doente se incline para diante, tanto ella é viva ; o dedo experimenta uma forte constrictão pelo aperto do anus, o que é um dos caracteres distinctivos da fissura. Assim : 1º constrictão violenta e dolorosa do musculo circular do anus ; 2º dôr ardente no momento da expulsão das materias, e immediatamente depois ; 3º ulcera superficial, estreita e alongada na entrada do intestino. Eis os tres caracteres que fazem a base do diagnostico. Ha n'esta molestia perturbação de todo o systema nervoso, irritação geral dos nervos, uma especie de hypochondria. O doente não falla ás vezes senão dos phenomenos sympathicos, esquece as dôres do anus ou não ousa fazer menção d'ellas por um pudor mal entendido, ou attribue estas dôres ás hemorrhoidas que tem ou que não tem ; o medico não estando no caminho da verdade, dirige todos os seus meios contra os effeitos sympathicos, isto é, contra uma molestia que não existe realmente. Depois da publicação das obras recentes, estando despertada sobre este ponto de medicina a attenção dos medicos, os erros são menos frequentes ; ha todavia casos que ainda enganão singularmente. Assim, um autor cita uma senhora que indicava como séde das dôres a região das cadeiras ; uma outra tinha dôres no rosto, que lhe fazião cerrar os dentes. Muitos medicamentos antispasmodicos forão inutilmente empregados n'estas duas senhoras, e não foi possivel descobrir a séde do mal senão depois de muitos exames. Depois da dilatação do anus, cessarão todos os incommodos.

Tratamento. Cumpre evitar os excessos nas comidas, os quaes exasperão quasi sempre as dôres ; cumpre comer mais vegetaes do que carne, usar de semicúpios d'agua tepida, e tocar levemente a fissura com pedra infernal ; introduzir no recto uma mecha untada de unguento de Arceus, cuja receita está indicada no artigo UNGUENTO. Empregar os clysters seguintes :

Agua tepida.	150 grammas (5 onças)
Alcool.	2 grammas (1/2 oitava)
Extracto de ratanhia.	4 grammas (1 oitava).

Se estes meios não curarem a molestia, recorra-se à dilatação do musculo sphincter do anus. Depois de provocado o somno anesthesico por meio da inspiração do chloroformio, o cirurgião introduz os dois dedos pollegares no anus, e, estando as mãos applicadas sobre as nadegas, pôde desenvolver uma força sufficiente para rasgar o musculo com os dedos pollegares até tocar

as duas tuberosidades ischiaticas. Feito isto, a pequena rasgadura sára em pouco tempo; então a dôr, a contracção spasmodica do anus e a prisão do ventre cêssão como por encanto.

FISTICO. *Veja-se* PISTACHA.

FISTULA. Chama-se fistula uma solução de continuidade, ordinariamente estreita, tendo trajecto mais au menos prolongado, entretida por alteração local, e que dá sahida ou a pus ou a liquidos naturaes, taes como saliva, bilis, ourina, etc.

As *causas* que podem determinar a formação de uma fistula são numerosas. Em primeiro lugar, a perforação de um canal ou de um reservatorio natural. Se um d'estes canaes, por exemplo, o que dá passagem á ourina, estiver ferido, a solução de continuidade deixará sahir o liquido que o percorre; e este, interpondo-se entre as margens da ferida, impedirá a sua reunião. Ás vezes as fistulas não se formão por ferimento de um canal excretor; um obstaculo ao corrimento do fluido excretado é a sua primeira causa. Para melhor explicar a minha ideia, tomemos, por exemplo, o canal excretor das lagrimas : se vier a estreitar-se, ou se, por uma causa qualquer, a abertura fôr obliterada, as lagrimas não poderão correr para o nariz. Entretanto, continuarão a formar-se; accumular-se-hão atraz do obstaculo, e o seu contacto acabará por determinar uma inflammação, depois uma suppuração; o pus sahirá com as lagrimas, e então forma-se fistula. Outra causa muito commum de fistula é a presença, no meio de nossos tecidos, de corpos estranhos que n'elles tenham penetrado, ou a existencia de uma alteração de qualquer parte mais ou menos profunda. Se uma bala ou qualquer outro corpo estranho ficar dentro das carnes, dará lugar ás vezes á suppuração, a qual persistirá emquanto o corpo estranho não fôr extrahido; ou se um osso estiver doente, cariar-se-ha, e formar-se-ha pus e fistula. Emfim, uma ultima causa de fistula é a disposição natural de certas partes. Se uma postema se formar na região do anus, e destruir o tecido cellular que se acha n'este lugar em abundancia, as paredes do foco ficarão separadas uma da outra, sem poderem pôr-se em contacto, a cicatriz não poderá formar-se, e d'ahi resultará uma fistula.

A indicação principal no *tratamento* das fistulas consiste em destruir as causas que as produzirão; os meios de se obter este resultado são mui variados, conforme a especie das fistulas, sua séde, extensão, etc.

Fistula no anus. As fistulas no anus resultão de postemas que se formão n'esta região do corpo, e que dependem de muitas circunstancias. Uma vez a causa da postema é uma contusão, outras vezes a inflammação de tumores hemorrhoidaes; emfim,

póde declarar-se sem causa bem evidente. A postema abre-se, e a *fistula* fica formada.

Reconhece-se uma fistula do anus pelos signaes seguintes : é uma abertura perto do anus, pela qual sahe continuamente uma materia mucosa, simples ou misturada ás vezes com materias fecaes que lhe communicão a côr e cheiro ; ás vczes o orificio fistuloso deixa sahir ventosidades, e o doente sente este lugar constantemente humido. Emfim, o cirurgião, penetrando com um estylete no canal fistuloso, e introduzindo um dedo no anus do doente, póde sentir a extremidade do estylete, saber a altura a que chega, e convencer-se da existencia da fistula.

A cura das fistulas no anus, sendo possível no maior número dos casos, é impossível em alguns outros ; e em certas pessoas nem deve até ser tentada. As fistulas são incuraveis quando se abrem no exterior por grande numero de orificios depois de atravessarem uma porção de carnes duras, quando o doente é magro, e quando o orificio superior se abre muito acima no interior do intestino recto. Nas pessoas predispostas á tísica, a cura da fistula no anus não deve ser tentada ; pois n'este caso constitue uma especie de fonte salutar estabelecida pela natureza. Fóra d'estes casos, a cura é possível, e deve fazer-se tudo para obtê-la.

Tratamento. De todos os meios propostos para curar as fistulas no anus o mais certo é a operação por incisão. Cortão-se com bisturi todas as carnes comprehendidas entre o tracto fistuloso e a cavidade do recto. Resulta d'isso uma ferida simples, que se cura todos os dias introduzindo uma mecha de fios até ao fundo da ferida. Todos os dias vão os fios penetrando menos profundamente até ficar a ferida de todo superficial ; então cicatriza-se facilmente. Estes curativos durão ao menos quarenta dias.

Porém, antes de recorrer, á operação, podem ensaiar-se os meios seguintes :

1º Lavatorios com infusão de folhas de nogueira. Esta infusão prepara-se com 50 grammas (onça e meia) de folhas de nogueira e 1 litro (32 onças) d'agua fervendo ;

2º Injecção no tracto fistuloso com tintura de iodo puro ;

3º Injecção com a seguinte solução de azotato de prata :

Azotato de prata crystallizado 25 centigrammas (5 grãos)

Agua distillada. 125 grammas (4 onças).

Nos casos em que a fistula for julgada incuravel, ou quando não deve ser curada, convem que o doente se limite aos cuidados de asseio, ao uso de clysteres de linhaça, e a um regimen mais vegetal do que animal, proprio a evitar a prisão do ventre.

Fistula dentaria. *Veja-se* DENTE, vol. I, pag. 801.

Fistula do estomago. Compreende-se debaixo d'este nome todo o tracto accidental aberto, de uma parte, no estomago, da outra, sobre um ponto qualquer da pelle do ventre ou do peito.

Causas. As fistulas do estomago são as mais das vezes a consequencia de contusões e feridas que offendêrão o estomago. Ha que se estabelecem espontaneamente; outras succedem a um cancro do estomago que se abriu no exterior.

Symptomas. Estas fistulas são caracterizadas pela existencia de uma solução de continuidade sobre um dos pontos da parede abdominal habitualmente em relação com o estomago: esta abertura deixa passar os alimentos e as bebidas ingeridas pelo doente. A rapidez com que as substancias e os liquidos engulidos sahem por esta abertura, e a pouca alteração que tem experimentado, não permitem o confundir uma fistula do estomago com um anus anormal.

A marcha d'estas fistulas é variavel quando são consecutivas á affecção cancerosa do estomago, o caso é grave; quando sobrevem depois de ferida, ou se estabelecem espontaneamente, a lesão é compativel com a vida, todas as vezes que os doentes podem supportar um obturador que se opponha á sahida dos alimentos pela fistula, durante o periodo da digestão estomacal. Não podendo o obturador ser tolerado, a morte sobrevem por inanicição.

Tratamento. É palliativo ou curativo. No primeiro caso o doente limita-se a prevenir a excoriação da pelle com os cuidados de ascio, lavatorios frequentes e emprego de um obturador que impede a sahida dos alimentos.

A *compressão* tem sido ás vezes sufficiente para obter cura radical; se não bastar este meio, cumpre *avivar* os labios da ferida, e reuni-los pela sutura. No caso em que exista perda de substancia êxtensa, tape-se com a pelle cortada na região vizinha.

Fistula lactea. *Veja-se FISTULA DO SEIO.*

Fistula lagrimal. Chama-se assim a abertura do sacco lagrimal, pela qual sahem e se derramão sobre o rosto as lagrimas ou pùs.

Na face interna de cada palpebra, perto da margem, e em distancia de algumas linhas do angulo interno, vê-se um botão-sinho saliente em cujo apice se acha um ponto negro chamado *ponto lagrimal*: este ponto é o orificio de um conducto (*conducto lagrimal*) que vai a um pequeno reservatorio chamado *sacco lagrimal*. Este sacco é o principio de um *canal* chamado *nasal*, que tem 20 a 22 millimetros de comprimento e que se abre dentro do nariz. Todo este apparatus serve para conduzir, para dentro do nariz, o excesso das lagrimas que os olhos vertem continua-

mente, e que são produzidas pela glandula situada debaixo da abobada da orbita do olho.

Estando o canal nasal tapado por uma das causas que vão abaixo indicadas, resulta d'isto uma accumulção de lagrimas no sacco lagrimal e um refluxo d'ellas pelos conductos e pontos lagrimaes: a pessoa não cessa então de lagrimejar; chegando depois o sacco a inflammarse e a abrir-se no exterior, derramão-se as lagrimas pelo rosto, e fica a *fistula* formada.

As *causas* da fistula lagrimal são: a inflammção do nariz ou do canal nasal; o vicio escrophuloso; o desenvolvimento de um polypo no nariz; emfim pancadas ou ferimentos do nariz. Todas estas causas produzem estreitamento ou obliteração do canal nasal.

Symptomas da fistula lagrimal. A molestia começa por inchação no angulo interno do olho. Esta inchação ao principio é sem dôr e não offerece mudança de côr na pelle; mas depois fica dolorosa, vermelha, e abre-se, deixando sahir certa quantidade de lagrimas misturadas com pus. Passado algum tempo esta abertura deixa escorrer continuamente ora lagrimas puras, ora misturadas com materia.

Em alguns doentes, depois da abertura espontanea do tumor lagrimal, cêssão os accidentes inflammatorios, e a molestia constitue simplesmente uma deformidade mais ou menos incommoda; mas em outros muitos a inflammção e a dôr persistem: ás vezes sobrevem desordens mais graves, taes como formação de muitas aberturas, endurecimento das paredes do sacco, desenvolvimento de carnes esponjosas, etc.

·O *tratamento* será, em primeiro lugar, dirigido contra a causa conhecida ou presumida da molestia. Assim quando inflammções repetidas produzirão a obliteração do canal nasal, convem applicar sobre o nariz cataplasmas de linhaça, e banhar esta parte com cozimento de flores de malvas. É necessario depois recorrer aos seringatorios com dissolução de pedra infernal, ou á cauterização com lapis da mesma pedra. Se a fistula lagrimal depender da existencia de um polypo nasal, é preciso extirpar este tumor. Os individuos escrophulosos devem usar de banhos do mar, de preparações de ferro, de cozimentos de genciana e de lupulo. Quando todos estes meios não produzirem o effeito desejado, convem formar um novo conducto para as lagrimas, introduzindo no canal nasal uma pequena *canula* de prata.

Fistula do larynge e da trachea. As feridas que dividem o tubo aerifero em grande extensão, as que são contusas ou com perda de substancia, podem ser seguidas de fistulas, porque nem sempre a reunião se opera completamente. A mesma enfermidade

póde ser a consequencia de uma carie ou de uma necrose das cartilagens do larynge.

Quando existem estas fistulas, a voz é mais ou menos extincta ou difficil; ás vezes a aphonia é completa, o que depende da séde e da extensão da fistula.

Tratamento. Curão-se estas fistulas cauterizando-as com pedra infernal e comprimindo depois.

Se este meio não fôr sufficiente, reuna-se a fistula por sutura, depois da incisão longitudinal ou transversal. Mantem-se a cabeça em flexão, e cura-se com pannos molhados em agua fria.

Se a sutura mallograr, corte-se sobre o pescoço um pedaço alongado de pelle com um pediculo de 9 millimetros; enrole-se este pedaço sobre a sua face cutanea, introduza-se assim na fistula previamente avivada, e atravesse-se tudo com dois alfinetes sobre os quaes se fará a sutura enrodilhada.

Fistulas salivares. As fistulas das glandulas salivares deixo escorrer de maneira quasi contínua um liquido claro mais ou menos pegajoso, quando a fistula existe sobre a glandula, e deixo sahir a saliva de maneira intermittente no momento da comida, quando os conductos excretores são unicamente offendidos. Em geral, para reconhecer uma fistula salivar, faz-se comer o doente: a sahida da saliva pela fistula torna-se um signal não equivoco da molestia.

APPARELHO SECRETOR DA SALIVA. O aparelho secretor da saliva compõe-se de seis glandulas, tres de cada lado, e de seus conductos excretores. Estas glandulas são as parotidas, as sub-maxillares e as sublinguaes; os seus conductos são o canal de Stenon, o canal de Warthon, e outros sem nome proprio.

A *glandula parotida* está situada abaixo e adiante do canal da orelha, enchendo o espaço comprehendido entre a borda posterior do ramo da queixada inferior, o conducto auditivo externo e a apophyse mastoide. É a maior das glandulas salivares. É composta de um tecido granular, dando nascimento a grande numero de ramos que se reúnem em um só conducto. Este, chamado *canal de Stenon*, adianta-se na espessura da face, e penetra na bocca ao nivel do segundo dente molar superior, a seis millimetros do ponto da junção da face com a gengiva.

A *glandula sub-maxillar* é situada, como o indica o seu nome, debaixo do queixo, sobre a face interna do corpo do osso maxillar inferior. Dos seus lobulos partem pequenos canaes que formão o *canal de Warthon*, que é o conducto excretor da glandula e vem abrir-se sobre o lado do freio da lingua por um orificio estreito.

A *glandula sublingual* parece não ser mais que um appendice

da sub-maxillar. É menos volumosa e situada na espessura da parede inferior da bocca, por baixo da lingua, sendo separada da sua parceira pelo musculo hyoideo. Tem diversos conductos que se abrem, uns sobre a parte lateral do freio da lingua, os outros no canal de Warthon.

As fistulas salivares observão-se quasi exclusivamente na glandula parotida e no seu conducto (canal de Stenon).

A. FISTULAS DA GLANDULA PAROTIDA. São dcterminadas pelas feridas da glandula; ás vezes são consecutivas á abertura de abcesso, á eliminação das concreções calculosas desenvolvidas nas granulações da parotida. Encontrão-se em todos os pontos da região parotidiana, perto da orelha; são caracterizadas pelo corrimento de saliva que augmenta durante as comidas e quando o doente falla. O orificio que dá passagem ao liquido é muitas vezes extremamente pequeno; geralmente occupa o centro de uma pequena fungosidade, e se não fosse o corrimento da saliva, seria quasi impossivel vêr ali um orificio fistuloso. Estas fistulas são só incommodas, porque não fornecem bastante saliva para causar damno á digestão.

As fistulas da parotida desaparecem ás vezes espontaneamente, porém as mais das vezes é preciso recorrer aos soccorros da arte. Os methodos empregados para curar esta molestia são :

1º A *cauterização* com ferro em brasa ou com as substancias causticas. Este methodo conta numerosas curas : deve ser preferido.

2º A *compressão* applicada directamente sobre o orificio fistuloso, afim de obliterar a fistula, e determinar a atrophia da porção da glandula que segrega a saliva e que sahe pela ferida. Este meio é doloroso, longo e de applicação difficil.

3º As injeções *irritantes* (tintura de iodo, solução de azotato de prata). Máu methodo, que, a fallar a verdade, conta curas, mas que expõe á inflammação da glandula.

4º A *excisão* dos dois labios da ferida, e a reunião immediata das margens da solução de continuidade.

B. FISTULAS DO CANAL DE STENON. São mais frequentes do que as da glandula parotida, e mais difficeis de curar. As mais das vezes estas fistulas tem lugar em consequencia de uma ferida no rosto por instrumento de gume. Em outros casos forma-se sobre o rosto um tumor inflammatorio que se abre e fecha muitas vezes; deita primeiro pus, depois verifica-se que sahe d'elle saliva. Vio-se este tumor coincidir com a carie de um grosso dente, que naturalmente foi considerado como causa da fistula. Mas acontece que os dentes estão em bom estado; não ha pancada nem ferida no rosto, e entretanto forma-se uma postema cuja abertura per-

siste e deixa passar a saliva. Póde então suppôr-se inflammação do canal de Stenon, inflammação espontanea, isto é devida a causa que não se conhece. É talvez um corpo estranho de pequeno volume.

O professor Dubois, vio em Pariz um tumor inflammatorio da face abrir-se tres vezes, na terceira vez sahio saliva do fundo da pequena ulcera. Um estylete introduzido no canal de Stenon penetrou facilmente até ao orificio fistuloso, onde encontrou resistencia, era ella devida a uma pequena espinha de peixe. O professor extrahio-a, e a fistula foi promptamente curada.

Como as fistulas salivares da glandula parotida, as do canal de Stenon conhecem-se facilmente pela perda constante da saliva, liquido cujos caracteres são faceis de apreciar. A perda mui abundante da saliva, póde estorvar a digestão.

Tratamento. Os processos propostos para curar as fistulas do canal de Stenon são numerosos, em primeiro lugar porque é uma affecção difficil de curar, e porque varia muito, o que é devido á posição dos orificios, ao ponto do canal que foi offendido, á extensão da lesão, e mesmo á natureza da causa que produziu esta ultima. Eis-qui estes processos :

1º *Sutura enrodilhada.* Este processo convem nas feridas recentes do canal de Stenon.

2º *Cauterização* com pedra infernal, afim de fechar o orificio fistuloso, e obrigar a saliva a passar pelas vias naturaes.

3º *Compressão* sobre a fistula, afim de suspender a sahida da saliva até á cicatrização da fistula.

4º *Oclusão da ferida exterior*, por meio de uma folha de ouro que se segura por meio de pez.

Estes modos suppõem o canal de Stenon permeavel; sendo obstruido recorra-se ao quinto modo seguinte :

5º *Abertura de uma via nova na cavidade boccal.* Este methodo conta muitos processos, que tem dado bons resultados.

Se a abertura fôr pequena, algumas cauterizações com pedra infernal scrão sufficientes para estreitar a abertura e produzir a cura; mas se houver perda de substancia de uma porção do canal, será preciso mudar a fistula externa em fistula interna. Para este fim perfora-se o rosto ao nivel da fistula; faz-se depois uma segunda punção da membrana mucosa boccal com um trocate introduzido no canal do Stenon do lado da glandula. Introduz-se então um fio de chumbo n'estas duas abeturas, de modo que os dois extremos fiquem livres na bocca; aviva-se depois a ferida exterior e reune-se. Ligão-se os dois extremos do fio de chumbo na bocca, e deixão-se até cahirem cortando a ponte da

membrana mucosa, o que produz uma larga abertura artificial para o corrimento da saliva.

Fistulas do seio. 1º *Fistulas lacteas*. Em consequencia de abcessos do seio determinados por engurgitamentos lacteos, encontram-se ás vezes na vizinhança do bico do peito, mais raramente no bico do peito mesmo, pequenos buraquinhos fistulosos que dão passagem a um liquido lactescente, sero-purulento ou seroso. Estas fistulas resultão da ruptura de um conducto do leite, ou da abertura de um abcesso.

Obtem-se quasi sempre a cura, cessando a amamentação e comprimindo o peito com tiras de emplasto adhesivo dispostas em fórma de couraça á roda do seio, do lado affectado sómente. Mas se a mulher desejar dar de mamar, é preciso ajudar a compressão com a cauterização da abertura fistulosa com pedra infernal, ou fazendo injecções no trajecto fistuloso com o liquido seguinte :

Agua distillada ..	30 grammas (1 onça)
Azotato de prata crystallizado	5 centigram. (1 grão).

Dissolva. As injecções devem fazer-se com seringa de vidro.

2º *Fistulas purulentas*. Succedem aos abcessos profundos do seio. Declarão-se sobretudo quando a abertura do abcesso não se faz no ponto mais declive; então estes abcessos evacuaõ-se lentamente, e por um trajecto cujas paredes se tornão espessas. Basta ás vezes praticar uma contra-abertura, para tornar o corrimento dos humores mais facil; deve-se fazer sobretudo quando a primeira incisão não foi feita sobre um ponto assaz declive. A compressão com tiras de emplasto adhesivo é util, assim como as injecções com dissolução de azotato de prata, que deixei indicadas, ou com o liquido seguinte :

Agua ..	30 grammas (1 onça)
Tintura de iodo. ..	8 grammas (2 oitavas)
Iodureto de potassio.	25 centigram. (5 grãos).

Fistulas urinarias. Dá-se este nome a todo o orificio anormal pelo qual sahe uma parte ou a totalidade das ourinas. Distinguem-se as fistulas urinarias em *vesicaes* ou em *urethraes*. As fistulas vesicaes tem o orificio ou no recto, ou em um ponto qualquer das paredes do ventre. As fistulas urethraes tem a séde ao longo do trajecto da urethra.

As *fistulas da urethra* podem abrir-se no recto, no perineo, no escroto, ou na face inferior do membro viril. As causas mais frequentes são as feridas por um instrumento cortante, estreitamentos do canal da urethra, caminhos falsos que se fazem no canal da urethra com uma sonda, as postemas que se desenvolvem n'essa

região. O tratamento consiste em impedir o liquido urinario de passar pela fistula, e obriga-lo a sair pela via natural. Se a molestia depender do estreitamento do canal, é preciso em primeiro lugar cura-lo por meio da dilatação com bugias. Logo que esta dilatação fôr sufficiente, introduz-se uma sonda no canal da urethra e deixa-se por alguns dias, e ao mesmo tempo trata-se de cicatrizar a abertura fistulosa.

Fistula vesico-vaginal. Em consequencia do parto laborioso em que a cabeça da criança fica muito tempo na passagem, acontece ás vezes formar-se nas mulheres uma escara gangrenosa, e esta cahindo deixa uma abertura pela qual correm as ourinas da bexiga para a vagina: eis d'onde vem o preceito de se terminar com *forceps* semelhantes partos; outras vezes este accidente é produzido por uma ferida, uma postema, uma ulceração syphilitica, etc.

Ha poucos incomodos mais desagradaveis do que o que resulta da passagem contínua das purinas pela vagina: apesar de todos os cuidados de asseio, a pessoa exhala um cheiro de ourina bastante forte, e o contacto repetido d'este liquido irritante produz a excoriação e a inflammação da parte superior das eóxas.

Cumpra não ter pressa para operar as fistulas vesico-vaginaes: de uma parte, porque as que são pouco extensas podem sarar espontaneamente ou graças a algumas eauterizações leves, uma sonda estando mantida continuamente na bexiga; e de outra parte, porque as grandes fistulas diminuem com o tempo, então as facilidades da operação e a possibilidade de bom exito são maiores.

« Não é raro, diz o professor Nelaton, observar a cura espontanea d'estas fistulas. É um facto sobre o qual os autores não tem insido bastante. Eu vi mulheres affectadas de fistulas vesico-vaginaes, depois de perderem por algum tempo a ourina, acabarem por conserva-la e por ficarem boas completamente sem nenhuma intervenção da arte. Lembro-me, entre outras, uma doente no hospital de S. Luiz, que tinha uma fistula bastante larga para receber um dedo. Temporizei, e vi logo, com grande satisfacção, que a fistula se feehou por si mesma. Mais tarde vi outra mulher que tinha uma fistula mais larga ainda. A perda de substancia tinha 1 centimetro a centimetro e meio de diametro; occupava a parede vesico-vaginal. Esta doente foi confiada aos cuidados do Dr. René Marjolin. O Dr. Marjolin pac, consultado, considerou esta mulher como incuravel; o Dr. Michon foi do mesmo parecer; porém a natureza operou a cura de que nós todos tinhamos desesperado. O Dr. Danyau referio um caso semelhante. Sómente

pela temporização, vio uma fistula fechar-se. Fui eu testemunha de outro facto do mesmo genero. »

Tratamento. As operações empregadas para curar as fistulas vesico-vaginaes são numerosas; ci-las :

1º *Sonda inamovivel na bexiga, e tampão na vagina.*

2º *Cauterização.* Tocão-se as duas margens da fistula com pedra infernal, ferro em brasa ou cauterio electrico. Este methodo tem dado algumas curas. Apresenta o inconveniente de destruir certa extensão de tecido á roda do orificio fistuloso, e de deixar, por consequente, uma abertura mais larga.

3º *Sutura.*

4º *Autoplastia.* Depois de avivadas as margens da fistula com instrumento de gume, corta-se um pedaço de pelle sobre a região vizinha, vira-se, e introduz-se na abertura fistulosa. Fixa-se uma sonda inamovivel na urthra.

Se a expectação durante dois, tres ou quatro mezes, ou uma das operações que deixei indicadas, não produzir a cura, a doente limitar-se-ha unicamente aos cuidados de asseio, e está condemnada a trazer continuamente um ourinol representado no artigo INCONTINENCIA DE OURINA.

FLATO. Dá-se vulgarmente este nome a um ataque leve de hysterismo. *Vêja-se ATAQUE DE NERVOS e HYSTERISMO.*

FLATULENCIA, FLATUOSIDADE OU VENTOSIDADE. No estado normal, o estomago e o intestino contem certa quantidade de gazes que procedem de diferentes fontes. Uns penetrão pela deglutição voluntaria, como em certas pessoas que engolem ar, ou involontaria com os alimentos e as bebidas; os outros formão-se sob a influencia do trabalho da digestão e desenvolvem-se das materias alimentarias. Emfim, alguns ha que são directamente segregados pela membrana mucosa dos intestinos; estes são frequentemente symptomaticos de uma irritação nervosa d'esta membrana. Seja qual fôr a sua origem, estes gazes são lançados pela bocca ou pelo anus, ou então são retidos no tubo digestivo. A emissão de gazes pela bocca ou pelo anus não constitue molestia quando não é frequente; mas quando se repete amiudadas vezes, constitue um incommodo insupportavel.

Tratamento. Para combater este incommodo convem evitar os alimentos que são capazes de desenvolver gazes; tacs são : substancias farinaceas, feijões, ervilhas, batatas, couves, nabos, espinafres, toda a especie de salada, pasteis de todos os generos, massas não levedadas, não fermentadas, mólhos em que entra qualquer gordura, e todas as outras preparações culinarias que pesão no estomago. A escolha das bebidas é de grande importancia.

A boa agua, que reúne todas as qualidades hygienicas, é o melhor agente da digestão. Entretanto, para as pessoas cujo estomago exige um estímulo mais activo, um vinho tónico, não acerbo, nem ácido, pouco espirituoso, deve ser preferível. Evitem-se os vinhos brancos, os que não tem sido bem fermentados, e a cerveja. Ha pessoas cujo estomago se dá bem, depois de jantar, com uma chicara de café. As bebidas frias ou nevadas, a applicação da agua mui fria sobre o ventre, clysteres d'agua fria, taes são os meios que se empregão contra as flatulencias. O chá de macella, de herva doce, de hortelã, os pós de magnesia na dóse de 50 centigrammas (10 grãos) duas vezes por dia, convem em todos os casos. Recomendam-se tambem fricções sobre o ventre com um panño quente ou com aguardente camphorada.

FLOR (*Botanica*). Fig. 250. Chama-se flor, em botanica, um aparelho que contém os órgãos reproductores e os protege, e no qual se effectua a fecundação e se desenvolvem as sementes que devem perpetuar a planta. Uma flor completa compõe-se de quatro camadas concentricas ou *verticillos*, que do exterior ao interior são : o *calice*, a *corolla*, os *estames* e os *pistillos*.

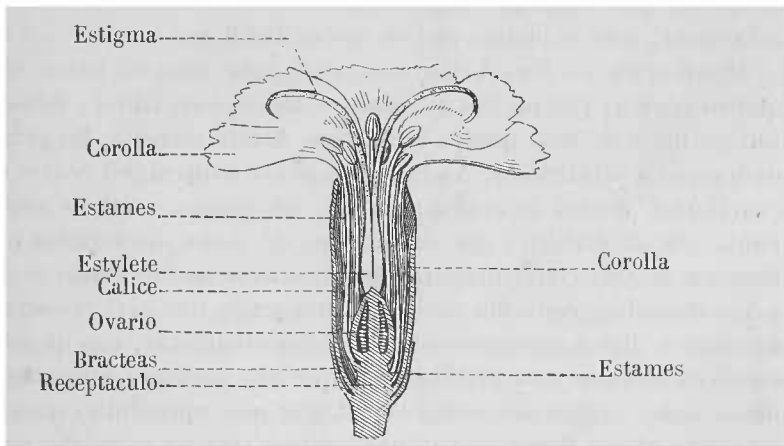


Fig. 250. — Córte vertical da flor de craveiro.

O *calice* é o involtorio o mais externo da flor; é ordinariamente a continuação da casca do pedunculo, e conserva frequentemente o aspecto herbaceo e esverdeado.

A *corolla*, segundo envoltorio da flor, constitue ordinariamente a sua parte mais notavel, pelo seu desenvolvimento e brilho das suas côres. Acha-se por dentro do calice, e compõe-se de foliolos delicados, corados diversamente, e que se chamão *petalas*. Vulgarmente dá-se o nome de flor á corolla.

Os *estames* são filetes que se levantão do centro da flor; são os

orgãos sexuaes machos das plantas, cujos vertices, *antheras*, encerrão o pollen que é substancia fecundante.

O *pistillo* ou os *pistillos*, no centro da flor, órgão ora unico, ora multiplice, é o órgão feminino da fructificação. Geralmente distinguem-se n'elle tres partes: o *ovario*, inchação globosa ou alongada, que se vê na base do pistillo encerrando os *ovulos*, isto é, pequenos corpos que, depois de experimentarem a influencia do pollen, se desenvolvem para constituir o *grão* ou *semente*, ao mesmo tempo que o ovario inteiro, tornar-se-ha *fructo*. Por cima do ovario acha-se um ou mais prolongamentos chamados *styletes*, que termina o *estigma*, órgão poroso frequentemente coberto de materia gommosa. Às vezes o stylete é tão curto que o estigma descança quasi directamente sobre o ovario; chamão-lhe então *estigma sessil*.

Estes quatro verticillos da flor são sustentados por uma porção alargada do pedunculo que forma o fundo da flor, e que se chama *receptaculo*. Frequentemente sobre este receptaculo observão-se pequenas inchações glandulosas, ás vezes pequenas laminas semeadas de pontos secretorios. Estes órgãos são os *nectarios* ou *glandulas nectarias*, que fornecem ordinariamente a substancia odorifera e adocicada, que se chama *mel* ou *nectar* das flores.

Modificações da flor. A flor não apresenta sempre todos estes quatro órgãos; em muitos vegetaes é *incompleta*, isto é, falta-lhe um ou mais de seus quatro verticillos. A este respeito, ha grande distincção a estabelecer. As *flores completas* reúnem no centro dos envoltorios floraes os órgãos machos ou *estames* com os órgãos femininos ou *pistillos*; grande numero de flores incompletas offercem a mesma conformação. Mas em outras não se achão os dois sexos reunidos, cada flor não apresenta senão um só órgão sexual. Chamão-se flores *hermaphroditas* as flores completas, nas quaes se achão os estames e os pistillos; as que não possuem simultaneamente estes órgãos são *unisexuaes*. Umhas não apresentão senão os estames, são as flores masculinas; outras tem só o pistillo ou os pistillos, e chamão-se flores femininas. Quando os vegetaes tem flores unisexuaes; podem observar-se as disposições seguintes: Ora as flores masculinas e as flores femininas são reunidas sobre um mesmo individuo, sobre um mesmo vegetal; ora achão-se em dois individuos distinctos, e vem a ser que a especie compõe-se de dois vegetaes, um que produz as flores com estames e constitue o *macho*; outro que produz as flores com pistillos e constitue a *femea*.

Modo de refrescar as flores murchas. A maior parte das flores murchão vinte e quatro horas depois de mettidas na

agua fria, mas quasi todas podem conservar-se por mais tempo, servindo-se d'agua quente em vez d'agua fria. Quando principiãõ a murchar, mettão-se em agua fervendo, de maneira que a terça parte do pé mergulhe n'ella; quando a agua esfria, a flor levanta-se e recupera a frescura. Antes de mettê-la de novo n'agua fria, deve cortar-se a parte do pé que esteve n'agua fervendo.

FLORES (*Hygiene*). As flores absorvem grande quantidade de oxygeneo do ar, que transformão em gaz acido carbonico por meio do carbone que contém. A alteração profunda que o ar recebe das flores foi demonstrada pelas experiencias de Marigues. Este habil physico verificou com effeito que no fim de 6 horas, o ar fechado n'um recipiente debaixo do qual foi posta uma rosa, fica bastante viciado para apagar duas vezes seguidas uma vela accesa. A experiencia deo o mesmo resultado com as flores inodoras e com as cheirosas; e o mesmo observador verificou que as flores de malva e de vara de ouro (*solidago virgaurea*) dão muito mais acido carbonico do que o lilaz, a viola e o jasmim. Todas as outras partes verdes da planta produzem o mesmo phenomeno, mas sómente durante o dia e expostas á luz. Porém não é unicamente pela formação do gaz acido carbonico que as flores produzem effeitos deleterios, porque as folhas fornecem frequentemente outro tanto e mesmo mais acido carbonico, comtudo sua presença nos quartos está longe de offerecer os mesmos perigos, mesmo quando são muito cheirosas, como a cidrilla e outras. Este effeito é devido evidentemente a emanações das flores cuja natureza ainda não é bem conhecida. Como quer que seja, estas propriedades deleterias tem sido observadas frequentemente para não haver a menor duvida a esse respeito. Uma senhora da cidade de Rouen em França, teve a imprudencia de conservar no seu quarto de dormir flores de açucena; foi acommettida de anxiedade, dôres de cabeça, desmaios muito fortes, e pouco faltou para que não fosse victima das emanações d'estas flores. Uma senhora e sua criada deitadas n'um pequeno quarto, onde havia muitas flores, forão acordadas no meio da noite por anxiedade extraordinaria; chegarão com custo a abrir a janella, e restabelecêrão-se (Ingenhousz). Uma senhora morreo, porque lhe deixárão grande quantidade de violas perto da cama, n'um quarto mui pequeno (Triller). Em Londres, uma mulher foi achada morta na cama, sem que pudesse suspeitar-se outra causa do que o effeito produzido por grande quantidade de flores de açucena que ella tinha conservado no seu quarto.

Bastão estes factos para provar quanto deve evitar-se a conservação de flores nos quartos. Os menores inconvenientes que podem resultar da sua presença são affrontações, dôres de cabeça,

desmaios, vomitos, entorpecimento dos membros, convulsões, quasi sempre um estado de somnolencia e de fraqueza; de maneira que parece resultar dos symptomas observados, que o principio delcterio actua antes sobre o systema nervoso do que sobre os phenomenos chimicos da respiração, como se observa nos casos de asphyxia. Notou-se que é durante a noite que sobrevem quasi sempre os accidentes; isto depende de que o ar não sendo renovado durante a noite como durante o dia pela abertura das portas e das janellas, pelo movimento que se faz nos quartos, as emanções deleterias se accumulão, concentrão-se e actuão sobre os individuos a ellas expostos, e profundamente adormecidos, visto não terem consciencia dos primeiros symptomas, os quaes sentirião no estado de vigilia.

Remedeião-se estes accidentes expondo os doentes a um ar fresco, applicando na testa pannos molhados em agua fria, fazendo respirar vinagre, dando a beber cinco a dez gottas de ether com agua e assucar, e esfregando com baeta a região do coração.

FLOR D'AGUA ou LENTILHA D'AGUA. *Pistia occidentalis*, Blume. Aroideas. Planta aquatica que se encontra nadando nas aguas doces de quasi todo o Brasil, nas quaes forma pequenas ilhas. Folhas radicacs, ellipticas, approximadas e dispostas circularmente; flores brancas; fructo capsula oval, comprimida, contendo muitas sementes. As folhas são acres e mucilaginosas; e contusas, applicão-se como maturativas nos abcessos. A infusão d'ellas tem sido recommendada internamente nas molestias de pelle e nas ourinas sanguinolentas; mas em dóse elevada reputase venenosa, e os sertanejos contão que as aguas nas quaes esta planta nada, são impregnadas de tal sorte de sua materia acre, que produzem diarrheas.

FLOR DE BABADO ou **BABEIRO**. *Echites longiflora*, Desf. Apocyneas. Planta do Brasil. A raiz, em fórma de nabo, contém um succo leitoso; é um purgante violento. Emprega-se nas molestias dos cavallos e mulas.

FLOR DE PAVÃO ou **DO PARAISO**. V CHAGAS.

FLORES BRANCAS (*Molestia*). Este nome, corrupção de *fluores blancos*, é o que se dá vulgarmente a um fluxo mucoso que corre pelas partes genitae da mulher; em medicina chama-se *leucorrhœa*. As flores brancas são mui communs nas grandes cidades, e pôde até dizer-se, sem exaggeração, que, ellas sós, constituem ou determinão mais da metade dos incommodos nas senhoras. Esta molestia ataca indistinctamente as donzellas, as mulheres casadas e as viúvas; commummente não começa senão na idade de quatorze a quinze annos; entretanto, tem-se visto meninas de

oito, de quatro annos e até de menor idade, sercm d'ella affectadas; porém as mais das vezes observa-se nas mulhres que se approximão da idade critica. As circumstancias predisponentes são : temperamento lymphatico, constituição molle, habitação em lugares baixos, humidos e mal arejados. A prenhez, um parto laborioso, abortos repetidos, pancadas sobre o baixo-ventre, pre-dispõem igualmente ás flores brancas. Devemos considerar como tendo a mesma acção o abuso dos alimentos aqueos, lacteos, fari-naccos, a suppressão da transpiração, a vida sedentaria, os erros de regimen, e as affectões moraes tristes. É frequentemente occasionada pela dentição nas meninas, e por uma imaginação viva nas que chegão á puberdade.

As senhoras affectadas de flores brancas não experimentão, no principio da molestia, senão leves indisposições, e não se observa, por assim dizer, mudança alguma na sua saude. Mas quando a affectão se perpetúa e se agrava, o appetite diminue, e até cessa inteiramente; a doente sente dôr no estomago antes e depois da comida; as digestões fazem-se mal, o rosto torna-se descorado e como inchado. O corrimento é ordinariamente contínuo; ás vezes, todavia, apresenta intervallos. Emfim, varia singularmente quanto á quantidade, côr e espessura. De ordinario a affectão existe sem dôr local; mas muitas vezes é acompanhada de quentura, peso no baixo ventre e dôr nas cadeiras.

É mui difficil curar esta affectão. Mas tambem deve dizer-se que no maior numero de casos as flores brancas constituem mais um incommodo do que uma verdadeira molestia; é com effeito um estado habitual desagradavel, mas que não compromette a saude geral. Muitas senhoras das grandes cidades tem antes ou depois da menstruação alguns dias de leucorrhœa, sem que este estado constitua uma molestia. A prenhez produz ás vezes uma leucorrhœa mui abundante.

Tratamento. No tratamento das flores brancas, as regras hygienicas merecem a maior attenção, e cumpre dizer que, sem este soccorro, todas as preparações pharmaceuticas serião insufficientes. Estas regras constituem mcsmo o tratamento preservativo da molestia. Visto que as flores brancas dependem muitas vezes de um enfraquecimento da constituição, não ha nada mais racional do que fortificar promptamente toda a economia. Para obter-se este resultado, é preciso mudar as meninas para habitações arejadas e espaçosas, fortifica-las com uma alimentação reparadora e abundante, vida activa e exercicios proporcionados á sua energia. Quando uma saude delicada, uma disposição hereditaria, etc., fazem temer a invasão proxima d'esta molestia, urge que aos

meios hygienicos que precedem se associe a administração de alguns tonicos, como infusão de lupulo, macerato de genciana, vinho de quina, preparações de ferro, vinhos tintos, alimentação composta de carnes assadas, banhos frios de rio ou do mar.

Quanto ao tratamento curativo, varia conforme o estado da affecção, *agudo* ou *chronico*. No primeiro caso basta que a doente se limite ao repouso, a alguns banhos mornos e ás bebidas e clysteres de cozimento de linhaça.

As flores brancas *chronicas* exigem medicamentos tonicos, que consistem em preparações ferreas, sejam quaes forem, aguas ferreas tomadas na fonte, nos amargos taes como lupulo, genciana, quina; substancias aromaticas, como sobretudo a canella. Juntem-se-lhes substancias resinosas, taes como o balsamo do Perú, de Tolú, copahiba, estoraque, terebinthina. Ao mesmo tempo que se seguir este tratamento geral, faça-se uso de semicupios com infusão de rosas rubras, com agua fria misturada com vinagre aromatico, que se acha em todas as boticas; fação-se na cavidade vaginal injeccões com infusão de folhas de noqueira, com decoção de casca de romã, de bistorta, com solução de pedrahume, de azotato de prata. Os purgantes administrados de tempos a tempos são vantajosos. Convem acrescentar a estes differentes remedios os meios hygienicos, que forão indicados fallando-se do tratamento preservativo. É especialmente util ás doentes a mudança de ar.

As flores brancas durão ordinariamente muito tempo: ha pessoas affectadas d'ellas toda a vida. Só são perigosas quando são acompanhadas de grandes dôres, e se influirem de uma maneira visivel sobre a saude da doente; ás vezes podem depender de qualquer affecção organica do utero; e por isso, quando se prolongão, é necessario recorrer a um medico: elle é o unico que pôde determinar a natureza das causás da molestia.

RECEITUARIO CONTRA AS FLORES BRANCAS.

1º *Pilulas adstringentes.*

Tannino. 2 grammas (40 grãos).

Fação-se 12 pilulas. Toma-se uma pilula, tres vezes por dia.

2º Canella em pó. 15 grammas (1/2 onça).

Divida em 15 papeis. Para tomar 1 papel por dia, em meia chicara d'agua fria com assucar.

3º *Electuario contra a leucorrhœa.*

Conserva de rosas rubras. 90 grammas (3 onças)

Quina em pó. 30 grammas (1 onça)

Macis em pó. 8 grammas (2 oitavas)

Cato em pó. 2 grammas (40 grãos)

Oleo essencial de canella. 3 gottas.

Misture-se. Tomão-se duas colheres *de chá*, tres vezes por dia.

4º *Tintura de Marte tartarizada*, 60 grammas (2 onças).

É uma preparação de ferro de que se toma meia colher *de chá*, dentro de meia chicara d'agua fria com assucar, tres vezes por dia.

5º *Xarope de estoraque*, 180 grammas (6 onças).

Para tomar uma colher *de sopa*, tres vezes por dia.

6º *Capsulas de copahiba*.

Para tomar uma capsula, tres vezes por dia.

7º *Pilulas ferruginosas de Vallet*. 72.

Toma-se uma pilula, tres vezes por dia.

8º *Pilulas ferruginosas de Blaud*, 48.

Toma-se uma pilula, tres vezes por dia.

9º *Vinho de Sequin*.

Quina amarella 20 grammas (5 oitavas)

Casea de laranja amarga 20 grammas (5 oitavas)

Flor de camomilla 20 grammas (5 oitavas)

Vinho de Malaga 1000 grammas (32 onças).

Macere por 6 dias e filtre. Dóse 30 a 60 grammas (1 a 2 onças por dia).

10º *Injecção com infusão de folhas de noqueira*.

Folhas seecas de noqueira 50 grammas (1 1/2 onça)

Agua fervendo 1000 grammas (32 onças).

Infunda por 1 hora, e cõe com expressão por panno de lã.

11º *Injecção com tannino*.

Infusão de rosas rubras 125 grammas (4 onças)

Tannino 1 gramma (20 grãos).

Dissolva. Faz-se um seringatorio na vagina com todo este liquido, uma vez cada dia, e repete-se cinco dias successivos.

12º *Injecção com solução de perchlorureto de ferro*.

Perchlorureto de ferro liquido

a 30º 30 grammas (1 onça)

Agua 1000 grammas (32 onças).

13º *Injecção com pedrahume*.

Agua 720 grammas (24 onças)

Pedrahume 30 grammas (1 onça).

Dissolva-se. Faz-se um seringatorio cada dia com 180 grammas (6 onças) d'este liquido, e repete-se quatro dias successivos, na mesma dóse.

Resistindo a leucorrhœa a todos estes medicamentos, e se se tornou quasi habitual, sem influir sobre a saude geral, convem limitar-se aos semicípios d'agua tepida. Não se deve tambem

empregar outro meio contra a leucorrhœa que acompanha a gravidez, ou que precede ou segue a menstruação.

FLORES PEITORAES (*Pharmacia*). Dá-se este nome em pharmacia, á mistura de partes iguaes das quatro flores seccas de malva, de tussilagem, de papoulas e de pé de gato (*gnaphalium dioicum*, Linneo). A infusão d'estas flores é usada contra a tosse; prepara-se com 4 gram. (1 oitava) de flores peitoraes e 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo.

FLUCTUAÇÃO. Movimento de oscillação de um liquido aecumulado em um fóco qualquer, ou em uma cavidade splanchnica, movimento que se faz sensível por uma mudança de posição, por uma pressão ou choque methodico. É assim que a fluctuação, na barriga d'agua, se faz sentir applicando-se uma das mãos em um dos lados do-ventre e percutindo-se com a outra a parte opposta. Igualmente nos abcessos manifesta-se a fluctuação quando se percutie o tumor alternativamente com um ou dois dedos em dois pontos oppostos.

FLUXÃO. *Veja-se* DENTES.

FLUXO BRONCHICO. *Veja-se* CATARRHO PITUITOSO.

FLUXO DE SANGUE. *Veja-se* HEMORRHAGIA.

FLUXO DE OURINA, POLYURIA, POLYDIPSIA, DIABETES INSIPIDO OU FALSO. Molestia caracterizada por uma emissão abundante de ourina aquea tendo mui fraco peso específico, e não contendo principio assuearado; os doentes são, além d'isto, atormentados por sêde excessiva que os obriga a ingerir grande quantidade de bebidas.

Symptomas. Na polyuria, os doentes podem verter quantidades de ourida mais consideraveis do que no diabetes, mas o liquido não tem, nos dois easos, a mesma composição. Na polyuria, a ourina é clara, limpida, apenas corada, mais ou menos semelhante á agua filtrada, e sem cheiro ou com cheiro mui fraco; é neutra ou levemente acida; não fica turva nem pelo calor, nem pelo acido azotico. Contém menor quantidade de urea, de acido urico e de saes fixos; tem um peso específico que varia de 1,001 a 1,000. Os polyuricos ourinão mais do que bebem, e tem muita sêde. Deitam 5 a 15 litros de ourina por dia. A sêde é quasi inessante; os doentes levantão-se frequentemente de noite para obedecer a necessidades imperiosas de beber e de urinar. As digestões fazem-se bem; o appetitê raras vezes é augmentado como no diabetes, mas é geralmente conservado; ás vezes todavia diminui; os doentes preferem geralmente alimentação vegetal e bebidas acidulas. A bocca é saburrosa, a saliva é rara; existe uma se-

de seccura na bocca, e no estomago um sentimento semelhante ao da fome.

Duração, terminações. A polyuria tem uma duração indeterminada. Não ha exemplo que esta molestia tenha occasionado a morte; comtudo deixa os individuos n'um estado habitual de fraqueza.

Causas. As causas da polyuria não são conhecidas, a molestia sobrevem quasi sempre espontaneamente.

Tratamento. Na polyuria é preciso usar de um regimen composto sobretudo de carne, e empregar medicamentos tonicos e adstringentes, cujas receitas seguem :

1º Tintura de Marte tartarizada 30 grammas (1 onça).

Para tomar 20 gottas n'uma colher d'agua fria com assucar, duas vezes por dia.

2º *Pilulas de tannino.*

Tánnino..

2 grammas (40 grãos)

Faça 20 pilulas. Para tomar uma pilula, tres vezes por dia.

O opio foi tambem empregado com vantagem, na dóse de 5 centigrammas por dia, segundo a receita seguinte :

Extracto de opio. . . 30 centigrammas.

Faça 12 pilulas. Para tomar 1 pilula, duas vezes por dia.

FOGAGEM. Dá-se vulgarmente este nome a pequenas pintas ou botões vermelhos que apparecem nas crianças de peito, e ás vezes nos adultos. O termo scientifico é *lichen* e *estrophulo*. Observa-se principalmente a fogagem nas crianças amamentadas com leite mui velho. Os grandes calores, a falta de asseio, a dentição predispõem a esta affecção, que todavia não é incompativel com a boa saude, e só necessita de um leve tratamento medicinal. Quando apparece na época da sahida dos dentes, chamão-lhe *fogagem de dentes*. Banhos mornos empregados uma vez no dia, lavatorios com cozimento de linhaça, com agua e vinagre, unturas com glycerina, são os meios mais convenientes. Ás vezes é bom dar duas a quatro colheres de chá de xarope de chicoria. Clysteres de linhaça são tambem uteis.

Nos adultos, e especialmente durante os grandes calores do verão, não é raro ver uma erupção de botões vermelhos em diversas partes do corpo: esta leve affecção é acompanhada de comichão desagradavel. Passada uma ou duas semanas, os botões desapparecem e a pelle cahe sob a fórma de poeira. Para combater esta fogagem, convem recorrer aos banhos mornos, limonadas de limão, a um regimen composto principalmênte de vegetaes, abstinencia de carnes salgadas e de espiritos. Para o mais, veja-se *Lichen*.

FOLHA SANTA. Veja-se MALVA DO CAMPO.

FOME. Necessidade de tomar alimentos. Perdendo nosso corpo a cada instante uma porção notavel dos materiaes da sua organização, é necessario reparar estas perdas sob pena de ruina rapida. Se a abstinencia se prolongar muito tempo, o corpo emmagrece; quasi todas as secreções diminuem, adquirindo primeiramente um cheiro fetido; uma abstinencia de pouca duração basta frequentemente para tornar desagradavel o halito de uma pessoa ainda a mais sadia. Uma febre intensa, delirio, prostração, uma insomnia contínua, precedem em geral a morte, que sobrevem n'uma época variavel, mas de ordinario no espaço de oito ou dez dias.

Entre as causas que podem augmentar a fome, convem citar o exercicio, os banhos frios, o ar frio, a presença de vermes nos intestinos, etc. O opio, o fumo e outros narcoticos diminuem pelo contrario a fome; certas affecções do cerebro, as paixões tristes, um movimento de rotação no corpo, o uso d'agua morna, o emprego de substancias emeticas tomadas em pequena dóse para produzir sómente nauseas, tirão tambem o appetite; emfim, no maior numero de molestias agudas, deixa de se fazer sentir a necessidade de tomar alimentos. O costume parece tambem ter alguma influencia no desenvolvimento da fome. Todos podem com effeito observar que, quando se passa a hora habitual da comida, a necessidade de tomar alimentos, mui viva ao principio, diminue depois de uma maneira mui sensivel.

A fome é mais imperiosa nos homens do que nas mulheres. As crianças soffrem difficilmente a privação de alimentos; no decurso de uma molestia nunca devem ser submettidas a uma dieta mui rigorosa, mórmente se se acharem em tenra idade. *Veja-se* APPETITE, FASTIO.

Fome canina. Dá-se este nome á fome devorante, quasi insaciavel, acompanhada de afflicção tão grande que determina desmaios quando não satisfeita.

Symptomas. A fome canina apresenta muitos grãos, desde a simples augmentação do appetite, que se observa nos convalescentes, até á voracidade que leva os individuos a comer 5, 6 e mesmo 12 kilogrammas de pão em 24 horas. Quando sobrevem, os individuos procurão acalma-la com toda especie de alimentos. Querendo resistir á necessidade imperiosa que os atormenta, ou nada tendo para satisfazê-la, experimentão uma anxiedade inexprimivel; a vista escurece, sobrevem zunidos nos ouvidos, desmaios, ou uma agitação e um estado de delirio que póde ser levado até ao furor, e que se acalma logo que o appetite está satisfeito.

Ha docntes d'esta especie que durante algum tempo digerem

bem a grande quantidade de alimentos que devorão, e conservão a sua corpulencia : todavia mais cedo ou mais tarde os órgãos digestivos alterão-se. Observão-se então regurgitações ou vomitos alimentarios, misturados ás vezes com sangue. Ha além d'isso diarrhea abundante que esgota as forças e produz emmagrecimento. Comtudo em alguns individuos, porém mui poucos, observou-se, pelo contrario, gordura excessiva.

Causas. Quasi nunca a fome canina é acompanhada de lesão alguma nas vias digestivas. É uma nevrose que sobrevem no curso de outra nevrose como a epilepsia, mania, hysticismo ou gastralgia. Observa-se tambem nas pesscas chloroticas, diabeticas, em alguns tísicos, e nos individuos affectados de vermes intestinaes. Póde ser um dos accidentes da gravidez.

Tratamento. Não devem os doentes resistir á fome; mas convem acalmar esta com alimentos nutrientes, e que podem occupar o estomago durante muito tempo; taes são as carnes de vacca, de carneiro e de porco. O gelo, o sub-azotato de bismutho e sobretudo o opio produzirão ás vezes bons resultados.

FOMENTAÇÃO. Chamão-se fomentações, em medicina, as applicções de um liquido sobre alguma parte do corpo mediante uma esponja, baeta ou panno de linho. O liquido empregado póde ser aqueo, vinoso, alcoolico, acido, oleoso, e ter em dissolução alguma substancia emolliente, tonica, aromatica, adstringente, conforme o fim para que se emprega. As fomentações *emollientes*, com decocção de althca ou de linhaça, applicão-se frequentemente sobre o ventre na inflammação dos órgãos abdominaes; gozão de propriedades analogas ás das cataplasmas, e devem ser preferidas a estas quando a parte do corpo sobre que se applicação é mui dolorosa e não póde supportar o peso das papas. A maneira mais usual na pratica das fomentações emollientes consiste em molhar um panno de linho no cozimento de linhaça, applica-lo sobre a região dolorosa, e cobri-lo depois com baeta ou com tafetá encerado, para que conserve o calor e a humidade.

Os pannos molhados em agua fria, que se applicão nas torceduras, são fomentações. Mas em *linguagem vulgar* dá-se mais particularmente o nome de fomentações ás fricções que se fazem no corpo com algum liquido oleoginoso, ou com alguma pomada, que os medicos chamão *emborcações*.

FONGUS HEMATODE. Especie de cancro. *Vêja-se* CANCRO ENCEPHALOIDE.

FONTE. Chama-se *fonte* uma pequena chaga de fórma redonda ou oval que se abre no tecido cellular em diversas regiões do corpo, e cuja suppuração se entretem durante um tempo indeterminado.

FOME. Necessidade de tomar alimentos. Perdendo nosso corpo a cada instante uma porção notavel dos materiaes da sua organização, é necessario reparar estas perdas sob pena de ruina rapida. Se a abstinencia se prolongar muito tempo, o corpo emmagrece; quasi todas as secreções diminuem, adquirindo primeiramente um cheiro fetido; uma abstinencia de pouca duração basta frequentemente para tornar desagradavel o halito de uma pessoa ainda a mais sadia. Uma febre intensa, delirio, prostração, uma insomnia contínua, precedem em geral a morte, que sobrevem n'uma época variavel, mas de ordinario no espaço de oito ou dez dias.

Entre as causas que podem augmentar a fome, convem citar o exercicio, os banhos frios, o ar frio, a presença de vermes nos intestinos, etc. O opio, o fumo e outros narcoticos diminuem pelo contrario a fome; certas affecções do cerebro, as paixões tristes, um movimento de rotação no corpo, o uso d'agua morna, o emprego de substancias emeticas tomadas em pequena dóse para produzir sómente nauseas, tirão tambem o appetite; emfim, no maior numero de molestias agudas, deixa de se fazer sentir a necessidade de tomar alimentos. O costume parece tambem ter alguma influencia no desenvolvimento da fome. Todos podem com effeito observar que, quando se passa a hora habitual da comida, a necessidade de tomar alimentos, mui viva ao principio, diminue depois de uma maneira mui sensivel.

A fome é mais imperiosa nos homens do que nas mulheres. As crianças soffrem difficilmente a privação de alimentos; no decurso de uma molestia nunca devem ser submettidas a uma dieta mui rigorosa, mórmente se se acharem em tenra idade. *Veja-se* APPETITE, FASTIO.

Fome canina. Dá-se este nome á fome devorante, quasi insaciavel, acompanhada de afflicção tão grande que determina desmaios quando não satisfeita.

Symptomas. A fome canina apresenta muitos grãos, desde a simples augmentação do appetite, que se observa nos convalescentes, até á voracidade que leva os individuos a comer 5, 6 e mesmo 12 kilogrammas de pão em 24 horas. Quando sobrevem, os individuos procurão acalma-la com toda especie de alimentos. Querendo resistir á necessidade imperiosa que os atormenta, ou nada tendo para satisfazê-la, experimentão uma anxiedade inexprimivel; a vista escurece, sobrevem zunidos nos ouvidos, desmaios, ou uma agitação e um estado de delirio que póde ser levado até ao furor, e que se acalma logo que o appetite está satisfeito.

Ha doentes d'esta especie que durante algum tempo digerem

coabrindo-as com pós de pedrahume calcinada, ou tocando-as com pedra infernal. Quando, pelo contrario, a ferida se inflamma e é dolorosa, é mister cessar a applicação das ervilhas e cura-la com ceroto simples. Emfim, acontecendo que a parte em que se abriu a fonte emmagreça, de maneira que já não haja n'ella mais tecido cellular gorduroso, e por isso se vá fechando a fonte e seja pouca a suppuração, convem então fecha-la e abri-la em outra parte.

Quando tem cessado o mal que deo causa á abertura de uma fonte, supprime-se esta sem inconveniente; basta para isso tirar a ervilha e curar a chaga com ceroto simples. Mas se a fonte foi conservada muito tempo, se se tem tornado, por assim dizer, uma especie de costume, convem observar se a supressão póde produzir algum incommodo ou occasionar molestia de algum orgão, pois n'este caso seria necessario tornar a abri-la.

As fontes usão-se muito menos hoje, do que antigamente.

FORGES. Aguas ferruginosas frias. França.

Itinerario de Pariz a Forges. Estrada de ferro até Rouen : 2 horas 45 minutos. Carro de Rouen a Forges, 5 horas. Despeza : 18 fr.

Forges é uma pequena cidade da França. Possui tres fontes d'agua ferruginosa fria, de que se faz principalmente uso no interior na chlorose, leucorrhœa e em todas as affecções caracterizadas pela fraqueza. Gozão da reputação contra a esterilidade.

Perto das fontes existe um estabelecimento, onde se achão gabinetes para banhos e duchas. Ha tambem ali um salão de reunião. A vida em Forges é tranquilla e as distracções mui pacificas.

FORMIGA. Genero de insectos Hymenopteros ou insectos de quatro azas, da familia dos Heterogynos, tendo cabeça grande, olhos pequenos, antenas quebradas, e mandibulas fortes. Exhalão um cheiro particular que depende de um liquido acido, chamado *acido formico*, que ellas contém. Vivem como as abelhas em grandes sociedades: cada especie encerra tres sortes de individuos, que são : *machos*, *femeas*, estas mais grossas que os machos, com azas compridas analogas ás das moscas, e *obreiras*, individuos neutros, sem azas; estas são as unicas que trabalham : são ellas que cavão os formigueiros, acarretão a terra para fóra, conduzem as provisões, nutrem as larvas, expõem-n'as ao ar durante o dia, recolhem-n'as durante a noite, e defendem-n'as contra os ataques. O que se chama *ovo de formiga*, é a larva. Ha muitas especies de formigas : *formiga vermelha*, *fulva*, *ruiva*, *fuliginosa*, *preta* ou *dos jardins*, *formiga carregadeira*, *formiga saúva*, etc. Umas tem glandulas perto do anus, que produzem acido formico liquido que ellas lanção para se defenderem; outras tem um verdadeiro ferrão com glan-

dulas eheias de liquido peçonhento. Estas determinão aecidentes analogos aos que eausão as abelhas, mas muito menos intensos : a pieada é seguida de vermelhidão, inehação e eomichão, que as lavagens eom agua pura, ou misturada com vinagre ou aguar-dente, fazem desappareer promptamente. As outras irritão só levemente a pelle, quando as suas glandulas abdominaes deitão o liquido acido.

As formigas alimentão-se de materias animaes e vegetaes; são muito golosas de cousas doces, e são a praga dos jardins e da agriecultura. As formigas saúvas cavão nos jardins galerias subter-raneas debaixo das raizes das plantas cultivadas, cuja morte podem causar quando são mui numerosas; podem até fazer morrer arbustos; atacão os fructos adoeicados no momento em que estes priniepião a amadurecer. As suas longas galerias subterraneas estendem-se ás vezes mui longe; quando se accende fogo n'uma das aberturas para exterminar as formigas, a fumaça que sahe por numerosos orificios, distantes ás vezes de vinte e mesmo quarenta metros um do outro, indica de quantos corredores divergentes o chão foi cavado, e fornece a prova de que todos esses corredores estão em communicação. As formigas saúvas são a praga dos cafezeiros, e é mui difficil destrui-las.

Destruição das formigas. Acha-se sempre facilmente o retiro das formigas, mas nem sempre é facil desaloja-las; se ellas se esta-belecêrão debaixo das raizes de uma arvore, não é possivel escaldar sobre este lugar o formigueiro, modo certo de destruição que se deve empregar sempre que as eircumstancias o permittirem. Se se puder, sem inconveniente, polvilhar o formigueiro com eal viva e deitar agua por cima, destruir-se-hão muitas formigas. Quando estes dois meios não são praticaveis, não se póde senão perturbar frequentemente as formigas, voltando debaixo para cima a terra ao redor do seu domicilio para obriga-las a mudar de lugar.

Os jardineiros para destruirem as formigas aproveitão-se de sua appetencia para as cousas doces; suspendem, nas arvores que se aehão por ellas atacadas, garrafas com agua e mel : as formigas vão afogar-se n'ellas em grande numero. Podem attrahir-se em massas colloeando no solo vasos virados cobertos de xarope no interior; as formigas accumulão-se n'elles, e eada dia se destroe uma multidão d'ellas com agua fervendo.

Empregão-se ainda os meios seguintes para destruir as formigas que ataeão as arvores e as plantas : 1º se a planta estiver em um pote, basta colloeiar o pote n'um prato cheio d'agua. 2º Cerca-se o troneo da arvore eom lã ou algodão embebido de essencia de terebinthina. 3º Cobre-se, por meio de um pincel, o pé de cada

arvore, ao redor e na altura de algumas pollegadas, da mistura seguinte : alcatrão 60 grammas, terebinthina 120 grammas, azeite 250 grammas, gordura 250 grammas. Derrete-se primeiro o azeite, a gordura e o alcatrão, e depois de arrefecida a mistura, ajunte-se-lhe a terebinthina. Esta composição deve ter pouca consistencia, afim de que se possa estender facilmente com um pincel. 4º Dissolve-se 1 gramma de aloes em um litro d'agua, e lava-se, mediante um grosso pincel ou uma escova que se molha n'esta solução, o tronco e os ramos das arvores atacadas pelas formigas. Destroem-se assim não sómente as formigas, mas ainda os outros insectos.

A agua fervendo, que se deita nos formigueiros para destrui-los, deve ser deitada de noite, quando todas as formigas estão recolhidas na sua habitação.

Afastão-se as formigas dos armarios collocando sobre uma das pranchetas residuo de café fervido, que se reforma cada vez que perde o cheiro. O aroma das folhas de absinthio, de alfazema ou de alfavaca, afasta as formigas dos quartos.

Para destruir as formigas carregadeiras empregão-se no Brasil os vapores de enxofre queimado, que se impellem com um folle nas galerias formadas por estes insectos.

FORMIGAMENTO. Comichão, prurido, coceira, como se formigas corressem sobre a pelle. Às vezes occorrendo nos membros de um lado, este symptoma é precursor de apoplexia ou de amolecimento cerebral. Convem, n'este caso, tomar um pediluvio sinapizado ou um escaldapés com cinza, applicar sinapismos nas pernas, e tomar um purgante.

FORMIGUEIRO (*Medicina*). Dá-se *vulgarmente* este nome a uma ulcera das pernas, que tende continuamente a estender-se, ou que sara n'um lugar e torna a apparecer n'outro. O formigueiro depende de varias causas. Às vezes é uma ferida simples, que não se cicatriza, porque o doente não guarda repouso e anda sem cessar. Outras vezes provém das veias varicosas que se desenvolvem na perna, e de algum obstaculo na circulação. Emfim, pôde resultar do vicio syphilitico, escrophuloso, escorbutico e dartroso. Os caracteres distinctivos das chagas de cada uma d'estas especies achão-se indicados no artigo **ULCERA**.

O tratamento do formigueiro varia segundo a natureza da ulcera. Se o doente foi affectado de molestia syphilitica e se não foi curado completamente, é de suppôr que a ferida seja entretida pelo resto do virus syphilitico; convem então tomar internamente as preparações mercuriaes e o cozimento de salsaparrilha, segundo os preceitos indicados no artigo **SYPHILIS**.

Se o formigueiro depender do vicio escrophuloso, da constituição debil do doente, se fôr consequente ás glandulas enfartadas, ás cicatrizes sob o queixo e aos outros signaes de escrophulas (*veja-se esta molestia*), convem recorrer ás preparações de ferro, quina, genciana, e outros medicamentos tonicos.

O tratamento geral do formigueiro, qualquer que seja a sua causa interna, é o seguinte : não andar, guardar repouso, e conservar, tanto quanto seja possivel, a perna n'uma posição horizontal.

O asseio da ulcera é uma condição indispensavel. Se a ulcera fôr mui vermelha e dolorosa, convem applicar por alguns dias cataplasmas de linhaça; depois fação-se curativos com agua de Labarraque misturada com agua morna, na proporção de uma parte d'agua de Labarraque para duas partes d'agua morna simples. Para os outros curativos do formigueiro *veja-se* ULCERA.

FORMULA. *Veja-se* RECEITA.

FOSSAS NASAES. V vol. I, pag. 173.

FRACTURAS EM GERAL. Entende-se

por *fractura* a ruptura de um ou mais ossos. Quasi sempre é produzida por uma violencia exterior; mas algumas vezes pela contracção forte e subita dos musculos. A fractura chama-se tambem *quebradura do osso*.

As fracturas podem ser multiplices; isto é, de muitos ossos ao mesmo tempo ou de muitas porções de um mesmo osso : ordinariamente são unicas. A fig. 251 representa a dupla fractura dos ossos da perna : a superior, *a*, é transversal e denteada; a inferior, *b*, é obliqua. As fracturas dos membros são muito mais communs do que as das outras partes do corpo. Ha certas circumstancias que contribuem para a producção das fracturas : taes são a velhice, a magreza consideravel, a fragilidade dos ossos no rachitismo e no cancro, ás vezes a gota, o escorbuto e a syphilis.

Causas das fracturas. As fracturas podem ser produzidas directamente pela pancada de um corpo, tal como uma bengala, uma pedra, etc.

Outras vezes o osso acha-se comprimido pelas suas duas extremidades, de maneira que sua curvatura natural fica exaggerada; rompe-se no lugar mais fraco; eis o que acontece na maior parte das quedas, como quando alguém cahe sobre o pé e quebra o femur



Fig. 251

Fractura dupla dos ossos da perna.

(osso da coxa), ou quando cahe sobre a palma da mão e quebra o radio ou o cubito, dois ossos do antebraço.

Em alguns casos, as fracturas são produzidas pelas contracções musculares. Tem-se visto crianças quebrarem o braço atirando uma pedra. Um homem quebrou o braço dando em um volante com a raqueta. Eu mesmo vi no Rio de Janeiro um moço de vinte annos que, desejando dar uma bofetada em um outro, errou a pancada e ficou com o braço quebrado. Seria facil multiplicar estes exemplos.

Signaes das fracturas. Os primeiros effeitos que resultão de uma fractura são : a impossibilidade de se servir do membro quebrado, dôr mais ou menos viva, deformação da parte, mudança na direcção do membro, mobilidade anormal sobre o trajecto do osso fracturado, inchação, emfim um ruido particular que se obtem roçando os fragmentos do osso um pelo outro; ruido designado pelo nome de *crepitação*.

Nada parece mais facil, á primeira vista, do que reconhecer uma fractura; e, no maior numero de casos, é verdade. Às vezes, pelo contrario, é uma das maiores difficuldades da cirurgia, em alguns doentes impossivel de resolver. Isto depende sobretudo da inchação que se desenvolve algumas horas depois do accidente, inchação que augmenta durante os primeiros dias, e persiste ás vezes muito tempo.

A maior parte dos signaes das fracturas, acima indicados, são também communs á contusão e á deslocação: só pela reunião d'elles se pôde estabelecer um diagnostico exacto. Assim, a inchação, a dôr, a impossibilidade de exercer movimentos, a curteza do membro, e a deformação pertencem tanto ás deslocações como ás fracturas. Só a crepitação dos fragmentos é um signal especial das fracturas.

Marcha, terminações. Quando a fractura simples é tratada de maneira conveniente, isto é, quando os fragmentos são mantidos juxta-postos, ordinariamente os dois extremos soldão-se por uma cicatriz solida chamada *callo*. Mas se os dois extremos do osso fracturado não se encontrarem topo com topo, ficão então para sempre afastados um do outro, ou não se reúnem senão mediante um tecido fibroso intermedio; forma-se então uma *falsa articulação*.

A reunião dos ossos fracturados faz-se, em geral, mui lentamente; só ao cabo de 40 dias a cicatriz chamada *callo* apresenta alguma solidez. Se o osso é destinado a supportar um peso consideravel, como acontece com os ossos da perna, não se pôde contar com sufficiente consolidação, senão passados dois mezes. As fracturas

consolidão-se mais promptamente nas crianças do que nos adultos, e com mais forte razão do que nas pessoas de idade. As do membro superior exigem menos tempo de que as do membro inferior.

Prognostico. As fracturas que occupão a parte média de um osso longo são menos graves do que as das extremidades articulares, por serem estas mais difficeis de manter, e porque são frequentemente seguidas de rijeza articular. A fractura multipla de um só osso offerece maior perigo, do que uma fractura unica, porque os fragmentos da primeira podem conservar-se mais difficilmente no seu lugar. Pela mesma razão, as fracturas obliquas são mais sérias do que as fracturas transversaes. As fracturas que existem n'uma região do corpo que é difficil tornar immovel completamente, como no collo do femur, são tambem mais graves. Emfim, é evidente, que uma fractura simples é muito menos grave do que uma fractura complicada.

Tratamento. A cura das fracturas exige que se preenchão tres indicações : 1^a repôr os extremos fracturados no seu lugar, isto é, *reduzir* a fractura ; 2^a conserva-los o tempo preciso para a natureza os unir ; 3^a atalhar, ou prevenir os accidentes, que ha, ou que possão sobrevir.

Maneira de levantar e de transportar o doente. Quando a fractura occupa o braço, o doente póde, sem nenhum soccorro, transportar-se do lugar do desastre para aquelle onde deve ser tratado, segura com o braço são o braço quebrado, ou suspende-o n'um lenço ao peito para impedir que balance. Póde tambem sózinho vir procurar soccorros quando a fractura occupa algum dos ossos do rosto. Mas não é assim quando a lesão tem lugar nos ossos do craneo ; porque em tal caso existe quasi sempre commoção do cerebro, e o doente não póde andar. Nas fracturas dos membros inferiores, tambem não póde o doente mover-se, é preciso levanta-lo e transporta-lo. Quasi sempre são encarregadas d'este mister pessoas estranhas á arte de curar, e é raro que, privadas de conhecimentos necessarios, não occasionem algum damno. Com effeito, transportando o doente, não olhão para o membro fracturado, ou pegão n'elle por uma de suas extremidades ; resultão d'estas duas causas grandes movimentos dos fragmentos e um augmento evidente na deslocação e na dôr.

As vezes faz-se o transporte nas costas de um homem ou em uma cadeira ; e, durante todo o trajecto, o membro quebrado é abandonado ao seu proprio peso, e obedece a todas as impulsões que lhe imprime uma marcha mais ou menos difficil e irregular. Acontece o mesmo quando quatro homens pegão no doente cada

um por um membro, sustentando o membro quebrado sómente perto do tronco, e deixando entregue a si mesma a parte que communica com o fragmento inferior; e tambem quando esta parte mesma fôr segura por uma quinta pessoa, pois é mui difficil, que tão grande numero de pessoas combinem de tal maneira os seus movimentos, que d'isso não resulte uma deslocação dos fragmentos.

Evitão-se estes inconvenientes transportando-se o doente em uma padiola, em um canapé ou em qualquer cousa que sirva de cama, como uma mesa comprida, uma taboa larga. Eis-aqui como se procede : Deve-se primeiro descobrir o membro quebrado, não tirando os vestidos, mas sim cortando-os com tesoura. Uma pessoa entendida, em falta de cirurgião, pega com uma das mãos na parte do membro que communica com o fragmento inferior, e ao mesmo tempo segura com a outra o fragmento superior; então puxa pelo fragmento movel, endireita-o e põe-n'o nas relações naturaes. Diz aos assistentes que levantem o paciente e o transportem em um canapé ou cousa semelhante; e, continuando sempre a manter os fragmentos n'um contacto exacto, acompanha o membro até que seja convenientemente posto sobre uma almofada. D'esta maneira evitão-se todas as dôres que resultão da deslocação dos fragmentos e dos movimentos que lhes podem ser communicados. Se se tratar de uma fractura da coxa, será difficil ao cirurgião pegar no membro na parte superior e inferior da fractura; encarrega então uma pessoa de segurar o tronco, em quanto que elle mesmo segura o membro com ambas as mãos perto do joelho para endireita-lo e estendê-lo tanto quanto seja possivel, e procura combinar seus movimentos com os movimentos do ajudante, afim de produzir a menor deslocação possivel.

Finalmente, eis-aqui o melhor modo de levantar e transportar o doente de coxa quebrada. Deve elle passar ambos os braços á roda do pescoço de uma pessoa robusta, e esta deve-lhe segurar o tronco : outra pessoa sustenta as cadeiras, e uma terceira pega no membro são, em quanto o cirurgião, ou a pessoa que o substitue, se encarrega do membro quebrado. A um signal do cirurgião levantão o doente; passão o canapé por baixo d'elle, e deitão-n'o sobre elle : o membro será posto encolhido. Para uma fractura de coxa, as almofadas devem formar um duplo plano inclinado (d'esta fórma \wedge), de baixo para cima desde a nadeга até á curva da perna, e de cima para baixo desde a curva da perna até ao calcanhar. Para uma fractura da perna, as almofadas hão de formar um plano horizontal. Quando no transporte se descerem escadas, a cabeça do doente deve ficar para diante, afim de que o peso do

corpo não se dirija sobre o lugar fracturado. Os pés, pelo contrario, serão dirigidos para diante quando fôr necessario subir escadas ou qualquer outro lugar elevado.

A operação de pôr o doente na cama definitiva faz-se na mesma ordem, e com as mesmas precauções que quando se trata de pô-lo na cama provisoria.

A cama destinada para as pessoas affectadas de fracturas, deve ser bastante dura para não se deformar debaixo do peso do corpo. Convem ter o cuidado de não pôr debaixo da cabeça ou dos hombros travesseiros mui altos, por meio dos quaes os doentes ficariam como sentados na cama. Deve pregar-se no tecto uma corda que desça ao alcance do doente, e que se termine por uma travessa de páo. Serve esta corda ao doente para levantar-se quando quer satisfazer certas necessidades.

Reducção das fracturas. Deita-se o doente quando a fractura occupa um dos membros inferiores, e senta-se em uma cadeira quando se trata da fractura de um dos membros superiores, e proeeede-se á *reducção* da fractura. Esta operação deve ser feita quanto antes; executa-se por meio de manobras que se chamão *extensão*, *contra-extensão* e *coaptação*.

A *extensão* é uma tracção praticada sobre o fragmento inferior da fractura por meio de uma força applicada á porção do membro que se continua com este fragmento. A *contra-extensão* é uma tracção feita sobre a porção do membro que se continua com o fragmento superior, para impedir este de ser arrastado pelas forças extensivas. A *coaptação* é uma manobra que tem por fim assegurar as relações exaetas dos dois fragmentos, uma vez que a deslocação foi corrigida pela extensão e pela contra-extensão.

Para fazer as tracções necessarias á extensão e á contra-extensão, um só cirurgião é sufficiente em alguns casos. Mas ordinariamente são necessarios alguns ajudantes; basta um só para a contra-extensão; um só ou mais podem ser necessarios para a extensão. O modo de fazer a *reducção* é em geral simples. Estando mantido immovel o fragmento superior por um ajudante (contra-extensão), um outro ajudante exerce sobre o fragmento inferior tracções contínuas, vagarosas e sem sacudidas (extensão), para reconduzir primeiro os dois fragmentos á mesma direcção, para continuar depois a extensão segundo o eixo do membro. Depois de corrigida a deslocação dos fragmentos pela extensão e contra-extensão, o cirurgião os repõe no seu lugar o mais exactamente possivel communicando-lhes com as mãos movimentos em sentidos convenientes (coaptação), o que se conhece pela boa figura da parte,

rectidão, comprimento natural do membro, diminuição de dôres, e algumas vzes pela crepitação que se sente.

Conservação dos fragmentos no seu lugar. Apparelhos. Quando os fragmentos de uma fractura estão postos em contacto, é preciso, para obter a cura, mantê-los invariavelmente n'esta posição, durante todo o tempo necessário para a formação do *callo*. Para obter este resultado recorre-se á applicação de um *apparelho*. Assim se chama a reunião de objectos necessários para conter uma fractura.

Ha certo numero de objectos communs a todos os apparelhos de fracturas : são tiras, compressas, pedaços de panno, saquinhos ou almofadas e talas.

As *talas* (fig. 252), são laminas de madeira, papelão, ou folha de Flandres, de fórma e dimensões variaveis, destinadas a serem applicadas no sentido do comprimento do membro fracturado, para mantê-lo immovel e impedir a deslocação dos fragmentos. As talas de madeira para o braço preparam-se facilmente com a madeira das caixas em que se guardão charutos.

As *almofadas* são formadas de saquinhos de panno de linho, de comprimento e largura variaveis, que se encham com paina, palha, algodão ou clina. (Fig. 253). São destinadas a garantir o membro da pressão das talas. Não devem ser mui cheias, pois, n'esse caso, são mui duras, e não podem adaptar-se á fórma das partes.

Para que o apparelho seja efficaz, é preciso dar-lhe certo gráo de constricção; não sendo bastante apertado, permite aos fragmentos movimentos nocivos para a consolidação; mas sendo muito apertado, determina uma dôr viva e póde até produzir gangrena no membro. Estando este quasi todo coberto pelo apparelho, só as pontas dos dedos ficão livres e indicão o gráo de constricção do apparelho. Se as pontas dos dedos estiverem fortemente inchadas, frias, lividas, e se ao mesmo tempo existirem no membro grandes dôres, será prova de que o apparelho está demasiadamente apertado: scrá necessario então afrouxa-lo; deve-se entretanto saber que, não apparecendo um leve gráo de tumefacção, a constricção não é sufficiente. Uma pequena dôr no membro, pouco tempo depois

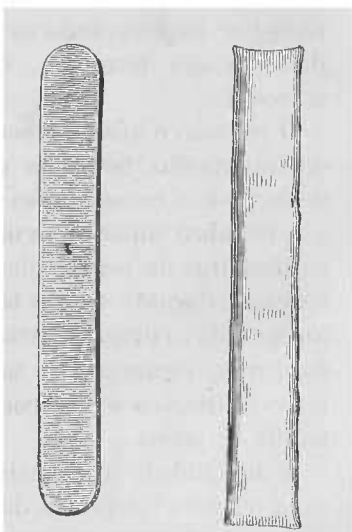


Fig. 252.

Tala.

Fig. 253.

Almofada.

da applicação de um apparelho, uma pequena tumefacção de sua extremidade, sem lividez, sem arrefecimento, eis o que existe de ordinario quando a constrictão do apparelho se acha conveniente.

Um apparelho convenientemente applicado no primeiro momento pôde, passado certo tempo, ficar mui frouxo ou muito apertado; o que provém de que a inchação do membro tem diminuido ou augmentado; pôde ser desmanchado pelos movimentos do doente ou por qualquer outra causa: convem remediar isto. Às vezes basta só apertar ou afrouxar as ataduras exteriores: mas outras vezes é necessario tornar a applicar o apparelho de novo. Esta operação exige certas precauções, quando deve fazer-se poucos dias depois da fractura. Se os ossos sahirem do lugar ou não forem encanados exactamente no primeiro curativo, poder-se-ha remediar isso seguindo as regras ordinarias; o callo, nos primeiros dias da sua formação, é bastante flexivel para permittir esta correccão.

O repouso é absolutamente indispensavel durante todo o tempo do tratamento. Sem isso os fragmentos mudarião continuamente de lugar e a consolidação seria impossivel. Se a fractura affectar um membro superior, o doente pôde andar com o apparelho. Mas as fracturas da perna, da coxa, exigem pelo contrario o repouso na cama durante todo o tratamento. Logo que a consolidação está assegurada, cumpre, para evitar a rijeza articular consecutiva ás fracturas, communicar ao membro alguns movimentos; podem fazer-se fricções seccas com a mão, ou com agua de Colonia, ou banha de porco.

A difficuldade nos movimentos é a consequencia ordinaria de uma fractura; depende da diminuição do volume dos musculos que forão comprimidos por muito tempo, e procede sobretudo da immobildade das juntas durante todo o tratamento. Esta difficuldade dos movimentos persiste por algum tempo, mas desaparece pouco a pouco pelo exercicio: as fricções com aguardente camphorada são uteis n'este caso. Com o tempo o membro torna a recuperar o seu primeiro volume e a sua primeira força.

Complicações das fracturas. As fracturas podem ser complicadas de lesões dos órgãos vizinhos: isto observa-se frequentemente nas fracturas dos ossos do craneo, do peito e das cadeiras, e estas lesões fazem o principal perigo d'este genero de accidentes. A fractura constitue então uma lesão secundaria. Outras complicações são: as contusões das carnes que rodeião os ossos quebrados, as feridas das partes molles produzidas pela causa que occasionou a fractura ou por um dos fragmentos do osso, a hemor-

rnagia, a multiplicidade dos fragmentos, e emfim a deslocação de uma das extremidades do osso quebrado.

Examinemos estas diversas complicações :

1^a *Contusão*. Não existe, propriamente fallando, fractura que não seja acompanhada de contusão em um gráo mais ou menos pronunciado. Quando esta é mediocre, convem limitar-se durante os dois ou tres primeiros dias ás applicações resolventes, taes como pannos molhados em agua vegeto-mineral, ou em agua fria misturada com aguardente camphorada. Se a contusão fôr seguida de tumefacção inflammatoria, é preciso applicar cataplasma de linhaça. Durante todo este tratamento dá-se ao membro fracturado uma posição conveniente, e applica-se o apparelho depois de combatida a inflammação. A contusão póde ser assás forte para occasionar uma desorganização das partes molles, isto é, *escaras*, que serão eliminadas passado algum tempo; a fractura entra então nas condições de uma lesão d'este genero complicada de *ferida*. O tratamento que se deve seguir em semelhante circumstancia, acha-se indicado no paragrapho seguinte.

2^a *Fracturas complicadas de feridas das partes molles*. Estas feridas apresentam-se em duas condições: não communicação, ou communicação com o fóco da fractura. No primeiro caso, submette-se o doente ao mesmo tratamento que o de uma ferida simples, isto é, reuñem-se as bordas com tiras de emplasto adhesivo quando estas não se achão contusas, ou cura-se com ceroto e fios embebidos de aguardente camphorada quando são contusas. No segundo caso, a ferida apresenta-se em condições differentes que motivão indicações diversas.

A ferida póde ser produzida por um dos fragmentos do osso que sahio atravez das partes molles e da pelle. Se o fragmento que perforou as partes molles e a pelle voltou ao seu lugar, cumpre reuñir a ferida exterior com tiras de emplasto adhesivo, e tratar a fractura como se fosse simples. Se o fragmento ficou fóra, e se a ferida é bastante larga para permittir que se reponha o fragmento na sua posição normal, é preciso reduzir, e proceder depois á reunião das bordas da ferida. Nos casos de fracturas mui obliquas, quando um fragmento muito agudo sahe, e quando a abertura da pelle, muito estreitada por causa da inchação que sobrevieo se oppõe á redução, far-se-hão incisões necessarias para executar esta redução. Acontece ás vezes que o fragmento é demasiado longo para poder ser reduzido: n'este caso, é preciso cortar transversalmente as pontas agudas com uma tenaz incisiva, ou com um serrote pequeno. Emfim, em certas fracturas o fragmento é irreductivel, bem que não seja nem muito longo nem apertado pelas

partes molles; deve-se então esperar pela sua eliminação espontanea. O membro será posto n'uma goteira, e a ferida curada do modo que explicarei mais adiante.

A ferida pôde ser produzida pela acção directa do corpo vulnerante. Quando a ferida não é muito larga, põe-se o membro n'uma posição conveniente, e cura-se a ferida com eataplasma de linhaça. Estando os ossos reduzidos a esquirolas, os musculos pisados e o membro ameaçado de gangrena proxima, é necessario recorrer á *amputação*. Semelhante modo de proceder está indicado nos casos em que um projectil de arma de fogo fracturou um membro e dilaeerou as partes molles n'uma grande extensão. (*Veja-se FERIDAS POR ARMAS DE FOGO.*) Admittindo que a desordem seja menos consideravel, fação-se diligeneias para conservar o membro. Tirem-se as esquirolas, proceda-se á redução da fractura com muitas precauções, fação-se aberturas necessarias para evacuar o sangue derramado. Para prevenir uma inflammação, curem-se as feridas com fios untados com eeroto e cobertos de cataplasma de linhaça. Com o mesmo fim podem usar-se irrigações contínuas d'agua tepida. Em todos os casos, é necessario dispôr o membro de maneira que a ferida possa ser observada. O melhor apparelho é uma goteira de fio de ferro; em época mais adiantada, applica-se um apparelho inamovivel que se prepara cobrindo as ataduras com dextrina que endurece em pouco tempo. Haverá a preeaução de fazer aberturas ao nivel da ferida. Se se formar um abcesso, será necessario abri-lo. Uma vez a suppuração estabelecida; sustente-se o doente com uma alimentação restauradora.

3ª *Hemorrhagia*. Provém da abertura de alguma veia ou arteria. As que são devidas á ferida de uma veia cêssão promptamente pela compressão com fios seccos, ou molhados em solução de perchlorureto de ferro a 15 grãos. Se se formar um derramamento sanguineo, abandona-se este á sua marcha natural; mas se o sangue tardar a absorver-se, dá-se-lhe sahida abrindo o tumor. Quando o sangue provém de uma arteria, forma-se um tumor chamado aneurysma falsa primitiva, que é caracterizada por movimentos isochronos aos do pulso. É preciso praticar a laqueação da arteria. Se, antes d'esta operação, o sangue esguichar, applicuem-se fios embebidos na solução de perchlorureto de ferro, e comprima-se a arteria.

4ª *Fractura complicada com esquirolas, fractura comminutiva*. Chama-se *fractura comminutiva*, quando o osso se acha quebrado em partes miudas, a que se dá o nome de esquirolas. — Deve-se primeiro dar uma boa direcção ao membro. Havendo ferida exterior, extrahem-se as esquirolas livres, e mesmo as que estão ainda

presas ás partes molles, mas que parecem dever ser eliminadas. Se não houver ferida, mas se as esquirolas se sentirem debaixo da pelle no meio dos tecidos destruidos, convem fazer incisões e extrahir todas as esquirolas livres. Fação-se sobre a ferida irrigações com agua tepida; applicuem-se cataplasmas de linhaça; e reserve-se a amputação do membro para os casos extremos.

5ª *Fractura complicada com deslocação.* É preciso repôr primeiro a deslocação, podendo ser, e depois concertar a fractura, ou, *vice versa*, não podendo ser.

Articulação falsa ou **pseudarthrose.** Quando uma fractura não acaba por um callo osseo, no fim do tempo necessario para este trabalho, diz-se que esta fractura não está consolidada; os dois fragmentos ficão em relação por meio de uniões taes que podem mover-se um sobre o outro; d'aqui vem o nome de *articulação falsa* ou *pseudarthrose* dado a este modo de terminação das fracturas.

Causas. Não ha causa geral que possa por si só produzir uma falsa articulação; comtudo a debilidade do doente, as molestias inflammatorias graves, o vicio escrophuloso ou rachitico são ás vezes a causa da demora na consolidação. A obliquidade da fractura, a distancia entre os extremos dos fragmentos, a interposição de partes molles, numerosas esquirolas, e uma perda de substancia do osso, são ás vezes a causa de uma falsa articulação. Este inconveniente sobrevem tambem quando os fragmentos se cruzão, e passão um por cima do outro. Com mais forte razão a fractura não se consolidará se os fragmentos forem *moveis*, quer pela indocilidade do doente, quer pela imperfeição do aparelho, ou se o doente se entregar a um exercicio prematuro. Ha fracturas nas quaes um dos fragmentos não recebe senão materiaes de nutrição insufficientes: taes são as fracturas intra-capsulares do collo do femur; estas fracturas raras vezes se consolidão.

Symptomas. Uma articulação falsa não é difficil de reconhecer. Todas as vezes que, depois da redução de uma fractura, o membro conserva definitivamente uma mobilidade anormal n'um ponto de sua extensão, póde-se concluir que os fragmentos não estão reunidos por um callo osseo. Um semelhante estado de cousas traz obstaculos ao exercicio do membro, e tem inconvenientes graves, sobretudo quando se trata da coxa ou da perna.

Tratamento. Quando uma fractura não se acha consolidada no fim do tempo necessario para este trabalho, convem pôr o membro n'um aparelho inamovivel durante novo periodo. Se apesar da immobildade prolongada, a fractura não se consolidar e se terminar por uma falsa articulação, é preciso excitar a vitalidade dos

fragmentos por um dos meios seguintes. Recorre-se primeiro a causticos volantes que se applicão sobre os differentes lugares do membro fracturado. Se falhar este modo de tratamento, empregue-se a cauterização, quer no exterior, quer no interior do membro. Este modo de tratamento é preferivel hoje, sobretudo quando com o cauterio electrico podemos levar o fogo á profundidade dos tecidos, sem destruir as partes superficiaes. Convem tambem esfregar os fragmentos um contra o outro. Emfim nos casos rebeldes cortão-se os extremos dos fragmentos.

Quando se reputa incuravel uma falsa articulação, ou quando se julga que não se deve emprehender a sua cura radical, é preciso applicar um apparelho que mantenha os fragmentos n'uma coaptação tão exacta quanto seja possivel.

Ha fracturas que se consolidão de uma *maneira disforme*; este resultado depende quasi sempre da imperfeição dos apparelhos empregados, ou do tempo insufficiente durante o qual forão applicados. Resultão d'isto deformidades mais ou menos evidentes, ou difficuldades no exercicio das funcções do membro. Para remediar este estado de cousas, forão aconselhados muitos modos de tratamento.

Quando o callo é recente, e se não adquirio ainda grande solidez, pôde-se ensaiar endireita-lo fazendo sobre o membro extensões brandas e graduadas se houver um encurtamento, empregando um apparelho que repelle do lado do eixo do membro a convexidade da curvatura dos fragmentos, e em sentido opposto ás extremidades do osso, no caso de deslocação segundo a direcção d'esta. Sendo o callo mais antigo, propuzerão rompê-lo por meio de uma maquina particular, endireitar depois o membro, e applicar um apparelho para obter d'esta vez uma cura isenta de deformidade. Mas semelhante operação é mui grave e muito incerta: com effeito, como assegurar que se quebrará o osso ao nivel exacto do callo? É melhor, n'este caso, conservar o membro disforme tal como está.

FRACTURAS DO ANTEBRAÇO. O antebraço é a porção do membro superior, que se estende desde o cotovelo até á mão. Dois ossos entrão na sua estructura; o primeiro situado da parte de fóra; isto é, do lado do dedo pollegar, chama-se *radio*; o outro, chamado *cubito*, corresponde á parte interna do antebraço.

As fracturas podem ter lugar em ambos os ossos do antebraço, ou n'um só, as mais das vezes no radio. Ordinariamente existem na parte média e inferior do antebraço, raras vezes na porção superior. As causas que as produzem são pancadas, passagem da

roda de um carro, ou quédas sobre a palma da mão. A pessoa, no momento do damno, experimenta uma dôr viva; não lhe é possível virar espontaneamente o antebraço. Quando um só osso se aêha quebrado, os fragmentos são pouco deslocados, porque o osso intacto serve de apoio ao osso quebrado; mas um certo estalo que se sente quando se move o braço e a dôr que augmenta com estes movimentos, bastão para descobrir a fractura.

A deformação é mais sensível quando ambos os ossos se achão fracturados.

Tratamento. Para reduzir estas fracturas, procede-se do mesmo modo e applica-se o mesmo aparelho na fractura de um só osso, como na de ambos os ossos.

Sentado o doente n'uma cadeira, uma pessoa segura-lhe o braço, perto do cotovelo, outra pega-lhe na mão e faz a extensão, tendo o cuidado de dar ao membro a direcção normal, o que basta para encanar os ossos quebrados; uma terceira pessoa applica sobre a face anterior e posterior do antebraço uma compressa *graduada pyramidal*, e por cima d'esta uma tala fina de páo, feita, *verbi gratia*, de madeira que servê para as caixas de charutos; por cima das talas applicão-se tres fitas de panno guarnecidas de fivelas, que podem apertar-se á vontade. Uma das fitas applica-se no meio do antebraço, as outras nas extremidades. Fig. 254. Em lugar das

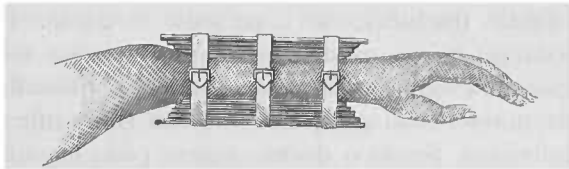


Fig. 254. — Apparelho para a fractura do antebraço.

fivelas, podem-se fazer nós. As talas devem ser bastante largas afim de que as fitas, que devem fixar o aparelho, pousem não sobre os ossos, mas sim sobre as margens das talas.

A compressa graduada pyramidal faz-se do modo que está indicado no artigo COMPRESSA, vol. I, pag. 653. Em vez de compressas graduadas, podem applicar-se rolhas cortadas ao meio no sentido do seu comprimento. Feito isto suspende-se o antebraço ao pescoço com um lenço. A fractura, para consolidar-se, exige de 35 a 40 dias. — As fitas podem ser substituidas por tiras de sparadrappo de diachylão, dispostas de distancia em distancia.

Cumpre reformar o aparelho cada 10 ou 12 dias, e não apertalo senão mediocrementemente na primeira applicação, para que não exerça uma constrictão perigosa sobre o antebraço. — Na face anterior do antebraço existem duas arterias que podem ser facil-

mente comprimidas pelo aparelho. Esta compressão, augmentada pela inchação, que ás vezes sobrevem, póde interromper a circulação na mão e occasionar a gangrena. Por conseguinte, é preciso vigiar as consequencias da applicação do aparelho, e afrouxar as ligaduras logo que o doente se queixar de dôr algum tanto viva.

FRACTURA DA BACIA ou **PELVE**. Quatro ossos entrão na composição da bacia : dois iliacos, o sacro e o coccyx. Os ossos iliacos, um de cada lado do corpo, formão as partes lateraes (ancas ou ilhargas) e anteriores (pubis) da bacia. O sacro e o coccyx achão-se na parte posterior e inferior do tronco.

Cercados de partes molles espessas, que os protegem na maior parte de sua extensão, os ossos da bacia, largos e volumosos, são raras vezes accommettidos de fracturas. E por isso estas lesões são produzidas por causas mui violentas; observão-se depois de quédas de lugares elevados sobre a bacia, nos individuos que recebêrão couces de cavallo na mesma região, ou que forão pisados pela roda de um carro, pelo desmoronamento de pedras, de traves, etc.; podem ser produzidas por balas de armas de fogo.

1º **Fractura dos ossos iliacos**. Os dois iliacos podem quebrar-se ao mesmo tempo; mas de ordinario quebra-se um só osso. As mais das vezes a fractura occupa a parte larga do osso ou as fossas iliacas, ás vezes tem lugar por diante, isto é, no corpo do pubis, ou nos ramos do osso. É mui difficil verificar a existencia d'estas fracturas, se o paciente é gordo. Póde com razão suspeitar-se a sua existencia quando a bacia foi submettida á acção de choques violentos; quando o paciente experimenta vivas dôres e não póde mover senão com difficuldade os membros inferiores. Sendo o doente magro póde reconhecer-se a fractura, pegando nos pontos salientes do osso, e communicando-lhes leves movimentos em direcção opposta. Sente-se então distinctamente a mobilidade insolita dos fragmentos, e ás vezes ouve-se a crepitação.

Na fractura dos ossos iliacos, existe quasi sempre uma profunda contusão das partes molles exteriores, ecchymoses enormes, devidas á ruptura dos vasos e á extravasação de sangue no tecido cellular interior ou exterior da cavidade da bacia. Quasi sempre se manifestão symptomas graves dependentes da commoção, da contusão ou da rasgadura dos órgãos encerrados na cavidade abdominal : sobrevem então vomitos sanguinoléntos e evacuações alvinas da mesma natureza; inflammação dos intestinos, retenção de ourina, etc. E por isso as fracturas dos ossos iliacos são menos perigosas por causa da solução de continuidade dos ossos, do que por causa da lesão dos órgãos internos da bacia. Se as visceras

interiores forem isentas de alterações, os doentes sárão com facilidade; mesmo quando a desordem das partes molles exteriores fôr consideravel, e com mais forte razão quando a fractura fôr simples.

Na fractura dos ossos iliaeos, o doente deve conservar-se em repouso completo, e deitado de costas; envolve-se a bacia em pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada, que serão mantidos com uma toalha apertada á roda do corpo. Se se formarem abcessos, será necessario abri-los promptamente. Se o doente não puder urinar, será preciso reoerter ao catheterismo (Vol. I, pag. 523).

2º **Fractura do sacro.** Estas fracturas são mais raras do que as dos outros ossos da bacia. As mais das vezes são produzidas por uma forte pancada sobre a região posterior e inferior do corpo, pela passagem da roda de um carro, ou pela quéda de um lugar elevado sobre o assento. Estas fracturas podem ser complicadas com paralyisia da bexiga e das extremidades inferiores, por causa da commoção ou da contusão da medulla espinhal. Sem esta complicação, curão-se facilmente pelo simples repouso que o doente deve conservar, deitado de costas, durante um mez ou mez e meio.

3º **Fractura do coccyx.** O coccyx é um appendice osseo que termina inferiormente o saero, que lhe imita a fórma, e sobre o qual se move. Quebra-se pelas mesmas causas que o saero. Esta fractura não necessita, para consolidar-se, senão repouso e posição deitada de costas.

FRACTURA DO BRAÇO. Um só osso, chamado *humero*, constitue a parte central do braço. Este osso póde quebrar-se na parte média ou nas extremidades.

Fractura da parte média ou do corpo do humero. Ordinariamente resulta de uma paneada sobre o braço, ou de uma quéda sobre o cotovelo ou sobre o punho; porém a contracção muscular só, é tambem suffieiente para produzi-la, e existem numerosos exemplos d'este genero em individuos que quebrárão o braço estendendo-o com força ou atirando uma pedra.

Symptomas. Quando o humero se quebra na parte média, o doente sente uma dôr fixa n'um ponto do braço; não póde servir-se do membro, cuja fórma e direcção ficão mais ou menos mudadas. Se algum segurar o braço com ambas as mãos, applicando uma das mãos na parte superior e outra na parte inferior, e as dirigir em sentido opposto, póde sentir a crepitação devida ao choque dos fragmentos um contra o outro.

Tratamento. Para reduzir esta fractura, uma pessoa segura a espadao para conserva-la immovel, em quanto outra puxa pelo

antebraço para endireitar o humero; o cirurgião ajusta então com os dedos os fragmentos do osso. Emprega-se depois um apparelho mui simples : rodeia-se o braço com uma atadura, e applicão-se quatro saquinhos de paina, e por cima d'estas quatro talas sobre a face anterior, posterior, interna e externa do braço, que se segurão com tres ligaduras. Fig. 255. O doente deve ficar de cama durante os tres primeiros dias; depois poderá andar, tendo o cuidado de trazer o braço suspenso n'um lenço. Em 40 ou 45 dias consolida-se a fractura do braço.

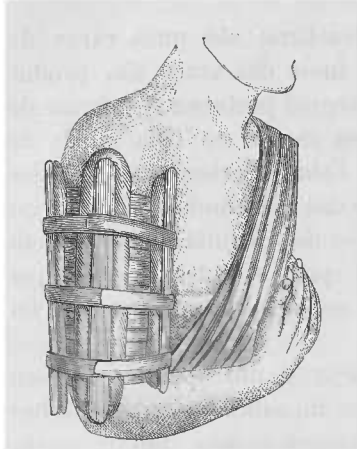


Fig. 255.

Apparelho para a fractura da parte média do osso do braço.

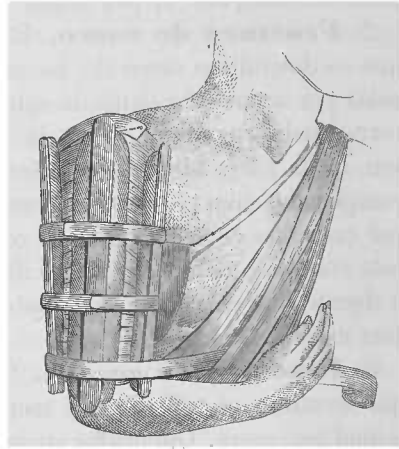


Fig. 256.

Apparelho para a fractura da extremidade superior do humero.

Fractura da extremidade superior do humero. É quasi sempre produzida por uma causa que actua immediatamente sobre a parte externa e superior do braço, taes como quedas e pancadas, e de ordinario complica-se com profundas contusões, inchação e com outros symptomas mais ou menos graves. Mas póde tambem acontecer depois de uma queda sobre o cotovelo ou a mão, estando o braço afastado do tronco. Conhece-se pela crepitação das superficies quebradas, que se sente movendo o braço. — O apparelho que se emprega na fractura do corpo do humero, serve tambem para manter o humero em boa direcção no caso de fractura da extremidade superior d'este osso. Junta-se-lhe unicamente uma almofadinha cônica, que se põe debaixo da axilla, e que se segura com duas tiras tomando ponto de apoio do lado opposto do pescoço; e supprime-se a tala interna. Fig 256.

Fractura da extremidade inferior do humero. É causada de ordinario por uma queda sobre o cotovelo; e é caracterizada pela dôr, impossibilidade de se servir do membro,

crepitação e inchação na parte inferior do braço, perto do cotovelo. Esta fractura é mais grave do que a do corpo do humero, por causa da rijeza articular que lhe succede muitas vezes.

Para fazer a reducção d'esta fractura, uma pessoa abrange com as mãos o braço, outra pessoa puxa pelo antebraço dobrado para endireitar o braço, e o cirurgião repelle para traz o fragmento superior e para diante o fragmento inferior. Para manter os fragmentos em boa posição, rodeia-se primeiro a mão, o antebraço e a porção inferior do braço com uma tira de tres dedos de largura; põem-se depois duas talas de papelão molhado, uma do lado da flexão, outra do lado da extensão,

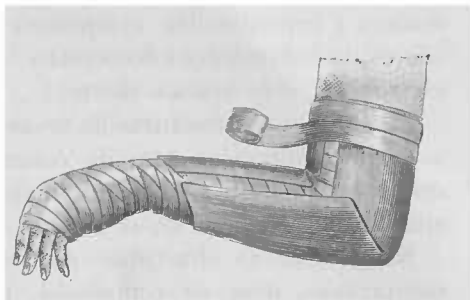


Fig. 257.

Apparelho para a fractura da extremidade inferior do humero.

fendidas um pouco de cada lado ao nivel do cotovelo posto em flexão; e segurão-se estas talas com uma segunda tira enrolada em roda do apparelho. Fig. 257. A cura exige de 50 a 60 dias; mas cumpre reformar o apparelho cada duas semanas, e comunicar alguns movimentos á junta do cotovelo para prevenir a rijeza articular.

FRACTURAS DA CABEÇA. As causas das fracturas dos ossos da cabeça são as pancadas, quedas, choque dos corpos duros que cahem de certa altura ou são lançados pela polvora, etc.

Symptomas. As fracturas do craneo podem consistir n'uma simples racha, conservando os ossos o seu nivel, ou podem apresentar esquirolas, e ser complicadas com deslocação dos fragmentos. A deslocação pôde fazer-se de diferentes maneiras; ordinariamente as esquirolas afundão-se directamente do lado do cerebro.

As fracturas do craneo sárão como as fracturas dos outros ossos, se o cerebro não foi compromettido. São tres os phenomenos que podem apresentar-se n'esta circumstancia: compressão, commoção, e contusão do cerebro.

A *compressão* do cerebro pôde depender de um derramamento de sangue, ou do abaixamento dos pedaços do craneo. O doente cahe n'uma modorra acompanhada de paralyia da metade do corpo, opposta ao lado da cabeça em que existe o ponto de compressão.

Quando ha *commoção* do cerebro, o doente experimenta uma vertigem, e visão de corpos luminosos; ás vezes perde os sentidos e cahe em modorra.

Na *contusão* do cerebro este orgão acha-se desorganizado. Sendo a contusão mui extensa, como acontece quando alguém cahe sobre a cabeça de um lugar muito alto, a morte é a consequencia immediata. Mas quando a contusão occupa um pequeno espaço, o doente sente pouca dôr ao principio, e só passados quatro ou cinco dias começa a experimentar symptomas morbidos. Estes symptomas são os da inflammação do cerebro: dôr de cabeça, febre, delirio, convulsões, e ás vezes a morte.

Tratamento. As fracturas do craneo, que não são acompanhadas nem de compressão, nem de commoção, nem de contusão do cerebro, exigem o mesmo tratamento que se applica nas feridas simples da cabeça. *Veja-se FERIDAS DA CABEÇA.*

Não sendo as fracturas do craneo acompanhadas nem de compressão, nem de commoção, nem de contusão do cerebro, basta applicar no lugar quebrado panno molhado em agua fria, e conservar-se em repouso.

Quándo existem symptomas de commoção cerebral, os meios que se empregão varião conforme o gráo da affecção e a época em que se observa o doente. Se se chegar no momento mesmo do accidente, sendo a commoção mui forte, e estando o doente para desmaiar, é preciso em primeiro lugar excitar os movimentos do coração, dando uma chicara de chá de herva cidreira; e depois d'isso, se o pulso bater com força, convem praticar uma sangria no braço. Quando se manifestão os symptomas de compressão do cerebro, é mister tambem recorrer á sangria e ás bichas que se applicão atraz das orelhas. Quando existem symptomas de compressão do cerebro pelo sangue ou pus, cumpre abrir o craneo por mcio do trepano, afim de dar sahida a estas materias. O cirurgião é tambem obrigado a recorrer á operação do trepano, quando a compressão é produzida por esquirolas osseas que penetrarão no cerebro. Esta operação tem salvado a vida a muitos doentes.

FRACTURA DA CLAVICULA. A clavicula é um osso comprido contorneado em S, e collocado transversalmente na parte superior do peito. Por causa da sua situação superficial e fragilidade, a clavicula quebra-se frequentemente. Uma vez a fractura é produzida por uma pancada directa sobre algum ponto d'este osso, outras vezes tem lugar n uma quêda sobre o hombro.

Symptomas. Póde-se muitas vezes conhecer uma fractura da clavicula, olhando simplesmente para o doente: o hombro do lado fracturado fica mais baixo do que o do lado opposto; a cabeça acha-se inclinada para o lado fracturado, o braço do mesmo lado fica immovel e o doente não o póde levantar nem para o hombro

são, nem para a cabeça. Correndo-se o dedo sobre a clavícula, sente-se n'um ponto uma depressão, e vê-se que dos dois fragmentos do osso, o fragmento externo desceo para baixo do fragmento interno. Movendo o braço com uma das mãos, e applicando a outra sobre o lugar fracturado, sente-se a crepitação, porque os topos fracturados roçam um pelo outro.

Tratamento. Puxar para fóra o fragmento externo, e fazê-lo subir ao nível do fragmento interno, taes são as duas indicações para pôr no seu lugar os fragmentos da clavícula quebrada. Eis-aqui como se procede :

Sentado o doente n'uma cadeira, põe-lhe o cirurgião na axilla do lado quebrado uma almofadinha cuneiforme feita com algodão cardado, e fixa esta almofadinha cosendo n'ella dois pedaços de cadarço estreito, e passando-os á roda do pescoço. Isto feito, agarrando o cotovelo, applica com força o braço contra a almofadinha, e imprime-lhe depois, de baixo para cima, um movimento que levanta o hombro, e o dirige um pouco para traz; a mão do doente deve encostar pela face palmar no peito. Por este duplo movimento os fragmentos ficão em contacto. Uma pessoa segura o braço para conservar esta boa posição.

Prepara-se um pedaço quadrado de panno de linho, e de dimensão tal que, depois de dobrado em triangulo, possa rodear o peito. O cirurgião applica por diante do antebraço este panno, assim dobrado em triangulo, de modo que o meio da base virada para cima corresponda ao nível do quarto inferior do braço, e que sua dupla ponta, opposta a esta base penda diante e debaixo do antebraço. Passão-se as duas longas extremidades do triangulo, uma para traz e outra para diante do peito, do lado opposto do peito, para ali ficarem convenientemente apertadas e seguras com alfinctes ou alguns pontos de costura. Levão-se então as duas pontas pendentes de baixo para cima entre o antebraço e o peito, de modo que o cotovelo, o antebraço e a mão fiquem inteiramente cobertos; dirigem-se estas pontas separadamente, uma obliquamente do lado do hombro bom, outra perpendicularmente contra o osso quebrado, e levão-se para traz aonde se fixão á parte do triangulo atado nas costas. Se as pontas não tiverem comprimento sufficiente, como na fig. 258, cose-se-lhes a cada uma d'ellas um cadarço, que se levão por cima de cada hombro para traz do peito para ali se atarem um com o outro. Póde-se interpôr um pedaço de panno dobrado entre a clavícula fracturada e o cadarço, afim de segurar melhor os fragmentos do osso. Este aparelho acha-se representado na fig. 258. Ainda quando solidamente applicado, este aparelho póde afrouxar-se passados alguns dias, e é neces-

sario tornar a applica-lo de vez em quando, até perfeita consolidação da fractura, a qual se effectua no fim de 20 a 30 dias.



Fig. 258.

Apparho para a fractura da clavicula.

Em lugar d'este apparelho póde empregar-se uma almofadinha cuneiforme, uma toalha e um lenço; procede-se então do modo seguinte: Põe-se debaixo do braço a almofadinha cuneiforme, e segura-se, como no apparelho precedente, com dois cadarços, que, cosidos nos angulos superiores, se atão sobre o hombro do lado são, depois de passados á roda do pescoço.

Passa-se a toalha á roda do corpo, e aperta-se com força para applicar o braço contra o corpo; o braço do lado bom não se acha comprehendido n'esta cinta. Isto feito dobra-se o lenço em triangulo e passa-se ao pescoço para sustentar o antebraço. Este apparelho póde tambem afrouxar-se facil-

mente: é necessario aperta-lo de vez em quando.

Para tornar a acção do apparelho mais certa, e neutralizar a influencia do peso do braço sobre a deslocação dos fragmentos, alguns cirurgiões exigem, e com razão, que os doentes fiquem deitados de costas com uma almofada que levante as costas e forme um plano declive para receber o hombro fracturado.

A extrema mobilidade do hombro torna o tratamento da fractura da clavicula muito difficil; póde mesmo dizer-se que é quasi impossivel obter uma reunião perfeita; os doentes devem ser prevenidos d'esta circumstancia, afim de não accusarem injustamente o eirurgião de falta do cuidado ou de habilidade. Mas apesar de fiar a clavicula um pouco deformada, isso não impede ao doente o servir-se do braço com a mesma facilidade que existia antes da fractura.

FRACTURA DA COLUMNA VERTEBRAL. *Veja-se*
FRACTURA DO ESPINHAÇO.

FRACTURA DAS COSTELLAS. As costellas são ossos curvados em fórma de arco, que concorrem para a formação das paredes lateraes do peito. Ha 24 costellas, 12 de eada lado. Estão representadas na fig. 152, vol. I, pag. 739. As costellas

podem quebrar-se por uma pancada, por uma queda sobre um corpo anguloso, ou por uma compressão violenta do peito, que tenda a curvar o arco natural que formão estes ossos.

Symptomas. Os symptomas da fractura das costellas são : uma dôr viva e fixa que augmenta durante a respiração e os movimentos do corpo ; um certo estalo que o doente sente quando respira, tosse, ou faz qualquer esforço ; a crepitação, que se conhece quando, ao applicar uma das mãos sobre o ponto doloroso, se comprime com a outra a costella quebrada, a alguma distancia d'esse ponto. A fractura das costellas, ainda que simples, provoca dôres bastante vivas, que se prolongão até ao duodecimo ou decimo quinto dia ; n'esta época a cura marcha com rapidez.

Tratamento. Para obter a reunião exacta da costella quebrada, basta conservar o corpo em repouso perfeito, reduzindo as paredes do peito á immobilitade. Obtem-se isto por meio de uma toalha com que se aperta o peito em fôrma de cinta, e que se segura com duas tiras de panno, chamadas *escapulario* ou *suspensorio*, pregadas com alfinetes ou cosidas na toalha como mostra a fig. 259. O doente deve ficar em repouso durante doze ou quinze dias ; no fim d'este tempo pôde fazer algum exercicio ; e passado um mez pôde tirar-se a cinta, porque n'esta época a fractura acha-se consolidada.

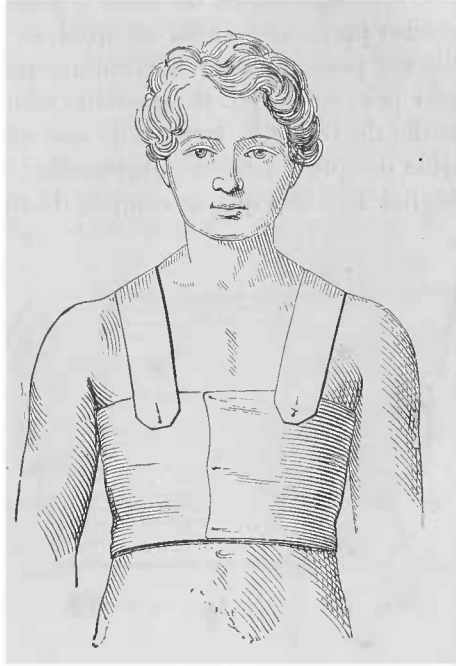


Fig. 259.

Apparelho para a fractura das costellas.

se a cinta, porque n'esta época a fractura acha-se consolidada.

FRACTURA DA COXA. O osso da coxa, o *femur*, bem que envolvido em musculos espessos, quebra-se assaz frequentemente, o que depende do seu comprimento e da disposição de sua parte superior que forma um angulo obtuso com a direcção do resto do osso, apresentando debaixo da cabeça do femur uma porção mais delgada chamada *collo*. Distinguem-se as fracturas do corpo do femur e as do seu collo.

Fracturas do corpo do femur. As fracturas do corpo do femur observão-se as mais das vezes na parte mediana do osso.

As causas são : passagem de uma roda de carro ou quédá de um corpo mui pesado sobre a coxa ; quédá sobre os joelhos ou sobre os pés.

Symptomas. No momento do accidente o enfermo sente uma dôr mui viva ; perde de repente a faculdade de mover o membro quebrado ; e se alguma pessoa levantar esse membro, poderá observar n'um dos pontos da coxa uma mobilidade insolita. Fazendo alguns movimentos, póde-se ouvir a crepitação : a coxa quebrada fica mais curta e mais grossa do que a outra, e os fragmentos fazem ás vezes uma proeminencia mui visivel.

Tratamento. Antes de fazer a reduçcão da fractura do femur é preciso preparar a cama na qual se deve deitar o doente. Deve ella ser perfeitamente horizontal, pouco susceptivel de fazer cova pelo peso do corpo. O aparelho comprehende : 1º uma toalha de panno de linho da largura de um metro, e um pouco mais comprida do que o membro fracturado ; 2º uma ligadura chamada de Scultet fig. 260 que se compõe de tiras separadas, da largura de

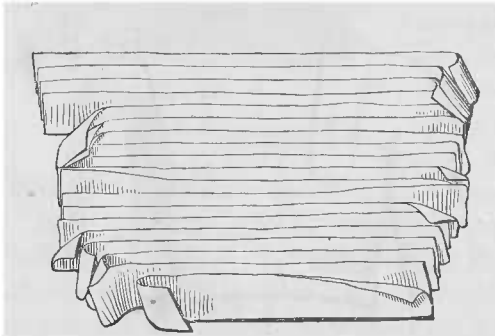


Fig. 260 — Ligadura de Scultet.

8 centímetros e de comprimentos decrescentes, desde o alto da coxa até ao pé ; a tira a mais inferior deve cobrir a tira seguinte, e assim successivamente ; 3º quatro talas, duas do comprimento da coxa e da perna, a terceira do comprimento da coxa e a quarta do comprimento da perna.

A primeira d'estas talas

é a mais comprida ; enrola-se na margem externa da toalha ; a segunda enrola-se na margem interna ; 4º quatro saquinhos cheios de paina ou de palha, e um pouco mais compridos do que as talas ; 5º cinco pedaços de cadarço para ligar todo o aparelho.

Despido o doente e posto na cama, duas pessoas levantão com precaução o membro fracturado, afim de que o cirurgião, depois de desenrolar em parte a toalha, possa colloca-la convenientemente debaixo da coxa. Feito isto, e posto o membro em linha recta, procede-se á reduçcão. Uma pessoa, situada do lado da fractura, segura a bacia apoiando com as duas mãos sobre as espinhas iliacas anteriores. Uma segunda pessoa, encarregada da extensão, pega no pé, pondo a mão direita no calcanhar, de sorte que os quatro dedos reunidos se achem debaixo de um malleolo e o dedo

pollegar atraz do outro malleolo, e ao mesmo tempo applica a mão esquerda de maneira que os quatro dedos reunidos apoiem no peito do pé, e o pollegar se ache sob a planta. Esta pessoa puxa brandamente, de uma maneira graduada, sem sacudidelas, até que o membro tenha cobrado o seu comprimento, a sua fôrma e direcção naturaes : deve puxar primeiro segundo a direcção do fragmento inferior, e depois segundo a do membro. Se o fragmento inferior tiver experimentado sobre o seu eixo um movimento de rotação para fóra ou para dentro, cumpre dirigir o membro pouco a pouco para a direcção inversa.

Mantida a redução por duas pessoas, o cirurgião molha as tiras n'agua vegeto-mineral, e procede á sua applicação. Para executar esta operação deve o cirurgião collocar-se do lado externo do membro e um ajudante do lado opposto. O cirurgião pega na ponta correspondente ao seu lado da tira inferior do apparatus; rodeia com ella um pouco obliquamente as faces externa, anterior e interna do membro; depois do que o ajudante executa a mesma manobra com a ponta da mesma tira do seu lado. O cirurgião toma então a ponta externa da segunda tira que dispõe como a primeira, e o ajudante faz outro tanto do seu lado; e assim successivamente, procede-se do mesmo modo com todas as tiras que compõem o apparatus, até que se chegue á ultima em cima, e tendo sempre o cuidado de as cobrir reciprocamente, a tira inferior com metade da superior.

Enrolão-se depois, nos dois lados da toalha, duas talas de comprimento desigual, uma para o lado externo do membro e outra para o lado interno. Põem-se sobre a face anterior da perna e da coxa, duas outras talas proporcionadas ao comprimento d'estas partes do membro; e entre o membro e as talas interpõem-se saquinhos de paina ou de palha de comprimento conveniente (fig, 261). Fixa-se todo o apparatus com cinco ligaduras, tres na coxa e duas na perna, afim de prevenir a deviação da ponta do pé, segura-se o pé com uma tira cuja parte média se applica

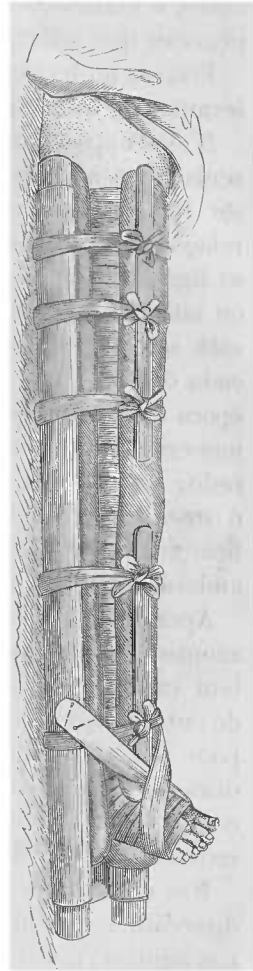


Fig. 261.

Apparelho de Scultet
para a fractura da coxa.

sobre a planta do pé, e cujas pontas se cruzão no peito do pé, e fixão-se depois com alfinetes na toalha que envolve todo o membro. O calcanhar ficará em falso por meio de chumaços para se evitarem dôres, e excoriações, a que esta parte é sujeita em razão das compressões que soffre.

Fixa-se ao tecto do quarto uma corda, para o doente poder levantar-se quando quizer satisfazer as suas necessidades.

N'este apparelho, o pé, a perna, a coxa e a bacia não constituem senão uma só peça; de sorte que estas differentes partes podem ser levadas em diversas direcções sem por isso abandonarem as relações respectivas. Visita-se o doente todos os dias, e apertão-se as ligaduras se se afrouxarem. Reforma-se o apparelho cada sete ou oito dias, até ao trigesimo, para assegurar-se se a redução está sempre exacta. Passado este termo, fazem-se os curativos só cada dez dias, até ao quinquagesimo ou sexagesimo dia. É n'esta época que de ordinario a fractura se acha consolidada nos adultos; nas crianças no fim do quadragesimo dia, ás vezes mesmo mais cedo; nas pessoas idosas o tempo necessario para a consolidação é mais longo. Depois de supprimido o apparelho o doente deve ficar ainda de cama durante alguns dias; e depois levantar-se-ha e andará, tomando muitas precauções, e sustentando-se em muletas.

Apezar da redução bem exacta, e do apparelho bem applicado, acontece muitas vezes, sobretudo quando as fracturas do femur tem muita obliquidade, que os fragmentos passão um por cima do outro, e que a coxa fica mais curta. Este desagradavel resultado pôde ser aggravado pelos movimentos inconsiderados do doente durante o curativo, ou porque elle andou antes da consolidação completa da fractura, de sorte que o callo ainda flexivel curvou-se cedendo ao peso do corpo.

Nas crianças as fracturas do femur, qualquer que seja a sua direcção, reduzem-se e mantem-se muito mais facilmente do que nos adultos; quasi sempre n'ellas se curão sem curteza do membro. Basta de ordinario rodear o membro de uma atadura que se applica primeiro desde o pé até ao joelho, e que se prolonga até á virilha, depois de reduzida a fractura. Põem-se depois, por detraz e nos lados da coxa, pequenas talas de madeira, que devem estender-se até ao pé; cercão-se as talas de novas voltas de atadura, e envolve-se todo o apparelho em uma peça de panno.

Apparelho de planos inclinados. Alguns cirurgiões, em lugar do apparelho precedentemente descripto, empregão, para manter a fractura da coxa, o apparelho de planos inclinados (fig. 262). A posição dobrada do membro produz a frouxidão dos musculos a qual favorece a redução e a reunião dos fragmentos. Faz-se o

aparelho de duplo plano inclinado de duas taboas articuladas em fôrma de estante, e adaptado a um quadro cortado em grades, afim de poder variar o gráo de inclinação. O membro descança em meia flexão sobre estas taboas guarnecidas de toalhas, e mantem-se n'esta posição por meio de duas ligas. Uma das ligas fixa-se á

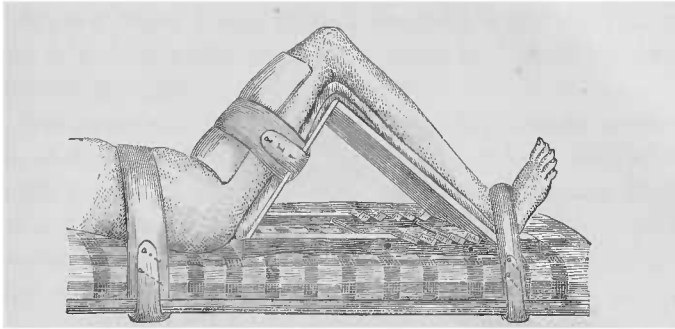


Fig. 262. — Apparelho para a fractura da coxa, de planos inclinados feito de duas taboas articuladas em fôrma de estante.

roda da bacia. Para prevenir a deslocação angular dos fragmentos, applica-se uma goteira de papelão na parte anterior da coxa, e fixa-se n'este ponto por meio de um panno dobrado á maneira de gravata.

Fractura do collo do femur. A fractura do collo do femur é bastante frequente nas pessoas idosas, e é quasi sempre produzida por uma quédia sobre a anca ou sobre a planta dos pés. É difficil ás vezes reconhecê-la por causa da espessura dos musculos que cobrem o osso offendido.

Os *signaes* são a curteza do membro, e a impossibilidade de mexê-lo; o pé fica voltado para fóra; pôde sentir-se a crepitação dos fragmentos, imprimindo um movimento de rotação á coxa. O doente experimentou no momento da quédia, uma dôr aguda na anca, e ouvio, ás vezes, um estalo: de ordinario não poude depois da quédia mexer a coxa nê m levantar-se. Entretanto esta ultima circumstancia nem sempre existe, e tem-se visto doentes poderem, depois da fractura, voltar a pé á sua habitação. Explica-se este facto pela junção dos dois fragmentos, e pela resistencia do ligamento capsular que os mantem em contacto.

É quasi impossivel obter a cura d'esta fractura sem que o membro fracturado fique mais curto do que o outro, porque raras vezes a união se faz topo com topo; e por isto os doentes são condemnados a coxearem toda a sua vida.

O *tratamento* consiste em reduzir a fractura e mantê-la reduzida. É facil fazer a redução, mas é muito difficil mantê-la. Para

reduzir esta fractura, uma pessoa segura a bacia com as duas mãos, em quanto que outra pessoa pega no pé, e faz a extensão puxando para dar ao membro a direcção natural. O aparelho, que as pessoas estranhas á sciencia medica podem applicar mais facilmente, acha-se representado na fig. 263. Consiste no duplo plano

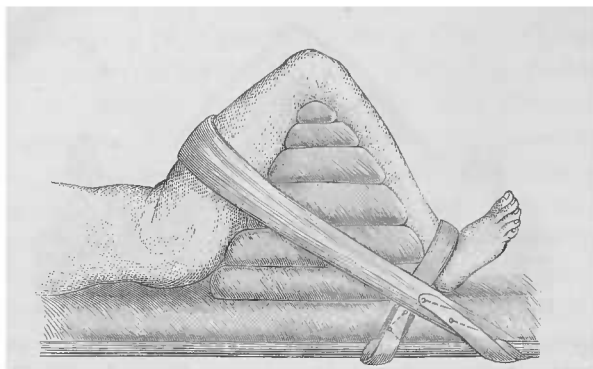


Fig. 263. — Apparelo para a fractura do collo do femur, de planos inclinados, feito de almofadas de tamanho desigual.

inclinado feito com almofadas de tamanho desigual, e formando pela sua superposição uma especie de pyramide. Segura-se o membro com dois lençoes, dobrados como uma gravata, e applicados, um sobre a coxa, e o outro sobre o peito do pé; e fixão-se as pontas d'estas gravatas nos lados da cama. Póde tambem servir, n'este caso, o apparelo de planos inclinados, feito de duas taboas, que se acha indicado na fig. 262, pag. 4189.

O doente deve ficar n'esta posição dois mezes; e só no fim do terceiro mez é que poderá dar alguns passos ajudado com muletas.

FRACTURA DOS DEDOS DA MÃO. São produzidas sempre por causas directas, por pizaduras e pancadas violentas; de ordinario são acompanhadas de contusão, e frequentemente de ferida e pisadura das partes molles. Os fragmentos deslocão-se segundo a direcção do osso, porque os tendões dos musculos flexores os puxão para o seu lado. É facil reconhecer estas fracturas pela dôr, mobilidade e crepitação dos fragmentos, e pela deformação do dedo.

Reduzem-se as fracturas simples, puxando levemente pelo dedo quebrado, e durante esse tempo segura-se no punho; rodeia-se depois o dedo com um cadarço estreito; por cima do cadarço, applicão-se duas talas de papelão sobre a face superior e inferior do dedo, e segurão-se com o mesmo cadarço; feito isto, approximão-se todos os dedos uns dos outros, e envolve-se a mão inteira

com uma tira de 6 centímetros de largura. Vinte e cinco a trinta dias são sufficientes para a consolidação.

Se a fractura do dedo se achar acompañada de contusão da junta, é preferível, para evitar a rijeza articular, manter o dedo em meia-flexão do que em extensão. Emprega-se para este fim um aparelho formado de um pedaço comprido de panno de linho, que se applica sobre a face palmar do dedo, e por cima do qual se põe uma tala de papelão levemente curvada e mantida com tiras de encerado que rodeião o dedo.

Nas fracturas com ferida e contusão das partes molles, não estando os ossos quebrados em muitas esquirolas, nem separados das partes molles, pôde-se, com applicações contínuas de pannos molhados em agua fria nos dois primeiros dias, e depois com applicações d'agua tepida, conservar os dedos fracturados; senão é melhor amputar immediatamente uma parte que se gangrenaria mais tarde, e poderia determinar pela sua presença graves inflammações.

FRACTURA DA ESPADOA. A espadua é formada por um osso largo, achatado, e triangular, chamado *omoplata*, situado na parte superior e posterior do peito, onde o fixão os musculos que tem o ponto de apoio na cabeça, na espinha dorsal e nas costellas.

As fracturas d'este osso são mui raras, e são produzidas sempre por uma causa directa, como quédia ou pancada. Estas fracturas são caracterizadas pela dôr que augmenta com os menores movimentos de elevação do braço. Ordinariamente não ha deslocação dos fragmentos.

Estas fracturas consolidão-se em 20 ou 30 dias. Cumpre sómente manter o braço applicado contra o peito por meio de um lenço atado ao pescoço e de uma toalha enrolada ao corpo.

FRACTURA DO ESPINHAÇO ou DAS VERTEBRAS. São bastante raras por causa da mobilidade das vertebrae, e da espessura das partes molles que as protegem. Podem ser produzidas por uma quédia, ou pela acção de um corpo contundente qualquer, tal como um projectil de arma de fogo, a roda de um carro, etc.

Quando as vertebrae se fracturão pelos seus corpos, nada pôde fazer o cirurgião, porque taes offensas são sempre acompañadas de grandes estragos na medulla espinhal, e por consequencia mortaes; porém sendo fracturadas pelas apophyses, não ha tanto perigo, e ordinariamente remedeião-se, conservando-se o paciente em repouso. Não ha deslocação dos fragmentos, e não é necessario applicar aparelho algum; convem sómente pôr no lugar offen-

circular, e o doente póde andar, segurando-se a principio com uma bengala.

Antes da chegada do cirurgião, que deve applicar o apparelho, convem que o doente se deite com a perna encolhida e encostada na cama sobre o lado externo.

FRACTURA DO QUEIXO INFERIOR. O queixo inferior póde quebrar-se em muitos pontos. A mais frequente d'estas fracturas é a que tem lugar no meio do osso, perto da barba; póde tambem ter lugar nos lados.

As *causas* d'estas fracturas são pancadas e quedas sobre o queixo inferior, ou a acção das balas lançadas pela polvora.

Symptomas. As fracturas do *corpo* do queixo inferior são caracterizadas pela dôr, inchação, deformação, crepitação, e mobilidade anormal.

A *dôr* é leve ou forte; augmenta pelos movimentos de elevação ou de abaixamento do queixo, pela pressão sobre os angulos do osso. A *inchação* é em geral pouco pronunciada, e limitada ao lugar offendido. A *deformação* é pouco visivel. A *mobilidade anormal* e a *crepitação* conhecem-se abrangendo com as duas mãos as extremidades do osso, e communicando-lhes movimentos em sentido contrario, de baixo para cima e de cima para baixo.

As fracturas do *collo* do queixo são caracterizadas pela dôr, difficuldade nos movimentos, crepitação e depressão por diante do conducto auditivo externo.



Fig. 266.

Apparelho para a fractura do queixo inferior.

Tratamento. É mui facil reduzir a fractura do queixo, porque póde-se actuar sobre os dois fragmentos. Depois de postos os fragmentos no seu lugar, applica-se o apparelho representado na fig. 266. Faz-se com panno de linho do comprimento de 1 metro, e da largura de 10 centímetros, fendido em cada uma das extremidades até 8 centímetros do meio do comprimento. applica-se a parte média do panno sobre a barba; dirigem-se as duas extremidades para a nuca onde se cruzão, e depois dirigem-se para diante sobre as fontes e a testa, onde se fixão com alfinetes. Passão-se as duas outras extremidades do panno sobre os angulos do queixo infe-

rior, sobre as orelhas, e fixão-se no apice da cabeça com alfinetes.

Durante todo o tempo da consolidação, o doente deve evitar o

fallar e fazer movimentos de mastigação; convem-lhe nutrir-se só com caldos, sopas ou outros alimentos liquidos. Trinta dias são sufficientes para a consolidação completa.

FRACTURAS DO QUEIXO SUPERIOR. Os ossos, cuja reunião forma o queixo superior, são ás vezes quebrados pela acção de corpos contundentes, como pedras, bengalas, balas de espingarda, couce de algum animal, um tiro de pistola na bocca, etc. Conhecem-se estas fracturas pela mobilidade da totalidade ou só de uma parte da arcada dentaria superior, pela crepitação dos fragmentos e pela dôr.

Tratão-se estas fracturas pondo-se no seu lugar os fragmentos com os dedos, e fixando-os aos dentes vizinhos com um fio de rétroz, ou com uma atadura semelhante á que se applica na fractura do queixo inferior (fig. 266). Os doentes devem observar silencio o mais absoluto, e usar unicamente de comidas liquidas: é difficil obter-se a cura sem que fique alguma deformidade.

FRACTURA DA ROTULA. A *rotula*, *rodela* ou *patella do joelho*, é um osso achatado, espesso e triangular, situado na parte anterior do joelho.

Causas. As fracturas da rotula são ordinariamente transversaes, ás vezes obliquas, e raras vezes verticaes ou em pedaços miudos. As duas ultimas resultão sempre de uma violencia exterior, como uma quéda sobre o joelho ou uma pancada forte, e são ás vezes complicadas com feridas e derramamento de sangue na junta. As fracturas transversaes podem depender das mesmas causas; são ás vezes produzidas pela contracção dos musculos extensores da perna. Tem-se visto pessoas fracturarem a rotula fazendo violentos esforços para prevenir uma quéda para traz, estando o tronco voltado para esta direcção, e a coxa mais ou menos dobrada sobre a perna; outras vezes esta fractura tem sido produzida pela acção de dar um pontapé, de saltar, etc.

Symptomas. As *fracturas transversaes* são caracterizadas por uma dôr viva e mesmo por uma sensação de estalo quando a lesão é produzida pela acção muscular. N'este ultimo caso a pessoa cahe para traz; na fractura produzida por uma quéda sobre o joelho, o paciente cahe para diante ou sobre o lado. Uma vez cahido, não lhe é possivel levantar-se; ás vezes entretanto póde levantar-se e andar sustendo-se sobre o braço de alguma pessoa. O joelho incha e apresenta uma deformação especial; a rotula fica achatada e alongada; entre os dois fragmentos existe uma separação transversal que augmenta pela flexão, e diminue pela extensão da perna. Approximando os fragmentos, póde-se roçar um pelo outro e sentir a crepitação.

As *fracturas verticaes* são também caracterizadas pela contusão, dôr, inchação, e separação lateral dos fragmentos; as *fracturas multiplas* pela inchação e crepitação mais evidente.

Prognostico. Quando mesmo a fractura da rotula é simples, é mui difficil manter os fragmentos em contacto, e por conseguinte não se pôde obter consolidação perfeita. A reunião faz-se por intermedio de uma substancia fibrosa. Quando esta substancia tem muita extensão, o membro torna-se fraco; curva-se facilmente sob o peso do corpo, e o doente não pôde firmar-se sobre elle senão quando o membro se acha estendido. Se, pelo contrario, a substancia que une os fragmentos tiver sómente 2 a 9 millimetros de comprimento, então o membro pôde prestar o mesmo serviço que antes da fractura, mas existe sempre certa rijeza na junta. Sendo a fractura da rotula complicada com uma ferida profunda ou contusão violenta, o doente corre risco de perder a facilidade dos movimentos do joelho.

Tratamento. Para pôr em contacto os fragmentos da rotula, é preciso que o doente se deite e ponha todo o membro inferior sobre um plano inclinado ascendente composto de travessieiros, que, principiando na nadega, seja bastante alto para levantar o calcanhar de 50 a 70 centimetros acima da cama. N'esta posição o doente pôde esperar a chegada do cirurgião, o qual applicará um apparelho conveniente e recomendará ao doente que conserve, durante todo o tempo do tratamento, a posição que acabei de indicar. A perna deve estar sempre estirada; se estivesse encolhida, os fragmentos da rotula quebrada afastar-se-hião um do outro e a reunião não poderia ter lugar. O apparelho differe segundo a fractura é transversal ou vertical.

1º *Fracturas transversaes.* Os apparelhos que se empregão para as fracturas transversaes da rotula tem por fim approximar os fragmentos do osso quebrado.

Apparelho de Cooper. Fig. 267 Deitado o doente de costas, e

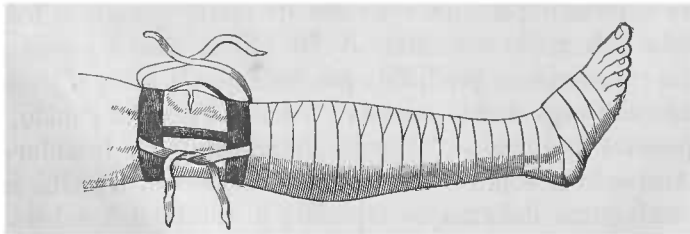


Fig. 267. — Apparelho de Cooper, para a fractura transversal da rotula.

descançando a perna sobre o plano inclinado ascendente, rodeia-se primeiro o membro com uma atadura, desde o pé até ao joelho.

Depois de aproximados os fragmentos da fractura, applicão-se longitudinalmente sobre os lados da rotula duas fitas; dão-se por cima das fitas muitas voltas com uma tira para que estas voltas formem um anel por baixo do fragmento inferior e outro anel por cima do fragmento superior. Atão-se sobre os dois aneis da tira as duas extremidades de cada fita lateral. Os aneis formados pela tira, por cima e por baixo do joelho, ficão d'esta maneira aproximados, e empurrão os fragmentos um para o outro.

Apparelho de Boyer. Fig. 268. Compõe-se de uma goteira bas-

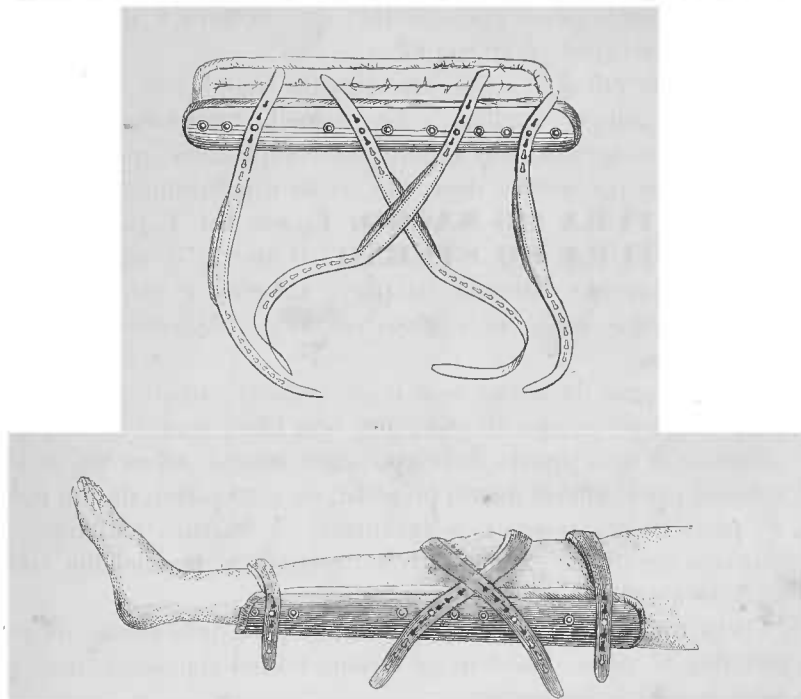


Fig. 268. — Apparelho de Boyer, para a fractura transversal da rotula. □

tante longa para estender-se desde o meio da coxa até abaixo da barriga da perna, e assaz profunda para conter os dois terços da espessura do membro. As bordas apresentam de cada lado pregos de cabeça arredondada, collocados a distancia uns dos outros, e proprios para segurarem correias que passam, e se cruzão uma por cima do fragmento superior, outra por baixo do fragmento inferior, de modo a attrahir os dois fragmentos um contra o outro.

2º *Fracturas verticaes.* O melhor apparelho a empregar n'estas fracturas, consiste em applicar, sobre os dois lados da rotula, compressas graduadas, isto é, dobradas muitas vezes, proprias para approximarem os dois fragmentos, e em mantê-las com tiras

de encrado. Estesapparehos não tardão a afrouxar-se, logo que a inchação do joelho desaparece; e por isso é necessario visita-los frequentemente e renova-los de tempos a tempos.

De ordinario a fractura da rotula exige dois mezes e meio para reunir-se. Nas pessoas idosas a reunião faz-se mais lentamente; e por isso se deve n'ellas continuar o tratamento durante quinze ou vinte dias mais. Nos ultimos dias faz-se executar á perna pequenos movimentos, para evitar a ankylose que seria a consequencia da longa immobilidade. Quando o doente principia a andar, deve primeiro sustentar-se em muletas; que deixará á medida que o membro fracturado adquirir força.

Nos casos em que a fractura se acha complicada com ferida e contusão, cumpre applicar sobre o joelho pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada, que devem ser continuados por muitos dias, até cessar a inflammação.

FRACTURA DO SACRO. *Veja-se* Vol. I, pag. 1179.

FRACTURA DO STERNO. O sterno é um osso achatado e comprido, situado na parte anterior e média do peito. Sobre os seus lados vem inserir-se as cartilagens das costellas verdadeiras.

As fracturas do sterno tem lugar ordinariamente pelo facto de uma violencia extraordinaria, que vem bater contra o osso, como acontece n'uma queda do corpo para diante sobre um objecto saliente; pelo effeito de um projectil, de uma pedra, de um pedaço de páo; outras vezes, mas raramente, a fractura tem lugar por um movimento de extensão, como quando se faz violento esforço para levantar um peso.

Esta fractura conhece-se facilmente pela deformação da parte anterior do peito. Existem ao mesmo tempo oppressão, tosse e ás vezes escarros de sangue.

O *tratamento* consiste em applicar uma cinta á roda do peito, e deve dar-se ao doente uma posição tal, que tenha a cabeça e a bacia elevadas, e as coxas dobradas, afim de evitar a tracção dos musculos do pescoço e do ventre, que poderião puxar pelos fragmentos. O repouso absoluto é de rigor. Esta fractura sára com facilidade em 30 a 40 dias.

FRACTURA DAS VERTEBRAS. *Veja-se* FRACTURA DO ESPINHAÇO.

FRAGARIA ou **MORANGUEIRO.** *Veja-se* MORANGO.

FRAMBOEZA. Fructo da framboezeira, *Rubus idaeus*, L.; arbusto da familia das Rosaceas, commum em Portugal, cultivado nas regiões montanhosas do Brasil. Fig. 269. Este fructo apresenta-se debaixo da fórma de uma baça, composta de pequenos bagos

unidos entre si; as sementes contêm mucilagem; cheiro fragrante e suave; sabor agradavelmente acidulo. Conhecem-se duas variedades, a framboeza branca e a vermelha: esta é mais estimada. É um fructo refrigerante; serve para compôr doces, xaropes, com que se fazem limonadas agradaveis e uteis nas molestias feb. s.



Fig. 269. — Framboezas.

FRAQUEZA. Falta de força, debilidade. Nos artigos CONVALESCENÇA e EMMAGRECIMENTO vão indicadas as circumstancias principaes que podem accidentalmente determinar o estado de fraqueza. N'este lugar occupar-me-hei sómente da fraqueza natural.

A fonte primaria da fraqueza existe na constituição nativa, a segunda na educação ou genero de vida, a terceira nos accidentes que causão desordens na organização. A fraqueza pôde ser, por conseguinte, primitiva, consecutiva, accidental, permanente ou transitoria.

As causas da fraqueza originaria são muito obscuras. Bem que a impressão das transmissões hereditarias se observe mui communmente, não é raro comtudo ver-se paes robustos procrearem entes fracos, e *vice-versa*. Entretanto, existem grandes probabilidades de posteridade vigorosa, quando os conjuges, cujo casamento não foi prematuro, são isentos de molestias hereditarias, bem constituidas e de vida regrada. O genero de vida da mulher, durante a gravidez, não deixa de ter grande influencia sobre a constituição do filho. Frequentemente os filhos trazem, durante toda a vida, a impressão de algum excesso ou de qualquer accidente que perturbou a gravidez.

A má educação physica e moral prolongada pôde determinar o enfraquecimento de uma constituição naturalmente forte. Só a amamentação basta ás vezes para imprimir na organização um sello indelevel de força ou de fraqueza. A debilidade geral não conhece depois causa mais poderosa do que a má qualidade ou a insufficiencia dos alimentos; a habitação em um lugar sombrio, estreito, humido, infectado de miasmas; a inacção ou um exercicio excessivo. A influencia passageira d'estas mesmas causas pôde dar lugar á fraqueza accidental que se cura com maior ou menor facilidade; e de mais é preciso acrescentar os excessos de todo o genero: o onanismo, os abusos venereos, a intemperança das bebidas e dos alimentos, as fadigas do corpo e do espirito, as

paixões, e particularmente as que são tristes, o excesso das vigílias ou do somno, etc.

Os meios precautorios e curativos da fraqueza derivão directamente da apreciação de suas causas. Já disse quaes são as condições mais favoraveis para dar-se á criança, uma boa constituição; isto é : esposos são, nem mui moços nem velhos, sobrios; uma gravidez isenta de excessos e de accidentes, e o parto em tempo proprio. Quando, no meio d'estas circumstancias vantajosas, a criança nasce bem constituida, convem desenvolver estas disposições naturaes, primeiro pela escolha de uma boa ama de leite, se a mãe não póde criar; depois pela reunião de cuidados hygienicos de que vou indicar os principaes. As qualidades salubres do ar são essenciaes a qualquer idade, e particularmente aos recém-nascidos. Não convem por conseguinte deixa-los n'uma atmospherá estreita, corrompida por emanações e não renovada. É preciso expor o ao ar livre quando o tempo o permite. Devem ter vestidos commodos e largos, e importa deixar-lhes desenvolver os movimentos compatíveis com suas forças e idade. As comidas devem ser regradas conforme seu appetite; evitem-se sómente as indigestões e as substancias de má natureza. Ás crianças fracas convem dar de vez em quando um pouco de vinho com agua e assucar e uma alimentação substancial; caldos, ovos, mingãos, etc.

Taes são as bases de regimen mais proprias a manter e desenvolverem uma boa constituição, e tornarem-n'a melhor se é má: este regimen convem a todas as idades: ar bom, alimentação boa, exercicio sufficiente sem ser excessivo; evitem-se excessos de todo o genero. Depois d'isso, que podemos dizer da fraqueza a curar e dos meios de remedia-la? Cumpre simplesmente remover as suas causas, substituir, conforme a occorrença, a ociosidade pela vida activa, as fadigas pelo repouso, os excessos venereos pela continencia, a intemperança pela sobriedade dos alimentos e bebidas; ou então a dicta opposta, pela alimentação mais substancial e bebidas tonicas.

A causa mais ordinaria do enfraquecimento de nossos corpos ou de nossas faculdades provém da falta ou do exercicio d'estes órgãos e d'estas faculdades.

Fraqueza da vista. *Veja-se* VISTA.

FRECHA NA CABEÇA. *Veja-se* FERIDA DA CABEÇA, vol. I, pag. 1082.

FREIO DA LINGUA, ou LINGUA PREGADA. Diz-se que uma criança tem freio na lingua quando a membrana, que se observa debaixo da lingua, se prolonga até á extremidade d'este órgão, ou quando ella é mui curta. Em ambos os casos, os movimentos da

lingua são constrangidos, e a criança não póde mamar convenientemente, nem mais tarde poderá articular exactamente as palavras. Conhece-se este defeito natural na difficuldade que tem a criança de mamar Mettendo então um dedo na bocca da criança sente-se que não fica apertado pela lingua, como acontece no estado normal.

Uma pequena operação destroe este vicio de conformação : consiste ella em cortar com tesoura a membrana que retem a lingua : é necessario sómente, depois de cortada a membrana, examinar frequentemente a bocca da criança, para ver se não appareceo alguma hemorragia, que seria preciso atalhar immediatamente, o que se faz cauterizando com pedra infernal, ou com estylete incandescente, o orificio do vaso aberto.

FRIALDADE. Em algumas provincias do Brasil assim se designa a *opilação*.

FRICÇÃO. Acção de esfregar diversas partes do corpo. As fricções são *seccas* ou *humidas*. Estas fazem-se com linimentos, unguentos, tinturas, etc ; aquellas com as mãos, baeta ou escova.

As fricções seccas são mui uteis nas diversas asphyxias, e principalmente na asphyxia dos afogados. É um meio muito effcaz para acalmar ou pelo menos para suspender as dôres locaes. Fricções seccas, quer com bacta quer com escova macia, são muito uteis nas colicas, nas caimbras, nas dôres rheumaticas, nas torceduras. As fricções humidas, que se praticão molhando um pedaço de baeta ou de panno de linho em algum liquido medicamentoso, frio ou quente, e esfregando as costas, braços, pernas, ventre ou alguma outra parte do corpo, podem fazer-se tambem só com a mão ; mas n'este caso devem ser feitas pelo doente mesmo ; porque a pessoa que fricciona absorve uma parte do remedio.

Quando se praticão fricções com unguento napolitano ou qualquer outra pomada mercurial, cumpre tirar dos dedos os anneis de ouro, pois serão destruidos pelo mercurio.

As fricções humidas empregão-se frequentemente em diversas molestias, e especialmente no rheumatismo, gota, inflammações do ventre, febres intermittentes, etc.

A fricção chama-se vulgarmente *fomentação*. Quando se emprega algum corpo gordo, como oleo de amendoas, pomadas, unguentos, chama-se *untura*.

FRIEDRICHSHALL. Agua salina purgativa, na Allemanha, no Ducado de Saxe-Meiningen. Esta agua, de que não se faz uso senão em bebida e transportada, contem cerca de 30 gram. (1 onça) por litro de differentes saes, e principalmene de soda e magnesia. Produz effeito purgativo mesmo em pequena dóse.

FRIEIRAS. Dá-se este nome a certas vermelhidões dolorosas, sujeitas a ulcerarem-se, produzidas pelo frio. Atacão com preferencia as crianças, as senhoras e as pessoas de pelle fina. Forão propostos muitos remedios contra as frieiras. Quando não estão ulceradas, é preciso empregar lavatorios com cachaça, aguardente camphorada, agua salgada ou misturada com vinagre, com agua de sabão, agua de Colonia, ou esfregar a frieira com limão. As feridas occasionadas pelas frieiras devem ser lavadas com agua, á qual se ajuntão algumas gottas d'agua de Colonia ou de algum outro licor espirituoso, e curadas com ceroto de Saturno; tambem é util toca-las de tempos a tempos com pedra infernal; mas se estas ulceras forem mui dolorosas e mui inflammadas, convem suspender por algum tempo as applicações excitantes e cura-las meramente com ceroto simples. Previnem-se as frieiras fortificando a pelle com fricções seccas, lavatorios d'agua fria, vinho ou cachaça.

FROUXIDÃO DOS NERVOS. Por frouxidão dos nervos designa-se o estado de uma pessoa que é muito irritavel e que não pôde soffrer contrariedade, nem opposição.

Este estado acalma-se mediante uma boa direcção dada ás faculdades intellectuaes, pelo uso dos banhos mornos ou frios. Outros entendem por este termo, um tremor das mãos, paralysisa parcial. Designa-se tambem pela frouxidão dos nervos a molestia chamada HYSTERISMO (*Veja-se* esta palavra).

FROXO BRANCO. *Veja-se* FLORES BRANCAS.

FROXO DE SANGUE. *Veja-se* HEMORRHAGIA.

FROXO DE SANGUE PELO UTERO. V HEMORRHAGIA UTERINA.

FRUCTA ou FRUCTO. Os botanicos chamão *fructo* á porção do vegetal que serve de receptaculo aos grãos. Por conseguinte, o *fructo* é, a respeito das plantas, o que é o *ovo* a respeito dos animaes : elle é destinado pela natureza a manter a perpetuidade das especies. Pouco me resta a dizer aqui ácerca das fructas como alimento, visto já ter fallado d'ellas no artigo ALIMENTOS, vol I, pag. 125.

Muitas pessoas attribuem graves inconvenientes ao uso das fructas, tanto nos adultos, como sobretudo nas crianças. As diarrheas, as colicas, os enfartes dos órgãos do ventre, e depois as febres e as molestias cutaneas, são, segundo esta opinião, os effeitos ordinarios d'este genero de alimentação. Mas é evidente que, fallando assim, confundem o abuso com o uso, o excesso com a moderação. Perguntai aos homens sanguineos, ás pessoas nervosas, aos marinheiros cansados por uma longa viagem, se o uso das fructas lhes é nocivo? Quem ignora a utilidade das fructas

acidulas n'um grande numero de molestias? Muitas inflammações rebeldes aos medicamentos cedem ao emprego das laranjas, das limas e de varias limouadas. O grande naturalista Linneo pretendia ter-se curado da gota comendo todos o dias um prato de morangós. As bananas cozidas e outras muitas fructas podem comer-se em todas as molestias, e geralmente no estado de saude não é o uso das fructas, pórem sim o abuso que póde tornar-se nocivo. É tambem um erro mui grande a opinião das pessoas que julgão que as lombrigas são produzidas pelos vermes das fructas comestiveis.

FRUCTA DO CONDE ou **Pinha**. Fructo da pinheira, *Anona squamosa*, Gærtner, arbusto da familia das Anonaceas, que habita no Brasil. Fructa mui estimada. Debaixo da casca dura e escamosa acha-se uma especie de geléa que contém grande cópia de sementes. Esta geléa é doce e mui agradável. Os doentes e os convalescentes podem usar da fructa do conde com vantagem. Foi importada para a Bahia em 1626 pelo Conde Diogo Luiz de Oliveira. Em Pernambuco e na Bahia chamão-lhe *pinha*, no Rio de Janeiro. *Fructa do Conde*. O arbusto que a produz, a pinheira, é de caule flexivel; folhas estreitas, compridas, com cheiro um tanto enjoativo; as flores formão tres palhetas esverdeadas engastadas em um pé com manchas roxas na base. O fructo é uma baga de maior ou menor tamanho, até 12 centimetros, de fórma globosa, cónica, obliqua, com protuberancias na superficie, no interior é composto de bagos de substancia branca e polposa, doce e agradável. Abunda no Ceará : regeta no campo espontaneamente.

FRUCTA DE PÃO. *Veja-se* ARVORE DO PÃO.

FRUCTOS PEITORAES. Em pharmacia dá-se o nome de *fructos peitoraes* á mistura de partes iguaes de tamaras privadas de seus caroços, de jujubas, figos e passas. Nas bronchites, e outras molestias acompanhadas de tosse, usão-se cozimentos preparados com estes fructos. Eis-aqui o modo de preparar o cozimento : Fervão-se 25 grammas (6 oitavas) de fructos peitoraes em quantidade d'agua tal, que depois da fervura fique meio litro (16 onças) de liquido; cõe-se por panno de lã. Este cozimento toma-se ás chicaras, no descurso de um dia.

FRUNCHO ou **FURUNCULO**, chamado tambem *leicenco*, *cabeça de prego*, *nascida*. Tumor da pelle arredondado, cónico, de cor vermelha violacea, mui doloroso, e cujo volume varia desde o tamanho de uma ervilha até ao de um ovo. Do quarto ao oitavo dia, este tumor levanta-se em ponta, amollece e branquêa no apice; depois vasa por uma pequena abertura uma diminuta quantidade de pus, e deixa ver o tecido cellular mortificado, que

se chama *carneção*. Este solta-se do decimo ao duodecimo dia, e depois de sahir espontaneamente ou pela pressão, cessa a dôr, e a molestia finaliza do duodecimo até ao decimo-quinto dia, não deixando outro vestigio mais do que uma pequena cicatriz. Tal é a marcha ordinaria d'esta affecção, que, entretanto, varia muito quanto á intensidade dos symptomas : assim, umas vezes mostram-se um ou dois frunchos sem dôr, e passam, por assim dizer, despercebidos; outras vezes cobre-se o corpo d'elles, e á medida que se somem os antigos frunchos, vão apparecendo outros novos : pôde até existir febre, nauseas e vomitos.

A complicação mais frequente dos frunchos é o estado particular do estomago e dos intestinos conhecido pelo nome de *embaraço gastrico*. Este estado é caracterizado por dôr de cabeça, bocca amarga, cansaço, nauseas, fastio, etc. O fruncho sobrevem em todas as partes do corpo, entretanto, é mais commum nas costas, margem do anus e nadegas.

As *causas* do fruncho são ora locais, como applicações de substancias irritantes sobre a pelle, uso de certas pomadas, um attrito repetido, a sarna; ora geraes e ligadas a outras molestias. Assim, os frunchos apparecem no fim de diversas affecções, das bexigas, por exemplo, e mui frequentemente desenvolvem-se sob a influencia do estado de irritação das vias intestinaes.

Tratamento. As cataplasmas de linhaça ou de fecula são quasi os unicos meios que se dirigem contra esta affecção, quando é local. Às vezes basta cobrir o fruncho com emplasto diachylão. Sendo os frunchos numerosos, o doente deve tomar alguns banhos d'agua morna simples e beber um cozimento refrigerante, tal como decocção de cevada ou limonada de limão. O carneção separa-se pouco a pouco dos tecidos vizinhos e sahe pela continuação das cataplasmas; favorece-se a sua expulsão comprimindo o tumor; não é necessario recorrer á incisão. Depois da sahida do carneção, fica uma excavação que desaparece ao cabo de alguns dias, deixando uma cicatriz deprimida.

FUCUS VESICULOSUS. *Vejase ALGA.*

FULIGEM OU FERRUGEM DE CHAMINÉ. Substancia preta, de cheiro desagradavel, de sabor amargo, que a fumaça depõe em crostas luzentes sobre as paredes interiores das chaminés : é composta principalmente de carvão, de oleo empyreumatico e de acido acetico; muitas vezes contém tambem chlorureto de ammoniaco e alguns outros saes. A fuligem do carvão de pedra não differe notavelmente da do carvão de lenha. A fuligem serve na tinturaria; dá uma côr fulva mui solida; serve tambem na pintura. Fazem-se d'ella diversas applicações na industria; e pôde utilizar-se como

adubo nas terras humidas. Em medicina, a fuligem entra na composição de uma pomada que se emprega contra a tinha e contra os dartros.

FULMINADO. *Veja-se* RAI0.

FUMARIA OU HERVA MOLARINHA, *Fumaria officinalis*, Linneo. Fumariaceas. Planta que habita nos campos do Brasil e de Portugal. Tem caule glauco, quadrado, liso; folhas bipinnuladas, recortadas; flores purpurinas matizadas de preto; toda a planta é mui succulenta e amarga. Fig. 270. Usa-se em medicina como tónico. O chá de fumaria, que se prepara deixando infundir 4 gram. (1 oit.) de folhas e talos de fumaria n'uma chicara d'agua fervendo, bebido todos os dias de manhã, é empregado com vantagem nas molestias da pelle.

FUMIGAÇÃO. Este nome designa os vapores de diversa natureza applicados á totalidade ou a algumas partes do corpo.

As substancias empregadas nas fumigações são: vapores d'agua pura ou carregada de principios mucilaginosos, aromaticos, etc., os de benjoim, decamphora, enxofre, etc.

Os apparatus não varião menos, desde a simples

fumigação excitante dada na cama, deitando-se n'um fogareiro com brasas um pouco de benjoim, até aos apparatus mais elegantes e mais complicados que se encontrão nos estabelecimentos publicos. As fumigações são geraes ou parciaes: as primeiras, nas quaes o corpo inteiro é mergulhado, não se podem fazer senão com vapores d'agua: já d'ellas fallei no artigo BANHO. Nas fumigações parciaes, o vapor póde cobrir todo o corpo á excepção da cabeça; o doente é então fechado n'uma caixa, onde só lhe fica a cabeça de fóra, que sahe por uma abertura circular praticada na parte superior do apparatus; outras vezes só se expõe á acção do vapor um membro, ou uma parte do corpo, mediante apparatus particulares.



Fig. 270. — Fumaria.

Conforme as propriedades das substancias reduzidas a vapor, as fumigações são excitantes, antisiphiliticas, antidartrosas, etc. Possuem, além d'isto, uma acção commum, a qual é de excitar a transpiração.

Emprega-se frequentemente, nos defluxos e na bronchites, uma fumigação local, applicada de maneira muito simples. Deita-se n'um vaso uma infusão de flores de sabugueiro em agua fervendo; por cima do vaso o doente colloca a cabeça coberta com uma toalha. Esta fumigação dura um quarto de hora; pratica-se ordinariamente de noite no momento de se deitar. O seu effeito é excellente.

FUMO. *Veja-se* TABACO.

FUMO BRAVO. *Veja-se* HERVA COLLEGIO.

FUNCHO, *Anetum foniculum.* Linneo, Umbelliferas. Planta commum em Portugal, cultivada nas hortas do Brasil. Os fructos, chamados impropriamente sementes, são empregados na arte culinaria e na medicina. São grãos alongados, quasi cylindricos, estriados longitudinalmente, de côr verde pallida quando recentes, amarellados, quando antigos; cheiro aromatico, sabor quente. São estimulantes e empregados nas colicas, principalmente nas das crianças. Usão-se debaixo da fórmula de chá que se prepara com uma colher das *de chá* de fructos de funcho e uma chicara d'agua fervendo. — Em muitos paizes toda a planta é empregada como tempero nas comidas. Na Italia, os talos e os filamentos que atravessão as folhas, servem-se nas mesas como salada, ou cozidos como legume. No sul da França, onde o funcho vegeta espontaneamente em abundancia, alimentão-se com elle os coelhos alguns dias antes de os matar, o que dá á sua carne um gosto picante e agradável.

FUNCHO D'AGUA. *Veja-se* PHELLANDRIO AQUATICO.

FUNDA. Dá-se este nome aos aparelhos destinados a conter os intestinos deslocados na affecção chamada *hernia* ou *quebradura*. Ha duas qualidades, umas não elasticas e outras elasticas. As primeiras devem abandonar-se por incapazes de serem uteis ás mudanças de volume de que o ventre é susceptivel; pelo seu emprego o doente tem pouca segurança, e se, para evitar a sahida dos intestinos, augmentar-se a constricção, a pelle inflamma-se, torna-se dolorosa e a presença da funda é insupportavel. As fundas não elasticas são empregadas ás vezes nas crianças mui pequenas, affectadas de hernias de nascença; mas é preferivel, mesmo n'estes casos, empregar as fundas com molas de aço.

Dá-se tambem o nome de *funda* a um pedaço de panno de linho, comprido e estreito, fendido em todo o seu comprimento, á excepção

de algumas pollegadas que ficam cheias na sua parte mediana. Emprega-se principalmente para as molestias do queixo inferior. *Vêja-se COMPRESSA*, vol. I, pag. 653, fig. 140, e *LIGADURA*.

N'este artigo tratarei só da funda para as quebraduras ou hernias.

Uma funda herniaria bem feita deve exercer uma pressão branda, uniforme e constante sobre a abertura aponevrotica pela qual sahirão os intestinos, sem incommodar o doente, e sem estar exposta a desarranjar-se. Não se podem obter estas vantagens senão com fundas contendo molas, que sendo elasticas seguem todos os movimentos do ventre; abrem-se e cedem quando esta cavidade se estende; contraem-se e ficam exactamente applicadas quando o volume do ventre diminue.

Quando os doentes estão afastados da morada de um fabricante, devem saber tomar em si a medida de uma funda: para este fim toma-se a circumferencia exacta do corpo com um barbante no lugar em que deve ser applicada a funda. Afim de obter uma figura mais exacta do circuito da bacia, emprega-se ás vezes um fio metallico, de chumbo ou de ferro, que pôde moldar-se exactamente á fórma do corpo.

Para a funda preencher bem o fim necessario, cumpre que a mola seja dotada de força sufficiente, e que a almofada tenha a fórma e a direcção adaptadas á especie de hernia que deve manter. A força de pressão está proporcionada á espessura, á largura da mola e á maneira por que está temperada. As pequenas hernias e as de que estão acommettidas as crianças ou as pessoas que levão uma vida tranquilla, podem ser mantidas com uma funda mais fraca do que nos individuos que se entregão a exercicios peniveis.

Modo de applicar uma funda. Quando se quer applicar uma funda ao redor da bacia, faz-se deitar o doente. Depois de reduzida a hernia por meio da pressão, que se chama *taxis*, comprime-se a abertura aponevrotica com uma das mãos, e com a outra applica-se a almofada da funda sobre o mesmo ponto, e mantem-se até que o resto da funda esteja adaptado. O doente seguirá os mesmos preceitos, quando applicar elle mesmo a funda. O tempo mais conveniente para esta applicação é de manhã, antes de levantar-se da cama, porque o intestino entra no ventre durante a noite, e d'esta maneira a redução acha-se feita. Depois de applicada a funda, o doente deve levantar-se, e examinar se a pelle não está comprimida demasiadamente. Deve tossir, andar, sentar-se e levantar-se, fazer qualquer esforço para assegurar-se se a hernia está bem mantida e se a funda não se desarranja. Se se apresentarem alguns defeitos na confeição ou na applicação da funda, é facil conhecê-los e corrigi-los.

Quando a hernia está bem mantida pela funda, o doente póde entregar-se ás suas occupações. Entretanto não deve perder de vista o seu achaque, e deve evitar, tanto quanto fôr possível, os esforços e exercicios violentos. Algumas pessoas achão nos primeiros dias extremamente penivel a pressão da funda, porém pouco a pouco acostumão-se a ella. As fundas elasticas não só mantem exactamente os intestinos na cavidade abdominal, e preservão os doentes dos perigos a que seriam expostos se não fizessem uso d'ellas, mas podem tambem produzir a cura radical da molestia. (*Veja-se QUEBRADURA*).

Os doentes devem trazer as fundas sem interrupção durante o dia, mas podem, em geral, tira-las de noite; devem ter pelo menos duas fundas, afim de muda-las de tempo em tempo. Quando a pelle de camurça, que as cobre exteriormente, estiver usada e tornar-se irritante pela transpiração, a funda deverá ser reformada.

Bem que a funda esteja bem feita e convenientemente applicada, não impede sempre a sahida da hernia; algumas circumstancias podem desarraja-la, o epiploon ou o intestino podem passar debaixo da almofada; pelo que o doente deve comprimir com a mão a almofada cada vez que tossir, espirrar ou fizer algum esforço. Se a hernia sahir, deve tirar immediatamente a funda, deitar-se e fazer a redução do tumor com a mão.

As fundas differem segundo a especie de quebradura; conforme esta é *inguinal*, *crural* ou *umbilical*.

Fundas para as hernias inguinaes. *Funda franceza.*

Fig. 271. A funda chamada *franceza* compõe-se de uma mola de

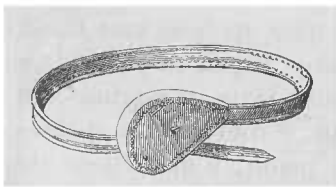


Fig. 271.

Funda franceza para a hernia inguinal simples.

aço e de uma almofada. Em geral a mola estende-se desde a hernia até alguns centímetros além da espinha dorsal, passando sobre o quadril do lado da hernia. A força da mola deve ser proporcionada ao esforço que fazem os intestinos para sahirem do abdomen.

Achão-se no commercio molas de tres grãos diferentes: molas para adultos da força de 1500 a 2000 grammas; molas para adolescentes da força de 1000 a 1500 grammas; molas para crianças de 800 a 1000 grammas; estes grãos, porém, nada tem de absoluto. A almofada e a mola, fortemente acolchoada na face interna, estão cobertas de pelle de camurça. Do lado opposto á almofada, a guarnição de pelle de camurça continua por uma correia que vem fixar-se no botão collocado na face livre da almofada. Para impedir a deslocação da funda, sobretudo nas pessoas magras,

é necessario ás vezes recorrer a uma correia acolchoada, (*sous-cuisse* em francez), que, presa á parte posterior da funda, contornea a dobra da coxa, e vem atar-se a um botão collocado na face externa da almofada. A funda franceza, tal como acaba de ser descripta, é de uso geral.

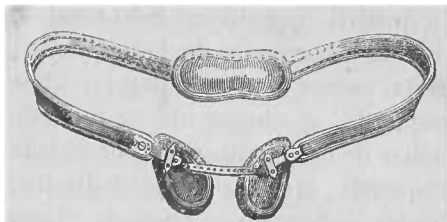


Fig. 272. (a)

Funda franceza para duas virilhas,
com molas separadas.

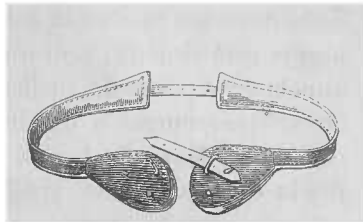


Fig. 272. (b)

Outra fórma da funda franceza
para duas virilhas,
com molas separadas.

Para as hernias duplas é preciso empregar fundas duplas (fig. 272 a e 272 b). A fig. 272 a representa uma funda composta de uma almofada central que deve assentar sobre o sacro; d'esta almofada partem duas molas dirigidas do lado das hernias; as duas almofadas anteriores são reunidas por uma correia; uma dupla fita sub-coxal (*sous-cuisse*) assegura a estabilidade da funda.

A funda franceza é geralmente bem supportada pelos doentes, porque o seu lugar de apoio está repartido sobre muitos pontos do corpo; a mola com effeito, comprime todos os pontos que cinge, e não sómente os lugares situados um por diante outro por detraz, como na funda ingleza. Podendo a hernia ser facilmente mantida, estas condições são vantajosas; no caso contrario é preciso recorrer á funda ingleza.

Funda ingleza. Esta funda foi introduzida na pratica por Wickham pae, em 1816, e aperfeiçoada pelo seu filho, o Dr. Wickham. A funda para a hernia inguinal simples (fig. 273) compõe-se de duas almofadas situadas nas extremidades de uma mola metallica. A almofada posterior, larga e arredondada, toma um ponto de apoio sobre o osso sacro; a almofada anterior, destinada a comprimir o anel herniario, é geralmente oval; mas póde-se-lhe dar outra fórma, segundo as circumstancias. A mola é elliptica, mas não está contorneada sobre si mesma como a mola da funda franceza. Na face livre das almofadas achão-se uns quicios com que se articula a mola de maneira a poder tomar todas

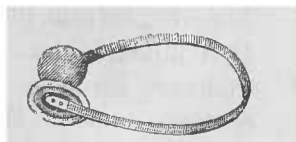


Fig. 273.

Funda ingleza
para a hernia inguinal
simples.

as direcções possíveis sem que a almofada herniaria mude de lugar sem que a pressão seja augmentada ou diminuida. A mola está revestida de uma bainha de couro na qual pôde-se, para augmentar a pressão, introduzir uma ou duas molas supplementarias. De duas almofadas, uma assenta sobre a hernia, a outra sobre o sacro. A mola deve ser applicada sobre o quadril opposto ao lado aonde a hernia está situada, vem a ser que se a hernia fôr do lado direito, a mola deve partir da virilha direita, passar diante da parte inferior do ventre, cingir o quadril esquerdo, e chegar até ao meio do espinhaço. Mas se a hernia se achar do lado esquerdo, esta mesma funda deve partir da virilha esquerda, cingir o quadril direito, e tomar assento na parte média das cadeiras por meio da chapeira posterior. Mantem-se a funda no seu lugar por meio de uma correia que, presa na almofada posterior, vem fixar-se n'um botão da almofada anterior, e completa o circulo que faz a funda ao redor do corpo.

A funda ingleza pôde ser empregada nos casos de hernia dupla. Fig. 274. As duas molas articulão-se, para traz, com uma almofada central; as suas extremidades

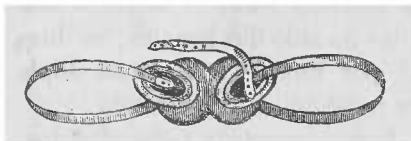


Fig. 274.

Funda ingleza para as duas hernias inguinaes.

fada central; as suas extremidades anteriores tem muitos furos proprios para receberem as pontas que existem nas almofadas; podem-se d'esta maneira alongar ou encurtar á vontade. Uma correia reúne as duas almofadas.

As vantagens da funda ingleza são as seguintes : 1º Não tem tendencia a deslocar-se lateralmente visto que a almofada anterior está além da linha média que constitue a parte a mais saliente do ventre. 2º Os grandes movimentos do corpo, não diminuem a compressão, porque a mola é movel sobre a almofada. 3º Se a mola afrouxar pelo uso, pôde-se restituir-lhe a força ajuntando uma mola supplementar que se introduz na bainha de couro; em semelhante caso a funda franceza não pôde mais servir. 4º A funda ingleza tem uma acção mais forte do que a funda franceza, porque a mola não perde uma parte de força sobre o contorno da bacia. Resulta d'estas considerações que a funda ingleza deve ser empregada nos casos em que é preciso lutar com muita intensidade contra os esforços que fazem os intestinos para sahirem da cavidade abdominal.

O deposito das fundas inglezas existe em Pariz, rua de *la Banque*, 16, em casa de Wickham irmãos.

Hernia crural. A funda franceza pôde ser empregada para manter as hernias cruraes : basta só modificar a situação da almofada

fada e o seu grão de inclinação. A almofada deve ser collocada mais para fóra do que na hernia inguinal, afim de que não comprima a arteria; deve tambem descer mais abaixo, de maneira que se ache abaixo da virilha. Convem servir-se das almofadas de pequena dimensão.

Pouillien, fabricante de fundas em Pariz rua Luxembourg, 49, apresentou á Sociedade de cirurgia uma funda crural, desenhada na fig. 275, que preenche o fim de manter a hernia. De uma

almofada posterior *a*, que se applica sobre o sacro, partem duas molas exactamente moldadas sobre a circumferencia da bacia, passando horizontalmente entre a proeminencia formada pelo grande trochanter e a crista dos ossos illiacos. As duas molas reúnem-se por diante, por meio de uma ou duas correias, que completão um cinto horizontal, posto ao abrigo da acção de todos os movi-

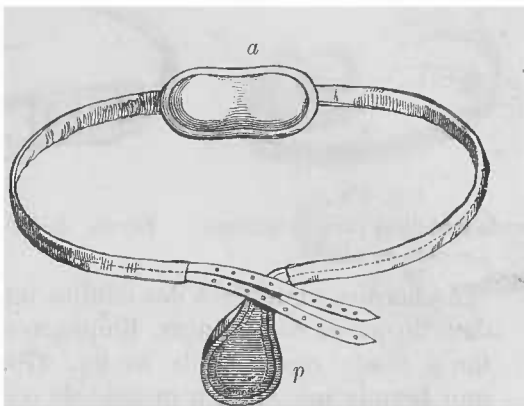


Fig. 275.

Funda de Pouillien para a hernia crural, do lado esquerdo.

mentos do membro e do tronco. De uma d'estas molas parte, a angulo quasi recto, o collo da almofada *p*, dirigida verticalmente para baixo. A almofada comprime de baixo para cima e de diante para traz o orificio superior do triangulo crural, entre os musculos adductores e o direito anterior da coxa, de que evita a acção, e ao mesmo tempo acha-se ao abrigo do levantamento produzido pela flexão do membro. No caso de hernia dupla, póde-se terminar o apparelho por duas almofadas.

A *funda ingleza*, para a hernia crural, assenta sobre a abertura crural, e sobre a parte inferior do espinhaço. A mola passa ao redor do quadril do mesmo lado no qual se acha a hernia, e não do lado opposto como na hernia inguinal; por meio d'esta disposição a almofada comprime a região crural de diante para traz e de dentro para fóra.

Hernia umbilical. É mui difficil manter reduzida a hernia umbilical nas crianças. Nos recém-nascidos applica-se sobre o embigo um panno dobrado muitas vezes, e mantem-se com uma tira de sparadrapo adhesivo. Em lugar de panno dobrado, empregar-se uma chapa hemispherica de cortiça revestida de

panno de linho. Uma simples faixa do corpo, cuja compressão está augmentada pelos chumaços applicados na região umbilical, é ás vezes sufficiente para curar a quebradura do ombigo nos recém-nascidos. Nas crianças de maior idade convem empregar uma funda com mola elastica, semelhante á funda empregada nos adultos, com a differença de que a mola é menos forte nas crianças. Esta funda acha-se representada na fig. 276.

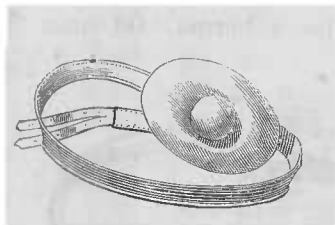


Fig. 276.

Funda umbilical para as crianças e para os adultos.

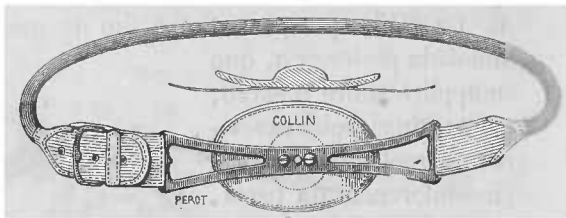


Fig. 277

Funda umbilical de Dolbeau para os adultos.

As hernias umbilicaes dos adultos mantem-se com maior facilidade do que as das crianças. Emprega-se ordinariamente para este fim a funda representada na fig. 276. Compõe-se de uma mola mui branda que cinge a metade do corpo, tomando um ponto de apoio, sobre a columna vertebral; na extremidade anterior da mola acha-se uma almofada bem acolchoada e guarnecida de pequena proeminencia espherica do lado que deve ser applicado sobre a hernia. Uma bainha de pelle reveste a mola, e termina em uma correia que vem atar-se na face livre da almofada.

A *funda ingleza*, para as hernias umbilicaes, estabelece-se sobre os mesmos principios, que para as hernias inguinaes, e exerce a compressão igualmente sobre os dois pontos diametralmente oppositos, isto é sobre o ombigo e sobre o espinhaço.

Collin, fabricante de instrumentos chirurgicos em Pariz, rua de l'École-de-Médecine, 6, fez, segundo as indicações do Dr. Dolbeau, uma funda umbilical cuja almofada está applicada contra uma mola de aço comprida e independente da almofada. Fig. 277. As extremos da mola adaptão-se as pontas de um tubo de caoutchouc que serve de cinto; mas no interior d'este tubo ha um cordão inextensivel por meio do qual a elasticidade do caoutchouc está annullada. A vantagem real d'este cinto existe na sua flexibilidade: póde seguir os movimentos do corpo, sem que a almofada tenha a mesma tendencia a mudar de lugar como nas outras fundas.

FUNGOSIDADE. Veja-se CARNES ESPONJOSAS.

FURUNCULO. Veja-se FRUNCHO.

DEDALUS - Acervo - ICB



12100014339

CHEKHOV

DICIONARIO

MEDICINA POPULAR

